



STEVEN
ERIKSON

OS PORTAIS DA
CASA DOS MORTOS

O LIVRO MALAZANO DOS CAÍDOS – II

*"A melhor série de fantasia
dos últimos tempos."*

- Fantasy Book Review



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OS PORTAIS DA
CASA DOS MORTOS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

The book cover features a detailed black and white illustration. In the center, a man with long, light-colored hair and a beard is shown from the chest up, looking downwards with a somber expression. He is surrounded by a dense flock of birds, with several large birds in the foreground and many smaller ones in the background. The overall atmosphere is dark and dramatic.

STEVEN
ERIKSON

OS PORTAIS DA
CASA DOS MORTOS

O LIVRO MALAZANO DOS CAÍDOS – II



Título original: *Deadhouse Gates*

Cordiais Cumprimentos: *lureinhardt*

Copyright © 2000 por Steven Erikson

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Mapas desenhados por Neil Gower

Publicado originalmente por Transworld Publishers, uma divisão do The Random House Group Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carol Chiovatto

preparo de originais: Leonardo de Barros, Mateus Erthal e Renato Razzino

revisão: Luis Américo Costa, Taís Monteiro e Tomaz Adour

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

imagem de capa: J. K. Drummond

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E62p

Erikson, Steven

Os portais da casa dos mortos [recurso eletrônico]/ Steven Erikson; tradução de Carol Chiovatto. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital (O Livro Malazano dos Caídos; 2)

Tradução de: *Deadhouse gates*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-837-8 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Ficção. 2. Ficção canadense. 3. Livros eletrônicos. I. Chiovatto, Carol. II. Título. III. Série.

18-47865

CDD: 819.13

CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 LúR3 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este romance é dedicado a dois cavalheiros:

David Thomas Jr.,

que me recebeu na Inglaterra,
apresentando-me a certo agente, e

Patrick Walsh,

o agente a quem ele me apresentou.

Agradeço a vocês dois por toda a confiança
demonstrada ao longo dos anos.

PERSONAGENS

No Caminho das Mãos

Icarium, viajante mestiço jaghut
Mappo, companheiro trell de Icarium
Iskaral Pust, sumo sacerdote da Sombra
Ryllandaras, o chagal branco, um d'ivers
Messremb, um soletaken
Gryllen, um d'ivers
Mogora, uma d'ivers

Os malazanos

Felisin, a filha mais nova da Casa Paran
Heboric Toque Leve, historiador exilado e ex-sacerdote de Fener
Baudin, companheiro de Felisin e Heboric
Violinista, Nono Pelotão, Queimadores de Pontes
Crokus, visitante vindo de Darujhistan
Apsalar, Nono Pelotão, Queimadores de Pontes
Kalam, cabo do Nono Pelotão, Queimadores de Pontes
Duiker, historiador imperial
Kulp, mago do quadro do Sétimo Exército
Mallick Rel, conselheiro-chefe do Alto Punho das Sete Cidades
Sawark, comandante da guarda em Copo de Crânio, campo
minerador de otataral

Pella, soldado alocado em Copo de Crânio
Pormqual, Alto Punho das Sete Cidades, em Aren
Blistig, comandante da Guarda de Aren
Topper, comandante da Garra
Bonança, capitão dos soldados navais de Sialk
Chenned, capitão do Sétimo Exército
Sulmar, capitão do Sétimo Exército
Lista, cabo do Sétimo Exército
Moedor, sapador
Lula, sapador
Gesler, cabo da Guarda Costeira
Tempestade, soldado da Guarda Costeira
Verdade, recruta da Guarda Costeira
Vesgo, arqueiro
Pérola, um Garra
Capitão Keneb, refugiado
Selv, esposa de Keneb
Minala, irmã de Selv
Kesen, filho mais velho de Keneb e Selv
Vaneb, filho mais novo de Keneb e Selv
Capitão, dono e comandante da embarcação mercante *Tampa de Trapo*
Torto, cão pastor wickano
Barata, cachorrinho de estimação hengês

Wickanos

Coltaine, Punho, Sétimo Exército
Temul, jovem lanceiro
Sormo E'nath, bruxo

Nil, bruxo

Nether, bruxa

Bult, comandante veterano e tio de Coltaine

Os Lâminas Vermelhas

Baria Setral (Dosin Pali)

Mesker Setral, seu irmão (Dosin Pali)

Tene Baralta (Ehrlitan)

Aralt Arpat (Ehrlitan)

Lostara Yil (Ehrlitan)

Nobres da Corrente de Cães (malazanos)

Nethpara

Lenestro

Pullyk Alar

Tumlit

Seguidores do Apocalipse

Sha'ik, líder da rebelião

Leoman, capitão do Apocalipse no Raraku

Toblakai, guarda-costas e guerreiro do Apocalipse no Raraku

Febryl, mago e ancião conselheiro de Sha'ik

Korbolo Dom, Punho renegado que lidera o exército do Odhan

Kamist Reloe, Alto Mago com o exército do Odhan

Loric, mago do Apocalipse no Raraku

Bidithal, mago do Apocalipse no Raraku

Mebra, espião em Ehrlitan

Outros

Salk Elan, viajante dos mares

Shan, Cão da Sombra

Engrenagem, Cão da Sombra

Cega, Cão da Sombra

Baran, Cão da Sombra

Crucifixo, Cão da Sombra

Moby, um familiar

Hentos Ilm, Invocadora de Ossos t'lan imass

Legana Raça, t'lan imass

Olar Ethil, Invocador de Ossos t'lan imass

Kimloc, andarilho espectral tanno

Beneth, senhor do crime

Irp, pequeno servo

Rudd, servo igualmente pequeno

Apto, demônio aptório feminino

Panek, criança

Karpolan Demesand, comerciante

Bula, estalajadeira

Cotillion, deus patrono dos assassinos

Trono Sombrio, governante da Alta Casa da Sombra

Rellock, servo

SETE CIDADES

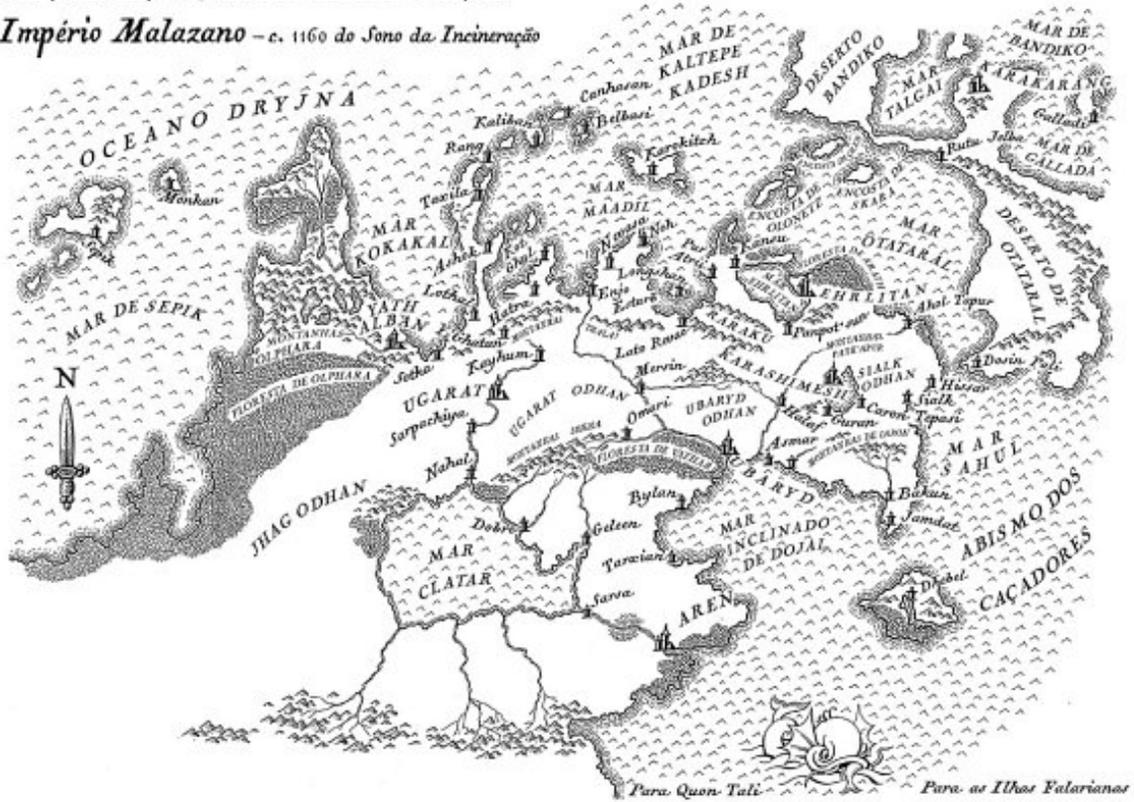
O Império Malazano – c. 1160 do Sono da Incineração





SETE CIDADES

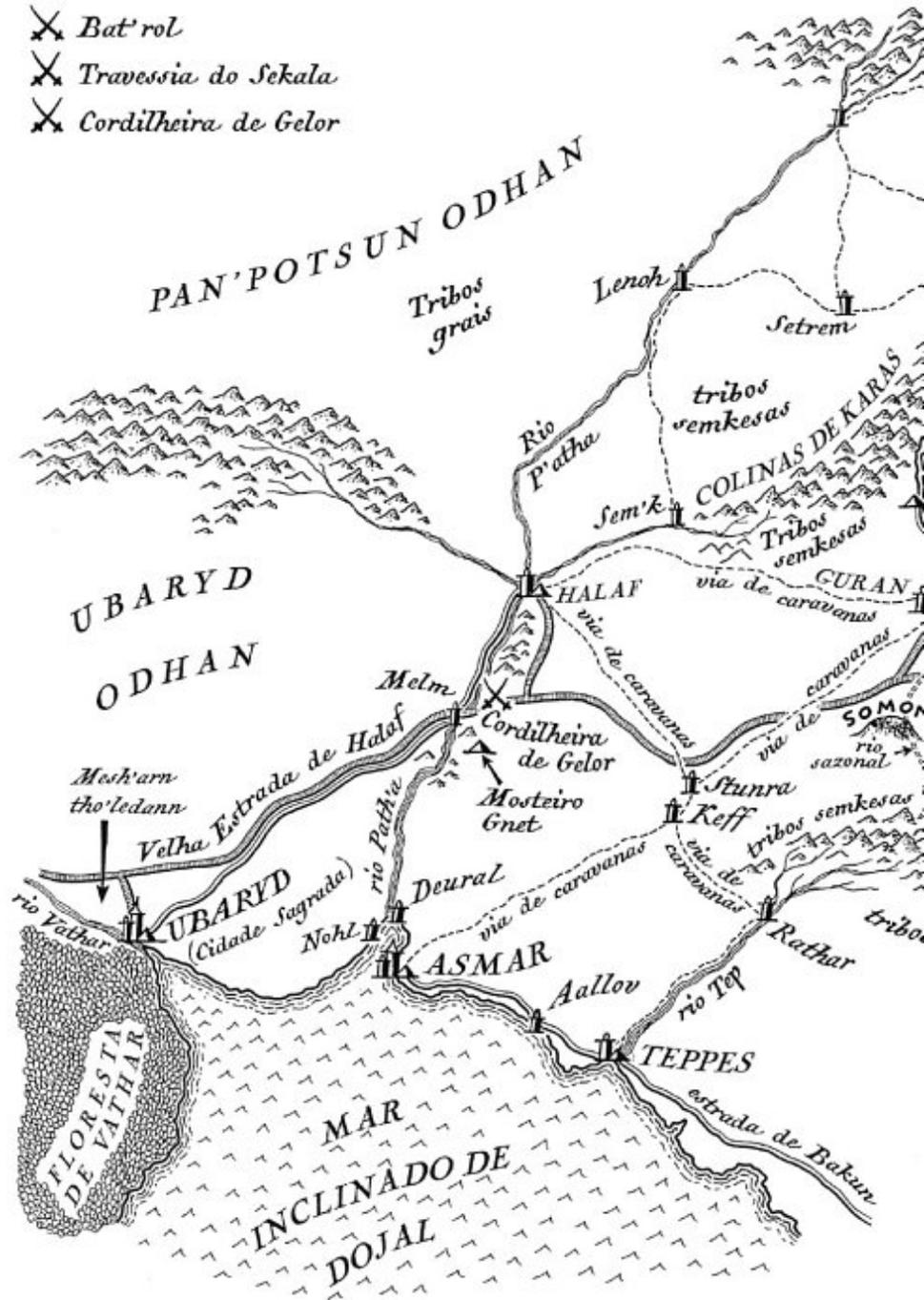
O Império Malazano - c. 1160 do Sono da Incineração



CORRENTE DE CÃES

Marcha de Coltaine - Primeira metade

- ✕ Bat'rol
- ✕ Travessia do Sekala
- ✕ Cordilheira de Gelor





CORRENTE DE CÃES

Marcha de Coltaine - Primeira metade

- ✕ Bat'rol
- ✕ Travessia do Sekala
- ✕ Cordilheira de Golor

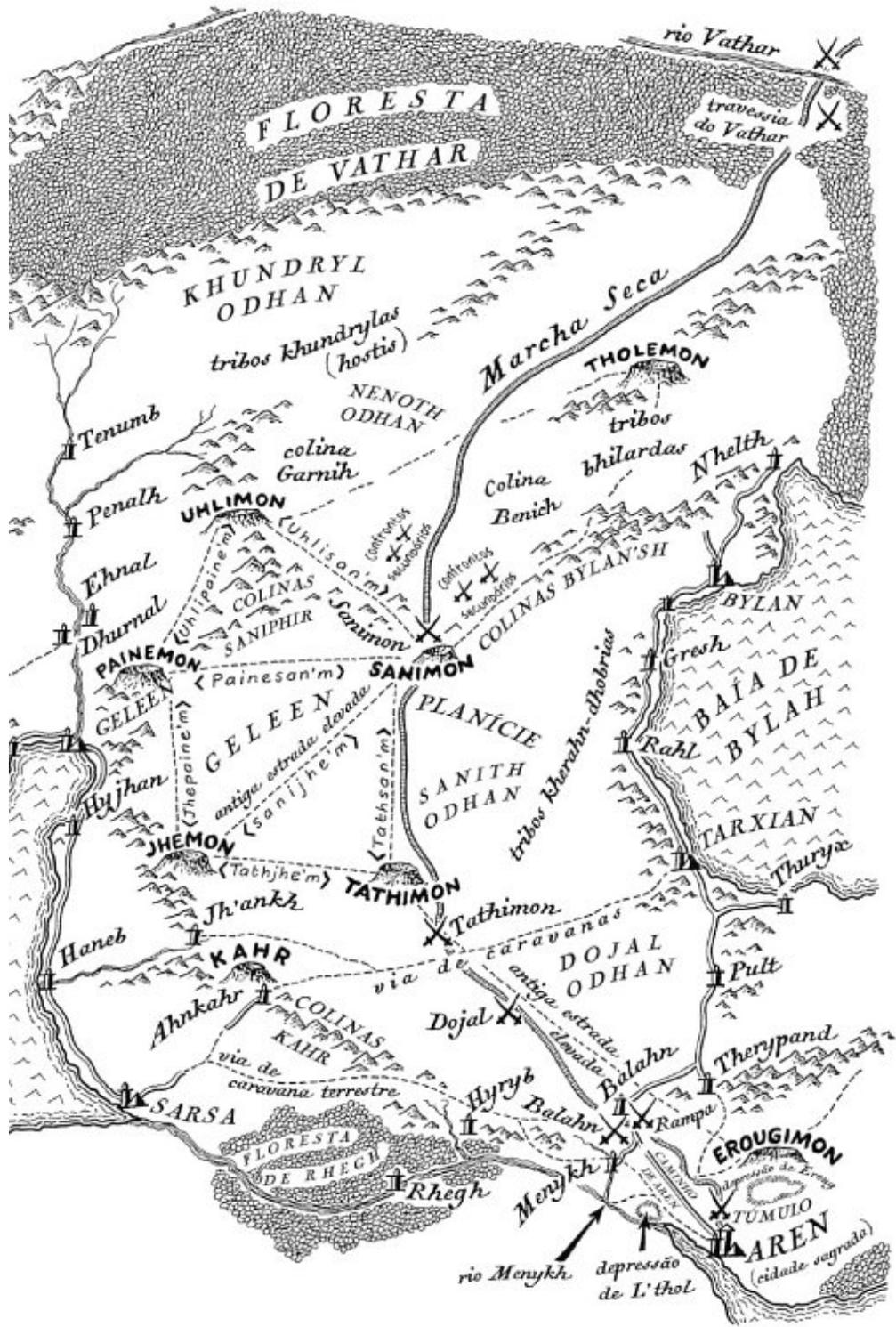


CORRENTE DE CÃES

Marcha de Coltaine - Segunda metade

- ✕ Travessia do Vathar
- ✕ Marcha Seca
- ✕ Sanimon
- ✕ Tathimon
- ✕ Dojal
- ✕ Balahn, Rampa, Tímulo

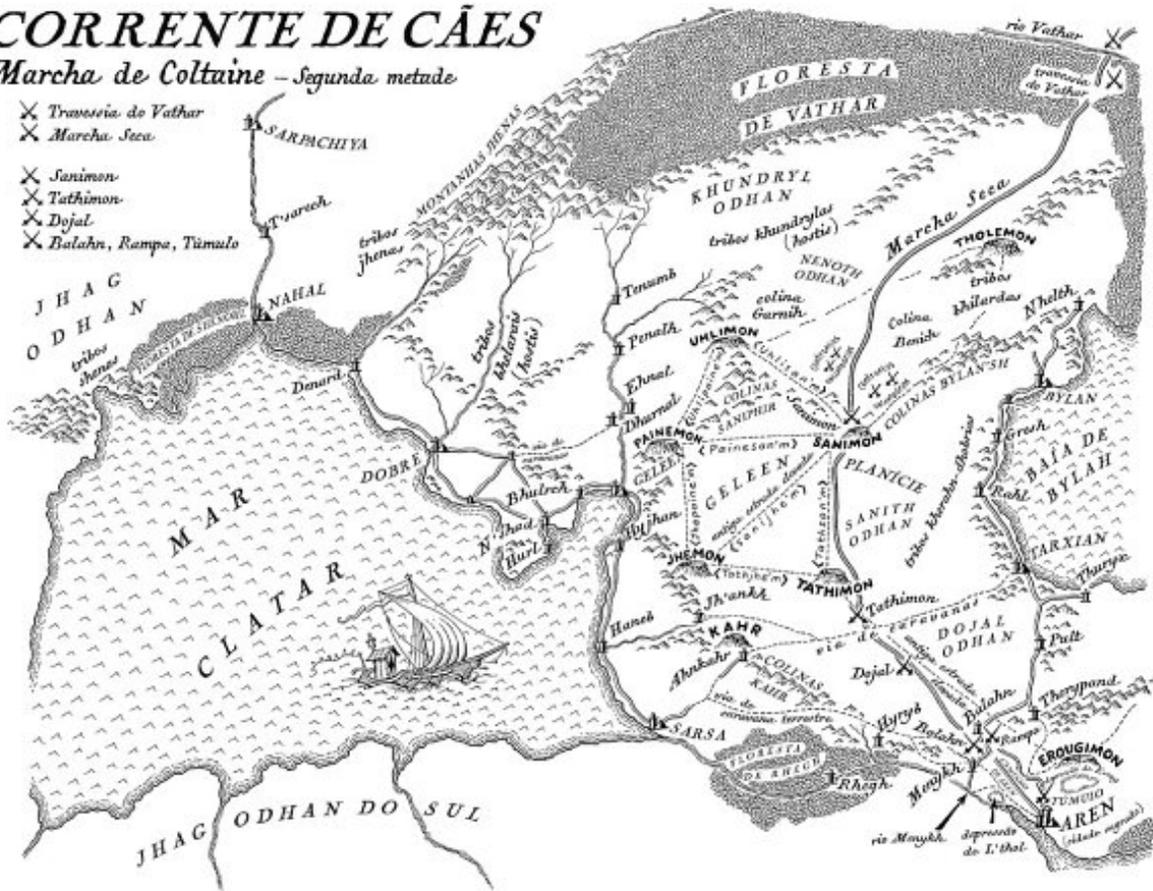




CORRENTE DE CÃES

Marcha de Coltaine - Segunda metade

- ✕ Travessia do Vathar
- ✕ Marcha Seca
- ✕ Sanimon
- ✕ Tathimon
- ✕ Dojal
- ✕ Balahn, Rampa, Tãmulo



PRÓLOGO

O que você vê no borrão ferido do horizonte
que não pode ser escondido
por sua mão erguida?

Queimadores de Pontes, Jovem Toc

Ano 1163 do Sono da Incineração

Nono ano do governo da imperatriz Laseen

Ano da Matança

Arrastando-se para o Círculo de Julgamento, ele veio da avenida das Almas, uma massa disforme de moscas. Saliências negras e brilhantes fervilhavam sobre seu corpo, rastejando em migração caótica, ocasionalmente caindo em aglomerados que explodiam num voo fragmentado ao atingirem os paralelepípedos.

A Hora da Sede chegava ao fim e o sacerdote cambaleava em sua esteira, cego, surdo e silencioso. Honrando seu deus naquele dia, o servo do Encapuzado, o Senhor da Morte, tinha se unido a seus companheiros, despindo-se e besuntando-se com o sangue dos assassinos executados, armazenado nas gigantescas ânforas que delineavam as paredes da nave do templo. Os irmãos, então, haviam saído em procissão pelas ruas de Unta a fim de saudar os espíritos do deus, continuando a dança mortal que marcava o último dia da Estação da Putrefação.

Os guardas, alinhados ao redor do Círculo, abriram caminho para deixar o sacerdote passar. Em seguida, abriram um caminho maior para a nuvem

rodopiante que o seguia zumbindo. O céu sobre Unta ainda se encontrava mais cinza do que azul, já que as moscas que haviam vasculhado a capital do Império Malazano ao amanhecer agora se erguiam e vagarosamente voavam sobre a baía na direção dos pântanos salgados e das ilhas submersas do outro lado dos recifes. A peste vinha com a Estação da Putrefação, e a Estação viera três vezes nos últimos dez anos, uma marca sem precedentes.

O ar do Círculo ainda zumbia, sarapintado como se estivesse repleto de cascalho flutuante. Em algum lugar nas ruas do outro lado, um cão ganiu. O animal parecia próximo da morte, mas não próximo o bastante. Perto da fonte central do Círculo, a mula abandonada que tinha desabado mais cedo ainda chutava debilmente o ar. Moscas haviam invadido a criatura por todos os orifícios e ela agora se encontrava inchada pelos gases. O animal, teimoso por natureza, estava moribundo fazia mais de uma hora. Quando o sacerdote passou cambaleando por ela, indiferente, moscas se ergueram da mula numa cortina veloz para se unirem àquelas que já envolviam o homem.

Ficou claro para Felisin, de onde ela e os outros esperavam, que o sacerdote do Encapuzado caminhava diretamente em sua direção. Seus olhos eram dez mil olhos, mas a moça tinha certeza de que todos estavam fixos nela. Entretanto, esse horror crescente não era capaz de dissolver o entorpecimento que cobria sua mente como um lençol asfíxiante; estava ciente do pavor que crescia em seu âmago, mas tal consciência parecia mais uma lembrança de medo do que medo de verdade, vivo dentro dela.

Mal se recordava da primeira Estação da Putrefação a que sobrevivera, mas tinha lembranças claras da segunda. Naquele dia, apenas três anos antes, ela estava segura na propriedade de sua família, em uma casa sólida com as janelas fechadas e seladas com tecido. Braseiros soltavam ondas de fumaça azeda das folhas de istaarl, postados do lado de fora das portas e nos muros altos do pátio, os quais eram rematados por cacos de vidro. O último dia da Estação e sua Hora da Sede haviam sido um momento de repugnância distante para ela: memórias irritantes e inconvenientes, nada mais. Na época, mal tinha pensado nos incontáveis mendigos da cidade e nos animais sem

dono, privados de abrigo, ou sequer nos moradores mais pobres, recrutados para as equipes de limpeza nos dias subsequentes.

A mesma cidade, mas um mundo diferente.

Felisin se perguntou se os guardas tentariam impedir o sacerdote enquanto ele se aproximava das vítimas da Matança. Ela e os demais da fila eram encargos da imperatriz agora – responsabilidade de Laseen –, e o caminho do sacerdote poderia ser encarado como cego e aleatório, a colisão iminente parecendo mais acidental do que proposital, embora no fundo Felisin soubesse que não. Será que os guardas de elmo dariam um passo à frente, procurando guiar o sacerdote para o lado e conduzi-lo em segurança através do Círculo?

– Acho que não – disse o homem agachado à sua direita. Seus olhos entreabertos, enterrados fundo nas órbitas, cintilaram com algo que poderia ser divertimento. – Vi você olhando dos guardas para o sacerdote, do sacerdote para os guardas.

O imenso homem silencioso à sua esquerda se levantou devagar, trazendo a corrente consigo. Felisin estremeceu quando os grilhões lhe deram um puxão no instante em que o homem cruzou os braços sobre o peito nu e cheio de cicatrizes. Ele lançou um olhar fulminante ao sacerdote que se aproximava, mas nada disse.

– O que ele quer comigo? – perguntou Felisin num sussurro. – O que fiz para merecer a atenção de um sacerdote do Encapuzado?

O homem agachado se balançou sobre os calcanhares, inclinando o rosto para o sol do fim da tarde.

– Rainha dos Sonhos, é a juventude egocêntrica que ouço desses lábios doces e carnudos? Ou apenas a costumeira postura do sangue nobre, ao redor da qual o universo orbita? Responda-me, eu imploro, rainha inconstante!

Felisin fez uma careta.

– Eu me sentia melhor quando achava que você estava dormindo... ou morto.

– Homens mortos não ficam agachados, mocinha; ficam estirados. O sacerdote do Encapuzado não vem para você, mas para mim.

Felisin o encarou. A corrente tiniu entre eles. Ele parecia mais um sapo de olhos fundos do que um homem. Era careca, com o rosto repleto de tatuagens minúsculas e negras, símbolos quadrados gravados, ocultos dentro de um padrão maior que cobria a pele como um pergaminho enrugado. Encontrava-se nu, exceto por uma tanga esfarrapada, vermelha e desbotada. Moscas rastejavam sobre todo o seu corpo; relutantes em se afastar, continuavam a dançar. No entanto, Felisin percebeu que não o faziam de acordo com a orquestração sombria do Encapuzado. O desenho tatuado cobria o homem: o rosto do javali se sobrepondo ao dele próprio; o labirinto intrincado de pelagem encaracolada, entrançada pelo desenho, descia sinuosamente por seus braços, cobrindo suas coxas e canelas expostas, e patas detalhadas estavam gravadas na pele dos pés. Felisin até então estivera preocupada demais consigo mesma, entorpecida demais pelo choque para prestar atenção a seus companheiros na fila da corrente. Agora via que aquele homem era um sacerdote de Fener, o Javali do Verão, e as moscas pareciam saber disso, compreendendo o bastante para alterarem seus movimentos frenéticos. A jovem observou, com fascinação mórbida, enquanto elas se reuniam nos cotos nas extremidades dos pulsos do homem, sendo as velhas cicatrizes as únicas partes não reclamadas por Fener. Os caminhos que os pequenos espíritos alados tomavam até aqueles cotos não tocavam uma única linha tatuada. As moscas faziam uma dança de fuga... mas, apesar disso, estavam ansiosas para dançar.

O sacerdote de Fener tinha sido acorrentado no tornozelo, ocupando o último lugar da fila. Todos os outros traziam as bandas estreitas de ferro presas ao redor do pulso. Os pés dele estavam molhados de sangue e as moscas pairavam ali, mas não pousavam. Felisin viu os olhos dele se abrirem quando a luz do sol foi bloqueada de repente.

O sacerdote do Encapuzado tinha chegado. A corrente se agitou quando o homem à esquerda de Felisin recuou o máximo que os elos permitiam. O

muro às costas dela estava quente; os tijolos, pintados com cenas de um cortejo cívico imperial, escorregavam através da malha fina da túnica de escrava dela. Felisin encarou a criatura envolta em moscas que agora se encontrava parada, muda, diante do sacerdote de Fener agachado ali. Não conseguiu ver a pele nem nada do homem em si; as moscas o haviam reivindicado por inteiro e, sob elas, o sacerdote vivia na escuridão, onde o calor do sol não podia tocá-lo. A nuvem ao seu redor se espalhou e Felisin se encolheu quando incontáveis pernas frias de inseto tocaram suas pernas, arrastando-se rapidamente por suas coxas, para cima. Ela apertou a bainha da túnica ao seu redor, fechando as pernas com força.

O sacerdote de Fener falou, com o rosto largo partido num sorriso forçado:

– A Hora da Sede já passou, acólito. Volte para o seu templo.

O servo do Encapuzado não respondeu, mas o zumbido pareceu mudar de timbre e a música das asas vibrou nos ossos de Felisin. Os olhos profundos do sacerdote agachado se estreitaram e seu tom mudou:

– Ah, ora. De fato já fui um servo de Fener, mas não sou mais, há anos. O toque de Fener não pode ser arrancado de minha pele. Mas parece que, apesar de o Javali do Verão não ter amor por mim, tem menos ainda por você.

Felisin sentiu algo estremecer em sua alma quando o zumbido rapidamente se transformou, formando palavras que ela conseguia entender:

– *Segredo... para mostrar... agora...*

– Continue, então – grunhiu o outrora servo de Fener. – Mostre-me.

Talvez Fener tenha agido naquele instante, como a mão esmagadora de um deus furioso, e Felisin iria se lembrar daquele momento e pensar nele com frequência. Ou então o segredo era a zombaria dos imortais, uma piada muito além de sua compreensão. A maré crescente de horror dentro dela se libertou; o entorpecimento de sua alma ardeu quando as moscas explodiram em todas as direções, dispersando-se para todos os lados para revelar... ninguém.

Com os olhos arregalados, o antigo sacerdote de Fener se sobressaltou, como se tivesse sofrido um golpe. Do outro lado do Círculo, meia dúzia de guardas gritaram, sons mudos arrancados a murro de suas gargantas. Correntes estalaram quando os outros da fila se agitaram, como se estivessem prestes a fugir. Os ilhoses de ferro fixos no muro se enrijeceram, mas aguentaram, assim como as correntes. Os guardas se adiantaram e a fila recuou, em submissão.

– Bom, isso foi desnecessário – resmungou o homem tatuado, tremendo.

Uma hora se passou; uma hora em que o mistério, o choque e o horror causados pelo sacerdote do Encapuzado afundaram dentro de Felisin até se transformarem em apenas mais uma camada, a mais recente, mas não a última naquilo que se tornara um pesadelo interminável. Um acólito do Encapuzado... que não estava lá. O zumbido de asas que formou palavras. *Aquele era o próprio Encapuzado? O Senhor da Morte tinha vindo andar entre mortais? E por que parar justamente diante de um ex-sacerdote de Fener? Qual era a mensagem por trás da revelação?*

Entretanto, as perguntas esvaneceram devagar em sua mente, a apatia voltou a se infiltrar e o desespero frio retornou. A imperatriz tinha mandado matar a nobreza, despojando as Casas e famílias de sua riqueza, passando então a uma acusação sumária e à condenação por traição, que terminaria naqueles grilhões. Quanto ao ex-sacerdote à sua direita e ao homem gigantesco e bestial com todas as qualificações de um criminoso comum à sua esquerda, claramente nenhum dos dois podia alegar ter sangue nobre.

Ela riu baixinho, sobressaltando ambos.

– O segredo do Encapuzado foi revelado para você, mocinha? – indagou o ex-sacerdote.

– Não.

– O que você acha tão divertido, então?

Ela balançou a cabeça. *Eu havia esperado ficar em boa companhia. Isso*

não é um pensamento otimista? Aí está, a mesma postura que os camponeses tinham ânsia de destruir, o mesmo combustível que a imperatriz incendiou...

– Criança!

Aquela voz era de uma mulher idosa, ainda arrogante, mas com um ar de ansiedade desesperada. Felisin fechou os olhos brevemente, depois se endireitou e acompanhou a fila com o olhar até a velha esquelética do outro lado. A mulher vestia roupas de dormir rasgadas e sujas. *Com sangue nobre, e nada menos.*

– Lady Gaesen.

A senhora estendeu a mão trêmula.

– Sim! Esposa de lorde Hilrac! Eu sou lady Gaesen...

As palavras vieram como se ela antes tivesse se esquecido de quem era e a mulher franziu o cenho por detrás da maquiagem rachada que cobria suas rugas. Seus olhos vermelhos se fixaram em Felisin.

– Eu a conheço – sibilou. – Casa Paran. Filha mais nova. Felisin!

Felisin congelou. Virou-se e olhou diretamente para a frente, para o recinto em que os guardas se encontravam apoiados em lanças, passando garrafas de cerveja entre si e espantando as últimas moscas. Uma carroça chegava para buscar a mula, com quatro homens sujos de cinzas descendo dela portando cordas e ganchos. Para além dos muros que cercavam o Círculo, erguiam-se os pináculos e os domos pintados de Unta. Ela ansiava pelas ruas sombreadas entre eles, pela vida cheia de mimos de uma semana antes, com Sebry rosnando-lhe ordens ríspidas enquanto ela guiava o trote de sua égua preferida. Felisin olharia para cima ao incitar a égua a uma volta delicada e precisa a fim de ver a fileira de árvores que separava a área de hipismo dos vinhedos da família.

Ao lado dela, o bandido grunhiu:

– Pelos pés do Encapuzado, a vadia tem senso de humor.

Que vadia?, perguntou-se Felisin, mas conseguiu manter a expressão neutra, ainda que tivesse perdido o conforto de suas lembranças.

O ex-sacerdote se espreguiçou.

– Briga de irmãs, não é? – Ele fez uma pausa, depois acrescentou secamente: – Parece um pouco exagerado.

O bandido grunhiu outra vez e se inclinou para a frente; sua sombra cobriu Felisin.

– Sacerdote deposto, então? – disse ele. – Não é costume da imperatriz fazer favores a templos.

– Ela não fez. Minha perda de devoção aconteceu há muito tempo. Tenho certeza de que a imperatriz teria preferido que eu ficasse no claustro.

– Como se ela fosse se importar... – disse o bandido, zombeteiro, voltando à sua pose.

Lady Gaesen se agitou.

– Você deve falar com *ela*, Felisin! Uma súplica! Eu tenho amigos ricos...

O bandido se virou com um rosnado.

– Vá mais para a frente da fila, bruxa velha. É lá que você encontrará seus amigos ricos!

Felisin apenas balançou a cabeça. *“Falar com ela.” Faz meses. Nem mesmo quando o Pai morreu.*

Fez-se silêncio, persistindo, aproximando-se do que existira antes daquele monte de tagarelice, mas então o ex-sacerdote limpou a garganta, cuspiu e resmungou:

– Não vale a pena procurar salvação em uma mulher que está apenas seguindo ordens, lady. Não importa que aquela seja a irmã da menina...

Felisin se encolheu, depois fulminou o ex-sacerdote com o olhar.

– Você está presumindo...

– Ele não está presumindo nada – grunhiu o bandido. – Esqueça o que há no sangue, ou o que *deveria* haver nele, considerando a forma como você vê o mundo. Isso é obra da imperatriz. Talvez você ache que é pessoal, talvez até tenha de achar isso, sendo o que é...

– E o que eu sou? – Felisin riu asperamente. – Que Casa reclama você como um dos seus?

O bandido sorriu.

– A Casa da Vergonha. E daí? A sua não parece menos maltrapilha.

– Como pensei – disse Felisin, ignorando, com alguma dificuldade, a verdade da última observação feita pelo homem. Olhou feio para os guardas.

– O que está acontecendo? Por que só ficamos sentados aqui?

O ex-sacerdote cuspiu outra vez.

– A Hora da Sede passou. A multidão lá fora precisa ser organizada. – Sob sua testa alta, os olhos do homem encararam Felisin. – Os camponeses precisam ser agitados. Somos os primeiros, menina, e alguém deve servir de exemplo. O que acontece aqui em Unta perturbará cada nobre do Império.

– Bobagem! – disparou lady Gaesen. – Havemos de ser bem tratados. A imperatriz há de nos tratar bem...

O bandido grunhiu uma terceira vez, soltando o que servia como uma risada, Felisin percebeu.

– Se estupidez fosse um crime, lady – disse ele –, você teria sido presa anos atrás. O ogro está certo. Poucos de nós chegarão aos navios de escravos. Esse cortejo descendo a avenida Colunata será um longo massacre. Agora, pode ter certeza de uma coisa... – acrescentou, estreitando os olhos na direção dos guardas – O velho Baudin aqui não vai ser despedaçado por nenhuma multidão de camponeses...

Felisin sentiu medo de verdade despertar em seu estômago. Reprimiu um calafrio.

– Você se importa se eu ficar na sua sombra, Baudin?

O homem a encarou.

– Você é um pouco gorducha para o meu gosto. – Deu-lhe as costas e acrescentou: – Mas faça o que quiser.

O ex-sacerdote se inclinou para perto.

– Pensando bem, menina, essa rivalidade de vocês duas não me parece briguinha de unha ou disse-me-disse. É provável que sua irmã queira ter certeza de que você...

– Ela é a conselheira Tavore – interrompeu Felisin. – Não é mais a minha irmã. Renunciou à nossa Casa ao chamado da imperatriz.

– Mesmo assim, tenho uma suspeita de que ainda seja pessoal.

Felisin fez uma careta.

– Como você saberia qualquer coisa a respeito disso?

O homem fez uma leve reverência irônica.

– Ladrão um dia, depois sacerdote, agora historiador. Eu conheço bem a posição tensa em que a nobreza se encontra.

Os olhos de Felisin se arregalaram devagar e ela se amaldiçoou por sua estupidez. Mesmo Baudin, que não poderia ter deixado de escutar a conversa, se inclinou para a frente, com um olhar penetrante.

– Heboric – disse, dirigindo-se ao ex-sacerdote. – Heboric Toque Leve.

Heboric ergueu os braços.

– Leve como sempre.

– Você escreveu aquele livro de revisão da história – disse Felisin. – Cometeu traição...

As sobrancelhas espessas de Heboric se arquearam quando ele fingiu estar surpreso.

– Pelos deuses! Uma divergência filosófica de opiniões, nada mais! As próprias palavras de Duiker no julgamento, em minha defesa. Que Fener o abençoe.

– Mas a imperatriz não ouviu – disse Baudin, sorrindo. – Afinal, você a chamou de assassina e depois fez a menina dizer que ela ferrou com o trabalho!

– Achou uma cópia ilícita, foi? – perguntou o ex-sacerdote. Baudin piscou. – Em todo caso – continuou Heboric, agora para Felisin –, é meu palpite que sua irmã, a conselheira, está planejando que você chegue inteira aos navios de escravos. O desaparecimento de seu irmão em Genabackis tirou a vida de seu pai... Foi o que eu ouvi – acrescentou, sorrindo. – Mas foram os rumores de traição que atingiram sua irmã, certo? Limpar o nome da família e tudo mais...

– Você faz isso parecer plausível, Heboric – disse Felisin, ouvindo a amargura em sua voz, mas sem se importar mais. – Divergimos de opinião,

Tavore e eu, e está aí o resultado.

– Divergiram de opinião sobre o quê, precisamente?

Ela não respondeu.

Houve uma agitação repentina na fila. Os guardas se empertigaram e encararam o portão oeste do Círculo. Felisin empalideceu ao ver a irmã: a *conselheira* Tavore, agora herdeira de Lorn, que tinha morrido em Darujhistan. Ela cavalgava em seu garanhão, um animal criado nos estábulos de Paran. A seu lado vinha a sempre presente T'âmbar, uma jovem bonita cujo nome se justificava pelos cabelos compridos e amarelo-acastanhados. De onde tinha vindo, não dava para saber ao certo, mas agora era a ajudante pessoal de Tavore. Atrás das duas cavalgavam um grupo de vinte oficiais e uma companhia de cavalaria pesada. Os soldados tinham aparência exótica, estrangeira.

– Um toque de ironia – resmungou Heboric, fitando os soldados a cavalo.

Baudin esticou a cabeça para a frente e cuspiu.

– Lâminas Vermelhas, esses bastardos de sangue-frio.

O historiador olhou, entretido, para o homem.

– Viajou bastante na sua profissão, Baudin? Viu os muros marítimos de Aren, foi?

O homem trocou o peso de perna, apreensivo, depois deu de ombros.

– Fiquei em um ou dois conveses na minha época, ogro. Além disso, faz uma semana ou mais que há rumores de que eles estão na cidade.

Houve uma agitação na tropa de Lâminas Vermelhas e Felisin viu mãos revestidas de guantes se fecharem nos punhos de suas armas. Elmos pontudos se viraram como um só na direção da conselheira. *Irmã Tavore, o desaparecimento de nosso irmão a feriu tão profundamente assim? Quão grande você deve imaginar o fracasso dele para buscar esta compensação... E, então, para tornar sua lealdade absoluta, você escolheu entre mim e a Mãe para o sacrifício simbólico. Você não percebeu que o Encapuzado estava ao lado de ambas as escolhas? Pelo menos a Mãe está com seu amado marido*

agora... Ela observou Tadore vasculhar brevemente sua guarda, depois dizer algo para T'âmbar, que avançou com sua montaria na direção do portão leste.

Baudin grunhiu mais uma vez:

– Parece animado. A hora interminável está para começar.

Uma coisa era acusar a imperatriz de assassinato e outra, bem diferente, era adivinhar sua próxima jogada. *Se ao menos eles tivessem dado atenção ao meu aviso...* Heboric se encolheu quando foram arrastados para a frente, as correntes cortando gravemente seus tornozelos.

Pessoas de semblante civilizado expuseram o ponto fraco de suas psiques; decadentes e sensíveis eram as espécies de mais fina criação. Tudo era fácil e seguro para eles, e esta era a questão no fim das contas: aquela afirmação de opulência mimada queimava a garganta dos pobres mais do que qualquer demonstração ostensiva de riqueza.

Heboric tinha dito isso em seu tratado e agora conseguia admitir uma admiração amarga pela imperatriz e pela conselheira Tadore, o instrumento de Laseen. A brutalidade excessiva das prisões noturnas, com portas arrombadas e famílias arrancadas da cama em meio a servos queixosos, forneceu a primeira camada de choque. Atordoados pela privação do sono, os nobres foram amarrados e acorrentados, forçados a ficar de pé diante de um juiz bêbado e um júri de mendigos trazidos das ruas. Tratava-se de uma paródia óbvia e azeda da justiça, que despiu o pouco de expectativas que ainda restavam de um comportamento minimamente cortês. Despiu a própria civilização, sem deixar nada exceto o caos da selvageria.

Choque após choque, uma laceração daqueles finos pontos fracos. Tadore conhecia a própria classe, conhecia suas fraquezas e foi implacável ao explorá-las. O que poderia levar uma pessoa a tamanha crueldade?

Os pobres encheram as ruas quando ouviram os detalhes, gritando adoração por sua imperatriz. Seguiram-se revoltas cuidadosamente

provocadas, pilhagem e carnificina por todo o Bairro Nobre. Caçaram aqueles poucos nobres escolhidos que ainda não haviam sido presos, apenas o bastante deles para aguçar a sede de sangue da multidão, fornecendo rostos nos quais os pobres poderiam focar sua raiva e seu ódio. Seguiu-se, depois, a reimposição da ordem, a fim de evitar que a cidade pegasse fogo.

A imperatriz cometia poucos erros. Aproveitara a oportunidade para apanhar desafetos e acadêmicos desajustados, para fechar o punho da presença militar na capital, martelando a necessidade de mais tropas, mais recrutas, mais proteção contra a conspiração traiçoeira da classe nobre. Os bens confiscados pagaram tal expansão marcial. Uma jogada requintada, mesmo que pudesse ter sido prevista, depois da repercussão da força do decreto imperial por todo o Império, com sua fúria cruel varrendo cada cidade.

Admiração amarga. Heboric continuava sentindo a necessidade de cuspir, algo que não fizera desde seus dias de cortador de bolsas no Bairro do Rato, na cidade de Malaz. Podia ver o choque gravado na maioria dos rostos na fila de acorrentados. Na maior parte, era gente em vestes de dormir encardidas e grudentas por causa dos fossos, privando seus donos até da armadura social de uma roupa normal. Cabelos desgrenhados, expressões atordoadas, posturas submissas... Tudo que a multidão do outro lado do Círculo ansiava por ver, por flagelar.

Bem-vindos às ruas, Heboric pensou consigo mesmo quando os guardas cutucaram a fila para que ela andasse, sob o olhar da conselheira, ativa em sua sela, com seu rosto magro tão fechado que apenas os contornos se mantinham: a fenda dos olhos, os parênteses ao redor da boca reta e de lábios finíssimos. *Cacete, ela não nasceu com muitas qualidades*. A boa aparência ficara toda para sua irmã mais nova, para a menina que cambaleava um passo à frente dele.

Os olhos de Heboric se fixaram na conselheira Tavore, curiosos, procurando alguma coisa, uma fagulha de prazer malicioso talvez, enquanto seu olhar gélido varria a fila e permanecia pelo mais breve dos momentos

em sua irmã. Mas a pausa foi tudo o que ela revelou, um reconhecimento confesso, e nada mais. O olhar apenas seguiu seu caminho.

Os guardas abriram o portão leste duzentos passos adiante, perto do início da fila acorrentada. Um rugido se derramou através daquela antiga passagem arqueada, como uma onda de som que esbofeteou tanto soldados quanto prisioneiros, ricocheteando nos muros altos e erguendo-se em meio a uma explosão de pombos aterrorizados, saídos dos beirais superiores. O som de asas batendo flutuou para baixo como um aplauso educado, apesar de parecer a Heboric que somente ele apreciou aquele toque irônico dos deuses. Não desejando negar um gesto, ele conseguiu fazer uma leve reverência.

Que o Encapuzado guarde seus malditos segredos. Aqui, Fener, seu porco velho, está aquela comichão que nunca consegui coçar. Fique olhando agora, bem de perto. Veja o que será de seu filho indócil.

Alguma parte da mente de Felisin tentava se agarrar à sanidade, segurando-se com uma garra brutal à espera de um turbilhão. Soldados formavam três fileiras na avenida Colunata, mas várias vezes a multidão pareceu encontrar os pontos fracos daquela linha fortificada. Ela observava friamente, mesmo enquanto mãos tentavam rasgá-la, punhos vinham para esmurrá-la e faces desfocadas se precipitavam em sua direção, com montes de cuspe. E, assim como a sanidade ainda resistia nela, também um par de braços firmes a envolveu: braços sem mãos, com suas extremidades cheias de cicatrizes e pus, que a empurravam adiante, sempre adiante. Ninguém tocou no sacerdote. Ninguém ousou. Enquanto isso, à frente estava Baudin, mais apavorante que a própria multidão.

Ele matava sem o menor esforço. Jogava corpos para o lado com desdém, rugindo, gesticulando, chamando. Até mesmo os soldados o encaravam por debaixo de seus elmos, virando a cabeça para suas provocações, apertando lanças ou punhos de espada com as mãos.

Baudin, aquele Baudin risonho, teve seu nariz esmagado por um tijolo bem atirado. As pedras quicavam sobre ele e sua túnica de escravo estava em farrapos e banhada de sangue e cuspe. Todos que o atacavam dentro de seu alcance, ele agarrava, torcia, curvava e quebrava. A única pausa nesse ritmo acontecia quando algo ocorria à frente, alguma brecha nas tropas... ou quando lady Gaesen vacilou. Ele a agarrou pelas axilas, sem nenhuma gentileza, e a atirou para a frente, xingando durante todo o tempo.

Uma onda de medo corria diante dele, um toque do terror infligido retornando à multidão. O número de atacantes tinha diminuído, embora os tijolos voassem em um bombardeio constante, alguns acertando, a maioria errando.

A marcha pela cidade continuou. Os ouvidos de Felisin zumbiam dolorosamente. Todos os sons vinham a ela através de um torpor barulhento, mas seus olhos viam claramente, buscando e encontrando – com frequência demais – imagens que ela jamais esqueceria.

Os portões estavam à vista quando o rompimento mais selvagem das barreiras aconteceu. Os soldados pareceram se dissolver e a maré de fome feroz varreu a rua, engolfando os prisioneiros.

Felisin ouviu as palavras grunhidas por Heboric atrás dela enquanto o ex-sacerdote a empurrava com força:

– É este, então.

Baudin rugiu. Corpos se amontoavam, mãos rasgavam, unhas arranhavam. Os últimos trapos de roupa de Felisin foram arrancados. Uma mão se fechou em uma mecha de seus cabelos e puxou com força, com a intenção de quebrar algumas vértebras. Ela ouviu gritos e percebeu que vinham da própria garganta. Um grunhido bestial soou atrás da moça, que sentiu a mão se fechando convulsivamente, para depois sumir. Mais gritos encheram seus ouvidos.

Um impulso os atingiu, puxando ou empurrando, ela não saberia dizer, e o rosto de Heboric apareceu em seu campo de visão, cuspidando pele sangrenta da boca. De uma só vez, um círculo se abriu ao redor de Baudin.

Ele se agachou, vociferando uma torrente de xingamentos dignos de um estivador com seus lábios moídos. Sua orelha direita fora arrancada, levando junto cabelo, pele e carne. O osso de sua têmpora brilhava, úmido. Corpos jaziam ao seu redor e poucos deles se moviam. A seus pés estava lady Gaesen. Baudin segurou a mulher pelos cabelos, puxando seu rosto até que ele ficasse visível. O momento pareceu congelar e o mundo se fechou naquele único lugar.

Baudin exibiu seus dentes e riu.

– Não sou um nobre chorão – grunhiu, encarando a massa de gente. – O que vocês querem? Querem o sangue de uma nobre? – A multidão gritou, estendendo mãos ávidas. Baudin riu de novo. – Vamos passar, estão ouvindo? – Empertigou-se, puxando a cabeça de lady Gaesen para cima.

Felisin não conseguia dizer se a senhora estava consciente. Seus olhos permaneciam fechados, sua expressão, serena, quase juvenil, sob a sujeira e os hematomas. Talvez estivesse morta. Felisin rezou para que sim. Algo estava prestes a acontecer, algo que condensaria aquele pesadelo em uma única imagem. A tensão estava no ar.

– Ela é sua! – gritou Baudin.

Com a outra mão agarrando o queixo da nobre, ele torceu a cabeça dela. O pescoço estalou e o corpo cedeu, em convulsões. Baudin enrolou um trecho da corrente ao redor do pescoço da mulher. Puxou-a até deixá-la tensa, depois começou a serrar. Sangue brotou, deixando a corrente parecida com um cachecol lacerado.

Felisin o fitava, horrorizada.

– Fener tenha misericórdia – murmurou Heboric.

A multidão ficou em silêncio, pasma, recuando até mesmo em meio à sua sede de sangue, encolhendo-se para trás. Um soldado apareceu, sem elmo, com seu rosto jovem pálido e os olhos fixos em Baudin, parando diante dele. Além do soldado, os elmos pontudos brilhantes e as lâminas largas dos Lâminas Vermelhas lampejaram acima da multidão enquanto os cavaleiros lentamente abriam caminho na direção da cena.

Nenhum movimento, exceto a corrente serrando. Nenhum suspiro, exceto os grunhidos de Baudin. Qualquer revolta que continuasse a ferver fora daquele lugar parecia estar a milhares de quilômetros de distância.

Felisin assistiu à cabeça da mulher dando solavancos para a frente e para trás, uma paródia da própria movimentação da vida. Lembrava-se de lady Gaesen, arrogante, imperiosa, ainda que seus anos de beleza já tivessem passado e, mesmo assim, ela procurasse prestígio com base nesse atributo. Que outras escolhas aquela mulher teria? Muitas, mas isso não importava agora. Se ela tivesse sido uma avó meiga e bondosa, não teria importado, não teria mudado o horror capaz de entorpecer a mente naquele momento.

A cabeça se soltou com um som de soluço. Os dentes de Baudin reluziram ao encarar a multidão.

– Tínhamos um acordo – disse ele com voz áspera. – Aqui está o que vocês querem, algo para se lembrarem deste dia de hoje em diante.

Lançou a cabeça de lady Gaesen na multidão, um redemoinho de cabelos e fios de sangue. Gritos responderam à aterrissagem, que ninguém chegou a ver.

Mais soldados apareceram, apoiados pelos Lâminas Vermelhas, se aproximando devagar, empurrando para os lados os espectadores ainda silenciosos. A paz estava sendo restabelecida por toda a fila, com violência e sem misericórdia em todos os lugares, exceto naquele. Assim que as pessoas começaram a morrer sob golpes de espada, o resto fugiu.

Cerca de trezentos prisioneiros tinham saído da arena. Felisin, olhando para a fila adiante, se deu conta pela primeira vez do que tinha restado dela. Alguns grilhões seguravam apenas antebraços, outros se encontravam completamente vazios. Menos de cem prisioneiros permaneciam em pé. Muitos se debatiam no chão, gritando de dor; o restante não se movia.

Baudin olhou feio para o grupo mais próximo de soldados.

– Bem na hora, cabeças de lata.

Heboric cuspiu pesadamente, contorcendo o rosto e fulminando o bandido com o olhar.

– Imaginou que você compraria sua saída daqui, foi, Baudin? Deu o que eles queriam. Mas foi um desperdício, não foi? Os soldados estavam vindo. Ela poderia ter sobrevivido...

Baudin se virou devagar. Seu rosto era um lençol de sangue.

– Para quê, sacerdote?

– Era essa a sua linha de raciocínio? Que ela teria morrido na detenção de qualquer modo?

Baudin mostrou os dentes e disse, devagar:

– Eu odeio fazer acordos com bastardos.

Felisin fitou a extensão de 1 metro de corrente entre ela e Baudin. Mil pensamentos poderiam ter se seguido, elo por elo: o que ela tinha sido, o que era agora; a prisão que ela descobrira, por dentro e por fora, amalgamada como uma lembrança viva. Mas tudo que ela pensou, tudo que disse, foi:

– Não faça mais acordos, Baudin.

Os olhos dele se estreitaram e pousaram sobre a moça. Suas palavras e seu tom tinham tocado o bandido de alguma forma.

Heboric se aprumou com um olhar duro ao contemplá-la. Felisin virou para outro lado, meio por desafio, meio por vergonha.

Um momento depois, tendo limpado a fila dos mortos, os soldados os empurraram para fora dos portões, na direção da estrada leste e rumo à cidade portuária chamada Azarenta. Lá aguardavam a conselheira Tavore e sua comitiva, assim como os navios de escravos de Aren.

Fazendeiros e camponeses se postavam às margens da estrada, sem mostrar nada do frenesi que acometera seus primos na cidade. Felisin viu em seus rostos uma tristeza obtusa, uma paixão nascida de cicatrizes diferentes. Não conseguiu entender de onde tinham vindo e percebeu que sua ignorância era a diferença entre ela e eles. Também percebeu, em seus hematomas, seus arranhões e sua nudez desamparada, que suas lições haviam começado.

LIVRO I

Raraku

Ele nadou aos meus pés,
Braços poderosos em braçadas largas
Varrendo a areia.

Então perguntei a este homem:

– Em que mares você nada?

E a isso ele respondeu:

– Eu vi conchas e afins

Neste chão deserto,

Então nado na memória desta terra

Honrando seu passado assim.

– A jornada é longa? – inquiri.

– Não posso dizer – respondeu ele –,

Pois hei de afundar muito antes

De acabar.

Provérbios do Tolo

Thenys Bule

CAPÍTULO 1

E tudo veio para estampar
A passagem deles
No caminho,
Para perfumar seus ventos secos,
Sua reivindicação enjoativa
À ascendência.

O Caminho das Mãos, Messremb

Ano 1164 do Sono da Incineração

Décimo ano do governo da imperatriz Laseen

O sexto dos sete anos de Dryjhna, a Apocalíptica

Um penacho espiralado de poeira percorreu a depressão, afundando-se no deserto inexplorado do Pan'potsun Odhan. Embora se encontrasse a menos de dois mil passos de distância, parecia nascido do nada.

De seu poleiro na borda do planalto, moldada pelo vento, Mappo Coto o acompanhava com olhos implacáveis, da cor da areia, fundos em um rosto pálido de ossos robustos. Ele segurava uma cunha de cacto emrag na mão cheia de cerdas, ignorando os espinhos envenenados enquanto a mordida. O sumo pingava de seu queixo, manchando-o de azul. Mastigava devagar, pensativo.

A seu lado, Icarium atirou um seixo na direção do precipício. A pedra estalou e retiniu em seu caminho para o fundo, repleto de outros pedregulhos. Sob a veste esfarrapada de andarilho espectral, com seu laranja

desbotado pelo sol infundável até ficar de uma cor de ferrugem poeirenta, sua pele cinzenta escurecera e se tornara verde-oliva, como se o sangue de seu pai houvesse respondido ao chamado antigo daquele descampado. De seu cabelo comprido e preto trançado pingava um suor negro na rocha clareada pelo sol.

Mappo puxou um espinho esmagado do meio de seus dentes da frente.

– Sua tintura está escorrendo – comentou, fitando o pedaço de cacto antes de dar outra mordida.

Icarium deu de ombros.

– Não importa mais. Não aqui.

– Nem minha avó cega teria engolido esse seu disfarce. Os olhos se estreitaram para nós em Ehlitan. Eu os sentia rastejando nas minhas costas dia e noite. Afinal de contas, a maioria dos tannos é baixa e tem a perna torta. – Mappo tirou os olhos da nuvem de poeira e analisou seu amigo. Grunhiu, em seguida: – Da próxima vez, melhor escolher uma tribo em que todas as pessoas tenham 2 metros de altura.

O rosto de Icarium, enrugado e maltratado pelo clima, se contorceu em algo parecido com um sorriso, apenas uma insinuação, antes de retomar sua expressão plácida.

– Aqueles que saberiam de nós nas Sete Cidades com certeza sabem de nós agora. Os que não sabem, por sua vez, podem até ficar curiosos a nosso respeito, mas não passa disto: curiosidade. – Estreitando os olhos diante da luminosidade, apontou na direção do penacho. – O que você vê, Mappo?

– Cabeça chata, pescoço comprido, corpo negro e peludo. Se fosse só isso, eu poderia estar descrevendo um dos meus tios.

– Mas há mais.

– Uma perna na frente e duas atrás.

Icarium deu batidinhas no nariz, refletindo.

– Então não é um dos seus tios. Um aptório?

Mappo aquiesceu devagar.

– A convergência está a meses de distância. Suponho que Trono Sombrio

tenha ouvido algo a respeito do que está a caminho e mandou alguns patrulheiros...

– E esse?

Mappo sorriu largamente, expondo seus caninos gigantescos.

– Um negocinho qualquer, longe demais de casa. Ele é o bichinho de estimação de Sha'ik agora.

Terminou de comer o cacto, secou as mãos em forma de espátula e se levantou. Arqueando as costas, estremeceu. Ele não sabia como, mas, na noite anterior, uma massa de raízes se acumulara sob a areia abaixo de seu saco de dormir e agora os músculos dos dois lados de sua coluna condiziam com cada nó e curva daqueles ossos desarborizados. Esfregou os olhos. Fazendo uma análise rápida pela extensão de seu corpo, percebeu o estado esfarrapado e imundo de suas roupas. Suspirou.

– Dizem que há um charco por aí, em algum lugar...

– Com o exército de Sha'ik acampado ao redor.

Mappo grunhiu.

Icarium também se endireitou, notando mais uma vez toda a massa de seu companheiro, grande até mesmo para um trell: os ombros largos e cobertos de pelo preto, os músculos vigorosos dos braços compridos e os milhares de anos que saltavam como um bode alegre por trás dos olhos de Mappo.

– Você consegue rastreá-lo?

– Se você quiser.

Icarium fez uma careta.

– Há quanto tempo nos conhecemos, amigo?

Mappo lançou-lhe um olhar cortante, depois deu de ombros.

– Muito. Por que pergunta?

– Percebo relutância de longe. A perspectiva perturba você?

– Qualquer possibilidade de esbarrar com demônios me perturba, Icarium. Assustado como uma lebre é o trell Mappo.

– Estou sendo guiado pela curiosidade.

– Eu sei.

A dupla improvável voltou para o pequeno acampamento, escondido entre dois pináculos muito altos de rocha esculpida pelo vento. Não havia pressa. Icarium se sentou sobre uma rocha plana e começou a lubrificar seu arco longo, empenhado em impedir que a madeira-chifre ficasse seca demais. Uma vez satisfeito com a condição da arma, pegou a espada de um gume, tirando a arma antiga da bainha de couro fervido com uma tira de bronze e em seguida passando sua borda dentada em uma pedra de amolar lubrificada.

Mappo golpeou a tenda de couro cru, dobrando-a sem cuidado antes de enfiá-la em sua bolsa grande de couro. Guardou também os utensílios de cozinha, assim como as camas. Amarrou os cordões e jogou a bolsa sobre um dos ombros; em seguida, olhou para o local em que Icarium aguardava, com o arco novamente embrulhado e preso às costas.

Icarium assentiu e os dois, o mestiço de jaghut e o trell puro-sangue, iniciaram a caminhada para o vale.

No céu, as estrelas pairavam radiantes, lançando no vale luz suficiente para tingir de prateado a encosta rachada. Moscas-vampiro haviam sumido junto com o fim do calor do dia, deixando a noite para enxames ocasionais de mariposas-do-lixo e lagartos rhizanos semelhantes a morcegos, que delas se alimentavam.

Mappo e Icarium fizeram uma pausa para descansar no pátio de uma construção em ruínas. As paredes de tijolos de barro estavam erodidas, deixando apenas trechos da altura da canela, dispostos em padrões geométricos ao redor de um velho poço seco. A areia que cobria os ladrilhos do pátio era fina e tinha sido soprada pelo vento, parecendo brilhar fracamente aos olhos de Mappo. Arbustos retorcidos se agarravam às extremidades da construção com suas raízes emaranhadas.

O Pan'potsun Odhan e o Deserto Sagrado Raraku, que o ladeava a oeste,

eram o lar de incontáveis restos de civilizações, extintas muito tempo antes. Em suas viagens, Mappo e Icarium haviam encontrado tels altos, montanhas de topo plano construídas com camadas e camadas de cidades, situados em uma sucessão desigual ao longo de quase 280 quilômetros entre as colinas e o deserto, evidência clara de que um povo rico e próspero tinha vivido no que agora era um descampado seco castigado pelo vento. Do Deserto Sagrado surgira a lenda de Dryjhna, a Apocalíptica. Mappo se perguntou se a calamidade que acometera as cidades daquela região e seus habitantes contribuíra de algum modo para o mito sobre uma era de devastação e morte. Exceto pelas esparsas propriedades abandonadas, como aquela em que descansavam naquele momento, muitas ruínas mostravam sinais de um fim violento. Mappo fez uma careta quando seus pensamentos percorreram caminhos familiares mas desagradáveis. *Nem todos os passados podem ser colocados diante de nós, e aqui e agora não estamos mais perto do que já estivemos. E não tenho nenhuma razão para duvidar de minhas palavras.* Ele se afastou desses pensamentos também.

Perto do centro do pátio havia uma única coluna de mármore rosa, esburacada e sulcada em um dos lados, em que os ventos nascidos no Raraku sopravam sem cessar na direção da cordilheira de Pan'potsun. O lado oposto do pilar ainda conservava o padrão espiralado esculpido por artesãos mortos havia muito tempo.

Ao entrar no pátio, Icarium caminhara diretamente para a coluna de 1,80 metro, examinando suas laterais. Seu grunhido disse a Mappo que ele encontrara o que estava procurando.

– E esta aqui? – perguntou o trell, colocando a bolsa de couro no chão.

Icarium se aproximou, limpando a sujeira das mãos.

– Embaixo, perto da base, há rastros de minúsculas mãos com garras. Os caçadores estão na Pista.

– Ratos? Mais de um grupo?

– D'ivers – concordou Icarium.

– Eu me pergunto quem será.

– Provavelmente Gryllen.

– Hum... Desagradável.

Icarium contemplou a planície lisa que se estendia para oeste.

– Virão outros. Tanto soletaken quanto d'ivers. Aqueles que se sentem próximos à Ascendência, e mesmo aqueles que não estão, mas procuram o Caminho ainda assim.

Mappo suspirou, olhando para seu velho amigo. Um pavor vago despertou dentro dele. *D'ivers e soletaken, as maldições gêmeas da metamorfose, a febre para a qual não há cura, reunindo-se... aqui, neste lugar.*

– Isso é sensato, Icarium? – perguntou o trell, baixinho. – Ao procurarmos seu objetivo eterno, nós aos poucos nos metemos em uma convergência das mais desagradáveis. Se os portais se abrirem, veremos nossa passagem impedida por uma horda de indivíduos com sede de sangue, ávidos em sua crença de que os portais oferecerão Ascendência.

– Se tal caminho existir, talvez eu também venha a achar lá as respostas que procuro – disse Icarium, com os olhos ainda no horizonte.

Respostas não são bênçãos, amigo. Confie em mim, por favor.

– Você ainda não me explicou o que vai fazer depois de conseguir essas respostas.

Icarium se virou para ele com um ligeiro sorriso.

– Eu sou minha maldição, Mappo. Estou vivo há séculos, mas o que sei do meu passado? Onde estão as minhas lembranças? Como posso julgar a minha vida sem esse conhecimento?

– Alguns considerariam sua maldição uma dádiva – disse Mappo, com um lampejo de tristeza perpassando suas feições.

– Eu, não. Enxergo essa convergência como uma oportunidade. Ela pode muito bem me dar respostas. Espero não ter de pegar minhas armas para consegui-las, mas farei isso, se necessário.

O trell suspirou mais uma vez e ficou de pé.

– Sua decisão pode ser posta à prova em breve, amigo. – Olhou para sudoeste. – Há seis lobos do deserto seguindo nossos rastros.

Icarium desembrolhou seu arco e colocou nele a corda com um movimento rápido e fluido.

– Lobos do deserto nunca caçam pessoas.

– Não mesmo – concordou Mappo.

Levou mais uma hora até a lua se erguer. Ele observou Icarium enfileirar seis flechas compridas com ponta de pedra e semicerrou os olhos na direção da escuridão. Um medo gelado rastejou por sua nuca. Os lobos ainda não estavam visíveis, mas os sentia mesmo assim.

– Há seis, mas são um só... D'ivers.

Seria melhor se fosse um soletaken. Dar de cara com uma única fera já é bastante desagradável, mas várias...

Icarium franziu o cenho.

– Um poderoso, então, para assumir a forma de seis lobos. Você sabe quem pode ser?

– Tenho uma suspeita – disse Mappo em voz baixa.

Ambos ficaram em silêncio, esperando.

Meia dúzia de formas castanho-avermelhadas apareceram de uma escuridão que parecia criada por si só, a menos de trinta passos de distância. A vinte passos, os lobos se espalharam, formando uma meia-lua e encarando Mappo e Icarium. O cheiro picante do d'ivers encheu o ar parado da noite. Uma das feras avançou lentamente e parou quando Icarium ergueu o arco.

– Não seis; um – murmurou Icarium.

– Eu o conheço – disse Mappo. – Uma pena ele não poder dizer o mesmo sobre nós. Ele é inconstante, mas tomou uma forma adequada ao derramamento de sangue. Esta noite, Ryllandaras está caçando no deserto. Mas me pergunto se seu alvo somos nós ou alguma outra coisa.

Icarium deu de ombros.

– Quem fala primeiro, Mappo?

– Eu – respondeu o trell, dando um passo adiante. Aquilo exigia malícia e astúcia. Um erro seria fatal. Manteve a voz baixa e seca: – Longe de casa, não é? Seu irmão Treach achou que tinha matado você. Onde era aquele

abismo mesmo? Dal Hon? Ou Li Heng? Vocês eram d'ivers chacais naquela época, se não me falha a memória.

Ryllandaras falou dentro da mente deles, com uma voz falha e hesitante por conta do desuso. *Estou tentado a entrar num combate intelectual com você, trell, antes de matá-lo.*

– Pode não valer a pena – respondeu Mappo sem dificuldade. – Com a companhia com que tenho andado, estou tão fora de prática quanto você, Ryllandaras.

Os olhos azul-claros do lobo líder foram para Icarium.

– Eu tenho pouco intelecto com que combater – disse o mestiço jaghut, suavemente, e sua voz mal se ouvia. – E estou perdendo a paciência.

Tolice. Ser encantadores é tudo o que pode salvar vocês. Diga-me, arqueiro: você entrega sua vida aos ardis de seu companheiro?

Icarium balançou a cabeça.

– Claro que não. Eu compartilho com ele a opinião que tem de si mesmo.

Ryllandaras pareceu confuso. *Uma questão de conveniência, então, vocês dois estarem viajando juntos. Companheiros sem confiança, sem fé um no outro. As apostas devem ser altas.*

– Estou ficando entediado, Mappo – disse Icarium.

Os seis lobos se enrijeceram como um só, meio que se encolhendo. *Mappo Coto e Icarium. Ah, estamos entendendo. Saibam que não temos contendidas com vocês.*

– Intelectos equiparados – disse Mappo, seu sorriso se alargando antes de desaparecer completamente. – Cace em outro lugar, Ryllandaras, antes que Icarium faça um favor a Treach. – *Antes que você liberte tudo o que jurei impedir.* – Fui claro?

Nossos caminhos... convergem sobre a pista de um demônio da Sombra, disse o d'ivers.

– Não é mais da Sombra – replicou Mappo. – É de Sha'ik. O Deserto Sagrado não está mais adormecido.

Assim parece. Você proíbe nossa caçada?

Mappo olhou para Icarium, que baixou o arco e deu de ombros.

– Se você quiser se atracar com um aptório, a escolha é sua. Só temos interesse em passar.

Então nossas mandíbulas se fecharão sobre a garganta do demônio.

– Você faria de Sha'ik sua inimiga? – perguntou Mappo.

O lobo líder inclinou a cabeça.

Esse nome não significa nada para mim.

Os dois viajantes assistiram aos lobos correrem dali com passos leves, desaparecendo mais uma vez em uma escuridão de feitiçaria. Mappo mostrou os dentes, depois suspirou, e Icarium assentiu, dando voz ao que ambos haviam pensado:

– Vai significar em breve.

Os soldados wickanos da cavalaria soltavam gritos ferozes de júbilo enquanto conduziam seus cavalos de dorso largo pela prancha de desembarque do navio. A cena no cais do porto imperial de Hissar era caótica: uma massa desordenada de homens e mulheres das tribos. O lampejo de lanças com pontas de ferro ondulava acima de cabelos negros trançados e elmos de crânio cheios de espinhos. Do parapeito da torre de entrada do porto, Duiker olhou para baixo, na direção da selvagem comitiva estrangeira, com algum ceticismo e crescente inquietação.

Ao lado do historiador imperial estava o representante do Alto Punho, Mallick Rel, com suas mãos gordas e macias unidas e pousadas sobre a pança. Sua pele era da cor de couro hidratado e cheirava a perfumes de Aren. Mallick Rel não parecia nem um pouco o conselheiro-chefe do comandante do exército malazano das Sete Cidades. Sendo um sacerdote jhista do deus ancestral dos mares, Mael, sua presença ali, para transmitir oficialmente as boas-vindas do Alto Punho ao novo Punho do Sétimo Exército, era precisamente o que parecia: um insulto calculado. Apesar disso,

Duiker se corrigiu em silêncio, o homem ao lado tinha subido a uma posição de poder entre os figurões imperiais daquele continente em pouquíssimo tempo. Corriam nas línguas dos soldados mil rumores a respeito do sacerdote sereno de fala mansa e de qualquer que fosse a carta que ele tinha na manga contra o Alto Punho Pormqual. E cada rumor não passava de um sussurro, pois a subida de Mallick Rel até o lado de Pormqual estava repleta de histórias sobre misteriosos infortúnios para aqueles que ficaram em seu caminho. Infortúnios fatais, valia lembrar.

O lamaçal político entre os ocupantes malazanos nas Sete Cidades era tão obscuro quanto potencialmente mortal. Duiker suspeitava que o novo Punho entenderia pouco dos gestos velados de desprezo, já que lhe faltavam as nuances mais civilizadas dos cidadãos mais submissos do Império. A pergunta que permanecia para o historiador era, então, por quanto tempo Coltaine do clã dos Corvos sobreviveria à sua nova designação.

Mallick Rel comprimiu os lábios e exalou devagar.

– Historiador – disse em voz baixa, com o sibilar de seu sotaque falari-gedoriano bem sutil –, feliz pela sua presença. Curioso também. Longe da corte de Aren já há um tempo... – Ele sorriu sem mostrar os dentes de coloração verde. – Cautela criada a partir de matança distante?

Palavras como o bater das ondas, a afetação amorfa e a paciência insidiosa do deus Mael, esta minha quarta conversa com Rel. Ah, como detesto esta criatura! Duiker pigarreou.

– A imperatriz presta pouca atenção a mim, jhistal...

A risada baixa de Mallick Rel soou como o chocalho de uma cobra.

– Historiador que recebe pouca atenção ou que presta pouca atenção à história? Um quê de amargura diante de conselho rejeitado ou, pior, ignorado. Acalme-se, crimes não voam de volta das torres de Unta.

– Feliz em ouvir isso – resmungou Duiker, perguntando-se a respeito das fontes do sacerdote. E explicou, depois de um momento: – Continuo em Hissar para fins de pesquisa. O precedente de enviar prisioneiros para minas de otataral na ilha remonta à época do imperador, embora ele costumasse

reservar esse destino aos magos.

– Magos? Rá-rá.

Duiker assentiu.

– Eficaz, sim, embora imprevisível. As propriedades específicas do otataral como metal supressor de magia continuam imensamente misteriosas. Ainda assim, a loucura acabou atingindo a maior parte daqueles feiticeiros, mesmo que não se saiba se isso resultou da exposição ao pó do minério ou à privação de seus Labirintos.

– Há magos em meio à próxima remessa de escravos?

– Alguns.

– A pergunta será logo respondida, então.

– Logo – concordou Duiker.

O cais em forma de “T” continha uma multidão de wickanos agressivos, estivadores assustados e cavalos de guerra irritadiços. Um cordão de guardas de Hissar era a rolha do gargalo na extremidade da doca, onde ela se abria em um meio-círculo pavimentado. Nascidos nas Sete Cidades, os guardas haviam erguido seus escudos circulares e desembainhado suas cimitarras, sacudindo, como forma de intimidação, as lâminas largas e curvas na direção dos wickanos, que responderam com gritos e ameaças.

Dois homens apareceram no parapeito. Duiker maneou a cabeça, cumprimentando. Mallick Rel não se dignou a perceber nenhum dos dois: um capitão rude e o único sobrevivente do quadro de magos do Sétimo, ambos com posição baixa demais para merecer qualquer atenção do sacerdote.

– Bem, Kulp, sua chegada pode se mostrar oportuna – disse Duiker ao mago atarracado de cabelos brancos.

Kulp torceu o rosto estreito e queimado pelo sol, fazendo uma careta.

– Subi aqui para manter meus ossos e minha carne intactos, Duiker. Não estou interessado em me tornar o tapete de Coltaine em sua subida até o posto. Eles são o povo *dele*, afinal de contas. Eu diria que o fato de ele não ter tomado uma maldita providência para suprimir esse motim em ebulição não

traz bons presságios.

O capitão a seu lado grunhiu em concordância.

– Dá nos nervos. Metade dos oficiais ali viu sangue pela primeira vez enfrentando o desgraçado do Coltaine e agora aqui está ele, prestes a assumir o comando. – E cuspiu: – Pelas juntas do Encapuzado, não haverá muitas lágrimas derramadas se a Guarda de Hissar retalhar Coltaine e cada um de seus selvagens wickanos aqui no cais. O Sétimo não precisa deles.

– Verdade atrás da ameaça de insurreições – disse Mallick Rel a Duiker, com olhos velados. – Continente aqui, um ninho de víboras. Coltaine uma escolha esquisita...

– Não tão esquisita – disse Duiker, dando de ombros.

Voltou sua atenção à cena abaixo. Os wickanos mais próximos à Guarda de Hissar haviam começado a andar altivamente de um lado para outro diante da linha blindada. A situação estava a ponto de se transformar em uma batalha de proporções reais e o gargalo parecia prestes a se transformar no palco de uma grande matança. O historiador sentiu algo gelar seu estômago ao ver arcos de chifre já envergados entre os soldados wickanos. Outro destacamento de guardas apareceu, vindo da avenida à direita da colunata principal, com as lanças erguidas.

– Você pode explicar isso? – perguntou Kulp.

Duiker se virou e ficou surpreso ao ver os três homens olhando para ele. Relembrou seu último comentário e deu de ombros outra vez.

– Coltaine uniu os clãs wickanos em uma insurreição contra o Império. O imperador teve dificuldades de subjugá-lo, como alguns de vocês sabem melhor do que eu. O imperador, fiel a seu estilo, obteve a lealdade de Coltaine...

– Como? – latiu Kulp.

– Ninguém sabe. – Duiker sorriu. – O imperador raramente explicava seus atos. Em todo caso, já que Laseen não tinha nenhuma afeição pelos comandantes escolhidos por seu antecessor, Coltaine foi abandonado para apodrecer em algum buraco em Quon Tali. Então a situação mudou. A

conselheira Lorn foi assassinada em Darujhistan, o Alto Punho Dujek e seu exército se tornaram desertores, rendendo com eficácia toda a campanha de Genabackis, e o Ano de Dryjhna se aproxima aqui nas Sete Cidades, profetizado como o ano da rebelião. Laseen precisa de comandantes competentes antes que tudo escape de seu controle. A nova conselheira Tavore não foi testada. Então...

– Coltaine... – O capitão aquiesceu e sua carranca se aprofundou. – Enviado para cá a fim de assumir o comando do Sétimo e derrubar a rebelião...

– Afinal, quem melhor para lidar com uma insurreição do que um guerreiro que guiou uma? – perguntou Duiker secamente.

– Se ocorrer um motim, escassas suas chances – disse Mallick Rel, com os olhos na cena abaixo.

Duiker viu meia dúzia de cimitarras cintilarem, observou os wickanos recuarem e desembainharem as próprias facas longas. Pareciam ter encontrado um líder, um guerreiro alto de aparência feroz, com feitiços em suas tranças compridas e que agora berrava palavras de incitação, brandindo a própria arma acima da cabeça.

– Pelo Encapuzado! – praguejou o historiador. – Onde raios está Coltaine?

O capitão riu.

– O alto só com uma faca comprida.

Os olhos de Duiker se arregalaram. *Aquele demente é Coltaine? O novo Punho do Sétimo?*

– Não mudou nadinha, pelo que vejo – continuou o capitão. – Se você quer se manter como líder de todos os clãs, é melhor ser mais sórdido do que todo o resto junto. Por que acha que o velho imperador gostava tanto dele?

– Que Beru nos guarde – sussurrou Duiker, estarrecido.

Um sopro, depois um grito ululante de Coltaine silenciou o destacamento wickano de repente. As armas retornaram às bainhas, os arcos

foram baixados e flechas voltaram às aljavas. Até os cavalos resfolegantes ficaram imóveis, com as cabeças erguidas e orelhas eretas. Um espaço se abriu ao redor de Coltaine, que tinha dado as costas aos guardas. O guerreiro alto gesticulou e os quatro homens no parapeito assistiram em silêncio enquanto cada cavalo era selado com absoluta precisão. Menos de um minuto depois a cavalaria estava montada, guiando seus cavalos para uma formação de desfile compacta que rivalizaria com os soldados da elite imperial.

– Isso foi soberbo – disse Duiker.

Um suspiro leve escapou de Mallick Rel.

– Distribuição do tempo digna de selvagens, o senso de desafio de uma fera e depois desprezo. Recado para guardas. Para nós também?

– Coltaine é uma cobra, se é isso que você está perguntando – disse o capitão. – Se o comando central de Aren acha que pode dar voltas nele, vai ter uma surpresa cruel.

– Conselho generoso – reconheceu Rel.

O capitão pareceu ter engolido algo cortante e Duiker percebeu que ele tinha falado sem pensar na posição que o sacerdote ocupava no comando central.

Kulp pigarreou.

– Ele os fez entrarem em formação. Acho que a ida até os quartéis será pacífica, no fim das contas.

– Admito que estou ansioso para conhecer o novo Punho do Sétimo – disse Duiker ironicamente.

Com os olhos semicerrados e fixos na cena abaixo, Rel aquiesceu.

– Concordo.

Deixando para trás as ilhas Skara ao seguir diretamente para o sul, o barco de pesca adentrou o mar Kansu com sua vela triangular rangendo, esticada. Se a ventania continuasse, alcançariam a costa ehrlitana em quatro horas. A

careta de Violinista aumentou. *Costa ehrlitana, Sete Cidades. Odeio esse maldito continente. Odiei na primeira vez e odeio ainda mais agora.* Apoiou-se na amurada e cuspiu bile azeda nas ondas quentes e verdes.

– Está se sentindo melhor? – perguntou Crokus da proa, com seu rosto jovem e bronzeado franzido por uma preocupação genuína.

O velho sabotador queria socar aquele rosto; em vez disso, apenas grunhiu e se curvou ainda mais contra o casco da barca.

A risada de Kalam ressoou de onde ele estava sentado, junto à cana do leme.

– Violinista e água são duas coisas que não combinam, moleque. Olhe para ele. Está mais verde do que aquele seu maldito macaco alado.

Um fungar solidário soprou contra a bochecha de Violinista. Ele entreabriu um olho vermelho, encontrando um rosto pequeno e enrugado a olhá-lo.

– Vá embora, Moby – gritou Violinista.

O animal, outrora servo do tio de Crokus, Mammut, parecia ter adotado o sapador da forma que cachorros e gatos abandonados costumavam fazer. Kalam diria que era o contrário, é claro.

– Uma *mentira* – sussurrou Violinista. – Kalam é bom nelas...

... como ficar fazendo hora em Rutu Jelba por uma porcaria de semana inteira só para o caso de um comerciante de Skrae aparecer. “Agende a passagem no conforto, hein, Vi?” Ah, claro, bem diferente da maldita travessia do oceano – e aquela deveria ter sido no conforto também. Uma semana inteira em Rutu Jelba, uma fossa de cidade infestada por lagartos e feita de tijolos laranja. E depois o quê? Oito jakatas por aquele barril de cerveja serrado ao meio, tampado com farrapos.

O movimento sem fim de subida e descida embalava Violinista enquanto passavam as horas. Sua mente vagou para aquela jornada terrivelmente longa, que os tinha levado tão longe, e depois para a jornada terrivelmente longa que ainda estava por vir. *Nós nunca fazemos as coisas do jeito fácil, fazemos?*

Ele preferiria que todos os mares secassem. *Homens têm pés, não nadadeiras. Mesmo assim, estamos prestes a atravessar por terra... Por um descampado árido infestado por moscas, onde as pessoas só sorriem para anunciar que vão matar você.*

O dia se arrastava, esverdeado e trêmulo.

Violinista pensou nos companheiros que tinha deixado para trás em Genabackis, desejando que pudesse estar marchando com eles naquele momento. *Para uma guerra religiosa. Não se esqueça disso, Vi. Guerras religiosas não são divertidas.* Em guerras e circunstâncias desse tipo, não se aplicava a capacidade de raciocinar necessária para se negociar uma rendição. Ainda assim, o batalhão era tudo o que ele conhecia fazia anos. Sentia-se abandonado fora de sua sombra. *Só Kalam de velho companheiro, e ele chama de lar a terra que se aproxima. E sorri antes de matar. Quais são os planos de Kalam e Ben Ligeiro que eles ainda não me contaram?*

– Há mais daqueles peixes-voadores – disse Apsalar, sua voz identificando a mão suave que tinha pousado em seu ombro. – Centenas deles!

– Alguma coisa grande vinda do fundo está atrás deles – observou Kalam.

Gemendo, Violinista se aprumou. Moby aproveitou a oportunidade para revelar a motivação por trás do barulhinho que fazia naquele dia e subiu no colo do sapador, enrolando-se e fechando os olhos amarelos. Violinista agarrou a amurada e se aproximou dos três companheiros, a fim de estudar o cardume de peixes-voadores a estibordo, a cerca de 100 metros da lateral da embarcação. Com o comprimento do braço de um homem, os peixes brancos como leite transpunham as ondas, singrando mais ou menos 10 metros, depois deslizando de volta para baixo da superfície. No mar Kansu, peixes voadores caçavam como tubarões; os cardumes eram capazes de reduzir um cachalote a ossos em minutos. Usavam sua habilidade de voar para se lançarem às costas de uma baleia quando ela subia à superfície para respirar.

– O que, em nome de Mael, está atrás *deles*?

Kalam enrugou a testa.

– Não deveria haver nada capaz disso aqui no Kansu. Lá no Abismo dos Caçadores há as dhenrabi, claro.

– Dhenrabi! Ah, isso ajuda bastante, Kalam. Ajuda mesmo!

– Algum tipo de serpente marinha? – perguntou Crokus.

– Pense em uma centopeia de oitenta passos de comprimento – respondeu Violinista. – Se enrola tanto em baleias quanto em navios. Então solta todo o ar embaixo de sua pele couraçada e afunda como uma pedra, levando sua presa junto.

– São raras – disse Kalam. – E nunca vistas em águas rasas.

– Até agora – salientou Crokus, com a voz se alteando, alarmada.

A dhenrabi surgiu na superfície em meio aos peixes-voadores, açoitando a cabeça de um lado para outro; a boca larga e anavalhada esquartejava presas aos montes. A cabeça da criatura era imensa, com talvez 20 metros de largura. Sua couraça segmentada era de um verde escuro, sob escamas incrustadas, e cada segmento revelava membros quitinosos.

– Oitenta passos de comprimento? – sibilou Violinista. – Só se uma dessas foi cortada ao meio!

Kalam se ergueu no leme.

– Apronte as velas, Crokus. Vamos fugir. Sentido oeste.

Violinista arrancou o Moby reclamão do colo e abriu a mochila, lutando para tirar sua besta dali.

– Se ela decidir que parecemos deliciosos, Kalam...

– Eu sei – ressoou o assassino.

Montando depressa a arma metálica, Violinista ergueu o olhar e encontrou os olhos arregalados de Apsalar, cujo rosto estava branco. O sabotador piscou.

– Tenho uma surpresa, caso a coisa venha pra cima de nós, menina.

Ela assentiu.

– Eu me lembro...

A dhenrabi tinha visto o barco. Desviando-se do cardume de peixes-voadores, ela se adiantou na direção deles, cortando sinuosamente as ondas.

– Aquela não é uma fera comum – resmungou Kalam. – Você está sentindo esse cheiro, Violinista?

Picante, amargo.

– Pelo sopro do Encapuzado, é um soletaken!

– Um o quê? – perguntou Crokus.

– Metamorfo – disse Kalam.

Uma voz rouca soou na mente de Violinista e as expressões de seus companheiros lhe disseram que eles também ouviram:

Mortais, lamento que vocês estejam aqui testemunhando minha passagem.

O sapador grunhiu; a criatura não parecia estar lamentando coisa alguma. E continuou:

Por causa disso, vocês todos devem morrer, embora eu não vá desonrar sua carne comendo vocês.

– Que gentil da sua parte – resmungou Violinista, pondo na abertura da besta uma seta sólida, cuja ponteira de ferro tinha sido substituída por uma bola de argila do tamanho de um melão.

Mais um barco de pescadores misteriosamente perdido, o soletaken pensou, irônico. Que pena.

Violinista trepou na proa, se agachando ao lado de Kalam. O assassino se empertigou para encarar a dhenrabi, mantendo a mão no leme.

– Soletaken! Siga seu caminho. Não nos importamos com sua passagem!

Serei misericordioso ao matar vocês. A criatura se aproximou da traseira do barco cortando a água como um navio de quilhaafiada. Suas mandíbulas estavam bem abertas.

– Você foi avisado – disse Violinista, que ergueu a besta, mirou e atirou.

A seta foi direto para a boca aberta da fera. Rápida como um relâmpago, a dhenrabi fechou a boca sobre a haste e seus dentes finos e serrilhados destruíram a seta e esmagaram a bola de argila, soltando no ar a mistura poeirenta que havia lá dentro. O contato resultou em uma explosão

instantânea que estourou a cabeça do soletaken.

Fragmentos de crânio e carne cinza agitavam as águas por todos os lados. O pó incendiário continuava a queimar ferozmente tudo a que se agarrara, soltando um vapor sibilante. A explosão carregou o corpo acéfalo para uma distância de 8 metros da popa do barco antes de ele se inclinar para baixo e deslizar suavemente para fora de vista enquanto os últimos ecos da explosão enfraqueciam. A fumaça flutuava sobre as ondas.

– Você escolheu os pescadores errados – disse Violinista, baixando a arma.

Kalam retornou ao leme e virou a embarcação de volta ao curso, no sentido sul. Uma quietude estranha pairava no ar. Violinista desmontou a besta e guardou a arma de volta, envolta no tecido lubrificado. Ao retomar seu assento a meia-nau, Moby rastejou de volta para seu colo. Suspirando, Violinista coçou a parte de trás da orelha do animalzinho.

– E então, Kalam?

– Não tenho certeza – admitiu o assassino. – O que trouxe um soletaken ao mar Kansu? Por que ele queria manter sua passagem em segredo?

– Se Ben Ligeiro estivesse aqui...

– Mas não está, Vi. É um mistério com o qual teremos de conviver... e espero que não venhamos a dar de cara com outros.

– Você acha que está relacionado a...

Kalam fechou a cara.

– Não.

– Relacionado a quê? – Crokus exigiu saber. – O que vocês dois estão tagarelando?

– Só pensando alto – disse Violinista. – O soletaken estava indo para o sul. Como nós.

– E daí?

Violinista deu de ombros.

– E daí... nada. Só isso. – Cuspiu outra vez para fora do barco e se deixou cair. – A agitação me fez esquecer o enjoo. Agora a agitação passou, cacete.

Todos ficaram em silêncio, embora a expressão severa de Crokus dissesse ao sabotador que o rapaz não deixaria a questão de lado por muito tempo.

O vento continuou empurrando o barco com força na direção sul. Menos de três horas depois, Apsalar anunciou que conseguia ver terra adiante e, quarenta minutos mais tarde, Kalam direcionou a embarcação de modo a deixá-la paralela à costa ehrlitana, a cerca de 3 quilômetros de distância. Contornaram a costa no sentido oeste, seguindo a cordilheira revestida de cedros, enquanto o dia morria devagar.

– Acho que estou vendo cavaleiros – disse Apsalar.

Violinista ergueu a cabeça, se juntando aos demais para observar a linha de cavaleiros que seguia a trilha ao longo da cordilheira.

– Conto seis deles – disse Kalam. – O segundo cavaleiro...

– Tem um pendão imperial – completou Violinista, contorcendo o rosto por causa do gosto em sua boca. – Mensageiro e lanceiros...

– Dirigem-se a Ehrlitan – acrescentou Kalam.

Violinista se virou sem se levantar e encontrou os olhos do cabo.

Problemas?

Talvez.

A troca foi silenciosa, fruto de anos lutando lado a lado.

– Alguma coisa errada? Kalam? Violinista? – perguntou Crokus.

O rapaz é esperto.

– Difícil dizer – resmungou Violinista. – Eles nos viram... Mas o que viram? Quatro pescadores em um barco, alguma família de Skrae vindo ao porto querendo aproveitar um gostinho da civilização.

– Há uma vila bem ao sul da linha das árvores – disse Kalam. – Fique de olho e procure um ancoradouro, Crokus, e uma praia sem restos de madeira boiando. As casas devem ficar no trecho da cordilheira protegido pelo vento, o que quer dizer mais para o interior. Como anda minha memória, Vi?

– Boa o bastante para um nativo, que é o que você é. Quanto tempo da cidade?

– Dez horas a pé.

- Perto assim?
- Perto assim.

Violinista ficou em silêncio. O mensageiro imperial e sua guarda montada saíram de vista, deixando a cordilheira ao virarem para o norte, na direção de Ehrlitan. O plano havia sido navegar direto para o porto antigo e lotado da Cidade Sagrada, chegando lá sem chamarem muita atenção. Era provável que o mensageiro estivesse entregando alguma informação que nada tinha a ver com eles: eles não haviam dado bandeira de nada desde que alcançaram o porto imperial de Karakarang, vindos de Genabackis, aonde chegaram em um navio mercante moranthiano azul, tendo pagado as passagens como membros da tripulação. A jornada por terra saindo de Karakarang, atravessando as montanhas Talgai e descendo até Rutu Jelba fazia parte da rota dos romeiros tannos, sendo uma jornada bastante comum. E passaram a semana em Rutu Jelba de forma discreta, com Kalam fazendo excursões noturnas para o distrito do cais a fim de providenciar a travessia pelo mar Otataral até o continente.

Na pior das hipóteses, um oficial qualquer tinha recebido um relatório, em algum lugar, dizendo que dois possíveis desertores, acompanhados de um genabackiano e uma mulher, haviam alcançado território malazano, mas notícias assim dificilmente fariam o vespeiro imperial se abalar pelo longo caminho até Ehrlitan. Assim, era provável que Kalam estivesse apenas sendo paranoico, como de costume.

– Estou vendo a foz do riacho – disse Crokus apontando para um local na costa.

Violinista olhou para Kalam.

Em terra hostil, quão baixo rastejamos?

Olhando gafanhotos de baixo, Vi.

Pelo sopro do Encapuzado. Ele olhou para a costa.

– Eu odeio as Sete Cidades – sussurrou. Em seu colo, Moby bocejou, revelando uma boca cheia de presas semelhantes a agulhas. Violinista empalideceu. Disse à criatura, estremecendo: – Enrosque-se enquanto pode,

filhote.

Kalam girou o leme. Crokus ajustou as velas, bem ágil mesmo depois de uma viagem de dois meses através do Abismo dos Caçadores, para deixar o barco deslizar facilmente no vento, com a vela esfarrapada mal conseguindo orçar. Apsalar se remexeu em seu lugar, estendeu os braços e lampejou um sorriso a Violinista. O sabotador fechou a cara e olhou para outro lado. *Que Incineração me sacuda, pois tenho de impedir meu queixo de cair toda vez que ela faz isso. Ela já foi outra mulher um dia. Uma assassina, a faca de um deus. Ela fez coisas que... Além disso, está com Crokus, não? O menino tem toda a sorte, e as putas de Karakarang pareciam irmãs com varíola, vindas de alguma família gigantesca cheia de varíola e com todos aqueles bebês com varíola nos quadris...* Ele se sacudiu. *Ah, Violinista, muito tempo no mar, tempo demais!*

– Não vejo nenhum barco – disse Crokus.

– Lá no porto – murmurou Violinista, arrastando a unha na barba, em perseguição a uma lêndea.

Depois de um momento, ele a arrancou e a jogou pela borda da embarcação. *Dez horas a pé, em seguida Ehrlitan, e um banho, e tirar a barba, e uma garota kansuana com um pente e a noite inteira livre depois.*

Crokus deu uma cotovelada nele.

– Ficando empolgado, Violinista?

– Você não sabe quanto.

– Você estava aqui durante a conquista, não estava? Quando Kalam lutava pelo outro lado, pelos Sete Falah'dan Sagrados, e os t'lan imass marcharam pelo imperador e...

– Basta. – Violinista balançou a mão. – Eu não preciso de lembranças, nem Kalam. Todas as guerras são feias, mas aquela foi mais feia que a maioria.

– É verdade que você estava na companhia que perseguiu Ben Ligeiro através do Deserto Sagrado Raraku e que Kalam era seu guia, só que ele e Ligeiro estavam planejando trair todos, mas Whiskeyjack já havia percebido isso...

Violinista olhou feio para Kalam.

– Uma noite em Rutu Jelba com um cântaro de rum falariano e esse rapaz fica sabendo mais do que qualquer historiador imperial vivo. – Olhou para Crokus. – Ouça, filho, é melhor você esquecer tudo o que aquele bárbaro bêbado contou naquela noite. O passado já está em nosso encalço; não há motivo para facilitar.

Crokus passou a mão em seu cabelo comprido e preto, dizendo, em voz baixa:

– Bem, se as Sete Cidades são tão perigosas, por que não vamos direto em frente, até Quon Tali, onde Apsalar vivia, para podermos achar seu pai? Por que nos esgueiramos tanto... e no continente errado, aliás?

– Não é tão simples assim – grunhiu Kalam.

– Por quê? Pensei que fosse essa a razão para esta jornada toda. – Crokus segurou a mão de Apsalar entre as suas, mas guardou sua expressão dura para Kalam e Violinista. – Vocês dois disseram que deviam isso a ela. Não foi certo e vocês queriam consertar as coisas. Mas agora estou achando que essa é só uma parte da razão, que vocês dois planejaram mais alguma coisa, que levar Apsalar de volta para casa era só uma desculpa para voltar ao seu Império, apesar de estarem oficialmente banidos. E, seja lá o que estão planejando, isso significa não apenas viajarmos às Sete Cidades, mas também termos que nos esgueirar, aterrorizados por tudo, pulando nas sombras, como se o exército malazano estivesse atrás de nós. – Fez uma pausa, inspirou fundo e continuou: – Temos o direito de saber a verdade, já que vocês estão nos colocando em perigo e não sabemos nem que tipo de perigo é, nem por quê, nem nada. Então, desembuchem. Agora.

Violinista se apoiou na amurada. Olhou para Kalam e ergueu uma sobrancelha.

– Então, cabo? É com você.

– Faça uma lista, Violinista – disse Kalam.

– A imperatriz quer Darujhistan. – O sabotador encontrou o olhar firme de Crokus. – Certo?

O rapaz hesitou, depois concordou.

– Ela costuma conseguir o que quer, cedo ou tarde – continuou Violinista. – Chame isso de precedente. Agora, ela já tentou tomar a cidade uma vez, certo, Crokus? E isso custou a ela a conselheira Lorn, dois demônios imperiais e a lealdade do Alto Punho Dujek, para não dizer a perda dos Queimadores de Pontes. O suficiente para machucar qualquer um.

– Certo, mas o que isso tem a ver...

– Não interrompa. O cabo Kalam disse para eu fazer uma lista. Estou fazendo. Está acompanhando até aqui? Ótimo. Darujhistan a segurou uma vez, mas na próxima ela vai se certificar de que isso não aconteça. Supondo que haja uma próxima vez.

– Bem, por que não haveria? – Crokus fez uma careta. – Você disse que ela costuma conseguir o que quer.

– E você é leal à sua cidade, Crokus?

– Claro...

– Então faria qualquer coisa para impedir a imperatriz de conquistá-la?

– Bem, sim, mas...

– Senhor? – Violinista se virou para Kalam.

O homem corpulento e de pele negra olhou as ondas, suspirou e assentiu para si mesmo. Depois encarou Crokus.

– É isso, moleque: chegou a hora. Eu vou atrás dela.

A expressão do rapaz de Daru ficou vazia, mas Violinista viu os olhos de Apsalar se arregalarem e seu rosto empalidecer. Ela se recostou de repente e então deu um meio sorriso... e Violinista congelou ao vê-lo.

– Não sei o que você quer dizer – retorquiu Crokus. – Atrás de quem? Da imperatriz? Como?

– Ele quer dizer... – falou Apsalar, ainda dando um sorriso que tinha pertencido a ela um dia, muito tempo antes, quando era... *outra pessoa* – ... que vai tentar matá-la.

– O quê? – Crokus ficou de pé, quase se atirando pela borda. – Você? Você e um sabotador mareado com um violino quebrado preso às costas?

Você acha que nós vamos ajudar nessa coisa insana e suicida...

– Eu me lembro – disse Apsalar de repente, estreitando os olhos para Kalam.

Crokus se virou para ela.

– Lembra o quê?

– Kalam. Ele era o Punhal de Falah'dan, e o Garra lhe deu o comando de uma Mão. Kalam é um mestre assassino, Crokus. E Ben Ligeiro...

– Está a 15 mil quilômetros de distância! – berrou Crokus. – Ele é um mago de pelotão, pelo sopro do Encapuzado! É isso, um magozinho esqualido de pelotão!

– Não é, na verdade – disse Violinista. – E estar tão longe não significa nada, filho. Ben Ligeiro é o nosso osso raspado no buraco.

– Seu o quê? Onde?

– Osso raspado, como no jogo da bugalha, sendo que um bom apostador costuma usar um osso raspado, como se diz na trapaça dos lances, se você sabe o que quero dizer. Quanto ao “buraco”, esse seria o Labirinto do Ben Ligeiro, o que o traz para o lado de Kalam no tempo de uma batida do coração, não importa a que distância ele esteja. Então, Crokus, aí está: Kalam vai tentar, mas isso requer algum planejamento, preparação. E isso começa aqui, nas Sete Cidades. Você quer Darujhistan livre para sempre? A imperatriz Laseen deve morrer.

Crokus se sentou devagar.

– Mas por que as Sete Cidades? A imperatriz não está em Quon Tali?

– Porque... – respondeu Kalam ao virar o barco para a boca do ancoradouro, enquanto o calor opressivo da terra se erguia ao redor deles. – Porque, rapaz, as Sete Cidades estão prestes a se erguer.

– O que você quer dizer?

O assassino exibiu os dentes.

– Rebelião.

Violinista vasculhou a vegetação rasteira e fétida que delineava as margens. *E essa é a parte do plano que mais odeio*, disse a si mesmo, com um

frio na barriga. *Perseguir uma das ideias insanas de Ben Ligeiro com todo o campo em chamas.*

Um minuto depois, contornaram uma curva e uma vila apareceu: um punhado de cabanas de vime e argamassa formando um meio círculo irregular, virado para uma linha de esquifes sobre a praia arenosa. Kalam cutucou o leme e o barco flutuou até a costa. Quando a quilha arranhou o fundo, Violinista subiu na borda e pulou para a terra seca, com Moby já acordado e seus quatro membros agarrados à parte da frente de sua túnica. Ignorando a criatura aos guinchos, Violinista se aprumou, devagar.

– Bem... – Suspirou quando o primeiro dos cachorros vira-latas da vila anunciou sua chegada. – Começou.

CAPÍTULO 2

Até hoje continua fácil esquecer o fato de que o alto-comando de Aren estava povoado de traição, discórdia, rivalidade e malícia... A afirmação de que [o alto-comando de Aren] ignorava as correntes contrárias no campo é, na melhor das hipóteses, ingênua, e, na pior, cínica ao extremo...

A rebelião de Sha'ik, Cullaran

A marca de mão cor de ferrugem deixada na parede se dissolvia na chuva, escorrendo sobre raízes que cresciam pela argamassa entre os tijolos de barro queimados. Encurvado contra o aguaceiro fora de época, Duiker ficou olhando a marca desaparecer devagar, desejando que aquele dia tivesse começado seco, que pudesse ter encontrado aquele sinal antes que ele fosse apagado pela chuva, que pudesse, então, ter conseguido captar alguma sensação da mão que deixara sua marca ali, na parede externa do velho palácio do Falah'd, no coração de Hissar.

As muitas culturas das Sete Cidades fervilhavam com símbolos, uma linguagem pictográfica secreta repleta de referências tortuosas de grande importância para os nativos. Tais símbolos formavam um diálogo complexo que nenhum malazano conseguiria compreender. Aos poucos, durante seus muitos meses vivendo ali, Duiker acabou se dando conta do perigo que havia em ignorá-los. Conforme o Ano de Dryjhna se aproximava, tais símbolos floresciam em profusão caótica, tornando cada parede de cada cidade um pergaminho de códigos secretos. Vento, sol e chuva asseguravam que as mensagens fossem sempre passageiras, limpando a lousa e deixando-a pronta para a próxima interação.

E parece que há muito o que dizer ultimamente.

Duiker se ajeitou, tentando aliviar a tensão do pescoço e dos ombros. O Alto-Comando parecia não dar ouvidos a seus avisos. Havia padrões naqueles símbolos e, pelo jeito, ele era o único dentre os malazanos que possuía algum interesse em desvendar o código ou, pelo menos, em reconhecer os riscos de manter a indiferença de um estrangeiro.

Ele ajeitou o capuz para cobrir melhor a cabeça, na tentativa de manter o rosto seco. Sentia a água escorrer pelos antebraços, já que os punhos largos de sua capa telaba se abriam um pouco na chuva. O resto da marca foi lavado. Duiker saiu dali, retomando sua jornada.

A água corria em torrentes que chegavam à altura dos tornozelos, descendo as ladeiras pavimentadas sob os muros do palácio, jorrando nas sarjetas que bifurcavam cada beco e calçada da cidade. À frente do imenso muro do palácio, toldos pendiam de maneira precária acima de lojas do tamanho de armários. Nas sombras geladas dos buracos que funcionavam como fachadas de lojas, comerciantes de expressão ríspida observaram Duiker passar.

Fora alguns burros miseráveis e um cavalo de dorso flácido aqui e ali, as ruas estavam praticamente vazias, sem pedestres. Apesar da corrente indócil que raramente vinha do mar Sahul, Hissar era uma cidade nascida das terras secas e dos desertos no interior. Embora possuísse um porto e, mais recentemente, uma área de desembarque central para o Império, era como se a cidade e seu povo vivessem espiritualmente de costas para o mar.

Duiker já tinha deixado para trás o círculo compacto de prédios antigos e vielas estreitas que cercavam o muro do palácio, alcançando, então, a colunata de Dryjhna, que seguia direto, como uma lança atravessando o coração de Hissar. As árvores guldingha que margeavam a rua da colunata nadavam, com movimentos borrados, enquanto a chuva desmoronava sobre suas folhas amareladas. Jardins de grandes propriedades, a maioria dos quais desprovidos de muros e abertos à contemplação pública, se estendiam de cada lado da rua, em tons esverdeados. A chuva pesada tinha arrancado

flores dos arbustos e das pequenas árvores, tornando brancas, vermelhas e rosa as calçadas de paralelepípedos.

O historiador se curvou quando uma rajada de vento pressionou sua capa com força no lado direito. A água em seus lábios tinha gosto de sal, a única indicação do mar revoltado que ficava mil passos à sua direita. No trecho em que a rua chamada Tempestade do Apocalipse ficava mais estreita de repente, o espaço reservado às carruagens se tornava uma trilha lamacenta de paralelepípedos quebrados e cerâmica destruída, e as altas e nobres noqueiras cediam espaço a moitas do deserto. A mudança era tão abrupta que Duiker já tinha afundado até as canelas em água suja de esterco antes de perceber que chegara aos limites da cidade. Semicerrando os olhos contra a chuva, olhou para cima.

À esquerda, escondido pelas camadas de água, se estendia o muro do Complexo Imperial. A fumaça lutava para subir por trás do muro fortificado. À direita, e muito mais perto, havia o emaranhado caótico de tendas de couro, cavalos, camelos e carrinhos: um acampamento de comerciantes, recém-chegados de Sialk Odhan.

Apertando mais a capa para se proteger do vento, Duiker se virou para a direita, na direção do acampamento. A chuva era forte o bastante para encobrir dos cachorros da tribo o som de sua aproximação e ele passou pelo caminho estreito e atolado de lama em meio às tendas. Então parou em um cruzamento. Diante dele havia uma grande tenda manchada de cobre, com paredes apinhadas de símbolos pintados. Fumaça saía pela aba de entrada. Ele atravessou o cruzamento, hesitando apenas um momento antes de puxar a aba para um lado e entrar.

Um rugido, trazido por ondas de ar quente e carregado de vapor, esbofeteou o historiador quando ele parou a fim de sacudir a água de sua capa. Vozes gritando, praguejando, rindo por todos os lados, com o ar cheio de fumaça de durhang e incenso, carne assada, vinho azedo e cerveja doce, cercaram Duiker enquanto ele assimilava a cena. Moedas tilintavam e giravam em panelas no local em que vinte apostadores haviam se reunido, à

sua esquerda; diante de si, um tapu abria caminho velozmente por entre a aglomeração com uma bandeja de ferro de mais de 1 metro em cada mão, ambas cheias de carne assada e frutas. Duiker gritou para o tapu, erguendo a mão para chamar sua atenção. O vendedor ambulante se aproximou.

– Juro que é cabra! – exclamou o tapu na língua costeira debrahl. – Cabra, e não cachorro, dosino! Pode cheirar por si mesmo, e uma comida tão boa custa só uma estilha! Você pagaria tão pouco em Dosin Pali?

Tendo nascido nas planícies de Dal Hon, a pele escura de Duiker era da cor da dos debrahls locais; ele vestia uma capa de mar telaba, própria de um comerciante vindo da cidade insular de Dosin Pali, e falava a língua sem o menor traço de sotaque. Diante da afirmação do tapu, Duiker sorriu.

– Por carne de cachorro, eu pagaria, tapuharal. – Ele pescou do bolso dois crescentes locais, o equivalente a uma “estilha” de base da jakata de prata imperial. – E, se acha que os mezlas estão mais livres com sua prata na ilha, você é um tolo ou pior!

Parecendo nervoso, o tapu deslizou um pedaço de carne gotejante e dois globos moles de fruta de uma das bandejas, embrulhando tudo em folhas.

– Tome cuidado com espões mezlas, dosino – murmurou. – Palavras podem ser distorcidas.

– Palavras são a única linguagem que eles entendem – replicou Duiker com desprezo, ao aceitar a comida. – Então é verdade que um bárbaro cheio de cicatrizes está comandando o exército mezla agora?

– Um homem com rosto de demônio, dosino. – O tapu balançou a cabeça. – Até os mezlas o temem. – Ele se afastou, embolsando os crescentes e erguendo as bandejas mais uma vez acima da cabeça. – Cabra, não cachorro!

Duiker encontrou uma parede da tenda para se recostar e observou a multidão enquanto comia sua refeição à maneira local: rápido e fazendo sujeira. “Cada refeição é a última” englobava toda uma filosofia das Sete Cidades. Com gordura besuntando seu rosto e pingando dos dedos, o historiador deixou as folhas caírem no chão lamacento a seus pés. Em

seguida, tocou de maneira ritualística a testa em um gesto, agora proscrito, de gratidão a Falah'd, cujos ossos apodreciam na lama sedimentada da baía de Hissar. Os olhos do historiador se voltaram a um círculo de velhos, atrás dos apostadores, e ele caminhou até lá limpando as mãos nas coxas.

A reunião marcava o Círculo das Estações, no qual dois videntes se encaravam e falavam uma língua simbólica da adivinhação em uma dança complicada de gestos. Ao abrir passagem para conseguir um lugar no círculo de espectadores, Duiker avistou os videntes lá dentro: um xamã idoso, cuja barba prateada e o rosto com a pele costurada o marcavam como alguém da tribo Semk, situada bem no interior do continente; diante dele, um rapaz de cerca de 15 anos. No lugar onde deveriam estar os olhos do garoto, havia duas covas, com cicatrizes mal curadas. Seus membros magros e a barriga inchada revelavam um estágio avançado de desnutrição. Duiker percebeu instintivamente que o rapaz tinha perdido a família durante a conquista malazana e agora vivia nos becos e nas ruas de Hissar. Ele tinha sido encontrado pelos organizadores do Círculo, pois bem se sabia que os deuses falavam através de tais almas em sofrimento.

O silêncio tenso entre os espectadores denunciou ao historiador que havia poder naquela adivinhação. Apesar de cego, o rapaz conseguia sempre se manter cara a cara com o vidente semkês, que, por sua vez, dançava devagar pelo chão de areia branca em absoluto silêncio. Eles tinham as mãos estendidas um na direção do outro, inscrevendo padrões no ar entre si.

Duiker cutucou o homem a seu lado.

– O que ele previu? – sussurrou.

O homem, um nativo atarracado com as cicatrizes de um velho regimento de Hissar, mal obscurecidas pelas queimaduras nas faces, sibilou em tom de aviso, por entre dentes manchados:

– Nada menos que o espírito de Dryjhna, cujo contorno foi traçado pelas mãos deles. Um espírito visto por todos aqui, uma promessa fantasmagórica de fogo.

Duiker suspirou.

- Gostaria de ter testemunhado isso...
- Você verá... Vê? Aí vem de novo!

O historiador assistiu às mãos dançantes, que pareciam estar em contato com uma figura invisível, deixando em sua esteira uma nódoa de luz avermelhada que tremulava. O brilho sugeria uma forma humana, que aos poucos se tornou mais definida: uma mulher, cuja carne era fogo. Ela ergueu os braços e algo semelhante a ferro lampejou em seus pulsos; passaram, então, a ser três dançarinos enquanto ela girava e se contorcia entre os videntes.

O garoto de repente jogou a cabeça para trás e palavras saíram de sua garganta como o moer de pedras:

– Duas fontes de sangue em fúria! Cara a cara. O sangue é o mesmo, os dois são o mesmo, e ondas salgadas hão de lavar as costas do Raraku. O Deserto Sagrado se lembra de seu passado!

A figura em forma de mulher desapareceu. O rapaz tombou para a frente, com um baque rígido como o de uma tábua na areia. O vidente semkês se agachou, pousando a mão na testa do garoto.

– Ele retornou para sua família – disse o velho xamã no silêncio do círculo. – A misericórdia de Dryjhna, a mais rara das dádivas, foi concedida a esta criança.

Homens de tribo endurecidos começaram a chorar, outros caíram de joelhos. Trêmulo, Duiker se afastou, enquanto o círculo aos poucos se contraía. Ele piscou para limpar o suor dos olhos, sentindo que alguém o observava. Olhou ao redor. Diante dele, havia uma figura envolta em couro preto, com um capuz de cabeça de cabra que deixava o rosto nas sombras. Um momento depois, a figura desviou o olhar. Duiker saiu depressa da linha de visão daquele estranho.

Dirigiu-se à aba da tenda.

As Sete Cidades eram uma civilização ancestral, embebida no poder da antiguidade. Ascendentes um dia tinham caminhado por ali, em cada trilha de comerciantes, em cada calçada, em cada estrada perdida entre lugares

esquecidos. Diziam que as areias guardavam poder dentro de suas correntes sussurrantes, que cada pedra tinha absorvido feitiçaria como sangue e que debaixo de cada cidade jaziam as ruínas de incontáveis outras cidades, mais velhas, que remontavam ao próprio Primeiro Império. Diziam que cada cidade se erguia sobre o dorso de fantasmas, sendo a substância dos espíritos espessa como camadas de ossos esmagados; que cada cidade para sempre chorava abaixo das ruas, para sempre ria, gritava, comercializava produtos e barganhava, e rezava, inspirando fundo a primeira respiração que trazia vida e exalando os últimos suspiros que anunciavam a morte. Sob as ruas havia sonhos, sabedoria, tolice, medos, fúria, mágoa, luxúria, amor e ódio amargo.

O historiador saiu na chuva, inspirando fundo o ar limpo e fresco enquanto se envolvia mais uma vez em sua capa.

Conquistadores podiam tomar os muros da cidade, matar cada alma que lá vivia, encher cada propriedade, cada casa e cada loja com o próprio povo e, ainda assim, não governar nada além da superfície fina da cidade, a pele do presente; um dia, seriam derrubados pelos espíritos que jaziam embaixo, até se tornarem apenas mais uma camada passageira entre muitas. *Esse é um inimigo que nunca poderemos vencer*, Duiker acreditava. *E a História continua a contar histórias sobre aqueles que desafiaram esse inimigo. Talvez o triunfo não seja alcançado ao derrotar esse inimigo, mas ao se unir a ele, tornando-se com ele um só.*

A imperatriz enviou um novo Punho para demolir os séculos incansáveis desta terra. Ela de fato abandonou Coltaine, como sugeri para Mallick Rel? Ou só o escondeu, a fim de mantê-lo pronto, como uma arma forjada e afiada, para uma tarefa específica?

Duiker deixou o acampamento, mais uma vez encurvado sob as rajadas de chuva. Adiante, se agigantavam os portões do Complexo Imperial. Ele poderia muito bem encontrar respostas para aquelas perguntas na hora seguinte, quando ficaria cara a cara com Coltaine do clã dos Corvos.

Atravessou a trilha esburacada, emitindo sons úmidos ao passar por entre as poças turvas que enchiam os sulcos abertos por cavalos e carroças.

Depois subiu a ladeira lamacenta na direção da portaria.

Quando alcançou a estreita passagem lateral do portão, surgiram dois guardas de capuz.

– Nada de apelos hoje, dosino – disse um dos soldados malazanos. – Tente amanhã.

Duiker desabotoou a capa e a abriu, revelando o diadema imperial preso à túnica.

– O Punho convocou um concílio, não foi?

Os dois soldados bateram continência e recuaram. O que tinha falado antes sorriu, com ar de quem pede desculpas.

– Não sabia que você estava com o outro.

– Que outro?

– Ele entrou faz só alguns minutos, historiador.

– Sim, claro.

Duiker meneou a cabeça para os dois homens e entrou. O chão de pedra da passagem tinha as pegadas de lama de um par de mocassins. Franzindo a testa, ele continuou, entrando na parte interior do complexo. Uma calçada coberta acompanhava a parede à esquerda, dando na poterna lateral da construção atarracada e sem graça do quartel-general. Já encharcado, Duiker ignorou a calçada, escolhendo cruzar diretamente o complexo a caminho da entrada principal do prédio. Notou de passagem que o homem que o precedera tinha feito a mesma coisa. As marcas empoçadas de seus passos traíam o andar de quem tinha as pernas tortas. O franzido na testa do historiador ficou ainda mais profundo.

Duiker alcançou a entrada, onde outro guarda apareceu e indicou a sala de reuniões. Ao se aproximar das portas duplas, verificou em volta, à procura das pegadas de seu predecessor, mas não havia nenhuma. Aparentemente, ele tinha ido para alguma outra câmara do prédio. Dando de ombros, abriu as portas.

A sala de reuniões tinha teto baixo e as paredes de pedra não eram rebocadas, mas banhadas de tinta branca. Uma mesa comprida de mármore

dominava o cenário, parecendo estranhamente incompleta sem as cadeiras. Mallick Rel, Kulp, Coltaine e mais um oficial wickano já estavam presentes. Todos se viraram quando o historiador entrou, e as sobancelhas de Rel se ergueram, com leve surpresa. Ele claramente não sabia que Coltaine tinha estendido o convite a Duiker. A intenção do novo Punho teria sido desequilibrar o sacerdote, uma exclusão proposital? Depois de um momento, o historiador abandonou a ideia. Era mais provável que se tratasse do resultado de um novo comando desorganizado.

As cadeiras haviam sido removidas especificamente para aquela reunião, fato evidenciado pelos rastros que as pernas haviam deixando na poeira branca do chão. O desconforto de não saber onde ficar ou como se posicionar era nítido, tanto em Mallick Rel quanto em Kulp. O sacerdote jhista de Mael trocava o peso de uma perna para outra e o suor de sua testa refletia o brilho severo dos lampiões postos sobre a mesa, enquanto suas mãos se encontravam cruzadas sob as mangas das vestes. Kulp parecia precisar de uma parede a que se encostar, mas era claro que não tinha muita certeza de como os wickanos veriam tal postura relaxada.

Sorrindo por dentro, Duiker tirou a capa, que pingava, e a pendurou em um velho suporte de tocha ao lado das portas.

Virou-se, então, e se apresentou diante do novo Punho, parado na extremidade mais próxima da mesa. À esquerda dele estava seu oficial, um veterano carrancudo cujo rosto largo e achatado parecia dobrar-se sobre si mesmo em uma cicatriz na diagonal que ia do lado direito da mandíbula ao esquerdo da testa.

– Sou Duiker, historiador do Império. – Ele fez uma curta reverência. – Bem-vindo a Hissar, Punho.

De perto, conseguia ver que o líder guerreiro do clã dos Corvos mostrava o desgaste de seus 40 anos no norte das planícies de Wickan, em Quon Tali. Seu rosto magro e inexpressivo estava marcado com riscos profundos ao redor da boca fina e larga e pés de galinha nos cantos dos olhos escuros e fundos. Tranças de cabelo oleoso iam até abaixo dos ombros,

amarradas com amuletos de pena de corvo. Ele era alto; vestia um colete metálico, danificado pelo excesso de uso, sobre uma camisa de couro, e uma capa de penas de corvo caía de seus ombros largos até a parte de trás dos joelhos. Usava calças de montaria, amarradas com tripas nas laterais dos quadris. Uma faca longa com cabo de chifre se projetava de baixo de seu braço esquerdo.

Em resposta às palavras de Duiker, ele inclinou a cabeça.

– Quando o vi pela última vez, você estava na cama de campanha do próprio imperador, febril, prestes a atravessar um dos Portões do Encapuzado – disse, com seu sotaque áspero wickano. – Você tinha sido rasgado pela lança de um jovem guerreiro chamado Bult e, por essa tentativa, um soldado chamado Dujek beijou o rosto de Bult com sua espada. – Coltaine se virou devagar, sorrindo, para encarar o wickano marcado pela cicatriz a seu lado.

O rosto do cavaleiro grisalho permaneceu inexpressivo enquanto ele fulminava Duiker com o olhar. Depois de um momento, balançou a cabeça e estufou o peito.

– Eu me lembro de um homem desarmado. A falta de armas em suas mãos virou minha lança no último momento. Lembro-me da espada de Dujek, que roubou minha beleza enquanto meu cavalo mordia seu braço, estraçalhando-lhe o osso. Lembro que Dujek perdeu aquele braço para os cirurgiões, corrompido como estava pelo hálito do meu cavalo. Cá entre nós, saí perdendo naquela interação, pois um braço a menos não acabou com a carreira gloriosa de Dujek, enquanto a perda da minha beleza me deixou apenas com a esposa que eu já tinha.

– E ela não era sua irmã, Bult?

– Era, Coltaine. E cega.

Os dois wickanos ficaram em silêncio, um com a testa franzida, outro com a cara fechada.

De um dos lados, Kulp deu voz a algo semelhante a um grunhido estrangulado. Duiker arqueou uma sobrancelha devagar.

– Sinto muito, Bult. Embora eu estivesse na batalha, não vi Coltaine nenhuma vez, nem você. Em todo caso, não notei nenhuma perda especial na sua beleza.

O veterano assentiu.

– Você precisaria ter olhado com atenção, é verdade.

– Talvez seja a hora de encerrar os gracejos, ainda que sejam tão divertidos, e iniciar o concílio – disse Mallick Rel.

– Quando eu estiver pronto – disse Coltaine calmamente, ainda contemplando Duiker.

Bult grunhiu.

– Diga-me, historiador, o que o inspirou a entrar na batalha sem armas?

– Talvez eu as tivesse perdido no tumulto.

– Mas não perdeu. Você não usava cinto nem bainha, nem levava escudo. Duiker deu de ombros.

– Se tenho de registrar os acontecimentos deste Império, preciso estar no meio deles, senhor.

– Você irá exibir tal fervor imprudente ao registrar os acontecimentos do comando de Coltaine?

– Fervor? Ah, sim, senhor. Quanto à imprudência... – Ele suspirou. – Infelizmente, minha coragem já não é como antes. Hoje em dia uso armadura quando vou assistir a uma batalha, além de levar comigo uma espada curta e um escudo. E um elmo. E vou cercado de uma escolta e fico pelo menos a 5 quilômetros do meio da luta.

– Os anos lhe trouxeram sabedoria – observou Bult.

– Em algumas coisas, temo que não o bastante – disse Duiker devagar. Encarou Coltaine. – Eu ainda teria ousadia suficiente, Punho, para aconselhá-lo durante este concílio.

O olhar de Coltaine deslizou para Mallick Rel ao falar:

– Você tem medo, pois assume que dirá coisas que não serão de meu agrado. E que talvez, ao ouvi-las, eu ordene que Bult conclua a tarefa de matá-lo. – Depois de uma pausa, continuou: – Isso me diz muito sobre a

situação de Aren.

– Sei pouco a respeito disso – declarou Duiker, sentindo o suor pingar por dentro de sua túnica. – Mas sei menos ainda sobre você, Punho.

A expressão de Coltaine não mudou. Ele lembrava a Duiker uma naja, erguendo-se lentamente diante dele, fria, sem piscar.

– Tenho uma pergunta – disse Mallick Rel. – O concílio já começou?

– Ainda não – respondeu Coltaine lentamente. – Vamos esperar meu bruxo.

O sacerdote de Mael inspirou e prendeu a respiração. De um dos lados, Kulp deu um passo à frente.

Duiker percebeu sua garganta ficar seca de repente. Limpando-a, disse:

– Não era ordem da imperatriz, em seu primeiro ano no trono, que os bruxos wickanos fossem... ahn... exterminados? Não houve uma execução em massa naquela época? Eu me lembro de ter visto os muros externos de Unta...

– Eles levaram muitos dias para morrer – disse Bult. – Suspensos pelas lanças de ferro até os corvos virem buscar suas almas. Levamos nossas crianças até os muros da cidade, a fim de que elas pudessem contemplar os anciões tribais cujas vidas nos foram tiradas por ordem daquela mulher de cabelo curto. Nós criamos cicatrizes na memória dessas crianças, para mantermos a verdade viva.

– Uma imperatriz a quem agora vocês servem – disse Duiker, observando o rosto de Coltaine.

– A mulher de cabelo curto não sabe nada dos hábitos wickanos – retrucou Bult. – Os corvos que carregaram dentro de si as maiores almas wickanas retornaram ao nosso povo, aguardando cada novo nascimento, e assim o poder de nossos anciões retornou a nós.

Uma entrada lateral que Duiker não notara antes se abriu, deslizando. Uma figura alta, com as pernas tortas, adentrou a sala. Seu rosto estava oculto na sombra pelo capuz de cabeça de cabra, que ela puxou para trás, revelando o semblante liso de um menino que não tinha mais que 10 anos.

Os olhos escuros do jovem encontraram os do historiador.

– Este é Sormo E'nath – disse Coltaine.

– Sormo E'nath, um velho, foi executado em Unta! – vociferou Kulp. – Ele era o mais poderoso dos bruxos. A imperatriz quis se certificar de que estava morto. Dizem que levou onze dias para morrer no muro. Este não é Sormo E'nath. É um garoto.

– Onze dias – grunhiu Bult. – Nenhum corvo sozinho conseguiu guardar a alma dele inteira. Cada dia veio mais um, até que tudo estivesse acabado. Onze dias, onze corvos. Tamanho era o poder de Sormo, a força de vontade de sua vida, e tal foi a honra concedida a ele pelos espíritos de asas negras. Onze vieram até ele. *Onze*.

– Feitiçaria ancestral – sussurrou Mallick Rel. – A maior parte dos pergaminhos antigos insinua essas coisas. Este garoto foi chamado de Sormo E'nath. É mesmo o bruxo renascido?

– Os rhivi de Genabackis têm crenças similares – comentou Duiker. – Uma criança recém-nascida pode ser o receptáculo de uma alma que ainda não atravessou os Portões do Encapuzado.

O garoto falou, com a voz ainda fina, mas já irregular, à beira da idade adulta:

– Eu sou Sormo E'nath, que carrega no osso de seu peito a memória de uma lança de ferro. Onze corvos estiveram presentes em meu nascimento. – Prendeu a capa atrás dos ombros. – Hoje apareci em um ritual de adivinhação e vi ali, entre a multidão, o historiador Duiker. Juntos testemunhamos uma visão enviada por um espírito de grande poder, um espírito cujo rosto é um entre muitos. Esse espírito prometeu o apocalipse.

– Eu vi o mesmo que ele – disse Duiker. – Uma caravana de comerciantes acampou do lado de fora da cidade.

– Não perceberam que você é um malazano? – perguntou Mallick.

– Ele fala bem a língua tribal – disse Sormo. – E gesticula anunciando seu ódio pelo Império. Tanto seu semblante quanto seus gestos são bons o bastante para enganar os nativos. Diga, historiador, você já viu adivinhações

como aquela antes?

– Nenhuma tão... óbvia – admitiu Duiker. – Mas já vi sinais suficientes para perceber o movimento crescente. O ano novo trará rebeliões.

– É uma declaração ousada – disse Mallick Rel, suspirando, claramente desconfortável por estar em pé. – O novo Punho faria bem em considerar com cautela afirmações desse tipo. Muitas são profecias desta terra, e há tantas delas quanto há pessoas, ao que parece. E essa abundância de profecias enfraquece a veracidade de cada uma delas. Desde a conquista malazana, a cada ano são prometidas rebeliões nas Sete Cidades. Em que deram essas promessas? Em nada.

– O sacerdote possui motivos ocultos – disse Sormo.

Duiker prendeu a respiração.

O rosto redondo e banhado de suor de Mallick Rel empalideceu.

– Todos os homens têm motivos ocultos – disse Coltaine, como se desconsiderasse a insinuação do bruxo. – Ouço conselhos de alerta e de cautela. Um bom equilíbrio. Essas são as minhas palavras. O mago que anseia por se recostar contra paredes de pedra me vê como uma víbora em seu saco de dormir. Seu medo de mim fala por cada soldado do Sétimo Exército. – O Punho cuspiu no chão, contorcendo o rosto. – Não me importo nem um pouco com seus sentimentos. Se obedecerem às minhas ordens, eu os servirei em troca. Caso contrário, arrancarei o coração de seus peitos. Você ouve minhas palavras, mago de regimento?

Kulp estava de cara fechada.

– Ouço.

– Estou aqui para transmitir as ordens do Alto Punho Pormqual... – A voz de Rel era quase estridente.

– Antes ou depois das boas-vindas oficiais do Alto Punho? – Mesmo enquanto falava, Duiker se arrependeu de suas palavras, apesar da risada rosnada de Bult.

Em resposta, Mallick Rel se empertigou.

– O Alto Punho Pormqual recebe com boas-vindas o Punho Coltaine

nas Sete Cidades e lhe deseja um bom novo comando. O Sétimo Exército continua como um dos três exércitos originais do Império Malazano e o Alto Punho tem certeza de que o Punho Coltaine honrará o louvável histórico dessas instituições.

– Não me importo com reputações – disse Coltaine. – Que sejam julgadas por seus atos. Prossiga.

Tremendo, Rel continuou:

– O Alto Punho Pormqual me pediu para transmitir suas ordens ao Punho Coltaine. O almirante Nok deve deixar o porto de Hissar e seguir para Aren assim que seus navios forem reabastecidos. O Punho Coltaine deve começar os preparativos para marchar com o Sétimo, por terra... até Aren. É desejo do Alto Punho inspecionar o Sétimo antes de seu posicionamento final. – O sacerdote tirou um pergaminho selado de suas vestes e o colocou sobre a mesa. – Tais são as ordens do Alto Punho.

Um olhar de desgosto escureceu as feições de Coltaine. Ele cruzou os braços e deu as costas para Mallick Rel, de propósito.

Bult forçou uma risada.

– O Alto Punho deseja inspecionar o exército. Presumo que ele tenha um Alto Mago assistente, e talvez um Mão da Garra também. Se pretende inspecionar as tropas de Coltaine, ele pode vir até aqui por Labirinto. O Punho não tem intenção de equipar seu exército e marchar mais de 2 mil quilômetros só para que Pormqual possa fazer cara feia para a poeira nas botas de seus soldados. Tal movimentação deixaria as províncias orientais das Sete Cidades sem um exército permanente. Num momento de inquietação como este, uma atitude assim seria vista como uma retirada, principalmente por vir acompanhada do afastamento da frota de Sahul. Esta terra não pode ser governada de dentro dos muros de Aren.

– Desafiando a ordem do Alto Punho? – sussurrou Rel, com os olhos reluzindo como diamantes cobertos de sangue sobre as costas largas de Coltaine.

O Punho girou.

– Estou aconselhando a mudança dessa ordem. E agora aguardo uma resposta.

– Uma resposta que eu mesmo posso dar – disse o sacerdote asperamente.

Coltaine sorriu, com escárnio.

– Você? – questionou Bult. – Você é um sacerdote, não um soldado, nem um governador. Sequer é considerado um membro do Comando Central.

O olhar furioso de Rel voou do Punho para o veterano.

– Não sou? Na verdade...

– Não pela imperatriz Laseen – interrompeu Bult. – Ela não sabe nada de você, sacerdote, exceto pelos relatórios do Alto Punho. Entenda que a imperatriz não concede poder a pessoas que não conhece. O Alto Punho Pormqual empregou você como um garoto de recados, e é assim que será tratado pelo Punho. Você não comanda coisa alguma. Nem a Coltaine, nem a mim, nem mesmo a um modesto cozinheiro sujo do Sétimo.

– Transmitirei tais palavras e sentimentos ao Alto Punho.

– Sem dúvida. Você já pode se retirar.

O queixo de Rel caiu.

– Me retirar?

– Já terminamos a parte que dizia respeito a você. Saia.

Em silêncio, assistiram à partida do sacerdote. Assim que as portas se fecharam, Duiker se virou para Coltaine.

– Isso pode não ter sido uma atitude sábia, Punho.

Os olhos de Coltaine pareciam sonolentos.

– Bult falou, não eu. – Duiker olhou para o veterano. O wickano desfigurado sorria largamente. – Fale de Pormqual – continuou Coltaine. – Você o conheceu?

O historiador olhou de volta para o Punho.

– Conheci.

– Ele governa bem?

– Até onde fui capaz de perceber, ele não governa – respondeu Duiker. –

A maior parte dos éditos é emitida pelo homem que você... que Bult acabou de expulsar deste concílio. Há uma horda de outros por trás das cortinas, a maioria abastados mercadores, nobres de nascença, que são os principais responsáveis pelos cortes na tributação oficial sobre produtos importados e pelo correspondente aumento nos impostos locais sobre produtos e exportações, com isenções, claro, para qualquer exportação em que eles mesmos estejam envolvidos. A ocupação imperial é administrada pelos comerciantes malazanos, uma situação mantida desde que Pormqual assumiu o título de Alto Punho, quatro anos atrás.

– Quem era o Alto Punho antes dele? – perguntou Bult.

– Cartheron Crosta, que morreu afogado uma noite, no porto de Aren. Kulp bufou.

– Crosta conseguiria, bêbado, atravessar um ciclone a nado, mas então se afogou, exatamente como seu irmão Urko. É claro que nenhum dos dois corpos foi encontrado.

– Quer dizer que...

Kulp sorriu para Bult, mas nada disse.

– Tanto Crosta quanto Urko eram homens do imperador – explicou Duiker. – Parece que tiveram o mesmo destino que a maior parte dos companheiros de Kellanved, incluindo o Velho Toc e Ameron, cujos corpos também jamais foram encontrados. – O historiador deu de ombros. – História antiga. História *proibida*, na verdade.

– Você presume que eles foram assassinados a mando de Laseen – disse Bult, exibindo os dentes irregulares e pontudos. – Mas imagine que os comandantes mais capazes da imperatriz simplesmente... desaparecessem, deixando-a isolada, desesperada por uma ajuda competente. Você se esquece, historiador, que, antes de Laseen se tornar imperatriz, ela era uma companheira próxima de Crosta, Urko, Ameron, Dassem e dos outros. Imagine-a agora, sozinha, ainda sentindo as dores do abandono.

– E o assassinato de outros companheiros próximos, Kellanved e Dançarino? Ela não imaginou que isso afetaria sua amizade com esses

comandantes? – Duiker balançou a cabeça, consciente da amargura em sua voz. *Eles eram meus companheiros também.*

– Alguns erros de julgamento nunca podem ser desfeitos – disse Bult. – O imperador e Dançarino eram conquistadores hábeis... Mas eram *governantes* hábeis?

– Nunca saberemos – rosnou Duiker.

O suspiro do wickano foi quase como uma bufada.

– Não, mas, se havia uma pessoa próxima ao trono capaz de ver o que estava por vir, essa pessoa era Laseen.

Coltaine cuspiu no chão mais uma vez.

– É tudo o que há para dizer sobre esse assunto, historiador. Registre as palavras que foram ditas aqui, se você não achar o gosto delas amargo demais. – Ele olhou para Sormo E'nath, em silêncio, enrugando a testa ao contemplar seu bruxo.

– Eu as recontaria de qualquer forma, mesmo que engasgasse com elas – replicou Duiker. – Não poderia me considerar um historiador de outro modo.

– Muito bem, então. – O olhar do Punho se manteve sobre Sormo E'nath. – Diga, historiador: que poder Mallick Rel tem sobre Pormqual?

– Eu gostaria de saber, Punho.

– Descubra.

– Você está pedindo que eu me torne um espião.

Coltaine se virou para ele com um leve sorriso.

– E o que você era naquela tenda de comerciantes, Duiker?

Duiker fez uma careta.

– Eu teria de ir a Aren. Acho que Mallick Rel não me receberia muito bem nas reuniões secretas. Não depois de eu ter testemunhado a humilhação que sofreu aqui. Garanto que ele me marcou, agora, como um inimigo... E seus inimigos têm o péssimo hábito de desaparecer.

– Eu não irei desaparecer – disse Coltaine. Aproximou-se, estendeu a mão e segurou o ombro do historiador. – Vamos ignorar Mallick Rel, então.

Você fará parte de minha equipe.

– Como desejar, Punho – disse Duiker.

– O concílio está encerrado. – Coltaine olhou para o bruxo. – Sormo, você deverá me contar a aventura desta manhã... mais tarde.

O bruxo fez uma reverência.

Duiker pegou sua capa e, seguido por Kulp, deixou a câmara. Quando as portas se fecharam atrás deles, o historiador puxou o mago de regimento pela manga.

– Uma palavra com você. Em particular.

– Exatamente o que pensei – disse Kulp.

Encontraram uma sala no fim do corredor, amontoadas de mobília quebrada, mas, fora isso, desocupada. Kulp fechou e trancou a porta para, em seguida, encarar Duiker com olhos selvagens.

– Ele nem mesmo é um homem... É um animal, e vê as coisas como um animal. E Bult... Bult lê os rosnados e a pelagem eriçada de seu mestre e transforma tudo em palavras... Nunca ouvi falar de um wickano tão tagarela quando aquele velho mutilado.

– Evidentemente – disse Duiker, seco. – Coltaine tinha muito a dizer.

– Suspeito que o sacerdote de Mael esteja planejando sua vingança agora mesmo.

– É. Mas foi Bult defendendo a imperatriz que me abalou.

– Você acha o argumento dele razoável?

Duiker suspirou.

– Que ela se arrependa de suas ações e agora sinta, enfim, a solidão do poder? É possível. Interessante, mas a relevância dessa possibilidade já passou há muito tempo.

– Você acha que Laseen fez confidências a esses dois selvagens wickanos?

– Coltaine foi convocado a uma audiência com a imperatriz e aposto que Bult está de certa forma preso a seu mestre. Mas o que aconteceu entre eles nos aposentos particulares de Laseen eu não tenho como saber. – O historiador deu de ombros. – Parece claro que eles estavam preparados para

Mallick Rel. E você, Kulp, o que pensa do jovem bruxo?

– Jovem? – O mago fez uma careta. – Aquele *menino* tem a aura de um ancião. Consegui sentir nele o ritual de beber sangue de égua, e esse ritual marca o Tempo de Ferro de um bruxo, seus últimos anos de vida, o maior florescimento de todo o seu poder. Você o viu? Ele atirou um dardo no sacerdote e ficou em silêncio, observando o efeito.

– Mesmo assim, você alegou que era tudo mentira.

– Não há necessidade de deixar Sormo saber como meu nariz é sensível, e vou continuar a tratá-lo como se ele fosse um moleque, um impostor. Se eu tiver sorte, ele vai me ignorar.

Duiker hesitou. Dentro da sala não parecia haver circulação de ar e pairava um cheiro de poeira.

– Kulp – disse finalmente.

– Que é, historiador? O que você quer me pedir?

– Não tem nada a ver com Coltaine, nem com Mallick Rel, nem com Sormo E'nath. Eu preciso de sua ajuda.

– Para quê?

– Desejo libertar um prisioneiro.

As sobrancelhas do mago se ergueram.

– Da cadeia de Hissar? Historiador, eu não tenho influência sobre a Guarda de Hissar...

– Não, não da cadeia da cidade. É um prisioneiro do Império.

– Onde o prisioneiro está sendo mantido?

– Foi vendido como escravo, Kulp. Está nas minas de otataral.

O mago encarou o historiador.

– Pelo sopro do Encapuzado, Duiker, você está pedindo a ajuda de um *mago*? Você acha que em sã consciência eu chegaria perto daquelas minas? Otataral destrói magia, deixa os magos insanos...

– “Perto” apenas em um barquinho na costa da ilha – interrompeu Duiker. – Prometo, Kulp.

– Para buscar um prisioneiro, e daí? Remar como um demônio em uma

galé dosina de guerra, em franca perseguição?

Duiker sorriu.

– Algo assim.

Kulp olhou para a porta fechada. Depois fitou os destroços no interior da sala, como se não tivesse notado que eles estavam ali antes.

– Que câmara é esta?

– O escritório da Punho Torlom – respondeu Duiker. – O local em que o assassino dryjhnii a encontrou naquela noite.

Kulp aquiesceu devagar.

– E nós escolhemos esta sala por acaso?

– Espero realmente que sim.

– Eu também, historiador.

– Você vai me ajudar?

– Esse prisioneiro... Quem é ele?

– Heboric Toque Leve.

Kulp assentiu devagar mais uma vez.

– Deixe-me pensar um pouco a respeito, Duiker.

– Posso perguntar o que o faz hesitar?

Kulp fechou a cara.

– A ideia de outro historiador traiçoeiro solto no mundo. O que mais?

A Cidade Sagrada de Ehrlitan era toda construída com pedra branca, erguendo-se do porto para cercar uma vasta colina, de topo plano, conhecida como Jen'rahb. Acreditava-se que uma das primeiras cidades do mundo jazia enterrada dentro de Jen'rahb e que o Trono dos Sete Protetores aguardava nos escombros ali compactados. De acordo com a lenda, não se tratava de um trono, mas de uma câmara que abrigava sete estrados elevados, organizados em um círculo, cada um santificado por um dos Ascendentes que fundaram as Sete Cidades. Ehrlitan tinha mil anos, mas se acreditava que a cidade antiga de Jen'rahb, agora uma colina de pedra

esmagada, tinha nove vezes mais.

Um Falah'd de Ehrlitan tinha dado início a uma construção extensa e ambiciosa no topo plano de Jen'rahb, a fim de honrar a cidade enterrada sob aquelas ruas. As pedreiras ao longo da costa norte haviam sido evisceradas, encostas inteiras exauridas, os blocos brancos de mármore, pesando 10 toneladas, organizados e transportados por navio até o porto de Ehrlitan, depois empurrados pelos distritos mais baixos até as rampas que davam no topo da colina. Templos, propriedades, jardins, cúpulas, torres e o próprio palácio do Falah'd erguiam-se como as pedras preciosas de uma verdadeira coroa sobre Jen'rahb.

Três anos depois que o último bloco tinha sido colocado em seu lugar, a antiga cidade enterrada... deu de ombros. Corredores subterrâneos desmoronaram sob o imenso peso da Coroa do Falah'd, muros cederam, pedras de fundação desabaram sobre ruas inundadas de poeira. Abaixo da superfície, a poeira se comportara como água, descendo as ruas e os becos com fúria, invadindo portas abertas, sob os pisos... Tudo isso de forma oculta, na escuridão desamparada de Jen'rahb. Na superfície, na aurora clara que assinalava um aniversário do governo do Falah'd, a Coroa afundou, torres tombaram, cúpulas racharam em nuvens de pó de mármore branco e o palácio afundou de modo desigual, em alguns pontos não mais de 30 centímetros, em outros, mais de 40 metros dentro das corredeiras de poeira.

Observadores da Cidade Baixa descreveram o acontecimento. Era como se uma mão gigante e invisível tivesse descido sobre a Coroa, fechando-se de modo a abarcar todas as construções, esmagando-as enquanto empurrava tudo para dentro da colina. Por vários dias, o sol não foi mais que um disco de cobre no céu, coberto pela nuvem de poeira que se erguera.

Mais de trinta mil pessoas haviam morrido naquele dia, incluindo o próprio Falah'd. Dos três mil que moravam e trabalhavam no palácio, apenas um tinha sobrevivido: um jovem ajudante de cozinha, que acabou convencido de que o copo que ele tinha deixado cair no chão um momento antes do terremoto era o verdadeiro culpado de toda a catástrofe. Levado à

loucura pela culpa, enfiara uma faca no próprio coração, no Círculo Merykra da Cidade Baixa, e seu sangue tinha escorrido até banhar as pedras do pavimento onde Violinista agora se encontrava.

Os olhos azuis do sabotador se estreitaram ao observar a tropa de Lâminas Vermelhas que cavalgava com vigor por entre a multidão, que se dispersou depressa, até o outro lado do Círculo.

Envolto por vestes de fino linho branco imaculado, com o capuz puxado sobre a cabeça ao modo de um homem da tribo gral, ele permaneceu imóvel sobre a pedra sagrada do piso, com suas inscrições comemorativas desbotadas. Violinista se perguntava se as pancadas de seu coração eram altas o bastante para serem ouvidas pela multidão nervosa ao seu redor. Amaldiçoou-se por arriscar um passeio pela cidade antiga e depois amaldiçoou Kalam por atrasar a partida deles a fim de estabelecer contato com um de seus velhos agentes ali.

– *Mezla'ebdin!* – sibilou uma voz próxima.

“Cachorrinhos malazanos” era uma tradução suficientemente precisa. Os Lâminas Vermelhas haviam nascido nas Sete Cidades, mas juravam lealdade absoluta à imperatriz. Ainda que fossem inoportunos no momento, era raro haver pragmáticos em uma terra de sonhadores fanáticos. Os Lâminas Vermelhas haviam iniciado, de forma independente, uma repressão aos seguidores de Dryjhna, e à sua maneira típica: com lanças e com o gume de suas espadas.

Meia dúzia de vítimas jaziam imóveis nas pedras imaculadas do Círculo, em meio a cestos, feixes de tecido e comida. Duas meninas pequenas estavam agachadas ao lado do corpo de uma mulher, perto da fonte seca. Borrifos de sangue decoravam muros próximos. A algumas ruas de distância, os alarmes da Guarda Ehrlitana soavam; o Punho da cidade tinha acabado de ser informado que os Lâminas Vermelhas desafiavam seu governo inepto mais uma vez.

Os cavaleiros selvagens continuaram seu massacre improvisado e indiscriminado subindo a principal avenida que partia do Círculo e logo

sumiram de vista. Mendigos e ladrões se atiraram sobre os corpos abatidos, enquanto o ar se enchia com vozes em pranto. Um cafetão corcunda recolheu as duas meninas e mancou para longe dali, sumindo em um beco.

Alguns minutos antes, Violinista quase tivera o próprio crânio rachado ao meio, ao entrar no Círculo e se ver no meio do caminho de um Lâmina Vermelha em disparada. Sua experiência de soldado o fez se atirar para o outro lado do cavalo, forçando o soldado a virar a espada para onde antes estava o escudo. Um mergulho final sob a lâmina da espada tirou o sabotador do alcance do soldado. O Lâmina Vermelha não se preocupou em persegui-lo; em vez disso, seguiu adiante, rumo ao próximo cidadão desafortunado: uma mulher que tentava desesperadamente tirar duas crianças do caminho do cavalo.

Violinista se sacudiu, praguejando entre os dentes. Abrindo caminho pela multidão, dirigiu-se ao beco pelo qual o cafetão tinha fugido. Prédios altos e inclinados envolviam a passagem estreita em sombras. O cheiro de comida podre e de algo morto preenchia o ar com um fedor carregado. Violinista não avistou ninguém enquanto caminhava pé ante pé, com cuidado. Alcançou uma trilha entre dois muros altos; estava coberta de folhas secas de palma até a altura da canela e era tão estreita que nela mal cabia uma mula. Atrás de cada um dos grandes muros havia um jardim e as palmeiras altas tinham suas copas entrelaçadas, formando uma espécie de teto a 6 metros de altura. Trinta passos adiante, a passagem terminava e ali estava o cafetão, agachado, com um joelho segurando a menina mais nova no chão enquanto pressionava a outra contra o muro, apalpando suas pernas.

A cabeça do cafetão virou para trás ao som dos passos de Violinista sobre as folhas secas. Ele tinha a pele branca de um skrae e mostrou dentes enegrecidos em um sorriso astucioso.

– Gral, a garota é sua por meia jakata depois que eu violar a pele dela. A outra vai custar mais, por ser mais nova.

Violinista se aproximou do homem.

– Compro. Esposas. Duas jakatas.

O cafetão bufou.

– Consigo o dobro disso em uma semana. Dezesseis jakatas.

Violinista desembainhou a faca longa gral que tinha comprado uma hora antes e a pressionou contra a garganta do homem.

– Duas jakatas e minha misericórdia, simharal.

– Feito, gral – rangeu o alcoviteiro, com os olhos arregalados. – Feito, juro pelo Encapuzado!

Violinista pegou duas moedas de seu cinto e jogou-as nas folhas. Depois, recuou.

– Vou levar as duas agora.

O simharal caiu de joelhos, remexendo as folhas secas.

– Leve, gral, leve.

Violinista grunhiu, embainhando a faca e pegando uma menina em cada braço. Dando as costas para o cafetão, saiu do beco. Era muito improvável que o homem fosse tentar alguma coisa contra ele. Homens da tribo gral costumavam implorar por insultos que justificassem sua atividade preferida: arrumar confusão. E, diziam, era impossível atacar um deles pelas costas; assim, ninguém ousava tentar. Apesar disso, Violinista ficou grato pelo espesso carpete de folhas que havia entre ele e o cafetão.

Deixou o beco. As meninas pendiam como bonecas grandes demais em seus braços, ainda entorpecidas pelo choque. Ele olhou o rosto da mais velha. Tinha 9, talvez 10 anos de idade, e o encarou com seus olhos escuros arregalados.

– Você está segura agora – disse ele. – Vou colocá-la no chão. Consegue andar? Pode me mostrar onde mora?

Depois de um longo momento, ela assentiu.

Foram até um dos caminhos tortuosos que cruzavam uma rua na Cidade Baixa. Violinista colocou a menina no chão, embalando a outra na curva do braço: ela parecia ter adormecido. A mais velha imediatamente agarrou as vestes dele para evitar que fosse arrastada pela multidão feroz e começou a

puxá-lo consigo.

– Casa? – perguntou Violinista.

– Casa – respondeu a garota.

Dez minutos depois, saíram do distrito do mercado e entraram em uma área residencial mais silenciosa, com habitações modestas, mas limpas. A menina guiou Violinista na direção de uma rua lateral. Assim que chegaram lá, outras crianças apareceram, gritando e correndo ao redor deles. Um momento depois, três homens armados irromperam do portão de um jardim. Confrontaram Violinista com cimitarras em riste e a multidão de crianças se dispersou para todos os lados, de repente silenciosa e atenta.

– Nahal Gral – grunhiu Violinista. – A mulher tombou nas mãos de um Lâmina Vermelha. Um simharal levou essas duas. Eu as comprei. Intactas. Três jakatas.

– Duas – corrigiu um dos homens, cuspiendo nos paralelepípedos aos pés de Violinista. – Encontramos o simharal.

– Duas para comprar. Mais uma para entregar. Intactas. Três. – Violinista deu um sorriso rígido. – Preço justo. Baixo, pela honra gral. Baixo, para proteção gral.

Um quarto homem falou por trás de Violinista:

– Paguem o gral, seus tolos. Cem jakatas de ouro não seria preço alto demais. A aia e as crianças estavam sob a proteção de vocês, e ainda assim vocês fugiram quando os Lâminas Vermelhas chegaram. Se este gral não tivesse topado com as crianças e as comprado, elas estariam violadas agora. Paguem e abençoem este gral com a proteção da Rainha dos Sonhos, tanto ele quanto sua família, pela eternidade. – O homem contornou Violinista devagar. Vestia a armadura de um guarda particular, com a insígnia de capitão. Seu rosto magro trazia cicatrizes, com o símbolo riscado de um veterano de Y'ghatan, e nas costas das mãos havia marcas altas, resultantes de uma queimadura. Seus olhos duros encararam os de Violinista. – Pergunto seu nome de comerciante, gral, para que possamos honrá-lo em nossas orações.

Violinista hesitou. Então deu ao capitão seu nome verdadeiro, o nome com que tinha nascido, muito tempo antes. O homem franziu a testa ao ouvi-lo, mas não fez qualquer comentário.

Um dos guardas se aproximou com as moedas na mão. Violinista ofereceu a criança adormecida ao capitão, dizendo:

– É errado ela estar dormindo.

O veterano grisalho recebeu a criança com gentil atenção.

– O curandeiro da Casa cuidará dela.

Violinista olhou ao redor. Claramente, as crianças pertenciam a uma família rica e poderosa, embora as moradias à vista fossem relativamente pequenas, lares de pequenos comerciantes e artesãos.

– Você fará a refeição conosco, gral? – perguntou o capitão. – O avô das crianças desejará vê-lo.

Curioso, Violinista concordou. Seguiu o capitão até a entrada baixa de uma poterna, no muro do jardim. Os três guardas se adiantaram para abrir o portão. A menina foi a primeira a entrar.

O portão se abriu para um jardim surpreendentemente vasto, onde o ar estava fresco e úmido por causa da respiração de um riacho oculto escorrendo através da viçosa vegetação rasteira. Velhas árvores frutíferas e nogueiras providenciavam um dossel ao trajeto, margeado por pedras. Do outro lado, erguia-se um muro alto, feito inteiramente de vidro escuro.

Padrões multicoloridos brilhavam nas vidraças, com gotículas de umidade e pequenas manchas minerais. Violinista nunca tinha visto tanto vidro em um só lugar. Havia uma única porta no muro, feita de linho branco esticado em uma moldura fina de ferro. Diante dela estava um homem idoso, vestido com um manto amassado e laranja. O tom ocre escuro de sua pele era realçado pelo contraste com o cabelo branco. A menina correu para abraçá-lo. Os olhos âmbar dele se mantiveram firmes em Violinista.

O sabotador se ajoelhou, em reverência.

– Imploro sua bênção, andarilho espectral – disse ele, com seu sotaque gral ainda mais carregado.

A risada do sacerdote tanno foi como areia sendo soprada.

– Não posso abençoar o que você não é, senhor – disse ele em voz baixa.

– Mas, por favor, junte-se a mim e ao capitão Turqa para uma refeição em particular. Acredito que esses guardiões estão ávidos para recuperar sua coragem de tomar conta das crianças, aqui dentro dos limites do jardim. – Ele baixou a mão envelhecida sobre a testa da menina que dormia. – Selal se protege de seu modo. Capitão, diga ao curandeiro que ela deve ser puxada de volta para este mundo gentilmente.

O capitão passou a criança para um dos guardas.

– Você ouviu o mestre. Rápido.

As duas meninas foram levadas para dentro da porta de linho. Gesticulando, o andarilho espectral tanno guiou Violinista e Turqa para a mesma porta num passo mais sossegado.

Dentro da sala com paredes de vidro havia uma mesa baixa de ferro e, ao redor dela, cadeiras forradas com couro, da altura dos joelhos. Na mesa havia tigelas com frutas e carnes frescas, manchadas de vermelho por temperos. Um jarro de cristal, contendo um vinho amarelo e pálido, tinha sido destampado a fim de respirar um pouco. Na base do jarro, a sedimentação do vinho tinha dois dedos de espessura: brotos de flores do deserto e carcaças de abelhas brancas. Seu perfume doce e fresco se espalhava pela câmara.

A porta interna, de madeira maciça, se situava em uma parede de mármore. Na mesma parede, pequenas alcovas guardavam velas acesas, que exibiam chamas de cores variadas. Seus reflexos tremulantes dançavam hipnoticamente no vidro que ficava no lado oposto da sala.

O sacerdote se acomodou e indicou as demais cadeiras.

– Por favor, sentem-se. Estou surpreso por um espião malazano arriscar seu disfarce dessa forma, apenas para salvar a vida de duas crianças ehrlitanas. Você está tentando tirar informações valiosas de uma família tomada pela gratidão?

Violinista baixou o capuz, suspirando.

– Eu sou malazano – reconheceu. – Mas não um espião. Estou disfarçado para evitar ser descoberto... por malazanos.

O velho sacerdote serviu o vinho e estendeu o cálice para o sabotador.

– Você é um soldado.

– Sou.

– Um desertor?

Violinista estremeceu.

– Não por escolha. A imperatriz achou conveniente banir meu regimento. – Ele bebericou o vinho doce de flores.

O capitão Turqa sibilou:

– Um Queimador de Pontes. Um soldado do exército de Umbrago.

– Está bem informado, senhor.

O andarilho espectral tanno gesticulou na direção das tigelas.

– Por favor. Se, depois de tantos anos de guerra, você estiver procurando um lugar de paz, cometeu um grave erro vindo às Sete Cidades.

– Foi o que ouvi dizer – retrucou Violinista, servindo-se de algumas frutas. – É por isso que estou esperando conseguir passagem para Quon Tali assim que possível.

– A frota de Kansu partiu de Ehrlitan – informou o capitão. – Poucos são os navios de comerciantes que saem em viagens oceânicas ultimamente. Altos impostos...

– Fora a expectativa das riquezas que virão com uma guerra civil – disse Violinista, assentindo. – Assim, tem de ser por terra, pelo menos até Aren.

– Insensato – comentou o velho sacerdote.

– Eu sei.

Mas o andarilho espectral tanno balançava a cabeça.

– Não só por causa da guerra iminente. Para viajar até Aren, você precisa atravessar o Pan'potsun Odhan, contornando o Deserto Sagrado Raraku. Do Raraku o furacão do Apocalipse emergirá. E pior: haverá uma convergência.

Os olhos de Violinista se estreitaram. *A dhenrabi soletaken.*

– Tipo a junção de poderes Ascendentes?

– É.

– O que os atrairá?

– Um portão. A Profecia do Caminho das Mãos. Soletaken e d'ivers. Um portão que promete... alguma coisa. Eles são atraídos como mariposas para uma chama.

– Por que os metamorfos teriam algum interesse no portão de um Labirinto? Eles não podem ser considerados uma irmandade nem se utilizam de feitiçaria... Pelo menos não no sentido sofisticado do termo.

– Profundidade de conhecimento surpreendente, para um soldado.

Violinista fechou a cara.

– Soldados sempre são subestimados. Não passei quinze anos lutando guerras imperiais com os olhos fechados. O imperador confrontou tanto Treach quanto Ryllandaras na parte de fora de Li Heng. Eu estava lá.

O andarilho espectral tanno curvou a cabeça, como se pedisse desculpas.

– Não tenho resposta para suas perguntas – disse em voz baixa. – Na verdade, acho que nem os soletaken nem os d'ivers estão completamente cientes do que buscam. Como salmões voltando para as águas em que nasceram, estão agindo por instinto, por uma ânsia visceral e uma promessa que só podem sentir. – Ele uniu as mãos. – Não há união entre os metamorfos. Cada um está por si só. O Caminho das Mãos... – Hesitou, depois continuou: – Talvez ele seja um meio para atingir a Ascendência... para o vencedor.

Violinista inspirou fundo devagar, trêmulo.

– Ascendência significa poder. Poder significa controle. – Encontrou os olhos amarelados do andarilho espectral. – Se algum metamorfo obtiver a Ascendência...

– Domínio sobre sua casta, sim. Tal acontecimento teria... repercussões. Em todo caso, amigo, os descampados jamais puderam ser chamados de “seguros”, mas os meses por vir transformarão o Odhan em um lugar de terror feroz. Disso eu tenho certeza.

– Obrigado pelo aviso.

- Mesmo assim, não parece que serei capaz de dissuadir você.
- Temo que não.
- Então recai sobre mim a responsabilidade de oferecer a você alguma proteção para sua jornada. Capitão, você faria a gentileza?

O veterano se levantou e saiu.

– Um soldado proscrito – disse o velho sacerdote após um momento – que irá arriscar a vida para retornar ao coração do Império que o sentenciou à morte. A necessidade deve ser grande. – Violinista deu de ombros. – Os Queimadores de Pontes são lembrados aqui, nas Sete Cidades. Um nome amaldiçoado, mas admirado mesmo assim. Vocês foram soldados honrados lutando uma guerra desonrosa. Dizem que o regimento foi afiado na rocha quente e chamuscada do Deserto Sagrado Raraku, em perseguição à companhia de magos de um Falah'd. Trata-se de uma história que eu gostaria de ouvir algum dia, para que possa ser transformada em canção.

Os olhos de Violinista se arregalaram. A feitiçaria de um andarilho spectral se fazia por meio de canções e nenhum outro ritual era necessário. Ainda que as canções tannas fossem devotadas à paz, dizia-se que o poder delas era imenso. O sabotador se perguntou o que uma composição dessas faria aos Queimadores de Pontes.

O andarilho spectral tanno pareceu entender a pergunta, pois sorriu.

– Tal canção jamais foi tentada antes. Há numa canção tanna o potencial para a Ascendência... Mas será que um regimento inteiro pode ascender? É uma questão que merece mesmo uma resposta.

Violinista suspirou, dizendo em seguida:

- Se eu tivesse tempo, iria lhe contar essa história.
- Levaria apenas um momento.
- O que quer dizer?

O velho sacerdote ergueu a mão enrugada, com dedos compridos.

– Se você me deixar tocá-lo, saberei sua história.

O sabotador se retraiu.

– Ah... – O andarilho spectral tanno suspirou. – Você teme que eu seja

descuidado com seus segredos.

– Eu temo que, ao possuí-los, sua vida possa estar em perigo. E nem todas as minhas memórias são honradas.

O velho inclinou a cabeça para trás e riu.

– Se fossem, amigo, você mereceria mais este manto do que eu. Perdoe-me por meu pedido ousado, então.

O capitão Turqa retornou trazendo um baú pequeno de madeira desgastada da cor da areia. Baixou o objeto sobre a mesa diante de seu mestre, que ergueu a tampa e colocou a mão lá dentro.

– O Raraku já foi um mar – disse o tanno, retirando uma concha branca.
– Tais resquíços podem ser encontrados no deserto, desde que você saiba a localização dos antigos litorais. Dentro desta concha, além da canção da memória daquele mar, outras foram guardadas. – Olhou para cima, encontrando os olhos de Violinista. – Minhas canções de poder. Por favor, aceite este presente como forma de gratidão por ter salvado a vida e a honra de minhas netas.

Violinista fez uma reverência enquanto o velho sacerdote colocava a concha em suas mãos.

– Obrigado, andarilho espectral tanno. Seu presente oferece proteção, então?

– De certo tipo – disse o sacerdote, sorrindo. Depois de um momento, levantou-se de seu assento. – Não devemos segurá-lo mais aqui, Queimador de Pontes.

Violinista se pôs depressa de pé.

– O capitão Turqa o acompanhará até a saída. – Ele se aproximou e pousou a mão sobre o ombro de Violinista. – O andarilho espectral Kimloc agradece.

Com a concha nas mãos, o sabotador foi guiado para longe da presença do sacerdote. Já do lado de fora, no jardim, Violinista sentiu no suor do rosto o ar esfriado pela umidade.

– Kimloc – murmurou.

Turqa grunhiu ao lado dele, enquanto andavam pelo caminho que levava ao portão dos fundos.

– Seu primeiro convidado em onze anos. Você compreende a honra que lhe foi conferida, Queimador de Pontes?

– Ele claramente valoriza suas netas – disse Violinista secamente. – Onze anos, você diz? Então seu último convidado foi...

– O Alto Punho Dujek Umbraço, do Império Malazano.

– Negociando a rendição pacífica de Karakarang, a Cidade Sagrada do culto tanno. Kimloc alegava poder destruir os exércitos malazanos. Completamente. Entretanto, ele se rendeu e agora seu nome é conhecido por ameaças vazias.

Turqa bufou.

– Ele abriu os portões de sua cidade porque valoriza a vida acima de todas as coisas. Compreendeu o poder de seu Império e percebeu que a morte de milhares de pessoas não significaria nada. Malaz teria o que desejava, e o que desejava era Karakarang.

Violinista fez uma careta. Com forte sarcasmo, disse:

– E se isso significasse trazer os t’lan imass para a Cidade Sagrada, fazer a ela o que fizeram com Aren... então teriam feito isso. Duvido que mesmo a feitiçaria de Kimloc fosse capaz de deter os t’lan imass.

Parou ao lado da saída. Turqa abriu o portão com uma dor antiga nos olhos escuros.

– Como fez Kimloc, o massacre em Aren revelou a loucura do Império...

– O que aconteceu durante a Rebelião de Aren foi um erro – rosnou Violinista. – Nenhuma ordem foi dada aos Logros T’lan Imass.

A única resposta de Turqa foi um sorriso azedo e amargo enquanto ele gesticulava na direção da rua, do outro lado.

– Vá em paz, Queimador de Pontes.

Irritado, Violinista partiu.

Moby guinchou de felicidade, saltando pelo quarto estreito até colidir com o peito de Violinista, numa mescla de bater frenético de asas e membros. Xingando e empurrando o animalzinho por sua tentativa de abraço estrangulador, o sabotador atravessou a soleira e fechou a porta atrás de si.

– Já estava começando a ficar preocupado – ressoou Kalam das sombras que preenchiam a outra extremidade do quarto.

– Me distraí – disse Violinista.

– Problemas?

Ele deu de ombros, tirando a capa para revelar o tabardo de couro abaixo.

– Onde estão os outros?

– No jardim – respondeu Kalam, zombeteiro.

No caminho, Violinista parou ao lado de sua mochila. Agachou-se e guardou lá dentro a concha tanna, enfiando o objeto em uma camisa embolada.

Kalam serviu-lhe uma caneca de vinho aguado. O sabotador se sentou à pequena mesa em que estava o outro, que, então, encheu a própria caneca.

– E então?

– Uma condenadora numa casca de ovo – disse Violinista, dando um gole antes de continuar. – Os muros estão lotados de símbolos. Eu arrisco que as ruas vão ficar vermelhas em menos de uma semana.

– Temos cavalos, mulas e suprimentos. A essa altura, devemos já estar perto do Odhan. É mais seguro por lá.

Violinista olhou o companheiro. O rosto escuro e carrancudo de Kalam brilhava à luz fraca do dia que atravessava a janela coberta por tecidos. Diante do assassino, um jogo de facas jazia no tampo irregular da mesa, com uma pedra de amolar entre as armas.

– Talvez. Talvez não.

– As mãos nas paredes?

Violinista grunhiu.

– Você notou.

– Vários símbolos de insurreição, anúncios de pontos de encontro, divulgação de rituais da Dryjhna... Consigo ler tudo isso tão bem quanto qualquer outro nativo. Mas aquelas marcas de mãos inumanas são algo totalmente diferente. – Kalam se inclinou para a frente, pegando uma faca com cada mão. Cruzou as lâminas azuladas sem nenhum motivo especial. – As marcas parecem indicar uma direção. Sul.

– Pan’potsun Odhan – disse Violinista. – É uma convergência.

O assassino congelou, com os olhos nas lâminas cruzadas diante dele.

– Não ouvi esse rumor ainda.

– É a opinião de Kimloc.

– Kimloc! – praguejou Kalam. – Ele está na cidade?

– É o que dizem.

Violinista bebeu outro gole de vinho. Contar ao assassino sobre suas aventuras e sobre a reunião com o andarilho espectral faria Kalam voar porta afora. *E Kimloc direto para os Portões do Encapuzado. Não apenas ele, mas sua família e seus guardas também. Todos.* O homem sentado diante dele não arriscaria. *Mais um presente para você, Kimloc: meu silêncio.*

Ouviram passos vindos do fim do corredor e, um momento depois, Crokus apareceu.

– Aqui está escuro igual a uma caverna.

– Onde está Apsalar? – exigiu saber Violinista.

– No jardim. Onde mais? – rosou de volta o ladrão daru.

O sabotador se acalmou. Resquícios de seu antigo mal-estar ainda se agarravam a ele. *Quando ela não estava à vista, era sinal de problemas a caminho. Quando ela não estava à vista, você vigiava sua retaguarda.* Ainda era difícil aceitar que a menina não era mais o que tinha sido. *Além disso, se o Patrono dos Assassinos escolhesse possuí-la mais uma vez, o primeiro aviso que receberíamos seria a lâmina de uma faca no meio da garganta.* Ele massageou os músculos tensos do pescoço, suspirando.

Crokus arrastou uma cadeira para perto da mesa, deixando-se cair sobre ela e estendendo a mão para o vinho.

– Estamos cansados de esperar – declarou. – Se temos de ir até lá pela porcaria da via terrestre, então vamos logo. Há uma pilha de lixo fumegante atrás do muro do jardim entupindo a calha do esgoto. Cheia de ratos. O ar está quente e tão cheio de moscas que mal dá para respirar. Vamos pegar uma doença se permanecermos muito mais tempo por aqui.

– Vamos torcer para que seja língua azul, então – disse Kalam.

– O que é isso?

– A sua língua incha e fica azul – explicou Violinista.

– O que há de bom nisso?

– Você não consegue falar.

As estrelas cobriam o céu e a lua ainda não tinha aparecido quando Kalam se dirigiu a Jen'rahb. As velhas rampas subiam até o topo da colina como uma escada de gigantes. Imensos buracos substituíam os blocos de pedra cinzelados que haviam sido removidos dali a fim de serem utilizados em outras partes de Ehrlitan. Um emaranhado de vegetação rasteira preenchia esses buracos, com raízes compridas e resistentes ancoradas profundamente na encosta.

O assassino se movia agilmente pelos pedregulhos. Mantinha-se abaixado, projetando o mínimo possível de sua silhueta contra o céu, para o caso de alguém das ruas abaixo olhar naquela direção. A cidade estava quieta, e aquele silêncio não era normal. As poucas patrulhas da soldadesca malazana ali estavam praticamente sozinhas, como se tivessem sido destacadas para guardar uma necrópole, um antro de fantasmas e pouco além disso. O nervosismo dos patrulheiros os deixava barulhentos em sua passagem pelos becos da cidade e Kalam tinha sido capaz de evitá-los com pouco esforço.

Ele alcançou o cume, arrastando-se no meio de dois grandes blocos de calcário que outrora formaram parte do muro exterior. Parou, respirou profundamente o ar noturno empoeirado e olhou para baixo, na direção das

ruas de Ehrlitan. O escuro e disforme torreão do Punho, antigo lar do Sagrado Falah'd da cidade, ficava sobre um complexo bem iluminado, como uma mão cerrada que se erguia de um leito de carvão. Mesmo assim, dentro do edifício de pedra, o chefe militar do Império Malazano se encolhia, fechando os ouvidos aos avisos acalorados dos Lâminas Vermelhas e de quaisquer espões malazanos e simpatizantes que ainda não tivessem sido expulsos dali ou mesmo assassinados. O regimento de ocupação inteiro estava abrigado nos quartéis do próprio torreão; os homens haviam sido chamados dos fortes de guarnição mais afastados, estrategicamente situados ao redor da circunferência de Ehrlitan. O torreão não era grande o suficiente para receber números daquela magnitude: o poço já estava sujo e soldados dormiam nas lajes do muro externo, sob as estrelas. No porto, havia duas antigas trirremes falarianas amarradas no dique malazano e uma solitária companhia desfalcada de soldados da marinha guardava as docas imperiais. Os malazanos estavam sob cerco, ainda que não houvesse sequer uma mão erguida contra eles.

No íntimo de Kalam, havia lealdades em conflito. Se considerasse sua origem, estaria do lado dos conquistados. No entanto, tinha lutado por escolha própria sob os estandartes do Império. Lutara pelo imperador Kellanved. *E por Dassem Ultor, e Whiskeyjack, e Dujek Umbrago. Mas não por Laseen. Sua traição cortou esses laços havia muito tempo.* O imperador teria arrancado o coração daquela rebelião com apenas um golpe. Um banho de sangue curto, mas intenso, seguido por uma longa paz. Mas Laseen deixou que as velhas feridas supurassem e o que viria a seguir seria capaz de silenciar o próprio Encapuzado.

Kalam olhou para o cume da colina. A paisagem diante do assassino era um Labirinto em ruínas, feito de calcário e de blocos despedaçados, sumidouros e arbustos entrelaçados. Nuvens de insetos pairavam sobre poças negras. Morcegos e rhizanos se lançavam entre elas.

Perto do centro se erguiam os primeiros três níveis de uma torre, inclinada e coberta de raízes que vinham de uma árvore bem no topo, seca e

retorcida. A mandíbula de uma porta era visível em sua base.

Kalam observou aquela torre por um tempo, depois finalmente se aproximou. Estava a dez passos da abertura quando viu uma luz vacilante no interior da construção. O assassino sacou a faca, bateu o pomo duas vezes contra um bloco e, então, seguiu em direção à entrada. Uma voz vinda da escuridão o parou:

– Não se aproxime, Kalam Mekhar.

Kalam cuspiu alto:

– Mebra, acha que não reconheço sua voz? Um rhizano infame como você nunca vai parar muito longe do ninho. Por isso foi tão fácil achar você, e segui-lo até aqui foi mais fácil ainda.

– Tenho negócios importantes a tratar – grunhiu Mebra. – Por que você voltou? O que quer de mim? Minha dívida era com os Queimadores de Pontes, mas eles não existem mais.

– Sua dívida era comigo – disse Kalam.

– E quando o próximo cachorro malazano com o emblema de uma ponte em chamas aparecer por aqui? Será que ele vai poder reclamar essa dívida também? E o seguinte, e o que vier depois dele? Ah, não, Kal...

O assassino apareceu na porta antes de Mebra perceber, precipitando-se na escuridão e agarrando o pescoço do espião num lampejo, com a mão certa. O homem exclamou em voz rouca enquanto era arrancado do chão e jogado contra a parede por Kalam. O assassino o segurou ali, com a ponta da faca espetando a cavidade acima do esterno. Algo que o espião estava segurando contra o peito caiu, deslizando entre os dois para aterrissar com um baque aos pés deles. Kalam não lançou ao objeto um olhar sequer: seus olhos estavam fixos nos de Mebra.

– A dívida – disse ele.

– Mebra é um homem honrado. – O espião arquejou. – Paga todas as dívidas. Paga a sua!

Kalam sorriu.

– É melhor que a mão que você acabou de fechar na adaga do seu cinto

fique onde está, Mebra. Eu consigo enxergar o que você está planejando. Bem aí em seus olhos. Agora, olhe nos meus. O que você vê?

A respiração de Mebra se acelerou. Suor escorreu por sua testa.

– Misericórdia – disse ele.

Os olhos de Kalam se arregalaram.

– Um erro de leitura fatal...

– Não, não! Misericórdia é o que peço, Kalam! Nos seus olhos, só vejo morte! A morte de Mebra! Pagarei a minha dívida, meu velho amigo. Sei muito. Tudo o que o Punho precisa saber! Posso entregar Ehrlitan nas mãos dele...

– Sem dúvida – disse Kalam, soltando o pescoço do homem e recuando um passo. Mebra deslizou pela parede até se agachar, fraco. – Mas deixe o Punho para o destino dele.

O espião olhou para cima; uma astúcia repentina apareceu em seus olhos.

– Você foi banido. Não tem desejo de retornar às fileiras malazanas. Você é das Sete Cidades mais uma vez! Kalam, que os Sete o abençoem!

– Preciso dos sinais, Mebra. Passagem segura pelo Odhan.

– Então você sabe...

– Os símbolos se multiplicaram. Eu conheço os *antigos*, e esses vão me fazer ser morto pela primeira tribo que me encontrar.

– Você pode atravessar apenas com um gesto, Kalam. Por toda a extensão das Sete Cidades, eu juro.

O assassino recuou um passo.

– Qual é?

– Você é filho de Dryjhna, um soldado do Apocalipse. Faça o gesto do furacão... Você se lembra dele?

Desconfiado, Kalam assentiu devagar.

– Mesmo assim, vi muitos outros... Tantos gestos novos. E quanto a eles?

– Em meio à nuvem de gafanhotos, só há um – disse Mebra. – Qual é a melhor forma de manter os Lâminas Vermelhas no escuro? Por favor,

Kalam, você deve ir. Paguei a dívida...

– Se você tiver me traído, Adaephon Ben Delat saberá. Diga-me: você conseguiria escapar de Ben Ligeiro, com os Labirintos dele revelados? – Mudo, com o rosto pálido como a luz da lua, Mebra balançou a cabeça. – O furacão, então.

– Sim, juro pelos Sete.

– Não se mova – ordenou Kalam. Com uma mão na espada longa em seu cinto, o assassino deu um passo à frente, se agachou e pegou o objeto que Mebra tinha deixado cair momentos antes. Ouviu o espião prender a respiração e sorriu. – Talvez eu leve isto comigo, como garantia.

– Por favor, Kalam...

– Silêncio. – O assassino segurava um livro envolto em musselina. Removeu o tecido manchado. Então sussurrou: – Pelo sopro do Encapuzado! Dos cofres do Alto Punho em Aren... até as mãos de um espião ehrlitano. – Ergueu os olhos para os de Mebra. – Pormqual sabe do roubo daquilo que serve para desencadear o Apocalipse?

O homenzinho sorriu, exibindo uma fileira de dentes afiados e envoltos em prata.

– Poderiam roubar o travesseiro de seda bem debaixo da cabeça daquele tolo, e ele nem seria capaz de perceber. Sabe, Kalam, se você levar isso como garantia, cada guerreiro do Apocalipse sairá caçando você. O Livro Sagrado de Dryjhna foi libertado e deve retornar ao Raraku, onde a Vidente...

– Levantará o furacão – completou Kalam.

O tomo antigo parecia tão pesado quanto uma placa de granito em sua mão. Sua encadernação de couro de bhederin estava manchada e cheia de marcas; as páginas de pele de carneiro cheiravam a lanolina e tinta de cereja-de-pombo. E naquelas páginas... *Palavras de loucura, e no Deserto Sagrado espera Sha'ik, a Vidente, a líder prometida da rebelião...*

– Você deve me contar o último segredo, Mebra, aquele que o portador deste Livro deve saber.

Os olhos do espião ficaram ainda mais arregalados, aflitos.

– Isso não pode ser sua garantia, Kalam! Leve-me em vez disso, eu imploro!

– Eu o entregarei no Deserto Sagrado Raraku – disse Kalam. – Nas mãos de Sha'ik, e isso deve pagar minha passagem, Mebra. E, se eu perceber alguma traição, se um só soldado do Apocalipse resolver me seguir, o Livro será destruído. Você entendeu?

Mebra piscou para limpar o suor que escorria em seus olhos e aquiesceu bruscamente.

– Você deve cavalgar um garanhão da cor da areia, com seu sangue misturado. Deve vestir uma telaba vermelha. A cada noite, deve encarar sua trilha, de joelhos, desembrulhar o Livro e invocar Dryjhna. Isso e nada mais. Nenhuma outra palavra, pois a deusa do furacão ouvirá e obedecerá, e todos os sinais de sua trilha serão obliterados. Você deve aguardar uma hora em silêncio, depois embrulhar o Livro de novo. Ele nunca deverá ser exposto à luz do sol, pois o momento do despertar do Livro pertence a Sha'ik. Agora repetirei essas instruções...

– Não precisa – grunhiu Kalam.

– Você é mesmo um proscrito?

– Isso não é prova suficiente?

– Entregue o Livro de Dryjhna nas mãos de Sha'ik e seu nome será cantado nos céus pela eternidade, Kalam. Traia a causa e seu nome levará esgarros na poeira.

O assassino envolveu o Livro com a musselina, depois o escondeu nas dobras de sua túnica.

– Nossa conversa acabou.

– Bênçãos dos Sete, Kalam Mekhar.

Com um grunhido como resposta, Kalam foi até a porta, parando para vasculhar o lado de fora. Sem avistar ninguém sob o luar, deslizou pela abertura.

Ainda agachado contra o muro, Mebra assistiu à partida do assassino. Esforçou-se para ouvir os sons que denunciariam Kalam passando por

rochas, blocos e pedregulhos, mas não escutou nada. O espião mais uma vez secou suor da testa, inclinou a cabeça contra a pedra fria e fechou os olhos.

Alguns minutos depois, ouviu o sussurro de uma armadura na entrada da torre.

– Você o viu? – perguntou Mebra, com os olhos ainda fechados.

– Lostara o segue – troou uma voz baixa em resposta. – Ele está com o Livro?

A boca fina de Mebra se alargou num sorriso.

– Não era o visitante que previ. Ah, não, eu jamais poderia ter imaginado um convidado tão adequado. Aquele era Kalam Mekhar.

– O Queimador de Pontes? Pelo beijo do Encapuzado, Mebra. Se eu soubesse, poderíamos tê-lo cortado antes de ele dar um passo para fora da torre.

– Se tivesse tentado, tanto você quanto Aralt e Lostara estariam alimentando as raízes sedentas de Jen'rahb com seu sangue.

O guerreiro corpulento soltou uma risada, entrando. Atrás dele, como o espião imaginara, surgiu Aralt Arpat, guardando a entrada, alto e largo o suficiente para bloquear a maior parte do luar. Tene Baralta pousou as mãos cobertas de manoplas nos pomos de suas espadas, uma ao lado de cada quadril.

– E quanto ao homem de quem você se aproximou primeiro?

Mebra suspirou.

– Como eu disse, nós teríamos precisado de uma dezena de noites como esta. O homem ficou com medo e provavelmente está a meio caminho de G'danisban a esta altura. Ele... reconsiderou, como qualquer homem razoável faria. – O espião levantou do chão, limpando a poeira de sua telaba. – Não consigo acreditar na sorte que tivemos, Baralta...

As mãos protegidas pelas manoplas de Tene Baralta pareceram um borrão ao voarem e atingirem Mebra. Os elos esporados talharam cortes profundos no rosto do homem. Sangue salpicou a parede. O espião cambaleou para trás, levando as mãos ao rosto rasgado.

– Você toma liberdades demais – disse Baralta calmamente. – Presumo que tenha preparado Kalam. As instruções foram... adequadas?

Mebra cuspiu sangue, depois assentiu.

– Você deve ser capaz de segui-lo com facilidade, comandante.

– O caminho inteiro até o acampamento de Sha'ik?

– Sim. Mas imploro que tenha cuidado, senhor. Se Kalam sentir sua presença, destruirá o Livro. Fique um dia atrás dele, até mais.

Tene Baralta tirou um fragmento de couro de bhederin da algibeira em seu cinto.

– O bezerro anseia pela mãe.

– E procura por ela, sem fracassar – completou Mebra. – Para matar Sha'ik, será necessário um exército, comandante.

O Lâmina Vermelha sorriu.

– Isso é problema nosso, Mebra.

Mebra inspirou fundo, hesitando. Então disse:

– Só peço uma coisa, senhor.

– Pede?

– Imploro, comandante.

– O que é?

– Que Kalam sobreviva.

– Seus ferimentos estão desiguais, Mebra. Deixe-me acariciar o outro lado do seu rosto.

– Ouça o que digo, comandante! O Queimador de Pontes voltou às Sete Cidades. Ele se declara um soldado do Apocalipse. Mas Kalam se unirá ao acampamento de Sha'ik? Pode um homem nascido para liderar se satisfazer em seguir?

– Aonde você quer chegar?

– Kalam está aqui por outro motivo, comandante. Ele busca passagem segura através do Pan'potsun Odhan. Está levando o Livro porque isso garantirá essa passagem. O assassino está indo para o sul. Por quê? Acho que é algo que os Lâminas Vermelhas e o Império gostariam de saber. E tal

informação só pode ser obtida enquanto ele ainda respira.

– Você suspeita de algo.

– Aren.

Tene Baralta rosnou:

– Para enfiar uma lâmina no peito de Pormqual? Todos nós lhe agradeceríamos por isso, Mebra.

– Kalam não se importa nem um pouco com o Alto Punho.

– Então o que ele procura em Aren?

– Só consigo pensar em uma coisa, comandante: um navio que se dirija a Malaz. – Agachado, com o rosto latejando, Mebra observou com olhos estreitos suas palavras criarem raízes na mente do comandante dos Lâminas Vermelhas.

Depois de um longo momento, Tene Baralta perguntou, em voz baixa:

– Qual é o seu plano?

Embora lhe custasse, Mebra sorriu.

Como chapas de calcário gigantescas, uma repousando contra a outra, os penhascos se erguiam 800 metros acima do solo do deserto. Havia fissuras profundas nas faces gastas pelo tempo e, dentro da maior delas, 300 metros sobre a areia, ficava uma torre. Uma única janela em forma de arco, negra, contrastava com os tijolos.

Mappo suspirou, trêmulo.

– Não vejo nenhuma maneira óbvia de nos aproximarmos dali, mas deve haver alguma. – Olhou para o companheiro. – Você acha que o lugar está ocupado.

Icarium esfregou o sangue seco do rosto, depois concordou. Tirou metade da espada da bainha, franzindo a testa para os fragmentos de carne ainda presos ao gume chanfrado.

O d'ivers tinha pegado os dois de surpresa: uma dúzia de leopardos da cor da areia, fluindo de uma ravina a menos de dez passos à direita dos

viajantes, que se preparavam para acampar. Uma das feras saltara nas costas de Mappo, fechando as mandíbulas perto de sua nuca, as presas perfurando o couro forte do trell. A criatura o atacara como se ele fosse um antílope, buscando sua traqueia enquanto o derrubava, mas Mappo não era um. Embora os caninos tivessem afundado bastante, só encontraram músculo. Enfurecido, o trell tinha passado as mãos por sobre a cabeça e arrancado o animal de seus ombros. Agarrara o leopardo pela pele do pescoço e pelos quadris e, enquanto o animal rosnava, ele o batera com força contra uma rocha, esmagando seu crânio.

Os outros onze fecharam um círculo ao redor de Icarium. Enquanto Mappo lançava o corpo de seu atacante para o lado e girava, viu quatro feras imóveis ao lado do jaghut mestiço. Medo dominou o trell de repente quando seu olhar recaiu sobre Icarium. *Até onde? Até onde o jhag chegou? Que Beru nos abençoe, por favor.*

Uma das feras tinha travado suas mandíbulas ao redor da coxa esquerda de Icarium e Mappo assistiu à espada antiga do guerreiro descer, cortante, decapitando o leopardo. Em um detalhe macabro, a cabeça continuou presa à perna do guerreiro por um tempo, como uma protuberância da qual jorrava sangue.

Os felinos sobreviventes se organizaram novamente.

Mappo se lançou para a frente, com as mãos sobre um dos rabos serpenteantes. Berrou ao girar a criatura, aos guinchos, pelo ar. O leopardo se contorceu, voando 5 metros até atingir uma parede rochosa, onde sua coluna acabou arreventada.

Já era tarde demais para o d'ivers. Percebendo o erro que havia cometido, tentou se afastar, mas Icarium foi implacável. Dando voz a um zumbido cortante, o jhag mergulhou entre os cinco leopardos restantes. Eles se dispersaram, mas não rápido o bastante. Sangue jorrou e pedaços de carne bateram na areia. Em questão de segundos, mais cinco corpos jaziam no chão.

Icarium girou, procurando mais vítimas, e o trell deu meio passo à

frente. Depois de um momento, o berro agudo de Icarium se desvaneceu e ele se aprumou devagar. Seu olhar implacável recaiu sobre o trell e ele franziu a testa.

Mappo viu gotículas de sangue no rosto de Icarium. O som misterioso tinha silenciado. *Não longe demais. Seguro. Deuses abaixo, esse caminho... Sou um tolo em seguir. Perto, perto demais.*

O cheiro do sangue de d'ivers tão abundantemente derramado atrairia outros. Os dois rapidamente guardaram seus materiais de acampamento e partiram dali, num ritmo apressado. Antes de ir embora, Icarium tirou uma única flecha de sua aljava e a enfiou na areia, de modo bem visível.

Viajaram num trote curto a noite toda. Nenhum dos dois era guiado pelo medo de morrer; para ambos, era *matar* que trazia um pavor ainda maior. Mappo rezava para que a flecha de Icarium fosse um aviso suficiente.

A aurora os encontrou na escarpa oriental. Do outro lado dos penhascos, uma cadeia de montanhas erodidas separava o Raraku do Pan'potsun Odhan.

Alguma coisa tinha, enfim, ignorado a flecha e os perseguia, talvez 5 quilômetros para trás. O trell o sentira uma hora antes: era um soletaken e a forma que ele tinha assumido era imensa.

– Encontre um modo de subirmos até lá – disse Icarium, colocando a corda em seu arco.

Ele pegou o restante das flechas, estreitando o olhar para a trilha pela qual haviam acabado de passar. A cem passos de distância, uma onda de calor tremulante, que subia como uma cortina, obscurecia a visão. Se o soletaken aparecesse e atacasse, o jhag teria tempo de soltar apenas meia dúzia de flechas. Os Labirintos esculpidos em suas hastes poderiam derrubar um dragão, mas a expressão de Icarium deixava claro que não estava confortável com a ideia.

Mappo sondou as feridas em sua nuca. A carne dilacerada estava quente, infeccionada e infestada de moscas. Os músculos doíam, com um latejar profundo. Pegou o pedaço de cacto jegura de seu fardo e o espremeu sobre

os ferimentos. Uma dormência se espalhou, permitindo que Mappo mexesse os braços sem a agonia perfurante que o encharcara de suor nas horas anteriores. O trell estremeceu com um calafrio repentino. O líquido do cacto era tão poderoso que só poderia ser usado uma vez por dia, para evitar que o efeito de dormência se espalhasse para o coração e os pulmões. Do contrário, só deixaria as moscas mais sedentas.

Ele se aproximou da fenda na superfície rochosa. Trells eram habitantes de planícies. Mappo não tinha habilidades especiais para escalar e não ansiava pela tarefa que tinha pela frente. A fissura era funda o bastante para engolir a luz do sol da manhã e estreita na base, com largura menor que a dos ombros. Abaixando-se, deslizou para dentro e o ar frio e mofado trouxe outra onda de calafrios. Seus olhos se acostumaram depressa à escuridão e ele conseguiu discernir a parede posterior da fissura, a seis passos de distância. Não havia escadas nem apoios para as mãos. Erguendo a cabeça, olhou para cima. A fenda era mais larga ali, mas seguia até o que ele julgava ser o pé da torre. Nada simples, como uma corda com nós pendurada. Grunhindo de frustração, Mappo voltou para a luz do sol.

Icarium continuava encarando a trilha, com uma flecha a postos no arco, em prontidão. A trinta passos, avistou um gigantesco urso marrom, apoiado nas quatro patas, balançando, com o nariz erguido. O soletaken tinha chegado.

Mappo se juntou ao companheiro.

– Eu conheço esse – disse em voz baixa.

O jhag baixou a arma, aliviando a tensão da corda do arco.

– Ele está assumindo a forma.

O urso disparou.

Mappo piscou, como reflexo ao borrão repentino que passou por sua visão. Sentiu gosto de areia e suas narinas se contraíram com o forte cheiro picante que veio com a mudança. Foi tomado por uma onda de medo instintiva, uma segura poeirenta que tornava difícil engolir. Um momento depois, a transformação se completou e um homem agora caminhava na

direção deles, nu e pálido, sob a forte luz solar.

Mappo balançou a cabeça devagar. Quando transformado, o soletaken era imenso, poderoso, uma massa de músculos. Agora, naquela forma humana, Messremb não tinha mais que 1,5 metro de altura, quase não possuía pelos e era magro ao ponto da esqualidez, com rosto estreito e dentes côncavos. Seus olhos pequenos, da cor de um cristal de granada, brilhavam em cavidades enrugadas pelo bom humor, de modo a fazer sua boca sorrir.

– Trel Mappo! Meu nariz me disse que era você!

– Faz muito tempo, Messremb.

O soletaken fitava o jhag.

– É, foi no norte de Nemil.

– Acho que aquelas florestas de pinheiros intocadas são mais adequadas a você – disse Mappo, e suas memórias voltaram no tempo por um instante, para aqueles dias de caravanas trellianas, mais livres, empreendendo grandes jornadas.

O sorriso do homem desapareceu.

– É verdade. E o senhor deve ser Icarium, criador de mecanismos e agora a perdição de d'ivers e soletaken. Saiba que estou muito aliviado por ter abaixado esse seu arco; um trovão retumbou no meu peito quando o vi mirar.

Icarium franziu a testa.

– Eu não seria a perdição de ninguém se tivesse escolha – disse ele. E acrescentou, com palavras que soaram estranhamente incertas: – Fomos atacados sem qualquer aviso.

– Você quer dizer que não teve chance de avisar à criatura infeliz. Tenho pena dos pedaços de alma dela. No entanto, sou tudo, menos precipitado. Só amaldiçoo meu nariz curioso. Eu me perguntei: que perfume se juntou ao do trell, tão próximo do sangue jaghut, mas diferente? Agora que meus olhos me deram a resposta, posso retornar ao Caminho.

– Você sabe aonde ele o levará? – perguntou Mappo.

Messremb enrijeceu.

– Você viu os portões?

– Não. O que espera encontrar lá?

– Respostas, velho amigo. Agora vou poupar vocês do gosto de minha transformação e me distanciarei um pouco. Você quer meu bem, Mappo?

– Sim, Messremb. E acrescento um aviso: cruzamos com Ryllandaras quatro noites atrás. Tenha cuidado.

Algo do urso selvagem brilhou nos olhos do soletaken.

– Eu o procurarei.

Mappo e Icarium observaram enquanto o homem se afastava e desaparecia atrás de uma formação rochosa.

– A loucura espreita dentro dele – disse Icarium.

O trell se encolheu diante daquelas palavras.

– Dentro de todos eles. – Mappo suspirou. – Ainda preciso encontrar um jeito de subirmos, aliás. A caverna não ajudou em nada.

O som de cascos com ferraduras os alcançou, lento e penoso. De uma trilha paralela à superfície do penhasco, surgiu um homem montado numa mula preta. Estava sentado de pernas cruzadas sobre a sela alta de madeira, coberto por uma telaba esfarrapada e manchada de terra. Suas mãos, que se encontravam pousadas no chifre ornado da sela, tinham cor de ferrugem. Um capuz ocultava suas feições. A mula era uma fera de aparência estranha, com o focinho negro. Também era de cor negra a pele de suas orelhas, assim como os seus olhos. Não havia nada visível além de seu tom de ébano, à exceção de poeira e borrifos do que poderia ser sangue seco.

O homem se ajeitou na sela ao se aproximar.

– Não há entrada, a não ser pela saída – sibilou. – Ainda não é hora. Uma vida dada por uma vida tomada, lembrem-se dessas palavras. Lembrem-se delas. Você está ferido. Resplandece de infecção. Meu servo cuidará de você. Um homem cuidadoso com mãos salgadas, uma enrugada, uma rosa... Compreende o significado disso? Não ainda. Não ainda. Tão poucos... convidados. Mas eu estava esperando vocês.

A mula parou do lado oposto da fissura, virando o olhar lúgubre para os dois viajantes, enquanto o cavaleiro se empenhava em descruzar as pernas. Choramingsos de dor acompanharam o esforço, até que suas tentativas frenéticas finalmente destruíram seu equilíbrio e, com um guincho de desalento, o homem tombou, caindo pesadamente na areia.

Ao ver um vermelho escarlate florescer em meio ao tecido da telaba, Mappo deu um passo adiante.

– Você possui seus ferimentos, senhor!

O homem se contorceu no chão, como uma tartaruga de cabeça para baixo. Mantinha as pernas ainda cruzadas, presas naquela posição. Seu capuz caiu, revelando um grande nariz aquilino, tufo de espessa barba cinzenta, cabeça careca tatuada e pele da cor de mel escuro. Uma fileira de dentes perfeitamente brancos apareceu em meio à sua careta.

Mappo se ajoelhou ao lado dele, estreitando os olhos para buscar sinais do machucado que derramara tanto sangue. Um cheiro pungente de ferro invadia o nariz do trell. Depois de um momento, ele estendeu a mão para baixo da capa do homem e tirou um vasilhame sem tampa. Grunhindo, olhou para Icarium.

– Não é sangue. Tinta. Tinta ocre vermelha.

– Me ajude, seu imbecil! – rangeu o homem. – Minhas pernas!

Estupefato, Mappo ajudou o homem a soltar as pernas e cada movimento provocou ainda mais gemidos. Assim que conseguiu se libertar, o homem se sentou e começou a bater nas próprias coxas.

– Servo! Vinho! Vinho, seu maldito cabeça podre!

– Não sou seu servo – disse Mappo friamente, se afastando do homem. – E também não carrego vinho enquanto atravesso um deserto.

– Não você, bárbaro! – O homem fulminou o entorno com o olhar. – Onde ele está?

– Quem?

– Servo, é claro. Ele acha que me carregar é sua única tarefa. Ah, ali!

Seguindo a direção do olhar do homem, o trell enrugou a testa.

– Aquilo é uma mula, senhor. Duvido que consiga manejar um odre de vinho bem o bastante para encher um copo.

Mappo sorriu para Icarium, mas o jhag não prestava atenção aos procedimentos: tinha tirado a corda do arco e estava agora sentado em uma pedra, limpando a espada.

Ainda sentado no chão, o homem pegou um punhado de areia e jogou na mula. Sobressaltado, o animal zurrou e disparou para a fenda, desaparecendo na caverna. Com um grunhido, o homem ficou de pé e parou, oscilando, com as mãos estendidas diante de si, uma apertando a outra, em algum tipo de tique nervoso.

– Uma forma muito rude de cumprimentar convidados – disse, tentando sorrir. – Muito. *Muito* rude cumprimento, foi o que disse. Desculpas sem sentido e gestos amáveis muito importantes. Sinto muito pelo colapso temporário de hospitalidade. Ah, sim, sinto. Eu teria mais prática se não fosse mestre deste templo. Um acólito é obrigado a bajular. Depois resmungar e reclamar com seus amigos de tormento. Ah, aí vem Servo.

Um homem de ombros largos e pernas tortas, vestido em trajes negros, emergiu da caverna carregando uma bandeja que tinha um jarro e copos de argila. Ele usava um véu de servo sobre o rosto, com apenas uma fenda fina para os olhos, que eram de um castanho profundo.

– Tolo preguiçoso! Você viu alguma teia de aranha?

O sotaque do servo pegou Mappo de surpresa. Era malazano:

– Nenhuma, Iskaral.

– Me chame pelo meu título!

– Sumo sacerdote...

– Errado!

– Sumo sacerdote Iskaral Pust do Templo Tesem da Sombra...

– Idiota! Você é Servo! O que me torna...

– Mestre.

– De fato. – Iskaral olhou para Mappo e explicou: – Nós raramente falamos.

Icarium se juntou a eles.

– Este é Tesem, então. Fui levado a crer que se tratava de um mosteiro, santificado à Rainha dos Sonhos...

– Elas se foram – rosnou Iskaral. – Levaram seus lampiões consigo, deixando apenas...

– Sombras.

– Jhag esperto. Mas fui avisado disso, sim. Vocês dois estão doentes como porcos mal cozidos. Servo preparou seus aposentos. E caldos de ervas medicinais, raízes, poções e elixires. Paralto branco, emulor, tralb...

– Esses são venenos – assinalou Mappo.

– São? Não é à toa que os porcos morreram. É quase hora. Vamos nos preparar para subir?

– Depois de você – disse Icarium.

– Uma vida dada por uma vida tomada. Sigam-me. Ninguém pode enganar Iskaral Pust. – O sumo sacerdote fitou a fenda com um semicerrar de olhos feroz.

Esperaram. Pelo quê, o trell Mappo não fazia ideia. Depois de alguns minutos, o trell pigarreou.

– Os seus acólitos vão descer uma escada?

– Acólitos? Não tenho acólitos. Nenhuma oportunidade para tirania. Muito triste. Nenhum resmungo e nenhuma calúnia pelas minhas costas, poucas recompensas satisfatórias para este sumo sacerdote. Se não fosse pelos sussurros do meu deus, eu não me incomodaria, tenham certeza disso, e acredito que vocês vão levar isso em conta com tudo o que fiz e que estou prestes a fazer.

– Eu vejo movimento na fissura – disse Icarium.

Iskaral grunhiu:

– Bhok'aralas. Eles fazem ninhos deste lado do penhasco. Criaturas imundas e miantes, sempre interferindo, farejando isso e aquilo, mijando no altar, defecando no meu travesseiro. São minhas pragas. Eles me escolheram, e por quê? Não esfolei um só, nem cozinhei seus cérebros para arrancar seus

crânios em uma refeição civilizada. Nada de ciladas, armadilhas, venenos, e ainda assim me perseguem. Não há resposta para isso. Eu me desespero.

Conforme o sol descia, os bhok'aralas ficavam mais ousados, voando de poleiro em poleiro no alto da parede do penhasco, correndo com mãos e pés pelas rachaduras da rocha, à procura de rhizanos, enquanto os pequenos lagartos alados emergiam para uma refeição noturna. Pequenos e simiescos, os bhok'aralas eram alados como morcegos, sem rabo e com pele couraçada sarapintada de bege e marrom. Exceto pelos longos caninos, seus rostos eram notavelmente humanos.

Da janela solitária da torre foi lançada uma corda com nós. Lá em cima, uma cabeça minúscula e redonda apareceu para espiá-los.

– Claro que alguns deles se provaram bem úteis – acrescentou Iskaral.

Mappo suspirou. Ele esperava que houvesse algum meio de subir por feitiçaria, algo digno de um sumo sacerdote da Sombra.

– Então, agora escalamos – disse o trell.

– Com certeza não – retrucou Iskaral, indignado. – Servo escala e depois nos puxa para cima.

– Ele teria de ser um homem de força formidável para conseguir me içar – disse Mappo. – E içar Icarium também.

Servo baixou a bandeja que vinha segurando, cuspiu nas mãos e caminhou até a corda. Atirou-se para cima com agilidade impressionante. Iskaral se agachou ao lado de bandeja e serviu vinho nos três copos.

– Servo é mestiço de bhok'aral. Braços compridos. Músculos que nem ferro. Faz amizade com eles, provavelmente a fonte de todos os meus males.

– Iskaral pegou um copo para si e gesticulou na direção da bandeja ao se levantar. – Para sorte de Servo, sou um mestre muito gentil e paciente. – Virou-se para verificar o progresso da subida do homem. – Ande logo, seu cão de rabo abanando!

Servo já tinha alcançado a janela e agora passava por ela, sumindo de vista.

– Servo é presente de Ammanas. Uma vida dada por uma vida tomada.

Uma mão nova, uma mão velha. Isso é remorso de verdade. Vocês verão. – A corda se esticou. O sumo sacerdote jogou goela abaixo o resto do vinho, atirou o copo longe e foi até a corda. – Tempo demais exposto! Vulnerável! Rápido, agora! – Segurou um dos nós e pôs os pés em cima de outro. – Puxe! Você é surdo? Puxe!

Iskaral voou para cima.

– Roldanas – disse Icarium. – Rápido demais para ser de outro jeito.

Com a dor voltando a seus ombros, Mappo se encolheu. Depois disse:

– Presumo que não era o que você estava esperando.

– Tesem – disse Icarium, observando o sacerdote sumir pela janela. –

Um local de cura. Reflexão solitária, repositório de pergaminhos e tomos, freiras insaciáveis...

– Insaciáveis?

O jhag encarou o trell, arqueando uma sobrancelha.

– De fato.

– Ah, triste sina.

– Muito.

– Na situação atual – disse Mappo quando a corda foi atirada de volta para baixo –, acho que um cérebro acabou desorientado pela reflexão solitária. Conversas intelectuais com bhok'aralas e sussurros de um deus, tido ele mesmo como maluco...

– Ainda assim, há poder aqui, Mappo – disse Icarium em voz baixa.

– É – concordou o trell ao se aproximar da corda. – Um Labirinto foi aberto na caverna quando a mula entrou.

– Então por que o sumo sacerdote não o usa?

– Duvido que encontremos respostas fáceis com Iskaral Pust, amigo.

– Melhor se segurar firme, Mappo.

– É.

Icarium estendeu a mão de repente, colocando-a sobre o ombro de Mappo.

– Amigo.

– Quê?

O cenho do jhag estava franzido.

– Estou com uma flecha a menos, Mappo. Além disso, há sangue na minha espada e vejo em você ferimentos horríveis. Diga-me: nós lutamos? Não me lembro... de nada.

O trell ficou em silêncio por um instante, depois disse:

– Fui atacado por um leopardo enquanto você dormia, Icarium. Usei suas armas. Não achei que valia a pena comentar.

O cenho de Icarium franziu-se ainda mais.

– Mais uma vez perdi momentos – sussurrou devagar.

– Nada de importante, amigo.

– Você me diria, do contrário? – Uma expressão suplicante surgiu nos olhos cinzentos do jhag.

– Por que não diria, Icarium?

CAPÍTULO 3

Os Lâminas Vermelhas, àquela altura, eram proeminentes entre as organizações pró-malazanas que surgiram nos territórios ocupados. Vendendo-se como progressistas por abraçarem os valores da unificação imperial, esse culto quase militar tornou-se infame por seu pragmatismo brutal no trato com os conterrâneos dissidentes...

A vida dos conquistados, Ilem Trauth

Felisin jazia imóvel sob Beneth até que, com um estremecimento final, ele acabou, ergueu-se e agarrou um punhado de cabelos. Seu rosto estava corado e os olhos brilhavam à luz da lamparina.

– Você vai aprender a gostar, garota – disse ele.

A ponta de algo selvagem sempre chegava perto da superfície imediatamente depois que ele se deitava com ela. Felisin sabia que passaria.

– Vou – disse ela. – Ele ganha um dia de descanso?

A mão de Beneth se enrijeceu por um momento, depois relaxou.

– É, ganha. – Ele se afastou e começou a amarrar as calças. – Embora eu não veja motivo para isso. O velho não vai durar nem mais um mês. – Parou, com a respiração áspera, e olhou para ela. – Pelo sopro do Encapuzado, menina, como você é bonita. Tente parecer viva da próxima vez. Eu vou tratar bem de você, arrumar sabão, um pente novo, remédio contra piolhos. Você trabalhará aqui em Torções, eu prometo. Só demonstre prazer, menina. É tudo que peço.

– Logo – disse ela. – Assim que parar de doer.

O décimo primeiro sino do dia soou. Estavam no terceiro nível da

galeria de Torções Distantes. A galeria tinha sido escavada pelos Pernas Podres; era baixa e mal se podia rastejar em boa parte de seus 400 metros de extensão. O ar era abafado e fedia a pó de otataral e à transpiração das rochas.

Praticamente todos os outros já teriam chegado a Quaseluz àquela altura, mas Beneth ficava debaixo da sombra do capitão Sawark e podia fazer o que quisesse; ele tinha reclamado aquele abrigo abandonado para si. Era a terceira visita de Felisin. A primeira vez tinha sido a mais difícil. Beneth a escolhera poucas horas depois de chegar a Copo de Crânio, o acampamento mineiro no Fosso de Dosin. Era um homem grande, maior que Baudin, cruel e perigoso, e, embora fosse um escravo, era mestre de qualquer outro escravo, o infiltrado dos guardas. E também surpreendentemente bonito.

Felisin tinha aprendido tudo bem rápido, ainda no navio de escravos. Não havia nada além de seu corpo para vender e ele se provara uma moeda valiosa. Ao se dar aos guardas do navio, conseguia mais comida para si, Heboric e Baudin. Ao abrir as pernas para os homens certos, tinha conseguido que ela e seus amigos ficassem acorrentados na rampa da quilha em vez de no porão, imersos até os joelhos em água de esgoto. Outros haviam definhado naquela água. Alguns haviam se afogado quando a fome e a doença os enfraqueceram a ponto de não conseguirem permanecer acima da superfície.

No começo, havia sido difícil ignorar a fúria e a mágoa de Heboric pelo preço que ela pagava, e Felisin se enchia de vergonha. Mas aquilo pagara pela vida deles e tal verdade não podia ser questionada. A única reação de Baudin tinha sido – e continuava a ser – um olhar inexpressivo. Ele a observava como um estranho incapaz de concluir quem e o que ela era. Ainda assim, Baudin se mantivera ao lado dela e agora ficava próximo de Beneth também. Havia algum tipo de acordo entre eles. Quando Beneth não estivesse lá para proteger Felisin, Baudin estaria.

No navio, ela tinha entendido bem os gostos dos homens, assim como os das poucas guardas mulheres que também a haviam levado para seus

beliches. Ela imaginava estar preparada para Beneth, e estava, de várias formas. *Preparada para tudo, menos seu tamanho.*

Encolhendo-se, Felisin colocou a túnica de escrava.

Beneth a observava. Ele tinha maçãs do rosto bem definidas sob os olhos e seus cabelos compridos e enrolados brilhavam com óleo de baleia.

– Eu mandarei o velho para Solo Abissal, se você quiser – disse ele.

– Você faria isso?

Ele concordou.

– Por você, mudarei as coisas. Não ficarei com nenhuma outra mulher. Sou o rei de Copo de Crânio e você será minha rainha. Baudin será seu guarda pessoal. Confio nele.

– E Heboric?

Beneth deu de ombros.

– Nele eu não confio. E ele não é muito útil. Puxar os carrinhos parece ser tudo que consegue fazer. Os carrinhos ou um arado em Solo Abissal. – O olhar de Beneth passou sobre ela. – Mas ele é seu amigo, então vou pensar em alguma coisa.

Felisin passou os dedos pelos cabelos.

– São justamente os carrinhos que estão matando Heboric. Se você o mandasse para Solo Abissal só para puxar um arado, não seria exatamente um favor...

A carranca de Beneth a fez se perguntar se exagerara.

– Você nunca empurrou um carrinho cheio de pedras, garota. Não subiu os túneis carregando um desses por quase 3 quilômetros, nem desceu depois, para trazer outro, três, quatro vezes por dia. Compara isso a puxar um arado sobre um solo macio e virgem? Cacete, garota, se eu tirar o homem dos carrinhos, preciso de alguma justificativa. Todo mundo trabalha em Copo de Crânio.

– Essa não é a história toda, é?

Beneth deu as costas para ela em resposta e começou a engatinhar pelo abrigo.

– Tenho um vinho kanesiano nos esperando, além de pão fresco e queijo. Bula fez um ensopado para os guardas e ganhamos uma tigela cada um.

Felisin seguiu Beneth. Só a ideia de comida já fez sua boca salivar. Se houvesse queijo e pão suficientes, poderia guardar um pouco para Heboric, embora ele insistisse que precisava de fruta e carne. Mas qualquer uma dessas coisas valia seu peso em ouro, e em Copo de Crânio comidas assim eram tão raras quanto esse metal. Felisin sabia que ele ficaria bastante grato pelo que ela lhe levasse.

Era claro que Sawark tinha recebido ordens para se assegurar de que o historiador fosse morto. Nada tão aberto quanto um assassinato, já que os riscos políticos de tal empreitada seriam grandes demais, e sim a morte lenta e desgastante causada por uma dieta miserável e pelo excesso de trabalho. O fato de Heboric não ter mãos de ao capitão do Fosso razões suficientes para mandá-lo para os carrinhos. O velho lutava diariamente com seus arreios, puxando para cima centenas de quilos de rocha quebrada pela Mina Profunda até a galeria Quaseluz. A cada grupo de arreios havia um boi. Cada um dos animais puxava três carrinhos, enquanto Heboric apenas um: esse era o único reconhecimento que os guardas davam à sua humanidade.

Felisin tinha certeza de que Beneth sabia das instruções de Sawark. O “rei” de Copo de Crânio tinha seus poderes limitados, apesar de declarar o contrário.

Alcançando a galeria principal, estariam a quatrocentos passos da Quaseluz de Torções. Ao contrário de Mina Profunda, com seu denso e rico veio ininterrupto de otataral correndo até longe sob as montanhas, Torções acompanhava um veio em curvas, que subia e descia, virando para um lado e para outro dentro do calcário.

Diferentemente das minas de ferro no continente, otataral nunca aparecia em leitos rochosos, mas apenas em calcário; as jazidas eram rasas e compridas, como rios de ferrugem entre leitos compactados, cheias de fósseis de plantas e mariscos.

– Calcário é só o osso de coisas que já viveram – dissera Heboric durante

a segunda noite no casebre que haviam ocupado, na ala do Cuspe, antes que Beneth os levasse para uma vizinhança mais privilegiada, atrás da estalagem da Bula. – Eu já tinha lido essa teoria antes e agora estou convencido. Então agora sou levado a crer que otataral não é um minério natural.

– Isso é importante? – perguntara Baudin.

– Se não for natural, o que seria? – Heboric sorria. – Otataral, a ruína da magia, nasceu de magia. Se eu fosse um erudito menos escrupuloso, escreveria um tratado sobre isso.

– O que você quer dizer? – perguntara Felisin.

– Ele quer dizer que convidaria alquimistas e magos para fazerem experimentos e criarem o próprio otataral – explicara Baudin.

– Isso é um problema?

– Aqueles veios que cavamos são como uma camada de gordura já derretida – explicara Heboric. – Um rio profundo dessa gordura, prensado entre camadas de calcário. Esta ilha inteira teve de derreter para que esses veios fossem criados. A feitiçaria que deu origem ao otataral, seja ela qual for, provou-se fora de controle. Eu não gostaria de ser o responsável por causar um evento desses outra vez.

Um único guarda malazano esperava no portão de Quaseluz. Do outro lado se estendia uma avenida elevada, subindo até a vila do fosso. Na ponta oposta, o sol acabava de se pôr, para além da linha da cordilheira, deixando Copo de Crânio em sua sombra prematura, um bolsão de escuridão que trazia alívio ao calor do dia.

O guarda era jovem e descansava os antebraços protegidos por braçadeiras nas lâminas transversais de sua lança.

Beneth grunhiu:

– Onde está seu parceiro, Pella?

– O porco dosino foi passear, Beneth. Talvez você possa afinar o ouvido de Sawark. O Encapuzado sabe que ele não nos ouve. Os empregados dosinos perderam toda a disciplina. Ignoram a escala de tarefas, gastam todo o tempo lançando moedas lá na Bula. Há 75 de nós e mais de duzentos deles,

Beneth, e com todo esse papo de rebelião... Explique para Sawark...

– Você não conhece a história deles – disse Beneth. – Os dosinos estão de joelhos há trezentos anos. Não conhecem outro modo de viver. Primeiro foram os nativos do continente, depois os colonos falarianos. Agora são vocês, malazanos. Acalme-se, rapaz, antes que acabe passando vergonha.

– A história conforta os obtusos – disse o jovem malazano.

Beneth soltou uma risada ao alcançar o portão.

– E de quem são essas palavras, Pella? Não são suas.

As sobrelhas do guarda se arquearam e ele deu de ombros.

– Às vezes esqueço que você é korelri, Beneth. As palavras? Do imperador Kellanved. – O olhar de Pella deslizou sobre Felisin com um toque de perspicácia. – *Campanhas imperiais*, volume I, de Duiker. Você é malazana, Felisin. Lembra-se do que vem depois?

Ela fez que não com a cabeça, aturdida pela intensidade velada do jovem.
Aprendi a ler rostos. Beneth não sente nada.

– Não conheço tão bem as palavras de Duiker, Pella.

– Vale a pena aprender – disse o guarda, com um sorriso.

Sentindo a crescente impaciência de Beneth no portão, Felisin passou por Pella.

– Duvido que haja um pergaminho sequer em Copo de Crânio – disse ela.

– Talvez você encontre alguém cuja memória vale a pena capturar, viu?

Felisin lançou um olhar severo para trás.

– O garoto está flertando com você? – perguntou Beneth, da rampa. – Seja gentil, menina.

– Vou pensar nisso – disse Felisin a Pella, em voz baixa, antes de voltar a caminhar na direção do portão de Torções. Juntando-se a Beneth na estrada elevada, sorriu para ele. – Não gosto desses tipos nervosos.

Ele riu.

– Isso me tranquiliza.

Bendita Rainha dos Sonhos, faça isso ser verdade.

Fossos cheios de pedregulhos margeavam a estrada elevada até ela se juntar a outras duas, no cruzamento de Três Destinos. Era uma forquilha larga, flanqueada por duas casas de guarda dosinas atarracadas. Ao norte da estrada de Torções, à direita deles, perto da forquilha, ficava a de Mina Profunda; ao sul e à esquerda de onde estavam, ficava a estrada da Galeria, que levava a uma mina já exaurida. Lá os mortos eram descartados a cada anoitecer.

O vagão de cadáveres não se encontrava à vista, o que significava que tinha ficado retido em sua rota até o fosso, com um número de corpos acima do normal sendo trazido e lançado nele.

Cruzaram a forquilha e seguiram pela estrada do Trabalho. Ao norte da casa de guardas dosina ficava o lago do Afundador, um charco profundo de água turquesa que se estendia até a parede norte do fosso. Dizia-se que a água era amaldiçoada e que mergulhar nela significava desaparecer. Alguns acreditavam que um demônio vivia em suas profundezas. Heboric tinha dito que era difícil flutuar ali, sendo essa uma característica própria das águas saturadas de cal. Em todo caso, poucos escravos eram tolos o suficiente para tentarem fugir naquela direção, pois a parede do fosso era tão sólida na face norte quanto nas outras, sempre chorando água sobre uma camada de depósitos que brilhava como osso molhado e polido.

Heboric pedira a Felisin que ela ficasse de olho no nível da água mesmo assim, agora que a estação da seca tinha chegado. Enquanto caminhavam pela estrada do Trabalho, ela analisava a margem distante o melhor que conseguia sob a luz fraca. Via-se ali uma crosta fina um palmo acima da superfície. As notícias o agradariam, embora ela nem imaginasse por quê. A ideia de fugir era absurda. Do outro lado do fosso havia um deserto sem vida, de rocha seca, a dias de uma fonte de água potável. Os escravos que por acaso tinham conseguido chegar à borda do fosso sem que fossem descobertos pelos patrulheiros na estrada do Besouro, a trilha que cercava o fosso, haviam deixado seus ossos nas areias vermelhas do deserto. No entanto, poucos tinham chegado tão longe; as estacas situadas na parede

sólida da torre na rampa da Ferrugem, chamadas de Linha da Salvação, eram um lembrete de seu fracasso. Não passava uma semana sem que uma nova vítima aparecesse no muro da torre. A maioria morria ao fim do primeiro dia, mas alguns duravam mais.

Os paralelepípedos desgastados da estrada do Trabalho levavam à estalagem da Bula, à direita, e à fileira de bordéis, à esquerda, antes de se abrir no Círculo da Ratazana. No centro desse círculo ficava o torreão de Sawark, uma torre hexagonal de três andares feita de calcário lapidado. Dentre todos os escravos, apenas Beneth já tinha entrado ali.

Doze mil escravos viviam em Copo de Crânio. A vasta mina ficava a mais de 150 quilômetros da única cidade da ilha, Dosin Pali, situada na costa sul. Fora os escravos e os trezentos guardas, havia alguns nativos: prostitutas nos bordéis, garçons na estalagem da Bula e nos salões de apostas, uma casta de servos que haviam ligado sua vida e a de suas famílias à soldadesca malazana, vendedores ambulantes no mercado apinhado que enchia o Círculo da Ratazana no Dia de Descanso e um punhado de desterrados, indigentes e perdidos que haviam preferido viver na cidade da mina em vez de nos becos podres de Dosin Pali.

– O ensopado deve estar frio – resmungou Beneth ao se aproximarem da estalagem da Bula.

Felisin secou o suor da testa.

– Isso vai ser um alívio.

– Você não está acostumada ao calor. Em um mês ou dois sentirá frio à noite, como todo mundo.

– As primeiras horas da noite ainda guardam a lembrança do dia. Sinto o frio da meia-noite e das horas seguintes, Beneth.

– Venha morar comigo, garota. Vou mantê-la bem quente.

Ele já estava à beira de um de seus humores sombrios repentinos. Felisin não disse nada, esperando que ele deixasse o assunto de lado por enquanto.

– Tome cuidado com o que você recusa – troou Beneth.

– Bula me levaria para a cama dela – disse Felisin. – Você poderia

assistir, talvez se juntar a nós. Ela com certeza esquentaria as nossas tigelas. Deixaria até que repetíssemos.

– Ela tem idade suficiente para ser sua mãe – grunhiu Beneth.

E você, meu pai. Mas ela ouviu a respiração dele mudar.

– Ela é redonda, macia e quente, Beneth. Pense nisso.

Felisin sabia que ele iria pensar naquilo e o assunto de se mudar para a casa dele seria esquecido. *Por esta noite, pelo menos. Heboric está errado. Não faz sentido pensar no amanhã. Só na próxima hora, a cada hora. Fique viva, Felisin, e viva bem, se conseguir. Um dia você se verá frente a frente com sua irmã, e um oceano de sangue vertendo das veias de Tadore não será suficiente, embora tudo que elas contenham venha a bastar. Fique viva, menina, é tudo que você deve fazer. Sobreviva a cada hora, pela próxima hora...*

Quando alcançaram a porta da estalagem, ela deslizou a mão para a de Beneth e sentiu o suor nascido das imagens que tinha oferecido a ele.

Um dia, frente a frente, irmã.

Heboric ainda estava acordado, embrulhado em cobertores e agachado ao lado da lareira. Olhou para Felisin quando ela subiu para o quarto e trancou o alçapão que havia no piso. Ela pegou a manta de pele de ovelha em um baú e a enrolou nos próprios ombros.

– Você quer que eu acredite que começou a gostar da vida que escolheu, menina? Em noites como esta, eu me pergunto.

– Achei que você já teria se cansado de me julgar a esta altura, Heboric – disse Felisin ao pegar um odre de vinho de um gancho e buscar uma concha de cabaça limpa em meio a uma pilha. – Presumo que Baudin ainda não tenha voltado. Parece que a pequena tarefa de limpar nossos copos é demais para ele.

Ela encontrou uma concha que passaria por limpa, caso não olhasse de muito perto, e espremeu vinho para dentro dela.

– Isso vai fazer você parar de beber – observou Heboric. – Eu apostaria

que não é o seu primeiro da noite.

– Não dê uma de pai para cima de mim, velho.

O homem tatuado suspirou.

– Que o Encapuzado leve sua irmã – resmungou. – Ela não ficou satisfeita em ver você morta. Preferiu fazer de sua irmã de 14 anos uma prostituta. Se Fener tiver ouvido minhas preces, o destino de Tavore excederá seus crimes.

Felisin engoliu metade do copo, com os olhos velados ao examinar Heboric.

– Fiz 16 no mês passado.

Os olhos dele de repente pareceram muito velhos ao encontrarem os dela por um momento, antes que Heboric retornasse sua atenção à lareira.

Felisin encheu outra vez o copo, depois se juntou a Heboric diante da lareira quadrada e alta. O esterco que queimava na bacia de pedra quase não soltava fumaça. O pedestal em que a bacia se apoiava era envidraçado e estava cheio de água. Mantida quente pelo fogo, a água era usada para lavar e tomar banho, enquanto o pedestal irradiava calor suficiente para afastar o frio noturno do quarto solitário. Fragmentos de um tapete fiado por dosinos e de esteiras de junco almofadavam as tábuas do chão. A habitação inteira tinha sido construída sobre estacas de pau, 1,5 metro acima da areia.

Sentada sobre um banquinho baixo de madeira, Felisin aproximou os pés gelados do pedestal.

– Eu vi você nos carrinhos hoje – disse, com as palavras meio arrastadas.

– Gunnip caminhava a seu lado, com uma chibata.

Heboric grunhiu.

– Ficaram o dia inteiro se divertindo com aquilo. Gunnip dizia aos guardas que estava matando moscas.

– Ele abriu feridas?

– Abriu. Mas as marcas de Fener vão me curar, você sabe disso.

– Vão curar as feridas, sim, mas não a dor. Consigo enxergar, Heboric.

Ele lançou a ela um olhar de esguelha sarcástico.

– Estou surpreso que você consiga enxergar alguma coisa, mocinha. É cheiro de durhang que estou sentindo? Tome cuidado com isso. A fumaça a fará descer para uma galeria mais funda e mais escura do que Mina Profunda jamais poderia alcançar.

Felisin estendeu-lhe um botão negro do tamanho de um seixo.

– Eu lido com a minha dor, você lida com a sua.

Ele balançou a cabeça.

– Aprecio a oferta, mas não desta vez. Você tem nas mãos um mês do salário de um guarda dosino. Aconselho que use isso numa troca.

Ela deu de ombros, devolvendo o durhang à algibeira em seu cinto.

– Se eu preciso de alguma coisa, Beneth me dá. Tudo que tenho de fazer é pedir.

– E você acha que ele dá essas coisas de graça.

Ela bebeu.

– É como se fosse. Você será trocado de lugar, Heboric. Para Solo Abissal. Começa amanhã. Sem Gunnip e a chibata.

Ele fechou os olhos.

– Por que agradecer a você deixa este gosto amargo em minha boca?

– Meu cérebro encharcado de vinho sussurra: *hipocrisia*.

Ela observou o velho empalidecer. *Ah, Felisin, durhang demais, vinho demais! Será que eu só faço o bem para Heboric como forma de conseguir sal para depois jogar em suas feridas? Não tenho desejo de ser tão cruel.* Tirou de baixo de sua túnica a comida que tinha guardado para ele, inclinou-se para a frente e colocou o embrulho no colo dele.

– O lago do Afundador desceu mais um palmo.

Ele nada disse, com os olhos fixos nos tocos em que terminavam seus pulsos.

Felisin franziu a testa. Havia mais alguma coisa que gostaria de dizer a ele, mas sua memória falhou. Terminou o vinho e se aprumou, passando as mãos nos cabelos. Seu couro cabeludo estava dormente. Parou, vendo Heboric lançar um olhar furtivo a seus seios, redondos e grandes sob a

túnica esticada. Manteve a pose por um instante além do necessário, depois baixou os braços, devagar.

– Bula tem fantasias com você – disse ela lentamente. – São as... possibilidades... que a intrigam. Faria bem a você, Heboric.

Ele girou em seu banquinho e o embrulho intocado caiu no chão.

– Pelo sopro do Encapuzado, menina!

Ela riu, observando Heboric afastar a cortina que separava seu catre do resto do quarto para, desengonçado, fechá-la atrás de si com um puxão. Depois de um momento, a risada dela parou e Felisin ouviu o homem idoso subir em seu leito. *Eu esperava fazer você sorrir, Heboric, ela queria explicar. E não queria que minha risada soasse tão... dura. Não sou o que você acha que sou. Sou?*

Ela pegou a comida embrulhada e a colocou na prateleira acima da bacia.

Uma hora depois, com Felisin acordada em seu catre e Heboric no dele, Baudin retornou. Ele atçou a lareira, circulando depressa. Não estava bêbado. Felisin se perguntou por onde ele tinha andado. Perguntou-se aonde ele ia toda noite. Não valia a pena perguntar a ele. Baudin tinha poucas palavras para todos, e menos ainda para ela.

Depois de um momento, ela foi forçada a reconsiderar o que tinha acabado de pensar, ao ouvir o homem dar um peteleco na cortina de Heboric. O velho respondeu prontamente, com palavras baixas que ela não conseguiu discernir, e Baudin sussurrou algo de volta. A conversa durou mais um minuto e em seguida Baudin deu uma de suas risadas-grunhido baixas. Então foi até a própria cama.

Os dois andavam planejando alguma coisa, mas não foi isso que a abalou, e sim o fato de estar sendo excluída. Um lampejo de fúria seguiu essa compreensão. *Eu os mantenho vivos! Tornei suas vidas mais fáceis... desde o navio de carga! Bula está certa: todo homem é um bastardo, bom apenas para ser usado. Muito bem, vejam por vocês mesmos como é Copo de Crânio para todo o resto. Acabaram meus favores. Vou mandar você de volta para os*

carrinhos, velho, juro. Ela percebeu que segurava as lágrimas, sabendo que não seria capaz de fazer nada do gênero. Precisava de Beneth, isso era verdade, e pagaria o preço para mantê-lo. Mas também precisava de Heboric e de Baudin, e uma parte dela se agarrava a eles como uma criança aos pais, negando a dureza que preenchia seu mundo em todos os outros lugares. Perder isso... perdê-los... seria perder... *tudo.*

Claro que eles pensavam que ela trairia a confiança deles com a mesma rapidez com que vendia o próprio corpo, mas não era verdade. *Juro que não é verdade.*

Felisin encarou o teto na escuridão e lágrimas verteram de seus olhos. *Estou sozinha. Só tenho Beneth agora. Beneth, seu vinho, seu durhang e seu corpo.* Ela ainda sentia dor entre as pernas, de quando Beneth finalmente se juntara a ela e a Bula na imensa cama da estalajadeira.

Disse a si mesma que se tratava apenas de uma questão de transformar a dor em prazer.

Sobreviva a cada hora.

O mercado do cais já tinha começado a atrair as multidões da manhã, reforçando a ilusão de que aquele dia não seria diferente de nenhum outro. Paralisado por um medo que nem mesmo o sol nascente conseguia controlar, Duiker estava sentado de pernas cruzadas no muro que dava para o mar, com o olhar passeando pela baía até o mar Sahul, desejando o retorno do almirante Nok e da frota.

Mas aquelas eram ordens que nem mesmo Coltaine poderia revogar. O wickano não tinha autoridade sobre os navios de guerra malazanos, e a ordem de regresso de Pormqual tinha feito a frota de Sahul partir do porto de Hissar naquela mesma manhã, para uma jornada de um mês até Aren.

Apesar de toda a aparente normalidade, a partida não tinha passado despercebida pelos cidadãos de Hissar e o mercado matutino estava ainda mais estridente, com risadas e vozes empolgadas. Os oprimidos haviam

obtido sua primeira vitória, e tinha sido uma diferente das que ainda poderiam vir, justamente pela ausência de sangue. Esse era o sentimento geral, pelo menos.

A única coisa que Duiker considerava um consolo era o fato de o sumo sacerdote jhista Mallick Rel ter partido junto com a frota. Entretanto, não era difícil imaginar o relatório que o homem prepararia para Pormqual.

Um navio malazano atraiu sua atenção: um pequeno barco de transporte, vindo do nordeste. *De Doshin Pali, na ilha, talvez, ou de um pouco mais para cima da costa.* Seria uma chegada não planejada, o que deixou Duiker curioso.

Ele sentiu uma presença a seu lado e viu Kulp subir no muro largo e baixo, passando as pernas para o outro lado, na direção da água turva dez passos abaixo de onde estavam.

– Feito – disse ele, como se aquela fosse a confissão de um assassinato sórdido. – A informação já foi enviada. Presumindo que seu amigo ainda esteja vivo, ele receberá suas instruções.

– Obrigado, Kulp.

O mago se remexeu, desconfortável. Esfregou o rosto, estreitando os olhos para o navio de transporte que entrava no porto. Uma barca de patrulha se aproximou da embarcação enquanto a tripulação amainava a vela solitária. Dois homens de armadura brilhante estavam no deque, observando a barquinha encostar.

Um deles se reclinou sobre a amurada e se dirigiu ao oficial do porto. Um momento depois, os remadores da barca de patrulha deram a volta, com nítida pressa.

Duiker grunhiu.

– Você viu aquilo?

– Aham – resmungou Kulp.

O barco de transporte deslizou em direção ao píer imperial, sendo impulsionado por uma guarnição baixa de remadores, posicionados perto da linha de flutuação do casco. Um instante depois, os remadores da lateral do

pier recuaram para dentro do navio. Trabalhadores das docas se atropelaram para receber os cordames. Uma larga prancha de desembarque foi preparada e cavalos surgiram no deque.

– Lâminas Vermelhas – disse Duiker, enquanto mais homens de armadura apareciam no navio, em pé ao lado de suas montarias.

– De Dosin Pali – disse Kulp. – Reconheço os dois primeiros: Baria Setral e seu irmão Mesker. Eles têm outro irmão, Orto, que comanda a Companhia de Aren.

– Os Lâminas Vermelhas... – refletiu o historiador. – Eles não têm ilusões acerca da situação atual. Dizem que estão tentando garantir o controle nas outras cidades, e aqui estamos nós, testemunhando a mesma coisa em Hissar.

– Eu me pergunto se Coltaine sabe disso.

Uma nova tensão encheu o mercado; cabeças se viraram e olhos agora observavam Baria e Mesker guiarem suas tropas para o pier. Os Lâminas Vermelhas estavam equipados e prontos para a guerra. Eriçavam suas espadas, com calças de cota de malha e elmos baixados com viseira em forma de fenda. Traziam arcos preparados, com flechas frouxas nas aljavas. As lâminas dos cavalos estavam desembainhadas, sobressaindo das pernas dianteiras das montarias.

Kulp cuspiu, nervoso.

– Não estou gostando nada disso – resmungou.

– Parece que...

– Eles têm a intenção de atacar o mercado – disse Kulp. – Isso não é apenas uma demonstração de força, Duiker. Pelo casco de Fener!

O historiador encarou Kulp, com a boca seca.

– Você abriu seu Labirinto.

Sem responder, o mago deslizou para fora do paredão. Mantinha os olhos fixos nos Lâminas Vermelhas, montados e alinhados na direção da entrada do pier, encarando quinhentos cidadãos que haviam ficado em silêncio e agora recuavam, enchendo os corredores entre os carrinhos e as

barracas do mercado. A aglomeração daquelas pessoas daria início ao pânico, e essa era precisamente a intenção dos Lâminas Vermelhas.

Com lanças suspensas em fivelas de couro cru ao redor dos pulsos, os Lâminas Vermelhas colocaram as flechas nos arcos; os cavalos estremeceram sob eles, mas não se moveram.

A multidão pareceu tremer em alguns lugares, como se o chão se movesse abaixo dela. Duiker viu figuras se mexendo, não para longe, mas na direção da linha de frente.

Kulp deu meia dúzia de passos na direção dos Lâminas Vermelhas.

As figuras continuaram abrindo caminho até chegarem ao fim da multidão, tirando, então, suas capas e seus capuzes telaba e revelando armaduras de couro com escamas negras de ferro. Espadas longas lampejaram em mãos cobertas por luvas. Olhos escuros em rostos wickanos bronzeados e tatuados se mantinham frios e firmes sobre Baria e Mesker Setral e seus guerreiros.

Dez wickanos agora encaravam quarenta e poucos Lâminas Vermelhas, com a multidão atrás deles silenciosa e imóvel como estátuas.

– Saiam da frente! – berrou Baria, com o rosto ensombrecido pela fúria.
– Ou morram!

Os wickanos riram, com escárnio corajoso.

Levantando-se, Duiker seguiu Kulp enquanto o mago caminhava depressa na direção dos Lâminas Vermelhas.

Mesker praguejou ao avistar a aproximação de Kulp. Seu irmão olhou para ele, fechando ainda mais a cara.

– Não seja tolo, Baria – sibilou o mago.

Os olhos do comandante se estreitaram.

– Lance magia em mim e eu esquartejo você – ameaçou.

Mais perto, Duiker viu elos de otataral entrelaçados na cota de malha de Baria.

– Primeiro vamos resolver a questão com esse punhado de bárbaros – grunhiu Mesker. – Depois anunciaremos devidamente nossa chegada a

Hissar... com o sangue de traidores.

– E cinco mil wickanos irão vingar as mortes de seus parentes – disse Kulp. – E não serão golpes rápidos de espada. Não, vocês serão pendurados vivos nas lanças do quebra-mar. Para as gaivotas brincarem. Coltaine não é seu inimigo, Baria. Guardem suas espadas e se apresentem ao novo Punho, comandante. Fazer o contrário será sacrificar sua vida e a de seus soldados.

– Você está me ignorando – disse Mesker. – Baria não é meu protetor, mago.

Kulp deu um sorriso zombeteiro.

– Fique quieto, filhote. O que Baria diz, Mesker faz. Ou você vai cruzar lâminas com seu irmão?

– Basta, Mesker – ressoou Baria.

A cimitarra de seu irmão saiu raspando da bainha.

– Você ousa me dar ordens!

Os wickanos gritaram encorajamentos. Algumas almas corajosas na multidão atrás deles riram.

O rosto de Mesker revelava ódio doentio. Baria suspirou.

– Irmão, não é hora.

Uma tropa montada da Guarda de Hissar apareceu acima das cabeças da multidão, abrindo caminho nos corredores entre as tendas do mercado. Um coro de vaias soou à esquerda deles e Duiker e os outros se viraram para ver sessenta arqueiros wickanos com flechas a postos, mirando os Lâminas Vermelhas com seus arcos.

Baria ergueu a mão esquerda devagar, fazendo um gesto de torção. Seus guerreiros baixaram as armas.

Rosnando de desgosto, Mesker enfiou a cimitarra de volta na bainha de madeira.

– Sua escolta chegou – disse Kulp secamente. – Parece que o Punho estava esperando por você.

Duiker ficou ao lado do mago e observou Baria guiar os Lâminas Vermelhas adiante, na direção da tropa hissariana. O historiador se sacudiu.

– Pelo sopro do Encapuzado, Kulp! Isso foi um jogo de ossos bem incerto!

O homem grunhiu.

– Você sempre pode contar com Mesker Setral – disse ele. – Tão desmiolado quanto um gato, e igualmente fácil de distrair. Por um momento, esperei que Baria fosse aceitar o desafio... Qualquer que fosse o desenlace, seria um Setral a menos, e essa foi uma oportunidade perdida.

– Aqueles wickanos disfarçados não eram parte das boas-vindas oficiais – disse Duiker. – Coltaine pôs infiltrados no mercado.

– Um cão astuto, esse Coltaine.

Duiker balançou a cabeça.

– Eles se mostraram, agora.

– É, e mostraram muito bem que estão dispostos a dar a vida para proteger os cidadãos de Hissar.

– Se Coltaine estivesse aqui, duvido que teria ordenado que aqueles guerreiros wickanos tomassem a frente, Kulp. Eles estavam loucos por uma luta. Defender o povo do mercado não tinha nada a ver com isso.

O mago esfregou o rosto.

– Melhor esperar que os hissarianos pensem diferente.

– Venha, vamos tomar vinho – disse Duiker. – Conheço um lugar na praça Imperial. No caminho você pode me contar como o Sétimo está acolhendo seu novo Punho.

Kulp soltou uma risada ao começarem a caminhar.

– Respeito, sim, mas não acolhida. Ele mudou completamente as regras. Fizemos uma formação de batalha desde que ele chegou, e isso foi no dia em que assumiu o comando.

Duiker franziu a testa.

– Ouvi dizer que ele está levando os soldados à exaustão, que sequer precisa fazer cumprir o toque de recolher, já que todos andam tão ansiosos para dormir que as casernas ficam silenciosas como tumbas na oitava badalada. Se não estão praticando rotações, defesas e parede de escudos,

então o quê?

– O mosteiro em ruínas na colina ao sul da cidade... Conhece? Só sobraram as fundações, além do templo central, mas os muros na altura do peito cobrem o cume inteiro, como uma cidade pequena. Os sapadores os reconstruíram, puseram telhados em alguns. Era um verdadeiro labirinto de ruelas e becos sem saída, no começo, mas Coltaine mandou os sapadores o transformarem em um pesadelo. Eu apostaria que há soldados ainda vagando perdidos lá dentro. O wickano nos faz ir para lá todas as tardes, em simulações de batalha, controle das ruas, invasões de prédios, táticas de fuga, recuperação de feridos. Os guerreiros de Coltaine fazem o papel das multidões rebeladas e dos saqueadores, e eu lhe digo, historiador, eles nasceram para isso. – Fez um pausa para respirar. – Todos os dias... somos assados debaixo do sol naquela colina cor de osso, desmembrados em pelotões, e a cada pelotão são atribuídos objetivos impossíveis. – Fez uma careta. – Sob o comando desse novo Punho, cada soldado do Sétimo já morreu dez vezes ou mais em simulações de batalha. O cabo Lista já foi morto em todos os exercícios feitos até agora, e o pobre rapaz está podre nas mãos do Encapuzado. E, enquanto tudo isso acontece, aqueles selvagens wickanos vão e berram.

Duiker não disse mais nada enquanto seguiam seu caminho rumo à praça Imperial. Quando adentraram o quartel malazano, o historiador finalmente falou:

– Há certa rivalidade, então, entre o Sétimo e o regimento wickano.

– Ah, é, essa tática é bastante óbvia. Mas acho que está indo longe demais. Vamos ver em alguns dias, quando começarmos a receber o apoio dos lanceiros wickanos. Haverá traições, guarde minhas palavras.

Entraram na praça.

– E você? – perguntou Duiker. – Que tarefa Coltaine deu ao último mago de regimento do Sétimo?

– Loucura. Conjuro ilusões o dia inteiro até meu crânio estar prestes a explodir.

– Ilusões? Em meio às simulações de batalha?

– É, e é isso que torna os objetivos impossíveis. Acredite em mim, mais de uma maldição já foi lançada em minha direção, Duiker. Mais de uma.

– O que você conjura? Dragões?

– Bem que eu queria. Refugiados malazanos, historiador. Às centenas. Mil espantalhos pesados para os soldados carregarem não são suficientes para Coltaine. Os que ele quer que eu crie fogem para o lado errado, se recusam a sair de suas casas ou levam junto sua mobília e outras posses. As ordens de Coltaine são que meus refugiados criem caos, e até agora custaram mais vidas do que qualquer outro elemento nos exercícios. Não sou um homem popular, Duiker.

– E quanto a Sormo E'nath? – quis saber o historiador, com a boca seca de repente.

– O bruxo? Sumiu.

Duiker assentiu para si mesmo. Já conhecia a resposta de Kulp para aquela pergunta. *Você está ocupado lendo as pedras na areia, Sormo. Não está? Enquanto Coltaine transforma a marteladas o Sétimo em guardiões dos refugiados malazanos.*

– Mago – disse ele.

– Sim?

– Morrer uma dezenas de vezes em simulações de batalha não é nada. Quando for de verdade, só se morre uma vez. Pressione o Sétimo, Kulp. De toda maneira possível. Mostre a Coltaine do que o Sétimo é capaz. Converse com os líderes de pelotão. Hoje à noite. Venha amanhã, conquiste seus objetivos e conversarei com Coltaine sobre um dia de descanso. Mostre a ele, e ele concederá.

– O que lhe dá tanta certeza?

O tempo está acabando e ele precisa de vocês. Precisa que vocês estejam afiados.

– Conquiste seus objetivos. Deixe o Punho comigo.

– Muito bem. Vou ver o que posso fazer.

O Cabo Lista morreu nos primeiros minutos do combate simulado. Bult, à frente de uma multidão uivante de wickanos, desceu a avenida principal da ruína e ele próprio golpeou o malazano infeliz na lateral da cabeça, com força suficiente para deixar o rapaz estirado, inconsciente, na poeira. Em seguida, o guerreiro veterano jogou Lista sobre o ombro e o tirou da batalha.

Sorrindo, Bult subiu correndo a trilha empoeirada para a elevação de onde o novo Punho e alguns de seus oficiais assistiam ao combate, largando, então, o cabo na poeira aos pés de Coltaine. Duiker suspirou.

Coltaine olhou ao redor.

– Curandeiro! Cuide do garoto.

Um dos cortadores do Sétimo apareceu, agachando-se ao lado do cabo.

Os olhos semicerrados de Coltaine encontraram Duiker.

– Não vejo mudança nos procedimentos de hoje, historiador.

– Ainda é cedo, Punho.

O wickano grunhiu, voltando a atenção às ruínas cheias de pó. Soldados emergiam do caos, lutadores do Sétimo e wickanos, cambaleando com ferimentos menores e membros quebrados.

Ajeitando sua clava, Bult fez uma carranca.

– Falou cedo demais, Coltaine. Este está diferente.

Duiker percebeu que havia entre as vítimas mais wickanos do que soldados do Sétimo e a proporção aumentava a cada instante. Em algum lugar em meio às nuvens caóticas de poeira, a maré tinha mudado.

Coltaine mandou trazerem seu cavalo. Atirou-se sobre a sela e lançou um olhar fulminante a Bult.

– Fique aqui, tio. Onde estão meus lanceiros?

Aguardou impaciente enquanto quarenta cavaleiros subiam a elevação. Suas lanças estavam envoltas em tiras de couro. Apesar disso, Duiker sabia que qualquer coisa além de um golpe de raspão de uma delas provavelmente seria suficiente para quebrar alguns ossos.

Coltaine guiou os cavaleiros a trote em direção às ruínas.

Bult cuspiu pó.

– Já era hora.

– De quê? – perguntou Duiker.

– O Sétimo finalmente ganhou apoio dos lanceiros. Está uma semana atrasado, historiador. Coltaine esperava que endurecessem, mas até agora tudo que tínhamos conseguido foi que murchassem. Quem lhes deu novo vigor? Você? Tome cuidado ou Coltaine o tornará capitão.

– Por mais que eu queira levar o crédito, isso é trabalho de Kulp e dos sargentos de pelotão – disse Duiker.

– Kulp está tornando as coisas mais fáceis, então? Não é surpresa que o rumo da batalha tenha virado.

O historiador balançou a cabeça.

– Kulp segue as ordens de Coltaine, Bult. Se você está procurando uma razão para explicar a derrota de seus wickanos, precisa buscar em outro lugar. Você pode começar com a ideia de que o Sétimo está mostrando seu verdadeiro fervor.

– Talvez eu comece com isso mesmo – refletiu o veterano, revelando um brilho em seus pequenos olhos escuros.

– O Punho o chamou de “tio”.

– É.

– E aí? Você é?

– Sou o quê?

Duiker desistiu. Começava a compreender o senso de humor wickano. Sem dúvida haveria ainda mais ou menos meia dúzia de interações entre eles antes de Bult finalmente se compadecer e lhe dar uma resposta. *Eu poderia vencê-lo nesse jogo. Ou poderia deixar o desgraçado esperar... Esperar para sempre, na verdade.*

Das nuvens de poeira, uns vinte refugiados apareceram, oscilando de modo estranho enquanto andavam. Cada um deles estava sobrecarregado com posses impossíveis: cômodas imensas, baús, armários de despensa carregados, castiçais e armaduras antigas. Flanqueando o movimento e formando um cordão protetor, vinham os soldados do Sétimo, rindo,

gritando e batendo as espadas nos escudos enquanto faziam sua retirada bem-sucedida.

Bult rosnou uma risada.

– Meus cumprimentos a Kulp quando você se encontrar com ele, historiador.

– O Sétimo ganhou um dia de descanso – disse Duiker.

O wickano ergueu as sobrancelhas sem pelos.

– Por uma vitória?

– Eles precisam saboreá-la, comandante. Além disso, os curandeiros ficarão ocupados remendando ossos. Você não quer que eles estejam com seus Labirintos exauridos na hora errada, quer?

– E a hora errada está chegando, não é mesmo?

– Tenho certeza que sim – disse Duiker devagar. – Sormo E'nath concordaria comigo.

Bult cuspiu de novo.

– Meu sobrinho se aproxima.

Coltaine e seus lanceiros apareceram, dando cobertura aos soldados, muitos dos quais arrastavam ou carregavam os espantalhos que faziam as vezes de refugiados. Os números finais deixavam claro que a vitória do Sétimo tinha sido incontestável.

– Aquilo é um sorriso no rosto de Coltaine? – perguntou Duiker. – Por apenas um momento, pensei ter visto...

– Está enganado, sem dúvida – grunhiu Bult, mas Duiker começava a conhecer bem aqueles wickanos e tinha detectado uma pontinha de humor na voz do veterano. Passado um momento, Bult continuou: – Leve a notícia ao Sétimo, historiador. Eles ganharam o dia.

Violinista estava sentado no escuro. O jardim, sem cuidados e, portanto, fora de controle, tinha fechado o cerco sobre o poço e o banco de pedra em formato de lua crescente. Acima do sabotador, era visível apenas um

pequeno risco do céu, iluminado por estrelas. Não havia lua. Depois de um momento, ele inclinou a cabeça.

– Você é ligeiro, moleque. Isso eu reconheço.

Crokus hesitou atrás do Violinista. Depois se juntou a ele no banco.

– Acho que você nunca poderia imaginar que ele usaria a patente para enquadrar você daquela maneira – disse o jovem.

– Foi isso que aconteceu?

– Pelo visto, sim.

Violinista não respondeu. Rhizanos passavam de vez em quando por ali, em perseguição a mariposas-do-lixo que pairavam sobre a boca do poço. O ar frio fedia por causa do refugo podre do outro lado do muro, nos fundos.

– Ela está chateada – disse Crokus.

O sabotador balançou a cabeça. *Chateada.*

– Foi uma discussão. Não estávamos torturando prisioneiros.

– Apsalar não se lembra de nada disso.

– Eu me lembro, moleque, e são lembranças difíceis de afastar.

– Ela é só uma pescadora.

– Na maior parte do tempo – disse Violinista. – Mas às vezes... –
Balançou a cabeça.

Crokus suspirou. Então mudou de assunto:

– Não era parte do plano que Kalam partisse sozinho?

– O sangue antigo chama, moleque. Kalam nasceu e cresceu nas Sete Cidades. Além disso, ele quer encontrar a tal Sha'ik, essa bruxa do deserto, a Mão de Dryjhna.

– Agora você está do lado dele – disse Crokus, com silenciosa exasperação. – Um décimo de badalada atrás quase o acusou de traição...

Violinista fez uma careta.

– É um momento confuso para todos nós. Fomos banidos por Laseen, mas isso nos torna menos soldados do Império? Malaz não é a imperatriz, e a imperatriz não é Malaz...

– Uma distinção discutível, eu diria.

O sabotador olhou para Crokus.

– Diria? Pergunte à menina. Talvez ela explique isso a você.

– Mas você está esperando a rebelião. Na verdade, está contando com ela...

– Não significa que nós é que devemos desencadear o furacão, certo? Kalam quer estar no centro das coisas. Tem sido sempre do jeito dele. Desta vez, a oportunidade literalmente caiu em seu colo. O Livro de Dryjhna guarda o coração da Deusa do Furacão. Para iniciar o Apocalipse, ele precisa ser aberto pela Vidente, e por ninguém mais. Kalam sabe muito bem que essa pode ser uma missão suicida, mas entregará aquele maldito livro do Encapuzado direto nas mãos de Sha'ik, para assim criar mais uma fissura no controle, já em plena derrocada, de Laseen. Dê crédito a ele por insistir em nos manter fora disso.

– Aí está você, defendendo Kalam. O plano era assassinar Laseen, não ser levado para o meio dessa insurreição. Ainda não faz sentido algum termos vindo para este continente...

Violinista se empertigou, os olhos nas estrelas que brilhavam lá no alto. Estrelas desertas, diamantes afiados que sempre pareciam ávidos por sangue.

– Há mais de uma estrada para Unta, moleque. Estamos aqui para encontrar uma que provavelmente nunca foi usada e que talvez nem funcione. Mas vamos procurar por ela mesmo assim, com ou sem Kalam. O Encapuzado é que sabe; pode ser que Kalam tenha tomado o caminho mais sábio, por terra, até Aren, e num barco comum até Quon Tali. Talvez dividir nossos caminhos seja a decisão mais sábia de todas, aumentando as chances de que pelo menos um de nós consiga sobreviver.

– Certo – rosnou Crokus. – E se Kalam não conseguir? Você vai atrás de Laseen sozinho? Um cavador de trincheiras glorificado, e velho de guerra, aliás. Você não inspira lá muita confiança, Violinista. Deveríamos estar levando Apsalar para casa.

A voz de Violinista soou fria:

– Não me pressione, moleque. Alguns anos roubando bolsas nas ruas de

Darujhistan não o qualificam para me julgar.

Galhos estalaram na árvore diante dos dois homens e Moby apareceu, pendurado em um braço só, trazendo um rhizano que lutava contra a pressão de suas mandíbulas. Os olhos do animal reluziram quando ossos foram esmagados. Violinista grunhiu.

– Em Quon Tali, encontraremos mais apoiadores do que você consegue imaginar – disse devagar. – Ninguém é indispensável, nem deveria ser tomado por inútil. Goste ou não, moleque, você precisa crescer um pouco.

– Você acha que sou estúpido, mas está errado. Acha que não enxergo o fato de que você pensa haver *mais um* osso raspado no buraco, e não estou falando de Ben Ligeiro. Kalam é um assassino bom o bastante para chegar até Laseen. Mas, se ele não conseguir, há outra pessoa que pode ainda ter as habilidades de um deus. E não qualquer deus antigo, não, mas o *Patrono dos Assassinos*, aquele que vocês chamam de Corda. Então você continua cutucando a garota. Está levando Apsalar para casa porque ela já não é o que foi um dia, mas a verdade é que você *quer a antiga de volta*.

Violinista ficou em silêncio por bastante tempo, observando Moby comer o rhizano. Quando a criatura finalmente engoliu o que restava do lagarto alado, o sabotador pigarreou.

– Não penso de maneira tão sagaz. Eu funciono à base de instinto.

– Está me dizendo que usar Apsalar não tinha ocorrido a você?

– Não a mim, não...

– Mas a Kalam...

Violinista resistiu. Depois, deu de ombros.

– Se ele não pensasse nisso, Ben Ligeiro pensaria.

Crokus sibilou, triunfante:

– Eu sabia. Não sou tolo...

– Ah, pelo sopro do Encapuzado, moleque, isso você não é.

– Não vou deixar isso acontecer, Violinista.

– Esse bhok'aral do seu tio é mesmo um familiar, um servo de feiticeiro?

– murmurou o sabotador, indicando Moby com a cabeça. – Se Mammot está

morto, por que ele ainda está aqui? Não sou mago, mas pensei que tais familiares fossem magicamente... *presos* a seus mestres.

– Não sei – admitiu Crokus, e em seu tom havia algo dizendo a Violinista que o rapaz estava inteiramente consciente da linha de pensamento do sabotador. – Talvez ele seja só um bicho de estimação mesmo. É melhor você rezar para que seja. Eu disse que não deixaria você usar Apsalar. Se Moby for mesmo um familiar, não será só por mim que você terá de passar.

– Não vou tentar nada, Crokus – retorquiu Violinista. – Mas ainda digo que você precisa crescer um pouco. Mais cedo ou mais tarde vai lhe ocorrer que você não pode falar por Apsalar. Ela fará o que quiser, gostando você ou não. A possessão pode ter acabado, mas as habilidades do deus continuam em seus ossos. – Virou-se devagar e encarou o rapaz. – E se ela decidir usar essas habilidades?

– Não vai – disse Crokus, mas a certeza tinha sumido de sua voz. Ele fez um gesto e Moby voou preguiçosamente para seu colo. – De que você o chamou? Bhoka...

– Bhok'aral. São nativos desta terra.

– Ah.

– Durma um pouco, moleque. Vamos partir amanhã.

– Kalam também.

– É, mas não estaremos um na companhia do outro. Caminhos paralelos rumo ao sul, pelo menos para começar.

Violinista observou Crokus voltar para dentro, com Moby agarrado a ele como uma criança. *Pelo sopro do Encapuzado, não estou nada ansioso por esta jornada.*

Cem passos para dentro do Portão das Caravanas ficava uma praça em que os comerciantes da terra se reuniam antes de deixarem Ehrlitan. A maior parte avançaria para o sul, pela estrada costeira, seguindo a linha da baía.

Havia numerosos vilarejos e entrepostos naquela rota e a própria estrada de pedra construída pelos malazanos era bem patrulhada. Na verdade, seria, se o Punho da cidade não tivesse convocado as tropas.

Até onde Violinista conseguiu descobrir, conversando com vários mercadores e guardas de caravana, poucos bandidos já haviam tentado tirar vantagem da retirada das tropas. No entanto, pelo que se podia apreender das fileiras infladas de guardas mercenários que acompanhavam cada caravana, ficou claro para o sabotador que os comerciantes não estavam dispostos a assumir qualquer risco.

Não teria adiantado se os três malazanos houvessem se disfarçado de mercadores na jornada rumo ao sul; não tinham nem o dinheiro nem os equipamentos necessários para apoiar uma farsa dessas. Com os riscos envolvidos em uma viagem entre as cidades, preferiram viajar vestidos de peregrinos. Para os mais devotos, o Caminho das Sete, ou seja, a peregrinação a cada uma das sete Cidades Sagradas, era uma respeitada demonstração de fé. Era algo que ficava no cerne da tradição daquela terra, impenetrável à ameaça de bandidos ou mesmo da guerra.

Violinista manteve seu disfarce de gral, servindo de guardião e guia de Crokus e Apsalar, que por sua vez assumiram o papel de dois jovens crentes recém-casados iniciando em uma jornada que abençoaria sua união sob os Sete Céus. Cada um ia montado: Violinista em um cavalo de criação gral, desdenhoso do fingimento do sabotador e possuidor de temperamento perverso; Crokus e Apsalar em montarias compradas em um dos melhores estábulos dos arredores de Ehrlitan. Três cavalos sobressalentes e quatro mulas completavam o comboio.

Kalam tinha partido ao amanhecer, oferecendo a Violinista e aos outros apenas uma despedida rápida. As palavras trocadas na noite anterior tinham maculado o momento da partida. O sabotador entendia que Kalam desejasse ferir Laseen por meio de sangue derramado pela rebelião, mas o potencial dano ao Império, e a quem quer que assumisse o trono depois da queda de Laseen, era um risco grande demais, na opinião de Violinista. Os dois

tiveram uma discussão severa e Violinista se sentia ferido e enfraquecido pela interação.

Aquela separação tinha trazido emoções bem fortes, como Violinista percebeu tarde demais. O dever que um dia ligara Kalam e ele a uma única causa, que era tanto amizade quanto qualquer outra coisa, parecia ter se quebrado. E, pelo menos por enquanto, não havia nada para tomar seu lugar dentro de Violinista. Ele se sentia perdido, mais solitário do que estivera em anos.

Eles ficariam entre os últimos comboios a deixarem o Portão das Caravanas. Enquanto Violinista verificava o aperto das correias das mulas uma última vez, o som de cavalos a galope chamou sua atenção.

Uma tropa de seis Lâminas Vermelhas tinha surgido, diminuindo a velocidade das montarias ao entrarem na praça. Violinista olhou para onde Crokus e Apsalar estavam, ao lado de seus cavalos. Cruzando o olhar com o do rapaz, o sabotador fez um gesto com a cabeça, voltando a apertar a correia da mula.

Os soldados procuravam alguém. A tropa se dividiu, cada cavaleiro indo na direção de um dos comboios restantes. Violinista ouviu cascos batendo pesadamente no calçamento atrás dele e se forçou a permanecer calmo.

– Gral!

Parando para cuspir como um membro de tribo faria ao ser abordado por um cachorrinho malazano, Violinista se virou devagar.

Sob o aro do elmo, o rosto escuro do Lâmina Vermelha tinha endurecido, em resposta ao gesto.

– Um dia os Lâminas Vermelhas irão limpar as colinas dos graus – prometeu, com um sorriso que revelava dentes cinzentos e opacos.

A única resposta de Violinista foi um bufar.

– Se você tem algo que valha a pena ser dito, Lâmina Vermelha, diga. Nossas sombras já estão baixas demais para os quilômetros que ainda viajaremos hoje.

– Uma prova de sua incompetência, gral. Tenho apenas uma pergunta.

Responda com a verdade, pois saberei se você estiver mentindo. Gostaríamos de saber se um homem num garanhão ruano partiu sozinho de manhã pelo Portão das Caravanas.

– Não vi homem assim – respondeu Violinista. – Mas agora lhe desejo bem. Que os Sete Espíritos o guardem pelo resto de seus dias.

O Lâmina Vermelha rosnou.

– Estou avisando: seu sangue não é armadura contra mim, gral. Você estava aqui ao amanhecer?

Violinista voltou a atenção para as mulas.

– Uma pergunta, foi o que falou – rangeu o sabotador. – Você paga por mais que uma com dinheiro, Lâmina Vermelha.

O soldado cuspiu nos pés de Violinista, puxou as rédeas de sua montaria a fim de fazê-la dar a volta e cavalgou para se reunir ao grupo.

Sob seu manto de deserto, Violinista sorriu. Crokus apareceu ao lado dele.

– O que foi aquilo? – exigiu saber, sibilando.

O sabotador deu de ombros.

– Os Lâminas Vermelhas estão caçando alguém. Nada a ver conosco. Volte para o seu cavalo, moleque. Estamos indo.

– Kalam?

Com os antebraços pousados no dorso da mula, Violinista hesitou, semicerrando os olhos contra o brilho que oscilava entre as pedras claras do calçamento.

– Eles podem ter ficado sabendo que o Livro Sagrado não está mais em Aren. E que alguém pretende entregá-lo a Sha'ik. Ninguém conhece Kalam aqui.

Crokus pareceu não se convencer.

– Kalam encontrou alguém na noite passada, Violinista.

– Um velho contato, que devia algo a ele.

– O que já é um bom motivo para trair Kalam. Ninguém gosta de ser lembrado de suas dívidas.

Violinista não disse nada. Após um momento, deu um tapinha no dorso da mula, fazendo subir uma lufada fraca de poeira, e foi até seu cavalo. O gral castrado exibiu os dentes quando ele estendeu a mão para as rédeas. Violinista agarrou a brida sob o queixo do animal, que tentou afastar a cabeça, mas ele segurou firme e se inclinou para mais perto.

– Mostre bons modos, seu bastardo feio, ou você viverá para se arrepender.

Segurando as rédeas, ele montou na sela de encosto alto.

Do outro lado do Portão das Caravanas, a estrada costeira se estendia na direção sul, nivelada, apesar da leve ondulação dos penhascos de arenito que tinham vista para a baía no lado oeste. À esquerda deles, mais de 5 quilômetros para dentro do continente, ficavam as colinas Arifal. O recorte serrado de Arifal os seguiria por todo o caminho até o rio Eb, 200 quilômetros ao sul. Tribos hostis habitavam aquelas colinas, sendo os grais predominantes entre elas. A maior preocupação de Violinista era dar de cara com um verdadeiro membro da tribo gral. A chance de isso acontecer era um pouco reduzida em função da estação, pois os grais estariam com suas cabras mais para dentro da cordilheira, onde era possível encontrar tanto sombra quanto água.

Impelindo as montarias a seguir a trote, ultrapassaram o comboio de um mercador a fim de evitar as nuvens de poeira; em seguida, Violinista deixou que voltassem a um passo mais lento. O calor do dia já crescia. Seu destino era um vilarejo chamado Salik, a cerca de 45 quilômetros de distância, onde parariam para fazer a refeição do meio-dia e esperar as horas mais quentes passarem, antes que continuassem na direção do rio Trob.

Se tudo desse certo, alcançariam G'danisban em uma semana. Violinista esperava que Kalam estivesse dois ou três dias à frente deles. Depois de G'danisban ficava o Pan'potsun Odhan, um descampado pouco habitado, com colinas áridas, ruínas esqueléticas de cidades mortas havia muito tempo, cobras venenosas, moscas agressivas e – ele se lembrava das palavras do andarilho espectral Kimloc – o potencial para algo ainda mais mortal.

Uma convergência. Pelos pés de Togg, não gosto nada dessa ideia. Pensou na concha em sua mochila de couro. Carregar um objeto de poder nunca tinha sido algo sábio. Provavelmente trará mais problemas do que benefícios. E se algum soletaken farejar a concha e decidir que a quer para sua coleção? Ele fechou a cara. Uma coleção fácil de começar, com uma concha e três crânios brilhantes.

Quanto mais pensava no assunto, mais apreensivo ficava. *Melhor vendê-la para algum comerciante em G'danisban. O dinheiro extra pode vir a ser útil.* O pensamento o deixou um pouco mais aliviado. Venderia a concha, ficaria livre dela. Embora ninguém pudesse negar o poder de um andarilho espectral, provavelmente era perigoso contar demais com ele. Os sacerdotes tannos desistiam de suas vidas em nome da paz. *Ou pior. Kimloc entregou sua honra. Melhor contar com os objetos incendiários moranthianos que estão na minha mochila do que com qualquer concha misteriosa. Uma flamejante vai queimar um soletaken com a mesma facilidade que qualquer outra coisa.*

Crokus se adiantou para ficar ao lado do sabotador.

– Em que você está pensando, Violinista?

– Em nada. Onde está aquele seu bhok'aral?

O jovem franziu a testa.

– Não sei. Acho que ele era só um bicho de estimação, no fim das contas. Foi embora ontem à noite e não voltou mais. – Crokus passou as costas da mão no rosto e Violinista viu que ele chorava. – Eu de certa forma sentia, com Moby, como se Mammot estivesse comigo.

– Seu tio era um homem bom, antes de ser possuído pelo tirano jaghut?

Crokus assentiu.

Violinista grunhiu.

– Então ele ainda está com você. Moby provavelmente farejou seu parentesco no ar. Muitos nobres têm bhok'aralas como animais de estimação na cidade. Só um animal doméstico, no fim das contas.

– Acho que você está certo. Na maior parte da minha vida, pensei que Mammot era só um acadêmico, um velho rabiscando pergaminhos o tempo

todo. Meu tio. Mas então descobri que ele era um sumo sacerdote. Importante, com amigos poderosos como Baruk. E, antes mesmo que eu conseguisse lidar com isso, ele foi morto. Destruído pelo seu pelotão...

– Calma aí, moleque! O que matamos não era seu tio. Não mais.

– Eu sei. Ao matar Mammot, vocês salvaram Darujhistan. Eu sei, Violinista...

– Já acabou, Crokus. E você deveria perceber que ter um tio que tomou conta de você e o amou é mais importante do que ter um tio sumo sacerdote. E imagino que ele diria o mesmo a você, se tivesse tido a chance.

– Mas você não entende? Ele tinha *poder*, Violinista, e não fez nada com isso! Só se escondeu em seu quartinho, naquele cortiço caindo aos pedaços! Ele poderia ter sido o dono de uma propriedade, tomado parte no Conselho, feito a diferença...

Violinista não estava preparado para entrar naquela discussão. Nunca teve muita habilidade com aconselhamentos. *Não tenho mesmo conselho que valha a pena dar.*

– Ela chutou você para cá por você ser tão temperamental, moleque?

A expressão de Crokus ficou sombria e ele tocou sua montaria adiante.

Suspirando, Violinista se remexeu na sela e fitou Apsalar, cavalgando alguns passos atrás.

– Briguinha de namorados, é?

Ela piscou, solene.

Violinista olhou de volta para a frente, ajeitando-se sobre a sela.

– Pelas bolas do Encapuzado – resmungou, entre os dentes.

Iskaral Pust enfiou a vassoura mais para dentro da chaminé e esfregou freneticamente. Nuvens negras desceram para a lareira, alojando-se sobre as vestes cinzentas do sumo sacerdote.

– Você tem madeira? – perguntou Mappo, sentado na plataforma elevada de pedra que vinha usando como cama.

Iskaral parou.

– Madeira? Madeira é melhor que uma vassoura?

– Para acender o fogo – disse o trell. – Para afastar o frio desta câmara.

– Madeira! Não, claro que não. Mas esterco, sim, bastante esterco. Fogo. Excelente. Queimar todas, até ficarem esturricadas! Trells são conhecidos por sua astúcia? Não tenho recordações disso, nada entre as raras menções de trell isso, trell aquilo. É difícil achar escritos sobre um povo iletrado. Hum...

– Trells são bastante letrados – disse Mappo. – Já faz algum tempo. Talvez sete ou oito séculos, na verdade.

– Devo atualizar a minha biblioteca, uma ação dispendiosa. Vou erguer sombras para pilhar grandes bibliotecas do mundo.

Ele se agachou diante da lareira; o cenho franzido era visível através da fuligem que cobria o rosto.

Mappo pigarreou.

– Queimar até o que ficar esturricado, sumo sacerdote?

– Aranhas, é claro. O templo está cheio delas. Mate as que estiverem à vista, trell. Use esses pés de solas grossas e essas mãos de couro. Mate todas, entendeu?

Assentindo, Mappo se envolveu ainda mais no cobertor de pele, tendo apenas um leve sobressalto quando o couro raspou as feridas em sua nuca. A febre tinha cedido, tanto por causa de suas reservas quanto, ele suspeitava, pelos remédios duvidosos usados pelo servo silencioso de Iskaral. As presas e as garras de d'ivers e soletaken criavam uma doença virulenta que costumava levar a alucinações, loucura bestial e, depois, morte. Para muitos dos que sobreviviam a ferimentos desse tipo, a loucura permanecia, reaparecendo regularmente durante uma ou duas noites, nove ou dez vezes por ano. Tratava-se de uma loucura frequentemente marcada por assassinatos.

Iskaral Pust acreditava que Mappo tinha escapado com sucesso de tal destino, mas o trell não confiaria nisso até terem passado pelo menos dois

ciclos da lua sem sinal dos sintomas. Não gostava de pensar no que seria capaz de fazer quando tomado por uma fúria assassina. Muitos anos antes, entre o bando que assolara o Jhag Odhan, Mappo tinha ficado assim (como era frequente acontecer com guerreiros) e as lembranças das mortes que causara continuavam consigo... e sempre continuariam.

Se o veneno de um soletaken vivesse dentro dele, Mappo tiraria a própria vida antes de libertar aquele desejo assassino mais uma vez.

Iskaral Pust cutucou com a vassoura cada canto do chão da pequena câmara de mendigos que servia como aposento para o trell. Depois se esticou para fazer o mesmo nos cantos do teto.

– Mate o que morde, mate o que pica; este sagrado recinto da Sombra deve estar imaculado. Mate tudo que se arrasta, tudo que corre. Vocês foram examinados, à procura de bichos, os dois, sim. Visitantes inoportunos não são permitidos. Banhos de lixívia foram preparados, mas nada em nenhum dos dois. Claro que continuo desconfiado.

– Você mora aqui há muito tempo, sumo sacerdote?

– Não faço ideia. Irrelevante. A importância recaiu apenas sobre as ações realizadas, os objetivos alcançados. O tempo é preparação, e nada mais. Você se prepara por tanto tempo quanto for exigido. Fazer isso é aceitar que o planejamento começa no nascimento. Você nasce e antes de tudo é mergulhado na sombra, envolvido na ambivalência sagrada, que está ali para amamentar com alimento açucarado. Eu vivo para me preparar, trell, e as preparações estão quase acabadas.

– Onde está Icarium?

– Uma vida dada por uma vida tomada, diga isso a ele. Na biblioteca. As freiras deixaram apenas um punhado de livros. Tomos dedicados, dando prazer. Acho melhor ler na cama. O resto do material é meu, uma coleção limitada, terrível penúria, estou envergonhado. Com fome?

Mappo se sacudiu. As divagações do sumo sacerdote possuíam características hipnóticas. Cada pergunta do trell era respondida com um bizarro monólogo desconexo que parecia drenar de Mappo qualquer

vontade de levantar alguma outra questão. Fiel a suas asserções, Iskaral Pust era capaz de fazer a passagem do tempo perder o sentido.

- Fome? Aham.
- Servo prepara comida.
- Ele pode levar a refeição à biblioteca?

O sumo sacerdote fez uma carranca.

- Colapso da etiqueta. Mas, se você insiste...

O trell ficou em pé.

- Onde fica a biblioteca?

– Vire à direita, siga 34 passos, vire à direita de novo, 12 passos, depois atravesse a porta à direita, 35 passos, atravesse uma passagem em arco à direita, mais 11 passos, vire à direita uma última vez, 15 passos, entre na porta à direita.

Mappo encarou Iskaral Pust.

O sumo sacerdote trocou o peso de perna, nervoso.

- Ou – disse o trell, estreitando os olhos – vire à esquerda, 19 passos.
- É – resmungou Iskaral.

Mappo andou a passos largos até a porta.

- Vou pegar o caminho menor, então.

– Se preferire... – grunhiu o sumo sacerdote, curvando-se para examinar de perto a extremidade desigual da vassoura.

A violação da etiqueta foi explicada quando, ao entrar na biblioteca, Mappo viu que a câmara atarracada também servia de cozinha. Icarium estava sentado a uma robusta mesa manchada de preto, alguns passos à direita do trell. Ao mesmo tempo, Servo se debruçava sobre o caldeirão, suspenso por uma corrente sobre o fogareiro, um passo à esquerda de Mappo. Em meio à nuvem de vapor, quase não se via a cabeça de Servo, umedecida pela condensação que pingava dentro do caldeirão enquanto ele mexia o conteúdo com uma concha, fazendo círculos lentos e constantes.

– Acho que não vou querer a sopa – disse Mappo ao homem.

– Estes livros estão apodrecendo – disse Icarium, recostando-se e encarando Mappo. – Você se recuperou?

– É o que parece.

Ainda fitando o trell, Icarium franziu a testa.

– Sopa? – Sua expressão se iluminou. – Ah, não é sopa. Lavando roupa ali. Você vai achar comida mais palatável na mesa. – Icarium gesticulou para a parede atrás de Servo, depois voltou para as páginas descompostas de um livro antigo aberto diante dele. – Isso é espantoso, Mappo...

– Considerando até que ponto aquelas freiras eram isoladas, me surpreende que você esteja espantado – disse Mappo, aproximando-se da mesa com as comidas.

– Não estes livros, amigo. Os de Iskaral. Há trabalhos aqui cuja existência era apenas um vago rumor. E alguns... como este... de que nunca ouvi falar. *Tratado sobre o planejamento de irrigação no Quinto Milênio de Ararkal*, escrito por não menos que quatro autores.

Retornando à mesa da biblioteca com um prato de chumbo contendo uma pilha alta de pão e queijo, Mappo se debruçou sobre o ombro do amigo para analisar os desenhos detalhados nas páginas de velino do livro, além da escrita estranha e trançada. O trell grunhiu. Com a boca seca de repente, conseguiu murmurar:

– O que há de tão espantoso nisso?

Icarium voltou a se recostar.

– A completa... frivolidade, Mappo. Só os materiais usados neste tomo custariam o equivalente ao salário anual de um artesão. Nenhum acadêmico em seu juízo perfeito gastaria tais recursos, sem contar o tempo, com um assunto tão banal e sem propósito. E este não é o único exemplo. Olhe: *Padrões de dispersão de sementes da flor purila no arquipélago de Skar*. E aqui: *Doenças de moluscos de concha branca na baía de Lekoer*. Estou convencido de que estes trabalhos têm milhares de anos de idade. Milhares.

E numa língua que eu nunca imaginei que você iria reconhecer, muito

menos entender. Mappo se lembrava da última vez que tinha visto tal escrita, sob um toldo de couro em uma colina que marcava a fronteira norte de sua tribo. Achava-se entre um punhado de guardas, escoltando os anciãos da tribo ao que depois se provaria uma convocação fatídica.

Com as chuvas do outono tamborilando no alto da cobertura, haviam se agachado em um semicírculo, encarando o norte, enquanto sete figuras de manto e capuz se aproximavam. Cada uma segurava um cajado e, ao chegarem debaixo do toldo, ficaram em pé, silenciosas, diante dos anciãos. Mappo viu, com um calafrio, como aqueles cajados pareciam se contorcer diante de seus olhos: a madeira era como um grupo de raízes sinuosas, ou talvez como aquelas plantas parasitas que se enlaçavam aos troncos de outras, enforcando-as até matá-las. Em seguida, percebeu que a loucura retorcida dos cajados era, na verdade, uma inscrição rúnica, sempre mutante, como se mãos ocultas entalhassem palavras continuamente, a cada respiração.

Uma das figuras tirou o capuz e, então, teve início o momento que mudaria o futuro de Mappo. Seus pensamentos se afastaram da lembrança.

Tremendo, o trell se sentou, limpando um espaço na mesa para colocar o prato.

– Isso tudo é importante, Icarium?

– Significativo, Mappo. A civilização que produziu estes trabalhos deve ter sido terrivelmente rica. A língua se relaciona claramente com os dialetos modernos das Sete Cidades, embora em alguns pontos seja mais sofisticada. E está vendo este símbolo, aqui na lombada de cada tomo? Um cajado retorcido. Já vi este símbolo antes, amigo. Tenho certeza disso.

– Rica, você disse? – O trell lutou para afastar a conversa daquilo que sabia ser um precipício iminente. – É mais provável que esteja atolada em minúcias. E isso quase certamente explica por que é poeira e cinzas. Discutem sobre sementes no vento enquanto bárbaros derrubam seus portões. A indolência assume muitas formas, mas alcança toda civilização que sobreviveu à própria vontade. Você sabe disso tão bem quanto eu. Nesse

caso, foi uma indolência caracterizada por uma busca pelo conhecimento, uma procura frenética por respostas para tudo, não importando o valor de tais respostas. Uma civilização pode se afogar com tanta facilidade no que sabe quanto naquilo que não sabe. – Continuou: – Considere a *Loucura de Gothos*. A maldição de Gothos foi ser muito ciente... de tudo. Cada alteração, cada possibilidade. Suficiente para envenenar cada varredura que ele fizesse no mundo. Não serviu de nada a Gothos, e pior: ele tinha ciência até disso.

– Você deve estar se sentindo melhor – disse Icarium, sarcástico. – Seu pessimismo voltou. Em todo caso, estes trabalhos apoiam minha crença de que as muitas ruínas no Raraku e no Pan’potsun Odhan atestam que uma civilização próspera já existiu por lá. Na verdade, talvez a primeira civilização verdadeiramente humana, da qual todas as demais teriam nascido.

Abandone essa trilha de raciocínio, Icarium. Abandone já.

– E como esse conhecimento nos ajuda na situação atual?

A expressão de Icarium azedou um pouco.

– Minha obsessão pelo tempo, é claro. Escrever substitui a memória, entende? E a própria língua muda por causa disso. Pense nos meus mecanismos, com os quais procuro medir a passagem das horas, dos dias, dos anos. Tais medidas são, por natureza, cíclicas, repetitivas. Palavras e frases já possuíram os mesmos ritmos, e assim acabaram trancadas na mente de alguém, para que mais tarde pudessem ser lembradas com precisão absoluta. – Depois de um momento, ele refletiu: – Talvez, se eu fosse analfabeto, não fosse tão esquecido. – Suspirou, forçando um sorriso. – Além disso, só estava passando o tempo, Mappo.

O trell bateu com o dedo gasto e enrugado no livro aberto.

– Imagino que os autores disto defenderiam seu empenho com as mesmas palavras, amigo. Tenho uma preocupação mais premente.

A expressão do jhag estava fria, mas sem ocultar completamente sua diversão.

– Que é...

Mappo gesticulou.

– Este lugar. A Sombra não está na minha lista de cultos favoritos. Ninho de assassinos, e de coisa pior. Ilusão, fraude e traição. Iskaral Pust simula uma fachada inofensiva, mas não me engana. Ele claramente nos esperava e já procura antecipar nosso envolvimento em quaisquer que sejam os seus planos. Arriscamos muito permanecendo aqui.

– Mas, Mappo, é precisamente aqui, neste lugar, que meu objetivo será atingido – disse Icarium devagar.

O trell se encolheu.

– Eu temia que você fosse dizer isso. Agora, precisa me explicar.

– Não posso, amigo. Não ainda. O que tenho são suspeitas, e nada mais. Quando tiver certeza, terei convicção suficiente para explicar tudo. Você pode ter paciência comigo?

Com os olhos da mente, Mappo viu outro rosto: humano, magro e pálido, com gotas de chuva traçando regatos nas faces murchas. Olhos cinzentos e rasos, encontrando os dele, do outro lado do círculo de anciãos.

– Você nos conhece? – A voz era uma lima de couro áspero.

Um ancião tinha concordado com a cabeça.

– Nós os conhecemos como os Inominados – disse ele.

– Está bem – respondeu o homem, com os olhos ainda fixos nos de Mappo. – Os Inominados, que não pensam em anos, mas em séculos. – Continuou, agora se dirigindo a Mappo: – Guerreiro escolhido, o que você pode aprender da paciência?

Como gralhas irrompendo de um cadáver, as memórias fugiram. Encarando Icarium, Mappo conseguiu sorrir, revelando seus caninos reluzentes.

– Paciência? Não consigo ter nada além disso com você. No entanto, não confio em Iskaral Pust.

Servo começou a tirar roupas e lençóis ensopados do caldeirão, usando as próprias mãos para torcer a água fumegante dos molhos. Observando sua movimentação, o trell franziu a testa. Um dos braços de Servo era

estranhamente rosa, liso, quase jovem. O outro era mais adequado à evidente idade do homem, densamente musculoso, peludo e bronzeado.

– Servo? – chamou. O homem não ergueu o olhar. – Você consegue falar? – continuou Mappo.

– Parece que ele nos ignora, aposto que por ordem de seu mestre – disse Icarium quando Servo não respondeu. – Vamos explorar este templo, Mappo? Só precisamos ter em mente que cada sombra provavelmente ecoará nossas palavras como um sussurro nos ouvidos do sumo sacerdote.

– Bem, não me preocupa que Iskaral Pust saiba de minha desconfiança – grunhiu o trell ao se levantar.

– Ele com certeza sabe mais de nós do que nós sabemos dele – disse Icarium, levantando-se também.

Ao saírem, Servo ainda torcia a água da roupa. Havia nele algo semelhante a uma alegria selvagem, acompanhando as veias saltadas em seus antebraços imensos.

CAPÍTULO 4

Em uma terra onde
sete cidades ergueram-se em ouro,
até a poeira tem olhos.

Provérbio debrahl

Ao redor dos últimos corpos que eram recolhidos, uma multidão de homens sujos de poeira e suor se reuniu. A nuvem de pó pairava, imóvel, sobre a entrada da mina, e esteve assim durante a maior parte da manhã, desde o desmoronamento de um nível na parte mais distante de Mina Profunda. Sob o comando de Beneth, os escravos trabalharam freneticamente, buscando salvar trinta e poucos companheiros soterrados.

Nenhum tinha sobrevivido. Impassível, Felisin observava tudo da rampa de descanso na Boca de Torções, na companhia de mais de uma dezena de escravos, enquanto esperava a chegada dos barris cheios de água. Abafados e gotejantes, até mesmo os níveis mais profundos das minas tinham se transformado em verdadeiros fornos pelo calor. No subsolo, dezenas de escravos caíam a cada hora.

Do outro lado do fosso, Heboric lavrava a terra ressequida de Solo Abissal. Era sua segunda semana ali e sua saúde tinha melhorado consideravelmente agora que ele podia respirar um ar mais limpo e tinha abandonado a tarefa de puxar carrinhos de pedra. Uma remessa de limas, entregue por ordem de Beneth, também tinha ajudado.

Se ela não tivesse providenciado a transferência de Heboric, ele estaria morto àquela altura, e seu corpo, esmagado sob toneladas de rocha. Ele devia

a vida a ela.

A compreensão daquilo tinha trazido pouca satisfação a Felisin. Eles mal se falavam agora. Com a cabeça enevoada pelo fumo de durhang, tudo o que ela conseguia fazer era se arrastar da Bula para casa, toda noite. Dormia muitas horas, mas não descansava. Os dias trabalhando em Torções passavam em meio a um longo entorpecimento. Até Beneth tinha reclamado que ela vinha fazendo amor de forma... letárgica.

Os baques e os grunhidos dos carrinhos de água na via esburacada foram ficando cada vez mais altos, mas Felisin não conseguia tirar os olhos dos homens de resgate, deitando cadáveres mutilados no chão enquanto aguardavam o vagão dos corpos. Um resquício de pena se agarrava ao que ela conseguia enxergar da cena, mas mesmo isso parecia esforço demais, ainda que preferisse afastar o olhar.

Apesar de todas as reações entorpecidas, ela ia até Beneth, querendo ser usada, com cada vez mais frequência. Procurava-o quando estava bêbado, trôpego e generoso, ocasiões em que ele a oferecia a seus amigos, a Bula e a outras mulheres.

Você está entorpecida, menina, dissera Heboric em uma das poucas vezes que se dirigira a ela. *Ainda assim, sua necessidade de sentir cresce, tanto que até mesmo a dor serve. Mas você está procurando nos lugares errados.*

Lugares errados. O que ele sabia de lugares errados? O nível mais distante de Mina Profunda era um lugar errado. A Galeria, onde os corpos seriam jogados... aquele era um lugar errado. *Qualquer outro lugar além desses é apenas uma sombra de algo bom o bastante.*

Estava pronta para se mudar para junto de Beneth, dando um ponto final às escolhas que tinha feito até então. Em alguns dias, talvez. Na semana seguinte. Logo. Fizera de sua independência uma grande questão e, no entanto, agora não achava que seria um grande fardo entregá-la a ele.

– Mocinha.

Piscando, Felisin olhou para cima.

Era o jovem guarda malazano, aquele que tinha avisado Beneth uma

vez... *muito tempo atrás*. O soldado sorriu.

– Já encontrou a citação?

– O quê?

– Dos escritos de Kellanved, menina. – O rapaz franziu a testa. – Eu sugeri que você procurasse alguém que soubesse o resto da passagem que citei.

– Não sei do que você está falando.

Ele baixou a mão e os calos do dedo indicador e do polegar da mão com que usava a espada arranharam o queixo e a mandíbula da jovem, erguendo o rosto dela. Felisin se encolheu diante da luz clara quando ele pôs o cabelo dela para trás.

– Durhang – sussurrou ele. – Pelo coração da Rainha, garota, você parece dez anos mais velha que da última vez. E... quando foi isso? Duas semanas atrás.

– Peça a Beneth – balbuciou ela, afastando a cabeça do toque dele.

– Pedir o quê?

– Por mim. Na sua cama. Ele vai dizer que sim, mas só se estiver bêbado. E estará bêbado hoje à noite. Ele vai chorar pelos mortos com um jarro. Ou dois. Então, você me tocará.

Ele se empertigou.

– Onde está Heboric?

– Heboric? Solo Abissal.

Ela pensou em perguntar por que aquele soldado iria querer Heboric em vez dela, mas a pergunta flutuou para longe. Ele a tocara naquela noite. Ela passaria a gostar de calos.

Beneth ia visitar o capitão Sawark e tinha decidido levar Felisin com ele. Queria fazer um acordo, como ela percebeu tardiamente, e a ofereceria ao capitão como incentivo.

Foram pela estrada do Trabalho e se aproximaram do Círculo da

Ratazana, passando pela estalagem da Bula, onde meia dúzia de guardas dosii em serviço faziam hora, perto da porta de entrada. Seus olhares entediados os seguiram.

– Caminhe em linha reta, mocinha – grunhiu Beneth, segurando o braço dela com força. – E pare de arrastar os pés. É assim que você gosta, não é? Sempre querendo mais.

Uma corrente de repugnância tinha vindo junto com seu tom quando ele falou aquelas palavras. Tinha parado de fazer promessas. *Eu vou fazer você minha, menina. More comigo. Não precisaremos de mais ninguém.* Aquelas garantias rudes e sussurradas haviam desaparecido. A ideia não incomodou Felisin; nunca tinha acreditado em Beneth mesmo.

Bem adiante ficava o torreão de Sawark, atarracado no centro do Círculo da Ratazana, com seus blocos de pedra imensos e mal cortados manchados pela fumaça gordurosa que nunca realmente abandonava Copo de Crânio. Um guarda solitário estava do lado de fora da entrada, com uma lança frouxa na mão.

– Que azar – disse, quando se aproximaram.

– O quê? – perguntou Beneth.

O soldado deu de ombros.

– O desmoronamento desta manhã, o que mais?

– Poderíamos ter salvado alguns, se Sawark tivesse mandado alguma ajuda – disse Beneth.

– Salvar alguns? Para quê? Sawark não está de bom humor, se você tiver vindo para reclamar.

Os olhos desinteressados do homem passaram para Felisin.

– Se você estiver aqui com um presente, aí já é outra coisa. – O guarda abriu a porta pesada. – Ele está no escritório.

Beneth grunhiu. Arrastando Felisin pelo braço, puxou-a pela entrada. O térreo era um arsenal, com armas ao longo das paredes, dentro de armários trancados. Havia uma mesa e três cadeiras em um dos lados; os restos do café da manhã dos guardas povoavam o pequeno tampo da mesa. Uma

escada de ferro subia do centro da sala.

Subiram um único lance até o escritório de Sawark. O capitão estava sentado atrás de uma mesa que mais parecia um amontoado de madeira oriunda de um naufrágio. Sua cadeira tinha um revestimento felpudo, com espaldar alto. Um livro grande de contabilidade, com encadernação de couro, jazia aberto diante dele. Sawark baixou a pena e se recostou.

Felisin não conseguia se lembrar de já ter visto o capitão. Ele considerava indispensável permanecer afastado, isolado ali em sua torre. O homem era magro, desprovido de gordura, com os músculos dos braços semelhantes a cabos torcidos sob a pele pálida. Contrariando a moda atual, tinha barba; os pequenos círculos espessos e negros eram cobertos de óleo e perfumados. Possuía cabelo de corte baixo. Os olhos, verdes e úmidos, brilhavam, sempre semicerrados, sobre maçãs do rosto altas. Linhas profundas viradas para baixo circulavam sua boca larga. Ele encarou Beneth, ignorando Felisin como se ela não estivesse ali.

Beneth empurrou Felisin para uma cadeira perto da parede, à esquerda de Sawark, depois se sentou no único assento diretamente de frente para o capitão.

– Rumores desagradáveis, Sawark. Quer ouvi-los?

– O que isso vai me custar? – sussurrou o capitão

– Nada. Estes são de graça.

– Vá em frente, então.

– Os dossi estão falando alto na Bula. Prometendo o Furacão.

Sawark fez uma careta.

– Mais dessa bobagem. Não me surpreende que você dê essas notícias de graça, Beneth. São inúteis.

– Foi o que pensei no começo, mas...

– O que mais você tem a me dizer?

Os olhos de Beneth recaíram sobre o livro de registro em cima da mesa.

– Você calculou os mortos desta manhã? Achou o nome que buscava?

– Não buscava um nome em especial, Beneth. Você acha que descobriu

alguma coisa, mas não há nada aí. Estou perdendo a paciência.

– Há quatro magos entre as vítimas...

– Basta! Por que você está aqui?

Beneth deu de ombros, como se jogasse fora todas as suspeitas que tinha.

– Um presente – disse, gesticulando na direção de Felisin. – Muito jovem. Dócil, mas sempre ávida. Sem espírito para resistir. Faça o que quiser, Sawark. – A carranca do capitão ficou ainda mais sombria. – Em troca, eu gostaria da resposta a uma única pergunta – continuou Beneth. – O escravo Baudin foi preso esta manhã. Por quê?

Felisin piscou. *Baudin?* Ela balançou a cabeça, tentando limpar dela a neblina que marcava suas horas de despertar. *Isso era importante?*

– Preso na pista do Chicote depois do toque de recolher. Ele fugiu, mas um dos meus homens o reconheceu. A prisão foi feita hoje de manhã. – O olhar úmido de Sawark finalmente se voltou para Felisin. – Muito jovem, você disse? Dezoito, dezenove? Você está ficando velho, Beneth, se chama isso de muito jovem.

Ela sentiu os olhos dele explorando seu corpo, como mãos fantasmas. Daquela vez, a sensação era qualquer coisa, menos agradável. Reprimiu um calafrio.

– Ela tem 15 anos, Sawark. Mas é experiente. Chegou há apenas duas remessas.

Os olhos do capitão se aguçaram sobre Felisin e ela observou, surpresa, todo o sangue se esvaír do rosto dele.

Beneth saltou para se pôr em pé.

– Vou mandar outras. Duas jovens da última remessa. – Aproximou-se de Felisin e a colocou de pé. – Garanto sua satisfação, capitão. Estarão aqui em uma hora.

– Beneth. – A voz de Sawark era baixa. – Baudin trabalha para você, não é?

– Um conhecido, Sawark. Não um dos meus de confiança. Perguntei apenas porque ele está na equipe do meu nível. Um homem forte a menos

irá nos deixar mais lentos, se você ainda o mantiver preso amanhã.

– Viva com isso, Beneth.

Um não acredita no outro. A ideia foi como o lampejo de uma consciência que antes parecia estar perdida dentro de Felisin. Ela inspirou profundamente. *Alguma coisa está acontecendo. Preciso pensar nisso. Preciso ouvir. Ouvir, agora mesmo.*

Em resposta à sugestão de Sawark, Beneth suspirou profundamente.

– Terei de fazer isso mesmo, então. Até mais tarde, capitão.

Felisin não resistiu quando Beneth a arrastou na direção das escadas. Uma vez do lado de fora, ele a puxou pelo Círculo, sem se dar ao trabalho de responder ao guarda do torreão, que dizia algo num tom zombeteiro. Respirando com força, Beneth a levou até as sombras de um beco, depois a virou, a fim de que ela o encarasse.

Sua voz soou áspera:

– Quem é você, garota? A filha dele, perdida há muito tempo? Pelo sopro do Encapuzado! Limpe a cabeça! Trate de explicar o que acabou de acontecer naquele escritório! Baudin? O que Baudin é para você? Me responda!

– Ele não... não é nada...

O dorso da mão dele pareceu um saco de pedras ao atingir o rosto dela. Luz explodiu atrás dos olhos de Felisin e ela foi atirada para o lado. Sangue verteu de seu nariz e ela caiu imóvel no refugo podre do beco. Olhando para o chão a 15 centímetros de distância, ela estupidamente assistiu enquanto a poça vermelha se espalhava na poeira.

Beneth a colocou em pé e a arremessou contra a parede de ripas de madeira.

– Seu nome completo, mocinha. Diga!

– Felisin – murmurou ela. – Só isso...

Rosnando, ele ergueu a mão mais uma vez.

Ela encarou as marcas de seus dentes, deixadas bem acima das articulações dos dedos dele.

– Não! Eu juro! Eu era uma criança abandonada...

A incredulidade tomou conta de seus olhos ensandecidos.

– Uma *o quê?*

– Encontrada do lado de fora do mosteiro de Fener, na ilha de Malaz... A imperatriz fez acusações... Seguidores de Fener... Heboric...

– Seu navio veio de Unta, mocinha. O que você acha que eu sou? Você é nobre...

– Não! Só bem cuidada. Por favor, Beneth, não estou mentindo. Não entendo Sawark. Talvez Baudin tenha contado alguma história, uma mentira para salvar a própria pele...

– Seu navio veio de Unta. Você nunca esteve na ilha de Malaz. Esse mosteiro... Ele fica perto de qual cidade?

– Jakata. Só há duas cidades na ilha. A outra é a cidade de Malaz. Fui enviada para lá no verão. Para estudar. Estava treinando para ser uma sacerdotisa. Pergunte a Heboric, Beneth. Por favor.

– Fale o nome do bairro mais pobre da cidade de Malaz.

– O mais pobre?

– Diga!

– Não sei! O templo de Fener é na frente das docas! É o mais pobre? Havia favelas do lado de fora da cidade, beirando a estrada de Jakata. Estive lá durante uma estação apenas, Beneth! E quase nunca vi Jakata. Não nos permitiam! Por favor, Beneth, não entendo nada disso! Por que você está me machucando? Fiz tudo que você queria que eu fizesse... Dormi com seus amigos, deixei você me vender, me tornei *valiosa*...

Ele bateu nela de novo. Já não procurava mais respostas, nem uma forma de desmascarar as mentiras frenéticas de Felisin: uma nova razão apareceu nos olhos de Beneth, dando à luz uma raiva que chegava a brilhar. Ele simplesmente bateu nela, de forma sistemática, numa fúria silenciosa e fria. Depois dos primeiros golpes, Felisin se encolheu de dor; a poeira do beco frio pelas sombras parecia um bálsamo nas contusões em sua carne. Lutou para se concentrar e respirar, focando naquela única tarefa, sorvendo o ar,

lutando contra as ondas de agonia que vinham com o esforço, depois soltando devagar, um regato firme que levava a dor embora.

Depois de um tempo, percebeu que Beneth tinha parado, que talvez ele só tivesse batido nela algumas vezes, para, então, partir. Estava sozinha no beco. A faixa fina do céu acima dela escurecia com o crepúsculo. Felisin ouviu vozes casuais na rua do outro lado, mas ninguém se aproximou do beco estreito em que ela estava jogada.

Acordou de novo mais tarde. Aparentemente, tinha desmaiado enquanto engatinhava na direção da entrada do beco. A estrada do Trabalho, iluminada por tochas, estava a doze passos de distância. Figuras corriam por sua linha de visão. Por entre o ruído constante em seus ouvidos, escutou gritos e berros. O ar fedia a fumaça. Pensou em voltar a engatinhar, mas a consciência fugiu novamente.

Tecido frio passou por sua testa. Felisin abriu os olhos.

Heboric estava inclinado sobre ela, parecendo estudar suas pupilas, uma de cada vez.

– Está conosco, mocinha?

A mandíbula dela doía, seus lábios estavam selados, unidos por cascas de ferida. Ela assentiu, só então percebendo que agora estava deitada na própria cama.

– Vou passar um pouco de óleo nos seus lábios, para ver se conseguimos ter a sorte de abri-los sem machucar muito. Você precisa de água.

Ela assentiu de novo e então enrijeceu ante a dor dos cuidados dele ao tocar sua boca com o tecido encharcado de óleo, amarrado ao coto de seu braço esquerdo.

Ele falou enquanto trabalhava:

– Noite cheia para todos nós. Baudin fugiu da cadeia, incendiou alguns prédios para desviar a atenção. Está escondido em algum lugar aqui em Copo de Crânio. Ninguém tentou os muros do penhasco ou o lago do Afundador. O cordão de guardas até o alto da estrada do Besouro relatou que não houve tentativas de travessia forçada, pelo menos. Sawark anunciou

uma recompensa. Quer o desgraçado vivo, por nada menos que ter matado três de seus homens. Suspeito que haja algo mais por trás disso... O que acha? Beneth disse que você tinha sumido da linha de trabalho de Torções esta manhã, o que me deixou pensativo... Então fui falar com ele na pausa do meio-dia. Disse que a última vez que tinha visto você foi ontem à noite, na Bula, e que a jogou fora porque você está usada, sugando mais fumaça que ar para os pulmões, como se ele não fosse o culpado disso. Mas, enquanto Beneth falava, vi as marcas nos dedos dele. Ele esteve em uma briga ontem à noite, dava para ver isso, e o único machucado eram as marcas dos dentes de alguém. Bem, o casamento acabou e ninguém ficou de olho no velho Heboric, então passei a tarde procurando, verificando becos, admito que esperando o pior...

Felisin afastou o braço dele. Devagar, ela abriu a boca, estremeceu pela dor e sentindo a fisgada gelada das feridas reabertas.

– Beneth... – conseguiu dizer. Seu peito doía a cada respiração.

Os olhos de Heboric endureceram.

– O que tem ele?

– Diga que mandei dizer... a ele... que sinto muito.

O homem mais velho se recostou devagar.

– Eu quero... que ele me aceite de volta... Diga a ele. Por favor.

Heboric se levantou.

– Descanse um pouco – disse, com uma voz estranhamente monocórdia ao sair da vista dela.

– Água.

– Já levo. Depois você vai dormir.

– Não consigo – disse ela.

– Por que não?

– Não consigo dormir... sem fumar... Não consigo.

Felisin sentiu os olhos de Heboric sobre ela.

– Seus pulmões estão machucados. Você tem algumas costelas quebradas. Chá é suficiente. Chá de durhang.

– Faça bem forte.

Ao ouvi-lo encher o copo com água do barril, Felisin fechou os olhos.

– História esperta, mocinha – disse Heboric. – Uma criança abandonada. Sorte sua eu ser ligeiro. Eu diria que há uma boa chance de Beneth ter acreditado em você.

– Por quê? Por que está me dizendo isso?

– Para deixá-la aliviada. Suponho que o que quero dizer é... – Ele se aproximou dela, com o copo de água entre os antebraços... – Ele pode aceitar você de volta, menina.

– Ah... Eu... Eu não entendo você, Heboric.

Ele a observou levar o copo de argila aos lábios.

– Não – falou. – Não entende.

Como uma parede enorme, a tempestade de areia desceu sobre a encosta da cordilheira Estara e se aproximou da estrada costeira soltando um gemido mortal. Embora tempestades continentais assim fossem raras na península, Kalam já tinha enfrentado a fúria de uma antes. Sua primeira tarefa seria abandonar a estrada. Em certos pontos, seguia muito próximo do penhasco que dava para o mar, e tais penhascos costumavam desmoronar.

O garanhão reclamou quando Kalam o direcionou para os seixos da beira da estrada. Para um animal tão musculoso e brutal, o cavalo gostava demais de conforto. A areia estava quente e sumidouros tornavam o chão traiçoeiro. Ignorando os puxões do pescoço e as agitações da cabeça do animal, o assassino o guiou rumo à depressão. Depois, chutou a barriga da montaria, fazendo-a passar a um galope brando.

Quase 10 quilômetros adiante ficava o embarcadouro de Ladro e, mais para a frente, na margem de um rio sazonal, o torreão de Ladro. Kalam preferia não ficar lá, se possível. O comandante do torreão era malazano, bem como os guardas. Se conseguisse, o assassino seria mais rápido que a pior parte da tempestade; desejava voltar à estrada costeira depois de passar

pelo torreão, para então continuar na direção sul, para a vila de Intesarm.

Gemendo alto, o paredão ocre diminuiu ainda mais o horizonte à esquerda de Kalam. A cordilheira tinha desaparecido. Uma escuridão opaca ocultava o céu. O bater das asas e o deslizar de rhizanos fugindo o cercaram. Sibilando um xingamento, o assassino esporeou o garanhão, forçando-o a galopar.

Por mais que, por princípio, detestasse cavalos, a todo galope aquele animal era magnífico, parecendo flutuar sem esforço sobre o chão, com um ritmo que até perdoava as modestas habilidades de Kalam. Isso seria o mais próximo que Kalam chegaria de admitir certa estima pelo garanhão.

Enquanto cavalgava, olhou para a ponta da tempestade, a menos de cem passos de distância. Não havia como ser mais rápido que ela. Uma imensa onda de areia em redemoinho marcava onde o vento encontrava o solo. Kalam viu rochas do tamanho de punhos em meio à rebentação. O paredão se espatifaria sobre eles em minutos; seu rugido preenchia o ar.

Um pouco mais adiante, num curso que os interceptaria, Kalam avistou uma mancha cinza em meio à nuvem ocre. Inclinou-se depressa para trás na sela, dando um tranco nas rédeas. O garanhão soltou um relincho agudo, interrompendo o ritmo, escorregando sobre os cascos e cambaleando ao parar.

– Você me agradecerá por isso se tivesse meio cérebro – rosou Kalam.

A mancha cinza era um enxame de pulgas-bichos-de-pé. Os insetos vorazes esperavam por tempestades como aquela, navegando os ventos à procura de presas. O pior era que não dava para vê-los muito bem de frente; só de lado eram visíveis.

Enquanto o enxame passava diante deles, a tempestade os atingiu.

O garanhão balançou quando o muro de areia se abateu sobre eles. O mundo sumiu dentro de uma névoa marrom e bege, que guinchava e rodopiava: eles foram cobertos por pedras e cascalho, enquanto o animal refugava e Kalam grunhia de dor. O assassino baixou a cabeça encapuzada e se inclinou ao vento. Através de uma fenda em seu lenço telaba, semicerrou

os olhos, fixos à frente, e cutucou sua montaria para fazê-la andar. Abaixou-se sobre o pescoço do animal e estendeu a mão enluvada até colocá-la em concha sobre o olho esquerdo do cavalo, a fim de protegê-lo das pedras e dos grãos de areia. Por estar ali, o assassino devia isso a ele.

Continuaram por mais dez minutos, sem poderem ver nada em meio à capa de areia. O garanhão resfolegou, empinando. Sons de estalos e de algo sendo esmagado vieram de algum lugar abaixo deles. Kalam fitou o solo com os olhos estreitados. Ossos por todos os lados. A tempestade tinha destruído um cemitério, o que era uma ocorrência bem comum. O assassino voltou a controlar a montaria, depois tentou perfurar a escuridão. O embarcadouro de Ladro ficava perto, mas ele não conseguia enxergar nada. Impeliu o garanhão adiante; o animal contornou com delicadeza os amontoados de esqueletos.

A estrada costeira apareceu à frente, junto com guaritas que flanqueavam o que tinha de ser uma ponte. A vila deveria estar à direita. *Se é que aquela porcaria não foi arrastada também.* Do outro lado da ponte, encontraria o torreão de Ladro.

As guaritas estavam escancaradas e vazias, como soquetes em um imenso crânio geométrico.

Depois de deixar o cavalo no estábulo, Kalam atravessou o complexo, ainda se inclinando contra o vento e se encolhendo pela dor que sentia nas pernas, e aproximou-se da guarita do portão de entrada. Abaixou-se para entrar na alcova, finalmente fora do alcance do uivo da tempestade pela primeira vez em horas. Partículas de areia fina enchiam os cantos da guarita, mas o ar poeirento estava calmo. Não havia guarda no posto: o único assento, de pedra, estava vazio.

Kalam levantou o pesado anel de ferro da porta de madeira e bateu de volta, com toda a força. Esperou. Finalmente, ouviu uma barra sendo puxada do outro lado. A porta foi aberta com um rangido. Um velho servo de

cozinha encarou-o com seu olho bom.

– Pra dentro – resmungou. – Junte-se aos outros.

Kalam passou pelo velho e entrou em uma grande sala comunal. Rostos se viraram à sua entrada. Na extremidade mais distante da mesa principal, com o comprimento da câmara retangular, viu sentados quatro guardas do torreão, malazanos, parecendo de mau humor. Três jarros de vinho se acoravam sobre poças da bebida no tampo da mesa. De um lado, ali perto, havia uma mulher musculosa e de olhos fundos, com o rosto pintado de um modo mais adequado às donzelas mais jovens. Ao lado dela, um mercador ehrlitano, provavelmente o marido.

Kalam fez uma reverência para o grupo, depois se aproximou da mesa. Outro servo, este apenas alguns anos mais jovem que o porteiro, apareceu com um jarro e um cálice, hesitando até o assassino ter se acomodado do outro lado do casal de mercadores. O servo colocou o cálice sobre a mesa, serviu metade do vinho a Kalam e em seguida se afastou.

O mercador exibiu dentes manchados de durhang, num sorriso de boas-vindas.

– Descendo do norte, então?

O vinho era algum tipo de mistura de ervas, doce e enjoativo demais para o clima. Kalam baixou o cálice, fechando a cara.

– Não tem cerveja nesta fortaleza?

O mercador assentiu.

– Tem, e gelada, aliás. Infelizmente, só o vinho é de graça, cortesia de nosso anfitrião.

– Não estou surpreso por ser de graça – resmungou o assassino. Gesticulou na direção do servo. – Uma caneca de cerveja, por favor.

– Custa uma lasca – disse o servo.

– Um roubo de marca maior, mas minha sede é superior.

Encontrou uma estilha de jakata e a colocou sobre a mesa.

– A vila caiu no mar, então? – perguntou o mercador. – Em seu caminho de Ehrlitan para cá, como está a ponte?

Kalam viu uma pequena bolsa de veludo sobre a mesa, diante da esposa do mercador. Olhando para cima, encontrou os olhos fundos da mulher. Ela deu uma piscadela pavorosa ao assassino.

– Ele não vai participar da sua fofoca, querido Berkru. “Um estranho entra, vindo da tempestade.” É tudo que você vai saber dele.

Um dos guardas ergueu a cabeça.

– Tem algo a esconder, é? Não estava escoltando uma caravana, só cavalgando sozinho? Desertor da Guarda Ehrlitana, ou talvez pregador da palavra de Dryjhna, ou ambos. Agora aqui vem você, esperando hospitalidade do mestre, malazano de nascimento e criação.

Kalam olhou para os homens. Quatro rostos, todos belicosos. Não acreditariam em nada que ele dissesse contra as acusações do sargento. Os guardas já haviam decidido que ele pertencia à masmorra, pelo menos por uma noite, algo para quebrar o tédio. Ainda assim, o assassino não estava interessado em derramar sangue. Pousou as mãos espalmadas sobre a mesa e se levantou devagar.

– Uma palavrinha, sargento. Em particular.

A expressão no rosto escuro do homem se contraiu.

– Para você poder cortar minha garganta?

– Acredita mesmo que sou capaz disso? – perguntou Kalam, surpreso. – Está de cota de malha; tem uma espada na cinta. Tem três companheiros que, sem dúvida, ficarão por perto, nem que seja para bisbilhotar as palavras que vamos trocar.

O sargento ficou de pé.

– Posso lidar com você muito bem sozinho – grunhiu e caminhou a passos largos para a parede dos fundos.

Kalam o seguiu. Tirou um pequeno pingente de baixo de sua telaba e o ergueu.

– Reconhece isto, sargento? – perguntou em voz baixa.

Com cuidado, o homem chegou mais perto para analisar o símbolo gravado na superfície lisa do pingente. O reconhecimento fez suas feições

empalidecerem enquanto ele murmurava involuntariamente:

– Comandante da Garra.

– Um fim para suas perguntas e acusações, sargento. Não revele o que sabe a seus homens. Pelo menos até eu ter ido embora. Entendido?

O sargento concordou.

– Perdão, senhor – sussurrou.

Kalam arqueou um meio sorriso.

– Sua inquietação é compreensível. O Encapuzado está prestes a caminhar por estas terras, e nós dois sabemos disso. Cometeu um erro hoje, sargento, mas não abandone sua desconfiança. O comandante do torreão entende a situação do outro lado destas paredes?

– Sim, entende.

O assassino suspirou.

– Isso faz você e seu pelotão estarem entre os sortudos, sargento.

– É.

– Vamos voltar para a mesa agora?

O sargento simplesmente assentiu em resposta, voltando para as expressões curiosas de seu pelotão.

Quando Kalam retornou à sua cerveja, a esposa do mercador estendeu a mão para a bolsa de veludo.

– Os soldados pediram que eu lesse seus futuros – disse ela, revelando um Baralho de Dragões. Segurou as cartas com as duas mãos, e os olhos que não piscavam se fixaram no assassino. – E você? Gostaria de saber seu futuro, estranho? Quais deuses lhe abrem o sorriso, quais deuses lhe fecham a cara...

– Os deuses têm pouco tempo, ou mesmo inclinação, para nos dispensarem alguma atenção – disse Kalam, desdenhoso. – Deixe-me fora de seus jogos, mulher.

– Então você intimida o sargento e agora quer me intimidar – disse ela, sorrindo. – Vê o medo que suas palavras suscitaram em mim? Estou tremendo de pavor.

Bufando com desgosto, Kalam desviou o olhar.

A sala comunal ressoou com a pancada na porta da frente.

– Mais viajantes misteriosos! – gracejou a mulher.

Todos assistiram ao porteiro reaparecer de uma lateral da câmara e caminhar até a porta. Quem quer que esperasse do outro lado estava impaciente: um trovão soou imperiosamente pela sala, enquanto o homem mais velho ainda alcançava a barra.

Assim que a barra foi removida do ferrolho, a porta foi empurrada com força. O porteiro cambaleou para trás. Duas pessoas de armadura apareceram, sendo a primeira uma mulher. O metal sussurrava e as botas martelavam o chão enquanto ela se dirigia ao centro da câmara. Olhos frios analisaram os guardas e os outros convidados, parando brevemente em cada um deles antes de seguir em frente. Kalam não notou nenhuma atenção especial dada a ele.

A mulher um dia teve algum posto alto. Talvez ainda tivesse, embora seus equipamentos e as cores de sua armadura não revelassem qualquer posição atual. O homem atrás dela também não usava nada parecido com um uniforme.

Kalam viu vergões no rosto de ambos e sorriu para si mesmo. Eles haviam dado de cara com as pulgas, e nenhum deles parecia muito feliz com isso. O homem se sobressaltou ao ser mordido por algo, em algum lugar sob a cota de malha, e, praguejando, começou a soltar as amarras da armadura.

– Não – vociferou a mulher.

O homem parou.

Ela era pardu, de uma tribo da planície sulista; seu companheiro tinha a aparência de um nortista, sendo possivelmente ehrlitano. Sua pele morena tinha um tom mais claro que a dela e ele não possuía nenhuma tatuagem tribal.

– Pelo sopro do Encapuzado! – rosnou o sargento para a mulher. – Não deem nem mais um passo! Os dois estão infestados de pulgas. Fiquem daquele outro lado da mesa. Um dos servos vai preparar um banho de casca

de cedro, mas vocês terão que pagar por isso.

Por um momento, a mulher pareceu pronta para resistir, mas então gesticulou com a mão enluvada na direção do lado desocupado da mesa e seu companheiro respondeu puxando duas cadeiras para trás antes de se sentar, rígido, em uma delas. A pardu se acomodou na outra.

– Uma jarra de cerveja – disse ela.

– O mestre cobra por isso – disse Kalam, dando um sorriso irônico.

– Pelo destino dos Sete! Aquele bastardo ordinário! Você, servo! Me traga uma caneca e vou julgar se ela vale algum dinheiro. Rápido.

– A mulher acha que aqui é uma taberna – disse um dos guardas.

– Vocês estão aqui pela bondade do comandante deste torreão – falou o sargento. – Pagarão pela cerveja, pelo banho e para dormir neste chão.

– E isso é bondade?

A expressão do sargento ficou sombria. Ele era malazano, e compartilhava a sala com um comandante da Garra.

– As quatro paredes, o teto, a lareira e o uso dos estábulos são de graça, mulher. Ainda assim, você reclama como uma princesa virgem. Aceite a hospitalidade ou vá embora.

Os olhos da mulher se estreitaram, mas ela tirou um punhado de jakatas de uma algibeira em seu cinto e colocou o dinheiro no tampo da mesa.

– Percebo que seu bondoso mestre cobra pela cerveja até de você, sargento – disse ela suavemente. – Tudo bem. Não tenho escolha a não ser pagar uma caneca para todos aqui.

– Generosa – comentou o sargento, assentindo rigidamente.

– O futuro agora será desenlaçado – disse a esposa do mercador, dividindo o baralho.

Kalam observou a pardu se encolher ao ver as cartas.

– Poupe-nos – disse o assassino. – Não há nada a ganhar vendo o que está por vir, presumindo que você tenha algum talento, do que duvido. Poupe todos nós do embaraço da sua atuação.

Ignorando Kalam, a velha se endireitou, encarando os guardas.

– Seus destinos repousam sobre... isto! – Ela baixou a primeira carta.

Kalam rosnou uma risada.

– Qual é essa? – exigiu saber um dos guardas.

– Obelisk – disse Kalam. – A mulher é uma farsa. Qualquer vidente de talento saberia que essa carta é inativa nas Sete Cidades.

– Especialista em adivinhação, é? – rosnou a mulher.

– Visito uma vidente digna antes de qualquer viagem por terra – replicou Kalam. – Seria tolo fazer diferente. Conheço o baralho e já vi uma leitura verdadeira, quando o poder mostra a mão. Sem dúvida você tem intenção de cobrar desses guardas depois de terminada a leitura, depois de dizer quanto eles se tornarão ricos, como viverão até idades maduras, sendo pais de dezenas de heróis...

Com sua expressão revelando o fim do fingimento, a velha gritou de raiva e atirou o baralho em Kalam. Atingiu-o no peito e as cartas bateram na mesa, espalhando-se de maneira selvagem... e se distribuindo de acordo com um padrão.

A mulher pardu exalou entre dentes, sendo esse o único som ouvido dentro da sala comunal.

Suando de repente, Kalam olhou para as cartas. Seis cercavam uma só, e aquela carta, ele sabia com certeza, era dele. *A Corda, Assassino da Sombra*. As seis cartas que a cercavam eram de uma única Casa. *Rei, Arauto, Construtor, Fiandeiro, Cavaleiro, Rainha... da Alta Casa da Morte, a Casa do Encapuzado toda em ordem... Ao redor daquele que carrega o Livro Sagrado de Dryjhna*.

– Ah, bem... – Kalam suspirou, erguendo o olhar para a mulher pardu. – Acho que vou dormir sozinho hoje à noite.

A capitã dos Lâminas Vermelhas, Lostara Yil, e o soldado que a acompanhava foram os últimos a deixar o torreão de Ladro, mais de uma hora depois de seu alvo ter partido com o garanhão, cavalgando na direção

sul pelo rastro empoeirado da tempestade.

Tinha sido inevitável que eles se aproximassem de Kalam, mas, assim como ele era habilidoso com disfarces, Lostara também era. Fazer barulho era um disfarce em si mesmo; a arrogância, uma máscara que escondia uma certeza muito mais mortal.

O arranjo inesperado do Baralho de Dragões tinha revelado muita coisa à capitã, não apenas a respeito de Kalam e sua missão. O sargento do torreão tinha se denunciado, por meio de sua expressão, como um conspirador: mais um soldado malazano preparado para trair a imperatriz. Evidentemente, a parada de Kalam no torreão não tinha sido tão acidental quanto parecera.

Verificando os cavalos, Lostara virou quando seu companheiro deixou o torreão. O Lâmina Vermelha sorriu para ela.

– Você foi minuciosa, como sempre. No entanto, perseguir o comandante até que foi um trabalho divertido. Encontrei-o na cripta, lutando para entrar numa armadura de cinquenta anos de idade. Ele era muito mais magro quando jovem, ao que parece.

Lostara subiu na sela.

– Ninguém continua respirando? Tem certeza de que verificou todos eles? E quanto aos servos da entrada dos fundos? Talvez eu tenha passado por eles rápido demais.

– Você não deixou um só coração batendo, capitã.

– Muito bom. Monte. O cavalo daquele assassino está matando estes aqui de cansaço. Precisaremos conseguir novos em Intesarm.

– Presumindo que Baralta tenha conseguido arranjar novos animais.

Lostara olhou para o companheiro.

– Confie em Baralta – disse ela friamente. – E fique feliz por desta vez eu não relatar seu ceticismo.

Comprimindo os lábios, o homem assentiu.

– Obrigado, capitã.

Os dois cavalgaram pela estrada do torreão, tomando então a direção sul na estrada costeira.

O piso principal inteiro do mosteiro irradiava um padrão circular ao redor de uma só sala. A câmara era ocupada por uma escadaria de pedra em espiral que descia para a escuridão. Mappo se agachou ao lado dela.

– Imagino que isto deva levar à cripta.

– Se lembro bem, quando as freiras da Rainha dos Sonhos morrem, os corpos são simplesmente envoltos em linho e colocados em vãos nas paredes da cripta – disse Icarium, perto da entrada da sala. – Você tem algum interesse em examinar cadáveres?

– Geralmente, não – disse o trel, soltando um grunhido baixo. – É só que a pedra muda assim que as escadas descem abaixo do nível do piso.

Icarium levantou uma sobrancelha.

– Muda?

– O nível em que estamos é esculpido em rocha viva, o calcário do penhasco. É bastante macio. Mas abaixo há blocos de granito talhados. Acho que a cripta debaixo de nós é uma construção mais velha. Ou isso, ou as freiras e seu culto acreditavam que os muros de uma cripta e os arredores deveriam ser embelezados, enquanto não havia a mesma necessidade para as câmaras dos vivos.

O jhag balançou a cabeça, aproximando-se.

– Eu ficaria surpreso. A Rainha dos Sonhos é voltada à vida. Muito bem, vamos explorar?

Mappo desceu primeiro. Nenhum dos dois precisava muito de luz artificial, por isso a escuridão abaixo não traria grandes dificuldades. No entanto, os degraus em espiral mostravam vestígios de revestimento de mármore, desgastado pela passagem de vários pés muito tempo antes. Abaixo, o granito duro desafiava qualquer evidência de erosão.

As escadas continuavam descendo e descendo. No septuagésimo degrau, acabaram no centro de uma câmara octogonal. Frisos decoravam cada parede, aparentemente em muitos tons de cinza. Do outro lado do patamar da escada, o chão era repleto de covas retangulares, talhadas nos ladrilhos, e os blocos de granito tinham sido removidos. Tais blocos jaziam empilhados

sobre o que obviamente era um portal. Dentro de cada cova havia um cadáver, envolto em mortalhas.

O ar estava seco, sem cheiro.

– Essas pinturas não pertencem ao culto da Rainha – disse Mappo, atestando o óbvio, pois as cenas nas paredes revelavam mitos sombrios.

Havia abetos grossos e negros, troncos sujos de musgo por todos os lados. Era como se estivessem em uma clareira no coração de uma floresta antiga. Em meio aos troncos, aqui e ali, havia pinturas de feras quadrúpedes imensas, com olhos brilhando como se refletissem o luar.

Icarium se agachou, passando a mão nos ladrilhos restantes.

– Este piso possuía um padrão antes de os obreiros das freiras cortarem túmulos nele. Que pena.

Mappo olhou a porta obstruída.

– Se existirem respostas aos mistérios, estão atrás daquela barricada.

– Recuperou a força, amigo?

– O suficiente.

O trell foi até a barreira e puxou dali o bloco mais alto. Ao segurá-lo nos braços, cambaleou, soltando um grunhido selvagem. Icarium correu para ajudá-lo a colocar o bloco de granito no chão.

– Pelo sopro do Encapuzado! Mais pesado do que eu imaginava.

– Percebi isso. Vamos trabalhar juntos, então?

Vinte minutos depois, tinham limpado uma quantidade suficiente de blocos para permitir a passagem ao salão do outro lado. Nos últimos cinco minutos, haviam tido plateia: um bhok'aral apareceu na escada. Ele observava silenciosamente os esforços dos dois, do local em que tinha se agarrado ao corrimão. Entretanto, quando primeiro Mappo e depois Icarium escalaram a abertura, o bhok'aral não os seguiu.

O corredor se estendia bastante diante deles. Era uma colunata larga, delineada por colunas gêmeas que não eram nada menos que troncos de cedros. Cada caule tinha no mínimo 2 metros de diâmetro. A casca desgrenhada e arranhada das árvores permanecia, embora a maior parte

houvesse caído e agora estivesse espalhada pelo chão.

Mappo pousou a mão sobre um dos pilares de madeira.

– Imagine o esforço de descê-las até aqui.

– Labirinto – disse Icarium, fungando. – O resíduo permanece, mesmo depois de todos esses séculos.

– Depois de *séculos*? Você consegue sentir que Labirinto era, Icarium?

– Kurald Galain. Ancestral, o Labirinto da Escuridão.

– Tiste andii? Em todos os livros de história das Sete Cidades que conheço, nunca ouvi nenhuma menção a tiste andii neste continente. Nem em minha terra natal, do outro lado do Jhag Odhan. Você tem certeza? Isso não faz sentido.

– Não tenho certeza *nenhuma*, Mappo. Só tenho a sensação de Kurald Galain. A *sensação* da Escuridão. Não é nem Omtose Phellack nem Tellann. Nem Starvald Demelain. Não conheço nenhum outro Labirinto Ancestral.

– Nem eu.

Sem outra palavra, voltaram a andar.

Pela contagem de Mappo, o corredor tinha mais 330 passos de extensão, abrindo-se então para outra câmara, com o piso um palmo mais elevado. Cada bloco do pavimento também era octogonal, com imagens entalhadas de modo elaborado, depois desfiguradas por goivas e marcas no que parecia ser uma destruição completamente aleatória e frenética.

Ao parar na soleira da câmara, o trell sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Icarium estava a seu lado.

– Sugiro que não entremos nesta câmara – disse o jhag.

Mappo grunhiu em concordância. O ar fedia a feitiçaria, velho, mofado e pegajoso, denso de poder. Como ondas de calor, a feitiçaria sangrava das pedras do piso, das imagens entalhadas sobre elas e das feridas que muitas daquelas imagens tinham agora.

Icarium balançava a cabeça.

– Se isto for Kurald Galain, seu sabor é novo para mim. Está... corrompido.

– Pela profanação?

– Possivelmente. Ainda assim, o fedor daquelas marcas de garras difere do que sobe das pedras do piso. É familiar para você? Pelas lágrimas mortais de Dessembrae, deveria ser, Mappo.

O trell estreitou os olhos na direção das marcas que estavam na pedra mais próxima. Suas narinas se dilataram.

– Soletaken. D’ivers. O sabor dos metamorfos. É claro. – Soltou uma risada selvagem, que ecoou na câmara. – O Caminho das Mãos, Icarium. O portal... é aqui.

– Mais do que um portal, eu acho – disse Icarium. – Olhe aquelas gravuras sem danos. O que elas lembram?

Mappo tinha uma resposta para aquilo. Vasculhou a disposição das imagens com certeza crescente, mas a compreensão que ela oferecia não trazia respostas, apenas mais perguntas.

– Vejo a semelhança, mas há uma... dessemelhança, também. O que é mais irritante é que não consigo pensar em ligação possível...

– Não há respostas aqui – disse Icarium. – Devemos ir ao lugar que tínhamos a intenção de encontrar desde o início, Mappo. Estamos perto de compreender. Tenho certeza disso.

– Icarium, você acha que Iskaral Pust está se preparando para receber mais visitantes? Soletaken e d’ivers, a abertura iminente do portal. Ele está... e, por extensão, o Reino da Sombra... bem no coração dessa convergência?

– Não sei. Vamos perguntar a ele.

Afastaram-se da soleira.

“Estamos perto de compreender”. Quatro palavras que evocaram o terror dentro de Mappo. Sentia-se como uma lebre na mira de um mestre arqueiro e cada direção de fuga parecia tão sem esperança que ele chegava a ficar paralisado no lugar. Ficou frente a frente com os poderes que atordoavam sua mente: poder do passado e poderes presentes. *Os Inominados, com suas*

ordens, dicas e visões, seus propósitos ocultos e desejos envoltos em mortalhas. Criaturas de antiguidade plena, se as lendas dos trells tiverem algum vislumbre de verdade. E, Icarium, ah, velho amigo, não posso contar nada a você. Minha maldição é o silêncio para cada uma de suas perguntas, e a mão que ofereço como irmão só o levará ao engano. Em nome do amor, faço isso à minha custa... E que custa!

Os bhok'aralas estavam esperando por eles nas escadas e os seguiram a uma distância discreta até o nível principal.

Encontraram o sumo sacerdote no vestíbulo que ele tinha convertido em seu dormitório. Resmungando sozinho, Iskaral Pust enchia um recipiente de vime com frutas podres, morcegos mortos e rhizanos mutilados. Lançou uma careta por sobre o ombro na direção de Mappo e Icarium quando eles pararam na entrada do quarto.

– Se aqueles símios esqueléticos estiverem seguindo vocês, que eles conheçam minha fúria – sibilou Iskaral. – Não importa a câmara que eu escolha, eles insistem em usá-la como depósito para seus restos nojentos. Perdi a paciência! Eles zombam de um sumo sacerdote da Sombra por sua conta e risco!

– Encontramos o portal – disse Mappo.

Iskaral não parou de limpar.

– Ah, encontraram, foi? Tolos! Nada é o que parece. Uma vida dada por uma vida tomada. Vocês exploraram cada canto, cada fenda, foi? Idiotas! Tal barulho, confiante em excesso, é a bandeira da ignorância. Hasteiam-na e esperam que eu me encolha? Rá! Tenho meus segredos, meus planos, meus esquemas. O labirinto da genialidade de Iskaral Pust não pode ser compreendido por tipos como vocês. Olhe para vocês dois. Ambos viajantes antigos desta terra mortal. Por que não ascenderam como o resto deles? Vou lhes dizer. A longevidade não confere automaticamente sabedoria. Ah, não, nem um pouco. Tenho fé em que vocês estejam matando cada aranha que

espionam. É melhor que estejam, pois é o caminho para a sabedoria. Ah, é sim, o caminho! Bhok'aralas têm o cérebro pequeno. Um cérebro minúsculo, dentro de um crânio redondo igualmente minúsculo. Astuciosos como ratos, com os olhos como pedras pretas brilhantes. Uma vez, encarei os olhos de um durante quatro horas, e ele os meus, sem nenhuma vez afastar o olhar, não mesmo, e aquilo era um desafio e eu não ia perder. Quatro horas, cara a cara, tão perto que eu conseguia sentir o fedor de seu hálito e ele, o do meu. Quem venceria? Estava nas mãos dos deuses.

Mappo olhou para Icarium, depois pigarreou.

– E quem, Iskaral Pust, ganhou esse... esse... duelo de inteligências?

Iskaral Pust fixou um olhar mordaz sobre Mappo.

– Olhe para aquele que não titubeia em sua causa, não importa quão insípida seja e, em última análise, irrelevante, e você verá nele o significado de obtuso. O bhok'aral poderia ter fitado meus olhos para sempre, pois não havia inteligência atrás deles. Atrás dos olhos dele, quero dizer. Era prova de minha superioridade eu ter encontrado distração em outro lugar.

– Você tem intenção de guiar os d'ivers e soletaken para o portal lá embaixo, Iskaral Pust?

– Burros são os trels, determinados em tropeços precipitados, e precipitados em uma determinação aos tropeços. Como eu disse, você não sabe nada dos mistérios envolvidos, dos planos de Trono Sombrio, os muitos segredos do Torreão Cinza, a Casa Encoberta, onde fica o Trono da Sombra. Mas eu sei. A mim, o único entre os mortais, foi mostrada a verdade, exposta diante de meus olhos. Meu deus é generoso, meu deus é sábio, tão astuto quanto um rato. Aranhas devem morrer. Os bhok'aralas roubaram minha vassoura e depositou esta missão sobre vocês, dois visitantes. Icarium e trell Mappo, famosos viajantes do mundo, eu os encarrego desta missão perigosa: encontrar minha vassoura.

No corredor, Mappo suspirou.

– Bem, foi em vão. O que faremos agora, amigo?

Icarium pareceu surpreso.

– Deveria ser óbvio, Mappo. Devemos aceitar a missão perigosa. Devemos encontrar a vassoura de Iskaral Pust.

– Exploramos este mosteiro inteiro, Icarium – disse o trell, exausto. – Não notei nenhuma vassoura.

A boca do jhag se curvou um pouco nos cantos.

– Exploramos? Cada canto, cada fenda? Acho que não. Nossa primeira tarefa, entretanto, é a cozinha. Devemos nos equipar para as explorações que faremos em breve.

– Você está falando sério.

– Estou.

No calor, as moscas picavam, tão mal-humoradas quanto todo o resto, sob o sol abrasador. As pessoas vinham lotando as fontes de Hissar até o meio-dia, amontoadas e com os ombros grudados nas águas mornas e escuras, antes de se retirarem para a sombra mais fresca de seus lares. Não era um dia para sair, e Duiker fechou a cara enquanto desenhava sobre uma telaba de tecido fino e frouxo; Bult aguardava ao lado da porta.

– Por que não sob o luar? – resmungou o historiador. – Ar fresco da noite, estrelas no céu, todos os espíritos olhando para baixo. *Isso* sim garantiria o sucesso!

O sorriso sarcástico de Bult não ajudou. Apertando o cinto de corda, Duiker se virou para o comandante grisalho.

– Muito bem. Vá na frente, tio.

O sorriso do wickano aumentou, aprofundando a cicatriz até parecer que ele tinha dois sorrisos em vez de um.

Do lado de fora, montado em seu cavalo pequeno e robusto, Kulp esperava. Ao ver a expressão carrancuda do mago de regimento, Duiker sentiu uma satisfação maliciosa.

Cavalgaram pelas ruas quase vazias. Era a marrok: o começo da tarde, quando as pessoas sãs ficavam dentro de casa, esperando até que passasse o pior do calor de verão. O historiador estava acostumado a cochilar durante a marrok; por isso se sentia irritadiço, indisposto demais para comparecer ao ritual de Sormo. Bruxos eram notáveis por sua inconveniência, além de seu modo deliberado de confundir o senso comum. *Apenas pela defesa da decência, a imperatriz deveria ser perdoada pelas execuções.* Ele fez uma careta. Claramente, aquela não era uma opinião a que poderia dar voz perto de ouvidos wickanos.

Alcançaram a extremidade norte da cidade e cavalgaram pela trilha costeira por 3 quilômetros antes de se voltarem para o interior, rumo aos descampados do Odhan. Uma hora depois, se aproximavam de um oásis morto, cuja fonte tinha secado fazia muito tempo. Uma área de descanso com cedros murchos e retorcidos, erguendo-se de um tapete de palmas tombadas, e isso era tudo que tinha restado do que um dia fora um jardim natural exuberante em meio às areias.

Muitas das árvores continham estranhas projeções, que atraíram a curiosidade de Duiker enquanto guiavam seus cavalos para mais perto.

– Aquilo são chifres nas árvores? – perguntou Kulp.

– De bhederin, eu acho – respondeu o historiador. – Espremidos em uma forquilha, depois deixados ali enquanto as árvores cresciam, para que, então, ficassem profundamente cravados na madeira. Essas árvores já deviam ter mil anos antes mesmo de a água ter acabado.

O mago grunhiu.

– A esta altura, era de esperar que elas já tivessem sido cortadas, estando tão perto assim de Hissar.

– Os chifres são avisos – disse Bult. – Solo sagrado. Antigamente, muito tempo atrás. As lembranças permanecem.

– E deveriam mesmo permanecer – resmungou Duiker. – Sormo deveria evitar areia santificada em vez de estar aqui, procurando por ela. Se este lugar for protegido por magia, é provável que seja do tipo hostil a um

feiticeiro wickano.

– Há muito tempo aprendi a confiar em Sormo E'nath, historiador. Você seria esperto em fazer o mesmo.

– É um erudito medíocre aquele que confia em qualquer julgamento – disse Duiker. – Mesmo, e talvez principalmente, se confiar nos próprios.

– Você caminha em areias inconstantes... – retrucou Bult com um suspiro, depois sorriu outra vez. – É como diriam os nativos.

– Como os wickanos diriam? – perguntou Kulp.

Os olhos de Bult brilharam, travessos.

– Não diriam nada. Palavras sábias são como flechas atiradas na testa. O que você faz? Ora, se abaixa, é claro. E essa é uma verdade que os wickanos conhecem desde que aprendem a cavalgar, muito antes de aprenderem a andar.

Encontraram o bruxo na clareira. Restos de areia haviam sido varridos para o lado, revelando um piso de tijolo elevado e torcido, tudo o que restara de algum tipo de estrutura. Lascas de obsidiana brilhavam nos rejuntes.

Kulp desmontou, encarando Sormo, que estava em pé no centro, com as mãos escondidas dentro das mangas pesadas. Ele espantou uma mosca.

– O que é isso, então? Algum tipo de templo perdido e esquecido?

O jovem wickano piscou devagar.

– Meus assistentes concluíram que já foi um estábulo. Depois saíram, sem mais detalhes.

Kulp fez uma carranca para Duiker.

– Desprezo o humor wickano – sussurrou.

Sormo gesticulou para que se aproximassem.

– Tenho a intenção de me abrir para o aspecto sagrado deste kheror, que é o nome que os wickanos dão a lugares santos abertos aos céus...

– Você está louco? – O rosto de Kulp tinha ficado pálido. – Esses espíritos vão cortar sua garganta, criança. São os dos Sete...

– Não, não são – retorquiu o bruxo. – Os espíritos deste kheror foram elevados na época antes dos Sete. São nativos da ilha e, se você quer associá-

los a algum aspecto conhecido, que seja ao Tellann.

– Pela misericórdia do Encapuzado – gemeu Duiker. – Se for mesmo Tellann, você estará lidando com os t’lan imass, Sormo. Os guerreiros mortos-vivos viraram as costas para a imperatriz e tudo que tem a ver com o Império desde o assassinato do imperador.

Os olhos do bruxo reluziam.

– E você não se perguntou por quê?

O historiador fechou a boca com força. Tinha teorias a esse respeito, mas dizê-las em voz alta, e para *qualquer pessoa*, configuraria traição.

A pergunta seca de Kulp a Sormo rompeu a superfície dos pensamentos de Duiker.

– E a imperatriz Laseen o incumbiu desta tarefa? Você está aqui para captar alguma coisa dos acontecimentos futuros ou é só um stratagema?

Bult estava parado a alguns passos de distância deles, sem dizer nada. Agora, porém, cuspiu:

– Não precisamos de vidente para adivinhar isso, mago.

O bruxo ergueu os braços.

– Fique perto – disse a Kulp, e seu olhar passou ao historiador. – E você: veja isso e lembre-se do que testemunhará aqui.

– Já estou fazendo isso, bruxo.

Sormo aquiesceu, fechando os olhos.

Seu poder se espalhou como uma pequena onda, vaga e sutil, varrendo Duiker e os outros até engolfar a clareira inteira. A luz do dia se foi de repente, substituída por um crepúsculo suave, e o ar seco ficou úmido e cheirando a terrenos pantanosos.

Havia ciprestes ao redor da clareira, como sentinelas. Cortinas de musgos pendiam dos galhos, escondendo o que havia do outro lado da sombra impenetrável.

Duiker podia sentir a feitiçaria de Sormo E’nath como uma capa quente; nunca antes tinha presenciado um poder como aquele. Calmo e protetor, forte, embora complacente. Surpreendeu-se com a perda da imperatriz ao

exterminar aqueles bruxos. *Um erro que claramente ela corrigiu, embora talvez tarde demais. Quantos bruxos tinham sido perdidos?*

Sormo soltou um grito ululante, que ecoou como se eles estivessem dentro de uma vasta caverna. No momento seguinte, o ar estava vivo, com ventos congelantes, que chegavam em golfadas hostis. Sormo cambaleou, agora de olhos abertos e arregalados, em estado de alerta. Inspirou, depois visivelmente recuou com o cheiro, e Duiker não pôde culpá-lo: um fedor bestial era carregado pelos ventos e ficava cada vez mais sórdido.

Uma tensão violenta preencheu a clareira; uma promessa certa, anunciada pelo açoite repetido de galhos cheios de musgo. O historiador viu um enxame se aproximar de Bult pelas costas e gritou um aviso. O wickano girou, com facas longas nas mãos. Gritou quando foi picado pela primeira das vespas.

– *D'ivers!* – berrou Kulp, agarrando a telaba de Duiker com a mão e puxando o historiador de volta para onde Sormo estava, aparentemente atordoado.

Ratos corriam pelo chão macio, dando guinchos agudos enquanto atacavam um agrupamento de cobras, que se contorciam. O historiador sentiu calor nas pernas e olhou para baixo. Formigas lava-pés subiam por ali, indo na direção das coxas. O calor cresceu até virar agonia. Ele gritou.

Praguejando, Kulp abriu seu Labirinto com um pulso de poder. Formigas secas caíram das pernas do historiador como poeira. O enxame recuou: o d'ivers tinha se retirado. Os ratos haviam devastado as cobras e agora cercavam Sormo. O wickano franziu a testa para eles. No local em que Bult estava agachado, tentando em vão espantar as vespas que o picavam, um fogo líquido entrou em erupção, formando uma coluna, e as chamas caíram sobre o veterano.

Buscando a fonte do fogo, Duiker viu que um demônio enorme entrava na clareira. Com a pele da cor da meia-noite e o dobro da altura de um homem, a criatura vociferou um rugido de fúria e desferiu um ataque selvagem sobre um urso branco; a clareira estava repleta de d'ivers e

soletaken, e o ar se enchia de guinchos e rosnados. O demônio aterrissou sobre o urso, atirando-o no chão com um baque e o som de ossos esmagados. Enquanto o animal se contorcia, o demônio negro saltou para o lado e rugiu uma segunda vez. Naquela, Duiker compreendeu o significado que o som trazia.

– Está nos avisando! – gritou para Kulp.

Como um ímã, a chegada do demônio atraía os d'ivers e soletaken, que lutavam uns contra os outros em investidas frenéticas, a fim de atacar a criatura.

– Temos de sair daqui! – disse Duiker. – Puxe-nos para fora, Kulp! Agora!

O mago sibilou, furioso:

– Como? Este é o ritual de Sormo, seu maldito verme de livro!

O demônio desapareceu sob a turba de criaturas, embora ele claramente se mantivesse em pé, enquanto os d'ivers e soletaken escalavam o que parecia ser um pilar sólido de pedra. Braços com pele preta apareceram, atirando longe criaturas mortas e moribundas. Mas ele não resistiria muito tempo.

– Que o Encapuzado o carregue, Kulp! Pense em alguma coisa!

O rosto do mago ficou tenso.

– Arraste Bult para Sormo. Depressa! Deixe o bruxo comigo.

Com isso, Kulp disparou na direção de Sormo. Ele gritava, na tentativa de acordar o jovem de qualquer que fosse o feitiço que o prendia ali. Duiker girou para onde Bult jazia encolhido, a cinco passos de distância. Suas pernas pareciam impossivelmente pesadas sob a dor das picadas das formigas e ele cambaleava até o wickano.

O veterano tinha sido picado diversas vezes e sua pele estava disforme por causa do inchaço inflamado. Estava inconsciente, talvez morto. Duiker agarrou a armadura do homem e o arrastou para onde Kulp ainda tentava abordar Sormo E'nath.

Assim que o historiador chegou, o demônio soltou um guincho final,

depois desapareceu sob o monte de adversários. Em seguida, os d'ivers e soletaken se atiraram na direção dos quatro homens.

Sormo E'nath parecia indiferente, com os olhos úmidos, sem perceber os gritos que o mago dava a fim de trazê-lo de volta à razão.

– Faça-o acordar, ou estaremos mortos!

Duiker arquejou, passando por cima de Bult para encarar as feras que disparavam em sua direção, sem nada além de uma pequena faca. A arma não ajudaria muito contra a nuvem fervilhante de marimbondos, que avançava rápido.

De repente, a cena foi sacudida e Duiker percebeu que estavam de volta ao oásis morto. Os d'ivers e soletaken haviam desaparecido. O historiador olhou para Kulp.

– Você conseguiu! Como?

O mago olhou para Sormo E'nath, que estava estirado no chão, gemendo.

– Vou pagar por isso – resmungou. Depois, os olhos de Duiker encontraram os seus. – Bati no garoto. Quase quebrei a bosta da minha mão fazendo isso. Era o pesadelo *dele*, não era?

O historiador piscou, depois se sacudiu e se aproximou de Bult.

– Esse veneno o matará muito antes de conseguirmos ajuda...

Kulp se abaixou e passou a mão boa no rosto inchado do veterano.

– Não é veneno. Está mais para um Labirinto infectante. Posso lidar com isso, Duiker. E também com suas pernas. – Fechou os olhos, se concentrando.

Sormo E'nath se sentou devagar. Olhou ao redor e, então, tocou a mandíbula com gentileza, no ponto em que havia uma marca estriada dos dedos de Kulp, semelhante a ilhas franzidas em meio a um jorro crescente de vermelho.

– Ele não teve escolha – disse Duiker.

O bruxo assentiu.

– Você consegue andar? Está com algum dente mole?

– Em algum lugar, um corvo bate asas quebradas no chão – disse ele,

com clareza. – Sobraram apenas dez.

– O que aconteceu lá, bruxo?

Os olhos de Sormo se agitaram com nervosismo.

– Algo inesperado, historiador. Uma convergência está a caminho. O Caminho das Mãos. O portão dos soletaken e dos d'ivers. Uma coincidência infeliz.

Duiker fechou a cara.

– Você disse Tellann...

– E era – interrompeu o bruxo. – Há uma combinação entre a metamorfose e o Tellann Ancestral? Não se sabe. Talvez os d'ivers e os soletaken estejam simplesmente passando pelo Labirinto, imaginando que ele estivesse livre de t'lan imass e, portanto, mais seguro. De fato, nenhum t'lan imass se ressentiu com a transgressão; eles deixaram que lutassem apenas uns contra os outros.

– Eles que fiquem à vontade para se aniquilarem, então – grunhiu o historiador, e suas pernas cederam devagar, até ele também estar sentado no chão, como Sormo.

– Vou ajudá-lo em um instante – falou Kulp.

Assentindo, Duiker observou um besouro lutando heroicamente para empurrar um fragmento da casca de uma palmeira. Pressentiu algo profundo naquilo a que assistia, mas estava exausto demais para tentar entender o quê.

CAPÍTULO 5

Bhok'aralas parecem ter se originado nos descampados do Raraku. Essas criaturas sociais não demoraram muito a se espalhar e logo foram vistas em todo o continente das Sete Cidades. Como são um eficaz controle de ratos, os bhok'aralas não foram apenas tolerados, mas frequentemente encorajados nas residências. Não levou muito tempo para que um abundante comércio desses animais domésticos se estabelecesse, tornando-os um grande item de exportação...

O uso e a colocação demoníaca dessa espécie entre magos e alquimistas é um assunto discutido em tratados mais específicos do que este. *O tricentésimo vigésimo primeiro tratado de Baruk* oferece uma análise sucinta para acadêmicos interessados...

Habitantes do Raraku, Imrygyn Tallobant

À exceção da tempestade de areia – que esperaram passar em Trob – e das notícias inquietantes de um massacre no torreão de Ladro, trazidas pelo batedor de uma caravana bem guardada que se dirigia a Ehrlitan, a jornada até que G'danisban finalmente ficasse visível tinha se mostrado tranquila para Violinista, Crokus e Apsalar.

Os riscos que os aguardavam ao sul da cidadezinha lá no Pan'potsun Odhan eram graves o bastante para causar úlceras em Violinista. Ainda assim, ele tinha mesmo previsto uma calmaria no final do percurso até G'danisban. O que não esperara encontrar era uma ralé de um exército renegado acampada fora dos muros da cidade.

A força principal do exército tinha acampado na estrada, mas estava protegida da vista por uma fina linha de colinas na lateral norte. A

estradinha levou os três viajantes desavisados direto às fileiras do perímetro do acampamento. Não houve qualquer aviso.

Uma companhia de infantaria dominava a estrada das colinas que a ladeavam e realizava um interrogatório diligente a todos que buscavam entrar na cidade. A companhia recebia o apoio de dezenas de cavaleiros tribais de Arak, a quem evidentemente havia sido confiada a perseguição a qualquer viajante que se sentisse inclinado a fugir da barricada improvisada.

Violinista e aqueles de quem ele se encarregava teriam de continuar cavalgando e confiar em seus disfarces. O sapador estava tudo, menos confiante, mas isso acabou trazendo uma carranca tipicamente gral a suas feições estreitas, o que suscitou uma prudência bastante apropriada em dois dos três guardas que tomaram a frente para interceptá-los na barricada.

– A cidade está fechada – disse o guarda mais próximo deles, sem se deixar impressionar, acentuando suas palavras com uma cuspada entre os cascos da montaria de Violinista.

Mais tarde, seria dito que até mesmo o cavalo de um gral conhecia um insulto quando via um. Antes que Violinista pudesse reagir, sua montaria atirou a cabeça para a frente, arrancando as rédeas das mãos do sapador, e mordeu o rosto do guarda. O cavalo tinha girado a cabeça, de modo que suas mandíbulas se fecharam ao redor da face do homem, rasgando bochechas, lábio superior e nariz. Sangue verteu. O guarda caiu como um saco de pedras, soltando um som agudo.

Não tendo mais nada em que se segurar, Violinista agarrou as orelhas do cavalo e puxou com força, fazendo o animal recuar justo quando se preparava para pisar no guarda. Escondendo a surpresa atrás de uma carranca ainda mais feroz, o sabotador soltou uma torrente de palavrões grais para os outros dois homens, que haviam recuado com pressa óbvia antes de baixarem as lanças.

– Ranho imundo de cães raivosos! Crosta anal de cabras com disenteria! Que visão para dois jovens recém-casados testemunharem! Vocês vão amaldiçoar o casamento deles apenas duas semanas depois do dia

abençoado? Precisarei soltar as pulgas da minha cabeça para arrancar essa carne inútil de vocês dos seus ossos gelatinosos?

Enquanto Violinista rugia cada expressão gral de desgosto que conseguia lembrar, na tentativa de manter os guardas desconcertados, uma tropa de cavaleiros arakianos se aproximou com uma pressa selvagem.

- Gral! Dez jakatas pelo seu cavalo!
- Doze, gral! Para mim!
- Quinze e minha filha mais nova!
- Cinco jakatas por três pelos do rabo!

Violinista virou a carranca feroz para os cavaleiros.

– Nenhum de vocês serve nem para cheirar os peidos do meu cavalo! – Mas sorriu, pegando um odre cheio de cerveja e jogando-o com uma só mão para o arakiano mais próximo. – Mas nos deixem acampar com a sua tropa esta noite, e por uma prata vocês podem sentir o calor do cavalo na palma das suas mãos. Só uma vez! Para mais, vocês devem pagar!

Com sorrisos selvagens, os arakianos passaram o odre entre si, cada um tomando goladas para encerrar a interação ritualística. Ao compartilhar a cerveja, Violinista tinha concedido a eles o status de iguais. O gesto atenuava a alfinetada do insulto que lhes fizera.

Violinista olhou para Crokus e Apsalar. Eles pareciam bem abalados. Refreando a própria náusea, o sabotador deu uma piscadela.

Os guardas haviam se recuperado, mas, antes que pudessem se aproximar, os homens tribais interpuseram suas montarias.

- Cavalguem conosco! – gritou um dos arakianos para Violinista.

A tropa inteira deu a volta. Reassumindo as rédeas, Violinista esporeou o cavalo castrado a fim de segui-los, suspirando ao ouvir os recém-casados atrás dele.

Apostaram uma corrida para chegar ao acampamento arakiano e, fiel a sua repentina condição lendária, o cavalo gral estava determinado a estourar cada músculo de seu corpo para vencer. Violinista nunca tinha cavalgado um animal tão resoluto antes e acabou sorrindo involuntariamente, apesar

de a imagem do rosto destruído do guarda continuar como um nó gelado na boca de seu estômago.

As tendas arakianas delineavam as extremidades do cume de uma colina próxima assolada pelo vento. Cada tenda ficava a uma certa distância da vizinha, para que a sombra de uma não pudesse insultar a outra. Mulheres e crianças vieram ao cume para assistir à corrida, gritando quando a montaria de Violinista tomou a frente, desviando-se para empurrar com o ombro o competidor mais veloz. O outro cavalo tropeçou, quase derrubando seu cavaleiro da sela de madeira e feltro. Depois o homem se aprumou, soltando um berro furioso por ter sido tirado da corrida.

Desimpedido, Violinista se inclinou para a frente sobre o cavalo, alcançou a encosta e subiu em disparada pelo declive coberto de relva. A linha de espectadores se abriu quando ele alcançou o pico e puxou as rédeas, parando entre as tendas.

Como qualquer outra tribo das planícies, os arakianos preferiam construir seus acampamentos em cumes de colinas em vez de vales. Os ventos reduziam bem o número de insetos e rochas eram colocadas nas extremidades das tendas para evitar que as cabanas de couro voassem. Além disso, dali era possível testemunhar o nascer e o pôr do sol, para marcar a ação de graças ritualística.

A disposição do acampamento era familiar a Violinista, que tinha cavalgado por aquelas terras com batedores wickanos durante as campanhas do imperador. Havia um fogareiro delimitado por pedras bem no centro do círculo de tendas. De um lado, entre duas cabanas, estava o curral dos cavalos. Era feito de quatro pilares de madeira unidos por uma única corda de cânhamo. Fardos de feltro enrolados secavam em um canto, junto a tripés carregados de couro estendido e tiras de carne.

Ganindo, mais ou menos duas dúzias de cães cercaram o cavalo resfolegante. Violinista continuou na sela, encarando os arredores. Percebeu que os vira-latas cadavéricos poderiam ser um problema, mas torceu para que a suspeita dos cachorros se aplicasse a todos os estranhos, incluindo os

grais. Caso contrário, seu disfarce estaria arruinado.

A tropa chegou momentos depois; os cavaleiros gritavam e riam ao puxarem as rédeas e saltarem das selas. Os últimos a aparecerem no pico foram Crokus e Apsalar, que não se mostravam tão dispostos a partilhar daquele bom humor.

Ver o rosto deles lembrou Violinista do guarda lacerado na estrada lá embaixo. Voltou a fechar a cara e desceu da sela.

– A cidade está fechada? – gritou. – Outra loucura mezla!

O cavaleiro arakiano que tinha falado antes caminhou até ele, com um sorriso feroz em seu rosto magro.

– Mezla, não! G'danisban foi libertada! As lebres do sul fugiram da promessa de Furacão.

– Então por que a cidade está fechada para nós? Somos mezlas?

– Uma limpeza, gral! Mercadores e nobres mezlas infestam G'danisban. Foram presos ontem e hoje estão sendo executados. Amanhã de manhã você levará seu casal abençoado para dentro de uma cidade livre. Venha! Celebraremos esta noite!

Violinista se agachou à maneira gral.

– Sha'ik já levantou o Furacão, então? – Olhou Crokus e Apsalar, como se de repente se arrependesse de assumir aquela responsabilidade. – A guerra começou, arakiano?

– Em breve – disse ele. E acrescentou, dando um sorrisinho: – Fomos amaldiçoados com a impaciência.

Crokus e Apsalar se aproximaram. O arakiano se afastou para ajudar nos preparativos das festividades daquela noite. Moedas eram jogadas nos cascos do animal castrado, e mãos eram estendidas com cuidado, até descansarem de leve sobre o pescoço e os flancos do animal. Por um momento, os três viajantes ficaram sozinhos.

– Nunca me esquecerei daquela visão – disse Crokus. – Mas rezo ao Encapuzado para que um dia eu consiga esquecer. O pobre homem vai sobreviver?

Violinista deu de ombros.

– Se ele escolher isso.

– Vamos acampar aqui hoje à noite? – perguntou Apsalar, olhando ao redor.

– É isso ou insultar esses arakianos e correremos o risco de sermos estripados.

– Não vamos conseguir enganá-los por muito mais tempo – disse Apsalar. – Crokus não fala uma palavra sequer na língua desta terra e eu tenho sotaque malazano.

– Aquele soldado tinha a minha idade – resmungou o ladrão daru.

Franzindo a testa, o sapador disse:

– Nossa única alternativa é entrar em G'danisban, para podermos testemunhar a vingança do Furacão.

– Outra celebração do que está por vir? – exigiu saber Crokus. – Esse maldito Apocalipse de que vocês estão sempre falando? Me parece que o povo desta terra não faz nada além de falar.

Violinista pigarreou.

– A celebração de hoje em G'danisban será esfolar vivas algumas centenas de malazanos, Crokus – disse devagar. – Se parecermos ansiosos para assistir a tal acontecimento, nosso desejo de partir logo pode não ofender tanto esses arakianos.

Apsalar virou-se para observar meia dúzia de homens da tribo se aproximarem.

– Tente, Violinista – disse ela.

O sabotador quase bateu continência. Praguejou.

– Você está me dando ordens, recruta?

Ela piscou.

– Acho que estava dando ordens... quando você ainda agarrava a barra do vestido da sua mãe, Violinista. Eu sei... Aquele que me possuiu. São os instintos *dele* que estão ressoando como aço na pedra. Faça o que estou dizendo.

A oportunidade de retrucar se perdeu quando os arakianos chegaram.

– Você é abençoado, gral! – disse um deles. – Um clã gral está a caminho para se juntar ao Apocalipse! Esperamos que eles tragam a própria cerveja!

Violinista fez um gesto tribal, depois balançou a cabeça sobriamente.

– Não vai dar – disse, prendendo mentalmente a respiração. – Sou um proscrito. Pior, esses recém-casados insistem que entremos na cidade... Querem testemunhar as execuções e aumentar as bênçãos sobre a união deles. Sou sua escolta e devo obedecer a suas ordens.

Apsalar deu um passo à frente e fez uma reverência.

– Não queremos ofender.

Não deu certo. Sombras cobriram o rosto dos arakianos ao redor deles.

– Proscrito? Sem clã para honrar sua trilha, gral? Talvez devêssemos prender você, para que seus irmãos possam se vingar. Em troca, talvez eles nos deixem seu cavalo.

Com perfeição primorosa, Apsalar bateu um pé no chão, como se anunciasse a fúria de uma filha mimada e esposa recém-casada.

– Estou grávida! Ouse me desafiar e será amaldiçoado! Vamos para a cidade! Agora!

– Contrate um de nós para o resto de sua jornada, dama abençoada! Mas deixe o gral! Ele não é adequado para servi-la!

Tremendo, Apsalar se preparou para erguer o véu, anunciando a intenção de dar voz a uma praga. Os arakianos recuaram.

– Vocês cobiçam o castrado! Isso não passa de ambição! Eu os amaldiçoarei agora...

– Perdão!

– Nós nos curvamos, dama abençoada!

– Não toque em seu véu!

– Vão, então! Para a cidade! Vão!

Apsalar hesitou. Por um momento, Violinista pensou que ela os amaldiçoaria mesmo assim. Em vez disso, ela girou sobre os calcanhares e disse:

– Continue a nos acompanhar, gral.

Cercados de rostos preocupados e assustados, os três montaram em seus cavalos.

O arakiano que tinha falado mais cedo se aproximou do sabotador.

– Fique apenas uma noite e depois cavalgue depressa, gral. Seu clã vai perseguir vocês.

– Diga a eles que ganhei o cavalo em uma luta justa – falou Violinista. – Diga isso a eles.

O arakiano franziu a testa.

– Eles saberão a história?

– Qual é o clã?

– Sebark – respondeu o soldado. O sabotador fez que não com a cabeça.

– Então eles vão alcançar vocês pelo simples prazer de fazer isso. Mas eu transmitirei suas palavras mesmo assim. Valeu a pena matar pelo seu cavalo.

Violinista pensou no gral bêbado de quem tinha comprado o cavalo em Ehrilitan. Três jakatas. Os homens de tribo que se mudavam para a cidade perdiam muito.

– Beba minha cerveja esta noite, arakiano.

– Nós beberemos. Antes de os grais chegarem. Vá.

Enquanto cavalgavam na estrada, já próximos ao portão norte de G'danisban, Apsalar perguntou a Violinista:

– Estamos encrocados, não é?

– É isso que seus instintos estão dizendo, mocinha? – indagou o sabotador. Ela fez apenas uma careta. – É. – Violinista suspirou. – Estamos, sim. Cometi um erro com aquela história de ter sido banido. Agora, considerando seu desempenho lá atrás, acho que só a sua ameaça de maldição já teria sido suficiente.

– É provável.

Crokus pigarreou.

– Nós vamos mesmo assistir àquelas execuções, Vi?

O sabotador fez que não com a cabeça.

– Sem chance. Vamos passar direto, se pudermos. – Olhou para Apsalar.

– Largue um pouco essa sua coragem, mocinha. Outra crise de birra e os cidadãos vão botá-la para fora do portão sul numa cama de ouro.

Ela o cumprimentou com um sorriso torto.

Não se apaixone por essa mulher, Vi, velho amigo, ou você vai afrouxar a guarda sobre a vida do menino e chamar isso de mero acidente do destino...

Sangue derramado manchava os paralelepípedos gastos sob o arco do portão norte e havia um monte de brinquedos de madeira quebrados espalhados dos dois lados do caminho. De algum lugar perto, vinham os gritos de crianças morrendo.

– Não podemos fazer isso – disse Crokus.

A cor tinha sumido de seu rosto. Cavalgava ao lado de Violinista; Apsalar mantinha sua montaria colada nas deles. Saqueadores e homens armados apareciam de vez em quando, mais para baixo na rua, mas o caminho para dentro da cidade parecia estranhamente aberto. Uma névoa de fumaça pairava sobre tudo e por todos os lados a desolação era evidente, pelas carcaças queimadas das lojas e das residências dos comerciantes.

Cavalgavam em meio a mobília chamuscada, louças e cerâmicas esmigalhadas e corpos torcidos em posições que insinuavam uma morte violenta. Os gritos moribundos das crianças, à direita, haviam parado, mas outros, mais distantes, se erguiam de modo assustador, vindos direto do coração de G'danisban.

Os três se sobressaltaram quando uma figura disparou pelo meio do caminho: uma menina, nua e cheia de hematomas. Ela correu como se não percebesse que eles estavam ali e se escondeu debaixo de uma carroça de roda quebrada a menos de quinze passos de Violinista e seu grupo.

Eles a observaram enquanto ela ia para dentro do esconderijo. Seis

homens armados vieram de uma rua lateral. Suas armas eram desleixadas e nenhum deles usava armadura. Sangue escurecido manchava suas telabas esfarrapadas.

– Gral! – disse um deles. – Viu uma menina? Não acabamos com ela ainda.

Enquanto ele perguntava, outro sorriu e gesticulou na direção da carroça. Os pés e os joelhos da menina estavam bem visíveis.

– Uma mezla? – perguntou Violinista.

O líder do grupo deu de ombros.

– Boa o bastante. Não tema, gral, podemos compartilhar.

O sabotador ouviu Apsalar inspirando devagar e profundamente. Ele relaxou sobre a sela.

O grupo se dividiu ao passar por Violinista, Crokus e Apsalar. O sabotador casualmente se inclinou atrás do homem mais próximo e, então, enfiou a ponta de sua faca longa na base do crânio dele. O gral castrado girou embaixo de Violinista e escoiceou, esmagando o peito de outro homem. Arremessado para trás, o homem acabou estirado no calçamento.

Reassumindo o controle sobre o animal, Violinista enfiou os calcanhares em seus flancos. Avançaram em disparada, alcançando o “generoso” líder do grupo. Sob o som dos cascos do cavalo veio o de ossos estalando, além do ruído terrível do esmagamento de um crânio. Violinista se virou na sela a fim de encarar os três homens que ainda restavam.

Dois deles se contorciam em dor aguda perto de Apsalar, que continuava sentada calmamente em sua sela, com uma faca kethra de lâmina grossa em cada mão enluvada.

Crokus tinha desmontado e agora estava agachado ao lado do último corpo, tirando uma faca de atirar da garganta ensopada de sangue.

Todos se viraram ao som do esmigalhar de cacos e viram a menina indo para longe da carroça. Ela então ficou de pé, cambaleante, e correu para as sombras de um beco, desaparecendo de vista.

O som de cavaleiros na direção do portão norte os alcançou.

– Vão! – rosnou Violinista.

Crokus pulou no dorso de sua montaria. Apsalar embainhou as lâminas e assentiu para o sapador enquanto pegava as rédeas.

– Cavalguem! Para o portão sul!

Violinista olhou os dois galoparem, depois desceu do castrado e se aproximou dos dois homens que Apsalar tinha ferido.

– Ah – exalou ao se aproximar e ver as genitálias cortadas. – Essa é a menina que eu conheço.

A tropa de cavaleiros chegou. Todos usavam faixas ocre em diagonal sobre o peito coberto. O comandante abriu a boca para falar, mas Violinista o fez primeiro:

– A filha de nenhum homem está a salvo nesta cidade sete vezes amaldiçoada? Ela não era mezla, pelos meus ancestrais! Este é o seu Apocalipse? Então rezo para que uma cova de cobras os espere nos Sete Infernos!

O comandante franziu a testa.

– Gral, está dizendo que estes homens eram estupradores?

– Uma puta mezla recebe o que merece, mas a menina não era mezla.

– Então você matou esses homens. Todos os seis.

– Matei.

– Quem eram os outros dois cavaleiros com você?

– Os peregrinos que jurei proteger.

– E mesmo assim eles estão cavalgando para o coração da cidade... sem você a seu lado.

Violinista fechou a cara. O comandante vasculhou as vítimas.

– Dois ainda vivem.

– Que eles sejam amaldiçoados com mais cem mil respirações antes que o Encapuzado os leve.

O comandante se inclinou sobre o chifre de sua sela e ficou em silêncio por um momento.

– Volte para seus peregrinos, gral. Eles precisam dos seus serviços.

Grunhindo, Violinista montou outra vez.

– Quem governa G'danisban agora?

– Ninguém. O exército do Apocalipse retém apenas dois distritos. Teremos os outros amanhã.

Violinista deu a volta com o cavalo e o impeliu a um leve galope. A tropa não o seguiu. O sapador praguejou baixo. Aquele comandante estava certo, ele não devia ter mandado Crokus e Apsalar na frente. Sabia ter sorte porque, ao permanecer com os estupradores, tal atitude foi vista como tipicamente gral: a oportunidade de se vangloriar para os cavaleiros enfaixados de vermelho, de rogar pragas e demonstrar a arrogância inexpugnável de um homem da tribo. No entanto, poderia ter parecido que ele desprezava o voto de proteção feito a seus tutelados. Violinista tinha percebido o leve desgosto nos olhos do comandante. No fim, tinha representado excessivamente um guerreiro gral. Se não fossem os talentos assustadores de Apsalar, aqueles dois estariam correndo sérios riscos agora.

Correu, percebendo, mais tarde, que o cavalo respondia a cada um de seus toques. O animal sabia que ele não era um gral, mas era evidente que tinha decidido que Violinista se comportava de maneira adequada o suficiente para lhe conceder algum respeito. O sabotador pensou que aquela era a única vitória do dia.

A praça central de G'danisban tinha sido o local do massacre. Violinista alcançou seus companheiros quando eles haviam acabado de entrar com seus cavalos no meio daquela cena horrenda. Ambos se viraram ao ouvir o sabotador se aproximar e Violinista só conseguiu aquiescer diante do alívio no rosto dos dois ao reconhecê-lo.

Até o gral castrado hesitou na borda da praça. Várias centenas de corpos cobriam o calçamento. Velhos, velhas e crianças, na maioria. Todos haviam sido cortados em pedaços com selvageria ou, em alguns casos, queimados vivos. O fedor de sangue aquecido pelo sol, bile e carne queimada pairava,

espesso, na praça.

Violinista engoliu a repulsa e pigarreou.

– Do outro lado da praça acaba todo esse aparente controle.

Crokus gesticulou, trêmulo.

– São malazanos?

– São, moleque.

– Durante a conquista, os exércitos malazanos fizeram a mesma coisa com os nativos daqui?

– Você está perguntando se isso é só uma retaliação?

Apsalar falou com veemência exagerada:

– O imperador guerreou contra exércitos, não civis...

– Menos em Aren – interveio Violinista com sarcasmo, lembrando-se de suas palavras para o andarilho spectral tano. – Quando os t’lan imass se levantaram na cidade...

– Não por ordem de Kellanved! – retrucou ela. – Quem mandou os t’lan imass entrarem em Aren? Eu vou dizer a você. Foi Surly, a general da Garra, a mulher que decidiu assumir um novo nome...

– Laseen... – Violinista encarou a jovem, perplexo. – Eu nunca tinha ouvido essa afirmação antes, Apsalar. Não houve ordens escritas... Nenhuma que tenha sido encontrada, ao menos.

– Eu devia tê-la matado ali – resmungou Apsalar.

Assombrado, Violinista olhou para Crokus. O daru balançou a cabeça.

– Apsalar – disse o sapador devagar –, você era apenas uma criança quando Aren se rebelou e caiu diante dos t’lan imass.

– Eu sei disso – replicou ela. – Mas essas lembranças... são tão claras. Eu fui... enviada a Aren... para ver a matança. Para descobrir o que havia acontecido. Eu... Eu *discuti* com Surly. Ninguém mais estava na sala. Só Surly e... e eu.

Alcançaram a outra extremidade da praça. Violinista puxou as rédeas e olhou para Apsalar por um longo momento.

– Foi a Corda, o deus patrono dos assassinos, que possuiu você – disse

Crokus. – Mas suas lembranças são...

– De Dançarino. – Assim que disse isso, Violinista soube que era verdade. – A Corda tem outro nome: Cotillion. Pelo sopro do Encapuzado, é tão óbvio! Ninguém duvidava que os assassinatos aconteceram. Tanto Dançarino quanto o imperador... foram assassinados por Laseen e pelos comandantes da Garra por ela escolhidos. O que Laseen fez com os corpos? Ninguém sabe.

– Então Dançarino sobreviveu – disse Crokus, franzindo a testa. – E ascendeu. Tornou-se um deus patrono no Labirinto da Sombra.

Apsalar não fez comentário nenhum, observando e ouvindo tudo de forma inexpressiva.

Violinista praguejava contra si mesmo por ser um idiota cego.

– Que Casa apareceu no Baralho de Dragões pouco depois? Sombra. Dois novos Ascendentes. Cotillion... e Trono Sombrio.

Os olhos de Crokus se arregalaram.

– Trono Sombrio é Kellanved. Não foram assassinados, nenhum dos dois... Eles escaparam... *ascendendo*.

– Para dentro do Reino da Sombra. – Violinista deu um sorriso irônico. – Para lá acalentarem seus pensamentos de vingança, que acabaram levando Cotillion a possuir uma jovem pescadora de Itko Kan. O plano era iniciar o que seria um caminho longo e tortuoso até Laseen. E o plano falhou. Apsalar?

– Suas palavras são verdadeiras – disse ela, sem uma entonação específica.

– Então por que Cotillion não se revelou para nós? – quis saber o sabotador. – Para Whiskeyjack, Kalam? Para Dujek? Cacete, Dançarino conhecia todos nós... Se aquele desgraçado entende alguma coisa da noção de amizade, as pessoas que citei eram seus amigos...

A risada repentina de Apsalar abalou os dois homens.

– Eu poderia mentir e dizer que ele procurava proteger todos vocês. Você quer mesmo saber a verdade, Queimador de Pontes?

Violinista percebeu que corava.

– Quero – grunhiu.

– Dançarino só confiava em dois homens. Um era Kellanved. O outro era Dassem Ultor, a Primeira Espada. Dassem está morto. Sinto muito se isso ofende você, Violinista. Pensando melhor, eu diria que *Cotillion* não confia em ninguém. Nem em Trono Sombrio. Já o imperador Kellanved... Bom, o Kellanved *Ascendente*... Trono Sombrio... Ah, é algo totalmente diferente.

– Ele foi um tolo – articulou Violinista, agarrando suas rédeas.

Apsalar deu um sorriso estranhamente melancólico.

– Já chega de falar – disse Crokus. – Vamos sair desta maldita cidade.

– Está bem.

Para surpresa dos três, a curta jornada entre a praça e o portão sul foi feita sem problemas, apesar de todos os avisos do comandante. O crepúsculo envolvia as ruas e a fumaça que se desprendia do quarteirão de cortiços em chamas espalhava uma névoa acre que tornava torturante respirar. Cavalgaram pelo rescaldo do massacre, depois da raiva e quando em geral retorna a consciência, trazendo espanto e vergonha.

O momento era um raro alívio daquilo que Violinista sabia ser um incêndio sempre crescente. Se as legiões malazanas não tivessem se retirado das proximidades de Pan'potsun, essa primeira faísca do fogaréu teria sido apagada, com uma brutalidade que se equipararia à dos renegados. Quando a força do massacre é atirada de volta aos responsáveis, a sede de sangue é rapidamente saciada.

O imperador teria agido rápido, de modo decisivo. *Pelo sopro do Encapuzado, ele nunca teria deixado isso ir tão longe.*

Menos de um décimo de badalada depois de deixar a praça, atravessaram o arco escurecido pela fumaça do portão sul, desguarnecido. Do outro lado, o Pan'potsun Odhan se estendia para oeste, ladeando a cordilheira que separava o Odhan do Deserto Sagrado Raraku. As primeiras

estrelas da noite brilhavam vivamente no firmamento.

Violinista quebrou o longo silêncio:

– Há uma vila uns 10 quilômetros ao sul. Com sorte, não será um banquete de carniça. Pelo menos, não ainda.

Crokus pigarreou.

– Violinista, se Kalam soubesse... sobre Dançarino, quero dizer, Cotillion...

O sabotador fez uma careta, olhando para Apsalar.

– Ela estaria com ele neste exato momento.

Qualquer que fosse a resposta que Crokus pretendia dar, ela foi interrompida por uma forma alada que caiu da escuridão, aos guinchos, e colidiu contra as costas do rapaz. Crokus soltou um grito alarmado quando a criatura agarrou seu cabelo e subiu em sua cabeça.

– É só o Moby – disse Violinista, tentando se livrar da tensão que a chegada do familiar tinha provocado. Semicerrou os olhos, observando: – Parece que ele se meteu em uma briga.

Crokus puxou Moby para o colo.

– Está sangrando por toda parte!

– Nada sério, acho – disse Violinista.

– Por que tem tanta certeza?

O sapador sorriu.

– Você já viu um bhok'aral acasalar?

– Violinista – o tom de Apsalar soou tenso –, estamos sendo perseguidos.

Puxando as rédeas para parar, Violinista ficou em pé nos estribos e se virou para trás. Na escuridão distante, avistou uma nuvem de poeira. Praguejou.

– O clã gral.

– Nossas montarias estão cansadas – disse Apsalar.

– É. Que a Rainha permita que haja cavalos novos para comprar em Nova Velar.

No pé de três desfiladeiros convergentes, Kalam deixou o caminho irregular e guiou o cavalo com cuidado até um canal de drenagem estreito. As lembranças antigas dos caminhos para dentro do Raraku pesavam em seus ossos. *Tudo mudou, mas nada mudou.*

Dentre as incontáveis trilhas que atravessavam as colinas, quase todas levavam à morte. As rotas falsas haviam sido habilmente direcionadas para longe dos poucos charcos e das raras fontes. Sem água, o sol do Raraku era um companheiro mortal. Kalam conhecia o Deserto Sagrado e podia ver o mapa dentro de sua cabeça, com décadas de idade, despertando a cada ponto de referência que conseguia reconhecer. Pináculos, rochas inclinadas, a rota de um canal pluvial... Era como se ele nunca tivesse partido, apesar de sua nova lealdade e de suas fidelidades conflituosas. *Mais uma vez, um filho do deserto. Mais uma vez, servo de sua necessidade sagrada.*

Tal qual o vento e o sol faziam com a areia e as rochas, o Raraku dava forma a todos que o conheciam. Atravessar o deserto tinha gravado as almas das três companhias que viriam a ser chamadas de Queimadores de Pontes. *Não fomos capazes de pensar em nenhum outro nome. O Raraku queimou nossos passados, tornando tudo que veio antes uma trilha de cinzas.*

Ele conduziu o garanhão para um declive. Pedras e areia deslizavam para baixo conforme o animal escalava a encosta. Voltava ao caminho verdadeiro, ao longo da linha recortada que levaria a uma descida lenta na direção oeste, rumo ao nível do Raraku. Estrelas brilhavam como pontas de faca no céu. O calcário clareado pelo sol tinha um brilho argênteo sob o luar fraco, como se refletisse as memórias do dia que tinha acabado de passar.

O assassino guiou o cavalo por entre as fundações desmoronadas de duas torres de vigilância. Cerâmicas e tijolos quebrados rangeram sob os cascos do garanhão. Rhizanos disparavam para fora de seu caminho com um leve bater de asas. Kalam sentia ter voltado para casa.

– Alto lá – alertou uma voz áspera.

Sorrindo, Kalam puxou as rédeas.

– Uma declaração ousada – continuou a voz. – Um garanhão da cor da

areia, a telaba vermelha...

– Anuncio o que sou – respondeu Kalam de forma casual.

Tinha localizado a fonte da voz nas sombras profundas de um buraco no outro lado da torre de vigilância à esquerda. Uma balestra mirava o assassino, mas Kalam sabia que poderia se desviar da seta rolando da sela com o garanhão entre ele e o estranho. Duas facas bem atiradas na figura mais escura em meio às sombras dariam fim à interação. Ele estava tranquilo.

– Pegue as armas dele – falou a voz.

Vindas de trás, duas mãos imensas se fecharam nos pulsos de Kalam e puxaram seus braços com brutalidade, até ele ser arrastado, praguejando de raiva, pelo traseiro do garanhão. Assim que saiu de cima do animal, as duas mãos viraram seu corpo e o jogaram com força de cara no chão pedregoso.

Com o ar arrancado dos pulmões, Kalam ficou indefeso.

O que tinha falado antes saiu de onde estava e se aproximou. O cavalo bateu os dentes, mas foi acalmado depressa com uma palavra baixa do estranho. O assassino ouviu as bolsas sendo retiradas da sela e colocadas no chão. As abas foram abertas.

– Ah, então é ele.

As mãos soltaram Kalam. Gemendo, o assassino conseguiu virar de barriga para cima. Um homem gigantesco estava ali em pé, com o rosto tatuado como vidro quebrado. Uma única trança comprida pendia pelo lado esquerdo de seu peito. Ele usava uma capa de couro bhederin sobre um colete de armadura que parecia feito de conchas de moluscos. O cabo de madeira e o punho de pedra de um tipo de arma branca sobressaíam de baixo de seu braço esquerdo. O cinto largo acima da tanga tinha ornamentos esquisitos que, para Kalam, pareciam cogumelos secos, de vários tamanhos. Tinha mais de 2 metros de altura, com músculos suficientes para parecer largo, além de alto, e seu rosto achatado e amplo olhava para baixo, sem nenhuma expressão.

Retomando a respiração, o assassino se sentou.

– Um silêncio de magia – murmurou, mais para si mesmo.

O homem que agora segurava o Livro do Apocalipse ouviu o sussurro áspero e bufou.

– Prefere acreditar que nenhum mortal seria capaz de chegar perto sem que você percebesse. Diz a si mesmo que deve haver magia envolvida. Está errado. Meu companheiro é toblakai, um escravo fugido do platô de Laederon, em Genabackis. Ele já viu dezessete verões e matou 41 inimigos. Aquilo no cinto dele são orelhas. – O homem se ergueu, oferecendo a mão a Kalam. – Você é muito bem-vindo ao Raraku, entregador. Nossa longa vigília terminou.

Fazendo uma careta, Kalam aceitou a mão do homem e se sentiu puxado sem esforço. O assassino limpou a poeira de suas roupas.

– Então, vocês não são bandidos.

O estranho rosnou uma risada.

– Não, não somos. Sou Leoman, capitão da escolta de Sha'ik. Meu companheiro recusa dar seu nome a estranhos, então vamos deixar assim. Somos os dois que ela escolheu.

– Devo entregar o livro nas mãos de Sha'ik – disse Kalam. – Não nas suas, Leoman.

O guerreiro atarracado, que, a julgar por sua cor e suas vestes, era um filho do deserto, estendeu o Livro.

– Por favor.

Com cuidado, o assassino pegou o tomo pesado e desgastado de volta.

Uma mulher falou atrás dele:

– Você pode me passá-lo agora, entregador.

Kalam fechou os olhos devagar, lutando para juntar as pontas desfiadas de seus nervos, e se virou.

Não havia dúvidas. O poder da mulher baixa e de pele cor de mel diante dele se irradiava em ondas, com o cheiro de poeira e areia sendo açoitado pelos ventos e o gosto de sal e sangue. Seu rosto bastante comum tinha linhas profundas, dando-lhe a aparência de uma mulher de cerca de 40 anos,

embora Kalam suspeitasse que fosse mais nova. O Raraku era um lar severo.

Involuntariamente, Kalam caiu sobre um joelho. Estendeu o Livro.

– Eu entrego a você, Sha'ik, o Apocalipse.

E, com ele, um mar de sangue. Quantas vidas inocentes destruídas para derrubar Laseen? Que o Encapuzado me leve. O que eu fiz?

O peso do Livro deixou as mãos dele quando ela o aceitou.

– Está danificado.

O assassino olhou para cima e se levantou devagar.

Sha'ik estava com a testa franzida, traçando com um dedo o canto rasgado da capa de couro.

– Bem, não deveríamos estar surpresos – continuou ela –, dado que ele tem mil anos. Agradeço, entregador. Você agora irá se juntar ao meu bando de soldados? Percebo grandes talentos em você.

Kalam fez uma reverência.

– Não posso. Meu destino está em outro lugar.

Fuja, Kalam, antes de testar as habilidades dos guarda-costas. Fuja, antes que a incerteza o mate.

Os olhos escuros dela se estreitaram sobre os dele, inquisitivos. Depois, se arregalaram.

– Sinto algo do seu desejo, mas você o escondeu bem. Vá, então. O caminho para o sul está aberto para você. Mais do que isso: você terá uma escolta...

– Não preciso de escolta, Vidente...

– Mas terá uma mesmo assim.

Ela gesticulou e uma forma volumosa e desajeitada surgiu da escuridão.

– Senhora Sagrada... – sibilou Leoman em tom de aviso.

– Você está me questionando? – falou Sha'ik bruscamente.

– O toblakai é como um exército e não tenho poucas habilidades, Sagrada, mas...

– Desde criança, uma visão me possuiu mais do que todas – interrompeu Sha'ik, com a voz áspera. – Eu vi este momento mil vezes,

Leoman. Ao amanhecer, abrirei o Livro e o Furacão se erguerá, e eu emergirei dele... renovada. “Lâminas nas mãos e afiada na sabedoria”, tais são as palavras do vento. Jovem, mas velha. Uma vida inteira, outra incompleta. Eu *vi*, Leoman. – Fez uma pausa, inspirando. – Não vejo nenhum outro futuro além desse. Estamos a salvo. – Sha’ik encarou Kalam outra vez. – Eu adquiri um... um bicho de estimação recentemente, que agora enviarei em sua companhia, pois sinto... possibilidades em você, entregador.

Ela gesticulou outra vez.

A forma imensa e desajeitada se aproximou e Kalam deu um passo involuntário para trás. Seu garanhão soltou um relincho baixo, tremendo.

– Uma aptória, entregador, do Reino da Sombra. Mandada para o Raraku por Trono Sombrio... para espiar. Pertence a Sha’ik agora – disse Leoman.

A fera era um pesadelo. Tinha quase 3 metros de altura agachada sobre dois membros traseiros magros. Uma única pata dianteira, comprida e multiarticulada, sobressaía de seu peito estranhamente bifurcado. De uma escápula angulosa e encurvada, o pescoço sinuoso do demônio se erguia até uma cabeça chata e alongada. Presas em forma de agulha delineavam sua mandíbula, recuada e naturalmente sorridente como a de um golfinho. A cabeça, o pescoço e os membros eram negros, enquanto o torso possuía um tom cinza-acastanhado. Um só olho achatado e negro observava Kalam, com consciência espantosa.

O assassino viu uma cicatriz ainda mal curada no demônio.

– Esteve numa briga?

Sha’ik franziu a testa.

– Um d’ivers. Lobos do deserto. Ela os afastou...

– Está mais para uma retirada tática – acrescentou Leoman secamente. – A fera não come nem bebe, até onde vimos. E, apesar de a Sagrada acreditar no contrário, a criatura parece ser completamente sem cérebro. Aquele olhar é como uma máscara que esconde pouca coisa.

– Leoman me importuna com dúvidas – disse Sha’ik. – É sua tarefa, e estou ficando cada vez mais cansada dela.

– Dúvidas são saudáveis – disse Kalam, depois fechou a boca.

A Senhora Sagrada apenas sorriu.

– Pressentia que vocês dois eram parecidos. Deixe-nos, então. Os Sete Sagrados sabem que um Leoman só já é o suficiente.

Com um último olhar ao jovem toblakai, o assassino saltou de volta para a sela, virou o cavalo na direção da trilha do sul e o cutucou para fazê-lo trotar.

A aptória evidentemente preferia manter alguma distância entre eles; ela se movia em paralelo a Kalam, a mais de vinte passos, como uma mancha mais escura na noite, caminhando de modo esquisito, mas silencioso, em suas três patas ossudas.

Depois de dez minutos de trote veloz, o assassino reduziu o ritmo do garanhão para uma caminhada. Tinha entregado o Livro, ajudado pessoalmente a levantar o Furacão. Respondera ao chamado de seu sangue e não importava até que ponto sua motivação estivesse maculada.

As exigências de sua outra vida estavam diante dele. Mataria a imperatriz para salvar o Império. Se conseguisse, a rebelião de Sha'ik estaria condenada. O controle seria recuperado. *E, se eu falhar, Sha'ik e Laseen vão se fazer sangrar mutuamente. Duas mulheres do mesmo tecido... Encapuzado, elas até se parecem.* Portanto, não era um disparate que Kalam visse cem mil mortes em sua sombra. Ele se perguntou se, pelas Sete Cidades, aqueles que liam o Baralho de Dragões agora seguravam um recém-desperto Arauto da Morte em suas mãos trêmulas.

Pela bênção da Rainha, está feito.

Minutos antes da aurora, Sha'ik estava sentada de pernas cruzadas diante do Livro do Apocalipse. Seus dois guardas permaneciam a seu lado, cada um nas ruínas de uma das torres de vigilância. O jovem toblakai se debruçou sobre sua espada de duas mãos, feita de pau-ferro. Ele tinha na cabeça um elmo de bronze todo marcado, sem um dos lados da face. Seus olhos ficavam

escondidos na sombra de meio-visor em forma de fenda. Seu companheiro estava de braços cruzados, com uma besta envolta em couro apoiada na perna. Duas clavas de uma mão se encontravam enfiadas em seu cinto grosso de couro. Sobre o elmo de ferro pontudo, vestia um cachecol telaba incolor. Abaixo, seu rosto bem barbeado estava à mostra, marcado por trinta anos de sol e vento. Seus olhos azul-escuros permaneciam inquietos.

Os raios do amanhecer banharam Sha'ik. A Senhora Sagrada estendeu a mão para o Livro e o abriu.

Uma seta atingiu sua cabeça 2 centímetros acima do olho esquerdo. A ponta de ferro esmigalhou o osso, lançando-se para dentro um momento antes de farpas, impulsionadas por molas, se abrirem como uma flor mortal dentro do cérebro dela. Depois, a ponta da seta atingiu a parte de trás do crânio, saindo de modo explosivo.

Sha'ik tombou.

Tene Baralta rugiu e observou com satisfação Aralt Arpat e Lostara Yil guiarem os doze Lâminas Vermelhas em disparada na direção dos dois infelizes guarda-costas.

O guerreiro do deserto caiu e rolou um momento depois da morte de Sha'ik. A besta em suas mãos deu um solavanco. O peito de Aralt Arpat afundou visivelmente quando a seta atravessou o esterno. O alto sargento foi arremessado para trás e caiu estirado na poeira. O comandante vociferou, furioso, desembainhou suas cimitarras e se juntou ao ataque. O pelotão de Lostara atirou lanças em uma sucessão cambaleante a apenas quinze passos do toblakai. Os olhos de Tene Baralta se arregalaram de assombro ao verem que nenhuma das seis lanças tinha sido capaz de acertá-lo.

Impossivelmente leve para alguém daquele tamanho, o toblakai parecia simplesmente passar no meio das lanças, mudando o peso de lado e abaixando o ombro antes de saltar para perto. Sua espada arcaica de madeira girou para trás e varreu o espaço, num movimento que a levou aos joelhos do Lâmina Vermelha que vinha à frente. O homem caiu em uma nuvem de poeira, com as duas pernas arruinadas.

Em seguida, o toblakai ficou no meio do pelotão. Enquanto Tene Baralta arrancava para se juntar a eles, viu Lostara Yil cambaleiar para trás, com sangue jorrando da cabeça e o elmo voando até pipocar pelo cascalho. Um segundo soldado caiu com a garganta esmagada por um golpe da espada de madeira.

O pelotão de Arpat atacava o guerreiro do deserto. Correntes estalavam conforme as clavas açoitavam e atingiam os adversários com precisão mortal. Não havia arma mais difícil de defender do que uma clava: a corrente envolvia qualquer tentativa de bloqueio e a bola de ferro avançava sem empecilhos sobre o alvo. A maior desvantagem da arma era possuir um retorno lento, mas, como Tene Baralta percebeu no instante em que avaliou o estado da batalha, o guerreiro do deserto lutava igualmente bem com as duas mãos, superando os ataques, o que resultava numa sequência contínua de golpes que nenhum dos soldados que o enfrentavam conseguia penetrar. No curto espaço de tempo em que o comandante observou a cena, uma cabeça coberta por um elmo foi amassada pelo impacto da arma.

Em um instante, a tática de Tene Baralta mudou. Sha'ik estava morta. A missão já tinha sido bem-sucedida e não haveria Furacão. Era inútil desperdiçar vidas com aqueles dois executores apavorantes, que haviam, no fim das contas, falhado em proteger a vida de Sha'ik e agora não buscavam nada além de vingança. Rosnou uma ordem de retirada e viu seus soldados lutarem para se desvencilhar dos dois homens. O esforço foi grande, pois mais três caíram antes de os lutadores restantes abrirem espaço suficiente para darem a volta e recuarem.

Dois dos soldados de Lostara foram leais o bastante para arrastarem consigo, na retirada, a capitã, que jazia atordoada.

Arrepiando-se com a visão dos Lâminas Vermelhas em fuga, Tene Baralta engoliu uma torrente de xingamentos amargos. Com as cimitarras estendidas, protegeu a retirada dos soldados; seus nervos estavam em chamas ao pensar que um dos guarda-costas pudesse acabar aceitando o desafio.

Mas os dois homens não o perseguiram, apenas reassumindo suas posições nas torres de vigilância. O guerreiro do deserto se agachou para recarregar a besta.

A visão da arma sendo preparada foi a última coisa que Tene Baralta viu dos dois assassinos, pois o comandante saiu do campo de visão deles e correu com seus soldados de volta ao pequeno desfiladeiro em que os cavalos estavam presos.

No sulco entre os altos paredões, os Lâminas Vermelhas posicionaram o único besteiro sobrevivente no cume virado para o sul, para, depois, pararem a fim de cuidar dos ferimentos e recuperar o fôlego. Atrás deles, os cavalos resfolegavam com o cheiro de sangue. Um soldado jogou água no rosto lambuzado de vermelho de Lostara. Ela piscou, enquanto a consciência aos poucos voltava a seus olhos.

Tene Baralta mantinha a cara fechada para ela.

– Recupere-se, capitã – grunhiu. – Você tem de seguir a pista de Kalam a uma distância segura.

Ela concordou, levando a mão à testa para verificar o talho nela.

– Aquela espada era de *madeira*.

– Mas dura como aço, isso era. Que o Encapuzado carregue o toblakai. E o outro também, aliás. Vamos deixá-los de lado.

Com uma expressão que mostrava uma pitada de sarcasmo, Lostara Yil apenas assentiu outra vez.

Tene estendeu a mão coberta por manoplas e puxou a capitã, ajudando-a a ficar em pé.

– Bom tiro, Lostara Yil. Você matou a maldita bruxa e tudo que ela iria causar. A imperatriz vai ficar satisfeita. Mais que satisfeita.

Cambaleando um pouco, Lostara foi até o cavalo e subiu na sela.

– Vamos para Pan’potsun – disse Tene Baralta. E acrescentou, com um sorriso sombrio: – Para espalhar a palavra. Não perca Kalam de vista, capitã.

– Ainda não falhei nisso – disse ela.

Você sabe que vou contar essas perdas como suas, não sabe? Bem

espertinha, moça.

Ele a observou enquanto cavalgava para longe dali. Depois voltou seu olhar aos soldados restantes.

– Covardes! Sorte de vocês que guardei sua retirada. Montem.

Leoman estendeu um lençol no chão liso entre as fundações das duas torres de vigilância e rolou sobre ele o corpo de Sha'ik, já envolto em linho. Ajoelhou-se ao lado do corpo por um momento, imóvel, depois limpou o suor da testa encardida.

O toblakai estava parado ali perto.

– Ela está morta.

– Eu vi – disse Leoman secamente, pegando o Livro sujo de sangue, que envolveu com tecido, devagar.

– O que faremos agora?

– Ela abriu o Livro. Era aurora.

– Nada aconteceu, só uma seta atravessando a cabeça dela.

– Cacete, eu *sei*.

O toblakai cruzou os braços imensos e ficou em silêncio.

– A profecia estava certa – disse Leoman depois de alguns minutos. Ele se levantou, encolhendo-se com a dor dos músculos enrijecidos pela luta.

– O que faremos agora? – perguntou o jovem gigante mais uma vez.

– Ela disse que seria... renovada... – Ele suspirou. O Livro pesava em suas mãos. – Vamos esperar.

O toblakai ergueu a cabeça, farejando.

– Uma tempestade está vindo.

LIVRO II

Furacão

Neste dia
Caminhei em estradas antigas
Que se transformaram em fantasmas com
A noite que chegava
E sumiram aos meus olhos
Com a aurora.
Tal foi minha jornada
Quilômetros através de séculos
Num piscar do sol.

Epitáfio Pardu

CAPÍTULO 6

Logo no início do reinado de Kellanved, proliferaram cultos em meio aos exércitos imperiais, particularmente entre os marinheiros. Deve-se lembrar de que essa também era a época de Dassem Ultor, Primeira Espada e supremo comandante das forças malazanas... Um homem sob juramento ao Encapuzado...

Campanhas malazanas, volume II, Duiker

Beneth estava sentado à sua mesa na Bula, limpando as unhas com um punhal. Já estavam imaculadas, o que fazia daquele hábito mera afetação. Felisin conhecia bem seus gestos e o que diziam acerca de seu humor. O homem estava furioso, cheio de medo. Sua vida agora era repleta de incertezas, como larvas de moscas-vampiro, rastejando sob a pele, crescendo enquanto roíam a carne.

Seu rosto, sua testa e seus pulsos grossos, cheios de cicatrizes, brilhavam de suor. A caneca de estanho com vinho saltoano gelado permanecia intocada sobre o tampo marcado da mesa, com uma fileira de moscas marchando ao redor da borda.

Felisin encarou os minúsculos insetos negros e as lembranças de terror voltaram. O acólito do Encapuzado, aquele que não estava lá. Um enxame de espíritos da Morte em forma de homem, o zumbido de asas formando palavras...

– Há luz em seus olhos outra vez, mocinha – disse Beneth. – E essa luz me diz que você começa a se dar conta do que se tornou. Uma luz feia. – Ele empurrou uma bolsa de couro sobre a mesa, até ficar diante dela. – Mate.

A mão dela estremeceu ao se dirigir à bolsa, soltar as amarras e tirar um botão de durhang.

Ele a observou esmigalhar o pólen úmido no forninho de seu cachimbo.

Já fazia seis dias e Baudin continuava desaparecido. O capitão Sawark tinha chamado Beneth mais de uma vez. Copo de Crânio foi praticamente desmantelado durante as buscas, as patrulhas na estrada do Besouro foram dobradas – *de novo e de novo* – e o lago do Afundador tinha sido dragado. Era como se o homem tivesse simplesmente sumido.

Beneth levou para o lado pessoal. Seu controle sobre Copo de Crânio tinha sido comprometido. Chamara Felisin de volta, não por compaixão, mas porque não confiava mais nela. Felisin sabia de alguma coisa, algo sobre Baudin, e, pior, Beneth sabia que ela era mais do que fingia ser.

– Beneth e Sawark conversaram – dissera Heboric no dia em que ela foi embora, quando os cuidados dele se mostraram suficientes para permitir que a jovem pelo menos fingisse um bem-estar que justificasse sua partida. – Cuidado, mocinha. Beneth está aceitando você de volta, mas só para controlar a sua ruína mais de perto. O que antes era casual agora é planejado, deliberado. Ele recebeu instruções.

– Como você sabe disso? – perguntara ela.

– Na verdade, são apenas suposições. Mas a fuga de Baudin deu a Beneth influência sobre Sawark e é provável que ele tenha usado isso para saber a verdade sobre você. Sawark concedeu mais poder a ele. Não haverá outro Baudin, nenhum dos dois homens pode permitir isso. Sawark não tem escolha senão dar mais controle a Beneth... mais informações...

Agora o chá de durhang tinha aliviado a dor nas costelas fraturadas e na mandíbula inchada de Felisin, mas não era forte o bastante para embotar seus pensamentos. Minuto a minuto, ela se sentia sendo arrastada por sua mente para mais perto do desespero. Deixar Heboric tinha sido uma fuga; sua jornada de retorno a Beneth, uma necessidade terrível.

Ele sorriu enquanto ela acendia o durhang.

– Baudin não era só um bandido de cais, era?

Ela franziu a testa para ele em meio a uma nuvem de fumaça.

Beneth baixou o punhal e o fez girar. Os dois assistiram às voltas rápidas da lâmina. Quando parou, a ponta estava voltada para Beneth. Ele fez uma careta e girou a arma uma segunda vez. Quando a ponta foi parando, voltada para Beneth de novo, ele pegou o punhal e o guardou na bainha presa ao cinto; em seguida, pegou a caneca de estanho.

As moscas se espalharam quando ele a levou aos lábios.

– Não sei nada sobre Baudin – retrucou Felisin.

Os olhos fundos dele a observaram por um longo tempo.

– Você não sabe de nada sobre coisa nenhuma, não é? Isso faz de você uma estúpida... ou deliberadamente ignorante. – Felisin nada disse. Um entorpecimento se espalhava nela. – Fui eu, mocinha? Foi uma derrota assim tão grande você se tornar minha? Eu queria você, Felisin. Você era bonita. Esperta. Eu conseguia ver isso em seus olhos. Sou o culpado do que aconteceu com você? – Ele a viu baixar o olhar para a bolsa sobre a mesa e ofereceu um sorriso irônico. – Ordens são ordens. Além do mais, você poderia ter dito não.

– A qualquer momento – disse ela, desviando o olhar.

– Ah, então não é minha culpa.

– Não – respondeu ela. – A culpa é toda minha, Beneth.

Ele se levantou abruptamente.

– Não há nada agradável no ar esta noite. O She'gai, o vento quente, começou. Todo o seu sofrimento até agora foi só um prelúdio, mocinha. O verão começa com o She'gai. Mas hoje à noite... – Ele a encarou de cima, mas não acabou a frase. Simplesmente a puxou pelo braço, até que ela ficasse de pé. – Ande comigo.

Beneth tinha recebido o direito de formar uma milícia, que consistia em um grupo de escravos escolhidos por ele, cada um armado com um ponteiro. Patrulhavam as ruas improvisadas de Copo de Crânio a noite toda. A restrição do toque de recolher passou a ser reforçada com espancamento seguido de execução para qualquer um que fosse pego ao relento depois do

cair da noite. Os guardas cuidavam da execução e a milícia de Beneth se satisfazia com o espancamento.

Beneth e Felisin se juntaram ao pelotão de patrulha. Ela conhecia bem aquela meia dúzia de homens, já que Beneth tinha comprado a lealdade deles com o corpo dela.

– Se for uma noite tranquila, vamos aproveitar o tempo para relaxar um pouco quando amanhecer – prometeu ele.

Os homens sorriram diante disso.

Caminharam pelos corredores de areia atravancados, atentos, mas não encontraram mais ninguém. Viram uma multidão de guardas dosinos vinda do outro lado de um estabelecimento de apostas chamado Suruk. O capitão dosino, Gunnip, os acompanhava. Os olhos deles, nublados pela noite, seguiram a patrulha que ia em frente.

Beneth hesitou, como se desejasse falar algo com Gunnip. Depois, dando um suspiro alto pelas narinas, voltou a andar. Pousou a mão no punho de sua faca.

Felisin ficou levemente consciente de alguma coisa, como se o vento quente soprasse uma nova ameaça no ar noturno. Ela reparou que a conversa dos homens da milícia foi parando; percebeu sinais de nervosismo. Pegou outro botão de durhang e colocou na boca, onde ele ficou, fresco e doce, entre a bochecha e a gengiva.

– Estou vendo você fazer isso – resmungou Beneth. – Me lembra de Sawark.

Ela piscou.

– Sawark?

– É. Quanto pior a coisa fica, mais ele fecha os olhos.

– E que coisas estão piorando? – As palavras dela saíram amortecidas.

Como se fosse uma resposta à pergunta de Felisin, um grito seguido de risadas ásperas soou atrás deles, vindo da frente de Suruk. Beneth parou seus homens com um gesto e em seguida voltou ao cruzamento pelo qual haviam acabado de passar. De lá conseguia ver Suruk... e os soldados de Gunnip.

Devagar, a tensão preencheu a postura de Beneth, como um espectro que se rebelava e tomava conta dele. Ao observá-lo, alarmes vagos soaram no crânio de Felisin. Ela hesitou, depois se virou para os homens da milícia.

– Alguma coisa aconteceu. Vão até ele.

Os homens também estavam observando. Um deles fez uma carranca, deslizando a mão assustadiça pelo cinto, na direção do ponteiro.

– Ele não nos deu ordens – grunhiu.

Os outros concordaram, inquietos, enquanto esperavam nas sombras.

– Ele está sozinho – disse ela. – Lá fora. Acho que está na mira de flechas...

– Cale a boca, menina – rosnou um dos homens. – *Não* vamos até lá.

Beneth quase recuou um passo, mas enrijeceu a olhos vistos.

– Estão vindo pegá-lo – sibilou Felisin.

Gunnip e os soldados dosinos apareceram no campo de visão, formando um semicírculo ao redor de Beneth. Bestas inclinadas, pousadas em antebraços, apontavam para ele.

Felisin se virou para a milícia.

– Ajudem-no, cacete!

– Que o Encapuzado leve você! – cuspiu de volta um dos homens.

A patrulha se espalhou, escorregadiça, de volta para as sombras e para os becos escuros do outro lado.

– Você está sozinha aí, mocinha? – gritou o capitão Gunnip. Seus soldados riram. – Venha se juntar a Beneth aqui. Estamos só dizendo algumas coisas a ele. Só isso. Não se preocupe, mocinha.

Beneth se voltou para falar com ela. Um guarda dosino se adiantou e o golpeou no rosto com a mão coberta por uma manopla. Beneth cambaleou, praguejando ao levar as mãos ao nariz esmagado.

Felisin cambaleou para trás, girou e correu bem quando as bestas dispararam. Setas passaram pelos dois lados da moça e ela mergulhou na entrada de um beco. Risadas ecoaram atrás dela.

Felisin continuou correndo pelo beco paralelo à rampa da Ferrugem. A

cem passos, ficavam Saguão Escuro e os alojamentos. Ela perdeu o fôlego ao tropeçar na área aberta que cercava os dois prédios malazanos. Seu coração martelava no peito, como se ela tivesse 50 anos em vez de 15. Devagar, o choque de ter visto Beneth apanhar se espalhou dentro dela.

Vozes gritaram de trás dos alojamentos. Cascos de cavalos ressoaram. Um grupo de escravos apareceu, correndo para onde Felisin se encontrava; meia dúzia de soldados dosinos seguia em seu encalço. Lanças atingiram as costas de alguns dos homens, que caíram na poeira. Desarmados, os escravos tentavam fugir, mas os dosinos tinham fechado o cerco. Tarde demais, Felisin notou que ela também tinha perdido a chance de fugir.

Vi Beneth sangrar. A esse pensamento, seguiu-se outro: *Agora vamos morrer.*

Os cavalos dosinos atropelaram homens e mulheres. Cimitarras atacaram. Num silêncio desesperado, os escravos morriam. Dois cavaleiros se aproximaram de Felisin. Ela apenas olhava, se perguntando qual deles alcançaria primeiro. Um agarrou uma lança, mirando o peito dela. O outro ergueu alto a espada de lâmina larga, pronto para um golpe de cima para baixo. Felisin viu no rosto deles uma alegria viva e ficou surpresa com a inumanidade de sua expressão.

Quando os dois estavam a instantes de concretizar seus ataques, foram atingidos no peito por setas. Cambaleando, ambos caíram das selas. Felisin se virou e viu uma tropa de besteiros malazanos avançando em formação; a linha de frente estava ajoelhada, recarregando, enquanto a segunda linha deslizava alguns passos adiante, mirava e disparava, em sincronia, setas sobre os cavaleiros dosinos. Animais e homens gritaram de dor.

Uma terceira revoada separou os dosinos, que se dispersaram, então, de volta à escuridão além dos alojamentos.

Um punhado de escravos tinha sobrevivido. Um sargento gritou uma ordem e uma dúzia de soldados avançou, verificando os corpos jogados na área e empurrando os sobreviventes na direção da tropa.

– Venha comigo – sibilou uma voz ao lado de Felisin.

Ela piscou, demorando a reconhecer o rosto de Pella.

– O quê?

– Os escravos estão sendo alojados nos estábulos. Mas você, não. – Ele pegou o braço dela com gentileza. – Estamos em séria desvantagem numérica. Temo que defender escravos não seja uma prioridade. Sawark quer que este motim seja esmagado ainda hoje à noite.

Ela contemplou o rosto dele.

– O que você está dizendo?

O sargento levou a tropa para uma posição mais defensiva, na entrada de um beco. O grupo de doze soldados empurrava os escravos por uma rua lateral que dava nos estábulos. Pella guiou Felisin na mesma direção. Uma vez fora da vista do sargento, ele se dirigiu aos outros soldados:

– Três de vocês, comigo.

Um deles replicou:

– Oponn bagunçou o seu cérebro, Pella? Já não estou me sentindo seguro assim e você ainda quer dividir o pelotão?

Outro grunhiu:

– Vamos só nos livrar desses malditos escravos e retornar, antes que o sargento marche de volta ao capitão.

– Esta é a mulher de Beneth – disse Pella.

– Acho que Beneth não está vivo – retrucou Felisin estupidamente.

– Ele estava, menos de cinco minutos atrás, mocinha – disse Pella, franzindo a testa. – Um pouco ensanguentado, nada mais. Está restabelecendo sua milícia agora. – Ele se virou para os outros. – Vamos precisar de Beneth, Reborid, mesmo com a bravata de Sawark. Agora, três de vocês... Não vamos para longe.

Com uma careta, aquele chamado Reborid gesticulou para dois outros.

No braço ocidental de Copo de Crânio, em algum lugar na ala do Cuspe, haviam iniciado um incêndio, que, descontrolado, se espalhava depressa,

lançando um brilho laranja tétrico contra o ventre de fumaça ondulante.

Enquanto Pella arrastava Felisin, Reborid falava sem parar:

– Onde, em nome do Encapuzado, está a guarnição de Be'thra? Você acha que não estão vendo as chamas? Havia pelotões malzanos patrulhando a estrada do Besouro. Teriam mandado um cavaleiro. A tropa já deveria estar aqui, cacete.

Havia corpos amontoados nas ruas, formas inertes. O pequeno grupo os contornava sem lhes dar muita atenção.

– Sabe lá o Encapuzado o que Gunnip tem na cabeça – continuou o soldado. – Sawark vai garantir que cada maldito dosino num raio de 300 quilômetros seja estripado e jogado ao sol.

– É aqui – disse Pella, dando um puxão em Felisin para que ela parasse. – Posição defensiva – ordenou aos outros. – Só vou levar um instante.

Estavam na casa de Heboric. Nenhuma luz vazava das cortinas. A porta estava trancada. Bufando de desgosto, Pella derrubou a barreira frágil. Com a mão nas costas de Felisin, empurrou-a para dentro da escuridão, indo atrás dela em seguida.

– Não há ninguém aqui – disse Felisin.

Pella não respondeu, ainda empurrando a garota, até chegarem ao tecido que separava o que antes era o quarto do ex-sacerdote.

– Puxe-o para o lado, Felisin.

Ela o fez, dando um passo para dentro do quartinho. Pella a seguiu.

Heboric estava sentado em seu catre, encarando ambos em silêncio.

– Eu não tinha certeza se você ainda a queria a tiracolo – disse Pella em voz baixa.

O ex-sacerdote grunhiu:

– E quanto a você, Pella? Nós podemos conseguir...

– Não. Leve-a no meu lugar. Eu tenho de voltar ao capitão. Vamos esmagar esse motim. Mas o momento é perfeito para você.

Heboric suspirou.

– É, é mesmo. Pelo grunhido de Fener, Baudin, saia das sombras. Esse

moleque não é um risco para nós.

Pella se sobressaltou quando uma forma imensa surgiu por detrás da cortina. Os olhos juntos de Baudin brilhavam na penumbra. Ele não disse nada.

Despertando do choque, Pella recuou para a entrada, segurando o tecido com uma das mãos.

– Que Fener o proteja, Heboric.

– Obrigado, garoto. Por tudo.

Pella assentiu brevemente e depois se foi.

Felisin franziu a testa para Baudin.

– Você está molhado.

Heboric se levantou.

– Está tudo pronto? – perguntou a Baudin.

O homenzarrão fez que sim.

– Vamos fugir? – perguntou Felisin.

– Vamos.

– Como?

Heboric fechou a cara.

– Você vai ver em breve.

Baudin pegou dois pacotes de couro grandes que estavam atrás dele e, sem esforço, jogou um para Heboric, que o segurou entre os braços com habilidade. O som que o pacote fez quando o ex-sacerdote o pegou tornou óbvio a Felisin que aquilo era, na verdade, uma bexiga selada, cheia de ar.

– Vamos nadar no lago do Afundador – disse ela. E continuou: – Por quê? Não há nada além de um penhasco íngreme do outro lado.

– Há cavernas – retrucou Heboric. – Dá para chegar até elas quando o nível da água está baixo. Pergunte a Baudin, já que ele andou se escondendo em uma por sete dias.

– Temos de levar Beneth – declarou Felisin.

– Agora, mocinha...

– Não! Você me deve isso! Os dois devem! Heboric, você sequer estaria

vivo agora se não fosse por mim. E por Beneth. Eu vou achá-lo e depois vou encontrar vocês na beira do lago...

– Não, não vai – disse Baudin. – Eu vou atrás de Beneth.

Ele deu a bexiga a Felisin, que o observou deslizar por uma porta dos fundos que nem sabia estar ali. Depois, ela se virou devagar para encarar Heboric. Ele estava agachado, examinando a rede frouxa ao redor dos pacotes.

– Eu não era parte do seu plano de fuga. Era, Heboric?

Ele olhou para ela e ergueu as sobrancelhas.

– Até hoje à noite, parecia que você tinha feito de Copo de Crânio seu paraíso. Achei que não estivesse interessada em partir.

– Paraíso? – Por alguma razão, a palavra a abalou.

Ela se sentou no catre.

Encarando Felisin, Heboric deu de ombros.

– Beneth provê.

Ela o encarou até, depois de um longo momento, ele finalmente desviar o olhar, puxar o pacote e se levantar com um grunhido.

– Vamos andando – disse ele, rude.

– Não sou mais grande coisa aos seus olhos... Sou, Heboric? Já fui?

Felisin, da Casa Paran, cuja irmã é a conselheira Tavore, cujo irmão acompanhou a conselheira Lorn. Parte da nobreza, uma garotinha mimada. Uma puta.

Ele não respondeu, dirigindo-se à porta na parede dos fundos.

A parte ocidental de Copo de Crânio estava em chamas, iluminando toda a depressão com um vermelho granuloso e vacilante. Heboric e Felisin viram evidências de confrontos enquanto se apressavam pela estrada do Trabalho rumo ao lago: cavalos afogados, malazanos mortos e guardas dosinos. A estalagem da Bula estava cercada por barricadas e as barreiras haviam sido rompidas. Da escuridão da porta, enquanto passavam, veio um gemido

fraco.

Felisin hesitou, mas Heboric enganchou o braço no dela.

– Você não quer ir aí, mocinha – disse ele. – Os homens de Gunnip se abateram sobre esse lugar mais cedo, e com violência.

Do outro lado dos limites da cidade, a estrada do Trabalho se estendia, vazia e escura, em toda a extensão até o cruzamento de Três Destinos. Depois dos juncos à esquerda deles, ficava o brilho da superfície plácida do lago do Afundador.

O ex-sacerdote a guiou até a relva, mandou que ela se agachasse e depois fez o mesmo.

– Vamos esperar aqui – disse ele, limpando o suor da testa larga e tatuada.

A lama abaixo dos joelhos dela estava viscosa, agradavelmente fria.

– Então vamos nadar até a caverna... e depois o quê?

– É uma velha mina que leva até o outro lado do Círculo, bem depois da estrada do Besouro. Haverá suprimentos deixados para nós na outra ponta. Dali iremos cruzar o deserto.

– Dosin Pali?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Direto para oeste, para a costa interior. Nove ou dez dias. Há nascentes ocultas. Baudin decorou suas localizações. Seremos pegos por um barco e levados para o continente.

– Como? Por quem?

O ex-sacerdote fez uma careta.

– Um velho amigo, provavelmente mais leal do que seria bom para ele. O Encapuzado sabe que não estou reclamando.

– E Pella era o contato?

– Era. Alguma conexão obscura que tem a ver com amigos de pais e tios e amigos de amigos, ou algo assim. Ele abordou você primeiro, sabe, mas você não percebeu. Então ele mesmo me achou.

– Não me lembro de nada assim.

– Uma frase, atribuída a Kellanved e registrada pelo homem que arranhou nossa fuga, Duiker.

– Um nome familiar...

– O historiador imperial. Ele falou a meu favor no julgamento. Depois, consegui ser enviado a Hissar por Labirinto. – Ele ficou em silêncio e balançou a cabeça devagar. – Salvar um velho amargo, que mais de uma vez denunciou as histórias escritas por ele como mentiras deliberadas... Se eu viver para ficar frente a frente com Duiker, acho que devo ao homem um pedido de desculpas.

Um zumbido frenético os alcançou, vindo do ar fumacento acima da cidade. O som ficou mais alto. A superfície lisa do lago do Afundador sumiu sob o que parecia um jato de granizo.

Felisin se agachou ainda mais, amedrontada.

– O que é isso? O que está acontecendo?

Heboric ficou em silêncio por um momento, depois sibilou:

– Moscas-vampiro! Atraídas, depois expulsas, pelo fogo. Rápido, menina, pegue lama... Cubra-se! E depois a mim. Depressa!

Nuvens brilhantes de insetos surgiram no campo de visão, correndo como rajadas de neblina. Freneticamente, Felisin afundou os dedos na lama fria que havia entre os caules vermelhos e jogou punhados nos braços, pescoço e rosto. Enquanto trabalhava, arrastou-se de joelhos para a frente, até estar sentada na água do lago. Depois se virou para Heboric.

– Venha para mais perto!

Ele se precipitou para o lado dela.

– Elas mergulham na água, menina. Você precisa sair daí. Cubra as pernas de lama!

– Depois que eu terminar com você – disse ela.

Mas era tarde demais. De uma só vez, o ar ficou quase irrespirável quando uma nuvem os envolveu. Moscas-vampiro se atiraram na água como dardos. A dor atravessou as coxas dela.

Heboric afastou as mãos dela e se abaixou.

– Cuide de si mesma, menina!

A ordem foi desnecessária, pois todas as ideias de ajudar Heboric haviam desaparecido com a primeira picada selvagem. Felisin pulou para longe da água, arrancou montes de lama e os jogou em suas coxas ensanguentadas. Depressa, acrescentou mais sobre as panturrilhas, os tornozelos e os pés. Insetos rastejavam por seu cabelo. Choramingando, ela os afastou com as unhas, cobrindo, então, a cabeça com lama. As moscas-vampiro aproveitaram seus arquejos e entraram em sua boca, picando enquanto ela engasgava e cuspiu. Felisin mordeu, esmagando-as, e os líquidos amargos das moscas queimaram como ácido. Os insetos estavam por toda parte, cegando-a enquanto se reuniam em montes frenéticos ao redor de seus olhos. Gritando, ela as arranhava, tentando afastá-las, depois baixou a mão e encontrou mais lama. Apesar da calma que veio com a escuridão, a jovem não parou de gritar, não conseguia parar. Os insetos estavam em seus ouvidos. Ela os encheu de lama. Silêncio.

Braços sem mãos se apertaram ao redor dela. A voz de Heboric a alcançou, como se viesse de muito longe:

– Está tudo bem, menina. Tudo bem. Pode parar de gritar, Felisin. Pode parar.

A garota se encolheu como uma bola em meio aos juncos. A dor das mordidas tinha se transformado em dormência, nas pernas, ao redor dos olhos e das orelhas e dentro da boca. Dormência fria e suave. Ela ficou em silêncio.

– O enxame está indo embora – disse Heboric. – A bênção de Fener é um toque feroz demais para elas. Estamos bem, menina. Limpe os olhos. Veja por si mesma.

Felisin não se mexeu. Era fácil demais ficar parada e deixar a dormência se espalhar por ela.

– Acorde! – vociferou Heboric. – Há um ovo em cada mordida, cada um soltando um veneno que amortece, transforma sua carne em coisa macia. E morta. Comida para as larvas dentro desses ovos. Você está entendendo,

menina? Precisamos matar esses ovos. Tenho uma tintura na algibeira do meu cinto. Mas terá de aplicar você mesma, tudo bem? Um velho sem mãos não pode fazer isso por você...

Ela gemeu.

– Acorde, cacete!

Ele bateu nela, empurrou, depois chutou. Praguejando, Felisin finalmente se sentou.

– Pare. Estou acordada! – Suas palavras saíram turvas da boca ainda dormente. – Onde está essa algibeira?

– Aqui. Abra os olhos!

Ela mal podia enxergar em meio ao inchaço, mas uma estranha penumbra azul que saía das tatuagens de Heboric iluminava a cena. Ele não tinha sido mordido. *A bênção de Fener é um toque feroz demais.*

Ele gesticulou para a algibeira presa a seu cinto.

– Depressa. Esses ovos estão prestes a chocar, e aí as larvas vão começar a comer você de dentro para fora. Abra a algibeira... Essa aí. O frasco preto, o pequeno. Abra! – Ela tirou a tampa. Um cheiro amargo a fez recuar. – Uma gota na ponta do dedo, empurre essa gota dentro da ferida. Empurre com força. Depois a próxima e a próxima...

– Eu... Eu não consigo sentir as que estão ao redor dos meus olhos.

– Eu guiarei você, menina. Depressa.

O terror não acabava. A tintura, um líquido abominável de cor marrom-escura, manchava sua pele de amarelo. Não matava as larvas que emergiam, mas as fazia sair. Heboric dirigia as mãos de Felisin para as picadas ao redor dos olhos e das orelhas da moça, que as puxava dos buracos. Cada larva era do tamanho de uma unha cortada, frouxa por causa do efeito soporífero da tintura. As mordidas que ela conseguia enxergar bem ilustravam o que estava acontecendo ao redor dos olhos e das orelhas. Dentro de sua boca, a amargura da tintura se sobrepôs ao veneno das larvas, fazendo sua cabeça girar e seu coração bater a uma velocidade alarmante. As larvas caíam como grãos de arroz na língua de Felisin, que as cuspiu.

– Sinto muito, Felisin – disse Heboric depois que ela acabou.

Ele examinava as mordidas ao redor dos olhos da moça com a expressão cheia de compaixão.

Um calafrio a percorreu.

– O que houve? Vou ficar cega? Surda? O que é, Heboric?

Ele balançou a cabeça e se endireitou devagar.

– Mordidas de moscas-vampiro... O veneno anestésico mata a carne. Você vai ficar curada, mas haverá cicatrizes. Sinto muito, menina. Está ruim ao redor de seus olhos. Bem ruim.

Felisin quase riu, a cabeça girando. Outro calafrio a percorreu e ela abraçou o próprio corpo.

– Já vi coisas assim. Em nativos. Escravos. Aqui e ali...

– É. Normalmente, moscas-vampiro não formam enxame. Deve ter sido por causa das chamas. Agora ouça. Um curandeiro bastante bom, alguém com Alto Denul, consegue remover as cicatrizes. Vamos encontrar um curandeiro assim, Felisin. Eu juro pelas presas de Fener. Juro.

– Estou enjoada.

– Isso é por causa da tintura. Batimentos acelerados, calafrios, náusea. É o suco de uma planta nativa das Sete Cidades. Se você bebesse o que sobrou naquele frasquinho, estaria morta em minutos.

Dessa vez, ela riu. O som saiu um pouco trêmulo e frágil.

– Os Portões do Encapuzado seriam bem-vindos, Heboric. – Ela semicerrou os olhos para ele. O brilho azul esvanecia. – Fener deve ser muito misericordioso.

Ele fechou a cara a isso.

– Não consigo entender, para ser honesto. Consigo pensar em mais de um sumo sacerdote de Fener que engasgaria com a sugestão de que o Deus Javali é... misericordioso. – Ele suspirou. – Mas parece que você está certa.

– O ideal seria agradecer. Um sacrifício.

– Seria – grunhiu ele, desviando o olhar.

– Deve ter sido uma grande ofensa a que o afastou de seu deus, Heboric.

Ele não respondeu. Passado um momento, se levantou, com os olhos na cidade destruída pelas chamas.

– Cavaleiros estão a caminho.

Ela tentou se aprumar, ainda muito tonta para ficar em pé.

– Beneth?

Ele balançou a cabeça.

Momentos depois, uma tropa malazana os alcançou, parando bem à frente de Heboric e Felisin. À frente vinha o capitão Sawark. Uma lâmina dosina tinha aberto uma de suas bochechas. Seu uniforme estava molhado e escuro com o sangue. Felisin se encolheu involuntariamente diante dos olhos frios de lagarto que se fixaram nela. Finalmente, ele falou:

– Quando vocês estiverem lá em cima... olhem para o sul.

Heboric praguejou baixo, surpreso.

– Você vai nos deixar ir? Obrigado, capitão.

O rosto dele escureceu.

– Não por você, velho. Foram bastardos subversivos como você que causaram tudo isso. Por mim, espetaria você em uma lança agora mesmo.

Sawark tomou ar para dizer mais alguma coisa e seus olhos encontraram Felisin outra vez. No entanto, ele simplesmente fez sua montaria dar a volta.

Os dois fugitivos observaram a tropa cavalgar de volta para Copo de Crânio. Dirigiam-se para uma batalha. Felisin sabia disso instintivamente. Outra certeza sem origem definida dizia a ela, em um sussurro, que todos eles morreriam. O capitão Sawark. Pella. Cada malazano. Ela olhou para Heboric, que parecia pensativo, enquanto a tropa alcançava a orla da cidade e sumia na fumaça.

Um momento depois, Baudin se levantou de um leito de juncos ali perto.

Felisin ficou em pé e caminhou até ele.

– Onde está Beneth?

– Morto, mocinha.

– Seu... Seu... – Suas palavras afundaram em uma torrente de dor dentro dela, uma angústia mais destruidora que qualquer coisa que já tinha sofrido.

Cambaleou um passo para trás.

Os olhos de Baudin estavam cravados nela. Heboric pigarreou, dizendo:

– Melhor corrermos. A aurora não está muito longe, e, apesar de duvidar que nossa travessia do lago venha a ser notada, não precisamos tornar nossas intenções tão óbvias assim. Afinal, somos malazanos. – Caminhou até as bexigas de ar. – O plano é esperar o próximo dia já do outro lado e partir depois do pôr do sol. Assim, é menos provável que algum bando errante de dosinos nos encontre.

Ainda tonta, Felisin seguiu os dois homens até a margem do lago. Baudin prendeu um dos pacotes ao peito de Heboric. Felisin percebeu que teria de compartilhar a outra bexiga com Baudin. Analisou o homenzarrão enquanto ele verificava a rede mais uma vez. *Beneth está morto. É o que Baudin diz. Provavelmente nem procurou por ele. Beneth está vivo. Deve estar. Nada mais do que um rosto sangrando. Baudin está mentindo.* O lago do Afundador lavou o resto da lama e da tintura da pele de Felisin. Nem de perto foi o suficiente.

A face do penhasco rebatia os ecos de suas respirações ásperas. Gelada e sentindo a água lutando para puxá-la para baixo, Felisin apertou mais a rede.

– Não estou vendo nenhuma caverna – disse, arquejante.

Baudin grunhiu.

– Estou surpreso que você veja qualquer coisa.

Ela não respondeu. A carne ao redor de seus olhos tinha inchado até restarem apenas fendas. Seus ouvidos pareciam fatias de bife, pesados e imensos, e a carne dentro de sua boca fechara-se ao redor dos dentes. Estava com dificuldade de respirar, pigarreando constantemente, ainda que isso não adiantasse muito. Sentia-se deslocada por tantos desconfortos, como se não sobrasse nela qualquer vaidade a ser ferida. Isso trazia a Felisin um alívio quase engraçado.

Sobreviver a isto é tudo que importa. Que Tavore veja as cicatrizes que me

deu, no dia em que nos encontrarmos. Não precisarei dizer nada, então, para justificar minha vingança.

– A abertura fica sob a superfície – disse Heboric. – Precisamos fazer um furo nas bexigas e nadar para baixo. Baudin vai primeiro, com uma corda amarrada à cintura. Segure essa corda, menina, ou será puxada para o fundo.

Baudin deu a ela um punhal, depois colocou a corda sobre o pacote, que boiava. Um momento depois, ele mergulhou na direção da parede do penhasco e sumiu sob a superfície do lago.

Felisin agarrou firme a corda, cujas voltas foram desaparecendo sob a água.

– Qual é a profundidade?

– Dois metros, dois e meio – disse Heboric. – Depois, mais uns cinco pela caverna até você poder respirar de novo. Vai dar conta, menina?

Vou ter que dar.

Gritos fracos flutuaram através do lago, os últimos lamentos miseráveis da cidade em chamas. Tudo tinha acontecido tão depressa, quase em silêncio... Uma única noite, e Copo de Crânio foi levado a seu final sangrento. Não parecia real.

Ela sentiu um puxão na corda.

– Sua vez – disse Heboric. – Fure a bexiga, deixe-a afundar e siga a corda.

Ela inverteu o modo como segurava a faca e espetou a bexiga. Um sopro de ar assobiou quando o pacote murchou e submergiu. A água puxou Felisin para baixo como se fossem mãos. Ela inspirou freneticamente antes de mergulhar. Por um momento, a corda não guiava mais para baixo, mas para cima. Ela encontrou a face escorregadia do penhasco. O punhal caiu enquanto ela agarrava a corda com as duas mãos e puxava.

A boca da caverna era de uma negritude mais profunda; a água, de um gelado amargo. Seus pulmões já gritavam por ar. Ela se sentiu apagar, mas afastou a sensação com brutalidade. Um brilho fraco de luz apareceu mais à frente. Chutando quando a boca começou a se encher de água, Felisin se puxou naquela direção à unha.

Mãos se estenderam para agarrar o colarinho de sua túnica e a puxaram sem esforço para o ar, para a luz. Ela se deitou na pedra dura e fria, tossindo. Um lampião a óleo brilhava ao lado de sua cabeça. Do outro lado, apoiados no muro, havia dois fardos de viagem com armação de madeira e bexigas cheias de água.

– Você perdeu a bosta da minha faca, não foi?

– Que o Encapuzado o leve, Baudin.

Ele grunhiu uma risada, depois concentrou a atenção em enrolar a corda. A cabeça de Heboric rompeu a superfície negra em instantes. Baudin puxou o ex-sacerdote para a pequena mesa de pedra.

– Deve ter acontecido algum problema lá em cima – disse o homem grande. – Nossos suprimentos foram trazidos aqui para baixo.

– Estou vendo – disse Heboric, sentando-se enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Melhor vocês dois fiquem aqui enquanto faço um reconhecimento – disse Baudin.

– Tá. Vá logo, então.

Baudin desapareceu ao subir o nível da caverna. Felisin também estava sentada.

– Qual é o problema? – perguntou ela. Heboric apenas deu de ombros. – Não – insistiu. – Você suspeita de alguma coisa.

Ele fez uma careta.

– Sawark disse para olharmos para o sul.

– E daí?

– E daí isso, menina. Vamos esperar Baudin. Que tal?

– Estou com frio.

– Não gastamos espaço com roupa extra. Comida e água, algumas armas, apetrechos para cozinhar. Há alguns cobertores, mas é melhor mantê-los secos.

– Eles vão ficar secos logo – rosnou ela, engatinhando até um dos fardos.

Baudin voltou alguns minutos depois e se agachou ao lado de Heboric.

Tremendo embaixo de um cobertor, Felisin observou os dois homens.

– Não, Baudin – disse quando ele se preparava para sussurrar alguma coisa para o ex-sacerdote. – Alto o bastante para todos nós ouvirmos.

O homenzarrão olhou para Heboric, que deu de ombros.

– Dosin Pali fica a quase 170 quilômetros de distância – disse Baudin. – Mas dá para ver a incandescência mesmo assim.

Heboric franziu a testa, preocupado.

– Nem mesmo uma tempestade de fogo seria visível a essa distância, Baudin.

– Verdade. Não é uma tempestade de fogo. É magia, velho. Uma batalha de magos.

– Pelo sopro do Encapuzado – resmungou Heboric. – E que batalha!

– Aconteceu – disse Baudin.

– O que aconteceu? – perguntou Felisin.

– A insurreição nas Sete Cidades, menina. Dryjhna. O Furacão chegou.

O saveiro tinha 4 metros de comprimento no total. Duiker parou por um longo momento antes de embarcar. Abaixo das duas tábuas retas que formavam o deque da embarcação havia uns 15 centímetros de água. Trapos cobriam uma série de vazamentos menores no casco, com graus variados de eficácia. O cheiro de peixe podre era quase insuportável.

Envolto em uma capa de chuva do exército, Kulp não saiu de onde estava, na doca.

– E quanto você pagou por este... barco? – perguntou, sem alterar a voz.

O historiador suspirou, lançando um olhar ao mago.

– Você não consegue arrumar isso? Qual era mesmo o seu Labirinto, Kulp?

– Conserto de barco – respondeu o homem.

– Muito bem – falou Duiker, subindo de volta para a doca. – Entendo o que você quer dizer. Para atravessar o estreito, vai precisar de algo com mais

condições de navegação do que isto. O homem que vendeu esta embarcação parece ter exagerado ao me contar suas qualidades.

– A prerrogativa de um haral. Seria melhor se você tivesse *contratado* uma embarcação.

Duiker grunhiu.

– Em quem eu poderia confiar?

– E agora?

O historiador deu de ombros.

– De volta à taberna. Isso requer mais planejamento.

Ainda na frágil doca, voltaram pelo caminho que tinham tomado até ali. Em seguida, entraram no trecho de terra que fazia as vezes de via principal da vila. De cada lado, os casebres de pescadores exibiam a escassez com o orgulho comum a comunidades pequenas construídas à sombra de uma cidade grande. A noite caíra e, exceto por um grupo de três cachorros magricelas que se alternavam para atacar a carcaça de um peixe, não havia ninguém por ali. Cortinas pesadas retinham a maior parte da luz que vinha dos casebres. O ar estava quente e um vento continental mantinha afastada a brisa marinha.

A taberna da vila tinha sido construída sobre estacas de pau, sendo uma estrutura de um andar só, com esqueleto de madeira branqueada pelo sol, paredes de juta e telhado de palha. Caranguejos disparavam na areia abaixo dela. À frente da taberna ficava o fortim de um destacamento da guarda costeira malazana: quatro marinheiros de Cawn e dois soldados navais, cuja aparência nada revelava de suas origens. Para eles, as velhas lealdades nacionais não tinham mais nenhuma relevância. *A nova raça imperial*, refletiu Duiker enquanto entrava com Kulp na taberna e voltavam à mesma mesa que haviam ocupado mais cedo. Os guardas malazanos se amontoavam junto à parede dos fundos, onde a juta tinha sido puxada para o lado, revelando um cenário tranquilo de relva seca, areia branca e mar reluzente. Duiker invejava os soldados por causa do ar fresco que sem dúvida alcançava o local em que estavam sentados.

Ainda não haviam sido abordados, mas o historiador sabia ser apenas uma questão de tempo. Naquela aldeia, deviam ser raros os viajantes, e um usando uma capa de campanha, mais raro ainda. Entretanto, pelo menos por enquanto, traduzir a curiosidade em ação parecia um esforço grande demais.

Kulp gesticulou na direção do garçom para pedir um jarro de cerveja, depois se inclinou para mais perto de Duiker.

– Vai haver perguntas. Logo. Isso é um problema. Não temos um barco, o que é outro problema. Deixo muito a desejar como marinheiro, e esse é o terceiro...

– Está bem, está bem – sibilou o historiador. – Pelo sopro do Encapuzado, me deixe pensar em paz!

Com expressão azeda, Kulp se recostou no assento.

Na taberna, mariposas dançavam de forma desajeitada em meio à luz crepitante dos lampiões. Não havia aldeões presentes e o único garçom dispensava atenção quase obsessiva aos soldados malazanos, mantendo neles os olhos escuros e pequenos mesmo enquanto baixava o jarro de cerveja diante de Kulp.

Observando o garçom se afastar, o mago grunhiu:

– Esta noite está bem estranha, Duiker.

– É.

Onde está todo mundo?

O barulho de uma cadeira sendo arrastada atraiu a atenção deles para o oficial malazano. Era um cabo, a julgar pela divisa em seu tabardo, que tinha se levantado e agora se dirigia até eles. Sob a divisa de estanho desbotado havia uma mancha maior, onde a tintura do tabardo não fora bem removida: o homem já tinha sido um sargento.

De acordo com o restante de sua estrutura física, o rosto do cabo era chato e largo, indicando que havia sangue kanesiano do norte em algum ponto de sua linhagem. Tinha a cabeça raspada, mostrando cicatrizes de navalha, algumas ainda sujas de sangue seco. Seu olhar estava fixo em Kulp.

O mago falou primeiro:

– Cuidado com a língua ou você vai continuar andando para trás.

O cabo piscou.

– Para trás?

– Sargento, depois cabo. Tem planos de ser soldado agora? Você foi avisado.

O homem pareceu inalterado.

– Não vejo nenhuma patente à mostra – rosnou.

– Só porque você não sabe o que procurar. Volte para sua mesa, cabo, e deixe nossos assuntos conosco.

– Você é do Sétimo Exército. – Ele claramente não tinha nenhuma intenção de voltar à mesa. – Um desertor.

As sobrelanceiras espessas de Kulp se ergueram.

– Cabo, você acaba de dar de cara com todo o quadro de magos do Sétimo. Agora saia da minha frente antes que eu ponha guelras e escamas na sua cara.

Os olhos do cabo passaram rápido para Duiker, depois voltaram a Kulp.

– Errado – suspirou o mago. – *Eu* sou o quadro inteiro. Este homem é meu convidado.

– Guelras e escamas, hã? – O cabo baixou as mãos largas no tampo da mesa e se inclinou na direção de Kulp. – Se eu farejar a abertura de um Labirinto por aqui, você vai acabar com uma faca na garganta. Este é meu posto de guarda, mágico, e qualquer assunto que você tenha aqui é *meu* assunto também. Agora comecem a se explicar, antes que eu corte essas orelhas enormes da sua cabeça e as acrescente ao meu cinto. Senhor.

Duiker pigarreou.

– Antes que isso vá mais longe...

– Cale a boca! – vociferou o cabo, ainda olhando feio para Kulp. Gritos distantes os interromperam. – Verdade! – berrou o cabo, então. – Vá ver o que está acontecendo lá fora.

Um jovem marinheiro cawniano pulou até onde ele estava, verificando uma espada curta embainhada no quadril ao atravessar a porta.

– Estamos aqui para comprar um barco... – disse Duiker ao cabo.

Um xingamento sobressaltado veio do lado de fora, seguido por um frenético arrastar de botas nos degraus decrépitos da taberna. O recruta chamado Verdade cambaleou para dentro, com o rosto pálido. Uma torrente impressionante de palavrões cawnianos saiu da boca do jovem, terminando com:

– Tem um bando armado do lado de fora, cabo, e não parecem interessados em falar. Eu os vi se dividirem, uns dez para o *Ripath*.

Os outros marinheiros ficaram em pé. Um deles se dirigiu ao cabo:

– Eles vão queimá-lo, Gesler, e ficaremos presos neste pedaço fedido de praia...

– Às armas e em formação – rosnou Gesler. Ele se levantou, virando para o outro soldado naval. – Porta da frente, Tempestade. Descubra quem lidera aquele grupo e enfie uma flecha bem no meio dos olhos dele.

– Temos que salvar o barco! – disse o porta-voz dos marinheiros.

Gesler aquiesceu.

– E faremos isso, Vered.

O soldado chamado Tempestade se posicionou na porta, fazendo sua besta engatilhada aparecer como que do nada. Do lado de fora, a gritaria tinha ficado mais alta e mais próxima. O grupo criava a coragem necessária para invadir a taberna. O rapaz Verdade permaneceu no meio do recinto, dando trancos com a espada curta na mão, e seu rosto estava vermelho de raiva.

– Acalme-se, garoto – disse Gesler. Seus olhos recaíram sobre Kulp. – É menos provável que eu corte suas orelhas se você abrir um Labirinto agora, mago.

– Você fez inimigos nesta aldeia, cabo? – perguntou Duiker.

O homem sorriu.

– Isso estava sendo preparado faz tempo. O *Ripath* está completamente abastecido. Podemos levar vocês a Hissar... talvez... Temos de sair disso antes. Consegue usar uma besta?

O historiador suspirou, depois assentiu.

– Aguarde algumas flechas através das paredes – disse Tempestade, da porta.

– Já encontrou o líder deles?

– Sim, e está mantendo distância.

– Não podemos esperar. Para a porta dos fundos, todos!

O garçom, que estava agachado atrás do pequeno balcão em um dos lados da taberna, deu um passo adiante, encurvado como um caranguejo, já esperando pela primeira saraivada de flechas através da parede de juta.

– A conta, mezla. Muitas semanas já. Setenta e duas jakatas...

– Quanto vale a sua vida? – perguntou Gesler, gesticulando para Verdade se juntar aos marinheiros que escapavam pela abertura na parede dos fundos.

Os olhos do garçom se arregalaram e ele abaixou a cabeça.

– Setenta e duas jakatas, mezla?

– Mais ou menos isso – concordou o cabo.

Ar frio e úmido, fedendo a musgo e pedra molhada, encheu a sala. Duiker olhou para Kulp, que assentiu, mudo. O historiador ficou de pé.

– Eles têm um mago, cabo...

Um rugido veio da rua e atingiu a fachada da taberna como uma onda. A estrutura de madeira se inclinou e as paredes de juta incharam. Kulp soltou um grito de aviso, pulando de sua cadeira e rolando no chão. Madeira estourou, tecido se rasgou.

Tempestade se atirou para longe da porta e todos os que restavam lá dentro dispararam ao mesmo tempo na direção da saída dos fundos. O chão se ergueu sob eles quando as estacas da frente da taberna perderam o apoio, arremessando todos contra a parede dos fundos. Mesas e cadeiras tombaram, juntando-se à fuga dos homens. Gritando, o garçom desapareceu debaixo de uma estante de jarros de vinho.

Escorregando através da porta, Duiker caiu pela escuridão para aterrissar em uma pilha de algas secas. Kulp pousou sobre ele, com os

joelhos e os cotovelos, expulsando o ar dos pulmões do historiador.

A parte da frente da taberna ainda subia enquanto a onda de feitiçaria tomava o controle de tudo que tocava, *empurrando*.

– Faça alguma coisa, Kulp – pediu Duiker, arquejando.

Em resposta, o mago puxou o historiador, pondo-o de pé. Ele o girou e empurrou com força.

– Corra! É isso que vamos fazer!

A feitiçaria que devastava a taberna cessou de repente. Ainda equilibrado nas estacas de trás, o prédio voltou a baixar. Vigas estalaram. A taberna pareceu explodir e a estrutura de madeira foi arruinada. O teto desmoronou, atingindo o chão com uma nuvem de areia e pó. Cambaleando ao lado de Duiker enquanto corriam para a praia, Tempestade grunhiu:

– O Encapuzado acabou de pagar a conta do garçom, hein? – O soldado naval gesticulou com a besta que tinha nas mãos. – Estou aqui para cuidar de vocês. O cabo foi na frente. Estamos esperando conflito ao chegar à doca do *Ripath*.

– Onde está Kulp? – exigiu saber Duiker. Tudo tinha acontecido tão rápido que ele se sentia dominado pela confusão. – Ele estava aqui a meu lado...

– Foi farejar aquele lançador de feitiços. É meu palpite. Quem consegue entender esses magos, hum? A menos que tenha fugido. O Encapuzado sabe que ele não mostrou muita coisa até agora, não é?

Alcançaram a costa. Trinta passos à esquerda, Gesler e os marinheiros cercavam uma dúzia de pessoas do local, que haviam se posicionado na frente da doca estreita. Atracada ali, havia uma embarcação de patrulha baixa e lustrosa, com um único mastro. À direita, a praia se estendia numa curva sutil para o sul, na direção da distante Hissar. A cidade estava em chamas. Duiker parou aos tropeços, fitando o céu avermelhado acima de Hissar.

– Pelas tetas de Togg! – sibilou Tempestade, seguindo o olhar do historiador. – Dryjhna chegou. Acho que não levaremos vocês até a cidade,

no fim das contas...

– Errado – disse Duiker. – Preciso voltar a Coltaine. Meu cavalo está nos estábulos. Não me importo com a droga do barco.

– Aposto que estão beliscando os flancos dele a esta altura. Por aqui, as pessoas andam em camelos e comem cavalos. Esqueça.

Ele estendeu a mão, mas o historiador se afastou e começou a correr para a praia, para longe do *Ripath* e da luta que acabara de começar ali.

Tempestade hesitou; em seguida, rosnando um palavrão, foi atrás de Duiker.

Um lampejo de feitiçaria incendiou o ar acima da rua da frente, seguido por um guincho de agonia. *Kulp*, pensou Duiker. *Atacando ou morrendo*. O historiador permaneceu na praia, correndo paralelamente à aldeia, até o que ele achava ser o outro lado dos estábulos. Depois, virou para dentro, passando pelas algas da linha da maré. Tempestade andava ao lado dele.

– Vou só garantir que você ache o seu caminho a salvo, está bem?

– Meus agradecimentos – sussurrou Duiker.

– Quem é você, mesmo?

– Historiador imperial. E quem é você, Tempestade?

O homem grunhiu.

– Ninguém. Ninguém mesmo.

Diminuíram o passo ao deslizar pela primeira fileira de casebres, permanecendo nas sombras. A alguns passos da rua, o ar se embaçou diante deles e *Kulp* apareceu. Sua capa estava chamuscada e seu rosto, vermelho por causa de um raio de fogo.

– Por que, em nome do Encapuzado, vocês dois estão aqui? – perguntou, sibilando. – Tem um Alto Mago se esgueirando por aí... O Encapuzado é que sabe por que ele está aqui. O problema é que esse Alto Mago também sabe que *eu* estou aqui, o que me torna uma má companhia... Eu me livrei de raspão da última...

– Aquele grito que ouvimos era seu? – perguntou Duiker.

– Já teve um feitiço dirigido a você? Meus ossos quase foram arrancados

da bosta do lugar. Eu caguei nas calças, também. Mas estou vivo.

– Até agora – disse Tempestade, sorrindo.

– Obrigado pela bênção – resmungou Kulp.

– Precisamos... – começou Duiker.

A noite floresceu ao redor deles em uma explosão bruxuleante de faíscas que atirou os três homens ao chão. O guincho de dor do historiador se juntou aos dos dois outros homens, enquanto a feitiçaria parecia enfiar unhas em sua carne, com um aperto gelado ao redor dos ossos, enviando choques de agonia para os membros. O grito soou ainda mais alto quando a dor implacável atingiu seu cérebro, obscurecendo o mundo em uma névoa de sangue que parecia chiar atrás de seus olhos. Duiker se debateu e rolou no chão, mas não havia escapatória. Ele estava sendo morto por aquele feitiço, um ataque assustadoramente pessoal que invadia cada canto de seu ser.

Então parou. Ficou imóvel, a bochecha pressionada contra o chão frio e empoeirado, e seu corpo tremia. Ele se borrara, se mijara. Seu suor tinha um fedor amargo. Uma mão agarrou o colarinho de sua telaba. A expiração de Kulp soprou quente em sua orelha quando o mago sussurrou:

– Eu bati de volta. O bastante para arder. Temos que chegar até o barco... de Gesler...

– Vá com Tempestade – disse Duiker, arquejante. – Vou levar os cavalos...

– Você está louco?

Segurando um grito, o historiador se forçou a ficar em pé. Cambaleou quando a lembrança da dor varreu seus membros.

– Vá com Tempestade, cacete! Vá!

Kulp encarou o homem. Em seguida, seus olhos se estreitaram.

– Tá, mas cavalgue como um dosino. Pode funcionar...

Tempestade, com o rosto tão pálido quanto a morte, puxou a manga do mago.

– Gesler não vai esperar para sempre.

– É.

Acenando com a cabeça para Duiker pela última vez, o mago se juntou

ao soldado naval. Correram com força até a praia.

Gesler e os marinheiros estavam com problemas. Corpos jaziam estirados na areia revirada ao redor da doca: a primeira dúzia de locais e dois dos marinheiros cawnianos. Gesler, ladeado por Verdade e outro marinheiro, lutavam para reter um grupo de aldeões recém-chegados. Eram homens e mulheres, que se atiraram para a frente em frenesi, usando arpões, marretas, cutelos e, alguns, apenas as mãos. Os dois marinheiros restantes, ambos feridos, já estavam a bordo do *Ripath*, tentando debilmente se livrar das cordas.

Tempestade guiou Kulp alguns passos para mais perto da turba. Em seguida, o soldado se agachou, mirou e atirou uma seta entre a multidão. Alguém gritou. Tempestade jogou a besta sobre o ombro e pegou uma espada curta e um punhal de estripar.

– Tem alguma coisa para isso, mago? – perguntou ele e, sem esperar resposta, avançou de um salto, atingindo a multidão por trás.

Os aldeões recuaram; nenhum foi morto, mas muitos foram terrivelmente mutilados pelo ataque de Tempestade. Os mortos não mais causavam preocupação; os feridos, sim.

Gesler defendia a doca sozinho, enquanto Verdade empurrava um companheiro abatido na direção do barco. Um dos marinheiros feridos no convés do *Ripath* tinha parado de se mover.

Kulp hesitou, sabendo que qualquer feitiço que soltasse atrairia o Alto Mago. O mago de regimento não achava provável que conseguisse resistir a outro ataque. Todas as suas articulações sangravam por dentro, inchando a carne com sangue. Pela manhã, não seria capaz de se mover. *Isso se eu sobreviver a esta noite.* Mesmo assim, restavam artimanhas mais sutis.

Kulp ergueu os braços, soltando um guincho agudo. Um muro de fogo explodiu diante dele, depois rolou, tombando e crescendo, indo na direção dos aldeões, que se separaram e correram dali. Kulp mandou a labareda para a praia, em perseguição. Quando atingiu o banco de areia coberto pela relva, o muro de fogo desapareceu.

Tempestade girou.

– Se você podia fazer isso...

– Não foi nada – disse Kulp, reunindo-se aos homens.

– Uma parede de...

– Não foi *nada*. Uma ilusão tremeluzente do Encapuzado, seu tolo!

Agora, vamos sair daqui!

Vered morreu quando estavam a alguns metros da costa, depois que a ponta de um arpão afundado em seu peito finalmente fez verter o resto de seu sangue no convés escorregadio. Gesler rolou o homem pela borda da embarcação, sem cerimônia. Restavam em pé, além do cabo, o jovem Verdade, Tempestade e Kulp. Outro marinheiro perdia a batalha contra uma artéria cortada na coxa esquerda. Estava a apenas alguns minutos dos Portões do Encapuzado.

– Todos fiquem quietos – sussurrou Kulp. – Não acendam nenhuma luz. O Alto Mago está na praia.

Todos prenderam a respiração, incluindo o marinheiro moribundo, que teve uma mão impiedosa enfiada na boca até que seus gemidos cessassem.

Sem nem uma vela preparada, o *Ripath* deslizou devagar para fora da baía rasa, com a quilha partindo a água num sussurro baixo. Aquele era barulho suficiente para chamar a atenção do Alto Mago, Kulp sabia. Abriu seu Labirinto e lançou sons em direções aleatórias: uma voz surda aqui, um ranger de madeira ali. Criou um véu de escuridão sobre a área, segurando o poder de seu Labirinto e deixando-o pingar mais para a frente com a intenção de enganar, não desafiar.

Um feitiço lampejou 100 metros à esquerda, enganado por um dos sons. A escuridão engoliu a luz da magia.

A noite ficou silenciosa mais uma vez. Gesler e os outros pareceram entender o que Kulp estava fazendo. Mantiveram os olhos sobre ele, esperançosos, mal podendo esconder o medo. Verdade tomou o leme, imóvel, sem ousar fazer nada além de manter a embarcação seguindo adiante à brisa suave.

Parecia que apenas engatinhavam na água. Suor escorria de Kulp; estava encharcado por causa do esforço de se esquivar dos sentidos de busca do Alto Mago. Conseguia sentir a sondagem mortal; percebeu, só então, que seu oponente era uma mulher, não um homem.

Muito ao sul, o porto de Hissar era um muro brilhante de chamas manchadas de preto. Não direcionaram o barco para lá; Kulp sabia tão bem quanto os outros que não encontrariam socorro naquele porto. As Sete Cidades haviam se rebelado.

E estamos no mar. Há algum porto seguro para nós? Gesler disse que este barco tem provisões... Serão suficientes para nos levar até Aren? Através de águas hostis, além de tudo... Falar seria uma opção melhor, mas ficava mais de 3 mil quilômetros ao sul de Dosin Pali.

Então outro pensamento o atingiu, enquanto a busca da Alta Maga esvanecia até finalmente cessar. *Heboric Toque Leve. O pobre coitado está indo neste momento para o ponto de encontro, se tudo tiver saído conforme planejado. Atravessando um deserto inteiro apenas para chegar a uma costa morta.*

- Já podem respirar – disse o mago. – Ela desistiu da caça.
- Fora de alcance? – perguntou Verdade.
- Não, só perdeu o interesse. Acho que ela tem assuntos mais importantes para resolver, garoto. Cabo Gesler.
- Sim?
- Precisamos cruzar o estreito. Para a costa de Otataral.
- Em nome do Encapuzado, mago. Para quê?
- Sinto muito. Desta vez vou usar minha patente. Faça como estou mandando.
- E se nós só jogássemos você pela borda do barco? – perguntou Gesler calmamente. – Há uma dhenrabi por aqui, se alimentando ao longo do recife de Sahul. Você seria uma refeição deliciosa...

Kulp suspirou.

- Temos de alcançar um sumo sacerdote de Fener, cabo. Me ofereça

como comida para uma dhenrabi e ninguém vai chorar a perda. Enfureça um sumo sacerdote e seu deus temperamental pode muito bem lançar um olhar vermelho em sua direção. Você está preparado para assumir esse risco?

O cabo se reclinou e soltou uma risada. Tempestade e Verdade também sorriam.

Kulp fechou a cara.

– Vocês acham isso engraçado?

Tempestade se inclinou sobre a borda da embarcação e cuspiu no mar. Limpou a boca com as costas da mão e depois disse:

– Parece que Fener já lançou esse olhar em nossa direção, mago. Somos da companhia do Javali, do Primeiro Exército, dispersado. Antes de Laseen destruir o culto, na verdade. Agora, somos só soldados presos a uma guarda costeira miserável.

– Isso não nos impediu de seguir Fener, mago – disse Gesler. – Ou até de recrutar novos seguidores para o culto guerreiro – acrescentou, meneando a cabeça na direção de Verdade. – Então, apenas aponte o caminho. Costa de Otataral, você disse. Vire o *Ripath* para o sul, garoto, e vamos aprontar o barco e a vela da fortuna para recebermos os ventos da manhã.

Vagarosamente, Kulp se sentou.

– Mais alguém precisa lavar as calças? – perguntou.

Envolto em sua telaba, Duiker cavalgou para fora da aldeia. Havia figuras humanas dos dois lados da estrada costeira, incolores à fraca luz da lua. O ar frio do deserto parecia trazer consigo o resíduo de uma tempestade de areia, uma névoa desidratada que ressecava a garganta. Ao alcançar a encruzilhada, o historiador parou a montaria. A estrada continuava na direção sul até Hissar. Para oeste, uma trilha de comerciantes levava ao interior. Nessa trilha havia um exército acampado a 400 metros.

Não estavam organizados. Milhares de tendas foram montadas de forma aleatória ao redor de um imenso curral central, envolto por nuvens de poeira

iluminadas pelo fogo. Cantos tribais flutuavam através das areias. Na trilha, a não mais de cinquenta passos do ponto em que Duiker se encontrava, um deplorável pelotão de soldados malazanos se contorcia no que eram localmente chamadas de “camas deslizantes”: quatro lanças altas postas na vertical, com a vítima presa sobre as pontas dentadas, nos ombros e nas coxas. Dependendo do peso e da força de vontade para ficar imóvel, o processo de trespassar e deslizar devagar na direção do chão poderia levar horas. Com a bênção do Encapuzado, o sol do dia seguinte aceleraria a morte agonizante. O historiador sentiu seu coração congelar de fúria.

Sabia que não podia ajudá-los. Já era desafio suficiente permanecer vivo em uma zona rural incendiada com tamanha volúpia assassina. Mas haveria tempo para vingança. *Se os deuses quiserem.*

Grandes incêndios, provocados por magos, floresciam sobre Hissar, silenciosos àquela distância. Coltaine ainda estava vivo? Bult? O Sétimo? Sormo tinha adivinhado a tempo o que estava por vir?

Duiker bateu os calcanhares nos flancos do cavalo e continuou seu caminho pela estrada costeira. O surgimento do exército renegado tinha sido um choque. Emergira como se de lugar nenhum e, apesar de todo o caos do acampamento, havia comandantes ali, com sede de sangue e capazes de conseguir o que planejavam. Aquilo não era uma revolta casual. *Kulp falou de um Alto Mago. Quem mais está lá? Sha'ik teve anos para construir seu exército do Apocalipse, enviar seus agentes, planejar esta noite... e tudo o que virá depois dela. Sabíamos o que estava acontecendo. Laseen deveria ter enfiado a cabeça de Pormqual em uma estaca anos atrás. Um Alto Punho capaz teria esmagado esta revolta.*

– Dosii kim'aral!

Três formas de capa apareceram na trilha lateral da estrada, que dava para o interior.

– Uma noite de glória! – respondeu Duiker, sem diminuir o ritmo ao passar a cavalo pelas figuras.

– Espere, dosino! O Apocalipse espera para abraçá-lo! – Uma das figuras

gesticulou na direção do acampamento.

– Tenho parentes no porto hissari – retrucou o historiador. – Tenho de compartilhar as riquezas da libertação! – Duiker parou bruscamente e virou o cavalo. – A menos que o Sétimo tenha dominado a cidade... São essas as notícias que você tem para mim?

O porta-voz riu.

– Eles foram esmagados. Destruídos em suas camas, dosino! Hissar foi salva da maldição mezla!

– Então, vou cavalgar! – Duiker incitou o cavalo com os calcanhares, colocando-o em movimento mais uma vez.

Prendeu a respiração enquanto continuava, mas os homens da tribo não o chamaram. *O Sétimo se foi? Coltaine está em uma cama deslizante agora?* Era difícil acreditar, mas poderia muito bem ser verdade. O ataque tinha sido repentino, apoiado por alta feitiçaria. *E eu tirei Kulp daqui, nesta noite dentre todas as noites. Que o Encapuzado amaldiçoe meus ossos.* Apesar de todas as vidas dentro dele, Sormo E'nath ainda era um menino, com a carne ainda sem força suficiente para tal desafio. Poderia muito bem ter deixado alguns narizes sangrando em meio aos magos inimigos. Esperar ou torcer por mais do que isso seria injusto. Cada um deles provavelmente lutou muito. Não foi baixo o preço pago por Hissar.

Ainda assim, Duiker tinha de ver por si mesmo. Um historiador imperial não poderia fazer menos que isso. Ademais, cavalgaria ao lado dos inimigos, e isso era uma oportunidade extraordinária. *Não importam os riscos.* Reuniria toda a informação que pudesse, contando com o retorno ao posto de alguma força malazana, onde seu conhecimento seria usado de maneira letal. *Em outras palavras, um espião. Isso é que é objetividade, Duiker.* A imagem de soldados malazanos nas margens da trilha de comerciantes, morrendo devagar em suas camas deslizantes, era o bastante para colocar fogo em seu distanciamento.

Quinhentos metros atrás de Duiker, magia flamejava no vilarejo de pescadores. Ele hesitou, mas continuou em frente. Kulp era um sobrevivente

e, a julgar pela aparência daquela guarda costeira, o mago contava com veteranos a seu lado. Kulp já tinha enfrentado feitiçaria poderosa antes e sabia escapar daquilo que não era capaz de derrotar. Os dias de soldado de Duiker haviam passado fazia muito tempo e sua presença era mais um impedimento que uma vantagem. Estavam melhor sem ele.

Mas o que Kulp faria agora? Se houvesse alguns sobreviventes em meio ao Sétimo, o lugar do mago de regimento era entre eles. E quanto ao destino de Heboric? *Bem, fiz o que podia por aquele velho bastardo maneta. Que Fener o guarde, velhote.*

Não havia refugiados na estrada. Parecia que a convocação fora completa: todos haviam se proclamado soldados de Dryjhna. Velhas, esposas de pescadores, crianças e avós devotas. Apesar disso, Duiker esperara encontrar malazanos, ou pelo menos sinais de sua passagem, cenários em que suas tentativas de fuga tivessem levado a um final macabro. Em vez disso, a estrada militar elevada se estendia completamente nua, fantasmagórica sob a luz prateada da lua.

Cruzando o caminho do historiador de um lado para outro, mariposado-lixo do deserto tão grandes quanto uma mão espalmada voavam contra o brilho distante de Hissar, girando e borboleteando como flocos de cinza. Eram comedoras de carniça e seguiam a mesma direção de Duiker em números cada vez maiores.

Em questão de minutos, a noite estava viva, com os insetos silenciosos e espectrais passando pelo historiador por todos os lados. Duiker lutou contra o medo gelado que o tomava. *“Os mensageiros mundanos da morte são muitos e variados”*. Franziu a testa, tentando se lembrar de onde tinha ouvido aquelas palavras. *Provavelmente de uma das incontáveis elegias ao Encapuzado, cantadas pelos sacerdotes durante a Estação da Putrefação, em Unta.*

A primeira das favelas da cidade apareceu na escuridão cada vez menor à frente. Era um amontoado estreito de barracos e casebres, todos agarrados ao platô acima da praia. A fumaça cavalgava o ar, cheirando a tinta de

madeira queimada e tecido chamuscado: o cheiro de uma cidade destruída, o fedor de raiva e de ódio cego. Era algo familiar demais a Duiker e aquilo o fez se sentir velho.

Duas crianças passaram correndo pela estrada, sumindo entre barracos. Uma delas soltou uma risada que ressoou como loucura, consciente demais para vir de alguém tão jovem. A pele do historiador formigava quando ele passou por aquele trecho. Ficou surpreso por sentir esse medo dentro dele. *Medo de crianças? Velho, você não pertence a este lugar.*

Sobre o estreito à esquerda, o céu clareava. As mariposas-do-lixo mergulhavam na cidade à frente, sumindo dentro das nuvens turvas de fumaça. Duiker fez a montaria parar. A estrada costeira se dividia ali: a trilha principal levava direto ao que se tornaria, mais adiante, a mais importante via pública da cidade. Uma segunda estrada, à direita, contornava a cidade e levava ao complexo das casernas malazanas. O historiador observou aquela estrada com os olhos semicerrados. Colunas negras até 600 metros acima das casernas, curvando-se lá no alto, onde o vento do deserto as agarrava e as empurrava para o mar.

Assassinados em suas camas? A possibilidade de repente pareceu real demais. Cavalgou na direção das casernas. À direita, enquanto sombras começavam a surgir com o nascer do sol, a cidade de Hissar queimava. Vigas de apoio cediam, muros de tijolos de barro tombavam, pedra talhada se despedaçava de maneira explosiva, devido ao calor intenso. A fumaça cobria tudo com seu xale mortal e amargo. Vez ou outra soava um grito distante, vindo do coração da cidade. A destruição feroz daquele motim tinha claramente se voltado contra si mesma. A liberdade vencera, à custa de tudo.

Duiker chegou à terra pisoteada onde antes havia o acampamento de comerciantes, em que ele e o bruxo Sormo haviam testemunhado a previsão. O acampamento tinha sido abandonado às pressas, possivelmente apenas algumas horas antes. Um bando de cachorros da cidade revirava o lixo deixado para trás.

Na frente do terreno, do outro lado da estrada faladhana, ficava o muro

fortificado do complexo malazano. Duiker reduziu a velocidade da montaria ao ritmo de uma caminhada, depois a fez parar. Faixas de preto manchavam algumas seções da rocha esbranquiçada, que continuava de pé. A feitiçaria tinha destruído o muro em quatro pontos, pelo que ele podia ver, criando brechas na pedra largas o bastante para passar uma falange inteira. Corpos se amontoavam nessas brechas, estirados em meio aos blocos caídos. Quase ninguém vestia armadura, e as armas que Duiker viu espalhadas por ali iam de lanças a cutelos de açougueiro.

O Sétimo tinha lutado muito, indo de encontro a seus atacantes em cada uma das aberturas do muro; mesmo diante de feitiçaria tão selvagem, haviam ceifado diversos de seus agressores. Nenhum tinha sido encontrado dormindo na cama. O historiador sentiu uma gota de esperança pingar em seus pensamentos.

Olhou a estrada, onde as noqueiras ladeavam a rua de paralelepípedos. Algum tipo de investida de cavalaria havia acontecido ali, próxima ao portão interior que dava do complexo para a cidade. Dois cavalos jaziam entre os corpos de dúzias de hissarianos, mas Duiker não viu nenhum lanceiro. Ou por sorte não tinham perdido nenhum no ataque, ou haviam tido tempo de resgatar seus companheiros mortos e feridos. Havia uma mão de organização ali, afinal, e forte. *Coltaine? Bult?*

O historiador não viu ninguém vivo em toda a extensão da rua. Se a batalha continuava, tinha ido para longe dali. Duiker desmontou e se aproximou de uma das brechas no muro do complexo. Passou pelos destroços, evitando as pedras escorregadias com sangue. Viu que a maioria dos atacantes tinha sido atingida por setas. Muitos corpos eram praticamente almofadas de alfinetes, repletos de flechas grossas. A área de alcance tinha sido devastadoramente curta; o efeito disso, letal. Uma investida frenética e desorganizada, feita por uma turba de hissarianos mal equipados, não tinha a menor chance contra tamanho poder de fogo concentrado. Duiker não viu corpos além da aresta de rocha caída.

O campo de treinamento do complexo estava vazio. Muros haviam sido

erguidos aqui e ali para estabelecer disparos cruzados mortíferos, para o caso de a defesa das brechas falhar. No entanto, não havia sinal de que isso tivesse acontecido.

Ele saiu da pilha de pedra destruída. O quartel-general malazano e as casernas haviam sido incendiados. Duiker agora se perguntava se aquilo não seria obra do próprio Sétimo. *A fim de anunciar a todos que Coltaine não tinha a menor intenção de se esconder atrás de muros, o Sétimo e os wickanos marcharam para fora, em formação. Como se saíram?*

Retornou para seu cavalo. De volta à sela, conseguiu ver ainda mais fumaça, ondulando pesadamente sobre o distrito das propriedades malazanas. Com a aurora se produzira uma estranha calma no ar. A cidade parecia irreal, tão vazia de vida como estava, como se os corpos estirados nas ruas fossem apenas espantalhos deixados depois de algum festival de colheita. Entretanto, as mariposas-do-lixo os haviam encontrado e agora cobriam os cadáveres completamente, com suas asas grandes abanando devagar enquanto se alimentavam.

Cavalgando na direção das propriedades malazanas, Duiker ouvia alguns gritos e berros vagos e esporádicos ao longe, além de cachorros latindo e do zurro de mulas. O rugido de incêndios subia e descia, como ondas se agarrando à face de um penhasco, carregando rajadas de calor para as ruas laterais, sibilando e zunindo em meio aos destroços.

A cinquenta passos das propriedades, Duiker encontrou a primeira cena de verdadeira matança. Os revoltosos hissarianos haviam atingido o bairro malazano de repente, com fúria, provavelmente ao mesmo tempo que a outra força tinha cercado o Sétimo no complexo. As casas de nobres e de mercadores lançaram os próprios guardas particulares em uma tentativa frenética de defesa, mas eram muito poucos e, por falta de coesão, haviam sido mortos de forma rápida e selvagem. A turba tinha tomado o distrito, destruindo as poternas das propriedades e arrastando as famílias malazanas para a rua larga.

Foi então que Duiker viu, enquanto sua montaria escolhia um caminho

cuidadoso por entre os corpos, que a loucura realmente tinha chegado à batalha. Homens foram completamente estripados e suas entranhas arrancadas tinham sido usadas nas mulheres – esposas, mães, tias e irmãs –, estupradas antes de serem estranguladas com as cordas intestinais. O historiador viu crianças com os crânios esmagados, bebês empalados em espetos tapu. No entanto, muitas jovens filhas haviam sido levadas pelos atacantes, ao seguirem adiante, para dentro do distrito. Acima de tudo, seus destinos foram provavelmente ainda mais horríveis que os dados a seus parentes.

Vendo tudo aquilo, Duiker sentiu um entorpecimento crescente. A agonia terrível solta ali parecia continuar enroscada no ar, suspensa, pronta para arrebatá-lo a sanidade do historiador. Como forma de autopreservação, sua alma recuou para mais fundo, sempre mais fundo. Todavia, o talento de observação permanecia, completamente desapegado dos sentimentos. O desabafo viria depois, como o historiador bem sabia: os membros trêmulos, os pesadelos, a escarificação vagarosa de sua fé.

Esperando ver apenas mais do mesmo, Duiker cavalgou na direção da primeira praça do distrito. O que viu, em vez disso, foi capaz de abalá-lo ainda mais. Os revoltosos hissarianos haviam sido pegos numa emboscada e assassinados às dezenas. Flechas haviam sido usadas e depois recuperadas, mas algumas hastes quebradas permaneciam nos corpos. O historiador desmontou para pegar um deles. *Wickano*. Agora achava possível montar o quebra-cabeça do que tinha realmente acontecido.

O complexo das casernas tinha sido cercado. Quem quer que comandasse os hissarianos desejava evitar que Coltaine e suas forças entrassem na cidade. Levando em conta o nível de feitiçaria, a ideia era aniquilar inteiramente o exército malazano. Nisso, esse comandante claramente tinha falhado. Os wickanos haviam revidado, quebrado o cerco e cavalgado direto para as propriedades, onde sabiam muito bem que a matança já teria começado. Quando viram que era tarde demais para evitar o primeiro ataque aos portões do distrito, tinham mudado a rota,

contornando a turba, e armado uma emboscada na praça. Os hissarianos, em sua sede por mais sangue, tinham mergulhado mais fundo, atravessando a área de uma vez, sem a precaução de antes enviar batedores.

Os wickanos tinham matado todos eles. Não houvera sequer o risco de retaliação, já que nada os impediu de recuperarem as hastes de suas flechas mais tarde. A matança fora praticamente absoluta, com cada fuga sendo barrada, seguida pelo assassinato preciso e calculado de todo e qualquer hissariano que estivesse na praça.

Duiker se virou ao ouvir o som de passos se aproximando. Era um bando de revoltosos, vindo dos portões atrás dele. Estavam bem armados, com lanças na mão e cimitarras no quadril. Coletes de cota de malha brilhavam por baixo das telabas vermelhas que vestiam. Em suas cabeças estavam os elmos pontudos de bronze da guarda da cidade.

– Que carnificina terrível! – lamentou Duiker, forçando um sotaque dosino. – Merece vingança!

O sargento que guiava o pelotão encarou o historiador, exausto.

– Você tem a poeira do deserto sobre si.

– É, vim das forças do Alto Mago no norte. Tenho um sobrinho que mora no distrito do porto. Eu gostaria de me juntar a ele...

– Se ele ainda estiver vivo, velho, estará marchando com Reloe.

– Tiramos os mezlas da cidade – disse outro soldado. – Excedidos em número, já intensamente feridos e sobrecarregados por dez mil refugiados...

– Silêncio, Geburah! – vociferou o sargento. Ele estreitou os olhos sobre Duiker. – Vamos até Reloe agora. Venha conosco. Todos os hissarianos serão abençoados na matança final de mezlas.

Recrutamento. Não é surpresa que não haja ninguém por aí. Estão todos no exército sagrado, queiram ou não. O historiador concordou.

– Eu irei. Jurei proteger a vida do meu sobrinho, sabe...

– O voto de limpar as Sete Cidades dos mezlas é mais importante – grunhiu o sargento. – Dryjhna exige sua alma, dosino. O Apocalipse chegou. Os exércitos se unem em toda a terra e todos devem escutar o chamado.

– Na noite passada, eu me juntei ao derramamento de sangue de gente da guarda costeira mezla. Minha alma já foi entregue aos cuidados de Dryjhna, hissariano. – O tom de Duiker trazia um alerta para o jovem sargento. *Respeite seus anciãos, criança.*

O homem respondeu ao historiador assentindo em reconhecimento.

Guiando o cavalo pelas rédeas, Duiker acompanhou o pelotão enquanto abriam caminho até as propriedades. O exército de Kamist Reloe, como o sargento explicou, marchava na planície rumo ao sudoeste da cidade. Três tribos do Odhan mantinham contato com os odiados mezlas, acoossando o comboio de refugiados e os poucos soldados que tentavam protegê-los. Os mezlas procuravam alcançar Sialk, outra cidade costeira, 100 quilômetros ao sul de Hissar. O que os tolos não sabiam, como acrescentaram os homens, com um sorriso sombrio, era que Sialk também tinha caído. Naquele mesmo instante, milhares de nobres mezlas e suas famílias estavam sendo dirigidos pela estrada norte. O comandante mezla estava prestes a ver dobrar o número de cidadãos que tinha jurado proteger.

Kamist Reloe então cercaria os inimigos, e suas forças os ultrapassariam em número, na proporção de sete contra um, e então a carnificina estaria completa. Esperava-se que a batalha acontecesse em três dias.

Em meio a tudo aquilo, Duiker apenas emitia sons de concordância. Contudo, sua mente corria. Kamist Reloe era um Alto Mago, alguém que se acreditava ter sido morto no Raraku mais de dez anos antes, em uma batalha com Sha'ik para ver quem estava destinado a guiar o Apocalipse. Em vez de matar o rival, parecia que Sha'ik tinha ganhado sua lealdade. As insinuações de rivalidade assassina, de disputas e de choques entre as duas personalidades tinham servido bem a Sha'ik, dando aos malazanos a impressão de que fraquezas internas afligiam sua causa. *Tudo mentira. Fomos todos enganados e agora sofremos com isso.*

– O exército malazano é uma fera grandiosa – disse o sargento quando se aproximaram dos limites da cidade. – Uma fera ferida por incontáveis ataques, agora com os flancos banhados de sangue. Ela cambaleia para a

frente, cega de dor. Em três dias, dosino, essa fera vai cair.

O historiador assentiu, pensativo, lembrando-se das estações de caça aos javalis das florestas ao norte de Quon Tali. Um rastreador tinha contado a ele que, entre os caçadores que acabavam mortos em tais caçadas, a maioria encontrava seu destino *depois* que o javali já tinha sofrido seu ferimento fatal. Um ataque final e inesperado, uma investida assassina que parecia desafiar a garra do Encapuzado sobre a fera. Ver a vitória a apenas alguns momentos de distância dissipava a precaução dos caçadores. Duiker tinha notado algo desse excesso de confiança nas palavras do rebelde. A fera podia estar banhada em sangue, mas ainda não tinha morrido.

O sol escalava o céu enquanto viajavam para o sul.

O chão da câmara afundava como uma tigela, coberto por espessos montes de poeira com textura de feltro, como tapetes. Quase 2 quilômetros para dentro do coração da colina de pedra, os muros mal recortados haviam rachado como vidro e as fissuras desciam desde o teto abobadado. No meio da sala, jazia um barco de pesca apoiado na lateral, com a vela não recolhida do único mastro pendendo como teia apodrecida. O ar seco e quente tinha arrancado as cavilhas das articulações do barco e as tábuas haviam se contraído, deslocando-se sob o próprio peso da embarcação.

– Não é uma surpresa – disse Mappo, da abertura da passagem.

Os lábios de Icarium se curvaram. Depois ele passou pelo trell e se aproximou da embarcação.

– Cinco anos, talvez? Não mais. Ainda consigo sentir o cheiro de maresia. Você reconhece o desenho?

– Eu me amaldiçoo por não ter me interessado antes por coisas como essa. – Mappo suspirou. – Eu deveria ter previsto momentos assim. Em que eu estava pensando?

– Acredito que Iskaral Pust queria que encontrássemos exatamente isto – disse Icarium devagar, colocando a mão na proa do barco.

- Achei que estávamos procurando uma vassoura – resmungou o trell.
- A vassoura dele vai aparecer quando ela tiver vontade, pode ter certeza.

O mais importante não era o objeto a ser buscado, mas a jornada.

Os olhos de Mappo se estreitaram, desconfiados, ao encarar o amigo. Depois seus caninos apareceram, num sorriso de apreciação.

– É sempre assim, não é? – Ele seguiu o jhag para dentro da câmara. Suas narinas se alargaram. – Não sinto cheiro de maresia.

– Talvez eu tenha exagerado.

– O que eu posso garantir é que isto não está aqui há séculos. O que podemos concluir disso, Icarium? Um barco de pesca, encontrado em uma sala dentro de um penhasco, em um deserto a mais de 150 quilômetros de qualquer coisa maior que um riacho. O sumo sacerdote nos coloca diante de um mistério.

– De fato.

– Mas e você? Reconhece o estilo?

– Infelizmente, sou tão ignorante a respeito de embarcações e outras coisas marinhas quanto você, Mappo. Temo que já não vamos cumprir as expectativas de Iskaral Pust.

O trell grunhiu, enquanto Icarium começava a examinar o barco.

– Há redes aqui, habilmente feitas. Algumas coisas podres, que podem ter sido peixes um dia... Ah!

O jhag estendeu a mão para baixo. Madeira se moveu. Ele se endireitou, encarando Mappo, e em suas mãos estava a vassoura do sumo sacerdote.

– Agora varremos a câmara?

– Acho que nossa tarefa é devolver isto ao seu dono de direito.

– O barco ou a vassoura?

As sobrancelhas de Icarium se arquearam.

– Agora, essa é uma pergunta interessante, amigo.

Mappo franziu a testa, depois deu de ombros. Se havia algo inteligente em sua pergunta, isso se devia puramente ao acaso. Estava frustrado. Tempo demais no subterrâneo, tempo demais inativo, diante da extravagância dos

planos de um louco. Sua mente se esforçava para compreender aquele mistério e se ressentia ao questionar se realmente valeria a pena fazer isso. Depois de um bom tempo, suspirou.

– A Sombra se abateu sobre esta embarcação e seu ocupante, colheu os dois e os trouxe aqui. Será que era este o barco de Pust? Ele não parece parte da linhagem de pescadores. Não ouvi um só palavrão típico das docas escapar de seus lábios, nenhuma metáfora relacionada ao mar, nem aquela sequência de perguntas cortantes tão comum aos marinheiros.

– Então não é o barco de Iskaral Pust.

– Não. Isso deixa...

– Bem, ou a mula, ou Servo.

Mappo assentiu. Ele esfregou o queixo peludo.

– Admito que uma mula num barco, arrastando redes em meio aos cardumes, seria algo interessante o suficiente para atrair a curiosidade de um deus, pelo menos o bastante para que esse deus resolvesse guardar tanto a mula quanto o barco para a posteridade.

– Ah, mas qual seria o valor dessas duas coisas sem um lago ou uma lagoa para completar o cenário? Não, acho que devemos eliminar a mula. Esta embarcação é de Servo. Você se lembra de suas experientes habilidades de escalar...

– E você, daquela sopa horrenda?

– Aquilo era roupa suja, Mappo.

– Precisamente meu argumento, Icarium. Você está certo. Servo já lidou com águas nesta embarcação aqui.

– Então concordamos.

– É. Não foi uma grande ascensão social para o pobre homem.

Icarium estremeceu de repente. Ergueu a vassoura como um estandarte.

– Mais perguntas para Iskaral Pust. Vamos começar nossa jornada de volta, Mappo?

Três horas depois, os dois homens exaustos encontraram o sumo sacerdote da Sombra na biblioteca, sentado à mesa. Iskaral Pust estava curvado sobre um Baralho de Dragões.

– Vocês estão atrasados! – vociferou, sem olhar para os dois. – O Baralho lamenta com energia feroz. O mundo lá fora está em mudança. O amor de vocês pela ignorância não é digno destes tempos abruptos. Compareçam a esta mesa, viajantes, ou continuem perdidos por sua conta e risco.

Rosnando de desgosto, Mappo caminhou para uma prateleira onde ficavam os jarros de vinho. Parecia que Icarium tinha ficado paralisado de repente pelas palavras do sumo sacerdote, deixando a vassoura cair com estardalhaço no chão. Ele puxou uma cadeira para a frente de Iskaral Pust. O ar frustrado do jhag não tornava provável que aquela fosse uma tarde tranquila, com uma simples conversa. Mappo serviu dois copos de vinho, depois foi à mesa.

O sumo sacerdote ergueu o Baralho nas mãos, fechou os olhos e sussurrou uma oração silenciosa a Trono Sombrio. Começou a distribuir as cartas em espiral, colocando a do meio primeiro.

– Obelisk! – guinchou Iskaral, se remexendo nervosamente em sua cadeira. – Eu sabia! Passado, presente e futuro, o aqui, o agora, o então, o quando...

– Pelo sopro do Encapuzado! – exclamou Mappo.

A segunda carta foi tirada, com a ponta esquerda superior sobreposta ao canto direito inferior da carta de Obelisk.

– A Corda, o Patrono dos Assassinos da Sombra, rá! – Cartas se seguiram em rápida sucessão e Iskaral Pust anunciava suas identidades como se a audiência ali fosse ignorante ou cega: – Oponn, com o Gêmeo para cima, a sorte que empurra, má sorte, terrível infortúnio, erro de cálculo, má circunstância... Cetro... Trono... Rainha da Alta Casa da Vida... Fiandeiro da Alta Casa da Morte... Soldado da Alta Casa da Luz... Cavaleiro da Vida, Construtor da Escuridão... – Veio mais uma dúzia de cartas. Então o sumo sacerdote se recostou na cadeira, os olhos estreitados até parecerem fendas,

mantendo a boca aberta. – Renovação, uma ressurreição sem a passagem pelos Portões do Encapuzado. Renovação... – Olhou para cima, encontrando o olhar de Icarium. – Você deve começar uma jornada. Logo.

– Outra busca? – perguntou o jhag, tão baixo que os pelos de Mappo se eriçaram, em alarme.

– É. Você não enxerga, seu tolo?

– Enxergo o quê? – perguntou Icarium suspirando.

Claramente ignorando o fato de que sua vida estava por um fio, Iskaral Pust se levantou, gesticulando impulsivamente para o jogo de cartas.

– Está bem aqui no seu nariz, idiota! Tão claro quanto meu Senhor da Sombra pôde deixar! Como você sobreviveu tanto tempo? – Em seu frenesi, o sumo sacerdote agarrou os finos fios de cabelo que continuavam em sua cabeça, puxando os tufo para um lado e para outro. Estava quase pulando no lugar. – Obelisk! Você não consegue enxergar? Construtor, Fiandeiro, Cetro, Rainhas e Cavaleiros, Reis e tolos!

Icarium se moveu à velocidade de um relâmpago, fechando as mãos ao redor do pescoço do sumo sacerdote, erguendo-o no ar e atirando-o sobre o tampo da mesa. Iskaral Pust gorgolejou; seus olhos incharam enquanto ele chutava debilmente.

– Amigo – advertiu Mappo, temendo ter de interferir e tirar à força as mãos de Icarium do pescoço de sua vítima antes que algum dano permanente fosse causado.

O jhag jogou o homem de volta, abalado pelo próprio ataque de fúria. Inspirou fundo.

– Fale com clareza, sacerdote – disse então calmamente.

Iskaral Pust se contorceu por mais um momento sobre o tampo da mesa, espalhando as cartas de madeira até que caíram no chão. Em seguida, imóvel, fitou Icarium com os olhos arregalados e úmidos.

– Você precisa seguir em frente – disse, com a voz devastada. – Para o Deserto Sagrado.

– Por quê?

– Por quê? Por quê? Sha'ik está morta.

– Melhor assumir que essa característica de nunca responder diretamente faz parte do homem – disse Mappo devagar. – Tão natural quanto respirar.

Estavam sentados no vestíbulo dado como aposento ao trell. Iskaral Pust tinha desaparecido apenas alguns minutos depois de dar voz a seu pronunciamento e não viram qualquer sinal de Servo desde que retornaram da caverna onde estava o barco de pesca.

Icarium concordou.

– Ele falou de uma ressurreição. É algo que deve ser levado em consideração, pois essa suposta morte súbita de Sha'ik desafia todas as profecias. A menos que a “renovação” realmente indique um retorno dos Portões do Encapuzado.

– E Iskaral Pust espera que estejamos presentes nesse renascimento? Com que facilidade ele nos enredou nessa teia maluca... De minha parte, estou feliz que a bruxa esteja morta e espero que continue assim. Toda rebelião é sangrenta. Se a morte dela tirar esta terra da beira da revolta, interferir nesse processo nos colocará em grande perigo.

– Você teme a fúria dos deuses?

– Temo ser usado por eles, ou por seus servos, contra a minha vontade, Icarium. Sangue e caos são o vinho e a carne dos deuses. Da maioria deles, pelo menos. Especialmente daqueles mais ávidos por interferir nos assuntos mortais. Não farei nada para realizar os desejos de deuses assim.

– Nem eu, amigo – disse o jhag, levantando-se da cadeira com um suspiro. – Mesmo assim, gostaria de testemunhar tal ressurreição. Que artimanha há no poder de usurpar uma alma do domínio do Encapuzado? Todo ritual de ressurreição de que já ouvi falar acabou cobrando um preço além do imaginável. Enquanto renuncia a uma alma, o Encapuzado se assegurava de estar levando algo em troca.

Mappo fechou os olhos, massageando a testa larga e marcada. *Meu*

amigo, o que estamos fazendo aqui? Vejo seu desespero, procurando cada caminho, na esperança de uma revelação. Se eu pudesse falar abertamente, aconselharia que se afastasse da verdade.

– Esta é uma terra antiga – disse ele, baixo. – Não podemos adivinhar que poderes foram atribuídos à rocha, à areia e à terra, geração após geração. – Ergueu o olhar brevemente, exausto de repente. – Quando vagamos perto dos limites do Raraku, Icarium, sempre senti como se caminhasse sobre o fio mais fino, em uma teia que se estendia por todos os horizontes. O mundo antigo apenas dorme, e sinto que está se mexendo, inquieto, mais agora do que nunca antes.

Não acorde esse lugar, amigo, ou ele vai acordar você.

– Bem, vou me arriscar, em todo caso – disse Icarium depois de um longo momento de reflexão. – Você vai me acompanhar, trell Mappo?

Com o olhar nas rochas remexidas do chão, Mappo assentiu devagar.

O muro de areia se erguia ininterruptamente na direção do domo ocre do céu. Em algum lugar em meio àquele frenesi feroz e rodopiante ficava o Deserto Sagrado Raraku. Violinista, Crokus e Apsalar estavam sentados em suas montarias agora sem fôlego, no topo de uma trilha que descia pela encosta das montanhas até o descampado do deserto. Mil passos para dentro do Raraku e o mundo simplesmente desaparecia.

Um rugido fraco e sibilante os alcançou.

– Não é a sua tempestade de sempre, presumo – disse Crokus em voz baixa.

Ele estava de mau humor desde o despertar daquela manhã, quando descobrira que Moby tinha desaparecido mais uma vez. A criatura parecia estar descobrindo seus instintos selvagens e Violinista suspeitava que não a veriam de novo.

– Quando ouvi menções ao Furacão, presumi que falassem... hum... no sentido figurado – disse o ladrão daru. – Um estado de espírito, acho. Então

me diga: estamos olhando agora para o *verdadeiro* Furacão? Para a fúria de uma deusa?

– Como uma rebelião pode nascer no coração daquilo? – Apsalar parecia admirada. – Já seria difícil até mesmo ficar de olhos abertos naquela tempestade, imagine organizar uma rebelião em escala continental. A menos, é claro, que seja uma barreira e, do outro lado, esteja tudo mais calmo.

– Parece provável – concordou Crokus.

Violinista grunhiu.

– Então não temos escolha. Vamos atravessar.

Os caçadores grais estavam menos de dez minutos atrás deles, cavalgando animais igualmente cansados. Eram pelo menos vinte e, mesmo considerando as habilidades divinas de Apsalar e a variedade de munições moranthianas na bolsa de Violinista, a opção de enfrentar os guerreiros não era uma perspectiva muito promissora.

O sapador olhou para os companheiros. O rosto deles estava queimado pelo sol e castigado pelo vento, com vincos brancos nos cantos dos olhos. Os lábios, rachados, descascando e com fissuras, eram como linhas retas, emoldurados por linhas ainda mais profundas. Estavam todos famintos, sedentos e exaustos, balançando nas selas, e Violinista sabia que ele próprio estava em tão má forma quanto eles. Pior, dado que não tinha as reservas da juventude para ajudá-lo. *Vejam bem, o Raraku já me marcou antes. Muito tempo atrás. Sei o que há por lá.*

Os outros dois pareciam instintivamente entender a hesitação de Violinista, esperando com algo semelhante a respeito, apesar do som de cascos de cavalo que ressoava na trilha às suas costas.

Finalmente, Apsalar falou:

– Gostaria de saber mais... sobre esse deserto. Seu poder...

– Você saberá – grunhiu Violinista. – Escondam o rosto. Vamos saudar o Furacão.

Como uma asa que os puxava para seu abraço, a tempestade se fechou ao redor deles. A areia rodopiava, como se estivesse sendo cavalgada por uma consciência selvagem. Ela alcançava, implacavelmente, as dobras das telabas do grupo, arranhando caminhos em suas peles como mil dedos feitos de lixa. Tecido solto e extremidades de cordas espetavam de baixo para cima, chicoteando em ritmo urgente. O rugido da tempestade enchia o ar e seus crânios.

O Raraku tinha acordado. Tudo que Violinista sentiu da última vez que tinha cavalgado naquele descampado – uma inquietação implacável, a promessa espectral de pesadelos sob a superfície – estava agora livre, exultante com a liberdade.

Com a cabeça abaixada, os cavalos se arrastavam para a frente, contra os golpes das rajadas hostis de ar e areia. O solo abaixo deles, compacto, era feito de argila e pedra. A areia branca e fina, que antes formava uma capa sobre ele, tinha sido erguida da superfície e agora cantava no ar. Com ela, foram arrancados também os séculos que, pacientes, tudo cobriam.

O grupo desmontou, protegeu a cabeça dos cavalos e decidiu guiar os animais adiante.

Ossos apareceram sob seus pés. Pedços de armadura enferrujados, rodas de carroças, restos de acessórios usados em cavalos e camelos, pedços de couro, as pedras corcundas da fundação de um muro: o que antes tinha sido um deserto sem cor agora mostrava os próprios ossos, e eles abarrotavam o chão em tamanha profusão que deixaram Violinista espantado. Não conseguia dar um passo sem que algo fosse esmagado sob seus pés.

Um barranco alto de pedra bloqueou o caminho. Era encurvado, subindo para muito acima da cabeça deles. Violinista parou por um longo momento, depois pegou as rédeas de sua montaria e a guiou rumo à subida. Escalando o barranco íngreme aos tropeços, finalmente alcançaram o topo, onde havia uma estrada.

As pedras do pavimento haviam sido cortadas de modo primoroso,

colocadas de maneira uniforme, com a mais fina das fendas visível entre elas. Estupefato, Violinista se agachou, tentando manter o foco enquanto analisava a superfície da estrada. A tarefa se mostrava difícil, com as correntes de areia fluindo sobre as pedras. Não havia como saber ao certo a idade da estrada. Era de imaginar que, mesmo estando a via enterrada na areia, haveria sinais de desgaste. No entanto, Violinista não conseguiu detectar nenhum. Além do mais, aquele tipo de engenharia exigiria uma habilidade superior à de qualquer alvenaria que ele já tinha visto nas Sete Cidades.

Tanto à direita quanto à esquerda, a estrada seguia reta até onde os olhos podiam enxergar. Era como um vasto quebra-mar, que nem mesmo aquela tempestade de feitiçaria era capaz de partir. Crokus se inclinou para perto.

– Pensei que não houvesse estradas no Raraku! – gritou, mais alto que a lamúria cortante da tempestade.

O sapador balançou a cabeça, sem saber como explicar.

– Vamos segui-la? – perguntou Crokus. – O vento não está tão ruim aqui em cima...

Pelo que Violinista podia julgar, a estrada ia na direção sudoeste, rumo ao coração do Raraku. Para o outro lado, no sentido nordeste, a estrada levaria à cordilheira de Pan'potsun, a 50 quilômetros de distância. Seguindo nessa direção, alcançariam a cordilheira talvez uns 30 quilômetros ao sul de onde tinham partido. Parecia haver pouca vantagem nisso. Violinista observou de novo o trecho direito da estrada. *O coração do Raraku. Dizem que há um oásis lá, onde Sha'ik e seus renegados estão acampados. A que distância estamos desse oásis? Encontraremos água em algum lugar daqui até lá?* Com certeza uma estrada cruzando um deserto seria construída de modo a passar por fontes de água. Seria loucura pensar de outro modo e claramente os construtores daquela via eram habilidosos demais para serem tolos. *Tremorlor... Se os deuses quiserem, esta trilha nos levará ao lendário portal. Ben Ligeiro disse que o Raraku tem um coração: Tremorlor, uma Casa da Azath.*

Violinista montou o gral castrado.

– Vamos seguir a estrada! – gritou aos companheiros, gesticulando na direção sudoeste.

Eles não reclamaram, virando suas montarias naquela direção. Violinista percebeu que os dois jovens tinham se curvado a seus comandos porque ambos estavam perdidos naquela terra. Dependiam completamente dele. *Pelo sopro do Encapuzado, eles acham que sei o que estou fazendo. Devo contar-lhes que o plano de encontrar Tremorlor repousa inteiramente sobre a fé de que esse lugar lendário realmente existe? E que as suposições de Ben Ligeiro são de fato precisas, apesar de ele se negar a explicar a fonte de sua certeza? Digo a eles que é mais provável morrermos aqui do que qualquer outra coisa? Se não pela sede extenuante, então pelas mãos dos seguidores fanáticos de Sha'ik?*

– Vi! – gritou Crokus, apontando a estrada.

O sapador deu a volta para ver um punhado de guerreiros grais subindo o barranco a menos de cinquenta passos de distância. Seus perseguidores haviam se dividido em grupos menores, tão desdenhosos da tempestade de feitiçaria quanto havia sido o grupo de Violinista. Um momento depois, já tinham visto sua presa e agora soltavam gritos de guerra, puxando seus cavalos para o topo plano.

– Vamos correr? – perguntou Apsalar.

Os grais haviam voltado a montar e agora pegavam suas lanças.

– Parece que não estão interessados em conversar – resmungou o sapador. Em voz mais alta, disse: – Deixe-os para mim! Vocês dois devem continuar!

– O quê? De novo? – Crokus desceu de seu cavalo. – Qual seria a utilidade disso?

Apsalar fez o mesmo. Ela se aproximou de Violinista e seus olhos encontraram os dele.

– Com você morto, quais são as nossas chances de sobreviver neste deserto?

Quase tão ruins quanto comigo guiando vocês. Violinista lutou contra a tentação de expressar aquele pensamento em voz alta, simplesmente dando de ombros em resposta enquanto armava sua besta.

– Tenho a intenção de fazer deste confronto algo bem rápido – disse, carregando uma seta-condenadora na arma.

Os grais haviam colocado os cavalos em formação na estrada. Com as lanças abaixadas, incitaram os animais para que fossem adiante.

Apesar de tudo, o coração de Violinista se partiu por aqueles cavalos grais, mesmo enquanto mirava e atirava. A seta atingiu a estrada três passos à frente dos homens da tribo, que vinham em disparada. A explosão foi ensurdecadora, uma gota de labaredas arroxeadas que repeliu a areia trazida pelo ar e o vento que a carregava, arremessando os atacantes e suas montarias como a mão de um deus, tanto para trás na estrada quanto para suas margens. Sangue jorrou para cima, puxando, então, areia para baixo, como granizo. Em um momento, o vento varreu as chamas e a fumaça para longe, sem deixar nada além de corpos se contorcendo.

Uma perseguição inútil, e agora mortes inúteis. Não sou gral. O crime de identidade falsa é suficiente para justificar uma caçada tão implacável? Gostaria de ter tido a chance de perguntar isso a vocês, guerreiros.

– Apesar de terem nos salvado duas vezes – disse Crokus –, essas munições moranthianas são horríveis, Violinista.

Em silêncio, o sapador carregou outra seta, puxou o cordão de couro por cima do gatilho de osso para prendê-lo e, depois, colocou a arma pesada sobre o ombro. Subindo de volta a sua sela, pegou as rédeas com uma das mãos e fitou seus companheiros.

– Fiquem atentos. Pode ser que venhamos a encontrar outro grupo, dessa vez sem aviso prévio. Se isso acontecer, tentem forçar a passagem por eles.

Violinista tocou de leve a montaria com os calcanhares para fazê-la andar.

O vento veio como uma risada aos seus ouvidos e o som pareceu manchado pelo prazer de testemunhar a violência que havia acabado de

acontecer. O vento estava ansioso por mais. *O Furacão acordou. Essa deusa é louca, completamente tomada pela insanidade... Quem será capaz de detê-la?* Os olhos estreitos de Violinista encararam a estrada; a fronteira incolor de pedras guiava, infinitamente, para dentro de uma goela ocre e rodopiante. Para dentro do nada.

Violinista grunhiu uma praga, afastando a sensação de inutilidade que arranhava seus pensamentos. Teriam de encontrar Tremorlor antes que o Furacão os engolissem inteiros.

A forma mais escura trinta passos à esquerda de Kalam era a aptória, andando com facilidade inflexível em meio ao vento carregado de areia. O assassino estava grato pela tempestade: cada vislumbre mais nítido que tinha de seu companheiro indesejado arranhava seus nervos até ficarem em carne viva. Já tinha encontrado demônios antes, em campos de batalha e ruas assoladas pela guerra. Com frequência, esses demônios tinham sido envolvidos na contenda por magos malazanos e, portanto, estavam do mesmo lado que ele, ainda que executassem com precisão a vontade de seus mestres sem aparentemente prestarem muita atenção a todo o resto. Em ocasiões felizmente mais raras, ele tinha ficado cara a cara com demônios conjurados por um inimigo. Nessas situações, a sobrevivência tinha sido sua única preocupação, e sobreviver significava fugir. Demônios eram de carne e osso, com certeza: ele já tinha até visto bastante do interior de um, certa vez, depois de a criatura ter sido explodida por uma das setas-condenadoras de Azarve, e conservaria a intimidade inoportuna daquela memória. No entanto, apenas tolos tentariam enfrentar a fúria fria e o propósito único de um demônio.

Só dois tipos de pessoa morrem em batalha, Violinista dissera uma vez. *Tolos e azarados.* Trocar golpes com um demônio era tanto um azar quanto uma tolice.

Apesar de tudo isso, a aptória chegava aos olhos de Kalam de modo

estranho, como uma lâmina de ferro tentando cortar granito. Até mesmo se concentrar muito tempo na fera era um convite a uma onda de náusea.

Não havia nada de bem-vindo no presente dado a ele por Sha'ik. *Um presente... ou um espião. Ela desencadeou o Furacão e agora a deusa anda dentro dela, tal qual uma possessão. É provável que isso corte o pavio da gratidão. Além disso, nem mesmo Dryjhna desperdiçaria um demônio aptório com tamanha prontidão em algo tão mundano quanto uma escolta. Então, amiga Apto, não posso confiar em você.*

Naqueles últimos dias tinha tentando se perder da fera, partindo do acampamento em silêncio uma hora antes da aurora, mergulhando nos redemoinhos mais densos. Tentar correr mais que a criatura era uma tarefa inútil, já que ela conseguia superar qualquer animal comum tanto em velocidade quanto em resistência. Apesar de todos os esforços, Apto se mantinha grudada a ele como um cão de raça, embora, compassivamente, a certa distância.

O vento lixava as colinas de crostas rochosas com uma fúria voraz, talhando rachaduras e fissuras como se ansiasse por libertar cada última partícula de areia. De cada lado do vale raso em que ele cavalgava, os domos suaves e corcovados de calcário esbranquiçado, delineando as cordilheiras, pareciam envelhecer diante de seus olhos, revelando incontáveis rugas e cicatrizes.

Tinha deixado a cordilheira de Pan'potsun seis dias antes, atravessando a borda contínua até outra serra, uma chamada Anibaj. Aquele território tão ao sul do Raraku era menos familiar a Kalam. Tinha chegado perto dali em uma ocasião, seguindo trilhas de comerciantes bastante utilizadas que contornavam os limites orientais da serra. A Anibaj não era lar de nenhuma tribo, embora rumores dissessem que havia mosteiros escondidos ali.

O Furacão alisara o Raraku na noite anterior, uma onda de feitiçaria em forma de maré capaz de ocultar as estrelas. Aquilo tinha deixado Kalam trêmulo, apesar de ele já ter previsto que a tempestade chegaria a qualquer momento. Dryjhna acordara com uma fome feroz o bastante para

amedrontar o assassino. Temia acabar se arrependendo de seu papel, e cada vislumbre de Apto só aumentava esse medo.

A serra Anibaj parecia morta aos olhos de Kalam. Não tinha visto qualquer sinal de habitações, escondidas ou não. Esporádicas ruínas de fortalezas sugeriam um passado mais agitado, mas só isso. Se monges e freiras ascéticos se escondiam naqueles locais tão desertos, a bênção de suas deidades os ocultava de olhos mortais.

Ainda assim, enquanto cavalgava encurvado sobre a sela, sentindo o vento esmurrar suas costas, Kalam não conseguia afastar a sensação de que algo o perseguia. A intuição tinha surgido dentro dele naquelas últimas seis horas. Havia uma presença por ali, fosse humana ou bestial, fora de seu campo de visão, seguindo-o, de algum modo agarrada aos seus rastros. Sabia que o cheiro dele e de seu cavalo apenas os precedia, carregado para o sul pelo vento, e sem dúvida se dissipava depressa antes que ele tivesse avançado dez passos. Nem os rastros deixados pelo cavalo duravam muito mais que alguns segundos. A menos que a visão do caçador fosse superior à do assassino, a ponto de conseguir ficar fora do alcance de Kalam, o que ele julgava improvável, a única explicação restante era... *feitiçaria do Encapuzado. A última coisa de que preciso.*

Olhou para a esquerda outra vez, discernindo a vasta forma de Apto, que caminhava com uma fluidez estranhamente mecânica ao acompanhar seu passo. O demônio não parecia alarmado – *Veja bem, quem poderia ter certeza?* –, mas, em vez de se sentir confortável, Kalam sentia uma inquietação crescente, uma suspeita de que o papel do demônio ali não incluía mais protegê-lo.

O vento amainou abruptamente, seu rugido mudando para um sibilar de areia se ajeitando no lugar. Grunhindo de surpresa, Kalam puxou as rédeas, a fim de parar, e olhou para trás. O fim da tempestade era um muro que se desfazia, estacionário, cinco passos atrás dele. A areia chovia dali, formando dunas recortadas ao longo de um limite suavemente curvado, correndo para o horizonte tanto a leste quanto a oeste. No alto, o céu se iluminara,

assumindo uma coloração cobre levemente queimada. O sol, pairando uma hora acima do horizonte ocidental, estava da cor de ouro batido.

O assassino guiou o cavalo por mais uma dúzia de passos até parar uma segunda vez. Apto não tinha saído da tempestade. Um calafrio de alerta se apoderou de Kalam, que pegou a besta, presa pela alça no chifre da sela.

Um solavanco de pânico súbito tomou seu cavalo, que se desviou para o lado, com a cabeça erguida e as orelhas abaixadas. Um cheiro forte e picante encheu o ar. Kalam rolou da sela no exato instante em que algo passou velozmente no ar acima dele. Soltando a besta ainda não carregada, o assassino desembainhou as duas facas longas enquanto seu ombro direito colidia com a areia suave, tomando, então, impulso para ficar de cócoras. O atacante, um lobo do deserto de massa desconcertante, tinha falhado em alcançar o cavalo, que se desviara para o lado, e agora lutava para atingir indiretamente a sela, com seus olhos ambarinos fixos em Kalam.

O assassino se atirou para a frente, investindo com a lâmina estreita da mão direita. Outro lobo o atingiu a partir da esquerda e seu peso arqueado de músculos grossos e as mandíbulas agressivas o derrubaram no chão. O braço esquerdo de Kalam ficou preso sob a fera. Caninos compridos se cravaram nos elos da cota de malha que cobriam seus ombros. Alguns dos elos estouraram e estalaram, permitindo que os dentes atravessassem e se fincassem com força em sua carne.

Kalam estendeu o braço e enfiou a ponta da faca longa direita no alto do flanco do animal; a lâmina deslizou por baixo da coluna do lobo, na parte da frente do quadril. As mandíbulas fortes soltaram o ombro do assassino e, com um solavanco para trás, a criatura corcoveou para se afastar dele. Enquanto Kalam lutava para libertar a lâmina, sentiu a ponta atingir o osso do animal. O aço de Aren se curvou para, então, arrebentar.

Uivando de dor, o lobo pulou para longe, com as costas encurvadas, girando como se perseguisse o rabo, na tentativa de fechar as mandíbulas sobre o fragmento da lâmina. Cuspindo areia, Kalam rolou para ficar em pé. O primeiro lobo tinha sido afastado de sua investida à sela pelos coices

frenéticos do cavalo. A criatura levava um coice sólido na lateral da cabeça. A fera estava agora a alguns passos de distância, atordoada, com sangue vertendo do nariz.

Havia outros, em algum lugar atrás do paredão da tempestade, e seus rosnados, latidos e uivos foram silenciados pelo vento. Era óbvio que lutavam contra alguma coisa. Kalam se lembrou da menção de Sha'ik a um d'ivers que tinha atacado a aptória – *de maneira inconclusiva* – algumas semanas antes. Parecia que o metamorfo estava tentando outra vez.

O assassino viu o cavalo disparar para longe pela trilha, na direção sul, dando pinotes enquanto o fazia. Girou de volta para os dois lobos, apenas para perceber que tinham sumido, deixando rastros gêmeos de sangue que seguiam de volta para a tempestade. De dentro do Furacão, todos os sons de batalha haviam cessado.

Um momento depois, Apto apareceu, se arrastando. Sangue escuro vertia de seus flancos e pingava de suas presas em forma de agulha, deixando o sorriso de suas mandíbulas ainda mais medonho. A criatura virou a cabeça e encarou Kalam com o olho escuro e esperto.

Kalam fez uma carranca.

– Já é bem arriscado mesmo sem essa sua maldita disputa, Apto.

O demônio bateu as mandíbulas e uma língua parecida com uma cobra saiu para lambar o sangue dos dentes. Kalam viu que ela tremia e algumas das perfurações no pescoço pareciam bem profundas.

Suspirando, o assassino disse:

– Vamos ter que achar meu cavalo antes de cuidar de você. – Estendeu a mão para o pequeno cantil no cinto. Adiantou-se. – Mas pelo menos posso limpar suas feridas.

Ele se aproximou; o demônio se encolheu, abaixando a cabeça de forma ameaçadora. Kalam parou.

– Talvez não, então.

O assassino franziu a testa. Havia algo esquisito naquele demônio, encurvado no leito rochoso e branco, a cabeça virada enquanto as narinas

em forma de fenda se alargavam para farejar o ar. A expressão do assassino se fechou ainda mais. *Alguma coisa...* Depois de um bom tempo, ele suspirou, olhando para o cabo da faca longa na mão direita. Ele tinha usado aquele par de armas pela maior parte de sua vida adulta e elas eram como um reflexo das duas lealdades gêmeas que guardava dentro de si. *Qual delas perdi agora?*

Sacudiu a poeira da telaba, pegou a besta, jogou-a por cima do ombro e começou a caminhar para o sul pela trilha que seguia rumo à depressão distante. A seu lado, e agora mais perto, Apto seguia, com a cabeça baixa, e seu único membro dianteiro chutava lufadas de poeira que adquiriam um brilho rosa à luz falha do sol.

CAPÍTULO 7

A morte há de ser minha ponte.

Provérbio toblakai

Carroças em chamas, corpos de cavalos, bois, mulas, homens, mulheres e crianças, pedaços de mobília, roupas e outros itens domésticos jaziam espalhados na planície ao sul de Hissar até onde Duiker conseguia enxergar. Aqui e ali, onde os guerreiros haviam empreendido uma última resistência desesperada, pilhas de corpos se erguiam como túmulos sem terra. Não houvera misericórdia na carnificina; não fizeram prisioneiros.

O sargento ficou alguns passos diante do historiador, tão silencioso quanto seus homens ao observar o cenário da depressão de Vin'til e da batalha que se tornaria conhecida pela vila situada a mais de 5 quilômetros de distância, Bat'rol.

Duiker se reclinou em sua sela e cuspiu.

– A fera ferida tinha presas – disse, com amargura.

Ah, muito bem, Coltaine! Eles vão pensar duas vezes antes de se aproximar de você de novo! Os corpos eram hissarianos e até crianças haviam entrado na luta. Cicatrizes negras chamuscadas atravessavam o campo de batalha, como se as garras de um deus tivessem se reunido à matança. Pedacos de carne queimada entupiam essas cicatrizes; se eram humanas ou animais, não havia como discernir. Mariposas-do-lixo borboleteavam sobre o local, com uma espécie de loucura silenciosa. O ar fedia a feitiçaria: o choque de Labirintos tinha espalhado suas cinzas gordurosas sobre tudo. O historiador sabia ter ultrapassado o horror; seu coração já era duro o bastante para que

ele sentisse apenas alívio.

Em algum lugar a sudoeste, estavam o Sétimo, leais auxiliares hissarianos remanescentes e os wickanos. *E dezenas de milhares de refugiados malazanos, privados de seus pertences... mas vivos.* O perigo persistia. O exército do Apocalipse já começara a se reagrupar: sobreviventes esparsos se juntavam um a um em pequenos grupos, indo em direção ao oásis de Meila, onde eram aguardados pelos reforços de Sialk e pelas tribos do deserto que apenas agora começavam a chegar. Quando renovassem a perseguição, seus números seriam ainda maiores, e muito, que os do exército acabado de Coltaine.

Um dos homens do sargento voltou do reconhecimento que tinha ido fazer na direção oeste.

– Kamist Reloe está vivo – anunciou. – Outro Alto Mago está trazendo mais um exército do norte. Não haverá erros da próxima vez.

As palavras eram menos tranquilizadoras para os outros do que teriam sido um dia antes. A boca do sargento parecia um corte fino quando ele aquiesceu.

– Vamos nos reunir a eles no Meila, então.

– Eu, não – grunhi Duiker. Olhares estreitos recaíram sobre ele. – *Ainda não* – acrescentou o historiador, vasculhando o campo de batalha. – Meu coração me diz que encontrarei o corpo do meu sobrinho... ali.

– Procure primeiro entre os sobreviventes – sugeriu um dos soldados.

– Não. Meu coração não sente medo, só certeza. Vão em frente. Vou me reunir a vocês antes do anoitecer. – Ele encarou o sargento com um olhar duro e desafiante. – Vão.

O homem gesticulou, em silêncio.

Duiker observou enquanto eles caminhavam na direção oeste, sabendo que, se os visse outra vez, seria a partir das fileiras do exército malazano. E, de algum modo, eles seriam menos humanos nessa ocasião. *O jogo que a mente deve empreender para desencadear a destruição.* Já estivera em meio às fileiras mais de uma vez, sentindo que os soldados a seu lado procuravam e

encontravam aquele espaço na mente, frio e silencioso. Era o espaço em que maridos, pais, esposas e mães se tornavam apenas assassinos. E a prática tornava isso mais fácil a cada vez. *Até se tornar um lugar de onde você nunca sai.*

O historiador cavalgou pelo campo de batalha, quase desesperado para se reunir ao exército. Não era um momento para se estar sozinho no coração de uma carnificina em que cada pedaço de destroços ou de carne queimada e dilacerada parecia gritar, silenciosamente ultrajado. Locais de batalha se agarravam à loucura, como se o sangue que inundara o solo se lembrasse da dor e do pavor da luta, mantendo presos dentro de si os ecos dos gritos e dos choros de morte.

Não havia saqueadores ali. Não havia nada além de moscas, mariposas-do-lixo, rhizanos e vespas, a miríade de espíritos do Encapuzado, com suas asas batendo e zumbindo no ar ao redor de Duiker enquanto ele cavalgava. Quase 1 quilômetro à frente, uma dupla de cavaleiros atravessava a cordilheira sul a galope, rumo ao oeste, com suas vestes telabas esvoaçando violentamente para trás.

Já haviam saído de seu campo de visão quando Duiker alcançou o cume mais baixo. Diante dele, o chão cheio de poeira estava sulcado e revirado. A coluna que havia partido do campo de batalha o fizera de maneira ordenada, apesar de sua largura sugerir que o comboio era gigantesco. *Nove, dez carroções, lado a lado. Gado. Montarias de reserva... Rainha dos Sonhos! Como Coltaine espera defender tudo isso? Quarenta mil refugiados, talvez mais, todos com a necessidade de um muro de soldados protegendo suas preciosas vidas... Até Dassem Ultor teria relutado a aceitar isso.*

No leste distante, o céu estava borrado de marrom avermelhado. Como Hissar, Sialk estava em chamas. Entretanto, só havia uma pequena guarnição de soldados navais naquela cidade, uma fortificação e um complexo no porto, com o próprio píer e três barcos de patrulha. Com a sorte de Oponn, eles teriam recuado, embora Duiker na verdade tivesse pouca esperança de que fosse esse o caso. Era mais provável que tivessem procurado proteger os

cidadãos malazanos. *Acrecentando os próprios corpos ao massacre.*

Era bastante simples seguir a trilha dos refugiados e do exército de Coltaine na direção sudoeste, rumo ao interior, para o Sialk Odhan. A cidade mais próxima em que poderiam encontrar socorro, Caron Tepasi, ficava a quase 350 quilômetros de distância e o caminho até lá era ocupado por clãs hostis de tithanos. *E com o Apocalipse de Kamist Reloe em perseguição.* Duiker sabia que havia uma boa chance de ele se reunir ao exército apenas para morrer com os demais.

Mesmo assim, a rebelião poderia muito bem ter sido esmagada em algum outro lugar. Havia um Punho em Caron Tepasi e outro em Guran. Se algum deles, ou mesmo ambos, tivesse conseguido extinguir a revolta em sua cidade, haveria um destino viável para Coltaine. Entretanto, tal jornada através do Odhan levaria meses. Apesar de haver bastante grama para os animais, as poucas reservas de água não seriam suficientes, e a estação seca tinha acabado de começar. *Não, só considerar tal jornada já está além de qualquer desespero. É loucura.*

Isso deixava como alternativa... contra-atacar. Um golpe rápido e mortal, retomando Hissar. Ou Sialk. Uma cidade destruída oferecia mais oportunidades de defesa que as estepes. Além disso, a frota malazana poderia vir em seu socorro. *Pormqual pode ser um idiota, mas o almirante Nok é tudo, menos isso.* O Sétimo Exército não seria simplesmente abandonado, pois sem ele qualquer esperança de acabar rápido com aquela rebelião estava perdida.

Por enquanto, era nítido que Coltaine guiava o comboio para a nascente de Dryj e, apesar da dianteira, Duiker esperava se juntar a ele bem antes disso. A necessidade principal dos malazanos agora era a água. Kamist Reloe devia saber disso também. Ele tinha obrigado Coltaine a tomar uma atitude previsível, sendo essa uma posição indesejada por qualquer comandante. Quanto menos opções o Punho tivesse, mais assustadora seria a situação.

Continuou cavalgando. O sol seguiu devagar para oeste enquanto Duiker continuava na trilha, com seu rastro de detritos e seu aspecto irracional, o

que o fazia se sentir insignificante, e suas esperanças e seus medos pareciam cada vez mais sem sentido. Corpos esporádicos de refugiados ou de soldados, mortos em decorrência dos ferimentos, jaziam às margens da trilha, descartados sem cerimônia. O sol tinha inchado os cadáveres, deixando a pele muito vermelha e manchada de preto. Devia ter sido difícil abandonar corpos assim, sem enterro, na esteira do exército. Duiker sentia algo do desespero naquela força sob ameaça.

Uma hora antes do anoitecer, uma nuvem de poeira apareceu a cerca de 3 quilômetros na direção do interior. Eram cavaleiros de guerra tithanos, o historiador supôs, que cavalgavam para a nascente de Dryj. Não haveria paz para Coltaine e seu povo. Incursões-relâmpago a cavalo assolariam os piquetes do acampamento; súbitas invasões para roubar gado, flechas em chamas atiradas nos carroções dos refugiados... Uma noite de terror incessante.

Ele observou enquanto os tithanos avançavam devagar e pensou em forçar sua montaria, já exausta, a um galope leve. No entanto, os cavaleiros tribais certamente tinham animais de reserva e o historiador acabaria matando seu cavalo se tentasse alcançar Coltaine antes deles. E ainda assim não poderia fazer nada além de avisá-lo sobre o inevitável. *Além disso, Coltaine deve saber o que está por vir. Ele sabe, porque já foi um líder tribal renegado. Ele também já atormentou um exército imperial em retirada através das planícies wickanas.*

Continuou num trote firme, pensando no desafio da noite à frente: a cavalgada em meio às linhas inimigas, a complexa aproximação que deveria fazer aos piquetes desgastados do Sétimo. Quanto mais pensava no assunto, menos provável parecia sua chance de sobreviver para ver a aurora.

O céu vermelho escureceu de súbito, como natural aos desertos, deixando o ar com a cor de sangue seco. Momentos antes de perder o resto da luz, Duiker arriscou olhar para trás. Rumo ao sul, ele enxergou uma nuvem granulosa que aumentava a olhos vistos. Parecia brilhar com cem mil reflexos pálidos, como se o vento sacudisse a face inferior das folhas de

bétula nos limites de uma vasta floresta. Mariposas-do-lixo, com certeza aos milhões, deixavam Hissar para trás, voando na direção do cheiro de sangue.

Ele disse a si mesmo que elas eram guiadas apenas pelo instinto da fome. Disse a si mesmo que era apenas por acaso que as manchas, as nódoas e os borrões naquela nuvem ondeante que preenchia o céu tomavam a forma de um rosto. O Encapuzado, afinal, não precisava manifestar sua presença. E também não era conhecido como um deus melodramático: na verdade, o Senhor da Morte tinha a reputação de ser ironicamente modesto. A imaginação de Duiker era produto do medo, a necessidade muito humana de conjurar significados simbólicos para acontecimentos sem sentido. *Nada mais.*

Duiker instigou o cavalo para colocá-lo em um galope leve, mantendo os olhos mais uma vez fixos na crescente escuridão diante dele.

Do topo de uma elevação baixa, Felisin observava o fundo fervilhante da depressão. Era como se a insanidade que tinha tomado conta das cidades, das mentes dos homens e das mulheres agora manchasse também o mundo natural. Ao cair da noite, enquanto ela e seus dois companheiros se preparavam para deixar o acampamento e fazer a caminhada noturna, a areia da depressão tinha começado a estremecer, como o tamborilar da chuva em um lago. Besouros surgiram, pretos e tão grandes quanto o dedão de Baudin, rastejando em uma maré brilhante que logo encheu toda a amplidão do deserto à frente deles. Os milhares, depois centenas de milhares de insetos, no entanto, moviam-se como se fossem apenas um, com um único propósito. Heboric, sempre acadêmico, tinha partido a fim de determinar o destino deles. Ela vira o velho contornar a extremidade mais afastada do exército de insetos, depois sumir do outro lado da elevação seguinte.

Vinte minutos haviam se passado desde então.

Baudin estava agachado ao lado dela, com os antebraços na mochila

grande, semicerrando os olhos a fim de perfurar a escuridão. Felisin sentia a inquietação cada vez mais forte dele, mas tinha decidido que não caberia a ela dar voz à preocupação que ambos compartilhavam. Em algumas ocasiões, ela havia se questionado sobre aquilo que Heboric considerava ou não importante. Perguntava-se se o ancião não seria, no fim das contas, um fardo.

Os inchaços tinham diminuído o bastante para que ela conseguisse enxergar e escutar. No entanto, uma dor mais profunda persistia, como se as larvas das moscas-vampiro tivessem deixado algo para trás, sob sua pele, uma podridão que fazia mais do que desfigurar sua aparência: deixava uma mancha em sua alma também. Um veneno parecia alojado dentro dela. Seu sono era preenchido por visões sangrentas, incessantes, um rio escarlate que a carregava como os restos de um naufrágio, do nascer ao pôr do sol. Fazia seis dias desde a fuga de Copo de Crânio, e uma parte de Felisin ansiava pelo próximo sono.

Baudin grunhiu. Heboric reapareceu na borda da depressão, correndo sem parar até onde eles estavam. Atarracado, encurvado, era como um ogro que se arrastava para fora de uma história de ninar, com calombos grosseiros onde deveriam estar as mãos, prestes a serem erguidos para revelar bocas cheias de presas. *Contos para assustar crianças. Eu poderia escrever histórias assim. Não preciso de imaginação, só do que vejo ao meu redor. Heboric, meu ogro com tatuagem de javali. Baudin, com uma cicatriz vermelha onde deveria estar a orelha, o cabelo crescendo embaraçado e bestial da sua pele vincada. Uma dupla de arrepiar, esses dois.*

O velho os alcançou, ajoelhando-se para passar os braços pelas alças da mochila.

– Extraordinário – murmurou.

Baudin grunhiu de novo.

– Podemos passar por eles dando a volta? Não vou pelo meio, Heboric.

– Ah, sim, é bem fácil. Estão só migrando para a próxima depressão.

Felisin bufou.

– E você acha isso extraordinário?

– Acho – disse Heboric, esperando Baudin apertar as faixas da mochila.

– Amanhã à noite eles vão marchar para a próxima área que tenha areias profundas. Entendeu? Como nós, estão indo para oeste e, como nós, alcançarão o mar.

– E depois? – perguntou Baudin. – Vão nadar?

– Não faço ideia. É mais provável que deem a volta e marchem para leste, para a outra costa.

Baudin amarrou sua mochila e se levantou.

– Como um bichinho rastejando na boca de um cálice.

Felisin olhou para ele, lembrando-se de sua última noite com Beneth. O homem tinha ficado sentado à mesa de sempre na Bula, olhando as moscas circularem na boca de sua caneca. Era uma das poucas lembranças que ela conseguia evocar. *Beneth, meu amante, o Rei Mosca circulando Copo de Crânio. Baudin o deixou lá para apodrecer, e é por isso que não me olha nos olhos. Criminosos nunca mentem bem. Ele vai pagar por isso, um dia.*

– Sigam-me – disse Heboric, partindo, afundando os pés na areia de modo a parecer que caminhava sobre cotos para combinar com as extremidades de seus braços.

Ele sempre começava bastante ativo, mostrando uma energia que Felisin julgava ser deliberada, como se procurasse refutar o fato de ser o mais velho e fraco dentre eles. No último terço da noite, ele estaria uns setecentos ou oitocentos passos para trás, com a cabeça baixa, arrastando as pernas e cambaleando com o peso da mochila que era quase maior que ele.

Baudin parecia ter um mapa na cabeça. A fonte das informações dele tinha sido bastante precisa. Mesmo o deserto parecendo morto, uma barreira intransponível e letal, eles conseguiam encontrar água. Poças alimentadas por nascentes em afloramentos rochosos ou dolinas de lama cercadas por rastros de animais que nunca viam, onde se podia cavar 2 metros, às vezes menos, e encontrar a água tonificante.

Carregavam comida suficiente para doze dias, dois a mais do que o

necessário para a jornada rumo à costa. Não era uma grande margem, mas teria que bastar. Apesar de tudo, estavam cada vez mais fracos. Toda noite cobriam uma distância menor que na anterior. Depois de meses em Copo de Crânio, trabalhando nos níveis abafados, haviam diminuído um pouco da reserva essencial de seus corpos.

Aquele fato era claro, mas não era conversado entre eles. O tempo, o servo mais paciente do Encapuzado, agora os perseguia, e a cada noite eles se atrasavam mais, ficando mais próximos daquele lugar onde a vontade de viver se rendia a uma paz profunda. *Existe uma promessa sutil em desistir, mas perceber isso requer uma jornada. Do espírito. Você não pode andar até o Portão do Encapuzado; você o acha à sua frente quando a neblina some.*

– O que está pensando, mocinha? – perguntou Heboric.

Haviam cruzado duas fileiras de elevações, chegando a um ponto de solo compactado. As estrelas eram lanças de ferro no alto e a lua ainda não tinha aparecido.

– Vivemos em uma nuvem – disse ela. – Durante toda a vida.

Baudin grunhiu.

– Isso é conversa de durhang.

– Não sabia que você era tão engraçado – disse Heboric ao homem.

Baudin ficou em silêncio. Felisin sorriu para si mesma. O bandido falaria pouco mais pelo resto da noite. Não lidava bem com zombarias. *Devo me lembrar disso, para quando ele precisar ser derrubado.*

– Sinto muito, Baudin – disse Heboric pouco depois. – Fiquei irritado com o que Felisin falou e descontei em você. Mais do que isso: apreciei a brincadeira, mesmo não tendo sido intencional.

– Desista. – Felisin suspirou. – Uma mula vence o mau humor depois de um tempo, mas não é nada que você possa forçar.

– Então, apesar de sua língua não estar mais inchada, o veneno permanece – disse Heboric.

Ela se encolheu. *Se você ao menos soubesse a verdade disso.*

Rhizanos sobrevoavam a superfície rachada do solo, sendo a única

companhia do grupo, agora que haviam deixado os besouros estúpidos para trás. Não tinham visto ninguém desde que atravessaram o lago do Afundador, na noite da revolta dosina. Em vez de alarmes sonoros e de perseguição frenética, a fuga deles não tinha causado nenhum efeito. Para Felisin, o drama daquela noite parecia meio patético agora. Apesar da importância que se davam, eles não eram mais que grãos de areia em uma tempestade maior do que qualquer coisa que conseguiam compreender. Aquele pensamento a agradou.

Mesmo assim, havia motivos de preocupação. Se a revolta tivesse se espalhado para o continente, poderiam alcançar a costa apenas para morrer esperando um barco que nunca chegaria.

Chegaram a uma elevação serrilhada de afloramentos rochosos, prateados à luz das estrelas, como vértebras de uma imensa serpente. Do outro lado se estendia um vasto areal, semelhante a uma onda. Havia algo nas dunas, cerca de cinquenta passos à frente, inclinado como uma árvore ou uma coluna de mármore caída. Quando se aproximaram, porém, viram que era grosseiro, torto.

Um vento vago soprava as areias, virando como se seguisse um dançarino mordido por uma aranha. Rajadas de areia acariciavam suas canelas enquanto caminhavam. O pilar torcido, ou o que quer que aquilo fosse, estava mais distante do que Felisin tinha imaginado à primeira vista. Quando sua perspectiva se ajustou à escala, a respiração da garota sibilou entre os dentes.

– É... – sussurrou Heboric, em resposta.

Não eram apenas cinquenta passos; estava mais para quinhentos. A superfície desfocada pelo vento os enganara. A depressão não era um pedaço plano de terra, mas uma vasta descida gradual que se erguia de novo ao redor do objeto. Uma onda de tontura se seguiu à compreensão.

A lua em forma de foice ainda não tinha se erguido no horizonte sul quando finalmente alcançaram o monólito. Assentindo em silêncio, Baudin e Heboric baixaram as mochilas; o bandido se sentou, reclinando-se contra a

sua, já adotando uma postura arrogante diante do edifício que se agigantava sobre eles.

Heboric tirou o lampião e o braseiro da mochila. Soprou o pequeno monte de carvão e depois acendeu uma vela, que usou para queimar o grosso pavio do lampião. Felisin não fez nenhum esforço para ajudar. Apenas observou, fascinada, enquanto o velho dava conta da tarefa com uma destreza impressionante, negando a aparente dificuldade causada pelos cotos marcados de seus pulsos.

Passando o antebraço por baixo do cabo do lampião, Heboric se levantou e se aproximou do monólito negro.

Para envolver a base, seriam necessários mais de cinquenta homens de mãos dadas. Havia uma dobra em um ponto a cerca de sete ou oito vezes a altura de um homem, a mais ou menos três quintos da altura total. A rocha, de um cinza escuro sob o luar incolor, parecia tanto irregular quanto polida.

Quando Heboric se aproximou e parou ao lado da rocha, o brilho do lampião revelou que era verde. Felisin observou a cabeça dele se inclinar para trás enquanto examinava a parte de cima. Em seguida, ele deu um passo à frente e pressionou a superfície com um dos cotos. Um momento depois, Heboric recuou um passo.

Água respingou ao lado dela quando Baudin bebeu de um odre. Felisin estendeu a mão e, pouco depois, ele passou o objeto para ela. A areia sussurrou quando Heboric retornou. O ex-sacerdote se agachou perto deles.

Felisin ofereceu o odre ao velho. Ele balançou a cabeça, seu rosto de sapo contorcido numa careta preocupada.

– É o maior pilar que você já viu, Heboric? – perguntou Felisin. – Há uma coluna em Aren... ou foi o que ouvi... Ela tem a altura de vinte homens, esculpida em espiral de baixo até em cima. Beneth a descreveu para mim uma vez.

– Já vi – resmungou Baudin. – Não tão larga, mas talvez mais alta. Do que esta é feita, sacerdote?

– Jade.

Baudin grunhiu, impassível, mas Felisin viu os olhos dele se arregalarem.

– Bem, já vi mais altas. Já vi mais largas...

– Cale a boca, Baudin – rosnou Heboric, envolvendo seu tronco com os braços. Lançou um olhar feio ao homem, com o rosto abaixado. – Aquilo não é uma coluna – disse, com voz áspera. – É um dedo.

A aurora tomou o céu, espalhando sombras pela paisagem. Aos poucos, os detalhes daquele dedo esculpido de jade foram se libertando da escuridão. Ondulações e dobras de pele, as marcas das impressões digitais, tudo se tornou visível. Bem como uma elevação na areia logo abaixo: outro dedo.

Dedos para mão. Mão para braço, braços para corpo... Apesar da lógica que havia nesse pensamento, Felisin julgou que era impossível. Não se podia construir uma coisa daquelas, não ficaria em pé nem permaneceria inteira. Uma única mão, sim, mas sem braço nem corpo.

Heboric nada disse, abraçado a si mesmo, imóvel, enquanto a escuridão da noite esvanecia. O pulso que tinha tocado o edifício estava agora enfiado embaixo do corpo do velho, como se a lembrança do contato lhe causasse dor. Encarando Heboric à luz crescente, Felisin mais uma vez ficou chocada com as tatuagens dele. Pareciam ter se aprofundado mais, de algum modo, tornando-se ainda mais penetrantes.

Baudin finalmente se levantou e começou a montar duas tendas pequenas perto da base do dedo, onde as sombras durariam mais. Ignorou o monólito gigantesco, como se não fosse nada mais que o tronco de uma árvore, e começou a martelar fundo na areia cada uma das compridas e finas estacas, atravessando os cantos com anéis de metal para a montagem da primeira tenda.

Um matiz laranja se propagou pelo ar enquanto o sol continuava a subir. Embora Felisin já tivesse visto aquela cor de céu na ilha, ela nunca havia parecido tão saturada. Conseguia quase sentir seu gosto, metálico como ferro.

Quando Baudin começou a trabalhar na segunda tenda, Heboric enfim se levantou, erguendo a cabeça como se farejasse o ar. Em seguida, estreitou os olhos para cima.

– Pelo sopro do Encapuzado! – grunhiu. – Já não foi o bastante?

– O que é? – quis saber Felisin. – Alguma coisa errada?

– Houve uma tempestade – disse o ex-sacerdote. – Isso é pó de otataral.

Em meio às tendas, Baudin parou. Correu a mão por um ombro, depois franziu o cenho ao olhar para sua palma.

– Está assentando.

– É melhor nos protegermos...

Felisin bufou, dizendo em seguida:

– Como se isso fosse ajudar em alguma coisa! Nós mineramos esse troço, caso tenham se esquecido. Qualquer que seja o efeito, já está em nós há muito tempo.

– Lá em Copo de Crânio podíamos nos lavar no fim do dia – disse Heboric, passando o braço pela alça do fardo de comida e arrastando-o para as tendas.

Ela viu que ele ainda mantinha o outro coto, aquele com que tocara o edifício, apertado contra o próprio diafragma.

– E você acha que isso fazia alguma diferença? – perguntou ela. – Se for verdade, por que cada mago que trabalhou lá morreu ou ficou louco? Você não está pensando com clareza, Heboric...

– Sente-se aí, então – rosou o velho, abaixando-se para passar pela aba da abertura da tenda.

Ele levava o fardo consigo.

Felisin olhou para Baudin. O bandido deu de ombros e voltou a montar a segunda tenda, sem nenhuma pressa evidente.

Ela suspirou. Estava exausta, mas sem sono. Se fosse para a tenda, muito provavelmente só ficaria deitada lá, com os olhos abertos, estudando a tessitura da lona sobre seu rosto.

– Melhor entrar – disse Baudin.

– Não estou com sono.

Ele se aproximou com um movimento fluido como o de um gato.

– Estou pouco me lixando se você está com sono ou não. Sentar embaixo do sol vai deixar você seca, e isso significa que vai precisar de mais água, o que quer dizer menos para nós. Resumidamente, é melhor entrar nessa bosta de tenda, mocinha, ou vou descer a mão no seu traseiro.

– Se Beneth estivesse aqui, você não...

– O bastardo está morto! – vociferou ele. – E que o Encapuzado leve sua alma podre para o mais profundo abismo!

Ela escarneceu:

– Corajoso, *agora*. Você não teria ousado enfrentar Beneth.

Ele a analisou como faria com uma mosca-vampiro presa em uma teia.

– Talvez eu tenha feito isso – disse, exibindo um sorriso astuto um momento antes de lhe dar as costas.

Sentindo frio de repente, Felisin observou o bandido andar até a outra tenda, agachar-se e engatinhar para dentro. *Você não me engana, Baudin. Você era um vira-lata se esgueirando pelos becos, e a única coisa que mudou é que você deixou esses becos para trás. Você se contorceria na areia aos pés de Beneth, se ele estivesse aqui.* Ela esperou mais um minuto, como desafio, antes de entrar na própria tenda.

Desenrolando o saco de dormir, Felisin se deitou. A ansiedade impedia que dormisse. Encarava as imperfeições escuras na lona, desejando ter algum durhang ou um jarro de vinho. O rio escarlata que via em seus sonhos tinha se tornado quase um abraço, acolhedor, oferecendo proteção. Ela invocou da memória um eco daquela imagem e de todos os sentimentos que vinham com ela. O rio fluía com propósito, organizado e inexorável; em sua corrente quente, ela se sentia perto de entender aquele propósito. Sabia que o descobriria logo e, a partir de então, seu mundo mudaria, tornando-se muito mais amplo do que era agora. Não apenas uma menina, roliça, fora de forma e usada até se desgastar, cuja visão de futuro tinha sido reduzida a dias, quando deveria ser medida em décadas. Não uma menina que só poderia se

dizer jovem com uma certa ironia zombeteira.

Apesar de tudo que o sonho prometia, Felisin valorizava também o autodesprezo de quando estava acordada, capaz de estabelecer um contraponto entre as horas acordadas e as adormecidas, o que ela era de fato e o que poderia ser. Uma tensão entre o real e o imaginário: assim Heboric teria colocado a questão, com seu olho crítico manchado pela acidez. O acadêmico da natureza humana não teria uma opinião elevada sobre esses assuntos. Heboric ridicularizaria as noções de destino de Felisin, e a crença da garota de que o sonho oferecia a ela algo palpável apenas o motivaria a dar voz ao desprezo que ele sentia. *Não que Heboric precise de um motivo. Eu me odeio, mas ele odeia todo o resto. Quem de nós perdeu mais?*

Ela acordou grogue, com a boca seca e sentindo gosto de ferrugem. O ar estava granuloso e uma fraca luz cinzenta era filtrada pela lona. Ouviu sons de preparativos sendo feitos do lado de fora, um murmúrio rápido de Heboric, o grunhido de resposta de Baudin. Felisin fechou os olhos, tentando retomar o rio constante e fluido que a carregava para o sono, mas ele se fora.

Ela se sentou, encolhendo-se ante os protestos de suas articulações. Os outros dois tinham passado pela mesma coisa, ela sabia. Alguma deficiência nutricional, segundo Heboric, embora ele não soubesse qual. Tinham frutas secas, fatias de mula defumada e um tipo de pão dosino, escuro e duro como tijolo.

Com os músculos doendo, ela engatinhou para fora da tenda, para o ar frio da manhã. Os dois homens comiam sentados, com os pacotes de ração diante deles. Tinha sobrado pouco, à exceção do pão, que era salgado e tendia a deixá-los desesperados de sede. Heboric tentara insistir que comessem o pão primeiro, logo nos primeiros dias, enquanto ainda estavam fortes, hidratados, mas nem ela nem Baudin tinham dado ouvidos. Por algum motivo, ele próprio tinha abandonado a ideia depois de uma única

refeição. Felisin zombara dele por isso, ela se lembrava. *Sem vontade de seguir o próprio conselho, é, velho?* Mas o conselho tinha sido bom. Eles chegariam à costa mortal, banhada de sal, com nada além de pão ainda mais salgado para comer e pouca água para amenizar a sede.

Talvez não tenhamos dado ouvidos a Heboric porque nenhum de nós acreditava que conseguiríamos chegar à costa. Talvez o velho tenha chegado à mesma conclusão naquele primeiro dia. Só que eu não estava pensando tão à frente, estava? Nada de sábia aceitação da inutilidade de tudo isso. Zombei e ignorei o conselho por despeito, e nada mais. Quanto a Baudin, bem, raros eram os criminosos com cérebro, e ele não era exceção.

Felisin se juntou ao café da manhã, ignorando os olhares dos outros dois quando tomou uma golada a mais de água morna do odre enquanto mandava para dentro a carne defumada.

Quando acabou, Baudin guardou de novo a comida. Heboric suspirou.

– Que ótimo trio somos nós! – comentou.

– Você fala de nossa antipatia um pelo outro? – perguntou Felisin, arqueando uma sobrancelha. – Você não deveria estar surpreso, velho. Caso não tenha notado, estamos todos despedaçados de alguma maneira. Não estamos? Os deuses sabem que você já apontou minha derrocada com bastante frequência. E Baudin não é nada além de um assassino. Ele abriu mão de todas as noções de irmandade e, além disso, é um valentão, o que quer dizer que tem um coração covarde... – Ela o viu agachado perto dos fardos, olhando friamente em sua direção, e lhe deu um sorriso doce. – Certo, Baudin?

O homem nada disse, com apenas a sugestão de uma careta em sua expressão.

Felisin voltou sua atenção a Heboric e continuou:

– Suas falhas são bem óbvias. Nem vale a pena mencionar todas elas...

– Guarde seu fôlego, mocinha – resmungou o ex-sacerdote. – Não preciso de uma menina de 15 anos apontando minhas falhas.

– Por que você “deixou” o sacerdócio, Heboric? Esvaziou os cofres,

suponho. Então cortaram suas mãos e jogaram você numa pilha de lixo atrás do templo. Com certeza é algo que faria alguém transformar a escrita da história em profissão.

– Hora de ir – disse Baudin.

– Mas ele não respondeu à minha pergunta...

– Eu diria que sim, menina. Agora, cale a boca. Hoje você vai carregar a outra mochila, não o velho.

– Uma sugestão sensata, mas não, obrigada.

Com o rosto sombrio, Baudin se levantou.

– Deixe para lá – disse Heboric, ajeitando-se para passar as alças pelos braços. Na escuridão, Felisin viu pela primeira vez o coto que tinha tocado o dedo de jade. Estava inchado e vermelho, com a pele marcada esticada. As tatuagens se amontoavam sobre a extremidade do pulso, agora quase inteiramente negro. Ela percebeu, então, que todas as impressões haviam se tornado mais profundas, tumultuadas como videiras.

– O que aconteceu com você?

Ele olhou para ela.

– Queria saber.

– Você queimou seu pulso na estátua.

– Não queimei – disse o ancião. – Mas dói como o beijo do próprio Encapuzado. A magia pode prosperar enterrada em areia de otataral? Otataral pode dar magia à luz? Não tenho respostas, mocinha, para nada disso.

– Bem – resmungou ela –, foi uma coisa estúpida para se fazer. Bem feito.

Baudin começou a andar, sem dizer nada. Ignorando Heboric, Felisin foi atrás do bandido.

– Tem algum poço no caminho esta noite? – perguntou ela.

O homenzarrão grunhiu.

– Deveria ter perguntado isso antes de beber mais que a sua parte.

– Bom, não perguntei. Então, tem?

– Perdemos metade da noite ontem.

– E isso quer dizer...

– Que não teremos mais água até amanhã à noite. – Ele olhou para ela enquanto caminhava. – Você vai desejar ter guardado aquele gole.

Ela não respondeu. Não tinha a menor intenção de ser honrada e abrir mão da sua porção de água numa próxima vez. *Honra é para os tolos. Honra é um defeito fatal. Não vou morrer pela honra, Baudin. Heboric provavelmente vai morrer, de qualquer forma. Seria desperdício de água, com ele.*

O ex-sacerdote se arrastava atrás dela. O som de seus passos diminuía conforme as horas passavam e ele ia ficando cada vez mais para trás. Ela concluiu que no final seriam ela e Baudin, apenas os dois, encarando o mar na orla oeste daquela ilha abandonada pela Rainha. Os fracos sempre caíam na beira da estrada. Era a primeira lei de Copo de Crânio; na verdade, a primeira lição que ela havia aprendido, ainda nas ruas de Unta, em sua marcha até os navios de escravos.

Lá atrás, em sua ingenuidade, tinha encarado o assassinato de lady Gaesen por Baudin como um ato repreensível de terror. Se ele fizesse o mesmo hoje, “livrando” Heboric de sua miséria, ela sequer piscaria. *Uma jornada longa, esta. Onde terminará?* Pensou no rio de sangue e o pensamento a aqueceu.

Como Baudin tinha dito, não havia poço no fim daquela etapa da jornada. O homem escolheu um leito arenoso, cercado de saliências de calcário esculpidas pelo vento, como local de acampamento. Ossos humanos esbranquiçados jaziam espalhados ali, mas Baudin simplesmente os jogou de lado ao montar as tendas.

Felisin sentou com as costas viradas para a rocha e ficou aguardando a chegada de Heboric, que devia aparecer a qualquer momento do outro lado da planície lisa que eles haviam acabado de atravessar. Ele nunca tinha ficado tanto para trás antes. A planície tinha quase 2 quilômetros e, quando o rubor da aurora iluminou o horizonte à frente, Felisin começou a se perguntar se o

corpo morto do velho não jazia em algum lugar.

Baudin se agachou ao lado dela.

– Eu falei que você deveria carregar o fardo de comida – disse ele, semicerrando os olhos para o leste.

Então, não foi por simpatia pelo velho.

– Você só vai ter que ir lá procurar, não é? – disse ela.

Baudin se ergueu. Moscas voavam ao redor dele no ar ainda frio enquanto o bandido encarava o leste por um longo momento.

Ela olhou Baudin partir, levando um susto quando ele começou a correr com firmeza, uma vez livre das rochas. Pela primeira vez, Felisin sentiu verdadeiro medo do bandido. *Ele andou roubando comida... Deve ter um odre de água escondido... Não há como ele ainda ter reservas para correr assim.* Ela lutou para ficar em pé e foi depressa até a outra mochila.

As tendas estavam erguidas, com os sacos de dormir abertos dentro delas. O fardo estava por perto, amontoado em um canto. Lá dentro estava a algibeira que, como ela reconheceu, continha os suprimentos de primeiros socorros, uma pederneira velha e uma caixa de gravetos para fogueira que ela não tinha visto antes. *É de Baudin,* pensou. E, debaixo da aba costurada ao longo de uma borda no fundo da mochila, um pacote pequeno e achatado de couro de veado.

Nada de odre de água, nem de bolsos ocultos contendo comida. Inexplicavelmente, o medo que ela sentia do homem ficou ainda maior.

Felisin se sentou na areia fofa ao lado do fardo. Depois pegou o pacote de couro, afrouxou as amarras e o desdobrou para revelar um conjunto de ferramentas de ladrão: uma seleção de picaretas, serras e limas diminutas, botões de cera, um saquinho de farinha fina e dois punhais desmontados, com as lâminas em forma de agulha muito azuladas, soltando um cheiro amargo e cáustico, e com os cabos de osso polidos e manchados de cor escura e as empunhaduras pequenas em peças que se uniam para formar uma proteção em forma de X, além de castões de ferro esburacados e pesados envoltos em miolos de chumbo. *Armas de atirar. Armas de um*

assassino. O último item do pacote estava enfiado dentro de uma laçada de couro: a garra de algum felino grande, macia, de cor âmbar. Ela se perguntou se tinha veneno, pintado e invisível na superfície. O item continha um mistério ameaçador.

Felisin embrulhou o pacote, colocando-o de volta na mochila, junto com todo o resto. Ouviu passos pesados vindos do leste e se levantou.

Baudin apareceu por entre as saliências de calcário, com a mochila nos ombros e Heboric no colo.

O bandido nem resfolegava.

– Ele precisa de água – disse Baudin, caminhando até o acampamento e deixando o homem inconsciente na areia macia. – Nesta mochila, mocinha, depressa...

Felisin não se mexeu.

– Por quê? Nós precisamos de mais, Baudin.

O homem parou por um breve instante, livrou os braços da mochila e virou a garota, a fim de encará-la.

– Você gostaria que ele dissesse algo assim, se fosse você deitada aqui? Assim que sairmos desta ilha, seguiremos caminhos separados. Mas, por ora, precisamos um do outro, menina.

– Ele está morrendo. Admita.

– Estamos todos morrendo. – Ele destampou o odre e colocou-o entre os lábios rachados de Heboric. – Beba, velho. Engula isto.

– É a sua parte que você está dando para ele – disse Felisin. – Não a minha.

– Bem – falou ele, com um sorriso frio –, ninguém pensaria que você é nobre. Se bem que abrir as pernas para qualquer um lá em Copo de Crânio já tinha sido prova suficiente, suponho.

– Eu nos mantive vivos, seu canalha.

– Manteve você mesmo gorda e preguiçosa, quer dizer. A maior parte do que eu e Heboric comemos veio de favores que fiz para os guardas dosinos. Beneth nos deu lixo, só para manter você docinha. Sabia que não diríamos

nada a você sobre isso. Ele costumava rir dessa sua causa tão nobre.

– Você está mentindo.

– Como preferir – disse ele, ainda sorrindo.

Heboric tossiu, abrindo os olhos. Piscou ante a luz da aurora.

– Você deveria se ver – falou Baudin. – De 1 metro para cima é uma tatuagem sólida, tão escura quanto um bruxo dal-honês. Perto assim consigo enxergar cada linha, cada pelo do couro do Javali. Cobriu seus cotos também, não só o que está inchado, mas o outro. Aqui, beba mais um pouco...

– Canalha! – rosnou Felisin.

Ela observou o resto da água descer pela boca do ancião. *Ele deixou Beneth morrer. Agora está tentando envenenar minha lembrança dele também. Não vai funcionar. Eu fiz o que fiz para nos manter vivos, e eles odeiam o fato, os dois. Isso os devora por dentro, a culpa pelo preço que paguei. E é isso que Baudin está tentando negar agora. Está aliviando sua consciência, para não sentir nada quando enfiar uma daquelas facas em mim. Só mais uma nobre morta. Outra lady Gaesen.*

Em voz alta, ela falou, encontrando os olhos de Heboric:

– Eu sonho com um rio de sangue toda noite. Navego por ele. E vocês dois estão lá, no começo, mas só no começo, porque ambos se afogam nesse rio. Acreditem no que quiserem. Sou eu que vou sobreviver a isto. Eu. Só eu.

Deixou os dois homens olhando para ela e foi para sua tenda.

Na noite seguinte, encontraram a nascente uma hora antes de a lua aparecer. A água surgia da base de uma depressão rochosa, alimentada por baixo por alguma fissura oculta. A superfície parecia lama cinza. Baudin desceu até a borda, mas não abriu o buraco que permitiria beber a água. Pouco depois, com a cabeça girando de fraqueza, Felisin deixou cair a mochila de comida dos ombros e cambaleou para se ajoelhar ao lado dele.

O cinza era meio fosforescente; eram moscas-do-lixo afogadas, com as

asas bem abertas sobrepostas, de modo a cobrir toda a superfície. Felisin estendeu a mão para empurrar o tapete flutuante para o lado, mas Baudin foi mais rápido, segurando o pulso dela.

– Está suja – disse ele. – Cheia de larvas de moscas-do-lixo se alimentando do corpo de seus pais.

Pelo sopro do Encapuzado... Mais larvas, não.

– Filtre a água com um pedaço de pano – disse Felisin.

Ele fez que não com a cabeça.

– As larvas mijam veneno, enchem a água com ele. Eliminam qualquer competição. Vai levar um mês para esta água voltar a ser potável.

– Precisamos dela, Baudin.

– Vai matar você.

Ela encarou o lodo cinza, desesperada, sentindo um fogo repleto de agonia na garganta, na mente. *Não pode ser. Vamos morrer sem isso.*

Baudin se afastou. Heboric tinha chegado, cambaleando ao tropeçar na encosta rochosa. Sua pele estava preta como a noite, mas assumia um brilho prateado quando os realces do pelo do javali refletiam as estrelas. Qualquer que fosse a infecção que tinha tomado conta do coto de seu pulso direito, já começara a enfraquecer, deixando para trás uma rede de pele partida, supurando e queimando. Soltava um cheiro estranho de pedra em pó.

Ele era uma verdadeira assombração e, em resposta a sua aparência de pesadelo, Felisin riu, à beira da histeria.

– Lembra-se do Círculo, Heboric? Em Unta? Do acólito do Encapuzado, o sacerdote coberto de moscas... que não era nada além de moscas? Ele tinha uma mensagem para você. E agora, o que vejo? Surgindo cambaleante em meu campo de visão, um homem também coberto, não de moscas, mas de tatuagens. Deuses diferentes, mas a mesma mensagem, é o que vejo. Que Fener fale por meio desses lábios descascados, velho. As palavras de seu deus farão coro às do Encapuzado? O mundo é mesmo uma reunião de equilíbrios, o titubeio infinito de fatalidades e destinos? Javali do Verão, Semeador da Guerra com Presas, o que você diz?

O velho olhou para ela. Sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu.

– Como é? – Felisin fez uma concha com a mão ao lado da orelha. – O zumbido de asas? Com certeza, não!

– Tola – resmungou Baudin. – Vamos encontrar um lugar para acampar. Não aqui.

– Presságios ruins, assassino? Nunca soube que eles significavam alguma coisa para você.

– Guarde o fôlego, menina – disse Baudin, fitando a encosta rochosa.

– Não faz diferença – respondeu ela. – Não agora. Ainda estamos dançando no canto do olho de um deus, mas é mera exibição. Estamos mortos, mesmo tendo nos contorcido tanto. Qual é o símbolo do Encapuzado nas Sete Cidades? Eles o chamam aqui de *Aquele que Veste o Capuz*, não é? Fale, Baudin, o que está esculpido no templo do Senhor da Morte em Aren?

– Achei que você já soubesse – disse ele.

– Moscas-do-lixo, os mensageiros, os comedores de carne podre. É o néctar da decadência para eles, a rosa inchando sob o sol. O Encapuzado nos fez uma promessa no Círculo em Unta e ela acabou de ser cumprida.

Baudin subiu para a borda da depressão e as palavras dela o seguiram. Pintado de laranja pelo sol nascente, ele se virou e olhou lá de cima para Felisin.

– Já era o seu rio de sangue – disse ele numa voz baixa, entretida.

Uma tontura varreu a garota. Suas pernas bambearam, e ela teve de se sentar abruptamente, batendo o cóccix com força no leito rochoso. Olhou para Heboric, deitado e encolhido a 2 metros de distância. As solas dos sapatos do velho haviam se desgastado, revelando carne viva dilacerada. Ele já estava morto? *Talvez quase isso.*

– Faça alguma coisa, Baudin. – Ele não disse nada. – Qual é a distância até a costa? – perguntou ela.

– Duvido que faria diferença – respondeu ele depois de um momento. – O barco deveria aguardar por mais ou menos três noites, não mais. Estamos

a pelo menos quatro dias da costa, e mais fracos a cada hora.

– E a próxima fonte de água?

– A cerca de sete horas de caminhada. Mais para catorze, do jeito que estamos.

– Você parecia ágil na noite passada! – rosnou ela. – Correndo para pegar Heboric. Também não parece tão desidratado quanto nós...

– Eu bebo meu mijo.

– Você o quê?

Ele grunhiu.

– Você me ouviu.

– Não é uma resposta boa o bastante – concluiu ela depois de pensar um pouco. – E não me diga que está comendo sua merda também. Isso ainda não explicaria as coisas. Você fez um pacto com algum deus, Baudin?

– Você acha que fazer um pacto assim é uma tarefa simples? Oi, Senhora dos Sonhos, salve-me e irei servi-la. Diga: quantas das *suas* preces foram atendidas? Além disso, não tenho fé em nada além de mim mesmo.

– Então, você ainda não desistiu?

Felisin achou que ele não fosse responder, mas, depois de um longo minuto em que ela começou a afundar em si mesma, ele a surpreendeu com um brusco “não”.

Baudin tirou a mochila e desceu de novo a encosta. Algo na sua competente economia de movimentos encheu Felisin de um pavor repentino. *Me chama de gorda, me olha como um pedaço de carne... Não para me usar como Beneth, e sim como se eu fosse sua próxima refeição.* Com o coração martelando no peito, ela esperou o primeiro movimento, um lampejo faminto nos olhos bestiais do bandido.

Em vez disso, ele se abaixou ao lado de Heboric, virando o homem inconsciente de barriga para cima. Então se inclinou para mais perto, a fim de ouvir a respiração do velho. Depois se endireitou, suspirando.

– Ele está morto? – perguntou Felisin. – Você esfolá. Não vou comer pele tatuada, não importa minha fome. – Baudin olhou para ela por um

momento, mas nada disse, voltando a examinar o ex-sacerdote. – Diga o que você está fazendo – disse ela finalmente.

– Ele está vivo, e só isso pode nos salvar. – O bandido fez uma pausa. – A profundidade a que você cai não me interessa nada, garota. Apenas guarde seus pensamentos para si mesma.

Ela observou enquanto Baudin tirava a roupa podre de Heboric, revelando uma surpreendente tessitura de tatuagens por baixo. Baudin se moveu para manter sua sombra atrás de si antes de se curvar e estudar o padrão escuro no peito do ex-sacerdote. Ele procurava alguma coisa.

– Uma nuca erguida – disse ela, entediada –, as extremidades baixadas e praticamente se tocando, quase um círculo, cercando um par de presas. – Ele a encarou, estreitando os olhos. – A própria marca de Fener, a que é sagrada – continuou ela. – É o que você está procurando, não é? Ele foi excomungado, mas Fener permanece com ele. Isso é bastante óbvio, a julgar pelas tatuagens vivas.

– E a marca? – perguntou ele com frieza. – Como você sabe dessas coisas?

– Uma mentira que contei a Beneth – explicou ela quando o homem voltou a examinar a pele coberta de tatuagens do ex-sacerdote. – Precisei que Heboric a confirmasse. Precisei dos detalhes do culto. Ele me contou. Você tem a intenção de pedir ajuda ao deus.

– Encontrei – informou ele.

– E agora? Como você alcança o deus de outro homem, Baudin? Não tem buraco de chave na marca, nenhuma fechadura sagrada que você possa arrombar.

Isso o fez se sobressaltar e os olhos do bandido brilharam ao se cravarem nos dela.

Ela não piscou, não revelou nada.

– Como você acha que ele perdeu as mãos? – perguntou Felisin inocentemente.

– Ele já foi ladrão.

– Foi. Mas foi a excomunhão que as tirou. Havia uma chave, sabe? O Labirinto do sumo sacerdote para seu deus, tatuado na palma de sua mão direita. Tinha a marca sagrada. Mão no peito, basicamente, tão simples quanto bater continência. Levei dias me curando da surra de Beneth, e Heboric falou. Me contou muitas coisas. Eu devia ter me esquecido de tudo, bebendo chá de durhang aos galões, mas a infusão só dissolvia a superfície, aquela que filtra o que é importante do que não é. As palavras dele entraram sem qualquer tipo de barreira e aqui ficaram. Você não pode fazer isso, Baudin.

Ele ergueu o antebraço direito de Heboric, analisando o coto brilhante e vermelho à luz crescente.

– Você não pode voltar – disse ela. – O clero se certificou disso. Ele não é o que já foi, e pronto.

Com um rosnado silencioso, Baudin puxou o antebraço de Heboric para empurrar o coto contra a marca sagrada.

O ar gritou. O som os exauriu, atirando-os ao chão. Eles se arrastaram, arranhando e cavando a rocha, estupidamente. *Para longe... Para longe da dor... Longe!* Havia agonia demais naquele guincho, que desceu como fogo, escurecendo o céu, espalhando-se pelo leito rochoso como fissuras da espessura de um fio de cabelo... E as rachaduras proliferaram a partir do corpo imóvel de Heboric.

Com sangue escorrendo dos ouvidos e trêmula, Felisin tentou se afastar subindo a encosta. As fissuras – as tatuagens de Heboric, que floresciam para fora de seu corpo, pulando a distância entre a pele e a pedra – varreram o chão abaixo dela, transformando a rocha em algo escorregadio e gorduroso sob suas palmas.

Tudo tinha começado a tremer. Até o céu parecia se contorcer, dando puxões em si mesmo, como se mãos invisíveis se estendessem a partir de portais ocultos, agarrando o tecido do mundo com uma fúria fria e destrutiva.

O grito não acabava. A fúria e a dor insuportável se combinaram como

fios gêmeos de uma corda, cada vez mais tensa. Fechando-se em um nó ao redor do pescoço de Felisin, o som bloqueava o mundo do lado de fora, seu ar, sua luz.

Algo atingiu o chão e o leito rochoso sob ela tremeu, atirando-a para cima. Ela aterrissou com força sobre um dos cotovelos. Os ossos de seu braço estremeceram como a lâmina de uma espada. O brilho do sol fraquejou enquanto Felisin lutava para recuperar o fôlego. Seus olhos arregalados vislumbraram algo além da depressão, erguendo-se pesadamente da planície numa agitada nuvem de poeira. Dois dedos, uma pata emaranhada de pelagem, grande demais para ela apreender por inteiro, erguendo-se, puxada para o céu rumo a uma escuridão como a da meia-noite.

A tatuagem tinha saltado da rocha, passando para o próprio ar, como uma teia manchada de azul crescendo em nódoas rachadas, aos trancos, espalhando-se para todos os lados.

Ela não conseguia respirar. Seus pulmões queimavam. Estava morrendo, sugada, sem fôlego, para o vácuo que era o grito do deus.

Silêncio repentino, opondo-se aos ecos que ainda vibravam em seu crânio. Ar a inundou, frio e amargo, mas também mais doce do que qualquer coisa que ela já tivesse experimentado. Tossindo, cuspidando bile, Felisin ficou de quatro, erguendo a cabeça, trêmula.

A pata tinha desaparecido. A tatuagem pairava como uma impressão em todo o céu, mas sumia devagar enquanto ela observava. Um movimento atraiu seu olhar para baixo: Baudin. Ele estava de joelhos, com as mãos pressionadas contra os lados da cabeça. O bandido se aprumou devagar, com lágrimas de sangue preenchendo as linhas de seu rosto.

O chão abaixo dela parecia estranhamente fluido e Felisin cambaleou para ficar em pé. Olhou para baixo, piscando estupidamente para o mosaico de calcário. Os padrões rodopiantes da tatuagem ainda tremiam, ondulando de dentro para fora a partir de seus sapatos, enquanto ela buscava equilíbrio. *As rachaduras, as tatuagens... Desceram e desceram, desceram tudo. É como se*

eu estivesse sobre uma cama de pregos com 5 quilômetros de altura e cada um fosse mantido em pé apenas pelos que o cercam. Você veio do abismo, Fener? Dizem que seu Labirinto sagrado faz fronteira com o próprio Caos. Fener? Você está entre nós agora? Ela se virou para encontrar os olhos de Baudin, embotados pelo choque, embora Felisin conseguisse detectar os primeiros traços de medo queimando lá dentro.

– Queríamos a *atenção* de um deus – disse ela. – Não o próprio deus. – Um tremor se apossou dela. Ela se abraçou, forçando mais palavras para fora: – E ele *não queria vir!*

A hesitação de Baudin foi momentânea. Depois, ele rodou os ombros no que poderia ter sido um gesto de descaso.

– Ele se foi agora, não foi?

– Tem certeza disso?

O bandido não sentiu a necessidade de responder, olhando para Heboric em vez disso. Depois de um momento de contemplação, disse:

– Ele está respirando de maneira uniforme agora. Não tão seco. Algo aconteceu.

Ela deu um sorriso de escárnio.

– O prêmio por ter escapado por um triz de ser esmagado.

Baudin grunhiu e sua atenção de repente se focou em outra coisa. Ela seguiu o olhar dele. A poça de água tinha sumido, esgotada até restar apenas um tapete de cadáveres de moscas-do-lixo. Felisin rosnou uma risada.

– Recebemos algum tipo de salvação aqui.

Heboric se encolheu devagar, até virar uma bola.

– Ele está aqui – sussurrou o velho.

– Nós sabemos – disse Baudin.

– No reino mortal... – continuou o ex-sacerdote, depois de um momento.
– Vulnerável.

– Você está encarando isso do jeito errado – disse Felisin. – O deus que você não adora mais arrancou suas mãos. Então agora você o puxou para baixo. Não mexa com os mortais.

Heboric se sentiu apunhalado, fosse pelo tom frio de Felisin ou pelas palavras brutais dela. Ele se esticou, ergueu a cabeça, depois se sentou. Seu olhar encontrou o da garota.

– Saindo da boca de bebês – disse, com um sorriso que não transparecia nenhum humor.

– Então ele está aqui – disse Baudin, olhando ao redor. – Como um deus consegue se esconder?

Heboric ficou em pé.

– Eu daria o que sobrou do meu braço para examinar uma mesa do Baralho agora. Imagine o turbilhão entre os Ascendentes. Isso não é uma visita oculta pelas moscas, não é um puxão ou um arranhão nos fios de poder. – Ergueu os braços, franzindo a testa na direção dos cotos. – Faz anos, mas os fantasmas voltaram.

Observar a confusão de Baudin já era um esforço.

– Fantasmas?

– As mãos que não estão aqui – explicou Heboric. – Ecos. Suficientes para levar um homem à loucura. – Ele se sacudiu. – Me sinto melhor.

– Você parece, mesmo – disse Baudin.

O calor aumentava. Em uma hora, iria ficar insuportável.

Felisin fechou a cara.

– Curado por um deus que o rejeitou. Não importa. Se ficarmos em nossas tendas hoje, estaremos fracos demais para fazer qualquer coisa quando chegar o crepúsculo. Temos de andar agora. Até a próxima fonte de água. Se não fizermos isso, vamos morrer.

Mas vou viver mais que você, Baudin. O suficiente para enfiar uma adaga em você.

Baudin pôs a mochila nas costas. Felisin foi atrás dele. *Um deus espreita o reino mortal, mas está com medo. Ele tem um poder inimaginável, mas se esconde. E, de algum modo, Heboric encontrou forças para resistir a tudo o que tinha acontecido. E ele é o responsável. Isso deveria tê-lo destruído, despedaçado sua alma. Em vez disso, ele se curva. Seu muro de cinismo*

poderia resistir a tamanho cerco por muito mais tempo? O que ele tinha feito para perder as mãos, afinal?

Ela tinha a própria perturbação interior com que lidar. Seus pensamentos ocupavam cada câmara de sua mente. Ainda previa assassinato, mas sentia uma onda vagamente zombeteira de companheirismo por seus dois companheiros. Queria fugir deles, sentindo que a presença de ambos era um vórtice que a arrastaria para a loucura e a morte, mas sabia que também dependia deles.

Heboric falou, atrás dela:

– Vamos alcançar a costa. Estou sentindo cheiro de água. Perto. Para a costa, e, quando chegarmos lá, Felisin, você vai descobrir que nada mudou. Nada mesmo. Entende o que quero dizer?

Ela sentia mil significados nas palavras dele, mas não entendeu nenhum.

Mais adiante, Baudin soltou um grito de surpresa.

Os pensamentos do trell Mappo viajaram quase 4.500 quilômetros para oeste, para um anoitecer não diferente daquele, mas dois séculos antes. Viu a si mesmo atravessando uma planície de relva da altura do peito, mas a relva estava revestida, carregada do que parecia ser graxa, e, enquanto ele andava, a terra sob suas botas de couro mudava constantemente, se empinando. Ele já tinha vivido séculos, casado com a guerra, no que se tornara um ciclo repetitivo de pilhagens, contendas e sacrifícios de sangue diante do deus da honra. Uma brincadeira juvenil, da qual se cansara havia muito tempo. Ainda assim, ele continuava, como preso a uma única árvore, mas apenas porque se acostumara ao cenário ao redor dela. Julgava incrível o que a inércia era capaz de tornar suportável. Alcançara um ponto em que qualquer coisa estranha, desconhecida, trazia medo. Mas, ao contrário de seus irmãos e irmãs, Mappo não conseguiu domar esse medo por toda a duração de sua vida. Apesar disso, esse mesmo terror que se aproximava agora tinha sido necessário para afastá-lo daquela única árvore, à força.

Era jovem quando saía da cidade de comerciantes que costumava ser seu lar. Como tantos outros de sua idade naquela época, ele acabou passando por uma reviravolta febril, rejeitando, então, a paralisia deteriorada das cidades trellianas e as práticas dos guerreiros anciãos, que haviam se tornado mercadores e agora trocavam bhederins, cabras e ovelhas, revivendo suas lutas em incontáveis tabernas e bares. Mappo abraçou os caminhos errantes ancestrais, sofrendo de bom grado a iniciação em um dos clãs do interior, que conservavam o estilo de vida tradicional.

As correntes de suas convicções, mantidas por centenas de anos, tinham sido finalmente rompidas, de um modo que o trell jamais poderia ter previsto.

Suas lembranças permaneciam afiadas e, em sua mente, ele atravessou a planície mais uma vez. Viu as ruínas da cidade de comerciantes em que nascera. Um mês se passara desde sua destruição. Os corpos de quinze mil mortos – aqueles que não haviam sido queimados nos incêndios furiosos – já haviam sido limpos pelos necrófagos da planície. Ele tinha voltado para casa e encontrado apenas ossos esbranquiçados pelo sol, fragmentos de roupas e tijolos destruídos pelo calor.

As mulheres ombreiras de seu clã adotivo tinham adivinhado a história a partir dos ossos achatados que queimavam, como os Inominados haviam previsto meses antes. Apesar de os trells das cidades terem se tornado estranhos para todos, ainda eram família. Entretanto, a tarefa que permanecia não era a vingança. E essa decisão silenciou muitos companheiros que, como Mappo, haviam nascido na cidade destruída. Não, todas as ideias de vingança deveriam ser purgadas naquele escolhido para a tarefa. Tais foram as palavras dos Inominados, que previram aquele momento.

Mappo ainda não entendia por que tinha sido ele o escolhido. Acreditava não ser diferente de seus companheiros guerreiros. A vingança era alimento. Mais do que carne e água, era a própria razão de comer e beber. O ritual de purificação destruiria tudo o que ele era. *Você será como couro não tingido,*

Mappo. O futuro oferecerá o próprio roteiro, escrevendo e dando forma à sua história, de maneira nova. O que foi feito à cidade de nossos familiares nunca deverá acontecer outra vez. Você garantirá isso. Entendeu?

Expressões de terrível necessidade. Mesmo assim, sem a horrenda destruição de sua cidade natal, Mappo teria desafiado a todos. Caminhara pelo mato da rua principal, com seu tapete rebelde de ervas daninhas e raízes, e testemunhara o brilho dos ossos clareados pelo sol a seus pés.

Perto do círculo do mercado, encontrou um Inominado aguardando por ele, parado no centro da clareira, com vestes cinzentas desbotadas esvoaçando ao vento da pradaria, com o capuz para trás para revelar o semblante rígido de uma mulher. Olhos pálidos encontraram os seus quando Mappo se aproximou. O cajado que ela segurava em uma das mãos parecia se contorcer.

– Não vemos em anos – sibilou ela.

– Mas em séculos – replicou Mappo.

– Está certo. Agora, guerreiro, você deve aprender a fazer o mesmo. Seus anciãos decretarão assim.

O trell olhou ao redor devagar, semicerrando os olhos na direção das ruínas.

– Passa mais a sensação de um exército de ladrões. Dizem que essas forças existem ao sul de Nemil...

O sorriso zombeteiro dela o surpreendeu, com seu desprezo desvelado.

– Um dia ele voltará a sua casa, como você fez aqui e agora. Até lá, você deve...

– Por que eu, maldição? – perguntou. A resposta dela foi um leve dar de ombros. – E se eu desafiar vocês?

– Até isso, guerreiro, exigirá paciência.

Ela ergueu o cajado, então, e o gesto atraiu o olhar de Mappo. A madeira, que se contorcia e se deformava, pareceu estender mãos famintas na direção do trell, crescendo, preenchendo o mundo até ele ficar perdido em um emaranhado tortuoso.

– Estranho como uma terra pela qual nunca viajamos pode parecer tão familiar.

Mappo piscou; as lembranças se espalharam ao som daquela voz baixa e conhecida. Ele olhou para Icarium.

– Mais estranho ainda é como os olhos da mente conseguem viajar tão rápido para tão longe e, mesmo assim, voltar em um instante.

O jhag sorriu.

– Com esse olho você pode explorar o mundo inteiro.

– Com esse olho você pode fugir dele.

O olhar de Icarium se estreitou ao vasculhar a área suja de destroços no deserto abaixo deles. Haviam escalado um tel para enxergar o caminho à frente.

– Suas lembranças sempre me fascinam, já que as minhas parecem tão poucas, e mais ainda porque você sempre relutou em compartilhá-las comigo.

– Estava me lembrando de meu clã – disse Mappo, dando de ombros. – São surpreendentes as coisas triviais de que uma pessoa acaba sentindo falta. A época de nascimento dos rebanhos, o modo como separávamos os fracos, numa concordância tácita com os lobos das planícies. – Ele sorriu. – A glória que ganhei quando me esgueirei para o acampamento de um bando de salteadores e quebrei as pontas das facas de cada guerreiro, depois saí de mansinho sem ninguém acordar. – Ele suspirou. – Levei aquelas pontas em uma bolsa por anos, presas ao meu cinto de guerra.

– O que aconteceu com elas?

– Foram roubadas de volta por uma batedora mais esperta. – O sorriso de Mappo aumentou. – Imagine a glória *dela*.

– Foi tudo o que ela roubou?

– Ah, me deixe com alguns segredos, amigo. – O trell se levantou, limpando areia e poeira de suas calças de couro. Depois de uma pausa, disse: – A tempestade de areia, aliás, aumentou um terço desde que paramos.

Com as mãos na cintura, Icarium examinou o paredão escuro dividindo

a planície.

– Acredito que ela esteja mais perto, também. Nascida de feitiçaria, talvez do sopro da própria deusa, e sua força ainda está crescendo. Consigo senti-la estendendo a mão para nós, a fim de nos alcançar.

– É. – Mappo assentiu, suprimindo um calafrio. – Surpreendente, supondo que Sha'ik esteja mesmo morta.

– A morte dela pode ter sido necessária – disse Icarium. – Afinal de contas, carne mortal seria capaz de comandar tal poder? Um ser humano vivo pode continuar assim sendo um portal entre Dryjhna e este reino?

– Você acha que ela se tornou uma Ascendente? E que, ao fazer isso, deixou carne e ossos para trás?

– É possível.

Mappo ficou em silêncio. As possibilidades se multiplicavam a cada vez que conversavam sobre Sha'ik, o Furacão e as profecias. Juntos, ele e Icarium semeavam a própria confusão. *E a quem isso serve?* O rosto sorridente de Iskaral Pust apareceu em sua mente. A respiração sibilou por entre seus dentes.

– Estamos sendo manipulados – grunhiu. – Consigo sentir isso. Farejar.

– Notei que você eriçou os pelos – disse Icarium, com um sorriso macabro. – Quanto a mim, acabei me tornando insensível a esse tipo de impressão; eu me senti manipulado a vida inteira.

O trell se sacudiu a fim de disfarçar ter se encolhido.

– E quem estaria fazendo isso? – perguntou Mappo, baixo.

O jhag deu de ombros, olhando para o chão, com as sobrancelhas arqueadas.

– Parei de me perguntar isso há muito tempo, amigo. Vamos comer? A lição aqui é que ensopado de carneiro tem um gosto superior ao da doce curiosidade.

Mappo observou as costas de Icarium enquanto o guerreiro caminhava até o acampamento. *Mas e quanto à doce vingança, amigo?*

Cavalgavam pela estrada antiga, importunados por rajadas banshee de vento carregado de areia. Até o castrado gral cambaleava de exaustão, mas Violinista não tinha mais opções. Não possuía respostas para o que estava acontecendo.

Em algum lugar em meio às ondas impenetráveis de areia, à direita, uma batalha estava prestes a acontecer. Estava próxima... *soava* próxima, mas eles não viam sinal dos combatentes e Violinista também não pretendia ir investigar. Em seu medo e exaustão, tinha chegado a uma convicção febril e aterrorizada de que permanecer na estrada era tudo o que os mantinha vivos. Se a deixassem, seriam despedaçados.

Os sons de batalha não eram de aço colidindo, nem de gritos de homens à beira da morte. Os sons eram de feras: rugidos, estalidos, rosnados, sons agudos de terror, dor e fúria selvagem. Nada humano. Poderia haver lobos no combate invisível, mas outras gargantas completamente diferentes contribuía com a própria participação frenética. Os gemidos nasais de ursos, o sibilar de grandes felinos e outros sons, reptilianos, aviários, símios. *E demônios. Não posso me esquecer daqueles latidos demoníacos... Os pesadelos do próprio Encapuzado não poderiam ser piores.*

Violinista cavalgava sem rédeas. Ambas as mãos agarravam o cabo cheio de areia de sua besta, engatilhada e armada com uma seta-flamejante. Estivera assim desde que o conflito tinha começado, *dez horas antes*. A corda de tripa torcida já estava gasta àquela altura, ele bem sabia. O fato de o aço estar mais escancarado que o normal lhe informava isso. A seta não voaria longe e seu voo seria suave. Mas não é necessário nem precisão nem distância para que a flamejante seja eficaz. E Violinista lembrava constantemente dessa potencial eficácia, sempre que pensava que derrubar sem querer a arma os engolfaria, ele e o cavalo, num incêndio feroz. E esse pensamento lhe ocorria a cada vez que suas mãos doloridas e escorregadias por causa do suor deixavam a arma deslizar um pouquinho.

Não conseguiria seguir assim por muito tempo. Com um único olhar por sobre o ombro, viu Apsalar e Crokus ainda perto, com seus cavalos já

além do limite da recuperação, correndo até a vida deixar seus corpos. Não demoraria muito agora.

O castrado gral relinchou e se desviou para o lado. De repente, Violinista foi banhado em líquido quente. Piscando e xingando, ele sacudiu o fluido dos olhos. *Sangue. Uma fonte de sangue jorrando. Ah, coisa odiosa, nascida de Fener e amaldiçoada pelo Encapuzado!* Vinha da impenetrável barreira de areia ao vento. *Alguma coisa se aproximou. E alguma outra coisa a impediu de chegar mais perto. Pela bênção da Rainha, que Abismo está acontecendo?*

Crokus gritou. Violinista olhou para trás a tempo de vê-lo pular de sua montaria, que desabou. As pernas da frente do animal se curvaram embaixo dele. Ele viu o queixo do cavalo atingir rápido o calçamento, deixando uma mancha de sangue e baba. A criatura deu um tranco com a cabeça, numa última tentativa de se recuperar, mas depois rolou, as pernas chutando o ar por um momento antes de finalmente cederem e ficarem imóveis.

O sapador soltou a mão da besta, pegou as rédeas e fez seu cavalo parar. Deu a volta, ainda que o animal hesitasse.

– Jogue fora as tendas! – gritou para Crokus, que estava em pé. – Essa é a montaria de reserva mais descansada. Rápido, cacete!

Agarrada à sela, Apsalar se aproximou.

– É inútil – disse ela, com os lábios rachados. – Temos que parar.

Rosnando, Violinista olhou feio para os lençóis de areia cortante. A batalha se aproximava. O que quer que estivesse segurando a luta começava a ceder. Viu uma forma gigantesca surgir e depois sumir de novo com a mesma rapidez. Parecia que leopardos cavalgavam seus ombros. De um dos lados, quatro formas imensas apareceram, bem abaixadas, deslizando para a frente, negras e silenciosas.

Violinista virou a besta e atirou. A seta atingiu o chão a meia dúzia de passos das quatro feras. Línguas de labaredas as tomaram de assalto. As criaturas ganiram.

Ele não perdeu tempo assistindo: puxou outra seta qualquer do rígido estojo preso à sela. No início, tinha apenas uma dúzia de setas de munição

moranthiana. Agora só restavam nove, e apenas uma condenadora. Deu uma olhada na seta, outra flamejante, enquanto armava a besta e voltou a vasculhar a agitada cortina de areia, deixando as mãos trabalharem guiadas pela memória.

Havia formas visíveis lampejando como fantasmas granulados. Uma dúzia de répteis alados, do tamanho de cachorros, apareceu 10 metros acima, subindo numa coluna de ar. *Esanthan'el. Pelo sopro do Encapuzado, são d'ivers e soletaken!* Uma coisa imensa em forma de capa se abateu sobre os esanthan'el, engolfando-os.

Crokus esquadrinhava freneticamente uma mochila, à procura da espada curta que tinha comprado em Ehrlitan. Apsalar se agachou ao lado dele, com os punhais brilhando nas mãos, enquanto observava a estrada.

Violinista estava prestes a gritar que o inimigo se encontrava à esquerda dela quando percebeu que ela já tinha visto. Três caçadores grais cavalgavam ombro a ombro em disparada, a menos de uma dúzia de passos da localização do grupo, com as lanças abaixadas.

A distância era pequena demais para um disparo seguro. O sapador só pôde assistir aos guerreiros se aproximarem. O tempo pareceu passar mais devagar enquanto Violinista encarava a cena, incapaz de intervir. Um urso gigantesco saltou da beira da estrada, colidindo com o cavaleiro gral da esquerda. O soletaken era tão grande quanto o cavalo que derrubou. Suas mandíbulas se fecharam sobre a cintura do guerreiro, entre as costelas e os quadris, e os caninos afundaram até o outro lado. Era como se as mandíbulas se apertassem sem esforço. Bile e sangue jorraram pela boca do guerreiro.

Apsalar saltou sobre os outros dois homens, dardejando por debaixo das pontas das lanças, com ambas as facas estocando para cima e para a frente enquanto ela deslizava entre os dois cavalos. Nenhum dos grais teve tempo de se defender. Em um reflexo espelhado, cada lâmina sumiu sob a caixa torácica dos homens: a da esquerda encontrou um coração e a da direita rompeu um pulmão.

Então ela avançou, deixando ambas as armas para trás. Um mergulho e

um rolamento por sobre o ombro evitaram a lança de um quarto cavaleiro, que Violinista não tinha visto antes. Em um único movimento fluido, Apsalar ficou em pé e saltou com uma surpreendente onda de força; de repente, estava sentada atrás do gral, fechando o braço direito ao redor da garganta dele e estendendo o esquerdo por baixo da cabeça do homem, enfiando fundo um dedo em cada olho, depois puxando de volta a tempo de passar a pequena faca que aparecera de súbito em sua mão direita pela garganta exposta do guerreiro.

A atenção de Violinista foi atraída por alguma coisa grande e escamada que chicoteou seu rosto, arremessando-o da sela e fazendo a besta voar de suas mãos. Ele atingiu a superfície da estrada, numa explosão de dor. Costelas estalaram; as extremidades partidas foram moídas e rasgaram a carne quando ele rolou sobre a barriga. Qualquer tentativa de se levantar se tornou inútil quando uma batalha feroz ganhou vida logo acima dele. Com as mãos atrás da cabeça, Violinista se encolheu o máximo possível, desejando ser ainda menor. Cascos ossudos o agrediram, pés com garras rasgaram sua cota de malha e devastaram suas coxas. Um impacto repentino esmagou seu tornozelo esquerdo, girando sobre o que tinha sobrado antes de se afastar.

Ouviu seu cavalo gritando, não de dor, mas de medo e fúria. Os cascos do castrado colidiram com algo sólido e a mente de Violinista foi brevemente tomada por um lampejo de satisfação, em meio à dor que o inundava.

Um corpo imenso martelou o chão ao lado do sapador, rolando até pressionar o flanco escamado contra ele. Violinista sentiu os músculos da fera se contorcerem, enviando calafrios de empatia a seu corpo igualmente agredido.

Os sons da batalha haviam cessado. Restavam apenas o gemido do vento e o sibilar da areia. Violinista tentou se sentar, mas descobriu que mal conseguia erguer a cabeça. Era uma cena de carnificina. Imediatamente à sua frente, ao alcance do braço, estavam as quatro patas trêmulas de seu cavalo.

De um dos lados jazia sua besta, sem a flamejante. A arma devia ter disparado ao atingir o chão, catapultando a seta mortal para dentro da tempestade. Adiante estava o gral esfaqueado no pulmão, tossindo sangue. Em pé diante dele, aparentemente reflexiva, estava Apsalar, com a faca de assassino frouxa na mão. Cerca de dez passos depois dela, viam-se as costas maciças do urso soletaken, ondulando enquanto a fera rasgava a carne do cavalo que tinha derrubado. Crokus também surgiu; tinha encontrado sua espada curta, mas não chegara a tirá-la da bainha. Violinista sentiu uma onda de compaixão ao ver a expressão no rosto do moleque.

O sabotador estendeu um braço para trás, gemendo pelo esforço. Sua mão encontrou o couro escamado e se apoiou sobre ele. Os espasmos haviam cessado.

O urso rugiu, repentinamente alarmado. Violinista girou a tempo de ver a fera disparar dali. *Ah, Encapuzado, se ele está fugindo...*

O tremor das pernas do cavalo de Violinista aumentou, deixando-as quase embaçadas aos olhos do sapador. No entanto, o animal não correu, indo apenas se interpor entre ele e o que quer que estivesse se aproximando. O gesto destruiu o coração do homem.

– Cacete, bicho! – rosnou ele. – Saia daqui!

Apsalar recuava, indo na direção dele. Crokus estava imóvel; a espada caíra da mão do rapaz sem que ele se desse conta.

Violinista, então, viu o recém-chegado. *Os recém-chegados.* Como um tapete negro, fervilhante e rugoso, o d'ivers rolou por sobre os paralelepípedos da estrada. *Ratos, centenas. Mas um só. Centenas? Milhares. Ah, Encapuzado, eu conheço este...*

– Apsalar!

Ela olhou para ele, inexpressiva.

– Na bolsa da minha sela – disse o sapador. – Uma condenadora...

– Não é o bastante – retrucou ela friamente. – É tarde demais.

– Não eles. Nós.

A reação de Apsalar foi uma piscada lenta. Depois ela foi até o castrado.

A voz de um estranho se ergueu sobre o vento uivante:

– Gryllen!

Sim, esse é o nome do d'ivers. Gryllen, também conhecido como a Maré da Loucura. Expulso de Y'ghatan no incêndio. Ah, ele veio dar uma passadinha aqui, não veio?

– Gryllen! – berrou a voz outra vez. – Saia daqui, d'ivers!

Pernas cobertas por couro surgiram. Violinista olhou para cima e viu um homem extraordinariamente alto, esguio, vestindo uma telaba tanna desbotada. Sua pele tinha uma cor entre o cinza e o verde e ele segurava nas mãos de dedos compridos um arco curvo e uma flecha envolta em runas, pronta para disparar. Seu cabelo cinzento e comprido exibia restos de tinta preta, fazendo sua juba parecer manchada. O sapador viu pontas irregulares de presas inchando a linha do fino lábio inferior. *Um jhag. Não sabia que viajavam tão para leste. Por que, em nome do Encapuzado, eu deveria me importar com isso, não sei.*

O jhag deu outro passo na direção da massa agitada de ratos, que agora cobria o que sobrara do cavalo e do cavaleiro mortos pelo urso. Então ele pousou a mão no ombro da égua. O tremor parou. Apsalar recuou, observando o estranho com cautela.

Gryllen hesitava e Violinista não conseguia acreditar em seus olhos. Olhou mais uma vez para o jhag. Outra figura tinha aparecido ao lado do arqueiro alto. Era baixa e larga como uma máquina de cerco, com a pele de um tom marrom-escuro e quente e o cabelo preto trançado e cheio de amuletos. Seus caninos eram ainda maiores que os do companheiro e pareciam muito mais afiados. *Um trell. Um jhag e um trell. É o suficiente para fazer soar uma torre de sinos, se eu ao menos conseguisse atravessar a dor e pensar um pouco mais nisso.*

– Sua presa fugiu – disse o jhag a Gryllen. – Estas pessoas aqui não estão em busca do Caminho das Mãos. Além disso, agora estão sob minha proteção.

Os ratos sibilaram e chilrearam com um rugido ensurdecedor,

avançando ainda mais na estrada. Olhos cor de poeira brilharam na tempestade fervilhante.

– Não teste minha paciência – disse o jhag, devagar.

Mil corpos se encolheram. A maré recuou, como uma onda de pelagem oleosa. Um momento depois, os ratos haviam partido.

O trell se agachou ao lado de Violinista.

– Você vai viver, soldado?

– Parece que vou precisar – replicou o sapador. – Nem que seja para entender o que aconteceu aqui. Eu deveria conhecer vocês dois, não deveria?

O trell deu de ombros.

– Consegue ficar em pé?

– Vamos ver.

Violinista puxou um braço para baixo do corpo, ergueu-se 2 centímetros e, depois, não viu mais nada.

CAPÍTULO 8

Diz-se que, na noite do retorno de Kellanved e Dançarino, a cidade de Malaz era um turbilhão de feitiçaria e de visitações horrendas. Não é difícil encontrar alguém que acredite que os assassinatos tenham sido um negócio desorganizado e confuso, e que as noções de sucesso e fracasso dependam da perspectiva adotada...

Conspirações no Império, Heboric

Coltaine tinha pegado todos de surpresa. Ordenara que os soldados de infantaria do Sétimo guardassem a coleta da água da nascente de Dryj e então guiara seus wickanos para dentro do Odhan. Duas horas depois do pôr do sol, os homens das tribos tithanas, que vinham a pé puxando seus cavalos pelas rédeas havia mais de 5 quilômetros a partir do oásis, a fim de descansá-los, de repente se viram no meio de uma torrente de ferraduras fechando o cerco. Poucos conseguiram montar e menos ainda foram capazes de entrar em formação para enfrentar o ataque. Embora superassem os wickanos em sete para um, estavam divididos, e cem deles morreram para cada guerreiro de Coltaine que caiu. Em duas horas, o massacre estava completo.

Seguindo para o sul em direção ao oásis, Duiker tinha visto ao longe o brilho dos carroções tithanos queimando, à sua direita. Foi necessário um longo tempo até que ele entendesse o que estava acontecendo. Não fazia sentido ir até aquela conflagração. Os wickanos carregavam o sangue da matança e não parariam para pensar antes de derrubá-lo também. Em vez disso, Duiker virou a montaria para nordeste e cavalgou em galope brando

até alcançar o primeiro dos tithanos fugitivos, de quem acabou ouvindo a história.

Os wickanos eram demônios. Sopravam fogo. Suas flechas se multiplicavam magicamente em pleno voo. Seus cavalos lutavam com inteligência sobrenatural. Um Ascendente mezla tinha sido conjurado e enviado às Sete Cidades, onde agora enfrentava a deusa do Furacão. Os wickanos não podiam ser mortos. A próxima aurora jamais chegaria.

Duiker abandonou o homem para qualquer que fosse o destino que o aguardava e voltou à estrada, retomando a jornada até o oásis. Tinha perdido duas horas, mas conseguira informações inestimáveis em meio aos delírios horrorizados do desertor tithano.

O historiador percebeu, enquanto continuava a cavalgar, que aquele era mais do que o contra-ataque de uma fera ferida e atormentada. Coltaine claramente não via a situação daquela maneira. Talvez nunca tivesse visto. O Punho estava conduzindo uma campanha. Estava empreendendo uma guerra, não uma fuga em pânico. *Seria melhor que os líderes do Apocalipse reorganizassem suas estratégias, caso queiram manter qualquer esperança de lutar contra as presas dessa serpente. Mais do que isso: seria melhor que abandonassem a ideia – evidentemente já incontável – de que os wickanos são mais do que apenas humanos. E isso é mais fácil falar do que fazer.*

Kamist Reloe ainda possuía números superiores, mas a qualidade das tropas começava a fazer a diferença. Os wickanos de Coltaine eram disciplinados e violentos, e o Sétimo era uma força experiente, que o próprio novo Punho se dera ao trabalho de preparar para aquele tipo de guerra. Ainda havia a probabilidade de que as forças malazanas fossem destruídas em algum momento; se as coisas estivessem tão feias assim em outros lugares, haveria poucas esperanças para o exército abandonado e os milhares de refugiados que se agarravam a ele. *Todas essas vitórias menores podem não ganhar a guerra, considerando que os recrutas potenciais de Reloe chegam a centenas de milhares. Sha'ik pode reconhecer a ameaça que Coltaine representa e, por isso, acabar enviando todos atrás do Punho.*

Quando o pequeno oásis que cercava a nascente de Dryj surgiu em seu campo de visão, Duiker ficou chocado ao ver que quase todas as palmeiras tinham sido cortadas. Os troncos haviam sumido, deixando apenas tocos e plantas mais baixas. Fumaça pairava sobre a área de modo espectral, sob o céu que clareava. Duiker se levantou sobre os estribos, à procura de fogueiras, piquetes ou tendas de acampamento. *Nada... Talvez do outro lado da nascente...*

A fumaça ficava mais espessa conforme ele adentrava o oásis e sua montaria escolhia cuidadosamente o caminho em meio aos tocos cortados. Havia sinais por todo lado: primeiro armadilhas cavadas na areia ao lado de postos de piquetes afastados, depois sulcos profundos, onde carroças haviam sido posicionadas a fim de criar uma linha defensiva. Nos locais das fogueiras, só restavam cinzas ardentes.

Estupefato e subitamente exausto, Duiker deixou o cavalo vagar pelo acampamento abandonado. A dolina profunda do outro lado era a nascente. Tinha sido completamente esvaziada e só agora começava a se encher de novo: era uma pequena poça amarronzada, cercada por cascas de tronco de palmeira cobertas de lama e folhas podres. Até os peixes haviam sido levados.

Enquanto os cavaleiros wickanos emboscavam os tithanos, o Sétimo e os refugiados haviam deixado o oásis. O historiador lutou para compreender esse fato. Imaginou a partida: refugiados de olhos vermelhos, cambaleantes, crianças amontoadas em carroções, os olhares arrasados dos soldados veteranos que defendiam o comboio. Coltaine não tinha dado descanso a eles, nenhum intervalo para assimilar o choque, para fazer as pazes com o que tinha acontecido, com o que *estava* acontecendo. Havia chegado, despido o oásis de água e de todo o resto que pudesse ser útil e partido.

Para onde?

Duiker impeliu a montaria adiante. Chegara ao oásis pela borda sudoeste; seus olhos rastrearam a coluna larga deixada por carroções, gado e cavalos. No sentido sudeste se erguia a cordilheira desgastada dos montes de

Lador. Para oeste, as estepes tithanas. *Nada naquela direção até o rio Sekala... Longe demais para Coltaine cogitar. Se forem para nordeste, então será a vila de Manot e, depois disso, Caron Tepasi, na costa do mar Karas. Quase tão longe quanto o rio Sekala.* A trilha levava para oeste, rumo às estepes. *Pelo sopro do Encapuzado, não há nada lá!*

Parecia haver pouco sentido em tentar prever o Punho wickano. O historiador deu a volta para a nascente e desmontou, rígido, encolhendo-se ante a dor nos quadris e nas coxas e o latejar desagradável na lombar. Nem ele nem sua montaria conseguiriam continuar. Precisavam descansar, e precisavam da água adocicada do fundo da lagoa.

Tirou o saco de dormir da sela e jogou-o na areia coberta de folhas. Desengatando a correia da barriga da égua, tirou a sela rebuscada do dorso suado do animal. Então pegou as rédeas e guiou-o até a água.

A nascente tinha sido tapada com pedras, o que explicava o gotejamento vagaroso. Duiker tirou o cachecol e coou a água com o tecido para dentro de seu elmo. Deixou o animal beber primeiro, depois repetiu o processo de filtragem antes de saciar a própria sede e encher o odre.

Alimentou a égua com um saco de grãos que trouxera preso à sela, depois acariciou o animal antes de voltar a atenção à montagem de seu acampamento improvisado. Perguntou-se se algum dia se reuniria a Coltaine e ao exército; se, na verdade, estava preso em uma caça a fantasmas digna de pesadelos. *Talvez eles sejam demônios, afinal.* Duiker começava a se sentir vencido pelo cansaço.

Estendeu o saco de dormir, depois usou a telaba para se proteger, como um guarda-sol. Sem as árvores, o sol secaria aquele oásis e levaria anos para o lugar se recuperar, se é que isso aconteceria. Antes que fosse tomado pelo sono, o historiador pensou muito na guerra por vir. Cidades significavam menos que fontes de água. Os exércitos teriam de ocupar os oásis, que se tornariam tão importantes quanto ilhas em um mar vasto. Coltaine sempre estaria em desvantagem, pois cada um de seus destinos seria conhecido; iriam se preparar para cada aproximação sua... *Considerando que Kamist*

Reloe consiga chegar lá antes. Mas como ele poderia falhar nisso? Não tem milhares de refugiados para escoltar. Apesar de todas as surpresas do Punho, ele se encontrava taticamente sem muitas opções.

A pergunta que o historiador fez a si mesmo antes de adormecer tinha um brusco caráter conclusivo: por quanto tempo Coltaine conseguiria adiar o inevitável?

Acordou ao anoitecer e, vinte minutos depois, já estava na pista, um cavaleiro solitário sob uma vasta capa de moscas-do-lixo, tão espessa que obscurecia as estrelas.

Ondas rolavam sobre um recife a quase 1 quilômetro de distância, como um laço fosforescente sob o céu coberto de nuvens. O sol nasceria dentro de uma hora. Felisin estava em uma elevação coberta por relva, e dali podia ver uma vasta praia de areia branca. Ela se sentia tonta e cambaleava, enquanto os minutos passavam.

Não havia nenhum barco à vista, nenhum sinal de que alguém já tinha pisado naquele trecho da costa. Madeira de naufrágio e pilhas de algas mortas marcavam a linha da maré. Caranguejos-da-areia se arrastavam por onde quer que ela olhasse.

– Bem – disse Heboric, ao lado dela. – Pelo menos podemos comer. Quero dizer, presumindo que sejam comestíveis, e só há um modo de descobrir.

Ela o observou tirar um saco de aniagem da mochila e descer até a areia.

– Cuidado com aquelas pinças – disse a ele. – Não vamos querer perder um dedo, não é?

O ex-sacerdote riu, prosseguindo. Ela só conseguia vê-lo por causa das roupas. A pele do velho estava agora completamente preta; mal se percebiam os arabescos, mesmo de perto e à luz do dia. As mudanças visíveis se equiparavam a outras, mais sutis.

– Não pode mais magoá-lo – disse Baudin de onde estava agachado,

perto da outra mochila. – Não importa o que você diga.

– Então não tenho motivos para ficar calada – replicou ela.

Tinham água para sobreviver por mais um dia, talvez dois. As nuvens sobre o estreito prometiam chuva, mas Felisin sabia que cada promessa era uma mentira – a salvação era para os outros. Olhou ao redor mais uma vez. *Será aqui que nossos ossos descansarão, como corcundas e ondulações na areia. Então, um dia, até esses indícios sumirão. Alcançamos a costa, onde o Encapuzado nos espera, e ninguém mais. Uma jornada do espírito, tanto quanto da carne. Dou boas-vindas ao fim de ambas.*

Baudin já tinha montado as tendas e agora recolhia madeira para o fogo. Heboric voltou com o saco de aniagem preso entre os cotos. Pontas de pinças apareciam em meio à tessitura frouxa do saco.

– Isso ou vai nos matar, ou nos deixar com muita sede. Não tenho certeza do que é pior.

A água fresca estava onze horas atrás deles, em um canteiro úmido de uma depressão rasa. Tiveram de cavar 2 metros para encontrá-la, apenas para descobrir que era salobra, com gosto de ferro, difícil de engolir.

– Você realmente acredita que Duiker ainda está por aí, navegando de um lado para outro... já faz o quê, cinco dias?

Heboric se agachou, abaixando o saco.

– Ele não publica nada há anos. O que mais teria para fazer com seu tempo?

– Você acha que essa falta de seriedade é o modo apropriado para se encontrar o Encapuzado?

– Que eu saiba, não há um modo apropriado, mocinha. E, ainda que eu tivesse certeza de que a morte está mesmo vindo... o que não tenho, pelo menos não num futuro imediato... bem, ainda assim cada um de nós teria de responder a ela à sua maneira. Afinal de contas, até os sacerdotes do Encapuzado discutem qual seria a melhor forma de finalmente encarar seu deus.

– Se eu soubesse que vinha um discurso, teria ficado de boca fechada.

– Fazendo as pazes com a vida de adolescente, hein?

A carranca dela o fez rir de alegria.

As piadas favoritas de Heboric são as não intencionais. A zombaria é só a pátina do ódio, e cada risada é perversa. Ela não tinha forças para continuar retorquindo. O último a rir não será você, Heboric. Você descobrirá isso logo. Você e Baudin.

Cozinharam caranguejos num amontoado de carvão, empurrando as criaturas de volta ao calor abrasador com espetos até seus esforços cessarem. A carne branca era deliciosa, mas salgada. Um banquete generoso e uma provisão interminável, que, no entanto, poderiam se provar fatais.

Depois, Baudin recolheu mais madeira de naufrágio, com a intenção de usar uma fogueira como farol durante a noite. Enquanto isso, ao mesmo tempo que o sol rompia a linha do céu a leste, ele empilhou algas úmidas no fogo e contemplou com satisfação a coluna de fumaça que se ergueu no ar.

– Você planeja fazer isso todo dia? – perguntou Felisin.

E quanto ao sono? Preciso que você durma, Baudin.

– De vez em quando – respondeu ele.

– Não vejo motivo, com as nuvens se amontoando.

– Mas elas não se amontoaram ainda, não é? Na verdade, estão se afastando de volta para o continente.

Ela o viu avivar o fogo. Percebeu que ele tinha perdido a economia de movimentos; agora demonstrava certo desleixo, revelando o tamanho de sua exaustão, uma fraqueza que provavelmente tinha vindo com a chegada à costa. Haviam perdido controle sobre o próprio destino. *Agora, como nós, ele está dependendo de outra pessoa. E talvez tenha sido tudo em vão. Talvez devêssemos ter arriscado e ido a Doshin Pali.*

A carne de caranguejo começou a cobrar seu preço. Felisin foi tomada por ondas de sede desesperada, seguidas por câibras agudas no estômago, que se rebelava por estar cheio.

Heboric desapareceu dentro da tenda, claramente sofrendo os mesmos sintomas.

Felisin fez pouca coisa nos vinte minutos seguintes, limitando-se a enfrentar a dor e observar Baudin, desejando que ele também sofresse. Se ele teve a mesma aflição, não demonstrou. O medo que ela sentia dele aumentou.

As cãibras evanesceram, embora a sede permanecesse. As nuvens sobre o estreito recuaram e o calor do sol aumentou. Baudin jogou uma última pilha de algas no fogo, depois se aprontou para se retirar para a tenda.

– Fique com a minha – disse Felisin. Ele virou a cabeça com um tranco e seus olhos se estreitaram. – Vou me juntar a você em um momento – completou. Ele ainda a encarava, apenas. – Por que não? – rosnou ela. – Que outro tipo de fuga há? A menos que você tenha feito votos... – Ele se encolheu, quase imperceptivelmente. Felisin continuou: – Que tenha jurado a algum Ascendente que odeia sexo. Qual seria? O Encapuzado? Não seria uma surpresa! Há sempre uma pequena morte em fazer amor...

– É assim que você chama? Fazer amor? – resmungou Baudin. Ela deu de ombros como resposta. – Não sou jurado a nenhum deus.

– Foi o que você disse antes. Mas você nunca me usou, Baudin. Você prefere homens? Meninos? Ponha-me de bruços e não verá a diferença.

Ele se endireitou, ainda encarando a garota com uma expressão indecifrável. Então caminhou para a tenda. A de Felisin.

Ela sorriu para si mesma, esperou cem batidas do coração e se juntou a ele.

As mãos dele se moveram sobre ela de maneira desajeitada, como se o bandido tentasse ser gentil, mas não soubesse como. Levaram poucos momentos para tirarem os trapos que vestiam. Baudin a guiou para baixo até ela estar deitada de costas, olhando para o rosto barbado e rude dele. Seus olhos continuavam frios e impenetráveis, enquanto as mãos pegavam os seios de Felisin e os uniam.

Assim que entrou nela, sua austeridade desapareceu. Baudin se tornou algo não humano, reduzido a um animal. Ele foi brutal, mas não tanto quanto Beneth e um bom número de seus seguidores tinham sido.

Baudin acabou depressa, apoiando seu peso considerável sobre Felisin, com a respiração áspera e pesada no ouvido dela. Ela não o afastou; cada um de seus sentidos estava sintonizado à respiração dele, à contração dos músculos quando ele foi tomado pelo sono. Não esperara que Baudin se entregasse tão facilmente; não tinha previsto o desamparo em que ele se encontrava.

A mão de Felisin deslizou para a areia ao lado da tábua e procurou até sentir o cabo do punhal. Forçou a respiração a ficar mais calma, embora não pudesse fazer nada para desacelerar seu coração. Baudin dormia e não se moveu.

Felisin libertou a lâmina e, então, ajustou o ângulo a fim de virar a ponta para dentro, na direção de Baudin. Inspirou fundo e prendeu a respiração.

A mão dele pegou seu pulso no instante em que ela ia dar a punhalada. Baudin se levantou com agilidade, virando o braço de Felisin e torcendo até ela ficar de bruços sob ele. O peso do homem a prendeu no chão.

Baudin apertou o pulso de Felisin até ela soltar o punhal.

– Acha que não verifico meus equipamentos, mocinha? – sussurrou ele. – Acha que é um mistério para mim? Quem mais roubaria um dos meus punhais de degolar?

– Você abandonou Beneth para morrer.

Ela não conseguia ver o rosto dele e quase ficou feliz por isso quando ele respondeu:

– Não, mocinha. Eu mesmo matei o canalha. Torci o pescoço dele como um caniço. Ele merecia mais dor, algo mais lento, mas eu não tinha tempo para isso. Ele não merecia misericórdia, mas teve.

– Quem é você?

– Nunca comi um homem ou um garoto. Mas vou fingir. Sou bom em fingir.

– Vou gritar...

– Heboric não é do tipo que você consegue acordar com uma sacudidela. Ele sonha e se debate. Já dei um tapa nele e ele nem se mexeu. Então, grite.

Aliás, o que são gritos? Uma forma de dar voz ao sentimento de ultraje... Achei que você não tivesse mais capacidade de se sentir ultrajada, Felisin.

Ela sentiu o desamparo inundar seu corpo. *É só mais do mesmo. Posso sobreviver a isso. Posso até gostar. Se eu tentar.*

Baudin se levantou de cima dela. Ela se debateu para se virar para cima e encarou o bandido. Ele tinha pegado o punhal e agora recuava para a entrada, sorrindo.

– Sinto muito ter desapontado você, mas não estou a fim.

– Então, por que...

– Para ver se você ainda é o que era. – Ele não precisou concluir. – Durma um pouco, menina.

Sozinha, Felisin se encolheu sobre o leito e um entorpecimento a preencheu. *Para ver se você ainda... Sim, você ainda é. Baudin já sabia disso. Só queria mostrar isso a você, garota. Você pensou que o estava usando, mas ele é que estava usando você. Baudin sabia o que você tinha planejado. Pense nisso. Pense muito, e com afinco.*

O Encapuzado veio caminhando sobre as ondas, o ceifador de almas esculpidas. O deus tinha esperado o bastante; o entretenimento dado pelo sofrimento deles já tinha perdido a graça. Chegara a hora de levá-los aos Portões.

Sentindo-se queimada pelo sol e murcha como a madeira de naufrágio que havia ao seu redor, Felisin estava sentada, os olhos fixos no estreito. Nuvens tremulavam sobre a água e relâmpagos dançavam às batidas ressoantes de trovões. Espuma se erguia com ferocidade pela linha do recife, atirando explosões azuladas na escuridão.

Uma hora antes, Heboric e Baudin voltaram de sua caminhada na praia arrastando juntos a proa de um barco estilhaçado. Era velha, mas conversaram sobre construir uma jangada. A discussão trazia ares de especulação inútil, já que ninguém tinha forças para essa tarefa.

Começariam a morrer ao amanhecer, e todos sabiam.

Felisin percebeu que Baudin seria o último a perecer. A menos que o deus de Heboric retornasse para pegar seu filho desobediente. Felisin finalmente começou a acreditar que seria a primeira. Sem nenhuma vingança concluída: nem contra Baudin, nem contra sua irmã Tavore, nem contra todo o Império malazano, pervertido pelo Encapuzado.

Uma estranha onda de relâmpagos saltou do outro lado dos vagalhões que martelavam o recife. A onda se avolumava, se revirando e assentando como se estivesse envolta em um tronco com muitos quilômetros de comprimento e trinta passos de largura. As lanças crepitantes atingiam os lençóis de espuma com um sibilar ressequido. Um trovão atingiu a praia com força suficiente para fazer a areia estremecer. Os relâmpagos se aproximaram, bem na direção deles.

Heboric logo apareceu ao lado dela, com o rosto de sapo rachado em uma careta de medo.

– Isso é feitiçaria, menina! Corra!

A risada de Felisin soou como um latido áspero. Ela não se mexeu.

– Vai ser rápido, velho!

O vento uivou.

Heboric girou para mirar a onda que se aproximava. Rosnou um xingamento, que foi levado pelo rugido crescente, e se interpôs entre Felisin e a feitiçaria. Baudin se agachou ao lado dela, com o rosto iluminado por um brilho azul que se intensificava conforme os relâmpagos alcançavam a costa, até se abater sobre eles.

A coisa se rompeu ao redor de Heboric como se ele fosse um pináculo de rocha. O velho cambaleou e suas tatuagens assumiram o aspecto de arabescos de fogo, brilhando intensamente para depois sumirem.

A feitiçaria tinha desaparecido. Apesar de toda a ameaça, se desfez depressa em toda a extensão da praia.

Heboric afundou, caindo de joelhos na areia.

– Não eu – disse, no silêncio repentino. – Otataral. É claro. Nada a temer.

Nada mesmo.

– Ali! – gritou Baudin.

Um barco de alguma maneira tinha atravessado os recifes e agora corria na direção deles, com sua única vela em chamas. A feitiçaria apunhalava a embarcação por todos os lados como um conjunto de víboras, sumindo à medida que o barco se aproximava da costa. Um momento mais tarde, a embarcação arranhou o fundo na areia e parou, inclinando-se para um lado ao se assentar. Duas figuras apareceram nos cordões, cortando a vela em chamas. O tecido voou para baixo como uma asa de fogo, instantaneamente extinguida ao atingir a água. Dois outros homens saltaram e atravessaram a vau até a praia.

– Qual deles é Duiker? – perguntou Felisin.

Heboric balançou a cabeça.

– Ninguém, mas o da esquerda é um mago.

– Como você sabe?

Ele não respondeu.

Os dois homens se aproximaram rápido, ambos cambaleando de exaustão. O mago, um homem pequeno de rosto vermelho vestindo uma capa chamuscada, foi o primeiro a falar, em malazano:

– Graças aos deuses! Precisamos da sua ajuda.

Em algum lugar do outro lado do recife, esperava um mago desconhecido. Era um homem sem ligação com a rebelião, um estranho preso no próprio pesadelo. Como o vórtice de uma tempestade selvagem, tinha se erguido do fundo no segundo dia da viagem. Kulp nunca sentira tamanha força, irrefreável. E justamente a ferocidade do poder tinha salvado a todos quando a loucura que tomou o feiticeiro rasgou e esfolou seu Labirinto. Não havia controle; as feridas do Labirinto jorravam, os ventos uivavam com os próprios guinchos do mago.

A embarcação *Ripath* foi sacudida como um pedaço de casca de tronco

na correnteza rumo a uma cascata na montanha. Primeiro, Kulp lutou contra as ilusões, acreditando que ele e seus companheiros eram o objeto da fúria do mago, mas logo ficou claro que o controlador insano os ignorava, lutando uma batalha completamente diferente. Kulp contraiu o próprio Labirinto de modo a formar uma concha protetora ao redor do *Ripath*. Depois, enquanto Gesler e seus tripulantes lutavam para manter o barco flutuando, ele se agachou para resistir ao ataque.

A feitiçaria, desencadeada instintivamente, os caçava e nenhuma ilusão seria capaz de enganar algo tão fora de controle. Eles haviam se tornado um ímã; os ataques eram intermináveis e sua força oscilava impetuosamente, golpeando Kulp de maneira impiedosa por dois dias e duas noites.

Foram arrastados para oeste, na direção das costas de otataral. O poder do mago atingiu a costa com pouco efeito e Kulp finalmente começou a entender: a mente do mago devia ter sido destruída pelo otataral. Provavelmente um minerador fugitivo, um prisioneiro de guerra que tinha escalado os muros apenas para descobrir que levava sua prisão consigo. Ao perder controle sobre seu Labirinto, acabou controlado por ele. O Labirinto crescia com poder muito superior àquele que o próprio mago já tinha controlado.

A percepção deixou Kulp horrorizado. A tempestade ameaçava jogá-los direto naquela costa. O mesmo destino aguardava por ele?

As habilidades de Gesler e de sua tripulação preveniram que o *Ripath* atingisse o recife. Por onze horas, conseguiram velejar paralelamente às rochas afiadas como lâminas, sob o quebrar das ondas.

Na terceira noite, Kulp sentiu uma mudança. A costa à direita deles – que ele vinha sentindo como um muro impenetrável de negação, com a presença exangue de otataral – de repente... *abrandou*. Um poder residia lá, contundindo a vontade do minério que embotava magia, empurrando seu efeito para longe, por todos os lados.

Havia um talho no recife, que Kulp concluiu ser sua única chance. Levantando-se de onde se mantinha agachado, à meia-nau, gritou para

Gesler. O cabo entendeu no mesmo instante o que ele queria dizer, com um alívio desesperado. Perdiam a batalha para a exaustão, para a pressão esmagadora de assistir à feitiçaria correr para eles, apenas observando a magia protetora de Kulp... Uma proteção que, como podiam ver, enfraquecia a cada tentativa.

Outro ataque veio, minando a resistência de Kulp, enquanto tentavam passar por entre os vagalhões recortados. Chamas envolveram o traquete, as cordas, o barco. Se algum dos homens estivesse seco, teria se tornado um farol de fogo. No entanto, a feitiçaria os varreu numa onda de vapor sibilante e se foi, atingindo a costa e subindo pela praia até se apagar.

Kulp tinha esperanças de que o efeito estranhamente amortecido naquela parte da praia estivesse de alguma forma relacionado ao homem que deveria encontrar ali, e não ficou surpreso ao ver três figuras emergirem da escuridão além da praia. Exaurido como estava, algo no modo como os três se encontravam um perto do outro fez soar o alarme em sua cabeça. As circunstâncias os haviam forçado a ficarem juntos, e elas não costumam ter apreço pelos laços de amizade. Mas era mais do que isso.

O chão imóvel sob seus pés o deixou tonto. Quando o olhar cansado de Kulp recaiu sobre o sacerdote sem mãos, uma onda de alívio o percorreu e não houve nada irônico em seu pedido de ajuda.

O ex-sacerdote respondeu com uma risada seca.

– Pegue água para eles – disse o mago para Gesler.

O cabo tirou os olhos de Heboric com dificuldade, depois assentiu e deu meia-volta. Verdade tinha se virado para inspecionar o casco do *Ripath*, à procura de danos, enquanto Tempestade se mantinha empoleirado na proa, com a besta no colo. O cabo gritou por um dos tonéis de água. Verdade trepou de volta para dentro do barco para buscar.

– Onde está Duiker? – perguntou Heboric.

Kulp franziu o cenho.

– Não tenho certeza. Nós nos separamos na vila ao norte de Hissar. O Apocalipse...

– Sabemos. Dossin Pali estava em chamas na noite em que escapamos da mina.

– Ah, bem. – Kulp observou os outros dois.

O homem grande sem uma das orelhas encontrou seus olhos com frieza. Apesar da desolação evidente em sua postura, havia certa medida de autocontrole nele que deixou o mago desconfortável. Ele com certeza era mais do que um bandido das docas cheio de cicatrizes, como parecera à primeira vista.

A jovem não era menos perturbadora, embora de um modo que Kulp não pôde definir. Suspirou. *Preocupe-se com isso depois. Preocupe-se com tudo depois.*

Verdade chegou trazendo o tonel de água, com Gesler um passo atrás.

Os três fugitivos convergiram sobre o jovem soldado naval quando ele abriu o tonel. Verdade estendeu a caneca de estanho que estava amarrada a ele para enchê-la de água.

– Vão devagar com isso – disse Kulp. – Goles, não goladas.

Enquanto bebiam, o mago sondou seu Labirinto. Sentiu-o escorregadio, evasivo, mas conseguiu controlá-lo, roubando poder para sustentar seus sentidos. Quando voltou a olhar para Heboric, quase gritou de surpresa. As tatuagens do ex-sacerdote pululavam com vida própria: ondas de poder flutuantes corriam por seu corpo e giravam, em uma projeção semelhante a uma mão depois do coto de seu pulso esquerdo. Aquela mão fantasma se estendeu para um Labirinto, cerrada como se segurasse uma corda. Um poder completamente diferente pulsava ao redor de seu coto direito, entrelaçando veias verdes e vermelho-otataral, como se duas cobras se contorcessem em um combate mortal. O efeito amortecedor surgia apenas das bandas verdes, irradiando o que parecia ser uma vontade consciente. O fato de ser forte o bastante para fazer recuar os efeitos do otataral era surpreendente.

Curandeiros Denul costumavam descrever doenças como se fossem guerras, sendo a carne o campo de batalha. Eles podiam enxergar as lutas a

partir de seus Labirintos. Kulp se perguntou se não era isso que estava vendo. *Mas não é uma doença. Uma batalha de Labirintos: o do próprio Fener, ligado a uma mão fantasma, e o outro, enredado por otataral, mas aumentando mesmo assim. Esse é um Labirinto que não consigo reconhecer, uma força alienígena para todos os meus sentidos.* Piscou. Heboric o encarava com um sorriso vago em sua boca larga.

– O que, em nome do Encapuzado, aconteceu com você? – exigiu saber Kulp.

O ex-sacerdote deu de ombros.

– Eu gostaria de saber.

Os três soldados navais se aproximaram de Heboric.

– Sou Gesler – disse o cabo, com uma deferência ríspida. – Somos tudo o que restou do Culto ao Javali.

O sorriso do ancião esvaneceu.

– Isso faria de três um número muito grande.

Ele se virou e se afastou para pegar um par de mochilas.

Gesler encarou o velho, sem expressão.

Esse homem se recupera depressa pra cacete. O jovem Verdade tinha arquejado ante as palavras ásperas do homem que julgara ser sacerdote de seu deus. Kulp viu algo desmoronando por trás dos olhos azuis e claros do rapaz. Tempestade revelou as nuvens negras que provavelmente explicavam seu nome, mas pousou a mão no ombro de Verdade um momento antes de encarar o homem de uma orelha só.

– Suas mãos ficam mexendo nessas lâminas escondidas e isso me deixa nervoso – disse, com um grunhido baixo, segurando com firmeza sua besta.

– Esse é Baudin – apresentou a jovem mulher. – Ele mata pessoas. Velhotas, rivais. É só citar alguém; ele tem sangue nas mãos. Não é, Baudin? – Sem esperar resposta, ela continuou: – Sou Felisin, da Casa de Paran. Última em sua linhagem. Mas não deixe nada disso enganar vocês.

Ela não entrou em detalhes.

Heboric voltou com uma mochila em cada antebraço. Baixou-as, depois

se aproximou de Kulp.

– Não estamos em forma para ajudar vocês, mas, depois de cruzar esse maldito deserto, a ideia de morrer afogado é estranhamente atraente. – Ele encarou as ondas agitadas. – O que tem lá?

– Imagine uma criança segurando uma correia que tem na outra ponta um Cão da Sombra. A criança é o mago, o Cão é seu Labirinto. Tempo demais nas minas antes de fugir, é o que acho. Precisamos descansar antes de tentarmos fugir da tempestade dele outra vez.

– As coisas no continente estão muito ruins?

Kulp deu de ombros.

– Não sei. Vimos Hissar em chamas. Duiker voltou para se reunir a Coltaine e ao Sétimo. Aquele velho tem um otimismo que o levará a ficar preso numa cama deslizante. Eu diria que o Sétimo é história, assim como Coltaine e seus wickanos.

– Ah, *esse* Coltaine. Enquanto estive acorrentado no calabouço da fenda atrás do palácio de Laseen, eu meio que esperava encontrar esse homem ali, como meu vizinho. O Encapuzado sabe que havia companhias dignas o bastante lá embaixo. – Depois de um momento, balançou a cabeça. – Coltaine está vivo, mago. Não se matam homens como aquele com tanta facilidade.

– Se isso for verdade, então tenho de me reunir a ele.

Heboric aquiesceu.

– Ele foi excomungado – disse alto Felisin. Os dois homens se viraram para ver Gesler encarando a menina. Ela continuou: – Mais do que isso: ele é a ruína de seu deus. Do deus de vocês, pelo que entendi. Cuidado com sacerdotes desdenhados. Vocês mesmos terão de entregar suas orações a Fener, rapazes, e aconselho que rezem. Muito.

O ex-sacerdote virou de volta para Kulp com um suspiro.

– Você abriu seu Labirinto para me enxergar. O que viu?

Kulp fechou a cara. Depois de um tempo, disse:

– Vi uma criança arrastando um Cão maior que uma montanha

amaldiçoada pelo Encapuzado. Com uma mão apenas.

A expressão de Heboric ficou mais tensa.

– E na outra mão?

– Desculpe – respondeu Kulp. – Não há resposta fácil para isso.

– Eu soltaria...

– Se pudesse.

Heboric assentiu. Kulp baixou a voz:

– Se Gesler percebesse...

– Ele me cortaria para soltar.

– De modo sujo.

– Acho que estamos entendidos – disse Heboric, com um sorriso fraco.

– Na verdade, não. Mas vou deixar de lado por ora.

O ex-sacerdote concordou com um aceno da cabeça.

– Você escolheu seus companheiros aqui, Heboric? – perguntou Kulp fitando Baudin e Felisin.

– É, escolhi. Mais ou menos. Difícil de acreditar, não é?

– Caminhe pela praia comigo – disse o mago, afastando-se. O homem tatuado o seguiu. – Conte-me sobre eles – pediu Kulp depois que já haviam caminhado certa distância.

Heboric deu de ombros.

– Você tem que fazer acordos para ficar vivo nas minas. E aquilo que uma pessoa pensa ser mais valioso, a outra é a primeira a vender, e barato. Bem, é isso que eles são agora. O que eram antes... – Deu de ombros.

– Você confia neles.

O rosto largo de Heboric se abriu num sorriso.

– Você confia em *mim*, Kulp? Eu sei, é cedo demais para responder a isso. A sua pergunta não é fácil de responder. Eu confio que Baudin trabalhará conosco, contanto que tenha interesse nisso.

– E a garota?

O velho demorou muito a responder.

– Não.

Não era o que eu esperava. Essa deveria ter sido a parte fácil, pensou Kulp.

– Está bem – disse ele.

– E quanto aos seus companheiros? Aqueles homens tolos, com seu culto tolo?

– Palavras duras para um sacerdote de Fener...

– Sacerdote excomungado. A garota disse a verdade. Minha alma é minha, e não de Fener. Eu a peguei de volta.

– Não sabia que isso era possível.

– Talvez não seja. Por favor, não consigo andar mais, mago. Nossa jornada foi... difícil.

Não foram os únicos, velho.

Não trocaram mais palavras no caminho de volta até onde estavam os outros. Apesar de todo o caos da travessia, Kulp tinha esperanças de que aquela parte do plano seria relativamente direta. Chegariam à costa. Encontrariam o amigo de Duiker esperando por eles... ou não. Tinha repellido suas dúvidas quando o historiador viera até ele pedindo ajuda da primeira vez. *Idiota*. Bem, ele os tiraria daquela ilha maldita, os deixaria no continente, e só. Fora tudo o que lhe pediram para fazer.

O sol nascia. A tempestade de feitiçaria sobre o mar tinha recuado da costa para ferver, negra e ferida, sobre os estreitos centrais.

Haviam tirado comida do *Ripath*. Heboric se juntara a seus dois companheiros numa refeição silenciosa e tensa. Kulp caminhou até onde Gesler estava com seus dois soldados adormecidos, os três sob um pedaço quadrado de lona preso a quatro mastros.

O rosto marcado do cabo se torceu num sorriso irônico.

– Piada de Fener, esta.

Kulp se agachou ao lado do cabo.

– Fico feliz que você esteja gostando.

– O humor do Deus Javali não é do tipo para fazer rir, mago. Mas é estranho, eu podia jurar que o Senhor do Verão estava... *aqui*. Como um

corvo, pousado no ombro daquele sacerdote.

– Você já sentiu o toque de Fener antes, Gesler?

O homem fez que não com a cabeça.

– Não recebo presentes. Nunca recebi. Era só uma sensação, nada mais.

– Ainda a tem?

– Acho que não. Não sei. Não importa.

– Como Verdade está?

– Foi duro para ele encontrar um sacerdote de Fener que nos dá as costas e nega seu deus. Ele vai ficar bem. Eu e Tempestade cuidaremos dele. Agora é sua vez de responder a algumas perguntas. Como vamos voltar para o continente? Aquele maldito mago ainda está por aí, não é?

– O sacerdote vai nos fazer passar.

– Como?

– Vai ser demorado explicar, cabo, e tudo em que consigo pensar é dormir. Eu assumo a próxima vigia.

Ele se levantou para encontrar uma sombra para si.

Bem acordada, abraçando o próprio corpo, Felisin observou o mago providenciar uma sombra, depois ir para debaixo dela e dormir. Olhou para os soldados, sentindo uma onda de alegre desdém. *Seguidores de Fener, isso é hilário. O Deus Javali sem nada entre as orelhas. Ei, seus tolos, Fener está aqui, em algum lugar, encolhido no reino mortal. Prontinho para qualquer caçador que tenha uma lança afiada. Nós vimos a pata dele. Podem agradecer ao velho por isso. Agradeçam do jeito que quiserem.*

Baudin tinha ido até a água para se lavar e agora retornava com a barba pingando.

– Ainda assustado, Baudin? – perguntou Felisin. – Olhe aquele soldado ali, o que está acordado. Forte demais para você, de longe. E aquele com a besta... Não demorou muito para desvendar você, não é? Homens duros, mais duros que você...

Baudin falou, arrastado:

– O quê? Você já dormiu com eles?

– Você me usou...

– E daí, garota? Você fez de ser usada um modo de vida.

– Que o Encapuzado o leve, seu canalha!

Parado sobre ela, ele grunhiu uma risada.

– Você não vai me puxar para baixo. Vamos sair desta ilha. Sobrevivemos a ela. Nada que você me disser vai estragar meu humor, garota. Nada.

– Qual o significado daquela garra, Baudin? – perguntou ela de repente. O rosto dele virou uma máscara inexpressiva. – Sabe, aquela que você guarda escondida, junto com suas ferramentas de ladrão.

O olhar frio do homem passou por ela, que se virou para encontrar Heboric a alguns passos de distância. Os olhos do ex-sacerdote estavam fixos em Baudin ao dizer:

– Ouvi isso direito?

O homem de uma orelha só não disse nada. Felisin observou a compreensão atravessar o rosto de Heboric. O velho olhou para ela, depois de volta para Baudin. Após um momento, sorriu.

– Muito bem – disse o velho. – Até agora.

– Você acha mesmo? – perguntou Baudin e se afastou.

– O que está havendo, Heboric? – exigiu saber Felisin.

– Você deveria ter prestado mais atenção aos seus professores de história, mocinha.

– Explique.

– Nem que o Encapuzado me force.

Ele se afastou, arrastando-se. Felisin se abraçou com mais força, girando para encarar o estreito. *Estamos vivos. Posso ser paciente de novo. Posso aguardar minha hora.* O continente queimava com uma rebelião contra o Império malazano. Um pensamento agradável. Talvez puxasse tudo para baixo: o Império, a imperatriz... a conselheira. E, sem o Império malazano, a paz reinaria outra vez. *Um fim à repressão, um fim à ameaça de controle,*

enquanto me preparo para a vingança. No dia em que você perder seus guarda-costas, irmã Tavore, eu aparecerei. Eu juro, por todos os deuses e por todos os senhores demônios que já existiram. Enquanto isso, precisaria usar as pessoas ao seu redor, teria de fazê-las ficarem do seu lado. Não Baudin ou Heboric; era tarde demais para eles. Mas os outros. O mago, os soldados...

Felisin ficou de pé.

Com olhos sonolentos, o cabo a observou enquanto ela se aproximava.

– Quando foi a última vez que você dormiu com uma mulher? – perguntou Felisin.

Entretanto, não foi Gesler quem respondeu. A voz do besteiro, Tempestade, flutuou da sombra sob a lona:

– Um ano e um dia, na noite em que me vesti de meretriz kanesa. Enganei Gesler por horas. Mas, veja, ele estava bastante bêbado. E, veja, eu também.

O cabo grunhiu.

– Essa é a vida de um soldado. Dura demais para saber a diferença...

– Bêbada demais para se importar – concluiu o besteiro.

– Você está certo, Tempestade. – Os olhos pesados de Gesler deslizaram para Felisin. – Vá com seus joguinhos para outro lugar, mocinha. Sem querer ofender, mas já fomos longe demais para saber quando uma oferta traz correntes escondidas. E, de qualquer modo, você não pode comprar o que não está à venda.

– Eu contei a vocês sobre Heboric – disse ela. – Não precisava fazer isso.

– Ouviu isso, Tempestade? A menina ficou com pena de nós.

– Ele vai trair vocês. Já os despreza.

O rapaz chamado Verdade sentou ao ouvir isso.

– Vá embora – disse Gesler. – Meus homens estão tentando dormir um pouco.

Felisin encontrou os olhos sobressaltados de Verdade e não viu nada neles além de inocência. Jogou-lhe um beijo atrevido e sorriu quando a cor deixou o rosto do rapaz.

- Cuidado, ou essas orelhas vão pegar fogo – disse ela.
- Pelo sopro do Encapuzado – resmungou Tempestade. – Vá lá, moleque.

Ela quer muito. Dê a ela um gostinho.

- Sem chance – disse Felisin, virando-se. – Só durmo com homens.
- Com tolos, você quer dizer – corrigiu Gesler, em um tom tenso.

Felisin caminhou até a praia, andando até as ondas baterem em seus joelhos. Analisou o *Ripath*. Queimaduras pintavam o casco de preto, formando faixas pretas largas e aleatórias. A balastrada dianteira do castelo de proa brilhava como se a madeira tivesse sido cravejada com uma chuva de quartzo. As cordas estavam desfiadas, desemaranhadas nos pontos em que tinham sido cortadas por facas.

O reflexo do sol na água era ofuscante. Felisin fechou os olhos, deixou sua mente vagar até não haver nada além da sensação da água quente deslizando ao redor de suas pernas. Sentiu uma exaustão além da física. Não conseguiu se impedir de avançar, e cada rosto que fez virar em sua direção se tornou um espelho. *Deve haver um modo de refletir algo além de ódio e desprezo.*

Não, não um modo.

Uma razão.

– Minha esperança é que o otataral entrelaçado em vocês seja suficiente para afastar aquele mago insano – disse Kulp. – Do contrário, vamos ter uma viagem difícil.

Verdade tinha acendido um lampião e agora estava agachado no castelo de proa triangular, esperando que partissem rumo ao recife. A luz amarela foi refletida por cintilações nas tatuagens de Heboric enquanto ele fazia uma careta em resposta às palavras de Kulp.

Gesler estava recostado ao leme. Como todo mundo, aguardava o ex-sacerdote. Aguardava uma pequena dose de esperança que fosse.

A tempestade de feitiçaria castigava o outro lado do recife, com seus

lampejos maníacos acendendo a noite e revelando nuvens negras, que se chocavam sobre o mar espumoso.

– Se você diz... – atalhou Heboric finalmente.

– Não é bom o bastante.

– É o melhor que posso fazer – rosnou o ancião. Ergueu um coto e o sacudiu diante de Kulp. – Você vê o que não consigo sequer sentir, mago!

O mago se virou para Gesler.

– Então, cabo?

O soldado deu de ombros.

– Temos escolha?

– Não é tão simples assim – disse Kulp, lutando para permanecer calmo.

– Com Heboric a bordo, não sei se consigo abrir meu Labirinto; ele tem nódoas que eu não gostaria de espalhar. Sem meu Labirinto, não consigo nos defender dessa feitiçaria. O que significa...

– Que seremos fritos e assados – completou Gesler, aquiescendo. – Ande logo aí em cima, Verdade. Estamos partindo!

– Você deposita sua fé no lugar errado, cabo – disse Heboric.

– Sabia que você ia falar isso. Agora, todo mundo fique embaixo. Eu, Tempestade e o garoto temos trabalho a fazer.

Embora estivesse sentado ao alcance de um braço do homem tatuado, Kulp conseguia sentir o próprio Labirinto. Parecia pronto – quase ávido – para ser libertado. O mago sentiu medo. Meanas era um Labirinto isolado, e cada colega praticante que Kulp já tinha encontrado o descrevia com as mesmas características: uma inteligência fria, imparcial e entretida. O jogo de ilusões envolvia luz, escuridão, textura e sombras, cantando vitória ao obter sucesso em enganar os olhos. Mas até esse triunfo era impassível, e a satisfação, clínica. Acessar o Labirinto sempre causava a sensação de interromper um poder ocupado por outras coisas. Era como se dar forma a uma pequena fração desse poder fosse uma distração apenas digna de ser notada.

Kulp não confiava naquela atividade pouco usual de seu Labirinto, que

queria entrar no jogo. O mago sabia que caía na armadilha ao pensar em Meanas como uma entidade, um deus sem rosto, no qual o acesso por meio da adoração e do sucesso, uma recompensa da fé. Labirintos não eram assim. Um mago não era um sacerdote, nem a magia era uma intervenção divina. A feitiçaria poderia ser uma escada para a Ascendência. Era um meio para um fim, e não havia sentido em adorar o meio.

Tempestade tinha providenciado uma pequena vela quadrada, suficiente para garantir o controle da embarcação, mas não grande o bastante para arriscar o mastro, já enfraquecido. O *Ripath* deslizou adiante com a branda brisa costeira. Verdade estava no gurupés, vasculhando os vagalhões mais à frente. Era difícil encontrar a brecha por onde haviam passado. Gesler rosnou ordens e virou a embarcação para que ficasse paralela ao recife.

Kulp olhou para Heboric. O ex-sacerdote estava sentado com o ombro esquerdo apoiado ao mastro, mantendo os olhos semicerrados contra a escuridão. O mago estava desesperado para abrir seu Labirinto. Ele queria olhar as mãos fantasmas do homem, sondar a serpente de otataral, mas se controlou, suspeitando da própria curiosidade.

– Ali! – gritou Verdade, apontando.

– Estou vendo! – berrou Gesler. – Vire, Tempestade!

O *Ripath* deu a volta, com a proa virando para enfrentar os vagalhões, rumo a uma lacuna que Kulp mal conseguia discernir. O vento estendeu a vela aos limites.

Do outro lado, as nuvens ondeantes se enroscavam, criando um funil invertido. Relâmpagos saltavam das ondas, emoldurando-o. O *Ripath* deslizou por entre o recife e mergulhou direto no vórtice rodopiante.

Kulp não teve tempo nem de gritar. Seu Labirinto se abriu e travou uma batalha instantânea com aquele poder de fúria demoníaca. Lanças de água se inclinaram para baixo, vindas de cima, esfarrapando a vela em segundos. Elas atingiram o deque como setas, perfurando as tábuas. Kulp viu uma das setas rasgar a coxa de Tempestade, que, então, ficou preso ao deque, guinchando. Outras se estilhaçaram contra as costas encurvadas de Heboric;

o velho tinha se atirado sobre a menina, Felisin, protegendo-a da chuva de lanças. As tatuagens dele se alastravam como fogo, da cor de ouro sujo de lama.

Com um dos braços direcionado para baixo, Baudin se atirara no castelo de popa do barco, sumindo de vista. Verdade não estava à vista em nenhum lugar.

As lanças desapareceram. Empinando como se cavalgasse uma única grande onda, o *Ripath* se projetou para a frente, erguendo-se com rigidez. O céu castigava no alto, manchado e corado com irradiações de poder. Os olhos de Kulp se arregalaram quando olhou para cima. No alto, uma figura minúscula cavalgava a tempestade, com os membros balançando e os fragmentos de uma capa chicoteando como uma asa esfarrapada. A feitiçaria arremessava a figura como se ela não fosse mais que uma boneca de palha. Sangue explodiu quando uma onda brilhante de poder engolfou a criatura miserável. Quando a explosão passou, a figura girou e tombou, e teias de sangue se espalharam logo atrás como uma rede de pesca.

Então ela caiu.

Gesler passou por Kulp.

– Pegue o leme! – gritou, sobre o vento uivante.

O mago foi à popa. *Conduzir? Conduzir através do quê?* Tinha certeza de que não era a água que os carregava. Haviam mergulhado no Labirinto de um louco. Fechando as mãos ao redor da cana do leme, sentiu seu Labirinto fluir para a madeira e assumir o controle. O balanço se estabilizou. Kulp grunhiu. Não havia tempo para se surpreender: ficar aterrorizado já exigia toda a sua atenção.

Gesler se aproximou aos tropeços, agarrando os tornozelos de Baudin bem quando o homenzarrão começava a deslizar pela proa. Puxá-lo de volta revelou que Baudin segurava Verdade com uma das mãos, agarrando o cinto do rapaz com os dedos. Sangue vertia dessa mão e o rosto de Baudin estava branco de dor.

A onda invisível abaixo deles despencou. O *Ripath* disparou rumo a uma

calma morta. Silêncio.

Heboric se arrastou até Tempestade. O soldado jazia imóvel no deque, com sangue vertendo em quantidades aterrorizantes da coxa perfurada. O fluxo perdeu a ferocidade enquanto Kulp observava.

Heboric fez a única coisa que podia, e Kulp se lembraria daquilo no futuro. Naquele instante, entretanto, o mago gritou um aviso – só que tarde demais – quando Heboric enfiou a mão fantasma, suja de argila, diretamente no ferimento.

Tempestade teve espasmos, soltando um rosnado de dor. As tatuagens fluíram do pulso de Heboric para a coxa do soldado, espalhando-se em um padrão brilhante. Quando o velho puxou o braço, o ferimento se fechou e as tatuagens se costuraram como suturas. Heboric cambaleou para trás, os olhos arregalados de choque.

Um suspiro sibilado escapou dos lábios contorcidos de Tempestade. Tremendo, branco como um osso, ele se sentou. Kulp piscou. Tinha visto algo passando do braço de Heboric para dentro de Tempestade, algo além de apenas a cura. O que quer que fosse, era virulento e tingido de loucura. *Preocupe-se com isso depois. O homem está vivo, não está?* O mago voltou sua atenção para onde Gesler e Baudin estavam, ajoelhados um de cada lado de Verdade, deitado e imóvel. O cabo tinha virado o rapaz de bruços e comprimia suas costas ritmicamente com força, usando as duas mãos, a fim de expelir a água que enchera os pulmões de Verdade. Passado um momento, o rapaz tossiu.

O *Ripath* se ajustou pesadamente, inclinando-se para um lado. O céu, de um cinza uniforme, pairava próximo, fracamente iluminado. Estavam em calmaria; o único som que os alcançava era o da água enchendo o barco em algum lugar do porão.

Gesler ajudou Verdade a se sentar. Baudin, ainda de joelhos, apertou a mão direita contra o colo. Kulp viu que todos os dedos haviam sido puxados das articulações, rompendo a pele e vertendo sangue.

– Heboric... – sussurrou o mago. A cabeça do ancião virou-se com um

tranco. Ele inspirava em arquejos rápidos. – Ajude Baudin com esse toque curandeiro – disse baixo Kulp. *Não vamos nem pensar no que vem com isso.* – Se puder...

– Não – grunhiu Baudin, analisando Heboric com atenção. – Não quero o toque do seu deus em mim, velho.

– Essas articulações precisam ser postas de volta no lugar – disse Kulp.

– Gesler pode fazer isso. Do jeito difícil.

O cabo olhou para cima, depois aquiesceu e se aproximou.

– Onde estamos? – perguntou Felisin.

Kulp deu de ombros.

– Não tenho certeza. Mas estamos afundando.

– A embarcação está avariada – disse Tempestade. – Em quatro ou cinco pontos. – O soldado encarou as tatuagens que cobriam sua coxa e franziu a testa.

A jovem lutou para se pôr em pé, estendendo a mão a fim de segurar o mastro carbonizado. A inclinação do deque tinha aumentado.

– Ela pode emborcar – disse Tempestade, ainda analisando as tatuagens – a qualquer momento.

O Labirinto de Kulp retrocedeu. Ele afundou, em súbita exaustão. Sabia que não duraria muito na água.

Baudin grunhiu quando Gesler colocou o primeiro dedo de sua mão direita no lugar. O cabo falou, enquanto se dirigia ao próximo:

– Pegue uns barris, Tempestade. Se conseguir andar. Divida a água fresca entre eles. Felisin, pegue as reservas alimentícias de emergência. Ficam no baú, deste lado do castelo. Pegue tudo. – Baudin gemeu quando Gesler arrumou o dedo seguinte. – Verdade, você consegue pegar umas bandagens?

Seus soluços secos tinham parado momentos antes e o rapaz ficou de quatro devagar e começou a engatinhar até a popa.

Kulp olhou para Felisin. Ela não tinha nem se mexido em resposta às ordens de Gesler e parecia estar escolhendo algumas palavras.

– Vamos, menina – disse Kulp, levantando-se. – Eu ajudo você.

Os receios de Tempestade quanto ao barco emborcar não se realizaram: enquanto o *Ripath* se assentava, o adernamento foi diminuindo aos poucos. A água, grossa como sopa e de uma cor azul-pálida, tinha enchido o porão e agora batia nas escotilhas.

– Pelo sopro do Encapuzado! – exclamou Tempestade. – Estamos afundando em leite de cabra.

– Com tempero de salmoura – acrescentou Gesler.

Ele terminou de ajeitar a mão de Baudin. Verdade tinha se reunido a eles com o material de primeiros socorros.

– Não precisamos ir longe – disse Felisin, com o olhar a estibordo.

Juntando-se a ela, Kulp viu o que a jovem olhava. Um barco grande jazia imóvel na água espessa, a menos de 100 metros de distância. Tinha bancadas gêmeas de remos, que pendiam apáticos. Só um leme era visível. Havia três mastros, sendo que o principal e o da proa traziam velas quadradas esfarrapadas, enquanto no mastro da popa havia os restos rasgados de uma vela triangular. Não havia sinal de vida.

A mão direita de Baudin era uma massa inchada e arredondada envolta em bandagens. Ele se juntou aos demais. O homem de uma orelha grunhiu.

– Aquilo é um drómon quon... pré-imperial.

– Você conhece seus navios – disse Gesler, lançando um olhar afiado ao homem.

Baudin deu de ombros.

– Trabalhei numa gangue da prisão, invadindo os navios da frota da República no porto de Quon. Isso foi há vinte anos. Dassem os usava para treinar os soldados navais...

– Eu sei – disse Gesler, e seu tom revelava conhecimento em primeira mão.

– Jovem para estar numa gangue de prisão – observou Tempestade de onde se agachara, em meio aos barris de água. – Você tinha quantos anos? Dez? Quinze?

– Por aí – respondeu Baudin. – E o que me levou até lá não é assunto

seu, soldado.

Fez-se um longo silêncio. Depois Gesler despertou:

– Acabou, Tempestade?

– Sim, tudo pronto.

– Está bem. Vamos nadar antes que nossa dama se precipite para o fundo. Não ganhamos nada se formos puxados na esteira dela.

– Não estou feliz com isso – disse Tempestade, fitando o drómon. – Esse barco parece o de uma dessas histórias de taberna contadas à meia-noite. Poderia ser o Arauto do Encapuzado, estar amaldiçoado, tomado pela praga...

– Poderia também ser o único lugar seco que vamos encontrar – retrucou Gesler. – Quanto ao resto, pense na história que você vai contar na próxima taberna, Tempestade. Você vai fazer todo mundo mijar nas calças e correr para o próximo templo, para se benzer. Daria para ganhar uma grana dos avatares.

– Bom, talvez você não tenha cérebro suficiente para ter medo de nada...

O cabo abriu um largo sorriso.

– Vamos ficar molhados, todos nós. Ouvi dizer que mulheres nobres pagam com ouro por um banho como o que vamos tomar. Tá certo, mocinha?

Felisin não respondeu. Kulp balançou a cabeça.

– Você só está feliz por estar vivo – disse a Gesler.

– Com certeza.

A água estava fria, estranhamente pegajosa e difícil de atravessar a nado. O *Ripath* afundava atrás deles, com seu deque inundado. O mastro se inclinou para o lado, parando por um momento antes de tombar na água. Dentro de segundos, a embarcação desapareceu sob a superfície.

Meia hora depois, alcançaram o drómon, arquejando de exaustão. Verdade provou ser o único capaz de escalar o remo condutor. Pulou pela balaustrada alta do castelo de popa. Em poucos instantes, uma escada de cânhamo bem trançado foi lançada para os outros.

Foi uma luta, mas por fim todos estavam a bordo; Gesler e Tempestade puxaram o baú de comida e os barris de água por último.

Do castelo de popa, Kulp olhou a extensão do convés do navio. Ele tinha sido abandonado às pressas. Cordas enroladas e fardos de provisões envoltos em pele de foca jaziam espalhados, junto com armaduras, espadas e cintos descartados. Uma poeira espessa, pálida e gordurosa agarrava-se a tudo.

Os outros se juntaram a ele na análise silenciosa.

– Alguém viu algum nome no casco? – perguntou Gesler, enfim. – Eu olhei, mas...

– *Silanda* – disse Baudin.

Tempestade grunhiu:

– Pelas tetas de Togg, homem, não havia nenhum nome no...

– Não preciso disso para conhecer este navio – explicou Baudin. – A carga jogada ali embaixo é de Avalii Deriva. *Silanda* era a única embarcação autorizada a fazer comércio com os tiste andii. Estava a caminho da ilha quando as forças do imperador tomaram Quon. Nunca voltou.

Um silêncio se seguiu a suas palavras, quebrado apenas por uma risada baixa de Felisin.

– Baudin, o bandido. As suas gangues da prisão trabalhavam em bibliotecas também?

– Mais alguém notou a linha de flutuação? – perguntou Gesler. – Este navio não se move há anos. – Lançou um último olhar penetrante a Baudin, depois desceu para o convés principal. – Pode muito bem ser como uma pilha de rochas, afundada até o joelho em guano – disse, parando perto de um dos fardos de pele de foca. Agachou-se para desembrulhá-lo. Um momento mais tarde, praguejou baixo e se afastou, com um salto. As abas do fardo caíram, liberando o conteúdo: uma cabeça cortada. Ela rolou loucamente pelo convés, batendo contra a borda da escotilha que dava para o porão.

Kulp passou forçosamente por Heboric, que estava imóvel, subiu para o convés principal e se aproximou da cabeça. Ergueu seu Labirinto. Parou.

– O que você vê? – perguntou o ex-sacerdote.

– Nada de que goste – replicou o mago. Deu um passo mais à frente e se agachou. – Tiste andii. – Olhou para Gesler. – O que estou prestes a sugerir não é agradável, mas...

O cabo assentiu, com o rosto pálido.

– Tempestade – disse ao se virar para o fardo próximo –, me dê uma mão aqui.

– Para fazer o quê?

– Contar cabeças.

– Que Fener me salve! Gesler...

– Você precisa ter sangue-frio para tecer uma história como esta. Requer prática. Desça aqui e suje suas mãos, soldado.

Havia dúzias de fardos. Cada um continha uma cabeça, cortada de forma limpa. A maioria era de tiste andii, mas algumas eram humanas. Gesler começou a empilhá-las numa pirâmide medonha ao redor do mastro principal. O cabo se recuperara rápido do choque inicial; o homem claramente já tinha visto horrores suficientes como soldado naval do Império. Tempestade foi quase tão rápido em deixar de lado seu asco, embora um pavor supersticioso parecesse tomar seu lugar. O rapaz trabalhava com uma velocidade frenética e logo cada uma das cabeças tinha sido colocada na pirâmide sinistra.

Kulp voltou a atenção à escotilha que descia ao fosso dos remos. Uma aura fraca de feitiçaria se erguia de lá, visível a seus sentidos tocados pelo Labirinto, conforme ondas agitavam o ar parado. Hesitou bastante antes de se aproximar.

Todos permaneceram no castelo de popa, observando as ações de Kulp, Gesler e Tempestade com algo semelhante a um choque entorpecido.

O cabo se juntou a Kulp.

– Pronto para verificar lá embaixo?

– Certamente não.

– Vá na frente, então – disse Gesler, com um sorriso tenso,

desembainhando a espada. Kulp encarou a arma. O cabo deu de ombros. – É, eu sei.

Resmungando baixo, Kulp foi até a escotilha. A falta de luz lá embaixo não era suficiente para ocultar o que ele viu. A feitiçaria envolvia tudo, num tom amarelo doentio que pulsava fracamente. Com ambas as mãos na balaustrada, o mago desceu os degraus incrustados, com Gesler logo atrás.

– Consegue ver alguma coisa? – perguntou o cabo.

– Ah, sim.

– O que é esse cheiro?

– Se paciência tiver um cheiro, é esse que você está sentindo – disse Kulp.

Ele lançou uma onda de luz pelo caminho central, entre as fileiras de bancos. Em seguida, virou o foco de luz para o lado e o deixou lá.

– Bom, há uma certa lógica aqui, não é? – disse Gesler, seco e áspero.

Os remos estavam empunhados por cadáveres sem cabeça, três em cada banco. Outros fardos de pele de foca inundavam cada espaço disponível. Uma figura sem cabeça jazia sentada atrás de um tambor de pele, com as duas mãos segurando batutas estranhas, parecidas com ramos de cuieira. A figura era maciçamente musculosa. Não havia evidência de apodrecimento em nenhum dos corpos. Osso branco e carne vermelha brilhavam nos pescoços.

Nenhum dos dois homens falou por muito tempo. Gesler pigarreou, sem muito sucesso, e forçou palavras arranhadas a saírem:

– Você disse paciência, Kulp?

– É.

– Não ouvi errado, então.

Kulp balançou a cabeça.

– Alguém tomou o navio, cortou a cabeça de todos a bordo... e depois os colocou para trabalhar.

– Nessa ordem.

– Nessa ordem.

– Quanto tempo atrás?

– Anos. Décadas. Estamos em um Labirinto, cabo. Não dá para dizer como o tempo passa aqui.

Gesler grunhiu.

– O que diz de verificarmos a cabine do capitão? Pode haver um diário de bordo.

– E um apito de “Dirijam-se aos remos”.

– É. Sabe, se tirarmos o batedor do tambor, eu poderia enviar Tempestade aqui para baixo para marcar o compasso.

– Você tem um senso de humor malévolos, Gesler.

– É. Acontece que Tempestade conta ao mundo as histórias de mar mais entediantes de todas. Apimentar um pouco as coisas seria um favor para todos que ele encontrar de agora em diante.

– Não me diga que está falando sério.

O cabo suspirou.

– Não – disse, depois de um momento. – Não vou convidar a loucura para dentro de ninguém, mago.

Voltaram ao convés principal. Os outros os encararam. Gesler deu de ombros.

– É o que você esperaria, se fosse completamente insano.

– Bem, você está falando com as pessoas certas – retrucou Felisin.

Kulp caminhou até a escotilha da cabine. O cabo embainhou a espada e o seguiu. A escotilha descia dois degraus, depois se abria para uma cozinha. Uma mesa grande de madeira dominava o centro. Do outro lado, havia uma segunda escotilha, que dava para um corredor estreito, com beliches dos dois lados. No fim do corredor ficava a porta da cabine do capitão.

Ninguém ocupava os beliches, mas havia equipamentos em grande quantidade, todos esperando por donos que não precisavam mais deles.

A porta da cabine emitiu um guincho alto ao ser aberta.

Apesar de tudo o que tinham visto até então, o interior era um cenário de terror. Deram de cara com quatro corpos, três dos quais torcidos de

maneira grotesca, em posturas que indicavam morte repentina. Não havia sinal de apodrecimento nem sangue visível. O que quer que os tivesse matado, os esmagara completamente, sem romper a pele uma só vez. A exceção jazia sentada na cadeira do capitão, na ponta de uma mesa de mapas, como se presidisse o palco do próprio Encapuzado. Uma lança se projetava de seu peito e tinha sido empurrada através da cadeira, e além. O sangue brilhava diante do corpo, encharcando seu colo. Tinha parado de verter, mas ainda parecia molhado.

– Tiste andii? – perguntou Gesler num sussurro.

– Eles têm essa aparência, mas não exatamente – respondeu Kulp em voz baixa. Ele entrou na cabine. – A pele destes é cinza, não preta. E eles também não parecem muito... refinados.

– Dizem que os tiste andii de Avalii Deriva eram bastante bárbaros. Não que alguém vivo já tenha visitado a ilha.

– Ninguém voltou de lá, pelo menos – admitiu Kulp. – Mas estes vestem peles... mal curtidas. E olhe para as joias...

Os quatro corpos tinham adornos feitos de amuletos de osso, garras, caninos de feras e conchas polidas. Não se via nada do artesanato elegante dos tiste andii, que Kulp tivera a oportunidade de conhecer no passado. Além disso, todos os quatro tinham cabelos castanhos, soltos e despenteados, viscosos de gordura. O cabelo dos tiste andii ou era branco-prateado ou preto como a meia-noite.

– O que, em nome do Encapuzado, estamos vendo? – perguntou Gesler.

– Os assassinos dos marinheiros de Quon e dos tiste andii. É meu palpite – disse Kulp. – Eles navegaram para dentro deste Labirinto, talvez por escolha própria, talvez não. E deram de cara com algo mais sórdido que eles mesmos.

– Você acha que o resto da tripulação escapou?

Kulp deu de ombros.

– Se você tem magia suficiente para comandar corpos sem cabeça, quem precisa de uma tripulação maior do que esta que estamos vendo bem aqui?

– Eles ainda parecem tiste andii – disse o cabo, examinando mais de perto o homem na cadeira.

– Deveríamos trazer Heboric aqui – sugeriu Kulp. – Talvez ele tenha lido alguma coisa em algum lugar que lance luz sobre tudo isto.

– Espere aqui – disse Gesler.

O barco rangia, agora que o resto do grupo começava a circular pelo convés principal. Kulp ouviu os passos do cabo voltando pelo corredor. O mago apoiou as mãos na mesa, vasculhando, então, os mapas abertos em sua superfície. Um deles mostrava uma terra que ele não conseguia reconhecer: uma costa recortada de fiordes, cravejados de esboços apressados de pinheiros. O interior do continente era de uma cor de cal desbotada, como gelo ou neve. O curso traçado atingia o leste a partir da costa irregular, depois ia para o sul, cruzando um vasto oceano. O Império malazano possuía, supostamente, mapas do mundo inteiro, mas Kulp nunca tinha visto nada parecido com a terra que havia ali. De repente, todo o domínio que o Império alegava ter pareceu um tanto patético.

Heboric entrou na cabine. Kulp não interrompeu a análise do mapa.

– Olhe-os de perto – disse o mago.

O ancião passou por Kulp, agachando-se para examinar o rosto do capitão. Os ossos altos das maçãs do rosto e as cavidades oculares pareciam tiste andii, assim como a evidente altura do homem. Heboric estendeu o braço para tocá-lo, hesitante...

– Espere – grunhiu Kulp. – Cuidado com o que você toca. E com que braço usa.

Heboric sibilou, exasperado, e baixou o braço. Depois de um momento, ele se endireitou.

– Só consigo pensar em uma coisa: tiste edur.

– Quem?

– *Loucura de Gothos*. Lá há uma menção a três povos tiste chegando de outro reino. Claro que o único que conhecemos é o dos tiste andii, e Gothos só fala o nome de outro: os tiste edur. Pele cinzenta, não preta. Filhos da

união inoportuna da Mãe Escuridão com a Luz.

– Inoportuna?

Heboric fez uma careta.

– Os tiste andii consideraram isso uma degradação da Escuridão pura, a fonte de todos os seus males subsequentes. De todo modo, a *Loucura de Gothos* é o único tomo em que há menção a eles. E acontece que também é o mais antigo.

– Gothos era jaghut, certo?

– Certo, e também o escritor de temperamento mais amargo que já tive o desprazer de ler. Diga-me, Kulp, o que seu Labirinto revela?

– Nada.

Heboric olhou ao redor, surpreso.

– Nada mesmo?

– Não.

– Mas eles parecem estar paralisados; o sangue ainda está molhado.

– Eu sei.

Heboric gesticulou para alguma coisa em volta do pescoço do capitão.

– Ali está o apito, presumindo que vamos usar o que está abaixo dos conveses.

– É isso ou sentar aqui e morrer de fome. – Kulp se aproximou do cadáver do capitão. Um apito de osso comprido pendia de um cordão de couro, ao lado da haste da lança. – Também não sinto nada relacionado a esse tubo de osso. Pode nem funcionar.

Heboric deu de ombros.

– Vou subir de volta para aquilo que se passa por ar fresco. Aliás, essa lança é barghastiana.

– É grande pra cacete, até demais – contra-argumentou Kulp.

– Eu sei, mas é o que me parece.

– É grande demais.

Heboric não respondeu, sumindo pelo corredor. Kulp fez cara feia para a lança. *É grande demais*. Depois de um momento, ele estendeu a mão e, com

cautela, pegou o apito do pescoço do cadáver.

Subindo de volta ao convés principal, o mago olhou novamente para o apito. Grunhiu. O objeto agora estava vivo com feitiçaria. *Há um hálito de otataral naquela cabine. Não me surpreende que a feitiçaria não tenha sido capaz de defendê-los.* Olhou ao redor. Tempestade estava posicionado na proa, com a besta sempre presente presa às costas. Baudin estava ao lado dele, em pé, com a mão enfaixada contra o peito. Felisin tinha se reclinado contra a amurada próxima ao mastro principal, espantosamente impassível em relação à pirâmide de cabeças cortadas quase a seus pés. Kulp não viu Heboric em lugar nenhum.

Gesler se aproximou.

– Verdade está indo para o cesto da gávea. Pegou o apito?

– Já escolheu um curso? – perguntou Kulp, jogando o objeto para ele.

– Verdade verá o que verá, daí decidiremos.

O mago esticou o pescoço, estreitando os olhos sobre o rapaz, que trepava nas adriças com agilidade. Cinco respirações depois, Verdade entrou no cesto da gávea e sumiu de vista.

– Pelo casco de Fener! – O praguejar veio lá de baixo, chamando a atenção de todos.

– Verdade!

– Três cavilhas para bombordo! Vem vindo uma tempestade!

Gesler e Kulp correram para a amurada a estibordo. Um borrão desfigurava o horizonte amorfo, que cintilava com relâmpagos. Kulp sibilou.

– Aquele mago amaldiçoado pelo Encapuzado nos seguiu!

O cabo deu meia-volta.

– Tempestade! Verifique o que sobrou dessas velas!

Sem hesitar, ele colocou o apito nos lábios e soprou. Soou um coro de vozes que se lamentavam monotonamente, gelando o ar: tratava-se do pranto das almas, distorcido depois da tortura, transformando dor em som, evanescendo com relutância quando Gesler afastou o apito da boca.

Ouviram-se pancadas na madeira dos dois lados da embarcação

enquanto os remos eram ajustados. Heboric saiu da escotilha do porão aos tropeços, com as tatuagens brilhando como fósforo, de olhos arregalados ao se virar para Gesler.

– Você tem sua tripulação, cabo.

– Acordada – resmungou Felisin, afastando-se do mastro principal.

Kulp viu o que ela tinha visto: as cabeças cortadas estavam de olhos abertos, com o olhar fixo em Gesler, como se fossem guiadas por um único mecanismo mórbido.

O cabo pareceu se encolher, mas depois afastou o incômodo.

– Podia ter usado um destes quando era sargento de treinamento – disse, com um leve sorriso.

– O seu tocador de tambor já está pronto lá embaixo – disse Heboric de onde estava, espiando o fosso dos remadores.

– Esqueçam as velas – disse Tempestade. – Estão bem podres.

– Maneje o leme – ordenou Gesler. – Três cavilhas a bombordo. Não podemos fazer nada além de correr.

Ele ergueu o apito mais uma vez e soprou uma sequência rápida. O tambor começou a ressoar no mesmo compasso. Os remos se viraram e as lâminas passaram da horizontal para a vertical, depois afundaram na água e puxaram.

O barco gemeu, esmigalhando a crosta que havia se agarrado ao casco. O *Silanda* pôs-se em movimento com um solavanco e deu a volta, com vagar e desenvoltura, até a tempestade que se aproximava velozmente estar bem atrás da popa. Os remos empurravam água viscosa com precisão implacável.

Gesler prendeu o cordão do apito ao redor do pescoço.

– O velho imperador teria amado esta velha dama. Não teria, Kulp?

– A sua empolgação é nauseante, cabo.

O homem soltou uma risada.

Os bancos gêmeos de remadores conduziam o *Silanda* num ritmo agressivo, contínuo. A cadência do tambor era um batimento cardíaco rápido demais; reverberava nos ossos de Kulp com uma ressonância que

enchia seus nervos de dor. Preferiu não descer até o fosso para confirmar a imagem daquele cadáver musculoso e decapitado dando pancadas no couro do tambor com as baquetas de cuieira, do inflexível puxar e empurrar dos remadores, da encenação ressequida da feitiçaria destinada ao Encapuzado, na atmosfera sufocante. Seus olhos procuraram por Gesler e o encontraram em pé no castelo de popa, junto a Tempestade. Aqueles eram homens duros, mais do que conseguia compreender. Eles haviam assumido o humor negro e macabro típico dos soldados além do que o mago julgara ser possível. Era um humor frio como o âmago sem sol de uma geleira. *Confiança irascível... ou fatalismo? Não sabia que os pelos de Fener podiam ser tão pretos.*

A tempestade do feiticeiro louco ainda ganhava terreno sobre eles, mais lenta que antes, embora ainda representasse uma ameaça inegável. O mago foi até Heboric.

– Esse é o Labirinto do seu deus?

O ancião fechou a cara.

– Não é meu deus. Não é o Labirinto dele. O Encapuzado é que sabe em que parte do Abismo estamos, e parece que não há jeito fácil de acordar deste pesadelo.

– Você enfiou a mão tocada pelo deus no ferimento de Tempestade.

– É. Nada além de acaso. Poderia muito bem ter sido a outra.

– O que você sentiu?

Heboric deu de ombros.

– Alguma coisa atravessando. Você sabia disso, não sabia? – perguntou o velho. Kulp assentiu. – Era o próprio Fener?

– Não sei. Acho que não. Não sou especialista em assuntos religiosos. Mas não parece ter afetado Tempestade... Exceto pela cura. Não sabia que Fener concedia bênçãos assim.

– Não concede – resmungou o ex-sacerdote, e seus olhos se nublaram ao olhar de volta para os dois soldados navais. – Não sem um preço, pelo menos.

Felisin estava sentada longe dos outros, sendo sua companhia mais próxima a pirâmide de cabeças, com seus olhares fixos. Não pareciam se importar muito com ela, pois sua atenção permanecia sobre Gesler, o homem com o apito de osso pendurado no peito. Ela se lembrou do Círculo em Unta, do sacerdote de moscas. Tinha sido seu primeiro contato com a feitiçaria. Apesar de todas as histórias de magia e de magos ferozes, de conflagrações mágicas engolfando cidades em guerras nos limites do Império, Felisin nunca tinha testemunhado tais forças. Não era algo tão comum quanto as histórias alegavam ser. E testemunhar magia deixava cicatrizes, um sentimento esmagador de vulnerabilidade diante de algo além do seu controle. Tornava o mundo subitamente excêntrico, mortal, assustador e desolado. Aquele dia em Unta tinha mudado seu lugar no mundo, ou pelo menos a forma como ela o percebia. E vinha se sentindo desequilibrada desde então.

Talvez não tenha sido isso que me deixou assim. Nada disso. Talvez tenha sido o que vivi na marcha até as galés, aquele mar de rostos, a tempestade de ódio e de fúria insana, de liberdade e desejo de causar dor, tudo isso escrito com clareza naqueles rostos, aparentemente tão normais. Talvez as pessoas é que tenham me abalado.

Olhou para as cabeças decapitadas. Os olhos não piscavam. Estavam ficando secos, rachando como a clara de ovos esparramada no chão quente. *Como os meus. Já viram coisas demais. Apenas coisas demais.* Se demônios emergissem das águas ao redor deles naquele exato instante, Felisin não ficaria chocada, só surpresa por terem levado tanto tempo para aparecer. *Podem acabar com isto rápido, agora? Por favor.*

Como um macaco de membros compridos, Verdade desceu do cesto da gávea, aterrissando com leveza no convés e parando perto dela enquanto limpava a poeira das fibras de corda de suas roupas. Ele tinha alguns anos a mais que Felisin, mas parecia muito mais jovem aos olhos dela. *Pele lisa e sem marcas. Tufos de barba, olhos limpos demais. Nada de galões de vinho, nem nuvens de fumaça de durhang, nem corpos pesados se alternando para se*

empurrar para dentro de um lugar que até começou vulnerável, mas já se isolou de tudo o que era real, de tudo o que importava. Eu só lhes dei a ilusão de entrarem em mim, como um receptáculo sem saída. Você consegue entender o que estou falando, Verdade?

Ele percebeu a atenção dela e lhe deu um sorriso tímido.

– Ele está nas nuvens – falou Verdade com a voz rouca da adolescência.

– Quem?

– O feiticeiro. Como uma pipa solta, para um lado e para outro, soltando serpentinas de sangue.

– Que poético, Verdade. Volte a ser um soldado.

Ele enrubesceu e se virou. Baudin falou por trás dela:

– Esse menino é bom demais para você, e isso a torna cruel.

– O que você poderia saber sobre isso? – zombou ela, sem se virar.

– Não consigo prever você sempre, mocinha – admitiu ele. – Mas posso prever um pouco.

– É nisso que você gosta de acreditar. Me conte quando sua mão começar a apodrecer. Quero estar lá quando a cortarem fora.

Os remos estalavam em contraponto ao tambor ressoante. O vento chegou como uma exalação arquejante e a tempestade do feiticeiro se abateu sobre eles.

Alguma coisa na testa de Violinista o acordou. Ele abriu os olhos e viu uma massa de extremidades peludas, que de repente se afastaram para revelar um rosto negro encarquilhado espiando-o com ar crítico. O rosto concluiu seu exame com uma expressão de desgosto.

– Aranhas na sua barba... ou pior. Não consigo ver, mas sei que estão aí.

O sapador inspirou fundo e se retraiu diante do latejar de dor nas suas costelas quebradas.

– Saia daqui! – grunhiu.

Uma dor lancinante envolveu suas coxas, como lembrete das garras

afiadas que as haviam arranhado. Seu tornozelo esquerdo estava bem enfaixado, mas a dormência no pé o preocupou.

– Não posso – respondeu o homem idoso. – Não há fuga possível. Barganhas foram feitas, arranjos foram selados. O Baralho fala disso com clareza. Uma vida dada por uma vida tomada, e mais além disso.

– Você é dal-honês – disse Violinista. – Onde estou?

O rosto se abriu num largo sorriso.

– Na Sombra. Rá-rá!

Uma nova voz falou atrás do velho estranho:

– Ele acorda e você o atormenta, sumo sacerdote. Vá para o lado, que o soldado precisa de ar, e não de ares.

– É uma questão de justiça – retorquiu o sumo sacerdote, embora se afastasse. – Seu companheiro temperamental se ajoelha diante daquele altar, não é? Esses detalhes são vitais para o entendimento.

Ele recuou um passo e a figura imensa do outro falante surgiu no campo de visão de Violinista.

– Ah... – Violinista suspirou. – O trell. A memória retorna. E seu companheiro... o jhag?

– Está entretendo *seus* companheiros – disse o trell. – Mal, admito. Apesar da idade, Icarium nunca dominou a graça necessária para deixar os outros confortáveis.

– Icarium, o jhag, a julgar pelo nome. O fazedor de máquinas, o perseguidor do tempo...

O trell exibiu os caninos, num sorriso largo e torto.

– É, senhor dos grãos de areia... Embora essa alusão poética esteja perdida para a maioria. E é meio esquisita, aliás.

– Mappo.

– É, de novo. E os seus amigos o chamam de Violinista, arruinando seu disfarce de guerreiro gral.

– Então não importa muito que eu tenha acordado fora do personagem – disse Violinista.

- O lapso não será punido, soldado. Tem sede? Fome?
- Que bom. Sim e sim. Mas, antes, onde estamos?
- Em um templo esculpido dentro de um penhasco. Fora do Furacão.

São convidados de um sumo sacerdote da Sombra... Esse que você conheceu.
Iskaral Pust.

- Pust?
 - Pois é.
- O sumo sacerdote dal-honês surgiu mais uma vez.
- Está zombando do meu nome, soldado?
 - Eu não, sumo sacerdote.

O velho grunhiu, segurou firme a vassoura e saiu da sala em disparada. Violinista se sentou com cuidado, movendo-se como um ancião. Estava tentado a pedir a Mappo uma avaliação dos danos, especialmente em relação a seu tornozelo, mas decidiu esperar um pouco mais para ouvir as prováveis más notícias.

- Qual é a história daquele homem?
- Acho que nem ele sabe.
- Eu acordei com ele varrendo a minha cabeça.
- Não me surpreende.

A presença do trell trazia certa naturalidade, o que deixou Violinista relaxado. Pelo menos até ele se lembrar do nome do guerreiro. *Mappo, um nome sempre preso ao de outro. E rumores suficientes para encher um tomo. Se qualquer um for verdade...*

- Icarium assustou o d'ivers.
- A reputação dele tem peso.
- É merecida, Mappo?

Enquanto ainda estava perguntando, Violinista soube que deveria ter engolido a pergunta.

- O trell estremeceu, recuando um pouco.
- Vou buscar comida e bebida para você, então.

Mappo deixou o quartinho movendo-se em silêncio, apesar de seu peso

considerável. A combinação trouxe Kalam, como eco, à mente de Violinista. *Você foi mais rápido que a tempestade, velho amigo?*

Iskaral Pust voltou para a câmara, agora tranquilo.

– Por que você está aqui? – sussurrou. – Sabe por quê? Não sabe, mas vou contar. Para você e ninguém mais. – Inclinou-se para mais perto, agarrando os tufos de cabelo espiralados com as duas mãos. – *Tremorlor!*

Rindo da expressão de Violinista, ele rodopiou em passos selvagens e travessos antes de parar de novo diante do sapador, com o rosto a centímetros do dele.

– O rumor de uma vereda – continuou –, um caminho para ir para casa. Um rumor do tamanho de um verme se contorcendo, até menor, uma larva, menor que um pedaço de unha cortada, uma confusão compactada e embaralhada ao redor de algo que pode ser uma verdade. Ou não. Rá-rá!

Violinista tinha aguentado o bastante. Fazendo uma careta por causa da dor, agarrou o colarinho do homem e o sacudiu. Seu rosto foi atingido por saliva; os olhos do sumo sacerdote se reviraram como bolas de gude em uma xícara.

– O quê? De novo? – foi o que Iskaral Pust conseguiu dizer.

Violinista o empurrou para longe. O ancião cambaleou, se endireitou e tentou restabelecer sua dignidade.

– Uma coincidência de reações – disse o sumo sacerdote. – Tempo demais longe de compromissos sociais e coisas do tipo. Devo examinar minhas maneiras, e, mais, minha personalidade. – Inclinou a cabeça. – Honesto. Direto. Engraçado. Gentil. Integridade impressionante. Ora! Onde está o problema, então? Soldados são grosseiros. Imaturos e estúpidos. Mal-humorados. Você conhece a Corrente de Cães?

Violinista se sobressaltou, piscando como se tivesse acabado de despertar de um transe.

– O quê?

– Começou, embora não se saiba. Anabar Thy'lend. Corrente de Cães na língua malazana. Soldados não têm imaginação, o que quer dizer que são

capazes de enormes surpresas. Há algumas coisas que nem mesmo o Furacão consegue varrer para o lado.

O trell Mappo retornou trazendo uma bandeja.

– Importunando nosso convidado outra vez, Iskaral Pust?

– Profecias nascidas da Sombra – resmungou o sumo sacerdote, fitando Violinista com ar frio e reprovador. – A sarjeta sob inundação, soltando ondulações na superfície que se afunda. Um rio de sangue, o fluxo de palavras de um coração escondido. Todas as coisas fendidas. Aranhas em cada curva e canto.

Pust deu a volta e saiu da sala batendo os pés. Mappo observou o sumo sacerdote enquanto ele se afastava.

– “Não dê atenção a ele”, certo? – disse o sapador.

O trell deu a volta, arqueando as sobrancelhas pesadas.

– Ah, pelo Encapuzado, não. Dê toda a atenção àquele homem, Violinista.

– Eu temia que você dissesse isso. Ele mencionou Tremorlor. Ele sabe.

– Ele sabe até o que seus companheiros não sabem – disse Mappo, levando a bandeja até o sapador. – Você procura a lendária Casa da Azath, lá no deserto. Em algum lugar.

É, e o portal que Ben Ligeiro jura que ela guarda.

– E você? – perguntou Violinista. – O que o trouxe ao Raraku?

– Eu sigo Icarium – replicou o trell. – Uma busca sem fim.

– E você devotou sua vida a ajudá-lo nessa busca?

– Não. – Mappo suspirou, depois sussurrou, sem encontrar o olhar de Violinista: – Eu procuro garantir que ela permaneça sem fim. Aqui, quebre o jejum. Você esteve inconsciente por dois dias. Seus amigos estão inquietos, cheios de perguntas, ansiosos para falar com você.

– Suponho não ter escolha. É melhor responder a essas perguntas.

– É, e depois que você tiver se consertado um pouco podemos começar nossa jornada... – Ele sorriu, com cautela. – Para encontrarmos Tremorlor.

Violinista franziu a testa.

– “Consertado”, você disse. Meu tornozelo foi esmagado. Não sinto quase nada abaixo do joelho. Parece que vocês terão que cortar fora esse pé.

– Tenho alguma experiência em curativos – disse Mappo. – Este templo já foi especializado em tais alquimias e as freiras deixaram muito para trás. E, por mais estranho que pareça, Iskaral Pust parece ter algum talento também, embora alguém deva ficar de olho nele. Às vezes a inteligência lhe escapa e ele confunde elixires com venenos.

– Ele é um avatar de Trono Sombrio – falou o sapador, estreitando os olhos. – Ou da Corda... de Cotillion, o Patrono dos Assassinos. Há pouca diferença entre os dois.

O trell deu de ombros.

– A arte de assassinar requer um conhecimento complementar, o da cura. Dois lados da mesma moeda alquímica. Em todo caso, ele fez uma verdadeira cirurgia no seu tornozelo. Não tema, eu acompanhei. E, admito, aprendi bastante. Essencialmente, o sumo sacerdote reconstruiu seu tornozelo. Usando um unguento, colou os fragmentos. Nunca tinha visto algo assim. Desse modo, você vai se curar, e rápido.

– Um par de mãos devotado à Sombra cutucou embaixo da minha pele? Pelo sopro do Encapuzado!

– Era isso ou perder o pé. Você tinha um pulmão perfurado também, algo além das minhas especialidades, mas o sumo sacerdote deu um jeito de tirar o sangue de lá, depois o fez respirar um vapor curandeiro. Você deve sua vida a Iskaral Pust.

– Precisamente aonde quero chegar – resmungou Violinista.

Ouviram vozes do lado de fora. Então Apsalar apareceu à porta, com Crokus logo atrás. Ambos pareciam bem, depois de dois dias a salvo da árida tempestade. Eles entraram, e Crokus correu para se abaixar ao lado da cama de Violinista.

– Temos que sair daqui! – sibilou ele.

O sapador olhou para Mappo, notando um sorriso torto enquanto o trell recuava devagar.

– Acalme-se, rapaz. Qual é o problema?

– O sumo sacerdote... Ele é do Culto da Sombra, Violinista. Você não vê...

Apsalar...

Algo frio deslizou pelos ossos do sapador.

– Ah, cacete – sussurrou ele. – Entendo o que quer dizer. – Olhou para a jovem, que se aproximava do pé da cama. Então falou baixo: – Sua mente ainda é sua, menina?

– O homenzinho me trata bem – disse ela, dando de ombros.

– Bem? – Crokus cuspiu. – Quer dizer que o filho pródigo retornou! O que vai impedir que Cotillion possua você outra vez?

– Você só precisa perguntar ao servo dele – disse uma nova voz vinda da porta.

Icarium estava lá, encostado no batente, de braços cruzados. Seus olhos cinzentos semicerrados estavam fixos na extremidade mais distante do quarto.

Da escuridão das sombras, uma figura tomou forma. Iskaral Pust, sentado de forma esquisita em uma cadeira, se remexeu e olhou feio para o jhag.

– Eu tinha que continuar invisível, seu tolo! Qual é a vantagem das sombras quando você adivinha o que elas escondem com tanta facilidade? Ah! Estou arruinado.

Os lábios finos de Icarium se curvaram um pouco.

– Por que não dar uma resposta a eles, Iskaral Pust? Deixe-os tranquilos.

– Deixá-los tranquilos? – O sumo sacerdote pareceu achar as palavras esquisitas. – Qual o valor disso? Preciso pensar. Tranquilos. Relaxados. Negligenciando restrições. Descuidados. Sim, é claro. Ótima ideia.

Ele parou de falar, passando a olhar Violinista.

O sapador viu um sorriso tomar conta do rosto do homem envelhecido, oleoso, suave e pateticamente sonso.

– Está tudo bem, meus amigos – ronronou ele. – Fiquem calmos. Já acabou a possessão da garota por Cotillion. O problema da ameaça de

Anomander Rake persiste. Quem quer aquele grosseiro transmissor de mutilação bárbara arrombando a porta do templo? Trono Sombrio é que não. O Patrono dos Assassinos é que não. Ela ainda está protegida. Além disso, Cotillion já não acha útil usá-la, e de fato o resíduo de seus talentos dentro dela é motivo para uma preocupação secreta... – O rosto dele se contorceu. – Não, melhor não dar voz a esse pensamento. – Ele sorriu outra vez. – A conversa educada foi redescoberta e usada com malícia e graça. Olhe-os, Iskaral Pust, você ganhou a todos.

Fez-se um longo silêncio. Mappo pigarreou.

– O sumo sacerdote raramente tem companhia.

Violinista suspirou, de repente exausto, e recostou, fechando os olhos.

– E meu cavalo? Sobreviveu?

– Sim – respondeu Crokus. – Já recebeu cuidados, como os outros.

Aqueles que Mappo teve tempo de ajudar, na verdade. E há um servo aqui, em algum lugar. Não o vimos, mas ele faz um bom trabalho.

– Violinista, fale-nos de Tremorlor – pediu Apsalar.

Uma nova tensão preencheu o ar. O sapador a sentiu enquanto o sono o chamava, atraente por sua promessa de fuga temporária. Após um momento, ele afastou o torpor com outro suspiro e abriu os olhos.

– O conhecimento que Ben Ligeiro tem do deserto é... hã... vasto. Quando ele cavalgou pelo Deserto Sagrado da última vez... quando fugia a cavalo, na verdade... falou sobre as Estradas Desaparecidas. Como aquela que encontramos...estradas antigas que dormem sob as areias e aparecem só de vez em quando... Se os ventos forem os certos, claro. Bem, uma dessas estradas leva a Tremorlor...

– Que é... – interrompeu Crokus.

– Uma Casa da Azath.

– Como aquela que surgiu em Darujhistan?

– É. Esses edifícios existem, ou dizem que existem, em quase todos os continentes. Ninguém conhece seu propósito, embora pareçam ser um ímã de poder. Há a velha história de que o imperador e Dançarino... – *Ah,*

Encapuzado! Kellanved e Dançarino, Ammanas e Cotillion, a possível ligação com a Sombra... Este templo... Violinista lançou um olhar ferino a Iskaral Pust. O sumo sacerdote tinha um sorriso ávido e seus olhos brilhavam. – Hã... A lenda diz que Kellanved e Dançarino uma vez ocuparam essa Casa, na cidade de Malaz.

– A Casa dos Mortos – disse Icarium da soleira da porta. – A lenda é verdadeira.

– É – resmungou Violinista, depois se sacudiu. – Bom. Em todo caso, Ben Ligeiro crê que essas casas estão ligadas umas às outras, via portais de algum tipo. E que a viagem entre elas é possível... Uma viagem quase instantânea...

– Com licença – disse Icarium, entrando na sala com um ar de alarme repentino. – Nunca ouvi o nome de Ben Ligeiro. Quem é esse homem que alega possuir tamanho conhecimento arcano acerca da Azath?

O sapador estremeceu sob o olhar firme do jhag, depois fechou a cara para si mesmo e se endireitou um pouco.

– Um mago de regimento – respondeu, deixando claro que não pretendia explicar mais.

Os olhos de Icarium ficaram estranhamente pesados.

– Você dá importância demais às opiniões de um mero mago de regimento.

– É, dou.

– Você quer encontrar Tremorlor para usar o portal e nos levar até a cidade de Malaz – falou Crokus. – Para essa Casa dos Mortos. O que nos deixaria...

– A apenas meio dia de barco da costa de Itko Kan – disse Violinista, encontrando os olhos de Apsalar. – E do lar de seu pai.

– Pai? – perguntou Mappo, franzindo o cenho. – Você me confundiu agora.

– Estamos levando Apsalar para casa – explicou Crokus. – Para a família dela. Ela foi possuída por Cotillion, roubada do pai, da vida que tinha...

– Vida de quê? – perguntou Mappo.

– Pescadora.

O trell ficou em silêncio, mas Violinista procurou adivinhar os pensamentos ocultos dele. *Depois do que ela passou, vai se contentar com uma vida de puxar redes?* A própria Apsalar não disse nada.

– Uma vida dada por uma vida tomada! – gritou Iskaral Pust, pulando de sua cadeira, girando no lugar e agarrando, então, os tufos de cabelo com as duas mãos. – Tanta paciência é suficiente para levar qualquer um à loucura! Mas não eu! Ancorado às correntes de rocha curtida pelo tempo, às areias que escorrem sob o brilho do sol! O tempo se estendeu, jogadores imortais num jogo eterno. Há poesia no puxão dos elementos, sabe? O jhag entende. O jhag procura os segredos... Ele é pedra e a pedra esquece, a pedra persiste, agora, e nisso jaz a verdade da Azath... Mas, esperem! Divaguei com esses pensamentos ocultos e não ouvi nada do que está sendo dito! – Caiu num silêncio abrupto e voltou à cadeira.

A atenção de Icarium ao sumo sacerdote poderia muito bem ter sido algo esculpido em rocha magnetizada. A de Violinista, por sua vez, foi puxada para todos os lados. Tinham desistido fazia tempo da ideia de dormir.

– Não tenho certeza desses detalhes – disse o Sapador, devagar, atraindo a atenção de todos. – Mas tenho a nítida sensação de ser apenas uma marionete me juntando a uma dança ampla e intrincada. Qual é o padrão? Quem segura os cordéis?

Todos os olhos se voltaram para Iskaral Pust. O sumo sacerdote manteve a atenção fixa mais um momento, depois piscou.

– Uma pergunta feita ao meu modesto eu? Escusas de insinceridade admitida. Mente ampla e intrincada às vezes vaga. Sua pergunta? – Ele baixou a cabeça e sorriu nas sombras. – Eles foram enganados? Verdades sutis, dicas imprecisas, uma escolha de palavras ao acaso, num eco leviano? Eles não sabem. Saboreie o espanto com inocência de olhos arregalados. Ah, isso é primoroso!

– Você nos respondeu com eloquência – disse Mappo ao sumo sacerdote.

– Respondi? Isso é doentio. Aliás, que gentil da minha parte. De nada. Vou mandar Servo preparar sua viagem, então. Uma viagem para a lendária Tremorlor, onde todas as verdades vão convergir com a clareza de lâminas desembainhadas e presas reveladas, onde Icarium encontrará seu passado perdido, a outrora possuída pescadora encontrará o que ainda não sabe que busca, onde o garoto descobrirá o preço de se tornar um homem, ou talvez não, onde o trell deplorável fará o que quer que deva, e onde um sapador exaurido deverá ao menos receber a bênção de seu imperador. Ah, sim. A menos, é claro – acrescentou, com um dedo sobre os lábios –, que Tremorlor não seja nada além de um mito e que essas buscas não sejam nada além de um artifício oco.

O sumo sacerdote, ainda com o dedo sobre os lábios, se recostou de volta na estranha cadeira. Sombras se fecharam ao redor dele. Um momento depois, ele e a cadeira haviam sumido.

Violinista sentiu como se saísse, sobressaltado, de um transe vago e errante. Balançou a cabeça, esfregou o rosto e olhou para os outros, apenas para ver que todos reagiam da mesma maneira: como se tivessem sido puxados para uma sutil e sedutora feitiçaria. Violinista soltou a respiração, trêmulo.

– Pode haver magia em simples palavras? – perguntou, a ninguém em especial.

– Magia poderosa o bastante para deixar deuses de joelhos, soldado – respondeu Icarium.

– Temos de sair daqui – resmungou Crokus.

Dessa vez, todos concordaram.

CAPÍTULO 9

Os engenheiros malazanos são uma raça única. Irascíveis, de boca suja, zombam de autoridades. Reticentes e estúpidos, são a rocha cárdia do exército malazano...

As Forças Armadas Imperiais, Senjalle

Ao descer para o Orbala Odhan, Kalam encontrou os primeiros sinais da revolta. Um comboio de refugiados malazanos tinha sido emboscado enquanto viajava pelo leito seco de um riacho. Os agressores haviam surgido da relva alta que acompanhava ambas as margens, primeiro com uma chuva de flechas, depois com uma investida sobre os pobres malazanos. Três carroções acabaram incendiados.

O assassino ficou sentado, imóvel sobre seu cavalo, analisando os amontoados de madeira carbonizada, cinzas e ossos cobertos pela fumaça. A dez passos dos restos fumegantes dos carroções, um pequeno nó de cores: um montinho de roupas de criança, tudo o que restava das posses das vítimas.

Depois de dar uma última olhada em volta, à procura de Apto – não via o demônio em lugar nenhum, embora soubesse que estava próximo –, Kalam desmontou. Rastros revelavam que o gado do comboio tinha sido levado pelos agressores. Os únicos corpos eram aqueles queimados junto aos carroções. A busca de Kalam revelou que houvera sobreviventes, um pequeno grupo que tinha conseguido abandonar o lugar, fugindo, então, para o sul, cruzando o Odhan. Parecia que esse grupo não tinha sido perseguido, mas Kalam sabia muito bem que eram poucas as chances de

sobrevivência na planície. A cidade de Orbal ficava a cinco ou seis dias de distância a pé e provavelmente estava nas mãos de rebeldes, de qualquer forma, já que o destacamento malazano lá sempre tinha contado com poucos soldados.

Kalam se perguntou de onde os refugiados haviam saído. Não havia muita coisa por vários quilômetros, em todas as direções.

Com um som na areia que parecia a batida em um tambor, Apto apareceu mais abaixo no leito do riacho. Os ferimentos da fera haviam se curado quase por completo, deixando cicatrizes vincadas no couro negro. Cinco dias tinham se passado desde o ataque do d'ivers. Não havia sinais de que o metamorfo ainda os perseguisse e Kalam esperava que ele tivesse se machucado o suficiente para desistir de vez da caçada.

Ainda assim, estavam sendo seguidos por... *alguém*. O assassino sentia em seus ossos. Estava tentado a armar ele mesmo uma emboscada, mas Kalam era um só, enquanto seus perseguidores podiam ser muitos. Além do mais, não sabia ao certo se Apto ajudaria na empreitada... Ele suspeitava que não. Sua única vantagem era viajar depressa. Não deu muito trabalho encontrar o cavalo depois da batalha, e o animal parecia impenetrável aos rigores da viagem. Kalam já começava a suspeitar de que havia uma questão de orgulho entre o garanhão e o demônio. O fato de sua montaria ter fugido da luta devia ter doído e era como se o cavalo estivesse determinado a recuperar quaisquer que fossem suas ilusões de superioridade.

Kalam subiu na sela outra vez. Apto tinha encontrado a trilha deixada pelos sobreviventes fugitivos e farejava o ar, virando a cabeça comprida e chata de um lado para outro.

– Não é problema nosso – disse Kalam, soltando a única faca que ainda restava em seu cinto. – Já temos muitos problemas, Apto.

Ele cutucou a montaria e partiu numa direção que o levaria para bem longe da trilha. Atravessou a planície ao entardecer que chegava. Apesar do tamanho, o demônio pareceu sumir na escuridão. *Um demônio nascido no Reino da Sombra. Eu não deveria estar surpreso.*

Havia uma depressão na pradaria mais adiante, indicando outro antigo curso de rio. Quando Kalam se aproximou, silhuetas saíram de seus esconderijos perto da margem mais próxima. Praguejando baixo, o assassino reduziu a velocidade da montaria, erguendo ambas as mãos com as palmas viradas para a frente.

– Mekral, obarianos – disse Kalam. – Cavalgo com o Furacão!

– Mais perto, então – retrucou uma voz.

Com as mãos ainda erguidas, Kalam avançou com o cavalo, guiando o animal somente com os calcanhares e os joelhos.

– Mekral – reconheceu a mesma voz. Um homem saiu da relva alta com uma cimitarra na mão. – Junte-se ao nosso banquete, cavaleiro. Tem notícias do norte?

Relaxando, Kalam desmontou.

– Com muitos meses de idade, obariano. Não falo em voz alta há semanas. Que histórias você me conta?

O porta-voz era apenas mais um bandido entre os que agora aproveitavam a máscara nobre da rebelião para fazerem suas pilhagens. Mostrou um sorriso sem dentes ao assassino.

– Vingança contra os mezlas, mekral. Doce como água de riacho, essa vingança.

– O Furacão não foi derrotado, então? Os exércitos mezlas não fizeram nada?

Guiando o cavalo, Kalam caminhou com os saqueadores até o acampamento, erguido de qualquer jeito, revelando a mente desleixada que o comandava. Uma grande pilha de madeira estava prestes a ser incendiada, prometendo um fogo para cozinhar que seria visível por metade do Odhan. Um pequeno rebanho de bois tinha sido levado para dentro de um cercado improvisado um pouco mais adiante do acampamento, na direção do vento.

– Os exércitos mezlas não fazem nada além de morrer – disse o líder, sorrindo. – Ouvimos falar que resta apenas um, bem para o sudeste. Guiado por um wickano com o coração feito de pedra negra e sem sangue.

Kalam grunhiu. Um homem entregou-lhe um odre de vinho e, assentindo em agradecimento, o assassino deu uma golada. Vinho saltoano, roubado dos mezlas. *Provavelmente dos carroções que vi mais cedo. O mesmo com os bois.*

– Sudeste? Uma das cidades costeiras?

– É. Hissar. Mas agora a cidade está nas mãos de Kamist Reloe. Assim como todas as outras, exceto Aren, e Aren tem os jhistsais lá dentro. O comandante wickano foge por terra, preso a milhares de refugiados. Eles imploram por sua proteção enquanto lambem seu sangue.

– Então esse wickano não tem o coração preto o suficiente – resmungou Kalam.

– Verdade. Ele deveria deixá-los para os exércitos de Reloe, mas teme a fúria dos tolos mimados que comandam Aren. Não que eles vão continuar respirando por muito tempo.

– Qual é o nome desse wickano?

– Coltaine. Dizem que tem asas de corvo e que encontra muitos motivos para rir em meio a uma carnificina. Uma morte lenta o aguarda, foi o que Kamist Reloe prometeu.

– Que o Furacão colha todas as merecidas recompensas – disse o assassino, bebendo de novo.

– Que cavalo bonito o seu, mekral.

– E leal. Coitado do estranho que tentar cavalgá-lo – retrucou Kalam, torcendo para que o aviso não fosse sutil demais para o homem.

O líder dos bandidos deu de ombros.

– Todas as coisas podem ser domadas.

O assassino suspirou, baixando o odre.

– Vocês são traidores do Furacão? – perguntou.

Todo o movimento ao redor dele cessou. À esquerda, o fogo na madeira seca como osso estalou, numa chama crescente.

O líder estendeu as mãos, com uma expressão ofendida.

– Um simples elogio, mekral! O que criou esse tipo de suspeita em você?

Não somos nem ladrões nem assassinos, amigo. Somos crentes! Seu belo cavalo é seu, é claro, embora eu tenha ouro...

– Não está à venda, obariano.

– Você nem ouviu minha oferta!

– Nem todos os Sete Tesouros Sagrados me farão mudar de ideia – grunhiu Kalam.

– Então não falaremos mais desse assunto. – O homem pegou o odre de volta e o ofereceu a Kalam. Ele aceitou, mas não fez mais que molhar os lábios. – São tempos difíceis – continuou o líder bandido. – A confiança é uma coisa rara, até entre companheiros soldados. Todos cavalgamos em nome de Sha'ik, no fim das contas. Odiamos o mesmo inimigo. Noites como esta, concedendo paz sob as estrelas em meio a esta guerra santa, são motivo para celebração e irmandade, amigo.

– Suas palavras capturaram a beleza de nossa cruzada – disse Kalam.

Palavras resvalam sobre tumulto, terror e pavor com tanta facilidade que é uma surpresa a confiança sequer existir.

– Agora, você vai me dar seu cavalo e essa bela arma que traz no cinto.

A risada do assassino soou como um trovão baixo.

– Conto sete de vocês, quatro à minha frente, três rondando atrás. – Ele fez uma pausa, sorrindo ao encontrar os olhos acesos do líder bandido. – Vai ser por pouco, mas vou me certificar de matar você primeiro, *amigo*.

O homem hesitou, depois respondeu, com um sorriso:

– Você não tem senso de humor. Acho que se esqueceu das brincadeiras que os soldados costumam fazer, talvez por estar viajando há tanto tempo sozinho. Já comeu? Encontramos um grupo de mezlas hoje de manhã e eles foram muito generosos em relação a sua comida e suas posses. Vamos visitá-los outra vez amanhã cedo. Há mulheres entre eles.

Kalam fechou a cara.

– E esta é sua guerra contra os mezlas? Vocês estão armados, têm montarias... Por que não se juntaram aos exércitos do Apocalipse? Kamist Reloe precisa de guerreiros como vocês. Estou indo para o sul, onde

pretendo me juntar ao cerco de Aren, que com certeza vai acontecer.

– Assim como nós. Cruzaremos os portões escancarados de Aren! – respondeu o homem, com fervor. – E, além disso, estamos levando gado conosco, para alimentar nossos irmãos do exército! Você sugere que devemos ignorar os mezlas ricos que encontramos?

– O Odhan os matará sem nossa ajuda – disse o assassino. – Vocês estão com os bois deles.

Os portões escancarados de Aren... Os jhistais lá dentro. O que isso quer dizer? Jhistais... Não é uma palavra familiar, não das Sete Cidades. Falari?

A expressão do homem tinha esfriado em resposta às palavras de Kalam.

– Nós os atacaremos ao amanhecer. Você vai conosco, mekral?

– Estão ao sul daqui?

– Estão, a menos de uma hora de cavalgada.

– É para onde já estou viajando, de qualquer forma. Então, vou com vocês.

– Excelente!

– Mas não há nada sagrado no estupro – grunhiu Kalam.

– Não. Sagrado, não – o homem sorriu –, mas justo.

Cavalgaram pela noite, sob a vastidão das estrelas. Um dos bandidos tinha ficado para trás com os bois e outras pilhagens, deixando Kalam com um grupo de seis. Todos levavam arcos pequenos recurvados, embora suas provisões de flechas estivessem baixas: nenhuma das aljavas trazia mais de três, e todas com as penas esfarrapadas. As armas só teriam efeito a curta distância.

Bordu, o líder dos bandidos, disse ao assassino que os refugiados malazanos consistiam em um homem – um soldado –, duas mulheres e dois jovens. Ele tinha certeza de que o soldado havia sido ferido na primeira emboscada. Bordu não esperava uma grande luta. Derrubariam o homem primeiro.

– Depois, poderemos brincar com as mulheres e com os garotos. Talvez você mude de ideia, mekral.

A única resposta de Kalam foi um grunhido. Conhecia homens como aquele. Só eram corajosos enquanto estavam em maior número que suas vítimas; a glória oca pela qual ansiavam vinha do domínio sobre os indefesos. Criaturas assim eram comuns no mundo, e numa terra presa à guerra elas ficavam livres para correr, as verdades brutais por trás de cada causa justa. Recebiam um nome na língua ehrlitana: e'ptarh le'gebran, ou os abutres da violência.

A casca seca da pradaria surgiu adiante deles. Havia ali calombos de granito em meio à relva, salpicando as encostas de uma série de colinas baixas. Vinda de trás de um desses afloramentos, uma fraca luz de chamas tingia o ar de vermelho. Kalam balançou a cabeça. Descuidados demais numa terra hostil... O soldado com eles deveria ter mais noção.

Bordu ergueu a mão, fazendo-os pararem a cerca de cinquenta passos do afloramento monolítico.

– Não ponham os olhos na fogueira – sussurrou para os outros. – Que esses tolos sejam amaldiçoados com o ofuscamento, não nós. Agora, se espalhem. O mekral e eu daremos a volta até o outro lado. Deem um intervalo de cinquenta respirações, depois ataquem.

Os olhos de Kalam se estreitaram sobre o líder dos bandidos. Ao entrar no acampamento pelo outro lado, ele se arriscaria a levar uma flechada – ou três – dos demais agressores, em meio ao tumulto. *Mais do humor dos soldados, ao que parece.* Mas o assassino não disse nada, afastando-se junto com Bordu e cavalcando lado a lado com ele em uma rota que contornava o acampamento dos refugiados.

– Seus homens são habilidosos com o arco? – perguntou o assassino alguns minutos depois.

– Como víboras, mekral.

– E com mais ou menos o mesmo alcance – resmungou Kalam.

– Eles não vão errar.

– Sem dúvida.

– Está com medo, mekral? Você, um homem tão grande, de aparência tão perigosa. Um guerreiro, sem dúvida. Estou surpreso.

– Tenho uma surpresa maior – disse Kalam, estendendo a mão e deslizando uma lâmina pelo pescoço de Bordu.

Sangue jorrou. Gorgolejando, o líder dos bandidos tombou para trás na sela e sua cabeça pendeu de maneira horrível.

Kalam embainhou a faca. Cavalgou para mais perto, a tempo de apoiar o cadáver na sela e segurá-lo sobre ela, equilibrando Bordu com uma das mãos nas costas do bandido.

– Cavalgue comigo mais um pouco. E que os Sete Sagrados esfolem sua alma traiçoeira.

Como farão com a minha, quando chegar a hora.

A luz bruxuleante do fogo estava à frente. Gritos distantes anunciaram a investida dos bandidos. Cascos de cavalo surraram o chão endurecido. Kalam fez seu garanhão passar para um galope leve. O de Bordu acompanhou o passo e o corpo do líder dos bandidos oscilou, com a cabeça de lado, pressionando a orelha contra um dos ombros.

Alcançaram a encosta da colina, que era mais suave daquele lado e quase desobstruída. Era possível ver os agressores, agora, cavalgando para dentro da concha de luz do fogo; flechas voavam para as figuras envoltas em cobertores ao redor da fogueira.

O som que as flechas fizeram ao atingir o alvo revelou no mesmo instante a Kalam que não havia corpos embaixo daqueles cobertores. O soldado tinha provado seu valor; fizera uma armadilha. O assassino sorriu. Empurrou Bordu sobre o chifre da sela e deu um tapa no traseiro do cavalo do líder, que disparou para a luz.

O assassino, então, interrompeu o galope brando de sua montaria, deslizou para o chão e ficou imóvel na escuridão, fora do alcance da luz que vinha da fogueira. Avançou pé ante pé, sem fazer barulho.

Ouviu-se o estalo repentino de uma besta. Um dos bandidos foi

arremessado de sua sela para trás, tombando para o chão. Os outros quatro se detiveram, claramente confusos. Algo como uma bolsa pequena voou para a fogueira, aterrissando de modo a soltar diversas centelhas. Um momento mais tarde, a noite se acendeu numa labareda em cascata e a silhueta dos quatro bandidos foi recortada com clareza. A besta disparou de novo. Um bandido guinchou, se encurvando na tentativa de alcançar a seta cravada em suas costas. Um instante depois, gemeu, cedendo enquanto seu cavalo fazia círculos confusos.

Kalam conseguiu se manter na escuridão, apesar da explosão de luz, mas sua visão noturna tinha sido comprometida. Praguejando baixo, avançou com a faca longa na mão direita e um punhal de dois gumes na esquerda.

Ouviu outro cavaleiro vir com tudo de um dos lados. Os dois bandidos viraram suas montarias para se defender do ataque. O cavalo surgiu à luz, diminuindo a velocidade do que parecia ter sido uma investida. Não havia ninguém na sela.

A explosão da fogueira esvanecia.

Com os nervos formigando de repente, Kalam parou e se agachou. Viu o cavalo sem cavaleiro trotar para a direita dos bandidos. O animal se moveu para mais perto, até ficar lado a lado com um dos agressores. Num movimento fluido e gracioso, o cavaleiro apareceu, com um giro. Era uma mulher, que estivera agachada, escondida e montada em apenas um dos estribos. Ela virou para atingir o bandido mais próximo com um cutelo de açougueiro, e a imensa lâmina tocou o pescoço do homem e o cortou, chegando até a vértebra.

A mulher ficou em pé sobre a sela. Enquanto o primeiro bandido tombava, ela pulou para o cavalo dele, tomando a lança do coldre da sela e investindo contra o segundo.

Praguejando, o homem reagiu de acordo com o treinamento de um guerreiro. Em vez de recuar, no que teria sido uma tentativa inútil de evitar a ponta da lança que arremetia contra seu peito, enfiou os calcanhares na barriga do cavalo, girando para deixar a lança passar direto. Sua montaria

colidiu com o outro cavalo, peito no flanco. Com um ganido de susto, a mulher perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

O bandido saltou da sela desembainhando a cimitarra.

O punhal de Kalam o atingiu no pescoço, a apenas três passos da mulher atordoada. Cuspindo de fúria e agarrando o corte com as mãos, o bandido caiu de joelhos. Kalam se aproximou para dar o golpe fatal.

– Parado – rosnou uma voz atrás dele. – Tenho você na mira de uma seta. Abaixе esse espinho de lagarto. Agora!

Dando de ombros, o assassino deixou a arma cair de sua mão.

– Sou do Segundo Exército – disse Kalam. – Do Exército de Umbrão.

– Que está a quase 10 mil quilômetros daqui.

A mulher recuperou o fôlego que tinha sido arrancado de seus pulmões. Ficou de quatro, com o cabelo preto e comprido caindo no rosto.

O último bandido finalmente acabou de morrer, com um gorgolejo fraco e molhado.

– Você é das Sete Cidades – disse a voz atrás de Kalam.

– Sou, mas um soldado do Império. Ouça, tente entender. Eu vim do outro lado, onde estava o líder dos bandidos. Ele já tinha morrido antes de entrar a cavalo no acampamento.

– Então por que um soldado veste uma telaba sem insígnias e cavalga sozinho? Deserção, e isso dá sentença de morte.

Kalam sibilou, exasperado.

– E você claramente escolheu proteger sua família em vez da companhia a que foi designado. Pela Lei Imperial das Forças Armadas, isso também conta como deserção, soldado.

Enquanto ele falava, o malazano deu a volta, ainda mirando o assassino com a besta.

Kalam viu, então, um homem quase morto em pé. Baixo e largo, ele vestia os restos esfarrapados do uniforme do destacamento de um posto avançado, com gibão de couro cinza-claro e sobrecasaca também cinza, mais escura. Seu rosto estava coberto por uma rede de arranhões, bem como suas

mãos e seus antebraços. Uma ferida profunda desfigurava o queixo peludo, e o elmo que lançava sombras sobre seus olhos estava amassado. O fecho da sobrecasaca dizia que o homem tinha o posto de capitão.

Os olhos do assassino se arregalaram ao ver isso.

– Embora seja raro um capitão desertar...

– Ele não desertou – disse a mulher, agora completamente recuperada, vasculhando as armas dos bandidos.

Ela encontrou uma cimitarra leve e testou seu equilíbrio com alguns movimentos. À luz do fogo, Kalam percebeu que ela era atraente, com ossos médios e o cabelo riscado de ferro. Os olhos dela tinham um assombroso tom cinza-claro. Ela pegou um cinto com aro para espada e o vestiu.

– Viemos de Orbal – disse o capitão, com dor evidente na voz. – Uma companhia inteira, escoltando refugiados. Nossas famílias. Demos de cara com um exército amaldiçoado pelo Encapuzado marchando para o sul.

– Somos tudo o que sobrou – disse a mulher, virando-se para gesticular para a escuridão.

Outra mulher, uma versão mais jovem e mais magra da primeira, e duas crianças vieram para a luz com cautela. Depois, correram para o lado do capitão.

O homem continuava a mirar Kalam com a besta instável.

– Selv, minha esposa – disse, apontando para a mulher agora a seu lado.

– Nossos filhos, aqui. E a irmã de Selv, Minala. Somos nós. Agora, vamos ouvir sua história.

– Cabo Kalam, do Nono Pelotão... Queimadores de Pontes. Agora você sabe por que estou sem uniforme, senhor.

O homem sorriu.

– Você foi proscrito. Então, por que não está marchando com Dujek? A menos que tenha voltado à sua terra natal para se unir ao Furacão...

– Aquele é o seu cavalo? – perguntou Minala.

O assassino se virou e viu sua montaria entrar no acampamento como quem não quer nada.

– É.

– Você conhece seus cavalos – disse ela.

– Me custou o resgate de uma virgem. Acho que, se algo é caro, provavelmente é bom, e isso é tudo que sei de cavalos.

– Você ainda não explicou por que está aqui – resmungou o capitão, mas Kalam conseguiu ver que ele estava baixando a guarda.

– Farejei a rebelião do Furacão – disse o assassino. – O Império trouxe paz às Sete Cidades. Sha'ik quer uma volta aos velhos tempos, de tiranos, guerras de fronteira e carnificina. Estou indo a Aren. É onde a força punitiva vai chegar. E, se eu tiver sorte, vou conseguir deslizar para dentro dela, talvez como guia.

– Então você vai cavalgar conosco, cabo – falou o capitão. – Se for mesmo um Queimador de Pontes, saberá servir como soldado. E, se me mostrar isso no caminho até Aren, farei com que reingresse nas fileiras imperiais sem muitas perguntas.

Kalam aquiesceu.

– Posso recuperar minhas armas agora, capitão?

– Vá em frente.

O assassino se agachou, estendeu a mão para a faca longa e parou.

– Ah, mais uma coisa, capitão...

O homem estava agora apoiado na esposa. Ele virou os olhos turvos para Kalam.

– O quê?

– Melhor mudar meu nome... Quero dizer, oficialmente. A força não seria bem-vinda, se eu fosse marcado em Aren. Sei que Kalam é um nome bem comum, mas sempre há uma chance de eu ser reconhecido...

– Você é *aquele* Kalam? Você disse o Nono, não foi? Pelo sopro do Encapuzado!

Se o capitão planejava dizer mais, as palavras se perderam quando os joelhos do homem cederam. Choramingando baixinho, a esposa o ajudou a se deitar no chão. A mulher olhou para a irmã com olhos assustados e depois

para Kalam.

– Calma, mocinha – disse o assassino, se endireitando e sorrindo. – Voltei ao exército, agora.

Os dois garotos, um com cerca de 7 anos e outro com 4, se moveram com cautela exagerada na direção do homem inconsciente e de sua esposa. Ela viu as crianças e abriu os braços. Ambas correram para abraçá-la.

– Ele foi atropelado – disse Minala. – Um dos bandidos o arrastou atrás do cavalo. Por sessenta passos, antes que conseguisse cortar a corda e se libertar.

Mulheres que viviam com guarnições militares ou eram prostitutas, ou esposas. Havia poucas dúvidas quanto ao que Minala tinha sido.

– Seu marido era da companhia também?

– Ele a comandava, mas está morto.

Ela poderia estar falando sobre o clima, considerando a emoção que tinha usado para se expressar, e Kalam sentiu o controle rígido que a mantinha de pé.

– E o capitão é seu cunhado?

– O nome dele é Keneb. Você conheceu minha irmã, Selv. O menino mais velho é Kesen, e o mais novo, Vaneb.

– Vocês são de Quon?

– Há muito tempo.

Não é do tipo tagarela. O assassino olhou para Keneb.

– Ele vai sobreviver?

– Não sei. Ele tem crises de tontura. Apagões.

– Rosto flácido, fala amortecida?

– Não.

Kalam foi até seu cavalo e pegou as rédeas.

– Aonde você está indo? – exigiu saber Minala.

– Há um bandido montando guarda, tomando conta de comida, água e cavalos. Vamos precisar das três coisas.

– Então vamos todos.

Kalam começou a discutir, mas Minala ergueu a mão.

– Pense, cabo. Temos os cavalos dos bandidos. Podemos cavalgar, todos nós. Os meninos já sentavam em selas antes mesmo de saberem andar. E quem vai nos escoltar quando você tiver ido embora? O que acontece se você se ferir lutando contra o último bandido? – Ela se virou para a irmã. – Vamos pôr Keneb numa sela, Selv. Certo?

A irmã concordou. O assassino suspirou.

– Mas deixe o guarda para mim.

– Deixaremos. Parece que você tem uma certa reputação, a julgar pela reação de Keneb.

– Fama ou notoriedade?

– Espero que ele diga mais quando voltar a si.

Espero que não. Quanto menos souberem de mim, melhor.

Faltava uma hora para o sol nascer quando Kalam ergueu a mão a fim de fazer o grupo parar.

– O antigo leito do rio – sibilou, gesticulando para algo que estava mil passos à frente. – Todos vocês, esperem aqui. Não vou demorar.

Kalam alcançou o invólucro da sela e lá pegou o melhor dos arcos recurvados que tinham sobrado dos bandidos, escolhendo, em seguida, duas das flechas menos destruídas.

– Carregue a besta – disse a Minala. – Caso algo dê errado.

– Como vou saber se deu?

O assassino deu de ombros.

– Vai sentir aí, na boca do estômago.

Ele olhou para Keneb. O capitão jazia sobre a sela, ainda inconsciente. Aquilo não era bom. Ferimentos na cabeça eram sempre imprevisíveis.

– Ele ainda está respirando – disse Minala em voz baixa.

Kalam grunhiu, depois fez sua montaria atravessar a planície em trote curto. Bem antes de alcançar a relva alta que delineava a margem, o assassino

viu o brilho de uma fogueira. *Ainda descuidado*. Aquilo era um bom sinal. As vozes que ouviu ali, no entanto, não eram. Kalam se abaixou e rastejou em meio à relva molhada pelo orvalho.

Outro grupo de assaltantes tinha chegado, trazendo presentes. Kalam viu os corpos de cinco mulheres, imóveis e estirados ao redor do acampamento. Todas elas haviam sido estupradas, depois mortas. Além do guarda de Bordu, havia outros sete, sentados ao redor do fogo. Todos bem armados e com armadura de couro fervido.

O guarda de Bordu falava uma dezena de palavras entre uma respiração e outra:

– Não vai cansar os cavalos. Então os prisioneiros vão andar. Duas mulheres. Dois meninos. Como eu disse. Bordu planeja essas coisas. E um cavalo digno de um príncipe. Vocês vão ver logo...

– Bordu vai dar o cavalo de presente – grunhiu um dos recém-chegados. Não era uma pergunta.

– Claro que vai. E um menino também. Bordu é um comandante generoso, senhor. Muito generoso...

Senhor... Verdadeiros soldados do Furacão, então.

Kalam recuou devagar, hesitante. Um momento depois, seus olhos repousaram outra vez sobre as mulheres assassinadas e ele praguejou em silêncio.

Um estalido soou quase em seu ombro. O assassino se enrijeceu, depois virou a cabeça lentamente. Apto estava agachada ao lado dele, com a cabeça bem baixa, e um fio comprido de baba escorria de suas mandíbulas. A criatura piscou, deliberadamente.

– Agora, então? – sussurrou Kalam. – Ou veio só assistir?

O demônio não respondeu nada. Naturalmente.

O assassino pegou a melhor das duas flechas, lambeu os dedos e passou-os entre as penas guias. Não adiantava muito ficar ali elaborando planos muito complexos. Tinha oito homens para matar.

Ainda oculto pela relva alta, ficou de cócoras, puxando a corda do arco

enquanto inspirava fundo. Segurou tanto a corda quanto o fôlego por um longo momento.

Foi o tiro de que precisava. A flecha entrou no olho esquerdo do comandante e seguiu direto até a parte de trás do crânio dele, a ponta de ferro emitindo um som sólido de esmagamento ao perfurar o osso. A cabeça do homem tombou para trás e o capacete voou de sua cabeça. Kalam já se aproximava para o segundo tiro quando o corpo balançou, caindo para a frente. Escolheu o homem que reagiu mais rápido, um guerreiro grande que estava de costas para ele.

A flecha subiu bastante, traída pelo eixo deformado. Afundando no ombro direito do guerreiro, foi desviada da escápula e subiu por baixo do rebordo do elmo. A sorte de Kalam persistiu e o homem foi arremessado para a frente, para dentro do fogo, instantaneamente morto. Faíscas subiram quando o corpo foi engolido pelas chamas e a escuridão se abateu sobre o acampamento como uma capa.

O assassino abaixou o arco e se aproximou depressa dos homens assustados, que gritavam. Com uma braçadeira de facas na mão direita, Kalam escolheu seus alvos. Sua mão esquerda pareceu um borrão ao atirar a primeira faca. Um guerreiro gritou. Outro avistou o assassino.

Kalam desembainhou a faca longa e o punhal de combate corpo a corpo. Uma cimitarra voou na direção de sua cabeça. Ele se abaixou, se aproximou e apunhalou o queixo do homem por baixo. Sem nenhum osso para reter a lâmina do punhal, ele conseguiu puxá-la de volta no mesmo instante, a tempo de defender a estocada de uma lança, dar outro passo e enfiar a ponta da faca longa na garganta do outro homem.

Mais uma cimitarra passou raspando por seus ombros, num golpe feroz o suficiente para penetrar a cota de malha sob a telaba de Kalam. Ele girou e golpeou o atacante com a parte de trás da mão, abrindo um talho na bochecha e no nariz do adversário. O homem cambaleou, sendo chutado para longe pelo assassino.

Os três guerreiros ainda aptos para a luta e o guarda de Bordu recuaram

para se reagrupar. Pela reação, eles imaginavam que tinham sido atacados por um pelotão inteiro. Kalam aproveitou a busca frenética que os homens faziam nas sombras para liquidar o homem cujo rosto já tinha cortado.

– Espalhem-se! – sibilou um dos guerreiros. – Jelem, Hanor, peguem as bestas...

Esperar por aquilo seria suicídio. Kalam atacou, avançando sobre o homem que havia assumido o comando do grupo, que recuou, desesperado, girando a cimitarra que tinha nas mãos para todas as direções enquanto tentava acompanhar as intrincadas fintas do assassino, esperando interceptar o simulacro que era, na verdade, o ataque genuíno. O instinto fez o homem abandonar a tentativa e avançar, contra-atacando, algo que o assassino esperava. Kalam interceptou o movimento com um corte de cima para baixo no pulso do homem, usando a ponta de seu punhal. Com o braço espetado na lâmina, o guerreiro gritou de dor e a arma voou de sua mão, que se contorcia.

Kalam trespassou o peito do homem com uma faca longa, se abaixou e girou para fugir de uma investida do guarda de Bordu. O movimento tinha vindo de surpresa, pois o assassino no fundo não esperava encontrar muita coragem naquele homem. Ficou muito perto da morte depois disso. Foi salvo apenas por se projetar para dentro do alcance do guarda. Kalam deu um golpe com o punhal, esfaqueando a parte bem abaixo da fivela do cinto do homem. O fluido quente jorrou no antebraço do assassino. O guarda guinchou, curvando-se, segurando tanto a faca quanto a mão que a empunhava.

O assassino deixou a arma e deu a volta no guarda.

Os dois guerreiros que restavam estavam agachados a 6 metros de distância, carregando as bestas. As armas eram malazanas, obtidas numa pilhagem, e ambos revelaram ausência mortal de familiaridade com os mecanismos de carregamento. Kalam seria capaz de aprontar uma besta daquelas em quatro segundos.

Mas o assassino não deu nem isso aos guerreiros, cruzando a distância

entre eles num lampejo. Um ainda tentava travar a alavanca; seu pavor frenético desfez o que tinha conseguido até então, pois a seta escorregou e caiu no chão. O outro largou a besta, rosnando, e pegou a cimitarra a tempo de defender a investida de Kalam. Ele tinha vantagem tanto pelo alcance quanto pelo peso de sua arma, mas não tirou proveito de nenhum dos dois, paralisado por uma repentina perda de coragem.

– Por favor...

A palavra saiu com seu último fôlego, pois Kalam desviou a cimitarra para o lado e golpeou o guerreiro com o gume afiado da faca longa, abrindo sua garganta. Ele continuou o movimento, girando para transformá-lo em uma estocada de lado que perfurou o peito do moribundo, atravessando o couro fervido, a pele e as costelas, até alcançar o pulmão. Engasgando, o guerreiro se curvou. O assassino o liquidou com outro golpe.

Fora os gemidos do guarda de Bordu, havia apenas silêncio. De uma moita de pequenos arbustos a trinta passos, mais para baixo no leito do rio, vieram os primeiros pios de pássaros acordando para a aurora. Kalam caiu sobre um dos joelhos, enchendo, então, os pulmões de ar fresco e frio.

Kalam ouviu um cavalo descer a margem sul e viu Minala se aproximar. A besta nas mãos dela apontou de um corpo para o seguinte enquanto ela verificava a clareira. Em seguida, a moça pareceu relaxar, encarando Kalam com os olhos arregalados.

– Contei oito.

Ainda lutando para recuperar o fôlego, o assassino assentiu. Ele estendeu a mão e limpou a lâmina e o cabo da faca comprida na telaba de sua última vítima. Depois, verificou o gume da arma antes de embainhá-la.

O guarda de Bordu finalmente ficou em silêncio.

– Oito.

– Como está o capitão?

– Acordado. Desnortado, talvez febril.

– Há outra clareira cerca de quarenta passos a leste daqui – disse Kalam.

– Sugiro que acampemos lá por hoje. Preciso dormir um pouco.

– Sim.

– Precisamos desmontar este acampamento... os corpos...

– Deixe isso comigo e com Selv. Não ficamos chocadas com tanta facilidade. Não mais... – disse a mulher. Com um grunhido, o assassino se endireitou e recuperou suas outras armas. Minala o observou. – Havia outros dois – continuou ela.

Kalam estacou sobre um corpo, olhando para cima.

– O quê?

– Guardando os cavalos. Eles parecem... – Ela hesitou, depois continuou, sombria: – Foram feitos em pedaços. Nacos grandes... faltando. Marcas de mordida.

O assassino soltou outro grunhido, levantando-se devagar.

– Não tenho comido muito... – resmungou.

– Talvez um urso da planície, daquele tipo grande e marrom, tenha se aproveitado do tumulto para emboscar os dois guardas. Você ouviu os cavalos gritando?

– Talvez.

Ele contemplou o rosto dela, perguntando-se o que havia por trás daqueles olhos quase prateados.

– Eu, não. Mas ouvi muitos gritos, e o som costuma mesmo pular de um ponto a outro em leitos de rio como este. De qualquer modo, isso servirá de explicação, não acha?

– Pode servir.

– Ótimo. Agora, vou voltar para onde estão os outros. Não vou demorar.

Ela virou a montaria sem usar as rédeas, pois ainda segurava a besta. Kalam não teve certeza de como ela conseguiu fazer isso. Lembrou-se de como ela tinha ficado agachada sobre um estribo horas antes, em sua dança entre as selas. *Essa mulher sabe montar a cavalo.*

Enquanto ela subia de volta para a margem, o assassino examinou o acampamento aterrador.

– Pelo Encapuzado. – Ele suspirou. – Preciso descansar.

– Kalam, que atravessou o Raraku com Whiskeyjack... – O capitão Keneb balançou a cabeça e atçou o fogo mais uma vez.

Anoitecia. O assassino tinha acabado de acordar de um sono longo e profundo. A primeira hora nunca era agradável. Articulações doíam... Sua idade sempre o alcançava enquanto ele dormia. Selv tinha preparado um chá forte e serviu uma xícara para Kalam. Ele encarou as chamas, que morriam.

– Eu nunca teria acreditado que um homem pudesse matar oito, tudo em minutos – disse Minala.

– Kalam foi recrutado para a Garra – disse Keneb. – Isso é raro. Eles costumam levar crianças, treiná-las...

– Treinar? – grunhiu o assassino. – Doutrinar. – Ergueu o olhar para Minala. – Atacar um grupo de guerreiros não é tão complicado quanto você pensa. Quando há apenas um atacante, ninguém está disposto a dar o primeiro passo. Oito, dez homens... Bem, eles acharam que era só me cercar e fatar. Só que quem vai primeiro? Todos esperam, todos procuram uma abertura. Meu trabalho é ficar me mexendo, me certificar de que cada abertura esteja fechada antes que eles consigam reagir. A verdade é que um bom pelotão veterano sabe trabalhar junto...

– Então você teve sorte por eles não saberem.

– Tive sorte.

O menino mais velho, Kesen, falou:

– Pode me ensinar a lutar assim, senhor?

Kalam grunhiu:

– Espero que seu pai tenha em mente uma vida melhor para você, menino. Lutar é para as pessoas que falharam em todo o resto.

– Mas lutar não é o mesmo que servir como soldado – disse Keneb.

– Isso é fato – concordou o assassino, sentindo que de algum modo tinha atingido o orgulho do capitão. – Soldados merecem respeito, e é verdade que às vezes é necessário lutar um pouco. Servir como soldado quer dizer ficar firme quando chega a hora. Então, garoto, se você ainda quiser aprender a lutar, aprenda antes a servir.

– Em outras palavras, ouça seu pai – disse Minala, dando um sorriso breve e torto a Kalam.

Seguindo algum gesto ou olhar que o assassino não percebeu, Selv se levantou e levou os meninos para terminarem de desmontar o acampamento. Assim que saíram do alcance dos ouvidos, Keneb disse:

– Aren fica a... o quê? Três meses de distância? Pelo sopro do Encapuzado, deve haver alguma cidade ou fortificação malazana mais perto que isso, cabo.

– Todas as notícias que ouvi eram ruins – disse Kalam. – Ao sul daqui há apenas as terras tribais, até o rio Vathar. Ubaryd é perto do rio, mas acho que foi tomada pelo Apocalipse de Sha'ik; é um porto valioso demais para continuar aberto. Além disso, acredito que a maioria das tribos entre aqui e Aren partiram para se unir a Kamist Reloe.

Keneb pareceu assombrado.

– Reloe?

Kalam franziu a testa.

– Os bandidos falaram dele como se estivesse a sudeste daqui.

– Mais para o leste que para o sul. Reloe está perseguindo o Punho Coltaine e o Sétimo Exército. Provavelmente já os aniquilou a esta altura, mas ainda assim suas forças estão ao leste do rio Sekala, e foi esse o território que ele foi encarregado de defender.

– Você sabe mais sobre isso do que eu – disse o assassino.

– Tínhamos servos tithanos – explicou Minala. – Leais.

– Eles pagaram por isso com suas vidas – acrescentou o capitão.

– Então há um exército do Apocalipse ao sul daqui?

Keneb assentiu.

– Sim, preparando-se para marchar até Aren.

O assassino fechou a cara, preocupado.

– Diga-me, capitão... Você já ouviu a palavra “jisthal”?

– Não, não parece das Sete Cidades. Por quê?

– Os bandidos falaram de “um jhystal dentro” de Aren. Como se fosse um

osso raspado. – Ele ficou em silêncio por um momento, depois suspirou. – Quem comanda esse exército?

– Aquele bastardo do Korbolo Dom.

Os olhos de Kalam se estreitaram.

– Mas ele é um Punho...

– Era, até se casar com uma mulher local que, por acaso, era a filha do último Protetor Sagrado de Halaf. Ele se tornou um renegado, tendo de executar metade de sua legião, que se recusou a acompanhá-lo nisso. A outra metade tirou o uniforme imperial, proclamando-se uma companhia mercenária, e se comprometeu com a empreitada de Korbolo. Foi essa a companhia que nos atacou em Orbal. Chamam a si mesmos de Legião do Furacão ou algo assim. – Keneb se levantou e chutou a fogueira, espalhando as últimas brasas. – Eles entraram como aliados. Não suspeitamos de nada.

O assassino sentiu que havia mais naquela história.

– Eu me lembro de Korbolo – resmungou Kalam.

– Pensei que se lembraria, mesmo. Ele foi o substituto de Whiskeyjack, não foi?

– Por um tempo. Depois do Raraku. Um estrategista magnífico, mas um pouco sanguinário demais para o meu gosto. Para Laseen também, e foi por isso que ela o enfiou em Halaf.

– E promoveu Dujek para seu lugar. – O capitão riu. – Que agora foi proscrito.

– Isso é uma injustiça, sobre a qual lhe contarei um dia – disse Kalam, levantando-se. – Temos de ir andando. Aqueles assaltantes podem ter amigos por perto.

Ao aprontar seu cavalo, Kalam sentiu os olhos de Minala sobre ele e não ficou nem um pouco perturbado. O marido tinha morrido apenas 24 horas antes. Uma âncora, cortada fora. Kalam era um estranho e tinha assumido o controle, ainda que seu posto fosse mais baixo que o de seu cunhado. Minala devia ter pensado, pela primeira vez, que tinham alguma chance de sobreviver com ele por perto. Aquela não era uma responsabilidade bem-

vinda para o assassino. *Ainda assim, sempre apreciei mulheres competentes. Só que um interesse tão rápido depois da morte do marido é como uma flor numa haste morta. Atraente, mas não por muito tempo.* A mulher era competente, de fato, mas as necessidades dela terminariam minando essa competência, se Kalam permitisse. *Não é bom para ela. Além do mais, se eu deixasse isso ir adiante, ela pararia de ser o que me atraiu em primeiro lugar. Melhor partir sozinho. Melhor ficar afastado.*

– Cabo Kalam? – interpelou Minala, atrás dele.

Ele se virou para ela.

– Que é?

– Essas mulheres. Acho que deveríamos enterrá-las.

O assassino hesitou por um momento, mas depois voltou a conferir a tira ao redor da cintura de seu cavalo.

– Sem tempo – grunhiu. – Preocupe-se com os vivos, não com os mortos.

A voz dela endureceu:

– Eu estou me preocupando. Há dois meninos que precisam ser lembrados do que significa o respeito.

– Agora não. – Ele a encarou de novo. – Respeito não servirá de nada a eles se estiverem mortos, ou pior. Faça com que todos estejam prontos para cavalgar, depois pegue seu cavalo.

– O capitão é quem dá as ordens – disse ela, empalidecendo.

– Ele está com a cabeça detonada e continua pensando que isto é um piquenique. Repare quando ele acorda: seus olhos se enchem de medo. E aqui está você, querendo acrescentar mais outro fardo sobre o homem. Até o cutucão mais leve pode fazê-lo se fechar na própria mente para sempre. E então, qual será a utilidade dele? Para qualquer um de vocês?

– Certo – rosnou ela, dando-lhe as costas.

Ele a observou enquanto ela se afastava. Selv e Keneb estavam ao lado de seus cavalos, longe demais para terem ouvido qualquer coisa, mas perto o bastante para saber que o tempo tinha fechado entre Minala e o assassino.

Pouco depois, as crianças surgiram em seu campo de visão sobre um único cavalo. O de 7 anos vinha na frente, sentado bem ereto e com os braços do irmão mais novo ao seu redor. Ambos pareciam mais velhos do que eram.

Respeito pela vida. Com certeza. A outra lição é como uma vida pode valer pouco. Talvez a primeira lição venha da segunda, e, nesse caso, eles estão no caminho certo, do jeito que as coisas andam.

– Prontos – disse Minala com frieza.

Kalam se virou na sela e vasculhou a escuridão crescente. *Fique por perto, Apto. Só que não perto demais.*

Cavalgaram para fora do leito do rio, para dentro do Odhan relvado, com Kalam na dianteira. Por sorte, o demônio era tímido.

A onda trapaceira os atingiu, vinda da lateral esquerda. Era um muro espesso e lamacento, que pareceu saltar sobre a amurada, quebrando no convés como um deslizamento de lama. A água escoou em questão de segundos, deixando Felisin e os demais no convés principal afundados até os joelhos na imundície fedorenta do lodo. A pirâmide de cabeças virou um monte disforme.

Arrastando-se, Heboric alcançou a garota, com o rosto sujo de um ocre cinzento.

– Este lodo! – Ele arquejou, parando para cuspir um pouco que tinha entrado em sua boca. – Olhe o que tem nele!

Em estado quase deplorável demais para reagir, ela estendeu a mão para baixo e pegou um punhado.

– Está cheio de sementes. E de plantas podres...

– Sim! Sementes de grama e relva podre. Você não entende, menina? Não tem fundo do mar lá embaixo. É uma campina. Inundada. Este Labirinto foi inundado... recentemente.

Ela grunhiu, sua disposição para compartilhar a empolgação dele.

– E isso deveria ser uma surpresa? Não se pode navegar com um barco

numa campina, certo?

Os olhos dele se estreitaram.

– Você está quase lá, Felisin.

O lodo em volta das canelas dela causava uma sensação estranha, se arrastando, incansável. Ignorando o ex-sacerdote, ela subiu na direção do castelo de popa. A onda não tinha chegado lá em cima. Tanto Gesler quanto Tempestade estavam no leme, sendo necessárias as quatro mãos para manter o curso. Kulp estava perto deles, aguardando para se revezar com o primeiro que ficasse sem forças. E ele andava esperando fazia algum tempo, pois era óbvio que tanto Gesler quanto Tempestade travavam uma batalha de egos e nenhum dos dois queria se render antes do outro. O sorriso deles confirmou a teoria de Felisin. *Idiotas! Os dois vão desmoronar ao mesmo tempo, deixando o mago sozinho para segurar o leme.*

O céu continuava a se convulsionar sobre eles, chicoteando relâmpagos em todas as direções. A superfície do mar resistia ao vento uivante; a água, densa pelo lodo, se erguia em montes rígidos, que pareciam relutantes em ir a qualquer lugar. Os remadores decapitados continuavam a remar sem parar, embora uma dezena de remos houvesse se partido. Os cabos estilhaçados seguiam em frente, no mesmo ritmo dos que ainda empurravam a água. O tambor continuava a soar, respondendo aos trovões no alto com sua paciência deliberada e impenetrável.

Felisin alcançou os degraus e subiu até sair da lama. Em seguida, parou, surpresa. O lodo fugiu de sua pele como se estivesse vivo, descendo de suas pernas para se reunir à poça que, tremendo, cobria o convés principal.

Agachado perto do mastro principal, Heboric gritou, parecendo alarmado de repente, com os olhos na lama que o cercava. Ele tinha percebido o tremor aumentar.

– Tem alguma coisa nela!

– Venha para cá! – gritou Verdade dos degraus do castelo de proa, estendendo uma das mãos. Baudin segurava o outro braço do moleque, também com uma única mão. – Rápido! Alguma coisa vai sair!

Felisin subiu mais um degrau.

A lama se metamorfoseava, aglutinando-se em forma de figuras humanas. Lâminas de sílex apareceram, algumas cinzentas, outras no tom vermelho-escuro da calcedônia. Pelos sujos de lama brotaram devagar sobre costas largas e ossudas. Elmos de osso brilhavam num tom de ouro polido e amarronzado sobre crânios de feras que Felisin não conseguia imaginar existirem em lugar nenhum. Viam-se agora cordas longas de cabelo imundo, a maioria pretas ou marrons. A lama não caía, mas *mudava*. Essas criaturas e a argila eram uma coisa só.

– T’lan imass! – gritou Kulp de onde estava, agarrado ao mastro de mezena. O *Silanda* foi sacudido por uma energia selvagem. – T’lan logros!

Havia seis deles. Todos vestiam peles, exceto um, menor que os outros e o último a aparecer. Ele usava adornos com penas oleosas e esfarrapadas de pássaros coloridos e seu cabelo comprido tinha um tom cinzento de ferro, com faixas vermelhas. Adornos de conchas, chifres e ossos pendiam de sua canela de couro apodrecido, mas ele parecia não portar armas.

Seus rostos eram ressequidos; os ossos, robustos, ficavam bem perto da superfície da pele. As cavidades dos olhos eram abismos negros. Restos de uma barba hirsuta permaneciam nos rostos das figuras, exceto no de cabelos cinzentos, que se aprumou e encarou Kulp.

– Para o lado, servo do Acorrentado, viemos buscar os nossos. E os tiste edur.

A voz era de uma mulher, na língua malazana. Outro dos t’lan imass se voltou para a de cabelos prateados. Era o mais alto do grupo. O pelo empilhado em seus ombros vinha de algum tipo de urso e tinha as pontas prateadas.

– Adoradores mortais são uma nênese em si mesmos – disse ele, demonstrando tédio. – Deveríamos matá-los também.

– Nós iremos – retrucou a outra. – Mas nossa presa vem primeiro.

– Não há ninguém dos seus aqui – disse Kulp, trêmulo. – E os tiste edur estão mortos. Vá ver por si mesma. Na cabine do capitão.

A mulher t'lan imass inclinou a cabeça. Dois de seus companheiros caminharam para a escotilha. Ela encarou Heboric, que se encontrava ao lado da amurada do castelo de proa.

– Invoque o mago ligado a você. Ele é uma ferida que se espalha. Isto deve parar. Além disso, diga ao seu deus que jogos assim o colocam em grande perigo. Não iremos tolerar danos aos Labirintos.

Felisin riu e o som saiu com em quê de histeria. Como uma coisa só, os t'lan imass olharam para a garota. Ela se encolheu ante dos olhares mortos, depois inspirou fundo, tentando se controlar.

– Vocês podem ser imortais e poderosos o bastante para ameaçar o Deus Javali, mas não entenderam uma coisa direito ainda.

– Explique – disse a mulher.

– Pergunte a alguém que se importa – disse Felisin, fitando aquele olhar opaco, surpresa por não ter nem se encolhido nem quebrado o contato até ali.

– Não sou mais um sacerdote de Fener – disse Heboric, erguendo ambos os cotos. – Se o Deus Javali estiver aqui entre nós, não tenho conhecimento disso, nem me importo. O feiticeiro ligado a esta tempestade está nos perseguindo e deseja nos destruir. Não sei por quê.

– Ele é a loucura do otataral – disse a t'lan imass.

Os dois imass enviados para a cabine retornaram. Embora não dissessem nada em voz alta, a mulher aquiesceu.

– Estão mortos, então. E os de nosso clã partiram. Devemos continuar a caçada. – Ela voltou o olhar para Heboric. – Eu colocaria as mãos em você.

Felisin ganiu outra risada.

– Isso o deixará completo.

– Cale a boca, garota – grunhiu Kulp, empurrando-a para descer ao convés principal. – Não somos servos do Acorrentado – afirmou. – Pelo sopro do Encapuzado, o que é o Acorrentado? Deixem para lá, não quero nem saber. Estamos neste barco por acidente, não por vontade...

– Não previmos que este Labirinto estaria inundado – disse a t'lan imass.

– Dizem que vocês podem atravessar oceanos – resmungou o mago, franzindo a testa.

Felisin conseguia ver que ele tinha problemas para acompanhar as palavras dos t’lan imass. Assim como ela.

– Conseguimos atravessar corpos de água – reconheceu a imass. – Mas só podemos tomar forma na terra.

– Então, como nós, vocês vieram até este navio para secarem os pés...

– E completar nossa tarefa. Perseguimos membros renegados do clã.

– Se estiveram aqui, já foram embora – disse Kulp – antes de chegarmos.

Você é uma Invocadora de Ossos.

A imass inclinou a cabeça.

– Hentos Ilm, dos t’lan imass logros.

– E os logros não servem mais ao Império malazano. Fico feliz em saber que vocês se mantêm ocupados.

– Por quê?

– Deixem para lá. – Kulp olhou para o céu. – Ele abrandou um pouco.

– Está nos sentindo – disse Hentos Ilm. Ela encarou Heboric outra vez. –

Sua mão esquerda está em equilíbrio, é verdade. Otataral, e um poder que me é desconhecido. Se o mago na tempestade continuar a crescer em poder, o otataral prevalecerá e você também conhecerá sua loucura.

– Eu queria que isso saísse de mim – grunhiu Heboric. – Por favor.

Hentos Ilm deu de ombros e se aproximou do ex-sacerdote.

– Devemos destruir aquele nos céus. Depois, devemos fechar o ferimento do Labirinto.

– Em outras palavras, você provavelmente não vale o trabalho, velho – comentou Felisin.

– Invocadora de Ossos – disse Kulp –, que Labirinto é este?

Hentos Ilm fez uma pausa, com a atenção ainda sobre Heboric.

– Ancestral. Kurald Emurlahn.

– Já ouvi falar de Kurald Galain, o Labirinto dos tiste andii.

– Este é tiste edur. Você me surpreende, mago. Você é Meanas Rashan,

que é o ramo de Kurald Emurlahn acessível aos humanos mortais. O Labirinto que você usa é filho deste lugar.

Kulp fechou a cara para as costas da Invocadora de Ossos.

– Isso não faz sentido. Meanas Rashan é o Labirinto da Sombra. De Ammanas e Cotillion, e dos Cães.

– Antes do Trono Sombrio e de Cotillion, havia os tiste edur – disse Hentos Ilm. A Invocadora de Ossos estendeu a mão na direção de Heboric. – Eu gostaria de tocar você.

– Fique à vontade – falou ele.

Felisin a observou colocar a palma da mão murcha no peito do ancião. Pouco depois, ela recuou e se virou, como se estivesse dispensando Heboric. Então se dirigiu ao t'lan imass com pele de urso que tinha falado antes:

– Você não tem clã, Legana Raça.

– Não tenho clã – concordou ele.

Ela apontou para Kulp.

– Mago. Não faça nada.

– Espere! – exclamou Heboric. – O que você sentiu em mim?

– Você foi cortado de seu deus, mas ele continua a usar você. Não vejo outro propósito em sua existência.

Felisin segurou um comentário maldoso. *Não este.* Viu os ombros de Heboric afundarem devagar, como se alguma essência vital tivesse sido arrancada dele, sendo, então, esmagada, deixando sangrar seu peito. Ele vinha se agarrando com força a algo, e a Invocadora de Ossos acabara de dizer que esse algo estava morto. *Estou ficando sem armas para feri-lo. Talvez isso evite que eu tente.*

Hentos Ilm inclinou a cabeça para trás e começou a se dissolver enquanto sua poeira girava no lugar. Um momento depois, ela subiu em espiral, sumindo depressa nas nuvens baixas que ferviam acima deles.

Relâmpagos estalaram, trazendo uma pancada de dor aos ouvidos de Felisin. Gritando, a jovem caiu de joelhos. Todos os outros sofreram de maneira semelhante, com exceção dos t'lan imass restantes, imóveis e

indiferentes. O *Silanda* deu um solavanco. A pirâmide de cabeças cortadas, colocada ao redor do mastro principal e agora suja de lama, desmoronou. Cabeças caíram e quicaram pesadamente no convés.

Os t'lan imass se moveram diante disso, deixando as armas a postos de repente.

O trovão rugiu nas nuvens agitadas. O ar estremeceu de novo.

O t'lan imass chamado Legana Raça estendeu a mão e puxou uma das cabeças pelo cabelo comprido e preto. Era uma mulher tiste andii.

– Ainda está viva – disse o guerreiro morto-vivo, revelando um leve toque de surpresa. – Kurald Emurlahn, a feiticeira prendeu as almas deles na carne.

Um guincho baixo desceu das nuvens: um som cheio de desespero e, surpreendentemente, de alívio. As nuvens se derramaram para todas as direções, rasgando-se em madeixas finas. Um céu pálido, cor de âmbar, ardeu. A tempestade se fora, assim como o feiticeiro louco.

Felisin se abaixou quando algo passou voando por ela deixando em sua esteira um cheiro mofado, morto. Quando ela ergueu o olhar, Hentos Ilm mais uma vez estava no convés principal, encarando Legana Raça. Nenhum dos dois se moveu, o que sugeria que uma conversa silenciosa estava acontecendo.

– Pelo sopro do Encapuzado. – Kulp arquejou ao lado de Felisin.

Ela olhou para ele. O mago encarava o céu, o rosto pálido. A jovem seguiu seu olhar.

Uma lesão imensa, com bordas de um vermelho flamejante, tão grande quanto uma lua cheia, desfigurava o céu cor de âmbar. O que quer que estivesse vazando de lá parecia invadir seus olhos, como se o simples ato de fitar aquilo fosse capaz de transmitir algum tipo de infecção, uma doença que em breve se espalharia pela carne. *Como o veneno de uma mosca-vampiro*. Um gemido baixo escapou da garganta de Felisin e ela afastou os olhos, desesperada.

Kulp ainda encarava aquilo. Seu rosto empalidecia cada vez mais e sua

boca pendia, apática. Felisin o cutucou.

– Kulp!

O mago não respondeu. A jovem o golpeou.

Gesler apareceu ao lado deles de repente, envolvendo os olhos do mago com um braço.

– Cacete, mago, saia dessa!

Kulp lutou, depois relaxou. Felisin o viu assentir.

– Pode soltá-lo agora – disse ela ao cabo.

Assim que foi liberado por Gesler, o mago avançou sobre Hentos Ilm. Sua voz soou como uma lixa trêmula:

– Esse é o ferimento que você mencionou, não é? Está se espalhando. Consigo sentir, como um câncer...

– Uma alma deve fazer a ponte – disse a Invocadora de Ossos.

Legana Raça já se mexia. Todos os olhos o seguiram quando ele foi até os degraus do castelo de popa, subiu e parou diante de Tempestade. O veterano cheio de cicatrizes não recuou.

– Bem – resmungou o soldado naval –, isto é o mais perto que já estive. – Deu um sorriso doentio. – Uma vez é suficiente.

O t'lan imass ergueu o punhal de sílex cinzento.

– Espere – grunhiu Gesler. – Se você precisa de uma alma para fechar aquele ferimento... use a minha.

A cabeça de Legana Raça girou para ele. Gesler cerrou a mandíbula e aquiesceu.

– Insuficiente – declarou Hentos Ilm.

Legana Raça encarou Tempestade outra vez.

– Sou o último de meu clã – ressoou ele. – L'echae Shayn acabará. Esta arma é nossa memória. Carregue-a, mortal. Aprenda seu peso. A pedra sempre tem sede de sangue. – Ele ofereceu ao soldado a espada de 1,20 metro.

Com o rosto vazio, Tempestade aceitou a arma. Felisin viu os músculos de seus antebraços endurecerem ao sentirem o peso.

– Agora – disse Hentos Ilm.

Legana Raça deu um passo para trás e desmoronou numa coluna de poeira. A coluna se torceu, girando em si mesma. O ar despertou em todos os lados, depois voou para dentro, puxado pela emanção em forma de furacão. Um instante depois, o vento se foi e Legana Raça tinha desaparecido. Os t’lan imass restantes se viraram e ergueram o olhar para o céu.

Felisin nunca teve certeza se foi apenas sua imaginação, mas ela viu o t’lan imass reassumir sua forma ao atingir o coração da ferida, uma figura estirada minúscula, aparentemente insignificante, que foi logo engolida pelo breu. Então as bordas do ferimento pareceram se encolher. Ondas fracas marulharam para fora. Em seguida, a lesão começou a se dobrar sobre si mesma.

Hentos Ilm continuou olhando para cima. Por fim ela assentiu.

– Suficiente. A ferida foi selada.

Tempestade baixou a ponta do punhal de sílex devagar até ela tocar o piso do convés.

Um veterano vencido, rendido ao cinismo. Apenas outro dos descartes do Império. Ele estava claramente emocionado. Suficiente, ela disse. De fato.

– Partiremos agora – afirmou Hentos Ilm.

Tempestade meneou a cabeça.

– Invocadora de Ossos! – exclamou ele.

O tom da t’lan imass tinha algo nitidamente desdenhoso ao dizer:

– Legana Raça clamou seu direito.

O soldado naval não cedeu:

– Essa “selagem”... Diga, há dor?

O dar de ombros de Hentos Ilm foi um rangido audível dos ossos. Essa foi sua única resposta.

– Tempestade... – chamou Gesler, mas seu companheiro balançou a cabeça e desceu para o convés principal. Ao se aproximar da Invocadora de Ossos, outro t’lan imass deu um passo à frente para detê-lo. – Soldado! –

insistiu Gesler. – Afaste-se!

Mas Tempestade só recuou para abrir espaço ao erguer o punhal de sílex. O t'lan imass que o encarava se aproximou ainda mais, rápido a ponto de transformar seu movimento em um borrão, estendeu o braço e fechou a mão ao redor do pescoço de Tempestade.

Praguejando, Gesler passou por Felisin, agarrando o punho de sua espada. O cabo parou quando se tornou óbvio que o t'lan imass estava apenas segurando Tempestade. E o próprio soldado tinha ficado imóvel. Palavras baixas foram trocadas entre eles. Em seguida, o guerreiro morto-vivo soltou Tempestade e recuou. A fúria do soldado tinha sumido. Algo na forma dos ombros dele fez Felisin se lembrar de Heboric.

Todos os cinco t'lan imass começaram a se dissolver.

– Esperem! – gritou o mago, adiantando-se, apressado. – Como, em nome do Encapuzado, sairemos daqui?

Era tarde demais. As criaturas haviam partido. Gesler avançou sobre Tempestade.

– O que aquele desgraçado disse a você? – exigiu saber.

Para o choque de Felisin, os olhos do soldado estavam úmidos ao se virarem para o cabo.

– Tempestade... – sussurrou Gesler.

– Ele disse que houve uma grande dor – resmungou o homem. – Eu perguntei “Por quanto tempo?”, e ele disse “Para sempre”. O ferimento se cura ao redor dele, entende? Ela não podia dar a ordem. Não para algo assim. Ele se voluntariou... – A garganta do homem se fechou.

Ele girou, disparou na direção do passadiço e sumiu de vista.

– Sem clã – disse Heboric do castelo da proa. – O mesmo que ser inútil. Existência sem significado...

Gesler chutou uma das cabeças cortadas para o outro lado do convés. Seu quicar desigual soou alto no ar imóvel.

– Quem quer viver para sempre? – grunhiu ele e depois cuspiu.

Verdade falou, com a voz trêmula:

– Ninguém mais viu? A Invocadora de Ossos não viu. Tenho certeza disso, ela não...

– Do que você está falando, moleque? – perguntou Gesler.

– Aquele t'lan imass. Ele amarrou no cinto... pelo cabelo... A capa de urso escondeu.

– O quê?

– Ele levou uma das cabeças. Ninguém mais viu?

Heboric foi o primeiro a reagir. Com um sorriso selvagem, ele saltou para o convés principal, chegando à galé. Enquanto o velho mergulhava pela porta, Kulp já descia para o deque do leme. Desapareceu de vista.

Minutos se passaram. Gesler, ainda franzindo a testa, se juntou a Tempestade e ao ex-sacerdote. Kulp voltou.

– Um deles está bem morto – informou.

Felisin pensou em perguntar o que tudo aquilo significava, mas uma exaustão repentina varreu o impulso para longe. Ela olhou ao redor, até avistar Baudin. Ele estava na proa, de costas para tudo... para todos. Ela ponderou sobre a indiferença dele. *Falta de imaginação*, concluiu depois de um momento, e a ideia trouxe um sorriso irônico a seus lábios. Caminhou até o bandido.

– É demais para você, hein, Baudin? – perguntou Felisin, inclinando-se sobre o corrimão arqueado ao lado dele.

– Os t'lan imass nunca foram nada além de problema – disse ele. – Sempre dois lados em tudo o que já fizeram, talvez mais de dois. Talvez centenas.

– Um bandido com opiniões...

– Você molda suas ideias em pedra, mocinha. Não me admira que as pessoas sempre a surpreendam.

– Elas surpreendem, é? Já passei muito dessa fase, bandido. Estamos no meio de alguma coisa, todos nós. Há muito mais pela frente. Então, se você está procurando uma saída, pode esquecer. Não há nenhuma.

Ele grunhiu:

– Palavras sábias, para variar.

– Não amoleça comigo – disse Felisin. – Estou só cansada demais para ser cruel. Me dê algumas horas de sono e voltarei ao meu velho eu.

– Planejando modos de me matar, quer dizer.

– Isso me mantém entretida.

Baudin ficou em silêncio durante um bom tempo, com os olhos no horizonte sem sentido que tinha diante dele. Depois se virou para ela.

– Já parou para pensar que talvez você esteja presa dentro do que quer que a prenda justamente por ser o que é?

Felisin piscou. Havia uma fagulha de bom senso sarcástico nos olhos pequenos e animaisos dele.

– Acho que não estou acompanhando, Baudin.

Ele sorriu.

– Ah, está sim, mocinha.

CAPÍTULO 10

Uma coisa é liderar pelo exemplo tendo meia dúzia de soldados às costas.
Algo completamente diferente é fazer isso com dez mil.

A vida de Dassem Ultor, Duiker

Fazia uma semana desde que Duiker tinha encontrado o rastro deixado pelos refugiados de Caron Tepasi. Para o historiador, eles obviamente haviam sido levados ao sul, acrescentando ainda mais peso à verdadeira cidade ambulante de Coltaine. Não havia mais nada naquela terra inóspita e interminável. A estação seca já tinha assumido o controle e o sol no céu árido chamuscava a relva até ela parecer um arame quebradiço, tanto aos olhos quanto ao toque.

Dia após dia, Duiker ainda não tinha conseguido alcançar o Punho e seu comboio. Nas poucas vezes em que avistara uma gigantesca nuvem de poeira, os batedores tithanos de Reloe haviam evitado que o historiador se aproximasse mais.

De algum modo, Coltaine mantinha as forças em movimento, sempre em marcha, rumo ao rio Sekala. *E de lá? Ele vai armar uma resistência, de costas para o antigo leito?*

Duiker cavalgava na esteira do comboio. Os detritos dos refugiados diminuía, mas se tornavam cada vez mais comoventes. Túmulos minúsculos se acumulavam nos locais dos velhos acampamentos; ossos de cavalos e de gado jaziam espalhados; o eixo das rodas de uma carroça, consertado diversas vezes até ser finalmente abandonado, marcava um ponto de partida, com o resto da carroça tendo sido desmontado e levado para

prover peças sobressalentes. Os fossos das latrinas fediam, sob nuvens de moscas.

Lugares em que haviam ocorrido conflitos revelavam outra história. Em meio aos corpos nus e abandonados de cavaleiros tithanos havia lanças wickanas destruídas, com as pontas arrancadas. Tudo o que poderia ser reutilizado era tirado dos corpos tithanos: correias, cintas, calças e cintos de couro, armas, até mesmo tranças de cabelo. Cavalos mortos haviam sido arrastados, deixando rastros na relva escurecida pelo sangue.

Fazia um bom tempo que Duiker já não se surpreendia mais com o que via. O historiador, bem como os homens de tribos tithanas com quem às vezes trocava algumas palavras, começava a acreditar que Coltaine era algo não humano que tinha esculpido seus soldados e cada um dos refugiados de modo a torná-los uma expressão inflexível do divino, da impossibilidade. Apesar de tudo isso, não havia esperança de vitória. O Apocalipse de Kamist Reloe contava com exércitos de quatro cidades e de uma dúzia de cidadezinhas, além de incontáveis tribos e uma horda de camponeses tão vasta quanto um mar continental. E ele fechava o cerco, satisfeito apenas em escoltar Coltaine até o rio Sekala. Cada corrente levava àquele lugar. Uma batalha tomava forma e, com ela, uma aniquilação.

Duiker cavalgava durante o dia, sedento, faminto, queimado pelo vento, com as roupas reduzidas a trapos. Vinha como um retardatário do exército camponês, um velho determinado a se juntar ao último confronto. Cavaleiros tithanos o reconheciam só de avistá-lo e lhe davam pouca atenção, limitando-se apenas a um aceno distante. A cada dois ou três dias, uma tropa se unia a ele, providenciando fardos de alimentos, água e comida para o cavalo. De certa maneira, ele tinha se tornado um ícone para eles; sua jornada, simbólica, estava carregada de significância, ainda que inoportuna. O historiador sentia uma pontada de culpa por isso, mas aceitava os presentes com uma gratidão genuína, já que eles o mantinham vivo, bem como o cavalo.

Mesmo assim, sua fiel montaria começava se exaurir. A cada dia, Duiker

guiava o animal mais e mais pelas rédeas.

O anoitecer se aproximava. A nuvem distante de poeira continuou marchando e, pelo que o historiador calculava, a vanguarda de Coltaine já tinha alcançado o rio. O Punho insistiu que o comboio inteiro prosseguisse ao longo da noite, até chegar ao acampamento que a vanguarda preparava naquele instante. Se Duiker desejava se reunir a eles, sua chance era naquela noite.

Só conhecia o leito por mapas, e sua memória era vaga, para sua frustração. O rio Sekala possuía cerca de quinhentos passos de largura, correndo para o norte, rumo ao mar Karas. Algumas centenas de passos ao sul do vau, havia um vilarejo, situado no vale entre duas colinas. Duiker se lembrava vagamente, além disso, de uma curva do rio em forma de ferradura.

O dia morria aos poucos, espalhando sombras pela terra. As estrelas mais brilhantes da noite brilharam no azul do céu, cada vez mais escuro. Asas de moscas-do-lixo subiram junto com o calor vindo do chão ressecado, como flocos negros de cinzas.

Duiker montou outra vez. Um pequeno grupo de batedores tithanos cavalgava por uma cordilheira, quase 1 quilômetro ao norte. Pelos cálculos de Duiker, isso dava pelo menos uns 5 ou 6 quilômetros de distância do rio. A frequência das patrulhas de cavaleiros aumentaria conforme ele se aproximasse do acampamento. Não tinha planos de como lidar com eles.

O historiador havia caminhado puxando sua montaria durante a maior parte do dia, preparando-se para uma cavalgada difícil noite adentro. Precisaria de tudo o que seu animal pudesse dar a ele, e ainda assim temia que não fosse o suficiente. Fez a égua partir a trote.

Os tithanos ao longe não prestaram atenção e logo sumiram de vista. Com o coração retumbando no peito, Duiker aumentou o ritmo para um galope leve.

Um vento bateu em seu rosto. O historiador sibilou uma bênção para qualquer que fosse o deus responsável por aquilo. Seu caminho começou a

adentrar a nuvem de poeira que pairava adiante.

O céu escureceu.

Uma voz gritou alguns passos à sua esquerda: mais de dez cavaleiros, de cujas lanças pendiam tiras de peles. Tithanos. Duiker os cumprimentou, erguendo o punho.

– Na aurora, velho! – vociferou um deles. – É suicídio atacar agora!

– Vá para o acampamento de Reloe! – gritou outro. – Direção nordeste, velho. Você está indo para as linhas inimigas!

Duiker dispensou as palavras deles com um aceno, gesticulando como um louco. Levantou-se um pouco na sela e sussurrou na orelha da égua, apertando o animal gentilmente com os joelhos. O animal abaixou a cabeça para a frente e suas passadas ficaram maiores.

Ao alcançar o cume de uma colina baixa, o historiador finalmente viu o que se espalhava diante dele. O acampamento dos lanceiros tithanos ficava mais à frente, à sua direita, com cerca de mil ou mais tendas de couro, enquanto brilhavam as fogueiras destinadas a cozinhar. Do outro lado das tendas, patrulhas montadas se moviam numa fila inquieta, protegendo o acampamento das forças inimigas assentadas no vau. À esquerda do acampamento tithano, estendiam-se vinte mil tendas improvisadas: o exército camponês. A fumaça pairava como uma capa suja de cinzas sobre aquele aglomerado maltrapilho e disperso. Estavam cozinhando. Os piquetes distantes funcionavam como trincheiras, de frente para o rio. Entre os dois acampamentos havia um corredor, com a largura não maior que a de dois carroções, descendo para a planície em declive até dar nas defesas de Coltaine.

Duiker virou o cavalo para o corredor, cavalgando a pleno galope. Os batedores tithanos não foram atrás dele, embora os guerreiros da patrulha do acampamento agora o observassem, vigiando, mas sem nenhuma preocupação óbvia... por ora.

Assim que ultrapassou a borda interior do acampamento tribal, à direita, e depois o mar de tendas camponesas, à esquerda, Duiker viu fortificações

do terraplano, fileiras ordenadas de tendas, piquetes solidamente guarnecidos – a horda contava com proteção adicional. O historiador viu duas bandeiras, de Sialk e de Hissar, infantaria regular. Cabeças cobertas por elmos haviam se virado, olhos atraídos pelo som dos cascos do cavalo. E, então, soaram os gritos alarmados dos cavaleiros tithanos.

A égua estava no limite. Os piquetes de Coltaine jaziam cinco mil passos adiante e pareciam não se aproximar nunca. O historiador ouviu cavalos em franca perseguição diminuindo a distância. Silhuetas apareceram nos bastiões malazanos, preparando seus arcos. Ele rezou para que houvesse mentes inteligentes entre os soldados na direção dos quais cavalgava. Praguejou ao ver os arcos serem erguidos, depois envergados.

– Não eu, seus bastardos! – vociferou, em malazano.

Soltaram as cordas dos arcos. Flechas voaram, invisíveis na noite.

Cavalos relincharam atrás dele. Seus perseguidores puxavam as rédeas. Mais flechas voaram. Duiker arriscou olhar para trás e viu os tithanos lutando para recuar da área de alcance. Cavalos e corpos derrubados se debatiam no chão.

Reduziu a velocidade da égua para um galope brando, depois para um trote ao se aproximar dos bastiões do terraplano. O animal espumava, seus membros frouxos demais e a cabeça prostrada.

Duiker cavalgou para o meio dos wickanos de pele azul – do clã das Doninhas –, que o encaravam em silêncio. Ao olhar ao redor, o historiador se sentiu em companhia bem apropriada: os guerreiros das planícies do nordeste de Quon Tali tinham a aparência de espectros, com os rostos desgastados por uma exaustão que se equiparava à sua.

Do outro lado do acampamento do clã das Doninhas, havia tendas militares e duas bandeiras. Uma era a da Guarda de Hissar, que continuara leal, e a outra era de uma companhia cujo estandarte Duiker não reconheceu, exceto pela besta estilizada no centro. Tratava-se, portanto, de soldados navais malazanos.

Mãos se ergueram para ajudá-lo a descer da sela. Jovens e idosos

wickanos se reuniram ao redor de Duiker, que se sentiu de certa forma aliviado pelo murmúrio de vozes das pessoas ali. Sua preocupação era com a égua. Um velho segurou o braço do historiador.

– Nós cuidaremos deste cavalo corajoso, estrangeiro.

– Acho que é o fim dela – disse Duiker, e uma onda de remorso o preencheu.

Deuses, estou cansado. O sol poente ainda transpunha as nuvens do horizonte, banhando tudo com um brilho dourado.

O velho balançou a cabeça.

– Nossos cavaliços são habilidosos. Ela vai correr de novo. Agora um oficial está chegando. Vá.

Um capitão da companhia desconhecida de soldados navais se aproximou. Era falariano, com a barba e o cabelo compridos e encaracolados, ambos de uma cor vermelha bem viva.

– Você cavalgava na sela como um malazano – disse ele –, mas está vestido como um maldito dosino. Explique-se e seja breve.

– Duiker, historiador imperial. Andei tentando me reunir a este comboio desde que ele deixou Hissar.

O capitão arregalou os olhos.

– Novecentos quilômetros. Você espera que eu acredite nisso? Coltaine deixou Hissar quase três meses atrás.

– Eu sei. Onde está Bult? Kulp já voltou para se reunir ao Sétimo? E quem, em nome do Encapuzado, é você?

– Bonança, capitão dos soldados navais de Sialk, Braço de Cartheron, frota de Sahul. Coltaine convocou uma reunião. É melhor vir comigo, historiador.

Foram até o acampamento. Duiker ficou consternado com o que viu. Do outro lado das trincheiras irregulares dos soldados navais, havia um campo vasto e inclinado, cortado por uma única estrada e marcado por cordas. À direita, havia centenas de carroças, cheias de feridos. As rodas das carroças estavam bem afundadas em lama encharcada de sangue. O ar, iluminado

pelas tochas, estava cheio de pássaros, que davam voz a um coro frenético; parecia que haviam adquirido gosto por sangue. À esquerda, o campo lotado parecia uma massa sólida feita de gado amontoado, movendo-se numa maré furiosa sob a névoa de rhizanos que pairava; os lagartos alados se regalavam com os enxames de moscas.

Mais adiante, o campo descia até uma faixa de pântano onde havia uma ponte de tábuas de madeira. As poças pantanosas de água exibiam um brilho vermelho. Do outro lado, a curvatura do rio, em forma de ferradura, dava origem a uma vasta ilha. Nela, num imenso tumulto, acampavam dezenas de milhares de refugiados.

– Pelo sopro do Encapuzado – resmungou o historiador –, teremos que passar por aquilo?

O capitão fez que não com a cabeça e gesticulou na direção de uma imensa casa de fazenda ao lado da estrada em que ficava o gado.

– Ali. O clã dos Corvos do próprio Coltaine está guardando o lado sul, ao longo das colinas, certificando-se de que os animais não se percam nem que sejam roubados por nativos. Há uma vila do outro lado.

– Você disse que era da frota de Sahul, certo? Por que não está com o almirante Nok em Aren, capitão?

O soldado ruivo fez uma careta.

– Bem que eu queria. Deixamos a frota e paramos em Sialk para fazer reparos. Nossa embarcação tinha setenta anos e começou a apresentar vazamentos quando estávamos a duas horas de Hissar. A revolta aconteceu naquela noite, então abandonamos o barco, reunimos o que tinha sobrado da companhia de soldados navais e escoltamos o êxodo para fora de Sialk.

A casa de fazenda de que se aproximavam era uma estrutura robusta e imponente. Seus habitantes haviam acabado de fugir, com a chegada do comboio de Coltaine. Sua fundação era de pedra, e as paredes, de toras grudadas por argila cozida pelo sol. Um soldado do Sétimo montava guarda diante da sólida porta de carvalho.

Ele inclinou a cabeça para o capitão Bonança, depois estreitou os olhos

na direção de Duiker.

– Ignore o traje tribal – disse Bonança. – Este é dos nossos. Quem está aqui?

– Todos, menos o Punho, os bruxos e o capitão dos sapadores, senhor.

– Esqueça o capitão – disse Bonança. – Ele ainda não deu o ar da graça nessas reuniões.

– Sim, senhor.

O soldado bateu a manopla na porta, depois a abriu com um empurrão.

A fumaça de uma lareira flutuou para fora. Duiker e o capitão entraram. Bult e dois oficiais do Sétimo estavam agachados perto da gigantesca lareira de pedra, do outro lado da sala, discutindo a respeito do que obviamente era uma chaminé obstruída.

Bonança soltou o cinto da espada e pendurou a arma no gancho ao lado da porta.

– Para que, em nome do Encapuzado, vocês estão acendendo o fogo? – exigiu saber o capitão. – Aqui já não está quente e fedido o bastante? – Abanou a fumaça.

Duiker reconheceu um dos oficiais do Sétimo como o soldado que estivera a seu lado quando Coltaine e seus wickanos haviam aportado em Hissar pela primeira vez. Seus olhos se encontraram.

– Pelos pés de Togg, é o historiador!

Bult se endireitou e virou para Duiker. Tanto sua cicatriz quanto sua boca deram sorrisos gêmeos.

– Sormo estava certo. Ele farejou você na nossa trilha algumas semanas atrás. Bem-vindo, Duiker!

Com as pernas ameaçando ceder, Duiker sentou-se em uma das cadeiras encostadas numa parede.

– É bom vê-lo, tio – disse, recostando-se e estremecendo por causa dos músculos doloridos.

– Íamos fazer um chá de ervas – falou o wickano, com os olhos vermelhos e marejados.

O velho veterano tinha perdido peso e sua palidez se tornara cinzenta pela exaustão.

– Por amor aos pulmões limpos, desistam – disse Bonança. – Por que o Punho ainda não chegou, aliás? Mal posso esperar para ouvir que plano louco ele inventou para nos tirar desta.

– Ele conseguiu até aqui – retrucou Duiker.

– Contra um exército, com certeza – disse Bonança. – Mas estamos enfrentando dois agora...

O historiador ergueu a cabeça.

– Dois?

– Os libertadores de Guran – explicou o capitão conhecido de Duiker. – Não consigo lembrar se já fomos apresentados. Sou Chenned. Aquele é o capitão Sulmar.

– Vocês representam os oficiais de alta patente do Sétimo?

Chenned sorriu.

– Temo que sim.

O capitão Sulmar grunhiu:

– Não exatamente. Há o homem encarregado dos sapadores do Sétimo.

– Aquele que nunca aparece nessas reuniões.

– É. – Sulmar parecia ríspido, mas Duiker já suspeitava que aquela era a expressão preferida do capitão. Ele era negro, baixo e parecia ter sangue kanês e dal-honês. Seus ombros se curvavam como se carregassem fardos de uma vida inteira. – Mas por que o desgraçado acha que está acima do resto de nós, isso eu não sei. Os malditos sapadores não têm feito nada além de consertar carroças e juntar grandes pedaços de pedra, ficando no caminho dos cortadores.

– Bult nos comanda no campo – disse o capitão Chenned.

– Sou a vontade do Punho – ressoou o veterano wickano.

Ouviram o som de cavalos parando do lado de fora, junto ao barulho metálico de armaduras; bateram à porta uma vez e ela se abriu um momento depois.

Coltaine parecia inalterado aos olhos de Duiker. Estava reto como uma lança, com o rosto magro queimado pelo vento até atingir a cor e a consistência de couro. Sua capa negra de penas esvoaçava quando ele caminhou até o centro da grande sala. Atrás dele vinham Sormo E'nath e meia dúzia de jovens wickanos, que se espalharam a esmo, recostando-se nas paredes e na mobília. Eles lembravam ao historiador um grupo de ratos de doca na cidade de Malaz, senhores do pequeno pedaço de chão que defendiam.

Sormo se aproximou de Duiker e estendeu as duas mãos, a fim de agarrar seus pulsos. Seus olhos se encontraram.

– Nossa paciência foi recompensada. Muito bem, Duiker!

O menino parecia infinitamente mais velho, com várias vidas ao redor de seus olhos semicerrados.

– Descanse depois, historiador – disse Coltaine, fitando cada pessoa da sala com um olhar lento e avaliador. – Minhas ordens foram claras – acrescentou, finalmente virando-se para Bult. – Onde está o capitão dos engenheiros?

Bult deu de ombros.

– A ordem foi dada. Ele é um homem difícil de encontrar.

Coltaine fechou a cara.

– Capitão Chenned, seu relatório.

– As companhias do Terceiro e do Quinto estão do outro lado do vau, escavando. O cruzamento tem cerca de 420 passos, sem contar as partes rasas dos dois lados, que acrescentam mais uns 20. A profundidade média é de 1,5 metro. A largura fica entre 8 e 10 metros na maior parte do caminho, em alguns pontos mais estreita, em outros, mais larga. O fundo é composto de uns dois dedos de lama, sobre uma coluna sólida de rochas.

– O clã dos Cachorros Tolos irá se unir às suas companhias do outro lado – disse Coltaine. – Se as forças de Guran tentarem tomar aquele lado do vau durante a travessia, você irá detê-los. – O Punho olhou para o capitão Bonança. – Você e o clã das Doninhas ficarão com a guarda deste lado,

enquanto os feridos e os refugiados atravessam. Vou me posicionar no sul, bloqueando a estrada da vila, até o caminho estar limpo.

O capitão Sulmar pigarreou.

– Quanto à ordem da travessia, Punho, o Conselho dos Nobres vai gritar...

– Não me importo. As carroças atravessam primeiro, com os feridos. Depois o gado, depois os refugiados.

– Talvez se nos dividíssemos mais... – insistiu Sulmar, com suor brilhando em sua testa lisa. – Cem animais, depois cem nobres...

– Nobres? – perguntou Bult. – Você quis dizer refugiados, sem dúvida.

– Claro...

O capitão Bonança sorriu com escárnio para Sulmar.

– Tentando comprar favores dos dois lados, é? E eu achando que você era um soldado do Sétimo.

O rosto de Sulmar escureceu.

– Dividir a travessia seria um suicídio – disse Chened.

– É – grunhiu Bult, fitando Sulmar como se ele fosse um pedaço de carne rançosa.

– Temos uma responsabilidade... – vociferou o capitão, antes de Coltaine interrompê-lo com um praguejar rosnado.

Foi suficiente. A sala ficou em silêncio. Do lado de fora, veio o rangido de rodas de carroças. Bult grunhiu:

– Já não basta o porta-voz.

A porta se abriu logo depois e dois homens entraram. O que vinha na frente vestia um casaco azul-claro, sem uma mancha sequer. Qualquer músculo que ele tivesse na juventude já tinha cedido espaço à gordura, e essa mesma gordura murchara, depois de três meses de fuga desesperada. Apesar de seu rosto ser como uma bolsa de couro enrugada, ele projetava um ar mimado, agora tingido de uma mágoa indignada. O homem um passo atrás dele também vestia roupas boas, embora tivessem sido reduzidas, pela poeira e pelo suor, a pouco mais que sacos sem forma pendendo de sua

estrutura esbelta. Era careca e a pele de seu escalpo era repleta de irregularidades, por causa de velhas queimaduras de sol. Ele semicerrou os olhos úmidos para os demais, piscando depressa.

– A notícia desta reunião demorou a chegar ao Conselho... – falou o primeiro nobre.

– E não chegou lá de forma muito oficial também – resmungou Bult, secamente.

O nobre continuou, sem se abalar:

– Eventos como este se ocupam claramente de discussões militares, na maior parte do tempo, e os Céus proibam o Conselho de se envolver nesses assuntos. Entretanto, como representantes de quase trinta mil refugiados aqui, reunimos uma lista de... problemas... que gostaríamos de apresentar a você.

– Vocês representam poucos milhares de nobres – disse o capitão Bonança. – Assim, seus interesses, amaldiçoados sejam eles pelo Encapuzado, dizem respeito a vocês próprios e a mais ninguém, Nethpara. Guarde a afetação para as latrinas.

Nethpara não se dignou de responder aos comentários do capitão. Manteve o olhar sobre Coltaine, esperando uma resposta.

O Punho não deu sinal de estar disposto a dar uma.

– Encontre os sapadores, tio – disse a Bult. – As carroças começam a atravessar em uma hora.

O veterano wickano aquiesceu devagar.

– Estávamos esperando uma noite de descanso – disse Sulmar, franzindo a testa. – Todos estão como mortos ambulantes...

– Uma hora – grunhiu Coltaine. – As carroças de feridos primeiro. Quero que pelo menos quatrocentas já tenham atravessado ao amanhecer.

– Por favor, Punho, reconsidere a ordem da travessia – disse Nethpara. – Apesar de meu coração estar partido pelos soldados feridos, a sua responsabilidade é proteger os refugiados. Além disso, muitos do Conselho verão como um insulto atroz o gado atravessar antes de civis desarmados do

Império.

– E se perdermos o gado? – perguntou Bonança ao nobre. – Suponho que você poderia cozinhar as crianças órfãs numa fogueira.

Nethpara deu um sorriso resignado.

– Ah, sim, o assunto da redução das provisões está na nossa lista de preocupações. Sabemos de fonte segura que essa redução não foi aplicada aos soldados do Sétimo. Talvez um método mais balanceado de distribuição deva ser considerado. É muito difícil ver crianças emagrecendo.

– Menos carne nos ossos delas, é? – O rosto de Bonança corou com uma fúria mal contida. – Sem soldados bem alimentados defendendo vocês dos titanos, seus estômagos estarão é batendo nos joelhos, fora da barriga, em dois tempos.

– Tirem esses sujeitos daqui – disse Coltaine.

O outro nobre pigarreou.

– Apesar de Nethpara falar pela maioria do Conselho, seus pontos de vista não são unânimes. – continuou o homem, ignorando o olhar sombrio que seu companheiro lhe deu. – Estou aqui por curiosidade, nada mais. Por exemplo, sobre essas carroças cheias de feridos. Parece que há muito mais feridos do que eu imaginava; elas estão realmente abarrotadas, e há cerca de 350 delas. Dois dias atrás estávamos carregando setecentos soldados, usando cerca de 175 carroças. Dois pequenos conflitos ocorreram desde então, mas agora o dobro de carroças está sendo usado para transportar os feridos. Além disso, os sapadores andam se arrastando sobre essas pessoas, mantendo todos afastados dali, a ponto de desencorajarem o trabalho dos próprios cortadores. Qual é o plano aqui, exatamente?

Um silêncio se seguiu. Duiker viu os dois capitães do Sétimo trocarem um olhar embaraçado. A expressão perplexa de Sulmar era quase cômica, enquanto sua mente recapitulava os detalhes apresentados pelo nobre idoso. Apenas os wickanos pareceram não ter sido afetados.

– Espalhamos os feridos – disse Bult. – Fortalecemos os muros laterais...

– Ah, sim – interrompeu o nobre, fazendo uma pausa para esfregar os

olhos úmidos com um lenço cinza. – Foi minha primeira conclusão. Mas então por que as carroças estão tão pesadas, a julgar pelas marcas deixadas na lama?

– Isso é mesmo necessário, Tumlit? – perguntou Nethpara, exasperado. – Nuances técnicas podem causar fascínio em você, mas o Encapuzado sabe que não causam a mais ninguém. Estamos discutindo a posição do Conselho em certos problemas vitais. Não serão concedidas permissões para tais digressões...

– Tio... – chamou Coltaine.

Sorrindo, Bult agarrou o braço dos dois nobres e os guiou com firmeza para a porta.

– Temos que planejar uma travessia – disse Bult. – Digressões não são bem-vindas.

– Mas e quanto aos cortadores de pedras e os rebocadores, que... – balbuciou Tumlit.

– Fora, vocês dois! – Bult os empurrou.

Nethpara foi sábio o bastante para abrir a porta antes de o comandante dar o último empurrão. Os dois nobres saíram aos tropeços.

Vendo Bult assentir, o guarda fechou a porta. Bonança fez um movimento circular com os ombros, ajustando o peso da cota de malha.

– Alguma coisa que devemos saber, Punho?

– Estou preocupado com a profundidade do rio – disse Chened, depois que ficou claro que Coltaine não responderia à pergunta de Bonança. – É provável que a travessia seja muito lenta. Não que a corrente seja forte, mas, com a lama e 1,5 metro de água debaixo dos pés, ninguém vai atravessar tão rápido. Nem sobre um cavalo. – Ele olhou para Bonança. – Uma retirada em combate não será bonita.

– Vocês sabem suas posições e suas tarefas – disse Coltaine. Ele encarou Sormo, estreitando os olhos ao contemplar o bruxo e as crianças atrás dele. – Cada um de vocês terá um bruxo – informou o Punho aos oficiais. – Toda comunicação será feita por meio deles. Dispensados.

Duiker assistiu à partida dos oficiais e das crianças, até restarem apenas Bult, Sormo e Coltaine.

O bruxo conjurou uma moringa, aparentemente do nada, e passou a bebida ao Punho. Coltaine deu uma golada, depois a passou a Duiker. Os olhos do Punho brilharam.

– Historiador, você tem uma história a nos contar. Você estava com o mago do Sétimo, Kulp. Saiu com ele apenas algumas horas antes da revolta. Sormo não consegue encontrar o homem... em lugar nenhum. Morto?

– Não sei – disse Duiker honestamente. – Nós nos separamos. – Ele deu uma golada no conteúdo da moringa, depois a encarou, surpreso. *Cerveja gelada. De onde Sormo tirou isso?* Olhou para o bruxo. – Você procurou Kulp com seu Labirinto?

O jovem cruzou os braços.

– Algumas vezes. Não ultimamente. Os Labirintos se tornaram... difíceis.

– Sorte a nossa – disse Bult.

– Não entendi.

Sormo suspirou.

– Lembra-se daquele nosso ritual, historiador? Da praga de d'ivers e soletaken? Eles estão infestando todos os Labirintos agora, pelo menos neste continente. Todos procuram o lendário Caminho das Mãos. Fui forçado a me concentrar nos meios antigos, nas feitiçarias desta terra, nos espíritos de vida e nos totens animais. Nosso inimigo, o Alto Mago Kamist Reloe, não possui esse conhecimento ancestral, portanto não ousa lançar sua magia contra nós, e isso já há algumas semanas.

– Sem ela, Reloe é apenas um comandante competente – disse Coltaine.

– Não um gênio. Suas táticas são simplistas. Ele encara o exército imenso e deixa sua confiança subestimar a força e a vontade de seus oponentes.

– Ele também não aprende com as derrotas – disse Bult.

Duiker fitou Coltaine.

– Para onde você está levando esse comboio, Punho?

– Ubaryd.

O historiador piscou. *A dois meses de viagem, pelo menos.*

– Ainda mantemos essa cidade, então? – perguntou. O silêncio se prolongou. – Vocês não sabem – disse Duiker finalmente.

– Não – disse Bult, pegando a moringa da mão do historiador e tomando uma golada.

– Agora, Duiker, conte sobre sua jornada – disse Coltaine.

O historiador não tinha intenção de explicar suas ações relacionadas a Heboric Toque Leve. Entretanto, esboçou uma história próxima da verdade e convincente o bastante. Ele e Kulp haviam cavalgado até uma cidade costeira a fim de encontrar alguns velhos amigos num destacamento de soldados navais. Má sorte que tivesse sido a noite da revolta. Vendo a oportunidade de atravessar disfarçado por entre as fileiras inimigas, reunindo informações enquanto seguia, Duiker escolheu ir a cavalo. Kulp se uniu aos soldados navais na tentativa de velejar até o porto de Hissar.

Enquanto o historiador falava, os homens começaram a ouvir o som abafado de carroças se movendo na ilha de ferradura. Era alto o bastante para os soldados de Kamist Reloe ouvirem, permitindo que eles inferissem, corretamente, que a travessia tinha sido iniciada. Duiker se perguntou como o comandante do Furacão reagiria.

Quando o historiador começou a contar o que tinha observado do inimigo, foi interrompido por Coltaine, que ergueu a mão e resmungou:

– Se todas as suas narrativas são chatas assim, é uma surpresa que alguém as leia.

Sorrindo, Duiker se recostou e fechou os olhos.

– Ah, Punho, é uma maldição da história: aqueles que deveriam lê-la não a leem. Além disso, estou cansado.

– Tio, arrume para esse velho uma tenda e um saco de dormir – disse Coltaine. – Dê a ele duas horas. Quero que esteja em pé para testemunhar o máximo possível da travessia. Que os acontecimentos do próximo dia sejam escritos, para que todos os que vierem depois conheçam a história.

– Duas horas? – resmungou Duiker. – Não posso garantir que minhas

recordações sejam acuradas... presumindo que eu sobreviva para registrar a história.

Uma mão sacudiu seu ombro. O historiador abriu os olhos. Tinha adormecido na cadeira e alguém havia colocado um cobertor sobre ele. A lã wickana cheirava mal e estava manchada de modo duvidoso. Um jovem cabo olhava Duiker de cima.

– Senhor? Precisa levantar agora.

Todos os ossos doíam. Duiker fechou a cara.

– Qual é o seu nome, cabo?

– Lista, senhor. Quinta companhia, senhor.

Ah, sim, o que morria e morria nas batalhas simuladas.

Só então o rugido caótico vindo do lado de fora alcançou a audição do historiador. Ele se sentou.

– Pelo sopro do Encapuzado! Estamos em meio a uma batalha?

O cabo Lista deu de ombros.

– Ainda não. Só os vaqueiros e o gado. Estão atravessando. Tiveram alguns confrontos do outro lado; o exército de Guran chegou. Mas estamos segurando.

Duiker jogou o cobertor para o lado e se levantou. Lista deu-lhe uma caneca de estanho, toda batida.

– Cuidado, senhor, está quente.

O historiador encarou o líquido marrom-escuro.

– O que é?

– Não sei, senhor. Alguma coisa wickana.

Duiker deu uma bicada, estremecendo tanto pelo gosto amargo quanto por estar fervendo.

– Onde está Coltaine? Esqueci de lhe dizer algo ontem à noite.

– Está com seu clã dos Corvos.

– Que horas são?

– Quase aurora.

Quase aurora e o gado só começou a atravessar agora? Duiker sentiu que começava a ficar alerta. Olhou para a bebida outra vez e deu mais um gole.

– Isto é uma das infusões de Sormo? Está fazendo meus nervos pularem.

– Uma velha me deu, senhor. Está pronto?

– Você foi designado a mim, Lista?

– Sim, senhor.

– Então sua primeira tarefa, cabo, é me mostrar onde fica a latrina.

Saíram em meio ao caos. O gado cobria a ilha de ferradura como uma massa de costas encurvadas, avançando sob os gritos dos vaqueiros. O outro lado do Sekala estava coberto pelas nuvens de poeira que começavam a flutuar sobre o rio.

– Por aqui, senhor – disse Lista, gesticulando na direção de uma trincheira atrás da casa de fazenda.

– Deixe de me chamar de “senhor” – retrucou Duiker enquanto se dirigiam à latrina. – E me encontre um cavaleiro. Os soldados do outro lado estão com algum problema sério a caminho.

– Senhor?

Duiker parou na beira da trincheira. Abriu a telaba e parou de novo.

– Tem sangue nesta trincheira.

– Sim, senhor. O que disse sobre o outro lado do rio, senhor?

– Ouvi algo de uns batedores tithanos – respondeu o historiador enquanto aliviava a bexiga. – Os semkeses vieram para o sul. Acho que estarão no lado dos guranos. Aquela tribo tem feiticeiros e seus guerreiros dão medo até nos tithanos. Então, pode esperar que eles sejam uma cambada bem cruel. Eu tinha planejado falar deles essa noite, mas esqueci.

Uma tropa de cavaleiros passava diante da casa naquele momento. O cabo Lista correu para interceptá-los.

Duiker terminou e se reuniu a seu ajudante. Diminuiu a velocidade. O estandarte da tropa era instantaneamente reconhecível. Lista, arfante, dava o recado para o comandante. O historiador deixou sua hesitação de lado e se

aproximou.

– Baria Setral! – Os olhos do comandante Lâmina Vermelha se voltaram para Duiker e se tornaram frios. A seu lado, seu irmão Mesker grunhiu, sem dizer nada. – Parece que a sua sorte persistiu – observou o historiador.

– E a sua – retrucou Baria. – Mas não a daquele mago de cabelo branco. Que pena. Eu estava ansioso para pendurar o couro dele na minha bandeira. Essa notícia sobre os semkeses... Ela veio de você?

– Dos tithanos.

Mesker soltou uma risada e sorriu.

– Compartilhou das tendas deles no caminho, foi? – Encarou o irmão. – É mentira.

Duiker suspirou.

– Qual seria a utilidade de mentir?

– Estamos indo apoiar o piquete avançado do Sétimo – disse Baria. – Transmitiremos o seu aviso.

– É uma armadilha... – começou a falar Mesker.

– Cale a boca, irmão – disse Baria, com os olhos ainda em Duiker. – Um aviso é só isso. Não uma mentira, não uma armadilha. Se semkeses aparecerem, estaremos prontos. Se não, então a história era falsa. Nada perdido.

– Obrigado, comandante – agradeceu Duiker. – Estamos do mesmo lado, afinal.

– Antes tarde do que nunca – grunhiu Baria. Um toque de sorriso apareceu em meio a sua barba oleosa. – Historiador – falou, despedindo-se.

Ergueu o punho coberto pela manopla e o abriu. Com o gesto, a tropa de Lâminas Vermelhas voltou a seu galope leve, rumo ao vau; apenas Mesker lançou um olhar negro na direção de Duiker ao passar por ele.

A luz pálida da aurora se deslocou até alcançar o vale. Sobre o Sekala, a nuvem impenetrável de poeira agora se suavizava, com a brisa fraca que vinha na transversal descendo sobre o rio e permanecendo ali. Toda a travessia estava obscurecida. Duiker grunhiu:

– Que belo toque.

– Sormo – falou o cabo Lista. – Dizem que ele acordou os espíritos da terra e do ar... de um sono de séculos, já que até as tribos deixaram esses costumes para trás. Às vezes você consegue... sentir o cheiro deles.

O historiador olhou para o jovem.

– *Cheiro?*

– Como quando você vira uma rocha grande de cabeça para baixo. O cheiro que sobe. Frio, embolorado. – Lista deu de ombros. – Assim.

Na mente de Duiker, lampejou uma imagem de Lista quando criança, apenas alguns anos mais jovem do que era agora. O garoto virava rochas de cabeça para baixo. Um mundo a explorar, o casulo de paz. Sorriu.

– Conheço esse cheiro, Lista. Diga: esses espíritos... Qual o tamanho da força deles?

– Sormo diz que estão satisfeitos. Ansiosos para jogar.

– O jogo de um espírito é o pesadelo do homem. Bem, vamos esperar que eles levem o jogo a sério.

Duiker voltou a analisar a situação. Viu que a massa de refugiados já tinha sido despachada para a ilha do outro lado da estrada do vau, na direção do declive sul e do leito pantanoso do velho canal em forma de ferradura. Havia pessoas demais para caberem naquele espaço e o historiador percebeu que a extremidade mais distante da multidão já se arrastava para as colinas do outro lado. Alguns haviam ido pelo rio ao sul do vau e agora se afastavam devagar na correnteza.

– Quem está encarregado dos refugiados?

– Membros do clã dos Corvos. Coltaine mandou seus wickanos ficarem de vigia; os refugiados têm tanto medo deles quanto do Apocalipse.

E também não é possível subornar os wickanos.

– Ali, senhor! – Lista apontou para leste.

As fileiras inimigas que Duiker tinha atravessado na noite anterior começavam a se mover. As infantarias de Sialk e de Hissar estavam à direita, com os lanceiros hissarianos à esquerda e os cavaleiros de guerra tithanos no

meio. As duas cavalarias avançaram na direção das defesas do clã das Doninhas. Arqueiros wickanos montados, acompanhados de lanceiros, avançaram para confrontá-los. Mas a investida era um estratagema e os hissarianos e tithanos se voltaram para oeste antes do choque. No entanto, os comandantes ordenaram a retirada muito em cima da hora e os arqueiros wickanos acabaram entrando na área de alcance. Flechas voaram. Cavaleiros e cavalos caíram.

Foi então a vez de os lanceiros wickanos avançarem numa investida repentina e o inimigo recuou depressa, de volta para sua posição original. Surpreso, Duiker viu os lanceiros se deterem; uma parte deles desmontou, sob a cobertura de seus arqueiros. Os inimigos feridos foram logo liquidados, tendo seus escalpos e equipamentos tomados. Cordas apareceram. Minutos depois, os wickanos cavalgaram de volta para suas defesas, arrastando as carcaças de cavalos consigo, junto com o punhado de montarias feridas que haviam conseguido reunir.

– Os wickanos se alimentam de cavalos – disse Lista. – Vão usar o couro dos animais também. E os ossos, o rabo e a crina, e os dentes, e os...

– Já entendi – interrompeu Duiker.

A infantaria inimiga continuou sua marcha lenta. Os cavaleiros hissarianos e tithanos haviam se recuperado e agora se aproximavam mais devagar, com mais cautela.

– Há um muro velho na ilha – disse Lista. – Poderíamos subir lá e conseguir uma visão melhor de todos os lados. Isto é, se você não se importar em caminhar nas costas do gado para chegar até lá. Não é tão difícil quanto parece. Você só precisa continuar se movendo. – Duiker arqueou uma sobrancelha. – Sério, senhor – insistiu o cabo.

– Está bem, cabo. Vá na frente.

Tomaram a estrada de corda na direção oeste, rumo ao vau. O velho canal era ligado por tábuas de madeira, sustentadas por novos suportes, colocados pelos sapadores do Sétimo. Aquele caminho tinha sido mantido ali para permitir o vaivém dos mensageiros e de seus cavalos. Mas, como em

todo o resto, o caos reinava. Duiker seguiu Lista bem de perto enquanto o cabo rumava para a ponte fazendo vários malabarismos. Do outro lado, estavam a ilha e os milhares de cabeças de gado.

– De onde veio esse rebanho? – perguntou o historiador ao alcançarem a travessia de tábuas.

– A maioria foi comprada – respondeu Lista. – Coltaine e seus clãs reclamaram as terras ao redor de Hissar, depois começaram a comprar gado... cavalos, bois, mulas, cabras. Quase tudo que tem quatro patas.

– Quando isso tudo aconteceu?

– Mais ou menos no mesmo dia em que chegaram – disse o cabo. – Quando veio a revolta, a maioria dos homens do clã dos Cachorros Tolos estava com os rebanhos. As tribos tithanas pensaram em roubar o gado, mas terminaram com o nariz sangrando.

Ao se aproximarem da parte de trás do rebanho, o barulho antes abafado se transformou no rugido de vaqueiros gritando, no latido de cães pastores – feras meio selvagens de músculos sólidos, nascidas e criadas nas planícies wickanas –, no mugido do gado e no estrondo retumbante de seus cascos. A nuvem de poeira que engolia o rio era impenetrável.

Duiker estreitou os olhos para a massa fervilhante que tinha à frente.

– Não tenho muita certeza sobre essa sua ideia, cabo. Esses animais parecem agitados. É provável que sejamos esmagados em segundos.

Um grito vindo de trás chamou-lhes a atenção. Uma jovem wickana cavalgava na direção deles.

– Nether – murmurou Lista.

Algo em seu tom fez Duiker se virar. O rapaz empalideceu sob o elmo.

A menina, de não mais de 9 ou 10 anos, parou o cavalo diante deles. Era escura, seus olhos pareciam um líquido negro e seu cabelo era bem curto. O historiador se lembrava de tê-la visto entre os tutelados de Sormo na noite anterior.

– Vocês procuram o muro como ponto estratégico – disse ela. – Vou limpar o caminho. – Lista aquiesceu. – Existe magia aspectual do outro lado

– continuou ela, com os olhos em Duiker. – O Labirinto de um deus solitário, sem d'ivers nem soletaken. Um deus de tribo.

– Semk – disse o historiador. – Os Lâminas Vermelhas andam falando disso. – Ele ficou em silêncio ao perceber o teor das palavras dela, a significância de sua presença na reunião da noite anterior. *Uma entre os bruxos renascidos. Sormo lidera um clã de crianças dotadas de poderes de vidas inteiras.*

– Vou enfrentá-los. O espírito da terra é mais velho que qualquer deus.

Ela contornou os dois homens com seu cavalo, depois soltou um grito penetrante. Um caminho limpo começou a tomar forma: os animais se afastaram para os dois lados, gemendo de medo.

Nether cavalgou naquele corredor. Um momento depois, Lista e Duiker foram atrás, correndo para acompanhar. Assim que puseram os pés no caminho, conseguiram sentir a terra estremecendo sob as botas; não eram apenas as reverberações profundas causadas pelos incontáveis cascos, mas algo mais intenso, muscular. *Como se caminhássemos sobre a coluna de uma serpente gigante... A terra acordou e agora está ávida para mostrar seu poder.*

Cinquenta passos à frente, apareceu o recorte de um muro desgastado pelo tempo e coberto de trepadeiras. Baixo e espesso, ficou evidente que se tratava dos restos de uma fortificação antiga, erguendo-se, acima da altura de um homem, sobre o gado. O caminho que Nether tinha criado perpassava uma das extremidades do muro, depois prosseguia até o rio.

A menina continuou cavalgando, sem olhar para trás. Momentos depois, Lista e Duiker alcançaram a construção de pedra e subiram em seu topo irregular, mas amplo.

– Olhe para o sul – disse Lista, apontando. A poeira formava uma névoa dourada, saindo da linha das colinas para além da massa arquejante de refugiados. – Coltaine e seus Corvos estão em constante – concluiu o cabo.

Duiker assentiu.

– Há uma vila do outro lado daquelas colinas, certo? – perguntou o historiador.

– Sim, senhor. Lenbarl. A briga parece estar acontecendo na estrada que liga a vila ao vau. Não vimos a cavalaria de Sialk, então é provável que Reloe os tenha mandado dar a volta para tentar nos atacar pelo flanco. Como Coltaine sempre diz, o homem é previsível.

Duiker encarou o norte. A vegetação do outro lado da ilha consistia em gramíneas, em meio ao pântano, preenchendo o velho canal em forma de ferradura. Mais além, havia um aglomerado estreito de árvores mortas e retorcidas, seguido por um declive extenso que dava para uma colina íngreme em uma das laterais. A regularidade daquela colina sugeria tratar-se de um tel. Um exército dominava o platô, com armas e armaduras brilhando sob a luz matinal. Infantaria pesada. Bandeiras escuras se erguiam em meio às tendas, atrás de duas legiões de arqueiros tithanos, que tomavam a frente. Os arqueiros haviam começado a descer a encosta.

– Aqueles são Kamist Reloe e seus soldados de elite, escolhidos a dedo – disse Lista. – Ele ainda não os usou.

A leste, as sondagens e as ameaças de ataque entre os cavaleiros do clã das Doninhas e seus adversários tithanos e hissarianos continuavam, enquanto as infantarias de Sialk e de Hissar se aproximavam em ritmo constante das defesas wickanas. Atrás dessas legiões, o exército de camponeses se remexia, inquieto.

– Se aquela horda decidir atacar, nossas linhas não vão ser capazes de segurar – disse Duiker.

– Eles vão atacar – afirmou Lista sombriamente. – Se tivermos sorte, vão esperar demais e nos dar espaço para recuar.

– Esse é o tipo de risco que o Encapuzado ama – resmungou o historiador.

– O chão abaixo deles sussurra medo. Eles não vão se mexer por um tempo.

– Estou vendo controle em todos os lados ou é a ilusão de controle?

O rosto de Lista se contorceu um pouco.

– Às vezes os dois são a mesma coisa. Em termos de resultados, quero

dizer. A única diferença, ou é o que Coltaine diz, é que, quando você mancha de sangue a coisa de verdade, ela absorve o dano, enquanto o outro lado desmorona.

Duiker balançou a cabeça.

– Quem imaginaria que um líder de guerra wickano pensaria na guerra em termos tão... alquímicos? E você, cabo, ele o tornou seu protegido?

O jovem pareceu enrijecer.

– Eu sempre morria nos jogos de guerra. Isso me deu muito tempo para ficar por perto e bisbilhotar.

O gado avançava mais rápido agora, mergulhando nas nuvens estacionárias de poeira que encobriam o vau. Ao menos para os olhos de Duiker, o fluxo arquejante estava rápido demais.

– Um metro e meio de profundidade, mais de quatrocentos passos... Esses animais deveriam estar atravessando como se rastejassem. Além disso, como segurar os rebanhos na parte rasa? Aqueles cachorros vão precisar nadar, os vaqueiros serão empurrados para a parte funda e, com toda essa poeira, como vão ver qualquer merda lá embaixo?

Lista nada disse.

Um trovão soou do outro lado do vau, seguido de sons de percussão ligeiros. Colunas de fumaça subiram e o ar se tornou febril de repente. *Feitiçaria. Os sacerdotes-magos de Semk. Apenas uma criança sozinha para confrontá-los.*

– Tudo isso está demorando demais – rosnou Duiker. – Por que, em nome do Encapuzado, foi necessária uma noite inteira só para atravessar as carroças? Vai ficar escuro antes que os refugiados possam começar a se mover.

– Estão se aproximando – disse Lista.

Seu rosto estava coberto por suor e poeira.

A leste, as infantarias de Sialk e de Hissar haviam travado contato com as defesas externas. Flechas pululavam no ar. Os cavaleiros do clã das Doninhas batalhavam de dois lados: contra os lanceiros tithanos à frente e, no flanco

direito, contra a infantaria armada com lanças de combate. Tinham dificuldade para recuar. As defesas do leste estavam sendo mantidas pelos soldados navais do capitão Bonança, por arqueiros wickanos e por um punhado de unidades auxiliares. As forças estavam rendendo as primeiras linhas de defesa à infantaria rija. A horda começara a ferver nas encostas do outro lado.

Ao norte, as duas legiões de arqueiros tithanos avançavam depressa na direção da cobertura das árvores tortas. A partir dali, começariam a matar o gado. Não havia ninguém para desafiá-los.

– E, então, desmorona – disse Duiker.

– Você é tão ruim quanto Reloe, senhor.

– O que você quer dizer?

– Rápido demais em nos considerar derrotados. Não é nossa primeira batalha.

Guinchos fracos vieram das árvores. Duiker semicerrou os olhos na direção da poeira. Os arqueiros tithanos gritavam, espalhando-se em frenesi e desaparecendo de vista na relva alta do pântano, abaixo das árvores esqueléticas.

– O que, em nome do Encapuzado, está acontecendo com aqueles homens?

– Um espírito velho e sedento, senhor. Sormo prometeu a ele um dia de sangue quente. Um último dia. Antes de o espírito morrer ou desaparecer ou o que quer que aconteça com espíritos quando partem.

Os arqueiros refizeram seu caminho, de forma que sua fuga afobada os levou de volta à encosta sob o tel.

– Ali vão os últimos deles – disse Lista.

Por um momento, Duiker pensou que o cabo se referia aos arqueiros tithanos. Depois percebeu, com um sobressalto, que o gado tinha sumido. Ele se virou para encarar o vau, praguejando ao ver as nuvens de poeira tombando aos poucos.

– Rápido demais – resmungou.

Os refugiados haviam começado a se mover, como faixas de humanidade que flutuavam pelo velho canal curvo e alcançavam a ilha. Não havia nenhuma ilusão de ordem, nenhuma maneira de controlar quase trinta mil pessoas exaustas e apavoradas. E elas estavam prestes a varrer o muro em que Duiker e o cabo se encontravam.

– Deveríamos sair daqui – sugeriu Lista.

O historiador assentiu.

– Para onde?

– Hã... Leste?

Para onde o clã das Doninhas agora dava cobertura aos soldados navais e aos de infantaria, que abandonavam um baluarte de terraplenagem atrás do outro; os militares retrocediam tão depressa que chegariam à ponte de tábuas em minutos. *E depois? Para cima dessa multidão de refugiados tomada pelo medo. Ah, Encapuzado! E agora?*

Lista pareceu ler sua mente.

– Eles vão segurar a ponte – afirmou. – Eles precisam. Vamos!

A fuga os levou para a frente da multidão de refugiados. A terra despertada estremecia abaixo deles e nuvens de vapor subiam, com o fedor de suor barrento. Aqui e ali, ao longo da borda leste da ilha, o chão inchou e se abriu. A arrancada de Duiker, antes impetuosa, vacilou. Figuras humanas emergiram da terra partida, esqueléticas e misteriosas, ocas e envoltas em armaduras de bronze. Na cabeça, elmos amassados, com chifres, e o cabelo comprido manchado de vermelho, pendendo em tufos emaranhados até bem abaixo de seus ombros. O som que vinha deles gelou a alma de Duiker. *Risadas. Risadas alegres. Encapuzado, você está se retorcendo de fúria e ultraje agora?*

– Nil – arquejou Lista. – Gêmeo de Nether. O menino está lá. Sormo disse que este lugar já tinha visto guerra antes. Disse que a ilha na ferradura do rio não é natural. Ah, Rainha dos Sonhos, mais um pesadelo wickano!

Os guerreiros antigos, dando voz à sua alegria capaz de fazer o sangue coagular, se livravam da terra em toda a extremidade oriental da ilha. À

direita e atrás de Duiker, os refugiados gritaram de pavor, e sua fuga impetuosa parou, cambaleante, enquanto as criaturas horrendas se erguiam entre eles.

O clã das Doninhas e os soldados da infantaria haviam se agrupado numa linha sólida daquele lado da ponte e do canal. A linha se torcia e se misturava, enquanto os guerreiros despertos abriam caminho por entre duas fileiras, erguendo espadas de apenas um gume – as armas quase disformes sob as crostas minerais presas a elas –, marchando para cima da massa esmagadora das infantarias de Hissar e de Sialk. A risada tinha se tornado um canto, um grito de guerra gutural.

Duiker e Lista chegaram a uma área limpa, marcada pela terra partida e chamuscada; os refugiados atrás deles recuavam, empurrados para a direção do vau, e a retaguarda adiante pôde finalmente respirar quando os guerreiros mortos-vivos se abateram sobre o inimigo.

O menino Nil, gêmeo de Nether, cavalgava um imenso cavalo ruano, indo para a frente e para trás em meio às fileiras. Trazia na mão um tipo de porrete retorcido adornado de penas que ele sacudia sobre a cabeça. Os guerreiros mortos-vivos que passavam perto dele urravam e sacudiam as armas em cumprimento... ou gratidão. Como eles, o menino ria.

A infantaria veterana de Reloe cedeu antes de a carnificina começar, recuando apenas para colidir com a horda, que agora retinha seu avanço.

– Como pode ser? – perguntou Duiker. – O Labirinto do Encapuzado... Isso é necromancia, não...

– Talvez não sejam mortos-vivos de verdade – sugeriu Lista. – Talvez o espírito da ilha simplesmente use esses...

O historiador fez que não com a cabeça.

– Não completamente. Ouça essa risada... Essa música... Você ouve a língua? Esses guerreiros tiveram suas almas despertadas. As almas devem ter permanecido aqui, presas pelo espírito, sem nunca terem sido liberadas para o Encapuzado. Vamos pagar por isso, cabo. Cada um de nós.

Outras figuras emergiam do chão, vindas de todos os lados: mulheres,

crianças, cachorros. Muitos dos animais ainda usavam correias de couro, arrastando restos de trenós. As mulheres seguraram as crianças contra o peito, agarraram os cabos de osso de facas com largas lâminas de bronze e, então, as enfiaram nas crianças. Uma tragédia antiga e derradeira naquele quadro congelado, quando uma tribo inteira tinha enfrentado um massacre sob as mãos de algum inimigo desconhecido. *Quantos milhares de anos atrás isso aconteceu? Há quanto tempo essas almas encurraladas estão presas a esse momento horrendo e desolador? E agora? Estão fadadas a repetir essa angústia eterna?*

– Que o Encapuzado os abençoe – sussurrou Duiker. – Por favor. Leve-os. Leve-os agora.

As mulheres estavam presas naquele padrão fatal. Ele as viu cravarem os punhais, viu as crianças estremecerem e se contorcerem, ouviu as lamúrias de suas vidas tão curtas. Observou as mulheres caírem, com as cabeças sendo amassadas por armas invisíveis, sob lembranças que só elas podiam enxergar... e sentir. As execuções impiedosas continuaram e continuaram.

Nil tinha cessado sua cavalgada frenética e agora guiava o cavalo ruano num trote, indo na direção da cena medonha. O menino tinha uma coloração doentia sob a pele bronzeada. Algo disse a Duiker que o jovem bruxo enxergava mais que todo o resto... ou melhor, que todos os vivos. A cabeça do menino se mexia, acompanhando os assassinos fantasmas. Ele estremecia a cada golpe fatal.

O historiador cambaleou na direção do garoto, sentindo as pernas tão desajeitadas quanto se fossem muletas de madeira. Duiker o alcançou e tomou as rédeas das mãos imóveis do bruxo.

– Nil – disse ele, baixo –, o que você vê?

O menino piscou, depois baixou o olhar para encontrar o de Duiker.

– O quê?

– Você consegue ver. Quem as está matando?

– Quem? – Ele passou a mão trêmula sobre a testa. – A própria tribo delas. O clã se dividiu, dois rivais para a Cadeira de Chifres. A própria tribo,

historiador. Primos, irmãos, tios...

Duiker sentiu algo se partindo dentro dele ao ouvir as palavras de Nil. Ele tinha expectativas, agarradas a uma necessidade desesperada, de que aqueles assassinos fossem... jaghut, forkrul assail, k'chain che'malle... *Alguém... Outras pessoas.*

– Não – disse o historiador.

Quando o bruxo assentiu, os olhos de Nil, jovens, mas antigos, se mantiveram nos de Duiker.

– A tribo. Isso foi espelhado. Entre os wicks. Uma geração atrás. Espelhado.

– Mas não mais. – *Por favor.*

– Não mais. – Nil conseguiu dar um sorriso torto. – O imperador, como nosso inimigo, nos uniu. Ao rir de nossas pequenas batalhas, nossas contendas inúteis. Ao rir e, mais do que isso, ao escarnecer delas. Ele nos envergonhou com seu desdém, historiador. Quando ele se encontrou com Coltaine, nossa aliança já começava a desmoronar. Kellanved debochou. Disse que só precisava sentar e esperar para ver o fim de nossa rebelião. Com suas palavras, ele marcou nossas almas. Com suas palavras e com sua oferta de unidade, ele nos conferiu sabedoria. Com suas palavras, nós nos ajoelhamos diante dele com verdadeira gratidão, aceitamos o que nos oferecia e demos a ele nossa lealdade. Uma vez você quis saber como o imperador ganhou nossos corações. Agora sabe.

A determinação do inimigo endureceu quando as armas corroídas dos guerreiros antigos se despedaçaram e estalaram contra o ferro mais novo. Corpos esqueléticos e ressecados se provaram igualmente inferiores à luta. Pedacos desses corpos voaram, guerreiros tropeçaram e depois caíram, quebrados demais para se levantar outra vez.

– Eles devem reviver sua derrota uma segunda vez? – perguntou Duiker.
Nil deu de ombros.

– Eles nos deram um tempo para respirar, para nos equilibrar. Lembre-se, historiador, que, se esses guerreiros tivessem vencido da primeira vez,

teriam feito com suas vítimas o que foi feito com suas famílias. – A criança bruxa balançou a cabeça. – Há pouca bondade nas pessoas. Pouca bondade.

O sentimento abalava, vindo de alguém tão novo. *A voz de algum homem velho vem do garoto, lembre-se disso.*

– Mas pode ser encontrada – devolveu Duiker. – E a bondade é ainda mais preciosa por sua raridade.

Nil pegou as rédeas de volta.

– Você não encontrará nenhuma aqui, historiador – disse, com a voz tão dura quanto suas palavras. – Somos conhecidos por nossa loucura. Foi o que o espírito antigo desta ilha nos mostrou. As lembranças que sobrevivem são todas de horror e nossos feitos são tão sombrios que queimam a própria terra. – E acrescentou, virando a montaria para a batalha que havia sido retomada na ponte de tábuas: – Mantenha os olhos abertos. Ainda não acabou.

Duiker não disse mais nada, apenas observando enquanto a criança bruxa cavalgava na direção das fileiras.

De maneira impossível para o entendimento do historiador, o caminho à frente dos refugiados de repente se abriu e eles começaram a atravessar. Olhou para o céu. O sol alcançava o meio-dia. De algum modo, parecia muito mais tarde. Lançou um olhar fulminante para trás, na direção do rio envolto pela poeira: a travessia seria algo terrível, com a água profunda e perigosa dos dois lados, o grito das crianças, os idosos, os fracos demais para conseguir, todos deslizando na correnteza, sumindo sob a superfície. A poeira e o terror e o turbilhão de água absorviam cada eco.

Os cavaleiros do clã dos Corvos contornavam as bordas da multidão fragmentada e aterrorizada como se fossem os pastores de um vasto rebanho de animais estúpidos. Com longas varas sem ponta, evitavam que a multidão se dispersasse para longe, batendo de forma a partir canelas e joelhos, golpeando rostos. Os refugiados se encolhiam e se agrupavam onde quer que cavalgassem os wickanos.

– Historiador – disse Lista, a seu lado –, deveríamos encontrar cavalos.

Duiker fez que não com a cabeça.

– Ainda não. A defesa da retaguarda está no meio da batalha agora. Não vou partir. Tenho que testemunhar...

– Entendido, senhor. Mas, quando eles recuarem, serão recolhidos pelos wickanos, um soldado para cada cavaleiro. Coltaine e o resto de seu clã se unirão a eles logo. Vão segurar este lado do vau para permitir que a retaguarda atravesse. Se não quisermos nossas cabeças em lanças, senhor, é melhor encontrarmos alguns cavalos.

Depois de um momento, Duiker concordou.

– Faça isso, então.

– Sim, senhor.

O jovem soldado partiu.

A linha de defesa ao longo do velho canal se contorcia como uma serpente. A infantaria regular do inimigo, tendo destruído o resto dos guerreiros esqueléticos, agora pressionava com força. Apoiados pelos nervos firmes e pela brutalidade eficiente dos soldados navais entre eles, os auxiliares continuaram a obrigar os soldados da linha inimiga a retrocederem. Os guerreiros montados do clã das Doninhas haviam se dividido em grupos menores, misturando-se a arqueiros e lanceiros. Eles pretendiam garantir seu apoio em qualquer lugar onde a fileira parecesse prestes a ceder.

O bruxo Nil os chefiava; seus gritos de comando cortavam o confronto e o rugido da batalha. Ele parecia capaz de sentir o fraquejar de elementos do exército antes que a hesitação se tornasse física de fato. Sua capacidade de calcular o momento oportuno era ampliada pela magia, sendo tudo o que evitava que a fileira se rompesse.

Ao norte, Kamist Reloe finalmente tinha começado a avançar com sua tropa de elite. Os arqueiros iam na dianteira, enquanto a infantaria pesada marchava em fileiras atrás da proteção tithana. Entretanto, não pareciam dispostos a desafiar as árvores retorcidas e o pântano. Em vez disso, deram a volta para leste, a fim de contornar sua fronteira mortal.

O exército de camponeses agora pressionava as infantarias de Sialk e de Hissar, com o peso de dezenas de milhares criando uma verdadeira onda, irrefreável.

Duiker olhou ansioso para o sul. Onde estava Coltaine? Poeira e fumaça subiam das colinas. A vila de Lenbarl queimava e a batalha prosseguia com fúria. Se Coltaine e seu clã dos Corvos não conseguissem sair do combate logo, ficariam presos daquele lado do rio. O historiador percebeu que não era o único a se preocupar com isso: Nil também virava a cabeça naquela direção de vez em quando. Duiker finalmente se deu conta de que o jovem bruxo se comunicava com seus companheiros bruxos que estavam na companhia de Coltaine. *Controle... e a ilusão de controle.*

Lista se aproximou a cavalo, trazendo também a égua de Duiker. O cabo não desmontou ao lhe passar as rédeas. O historiador subiu na sela gasta e já familiar, sussurrando uma palavra de gratidão aos anciãos wickanos que haviam cuidado de sua montaria de modo tão atencioso. O animal estava são e cheio de vida. *Ah, se eles pudessem fazer o mesmo comigo...*

A retaguarda começou a recuar outra vez, abandonando o velho canal, enquanto o inimigo empurrava, de maneira implacável. Faltavam cerca de cinco minutos para a infantaria pesada de Kamist atingir o flanco ao norte.

– Isso não me parece nada bom – disse Duiker.

O cabo Lista ajustou a amarra do elmo e permaneceu em silêncio, mas o historiador viu o tremor nas mãos do rapaz.

Os cavaleiros do clã das Doninhas disparavam da fileira, sobrecarregados com os soldados feridos. Passaram por Duiker, e eram como espectros sujos de sangue e de poeira, parecendo demoníacos com seus rostos e seus corpos tatuados. O olhar do historiador os seguiu, acompanhando-os em seu caminho até o fervilhar dos refugiados. A massa de civis daquele lado do rio tinha diminuído consideravelmente desde a última vez que Duiker havia olhado. *Rápido demais. Eles devem ter entrado em pânico no vau. Milhares se afogaram nas profundezas. Um desastre.*

– Precisamos recuar agora, senhor – disse Lista.

A retaguarda desmoronava, enquanto o fluxo de feridos aumentava e os cavalos, passando com estrondo, carregavam dois e às vezes até três guerreiros. A linha diminuiu, e as extremidades dos flancos se contraíram, em direção ao centro. Em minutos, seriam cercados. *Depois, exterminados.* Viu o capitão Bonança urrando ordens para que formassem um quadrado. Infelizmente, eram poucos os soldados que se mantinham em pé.

Em um daqueles misteriosos caprichos da batalha, as infantarias de Sialk e de Hissar pararam ali, mesmo à beira da vitória completa. Em um dos lados, a infantaria pesada chegou: dois blocos retangulares de cinquenta soldados de largura por vinte de comprimento, com grupos de arqueiros no meio e também em cada uma das laterais. Por um momento, imobilidade e silêncio foram como uma barreira no espaço que separava as duas tropas.

O clã das Doninhas continuou resgatando os soldados da linha. O quadrado de Bonança se desintegrava a partir daquele lado e a formação se tornou um anel oco de três lados.

– Os últimos refugiados estão na água – disse Bonança, com a respiração mais acelerada que antes e as mãos tendo espasmos ao agarrarem as rédeas.
– Temos de cavalgar...

– Onde, em nome do Encapuzado, está Coltaine? – exigiu saber Duiker.

A dez passos dali, Nil puxou as rédeas de seu cavalo e parou em meio a uma nuvem ondulante de poeira.

– Não podemos esperar mais! São as ordens do Punho! Vá, historiador!

No mesmo instante em que as fileiras inimigas avançaram, com um rugido de fazer tremer o ar, os cavaleiros levaram o resto das tropas de Bonança. Foram abertos caminhos em meio à infantaria atacante, libertando, enfim, a fúria frenética da horda de camponeses.

– Senhor! – O grito de Lista soou como um pedido desvairado.

Praguejando, Duiker virou a montaria e bateu com os calcanhares nos flancos da égua. Dispararam atrás dos cavaleiros wickanos.

Uma vez solta, a horda verteu, em franca perseguição, ávida por tomar aquele lado do vau. As tropas de Sialk e Hissar e a infantaria pesada de

Kamist Reloe deixaram que avançassem sem cobertura, mantendo a disciplina.

Cavaleiros wickanos mergulhavam nas nuvens de poeira adiante, a pleno galope. Àquela velocidade, iriam se chocar contra os refugiados retardatários, ainda no meio da travessia. Depois, quando o exército de camponeses finalmente os alcançasse, o rio se tornaria vermelho. Duiker parou, gritando para Lista. O cabo olhou para trás, com uma expressão de choque, e puxou as rédeas com força, fazendo o cavalo derrapar e deslizar na encosta lamacenta.

– Historiador!

– Vamos para o sul, pela margem! – gritou Duiker. – Faremos os cavalos atravessarem a nado. Ali na frente só há caos e morte!

Lista fez que não com a cabeça, feroz.

Sem esperar resposta, o historiador virou a montaria para a esquerda. Se cavalgassem depressa, chegariam à ilha antes que a horda alcançasse a margem do vau. Bateu mais uma vez com os calcanhares nos flancos da égua. O animal disparou.

– Historiador!

– Cavalgue ou morra, cacete!

A cem passos da margem havia uma boca afundada da velha ferradura. Era uma área larga e verdejante, onde havia tábuas que, por milagre, permaneciam incólumes aos acontecimentos daquele dia. As colinas se erguiam do outro lado, escondendo a vila de L'enbarl. *Se Coltaine conseguir se livrar, ele fará a coisa mais esperta: irá direto para dentro do rio. Mesmo se forem carregados pela correnteza até o vau, eles ganharão uma dianteira. Cacete, alguns afogados é bem melhor que três mil massacrados tentando tomar este lado do rio.*

Como se desafiassem cada um dos cálculos do historiador, cavaleiros wickanos apareceram, varrendo a encosta do outro lado. Coltaine vinha à frente, com sua capa de penas negras parecendo uma asa estendida atrás dele. Traziam as lanças abaixadas, dando cobertura a arqueiros que

preparavam suas flechas. A arrancada vinha direto para cima de Duiker.

O historiador, um pouco descrente, deu meia-volta na égua, que cambaleou.

– Ah, Encapuzado, bem que eu posso me juntar a essa arrancada, ainda que condenada!

Viu Lista fazendo o mesmo, com seu rosto pálido como a morte sob o elmo empoeirado.

Atingiriam o exército de camponeses pelo lado, como uma lâmina afundando na lateral de uma baleia. *E tão eficaz quanto. Suicídio! Mesmo se alcançarmos o vau, vamos patinar. Os cavalos vão cair, os homens vão afundar e os camponeses vão descer para completar a carnificina.* Continuaram avançando. Momentos antes do choque, ele viu os cavaleiros do clã das Doninhas reaparecerem da nuvem de poeira. *Contra-ataque. Mais loucura!*

Cavaleiros dos Corvos passaram direto pelos dois lados do historiador, alcançando ali o clímax do impulso de sua arrancada. Duiker virou a cabeça ao ouvir o grito feroz e jubiloso de Coltaine.

Flechas passaram zunindo. O exército de camponeses se encolheu, recuando. Quando os wickanos chegaram, foram direto contra uma massa compacta de pessoas. Mesmo assim, no último momento, os cavaleiros do clã dos Corvos viraram na direção do rio e cavalgaram ao longo do flanco dos camponeses. *Não como um golpe de faca. É um corte de sabre.*

Camponeses morreram. Outros caíram em meio à sua retirada frenética e foram pisoteados pelos cavalos desvairados. O flanco inteiro resplandeceu, vermelho, quando as selvagens lâminas wickanas passaram por toda sua extensão.

Os camponeses que ainda estavam no patamar do vau se amassavam sob o contra-ataque do clã das Doninhas. Os cavaleiros líderes do clã dos Corvos atingiram a extremidade norte.

A linha de camponeses pareceu se dissolver diante dos olhos de Duiker, que agora cavalgava com o clã dos Corvos; dos dois lados, os costados dos cavalos martelavam suas pernas. Chovia sangue das armas levantadas,

salpicando seu rosto e suas mãos. À frente, os cavaleiros do clã das Doninhas se dividiram, dando cobertura à arrancada selvagem de sua tribo, direto para dentro das nuvens de poeira.

Agora o caos começa de verdade. Apesar de toda a glória da disparada de Coltaine, o rio se achava à frente. Soldados feridos, refugiados e só o Encapuzado sabia o que mais.

O historiador respirou fundo pelo que julgava ser a última vez antes de mergulhar na poeira iluminada pelo sol.

Sua égua fez água esguichar, sem, no entanto, diminuir a velocidade. O caminho diante dele se estendia, limpo, até os movimentos rodopiantes e estranhamente agitados da água lamacenta. Mal se viam outros cavaleiros mais à frente, com seus cavalos a pleno galope. Conforme avançavam, Duiker conseguia sentir o impacto sólido e implacável dos cascos da égua. Não havia 1,5 metro de rio sob eles, mas metade disso. E os cascos batiam em pedra, não em lama. Ele não conseguia entender.

O cabo Lista apareceu ao lado do historiador, assim como um pelotão disperso de cavaleiros dos Corvos. Um dos wickanos sorriu.

– A estrada de Coltaine. Seus guerreiros atravessam o rio voando como fantasmas!

Vários comentários na noite anterior voltaram a Duiker. *Tumlit... As observações daquele nobre. Carroças reforçadas, aparentemente sobrecarregadas de feridos. Cortadores de pedras e engenheiros. As carroças atravessando primeiro e levando a maior parte da noite para fazer isso. Os feridos estavam deitados sobre blocos de pedra. Os malditos engenheiros haviam construído uma estrada!*

Ainda parecia impossível, mas a evidência estava logo abaixo de Duiker. Haviam erguido mastros dos dois lados, amarrados com cordas feitas de cabelos de tithanos para marcar as extremidades. Tinha um pouco mais de 3 metros de largura, e o que se perdia na largura tinha sido compensado pela relativa rapidez da travessia de mais de quatrocentos passos até o outro lado. A profundidade do vau não era maior que 1 metro agora e claramente se

mostrara aceitável tanto pelo gado quanto pelos refugiados.

A poeira afinou mais à frente e o historiador percebeu que se aproximavam da margem oeste do rio. Ouviu o trovejar de feitiçaria. *Esta batalha está bem longe de acabar. Ultrapassamos um exército por enquanto, mas foi só para dar de cara com outro. Tudo isso para sermos esmagados entre duas rochas, no fim das contas?*

Alcançaram a parte rasa do rio e, em seguida, subiram vinte passos pela encosta, emergindo, enfim, da mortalha de poeira.

Duiker gritou, alarmado, e ele e seus companheiros puxaram as rédeas com força, freneticamente. Bem à frente deles se encontrava um pelotão de soldados – engenheiros – correndo a toda velocidade até o patamar do vau. Os sapadores se dispersaram, soltando xingamentos sujos, saltando para fora do caminho dos cavalos, que tropeçavam e deslizavam. Um dos homens, sólido, gigantesco, com um rosto achatado, bem barbeado e queimado pelo sol, tirou o elmo, revelando uma careca. Ele jogou o acessório de ferro no cavaleiro wickano mais próximo, errando a cabeça do guerreiro por poucos centímetros.

– Saíam da frente, seu monte de moelas podres! Temos trabalho a fazer!

– É! – grunhiu outro, mancando em círculos depois que um casco pisara com força em seu pé. – Vão lutar, ou algo assim! Temos um tampão para puxar!

Ignorando as exigências dos homens, Duiker deu meia-volta na égua para encarar o vau. Qualquer que fosse a feitiçaria que vinha mantendo a poeira sobre a água, agora ela havia deixado de fazer efeito. As nuvens já flutuavam cinquenta passos para baixo, seguindo o leito do rio. E a estrada de Coltaine era uma massa de camponeses armados, gritando.

O segundo sapador a falar se dirigiu aos tropeços para um fosso oco, que dava para o patamar lamacento.

– Segure aí, Lula! – ordenou o homenzarrão, com os olhos sobre a onda feita de milhares de pessoas, sendo que as unidades da frente já estavam no meio da travessia. O homem ancorou as mãos imensas nos quadris, de cara

feia e parecendo não ligar para os olhares de quase admiração que seu pelotão dedicava a ele, assim como faziam Duiker, Lista e meia dúzia de cavaleiros wickanos. – Temos que maximizar – ressoou o homem. – Os bastardos wickanos não são os únicos que sabem calcular o momento oportuno.

A vanguarda da horda parecia uma mandíbula de cobra com presas de ferro, por causa do brilho das armas. Haviam cruzado três quartos da ponte. O historiador já conseguia discernir rostos, com as expressões de medo e a intenção assassina que mascaram as faces da batalha. Ao olhar para trás, percebeu que as colunas ascendentes de fumaça e o lampejo de feitiçaria se concentravam no flanco direito das defesas do Sétimo. De lá, veio um fraco grito de guerra semkês, que mais parecia um guincho, um som semelhante a garras arranhando pele esticada. Uma refrega feroz estava prestes a acontecer nas primeiras fortificações do terraplano.

– Certo, Lula – falou, arrastado, o homenzarrão. – Puxe o cabelo.

Duiker se virou e viu o sapador dentro do fosso, com as duas mãos erguidas, segurando um cordão comprido e preto que ia até dentro da água. O rosto sujo de lama de Lula se contorceu numa careta feroz enquanto ele comprimia os olhos. Então ele puxou. O cordão se soltou.

Nada aconteceu.

O historiador arriscou olhar na direção do homenzarrão, que tinha enfiado um dedo em cada orelha, embora seus olhos continuassem abertos e fixos no rio. Uma súbita compreensão se abateu sobre Duiker no mesmo instante em que Lista gritou:

– *Senhor!*

O chão pareceu afundar 2 centímetros abaixo deles. A água do vau subiu, se arqueando, em revoluções. A correnteza pareceu girar com a rapidez de um relâmpago em toda a extensão da passagem submersa. Os camponeses simplesmente desapareceram no rio. Em seguida, reapareceram. Enquanto o abalo atingia a todos na margem com um vento semelhante ao punho de um deus, lá estavam os camponeses, em arbustos vermelhos, rosa e amarelos,

entre fragmentos de carne e ossos, membros, cabelos, tufo de tecido, tudo sendo erguido cada vez mais alto pela água, que explodia numa bruma lamacenta e medonha.

A égua de Duiker recuou, balançando a cabeça. O som tinha sido ensurdecedor. O mundo estremeceu por todos os lados. Um cavaleiro wickano tinha caído de sua sela e agora se contorcia no chão, com as mãos nas orelhas.

O rio começou a retroceder, horrivelmente agitado com corpos e pedaços de corpos; a correnteza se remexia com repentinas rajadas de vento. A cabeça da cobra gigante tinha sumido. Exterminada. Assim como outro terço de seu comprimento: todos os que estavam na água tinham morrido.

Apesar de estar bem próximo, as palavras do homenzarrão soaram fracas e distantes aos ouvidos de Duiker:

– Cinquenta e cinco condenadoras, que o Sétimo estava guardando há anos. Aquele vau agora é uma trincheira. Rá! – Em seguida, sua expressão satisfeita desapareceu. – Pelos dedos do pé do Encapuzado, vamos voltar a cavar com pás.

Uma mão puxou a manga do historiador. Lista se inclinou para mais perto e sussurrou:

– Para onde agora, senhor?

O historiador olhou para a correnteza abaixo, na direção dos redemoinhos, agora manchados de vermelho e cheios de restos humanos. Por um momento, não compreendeu a pergunta do cabo. *Para onde? Nenhum lugar é bom; em nenhum lugar em que seja possível dar uma pausa na carnificina conseguiremos qualquer coisa além de desespero.*

– Senhor?

– Para a refrega, cabo. Vamos ver tudo.

Coltaine e seus cavaleiros dos Corvos tinham corrido para atingir o flanco oeste dos lanceiros tithanos daquele lado do rio, transformando-se numa verdadeira maré de batalha. Enquanto cavalgavam na direção do confronto, na fortificação do terraplano, Duiker e Lista viram os tithanos já

parcialmente desagregados, expondo os soldados semkeses à cavalaria de arqueiros wickanos. Flechas passavam por entre os combatentes semkeses, com seus cabelos selvagens.

As tropas do Sétimo estavam no meio de tudo, segurando as investidas frenéticas dos semkeses, enquanto, cem passos ao norte, a infantaria pesada de Guran ainda aguardava para acabar com os odiados malazanos. Seu comandante evidentemente tinha suas dúvidas quanto a isso. Pelo menos durante aquela batalha, Kamist Reloe e seu exército estavam presos do outro lado do rio. Já as forças de Coltaine estavam relativamente intactas, exceto pelos soldados navais da retaguarda e os do clã das Doninhas.

A oeste, numa extensa planície rochosa a cerca de quinhentos passos, o clã das Doninhas perseguia o restante da cavalaria de Guran.

Duiker viu um ponto colorido no meio do Sétimo, dourado e vermelho: Baria Setral e seus Lâminas Vermelhas, no coração da luta. Os semkeses pareciam ávidos para atacar os cachorrinhos malazanos e pagavam por seu desejo com sangue. Ainda assim, a tropa de Setral parecia não contar com mais que a metade de sua força, ou seja, menos de vinte homens.

– Quero chegar mais perto – anunciou Duiker.

– Sim, senhor – disse Lista e apontou. – Aquela elevação ali... Mas vai nos colocar ao alcance dos arcos, senhor.

– Vou assumir esse risco.

Cavalgaram na direção do Sétimo. Numa colina baixa atrás da linha estava o estandarte da companhia, solitário e sujo de pó. Três veteranos grisalhos o guardavam e os corpos semkeses espalhados pelo solo da encosta indicavam que a colina tinha sido ardentemente disputada mais cedo. Os veteranos haviam participado da luta e todos exibiam ferimentos leves.

Enquanto o historiador e o cabo cavalgavam rumo à nova posição, Duiker viu que os três homens estavam agachados ao redor de um companheiro caído. As lágrimas haviam deixado trilhas tortas em suas bochechas sujas. Ao chegar lá, o historiador desmontou devagar.

– Vocês têm uma história aqui, soldados – disse, baixando a voz para um

tom grave, a fim de se fazer ouvir através do tinido e dos gritos da luta travada trinta passos ao norte de onde estavam.

Um dos veteranos ergueu os olhos, semicerrando-os em seguida.

– O velho historiador do imperador, pelo sorriso do Encapuzado! Vi você em Falar, ou talvez nas planícies wickanas...

– Nos dois. Houve uma disputa por esse estandarte, pelo que vejo. Vocês perderam um amigo ao defendê-lo.

O homem piscou, depois olhou ao redor até se concentrar no estandarte do Sétimo, cujo mastro se inclinava para o lado, com a bandeira esfarrapada e clareada pelo sol até que suas cores adquirissem um ar fantasmagórico.

– Pelo sopro do Encapuzado – grunhiu o homem. – Acha que iríamos lutar para salvar um pedaço de tecido num mastro? – Ele gesticulou na direção do corpo ao redor do qual seus amigos estavam ajoelhados. – Nordo foi atingido por duas flechas. Repelimos um pelotão de semkeses para ele poder morrer no seu próprio tempo. Aqueles bastardos tribais sequestram inimigos feridos e os mantêm vivos para torturá-los. Nordo não ia sofrer isso, não.

Duiker ficou em silêncio por um longo tempo.

– É assim que você quer que a história seja contada, soldado?

O homem estreitou os olhos ainda mais, depois assentiu.

– Bem assim, historiador. Não somos mais um exército malazano. Somos de Coltaine.

– Mas ele é um Punho.

– Ele é um lagarto de sangue frio. – O homem deu um sorriso largo. – Mas é todo nosso.

Sorrindo, Duiker se remexeu na sela e observou a batalha. Tinha sido cruzado algum limiar do espírito daqueles guerreiros. Os semkeses estavam arrasados. Morrendo às dúzias, com três legiões de supostos aliados imóveis na colina atrás deles. Havia se esgotado o resto do fervor que tinham pela causa sagrada... Naquele confronto, pelo menos. Duiker sabia que à noite haveria xingamentos e acusações inflamadas nos campos inimigos. *Ótimo,*

que eles se destruam por vontade própria.

Mais uma vez, aquele não seria o dia do Furacão.

Coltaine não deixou seu exército vitorioso descansar quando a luz da tarde afundou na terra. Novas fortificações foram erguidas; outras, reforçadas. Trincheiras foram cavadas, e piquetes, estabelecidos. Os refugiados foram guiados até uma planície rochosa a oeste do vau, sendo suas tendas dispostas em blocos, com vias largas entre eles. As carroças carregadas de soldados feridos passavam por aquelas vias, e cortadores e curandeiros se puseram a trabalhar.

O gado foi dirigido para o sul, rumo às encostas relvadas das colinas Barl. Era uma cordilheira corcovada, desgastada pelo tempo, feita de rocha clareada pelo sol e coberta por pinheirinhos retorcidos. Os vaqueiros, assistidos por cavaleiros do clã dos Cachorros Tolos, guardavam os rebanhos.

O sol descia no horizonte quando Coltaine convocou uma reunião na tenda de comando. Duiker, com o sempre presente cabo Lista por perto, sentou numa cadeira de acampamento, exausto, ouvindo os comandantes fazerem seus relatórios orais com um desânimo entorpecedor. Bonança tinha perdido metade de seus soldados navais e os auxiliares que o haviam apoiado se saíram ainda pior. O clã das Doninhas acabou massacrado durante a retirada e a escassez de cavalos se tornou sua principal preocupação. Do Sétimo, os capitães Chenned e Sulmar contaram uma ladainha aparentemente interminável sobre seus mortos e feridos. Parecia que especialmente seus oficiais e os sargentos de pelotão haviam sofrido as maiores perdas. A pressão contra a linha defensiva tinha sido imensa, principalmente no começo do dia, antes que chegasse o apoio dos Lâminas Vermelhas e do clã dos Cachorros Tolos. A história da queda de Baria Setral e sua companhia foi de tirar o fôlego. Eles haviam lutado com ferocidade demoníaca, segurando as fileiras da vanguarda, oferecendo a vida em troca

de um tempo que se provou crucial para que a infantaria fosse capaz de se reagrupar. Os Lâminas Vermelhas haviam mostrado bravura suficiente para receberem comentários apreciativos do próprio Coltaine.

Sormo tinha perdido duas de suas crianças bruxas na luta contra os sacerdotes-magos semkeses, embora tanto Nil quanto Nether tivessem sobrevivido.

– Tivemos sorte – disse ele, depois de relatar as mortes num tom frio e imparcial. – O deus de Semk é um Ascendente perverso. Ele usa os magos para canalizar sua fúria, sem se preocupar com a carne mortal. Aqueles incapazes de suportar o poder de seu deus simplesmente se desintegraram.

– Isso reduzirá o número deles – disse Bonança com um grunhido.

– O deus simplesmente escolherá outros – retrucou Sormo. Cada vez mais ele se parecia com um adulto, até nos gestos. Duiker observou o jovem fechar os olhos e pressionar os nós dos dedos contra eles. – Medidas mais extremas devem ser tomadas.

Os outros ficaram em silêncio, até Chenned dar voz à incerteza de todos:

– O que você quer dizer, bruxo?

– Palavras carregadas pelo ar podem ser ouvidas... por um deus vingativo e paranoico – disse Bult. – Se não há alternativas, Sormo, vá em frente.

O bruxo assentiu devagar.

Pouco depois, Bult suspirou alto, fazendo uma pausa para beber o conteúdo de uma moringa antes de continuar:

– Kamist Reloe está indo para o norte. Ele vai atravessar na boca do rio. A vila de Sekala tem uma ponte de pedra. Mas isso significa perder dez, talvez onze dias.

– A infantaria de Guran vai ficar conosco – disse Sulmar. – Assim como os semkeses. Eles não precisam nos acompanhar a cada passo para nos ferir. A exaustão vai nos dominar muito antes.

A boca larga de Bult se comprimiu numa linha fina.

– Coltaine proclamou que amanhã é dia de descanso. Mataremos gado,

os cavalos dos inimigos serão mortos e cozidos. Armas e armaduras serão reparadas.

Duiker ergueu a cabeça.

– Ainda vamos marchar até Ubaryd?

Ninguém respondeu. O historiador observou os comandantes. Não viu nada esperançoso no rosto deles.

– A cidade caiu – concluiu Duiker finalmente.

– Foi o que disse o líder guerreiro tithano – falou Bonança. – Ele não tinha nada a perder ao nos contar, já que estava morrendo, de qualquer forma. Nether confirmou que ele contou a verdade. A frota malazana fugiu de Ubaryd. Neste mesmo instante, dezenas de milhares de refugiados estão sendo levados para o nordeste.

– Mais nobres birrentos para se empoleirarem no colo de Coltaine – atalhou Chened, com um sorriso torto.

– Isso é impossível – disse Duiker. – Se não podemos ir para Ubaryd, que outra cidade está aberta para nós?

– Só há uma – respondeu Bult. – Aren.

Duiker se retesou.

– Loucura! Quase mil quilômetros!

– Pode colocar mais um terço nisso, para ser preciso – disse Bonança, mostrando os dentes.

– Pormqual está contra-atacando? Está marchando para o norte a fim de nos encontrar no meio do caminho? Ele ao menos sabe que existimos?

O olhar de Bult se reteve sobre o historiador.

– Se ele sabe? Acho que sim, historiador. Agora, se ele vai marchar de Aren e contra-atacar... – O veterano deu de ombros.

– Vi uma companhia de engenheiros no meu caminho para cá – disse Bonança. – Eles estavam todos chorando.

– Por quê? – perguntou Chened. – Seu comandante invisível está deitado no fundo do Sekala com a boca cheia de lama?

Bonança balançou a cabeça.

– Estão sem setas-condenadoras agora. Só um ou dois engradados de afiadoras e incendiárias. Mas era como se as mães de todos eles tivessem acabado de empacotar.

Coltaine finalmente falou:

– Eles foram bem.

Bult aquiesceu.

– É. Queria ter estado lá para ver a passagem explodir.

– Nós estávamos – disse Duiker. – A vitória tem um sabor mais doce na ausência de lembranças assombradas, Bult. Aprecie.

Em sua tenda, Duiker foi acordado por uma mão pequena e macia em seu ombro. Ele abriu os olhos e viu apenas escuridão.

– Historiador – disse uma voz.

– Nether? Que horas são? Por quanto tempo dormi?

– Talvez duas – respondeu ela. – Coltaine deu ordens para você me acompanhar. Agora.

Duiker se sentou. Só tinha tido forças para colocar o saco de dormir no chão. Os cobertores estavam encharcados de suor e condensação. Estremeceu, com um calafrio.

– O que aconteceu?

– Nada, ainda. Você tem de testemunhar. Rápido, historiador. Temos pouco tempo.

Ele saiu para o acampamento, que gemia baixo na hora mais escura anterior à chegada do falso amanhecer. Milhares de vozes produziam um som gélido e horrível. Feridas perturbavam o sono dos exaustos, ouviam-se o choro baixo de soldados que estavam além das artes dos curandeiros e dos amputadores e o mugido do gado, enquanto os cascos em movimento sublinhavam o coro, numa batida ressoante e incansável. Em algum lugar na planície ao norte, escutava-se a lamúria fraca de esposas e mães chorando os mortos.

Enquanto seguia a forma ágil de Nether, que vestia uma capa de lã, por entre as ruelas tortas do acampamento wickano, o historiador se rendeu a pensamentos cheios de pesar. Os mortos haviam atravessado os Portões do Encapuzado. Os vivos haviam sido abandonados à dor de sua travessia. Como historiador imperial, Duiker já tinha visto muitos povos, e dentre todos eles não conseguia se lembrar de um só que não possuísse seus rituais de luto. *Apesar de todos os nossos deuses pessoais, apenas o Encapuzado abraça a todos, sob mil disfarces. Quando o sopro de seus portões passa perto, sempre levantamos a voz para afastar o silêncio eterno. Hoje, ouvimos os semkeses. E os tithanos. Rituais limpos. Quem precisa de templos e sacerdotes para acorrentar e guiar a manifestação da perda e do desânimo, quando tudo é sagrado?*

– Nether, por que os wickanos não estão de luto esta noite?

Ela se virou um pouco, mas continuou andando.

– Coltaine proíbe.

– Por quê?

– Para essa resposta, você deve perguntar a ele. Não choramos nossas perdas desde que esta jornada começou.

Duiker ficou em silêncio por um tempo. Depois disse:

– E como você e os outros dos três clãs se sentem a respeito disso, Nether?

– Coltaine ordena, nós obedecemos.

Alcançaram a orla do acampamento wickano. Para além da última tenda se estendia um trecho plano, destinado à função de abatedouro. Tinha talvez vinte passos de largura, seguido, então, pelas cercas de vime dos piquetes recentemente construídos. Lanças compridas de bambu atravessavam as cercas, com as pontas viradas para fora, na altura do peito de um cavalo. A extensão das cercas era patrulhada por guerreiros montados do clã das Doninhas, que mantinham os olhos na planície cravejada de rochas do outro lado.

No abatedouro, o historiador viu duas figuras, uma alta e outra mais

baixa, ambas magras como espectros. Nether levou Duiker até eles.

Sormo. Nil.

– Vocês são tudo o que restou? – perguntou o historiador ao bruxo mais alto. – Você disse a Coltaine que perdeu apenas dois ontem.

Sormo E'nath aquiesceu.

– Os outros estão descansando sua carne jovem. Uns dez cavaleiros estão cuidando das montarias e um punhado de curandeiros se ocupa dos soldados feridos. Nós três somos os mais fortes, por isso estamos aqui. – O bruxo deu um passo à frente. O ar ao seu redor estava febril e sua voz trazia um tom que pedia algo maior do que o historiador podia dar. – Duiker, cujos olhos encontraram os meus em meio aos fantasmas do Furacão no acampamento de comerciantes, ouça minhas palavras. Você vai escutar o medo, cada melodia solene. Você não é estranho a esse coro sombrio. Saiba, então, que esta noite tive dúvidas.

– Bruxo – disse Duiker, baixo, quando Nether deu um passo à frente para ficar à direita de Sormo, virando-se de modo que agora os três encaravam o historiador –, o que está acontecendo aqui?

Em resposta, Sormo E'nath ergueu as mãos.

O cenário se moveu ao redor do grupo. Duiker viu geleiras e encostas de seixos se levantarem atrás dos três bruxos; no alto, o céu sombrio pareceu latejar sua escuridão. O chão estava úmido e frio sob os sapatos de Duiker, que baixou o olhar para ver lençóis brilhantes de gelo frágil cobrindo poças de água lamacenta. Os padrões rachados do gelo refletiam uma miríade de cores, oriundas de uma luz sem fonte.

Um sopro de vento gelado o fez se virar. Sua garganta soltou um som gutural de surpresa; ele deu um passo para trás, tomado pelo pavor. Gelo apodrecido e sujo de sangue formava um penhasco destruído às suas costas. Os blocos recortados e tombados de sua base estavam a menos de dez passos de distância. O penhasco se erguia em declive até sua face manchada sumir nas brumas.

O gelo estava cheio de corpos: figuras de forma humana, retorcidas e

dilaceradas. Órgãos e entranhas se espalhavam na base, como se vindos de um matadouro gigantesco. Pedacos de gelo encharcado de sangue derretiam lentamente, criando um lago do qual se projetavam pedacos de corpos, emergindo em ilhas corcovadas e escorregadias.

A carne exposta tinha começado a apodrecer em montes gelatinosos disformes, através dos quais se viam ossos indistintos.

Sormo falou atrás de Duiker:

– Ele está lá dentro, mas perto.

– Quem?

– O deus de Semk. Um Ascendente de muito tempo atrás. Incapaz de contestar a feitiçaria, ele foi devorado com os outros. Mas não morreu. Você consegue sentir sua fúria, historiador?

– Acho que passei da fase de conseguir sentir. Que feitiçaria fez isso?

– Jaghut. Para podar as ondas de humanos invasores, eles ergueram o gelo. Às vezes rápido, às vezes devagar, conforme sua estratégia ditava. Em alguns lugares, o gelo engoliu continentes inteiros, obliterando tudo o que um dia existiu neles. Civilizações de forkrul assail, os vastos mecanismos e edifícios dos k'chain che'malle e, é claro, os casebres esquálidos daqueles que um dia herdariam o mundo. O melhor do Omtose Phellack, rituais que nunca morrem, historiador. Eles se erguem, retrocedem e se erguem de novo. Agora mesmo um está nascendo numa terra distante, e esses rios de gelo preenchem meus sonhos, pois são destinados a criar uma imensa revolta e morte em números inimagináveis.

As palavras de Sormo traziam um timbre de antiguidade, das impiedosas eras frias que se sobrepuseram umas às outras, até parecer a Duiker que cada rocha, cada penhasco, cada montanha se movia num deslocamento eterno, como leviatãs inconsequentes. O sangue em suas veias foi agitado por calafrios até seu corpo começar a tremer de forma incontrollável.

– Pense em tudo que esse gelo contém – continuou Sormo. – Saqueadores de túmulos encontram riquezas, mas os sábios caçadores de poder buscam... gelo.

– Começaram a se reunir – disse Nether.

Duiker finalmente deu as costas ao gelo devastado e desfigurado pela carne. Redemoinhos sem forma e pulsos de energia cercaram os três bruxos. Alguns aumentavam de modo claro e energético, enquanto outros floresciam fracamente, num ritmo espasmódico.

– Os espíritos da terra – disse Sormo.

Nil se remexeu dentro das vestes, como se não pudesse mais segurar um desejo de dançar. Seu rosto infantil exibia um sorriso sombrio.

– A carne de um Ascendente retém muito poder. Todos anseiam por um pedaço. Com este presente que trazemos, mais trabalho é devido.

– Historiador – Sormo se aproximou, estendendo a mão fina até tocar o ombro de Duiker –, essa fatia de misericórdia é fina demais? Toda essa raiva... encerrada. Despedaçada, cada fragmento sendo consumido. Não a morte, mas uma dissipação gentil...

– E quanto aos sacerdotes-magos semkeses?

O bruxo estremeceu.

– Conhecimento, e com ele grande dor. Devemos arrancar o coração dos semkeses. Mas esse coração é pior que pedra. A maneira como ele usa a carne mortal... – Balançou a cabeça. – Coltaine manda.

– Vocês obedecem – completou o historiador. Sormo aquiesceu. Duiker nada disse por uma dúzia de batidas do coração. Depois suspirou, concluindo: – Ouvi suas dúvidas, bruxo.

A expressão de Sormo demonstrou um alívio quase feroz.

– Cubra seus olhos, então, historiador. Isso será... sujo.

Atrás de Duiker, o gelo entrou em erupção com um rugido explosivo. Uma fria chuva escarlate atingiu o historiador como uma parede em movimento e ele cambaleou.

Um guincho selvagem soou atrás de Duiker.

Os espíritos da terra dispararam, girando e passando direto por ele. O historiador se virou a tempo de ver uma figura abrindo espaço para sair do gelo meio derretido e sujo, que fumegava. Ela era da cor preta de carne

apodrecida, com braços compridos como os de um símio.

Os espíritos alcançaram o ser, amontoando-se sobre ele, que só conseguiu soltar um único guincho agudo antes de ser feito em pedaços.

O horizonte a leste era uma faixa vermelha quando voltaram à área do abatedouro. O acampamento já estava acordando; as demandas da existência pressionavam mais uma vez as almas despedaçadas e exauridas. Estavam acendendo as forjas de carroças, arrancando e estendendo e batendo ou cozinhando o couro, em panelas enegrecidas. Depois de uma vida nas cidades, os refugiados malzanos aprendiam a carregar a cidade consigo – ou, ao menos, aqueles restos escassos que eram cruciais para a sua sobrevivência.

Duiker e os três bruxos estavam encharcados de sangue velho e cobertos por pedaços de carne. Seu reaparecimento na planície foi o suficiente para anunciar o sucesso, e os wickanos deram berros que correram pelos acampamentos de cada clã. Era um som tanto de pesar quanto de triunfo, um canto apropriado para anunciar a queda de um deus.

Nos distantes acampamentos semkeses ao norte, os rituais de luto haviam cessado, sem deixar nada além de um silêncio agourento.

O orvalho evaporava da terra. Enquanto o historiador cruzava o abatedouro rumo ao acampamento wickano, conseguiu sentir uma reverberação sombria se opondo ao poder dos espíritos da terra. Os três bruxos se separaram dele ao se aproximarem da orla do acampamento.

O poder reverberante encontrou voz momentos mais tarde, pois cada cachorro no vasto acampamento começou a uivar. Os gritos soaram estranhamente sem vida, frios como ferro, enchendo o ar como uma promessa.

Duiker reduziu o passo de sua caminhada. *Uma promessa. Uma era de gelo devorador...*

– Historiador!

Ele ergueu o olhar para ver três homens se aproximarem, dos quais reconheceu dois: Nethpara e Tumlit. O nobre que os acompanhava era baixo e gordo, sobrecarregado por uma capa com brocados de ouro que seria imponente se usada por um homem com o dobro de sua altura e metade de sua largura. Como estava, provocava mais pena que qualquer outra coisa.

Nethpara ficou sem fôlego após a leve corrida; suas dobras moles de carne tremiam, sujas de lama.

– Historiador imperial Duiker, desejamos falar com você.

A falta de sono e uma legião de outras coisas haviam diminuído muito a tolerância de Duiker, mas ele conseguiu manter seu tom calmo:

– Sugiro outra hora...

– Impossível! – rosou o terceiro nobre. – O Conselho não vai ser dispensado outra vez. Coltaine segura a espada, portanto nos mantém distantes com sua indiferença bárbara, mas nós faremos com que nosso requerimento seja entregue, de uma maneira ou de outra!

Duiker piscou para o homem.

Tumlit pigarreou, como se pedisse desculpas, e secou seus olhos úmidos.

– Historiador, permita-me apresentar o nobre Lenestro, residente recente de Sialk...

– Não um mero residente! – guinchou Lenestro. – Em todo o continente das Sete Cidades, o único representante da família kanesa do mesmo nome. Agente do maior empreendimento de comércio do couro de camelo mais bem curtido de todos. Sou o líder da guilda, a quem foi concedida a honra de Primeira Potência em Sialk. Mais de um Punho já me prestou reverência. Entretanto, aqui estou, reduzido a exigir audiência a um acadêmico imundo...

– Lenestro, por favor! – interveio Tumlit, exasperado. – Você não está ajudando a causa!

– Estapeado no rosto por um selvagem sujo de banha de porco que a imperatriz deveria ter empalado anos atrás! Garanto que ela se arrependerá de sua misericórdia quando as notícias desse terror a alcançarem!

– Que terror seria esse, Lenestro? – perguntou Duiker, baixo.

A pergunta fez Lenestro deixar o queixo cair e bufar cuspidando, com o rosto vermelho. Nethpara escolheu responder:

– Historiador, Coltaine recrutou nossos servos. Não foi nem mesmo um pedido. Seus cachorros wickanos simplesmente os pegaram. Na verdade, quando um de nossos honrados colegas protestou, sua pessoa recebeu um golpe que o derrubou no chão. Nossos servos voltaram? Não, não voltaram. Estão vivos, pelo menos? Que terrível missão suicida coube a eles? Não temos respostas, historiador.

– Sua preocupação é com o bem-estar de seus servos? – perguntou Duiker.

– Quem vai preparar nossas refeições? – exigiu saber Lenestro. – Costurar nossas roupas, montar nossas tendas e esquentar a água para nossos banhos? Isso é ultrajante!

– O bem-estar deles é o principal para *mim* – disse Tumlit, dando um sorriso triste.

Duiker acreditou no homem.

– Vou perguntar em seu nome, então.

– Claro que vai! – vociferou Lenestro. – Imediatamente!

– Quando você puder – disse Tumlit.

Duiker aquiesceu e deu as costas.

– Não acabamos de falar com você! – gritou Lenestro.

– Acabamos – foi o que Duiker ouviu Tumlit dizer.

– Alguém deve silenciar esses cachorros! Esse uivo não tem fim!

Melhor uivando que mordendo os calcanhares. Duiker continuou andando. Seu desejo de se lavar tinha se tornado quase um desespero. Os resíduos de sangue e de carne começavam a secar em suas roupas e sua pele. O historiador atraía atenção ao passar pelo corredor entre as tendas. Faziam gestos de aviso enquanto ele passava. Duiker temia que inadvertidamente houvesse se tornado um mau presságio e que o destino prometido por ele fosse tão gélido quanto os uivos sem alma dos cachorros do acampamento.

Adiante, a luz da aurora sangrou no céu.

LIVRO III

A Corrente de Cães

Quando as areias
Dançaram cegas,
Ela emergiu do rosto
De uma deusa em fúria.

Sha'ik
Bidithal

CAPÍTULO 11

Se você procura os ossos esmigalhados
dos t'lan imass,
segure em uma das mãos
as areias do Raraku.

O Deserto Sagrado, Anônimo

Kulp se sentia como um rato numa imensa câmara cheia de ogros, enjaulado em meio à escuridão e a instantes de ser pisoteado. Nunca antes entrar no Labirinto Meanas tinha sido tão... *pleno*.

Havia estranhos ali, intrusos, forças tão hostis àquele reino que a própria atmosfera se reprimia. A parte de sua essência que tinha deslizado através do tecido foi reduzida a uma criatura agachada, encolhida. Ainda assim, tudo o que conseguia sentir era uma série de passagens caídas, reviradas e repletas de rastros marcando os caminhos tomados pelos seres indesejados. Por alguns momentos, seus sentidos gritaram, dizendo que ele estava sozinho e que a paisagem parda que se estendia à sua frente se encontrava destituída de vida.

Ainda assim, Kulp tremia de pavor.

Dentro de sua mente, estendeu uma mão fantasma para trás, encontrando a garantia tátil do lugar onde seu corpo existia, do sangue correndo em suas veias, do peso sólido da carne e dos ossos. Estava sentado na cabine do capitão do *Silanda*, observado por Heboric, atento e inquieto, enquanto os outros aguardavam no convés, sempre vasculhando o horizonte infinito, impiedosamente plano para todos os lados.

Precisavam de um modo de sair dali. Todo o Labirinto Ancestral em que se encontravam estava inundado, como um mar raso e espesso. Os remadores conseguiriam impulsionar o *Silanda* à frente por mil anos, até a madeira apodrecer em suas mãos mortas, os cabos se romperem, ou até o navio começar a se desintegrar ao seu redor; o tambor ainda tocaria e as costas ainda se curvariam. *E nós estaríamos mortos há muito tempo, nada mais que poeira podre.* Para escapar, precisavam encontrar um meio de trocar de Labirinto.

Kulp amaldiçoou as próprias limitações. Se fosse um prático de Serc, Denul, D'riss ou, na verdade, qualquer um dos outros Labirintos acessíveis a humanos, seria capaz de encontrar o que precisavam. *Mas não Meanas. Sem mares, sem rios, nem mesmo uma poça amaldiçoada pelo Encapuzado.* De dentro de seu Labirinto, Kulp procurava efetuar uma passagem para o mundo mortal... o que se mostrava problemático.

Estavam presos por leis peculiares, por regras da natureza que pareciam jogar com os princípios de causa e consequência. Se estivesse dirigindo uma carroça, a passagem pelos Labirintos certamente os levaria a um caminho seco. Os elementos primordiais reivindicavam uma consistência complexa através de todos os Labirintos. Terra para terra, ar para ar, água para água.

Kulp já tinha ouvido falar de Altos Magos que teriam encontrado maneiras de burlar essas leis universais, e talvez os deuses e outros Ascendentes também possuíssem tal conhecimento. Mas tais habilidades estavam tão além de um modesto mago de regimento quanto a forja de um ogro estaria de um rato encolhido.

Sua outra preocupação era com a escala da tarefa em si. Puxar um punhado de companheiros por seu Labirinto era difícil, mas possível. *Mas um navio inteiro!* Esperava encontrar inspiração uma vez dentro do Labirinto Meanas, alguma luz que trouxesse uma solução simples e elegante. *Com toda a graça da poesia. Não foi o próprio pescador Kel'Tath que uma vez disse que a poesia e a feitiçaria eram os gumes gêmeos da faca no coração de todo homem? Onde estão os cortes da minha magia, então?*

Kulp admitiu acidamente que se sentia tão estúpido dentro de Meanas quanto sentado na cabine do capitão. *A arte da ilusão é uma graça em si mesma. Deve haver um modo de... abrir um caminho através de enganos. O que é real em oposição ao que não é se apresenta como uma sinergia dentro de uma mente mortal. E com forças maiores? Pode a própria realidade ser enganada a ponto de se afirmar como algo irreal?*

Seus sentidos gritantes mudaram de tom. Kulp não estava mais sozinho. O ar espesso e túrgido do Labirinto Meanas – onde as sombras tinham textura semelhante a sílica e passar por elas era sentir um êxtase trememente – tinha começado a inchar, depois a se curvar, como se algo gigantesco se aproximasse, empurrando o ar à frente. E, o que quer que aquilo fosse, Kulp sabia que vinha depressa.

Um pensamento repentino encheu a mente do mago. E, mais do que isso, aquilo possuía... *elegância. Pelos dedos do pé de Togg, consigo fazer isso? Aumento da pressão, depois a esteira vazia, certa correnteza, certo fluxo. Encapuzado, não é água, mas é bastante próximo.*

Espero.

Ele viu Heboric saltar para trás, alarmado, até bater a cabeça numa viga baixa da cabine. Kulp voltou para seu corpo e soltou um arquejo áspero.

– Estamos prestes a ir, Heboric. Apronte todos!

O velho esfregava um dos cotos na parte de trás da cabeça.

– Aprontar para quê, mago?

– Qualquer coisa.

Kulp se afastou de novo, escalando mentalmente o caminho até sua âncora dentro de Meanas.

O Indesejável vinha e seu poder era capaz de fazer tremer a atmosfera febril. O mago viu as sombras mais próximas vibrarem até se dissolverem. Sentiu a indignação encher o ar, a terra barrenta sob seus pés. O que quer que estivesse cruzando o Labirinto tinha atraído a atenção de... *Tanto faz: de Trono Sombrio, dos Cães... Ou talvez os Labirintos sejam, de fato, vivos.* Fosse como fosse, a coisa vinha, com arrogante descaso.

Kulp de repente se lembrou do ritual de Sormo que os levava até o Labirinto dos t'lan imass, do lado de fora de Hissar. *Ah, Encapuzado, soletaken ou d'ivers... Mas é tanto poder! Quem no Abismo seria tão poderoso assim?* Conseguia pensar apenas em duas possibilidades: Anomander Rake, o Filho da Escuridão, e Osric. Ambos soletaken, ambos supremos arrogantes. Se houvesse outros, as histórias de suas atividades teriam alcançado Kulp, com certeza. *Guerreiros falam sobre heróis. Magos falam sobre Ascendentes.* Ele teria ouvido suas histórias.

Rake estava em Genabackis e diziam que Osric tinha viajado de volta para um continente bastante ao sul mais ou menos um século antes. *Bem, talvez o bastardo de olhos frios tenha voltado.* De todo modo, estava prestes a descobrir.

A presença chegou. Deitado com a barriga espiritual grudada no chão, Kulp levantou a cabeça na direção do céu.

O dragão passou rasante pela terra. Desafiava qualquer ser draconiano que Kulp já tinha visto na vida. *Não é Rake, nem Osric.* Sua estrutura óssea era gigantesca e a pele parecia o couro seco de um tubarão. A envergadura de suas asas se sobrepunha até mesmo àquela do Filho da Escuridão – *que tem dentro de si o sangue da deusa draconiana* –, e essas mesmas asas nada tinham da graça suave e encurvada; os ossos possuíam múltiplas articulações, exibindo um padrão de rachaduras. As asas pareciam as de um morcego, esmagadas, com todas as juntas aparecendo sob a pele tesa e rachada. A largura da cabeça do dragão era a mesma que o comprimento, como na de uma víbora, e havia olhos altos no crânio. Não possuía crista na testa; em vez disso, havia um declive que descia à base de recorte serrado, quase enterrada no pescoço e nos músculos da mandíbula.

Um rascunho primitivo de dragão, uma criatura que exalava uma aura de antiguidade primordial. Conforme seus sentidos absorviam tudo o que a criatura projetava sobre ele, Kulp percebeu, sobressaltado, que ela era *morta-viva*.

O mago sentiu o momento em que o dragão se deu conta de sua

presença, em meio a sua navegação sussurrante, cerca de 40 metros acima dele. Foi uma repentina e intensa pontada de atenção que logo se transformou em indiferença.

Quando, na esteira do dragão, veio um vento mordaz, Kulp rolou de costas no chão e sibilou as poucas palavras de Alto Meanas que possuía. O tecido do Labirinto se partiu, dando origem a um rasgo em que mal caberia um cavalo. Mas ele se abriu num vácuo e o vento guinchante se tornou um rugido.

Ainda pairando entre os reinos, Kulp viu, com um misto de admiração e medo, a proa incrustada de lama do *Silanda* preencher a fenda. O tecido se rasgou ainda mais, depois mais um pouco. De repente, a haste da âncora da embarcação pareceu assustadoramente larga. A admiração do mago se transformou completamente em medo, depois em pavor. *Ah, não. Eu fiz mesmo.*

A água leitosa e espumante vertia ao redor do casco do barco. A passagem se alargou por todos os lados, incontrolável, quando o peso de um mar inteiro começou a entrar com força.

Um muro de água desceu sobre Kulp. Logo depois, atingiu sua presença espiritual, destruindo sua ancoragem. O mago estava de volta à cabine rangente do capitão. Heboric se encontrava à soleira, meio dentro e meio fora da cabine, lutando para encontrar apoio enquanto o *Silanda* navegava na onda.

Ao ver o mago se endireitar, o ex-sacerdote lançou um olhar fulminante a Kulp.

– Diga que você planejou isso! Diga que tem tudo sob controle, mago!

– Claro, seu idiota! Não consegue perceber? – Ele subiu para o corredor, apoiando-se na mobília aparafusada ao chão, passando por cima de Heboric no caminho. – Segure firme, velho, estamos contando com você!

Heboric grunhiu algumas palavras bem escolhidas atrás de Kulp enquanto o mago ia para o convés principal.

A passagem do Indesejável tinha sido tolerada, ainda que amargamente,

e não houvera confronto direto com os poderes de Meanas. A laceração do Labirinto, no entanto, não ficaria impune. Aquele era um dano em escala cósmica, um ferimento que muito provavelmente estava além de qualquer reparo.

Eu posso ter acabado de destruir o meu Labirinto. Se a realidade não puder ser enganada... Mas claro que pode ser enganada... Eu faço isso o tempo todo!

Kulp subiu ao convés principal e correu até o castelo de popa. Gesler e Tempestade estavam ao leme, lutando para manter o curso, e ambos sorriam largamente, como tolos dementes. Gesler apontou para a frente e Kulp se virou para ver a aparição vaga e espectral do dragão. Sua cauda estreita e ossuda ia de um lado para outro, como uma cobra atravessando a areia. Enquanto o mago observava, a cabeça em forma de cunha da criatura apareceu quando ela virou o corpo para focar as cavidades oculares negras e mortas no grupo.

Gesler acenou.

Forçando-se a despertar, Kulp atravessou o vento com dificuldade, alcançando a amurada da popa, que agarrou com as duas mãos. A fenda já estava longe. *Mas ainda visível, o que quer dizer que deve estar... Ah, Encapuzado!* A água vertia numa torrente em queda no rastro deixado pelo dragão soletaken. Ela não se espalhava por todos os lados por conta da massa de sombras que Kulp via atacando suas beiradas – e que eram destruídas na tentativa. Mas outras chegavam. A tarefa de curar a brecha era tão esmagadora que não havia qualquer oportunidade de se aproximar da fenda, nem mesmo de fechar o ferimento em si.

Trono Sombrio! Ou qualquer outro respeitável Ascendente bastardo que esteja ouvindo! Talvez eu não tenha fé em nenhum de vocês, mas é melhor vocês terem fé em mim. E rápido! A ilusão é meu dom, aqui e agora. Acreditem! Com os olhos na fenda, Kulp separou as pernas, fincando-as no chão, depois soltou a amurada da popa e ergueu os braços.

Vai fechar! Vai se curar! O cenário ao redor dele vacilou e, então, o rasgo

foi selado, costurando as extremidades. O fluxo da água se reduziu. Ele pressionou com mais força, desejando que a ilusão se tornasse real. Seus membros tremeram. Suor verteu da pele, encharcando suas vestes.

A realidade pressionou de volta. A ilusão se embaçou. Os joelhos de Kulp se dobraram. Ele agarrou a amurada para se manter ereto. Estava falhando. *Não tenho mais forças. Falhando. Morrendo...*

A força que o atingiu pelas costas foi como um golpe físico, bem na parte de trás da cabeça. Sua vista foi tomada por estrelas latejantes. Foi varrido por um poder vindo de fora, que estendeu seu corpo. De pernas abertas, Kulp sentiu seus pés deixarem o convés inclinado. O poder o segurava, fazendo-o flutuar no lugar; uma determinação fria como gelo inundou sua carne.

O poder era morto-vivo. A determinação que se agarrou ao mago era a de um dragão. Era um poder tingido de irritação, relutante em agir, mas que mesmo assim tinha se prendido à falta de lógica da feitiçaria de Kulp... dando ao mago toda a força de que precisava. E mais.

Ele gritou e a dor o apunhalou com fogo glacial.

Os mortos-vivos não se importavam com os limites da carne mortal, e essa era uma lição que agora queimava em seus ossos.

A fenda distante se fechou. De uma vez, outros poderes se canalizaram por meio do mago. Compreendendo as intenções ultrajantes de Kulp, Ascendentes o varreram, com uma alegria sombria, para se juntar ao jogo. *Sempre um jogo. Malditos sejam vocês, todos uns bastardos! Eu engulo de volta minhas preces! Estão me ouvindo? Que o Encapuzado os leve a todos!*

O mago se deu conta de que a dor tinha passado; o dragão soletaken retirou sua atenção assim que outras forças chegaram para tomar seu lugar. Entretanto, Kulp continuou a flutuar alguns centímetros acima do convés e seus membros tremiam enquanto os poderes que o usavam se divertiam, beliscando sua mortalidade. Não mais com a indiferença de um morto-vivo, mas agora com malícia. Kulp começou a sentir saudades do primeiro caso.

O mago caiu de repente, estalando os dois joelhos no convés enlameado. *Ferramenta usada, agora descartada...*

Tempestade apareceu a seu lado balançando um odre de vinho diante do rosto de Kulp. O mago pegou o objeto e virou, até sua boca ficar cheia do líquido azedo.

– Seguimos na esteira do dragão – disse o soldado. – Mas não mais na água. Aquele jorro fechou tão apertado quanto a bunda de um sapador. O que quer que você tenha feito, mago, funcionou.

– Ainda não acabou – resmungou Kulp, tentando estabilizar seus membros trêmulos.

Ele engoliu mais vinho.

– Pega leve com isso aí – disse Tempestade, com um sorriso largo. – Dá uma coceira, bem na parte de trás da cabeça...

– Não vou perceber a diferença. Meu crânio já virou uma gosma.

– Você ficou aceso com um fogo azul, mago. Nunca vi nada parecido. Vai dar uma história boa pra cacete de contar nas tabernas.

– Ah, finalmente alcancei a imortalidade. Toma essa, Encapuzado!

– Está bem o bastante para se levantar?

Kulp não foi orgulhoso demais para recusar o braço que o soldado lhe ofereceu. O mago se levantou, cambaleante.

– Me dê em tempo – disse ele. – Depois, vou tentar nos tirar do Labirinto... E levar de volta para nosso reino.

– A viagem vai ser tão dura quanto esta, mago?

– Espero que não.

Felisin estava em pé no convés do castelo de proa, assistindo ao mago e Tempestade passarem o odre de vinho um para o outro. Tinha sentido a presença dos Ascendentes, a atenção fria e pálida puxando e cutucando o barco e todos os que ali estavam. O dragão foi o pior de todos, gélido e distante. *Como moscas em seu couro, é tudo o que fomos para ele.*

Ela se virou. Baudin analisava a imensa aparição alada que abria caminho à frente. Sua mão enfaixada descansava com leveza sobre a

amurada esculpida. A matéria sobre a qual navegavam, qualquer que fosse, rolava abaixo deles numa onda sussurrante. Os remos ainda trabalhavam com paciência impiedosa, embora fosse claro que o *Silanda* se movia mais rápido do que seria possível apenas com um conjunto de músculos e ossos... mesmo que fossem os músculos e os ossos de mortos-vivos.

Olhem para nós. Um punhado de destinos. Nesta jornada louca e tensa, não temos o controle de nada, nem mesmo do nosso próximo passo. O mago tem sua feitiçaria, o velho soldado tem sua espada de pedra e os outros dois têm sua fé no deus de presas. Heboric... Heboric não tem nada. E, quanto a mim, tenho pústulas e cicatrizes. Nossas posses já eram.

– O animal se prepara...

Ela olhou para Baudin. *Ah, é, esqueci o valentão. Ele tem seus segredos, se é que eles valem alguma coisa. Bem pouco, provavelmente.*

– Ele se prepara para quê? Você é especialista em dragões também?

– Alguma coisa está se abrindo lá na frente. Há alguma coisa no céu. Está vendo?

Ela via. A ininterrupta mortalha cinzenta ganhara uma mancha mais adiante, um borrão de bronze que se aprofundava e aumentava. *Uma palavra para o mago, acho...*

Mas, enquanto Felisin se virava, a mancha floresceu, enchendo metade do céu. De algum ponto às suas costas, veio um uivo de indignação azeda. Sombras correram no caminho da embarcação, caindo por todos os lados conforme a proa do *Silanda* passava em meio a elas. O dragão encurvou as asas, sumindo numa conflagração brilhante de fogo cor de bronze.

Girando, Baudin envolveu Felisin em seus braços enormes e caiu com ela quando o fogo varreu o barco. Ela ouviu o bandido sibilar quando foram engolidos pelas chamas.

O dragão encontrou um Labirinto... Para queimar as moscas de seu couro!

Ela estremeceu e as chamas lambeiram a massa protetora de Baudin. A garota podia sentir o bandido queimar: sua camisa de couro, a pele de suas costas, seu cabelo. Sua respiração a fazia puxar agonia para dentro dos

pulmões.

Depois Baudin correu, carregando-a no colo sem esforço, saltando as escadas rumo ao convés principal. Vozes gritavam. De relance, Felisin viu Heboric, com suas tatuagens encobertas por fumaça preta. Ele cambaleava, atingindo a amurada a bombordo para em seguida tombar da borda do barco.

O *Silanda* queimava.

Ainda correndo, Baudin passou direto pelo mastro principal. Kulp apareceu em seu campo de visão de repente e agarrou o braço do bandido, tentando gritar alguma coisa sobre o fogo que rugia sobre o homenzarrão. No entanto, Baudin não era nada mais que uma coisa estúpida em meio a sua dor; ele atirou o braço para a frente, de modo a arremessar o mago para trás em meio às chamas.

Berrando, Baudin cambaleava e seguia, num voo cego e desesperado, na direção do castelo de popa. Os soldados navais haviam desaparecido: ou tinham sido incinerados, ou estavam morrendo em algum lugar abaixo do convés. Felisin não lutou. Vendo que não havia saída possível, quase deu boas-vindas às picadas de fogo que começavam a vir com frequência cada vez maior.

Ela simplesmente deixou Baudin carregá-la para a amurada da popa.

Caíram.

Todo o ar foi arrancado de seus pulmões quando atingiram a areia compactada. Ainda abraçados um ao outro, desceram rolando por uma encosta íngreme, até pararem em meio a uma pilha de pedras alisadas pela ação da água. O fogo cor de bronze tinha sumido.

Enquanto a poeira baixava ao redor deles, Felisin fitou a clara luz do sol lá no alto. Em algum lugar perto de sua cabeça, moscas zumbiam. Aquele era um som tão natural que ela estremeceu, como se os muros de defesa que tinha criado à base do desespero desmoronassem dentro dela. *Voltamos. Casa.* Ela sabia, com instintiva certeza.

Baudin grunhiu, afastando-se devagar; as pedras deslizaram e rangeram

abaixo dele. Ela olhou o bandido. O homem não tinha mais cabelo, restando apenas uma cabeça queimada, da cor de bronze mosqueado. Da camisa de couro sobravam apenas algumas faixas, pendendo de suas costas largas como fragmentos de tecido resistente. A pele de suas costas estava mais escura e mais queimada que a da cabeça. As bandagens de sua mão também haviam sumido, revelando dedos inchados e articulações contundidas. Miraculosamente, sua pele não estava rachada nem rasgada; em vez disso, o bandido aparentava ter sido dourado. *Temperado.*

Baudin ficou de pé devagar, sentindo dor a cada movimento. Felisin o viu piscar e inspirar fundo. Os olhos dele se arregalaram e olharam para baixo, para si mesmo.

Não é o que você esperava. A dor está sumindo, vejo isso em seu rosto. Agora é só uma lembrança. Você sobreviveu, mas de algum modo... Tudo tem uma sensação diferente. Tem uma sensação. Você sente.

Nada pode matar você, Baudin?

Ele olhou para ela e, depois, franziu a testa.

– Estamos vivos – disse a moça.

Ela se aproximou enquanto ele se ajeitava, com esforço. Estavam em um arroio estreito, um desfiladeiro varrido por inundações repentinas com força suficiente para emparedar as curvas do canal com rochas do tamanho de crânios. O talho tinha menos de cinco passos de largura, com laterais duas vezes maiores que a altura de um homem unidas por camadas de areias de diversas cores.

O calor era feroz. Suor escorria em regatos pelas costas de Felisin.

– Você consegue enxergar algum jeito de escalarmos para fora daqui? – perguntou ela.

– Você está sentindo cheiro de otataral? – resmungou Baudin.

Um tremor envolveu seus ossos. *Estamos de volta à ilha...*

– Não. E você?

Ele balançou a cabeça.

– Não consigo sentir cheiro de merda nenhuma. Foi só uma ideia.

– E não foi das boas – rosnou a moça. – Vamos achar um jeito de sair daqui.

Você espera que eu agradeça por salvar minha vida, não é? Está esperando por uma palavra que seja, ou talvez algo tão pequeno quanto um olhar, ou uma troca de olhares. Pode esperar para sempre, valentão.

Caminharam em meio ao canal estrangulado, cercados por uma nuvem lamuriosa de moscas e pelo eco que elas produziam.

– Estou... mais pesado – disse Baudin depois de alguns minutos.

Ela parou e olhou para ele por sobre o ombro.

– O quê?

Baudin deu de ombros.

– Mais pesado. – Ele massageou o próprio braço com a mão ilesa. – Mais sólido. Não sei. Alguma coisa mudou.

Alguma coisa mudou. Felisin o encarou e as emoções dentro dela revolveram medos aos quais ela preferia não dar voz.

– Eu podia jurar que até meus ossos estavam queimando – disse ele, e sua testa se enrugou ainda mais.

– Eu não mudei – falou ela, virando-se para prosseguir.

Felisin percebeu, um momento depois, que ele tinha voltado a segui-la.

Encontraram um canal lateral, uma fenda por onde as torrentes de água haviam corrido a fim de se juntarem ao curso do canal principal, atravessando as camadas de arenito. Aquela trilha logo perdeu profundidade, desdobrando-se depois de mais ou menos vinte passos. Saíram na beira de uma cordilheira de colinas irregulares que davam para um vale largo, de terra rachada. Outras colinas, mais pontudas e grosseiras, se erguiam do outro lado, embaçadas pelas ondas de calor.

Avistaram uma silhueta em pé a cerca de quinhentos passos, no vale. Além dela, uma forma amontoada jazia no chão.

– Heboric – disse Baudin, semicerrando os olhos. – O que está em pé.

E o outro? Morto ou vivo? É quem?

Caminharam lado a lado na direção do ex-sacerdote, que agora os

observava. Suas roupas também haviam sido queimadas até restarem pouco mais que farrapos carbonizados. Apesar disso, sua carne, sob a teia de tatuagens, estava imaculada.

Ao se aproximarem, Heboric gesticulou na direção da própria cabeça careca.

– Fica bem em você, Baudin – disse o velho, com um sorriso sarcástico.

– O quê? – O tom de Felisin soou cáustico. – Vocês dois são da mesma irmandade agora?

A figura aos pés do velho era o mago, Kulp. O olhar de Felisin recaiu sobre ele.

– Morto – concluiu ela.

– Não exatamente – disse Heboric. – Ele vai sobreviver, mas bateu em alguma coisa quando caiu pela borda da embarcação.

– Acorde-o, então – ordenou Felisin. – Não pretendo esperar neste calor para que ele tenha um sono de beleza. Estamos num deserto outra vez, velho, caso você não tenha notado. E deserto significa sede, sem falar que não temos comida nem nada de suprimentos. E, finalmente, não temos ideia de onde estamos...

– No continente – disse Heboric. – Sete Cidades.

– Como sabe disso?

O ex-sacerdote deu de ombros.

– Eu sei.

Kulp gemeu, depois se sentou. Uma de suas mãos sondou com cuidado um inchaço acima do olho esquerdo enquanto o mago olhava ao redor. Sua expressão azedou.

– O Sétimo Exército está acampado logo ali – disse Felisin.

Por um momento, ele pareceu acreditar. Depois, deu um sorriso exausto.

– Engraçado, mocinha. – Ele ficou em pé e vasculhou o horizonte antes de inclinar a cabeça para trás e farejar o ar. Em seguida, declarou: – Continente.

– Por que todo esse cabelo branco não queimou? – perguntou Felisin. –

Você sequer foi chamuscado.

– O Labirinto do dragão – disse Heboric. – O que era?

– Bem que eu queria saber – admitiu Kulp, passando a mão no seu feixe branco de cabelos, como se para confirmar que ainda estava lá. – Talvez o Caos, ou uma tempestade dele em meio aos Labirintos, não sei. Nunca vi nada parecido antes, embora isso não signifique muita coisa. Não sou Ascendente, afinal de contas...

– Pois é – resmungou Felisin.

O mago estreitou os olhos na direção dela.

– As pústulas no seu rosto estão diminuindo.

Dessa vez foi ela que se surpreendeu. Baudin grunhiu. A moça olhou para ele.

– O que tem de tão engraçado?

– Eu já tinha visto, só que isso não deixa você nem um pouco mais bonita.

– Já chega – disse Heboric. – É meio-dia, o que significa que vai esquentar antes de fazer frio de novo. Precisamos nos abrigar em algum lugar.

– Algum sinal dos soldados navais? – indagou Kulp.

– Estão mortos – disse Felisin. – Eles foram para baixo do convés, mas o barco estava pegando fogo. Mortos. Menos bocas para alimentar.

Ninguém respondeu a isso.

Kulp tomou a frente, evidentemente tendo escolhido como destino o complexo de colinas do outro lado. Os demais foram atrás dele, sem dizer nada.

Vinte minutos depois, Kulp parou.

– Melhor andarmos mais rápido. Sinto o cheiro de tempestade chegando. Felisin bufou.

– Tudo o que consigo sentir é o fedor de suor. Você está perto demais, Baudin. Vá embora.

– Tenho certeza de que ele iria, se pudesse – resmungou Heboric, como

se compreendesse o bandido.

Um momento depois, ele ergueu o olhar, surpreso, como se não quisesse ter dito aquilo em voz alta. Seu rosto de sapo se contorceu, em desalento.

Felisin esperou controlar novamente sua respiração antes de se virar e encarar o valentão. Os pequenos olhos de Baudin pareciam moedas desbotadas, sem revelar nada.

– Guarda-costas – disse Kulp, aquiescendo devagar. Sua voz soou fria ao se dirigir a Heboric. – Fale logo. Quero saber quem é nosso companheiro e a quem ele é leal. Não me preocupei com isso antes porque Gesler e seus soldados estavam disponíveis. Mas agora, não. A garota tem um guarda-costas. Por quê? Não consigo imaginar quem possa dar a mínima para uma criatura de coração cruel como essa, o que quer dizer que a lealdade dele foi comprada. Quem é ela, Heboric?

O ex-sacerdote fez uma careta.

– Irmã de Tadore, mago.

Kulp piscou.

– Tadore? A conselheira? Então o que, em nome do Encapuzado, ela estava fazendo numa mina?

– Ela me mandou para lá – disse Felisin. – Você está certo. Não há nenhuma lealdade nisso. Eu era só mais uma, no meio da matança de Unta.

Claramente abalado, o mago se virou para Baudin.

– Você é da Garra, não é? – O ar ao redor de Kulp pareceu brilhar. Felisin percebeu que ele abrira seu Labirinto. O mago mostrou os dentes. – O remorso da conselheira, em carne e osso.

– Não da Garra – disse Heboric.

– O quê, então?

– Isso vai custar uma lição de história para explicar...

– Pode começar.

– Uma velha rivalidade – disse o ex-sacerdote. – Dançarino e Surly. Dançarino criou um braço secreto para campanhas militares. Ao conservar o símbolo imperial de uma mão demoníaca segurando uma esfera, ele os

chamou de suas Presas. Surly usou esse modelo para criar a Garra. As Presas eram agentes externos, de fora do Império, mas os Garras eram internos, uma polícia secreta, uma rede de espiões e assassinos.

– Mas os Garras são usados em operações militares secretas – disse Kulp.

– Agora. Quando Surly se tornou regente na ausência de Kellanved e Dançarino, enviou seus Garras atrás das Presas. No começo, a traição foi mais sutil, como uma sobreposição de missões desastrosas, mas alguém foi descuidado e entregou o jogo. As duas organizações lutaram até o amargo fim.

– E os Garras venceram.

Heboric aquiesceu.

– Surly se tornou Laseen, Laseen se tornou imperatriz. Os Garras ficam sentados no topo de uma pilha de crânios, como corvos bem alimentados. As Presas seguiram o caminho de Dançarino. Mortos ou desaparecidos... Ou pelo menos, como alguns pensam às vezes, tão clandestinos que *parecem* extintos. – O ex-sacerdote sorriu. – Como o próprio Dançarino, talvez.

Felisin contemplou Baudin. *Presas. O que minha irmã tem a ver com uma facção secreta e antiquada que ainda se agarra à memória do imperador e de Dançarino? Por que não usar um Garra? A menos que ela quisesse trabalhar sem o conhecimento de ninguém.*

– Era algo amargo demais de se ver, a princípio – continuou Heboric. – Colocar a irmã mais nova em grilhões, como qualquer outra vítima comum. Um exemplo, ao proclamar a lealdade da conselheira à imperatriz...

– Não só a dela – disse Felisin. – De toda a Casa Paran. Nosso irmão é um renegado, lutando com Umbraço em Genabackis. Isso nos tornou... vulneráveis.

– Deu tudo errado – observou Heboric, encarando Baudin. – Ela não devia ter ficado muito tempo em Copo de Crânio, devia?

Baudin fez que não com a cabeça e disse:

– Não se pode tirar de lá uma pessoa que não quer sair.

Deu de ombros, como se essas palavras fossem suficientes e ele não fosse

falar mais nada sobre o assunto.

– Então as Presas ainda existem – disse Heboric. – Quem comanda vocês?

– Ninguém – respondeu Baudin. – Eu nasci dentro. Só sobrou um punhado, circulando por aí, ou velhos, ou babando, ou as duas coisas. Alguns filhos herdaram... o segredo. Dançarino não está morto. Ele ascendeu, junto com Kellanved. Meu pai estava lá para ver, na cidade de Malaz, na noite da Lua Sombria.

Kulp bufou, mas Heboric assentiu devagar.

– Cheguei perto com minhas suposições – disse o ex-sacerdote. – Perto demais para Laseen, pelo visto. Ela suspeita ou já sabe, não é?

Baudin deu de ombros.

– Vou perguntar a ela na próxima vez em que estivermos batendo um papo.

– Minha necessidade de um guarda-costas acabou – disse Felisin. – Suma da minha vista, Baudin. Leve as preocupações da *minha irmã* para o outro lado dos Portões do Encapuzado.

– Mocinha...

– Cale a boca, Heboric. Vou tentar matar você, Baudin. Toda vez que tiver a oportunidade. Você vai ter que me matar para salvar a própria pele. Vá embora. Agora.

O homenzarrão a surpreendeu outra vez. Não fez nenhum apelo aos outros, mas simplesmente se virou, tomando um curso à direita do caminho que vinham seguindo até então.

É isso. Ele está indo embora. Saindo da minha vida, sem dizer uma só palavra. Ela o fitou, surpresa pela pontada em seu coração.

– Cacete, Felisin – rosnou o ex-sacerdote –, precisamos dele mais do que ele precisa de nós.

– Estou com vontade de me juntar a ele e arrastar você comigo, Heboric – disse Kulp. – Deixe essa bruxa imunda sozinha, e que o Encapuzado a leve com minhas bênçãos.

– Vá em frente – desafiou Felisin.

O mago a ignorou, dizendo:

– Eu assumi a responsabilidade de salvar sua pele, Heboric, e vou mantê-la porque Duiker me pediu. A decisão é sua agora.

O velho abraçou a si mesmo.

– Eu devo minha vida a ela...

– Achei que você tinha esquecido – disse Felisin, sorrindo com desdém.

Ele balançou a cabeça. Kulp suspirou.

– Certo. Suspeito que Baudin vai ficar melhor sem nós, no fim das contas. Vamos andando, antes que eu derreta aqui. E talvez você possa me explicar o comentário sobre Dançarino ainda estar vivo, hein, Heboric? É uma ideia bastante intrigante...

Felisin afastou as palavras deles enquanto caminhava. *Isso não muda nada, querida irmã. Seu precioso agente matou meu amante, a única pessoa em todo Copo de Crânio que dava a mínima para mim. Eu era a missão de Baudin, nada mais, e pior, ele foi incompetente, um tolo desajeitado e cabeçaduro. Levando com ele o segredo do pai... Que patético! Encontrarei você, Tavore! Lá, no meu rio de sangue. Isso eu prometo...*

– ... feitiçaria.

A palavra a despertou. Ela olhou para Kulp, que tinha acelerado o passo e exibia o rosto pálido.

– O que você disse? – perguntou Felisin.

– Disse que a tempestade que está chegando não é natural. Foi o que falei.

Ela olhou para trás. Uma cortina de areia cortava a extensão do vale, ocultando as colinas que ela e Baudin haviam deixado mais cedo. A cortina avançava na direção deles como um leviatã.

– Acho que é hora de correr. – Heboric arquejou ao lado dela. – Se conseguirmos alcançar as colinas...

– Agora eu sei onde estamos! – gritou Kulp. – Raraku! Aquele é o Furacão!

Adiante, a mais ou menos duzentos passos de distância, estavam as encostas das colinas, irregulares e cobertas de rochas. Desfiladeiros profundos cortavam cada monte, como as marcas de costelas gigantescas.

Os três correram, sabendo que não alcançariam as colinas a tempo. O vento que atingiu suas costas uivava como algo insano. Um momento depois, foram engolidos pela areia.

– A verdade é que estávamos procurando o cadáver de Sha'ik.

Violinista franziu a testa para o trell sentado à sua frente.

– Cadáver? Ela está morta? Como? Quando?

Isso foi obra sua, Kalam? Não consigo acreditar...

– Iskaral Pust afirma que ela foi assassinada por uma tropa de Lâminas Vermelhas de Ehrlitan. Foi o que o Baralho sussurrou para ele.

– Eu não fazia ideia de que o Baralho de Dragões podia ser tão preciso.

– Até onde sei, não pode.

Estavam sentados nos bancos de pedra dentro de uma câmara de sepultamento pelo menos dois níveis abaixo dos covis privilegiados do sacerdote da Sombra. Os bancos ficavam presos a um muro mal esculpido, que outrora tivera ladrilhos pintados, e os chanfros no calcário abaixo deles deixava claro que na verdade eram pedestais destinados a guardar os mortos.

Violinista dobrou a perna, estendeu a mão para baixo e massageou com os nós dos dedos a carne ainda inchada ao redor do osso remendado. *Elixires, unguentos... Cura forçada ainda dói.* Suas emoções eram sombrias. Já estavam daquela forma havia dias, pois o sumo sacerdote da Sombra achava uma desculpa após outra para atrasar sua partida. A última era a necessidade de mais suprimentos. De um modo estranho, Iskaral Pust fazia Violinista se lembrar de Ben Ligeiro, o mago de regimento. Uma sucessão infindável de planos dentro de planos. Imaginava-se descascando cada um deles até o fundo daqueles esquemas confusos, feitos de uma mistura de padrões

tortuosos. É bem possível que sua própria existência não seja mais que uma coleção de suposições baseadas em possibilidades e consequentes efeitos. *Pelo Abismo do Encapuzado, talvez seja isso tudo o que todos nós somos!*

O sumo sacerdote fazia sua cabeça girar. *Tanto quanto Ben Ligeiro e esse espinho de Togg chamado Tremorlor. Uma Casa da Azath, como a Casa dos Mortos na cidade de Malaz. Mas o que elas são, precisamente? Alguém sabe? Ao menos uma pessoa?* Não havia nada além de rumores, avisos obscuros... e poucos, aliás. A maior parte das pessoas achava melhor simplesmente ignorar tais Casas, e os habitantes da cidade de Malaz pareciam nutrir uma ignorância quase deliberada. *“Só uma casa abandonada”, eles dizem. “Nada especial, exceto talvez por alguns fantasmas no jardim”. Mas nos olhos de alguns deles há algo de medo.*

Tremorlor, uma Casa da Azath. *Pessoas sãs não saem procurando por lugares como esses.*

– Alguma coisa em mente, soldado? – perguntou Mappo Coto em voz baixa. – Tenho observado uma progressão de expressões em seu rosto que poderiam preencher uma parede no templo de Dessembrae. – *Dessembrae. O Culto de Dassem*, pensou Violinista ao ouvir as palavras do trell. – Parece que acabei de dizer algo indesejável aos seus ouvidos – continuou Mappo.

– Chega um dia em que todas as memórias de um homem se tornam indesejáveis – disse Violinista, rangendo os dentes. – Acho que alcancei esse ponto, trell. Estou me sentindo velho, desgastado. Pust tem algo em mente. Somos parte de algum esquema colossal que provavelmente vai nos matar em breve. Eu costumava farejar coisas assim. Pode-se dizer que tinha faro para encrenca. Mas não consigo desvendar o que está acontecendo... Não desta vez. Ele me confundiu, pura e simplesmente.

– Acho que tem a ver com Apsalar – disse Mappo depois de um tempo.

– É. E isso me preocupa. Muito. Ela não merece mais nenhuma aflição.

– Icarium está investigando a questão – disse o trell, semicerrando os olhos na direção das rochas gastas que calçavam o chão. O óleo do lampião estava acabando e a câmara ficava cada vez mais escura. – Admito que tenho

me perguntado se o sumo sacerdote pretende forçar Apsalar a assumir um papel que parece caber a ela.

– Papel? Como o quê?

– A profecia de Sha'ik fala de renascimento...

O sapador empalideceu. Depois, balançou a cabeça com veemência.

– Não. Ela não faria isso. Esta terra não é a dela, a deusa do Furacão não significa nada para Apsalar. Pust pode tentar forçar o que quiser; a menina vai dar as costas a ele. Guarde minhas palavras. – De repente inquieto, Violinista se levantou e começou a andar de um lado para outro. Seus passos sussurravam ecos fracos na câmara. – Se Sha'ik está morta, está morta. Que o Encapuzado leve com ela qualquer profecia obscura! O Apocalipse vai se apagar, o Furacão vai afundar de volta no chão e dormir outros mil anos, ou qualquer que seja o tempo até o próximo Ano de Dryjhna...

– Ainda assim, Pust parece atribuir bastante importância a essa rebelião – disse Mappo. – Está longe de acabar... ou é nisso que ele acredita.

– Quantos deuses e Ascendentes estão participando desse jogo, trel? – Violinista fez uma pausa, fitando o guerreiro antigo. – Ela se parece fisicamente com Sha'ik?

Mappo deu de ombros.

– Vi a Vidente do Furacão apenas uma vez, e de longe. Pele clara, para uma nativa das Sete Cidades. Olhos escuros. Não era muito alta nem imponente. Diz-se que o poder fica... ficava... dentro de seus olhos. Escuros e cruéis. – Deu de ombros uma segunda vez. – Mais velha que Apsalar. Talvez o dobro da idade dela. Mas o mesmo cabelo preto. Detalhes são irrelevantes nos assuntos da fé e das profecias a ela subordinadas, Violinista. Talvez apenas o papel precise renascer.

– A menina não está interessada em se vingar do Império Malazano – grunhiu o sapador, voltando a andar.

– E quanto ao deus sombrio que a possuiu um dia?

– Se foi – rosnou ele. – Nada além de memórias, e, felizmente, poucas.

– Ainda assim, ela descobre mais dessas memórias a cada dia, não é

verdade?

Violinista nada disse. Se Crokus estivesse presente, as paredes estariam ressoando com sua fúria; o rapaz tinha um temperamento feroz quando o assunto era Apsalar. Crokus era jovem, não cruel por natureza, mas o sapador tinha certeza de que o menino mataria Iskaral Pust sem hesitar diante da mera possibilidade de o sumo sacerdote querer usar Apsalar. *E tentar matar Pust provavelmente seria um suicídio.* Desafiar um sacerdote dentro de seu antro nunca era uma atitude muito sábia.

Era verdade que a menina estava encontrando suas lembranças e que não parecia tão chocada com isso quanto Violinista teria esperado... *ou desejado.* Outro sinal perturbador. Embora dissesse a Mappo que Apsalar recusaria tal papel, o sapador precisava admitir, ao menos para si mesmo, que era impossível ter certeza.

Com as lembranças vinha a recordação do poder. *E, vamos encarar, há poucos neste mundo ou em qualquer outro que dariam as costas à promessa de um poder assim.* Iskaral Pust devia saber disso muito bem, e tal conhecimento seria usado em qualquer oferta que viesse a fazer. *Assuma esse papel, mocinha, e você poderá derrubar um império...*

– É claro – disse Mappo, voltando a se recostar na parede, suspirando –, podemos estar completamente errados no... – ele se inclinou para a frente outra vez, devagar, juntando as sobrancelhas – ... *rastro.*

Violinista estreitou os olhos ao encarar o trell.

– O que você quer dizer?

– O Caminho das Mãos. A convergência de soletaken e d'ivers. Pust está envolvido.

– Explique.

Mappo apontou um dedo áspero para as rochas do chão abaixo deles.

– Nos níveis mais baixos deste templo existe uma câmara cujo chão, de ladrilhos, mostra uma série de gravuras em que se registra algo semelhante a um Baralho de Dragões. Nem eu nem Icarium já vimos algo parecido antes. Se for mesmo um Baralho, é uma versão Ancestral. Não Casas, mas

Domínios, com forças mais elementais, mais cruas e primitivas.

– Como isso se relaciona à metamorfose?

– Você pode ver o passado como algo semelhante a um livro velho e mofado. Quanto mais perto você chega do começo, mais fragmentadas são as páginas. Elas se desfazem nas suas mãos e você fica com apenas um punhado de palavras... E a maioria numa língua que sequer entende. – Mappo fechou os olhos por um longo momento, depois olhou para cima e disse: – Em algum lugar em meio a essas palavras esparsas, a história da criação dos metamorfos está sendo contada... As forças que são os soletaken e os d'ivers são velhas assim, Violinista. Já eram velhas nos tempos Ancestrais. Nenhuma espécie pode reclamar propriedade, e isso inclui as quatro raças fundadoras: jaghut, forkrul assail, imass e k'chain ch'malle. Nenhum metamorfo pode tolerar outro, ao menos sob circunstâncias normais. Há exceções, mas não preciso falar delas aqui. Ainda assim, dentro de todos eles, em seus ossos, existe uma fome tão profunda quanto a própria febre bestial. A atração pelo *controle*. Comandar todos os demais metamorfos, criar um exército de tais criaturas, todas escravas do seu desejo. A partir de um exército, um império. Um império de ferocidade diferente de tudo o que já se viu antes...

Violinista grunhiu.

– Você está sugerindo que um império surgido a partir de soletaken e d'ivers seria inerentemente pior ou mais cruel que qualquer outro? Estou surpreso, trell. A sordidez cresce como um câncer em toda e qualquer organização, humana ou não, como você bem sabe. E a sordidez se torna ainda mais sórdida. Qualquer maldade que você deixe cavalgar acaba se tornando trivial. O problema é que fica mais fácil se acostumar a ela do que extirpá-la.

O sorriso que Mappo deu em resposta revelava um coração partido.

– Disse bem, Violinista. Quando falei em ferocidade, eu quis dizer um miasma de caos. Mas concordo com você: o terror prospera igualmente bem em meio à ordem. – Ele fez movimentos circulares com os ombros uma

terceira vez e se empertigou, a fim de desfazer os nós de tensão nas costas. – Os metamorfos estão se reunindo por causa da promessa de um portal através do qual eles poderão obter Ascendência. Tornar-se um deus dos soletaken e dos d'ivers: cada metamorfo não busca nada menos que isso e não tolerará nenhum obstáculo em seu caminho. Violinista, achamos que o portal está lá embaixo, e também que Iskaral Pust fará tudo o que puder para evitar que os metamorfos o encontrem, até mesmo pintar falsos rastros no deserto, imitando a trilha de marcas de mão que levam à localização do portal.

– E Pust tem um papel em mente para você e Icarium?

– É provável – admitiu Mappo. Seu rosto de repente ficou pálido. – Acho que ele sabe sobre nós... Sobre Icarium, na verdade. Ele *sabe*...

Sabe o quê?, Violinista ficou tentado a perguntar, mas percebeu que o trell não explicaria aquilo de boa vontade. O nome Icarium era conhecido – não largamente, mas conhecido. As histórias falavam de um viajante mestiço de jaghut ao redor de quem giravam, como o rastro mais negro, rumores de devastação, assassinatos aterrorizantes, genocídios. O sapador balançou a cabeça mentalmente. O Icarium que vinha conhecendo melhor fazia tais rumores parecerem grotescos. O jhag era generoso, compassivo. Se os horrores ainda o acompanhavam, deviam ser antigos... A juventude era uma época de excessos, afinal de contas. Aquele Icarium era sábio demais, marcado demais, para se afundar no rio de sangue do poder. O que Pust esperava que aqueles dois viessem a desencadear?

– Talvez você e Icarium sejam a última linha de defesa de Pust – disse Violinista. – Se o Caminho convergir até aqui.

Sim, evitar que os metamorfos alcancem o portal é uma coisa boa, mas a tentativa pode ser fatal... ou, ao que parece, algo ainda pior.

– É possível – admitiu Mappo, de cara feia.

– Bom, você pode partir.

O trell ergueu o olhar e sorriu com escárnio.

– Temo que Icarium tenha a própria busca. Assim, vamos permanecer.

Violinista estreitou os olhos.

– Vocês dois tentariam evitar que o portal fosse usado, não é? É isso que Iskaral Pust sabe, e é com isso que ele está contando, não é? Está usando seus sentidos de dever e honra contra vocês.

– Um estratagema poderoso. E, considerando sua eficácia, ele pode muito bem decidir usá-los de novo... com vocês três.

Violinista fechou a cara.

– Ele teria sérias dificuldades em descobrir algo a que eu seja leal. Ainda que ser um soldado se baseie em coisas como dever e honra, também é algo que está acima do próprio Encapuzado em ambos. Quanto a Crokus, sua lealdade é a Apsalar. E quanto a ela... – Ele ficou em silêncio.

– Sim. – Mappo estendeu a mão e a colocou no ombro do sabotador. – E agora consigo ver a causa de sua angústia, Violinista. E compreendê-la.

– Vocês disseram que iriam nos acompanhar até Tremorlor.

– E iremos. A jornada será conturbada. Icarium decidiu guiá-los.

– Então ela realmente existe.

– Eu certamente espero que sim.

– Acho que já passou da hora de nos reunirmos aos outros.

– E contar a eles nossos pensamentos?

– Pelo sopro do Encapuzado, não!

O trell aquiesceu, ficando em pé.

Violinista sibilou.

– O que foi? – perguntou Mappo.

– O lampião se apagou. Já faz algum tempo. Estamos no escuro, trell.

O templo era opressor, na opinião de Violinista. As paredes robustas e gigantescas eram inclinadas e vergadas nos níveis inferiores, como se cedessem sob o peso da pedra. A poeira caía como água numa peneira em alguns pontos das juntas do teto, deixando estalagmites no piso. Cambaleando, ele seguiu Mappo pelas escadas em espiral que os levariam de

volta aos outros.

Meia dúzia de bhok'aralas os seguiam pelo trajeto, cada um segurando galhos frondosos que usavam para varrer e golpear as rochas enquanto avançavam depressa. O sapador teria se divertido mais se as criaturas não tivessem conseguido imitar Iskaral Pust e sua obsessão por aranhas com tanta perfeição. Exibiam até a mesma concentração feroz em seus rostos pretos, redondos e enrugados.

Mappo tinha explicado que as criaturas veneravam o sumo sacerdote. Não como um cachorro em relação a seu dono, mas como acólitos com seu deus. Oferendas, símbolos obscuros e ícones caprichosos povoavam seus rituais esquisitos. Muitos desses rituais envolviam dejetos corporais. *Quando você não consegue produzir livros sagrados, usa o que estiver à mão, eu acho.* As criaturas distraíam Iskaral Pust. Ele as amaldiçoava e tinha começado a andar com um saco de pedras. Atirava os mísseis nos bhok'aralas sempre que tinha a oportunidade.

As criaturas aladas reuniam tais objetos enviados por seu deus e claramente os reverenciavam: ao acordar na manhã seguinte, o sumo sacerdote encontrava o saco cuidadosamente reabastecido. Pust dava chiliques de fúria sob chuvas de saliva diante da descoberta.

Mappo quase tropeçou num amontoado de tochas ocultas no caminho. A escuridão não permitia a existência de sombras, afinal. Pust queria encorajar uma escolta para os agentes de seu deus. Cada um dos dois acendeu uma, conscientes da ironia em seu subsequente valor. Apesar de Mappo conseguir enxergar bem o suficiente sem a ajuda das tochas, Violinista vinha tateando até ali, com uma das mãos sempre agarrada às correias peitorais do trell.

Chegaram às escadarias e fizeram uma pausa. Os bhok'aralas mantiveram a distância de uma dúzia de passos para dentro do corredor, chilreando entre si em meio a uma discussão obscura, mas veemente.

– Icarium passou por aqui recentemente – disse Mappo.

– Sua sensibilidade é ampliada por feitiçaria? – inquiriu Violinista.

- Não exatamente. Tem mais a ver com séculos de companheirismo...
- O que une você a ele, quer dizer.

O trell grunhiu.

- Não uma corrente, mas mil delas, soldado.
- A sua amizade é um fardo pesado, então?
- Alguns fardos são abraçados de boa vontade.

Violonista ficou em silêncio por algumas respirações.

- Dizem que Icarium é obcecado pelo tempo. É verdade?
- É.

– Ele constrói máquinas bizarras para medi-lo e as coloca em lugares ao redor de todo o mundo.

- Seus mapas temporais, sim.

– Ele sente que está se aproximando do objetivo, não? Está prestes a encontrar a resposta, aquela que você fará qualquer coisa para evitar. É esse o seu voto, Mappo? Manter o jhag na ignorância?

- Em relação ao passado, sim. O passado *dele*.
- Essa ideia me assusta, Mappo. Sem história não há crescimento...
- É.

O sapador ficou em silêncio outra vez. As coisas que ousaria dizer haviam acabado. *Esse guerreiro imenso carrega tanta dor, tanta tristeza. Icarium nunca se perguntou? Nunca questionou essa parceria de séculos? E o que é amizade para o jhag? Sem memória, é uma ilusão, um acordo mantido à base de fé, e apenas fé. Como foi que a generosidade de Icarium nasceu disso?*

Voltaram a andar, subindo os degraus côncavos de pedra. Depois de uma curta pausa, pontuada pelo que, para Violinista, pareciam sussurros acalorados, os bhok'aralas se calaram e deslizaram em seu encaixe mais uma vez.

Emergindo no nível principal, Mappo e Violinista foram saudados pelo eco áspero de uma voz gritando. Ela ressoava no corredor, vinda da câmara do altar. O sapador fez uma careta.

- Deve ser Crokus.

– Presumo que não esteja rezando.

Encontraram o jovem ladrão daru no limite mais extremo de sua paciência, segurando Iskaral Pust pela parte da frente das vestes e pressionando o sumo sacerdote contra os fundos do altar de pedra empoeirado. Os pés de Pust pairavam a 30 centímetros do piso de ladrilhos, sacudindo-se debilmente. Em um dos cantos estava Apsalar, de braços cruzados, observando a cena com expressão vazia.

Violinista deu um passo adiante e colocou a mão no ombro do rapaz.

– Você o está sufocando, Crokus...

– É exatamente o que ele merece, Violinista!

– Não vou discutir isso, mas, caso não tenha notado, as sombras estão se reunindo.

– Ele está certo – disse Apsalar. – Como falei, Crokus. Você está a momentos dos Portões do Encapuzado.

O daru hesitou; em seguida, com um rosnado, largou Pust, dando-lhe um empurrão. O sumo sacerdote escorregou pela parede, arquejando, depois se endireitou e começou a ajeitar as vestes. Falou com a voz rouca:

– Juventude precipitada! Sou lembrado de meus gestos melodramáticos quando eu andava vacilante pelo jardim de tia Tulla. Oprimia os frangos quando eles não queriam usar os chapéus de palha que eu tinha demorado horas para tecer, incapazes de apreciar as tranças intrincadas que eu tinha criado. Eu ficava profundamente ofendido. – Ele inclinou a cabeça, sorrindo largamente para Crokus. – Ela vai ficar bem com meu novo chapéu de palha melhorado...

Violinista interceptou a investida de Crokus e se atracou com o rapaz. Com a ajuda de Mappo, ele o arrastou para trás, enquanto o sumo sacerdote corria para longe, dando risadinhas.

A risada se transformou num ataque de tosse que fez Pust cambalear, como se tivesse sido cegado de repente. Tateando com uma das mãos, encontrou uma parede, na qual se recostou como um bêbado. O ataque acabou com uma última tossidela, depois da qual ele enxugou os olhos e os

ergueu.

Crokus grunhiu:

– Ele quer que Apsalar...

– Nós sabemos – disse Violinista. – Nós compreendemos isso, menino. A questão é que é uma decisão dela, não?

Mappo olhou para Violinista, surpreso. O sapador deu de ombros. *Sabedoria tardia, mas acabei chegando lá.*

– Já fui usada por um Ascendente antes – disse Apsalar. – Não serei usada outra vez, não de bom grado.

– Você não será usada – sibilou Iskaral Pust, iniciando uma dança estranha. – Você guia! Você comanda! Você impõe sua vontade! Dita os termos! Livre para expressar cada acesso de mau humor, fazer cumprir cada capricho, agir como uma criança mimada e ainda ser louvada por isso! – Ele se abaixou de repente, fez uma pausa e depois disse, num sussurro: – Tais engodos para atrair! Autoexame é deixado de lado com um aceno, e o chamado dos privilégios, liberto! Ela hesita, tende para um lado... Vejo em seus olhos!

– Não – disse Apsalar friamente.

– Ela quer! Tal entendimento na mocinha a faz sentir cada um de meus pensamentos... Como se ela pudesse ouvi-los! A sombra da Corda permanece dentro dela, um elo que não pode ser negado! Deuses, sou brilhante!

Bufando de desgosto, Apsalar se retirou da câmara.

Iskaral Pust foi atrás dela e Violinista deteve a tentativa do daru de segui-los.

– Ela consegue lidar com ele, Crokus – disse o sapador. – Isso já deveria estar claro, até para você.

– Aqui há mais mistérios do que você imagina – retrucou Mappo, franzindo a testa na direção das costas do sumo sacerdote.

Ouviram vozes no saguão. Em seguida, Icarium apareceu na entrada, vestindo a capa de couro de cervo. Ele tinha poeira do deserto sobre a pele

verde-escura. Viu a pergunta nos olhos de Mappo e deu de ombros.

– Ele deixou o templo. Eu o segui até os limites da tempestade.

– De quem vocês estão falando? – quis saber Violinista.

– Servo – respondeu Mappo, franzindo ainda mais a testa. Olhou para Crokus. – Achamos que ele é o pai de Apsalar.

Os olhos do rapaz se arregalaram.

– Ele tem um braço só?

– Não – respondeu Icarium. – Mas o servo de Iskaral Pust é um pescador. Na verdade, sua embarcação está na câmara mais baixa deste templo. Ele fala malazano...

– O pai dela perdeu um braço no cerco de Li Heng – disse Crokus, balançando a cabeça. – Estava entre os rebeldes que defenderam os muros e seu braço foi queimado quando o exército imperial retomou a cidade.

– Quando um deus intervém... – começou Mappo e depois deu de ombros. – Um de seus braços parece... jovem, mais jovem que o outro, Crokus. Servo recebeu ordens de se esconder quando trouxemos vocês para cá. Pust o estava mantendo longe de vocês. Por quê?

– Não foi Trono Sombrio que arranhou a possessão? – perguntou Icarium. – Quando Cotillion a tomou, Trono Sombrio pode muito bem ter tomado Cotillion. Não há muito sentido em tentar adivinhar as motivações dele; o Senhor do Reino da Sombra é obscuro, como se sabe. Mesmo assim, vejo certa lógica nessa possibilidade.

Crokus estava pálido. Seu olhar voou para a entrada vazia.

– Influência – sussurrou.

Violinista logo compreendeu o que o daru queria dizer e se dirigiu a Icarium.

– Você disse que a trilha de Servo dava na tempestade do Furacão. Espera-se que Sha'ik renasça em algum lugar em especial?

– O sumo sacerdote disse que seu corpo ainda não foi retirado de onde caiu pelas mãos dos Lâminas Vermelhas.

– Dentro da tempestade?

O jhag assentiu.

– Pois já sei o que ele está dizendo a ela neste mesmo instante – grunhiu Crokus, cerrando os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos. – “Renasça e você se reunirá a seu pai.”

– Uma vida dada por uma vida tomada – resmungou Mappo. O trell encarou o sapador. – Você está bem o suficiente para uma perseguição?

Violinista assentiu.

– Consigo cavalgar, caminhar... ou rastejar, se chegar a isso.

– Vou preparar nossa partida, então.

Na pequena despensa em que os equipamentos e as mochilas de viagem haviam sido amontoados, Mappo se agachou ao lado de sua bolsa. Remexeu nos sacos de dormir e nas tendas de lona até suas mãos encontrarem o objeto duro e envolto em couro que procurava. O trell o puxou para fora e tirou o invólucro de couro de alce encerado, revelando uma metade de osso comprida, do tamanho de seu antebraço. O objeto tinha um brilho dourado, polido pela idade. Um cordão de couro envolvia o cabo, onde cabiam duas mãos. A outra extremidade era contornada por dentes pontiagudos similarmente polidos, cada um do tamanho de seu polegar e firmado numa gola de ferro.

Um toque de sálvia tocou as narinas de Mappo. A feitiçaria contida na arma ainda era potente. Os esforços das sete bruxas trells não tinham evanescido com o tempo. O osso longo havia sido encontrado no riacho de uma montanha. A água rica em minerais o tornara duro como ferro e tão pesado quanto esse metal. Outras partes do esqueleto da fera estranha e desconhecida foram recuperadas também, embora permanecessem com o clã como objetos de veneração, todos investidos de poder.

Só uma vez antes Mappo tinha visto todos os fragmentos juntos, dando a entender que se tratava de um animal duas vezes maior que um urso da planície; ambas as mandíbulas exibiam uma fileira de presas que se

entrelaçavam de modo grosseiro. O fêmur que ele agora segurava tinha a forma de uma ave, mas era imenso, com o dobro da grossura do eixo oco que ele cercava. Cristas apareciam aqui e ali ao longo do eixo, onde teriam estado presos os músculos do animal.

As mãos de Mappo tremeram sob o peso da arma. Icarium falou atrás dele:

– Não me lembro de você já ter usado isso, amigo.

Sem querer se virar para o jhag, Mappo fechou os olhos.

– Não.

Você não se lembra.

– Eu continuo a me surpreender com a quantidade de coisas que você consegue colocar dentro dessa sacola esfarrapada.

Outro truque do clã de bruxas: este Labirinto pequeno e particular, do outro lado dos cordões que fecham a mochila. Não deveria ter durado tanto tempo. Elas disseram um mês, talvez dois. Não séculos. O olhar do trell recaiu outra vez sobre a arma em suas mãos. Já havia poder nesses ossos, desde o início. As bruxas simplesmente fizeram algumas melhorias, feitiços de amarração para manter as partes unidas e tudo mais. Talvez o osso alimento o Labirinto na sacola de algum modo... Ou talvez seja o punhado de pessoas irritantes que enfiei aqui dentro em meus acessos de mau humor. Eu me pergunto onde foram parar todas elas... Mappo suspirou e embrulhou a arma outra vez, para então devolvê-la à mochila. Depois puxou os cordões a fim de fechar a bolsa e, em seguida, se endireitou e virou para Icarium, sorrindo.

O jhag também tinha pegado suas armas.

– Parece que nossa jornada para encontrar Tremorlor vai ter de esperar um pouquinho mais – disse, dando de ombros. – Apsalar partiu atrás do pai.

– E assim será levada ao local em que o corpo de Sha'ik aguarda.

– Temos de ir atrás dela – disse Icarium. – Talvez possamos contornar as intenções de Iskaral Pust.

– Não apenas de Pust, ao que parece, mas da deusa do Furacão, que pode muito bem ter planejado isso desde o começo – disse o trell. O jhag franziu a

testa. Mappo suspirou outra vez, antes de continuar: – Pense nisso, amigo. Sha'ik foi ungida como a Vidente do Apocalipse praticamente assim que nasceu. Quarenta anos ou mais no Raraku, preparando-se para esta guerra... O Raraku não é um lugar gentil e quatro décadas desgastam até mesmo um escolhido. Talvez a preparação fosse tudo o que a Vidente quisesse realizar em vida. A guerra em si requer sangue novo.

– Mas o soldado não disse que a renúncia de Cotillion à menina foi forçada por uma ameaça de Anomander Rake? A possessão devia durar muito mais, levar a menina para ainda mais perto da própria imperatriz...

– Ou é o que todos presumem – disse Mappo. – Iskaral Pust é um sumo sacerdote da Sombra. Acho que é melhor presumir que, não importa quão desonesto Pust seja, Trono Sombrio e Cotillion são piores. De longe. Uma Apsalar verdadeiramente possuída jamais chegaria perto de Laseen. Os Garras farejariam sua presença, sem falar na conselheira, com sua espada de otataral. Mas uma Apsalar que não fosse mais possuída... Bem... E Cotillion garantiu que ela não fosse mais apenas uma simples pescadora, não foi?

– Um esquema dentro de um esquema. Você discutiu isso com Violinista?

Mappo fez que não com a cabeça.

– Posso estar errado. Pode ser que os governantes da Sombra simplesmente tenham visto uma oportunidade aqui, um meio de tirar vantagem da convergência. A adaga foi afiada, depois deslizou em meio ao tumulto. Tenho me perguntado por que as lembranças de Apsalar estão voltando tão rápido... e de forma tão indolor.

– E não temos um papel nisso?

– Aí já não sei.

– Apsalar se torna Sha'ik. Sha'ik derrota os exércitos malazanos, liberta as Sete Cidades. Laseen, forçada a assumir o controle ela mesma, chega com um exército para voltar a sujeitar os cidadãos insubmissos do continente.

– Armada com as habilidades e o conhecimento de Cotillion, Sha'ik mata Laseen. Fim do Império...

– Fim? – Icarium ergueu as sobrancelhas. – É mais provável que haja um novo imperador ou uma nova imperatriz, agora tendo a Sombra como deuses patronos.

Mappo grunhiu.

– Um pensamento preocupante.

– Por quê?

O trell fez uma careta.

– Tive uma visão repentina do imperador Iskaral Pust... – Obrigando-se a despertar do devaneio, Mappo ergueu a sacola e a passou por sobre o ombro. – Por enquanto, acho melhor mantermos esta conversa entre nós, amigo.

Icarium assentiu. Hesitou, mas depois disse:

– Tenho uma pergunta, Mappo.

– Sim?

– Eu me sinto mais perto de descobrir... quem eu sou... do que jamais estive. Dizem que Tremorlor contém o aspecto temporal...

– Sim, é o que dizem, embora só possamos imaginar o real significado disso.

– Respostas, acredito. Para mim. Para minha vida.

– O que você está perguntando, Icarium?

– Se eu descobrir meu passado, Mappo, como isso vai me mudar?

– Você está me perguntando? Por quê?

O olhar de Icarium estava semicerrado quando ele sorriu para Mappo.

– Porque, amigo, dentro de você residem minhas lembranças. Nenhuma das quais você está preparado para revelar.

E, então, chegamos a este ponto... Outra vez.

– Quem você é, Icarium, não depende de mim, nem das minhas lembranças. Por que você desejaria se tornar a minha versão de você? Eu o acompanho em sua busca, amigo. Se a verdade, se a *sua* verdade tiver de ser encontrada, então você a encontrará.

Icarium assentia enquanto o trell falava; ecos daquela conversa, perdidos

no passado, agora retornavam a ele. *Mas pouco além disso, pelos Antigos, pouco além, por favor...*

– Mas algo me diz que você, Mappo, é uma parte dessa verdade oculta.

O coração do trell congelou. *Ele nunca foi tão longe antes... A proximidade de Tremorlor está cutucando esse portão trancado?*

– Então, quando chegar a hora, você deverá enfrentar uma decisão.

– Acho que sim.

Os dois se encararam, com os olhos estudando o reflexo alterado diante de cada um deles, um atormentado por indagações inocentes, o outro disfarçando um conhecimento devastador. *E, entre nós, suspensa na balança, uma amizade que nenhum dos dois entende.*

Icarium estendeu a mão e apertou o ombro de Mappo.

– Devemos nos reunir aos outros.

Violinista estava montado no gral castrado enquanto esperavam, ao pé do desfiladeiro. Bhok'aralas se espalhavam na frente do templo, guinchando e latindo como se lutassem com a descida das mulas com as provisões. Um deles prendeu o rabo na corda e gritou, aflito, enquanto descia devagar, junto com o material. Iskaral Pust tinha metade do corpo para fora da janela da torre e atirava pedras na criatura desafortunada. Nenhuma das pedras sequer chegou perto de acertar.

O sapador encarou Mappo e Icarium, sentindo a nova tensão que havia se instalado entre eles, embora ambos continuassem a trabalhar juntos, com a mesma facilidade de antes, aparentemente gerada pela familiaridade. Violinista suspeitava que a tensão viesse das palavras não ditas entre os dois. *As mudanças vêm para todos nós, ao que parece.* Olhou para Crokus, rígido sobre a montaria extra que coubera a ele, sofrendo com uma impaciência que mal podia conter. Pouco antes, Violinista tinha surpreendido o rapaz, ensaiando com ele uma gama de movimentos de luta com facas. Nas poucas ocasiões em que o sapador tinha visto o rapaz usar facas, uma espécie de

desespero acabava arruinando sua técnica. Crokus tinha certa habilidade, mas lhe faltava maturidade: ele tinha muita confiança em si mesmo quando estava atrás das lâminas. Violinista percebeu, ao observar os treinos do rapaz, que aquilo tinha mudado. Ser cortado era essencial para dar estocadas fatais. Uma luta de facas era uma confusão. Agora a fria determinação amparava Crokus e, dali em diante, ele faria mais do que apenas se manter no controle da situação, disso o sapador sabia. O jovem também não seria mais tão afoito em atirar suas facas, a menos que tivesse muitas de reserva dentro das dobras de sua telaba, além de fácil alcance a elas. *Arrisco dizer que agora isso é mais provável.*

O céu do fim de tarde tinha um tom ocre nebuloso, cheio do resíduo suspenso levantado pelo Furacão, que ainda rugia no coração do Raraku a não mais de 60 quilômetros de distância. O calor tinha se tornado ainda mais opressivo, por causa daquela capa sufocante.

Mappo libertou o bhok'aral que tinha ficado preso, recebendo uma mordida horrível no pulso em troca da gentileza. A criatura meio correu, meio voou de volta para a face do desfiladeiro, soltando uma torrente de insultos no caminho. Violinista gritou para o trell:

– Definam o nosso ritmo!

Mappo assentiu, e ele e Icarium partiram pela trilha.

O sapador ficou feliz por ser o único a olhar para trás e ver dezenas de bhok'aralas no desfiladeiro, acenando em despedida, com Iskaral Pust quase caindo da janela na tentativa de varrer com sua vassoura as criaturas mais próximas da parede de pedra da torre.

O exército do Apocalipse do renegado Korbolo Dom se espalhava sobre o tapete irregular formado pelas colinas relvadas na extremidade sul da planície. No cume de cada colina havia tendas e as bandeiras hasteadas de diversas tribos e de uma série de autoproclamados batalhões. Entre os pequenos amontoados de tendas e carroças, vastos rebanhos de gado e

cavalos perambulavam.

Três fileiras irregulares de prisioneiros crucificados marcavam os piquetes do acampamento. Milhafres, rhizanos e mariposas-do-lixo pululavam ao redor de cada uma das vítimas.

A linha mais externa das forças acampadas se erguia acima das fortificações do terraplano e das trincheiras, a menos de cinquenta passos de distância do local em que Kalam estava. Ele permanecia deitado na relva alta e amarela, com o calor do chão esturricado subindo à sua volta. Sentia o cheiro de poeira e sálvia, e insetos rastejavam sobre seu corpo, com as patinhas pontudas traçando caminhos sem rumo em suas mãos e nos antebraços. O assassino os ignorava, mantendo os olhos na mais próxima das vítimas crucificadas.

Era um moleque malazano que não tinha mais que 12 ou 13 anos. Mariposas-do-lixo cobriam seus braços do ombro ao pulso, fazendo-os parecerem asas. Pencas de rhizanos se amontoavam e se contorciam nas mãos e nos pés, onde cravos haviam atravessado osso e carne. O menino não tinha nem olhos nem nariz e seu rosto era uma ferida dilacerada... mas ele ainda estava vivo.

A imagem se gravava no coração de Kalam como ácido faz com o bronze. Sentia seus membros mais frios, como se sua vontade de viver estivesse recuando deles, acumulando-se em suas entranhas. *Não posso salvá-lo. Não posso nem mesmo matá-lo, por misericórdia. Não esse menino, nem sequer um entre essas centenas de malazanos que cercam o exército. Não posso fazer nada.* A consciência daquilo era um sussurro de loucura. Apenas uma coisa era capaz de dar medo ao assassino, de deixá-lo tomado de pavor: *impotência*. Mas não era a impotência de ser um prisioneiro ou de sofrer tortura. Ele já tinha passado por ambas as situações e sabia bem que qualquer um poderia acabar cedendo sob tortura – qualquer um *mesmo*. Mas aquilo... Kalam temia a insignificância, temia a incapacidade de causar algum efeito, de forçar uma mudança no mundo para além de sua carne.

Era por perceber essa impotência que Kalam sentia sua alma queimar ao

testemunhar a cena à sua frente. *Não posso fazer nada. Nada.* Encarou as cavidades cegas daquele jovem a cinquenta passos dele, vendo a distância diminuir a cada respiração, até se sentir perto o suficiente para tocar com os lábios a testa do garoto, ferida pelo sol. Perto o bastante para sussurrar mentiras: *Sua morte não será esquecida, a verdade de sua vida preciosa, à qual você se recusa a renunciar porque é tudo o que tem. Você não está sozinho, criança.* Mentiras. O menino estava sozinho. Sozinho com sua vida, que murchava e colapsava. E, quando seu corpo finalmente se tornasse um cadáver, quando apodrecesse e desaparecesse para se unir a todos os outros que rodeavam o lugar que um dia abrigara um exército, ele seria esquecido. Outra vítima sem rosto. Uma em meio a um número além de qualquer compreensão.

O Império exigiria vingança, caso fosse capaz disso, e os números seriam ainda maiores. A ameaça imperial era sempre assim: *Qualquer que seja a destruição que vocês infligirem a nós e aos nossos, nós a devolveremos dez vezes maior.* Se Kalam tivesse sucesso em seus planos de matar Laseen, talvez também conseguisse levar ao trono alguém com força suficiente para não governar a partir de uma situação de crise. O assassino e Ben Ligeiro tinham alguém em mente para isso. *Se tudo correr conforme o planejado.* Para aquelas pessoas ali, no entanto, era tarde demais.

Kalam soltou a respiração devagar, só então percebendo que estava deitado sobre um formigueiro e que suas habitantes lhe diziam para sair dali, não com pouca convicção. *Estou deitado com o peso de um deus no mundo dessas formigas, e elas não gostam disso. Somos muito mais parecidos do que pensa a maioria.*

Kalam recuou pela relva. *Não é o primeiro cenário de terror que testemunho, afinal de contas. Um soldado aprende a usar todos os tipos de armadura, e, contanto que ele se mantenha na luta, dá certo o suficiente. Deuses, acho que minha sanidade não sobreviveria à paz!*

Sentindo aquele pensamento arrepiante como uma fraqueza em seus membros, Kalam alcançou a encosta de trás, fora da linha de visão das

vítimas. Vasculhou a área, procurando algum sinal da presença de Apto, mas o demônio fêmea parecia ter sumido. Passado um momento, ele se ergueu até ficar agachado e voltou, sem fazer barulho, para o arvoredo de faias onde estavam os outros.

Kalam se aproximou do pequeno arbusto contornando as árvores de folhas prateadas. Com a besta nas mãos, Minala saiu da cobertura. Kalam balançou a cabeça. Em silêncio, os dois deslizaram por entre os troncos espigados e se reuniram ao grupo.

Keneb tinha sucumbido a outra crise de febre. Sua esposa, Selv, pairava sobre ele, com o medo expresso pelos lábios comprimidos. Ela parecia estar à beira do pânico; segurava um tecido com água sobre a testa de Keneb, murmurando na tentativa de fazê-lo parar de se debater. As crianças, Vaneb e Kesen, estavam por perto, cuidando de seus cavalos.

– Está muito ruim? – questionou Minala, desarmando a besta com cautela.

Kalam se ocupou em tirar as formigas do corpo por um momento. Depois suspirou, dizendo:

– Não vamos conseguir contorná-los. Vi estandartes de tribos do oeste. Aqueles acampamentos ainda estão aumentando, o que quer dizer que o oeste do Odhan não estará vazio. Para o leste, daríamos de cara com vilarejos e cidadezinhas, todas libertas e ocupadas por guarnições. Todo o horizonte não passa de fumaça.

– Se você estivesse sozinho, conseguiria passar – disse Minala, tirando o cabelo negro do rosto. Seus olhos claros e cinzentos se cravaram, duros, sobre ele. – Só mais um soldado do Apocalipse. Seria uma tarefa simples assumir a ronda de um piquete na extremidade sul, depois sair de fininho durante a noite.

Kalam grunhiu.

– Não é tão fácil quanto você pensa. Há magos naquele acampamento.

E já segurei o livro nas minhas mãos. É improvável que eu continue anônimo...

– Que diferença isso faria? – questionou Minala. – Você pode até ter uma reputação, mas não é um Ascendente. – O assassino deu de ombros, se endireitou, pegou a mochila, colocou-a no chão e começou a revirar seu conteúdo. – Você não me respondeu, cabo – continuou Minala, observando Kalam. – Por que toda essa presunção? Você não é do tipo que se ilude, então deve estar escondendo algo de nós. Algum outro... detalhe *relevante* a seu respeito.

– Feitiçaria – resmungou Kalam, tirando um pequeno objeto do fardo. – Não minha. De Ben Ligeiro.

Ele ergueu o objeto e deu um sorriso sarcástico.

– Uma pedra.

– É. Admito que seria mais dramático se fosse uma pedra preciosa e lapidada, ou um torque de ouro. Mas não existe um só mago neste mundo estúpido o bastante para investir poder num objeto de valor. Afinal, quem roubaria uma pedra?

– Já ouvi lendas contrárias...

– Ah, você encontra magia embutida em joias e coisas do tipo, sim. Feiticeiros fazem dúzias delas, todas amaldiçoadas, de um modo ou de outro. A maioria é algum dispositivo mágico de espionagem; o feiticeiro pode rastreá-las, às vezes ver através delas. Garras usam esse tipo de método o tempo todo, para recolher informações. – Ele lançou a pedra para o alto, pegou-a e, então, ficou sério. – A intenção era que isto aqui fosse um último recurso...

No palácio em Unta, na verdade.

– O que ela faz?

O assassino fez uma careta. *Não faço ideia. Ben Ligeiro não é do tipo expansivo, o desgraçado. “Este é seu osso raspado no buraco, Kalam. Com isto você pode entrar direto na sala do trono. Eu garanto.”*

Ele olhou ao redor e viu uma rocha baixa e lisa.

– Prepare todos para partirmos.

O assassino se agachou diante da rocha lisa e colocou a pedra sobre ela.

Em seguida, encontrou um pedregulho do tamanho de um punho, cujo peso avaliou, pensativo, antes de descê-lo para esmagar a pedra.

Ficou chocado quando ela se desfez como argila molhada.

A escuridão se abateu sobre eles. Kalam olhou para cima e se levantou devagar. *Cacete, eu devia ter adivinhado.*

– Onde estamos? – exigiu saber Selv em tom de voz agudo e tenso.

– Mãe!

O assassino viu Kesen e Vaneb tropeçando em cinzas, que batiam no joelho dos dois. As cinzas estavam cheias de ossos carbonizados. Os cavalos estavam assustados, balançando a cabeça, enquanto poeira cinzenta subia como fumaça.

Pelo sopro do Encapuzado, estamos no Labirinto Imperial! Kalam estava em pé num disco largo e elevado feito de basalto cinza. O céu se misturava à terra, numa névoa sem forma nem cor. *Eu poderia torcer o seu pescoço, Ben Ligeiro!* O assassino tinha ouvido rumores de que um Labirinto assim havia sido criado. A descrição batia, mas as histórias que ouvira aqui e ali em Genabackis sugeriam que o Labirinto acabara de surgir e, portanto, não tinha mais que algumas centenas de quilômetros, formando um círculo ao redor de Unta. *Isso se quilômetros significarem alguma coisa aqui... Em vez disso, este Labirinto parece alcançar tudo até as Sete Cidades. E Genabackis? Por que não? Ben Ligeiro, poderia haver um Garra no seu ombro agora mesmo...*

As crianças haviam acalmado os cavalos e subido nas selas, agora longe do macabro monte chamuscado de terra. Kalam olhou para trás e viu Minala e Selv tentando colocar Keneb sobre a sela dele.

O assassino se aproximou de seu garanhão, que resfolegou com desdém quando ele montou e pegou as rédeas.

– Estamos num Labirinto, não é? – perguntou Minala. – Sempre acreditei que aquelas histórias sobre outros reinos não passavam de invenções elaboradas de magos e sacerdotes, criadas apenas para esconder todas as trapalhadas que faziam.

Kalam grunhiu. Já tinha sido obrigado o bastante a atravessar Labirintos e a mergulhar em turbilhões caóticos de feitiçaria para não duvidar de sua existência. Minala apenas o lembrara de que, para a maior parte das pessoas, essa era uma realidade distante, vista com ceticismo, no mínimo. *Ignorância assim é um conforto ou uma fonte de medo cego?*

– Entendo que estamos a salvo de Korbolo Dom aqui. É isso?

– Realmente espero que sim – resmungou o assassino.

– Como escolhemos uma direção? Não há pontos de referência, nem trilhas...

– Ben Ligeiro disse que é só viajar com uma intenção em mente que o Labirinto leva você até lá.

– E que destino você tem em mente?

Kalam fechou a cara e ficou em silêncio por um tempo. Depois suspirou.

– Aren.

– E estamos mesmo seguros?

Seguros? Acabamos de entrar num ninho de marimbondos.

– Veremos.

– Ah, isso é um conforto! – rosou Minala.

A imagem do menino malazano crucificado emergiu outra vez nos pensamentos do assassino. Ele olhou para os filhos de Keneb.

– Melhor isso do que arriscar um... destino diferente – resmungou ele.

– Você vai explicar esse comentário?

Kalam balançou a cabeça em negativa.

– Já chega de falar. Tenho uma cidade para imaginar.

Lostara Yil fez sua montaria andar até o buraco escancarado, entendendo logo que, embora nunca tivesse visto um antes, aquele era um portal para dentro de outro Labirinto. Suas bordas começavam a esvanecer, como uma ferida que se fechava.

Ela hesitou. O assassino tinha escolhido um atalho, uma forma de passar

pelo exército de traidores entre ele e Aren. A Lâmina Vermelha sabia que não tinha escolha senão segui-lo, pois os rastros estariam frios demais caso ela decidisse tomar o caminho mais longo até Aren. Além disso, penetrar as forças de Korbolo Dom seria algo praticamente impossível: como uma Lâmina Vermelha, fatalmente seria reconhecida, mesmo com uma armadura sem marcações como a sua.

E, apesar disso tudo, Lostara Yil hesitou.

Seu cavalo empinou, relinchando, quando uma pessoa cambaleou para fora do portal. Um homem de vestes cinzentas e de pele cinzenta – até seu cabelo era cinza – se endireitou diante dela. Ele olhou ao redor com os olhos estranhamente brilhantes e, depois, sorriu.

– Não era o buraco pelo qual eu esperava sair – disse, num malazano cadenciado. – Minhas desculpas se a assustei.

Ensaçou uma reverência e, como resultado, nuvens de poeira saíram dele em cascatas. A cor do homem vinha, de fato, de cinzas, como Lostara percebeu. Uma pele escura se revelou em trechos do rosto magro do homem.

Ele a fitou com ar de quem compreendia.

– Você carrega um aspecto sigiloso. Oculto.

– O quê? – Ela levou a mão na direção do punho de sua espada.

O homem percebeu o movimento e seu sorriso se alargou.

– Você é uma Lâmina Vermelha. Uma oficial, na verdade. Isso nos torna aliados.

Os olhos dela se estreitaram.

– Quem é você?

– Me chame de Pérola. Agora, parece que você estava prestes a entrar no Labirinto Imperial. Sugiro que façamos isso antes de continuarmos nossa conversa, antes que o portal se feche.

– Você não consegue mantê-lo aberto, Pérola? Afinal, estava viajando por ele...

O homem franziu a testa de forma tão exagerada que pareceu zombar

dela.

– Infelizmente, esta é uma porta onde nenhuma porta deveria ser possível. Admito que ao norte daqui o Labirinto Imperial está cheio de... intrusos inoportunos. No entanto, seus meios de entrar são muito mais... digamos... *primitivos*, em sua natureza. Então, já que este portal claramente não foi feito por você, sugiro que tomemos vantagem imediata de sua presença.

– Não até eu saber quem você é, Pérola. Ou melhor, *o que* você é.

– Sou um Garra, é claro. Quem mais tem o privilégio de viajar pelo Labirinto Imperial?

Ela meneou a cabeça na direção do portal.

– Alguém acabou de dar esse privilégio a si mesmo.

Os olhos de Pérola reluziram.

– E você deve me contar a respeito disso, Lâmina Vermelha.

Ela ficou sentada em silêncio, pensando, depois aquiesceu.

– Sim. Excelente. Acompanharei você.

Pérola deu um passo para trás e acenou com a mão enluvada.

Lostara Yil bateu com os calcanhares nos flancos de sua montaria.

O buraco providenciado por Ben Ligeiro, aquele osso raspado no jogo, demorou mais tempo para se fechar do que o previsto. Sete horas depois que a Lâmina Vermelha e o Garra haviam sumido dentro do Labirinto Imperial, as estrelas brilhavam no céu sem lua e o portal continuava escancarado, com as linhas vermelhas de suas extremidades desbotando até adquirirem uma coloração magenta fraca.

Sons fluuavam para dentro da clareira, ecos de pânico e alarme no acampamento de Korbolo Dom. Grupos de cavaleiros partiam em todas as direções, levando tochas. Magos acionavam seus Labirintos, buscando rastros através do agora perigoso caminho de feitiçaria.

Mil e trezentas crianças malazanas haviam sumido. A libertação não

tinha sido detectada pelos piquetes nem pelas patrulhas montadas. As cruces de madeira em forma de X estavam vazias, apenas com manchas de sangue, urina e excrementos para mostrar que seres vivos um dia haviam sido pendurados ali, em agonia.

Na escuridão, a planície estava estranhamente viva. Nela, sombras flutuavam, sem fonte aparente, sobre a relva imóvel.

Apto caminhou silenciosamente pela clareira, com suas presas em forma de punhais brilhando em seu sorriso natural. Seu couro preto brilhava de suor e os pelos grossos e espinhosos estavam molhados de orvalho. Parou ereta, segurando o corpo flácido de um menino com seu único membro dianteiro. Sangue pingava das mãos e dos pés da criança e seu rosto tinha sido horrivelmente mastigado e bicado, deixando-o sem olhos e com um buraco vermelho imenso no lugar onde antes ficava o nariz. Respirações fracas de pulmões rasos e febris eram reveladas por meio de plumas enevoadas que flutuavam, desamparadas, na clareira.

O demônio se agachou e esperou.

Sombras se reuniram, vertendo como líquido entre as árvores, até que pairassem sobre o portal.

Apto virou a cabeça e abriu bem a boca, em algo semelhante a um bocejo canino.

Uma silhueta vaga tomou forma nas sombras. Os olhos brilhantes de Cães de guarda apareceram ao lado da figura.

– Pensei que tinha perdido você – sussurrou Trono Sombrio para o demônio. – Presa tanto tempo por Sha'ik e sua deusa condenada. Mas nesta noite você retorna, não sozinha... Ah, não, não sozinha, aptória... Você se tornou ambiciosa desde que era apenas a concubina de um senhor de demônios. Diga, minha querida: o que vou fazer com mais de mil mortais moribundos?

Os Cães encaravam Apto como se o demônio fêmea fosse uma refeição em potencial.

– Sou um cortador? Um curandeiro? – A voz de Trono Sombrio subia,

oitava por oitava. – Cotillion é um tio amável? Meus Cães são animais de fazenda, ou filhotes para os órfãos? – A sombra que era o deus chamejou, selvagem. – Você ficou completamente insana?

Apto falou numa série de cliques e sibilos rápidos e roucos.

– Claro que Kalam queria salvá-los! – guinchou Trono Sombrio. – Mas *ele*, pelo menos, sabia que era impossível. Só a *vingança* era possível! Mas, agora? Agora devo exaurir meus poderes para curar mil crianças mutiladas! E para quê?

Apto falou de novo.

– Servos? E *qual* você acha que é o tamanho do Torreão da Sombra, sua imbecil de um braço? – retrucou o deus

O demônio nada disse; seu olho multifacetado e cor de ardósia brilhava à luz das estrelas.

Trono Sombrio levantou os ombros de repente, e sua capa nebulosa o envolveu como um abraço.

– Um exército de servos – sussurrou. – *Servos*. Desamparados pelo Império, abandonados a seus próprios destinos nas mãos dos bandoleiros de Sha'ik, sedentos de sangue. Haverá... *ambivalência*... em suas almas machucadas e maleáveis... – O deus ergueu o olhar para o demônio. – Vejo benefícios a longo prazo no seu ato precipitado, demônio. Sorte a sua!

Apto sibilou e emitiu mais estalidos.

– Você quer para você o que está segurando? E se você for mesmo voltar a guardar o assassino Queimador de Pontes... como vai conseguir coordenar tais responsabilidades conflitantes?

O demônio respondeu. Trono Sombrio falou, em meio a uma chuva de saliva:

– Que ousadia, sua vaca mimada! Não me surpreende que você tenha saído das graças do lorde Aptório! – Ele ficou em silêncio. Em seguida, depois de um momento, flutuou para a frente. – Cura forçada exige um preço – murmurou. – A carne se recupera enquanto a mente se contorce com a lembrança da dor, a clava do desamparo. – Ele ergueu a mão coberta

pela manga até a testa do garoto. – A criança que cavalgará você será... imprevisível. – Sibilou uma risada quando as feridas do garoto começaram a se fechar e carne nova se formou no rosto devastado. – Que tipo de olhos você quer que ele tenha, minha querida?

Apto respondeu.

Trono Sombrio pareceu sobressaltar-se. Depois, riu de novo, áspero e rouco dessa vez.

– Os olhos são o prisma do amor, não são? Você vai andar de mãos dadas com o peixeiro no Dia de Mercado, minha querida?

A cabeça do menino deu um solavanco para trás, tendo a estrutura dos ossos alterada; as duas órbitas gêmeas se mesclaram, formando uma maior, acima do nariz, que se ramificou para ambos os lados, depois subiu até a extremidade da órbita única, numa crista fina e elevada. Um olho que se igualava ao do demônio surgiu, embaçado num primeiro momento.

Trono Sombrio deu um passo para trás para examinar sua obra.

– Ai – sussurrou. – Quem é que agora olha para mim através de tal prisma? Abismo Abaixo, não responda! – O deus girou abruptamente para encarar o portal. – Hábil Ben Ligeiro... Conheço seu trabalho. Ele poderia ter ido longe sob minha tutela...

O menino malazano subiu com esforço nas costas de Apto até ficar sentado sobre sua escápula estreita e protuberante. O corpo frágil dele balançava devido ao trauma da cura forçada e de uma eternidade pregado a uma cruz. Ainda assim, seu rosto medonho mostrava um sorriso vagamente irônico, numa linha que se igualava perfeitamente à do demônio.

Apto se aproximou do portal. Trono Sombrio gesticulou.

– Vá logo, então. Rastreie aqueles que andam atrás do Queimador de Pontes. Os soldados de Whiskeyjack sempre foram leais, pelo que me lembro. Kalam não parece querer beijar as bochechas de Laseen quando a encontrar, estou certo disso.

Apto hesitou, depois falou uma última vez. Havia preocupação no tom do deus ao responder:

– Aquele meu sumo sacerdote é alarmante até para mim. Se ele não conseguir enganar os caçadores do Caminho das Mãos, meu precioso reino, que já viu mais intrusos do que eu gostaria ultimamente, vai se tornar mesmo muito lotado... – Trono Sombrio balançou a cabeça. – Era uma tarefa simples, no fim das contas. – Ele começou a se afastar, flutuando, e seus Cães o seguiram. – Eu me pergunto se alguém consegue encontrar uma ajuda confiável e competente hoje em dia...

Um momento depois, Apto estava sozinha com o garoto; as sombras deslizaram e sumiram.

O portal tinha começado a enfraquecer, fechando devagar a ferida entre os reinos. O demônio falou, rouco, palavras reconfortantes. O menino assentiu.

Entraram no Labirinto Imperial.

CAPÍTULO 12

Eras revelaram o Deserto Sagrado.

O Raraku já foi um mar ocre.

Ela estava parada ao vento,

no orgulho da ambição,

e viu frotas antigas –

barcos de osso, velas de cabelo

desbotado disparando o penacho

para onde as águas deslizavam

sob as areias

do deserto por vir.

O Deserto Sagrado, Anônimo

Havia uma linha de cabras brancas selvagens no topo do tel conhecido como Samon, recortado naquele dia contra um céu surpreendentemente azul. Como deuses bestiais esculpidos em mármore, elas observavam o extenso comboio cortar o vale, coberto por uma imensa nuvem de poeira. O fato de serem sete era em si um presságio e Duiker reparou nisso quando passou por elas, cavalgando, junto à patrulha wickana do clã dos Cachorros Tolos que flanqueava a parte sul.

Novecentos passos atrás do historiador marchavam cinco companhias do Sétimo, com pouco menos de mil soldados, enquanto à mesma distância, ainda mais para trás, vinha outra patrulha de 250 wickanos. As três unidades formavam agora a guarda sul dos refugiados, que chegavam a cinquenta mil, bem como do gado, que juntos compunham a coluna principal. As forças da parte norte espelhavam as do sul. Um círculo interno de soldados

hissarianos leais, da infantaria e da marinha, espalhava-se pelas extremidades da coluna, caminhando ao lado dos desafortunados civis.

A retaguarda de mil wickanos de cada um dos clãs cavalgava em meio à poeira do comboio quase 4 quilômetros a leste da posição de Duiker. Apesar de estarem divididos, cavalgando em tropas de cerca de dez integrantes, a tarefa deles era impossível. Batedores tithanos beliscavam a cauda surrada da coluna de refugiados, fazendo escaramuças contra os wickanos, num conflito eterno e contínuo. A retaguarda do comboio de Coltaine era uma ferida sangrando que nunca deixavam fechar.

A vanguarda dos refugiados era protegida pelas unidades sobreviventes do destacamento de cavalaria do Sétimo, relativamente bem equipadas, sendo pouco mais de duzentos cavaleiros no total. À frente deles iam os nobres malazanos em suas carruagens e carroças, flanqueados dos dois lados por dez companhias de infantaria do Sétimo. Cerca de mil soldados adicionais, também do Sétimo – os feridos que conseguiam caminhar –, serviam aos nobres como uma vanguarda própria, enquanto à frente deles iam carroças com cortadores e os feridos dos quais estavam encarregados. À frente de toda a coluna estavam Coltaine e mil cavaleiros de seu clã dos Corvos.

Mas havia refugiados demais e pouquíssimos soldados em reais condições de luta. Apesar de todos os esforços malazanos, o comboio era atingido constantemente pelos grupos de ataque de Kamist Reloe, que agiam como víboras num caos brilhantemente coordenado. Um novo comandante tinha chegado ao exército do Apocalipse de Reloe: um líder de guerra tithano anônimo, encarregado de assolar o comboio dia e noite enquanto ele rastejava dolorosamente na direção oeste, como uma serpente que, apesar de ensanguentada e exaurida, se recusava a morrer. E era justamente esse guerreiro que agora constituía a ameaça mais séria a Coltaine.

Um massacre lento e calculado. Estão brincando conosco. A poeira infundável vinha arranhando a garganta do historiador até deixá-la em carne viva, fazendo de cada ato de engolir uma verdadeira agonia. Estavam ficando

perigosamente sem água e as lembranças do rio Sekala eram um ardente desejo seco. A mortandade de parte do gado, que ocorria todas as noites, acabou sendo intensificada, como forma de libertar os animais de seu sofrimento. Os animais abatidos eram, depois, cortados e usados para dar sabor aos gigantescos caldeirões do cozido de sangue, tutano e aveia que era a principal alimentação de todos ali. A cada noite, o acampamento virava um abatedouro de animais gritando e o ar dos matadouros ficava repleto de rhizanos e mariposas-do-lixo. A cacofonia de todos aqueles sons e o caos de cada crepúsculo tinham esfolado os nervos de Duiker – e o historiador não estava sozinho nisso. A loucura assombrava os dias daquelas pessoas, perseguindo-as tão implacavelmente quanto Kamist Reloe e seu imenso exército.

O cabo Lista cavalgava ao lado do historiador num silêncio amortecido, com a cabeça abaixada até o peito e os ombros afundados. Ele parecia envelhecer diante dos olhos de Duiker.

Seu mundo tinha ficado menor. Nós cambaleamos em extremos, vistos e não vistos. Estamos reduzidos, mas desafiadores. O tempo perdeu o sentido para nós. O deslocamento interminável só é quebrado por sua ausência embotada: o choque do descanso, dos berrantes soando para anunciar o fim do penoso caminhar diário. Naquele momento, enquanto a poeira continua a rodopiar, ninguém se mexe. Parados, incrédulos por mais um dia ter passado e ainda estarmos vivos.

Duiker tinha ido ao acampamento de refugiados naquela noite, vagando, então, entre as fileiras irregulares de tendas, alpendres e carroças com dosséis. Seus olhos absorveram tudo com um distanciamento perverso. *O historiador, agora testemunha, tropeça na ilusão de que vai sobreviver. O bastante para colocar os detalhes no pergaminho, na crença frágil de que a verdade é uma causa que vale a pena. Que a história se torne uma lição a ser aprendida. Crença frágil? Mentira absoluta, uma ilusão do pior tipo. A lição da história é que ninguém aprende.*

Crianças morriam. Ele tinha se agachado, colocando a mão sobre o

ombro de uma mãe, e esperado com ela enquanto a vida se esvaía do bebê em seus braços. *Como a luz de um lampião a óleo, fraquejando, fraquejando, piscando até acabar. O momento em que a luta já está perdida, entregue, e o coração minúsculo diminui a velocidade por si só, depois para, em silenciosa surpresa. E nunca mais desperta.* Foi então que a dor preencheu as vastas cavernas dentro dos vivos, destruindo tudo o que tocava com sua fúria contra a injustiça.

Incapaz de competir com as lágrimas da mãe, ele seguira adiante. Vagando, sujo de terra, suor e sangue, ia se tornando uma presença espectral, um pária autoproclamado. Tinha parado de ir às reuniões noturnas de Coltaine, apesar de receber ordens diretas de que fizesse o contrário. Acompanhado pelo cabo Lista, cavalgava com os wickanos, para os flancos e para a retaguarda, e marchava com o Sétimo, com os leais hissarianos, com os soldados navais, sapadores, nobres e os sangue-sujo – como os refugiados plebeus haviam começado a chamar a si mesmos.

Duiker pouco dizia em meio a tudo isso, de forma que sua presença se tornara corriqueira o suficiente para permitir que as pessoas relaxassem à sua volta. Não importavam quais fossem as privações, sempre parecia energia demais para se gastar com opiniões.

Coltaine é mesmo um demônio, como uma piada de humor negro que Laseen resolveu jogar sobre todos nós. Ele tem uma espécie de pacto com Kamist Reloe e Sha'ik: esta revolta não passa de uma charada elaborada desde a chegada do Encapuzado para abraçar o reino dos humanos. Fizemos reverências para nosso padroeiro com rosto de caveira e, como pagamento por todo o sangue derramado, Coltaine, Sha'ik e Laseen vão ascender até ficarem ao lado do Encoberto.

O Encapuzado se revela no voo dessas mariposas-do-lixo. Ele mostra sua face outra vez e mais outra, cumprimentando cada crepúsculo com um sorriso voraz no céu que vai obscurecendo.

Os wickanos fizeram seu pacto com os espíritos da terra. Estamos aqui para virar solo fértil...

Você tomou o caminho errado, amigo. Somos um passatempo para a deusa do Furacão, nada mais. Somos uma lição que levou muito tempo para ser dada.

O Conselho dos Nobres está comendo crianças.

Onde você ouviu isso?

Alguém se deparou com um banquete macabro ontem à noite. O Conselho apelou aos sombrios deuses ancestrais a fim de que os conselheiros continuassem gordos...

Para quê?

Continuarem gordos, eu disse. Verdade. E agora espíritos bestiais vagam pelo acampamento à noite, angariando crianças mortas, ou perto disso o suficiente para não fazer diferença, só que essas últimas são mais suculentas.

Você enlouqueceu...

Ele pode ter encontrado algo nisso, amigo! Eu mesmo vi ossos roídos de manhã, todos empilhados... Sem crânios, mas os ossos bem que pareciam humanos, só muito pequenos. Você não toparia um bebê assado agora, hein? Em vez de meia caneca do lodo marrom que estão nos dando ultimamente?

Ouvi falar que o exército de Aren está a apenas alguns dias de distância, liderado pelo próprio Pormqual. Ele também traz legiões de demônios consigo...

Sha'ik está morta. Você ouviu o lamento dos semkeses na outra noite, não ouviu? E agora eles estão usando cinzas e óleo como uma segunda pele. Alguém no Sétimo me disse que ficou cara a cara com um na emboscada da noite passada, na refrega no charco seco. Disse que os olhos do semkês eram abismos negros, opacos como pedras empoeiradas, eles eram. Até quando o soldado trespassou o bastardo com sua espada, nada apareceu nos olhos dele. Estou falando, Sha'ik está morta.

Ubaryd foi libertada. Vamos nos virar para o sul logo, você vai ver. É a única coisa que faz sentido. Não há nada a oeste daqui. Nada mesmo...

Nada mesmo...

– Historiador!

O grito áspero em sotaque falariao veio do cavaleiro coberto de poeira cuja montaria acompanhava Duiker. Era o capitão Bonança, do Braço de Cartheron, com seu cabelo vermelho comprido descendo em mechas oleosas debaixo do elmo. O historiador piscou para ele.

O soldado grisalho abriu um sorriso largo.

– Dizem que você está doido, velho.

Duiker balançou a cabeça.

– Estou seguindo o comboio – disse o historiador, de forma inexpressiva, limpando a areia que fazia seus olhos arderem.

– Temos um líder guerreiro tithano que precisa ser encontrado, caçado e capturado – falou Bonança, com os olhos semicerrados sobre Duiker. – Sormo e Bult indicaram alguns nomes para a tarefa.

– Eu os registrarei obedientemente em minha Lista dos Caídos.

O capitão soltou uma respiração sibilante entre dentes.

– Pelo Abismo Abaixo, velho, eles ainda não estão mortos... Nós ainda não estamos mortos, cacete! De todo modo, estou aqui para informá-lo de que seu nome foi um dos indicados. Partiremos esta noite, na décima badalada. Nos reuniremos no fogareiro de Nil, perto do nono.

– Eu recuso a oferta – disse Duiker.

O sorriso de Bonança voltou.

– Pedido negado, e vou ficar a seu lado para que você não escape, como está acostumado a fazer.

– Que o Encapuzado o leve, seu canalha!

– Sim, logo.

Nove dias até o rio P'atha. Nós nos contorcemos para atingir cada objetivo, por menor que seja; existe uma genialidade nisso. Coltaine oferece o ligeiramente possível para nos enganar e conseguirmos o impossível. O caminho todo até Aren. Mas, apesar de sua ambição, nós falharemos. Falharemos até os ossos.

– Matamos o líder guerreiro e outro assumirá seu lugar – disse Duiker depois de um tempo.

– Provavelmente não tão talentoso, nem corajoso o suficiente para cumprir a tarefa a ele designada. Uma parte dele deve saber: se seus esforços forem medíocres, provavelmente o deixaremos viver. Se ele demonstrar brilhantismo, nós o mataremos.

Ah, isso soa como Coltaine. Suas flechas bem direcionadas, de medo e incerteza. Ele ainda não errou o alvo. Enquanto ele não falhar, é, de fato, infalível. O dia em que ele finalmente cometer um deslize, demonstrar imperfeição, esse será o dia em que nossas cabeças vão rolar. Nove dias até água fresca. Matamos o guerreiro tithano e chegaremos lá. Fazê-los titubear com cada vitória, deixá-los respirarem com cada derrota... Coltaine os treina como faria com animais e eles nem se dão conta disso.

O capitão Bonança se inclinou sobre o chifre da sela.

– Cabo Lista, você está acordado? – perguntou o capitão. O jovem ergueu a cabeça e a virou de um lado para outro. – Cacete, historiador – grunhiu Bonança. – O moleque está com febre por falta de água.

Duiker olhou para o cabo. Percebeu a cor intensa que transparecia pelas faixas de poeira nas bochechas fundas de Lista e os olhos brilhantes demais.

– Ele não estava assim de manhã...

– Onze horas atrás!

Onze?

O capitão virou o cavalo; seus gritos por um curandeiro se sobrepuseram ao estrondo incessante de cascos, rodas de carroças e incontáveis passos, que fazia o comboio rugir incessantemente.

Onze?

Animais se moviam em meio às nuvens de poeira. Bonança retornou trazendo com ele Nether, a menina que parecia minúscula perto do ruano imenso e musculoso que ela cavalgava. O capitão pegou as rédeas do cavalo de Lista e as entregou a Nether. Duiker observou enquanto a garota wickana guiava o cabo para longe dali.

– Estou quase pedindo a ela que cuide de você depois – disse Bonança. – Pelo sopro do Encapuzado, homem, quando foi a última vez que você bebeu

um gole de água?

– Que água?

– Temos tonéis para os soldados. Você pega um odre toda manhã, historiador, lá onde ficam as carroças com os feridos. A cada crepúsculo você traz o odre de volta.

– Tem água no cozido, não tem?

– Leite e sangue.

– Se sobram tonéis para os soldados, e quanto a todos os demais?

– Eles têm o que quer que tenham conseguido trazer consigo do rio Sekala – disse Bonança. – Vamos protegê-los, sim, mas não vamos ser a mãe deles. Água se tornou dinheiro, ouvi dizer, e o comércio é feroz.

– Crianças estão morrendo.

Bonança assentiu.

– É um breve resumo da raça humana, eu diria. Quem precisa de tomos e tomos de história? Crianças estão morrendo. As injustiças do mundo se escondem nessas três palavras. Pode usar isso como citação, Duiker, e seu trabalho estará feito.

O desgraçado está certo. Economia, ética, os jogos dos deuses... Tudo dentro de uma única afirmação trágica. Vou citar você, soldado. Tenha certeza disso. Uma velha espada, marcada, cega e amassada, que corta direto até o coração.

– Você me torna humilde, capitão.

Bonança grunhiu e passou um odre de água ao historiador.

– Duas goladas. Não force ou vai engasgar – disse. Duiker deu um sorriso seco. – Acredito que você tenha mantido aquela tal Lista dos Caídos – continuou o capitão.

– Não, temo que eu... tenha falhado nos últimos tempos – confessou Duiker. Bonança assentiu, tenso. – Como estamos, capitão?

– Tomando uma surra. Das piores. Cerca de vinte mortos por dia, o dobro de feridos. Víboras na poeira, aparecendo de repente, flechas voam, um soldado morre. Enviamos tropas de wickanos em perseguição, eles caem em emboscadas. Mandamos outras, temos um problema ainda maior nas

mãos, deixando flancos abertos dos dois lados. Refugiados tomam porrada, pastores levam estocadas e perdemos mais alguns animais. A menos que aqueles cachorros wickanos estejam por perto, aquelas feras sórdidas. Mas note que o número deles está caindo também.

– Em outras palavras, isso não pode continuar por muito tempo.

Bonança mostrou os dentes, um brilho branco em meio à barba cinza com mechas ruivas.

– É por isso que vamos atrás da cabeça do líder guerreiro. Quando chegarmos ao rio P’atha, haverá outra batalha em grande escala. Ele não está convidado.

– Outra travessia disputada?

– Não, o rio bate na canela e vai ficando mais raso conforme a estação passa. É mais provável que a disputa ocorra no outro lado, porque a trilha passa por um campo difícil. Vamos encontrar problemas por lá. Em todo caso, ou conseguimos um espaço para respirar, ou seremos carne roxa sob o sol, e então nada mais terá importância.

Os berrantes wickanos soaram.

– Ah, acabamos – disse Bonança. – Descanse um pouco, velho. Vamos achar um lugar no acampamento dos Cachorros Tolos. Vou acordá-lo com uma refeição em algumas horas.

– Vá na frente, capitão.

Lutando por algo que não era visível na relva alta, a matilha de cães pastores wickanos parou para ver Duiker e Bonança andarem depressa à distância de uns vinte passos. O historiador franziu a testa ao olhar as musculosas feras sarapintadas.

– Melhor não olhá-los diretamente no olho – disse Bonança. – Você não é wickano, e eles sabem.

– Eu só queria saber o que eles estão comendo.

– Não é algo que você queira descobrir.

– Andam falando sobre túmulos de crianças desenterradas...
– Como falei, você não quer saber, historiador.
– Bem, alguns dos sangues-sujos mais fortes andaram montando guarda nesses túmulos...

– Se eles não acharam sangue wickano no meio da sujeira, devem estar arrependidos.

Os cachorros voltaram a morder e a brigar assim que os homens passaram.

Fogueiras tremeluziam ao longo do acampamento adiante. Uma última fileira de defensores patrulhava o perímetro das tendas circulares de couro. Eram velhos e jovens, em uma vigilância silenciosa e vagamente sinistra que se equiparava à dos cães pastores. Bonança e Duiker adentraram o enclave wickano.

– Tenho a sensação de que o apego pela causa está esfriando entre essas pessoas, no que se refere à proteção dos refugiados... – resmungou Duiker.

O capitão fez uma careta, mas nada disse.

Continuaram, andando em zigue-zague em meio às fileiras de tendas. Fumaça pairava pesadamente no ar, assim como o cheiro de urina de cavalo e de ossos fervidos. Esse último era pungente, mas estranhamente doce.

Duiker parou ao passarem perto de uma velha que remexia uma das panelas de ferro cheias desses ossos. O que quer que cozinhasse ali, não era inteiramente água. A mulher usava uma espátula gorda de madeira para recolher a gordura e o tutano de osso coagulados na superfície, enfiando-os numa tripa que, mais tarde, seria torcida e amarrada na forma de chouriço.

A velha notou o historiador e ergueu a espátula de madeira, como faria se a oferecesse a uma criança pequena para lambê-la. Viam-se pedacinhos de sálvia na gordura; era uma erva que Duiker já amara, mas que agora começava a detestar, já que era uma das únicas nativas no Odhan. Sorriu e fez que não com a cabeça.

Quando Duiker alcançou Bonança, o capitão disse:

– Você é conhecido, velho. Dizem que caminha no mundo dos espíritos.

Aquela velha vivandeira não teria oferecido comida a qualquer um. Com certeza, não para mim.

O mundo dos espíritos. Sim, andei por lá. Uma vez. Nunca mais.

– Ela vê um velho em farrapos imundos...

– E ele foi tocado por um deus, sim. Não zombe em voz alta. Isso pode salvar sua pele um dia.

O fogareiro de Nil era diferente de todos os outros à vista, pois não havia uma panela sobre ele nem estava emoldurado por cremalheiras secas adornadas por tiras de carne em processo de defumação. O esterco que queimava dentro do pequeno círculo de pedras mal soltava fumaça, revelando uma chama nua, tingida de azul. O jovem bruxo estava sentado ao lado do fogo, pregueando tiras de couro habilmente com as mãos. Parecia estar fazendo um chicote.

Quatro dos soldados navais de Bonança estavam agachados por perto, verificando mais uma vez suas armas e armaduras. As bestas de ataque haviam sido engraxadas recentemente, depois besuntadas de poeira oleosa para remover o brilho.

Um olhar disse a Duiker que aqueles eram soldados endurecidos, veteranos, o que se depreendia de seus movimentos econômicos e seus preparativos profissionais. Nem o homem nem as três mulheres tinham menos de 30 anos e nenhum deles falou qualquer coisa ou sequer olhou para cima quando o capitão se juntou a eles.

Nil assentiu para Duiker e o historiador se agachou diante dele.

– A noite promete ser fria – disse o garoto.

– Você encontrou a localização desse líder de guerra?

– Não com precisão. Uma área geral. Ele pode estar usando alguma proteção menor contra detecção; uma vez perto, isso não o ajudará.

– Como você caça alguém que só se distingue por sua competência, Nil?

O jovem deu de ombros.

– Ele deixou... outros sinais. Nós o encontraremos; isso é certo. E depois é com eles... – Indicou os soldados com a cabeça. – Eu compreendi uma

coisa nos últimos meses nesta planície, historiador.

– O quê?

– O soldado malazano profissional é a arma mais mortal que conheço. Se Coltaine tivesse três exércitos em vez de três quintos de um, ele acabaria com essa rebelião antes do final do ano. E seria uma vitória tão definitiva que o continente das Sete Cidades jamais se insurgiria outra vez. Nós poderíamos esmagar Kamist Reloe agora mesmo, se não fossem os refugiados que juramos proteger.

Duiker assentiu. Havia verdade suficiente naquilo.

Os sons do acampamento eram uma ilusão abafada de normalidade, um abraço que vinha de todos os lados e chegava a perturbar o historiador. Estava perdendo a habilidade de relaxar, percebeu Duiker com frieza. Pegou um graveto e o jogou na direção do fogo. A mão de Nil agarrou o pedaço de madeira no ar.

– Este, não – disse ele.

Outro bruxo jovem chegou, com os braços finos e ossudos exibindo cicatrizes altas dos pulsos até os ombros. Ele se agachou ao lado de Nil e cuspiu uma vez no fogo.

Não houve chiadeira em resposta.

Nil se endireitou, deixando de lado o cordão de couro, e olhou para Bonança e seus soldados. Todos estavam prontos.

– É hora? – questionou Duiker.

– Sim.

Nil e seu companheiro bruxo guiaram o grupo pelo acampamento. Poucos do clã olharam em sua direção e levou alguns minutos até que Duiker percebesse que aquela aparente indiferença casual era, na verdade, deliberada, talvez algum tipo de demonstração cultural de respeito. *Ou outra coisa totalmente diferente. Olhar é tocar com mãos fantasmas, afinal de contas.*

Alcançaram a extremidade norte do acampamento. Neblina soprou sobre a planície além das barreiras de vime. Duiker franziu a testa.

– Eles vão saber que não é natural – resmungou o historiador.

Bonança grunhiu.

– Planejamos uma distração, é claro. Três pelotões de sapadores estão por aí neste exato momento, com sacos cheios dos mais divertidos...

Ele foi interrompido por uma detonação vinda do nordeste, seguida de uma pausa. Gritos fracos soaram na escuridão encoberta e, logo depois uma sucessão de novas explosões abalou o ar noturno.

A neblina engoliu os lampejos, mas Duiker reconheceu o estalido característico de afiadoras e o assobio latejante de condenadoras. Mais gritos e o baque veloz de cascos de cavalos convergindo para nordeste.

– Agora deixamos as coisas se resolverem – disse Bonança.

Minutos se passaram; os gritos distantes enfraqueceram.

– Bult finalmente conseguiu encontrar aquele capitão dos sapadores? – perguntou o historiador depois de um tempo.

– Não vimos a cara dele em nenhuma das reuniões de instrução, se é o que você quer dizer. Mas ele está por aí. Em algum lugar. Coltaine finalmente reconheceu que o cara é tímido.

– *Tímido?*

Bonança deu de ombros.

– Uma piada, historiador. Lembra delas? – O capitão viu que Nil encarava os dois. – É isso – concluiu. – Chega de falar.

Meia dúzia de guardas wickanos puxaram os espigões que ancoravam uma das barreiras de vime, depois a baixaram para o chão sem fazer barulho. Um couro espesso foi desenrolado sobre ela, a fim de encobrir o rangido inevitável da passagem do grupo.

A névoa do outro lado se dissipava, formando pequenos aglomerados. Uma das nuvens flutuou até se estabelecer ao redor do grupo, acompanhando-os enquanto entravam na planície.

Duiker desejou ter feito mais perguntas antes. Qual a distância até os piquetes do acampamento inimigo? Qual era o plano para passar por eles sem serem descobertos? Como seria a retirada, caso as coisas dessem errado? Colocou a mão no cabo da espada curta presa a seu quadril e ficou

alarmado com a estranheza que sentiu – fazia muito tempo desde que usara uma arma. *Ser tirado das linhas de frente foi a recompensa que recebi do imperador, tantos anos atrás. Isso e as alquimias que me mantêm cambaleando por aí, mesmo bem depois de meu apogeu. Deuses, até as cicatrizes daquele último terror evanesceram com o tempo! “Ninguém que cresceu em meio a pergaminhos e livros pode escrever sobre o mundo”, dissera Kellanved uma vez, “e é por isso que estou nomeando você historiador imperial, soldado”.*

“Imperador, não sei ler nem escrever.”

“Uma mente imaculada. Bom. O Velho Toc vai lhe ensinar pelos próximos seis meses. Ele é outro soldado com cérebro. Seis meses, preste atenção. Não mais que isso.”

“Imperador, me parece que ele seria mais adequado do que eu...”

“Tenho outros planos para ele. Faça como mandei, ou eu o pendurarei empalado no muro da cidade.”

O senso de humor de Kellanved era estranho, mesmo nas melhores épocas. Duiker se lembrava daquelas aulas: era um soldado de cerca de 30 anos, tendo estado em campanha por mais da metade disso, sentado ao lado do próprio filho do Velho Toc, um coto de menino que parecia estar sempre resfriado, já que as mangas de sua blusa tinham crostas de muco seco. Foram necessários mais de seis meses, mas até o fim já era o Jovem Toc o professor.

O imperador amava lições de humildade, desde que nunca fossem jogadas de volta para ele. Eu me pergunto o que aconteceu com o Velho Toc. Sumiu depois dos assassinatos, e sempre imaginei que fosse obra de Laseen... E o Jovem Toc... Ele tinha rejeitado uma vida em meio a pergaminhos e livros... Talvez estivesse agora perdido na campanha de Genabackis...

Uma mão coberta por uma manopla agarrou o ombro do historiador, apertando com força. Duiker se concentrou no rosto desgastado de Bonança e assentiu. *Desculpe. Minha mente ainda está vagando, ao que parece.*

Haviam parado. Adiante, parcialmente oculta em meio às névoas, havia uma crista de terra amontoada cheia de lanças. As fogueiras davam um

brilho laranja à bruma do outro lado do perímetro do terraplano fortificado.

E agora?

Os dois bruxos se ajoelharam na relva, cinco passos à frente. Ambos ficaram completamente imóveis.

Aguardaram. Duiker ouvira vozes abafadas do outro lado do monte, passando devagar da esquerda para a direita, depois sumindo conforme a patrulha tithana continuava. Nil se virou e acenou.

Os soldados deslizaram para a frente, com as bestas engatilhadas. Depois de um momento, o historiador os seguiu. A boca de um túnel se abriu na terra à frente dos dois bruxos. O solo fumegou, as rochas e o cascalho estouraram com o calor. Parecia ter sido aberto à unha, por mãos com garras... de baixo para cima.

Duiker fechou a cara. Odiava túneis. Não, eles o *aterrorizavam*. Não havia nada racional nisso... *Errado de novo, há sim. Túneis desabam. Pessoas são enterradas vivas. Tudo perfeitamente racional, possível, provável, inevitável.*

Nil foi na frente, escorregando para baixo, sumindo de vista. O outro bruxo o seguiu depressa. Bonança se virou para o historiador e gesticulou para que ele seguisse.

Duiker fez que não com a cabeça.

O capitão apontou para ele, depois para o buraco, formando com os lábios a palavra “agora”.

Praguejando baixo, o historiador avançou devagar. Assim que ficou ao alcance do capitão, a mão de Bonança voou, agarrando parte da telaba empoeirada do historiador para arrastá-lo até a boca do túnel.

Duiker precisou de toda a sua força de vontade para não guinchar quando foi jogado no túnel pelo capitão, sem a menor cerimônia. Ele escorregou, arranhando as paredes a sua volta, descontrolado. Sentiu o calcanhar bater em alguma coisa no ar atrás dele. *O maxilar de Bonança, apostado. Bem feito, seu desgraçado!* A corrente de satisfação ajudou um pouco. Ele tateou pelos sedimentos de velhas enchentes até se ver envolto por um

leito rochoso quente. Um desmoronamento era improvável, disse a si mesmo, ainda que o pensamento fosse quase ininteligível naquele momento. O túnel continuava descendo; a rocha quente ficou escorregadia, depois molhada. Visões de pesadelos de afogamento substituíram os de desmoronamento.

Hesitou até a ponta de uma espada ser pressionada contra a sola gasta de seu sapato, furando, em seguida, sua carne. Soluçando, Duiker se forçou a seguir em frente.

O túnel se nivelou. Estava se enchendo de água; a rocha sangrava pelas fissuras, por todos os lados. Enquanto se arrastava, o historiador passou por cima de um riacho fresco. Parou, experimentou dar um golinho e sentiu gosto de ferro e cascalho. *Mas dá para beber.*

Aquela parte nivelada do túnel continuou por um bom tempo. O riacho se aprofundava, com velocidade alarmante. Encharcado e cada vez mais pesado por causa da roupa, Duiker prosseguiu com esforço, exausto; seus músculos começavam a falhar. O som de tosse e cuspidas atrás dele era tudo o que o fazia continuar. *Eles estão se afogando lá atrás, e eu sou o próximo!*

Alcançou um aclave e o escalou, enfiando os dedos em lama e terra. Uma esfera irregular de neblina cinzenta apareceu à frente: tinha alcançado a saída.

Mãos o agarraram e o puxaram para fora. Duiker foi rolado de lado, até pousar num leito de relva áspera. Ficou deitado arquejando, olhando para a bruma baixa pairando acima dele. Tinha vaga consciência dos soldados saindo do túnel e formando um cordão de defesa, chiando ao respirar e com as armas pingando água lamacenta. *As cordas dessas bestas vão se esticar, a menos que tenham sido mergulhadas em óleo e enceradas. Claro que foram, esses soldados não são idiotas. Estão sempre preparados para qualquer eventualidade, até nadar por baixo de uma planície empoeirada. Uma vez vi um soldado achar utilidade para um conjunto de pescaria num deserto. O que torna soldados malazanos tão perigosos? Eles têm permissão para pensar.*

Duiker se sentou.

Bonança se comunicou com os soldados por meio de gestos elaborados. Eles responderam do mesmo modo, depois avançaram devagar para dentro da névoa. Nil e o outro bruxo saíram serpenteando pela relva, indo na direção do brilho de uma das fogueiras, que adquirira um tom vermelho embotado através da neblina.

Vozes os cercavam. A rude língua tithana era falada em murmúrios baixos, dançando de modo alarmante. Duiker tinha quase certeza de que um pelotão estaria um passo atrás dele, discutindo calmamente em que parte de suas costas iriam enfiar as lanças. Quaisquer que fossem os jogos daquela neblina, o historiador suspeitava que Nil e seu colega estivessem ampliando, com magia, o efeito do som e que logo apostariam suas vidas naquela confusão auditiva.

Bonança deu um tapinha no ombro de Duiker e acenou para que ele se dirigisse ao lugar em que os bruxos haviam sumido. A neblina era impenetrável e o historiador não conseguia ver mais do que a distância de um braço à frente. Fechando a cara, o historiador ficou de bruços, deslizando a bainha da espada para a parte de trás do quadril. Depois começou a rastejar até onde Nil o aguardava.

O fogo era alto e chamas tétricas atravessavam o véu de brumas. Duiker avistou seis guerreiros tithanos, em pé ou sentados, todos parecendo embrulhados em peles. Sua respiração soltava vapor.

Espiando a cena ao lado de Nil, Duiker agora conseguia enxergar uma fina pátina de geada cobrindo o chão. O ar gelado moveu-se sobre eles a um sopro indócil do fraco vento noturno.

O historiador cutucou o bruxo, apertou para a geada com a cabeça e arqueou as sobrancelhas, questionador.

Nil respondeu com um leve dar de ombros.

Os guerreiros estavam esperando, as mãos pintadas de vermelho estendidas na direção das chamas, na tentativa de ficarem aquecidos. O cenário permaneceu assim por mais vinte respirações, até que os que estavam sentados ou agachados se levantaram e, com os outros, olharam

para uma única direção: à esquerda de Duiker.

Duas figuras apareceram à luz das chamas. O homem à frente tinha a constituição de um urso, e essa comparação era ainda mais justificada pela pele do animal que pendia de seus ombros largos. De cada lado de seus quadris se projetava um machado de atirar de uma só lâmina. A camisa de couro estava desamarrada do esterno para cima, revelando músculos sólidos e pelos grossos e emaranhados. Os riscos escarlate de tinta em suas faces o denunciavam como um líder guerreiro; cada risco simbolizava uma vitória recente. O monte de tiras recém-pintadas deixava clara a má sorte dos malazanos que caíram em suas mãos.

Atrás daquela criatura formidável vinha um semkês.

Uma suposição a menos. Pelo visto, o ódio declarado da tribo de Semk contra todos que não fossem semkeses tinha sido posto de lado, em obediência à deusa do Furacão. *Ou, mais precisamente, à destruição de Coltaine.*

O semkês era atarracado, como uma versão de aparência ainda mais belicosa do chefe de guerra tithano. Ele era peludo o suficiente para dispensar a necessidade de uma pele de urso. Vestia apenas uma tanga e uma faixa de cintos bem apertados sobre a barriga. O homem estava coberto de cinza oleosa, seu cabelo preto desganhado caía em mechas grossas e sua barba era atada com amuletos de ossos de dedos. O sorriso desdenhoso que desfigurava seu rosto tinha certo ar de permanência.

O último detalhe que se revelou quando o semkês chegou mais perto do fogo foi a costura que fechava sua boca. *Pelo sopro do Encapuzado, os semkeses levam seus votos de silêncio a sério!*

O ar ficou gelado. Um alerta fraco se espalhou no fundo da mente de Duiker e ele estendeu a mão para cutucar Nil mais uma vez.

Antes de conseguir tocar o bruxo, as bestas estalaram. Duas setas atravessaram o peito do chefe de guerra tithano, enquanto outros dois guerreiros, também tithanos, grunhiam, caindo no chão. Uma quinta seta afundou no ombro do semkês.

A terra abaixo do fogo entrou em erupção, atirando para o alto carvão e madeira em chamas. Uma fera de vários membros e pele de alcatrão saiu de lá, soltando um grito de arrepiar os ossos. Ela mergulhou entre os tithanos restantes, com suas garras rasgando armaduras e carne.

O líder guerreiro caiu de joelhos, olhando estupidamente para as setas com barbatanas de couro enterradas em seu peito. Sangue verteu quando ele tossiu; o homem se convulsionou e, então, tombou de bruços no chão empoeirado.

Um erro... O errado...

O semkês tinha arrancado a seta de seu ombro como se fosse um prego de carpinteiro. O ar ao redor dele rodopiou, branco. Com os olhos escuros fixos no espírito da terra, o guerreiro saltou para encontrá-lo.

Nil estava imóvel ao lado do historiador. Duiker se moveu para sacudi-lo, apenas para descobrir que o jovem bruxo estava inconsciente.

O outro jovem wickano estava a seus pés, recuando ante a arremetida invisível de feitiçaria. Tiras de carne e sangue eram arrancadas do bruxo; em momentos, só restavam osso e cartilagem onde havia estado seu rosto. A imagem dos olhos do rapaz explodindo fez a cabeça de Duiker girar.

Tithanos vinham de todos os lados. Arrastando Nil para trás, o historiador viu Bonança e um de seus soldados soltarem setas quase à queima-roupa nas costas do semkês. Uma lança voou da escuridão e escorregou nas costas do soldado naval, cobertas por uma cota de malha. Ambos os soldados giraram, soltando suas bestas e desembainhando facas longas para enfrentar os primeiros guerreiros a chegarem.

O espírito da terra guinchava; três de seus membros haviam sido arrancados do corpo e jaziam no chão, contorcendo-se. O semkês era um caos silencioso, ignorando as setas em suas costas, avançando de novo e de novo sobre o espírito. Frio irradiava em ondas a partir do semkês – um frio que Duiker reconheceu. *O deus semkês. Uma parte dele sobreviveu, um pedaço dele comanda um de seus guerreiros escolhidos...*

Detonações rebentaram ao sul. *Afiadoras.* Gritos preencheram a noite.

Sapadores malazanos arrombavam um buraco nas fileiras tithanas. *E eu aqui, concluindo que isto era uma missão suicida.*

Duiker continuou arrastando Nil para o sul, na direção das explosões, rezando para que os sapadores não o confundissem com o inimigo.

Cavalos ressoaram por perto. Ferro tiniu.

Uma mulher do exército apareceu ao lado de Duiker de repente, com uma das faces revestida de sangue. Ela largou a espada e puxou o bruxo das mãos do historiador, levantando o garoto para um de seus ombros sem esforço.

– Puxe essa merda de espada e me cubra! – rosnou ela, disparando.

Sem um escudo? Que o Encapuzado nos leve; não se pode usar uma espada curta sem escudo! Mas a arma já estava em sua mão, como se tivesse saltado da bainha por vontade própria. A lâmina de estanho revestido de ferro parecia penosamente pequena enquanto o historiador recuava na esteira da soldado, mantendo a arma estendida à sua frente.

Seus calcanhares atingiram algo macio e, praguejando, ele tropeçou e caiu.

A soldado olhou para trás.

– De pé, cacete! Alguém está atrás de nós!

Duiker tinha tropeçado em um corpo: um lanceiro tithano, arrastado por seu cavalo antes de a sujeira lacerada que era sua mão esquerda finalmente se soltar das rédeas. Uma estrela de lançar estava enterrada profundamente em seu pescoço. O historiador piscou – *A arma de um Garra, essa estrela...* – ao se pôr em pé. *Mais reforços invisíveis?* Sons de batalha ecoavam em meio às brumas, como se um confronto de grandes proporções estivesse prestes a acontecer.

Duiker retomou a cobertura da soldado enquanto ela prosseguia, com o corpo frouxo de Nil pendendo como um saco de nabos sobre um dos ombros.

Um instante depois, três guerreiros tithanos saíram da neblina, fazendo movimentos de ataque com suas cimitarras.

O treinamento de décadas de idade salvou o historiador da investida inicial. Ele mergulhou para baixo e se aproximou do guerreiro à direita, grunhindo quando o antebraço protegido por couro do homem estalou sobre seu ombro esquerdo. O tithano dobrou o punho e golpeou para baixo com a cimitarra. A lâmina afundou na nádega esquerda de Duiker, que arquejou. Enquanto era varrido pela dor, com um solavanco, o historiador deu um golpe ascendente com sua espada curta, atingindo abaixo da caixa torácica do guerreiro e perfurando seu coração.

Arrancando a lâmina do peito do adversário, o historiador saltou para a direita. O corpo caía entre ele e os dois guerreiros restantes, ambos com a desvantagem de serem destros. Os golpes de cimitarra passavam a apenas um braço de distância de Duiker.

A mais próxima das duas armas tinha sido virada com força suficiente para se enfiar no chão. O historiador desceu a bota com força na parte plana da lâmina, arrancando a cimitarra da mão do tithano. Duiker continuou, dando um golpe selvagem entre o ombro e o pescoço do homem, cortando sua clavícula.

O historiador se atirou atrás do guerreiro cambaleante, já desafiando o terceiro tithano. No entanto, apenas viu o homem de cara no chão: uma faca de atirar com castão de prata estava cravada na escápula do guerreiro. *Um punhal de Garra. Eu o reconheceria em qualquer lugar!*

O historiador parou, olhou ao redor, mas não viu ninguém. As brumas rodopiavam, espessas, cheirando a cinzas. Um sibilar da soldado chamou sua atenção. Ela se agachou na extremidade interior da trincheira do piquete, acenando para que ele se aproximasse.

De repente encharcado de suor, tremendo, Duiker se juntou a ela depressa.

A mulher sorria largamente.

– Aquilo foi uma luta de espadas impressionante pra cacete, velho, mas não consegui entender o que você fez com o último.

– Você não viu mais ninguém?

– Há?

Lutando para respirar, Duiker apenas balançou a cabeça. Lançou um olhar para o banco de terra onde Nil jazia, imóvel.

– O que há de errado com ele?

A soldado deu de ombros. Seus olhos azuis pálidos ainda avaliavam o historiador.

– Nós poderíamos usar você nas fileiras – disse ela.

– O que perdi em rapidez, compensei com experiência, e a experiência me diz para não entrar mais em confusões como esta. Não é um jogo para um velho como eu, soldado.

Ela fez uma careta, mas com bom humor.

– Nem para uma velha como eu. Vamos lá, a luta foi para leste... Não devemos ter problemas para atravessar a trincheira. – Ela voltou a erguer Nil sobre o ombro com facilidade.

– Vocês acertaram o homem errado, sabe...

– É, deduzimos isso depois. Aquele semkês estava possuído, não estava?

Alcançaram o declive e escolheram o caminho com cuidado, em meio às lanças cravadas na terra. Tendas queimavam no acampamento tithano, acrescentando ainda mais fumaça à neblina. Gritos e o barulho do choque de armas ainda ecoavam ao longe.

– Você viu mais alguém? – perguntou Duiker.

Ela fez que não com a cabeça.

Deram com dezenas de corpos, resultado de uma patrulha tithana atingida por umaafiadora. As lascas de ferro da granada haviam rasgado os guerreiros com eficiência terrível. Trilhas de sangue indicavam que sobreviventes haviam acabado de deixar o local.

A neblina afinava depressa à medida que se aproximavam das fileiras wickanas. Foram vistos por uma tropa de lanceiros dos Cachorros Tolos que vinha patrulhando as barreiras de vime e agora se aproximava a cavalo.

Os olhares se fixaram em Nil.

– Está vivo, mas é melhor vocês acharem Sormo – disse a soldado.

Dois cavaleiros se afastaram, galopando até o acampamento.

– Alguma notícia sobre os outros soldados? – perguntou Duiker ao guerreiro mais próximo.

– O capitão e mais um conseguiram – respondeu o wickano.

Um pelotão de sapadores emergiu das brumas. Vinham numa corrida irregular, que diminuiu para um ritmo de caminhada assim que viram o grupo.

– Duas afiadoras – disse um, com incredulidade na voz. – E o desgraçado só recuou.

Duiker deu um passo à frente.

– Quem, soldado?

– Aquele semkês peludo...

– Não é mais peludo – cortou outro sapador.

– Fazíamos parte da missão de extermínio – disse o primeiro homem, mostrando um sorriso manchado de vermelho. – O machado de Coltaine. Vocês eram o gume, nós éramos a cunha. Martelamos aquele ogro, mas não ajudou nada...

– O sargento levou uma flechada – disse o outro sapador. – O pulmão dele está sangrando...

– Só um deles, e foi uma espetadela – corrigiu o sargento, pausando para cuspir. – O outro ainda está bom.

– Não dá para respirar sangue, sargento...

– Compartilhei a tenda com você, moleque. Já respirei coisa pior.

O pelotão continuou discutindo se o sargento devia ou não procurar um curandeiro. A soldado os encarou, balançando a cabeça. Depois ela se virou para o historiador.

– Vou deixá-lo falar com Sormo, senhor, se estiver tudo bem.

Duiker assentiu.

– Dois dos seus amigos não conseguiram voltar...

– Mas um, sim. Da próxima vez que eu quiser praticar luta com espadas, vou procurá-lo, senhor.

– Minhas articulações já estão meio emperradas, soldado. Você vai ter que me escorar.

Ela baixou gentilmente Nil até a relva, depois se afastou.

Dez anos atrás, eu teria coragem de perguntar se ela... Bem, não importa. Imagine as discussões perto da fogueira, ao cozinhar...

Os dois cavaleiros wickanos voltaram, trazendo um trenó atrelado a um cão pastor de aparência brutal. Em alguma ocasião no passado, sua cabeça tinha sido esmagada por um casco e os ossos haviam sido curados de maneira assimétrica, dando ao animal um eterno rosnado maníaco que parecia bem apropriado ao brilho perverso de seus olhos.

Os cavaleiros desmontaram e deitaram Nil no trenó com cuidado. Abrindo mão de sua escolta, o cachorro se afastou, de volta ao acampamento wickano.

– Aquele animal era feio – disse o capitão Bonança por trás do historiador.

Duiker grunhiu.

– Prova de que seus crânios são puro osso e nada de cérebro.

– Ainda perdido, velho?

O historiador fechou a cara.

– Por que não me disse que tínhamos ajuda escondida, capitão? Quem eram? De Pormqual?

– Do que, em nome do Encapuzado, você está falando?

Ele se virou.

– Do Garra. *Alguém* estava dando cobertura para nossa retirada. Usando estrelas e punhais e movendo-se nas sombras, como um maldito sopro do Encapuzado nas minhas costas! – disse o historiador. Bonança apenas arregalou os olhos. – Que outros detalhes Coltaine está mantendo para si mesmo? – continuou Duiker.

– Sem chance de Coltaine saber alguma coisa sobre isso, Duiker – disse Bonança, balançando a cabeça. – Se você tem certeza do que viu... e acredito em você... então o Punho vai querer saber. Agora.

Pelo menos que Duiker se lembrasse, aquela era a primeira vez que via Coltaine parecer confuso. O Punho estava imóvel, em pé, como se de repente começasse a suspeitar de que havia alguém atrás dele, com lâminas invisíveis e a apenas um passo de dar o golpe mortal.

Bult soltou um grunhido gutural.

– O calor o deixou desorientado, historiador.

– Eu sei o que vi, tio. Além disso, sei o que *senti*.

Fez-se um longo silêncio e o ar da tenda ficou sufocante e parado.

Sormo entrou e parou pouco depois de passar a soleira, sendo fulminado pelo olhar de Coltaine. Os ombros do bruxo se afundaram, como se não conseguissem mais suportar o peso que haviam carregado por todos aqueles meses. Havia sombras de fadiga sob seus olhos.

– Coltaine tem algumas perguntas para você – disse-lhe Bult. – Mais tarde.

O jovem deu de ombros.

– Nil acordou. Tenho respostas.

– Perguntas *diferentes* – atalhou o veterano cheio de cicatrizes, exibindo um sorriso sombrio.

– Explique o que aconteceu, bruxo – disse Coltaine.

– O deus semkês não está morto – respondeu Duiker.

– Eu concordo com essa conclusão – resmungou Bonança.

Ele estava sentado numa cadeira de sela de campanha, com as braçadeiras desafiveladas no colo e as pernas estendidas. O capitão encontrou o olhar do historiador e deu uma piscadela.

– Não exatamente – corrigiu Sormo. Hesitou, inspirou fundo, depois continuou: – O deus semkês foi de fato destruído. Despedaçado e devorado. Às vezes, um pedaço de carne pode conter tamanha crueldade que corrompe o devorador...

Duiker se inclinou para a frente, estremeando por causa da dor do ferimento curado à força em seu traseiro.

– Um espírito da terra...

– Um espírito nativo desta terra, sim. Ambição oculta e poder repentino. Os outros espíritos... Eles não suspeitaram de nada.

O rosto de Bult se contorceu de desgosto.

– Perdemos dezessete soldados esta noite, apenas para matar um punhado de chefes de guerra e desmascarar um espírito trapaceiro?

O historiador se encolheu. Foi a primeira vez que ouviu a contagem total das perdas. *A primeira falha de Coltaine. Que Oponn sorria para nós, e que o inimigo não perceba.*

– Com tal conhecimento, vidas serão salvas no futuro – explicou Sormo, baixo. – Os espíritos estão bastante angustiados. Ficaram perplexos por não conseguirem detectar os ataques de surpresa e as emboscadas, e agora sabem por quê. Não pensaram em procurar entre seus iguais. Farão sua justiça, a seu tempo...

– Quer dizer que os ataques de surpresa vão continuar? – O veterano parecia pronto para cuspir. – Seus espíritos aliados serão capazes de nos avisar agora, como faziam antes com tanta eficácia?

– Os esforços do trapaceiro serão mitigados.

– Sormo, por que a boca do semkês foi costurada? – perguntou Duiker.

O bruxo deu um meio sorriso.

– Aquela criatura foi costurada em *todos os lugares*, historiador, para evitar que o que foi devorado escapasse.

Duiker balançou a cabeça.

– Magia esquisita, essa.

Sormo aquiesceu.

– Antiga – disse ele. – Feitiçaria das entranhas e dos ossos. Lutamos com o conhecimento que um dia possuímos instintivamente. – Ele suspirou. – De uma época anterior aos Labirintos, quando se encontrava a magia *no interior*.

Um ano antes, Duiker teria ficado radiante com a curiosidade e a empolgação despertadas por comentários como aqueles e teria interrogado o bruxo de forma implacável, sem cessar. Agora, as palavras de Sormo eram

apenas um eco vago, perdido na vasta caverna da exaustão do historiador. Ele não queria nada além de dormir, e sabia que não poderia fazer isso por mais doze horas. O acampamento do lado de fora já despertava, embora ainda restasse mais uma hora de escuridão.

– Se é assim, por que então aquele semkês não explodiu como uma bexiga inchada quando nós o furamos? – perguntou Bonança com voz arrastada.

– O que foi devorado se esconde lá no fundo. Diga: o estômago desse semkês possuído estava protegido?

Duiker grunhiu.

– Cintos, couro grosso.

– Pois é.

– O que aconteceu com Nil?

– Pegou desprevenido, usou aquele conhecimento que estamos lutando para recordar. Quando veio o ataque de feitiçaria, ele recuou para dentro de si mesmo. O ataque o seguiu, mas ele continuou esquivo, até o poder cruel ter se consumido. Aprendemos.

Dentro da mente de Duiker, veio a imagem da morte horrenda do outro bruxo.

– Por um preço.

Sormo não disse nada, mas a dor se revelou em seus olhos por um momento.

– Vamos aumentar nosso ritmo – anunciou Coltaine. – Uma golada a menos de água por dia para cada soldado...

Duiker se endireitou.

– Mas temos água.

Todos os olhos se viraram para ele. O historiador sorriu ironicamente para Sormo.

– Entendo que o relatório de Nil tenha sido um pouco... seco demais. Os espíritos nos fizeram um túnel através do leito rochoso. Como o capitão pode confirmar, a rocha chora.

Bonança abriu um largo sorriso.

– Pelo sopro do Encapuzado, o velho está certo!

Sormo encarava o historiador com os olhos arregalados.

– Por não fazer as perguntas certas, sofremos por muito tempo... sem necessidade.

Uma nova energia preencheu Coltaine, que arreganhou os dentes.

– Você tem uma hora para aliviar cem mil gargantas – disse o Punho para o bruxo.

Lágrimas doces brotavam do leito rochoso que dividia o sol da pradaria em afloramentos desgastados pelo tempo. Fossos amplos haviam sido escavados. O ar estava vívido, repleto de canções alegres, em contraste com o bendito silêncio dos animais, que não choravam mais de aflição. E, abaixo de tudo isso, havia uma corrente subterrânea morna, surpreendente. Pela primeira vez, os espíritos da terra entregavam um presente que não tinha sido tocado pela morte. O prazer dos espíritos era palpável pelos sentidos de Duiker, em pé perto da borda norte do acampamento, observando, ouvindo.

O cabo Lista estava a seu lado; sua febre tinha sido amainada.

– A hidratação tem sido deliberadamente lenta, mas não lenta o bastante. Os estômagos estão se rebelando. Os imprudentes podem acabar se matando...

– Sim. Alguns podem.

Duiker ergueu a cabeça, vasculhando a cordilheira ao norte do vale. Uma fileira de cavaleiros tithanos guarnecia toda a extensão, vigiando, e o historiador imaginou que neles haveria uma espécie de surpresa misturada a medo. Não tinha dúvida de que o exército de Kamist Reloe estava sofrendo, embora tivessem a vantagem de controlar e manter cada uma das fontes de água conhecidas no Odhan.

Enquanto estudava os inimigos, os olhos do historiador capturaram um lampejo branco que se precipitou pelo vale, até sumir de vista. Ele grunhiu.

- Você viu algo, senhor?
- Só algumas cabras selvagens – disse o historiador. – Trocando de lado...

A areia soprada tinha pelo vento criado buracos nas laterais da encosta, uma arremetida que começara esculpindo cavidades, depois cavernas, depois túneis e, finalmente, passagens que bem poderiam sair do outro lado. Como vermes vorazes assolando madeira velha, o vento devorava a face do penhasco, buraco atrás de buraco, afinando os muros entre eles. Alguns acabavam desmoronando, deixando os túneis mais largos. Entretanto, a capa do platô permanecia, como uma imensa tampa de pedra empoleirada sobre fundações cada vez menores.

Kulp nunca tinha visto algo parecido. Era como se o Furacão atacasse deliberadamente. Por que montar cerco contra uma rocha?

Os túneis guinchavam com o vento. Cada um deles soltava o próprio agudo febril, criando um coro feroz. A areia era fina como poeira e rodopiava em correntes ascendentes de ar ao pé do penhasco. Kulp olhou para trás, onde Heboric e Felisin esperavam; eram dois vultos, encolhidos contra a fúria incessante da tempestade.

O Furacão vinha impedindo que conseguissem abrigo já fazia três dias, desde que se abatera sobre eles. O vento os assolava de todas as direções. *Como se a deusa louca quisesse nos separar.* A possibilidade não era tão improvável quanto parecia à primeira vista. A vontade cruel era palpável. *Somos intrusos, afinal. O ódio do Furacão sempre se concentrou naqueles que não pertencem a este lugar. Pobre Império Malazano, por ter se deparado com esse já existente mito de rebelião...*

O mago voltou aos tropeços até onde estavam os outros. Teve de se inclinar para bem perto a fim de se fazer ouvir acima do rugido da tempestade, que não dava trégua.

– Há cavernas! Só que o vento está mergulhando na garganta delas... Suspeito que elas cortem a montanha até o outro lado!

Heboric tremia, acometido desde aquela manhã por uma febre nascida da exaustão. Estava enfraquecendo depressa. *Todos nós estamos.* O crepúsculo vinha chegando, como indicava o ocre ininterrupto que agora diminuía sobre suas cabeças, e o mago calculava que haviam viajado pouco mais de 5 quilômetros naquelas últimas doze horas.

Não tinham água nem comida. O Encapuzado estava em seus calcanhares.

Felisin agarrou a capa destruída de Kulp e puxou o velho para mais perto. Os lábios da garota estavam rachados e havia areia colada aos cantos de sua boca.

- Vamos tentar mesmo assim! – disse ela.
- Não sei. Aquela montanha inteira pode desabar...
- As cavernas! Vamos entrar nas cavernas!

Morrer aqui fora ou morrer lá dentro. Pelo menos as cavernas oferecem a possibilidade de um túmulo para nossos cadáveres. Ele concordou bruscamente com a cabeça.

Os dois praticamente tiveram de arrastar Heboric. O penhasco oferecia uma dúzia de opções de entrada, com sua face irregular e repleta de buracos. Não pensaram muito antes de escolherem um: simplesmente mergulharam na primeira boca de caverna que alcançaram. Era um túnel largo, estranhamente achatado, e parecia nivelado, pelo menos nos primeiros passos.

O vento funcionava como uma mão empurrando suas costas, mantendo sua pressão constante, indiferente a qualquer hesitação do grupo. A escuridão se abateu sobre eles conforme prosseguiam, cambaleantes, para dentro de um caldeirão de gritos.

O chão tinha sido esculpido com cristas e era difícil caminhar por ali. Quinze passos adiante, viram um afloramento de sílex, ou algum outro mineral cristalino, que resistia ao vento erosivo. Contornaram o veio mineral e encontraram no outro lado, depois de mais de setenta horas, o primeiro alívio da força desgastante do Furacão.

Heboric cedeu nos braços de Kulp e Felisin. Os dois o abaixaram sobre a poeira, que, na base do afloramento, ia até as canelas.

– Eu gostaria de fazer um reconhecimento mais adiante – disse Kulp a Felisin, gritando para se fazer ouvir.

Ela assentiu, ficando de joelhos.

Trinta passos depois, o mago encontrou uma caverna maior. O espaço era preenchido por mais sílex e havia uma luminescência fraca sendo refletida do que parecia ser um teto de vidro comprimido, cerca de 4,5 metros acima dele. O mineral subia em veios verticais, formando pilares brilhantes que criavam um efeito de galeria de surpreendente beleza, apesar da corrente cheia de poeira do vento. Kulp avançou a passos largos. O guincho cortante diminuiu, perdendo-se na vastidão da caverna.

Mais perto do centro da caverna havia uma pilha de pedras tombadas, com formas regulares demais para serem naturais. A mesma substância brilhante do teto cobria as pedras em alguns pontos. Após uma breve análise, o mago percebeu que um único lado de suas formas vagamente retangulares estava coberto pelo sílex. Agachando-se, passou a mão por um desses lados. Em seguida, se abaixou ainda mais. *Pelo sopro do Encapuzado, é mesmo vidro! Multicolorido, comprimido, compactado...*

Olhou para cima. Um imenso buraco se escancarava no teto e as bordas brilhavam com aquela luz fria e esquisita. Kulp hesitou, depois abriu seu Labirinto. Grunhiu. *Nada. Pela bênção da Rainha, nada de feitiçaria... É natural.*

Agachando-se para se proteger do vento, o mago voltou para onde os outros tinham ficado. Encontrou ambos dormindo ou inconscientes. Kulp contemplou os dois, sentindo um calafrio pelo caráter definitivo que via em suas feições desidratadas.

Pode ser mais piedoso não acordá-los.

Como se sentisse sua presença, Felisin abriu os olhos, que se tornaram alertas no mesmo instante.

– Você nunca conseguirá tão fácil – disse ela.

– A montanha enterrou uma cidade, e estamos embaixo do que foi enterrado.

– E daí?

– O vento entrou em pelo menos uma câmara e a esvaziou de areia.

– Nosso túmulo.

– Talvez.

– Está bem, vamos lá.

– Há um problema – disse Kulp, imóvel. – O caminho está quase 5 metros acima de nossas cabeças. Há um pilar de sílex, mas não seria uma escalada fácil, especialmente em nossas condições.

– Faça o seu truque do Labirinto.

– O quê?

– Abra um portal.

Ele a encarou.

– Não é tão simples assim.

– Morrer é simples.

Ele piscou.

– Vamos colocar o velho em pé, então.

Os olhos de Heboric estavam fechados por bolhas, vertendo lágrimas cheias de cascalho. Demorando a acordar, ele claramente não fazia ideia de onde estava. Sua boca se abriu num sorriso medonho.

– Eles tentaram aqui, não foi? – perguntou, inclinando a cabeça enquanto o ajudavam a avançar. – Tentaram e pagaram por isso... Ah, as lembranças da água, todas aquelas vidas perdidas...

Chegaram ao local do teto rompido. Felisin colocou a mão na coluna de sílex mais próxima do buraco.

– Eu precisaria escalar isso como um dosino faz com um coqueiro.

– E como é isso? – questionou Kulp.

– Com relutância – resmungou Heboric, inclinando a cabeça como se ouvisse vozes.

Felisin lançou um olhar ao mago.

– Vou precisar dessas tiras do seu cinto.

Com um grunhido, Kulp começou a remover a faixa de couro da cintura.

– Uma hora bem estranha para querer me ver sem as calças, mocinha.

– Todos poderíamos aproveitar uma boa risada – replicou ela.

Kulp entregou-lhe o cinto e a observou prender as amarras de cada ponta a suas canelas. Ele estremeceu ante a selvageria com que ela apertava os nós.

– Agora, o que sobrou da sua capa de chuva, por favor – pediu Felisin.

– O que há de errado com a sua túnica?

– Ninguém aqui vai comer meus peitos com os olhos. Não de graça, pelo menos. Além disso, a sua capa é mais resistente que a minha.

– Houve retaliação – disse Heboric. – Uma limpeza metódica e imparcial da bagunça.

Enquanto tirava a capa erodida pela areia, Kulp fez uma careta para o ex-sacerdote.

– Do que você está falando, Heboric?

– Primeiro Império, a cidade lá em cima. Eles vieram e consertaram as coisas. Zeladores imortais. Tamanho desastre! Até com os olhos fechados consigo ver minhas mãos... Estão tateando às cegas, tão às cegas, agora... Tão vazias... – Ele afundou, tremendo, como se de repente estivesse atormentado por uma forte mágoa.

– Não se preocupe com ele – disse Felisin, indo abraçar o pilar recortado.

– O sapo velho perdeu seu deus, e isso destruiu a mente dele.

Kulp nada disse.

Felisin estendeu as mãos para trás da coluna e as uniu do outro lado, agarrando duas extremidades da capa e torcendo-as até ficarem bem estiradas. Com o cinto entre seus pés, agarrou o lado do pilar virado para ela.

– Ah – disse Kulp. – Entendi. Dosinos espertos.

Felisin prendeu a capa o mais alto que conseguiu do outro lado, depois se reclinou para trás e, com um solavanco, pulou a uma pequena altura. Ela manteve os joelhos dobrados e seguiu, com o cinto estalando contra o pilar.

O mago viu a dor atravessá-la quando as amarras afundaram em suas canelas.

– Estou surpreso por dosinos terem pés – disse Kulp.

Arquejando, ela disse:

– Acho que deixei algum detalhe passar.

Na verdade, o mago achava que ela não conseguiria. Antes que Felisin pudesse subir 2 metros, estando ainda a um corpo inteiro de distância do teto, suas canelas começaram a sangrar. Ela tremia por inteiro, usando reservas de energia que Kulp não tinha previsto, mas que rapidamente pareciam minguar. Mesmo assim, ela não parou. *Essa criatura é mesmo muito resistente. Ela supera todos nós, uma vez após a outra.* A ideia o fez lembrar Baudin: banido, provavelmente em algum lugar lá fora, sofrendo com a tempestade. *Outro homem endurecido, teimoso e impassível. Como você está se saindo, Presa?*

Felisin finalmente alcançou a borda irregular do buraco. E, ali, ela hesitou.

Sim, e agora?

– Kulp! – A voz dela ricocheteou num eco horripilante, que foi logo varrido pelo vento.

– Sim?

– Qual a distância dos meus pés até você?

– Talvez uns 3 metros. Por quê?

– Traga Heboric até perto do pilar. Suba nos ombros dele...

– Para quê, em nome do Encapuzado?

– Você precisa alcançar meus tornozelos, depois subir por cima de mim.

Não posso soltar... Não sobrou mais nada!

Deuses, não sou tão durão quanto você, mocinha.

– Acho que...

– Vai logo! Não temos escolha, cacete!

Sibilando, Kulp se virou para Heboric.

– Velho, você consegue me entender? Heboric!

O ex-sacerdote se endireitou e sorriu abertamente.

– Lembra-se da mão de pedra? – disse o velho. – Do dedo? O passado é um mundo estranho. Poderes jamais imaginados. Tocar é lembrar as memórias de alguém, alguém tão diferente de você em pensamentos e sentidos que seria capaz de levá-lo à loucura.

Mão de pedra? O bastardo está delirando.

– Preciso subir nos seus ombros, Heboric. Você precisa aguentar firme. Quando chegarmos lá em cima, vamos conseguir uma corda para puxar você. Tudo bem?

– Nos meus ombros. Uma montanha de pedra, cada uma esculpida e moldada por uma vida há muito tempo perdida para o Encapuzado. Quantas vontades, desejos, segredos? Para onde tudo isso vai? A energia invisível dos pensamentos da vida é alimento para os deuses, sabiam disso? É por isso que eles devem... eles *devem*... ser inconstantes.

– Mago! – choramingou Felisin. – Agora!

Kulp parou atrás do ex-sacerdote e colocou as mãos nos ombros dele.

– Fique firme, agora...

Em vez disso, o velho se virou para encarar o mago. Ele juntou ambos os pulsos, deixando entre eles um espaço onde deveriam estar as mãos.

– Pise. Vou jogá-lo direto nela.

– Heboric... Você não tem mãos para segurar meu pé.

O sorriso do homem aumentou.

– Faça a minha vontade.

Kulp ficou absolutamente maravilhado quando seu pé pousou no estribo firme feito por dedos entrelaçados que ele não conseguia enxergar. O mago colocou as mãos nos ombros do ex-sacerdote mais uma vez.

– Direto para cima você vai – disse Heboric. – Estou cego. Me posicione, mago.

– Dê um passo para trás. Um pouquinho mais... Isso.

– Pronto?

– Sim.

Mas Kulp não estava de fato preparado para a imensa onda de força que o ergueu, atirando-o sem esforço para cima. O mago quase agarrou Felisin, por instinto, mas errou. E foi um golpe de sorte, pois passou direto por ela, atravessando o buraco no teto. Kulp quase caiu de novo lá embaixo, mas, ao girar a parte de cima de seu corpo, em pânico, conseguiu aterrissar dolorosamente na beirada, que gemeu e se vergou.

Agarrando com os dedos rochas que não enxergava, subiu até o chão do nível superior.

A voz de Felisin soltou um lamento agudo, vindo de baixo:

– Mago! Onde está você?

Sentindo um sorriso um pouco histérico congelar em seu rosto, Kulp disse:

– Aqui em cima! Vou pegar você em um instante, mocinha.

Com mãos invisíveis, Heboric escalou depressa a corda improvisada de couro e pano que Kulp baixou para ele, dez minutos depois. Felisin estava sentada por perto, já dentro da câmara pequena e escura, e agora observava em silêncio, sentindo uma corrente de medo irrefreável dentro dela.

O corpo de Felisin a torturava de dor e os sentidos aos poucos voltavam a seus pés, em silenciosa indignação. Uma fina poeira branca cobria o sangue em seus tornozelos e nos pontos em que as extremidades cristalinas do pilar haviam cortado seus pulsos. Ela tremia incontrolavelmente. *Aquele velho parecia um morto ambulante. Morto. Estava acabado, mas seus delírios não eram apenas palavras vazias. Havia conhecimento naquelas palavras, ainda que parecesse um conhecimento impossível. E, agora, suas mãos fantasmas se tornaram reais.*

Ela olhou para Kulp. O mago estava com a testa franzida, encarando os restos despedaçados da capa de chuva em suas mãos. Em seguida, suspirou e voltou o olhar para, em silêncio, observar Heboric, que parecia estar voltando a seu estupor febril.

Kulp conjurou um brilho fraco dentro da câmara, revelando, então, paredes nuas de pedra. Degraus encurvados subiam ao longo de uma delas, até chegarem a uma porta de aparência sólida. Ao pé da parede oposta, havia uma fileira de nichos redondos no chão, e em cada um deles caberia um tonel ou um barril. Na outra ponta da sala, ganchos corroídos pela ferrugem pendiam de correntes do teto. Tudo aquilo parecia embotado aos olhos de Felisin, mas ela não sabia se era de fato desgaste ou algum efeito da luz conjurada pelo mago.

Ela fez que não com a cabeça, envolvendo o tronco com os braços a fim de lutar contra o tremor.

– Que boa escalada a sua, mocinha – disse Kulp.

Ela grunhiu.

– E inútil, no fim das contas.

E agora esse esforço provavelmente vai me matar. Só ossos e músculos não eram suficientes para escalar aquilo. Eu me sinto... esvaziada; não sobrou nada dentro de mim para reconstruir. Ela riu.

– O que foi?

– Encontramos uma adega para ser nosso túmulo.

– Não estou pronto para morrer ainda.

– Sorte a sua.

Felisin observou o mago lutar para ficar em pé. Ele olhou ao redor.

– Esta sala já foi inundada. Com água que vertia.

– De onde para onde?

Ele deu de ombros e se aproximou das escadas, arrastando os pés devagar, com dificuldade.

Parece que ele tem 100 anos. Tão velho quanto eu mesma me sinto. Juntos, não chegamos nem perto de um Heboric. Estou aprendendo a apreciar a ironia disso tudo, finalmente.

Depois de alguns minutos, Kulp finalmente alcançou a porta, que tocou com uma das mãos.

– Revestimento de bronze. Posso sentir as marteladas que aplainaram o

metal. – Ele deu uma batidinha com o nó do dedo no metal escuro. O som que veio como resposta foi um sussurro abafado e agudo. – A madeira está podre por baixo.

O ferrolho quebrou em sua mão. O mago praguejou baixo, depois apoiou seu peso contra a porta e a empurrou.

O bronze estalou, amassando-se para dentro. Logo depois, a porta caiu para trás, levando Kulp junto, em meio a uma nuvem de poeira.

– Barreiras nunca são tão sólidas quanto se pensa – disse Heboric quando pararam de soar os ecos da colisão. Ele se levantou, mantendo os cotos dos braços estendidos para a frente. – Entendo isso, agora: para um homem cego, todo o seu corpo é um fantasma. É sentido, mas não pode ser visto. Assim, levanto braços invisíveis, mexo pernas invisíveis, meu peito invisível sobe e desce por causa do ar invisível. Então eu estendo dedos, depois fecho punhos. Sou sólido em todos os lugares, e sempre fui, ainda que tenha sido enganado por meus olhos.

Felisin desviou o olhar do ex-sacerdote.

– Talvez, se eu ficar surda, você desapareça.

Heboric riu.

No patamar, Kulp gemia, e sua respiração soava estranhamente áspera e dificultosa. Felisin ficou em pé, pisando em falso quando a dor fechou garras de ferro ao redor de suas canelas. Trincando os dentes, ela mancou até as escadas.

Os onze degraus a deixaram tonta de exaustão. Caiu de joelhos ao lado do mago e esperou um longo tempo até que sua respiração se estabilizasse.

– Você está bem? – perguntou ela.

Kulp ergueu a cabeça.

– Quebrei a bosta do meu nariz, acho.

– Considerando esse novo “sotaque”, eu diria que você está certo. Acho que vai sobreviver, então.

– Só com mais barulho. – Ele ficou de quatro. Sangue espesso escondia por seu rosto, descendo em fios sujos de poeira. – Vê alguma coisa aí na

frente? Não tive chance de olhar ainda.

– Está escuro. O ar fede.

– A quê?

Ela deu de ombros.

– Não tenho certeza. Um cheiro azedo.

Passos arrastados nas escadas indicaram a aproximação de Heboric.

Um brilho apareceu logo adiante. No início, eram visíveis apenas partes vagas do ambiente, mas aos poucos elas foram esculpindo o cenário como um todo. Felisin apenas olhava.

– A sua respiração se acelerou, mocinha – disse Kulp, ainda sem vontade ou sem força para erguer a cabeça. – Diga o que está vendo.

A voz de Heboric ecoou, vinda do meio das escadas:

– Restos de um ritual que deu errado, é isso que ela está vendo. Memórias congeladas de uma miséria antiga.

– Esculturas – disse Felisin. – Espalhadas por todo o chão. É uma sala grande. Muito grande... A luz não alcança o outro lado...

– Espere... Você disse esculturas? De que tipo?

– Pessoas. Esculpidas como se estivessem deitadas... Primeiro achei que fossem reais...

– E por que deixou de achar?

– Bem...

Felisin engatinhou para a frente. A escultura mais próxima estava a pouco mais de dez passos de distância; era uma mulher nua, de idade avançada, deitada de lado como se estivesse morta ou dormindo. A pedra na qual tinha sido esculpida era de um branco fosco, coberta de cal e manchada pelo mofo. Cada ruga de seu corpo murcho tinha sido reproduzida naquela obra de arte, sem que nenhum detalhe ficasse de fora. Ela olhou para o rosto envelhecido e sereno. *Lady Gaesen... Esta mulher poderia ser minha irmã.* Felisin estendeu a mão.

– Não toque em nada, viu? – disse Kulp. – Ainda estou vendo estrelas, mas meus pelos eriçados me dizem que há magia nesta câmara.

Felisin recolheu a mão, sentando-se sobre os calcanhares.

– São só estátuas...

– Em pedestais?

– Bem, não... Só no chão.

A luz ficou mais forte de repente, preenchendo a câmara. Felisin olhou para trás e viu Kulp em pé, reclinado contra o batente destruído. O mago piscava, míope, enquanto assimilava a cena.

– Esculturas, menina? – grunhiu ele. – Sem chance. Um Labirinto irrompeu aqui.

– Alguns portais nunca deveriam ser abertos – disse Heboric de forma jovial passando pelo mago. Ele foi direto até onde estava Felisin. Lá, parou, inclinando a cabeça, e sorriu. – A filha dela escolheu o Caminho dos Soletaken. Uma jornada dura, essa. Ela não foi a única; a rota torta era uma alternativa bem popular para se alcançar a Ascensão. Era mais... natural, eles alegavam. E mais antigo, e aquilo que era antigo era bastante estimado na época do Primeiro Império. – O ex-sacerdote fez uma pausa e um repentino pesar enrugou suas feições. – Era compreensível que os anciãos da época procurassem facilitar o Caminho escolhido por seus filhos, que procurassem criar uma nova versão do antigo, cheia de riscos... Pois aquele já havia desmoronado, enfraquecido, e era canceroso. Muitos jovens do Império se perdiam... e não importavam as guerras a oeste...

Kulp colocou a mão no ombro de Heboric. Foi como se seu toque tivesse fechado uma válvula. O ex-sacerdote levantou a mão fantasma para o rosto e, em seguida, suspirou.

– É muito fácil se perder...

– Precisamos de água – disse o mago. – A memória dela possui esse conhecimento?

– Esta era uma cidade de nascentes, fontes, banheiras e canais.

– Provavelmente todos cheios de areia agora – disse Felisin.

– Talvez não – retrucou Kulp, olhando ao redor com os olhos vermelhos.

O nariz quebrado estava feio: o inchaço rachava a pele, seca demais em

ambos os lados. – Esta câmara foi esvaziada recentemente... Sinta como o ar se agita.

Felisin olhou a mulher a seus pés.

– Ela já foi real, então. Carne.

– Sim, todos eles foram.

– Alquimias que retardavam a velhice – disse Heboric. – Seis, sete séculos para cada cidadão. O ritual os matou, mas as alquimias continuaram potentes.

– Então a água inundou a cidade – disse Kulp. – Rica em minerais.

– Transformando não só ossos em pedra, mas carne também. – Heboric deu de ombros. – A inundação nasceu de acontecimentos distantes no tempo. Os zeladores imortais já haviam chegado e partido.

– Que zeladores imortais, velho?

– Pode haver uma nascente – disse o ex-sacerdote – não muito longe daqui.

– Vá na frente, cego – ordenou Felisin.

– Tenho mais perguntas – retrucou Kulp.

Heboric sorriu.

– Mais tarde. A jornada que nos espera explicará muito.

Os ocupantes da câmara, agora petrificados, eram todos anciãos, e chegavam a centenas. Todas aquelas mortes pareciam ter sido tranquilas, de alguma forma, e isso tinha deixado Felisin vagamente perturbada. *Nem todos os fins são dolorosos. O Encapuzado é indiferente quanto aos meios. Ou pelo menos é o que os sacerdotes dizem. Mesmo assim, suas maiores colheitas vêm das guerras, das doenças e da fome. Todas essas eras de libertação com certeza marcaram o Alto Rei da Morte. A desordem se amontoa diante de seus Portões e há certo sabor nisso. Um genocídio silencioso deve fazer tocar sinos muito diferentes.*

Felisin sentia o Encapuzado com ela, naquelas horas e em todas desde

que haviam retornado àquele mundo. Ela pensava nele como um amante e, em seu âmago, ele vinha com uma demanda permanente e, por mais estranho que parecesse, reconfortante.

E, agora, só tenho Heboric e Kulp a temer. Dizem que os deuses temem os mortais mais do que uns aos outros. É essa a fonte do meu pavor? Capturei um eco do Encapuzado dentro de mim? O deus da Morte com certeza sonha com rios de sangue. Talvez eu tenha sido dele todo esse tempo.

Assim fui abençoada.

Heboric se virou de repente para ela, parecendo fitá-la com seus olhos queimados pelo sol, fechados pelo inchaço.

Você consegue ler minha mente, velho?

A boca larga de Heboric se contorceu, sarcástica. Depois de um instante, ele se virou e continuou em frente.

A câmara terminava numa porta, que afunilava o caminho até chegar a um túnel de teto baixo. No passado, correntes de água haviam alisado e polido as pedras pesadas por todos os lados. Kulp mantinha a luz difusa, sem fonte aparente, e os três seguiram, cambaleando.

Nós andamos sem qualquer equilíbrio, como se fôssemos cadáveres ambulantes, amaldiçoados com uma jornada sem fim. Felisin sorriu. *A do Encapuzado.*

Alcançaram o que já tinha sido uma rua, estreita e torta, com paralelepípedos soltos e vergados. Construções residenciais baixas apinhavam as laterais, tudo sob um telhado de vidro. Ao longo das paredes havia faixas estreitas de substância semelhante, como se para marcar os níveis da água ou as camadas de areia que um dia tinham preenchido cada espaço.

Na rua jaziam mais corpos, porém não mais se via serenidade naquelas figuras retorcidas e disformes. Heboric parou, inclinando a cabeça.

– Ah, agora encontramos memórias completamente diferentes.

Kulp se agachou ao lado de um dos corpos.

– Soletaken, pego no meio de uma transformação para algo... reptiliano.

– Soletaken e d’ivers – disse o ex-sacerdote. – O ritual libertou poderes que se tornaram selvagens. Como uma praga, a metamorfose reivindicou milhares, inoportuna, sem iniciação... Muitos ficaram loucos. A morte encheu a cidade, cada rua, cada casa. Famílias despedaçaram a si mesmas. – Ele se libertou do torpor. – Tudo em apenas algumas horas – sussurrou.

Kulp fixou os olhos em outra figura, quase perdida em meio à pilha de corpos mineralizados.

– Não apenas soletaken e d’ivers.

Heboric suspirou.

– Não.

Felisin se aproximou da figura que tinha arrebatado a atenção do mago. Viu membros grossos, da cor de noz. Um braço e uma perna, ainda presos a um tronco que, de resto, estava desmembrado. Pele seca envolvia ossos espessos. *Já vi isso antes. A bordo do Silanda. T’lan imass.*

– Seus zeladores imortais – disse Kulp.

– Sim.

– Eles tiveram perdas aqui.

– Ah, tiveram, sim – disse Heboric. – Perdas terríveis. Existe uma ligação entre os t’lan imass, os soletaken e os d’ivers, uma afinidade misteriosa que os habitantes desta cidade desconheciam, embora clamassem para si o orgulhoso título de Primeiro Império. Isso teria irritado os t’lan imass, considerando que tais criaturas consigam, de fato, sentir algum tipo de irritação. Não teriam gostado de ver alguém assumir, com tanta ousadia, o título que por direito lhes pertencia. Mas o que os atraiu para cá foram o ritual e a necessidade de ajustar as coisas.

Kulp franzia a testa atrás da máscara desgastada de suas feições.

– Nossos encontros com soletaken... e os imass. O que está começando outra vez, Heboric?

– Não sei, mago. Um retorno a esse portal antigo? Outra libertação?

– O dragão soletaken que seguimos... Ele era morto-vivo.

– Era t’lan imass – continuou o ex-sacerdote. – Uma Invocadora de

Ossos. Talvez seja a guardiã do velho portal, atraída mais uma vez em resposta a uma calamidade que ainda está por vir. Vamos prosseguir? Consigo sentir o cheiro de água. A nascente que procuramos ainda vive.

A poça ficava no meio de um jardim. Uma vegetação rasteira e pálida atapetava as pedras da calçada com folhas brancas e rosadas como retalhos de carne. Globos sem cor de algum tipo de fruta pendiam de parreiras, envolvendo as colunas de pedra e os troncos de árvore fossilizados. Um jardim prosperava na escuridão.

Peixes brancos sem olhos dispararam na poça, procurando as sombras quando a luz mágica pulsou com sua claridade.

Felisin caiu de joelhos, estendeu as mãos trêmulas para baixo e as colocou na água fria. Sentiu uma espécie de êxtase percorrer seu corpo.

– Resíduo de alquimias – disse Heboric atrás dela.

Ela lhe lançou um olhar.

– O que isso quer dizer?

– Haverá... benefícios... em beber esse néctar.

– Esta fruta é comestível? – perguntou Kulp, avaliando o peso de um dos globos pálidos.

– Era, quando ela era bem vermelha, nove mil anos atrás.

Até onde Kalam conseguia enxergar, a cinza espessa pairava, imóvel, sobre a trilha deixada pelo grupo, embora não fosse fácil calcular qualquer distância dentro do Labirinto Imperial. O rastro tinha a aparência de ser tão reto quanto o cabo de uma lança. Ele fechou ainda mais a cara.

– Nós *estamos* perdidos – disse Minala, inclinando-se para trás na sela.

– Melhor que mortos – resmungou Keneb, oferecendo ao assassino pelo menos um pouco de empatia.

Kalam sentia os olhos cinzentos e duros de Minala sobre ele.

– Tire a gente deste Labirinto amaldiçoado pelo Encapuzado, cabo! Estamos famintos, sedentos e não sabemos onde estamos! Tire a gente daqui!

Visualizei Aren, até escolhi o local: um lugar discreto, na ponta da última curva do beco Nenhuma Ajuda... Bem no coração do Borra, aquele bairro de expatriados malazanos perto da beira do rio. Direto onde há paralelepípedos no chão. Então, por que não conseguimos chegar lá? O que está nos impedindo?

– Ainda não – disse Kalam. – Mesmo por Labirinto, Aren é bem longe. Isso faz sentido, não faz? Se faz, por que toda essa inquietação?

– Algo está errado – insistiu Minala. – Consigo ver isso em seu rosto. Já deveríamos ter chegado, a esta altura.

O gosto das cinzas, seu cheiro, a sensação de seu toque, tudo tinha se tornado uma parte de Kalam, e ele sabia que os outros também se sentiam assim. O cascalho sem vida parecia manchar até seus pensamentos. Ele imaginava o que seriam aquelas cinzas, considerando a pilha de ossos com que haviam se deparado ao chegar ali e o fato de que não fora a única. No entanto, procurava não alimentar essas suspeitas. A possibilidade era medonha e esmagadora demais para se contemplar.

Keneb grunhiu, depois suspirou.

– Então, cabo, devemos continuar?

Kalam olhou para o capitão. A febre causada pelo ferimento na cabeça tinha passado, embora uma sutil lentidão de movimentos e expressões revelasse que ele ainda não estava completamente curado. O assassino sabia que não podia contar com aquele homem numa luta. E, com a aparente perda de Apto, sentia sua retaguarda exposta. Minala desconfiava dele, e isso também diminuía sua confiança nela: a mulher faria o que fosse preciso para proteger a irmã e as crianças. Faria isso, e nada mais.

Seria melhor se eu estivesse sozinho. Ele cutucou seu garanhão para fazê-lo avançar. Depois de um instante, os outros o seguiram.

O Labirinto Imperial era um reino sem dia nem noite, apenas um

crepúsculo perpétuo, com sua luz fraca sem fonte aparente. Era um lugar sem sombras. Mediam a passagem do tempo pelas demandas de seus corpos, que iam e voltavam: a necessidade de comer e beber, de dormir. Mesmo assim, quando o sentimento de fome e de sede se tornou constante e impossível de ser apaziguado, quando a exaustão passou a puxar cada um de seus passos para trás, a noção de tempo afundou em insignificância. Na verdade, ela passou a ser algo nascido da fé, não dos fatos.

“O tempo nos torna crédulos. A atemporalidade nos torna incrédulos.”
Outro dos Provérbios do Tolo, outra citação astuta, pronunciada pelos sábios de minha terra natal. É usada com mais frequência quando se quer dispensar o passado; uma zombaria das aulas de história. A ideia central dos sábios era não crer em nada. Mais do que isso, essa afirmação era um dogma central daqueles que pretendiam se tornar assassinos.

“O assassinato prova a mentira da constância. Apesar de um punhal erguido ser, em si mesmo, uma constante, sua liberdade de escolher quem deverá ser apunhalado, e quando, é a mentira mais sombria dessa constante. Um assassino é o caos liberto, alunos. Mas lembrem-se: o punhal erguido pode extinguir incêndios com a mesma facilidade com que os inicia.”

E ali, tão clara em seus pensamentos como se tivesse sido esculpida com a ponta de um punhal, se estendia a trilha fina e reta que o levaria a Laseen. Cada justificativa necessária a Kalam cavalgava dentro daquela fissura. *No entanto, ainda que a trilha atravessasse Aren, parece que alguma coisa desconhecida me afasta dela, me fazendo vagar por esta planície de cinzas.*

– Vejo nuvens adiante – disse Minala, agora cavalgando ao lado dele.

Cristas baixas de poeira cruzavam a área à frente deles. Kalam estreitou os olhos.

– Tão bom quanto pegadas na lama – resmungou.

– O quê?

– Olhe para trás. Nós deixamos a mesmíssima trilha. Temos companhia no Labirinto Imperial.

– E essa companhia não é bem-vinda – disse ela.

– Isso.

Chegar ao primeiro dos sulcos irregulares apenas aprofundou a inquietação de Kalam. *Mais de uma. Bestiais. Estas marcas não foram deixadas por servos jurados à imperatriz...*

– Olhe – disse Minala, apontando.

Trinta passos adiante, Kalam viu o que parecia uma espécie de sumidouro, ou uma mancha escura no chão. Cinza suspensa margeava o fosso, formando uma cortina imóvel e opaca.

– Sou só eu – grunhiu Keneb atrás deles –, ou esse ar amaldiçoado pelo Encapuzado ganhou um cheiro novo?

– Como odor de madeira – concordou Minala.

Os pelos do corpo de Kalam se eriçaram e o assassino tirou a besta da amarra na sela, puxou para trás a garra até prendê-la e carregou uma seta. Os olhos de Minala se mantiveram sobre ele durante todo o processo e Kalam não se surpreendeu quando ela falou:

– Você conhece esse cheiro específico, não é? E não por saquear o baú de algum comerciante. Com o que devemos ter cuidado, cabo?

– Qualquer coisa – disse ele, chutando o cavalo para fazê-lo andar.

O fosso estava a pelo menos cem passos de distância. Havia pequenos montes nas bordas, com os restos de alguma escavação. Ossos queimados sobressaíam desses montes.

O garanhão de Kalam parou a alguns metros da beirada. Ainda segurando a besta, o assassino ergueu a perna por sobre o chifre da sela e deslizou para o chão, aterrissando em meio a uma lufada de nuvem cinza.

– Melhor ficarem aqui – disse ele aos outros. – Não dá para saber se as bordas são firmes.

– Então por que devemos nos aproximar? – exigiu saber Minala.

Sem responder, Kalam avançou com cautela. Chegou a dois passos do círculo, perto o suficiente para ver o que havia lá no fundo do abismo, embora num primeiro momento fosse a outra margem que cativasse sua atenção. *Agora sei sobre o que estamos caminhando, e me recusar a pensar*

nisso não ajudou em nada. Pelo sopro do Encapuzado! As cinzas formavam camadas compactadas, revelando variações na temperatura e na ferocidade dos incêndios que, no passado, haviam incinerado aquela terra... e tudo que havia nela. As camadas também variavam de espessura. Uma das mais grossas, a um braço de distância em profundidade, parecia sólida, com ossos esmigalhados e compactados. Logo abaixo dela havia uma, mais fina e avermelhada, do que parecia ser poeira de tijolos. Outras revelavam apenas ossos carbonizados, com manchas pretas margeadas de branco. Aqueles poucos que Kalam conseguiu identificar pareciam ter tamanho humano, talvez apenas com membros mais alongados. A parede marcada por faixas à sua frente tinha pelo menos 6 metros de profundidade. *Caminhamos sobre mortes antigas... Os restos de... milhões.*

Seu olhar desceu devagar até o fundo do fosso. Lá, viu diversos mecanismos enferrujados e corroídos, todos espalhados. Cada um tinha o tamanho de uma carroça de comerciantes, com rodas gigantescas de ferro.

Kalam analisou os objetos por um longo tempo. Depois, voltou para onde estavam os outros, desarmando a besta enquanto isso.

– Então?

O assassino deu de ombros, subindo de volta na sela.

– Ruínas velhas no fundo. Estranhas. A única vez que vi algo parecido foi em Darujhistan, dentro de um templo onde havia o Ciclo das Estações de Icarium, supostamente para medir a passagem do tempo.

Keneb grunhiu. Kalam olhou para ele.

– Alguma coisa, capitão?

– Um rumor, nada mais. De meses atrás.

– Que rumor?

– Ah, que Icarium foi visto. – O homem de repente franziu a testa. – O que você sabe sobre o Baralho de Dragões, cabo?

– O suficiente para ficar longe.

Keneb assentiu.

– Tínhamos um vidente circulando, na época. Alguns dos membros de

meu pelotão fizeram uma vaquinha para uma leitura e acabaram recebendo o dinheiro de volta, porque o vidente não conseguiu entender a mesa depois da primeira carta. O vidente não ficou surpreso, pelo que me lembro. Disse que coisas assim vinham acontecendo havia semanas, e não apenas com ele, mas com todos os outros leitores de cartas.

Infelizmente, não tive essa sorte da última vez que vi um Baralho.

– Qual era a carta?

– Uma das cartas Desalinhasdas, eu acho. Quais são?

– Orbe, Trono, Cetro, Obelisk...

– Obelisk! É essa. O vidente alegou que era culpa de Icarium e disse que ele tinha sido visto com seu companheiro trell em Pan'potsun.

– Isso tudo tem alguma importância? – exigiu saber Minala.

Obelisk... Passado, presente, futuro. Tempo, e o tempo não tem aliados...

– Provavelmente não – respondeu o assassino.

Continuaram cavalgando, contornando o fosso a uma distância segura. Mais rastros empoeirados cruzaram seu caminho, e apenas alguns sugeriam a passagem de um ser humano. Embora fosse difícil ter certeza, todos pareciam estar indo na direção oposta à escolhida por Kalam. *Se estivermos mesmo viajando para o sul, então os soletaken e os d'ivers estão todos indo para o norte. Isso poderia até ser tranquilizador. O problema é que, se houver mais metamorfos a caminho, vamos dar de cara com eles.*

Mil passos depois, chegaram a uma estrada sob a superfície. Como os mecanismos no fosso, estava 6 metros abaixo. Apesar de a poeira encher o ar que pairava sobre o pavimento, tornando-o embaçado, as laterais íngremes não haviam desmoronado. Kalam desmontou, amarrou uma corda comprida e fina à sela de seu garanhão e, então, segurando a ponta da corda, começou a descer. Para sua surpresa, a margem não cedia a seu peso. Suas botas batiam firmes, com um som de triturar. A encosta tinha sido solidificada de algum modo. Também não era íngreme demais para que os cavalos

descessem.

O assassino ergueu o olhar para os outros.

– Isso pode nos levar na mesma direção que tomamos até agora, mais ou menos. Sugiro que sigamos a estrada... Iremos muito mais rápido.

– Indo mais rápido, sim, só que a lugar nenhum – disse Minala.

Kalam sorriu largamente.

Quando todos já tinham descido até o nível da estrada com suas montarias, o capitão falou:

– Por que não acampamos por um tempo? Não ficamos completamente à vista e o ar aqui embaixo está um pouco mais limpo.

– E mais fresco – acrescentou Selv, com os braços ao redor dos filhos, muito quietos.

– Tudo bem – concordou o assassino.

Os odres de água para os cavalos começavam a ficar sinistramente leves. Os animais poderiam durar alguns dias só com comida, Kalam sabia, mas sofreriam muito nessa situação. *Nosso tempo está acabando*. Enquanto ele tirava as selas, alimentava e dava água para os animais, Minala e Keneb estenderam os sacos de dormir e, depois, reuniram as parcas provisões que se tornariam sua refeição. Os preparativos foram feitos todos em silêncio.

– Este lugar não me deixa muito motivado – disse Keneb enquanto comiam.

Kalam grunhiu, apreciando aquele gradual surgimento do senso de humor do capitão.

– Com uma boa varrida, até que não seria tão mal – concordou.

– Pois é. Veja só, já presenciei fogueiras saírem do controle antes...

Minala deu um último gole na água e baixou o odre.

– Acabei – anunciou, se levantando. – Vocês dois podem discutir o tempo em paz.

Os demais a observaram enquanto ela andava até o saco de dormir. Selv embrulhou a comida restante, depois levou os filhos dali também.

– Minha vez de vigiar – lembrou Kalam ao capitão.

– Não estou cansado... – começou a dizer Keneb. O assassino rousnou uma risada. – Está bem, estou cansado – admitiu, enfim, o capitão. – Todos estamos. Só que essa poeira vai nos fazer roncar mais alto que cervos no cio. Vou acabar só deitado ali, encarando essa mortalha que deveria ser o céu. Garganta ardendo, pulmões doendo como se estivessem cheios de lodo, olhos mais secos do que uma pedra da sorte esquecida. Não vamos ter nem um minuto de sono decente até tirarmos este lugar do nosso corpo...

– Temos que sair daqui primeiro.

Keneb assentiu. Olhou para onde os roncos já haviam começado e baixou a voz:

– Alguma previsão de quando será isso, cabo?

– Não.

O capitão ficou em silêncio por um longo tempo. Então suspirou.

– De algum modo, você se estranhou com Minala. Isso é uma tensão inoportuna para nossa família, não acha?

Kalam nada disse.

Depois de um momento, Keneb continuou:

– O coronel Tras queria uma esposa sossegada e obediente, uma esposa para ficar empoleirada em seu braço e emitir uns sons bonitos...

– Não devia ser muito observador, então, não é?

– Mais para teimoso. “Qualquer cavalo pode ser domado”, essa era sua filosofia. E foi o que ele começou a fazer.

– O coronel era um homem sutil?

– Nem mesmo esperto.

– Mas Minala é as duas coisas. Em que, em nome do Encapuzado, ela estava pensando?

Keneb estreitou os olhos sobre o assassino, como se de repente tivesse percebido alguma coisa. Depois, deu de ombros.

– Ela ama a irmã.

Kalam desviou o olhar, com um sorriso sem emoção.

– A vida de oficial não é maravilhosa?

– Tras não pretendia ficar muito tempo naquela guarnição bem no fim do mundo. Usava seus mensageiros a fim de tecer uma teia extensa de informações. Estava a uma semana de conseguir uma nova incumbência, dessa vez no centro das coisas.

– Aren.

– É.

– Você ficaria com o comando da guarnição, então.

– Sim, recebendo mais dez imperiais por mês. Seria o suficiente para contratar bons tutores para Kesen e Vaneb em vez daquele sapo velho e bêbado de mãos inquietas, cheio das relações com o resto do pessoal da guarnição.

– Minala não parece domada.

– Ah, ela foi bem domada. Cura forçada era a principal estratégia do coronel. Uma coisa é bater numa pessoa até ela desmaiar, depois ter de esperar um mês ou mais até ela se recuperar para, então, começar tudo outra vez. Com um curandeiro de pelotão cheio de dívidas de jogo a seu lado, você pode quebrar ossos antes do café da manhã e deixar tudo pronto para outra rodada antes mesmo do próximo pôr do sol.

– Com você espertamente batendo continência no meio de tudo isso...

Keneb estremeceu e desviou o olhar.

– Você não pode se colocar contra o que não sabe, cabo. Se eu ao menos suspeitasse... – Ele balançou a cabeça. – Portas fechadas. Foi Selv que descobriu, por meio de uma lavadeira que cuidava das roupas do coronel e das nossas. Sangue nos lençóis e tudo mais. Quando ela me contou, eu o chamei para fora do complexo. – O capitão fez uma careta. – A rebelião me impediu. Caí numa emboscada no meio do caminho e, a partir daí, minha única preocupação foi nos manter vivos.

– Como o bom coronel morreu?

– Você acabou de chegar a uma porta fechada, cabo.

Kalam sorriu.

– Tudo bem. Em horas assim, consigo enxergar através desse tipo de

porta razoavelmente bem.

– Então não preciso dizer mais nada.

– Olhando para Minala, nada disso faz sentido – disse o assassino.

– Existem tipos diferentes de força, eu acho. E de defesa. Ela era bem próxima de Selv e das crianças, mas agora se enrola neles como uma armadura, tão fria e tão dura quanto. Minala está tendo problemas é com você, Kalam. Você parece estar se enrolando do mesmo modo, mas ao redor dela... e do resto de nós.

E ela está se sentindo desnecessária? É isso que Keneb acha.

– O problema de Minala comigo é que ela não confia em mim, capitão.

– Por que não, em nome do Encapuzado?

Porque estou segurando punhais invisíveis. E ela sabe. Kalam deu de ombros.

– Considerando o que você me contou, confiança não parece algo que ela conceda a qualquer um, capitão.

Keneb refletiu sobre isso. Em seguida, suspirou e se levantou.

– Bem, chega de conversa. Tenho uma mortalha para encarar e roncos para contar.

Kalam observou o capitão se afastando até se instalar ao lado de Selv. O assassino inspirou fundo, devagar. *Imagino que sua morte tenha sido rápida, coronel Tras. Seja caprichoso, querido Encapuzado, e cuspa o bastardo de volta para cá. Eu mesmo vou matá-lo desta vez, e que a Rainha não olhe, pois não será uma morte rápida.*

De bruços, Violinista rastejou até a encosta de rochas caídas. Sem querer, acabou arranhando os nós dos dedos enquanto empunhava sua besta engatilhada. *Aquele desgraçado do Servo está se dissolvendo em uma dúzia de estômagos a esta altura. Ou isso, ou sua cabeça está numa lança e sem as orelhas, que devem estar enfeitando o cinto de alguém.*

Todas as habilidades de Icarium e Mappo tinham sido usadas além do

limite, pelo simples esforço de manter todos vivos. O Furacão, ainda que continuasse extremamente violento, não era mais uma simples tempestade vazia limpando uma terra morta. O rastro de Servo levou o grupo até um caos muito mais concentrado.

Outra lança voou da cortina ocre, que rodopiava, passando à esquerda de Violinista e aterrissando com um tinido a dez passos do sapador. *A ira de sua deusa deixa você tão cego quanto nós, seu idiota!*

As colinas estavam apinhadas de guerreiros do deserto de Sha'ik. Poderia ser coincidência, sim, mas havia alguma outra coisa naquela feroz convergência. *Convergência, mesmo. Os seguidores buscam a mulher que juraram proteger. Pena que o outro caminho passa por aqui também.*

Gritos distantes se sobrepunham ao uivo do vento, mais gutural. *Eis que as colinas estão cheias de feras. E de temperamento ruim, aliás.* Por três vezes no período de uma hora, Icarium tinha guiado o grupo de modo a contornarem um soletaken ou um d'ivers. Havia um tipo de acordo mútuo ali: os metamorfos não queriam nada com o jhag. *Mas os fanáticos de Sha'ik... Ah, com eles é jogo limpo. Sorte a nossa.*

Ainda assim, a probabilidade de Servo ainda estar vivo parecia, na cabeça de Violinista, bem pequena. Também estava preocupado com Apsalar e, ironicamente, desejou que as habilidades de um deus se provassem à altura daquela tarefa.

Dois guerreiros do deserto, vestindo armaduras de couro, apareceram à frente do sapador, colina abaixo. Eles fugiram em pânico na direção do sopé do desfiladeiro.

Violinista praguejou, sibilando. Ele tinha assumido o flanco do grupo naquele lado. Se passassem por ele...

O sapador ergueu a besta.

Capas pretas se abateram sobre as duas figuras, que guincharam. As capas pululavam, rastejavam. Aranhas, grandes o bastante para que fosse possível discernir cada uma delas, mesmo àquela distância. A pele de Violinista formigou. *Vocês deveriam ter trazido vassouras, amigos.*

Ele se levantou da fenda em que estava, virando para a direita e lutando para subir o aclave. *E, se eu não chegar mais perto de Icarium logo, vou desejar ter trazido uma, também.*

Os gritos dos guerreiros do deserto cessaram, fosse pela distância a que estavam agora do sapador ou por sua feliz libertação – Violinista esperava que fosse o último caso. À frente se erguia a lateral da trilha que vinha, até então, marcando os rastros de Apsalar e seu pai.

O vento empurrava o sapador enquanto ele subia com dificuldade até o topo. No instante em que se deparou com a crista, ele avistou os demais, não mais de dez passos adiante. Os três estavam agachados sobre uma figura imóvel.

Violinista congelou. *Ah, Encapuzado, faça com que seja um estranho...*

E era: um jovem nu, com a pele pálida demais para ser um dos homens tribais de Sha'ik, nativos do deserto. Sua garganta tinha sido cortada e a ferida se abria até alcançar a parte achatada e interior da vértebra. Não havia sangue.

Quando Violinista se agachou devagar, Mappo olhou para ele.

– Um soletaken, achamos – disse ele.

– Isso é obra de Apsalar – retrucou Violinista. – Veja como a cabeça foi empurrada para a frente e para baixo, queixo enfiado para ancorar a lâmina... Já vi isso antes...

– Então ela está viva – disse Crokus.

– Como falei – retumbou Icarium. – Assim como o pai dela.

Até agora, tudo bem. Violinista se levantou.

– Não há sangue – observou o sapador. – Alguma ideia de quanto tempo faz que ele morreu?

– Não mais que uma hora – respondeu Mappo. – Quanto à falta de sangue... – Ele deu de ombros. – O Furacão é uma deusa sedenta.

O sapador assentiu.

– Acho que vou ficar mais perto de vocês de agora em diante, se não se importarem. Imagino que não teremos mais problemas com os guerreiros de

Sha'ik. Podem chamar isso de instinto.

Mappo aquiesceu.

– Por enquanto, seguimos no Caminho das Mãos.

E por quê? É o que eu me pergunto.

Retomaram a jornada. Violinista pensou na meia dúzia de vezes que tinha visto guerreiros do deserto naquelas últimas doze horas. Homens e mulheres desesperados. O Raraku era o centro do Apocalipse, mas a rebelião não tinha um líder, e estava assim fazia um tempo. O que estava acontecendo do outro lado dos penhascos que cercavam o Deserto Sagrado?

Anarquia, aposto. Carnificina e frenesi. Corações de gelo e a misericórdia do aço frio. Mesmo que a ilusão de Sha'ik esteja sendo mantida e seus seguidores dos mais altos postos tenham assumido o comando, ela não liderou seu exército a fim de torná-lo o ímã da rebelião. Não fica bem proclamar uma revolta e depois não aparecer para conduzi-la...

Apsalar teria as mãos cheias, se aceitasse esse papel. As habilidades de um assassino poderiam mantê-la viva, mas não ofereciam essa espécie de magnetismo intangível que era necessário para liderar exércitos. *Comandar* exércitos era fácil: as hierarquias tradicionais garantiam isso, como mostravam com clareza os pouco competentes Punhos do Império Malazano. No entanto, *liderar* era uma coisa completamente diferente.

Violinista só conseguia pensar em um punhado de pessoas com essa qualidade magnética. *Dassem Ultor, o príncipe K'azz D'Avore, da Guarda Escarlata, Caladan Brood e Dujek Umbrago. Tattersail, se tivesse tido ambição. Como a própria Sha'ik. E Whiskeyjack.*

Por mais sedutora que Apsalar fosse, o sapador não via essa força em sua personalidade. Competência, sem dúvida. Convicção silenciosa, também. Mas ela claramente preferia observar a participar. *Pelo menos até chegar a hora de puxar o punhal. Assassinos não se importam em afiar seus poderes de persuasão. Por que se incomodar com isso? Ela precisará das pessoas certas à sua volta...*

Violinista fechou a cara para si mesmo. Já tinha assumido que a moça

iria exercer aquele papel, como fio central da tapeçaria tecida pela deusa. *E aqui estamos, correndo pelo Furacão... Apenas para chegarmos a tempo de testemunhar o renascimento profético.*

Observando com os olhos semicerrados o cascalho que voava, o sapador fitou Crokus. O rapaz caminhava meia dúzia de passos à frente, apenas um passo atrás de Icarium. Apesar de estar inclinado na direção do vento mordaz, de certa forma ele revelava nervosismo e fragilidade em sua postura. *Apsalar não disse nada a Crokus antes de partir. Ela o ignorou, bem como suas preocupações, com a mesma facilidade que fez com o resto de nós. Pust ofereceu o pai da garota para selar um pacto. Mas ele o mandou para cá primeiro. Isso sugere que o velho era parte consciente do esquema, um conspirador. Se eu fosse essa menina, teria perguntas bem duras guardadas para o papai.*

Por todos os lados, o Furacão pareceu uivar com risadas.

A fissura lembrava vagamente uma porta e tinha o dobro da altura de um homem. Pérola andava de um lado para outro diante dela, resmungando consigo mesmo, enquanto Lostara Yil observava seus movimentos, sem muita paciência.

Finalmente ele se virou, como se de repente se lembrasse da presença dela.

– Complicações, minha querida. Estou... dividido.

A Lâmina Vermelha olhou para o portal.

– O assassino já deixou o Labirinto, então? Essa não parece igual à outra...

O Garra limpou cinzas da testa, deixando uma faixa escura.

– Ah, não. Isso representa um... desvio. Sou o último trabalhador sobrevivente, afinal. A imperatriz odeia tanto mãos desocupadas... – Ele lançou um sorriso irônico a ela. Depois deu de ombros. – Não é minha única preocupação, infelizmente. Estamos sendo rastreados.

Ela sentiu um arrepio ao ouvir aquelas palavras.

– Deveríamos voltar, então. Preparar uma emboscada...

Pérola sorriu e agitou um dos braços.

– Escolha para nós um lugar apropriado, então. Por favor.

Ela olhou ao redor. O horizonte era apenas uma linha reta para qualquer direção em que se virasse.

– E quanto àqueles montes pelos quais passamos um tempo atrás?

– Não se preocupe com eles – disse o Garra. – Distância segura da primeira vez, e nem um pouco mais perto, agora.

– Então, aquele fosso...

– Mecanismos para medir frivolidades. Acho que não, minha querida. Por enquanto, temo que devamos ignorar quem está nos perseguindo...

– E se for Kalam?

– Não é. Graças a você, estamos de olho nele. A mente de nosso assassino está vagando e, por isso, é o que o caminho dele também faz. Uma falta de disciplina embaraçosa, para alguém tão importante. Admito estar desapontado com o homem. – Ele virou para fitar o portal. – Em todo caso, perdemos bastante tempo aqui. Uma pequena assistência se faz necessária. Não prolongada, eu garanto. A imperatriz concorda que a jornada de Kalam traz... riscos pessoais à sua pessoa. Portanto, deve ser a maior prioridade. Apesar disso...

O Garra tirou a capa curta, dobrando-a com cuidado e colocando-a no chão. Um cinto contendo estrelas de atirar cruzava seu peito. Sob seu braço esquerdo, havia uma braçadeira de facas, com o castão para cima. Pérola passou pelo ritual de verificar cada arma.

– Espero aqui?

– Como você preferir. No entanto, não posso garantir sua segurança se você me acompanhar, pois vou entrar num conflito.

– E qual será o inimigo?

– Seguidores do Furacão.

Lostara Yil desembainhou a cimitarra.

Pérola sorriu, como se já soubesse bem o efeito que suas palavras teriam sobre ela.

– Quando chegarmos, será noite. Com brumas espessas, também. Nossos inimigos são semkeses e tithanos, e nossos aliados...

– Aliados? O confronto já está acontecendo?

– Ah, sim. Wickanos e soldados do Sétimo.

Lostara mostrou os dentes.

– Coltaine.

Abrindo mais o sorriso, Pérola calçou um par de luvas finas de couro.

– O ideal é que não percebam nossa presença – continuou ele.

– Por quê?

– Se a ajuda aparecer uma vez, surge a esperança de que apareça de novo. O risco é cegar o gume de Coltaine, e, pelos Inominados, o wickano precisará desse gume bem afiado pelas próximas semanas.

– Estou pronta.

– Um aviso – disse o Garra, falando mais arrastado. – Há um demônio semkês. Fique longe dele, pois, apesar de não sabermos quase nada sobre seus poderes... o que sabemos sugere que ele tenha um temperamento... terrível.

– Estarei logo atrás de você – garantiu Lostara.

– Hum, nesse caso, quando atravessarmos, vá para a esquerda. Eu vou para a direita. Afinal, não será uma entrada muito interessante se um acabar tropeçando no outro.

O portal se alargou. Rápido, Pérola deslizou para a frente e sumiu. Lostara bateu os calcanhares nas laterais de sua montaria. O cavalo disparou através do portal...

... e seus cascos pisaram em solo duro. A neblina rodopiava descontroladamente a seu redor, em meio a uma escuridão que parecia viva, com os sons de gritos e detonações. Ela já tinha perdido Pérola de vista, mas essa preocupação logo foi posta de lado assim que quatro guerreiros tithanos a pé cambalearam para dentro de seu campo de visão.

Os guerreiros estavam sendo massacrados por uma afiadora e nenhum deles estava preparado quando Lostara disparou em sua direção, golpeando com a cimitarra. Os homens se espalharam, mas estavam fatalmente lentos por conta de suas feridas. Dois tombaram já na primeira passada da lâmina. Ela girou o cavalo para preparar uma nova investida.

Os outros dois guerreiros desapareceram; brumas se fecharam como lençóis, caindo devagar. Um som agitado à esquerda de Lostara a fez virar o cavalo a tempo de ver Pérola saltar para dentro de seu campo de visão. Ele deu meia-volta e atirou, de repente, uma estrela para trás.

Um homem gigantesco surgiu. Sua cabeça se inclinou levemente para trás quando a estrela de ferro se cravou em sua testa, mas ele seguiu avançando.

Lostara rosnou. Rapidamente, soltou a cimitarra até deixá-la pender no laço ao redor de seu pulso. Então ela pegou a besta.

Seu tiro saiu baixo; a seta afundou bem abaixo do esterno do semkês, acima dos estranhos cintos de couro grosso que protegiam seu diafragma. A flecha se mostrou bem mais eficaz que a estrela de Pérola. Enquanto o homem grunhia e se dobrava, ela viu, chocada, que sua boca e as narinas haviam sido costuradas. *Ele não respira. Aqui está nosso demônio!*

O semkês se endireitou, lançando os braços para a frente. O poder que verteu deles era invisível, mas tanto Pérola quanto Lostara foram arremessados no ar, dando cambalhotas. O cavalo relinchou, numa agonia mortal, em meio à rápida sucessão de ossos sendo quebrados e esmagados.

A Lâmina Vermelha aterrissou sobre o lado direito dos quadris, sentindo o osso ressoar dentro dela como um sino que se quebrava. Então, ondas de dor fecharam suas garras ao redor de sua perna. Sua bexiga cedeu, inundando suas roupas de baixo com um fluxo quente.

Um par de sapatos aterrissou a seu lado. O cabo de uma faca foi colocado em sua mão.

– Entre assim que eu terminar. Aí vem ele!

Cerrando os dentes de dor, Lostara Yil se virou.

O demônio semkês estava a dez passos de distância, imenso e impossível de ser detido. Pérola se agachou entre os dois, segurando facas que pingavam fogo vermelho. Lostara sabia que ele já se considerava morto.

De repente, algo se aproximou, vindo da esquerda do demônio. A coisa era um verdadeiro pesadelo: preta, com três membros, tinha uma escápula saliente como um capuz bem atrás da cabeça, que por sua vez ficava na extremidade de um pescoço longo. Sua mandíbula sorridente era repleta de presas e um único olho plano e negro brilhava, úmido, em sua face.

Ainda mais terrível era a figura humanoide que cavalgava essa escápula. Seu rosto parecia uma imitação zombeteira da própria fera e os lábios arreganhados revelavam presas tão compridas quanto os dedos de uma criança. Seu único olho cintilava.

A aparição atingiu o demônio semkês como uma carroça de guerra desgovernada. O único membro dianteiro da besta avançou até se afundar na barriga do demônio. Depois ela o puxou para trás e uma explosão de fluidos jorrou do ferimento. Preso nas garras daquele membro dianteiro havia algo que irradiava fúria em ondas palpáveis. O ar ficou gelado.

Pérola recuou até seus calcanhares tocarem Lostara. Em seguida, estendeu a mão para baixo, com os olhos ainda fixos na cena, e agarrou a correia da arma dela.

O corpo do semkês pareceu se enrolar sobre si mesmo e ele cambaleou para trás. A aparição recuou, ainda segurando em suas garras o objeto de carne gotejante.

O pequeno cavaleiro fez menção de pegá-la, mas a criatura sibilou, virando-se para manter o objeto fora de alcance. Em vez disso, ela o jogou bem longe, no meio das brumas. O semkês o seguiu, aos tropeços.

A aparição virou a cabeça comprida na direção de Lostara e Pérola. Mantinha aquele sorriso medonho.

– Obrigada – sussurrou Pérola.

Um portal floresceu ao redor deles.

Lostara piscou ao ver um céu embotado, carregado de cinzas. Não havia

qualquer som além da respiração dos dois. *Seguros*. Um momento depois, como se uma mortalha tivesse sido colocada sobre ela, Lostara ficou inconsciente.

CAPÍTULO 13

Numa primorosa correspondência do cachorro com seu dono, o cão pastor wickano é uma raça perversa e imprevisível, compacta mas poderosa, embora sua característica mais notável seja, de longe, a teimosia.

A vida dos conquistados, Ilem Trauth

Enquanto Duiker caminhava em meio às tendas grandes e espaçosas, um coro de gritos estourou à frente. Logo depois, apareceu um dos cachorros wickanos, com a cabeça baixa: era uma investida veloz, feita de puro músculo, e se dirigia ao historiador.

Duiker tateou em busca de sua espada, mesmo que já soubesse que era tarde demais. No último instante, o animal imenso desviou de forma ágil, contornando o local onde ele estava, e o historiador viu que a criatura trazia na boca um cãozinho de estimação com os olhos cheios de pavor.

O cão pastor continuou correndo, deslizando por entre duas tendas e desaparecendo de vista.

À frente do historiador, surgiram algumas pessoas, armadas com pedras enormes e, de maneira bizarra, guarda-sóis kaneses. Todas elas estavam vestidas como se fossem a algum tipo de cerimônia real, embora Duiker enxergasse em suas expressões uma fúria primitiva.

– Você aí! – gritou uma delas de forma imperiosa. – Velho! Você viu um cachorro louco agorinha mesmo?

– Eu vi um cão pastor correndo, sim – respondeu o historiador, baixo.

– Com um raro cão hengês caçador de baratas na boca?

Um cachorro que come baratas?

– Caçador? Presumi que ele fosse a caça.

Os nobres se calaram e seus olhares se fixaram em Duiker.

– Um momento inadequado para ser engraçadinho, velho – grunhiu o porta-voz. Era mais jovem que os outros e a pele cor de mel e os olhos grandes denotavam sua linhagem quon-taliana. Era magro, com a firmeza física de um duelista, e essa hipótese acabou sendo confirmada pelo florete com punho elaborado preso a seu cinto. Além disso, algo nos olhos do homem dizia a Duiker que se tratava de alguém que gostava de matar.

O homem se aproximou com um andar cada vez mais presunçoso.

– Peça desculpas, camponês. Posso garantir que isso não vai poupá-lo de uma surra, mas pelo menos você vai continuar respirando.

Um cavaleiro se aproximou pelas costas do historiador, num galope brando.

Duiker viu os olhos do duelista voarem para trás de seu ombro.

O cabo Lista puxou as rédeas para fazer a montaria parar, ignorando o nobre.

– Perdão, senhor. Fiquei retido na forja. Onde está seu cavalo?

– Com o rebanho principal – respondeu Duiker. – Um dia de folga para o pobre animal. Há muito ele merecia um descanso.

Para um jovem de baixa patente, Lista conseguiu exibir uma impressionante expressão de frieza ao finalmente olhar para o nobre.

– Se chegarmos atrasados, senhor, Coltaine vai exigir uma explicação – disse Lista a Duiker.

O historiador se dirigiu ao nobre:

– Acabamos aqui?

O homem assentiu brevemente.

– Por enquanto.

Acompanhado pelo cabo, Duiker retomou sua jornada pelo acampamento dos nobres. Quando haviam avançado uns dez passos, Lista se inclinou em sua sela.

– Alar parecia estar quase desafiando você a um duelo, historiador.

- Ele é conhecido, então, esse Alar?
- Pullyk Alar...
- Que azar o dele.

Lista sorriu largamente.

Alcançaram uma clareira no meio do acampamento e descobriram que uma punição a chicotadas estava ocorrendo ali. O homem baixo e robusto com o chicote na mão pareceu familiar a Duiker. A vítima era um servo. Três outros servos estavam por perto, sem olhar a cena. Havia ali alguns outros nobres, reunidos ao redor de uma mulher que chorava. Eles murmuravam palavras de consolo a ela.

A capa com brocado de ouro de Lenestro tinha perdido um pouco de seu brilho e seu frenesi e o rosto vermelho ao sacudir o chicote o faziam parecer um macaco espumante interpretando a tradicional farsa do Espelho do Rei numa feira de vilarejo.

– Vejo que os nobres estão felizes com a volta de seus servos – disse Lista secamente.

– Suspeito que isso tenha mais a ver com um cachorrinho roubado – resmungou o historiador. – Seja como for, vai acabar agora.

O cabo olhou ao redor.

– Ele simplesmente vai continuar depois, senhor – ponderou Lista. Duiker não disse nada. – Quem roubaria um cachorrinho? – perguntou o cabo, permanecendo ao lado do historiador enquanto ele se aproximava de Lenestro.

– Quem não roubaria? Temos água, mas ainda estamos com fome. Em todo caso, um dos cães pastores wickanos teve essa ideia antes, para constrangimento de todos nós.

– Eu culpo a preocupação, senhor.

Lenestro notou a aproximação e interrompeu as chicotadas. Sua respiração era tão alta quanto um fole.

Ignorando o nobre, Duiker foi até o servo. O homem era velho e estava de quatro no chão, com as mãos protegendo a parte de trás da cabeça. Havia

vergões vermelhos nos nós dos dedos, no pescoço e em toda a extensão de suas costas ossudas. Sob os ferimentos, havia marcas de cicatrizes antigas. Uma coleira cravejada de joias jazia na poeira ao lado dele, com a parte da garganta arreventada.

– Não é assunto seu, historiador – rosnou Lenestro.

– Esses servos contiveram uma investida tithana no Sekala – disse Duiker. – E essa defesa ajudou a manter a sua cabeça sobre os ombros, Lenestro.

– Coltaine roubou propriedade! – gritou o nobre em tom agudo. – O Conselho o julgou assim e a penalidade foi expedida!

– Expedida – disse Lista – e devidamente mijada.

Lenestro se virou para o cabo e ergueu o chicote.

– Um aviso – falou Duiker, empertigando-se. – Bater em um soldado do Sétimo ou em seu cavalo, que seja, vai fazer com que você seja enforcado.

Lenestro visivelmente lutou para controlar o próprio temperamento, com o braço ainda erguido e o chicote tremendo.

Outros se reuniram, claramente tomando partido de Lenestro. Mesmo assim, o historiador não imaginava que haveria violência. Os nobres podiam até ter uma noção bem distante da realidade, mas eram tudo, menos suicidas.

– Cabo, levaremos este homem aos curandeiros do Sétimo – disse Duiker.

– Sim, senhor – respondeu Lista, desmontando bruscamente.

O servo estava desmaiado. Juntos, eles o carregaram até o cavalo e o colocaram de barriga para baixo sobre a sela.

– Ele voltará para mim depois de curado – disse Lenestro.

– Para você fazer isso de novo? Errado. Ele não voltará para você.

E, se você e seus companheiros estão se sentindo ultrajados agora, esperem para ver como estarão daqui a uma hora.

– Todos esses atos contrários à lei malazana estão sendo anotados – disse o nobre, estridente. – Haverá pagamento, com juros.

Duiker já tinha ouvido o suficiente. De repente, o historiador avançou, agarrou o colarinho da capa de Lenestro com as duas mãos e sacudiu o homem, de modo que seus dentes até bateram. O chicote caiu no chão. O nobre arregalou os olhos, apavorado, e a imagem chegou a lembrar ao historiador o cachorrinho na boca do cão de caça.

– Você provavelmente acha que vou tentar explicar a situação em que estamos – sussurrou Duiker. – Mas já está óbvio para mim que isso seria inútil. Você é um imbecil encenqueiro, Lenestro. Me irrite mais uma vez e vou fazer você comer merda de porco e gostar. – Ele sacudiu a criatura patética de novo e, então, a soltou.

Lenestro desmoronou.

Duiker franziu a testa para o homem.

– Ele desmaiou, senhor – disse Lista.

– Pois é.

O velho assustou você, foi?

– Isso foi mesmo necessário? – indagou uma voz, em tom de lamento. Nethpara emergiu da multidão. – Como se os nossos requerimentos penderos já não somassem uma quantidade imensa, agora temos um assédio moral para acrescentar às nossas queixas. Que vergonha, historiador...

– Desculpe a interrupção, senhor – disse Lista –, mas talvez seja interessante saber, antes de voltar a repreender o historiador, que o conhecimento acadêmico veio tarde para esse homem. Vai encontrar seu nome entre os Notáveis da Coluna do Primeiro Exército em Unta e, se não tivesse chegado atrasado, teria testemunhado a disposição natural de um soldado. Na verdade, foi de um autocontrole admirável o historiador ter escolhido usar as duas mãos para segurar a capa de Lenestro, a fim de não usar uma delas para desembainhar aquela espada bem gasta em seu cinto e enfiá-la no coração do sapo.

Nethpara piscou para limpar o suor dos olhos.

Duiker se virou devagar até encarar Lista.

O cabo percebeu o desalento no rosto do historiador e respondeu com uma piscadela.

– É melhor irmos andando, senhor – disse, enfim.

Deixaram para trás uma aglomeração na clareira, que quebrou o silêncio só depois que eles entraram no corredor entre as tendas do outro lado. Lista caminhava perto do historiador, guiando o cavalo pelas rédeas.

– Ainda fico surpreso que eles insistam na ideia de que vamos sobreviver a esta jornada – disse Lista.

Duiker olhou para ele, surpreso.

– Você não tem mais fé nisso, cabo?

– Nunca chegaremos a Aren, historiador. Mas os tolos se apegam a seus requerimentos, suas queixas... Tudo isso contra as pessoas que os mantêm vivos.

– Existe uma grande necessidade de se conservar a ilusão de ordem, Lista. Para todos nós.

O jovem fez uma expressão de sarcasmo.

– Senti falta dessa empatia toda lá atrás, senhor.

– Obviamente.

Deixaram o acampamento dos nobres e entraram na confusão das carroças que traziam os feridos. Vozes gemiam, como um coro constante de dor. Um arrepio perpassou Duiker. Até mesmo hospitais sobre rodas tinham aquela atmosfera penetrante de medo, os sons do desafio e o silêncio da rendição. As muitas camadas reconfortantes da mortalidade acabavam sendo retiradas, revelando ossos destruídos, numa súbita compreensão da morte que latejava como um nervo exposto.

A consciência e as revelações engrossavam o ar da pradaria, de um modo que os sacerdotes somente poderiam sonhar para seus templos. *Temer os deuses é temer a morte. Em lugares onde homens e mulheres estão morrendo, os deuses não funcionam mais como intermediários. A intercessão tranquilizadora se vai. Eles recuam, atravessando os portões, e observam do outro lado. Observam e esperam.*

– Devíamos ter dado a volta – resmungou Lista.

– Mesmo se não tivéssemos um homem necessitado sobre o cavalo, eu teria insistido que passássemos por este lugar, cabo – disse Duiker.

– Já aprendi essa lição – retrucou Lista, com a voz tensa.

– Considerando suas palavras anteriores, eu diria que a lição que você aprendeu é diferente da minha, garoto.

– Este lugar traz coragem a você, historiador?

– Fortalece, cabo, embora de um modo frio, admito. Não importam os jogos dos Ascendentes. Nós somos isto aqui. A luta infundável aqui está exposta. Abrimos mão do idílico, da ilusão de uma suposta importância que todos nós temos, assim como da falsa humildade que há na insignificância. Mesmo enquanto lutamos batalhas completamente pessoais, somos iguais. Aqui é onde tudo se nivela, cabo. Essa é a lição, e me pergunto se é mera coincidência o fato de aquela turba iludida, vestida em seus fios de ouro, caminhar justamente atrás destas carroças.

– De um jeito ou de outro, poucas revelações sangraram o suficiente para manchar os sentimentos daqueles nobres.

– É mesmo? Senti cheiro de desespero lá atrás, cabo.

Lista encontrou uma curandeira e os dois entregaram o servo às mãos sujas de sangue da mulher.

À frente deles, o sol já estava baixo no horizonte quando alcançaram o acampamento principal do Sétimo. A fumaça fraca das fogueiras de estercor pairava como uma névoa dourada sobre as fileiras ordenadas de tendas. De um dos lados, dois pelotões de infantaria haviam iniciado uma competição de “aperto de cinto” usando um elmo revestido de couro como bola. Um círculo de espectadores estava reunido ao redor deles, dando vivas e zombando. Ouviam-se risadas no ar.

Duiker lembrou as palavras de um velho soldado de sua época de serviço. Às vezes você só tem de sorrir e cuspir na cara do Encapuzado. Os pelotões que ali jogavam faziam exatamente isso, desgastando-se para rir com ironia da própria exaustão, bem conscientes dos olhos tithanos que os

observavam a distância.

Estavam a um dia de distância do rio P'atha, e a batalha iminente seria uma promessa cada vez mais palpável conforme se aproximasse o crepúsculo.

Dois dos soldados navais do Sétimo guardavam a tenda de comando de Coltaine e o historiador reconheceu a mulher. Ela inclinou a cabeça, cumprimentando-o.

– Historiador.

Havia uma expressão em seus olhos pálidos que parecia pousar uma mão invisível no peito do historiador. Duiker ficou em silêncio, embora tenha conseguido sorrir. Quando passaram pelas abas repuxadas, Lista murmurou:

– Ora, ora, historiador.

– Chega disso, cabo – disse Duiker, obrigando-se a não fazer cara feia para o sorriso largo do jovem.

Chega um tempo em que o homem sábio aprende a não zombar do desejo de um companheiro com metade de sua idade. Patética demais, de longe, essa ilusão de competição. Além disso, o olhar daquela soldado foi mais de pena do que de qualquer outra coisa, e não importa o que meu coração tenha sussurrado. Acabe com esses pensamentos tolos, velho.

Coltaine estava perto do mastro central, com uma expressão sombria. A chegada de Duiker e Lista acabou interrompendo uma conversa. Bult e o capitão Bonança também estavam ali, sentados em cadeiras de sela, parecendo carrancudos. Sormo encontrava-se em pé, envolto em couro de antílope, com as costas voltadas para a parede mais distante da tenda e os olhos ocultos pelas sombras. O ar estava sufocante e tenso.

Bult pigarreou.

– Sormo estava falando a respeito do deus semkês – disse ele. – Os espíritos disseram que algo o feriu. Muito. Na noite do ataque... um demônio caminhou pela terra. De forma ligeira, pelo que entendi, deixando um rastro difícil de farejar. Em todo caso, ele apareceu, deu uma surra no semkês,

depois partiu. Parece que o Garra tinha companhia, historiador.

– Um demônio imperial?

Bult deu de ombros e encarou Sormo.

O bruxo, parecendo um abutre negro empoleirado sobre uma estaca de cerca, se agitou brevemente.

– Há precedentes – admitiu. – Mas Nil acredita em outra coisa.

– Por quê? – perguntou Duiker.

Houve uma longa pausa antes de Sormo responder.

– Quando Nil fugiu para dentro de si mesmo naquela noite... Não, isto é, pelo menos ele *acredita* ter sido protegido do feitiço de ataque do semkês pela própria mente... – Ficou claro que o bruxo tinha dificuldade com suas palavras. – Dizem que os andarilhos espectrais tannos desta terra têm a capacidade de fazer buscas em um mundo oculto... Não um Labirinto verdadeiro, mas um reino em que almas são libertadas da carne. Parece que Nil se deparou com esse lugar e lá acabou ficando cara a cara com... outra pessoa. No começo, pensou que fosse apenas um aspecto de si mesmo, um reflexo monstruoso...

– Monstruoso? – perguntou Duiker.

– Um rapaz da idade do próprio Nil, mas com um rosto demoníaco. Nil acredita que esse menino estava ligado à aparição que atacou o semkês. Demônios imperiais raramente têm familiares humanos.

– Então quem o enviou?

– Talvez ninguém.

Não surpreende que Coltaine esteja com suas penas negras arrepiadas.

Pouco depois, Bult suspirou alto, estendendo suas pernas deformadas e curvadas.

– Kamist Reloe preparou boas-vindas para nós do outro lado do rio P'atha. Não podemos dar a volta. Portanto, devemos atravessá-lo.

– Você vai com os soldados navais – disse Coltaine a Duiker.

O historiador olhou para o capitão Bonança. O homem de barba ruiva sorriu.

– Parece que você ganhou um lugar entre os melhores, velho.

– Pelo sopro do Encapuzado! Não vou durar cinco minutos na linha de frente. Meu coração quase parou depois de uma luta que durou três respirações na outra noite...

– Não estaremos na linha de frente – disse Bonança. – Não sobrou o suficiente de nós para isso. Se tudo sair como planejado, não vamos precisar nem arranhar nossas espadas.

– Ah, muito bem. – Duiker se virou para Coltaine e disse: – Devolver os servos aos nobres foi um erro. Parece que a nobreza chegou à conclusão de que você não vai tomar os servos de volta se eles não conseguirem ficar de pé.

– Eles mostraram força na travessia do Sekala, aqueles servos – disse Bult. – Só segurando escudos, veja só, mas foi isso que fizeram.

– Tio, você ainda tem aquele pergaminho exigindo compensação? – perguntou Coltaine.

– Tenho.

– E essa compensação foi calculada com base no valor de cada servo em moeda? – continuou o Punho. Bult assentiu. – Reúna os servos e pague por eles em jakatas de ouro.

– Sim, embora todo esse ouro vá ser um fardo imenso para os nobres.

– Melhor para eles que para nós.

Bonança pigarreou.

– Aquelas moedas são para o pagamento dos soldados, não?

– O Império honra suas dívidas – grunhiu Coltaine.

Era uma afirmação que prometia repercutir bastante no tempo por vir, e o silêncio momentâneo na tenda disse a Duiker que ele não era o único a reconhecer aquilo.

Mariposas-do-lixo pululavam diante da face da lua. Duiker estava sentado ao lado das brasas de um fogareiro. Uma energia tensa tinha tirado o

historiador de seu saco de dormir. Por todos os lados o acampamento dormia, como uma cidade exausta. Até os animais haviam ficado em silêncio.

Rhizanos passavam pelo ar quente sobre o fogareiro, pegando pela asa os insetos que flutuavam por ali. O estalo suave de exoesqueletos era uma crepitação constante.

Uma forma escura apareceu ao lado de Duiker, se agachou e manteve silêncio.

Depois de um tempo, o historiador disse:

– Um Punho precisa descansar.

Coltaine grunhiu.

– E um historiador?

– Nunca descansa.

– Nossas necessidades nos são negadas – disse o wickano.

– Foi sempre assim.

– Historiador, você brinca como um wickano.

– Estudei a falta de humor de Bult.

– Dá para perceber.

O silêncio pairou sobre eles por um tempo. Duiker não podia dizer que conhecia o homem a seu lado. Se o Punho estava sendo atormentado por dúvidas, não demonstrava isso. Nem iria demonstrar, é claro. Um comandante não podia revelar suas falhas. Entretanto, a obstinação de Coltaine parecia ir além de sua patente. Até Bult resmungava de vez em quando que seu sobrinho era um homem capaz de se isolar em níveis muito além do natural estoicismo wickano.

Coltaine nunca fazia discursos para suas tropas e, apesar de ser visto por seus soldados com frequência, não fazia disso uma obrigação, como muitos comandantes. Mesmo assim, os soldados estavam em suas mãos agora, como se o Punho preenchesse cada espaço silencioso com uma presença física tão sólida quanto um aperto nos braços.

O que acontecerá no dia em que essa fé for despedaçada? E se estivermos a

apenas algumas horas desse dia?

– O inimigo está caçando nossos batedores – disse Coltaine. – Não podemos ver o que foi preparado para nós no vale adiante.

– E os aliados de Sormo?

– Os espíritos estão ocupados.

Ah, o deus semkês.

– Can'elds, debrahls, tithanos, semkeses, tepasinos, halafanos, ubareses, hissarianos, sialkeses e guranos.

Quatro tribos agora. Seis legiões de cidades. Estou percebendo um tom de dúvida?

O Punho cuspiu nas brasas do fogareiro.

– O exército que nos espera é um dos dois que mantêm o sul.

Como, em nome do Encapuzado, ele sabe disso?

– Sha'ik marchou do Raraku, então?

– Não. Um erro.

– O que a retém? A rebelião foi esmagada ao norte?

– Esmagada? Não, comanda tudo. Quanto a Sha'ik... – Coltaine fez uma pausa para ajeitar a capa de penas de corvo. – Talvez suas visões a tenham levado para o futuro. Talvez ela saiba que o Furacão falhará, que agora mesmo a conselheira da imperatriz está reunindo suas legiões. O porto de Unta está firme, com seus navios de carga. Os sucessos do Furacão irão se provar apenas momentâneos, como um furor de sangue que só foi adiante por causa da fraqueza imperial. Sha'ik sabe... O dragão foi despertado, e ainda se move lentamente. No entanto, quando a fúria de fato vier, limpará esta terra de costa a costa.

– Esse outro exército, aqui no sul... A que distância está?

Coltaine se endireitou.

– Pretendo alcançar o Vathar dois dias antes dele.

O Punho deve ter ouvido falar que Ubaryd caiu, junto com Devral e Asmar. Vathar: o terceiro e último rio. Se conseguirmos alcançá-lo, será uma corrida em linha reta até Aren... Ainda que, para isso, tenhamos de atravessar

o descampado mais ameaçador deste continente maldito pelo Encapuzado.

– Punho, o rio Vathar ainda está a meses de distância. E quanto a amanhã?

Coltaine tirou o olhar das brasas e piscou para o historiador.

– Amanhã esmagaremos o exército de Kamist Reloe, é claro. É preciso pensar bem adiante para ser bem-sucedido, historiador. Você deveria entender isso.

O Punho se afastou calmamente.

Duiker encarou o fogo prestes a apagar, sentindo um gosto amargo na boca. *Esse gosto é medo, velho. Você não tem a armadura impenetrável de Coltaine. Não consegue enxergar mais do que algumas horas à frente. Espera a aurora sempre acreditando que será a última, e, portanto, precisa testemunhá-la. Coltaine espera o impossível, espera que compartilhemos sua confiança implacável. Que compartilhemos sua loucura.*

Um rhizano aterrissou em sua bota; suas asas delicadas se fecharam quando ele se acomodou. O lagarto alado trazia na boca uma jovem mariposa-do-lixo que continuava a lutar mesmo enquanto o rhizano a devorava sistematicamente.

Duiker esperou até a criatura ter acabado sua refeição antes de balançar o pé e fazê-la voar dali. O historiador se endireitou. Os sons de atividade haviam começado nos acampamentos wickanos. Ele foi até o mais próximo.

Os cavaleiros do clã dos Cachorros Tolos estavam reunidos sob o brilho de tochas, aprontando seu equipamento. Duiker chegou mais perto. Armaduras de couro cozido ornamentado tinham aparecido, tingidas de tons escuros e terrosos de vermelho e verde. O equipamento grosso e acolchoado tinha um estilo que o historiador jamais vira. Runas wickanas haviam sido gravadas a fogo nele. As armaduras pareciam antigas, mas nunca usadas.

Duiker se aproximou do guerreiro mais próximo. Era um jovem com rosto em forma de pêssego, ocupado em esfregar gordura na proteção peitoral do cavalo.

– Armadura pesada para um wickano – disse o historiador. – E para um cavalo wickano também.

O jovem assentiu sobriamente, sem dizer nada.

– Vocês estão se transformando em cavalaria pesada – continuou Duiker.

O rapaz deu de ombros. Perto deles, um guerreiro mais velho falou:

– O chefe de guerra inventou isso durante a rebelião... Depois, fez um acordo de paz com o imperador, antes de poderem usar, de fato.

– E carregaram o equipamento com vocês esse tempo todo?

– Sim.

– Por que não usaram essas armaduras durante a travessia do Sekala?

– Não foi preciso.

– E agora?

Sorrindo largamente, o veterano ergueu um elmo de ferro com as novas proteções de nariz e faces anexadas.

– A horda de Reloe ainda não enfrentou cavalaria pesada, enfrentou?

Armaduras espessas não fazem uma cavalaria pesada. Vocês, tolos, treinaram para isso? Conseguem galopar em fileiras regulares? Conseguem virar? Quanto tempo antes de seus cavalos se exaurirem com o peso extra?

– Vocês vão parecer bastante intimidadores – disse o historiador, apenas.

O wickano percebeu o ceticismo de Duiker e seu sorriso aumentou.

O jovem baixou a proteção de peitoral e começou a amarrar o cinto da espada. Tirou a lâmina da bainha, revelando 1,20 metro de ferro enegrecido, com a ponta redonda e cega. A arma parecia pesada, desproporcional nas mãos do rapaz.

Pelo sopro do Encapuzado, um giro vai arrancá-lo da sela.

O veterano grunhiu.

– Alongue-se aqui, Temul – disse ele, em malazano.

Temul imediatamente se lançou em uma complexa coreografia e a lâmina se tornou um borrão em sua mão.

– Você pretende desmontar toda vez que alcançar um inimigo?

– Dormir teria feito muito bem à sua mente, velho.

Ponto pra você, bastardo.

Duiker se afastou dali. Sempre odiara as horas anteriores a uma batalha. Nenhum dos rituais de preparação funcionava para ele. Para um soldado experiente, verificar armas e equipamentos raramente levava mais que vinte batidas de coração. O historiador nunca tinha sido capaz de repetir essa verificação sem que houvesse a necessidade, outra vez e mais outra, como tantos soldados faziam. Era uma forma que eles tinham de manter as mãos ocupadas enquanto a mente lentamente deslizava para um mundo paralelo e afiado, repleto de cores saturadas, claridade dolorosa e um tipo de fome lasciva que invadia o corpo e a mente.

Alguns guerreiros se preparam para viver, alguns se preparam para morrer, e, nessas horas antes de o destino se desenrolar, é difícil pra cacete distinguir um tipo de soldado do outro. A dança do jovem Temul um momento atrás pode ser sua última. Aquela maldita espada pode nunca mais sair da bainha para cantar na sua mão.

O céu clareava a leste e o vento frio começava a esquentar. A vasta abóbada não tinha nuvens. Uma formação de pássaros voava alto ao norte e o padrão de pontinhos parecia quase imóvel.

Com o acampamento wickano às costas, Duiker entrou nas fileiras regimentares de tendas que marcavam o Sétimo. As várias unidades mantinham sua coesão até na disposição do acampamento e o historiador conseguia identificar cada uma delas com clareza. A infantaria média, que formava a maior parte do exército, estava disposta por companhias, cada qual consistindo em grupos que, por sua vez, eram formados por pelotões. Eles entrariam na batalha com escudos de bronze que protegiam o corpo inteiro, além de lanças de combate e espadas curtas. Vestiam cotas de malha com escamas de bronze, bem como grevas e manoplas, e elmos também de bronze, reforçados por barras de ferro na forma de uma armação ao redor do alto da cabeça. Os almofres de cota de malha protegiam pescoço e ombros. Os demais soldados de infantaria eram os navais e os sapadores,

sendo o primeiro grupo uma combinação de infantaria pesada e tropa de choque, invenção do velho imperador e ainda a única do tipo no Império. Iam armados de bestas e espadas curtas, assim como de espadas longas. Usavam cota de malha enegrecida sob couro cinza. Um a cada três soldados levava um escudo grande e redondo de madeira espessa e macia, que seria encharcada durante uma hora antes da batalha. Esses escudos eram usados para pegar e segurar armas inimigas, de espadas a manguais. Seriam descartados depois dos primeiros minutos de luta, normalmente cravejados de uma quantidade espantosa de ferro afiado. Essa tática peculiar do Sétimo tinha se provado efetiva contra os semkeses e seus métodos indisciplinados de luta, usando as duas mãos. Os soldados navais a chamavam de “arrancadentes”.

O acampamento dos sapadores ficava um pouco afastado dos demais – o mais longe possível sempre que carregavam munições moranthianas. Embora procurasse, Duiker não conseguia perceber sua localização, mas sabia bem o que encontraria por lá. É só procurar a coleção de tendas mais desordenada e os vapores fedidos, cheios de mosquitos e pernilongos, e encontrará os engenheiros malazanos. E naquele canto os soldados estarão tremendo como folhas, com pústulas de queimaduras oriundas de líquidos salpicados, cabelo chamuscado e um brilho maníaco e sombrio nos olhos.

O cabo Lista estava com o capitão Bonança em uma das bordas do acampamento, perto do destacamento dos Leais Hissarianos, cujos soldados aprontavam suas cimitarras e seus escudos redondos num silêncio austero. Coltaine confiava plenamente neles: os nativos das Sete Cidades haviam provado seu valor muitas vezes, com ferocidade fanática. Era como se tivessem assumido um fardo de vergonha e culpa que só pudesse ser aliviado com a morte de cada um de seus conterrâneos traidores.

O capitão Bonança sorriu quando o historiador se juntou a eles.

– Pegou um pano para o rosto? Vamos comer poeira hoje, velho, e muita.

– Seremos a retaguarda do ataque, senhor – disse Lista, que não parecia muito feliz.

– Eu prefiro engolir poeira a 1 metro de ferro gelado – retrucou Duiker.
– Já sabemos o que vamos enfrentar, Bonança?

– É “capitão” pra você.

– Assim que você parar de me chamar de “velho”, vou começar a chamá-lo pela sua patente.

– Eu estava brincando, Duiker – disse Bonança. – Pode me chamar do que quiser, e isso inclui “bastardo com cabeça de porco”, se for do seu agrado.

– Até poderia ser.

O rosto de Bonança se contorceu, azedo.

– Não dormiu nada, não é? – O capitão olhou para Lista. – Se esse velho excêntrico começar a cochilar, você tem permissão para dar uma porrada nesse elmo destruído dele, cabo.

– Isso se *eu* conseguir me manter acordado, senhor. Esse ânimo todo está acabando comigo.

Bonança fez uma careta para Duiker.

– O rapaz anda tão jovial ultimamente!

– Não é que anda?

O sol abandonava o horizonte, em chamas. Pássaros de asas claras sobrevoavam as colinas corcovadas, rumo ao norte. Duiker olhou para suas botas. O orvalho matinal se infiltrava através do couro desgastado. Fios de teias de aranha rasgadas faziam um desenho tenso e cintilante sobre a parte dos dedos. Ele achou aquilo inexplicavelmente bonito. *Teias de aranha... armadilhas intrincadas. Mas foi meu passeio irrefletido que desfez o trabalho da noite. As aranhas ficarão com fome hoje por causa disso?*

– Não deveria ficar debatendo sobre o que está por vir – disse Bonança.

Duiker sorriu e olhou para o céu.

– Qual é a ordem?

– Os soldados navais do Sétimo são a ponta de lança. Cavaleiros dos Corvos de cada lado cobrem os flancos. Os Cachorros Tolos, agora uma cavalaria pesada de Togg, são o peso atrás dos soldados navais. Depois vêm os feridos, protegidos de todos os lados pela infantaria do Sétimo. Na cauda

ficam os Leais Hissarianos e a cavalaria do Sétimo.

Duiker demorou a reagir, depois piscou e encarou o capitão.

Bonança assentiu com a cabeça.

– Os refugiados e os rebanhos ficarão retidos deste lado do vale, mais para o sul, num pequeno planalto de terra que os mapas chamam de Bancos de Areia, com uma cordilheira de colinas ao sul. O clã das Doninhas os protegerá. É o mais seguro a se fazer. Aquele clã se tornou sombrio e sórdido depois do Sekala. Os cavaleiros de guerra até lixaram os dentes, acredite se quiser.

– Vamos para esta batalha sem fardos – disse o historiador.

– Exceto pelos feridos, sim.

Os capitães Sulmar e Chenned emergiram do acampamento da infantaria. A postura e a expressão de Sulmar irradiavam indignação, enquanto Chenned parecia zombeteiro, embora um pouco estupefato.

– Sangue e tripas! – sibilou Sulmar, com seu bigode oleoso e arrepiado. – Aqueles malditos sapadores e seu capitão do Encapuzado conseguiram, dessa vez!

O olhar de Chenned encontrou o de Duiker e o capitão balançou a cabeça.

– Coltaine ficou branco com as notícias.

– Que notícias?

– Os sapadores fugiram ontem à noite! – rosnou Sulmar. – Que o Encapuzado apodreça os covardes todos! Que Poliel os abençoe com pestilência, que contamine com sífilis seus filhos ilegítimos, com um beijo encharcado de pus! Que Togg pise nas bolas daquele capit...

Chenned ria, incrédulo.

– Capitão Sulmar! O que seus amigos do Conselho fariam de xingamentos tão baixos?

– Que a Incineração leve você também, Chenned! Sou um soldado antes de tudo, cacete! Um pingo contra uma enchente, é isso que estamos enfrentando...

– Não há deserções – disse Bonança, arranhando a barba devagar com os dedos tortos. – Os sapadores não fugiram. Estão aprontando alguma coisa, eu aposto. Não é fácil conter aquela companhia porca e heterogênea quando você não consegue nem achar seu capitão. Mas acho que Coltaine não cometerá o mesmo erro outra vez.

– Ele não terá a chance – resmungou Sulmar. – Os primeiros vermes vão sair de nossas orelhas antes de o dia acabar. É o banquete do esquecimento para todos nós, escrevam o que digo.

Bonança ergueu as sobrancelhas.

– Se esse é todo o encorajamento que você consegue dar, Sulmar, tenho pena de seus soldados.

– Pena é para os vitoriosos, Bonança.

Um único berrante gemeu sua nota fúnebre.

– A espera acabou – disse Chenned, obviamente aliviado. – Guardem para mim um pedaço de relva quando caírem, cavalheiros.

Duiker observou os dois capitães do Sétimo partirem. Não ouvia aquela despedida afetuosa em especial fazia muito tempo.

– O pai de Chenned estava na Primeira Espada de Dassem – comentou Bonança. – Ou é o que dizem. Mesmo quando os nomes são retirados dos livros de história oficiais, o passado ainda mostra as caras... não é, velho?

Duiker não estava com humor para concordar com nenhuma das duas coisas.

– Acho que vou verificar meus equipamentos – disse ele, se afastando dali.

Já era meio-dia e o posicionamento ainda não estava completo. Algo próximo de uma revolta tinha acontecido quando os refugiados finalmente entenderam que o exército principal faria a travessia sem eles. O fato de Coltaine ter escolhido o clã das Doninhas como escolta provou sua astúcia mais uma vez: os cavaleiros de guerra apresentavam um aspecto

verdadeiramente aterrorizante, com sua pele costurada, as tatuagens negras e os dentes lixados. No entanto, os cavaleiros das Doninhas quase levaram longe demais suas ameaças sanguinárias contra as pessoas que haviam jurado proteger. Estabeleceu-se, então, uma calma desconexa, apesar dos esforços frenéticos e cheios de pânico dos nobres do Conselho, com sua aparentemente inexaurível capacidade de entregar reclamações e decretos.

Com a força principal finalmente reunida, Coltaine deu a ordem de avançar.

O dia estava quente demais; o chão ressequido subia em nuvens de poeira assim que a relva esturricada era pisoteada por cascos e botas marchando. A previsão de Bonança de que iriam comer poeira se provou precisa, infelizmente, e Duiker levou mais uma vez o cantil de estanho aos lábios, deixando a água cair na boca e descer a ravina seca que era sua garganta.

O cabo Lista marchava à sua esquerda, com o rosto branco e endurecido e a testa brilhando de suor sob o elmo escorregando para a frente. À direita do historiador ia a soldado naval veterana. Ele não sabia seu nome, nem perguntaria. O medo que Duiker sentia do que estava por vir tinha se espalhado por ele como uma infecção. Seus pensamentos febris giravam com um pavor irracional do... *conhecimento. Dos detalhes que lembram a uma pessoa a própria humanidade. Nomes em rostos são como serpentes gêmeas, ameaçando dar a mordida mais dolorosa de todas. Nunca voltarei a escrever a Lista dos Caídos, porque vejo agora que um soldado sem nome é uma dádiva. O soldado com nome, cera morta e derretida, exige uma resposta dos vivos... uma que ninguém pode dar. Nomes não confortam, apenas pedem que se responda ao que não tem resposta. Por que ela morreu, e não ele? Por que os sobreviventes devem continuar anônimos, como se amaldiçoados, enquanto os mortos são reverenciados? Por que nos agarramos aos que perdemos e ignoramos aqueles que ainda temos ao nosso lado?*

Não dê nome a nenhum dos caídos, pois eles estiveram em nosso lugar, e ainda estarão, em todos os momentos de nossas vidas. Que minha morte não

tenha glória: deixe-me morrer esquecido e anônimo. Que não se diga que fui um entre os mortos apenas como forma de culpar os vivos.

O rio P'atha cruzava o leito seco de um lago dois mil passos para oeste e mais de quatro mil para o norte e para o sul. Quando a vanguarda alcançou a cordilheira oriental e começou a descer a depressão, Duiker foi presenteado com uma visão panorâmica do que se tornaria o campo de batalha.

Kamist Reloe e seu exército aguardavam por eles; o brilho do ferro se estendia, luminoso, sob a luz matinal. Estandartes de diferentes cidades e pendões tribais estavam estendidos, parados e apáticos sobre um mar de elmos pontudos. Os soldados espalhados sussurravam e ondulavam, como se fossem puxados por correntes invisíveis. Seu número era surpreendente.

O rio era uma faixa fina e estreita seiscentos passos adiante, cravejado de pedras e margeado por arbustos espinhosos dos dois lados. Uma trilha de comerciantes marcava o lugar tradicional da travessia, depois virava para oeste na direção do que um dia tinha sido uma encosta suave na cordilheira oposta. Contudo, os sapadores de Reloe haviam andado ocupados: uma rampa de terra arenosa tinha sido construída e o declive natural acabou esculpido a fim de criar um penhasco íngreme e alto. Ao sul do lago havia um emaranhado de arroios, batólitos, seixos e afloramentos recortados; ao norte, uma serra, com colinas brancas como ossos ao sol. Kamist Reloe tinha se certificado de que houvesse apenas um modo de sair do vale, a oeste, onde suas forças de elite aguardavam.

– Pelo sopro do Encapuzado – resmungou o cabo Lista. – O bastardo reconstruiu a cordilheira de Gelor. E olhe para o sul, senhor, aquela coluna de fumaça... Aquela era a guarnição de Melm.

Semicerrando os olhos na direção indicada pelo cabo, Duiker viu outra coisa, mais perto de onde estavam. Acima de um pináculo que se agigantava sobre a extremidade sudeste do lago havia uma fortaleza.

– A quem pertencia aquela construção? – perguntou-se em voz alta.

– Um mosteiro – disse Lista. – De acordo com o único mapa em que ele

aparece.

– De que Ascendente?

Lista deu de ombros.

– Provavelmente um dos Sete Sagrados.

– Se ainda houver alguém lá, terá uma bela visão do que está por vir.

A fim de obstruir as passagens ao norte e ao sul da bacia, Kamist Reloe tinha posicionado três tropas: uma abaixo e uma de cada lado de suas companhias de elite. Estandartes dos contingentes de Sialk, Halaf, Debrahl e Tithan subiam da unidade sul; na do norte, Ubaryd. Cada uma das tropas excedia em número todas as forças de Coltaine por uma grande margem. Um rugido começou a vir do exército do Apocalipse, com as batidas ritmadas de armas em escudos.

Os soldados navais marcharam na direção da travessia, em silêncio. Vozes e clangores os atingiam como uma onda. O Sétimo não vacilou.

Deuses abaixo, o que será disso?

O rio P'atha era um pingo de água morna que batia nas canelas, com menos de doze passos de largura. Algas cobriam seixos e pedras no fundo. Os pedregulhos maiores estavam borrados de branco, por guano. Insetos zumbiam e dançavam pelo ar. O sopro gelado do rio sumiu assim que Duiker pisou na margem oposta, quando o calor de rachar da depressão se abateu sobre ele como uma capa.

O suor encharcou as roupas de baixo acolchoadas que vestia sob a cota de malha; o líquido escorreu em arroios sujos sob as manoplas, chegando até as palmas do historiador. Ele apertou uma das mãos sobre a tira do escudo, enquanto a outra pousava sobre o castão de sua espada curta. Sua boca de repente ficou extremamente seca, mas ele resistiu ao impulso de beber um pouco de água de seu cantil. O ar fedia aos soldados que ele seguia, como um miasma de suor e medo. Havia a sensação de mais alguma coisa, além disso, de uma estranha melancolia que parecia acompanhar o avanço incessante da companhia.

Duiker já tinha experimentado essa sensação décadas antes. Não era o

sentimento de derrota, nem o desespero. A tristeza vinha de algo além dessas reações viscerais e parecia calculada e consciente demais.

Vamos nos unir à morte. E, em momentos assim, antes de as lâminas serem desembainhadas, antes de o sangue molhar o chão e de gritos encherem o ar, é que o sentimento de inutilidade desce sobre todos nós. Sem nossa armadura, acho que todos acabaríamos chorando. De que outro modo seria possível responder à promessa de perdas incalculáveis?

– Nossas espadas serão gastas hoje – disse Lista atrás dele, com a voz seca e estrangulada. – Na sua experiência, senhor, o que é pior: poeira ou lama?

Duiker grunhiu.

– Poeira asfixia. Poeira cega. Mas lama faz o mundo escorregar sob seus pés. – *E teremos lama logo, logo, quando sangue, bile e mijo tiverem encharcado o chão. Aqui haverá tanto uma maldição quanto a outra, rapaz.* – Então esta é sua primeira batalha?

Lista fez uma careta.

– Vinculado assim a você, senhor, não pude estar no coração das coisas ainda.

– Você parece ressentido.

O cabo não disse mais nada, mas Duiker compreendia. Todos os companheiros do cabo já haviam passado por sua iniciação sangrenta, e aquela era uma fronteira tanto temida quanto aguardada por eles. A imaginação sussurrava mentiras que só a experiência poderia fazer desmoronar.

Mesmo assim, o historiador teria preferido uma perspectiva mais distante do conflito. Marchando entre as fileiras, não conseguia ver nada além da multidão ao seu redor. *Por que Coltaine me colocou aqui? Ele me tirou os olhos, maldito seja.*

Estavam a cem passos da rampa. Na frente das tropas inimigas, em cada uma das laterais, cavaleiros de guerra galopavam, garantindo que todos mantivessem suas posições. Os escudos ressoantes e os gritos de fúria

prometiam sangue, e não seriam contidos por muito mais tempo. *Então seremos assolados pelos três lados e todos os esforços serão para que nos separemos da infantaria do Sétimo, enquanto os soldados de lá lutam para defender os feridos. Não decapitar a serpente, se puderem.*

Os cavaleiros Corvos preparavam arcos e lanças dos dois lados, com as cabeças viradas e apontadas na direção dos inimigos. Um berrante anunciou a ordem de aprontar os escudos; a linha de frente uniu os seus, enquanto a segunda linha e a retaguarda os erguiam sobre as cabeças. Viam-se arqueiros posicionando-se depressa no alto da rampa.

Não havia vento; o ar, imóvel, estava pesado.

É possível que as tropas inimigas tenham se mantido imóveis por mera incredulidade. Coltaine não tinha demonstrado reação alguma, nem ao posicionamento nem à força dos inimigos; na verdade, o Sétimo só continuou marchando e, ao alcançar a rampa, começou a subir, sem qualquer pausa.

O declive era suave, feito de pedras e areia, deliberadamente traiçoeiro sob os pés. Soldados tropeçavam.

Flechas encheram o céu de repente, descendo como chuva. Tinidos horrendos e agudos soaram acima da cabeça de Duiker enquanto as setas deslizavam pelo ar. Elas atingiram os escudos erguidos, algumas passando por entre eles até atingirem elmos e armaduras, algumas perfurando carne. Vozes grunhiram sob a proteção dos escudos. No chão, pedras saíram do lugar. Ainda assim, a cunha encouraçada continuou subindo, sem parar.

Os cotovelos do historiador se dobraram quando uma flecha atingiu seu escudo, num golpe sólido. Mais três bateram nele, em rápida sucessão, mas todas pegaram de raspão, escorregando para outros escudos.

O ar sob os escudos se tornou azedo e tenso, repleto de suor, urina e uma fúria crescente. Um ataque que não podia ser revidado era o pior pesadelo de um soldado. A determinação de alcançar o cume, onde esperavam as uivantes infantarias pesadas de semkeses e guranos, queimava como uma febre. Duiker sabia que os soldados navais estavam sendo empurrados até o

limite. O primeiro contato seria explosivo.

No trecho mais próximo da cordilheira, íngreme e alta, com o topo aplainado e alargado, a rampa estava aterrada dos dois lados. Os guerreiros de uma tribo que Duiker não conseguia identificar – *Can'eld?* – começaram a se juntar nas laterais do acesso e a aprontar seus arcos de chifre. *Uma vez que tivermos entrado em confronto com os semkeses e os guranos, esses guerreiros vão atirar em nós pelos dois lados. Uma sucessão de saraivadas.*

Bult cavalgava com os cavaleiros dos Corvos nos flancos e o historiador ouviu com clareza o veterano vociferando uma ordem. Num lampejo de poeira e ferro, os cavaleiros se viraram e avançaram para as laterais. Flechas voaram. Os can'elds, surpreendidos pela rapidez da reação wickana, se dispersaram. Corpos caíram, tombando da rampa. Os guerreiros Corvos cavalgaram pela vala, varrendo a lateral mais alta com disparos mortíferos. Em questão de instantes, não havia mais homens tribais em pé no topo plano.

Um segundo grito fez os cavaleiros de guerra pararem; seus líderes estavam a menos de 10 metros da fileira eriçada de semkeses e guranos. A parada repentina fez os semkeses selvagens avançarem. Machados de atirar voaram, girando, cruzando o espaço entre eles. Flechas foram disparadas em resposta.

Quando os soldados navais viram a desordem na linha de frente inimiga, a ponta da cunha disparou. Cavaleiros dos Corvos deram a volta com seus cavalos, ficando em pé sobre os estribos. Tentavam evitar tanto ficar presos entre os soldados de infantaria que se aproximavam quanto impedir, sem querer, o avanço dos soldados navais. Livraram-se por muito pouco.

A cunha golpeou.

Pelo escudo, Duiker sentiu o trovão do impacto, uma rotação ressonante que abalou seus ossos. Conseguia ver pouca coisa de sua posição, exceto por um pedaço do céu azul, diretamente acima da cabeça dos soldados. E, exatamente nesse pequeno campo de visão, girou o cabo quebrado de uma lança de combate. Junto com ela, Duiker viu um elmo, que talvez ainda

estivesse preso a um maxilar barbado. Então, a poeira se ergueu, formando uma mortalha impenetrável.

– Senhor! – Uma mão puxou o braço com que o historiador segurava o escudo. – Você tem que virar, agora!

Virar? Duiker olhou feio para Lista.

O cabo o puxou, obrigando-o dar meia-volta.

– Para poder enxergar, senhor...

Estavam parados perto da última fileira da cunha. Uma lacuna de dez passos se escancarou entre os soldados navais e os cavaleiros dos Cachorros Tolos. Estes trajavam sua misteriosa armadura e estavam imóveis, com espadas pesadas desembainhadas e colocadas de lado sobre as selas. Atrás deles, a bacia se estendia. De onde estava, no alto da rampa de terra, o historiador tinha garantida uma visão do resto da batalha.

Ao sul, estavam as fileiras cerradas de arqueiros tithanos, apoiadas pela cavalaria debrahl. Legiões de halafanos marchavam a leste deles, à direita, e em meio a eles havia uma companhia da infantaria pesada de Sialk. Mais ao longe, a leste, Duiker viu outros cavaleiros e mais arqueiros. *Uma mandíbula e, ao norte, a outra. Fechando-se implacavelmente agora.*

O historiador olhou para o norte. Ao menos três legiões ubaresas, junto com as cavalarias sialkesas e tepasinas, estavam prestes a se chocar com a infantaria do Sétimo, a menos de cinquenta passos. Entre os estandartes de Ubaryd, Duiker viu um lampejo de cores cinzentas e pretas. *Nativos com treinamento de soldados navais, isso é que é ironia.*

Na parte leste do rio, uma imensa batalha começava, a julgar pela gigantesca cortina de fumaça. O clã das Doninhas encontrara sua luta, afinal. O historiador se perguntou quais tropas de Kamist Reloe conseguiram dar a volta. *Um ataque pelos rebanhos, tendo como bônus o massacre dos refugiados. Segurem firme, Doninhas, pois não receberão nenhuma ajuda do resto de nós.*

Os empurrões dos soldados atraíram a atenção de Duiker de volta a seus arredores. O som do choque de armas e os gritos vindos da cordilheira

cresciam, conforme a cunha lentamente avançava contra uma bigorna de resistência rígida e disciplinada. O primeiro empurrão violento fez a multidão ondular.

As três máscaras de guerra de Togg. Antes do final do dia, cada um de nós terá usado todas elas. Pavor, fúria e dor. Não vamos tomar a cordilheira...

Um rugido profundo soou na bacia atrás deles. O historiador se virou naquela direção. As mandíbulas tinham se fechado. O quadrado oco do Sétimo, montado ao redor das carroças de feridos, estava desmoronando, contorcendo-se como um verme assolado por formigas. Duiker encarou a cena, sentindo uma onda de pavor crescente, esperando ver o quadrado se desintegrar, despedaçado pela ferocidade do ataque dos inimigos.

O Sétimo resistiu, embora isso parecesse impossível para o historiador. O inimigo recuou por todos os lados, como se as mandíbulas tivessem se fechado sobre espinhos venenosos e fossem obrigadas, por instinto, a se afastar. Houve uma pausa, um calafrio visceral mantendo os dois lados separados. O espaço entre eles parecia atapetado com mortos ou moribundos. Então o Sétimo fez o inesperado. Num silêncio que arrepiou todos os pelos da nuca do historiador, o exército avançou: o quadrado inchou, distorcendo-se até se tornar oval, com as lanças de combate niveladas.

As fileiras inimigas desmoronaram, se dissolveram e, de repente, se partiram.

Parem! Longe demais! Fino demais! Parem!

A formação oval se esticou, estacou e então recuou, com uma precisão calculada, quase sinistra. Era como se o Sétimo tivesse se tornado um tipo de mecanismo. *E eles farão isso de novo. Haverá pouco fator surpresa da próxima vez, mas provavelmente a investida será tão mortal quanto essa. Como um pulmão respirando, no ritmo calmo do sono, repetidamente.*

Sua atenção foi capturada por um movimento entre os Cachorros Tolos. Nil e Nether emergiram da linha de frente, a pé, a garota trazendo pela rédea uma égua wickana. A cabeça do animal indicava que ela estava alerta, com as

orelhas eretas e viradas para a frente. Seus flancos avermelhados brilhavam de suor.

Os dois bruxos pararam um de cada lado da égua; Nether soltou a rédea e pousou as mãos no animal.

Um momento depois, Duiker tropeçou, quando as fileiras do fundo da cunha começaram a empurrar, subindo a rampa, como num movimento de inspiração profunda do ar.

– Aprontem as armas! – gritou um sargento, perto.

Ah, pelos sonhos molhados do Encapuzado...

– Chegou a hora! – disse Lista ao lado dele, com a voz tão tensa quando a corda de um arco.

Não sobrou tempo para responder, nem mesmo para pensar: de repente, estavam entre os inimigos. Duiker olhou a cena à sua frente. Um soldado tropeçou e praguejou, enquanto seu elmo deslizava para a frente dos olhos. Uma espada voou no ar. Aos berros, um guerreiro semkês foi puxado para trás pela trança. Seu grito foi interrompido por um gorgolejo úmido quando a ponta de uma espada curta irrompeu por baixo de seu peito, liberando uma massa enrolada de intestinos. Um soldado conseguiu se desviar de um ataque, girando, mas acabou molhando suas botas com a própria urina. E, por todos os lados... as três máscaras de Togg e uma cacofonia dos mais diferentes barulhos, gargantas fazendo sons que não foram projetadas para emitir, sangue jorrando, pessoas morrendo. *Por todos os lados, pessoas morrendo.*

– Cuidado, à direita!

Duiker reconheceu a voz: era sua companheira soldado sem nome. O historiador girou a tempo de se defender da lâmina de uma lança; sua espada curta escorregou pelo cabo coberto de estanho da arma do inimigo. Duiker avançou para fora do alcance do adversário e enfiou a ponta da espada no meio do rosto de uma semkesa. A guerreira desabou, uma ruína vermelha, mas foi o grito de dor do historiador que se propagou pelo ar, como se houvessem feito um rasgo selvagem em sua alma. Tropeçou para

trás e teria caído se não tivesse sido escorado por um escudo sólido contra suas costas. A voz da mulher sem nome soou perto de seu ouvido:

– Hoje à noite vou cavalgar você até implorar que eu pare, velho!

Naquele capricho desconcertante que era a mente humana, Duiker se deixou envolver por aquelas palavras, não por luxúria, mas como um homem prestes a se afogar agarra o pilar de um ancoradouro. Inspirou fundo, soluçando, se endireitou, afastando-se do apoio do escudo, e avançou.

Adiante, lutava a vanguarda dos soldados navais, terrivelmente reduzida, cedendo passo a passo sob a pressão da infantaria pesada de guranos, descendo o declive. A cunha estava prestes a se quebrar.

Guerreiros semkeses se colocavam em meio aos soldados navais, numa confusão selvagem e frenética, e eram justamente esses guerreiros sujos de cinzas que as fileiras traseiras haviam avançado para enfrentar.

A tarefa acabou depressa. A disciplina brutal superara a soma dos talentos individuais dos guerreiros, que não se mantinham em linha, não ofereciam suporte no lado das armas e não ouviam voz alguma além dos próprios gritos de guerra maníacos.

Apesar de toda a repentina sensação de sucesso, os soldados navais começavam a ceder.

Três toadas de berrantes soaram, rápidas e em sequência: o chamado imperial para se separarem. Duiker ficou embasbacado, procurando por Lista, mas não encontrou o cabo. Em vez disso, avistou sua companheira soldado e cambaleou até ela.

– A retirada são quatro. Foram quatro sopros? Eu ouvi...

Ela mostrou os dentes.

– Três, velho. Dividir! Agora!

Ela se afastou. Perplexo, Duiker a seguiu. A encosta era traiçoeira e a lama de sangue e bile agora deslizava pelas pedras. Tropeçaram com os outros daquele lado da divisória, ao sul, e foram na direção da lateral alta da rampa. Desceram, então, para uma vala estreita, onde se viram até os tornozelos num riacho de sangue.

A infantaria pesada dos guranos tinha parado, pressentindo uma armadilha, mesmo que os acontecimentos fizessem dessa uma possibilidade distante. Eles se arrastaram para fechar as fileiras, quatro passadas abaixo do topo. Um chifre de carneiro baliu, fazendo a formação voltar ao cume num recuo irregular.

Duiker virou a tempo de ver, a setenta passos na direção da base da rampa, a cavalaria pesada dos Cachorros Tolos, que se aproximava. Estavam divididos ao redor de Nil e Nether, ainda um de cada lado da égua imóvel, com as mãos pressionadas contra o animal.

– Investida do lorde – praguejou a mulher a seu lado.

Eles pretendem disparar rampa acima, apesar dos cadáveres, dos destroços, da lama e das pedras. Um declive íngreme o bastante para forçar os cavaleiros a ficarem sobre o pescoço de seus cavalos... jogando todo o peso nas patas dianteiras dos animais. Coltaine quer que eles façam uma investida. Contra a infantaria pesada...

– Não – sussurrou o historiador.

Rochas e areia tamborilaram ao caírem pela lateral da rampa. Ao redor de Duiker, cabeças com elmos viraram, subitamente alarmadas: alguém estava no alto da encosta. Mais terra choveu sobre eles.

Uma enxurrada de xingamentos malazanos soou, vinda de cima. Em seguida, uma cabeça protegida por um elmo os espiou por sobre a beirada.

– É um maldito sapador. Pelo Encapuzado! – grunhiu um dos soldados navais.

O rosto sujo de terra acima deles sorriu.

– Adivinhem o que as tartarugas fazem no inverno! – gritou ele, depois recuou e sumiu.

Duiker olhou de volta para os cavaleiros dos Cachorros Tolos. Seu avanço tinha cessado, como se hesitasse, de repente. Os wickanos mantinham as cabeças erguidas e os olhares fixos no alto dos dois lados da rampa.

A infantaria pesada dos guranos e os semkeses sobreviventes também

olhavam.

Em meio à poeira que descia a rampa a partir do cume, Duiker fitou, com os olhos semicerrados, a lateral norte da rampa, que pululava de atividade: sapadores, com escudos nas costas, haviam começado a avançar, descendo a rampa em meio aos corpos amontoados logo abaixo do cume.

Outro berrante soou e os cavaleiros dos Cachorros Tolos avançaram outra vez, impelindo suas montarias a um trote e, depois, a um galope ascendente. Mas, agora, a companhia de sapadores bloqueava seu caminho até a cordilheira.

Uma tartaruga se entoca no inverno. Os bastardos escaparam para os aterros nas laterais da rampa durante a noite passada, bem debaixo do nariz de Reloe, e se enterraram por lá. Por quê, em nome do Encapuzado?

Os sapadores, ainda com os escudos nas costas, circulavam por ali, preparando armas e outros equipamentos. Um deles se afastou e acenou para que os Cachorros Tolos avançassem.

A rampa estremeceu.

Envoltos em armaduras, os cavalos se precipitaram na direção da subida íngreme. Era uma explosão de músculos, e os animais eram mais velozes do que o historiador julgava ser possível. Os cavaleiros ergueram espadas largas na direção do céu. Com suas armaduras estranhas e misteriosas, os wickanos cavalgavam sobre as selas como verdadeiras conjurações demoníacas e suas montarias pareciam igualmente saídas de pesadelos.

Os sapadores correram para as fileiras guranas. Granadas voaram, seguidas por uma bateria de explosões e de gritos horrendos.

Cada munição que ainda restava aos sapadores seguia em trajetória curva para dentro da multidão da infantaria pesada inimiga. Afiadoras, incendiárias, flamejantes. A linha dos soldados de elite de Reloe, antes sólida, se desintegrou.

A investida dos Cachorros Tolos alcançou os sapadores, que se abaixaram sob os cascos. O choque dos cavalos sobre os escudos emitia tinidos retumbantes em um ritmo terrível enquanto os animais, um após o

outro, passavam por cima deles.

Dentro do turbilhão caótico e eviscerado que momentos antes tinha sido uma linha sólida de infantaria pesada, os guerreiros da cavalaria wickana limpavam o cume e mergulharam, golpeando com suas espadas, em uma carnificina assustadora.

Outro sinal soou, se sobrepondo ao estrondo da batalha.

A mulher ao lado de Duiker deu uma batidinha com a manopla no peito dele.

– Em frente, velho!

Ele deu um passo, depois hesitou. *É, está na hora de o soldado avançar. Mas eu sou um historiador: tenho que ver, testemunhar, e ao Encapuzado com essas flechas!*

– Não desta vez – disse Duiker, virando-se para escalar o aterro.

– Vejo você de noite! – gritou a mulher antes de se unir ao resto dos soldados navais que marchavam em frente.

Duiker subiu até o topo, enchendo a boca de terra e de areia no processo. Tossindo e engasgando, ele se forçou a ficar em pé e olhou ao redor.

A superfície plana do aterro na lateral da rampa estava repleta de fossos, como uma colmeia. Embrulhos de tecido de tenda jaziam metade para dentro, metade para fora dos buracos, cada um do tamanho de um homem. O historiador fitou os objetos mais um instante, incrédulo, depois voltou sua atenção para a rampa.

O avanço dos soldados navais tinha sido retardado pelos sapadores pisoteados. Duiker viu que muitos ossos haviam sido quebrados, mas os escudos, agora transformados em um monte de sucata, e os elmos denteados haviam protegido a maior parte daqueles soldados insanos.

Do outro lado do cume, na parte plana a oeste, os cavaleiros dos Cachorros Tolos perseguiram o restante dos célebres soldados de elite de Kamist Reloe. A tenda do próprio comandante, situada numa colina baixa a cem passos do cume, afundava sob chamas e fumaça. Duiker suspeitava que, antes de fugir por qualquer que fosse o caminho que seu Labirinto

oferecesse a ele, o próprio Alto Mago rebelde tivesse ateado fogo nela, destruindo tudo aquilo que Coltaine pudesse usar.

Duiker inspecionou o vale.

A batalha ainda rugia lá embaixo. O círculo de defesa que o Sétimo havia criado ao redor das carroças dos feridos permanecia, embora estivesse deformado pela investida coordenada e implacável da infantaria pesada dos ubareses, vinda do lado norte. As carroças seguiam para o sul. As cavalarias sialkesas e tepasinas devastavam a retaguarda, onde os Leais Hissarianos se mantinham firmes... morrendo às dúzias.

Ainda podemos perder.

Vindo do cume, um sopro duplo dos berrantes ordenava que os Cachorros Tolos recuassem. No topo, Duiker viu Coltaine, com sua capa de penas negras agora cinza por causa da poeira, montado sobre seu corcel. O Punho gesticulou para sua equipe e os chifres soaram outra vez, numa sucessão mais rápida. *Precisamos de vocês, agora!*

Mas aquelas montarias devem estar desgastadas. Elas fizeram o impossível. Dispararam pela subida, a uma velocidade cada vez maior, como eu nunca tinha visto antes. O historiador franziu a testa e virou para o outro lado.

Nil e Nether ainda estavam lá, um de cada lado da égua. Um vento fraco agitava a crista e o rabo do animal, que, fora isso, não se movia. Uma onda de inquietação perpassou Duiker. *O que eles fizeram?*

Um uivo distante atraiu a atenção do historiador. Uma grande tropa montada atravessava o rio, com os estandartes distantes demais para que fosse possível discernir sua identidade. Em seguida, Duiker avistou formas douradas e pequenas correndo à frente dos cavaleiros. *Cães pastores wickanos. É o clã das Doninhas.*

Os guerreiros montados dispararam a galope assim que saíram do leito do rio.

As cavalarias tepasinas e sialkesas foram pegas completamente desprevenidas. Primeiro, veio uma onda de cachorros mal-humorados que,

ignorando os cavalos, se atirou sobre os cavaleiros; os animais, 30 quilos de dentes e músculos, arrancaram os soldados das selas. Em seguida, vieram os próprios wickanos, que anunciaram sua chegada atirando cabeças decepadas pelo ar e soltando um grito horripilante, de congelar o sangue, um instante antes de atingir o flanco da cavalaria.

Em apenas alguns segundos, os cavaleiros tepasinos e sialkeses já tinham sumido – mortos, moribundos ou em fuga. Os guerreiros montados das Doninhas mal pararam antes de dar a volta e galopar para confrontar os ubareses, com os cães pastores mosqueados correndo em fúria a seu lado.

O inimigo se dividiu dos dois lados, encolhendo-se para trás em um movimento que, embora instintivo, foi preciso.

Cavaleiros dos Cachorros Tolos desceram a rampa aos borbotões, separando-se em duas ondas ao redor dos bruxos e de seu cavalo imóvel. Depois, viraram para o sul, em franca perseguição aos soldados de infantaria halafanos e sialkeses, que fugiam, junto aos arqueiros tithanos.

Duiker caiu de joelhos, de repente dominado por suas emoções, um verdadeiro caldeirão de pesar, raiva e pavor. *Não fale de vitória neste dia. Não, não fale nada.*

Alguém tropeçou no aterro, com a respiração entrecortada. Passos se arrastaram para mais perto, até que uma mão coberta por manopla pousou pesadamente no ombro do historiador. Uma voz, que Duiker lutou para identificar, falou:

– Eles zombam de nossos nobres. Você sabia disso, velho? Eles têm um nome para nós em Debrahl. Sabe o que significa? A Corrente de Cães. A Corrente de Cães de Coltaine. Ele guia, mas é guiado, ele se esforça para ir em frente, mas é retido. Exibe as presas, mas o que morde seus calcanhares senão aqueles que ele jurou proteger? Ah, existe uma profundidade nesses nomes... Você não acha?

A voz era de Bonança, mas estava alterada. Duiker ergueu a cabeça e encarou o rosto do homem, agora agachado a seu lado. Um único olho azul brilhava numa massa de carne despedaçada. Ele tinha sido atingido por um

golpe sólido de clava, que acabou enfiando a proteção de bochecha do elmo em sua face, esmigalhando a maçã do rosto, explodindo um dos olhos e arrancando o nariz do capitão. A ruína horrível que era o rosto de Bonança se contorceu em algo semelhante a um largo sorriso.

– Sou um homem de sorte, historiador. Não perdi um dente sequer. Nem frouxos ficaram.

A contagem das perdas era uma ladainha entorpecente, atestando a inutilidade da guerra. Na opinião do historiador, só o próprio Encapuzado podia sorrir triunfante.

O clã das Doninhas tinha esperado os lanceiros tithanos e o comandante endeusado que os guiava. Uma emboscada realizada por espíritos da terra havia derrubado o chefe de guerra semkês, rasgando sua carne em pedaços, em sua fome de despedaçar e devorar o que sobrara do deus incorporado. Então o clã das Doninhas criara sua própria armadilha e, com ela, seu próprio terror, pois os refugiados haviam servido de isca, e centenas foram mortos ou feridos na execução a sangue-frio da estratégia.

Os chefes de guerra do clã das Doninhas poderiam alegar que estavam em minoria, um contra quatro, que alguns entre aqueles que juraram proteger haviam se sacrificado a fim de salvar os demais. Tudo verdade e, de fato, uma justificativa de certa forma defensável para o que fizeram. Ainda assim, os chefes de guerra nada disseram e, embora tal silêncio indignasse os refugiados e especialmente os membros do Conselho dos Nobres, Duiker enxergava tudo sob um viés diferente. A tribo wickana desprezava a expressão de justificativas e desculpas; os wickanos não as aceitavam dos outros e ridicularizavam quem tentasse. Além disso, não ofereciam nenhuma, porque, Duiker suspeitava, o que sentiam por aqueles que foram sacrificados – e seus familiares – era um respeito que não sobreviveria a algo tão primitivo e egoísta quanto *falar*.

Era uma infelicidade para eles que os refugiados não entendessem nada

disso, que vissem o silêncio dos wickanos, em si mesmo, como uma manifestação de desprezo, de desdém pelas vidas perdidas.

Entretanto, o clã das Doninhas tinha oferecido outra homenagem aos refugiados que acabaram morrendo no conflito. Com o massacre dos arqueiros tithanos no vale, somado às ações do clã, uma tribo inteira das planícies tinha simplesmente deixado de existir. A retaliação dos wickanos foi absoluta. E não pararam por aí: encontraram o exército de camponeses de Kamist, que chegava atrasado à batalha, vindo do leste. O meticuloso massacre realizado ali foi uma revelação bem clara do destino que os tithanos pretendiam infligir aos malazanos. Os refugiados perderam essa lição também.

Apesar de todas as tentativas dos acadêmicos, Duiker sabia que não havia explicação possível para as correntes sombrias que turvavam o pensamento humano depois de um derramamento de sangue como aquele. Só podia encarar a própria reação ao se dirigir aos tropeços até onde estavam Nil e Nether, com as mãos coladas com suor e sangue coagulado nos flancos da égua, morta em pé. As forças da vida eram poderosas, quase além da compreensão, e o sacrifício de um animal para presentear quase cinco mil outros com uma força e uma determinação assombrosas era, frente a isso, honrado e nobre.

Se não pela incompreensão de um animal estúpido quanto a sua destruição, sob as mãos amáveis de duas crianças de coração partido.

O horizonte do Labirinto Imperial era uma mortalha cinzenta, espalhando-se por todos os lados. Os detalhes ficavam borrados por trás da neblina imóvel e espessa. Nenhum vento se agitava, mas os ecos de morte e destruição permaneciam, suspensos como se estivessem encurralados fora do próprio tempo.

Kalam se acomodou em sua sela, com os olhos no cenário diante dele.

Cinzas e poeira envolviam uma abóbada azulejada que tinha

desmoronado em um ponto, revelando as bordas ásperas das placas de bronze que a cobriam. Uma névoa cinzenta pairava sobre o buraco escancarado. Considerando a curvatura da abóbada, era claro que menos de um terço dela estava acima da superfície.

O assassino desmontou, parando para tirar o tecido que envolvia seu nariz e sua boca, como proteção contra o cascalho endurecido. Ele olhou para os outros e, então, se aproximou da estrutura.

Em algum lugar sob seus pés havia um palácio ou templo. Alcançando a abóbada, o assassino se inclinou para a frente e limpou as cinzas de um dos ladrilhos de bronze. Um símbolo esculpido com profundidade se revelou.

Kalam foi varrido por um calafrio de reconhecimento. Na última vez em que tinha visto aquela coroa estilizada, ele estava em outro continente, numa guerra inesperada contra a resistência comprada por inimigos entregues ao desespero. *Caladan Brood e Anomander Rake, e os rhivis e a Guarda Escarlata. Uma reunião de inimigos discrepantes, visando desafiar os planos de conquista do Império Malazano. As Cidades Livres de Genabackis eram um povo briguento e traiçoeiro. Governantes ávidos por ouro e ladrões berraram mais alto ante a ameaça à sua liberdade...*

Com a mente a mais de 5 mil quilômetros de distância, Kalam tocou levemente o selo gravado. *Cão Negro... Lutávamos contra mosquitos e sanguessugas, cobras venenosas e lagartos hematófagos. Rotas de abastecimento cortadas, moranthianos recuando quando mais precisávamos deles... E deste selo eu me lembro, ali, num estandarte esfarrapado, acima de uma seleta companhia das tropas de Brood.*

Como o bastardo chamava a si mesmo? O Alto Rei? Kallor... O Alto Rei sem um reino. Milhares de anos de idade, se as lendas disserem a verdade, talvez dezenas de milhares. Ele alegava já ter comandado impérios, frente aos quais o Império Malazano não passava de uma província. Depois, alegou tê-los destruído sozinho, com as próprias mãos, tê-los destruído completamente. Kallor se vangloriava de ter deixado mundos inteiros sem vida...

E esse homem agora é o segundo em comando de Caladan Brood. E,

quando parti, Dujek, os Queimadores de Pontes e o reformado Quinto Exército estavam prestes a tentar uma aliança com Brood.

Whiskeyjack... Ben Ligeiro... Mantenham a cabeça baixa, amigos. Há um louco entre vocês...

– Se esse seu devaneio tiver acabado...

– O que mais odeio neste lugar é como o chão engole o som dos passos – disse Kalam.

Enquanto observava o assassino, Minala estreitou os olhos assombrosamente cinzentos, visíveis acima do cachecol que cobria a metade inferior de seu rosto.

– Você parece assustado.

Kalam fechou a cara, fitando os outros, e ergueu a voz:

– Vamos sair deste Labirinto agora mesmo.

– Ah, é? – escarneceu Minala. – Não vejo portal algum!

Não, mas parece certo. Já cobrimos distância suficiente, e de repente percebi que o poder de deliberar não está tanto na viagem, mas na chegada. Fechou os olhos, ignorando Minala e todos os outros, enquanto forçava sua mente a ficar quieta. Um último pensamento escapou: *Espero estar certo.*

Um momento depois, um portal se formou, fazendo um som de rasgo enquanto aumentava.

– Seu bastardo de cabeça dura – rosnou Minala, compreendendo. – Uma breve discussão poderia ter nos levado a isso bem antes. A menos que você estivesse atrasando nosso progresso de propósito. Só o Encapuzado é que sabe qual é a sua, cabo.

Interessante escolha de palavras, mulher. Imagino que ele saiba.

Kalam abriu os olhos. O portal era uma mancha preta impenetrável a doze passos de distância. Ele fez uma careta. *Simples assim. Kalam, você é um bastardo de cabeça dura. Veja só, o medo pode fazer até a mais insípida das criaturas se concentrar.*

– Sigam-me e fiquem perto – disse o assassino, tirando a faca longa da bainha antes de avançar a passos largos para o portal e mergulhar nele.

Seus sapatos deslizaram em pedras arenosas. Era noite, estrelas brilhavam lá no alto, visíveis pela fenda estreita entre duas construções altas de tijolos. O beco serpenteava num caminho tortuoso que Kalam conhecia bem. Não avistou ninguém.

O assassino foi para a parede à sua esquerda. Minala apareceu, guiando seu cavalo e o de Kalam. Ela piscou, virando a cabeça.

– Kalam? Onde...

– Bem aqui – respondeu o assassino.

Ela se sobressaltou, depois sibilou de frustração.

– Três respiradas numa cidade e você já está se escondendo.

– Força do hábito.

– Sem dúvida.

Ela continuou guiando os cavalos. Um momento depois, Keneb e Selv apareceram, seguidos pelos dois filhos.

O capitão olhou feio ao redor antes de avistar Kalam.

– Aren?

– Sim.

– Quietos pra cacete.

– Estamos num beco que atravessa uma necrópole.

– Que agradável – observou Minala. Ela gesticulou para os prédios que os ladeavam. – Mas esses dois parecem cortiços.

– E são... para os mortos. Os pobres continuam pobres em Aren.

– A que distância estamos da guarnição?

– Três mil passos – respondeu Kalam, desenrolando o lenço do rosto.

– Precisamos nos lavar – disse Minala.

– Estou com sede – falou Vaneb, ainda montado no cavalo.

– E com fome – acrescentou Kesen.

Kalam suspirou, depois assentiu.

– Espero que andar por ruas mortas não seja um presságio – atalhou Minala.

– A necrópole é cercada por tabernas para as pessoas que vêm chorar

seus mortos – resmungou o assassino. – Não andaremos muito.

Diziam que a taberna da Rajada já tivera dias melhores, mas Kalam suspeitava que não era verdade. O chão da sala principal afundava como uma enorme bacia, inclinando cada parede para dentro até que houvesse surgido a necessidade de postes de madeira inclinados para mantê-las de pé. Comida estragada e ratos mortos se acumulavam no meio do piso, com uma paciência inerte, criando uma pilha apodrecida e fedorenta, como se fossem uma oferenda para algum deus dissoluto.

Cadeiras e mesas se apoiavam sobre pernas criativamente serradas para se ajustarem ao fosso; apenas uma delas era ocupada por um cidadão que ainda não bebera o bastante para perder os sentidos. Uma sala dos fundos, não menos desonrosa, dava aos clientes mais privilegiados alguma privacidade, e foi lá que Kalam deixou o grupo para comer enquanto preparavam uma tina no jardim malcuidado. O assassino foi até a sala principal e se sentou diante do único cliente consciente.

– É a comida, não é? – disse o napaniano grisalho assim que o assassino se sentou.

– A melhor da cidade.

– Foi o que votou o conselho das baratas.

Kalam observou o homem de pele azul levar a caneca aos lábios e seu grande pomo de adão subir e descer a cada gole.

– Parece que você vai tomar mais uma.

– Fácil.

O assassino se virou um pouco na cadeira, encontrou o olhar baixo da velha recostada num dos postes de apoio, bem ao lado do barril de cerveja, e levantou dois dedos. Ela suspirou, se endireitou, parou para ajeitar o cutelo usado para matar ratos no cinto do avental e então foi buscar duas canecas de cerveja.

– Ela vai quebrar seu braço se você der uma apalpada – disse o

estrangeiro.

Kalam se recostou na cadeira e fitou o homem. Ele poderia ter qualquer idade entre 30 e 60 anos, dependendo das dificuldades por que passara na vida. Viu a pele profundamente curtida pelo tempo sob a barba emaranhada, com faixas cinzentas. Os olhos escuros perambulavam inquietos e ainda não haviam se fixado no assassino. O homem vestia farrapos largos e puídos.

– Você me obriga a perguntar – disse o assassino. – Quem é você e qual é a sua história?

O homem se retesou.

– Você acha que eu contaria a qualquer um? – perguntou ele. Kalam esperou, até que o homem emendasse: – Bem, não a todos. Algumas pessoas ficam rudes e param de ouvir.

Um cliente inconsciente numa mesa próxima tombou da cadeira e sua cabeça estalou ao atingir o piso. Kalam, o estrangeiro e a taverneira – que tinha acabado de reaparecer com as duas canecas de estanho – observaram o bêbado deslizar sobre gordura e vômito até se juntar à pilha central.

No fim, um dos ratos só estava se fingindo de morto e se afastou do monte para subir no corpo do cliente, torcendo o focinho.

O estrangeiro à frente de Kalam grunhiu.

– Todo mundo é filósofo.

A taverneira entregou as bebidas e seu modo arrastado de se aproximar da mesa atestava uma familiaridade de longa data com o chão afundado. Encarando Kalam, ela falou, em debrahl:

– Seus amigos lá atrás pediram sabão.

– Sim, imagino que tenham pedido.

– Não temos sabão.

– Acabei de perceber isso.

Ela se afastou.

– Recém-chegado, presumo – disse o estrangeiro. – Portão norte?

– Sim.

– É uma escalada e tanto, ainda mais com cavalos.

– O que quer dizer que o portão norte está trancado.
– Selado, junto com todos os demais. Talvez você tenha chegado pelo porto.

– Talvez.

– O porto está fechado.

– Como se fecha o porto de Aren?

– Tudo bem, não está fechado.

Kalam deu uma golada na cerveja, engoliu e ficou imóvel.

– Fica ainda pior depois de algumas – continuou o estrangeiro.

O assassino baixou a caneca sobre a mesa. Lutou para reencontrar a voz.

– Conte algumas novidades.

– Por que eu deveria?

– Eu paguei uma bebida para você.

– E eu deveria estar grato por isso? Pelo sopro do Encapuzado, você experimentou esse negócio!

– Não costumo ser tão paciente.

– Ah, muito bem, por que não disse antes? – Ele terminou a primeira caneca e pegou a nova. – Algumas cervejas desabrocham você. Outras, *em* você. À sua saúde, senhor – falou, entornando a bebida garganta abaixo.

– Já abri gargantas mais feias que a sua – disse o assassino.

O homem parou e olhou Kalam de alto a baixo, com a mais rápida das passadas de olhos. Então baixou a caneca.

– As esposas de Kornobol o trancaram do lado de fora ontem à noite. O pobre bastardo foi deixado vagando pelas ruas, até ser apanhado por uma das patrulhas do Alto Punho por furar o toque de recolher. Está se tornando uma prática comum. Esposas por toda a cidade estão tendo esse tipo de ideia. O que mais? Não se consegue um filé decente sem ter de pagar um braço e uma perna por ele; há mais mendigos mutilados do que nunca enchendo as ruas onde costumavam ficar os mercados. Não se pode pagar por uma leitura do Baralho sem que o Arauto do Encapuzado apareça na mesa. Diga uma coisa: você acha que é possível o Alto Punho estar

projetando a sombra de outra pessoa, como andam falando por aí? Claro, quem consegue projetar uma sombra escondido no armário de um palácio? Os peixes não são a única coisa escorregadia nesta cidade, digo isso a você. Ora, fui preso quatro vezes nos últimos dois dias, tive que me identificar e mostrar minha patente imperial, acredita? Acabou sendo uma sorte, já que encontrei minha tripulação numa daquelas prisões. Com o sorriso de Oponn vou conseguir tirá-los de lá amanhã. Temos um convés pra esfregar e, pode acreditar, aqueles palhaços bêbados vão ficar lá esfregando até o Abismo engolir o mundo. O que pode ser pior do que o modo como alguns ignoram a patente, exigindo coisas de uma pessoa até a cabeça dela doer? Até mesmo ao entregar mensagens sob palavras comuns, como se a vida já não fosse complicada o bastante... Alguma ideia de como um barco geme quando está cheio de ouro? E agora você vai dizer “Bem, capitão, acontece que estou tentando comprar uma passagem de volta para Unta”, e eu vou dizer: “Os deuses lhe sorriram, senhor! Acontece que vou zarpar em dois dias, com vinte soldados navais, o tesoureiro do Alto Punho e metade das riquezas de Aren a bordo, mas temos espaço, senhor, ah, temos sim, bem-vindo a bordo!”

Kalam ficou em silêncio por cerca de dez batidas do coração. Depois disse:

– Os deuses estão mesmo me sorrindo.

O capitão balançou a cabeça.

– Suaves e sedutores, os sorrisos deles.

– A quem agradeço por esse arranjo?

– Ele diz que é seu amigo, embora vocês nunca tenham se conhecido.

Mas vocês se encontrarão a bordo do meu *Tampa de Trapo*, em dois dias.

– O nome dele?

– Salk Elan, é como ele diz se chamar. Falou que esteve esperando por você.

– E como ele sabia que eu viria até esta taberna? Eu não sabia nem que ela existia até uma hora atrás.

– Um palpite, mas bem informado. Algo sobre este ser o primeiro lugar a que se chega a partir do portal na necrópole. Pena que você não estava aqui ontem à noite, amigo. Estava ainda mais calmo, pelo menos até a servente pescar um rato afogado de lá daquele barril. Pena que você e seus amigos perderam o desjejum dessa manhã.

Após entrar na sala onde estavam os outros, Kalam bateu a porta frágil, parando para recuperar o controle. *Arranjos de Ben Ligeiro? Improvável. Impossível, na verdade...*

– O que há de errado? – perguntou Minala, sentada à mesa com um pedaço de melão numa das mãos.

Vozes vindas do jardim indicavam que os pais davam banho em crianças relutantes.

O assassino fechou os olhos por um longo momento. Depois os abriu novamente, com um suspiro.

– Vocês foram entregues em Aren e agora devemos nos separar. Diga a Keneb para sair até encontrar uma patrulha, ou ser encontrado por uma, e depois fazer seu relatório ao comandante da guarda da cidade. Peça a ele para me deixar completamente de fora desse relatório...

– E como ele vai explicar que conseguimos entrar na cidade?

– Um pescador trouxe vocês. Mantenham a história simples.

– É só isso? Você não vai nem se despedir de Keneb, de Selv, das crianças? Não vai nem mesmo deixar que demonstrem gratidão por você ter salvado suas vidas?

– Se puder, Minala, saia com seus parentes de Aren. Voltem para Quon Tali.

– Não faça assim, Kalam.

– É o modo mais seguro. – O assassino hesitou. Então disse: – Eu queria que pudesse ter sido... diferente.

A fatia de melão o atingiu em cheio no rosto. Ele demorou um momento

limpando o rosto, depois pegou suas bolsas de sela e as jogou por sobre um ombro.

– O garanhão é seu, Minala.

Já na sala principal, Kalam foi até a mesa do capitão.

– Certo, estou pronto.

Alguma coisa semelhante a desapontamento perpassou os olhos do homem, que, em seguida, suspirou e se pôs em pé, vacilante.

– É o que você diz. É uma caminhada razoavelmente longa até onde *Tampa de Trapo* está atracado. Com sorte, só terei de mostrar minha patente uma dezena de vezes. Apenas o Encapuzado sabe: o que mais dá para fazer com um exército acampado numa cidade, não é?

– Esse farrapo de camisa que você está vestindo não vai ajudar, capitão. Imagino que esteja querendo se livrar do disfarce.

– Que disfarce? Esta é minha camisa da sorte.

Lostara Yil se apoiou na parede do quatinho, de braços cruzados, enquanto observava Pérola andar de um lado para outro, perto da janela.

– Detalhes – resmungou ele. – Tudo está nos detalhes. Não pisque, ou você pode perder alguma coisa.

– Devo me reportar ao comandante dos Lâminas Vermelhas – disse Lostara. – Depois, voltarei para cá.

– Orto Setral vai deixá-la desistir, senhorita?

– Não estou abandonando a perseguição... A menos que você me proíba.

– Que os deuses me livrem! Gosto da sua companhia.

– Você está brincando com a minha cara.

– Só um pouco. Admito que você demonstrou pouco senso de humor. Entretanto, até que estamos compartilhando uma boa aventura, não é? Por que encerrá-la agora?

Lostara examinou seu uniforme. Seu peso era um conforto; a armadura que vinha usando enquanto estava disfarçada tinha virado uma bagunça,

completamente despedaçada. Ela a jogara fora com alegria depois que seus ferimentos foram curados pelo Garra.

Pérola não tinha feito nada para abrandar o mistério do demônio que aparecera durante o confronto noturno na planície, mas estava claro para a Lâmina Vermelha que o incidente ainda perturbava o homem. *Como também me perturba, mas isso é passado, agora. Conseguimos chegar a Aren, ainda no rastro do assassino. Tudo está como deveria.*

– Você vai esperar por mim aqui? – perguntou ela.

O sorriso de Pérola aumentou.

– Até o fim dos tempos, minha querida.

– Bastará até a aurora.

Ele fez uma reverência.

– Contarei cada segundo até lá.

Ela deixou o quarto, fechando a porta. O corredor da taberna dava numa escada de madeira que a levou até a sala principal, lotada. O toque de recolher tinha criado uma clientela cativa, embora o clima fosse tudo, menos festivo.

Lostara passou por baixo da escada e entrou na cozinha. Os olhos da cozinheira e de suas ajudantes a seguiram enquanto ela caminhava até a porta dos fundos, deixada entreaberta para que entrasse uma brisa. Aquela era uma reação a que ela estava acostumada. Os Lâminas Vermelhas eram muito temidos.

Ela abriu a porta e saiu para o beco. O sopro do rio, misturado ao sal da baía, passou frio por seu rosto. *Rezo para nunca precisar viajar pelo Labirinto Imperial outra vez.*

Caminhou até a rua principal, as botas retumbando no calçamento.

Em seu caminho até o complexo da guarnição, pouco mais de dez soldados do exército do Alto Punho a abordaram assim que ela alcançou o primeiro cruzamento. O sargento que os comandava a encarou, incrédulo.

– Boa noite, Lâmina Vermelha – disse ele.

Ela assentiu.

– Entendo que o Alto Punho tenha imposto um toque de recolher. Diga, os Lâminas Vermelhas também patrulham as ruas?

– Não – respondeu o sargento.

Havia certa expectativa entre os soldados, que Lostara julgou vagamente perturbadora.

– Eles receberam outras responsabilidades, então?

O sargento aquiesceu devagar.

– Imagino que sim. Considerando suas palavras e... outras coisas, percebo que você acabou de chegar.

Ela assentiu.

– Como? – perguntou o sargento.

– Por Labirinto. Eu tive um... um acompanhante.

– O início de uma história interessante, sem dúvida – disse o sargento. – Eu ficarei com as suas armas agora.

– Perdão?

– Você deseja se reunir a seus companheiros Lâminas Vermelhas, não? Conversar com o comandante Orto Setral?

– Sim.

– Por ordem do Alto Punho, decretada há quatro dias, os Lâminas Vermelhas estão detidos.

– O quê?

– E aguardam julgamento por traição ao Império Malazano. Suas armas, por favor.

Atordoada, Lostara Yil não resistiu enquanto era desarmada pelos soldados. Ela encarou o sargento.

– Nossa lealdade foi... contestada?

Não havia malícia nos olhos dele ao assentir. Então ele falou:

– Tenho certeza de que seu comandante terá mais a dizer a respeito da situação.

– Ele se foi.

Keneb ficou boquiaberto.

– Ah – conseguiu dizer, pouco depois. Franzindo a testa, observou Minala guardar seus equipamentos. – O que você está fazendo?

Ela se virou para ele.

– Você acha que ele vai se safar partindo desse jeito?

– Minala...

– Quietos, Keneb! Você vai acordar as crianças.

– Eu não estava gritando.

– Diga tudo ao seu comandante, entendeu? Tudo, menos sobre Kalam.

– Não sou estúpido, não importa o que você pense.

O olhar dela se suavizou.

– Eu sei. Me perdoe.

– É melhor você pedir perdão a sua irmã, eu acho. E a Kesen, e a Vaneb.

– Eu vou.

– E me diga uma coisa: como vai atrás de um homem que não quer ser achado?

Um sorriso duro iluminou suas feições sombrias.

– Você pergunta isso a uma mulher?

– Ah, Minala...

Ela estendeu a mão para acariciar o rosto dele.

– Não precisa de lágrimas, Keneb.

– É culpa desse meu lado sentimental – disse ele, com um sorriso cansado. – Mas saiba do seguinte: eu continuarei tendo esperanças. Agora, vá dizer adeus a sua irmã e às crianças.

CAPÍTULO 14

A deusa inspirou
e tudo ficou imóvel...

O Apocalipse, Herulahn

– Não podemos ficar aqui.

Felisin estreitou os olhos ao encarar o mago.

– Por que não? A tempestade lá fora vai nos matar. Não há como nos abrigarmos dela, exceto aqui, onde há água... comida...

– Porque estamos sendo caçados – rosnou Kulp, envolvendo o tronco com os braços.

De onde estava, sentado contra uma parede, Heboric riu e ergueu as mãos invisíveis.

– Mostre um mortal que não esteja sendo perseguido e eu mostrarei um cadáver. Todo caçador é caçado, toda mente que conhece a si mesma possui perseguidores. Nós conduzimos e somos conduzidos. O desconhecido persegue o ignorante, a verdade assola cada acadêmico sábio o bastante para conhecer a própria ignorância, pois esse é o significado das verdades que não podem ser conhecidas.

Sentado na mureta que cercava a fonte, Kulp ergueu o olhar, observando o ex-sacerdote sob as pálpebras pesadas.

– Eu estava falando literalmente – disse ele. – Há metamorfos vivos nesta cidade. O cheiro deles está em todos os ventos, e ficando mais forte.

– Por que não desistimos logo? – perguntou Felisin.

O mago sorriu com escárnio.

– Não estou sendo impertinente, apenas. Estamos no Raraku, o lar do Furacão. Não haverá um só rosto amigável em centenas de quilômetros... Não que haja chance de chegarmos tão longe, de qualquer forma.

– E os rostos mais próximos não são nem humanos – acrescentou Heboric. – Todas as máscaras reveladas e, como você sabe, a presença de d’ivers e soletaken provavelmente *não* se deve ao chamado do Furacão. Tudo uma coincidência trágica, neste Ano de Dryjhna e com a convergência profana...

– Você é um tolo se pensa assim – disse Kulp. – A coincidência temporal é qualquer coisa, menos casual. Tenho um palpite de que alguém *provocou* aqueles metamorfos para a convergência e que esse alguém agiu assim precisamente por causa da revolta. Ou foi o contrário, e a deusa do Furacão guiou a profecia de modo a garantir que o Ano de Dryjhna fosse agora, quando a convergência estava prestes a acontecer, com o interesse de criar caos dentro dos Labirintos.

– Ideias interessantes, mago – disse Heboric, assentindo devagar. – E naturais, partindo de um praticante de Meanas, em que a ilusão se multiplica como ervas daninhas e a inevitabilidade define as regras do jogo... Mas só quando é útil.

Felisin ficou em silêncio, observando os dois homens. *Uma conversa, aqui na superfície, mas há outra nas entrelinhas. O sacerdote e o mago estão jogando um jogo, entrelaçando a suspeita com o conhecimento. Heboric enxerga um padrão; as vidas fantasmagóricas que roubou lhe deram o que precisava, e acho que ele está dizendo a Kulp que o mago está mais próximo desse padrão do que pode imaginar. “Aqui, manejador de Meanas, pegue minha mão invisível...”*

Felisin quis dar um basta naquilo:

– O que você sabe, Heboric?

O homem cego deu de ombros.

– Por que isso importa a você, mocinha? – grunhiu Kulp. – Está sugerindo rendição, deixar que os metamorfos nos peguem. Estamos mortos

mesmo.

– Eu perguntei por que continuamos lutando. Por que devemos sair daqui? Não temos chance lá fora no deserto.

– Fique, então! – rosou Kulp, levantando-se. – O Encapuzado sabe que você não tem nada de útil a oferecer.

– Ouvi dizer que basta só uma mordida.

Ele congelou e se virou para ela devagar.

– Ouvi errado. Suponho que essa ignorância seja comum. Uma mordida pode envenenar você, uma febre cíclica de loucura, mas você não se transforma num metamorfo.

– Mesmo? Então como eles são criados?

– Não são. Eles nascem assim.

Heboric ficou em pé.

– Se vamos caminhar por esta cidade morta, façamos isso agora. As vozes pararam e minha mente está limpa.

– Que diferença isso faz? – exigiu saber Felisin.

– Posso nos guiar pela rota mais rápida, mocinha. De outro modo, vamos vagar perdidos até sermos finalmente encontrados por aqueles que agora nos caçam.

Beberam uma última vez da poça, depois juntaram todas as frutas pálidas que podiam carregar. Felisin tinha de admitir para si mesma que se sentia mais saudável – mais *consertada* – do que em muito tempo, como se as lembranças não sangrassem mais e não lhe sobrasse nada além das cicatrizes. Mesmo assim, os caminhos de sua mente continuavam assustadores. Sua esperança tinha acabado.

Heboric os guiou depressa pelas ruas e pelos becos tortuosos, passando por casas e prédios. Em todos os lugares por que passavam, pulavam corpos de humanos, metamorfos e t'lan imass, em meio a cenas de uma batalha feroz já terminada. O conhecimento condenado de Heboric se alojou na

mente de Felisin, como um trêmulo terror antigo que fazia ressoar dentro dela cada nova cena de morte com que se deparavam. A moça se sentia perto de apreender uma verdade profunda, ao redor da qual orbitava todo o esforço da raça humana, desde o princípio da existência. *Não fazemos nada além de arranhar o mundo, frágil e carregado. Cada drama grandioso de civilizações, de povos com suas certezas e seus gestos, tudo isso não significa nada, não afeta coisa alguma. A vida continua, se arrastando, sempre em frente.* Ela se perguntou se o dom da revelação – o de descobrir o sentido subjacente à humanidade – não oferecia nada além de uma devastadora sensação de inutilidade. É o ignorante que encontra uma causa e se agarra a ela, pois justamente no interior reside a ilusão da significância. Fé, um rei, rainha ou imperador, ou vingança... Todos os bastiões dos tolos.

O vento gemeu às costas deles, levantando pequenas rajadas de poeira a seus pés e arranhando suas peles como línguas, trazendo com ele um vago aroma apimentado.

Felisin achou que uma hora já tinha se passado antes de Heboric finalmente parar. Estavam agora diante da grande entrada de uma espécie de templo em que as colunas, atarracadas e largas, haviam sido esculpidas de forma a parecerem troncos de árvores. Um friso corria por baixo do rodapé rachado e vergado, e cada painel era uma imagem emoldurada e iluminada por baixo, de modo assustador, pela luz do Labirinto de Kulp.

O mago olhou as imagens. *Pelo sopro do Encapuzado!*, disse ele, só com os lábios. O ex-sacerdote sorria.

– É um Baralho – disse Kulp enfim.

Mais uma patética indicação de ordem.

– O Baralho Ancestral, sim. – Heboric assentiu. – Não Casas, mas Domínios. Reinos. Você consegue discernir a Morte da Vida? E a Escuridão da Luz? Você vê o Domínio da Fera? Quem está sentado sobre o trono com chifres, Kulp?

– Está vazio, presumindo que estou olhando para aquele do qual você fala. A moldura mostra várias criaturas. O trono está ladeado por t'lan imass.

– Sim, é esse. Ninguém no trono, você disse? Curioso...

– Por quê?

– Porque todos os ecos de memória me dizem que *costumava* haver alguém ali.

Kulp grunhiu.

– Bem, não foi desfigurado. Você consegue enxergar a parte de trás do trono, e parece tão desgastada quanto todo o resto.

– Deveria haver as Desalinhadas. Você consegue detectar alguma?

– Não. Talvez nas laterais e na parte de trás?

– É possível. Entre elas você encontrará o Metamorfo.

– Tudo muito fascinante – disse Felisin com voz arrastada. – Presumo que tenhamos de entrar nesse lugar, já que é para onde o vento está indo.

Heboric sorriu.

– É. Do outro lado estará nossa saída.

O interior do templo não passava de um túnel, com muros, chão e teto ocultos por camadas compactadas de areia. Conforme avançavam, o vento erguia mais sua voz. Quarenta passos depois, conseguiram discernir uma luz ocre pálida adiante.

O túnel se estreitou. Era difícil resistir aos empurrões impetuosos do vento uivante, e eles foram forçados a se agachar e a prosseguir bamboleando, perto da saída.

Heboric permaneceu na soleira e deixou Kulp passar, depois Felisin. O mago foi o primeiro a sair; Felisin o seguiu.

Estavam num nicho, na boca de uma caverna situada no alto da face de um penhasco. O vento os dilacerava como se quisesse atirá-los para fora e jogá-los no ar, o que levaria a uma queda fatal sobre as rochas pontudas, 200 metros ou mais abaixo. Felisin agarrou uma extremidade em ruínas da boca da caverna. A vista tinha sido capaz de tirar o ar de seus pulmões e deixar seus joelhos bambos.

O Furacão rugia, não diante, mas debaixo deles, enchendo a imensa bacia que era o Deserto Sagrado. Uma névoa fina de poeira suspensa pairava

sobre um piso de nuvens fervilhantes, amarelas e laranja. O sol era uma bola de fogo vermelha sem bordas, cuja cor escurecia enquanto eles observavam.

Depois de um bom tempo, Felisin soltou uma risada.

– Agora só precisamos de algumas asas.

– Eu me torno útil de novo – disse Heboric, sorrindo ao dar um passo até ficar ao lado dela.

Kulp virou a cabeça com um tranco.

– O que você quer dizer?

– Amarrem-se nas minhas costas, vocês dois. Este homem tem um par de mãos e pode usá-las, e pela primeira vez minha cegueira se mostrará uma salvação.

Kulp olhou para o penhasco abaixo.

– Descer isso? É pedra podre, velho...

– Não os apoios que buscarei, mago. Além disso, que escolha você tem?

– Ah, eu simplesmente não posso esperar – disse Felisin.

– Certo, mas vou manter meu Labirinto aberto – retrucou Kulp. – A queda será a mesma, mas a aterrissagem se tornará mais suave. Não que vá fazer muita diferença, suponho, mas pelo menos nos dará uma chance.

– Você não tem fé! – gritou Heboric e seu rosto se contorceu enquanto lutava para reprimir uma gargalhada.

– Obrigada por isso – disse Felisin.

Até onde vamos ser pressionados? Estamos escorregando para a loucura, sendo impelidos, puxados e empurrados para dentro dela.

Uma pressão quente e sólida se fechou no ombro da moça, que se virou. Heboric tinha colocado uma mão invisível nela; Felisin não podia ver nada, mas o tecido fino de sua camisa estava comprimido e escurecendo devagar com uma mancha de suor. A moça sentia o peso. Ele se inclinou para perto.

– O Raraku remodela todos que vêm até ele. Esta é uma verdade a que você pode se agarrar. O que você era se esvai e você se torna algo diferente. – O sorriso dele aumentou diante da bufada de desdém dela. – Os presentes do Raraku são rudes, é verdade – disse ele, num tom de empatia.

Kulp aprontava suas correias.
– Estas faixas estão apodrecendo.

Heboric se virou para ele.

– Então você deve segurar forte.

– Isso é loucura.

Essas eram as minhas palavras.

– Você prefere esperar os d'ivers e os soletaken?

O mago fechou a cara.

O corpo de Heboric parecia as raízes tortas de uma árvore ao tato. Felisin se segurava, sentindo seus músculos tremerem, sem confiar nas tiras de couro esgarçadas. Seu olhar estava fixo nos pulsos do ex-sacerdote – as mãos invisíveis mergulhadas na superfície da rocha – enquanto de baixo ela ouvia os pés de Heboric buscando apoio repetidamente. O velho carregava o peso dos três só com as mãos e os braços.

O brilho vermelho do sol poente banhava o penhasco desgastado. *Como se estivéssemos descendo sobre um caldeirão de fogo, para dentro de algum reino demoníaco. E esta é uma viagem só de ida: o Raraku vai nos reclamar para si e nos devorar. As areias vão enterrar todos os sonhos de vingança, todos os desejos, todas as esperanças. Nós todos vamos nos afogar aqui neste deserto.*

O vento os atirava com força contra a face do penhasco e depois os puxava para trás, em meio ao giro mordaz das areias trazidas pelo ar. Entraram no Furacão outra vez. Kulp gritou alguma coisa, que se perdeu no rugido violento. Felisin se sentiu puxada, erguida na horizontal pelo vento frenético e faminto, e enganchou um dos braços ao redor do ombro direito de Heboric.

Seus músculos começaram a tremer por causa do esforço e suas juntas queimavam como brasas sendo abanadas por alguém. Ela sentiu as amarras das correias ao seu redor ficando mais tensas e, devagar, inevitavelmente, esgarçando-se. *Sem esperança. Os deuses zombam de nós a cada*

oportunidade.

Heboric continuou a descida, seguindo para o meio do turbilhão.

A centímetros de distância, Felisin viu a areia que soprava abrandar a pele estirada de seu cotovelo. A sensação não passava daquela causada pela língua de um gato, mas a pele começava a ser arrancada e sumir.

Suas pernas e seu corpo cavalgavam o vento e por todos os lados ela sentia o arranhar terrível da língua da tempestade. *Não serei mais que ossos e tendões quando alcançarmos o fundo, cambaleando sem carne e com um sorriso permanente. Felisin, descoberta em toda a sua glória...*

Heboric se afastou da superfície do penhasco. Os três caíram um em cima do outro num chão rochoso e irregular. Felisin gritou quando as pedras e a areia pressionaram com força a pele devastada de suas costas. Olhou de baixo o penhasco, cujas partes eram às vezes reveladas quando as rajadas de areia afinavam um pouco. Ela julgou ter visto uma silhueta 50 metros acima deles, logo engolida mais uma vez pela tempestade.

Kulp puxou as tiras com pressa frenética. Felisin rolou, livrando-se, e ficou de quatro. *Há alguma coisa... Até consigo sentir...*

– De pé, menina! – gritou o mago. – Rápido!

Choramando, Felisin lutou para ficar em pé. O vento a derrubou outra vez com um açoite doloroso. Mãos quentes se fecharam sobre ela e a ergueram na curvatura de braços musculosos.

– A vida é assim – disse Heboric. – Segure firme.

Estavam correndo, inclinados contra o vento feroz. Ela fechou os olhos com força; atrás de suas pálpebras, a agonia de sua pele esfolada lampejava como relâmpagos. *Que o Encapuzado leve isso! Tudo!*

Depararam-se com uma calmaria repentina. Kulp sibilou, surpreso.

Felisin abriu os olhos e viu a bruma imóvel de poeira descrevendo uma esfera em meio ao Furacão. Atravessando a névoa, uma forma grande e vaga cambaleava na direção deles. O ar cheirava a um perfume cítrico. Ela se debateu até Heboric colocá-la no chão.

Quatro homens pálidos e esfarrapados carregavam uma liteira, na qual

vinha sentada uma pessoa grande e corpulenta, vestindo sedas volumosas, numa mistura de cores discrepantes. Olhos em forma de fenda espiaram o lado de fora a partir de dobras suadas de carne. O homem ergueu a mão inchada e os carregadores pararam.

– Perigo! – guinchou ele. – Juntem-se a mim, estrangeiros, e abandonem os perigos acolá, um deserto cheio de feras com disposição bastante desagradável. Ofereço um humilde santuário através de habilidosa feitiçaria aplicada a essa cadeira, a um grande custo pessoal. Vocês têm fome? Têm sede? Ah, mas olhem só os ferimentos da pobre moça frágil! Eu possuo unguentos de cura e gostaria de ver essa carne deliciosa com a pele suave outra vez, na perfeição da juventude. Digam: ela é, por acaso, uma escrava? Posso fazer uma oferta?

– *Não sou* uma escrava – disse Felisin.

E não estou mais à venda.

– O fedor de limão está fazendo meus olhos arderem – sussurrou Heboric. – Sinto cobiça, mas nenhuma inclinação maléfica...

– Nem eu – disse Kulp, ao lado deles. – Só que... os carregadores são mortos-vivos, sem falar que estão estranhamente... *mastigados*.

– Vejo que vocês hesitam, e sempre aplaudo a cautela. Sim, meus servos já viram dias melhores, mas são inofensivos, eu garanto.

– Como é que você resiste ao Furacão? – gritou Kulp.

– Não resisto, senhor! Sou um verdadeiro crente, e muito humilde. A deusa me concede a facilidade da passagem, pelo que realizo constantes oferendas! Não passo de um mercador. Meu negócio é uma mercadoria seleta... do tipo mágico. Estou na jornada de volta ao Pan'potsun, sabem, depois de um empreendimento lucrativo no acampamento rebelde de Sha'ik.

– O homem sorriu. – Sim, reconheço-os como malazanos, sem dúvida inimigos da grande causa. Mas a retaliação cruel não cria raízes em meu solo, eu lhes garanto. E, verdade seja dita, eu apreciaria sua companhia, pois esses servos horríveis são obcecados com suas próprias mortes e suas reclamações nunca acabam.

Com um gesto dele, os quatro carregadores colocaram a liteira no chão. Dois deles imediatamente começaram a tirar do porta-bagagem atrás da cadeira os equipamentos para montar acampamento, com movimentos descuidados e frouxos, enquanto a outra dupla ajudava seu mestre a ficar em pé.

– No baú de madeira acolá tenho um unguento dos mais potentes. – O homem arquejou. – Aí. O homem chamado Cerne o traz. Cerne! Ponha isso no chão, seu verme corroído! Cerne, o verme, rá! Pare de se atrapalhar com o trinco... Essas escapadas ágeis vão derreter seu cérebro podre. Ai! Você não tem mãos! – Os olhos do homem haviam encontrado Heboric, como se fosse pela primeira vez. – Um crime, para ter merecido uma coisa dessas! Infelizmente, nenhum de meus unguentos cicatrizantes pode dar conta de uma regeneração tão complexa.

– Por favor, não se sinta angustiado pelo que não tenho, nem mesmo pelo que você não tem – disse Heboric. – Não preciso de nada, embora esse abrigo do vento seja muito bem-vindo.

– Sua história com certeza envolve algum tipo trágico de abandono, outrora sacerdote de Fener, e não serei indiscreto. E você... – O homem se voltou para Kulp – Perdoe-me, o Labirinto de Meanas, talvez?

– Você faz mais do que vender bugigangas mágicas – grunhiu Kulp, com o rosto ficando sombrio.

– Longa proximidade, gentil senhor – disse o homem, fazendo uma curta reverência com a cabeça. – Nada mais, eu garanto. Devotei toda a vida à magia, mas não a pratico. Os anos me concederam certa... sensibilidade, apenas isso. Minhas desculpas se ofendo de alguma forma. – Ele estendeu a mão e esbofeteou um dos servos. – Você, que nome eu lhe dei?

Felisin observou, fascinada, os lábios corroídos do cadáver recuarem, num sorriso torto.

– Molusco, embora um dia eu tenha sido chamado de Iryn Thalar...

– Ah, cale a boca a respeito de como foi chamado! Você é Molusco agora.

– Tive uma morte horrível...

– Cale a boca! – guinchou o mestre, com o rosto se obscurecendo.

O servo morto-vivo ficou em silêncio.

– Agora, encontre para nós aquele vinho falariano. – O homem arquejou.

– Vamos celebrar com presentes imperais dos mais cortesês.

O servo se afastou aos tropeços. Seu companheiro mais próximo girou a cabeça, acompanhando o primeiro com os olhos ressecados.

– A sua morte não foi tão horripilante quanto a minha... – disse o segundo servo.

– Que os Sete Sagrados nos guardem! – sibilou o comerciante. – Eu lhe imploro, mago, um feitiço de silêncio sobre essas animações mal escolhidas! Eu pago em jakatas imperiais, e pago bem!

– Está além de minhas habilidades – resmungou Kulp.

Felisin estreitou os olhos para o mago de regimento. *Isso certamente é mentira.*

– Ora, está bem – suspirou o homem. – Deuses abaixo, eu não me apresentei! Sou Nawahl Ebur, humilde comerciante da Cidade Sagrada de Pan’potsun. E por quais nomes vocês três gostariam de ser conhecidos?

Frases estranhas.

– Sou Kulp.

– Heboric.

Felisin nada disse.

– Já a mocinha, essa é tímida – disse Nawahl, curvando os lábios num sorriso indulgente ao olhá-la.

Kulp se agachou perto do baú de madeira, soltou o trinco e abriu a tampa.

– A tigela de argila branca com lacre de cera – disse o comerciante.

O vento era um gemido distante; a poeira ocre da calmaria assentava ao redor deles devagar. Heboric, ainda abençoado com uma consciência que dispensava a necessidade de enxergar, se sentou sobre uma pedra gasta. Ele franzia vagamente a testa larga e suas tatuagens pareciam desbotadas sob o véu de poeira.

Kulp foi até Felisin com a tigela em uma das mãos.

– É um unguento medicinal – afirmou. – E potente, mesmo.

– Por que o vento não rasgou sua pele, mago? Você não tem a proteção de Heboric...

– Não sei, mocinha. Fiquei com meu Labirinto aberto. Talvez tenha sido suficiente.

– Por que não estendeu a influência do Labirinto até mim?

Ele desviou o olhar.

– Achei que tivesse estendido – resmungou.

O unguento era frio e pareceu absorver a dor de Felisin. Sob a pátina incolor, ela viu sua pele crescer outra vez. Kulp o aplicou nos locais em que ela não conseguia alcançar e, meia tigela depois, a última labareda de agonia tinha sido curada. De repente exausta, Felisin ficou sentada na areia.

Uma taça de vinho com a haste quebrada apareceu diante de seu rosto. Nawahl sorriu para ela.

– Isso deve revigorá-la, gentil moça. Uma corrente dócil afastará sua mente do sofrimento, levando ao riacho mais pacífico da vida. Aqui, beba, minha querida. Eu me importo profundamente com o seu bem-estar.

Ela aceitou a taça.

– Por quê? – exigiu saber. – Por que você se importa profundamente?

– Um homem com minha fortuna pode oferecer muito a você, criança. E tudo o que você conceder por vontade própria será minha recompensa. E saiba que sou bastante gentil.

Ela deu uma golada no vinho frio e azedo.

– É mesmo?

Ele assentiu solenemente, os olhos brilhando em meio às dobras de carne cheia de sulcos.

– Isso eu prometo.

O Encapuzado sabe que poderia ser pior. Riqueza e conforto, sossego e comodismos... Durhang e vinho. Travesseiros em que me deitar...

– Sinto sabedoria em você, minha querida. Portanto, não vou pressionar

– disse Nawahl. – Que você, em vez disso, ascenda para o caminho apropriado.

Sacos de dormir haviam sido estendidos. Um dos servos mortos-vivos acendeu um fogareiro de acampamento, queimando os restos de uma das mangas de sua camisa no processo, ainda que ninguém comentasse esse detalhe.

A escuridão logo os cercou. Nawahl ordenou que espalhassem lampiões acesos em mastros, formando um círculo ao redor do acampamento. Um dos cadáveres parou ao lado de Felisin, enchendo sua taça repetidamente depois de cada gole. A carne da criatura parecia corroída. Feridas imensas e sem sangue cobriam seus braços pálidos. Todos os dentes haviam caído.

Felisin olhou para ele, forçando-se a não demonstrar nojo.

– E como você morreu? – perguntou, irônica.

– De um modo terrível.

– Mas como?

– Sou proibido de dizer mais. Morri de um modo terrível, uma morte que se equipara aos pesadelos do próprio Encapuzado. Demorou, mas foi rápida, uma eternidade passada num instante. Fui surpreendido, mas estava ciente dela. Uma dor pequena, mas muito forte, a inundação de escuridão, só que ofuscante...

– Está bem. Já entendi o que seu mestre quis dizer.

– Era o que devia fazer mesmo.

– Vá com calma, mocinha – disse Kulp, próximo ao fogareiro do acampamento. – Melhor se manter consciente.

– Por quê? Isso não me ajudou em nada até agora, ajudou?

Numa atitude desafiadora, ela bebeu toda a taça e a ergueu, a fim de que fosse enchida novamente. Sua cabeça flutuava, seus membros pareciam boiar. O servo derrubou vinho em sua mão.

Nawahl estava de volta em sua imensa cadeira acolchoada, observando os três com um sorriso contente nos lábios.

– Companhia mortal, que diferença! – Ele arquejou. – Estou muito

satisfeito; só preciso apreciar o mundano. Digam: aonde vocês pretendem ir? O que os arremessou nessa jornada perigosa? A rebelião? Ela é tão sangrenta quanto ouvi falar? Injustiça assim nunca é paga por completo, infelizmente. Temo que essa lição tenha se perdido.

– Estamos indo a lugar nenhum – disse Felisin.

– Posso, então, convencê-la a reconsiderar o destino escolhido?

– E você oferece proteção? – perguntou ela. – Até que ponto você é confiável? O que acontece se nos depararmos com bandidos ou coisa pior?

– Nenhum mal acontecerá a você, minha querida. Um homem que lida com feitiçaria tem muitos recursos de defesa. Nem uma vez sequer durante minhas viagens fui incomodado por tolos nefastos. Abordado de vez em quando, sim, mas todos deram as costas quando lhes apresentei com sabedoria. Minha querida, você é categoricamente de tirar o fôlego. Sua pele macia e bronzeada pelo sol é um bálsamo para os olhos.

– O que sua esposa diria? – murmurou Felisin.

– Infelizmente, sou viúvo. Minha amada atravessou os portões daquele que veste o capuz quase um ano atrás. A vida dela foi plena e feliz, fico satisfeito em dizer, e isso me traz grande conforto. Ah, queria que o espírito dela pudesse surgir e acalmá-la com reafirmações, minha querida.

Espetos de tapu chiavam no fogareiro do acampamento.

– Mago, você abriu seu Labirinto – disse Nawahl. – O que vê? Eu lhe dei motivos para desconfiar de mim?

– Não, comerciante – disse Kulp. – E não vejo nada de fato. Ainda assim, os feitiços que nos cercam são de alta estirpe... Estou impressionado.

– Só o melhor da autoproteção, é claro.

O chão tremeu de repente e algo imenso pressionou o ombro coberto de pelo marrom na área à frente de Felisin. O ombro do animal tinha quase 3 metros de altura. Pouco depois, a criatura grunhiu e recuou.

– Feras! Elas afligem este deserto! Mas não temam, nenhuma delas conseguirá vencer minhas defesas. Eu insisto que tenham calma.

Fique tranquilo, estou bem calma. Estamos finalmente seguros. Nada pode

nos alcançar...

Garras do tamanho de dedos rasgaram o muro embaçado da esfera de proteção; um berro de fúria avançou em ondas, fazendo o ar estremecer.

Nawahl ficou em pé com uma velocidade surpreendente.

– Para trás, amaldiçoado! Fora! Uma coisa de cada vez!

Ela piscou. *Uma coisa de cada vez?*

A esfera brilhou quando os rasgos denteados se fecharam. A aparição do outro lado berrou de novo, dessa vez com um toque claro de frustração. Garras riscaram outro caminho, que foi se curando ao mesmo tempo que aparecia. Um corpo se chocou contra a barreira, provocando um estrondo, recuou e, depois, tentou mais uma vez.

– Estamos seguros! – exclamou Nawahl, com o rosto carregado de fúria.

– Essa coisa não conseguirá passar, não importa quanto seja teimosa! Ainda assim, como vamos dormir com essa algazarra?!

Kulp andou até o comerciante, que inexplicavelmente recuou um passo. O mago fitou o intruso teimoso.

– Isso é um soletaken – disse ele. – Muito forte...

De onde Felisin estava sentada, viu tudo que aconteceu em seguida como se fosse um fluxo contínuo, com algo semelhante a graça. Assim que Kulp deu as costas ao comerciante, foi como se Nawahl se embaçasse sob as sedas, com a pele escurecendo até se tornar um pelo preto e brilhante. Um cheiro apimentado mordaz substituiu o perfume cítrico numa rajada quente. Ratos verteram dali numa enchente crescente.

Heboric gritou, alarmado, mas já era tarde demais. Os ratos se abateram sobre Kulp e o engoliram por inteiro, numa capa fervilhante, não às dúzias, mas às centenas.

O grito do mago foi abafado. Um instante depois, o monte de criaturas pareceu ceder e seu peso esmagou Kulp.

Os quatro carregadores estavam em pé em um dos lados, observando.

Heboric mergulhou no meio da massa de ratos; suas mãos fantasmas agora eram manoplas incandescentes de fogo, uma verde como o jade, a

outra vermelho-ferrugem. Os ratos se encolheram, afastando-se. Cada um que Heboric conseguiu agarrar queimou até virar uma mistura preta e mutilada de carne e ossos. A rataria continuou se espalhando em direção centrífuga; havia cada vez mais das criaturas silenciosas, umas subindo nas outras, elevando-se em ondas sobre o chão.

Os ratos se afastaram do lugar em que Kulp tinha estado deitado. Felisin viu um lampejo de ossos úmidos, uma capa de chuva esfarrapada, sem conseguir compreender o que aquilo significava.

O soletaken do outro lado da barreira continuava atacando, em frenesi. Os ferimentos rasgados na esfera começavam a se fechar mais devagar. A pata e o antebraço de um urso, ambos da largura da cintura de Felisin, mergulharam através da brecha.

Os ratos se ergueram e tomaram a forma de uma onda a fim de se abaterem sobre Heboric. Ainda gritando, o ex-sacerdote cambaleou para trás.

Uma mão agarrou o colarinho de Felisin pelas costas e a puxou, pondo-a em pé de repente.

– Pegue ele e corra, menina.

Girando a cabeça, ela deu com o rosto desgastado de Baudin. Com a outra mão, ele segurava quatro dos lampiões.

– Anda logo, cacete! – Ele a empurrou com força na direção do ex-sacerdote, que ainda cambaleava para trás, com a maré fervilhante em franca perseguição. Atrás de Heboric, o urso pressionava a barreira com suas 2 toneladas.

Baudin passou direto por Heboric com um salto, esmagando uma das lanternas no chão. Óleo de lamparina se espalhou, fazendo jorrar faixas de chamas.

Um grito furioso partiu dos ratos.

Os quatro servos começaram a dar gargalhadas secas.

A onda caiu sobre Baudin, mas não conseguiu derrubá-lo como tinha feito com Kulp. Ele girou os lampiões, quebrando todos eles; fogo se atçou

ao seu redor. Em seguida, ele e centenas de ratos foram envolvidos por chamas.

Felisin alcançou Heboric. O velho estava banhado em sangue, por causa de incontáveis pequenos ferimentos. Seus olhos cegos pareciam concentrados num terror interior comparável à cena à sua frente. Agarrando um dos braços do ex-sacerdote, ela o puxou para o lado.

A voz do comerciante encheu sua mente. *Não tema por si mesma, minha querida. Riqueza e paz, toda a satisfação para saciar seus desejos, e eu sou gentil... Com aqueles que escolho, ah, sou tão gentil...*

Ela hesitou.

Deixe para mim esse estranho de pele grossa e o velho. Depois, lidarei com Messremb, aquele soletaken imundo e tão rude que me detesta tanto...

Ainda assim, ela ouvia dor em suas palavras, uma pontada de desespero. O soletaken do lado de fora estava conseguindo ultrapassar a barreira; as reverberações de seu rugido faminto soavam, ensurdecedoras.

Baudin não caía. Matava rato após rato, todos eles dentro de uma mortalha de fogo, mas os animais continuavam a avançar sobre ele em números sempre crescentes, uma massa absoluta de corpos sufocando o óleo em chamas.

Felisin olhou para o soletaken, calculando seu incrível poder, sua fúria destemida. Balançou a cabeça.

– Não. Você está com sérios problemas, d’ivers. – Ela agarrou Heboric outra vez e o arrastou até a barreira, que cedia.

Minha querida! Espere! Ah, seu mortal teimoso, por que você não morre?

Felisin não conseguiu deixar de sorrir. *Isso não vai funcionar. Eu sei.*

O Furacão tinha começado seu ataque contra a esfera. A areia atirada pelo vento arranhou o rosto de Felisin.

– Espere! – Heboric arquejou. – Kulp...

Um frio envolveu Felisin. *Ele está morto, ó deuses, ele está morto! Devorado. E eu assisti, bêbada, sem me importar, sem nem sequer notar... “Uma coisa de cada vez”. Kulp está morto. A moça segurou um soluço,*

empurrou o ex-sacerdote contra a barreira e através dela no instante em que a proteção finalmente desmoronava. Felisin não se virou para assistir ao ataque nem para descobrir qual teria sido o destino de Baudin. Arrastando Heboric, colidiu com a tempestade, obscurecida pelo crepúsculo.

Não foram longe. A fúria da tempestade de areia os atacava, empurrando, até que eles finalmente foram obrigados a entrar no abrigo frágil oferecido por um pico de rocha suspenso. Desabaram ao pé dele, aconchegados, esperando a morte.

O álcool no organismo de Felisin a puxava para o sono. Ela pensou em resistir, mas depois se rendeu, dizendo a si mesma que logo seriam encontrados pelo terror e que testemunhar a própria morte não ofereceria conforto. *Eu deveria dizer a Heboric o verdadeiro valor do conhecimento agora. Mas ele aprenderá por si mesmo. Não vai demorar. Não vai demorar nem um pouco...*

Ela acordou em meio ao silêncio... mas, não, não o silêncio completo. Alguém próximo a ela chorava. Felisin abriu os olhos. A tempestade do Furacão tinha passado. Em todas as direções, o céu era uma mortalha dourada de poeira suspensa, tão espessa que ela não conseguia enxergar mais que uma dúzia de passos. Ainda assim, o ar estava parado. *Deuses, o d'ivers está de volta.* No entanto, não, a calmaria se dava em todo lugar.

Com a cabeça doendo e a boca dolorosamente seca, ela se sentou.

Heboric estava ajoelhado a alguns passos de distância, parcialmente oculto pela névoa resplandecente. As mãos invisíveis pressionavam seu rosto, puxando a pele em dobras bizarras, como se ele usasse uma máscara grotesca. Seu corpo inteiro tremia de pesar conforme ele se balançava para a frente e para trás, em uma repetição estúpida e sem sentido de movimentos.

A memória inundou Felisin. *Kulp.* Ela sentiu seu rosto se contorcer.

– Ele deveria ter sentido alguma coisa – grasnou ela.

Heboric ergueu a cabeça de repente; seus olhos cegos estavam vermelhos

e encobertos ao se fixarem nela.

– O quê?

– O mago – rosnou ela, envolvendo a si mesma num abraço fraco. – O desgraçado era um d'ivers. *Ele deveria ter percebido!*

– Deuses, garota, eu queria ter essa sua couraça!

E, se eu sangrasse dentro dela, você não veria nada, velho. Ninguém veria. Ninguém nunca saberá.

– Se eu tivesse – continuou Heboric depois de um instante –, conseguiria andar a seu lado, oferecer qualquer proteção que pudesse... Embora, admito, sempre fosse me perguntar por que me importo. Mas faria isso.

– Sobre o que você está balbuciando?

– Estou com febre. O d'ivers me envenenou, mocinha. E o veneno batalha com os outros estranhos em minha alma. Não sei se sobreviverei a isso, Felisin.

Ela mal podia ouvi-lo. Sua atenção foi atraída pelo som de pés se arrastando. Alguém se aproximava, hesitante, cambaleando e fazendo os seixos do chão rangerem. Felisin ficou em pé e fitou a direção de onde vinha o barulho.

Heboric ficou quieto, inclinando a cabeça.

A silhueta que emergiu da bruma ocre afundou as presas na sanidade que restava a Felisin. Ela ouviu um soluço que saiu da própria garganta.

Baudin estava queimado, roído, com partes faltando, completamente comidas. Tinha sido carbonizado até os ossos em alguns pontos e o calor inchava os gases em sua barriga, dilatando-a de forma a parecer que ele estava grávido, com a pele e a carne rachadas. Nada tinha sobrado de suas feições, exceto os buracos irregulares onde os olhos, o nariz e a boca deveriam estar. Ainda assim, Felisin sabia que era ele.

Ele se aproximou mais um passo, cambaleando, até tombar devagar no chão.

– O que é? – exigiu saber Heboric, sibilando. – Desta vez, estou cego de fato. Quem chegou?

– Ninguém – disse Felisin depois de um longo momento.

Ela caminhou devagar em direção à coisa que tinha sido Baudin, se ajoelhou na areia quente, estendeu a mão e puxou a cabeça dele, pousando-a em suas coxas.

Ele estava consciente de sua presença, erguendo a mão cheia de crostas e fundida. A mão pairou um momento perto do cotovelo dela antes de cair outra vez. Ele falou, e cada palavra soou como uma corda na pedra:

– Eu pensei... o fogo... imune.

– Você estava errado – sussurrou Felisin.

A imagem da couraça dentro dela rachou de repente e as fissuras se espalharam. E, abaixo dela, algo surgia.

– Meu voto.

– Seu voto.

– Sua irmã...

– Tavore.

– Ela...

– Não. Não, Baudin, não diga nada sobre ela.

A respiração dele saiu difícil.

– Você...

Felisin silenciou, aguardando que a vida fugisse daquela casca, fugisse imediatamente, antes que...

– Você... não era... o que eu esperava...

A couraça seria capaz de ocultar qualquer coisa até o momento em que finalmente caísse. Até mesmo uma criança. Sobretudo uma criança.

Não havia nada que distinguisse o céu da terra. A quietude dourada tinha abraçado o mundo. Pedras tamborilaram na trilha enquanto Violinista se projetava para o cume; o tinido pareceu alto a seus ouvidos. *Ela inspirou fundo. E está esperando.*

Ele limpou o suor cheio de poeira da testa. *Pelo sopro do Encapuzado,*

isso traz mau agouro.

Mappo surgiu em meio à névoa adiante. A exaustão do imenso trell tornava seu caminhar mais incerto que de hábito. Seus olhos estavam vermelhos e as linhas sobre seus caninos proeminentes pareciam gravadas em sua pele curtida.

– A trilha segue sempre em frente – disse ele, agachando-se ao lado do sapador. – Acredito que ela está com o pai agora. Estão caminhando juntos. Violinista... – Ele hesitou.

– Sim. A deusa do Furacão...

– Há... expectativa... no ar – disse o trell. Violinista grunhiu ante aquele eufemismo. – Bem, vamos nos juntar aos outros.

Mappo suspirou.

Icarium tinha encontrado um trecho de rocha plana, cercado por grandes pedras. Crokus estava sentado com as costas apoiadas na pedra e observava o jhag colocar as comidas no centro. A expressão do jovem daru, ao olhar para o sapador que se aproximava, pertencia a um homem muito mais velho.

– Ela não vai voltar – disse Crokus.

Violinista não respondeu nada, tirando a besta das costas e colocando-a no chão.

Icarium pigarreou.

– Venha comer, garoto – chamou. – Os reinos estão se sobrepondo e tudo é possível... E isso inclui o inesperado. Não adianta nada se afligir com o que ainda não aconteceu. Enquanto isso, o corpo exige sustento, e não vai nos ajudar se você não tiver reservas de energia quando chegar a hora de agir.

– Já é tarde demais – resmungou Crokus, mas ficou em pé mesmo assim.

– Há mistério demais neste caminho para termos certeza de qualquer coisa – replicou Icarium. – Já viajamos por Labirintos duas vezes, mas não sei dizer quais foram. Eles parecem antigos e fragmentados, tecidos na própria rocha do Raraku. Em dado momento, senti o cheiro do mar...

– Eu também – disse Mappo, dando de ombros.

– Cada vez mais, a jornada de Apsalar se encaminha para onde um renascimento, ou algo desse tipo, se torna mais provável – falou Crokus. – Estou certo quanto a isso, não estou?

– Talvez – concedeu Icarium. – Mesmo assim, esse ar pensativo sugere também uma incerteza, Crokus. Não se esqueça disso.

– Apsalar não está tentando fugir de nós – disse Mappo. – Está nos guiando. Que significado devemos atribuir a isso? Com seus dons divinos, ela poderia muito bem encobrir seus rastros, aquele resíduo forjado pelas sombras que, para mim e para Icarium, é tão claro e indisfarçado quanto uma estrada imperial.

– Pode haver mais alguma coisa além disso – resmungou Violinista. Olhares se voltaram para ele, que inspirou fundo e soltou o ar devagar. – A garota conhece nossas intenções, rapaz. Sabe o que Kalam e eu planejávamos e compreende o plano que, até onde eu sei, está sendo seguido. Ela pode muito bem ter imaginado que, assumindo o aspecto de Sha'ik, poderia... de forma indireta... *apoiar* nossos esforços. De uma maneira totalmente própria em vez da forma de agir do deus que um dia a possuiu.

Mappo deu um sorriso torto.

– Você guardou muito de mim e de Icarium, soldado.

– Uma questão imperial – disse o sapador, sem encontrar o olhar do trell.

– Que vê vantagem na rebelião desta terra.

– Só a curto prazo, Mappo.

– Ao se tornar a Sha'ik renascida, Apsalar não vai só se comprometer a uma troca de figurino, Violinista. A causa da deusa tomará a mente e a alma da garota. Ela não permanecerá a mesma com tais visões e visitações.

– Temo que ela possa não se dar conta dessa possibilidade em particular.

– Ela não é tola – vociferou Crokus.

– Não estou dizendo que é – retrucou Violinista. – Goste ou não, Apsalar possui um pouco de arrogância divina. Eu a testemunhei em sua plenitude

em Genabackis, e consigo enxergar que sua mancha ainda reside nela. Pense na decisão recente de deixar o templo de Iskaral sozinha, em perseguição ao pai.

– Em outras palavras, você acha que ela pode acreditar ser capaz de resistir à influência da deusa, mesmo assumindo o papel de profetisa e chefe de guerra – disse Mappo.

Crokus fechou a cara.

– Minha mente tropeça de uma coisa a outra. E se o deus patrono dos assassinos a reivindicou outra vez? O que vai significar se a rebelião de repente for liderada por Cotillion e, por extensão, por Ammanas? O imperador morto volta para saciar sua sede de vingança.

O silêncio caiu sobre eles. Violinista vinha perseguindo aquela possibilidade como um cão de caça obsessivo desde que lhe ocorrera, dias antes. A ideia de um imperador assassinado e transformado em Ascendente de repente saindo das sombras para reivindicar o trono imperial era tudo, menos uma perspectiva agradável. Uma coisa era tentar matar Laseen, o que era, afinal de contas, um assunto mortal. Deuses governando um Império mortal, por outro lado, atrairiam outros Ascendentes, e uma disputa assim poderia destruir civilizações inteiras.

Acabaram de comer sem falar mais nada.

A poeira que enchia o ar se recusava a baixar; ela simplesmente pairava, imóvel, quente e inerte. Icarium guardou as provisões. Violinista foi até Crokus.

– Não adianta surtar, moleque. Ela encontrou o pai depois de todos esses anos. E isso já é alguma coisa, você não acha?

O daru deu um sorriso sarcástico.

– Ah, pensei nisso, Vi. E, sim, estou feliz por ela, mas desconfiado. O que deveria ter sido um reencontro maravilhoso acabou sendo comprometido. Por Iskaral Pust. Pela manipulação da Sombra. Azedou tudo...

– Não importa como você previa as coisas, Crokus; esse momento pertence a Apsalar.

O rapaz ficou quieto por um longo minuto. Depois assentiu.

Violinista pegou a besta e jogou a arma sobre o ombro.

– No mínimo, tivemos uma folga dos soldados de Sha'ik, sem falar dos d'ivers e dos soletaken.

– Aonde ela está nos levando, Vi?

O sapador deu de ombros.

– Suspeito que descobriremos em breve.

O homem desgastado pelo tempo e pelo clima estava em pé sobre um monte de rochas, encarando o Raraku. A mortalha de silêncio era absoluta; ele conseguia escutar o próprio coração, batendo em um ritmo estável e automático dentro de seu peito. Essa mortalha começou a deixá-lo com medo.

Pedras deslizaram atrás dele. Um momento depois, o toblakai apareceu, soltando uma braçada de lagartos do tamanho de braços na rocha branqueada pelo sol.

– Tudo que é bicho saiu para dar uma olhadinha – ressoou o jovem imenso. – Pela primeira vez, uma refeição digna de comer.

O toblakai estava enfraquecido. Seus furores de impaciência já haviam passado, e Leoman estava grato por isso, embora soubesse que tal mudança tinha sido causada pela fraqueza crescente. *Vamos esperar até o Encapuzado vir nos buscar*, sussurrara o imenso bárbaro alguns dias antes, quando o Furacão brotou, num frenesi renovado.

Leoman não tinha respondido àquilo. Sua fé estava em farrapos. O corpo embalado de Sha'ik ainda jazia em meio aos postos de observação de pedra esculpida pelo vento. Ele diminuía. A mortalha de tecido de tenda tinha se desgastado com o vento incessante, que arranhava. As saliências secas das articulações da mulher agora sobressaíam através da tessitura gasta. Seu cabelo, que continuara a crescer por semanas, tinha se libertado, passando a chicotear na tempestade.

E, agora, uma mudança se aproximava. O Furacão prendeu a respiração imortal. O deserto, erguido inteiramente de seus ossos de rocha, enchendo o ar, se recusava a assentar.

O toblakai via isso como a morte do Furacão. O assassinato de Sha'ik desencadeara um ataque prolongado, como se a deusa derrotada se alvoroçasse de frustração e fúria. Apesar de a rebelião espalhar sua capa sangrenta sobre as Sete Cidades, seu coração estava morto. Os exércitos do Apocalipse eram nada mais que os membros de um cadáver que ainda se contorciam.

Leoman, afligido por visões e febres nascidas da fome, começara a vacilar aos poucos, indo na direção da mesma crença.

Só que...

– Esta refeição vai nos dar a força necessária, Leoman – disse o toblakai.

Para partir. E depois, para onde iremos? Para o oásis no meio do Raraku, onde o exército de uma mulher morta ainda espera? Somos os mensageiros escolhidos para dar as notícias do trágico fracasso? Ou os abandonaremos? Partiremos para Pan'potsun, depois para Ehrlitan, em uma fuga para o anonimato?

O guerreiro se virou para o jovem. Seu olhar viajou pelo chão e chegou até onde se encontrava o Livro de Dryjhna, imaculado pelo Furacão, imune até mesmo à poeira que arrumava um modo de penetrar tudo. *O poder permanece. Ileso. Quando olho para aquele tomo, sei que não posso partir...*

“Lâminas nas mãos e afiada na sabedoria. Jovem, mas velha. Uma vida inteira, outra incompleta... Ela emergirá renovada...” As verdades ainda ocultas permaneciam naquelas palavras? Sua imaginação e sua ânsia obstinada o haviam traído?

O toblakai se agachou diante dos lagartos mortos, virou o primeiro de costas e desceu a lâmina da faca sobre sua barriga.

– Por mim, iria para oeste – disse. – Para o Jhag Odhan...

Leoman olhou ao redor. *O Jhag Odhan, para ficar cara a cara com outros gigantes. Os próprios jhags. Os trells. Mais selvagens. O garoto se sentirá em*

casa naquele descampado...

– Não acabou – disse o guerreiro.

O toblakai exibiu os dentes, mergulhando a mão no corte na barriga do lagarto para, em seguida, emergir com as entranhas escorregadias.

– Esta é fêmea. Dizem que as ovas são boas para febres, não é?

– Não estou com febre.

O gigante não disse mais nada, mas Leoman viu que a postura dos ombros dele tinha mudado. O toblakai acabara de tomar uma decisão.

– Leve o que sobrou da caça – disse o guerreiro. – Você vai precisar mais do que eu.

– Você está brincando, Leoman. Não se vê como eu o vejo. Você está pele e osso. Foi devorado pelos próprios músculos. Consigo ver o crânio por trás do seu rosto quando olho para você.

– Mesmo assim, minha mente está limpa.

O toblakai grunhiu.

– Um homem não diria isso com tanta certeza. Não é esse o segredo da revelação do Raraku? “A loucura é simplesmente um estado da mente.”

– Os Provérbios do Tolo não levam esse nome à toa – resmungou Leoman, baixando a voz.

O ar quente e imóvel estava ficando cada vez mais carregado. O guerreiro sentiu o coração bater mais rápido, com mais força.

O toblakai se endireitou, com as mãos imensas sujas de sangue.

Os dois homens se viraram devagar, encarando o portal antigo. O cabelo preto que emergia do cadáver embrulhado se agitou; as mechas se ergueram gentilmente. A poeira suspensa tinha começado a rodopiar do outro lado dos pilares. Faíscas piscavam no meio delas, como joias encravadas numa capa ocre.

– O que foi? – perguntou o toblakai.

Leoman olhou o Livro Sagrado. Sua capa de couro brilhava, como se ele suasse. O guerreiro deu um passo na direção do portal.

Algo emergia da nuvem de poeira: duas silhuetas, lado a lado, com os

braços de uma ao redor da outra, cambaleando, seguindo diretamente para os pilares... e para o corpo deitado entre os postos de observação queimados pelo sol.

“Lâminas nas mãos e afiada na sabedoria...”

Era um velho, acompanhado por uma mulher jovem. Com o coração martelando no peito, Leoman cravou seu olhar nela. *Tão parecida. Uma ameaça sombria verte dela. Dor e, da dor, raiva.*

O guerreiro ouviu um baque e um rangido de pedras a seu lado. Virou-se e viu o toblakai de joelhos, com a cabeça curvada diante das aparições que se aproximavam.

Erguendo o olhar, a mulher encontrou primeiro o corpo embrulhado de Sha'ik. Em seguida, encarou Leoman e o gigante de joelhos. Ela parou, quase em pé sobre o corpo, e seu cabelo negro e comprido se ergueu, como se tivesse sido atingido por uma carga estática.

Mais jovem. Mas o fogo interior... é o mesmo. Ah, minha fé...

Leoman se abaixou sobre um dos joelhos.

– Você renasceu – respondeu.

A risada baixa da mulher soou triunfante.

– Pois é – confirmou ela.

Ela mudou o modo como segurava o velho vestido em farrapos, que mantinha a cabeça baixa.

– Me ajudem com ele – ordenou finalmente. – Mas cuidado com as mãos...

LIVRO IV

*Os Portais da
Casa dos Mortos*

Coltaine se arrasta devagar
pela terra em chamas.
O vento uiva através dos ossos
de sua autoridade cheia de ódio.
Coltaine guia uma corrente de cães
que sempre mordem sua mão.

O punho de Coltaine sangra na jornada para casa
através de rios de areia encharcada de vermelho.
Seu comboio uiva por seus ossos
numa reprimenda rancorosa.
Coltaine guia uma corrente de cães
que sempre mordem sua mão.

Coltaine

Uma canção de marcha dos
Caçadores de Ossos

CAPÍTULO 15

Um deus caminhando em terra mortal deixa um rastro de sangue.

Provérbios do Tolo, Thenys Bule

– A corrente de cães – grunhiu o marinheiro, com a voz tão sombria e pesada quanto o ar da fortaleza. – Essa é uma praga que nenhum homem desejaria infligir a seu inimigo. São o quê? Trinta mil refugiados morrendo de fome? Quarenta mil? Fora os nobres de pescoço suado entre eles, gritando isso e aquilo. A ampulheta de Coltaine está para acabar, aposto.

Kalam deu de ombros no escuro, ainda passando as mãos no casco úmido. *Quando você dá o nome de Tampa de Trapo a uma embarcação, as preocupações começam antes mesmo de levantar âncora.*

– Ele sobreviveu até agora – resmungou o assassino.

O marinheiro parou de empilhar os fardos.

– Pense nisso, vamos lá. Três quintos da estiva já acabando, isso antes da comida e da água chegarem a bordo. Korbolo Dom pegou Reloe e seu exército, juntou com o dele e isso deu o quê? Cinquenta mil espadas no total? Sessenta mil? O traidor vai agarrar a corrente no Vathar. Então, com as tribos se juntando no sul, sim, que Beru nos livre, aquele mestiço wickano tá quase acabado. – O homem grunhiu ao içar para dentro outro fardo embrulhado em lona. – Pesado como ouro... E isso não é só modo de falar, não, eu diria. Aquele monte de gordura de baleia que se chama de Alto Punho tá bem metido a besta. Olhe só, tem o selo dele em tudo. O verme podre se mandando com a pilhagem. Por que mais o tesoureiro imperial viria a bordo, hein? E com vinte soldados navais, ainda por cima...

– Pode ser que você tenha razão – disse o assassino, distraído.

Ainda não tinha encontrado uma tábua seca sequer.

– Você é o cara dos reparos, então, né? Tem mulher aqui em Aren? Aposto que você queria tá vindo com a gente, né? E olha que a gente já vai tá bem cagado, com o tesoureiro e dois eleitos perfumados.

– Eleitos perfumados?

– É, vi um deles a bordo há menos de dez minutos. Liso como cuspe de rato, aquele, cheio de afetação e delicadeza, mas nem todo o néctar do mundo pode esconder que uma pessoa tem coragem, se é que você me entende.

Kalam sorriu na escuridão. *Não exatamente, sua vassoura velha, mas consigo imaginar.*

– E o outro?

– Eu apostaria a mesma coisa, mas não vi ainda. Vem com o capitão, ouvi dizer. Sangue das Sete Cidades, se é que você acredita nisso. Foi antes de o capitão arrancar a gente do buraco do porto, não que a gente tenha merecido ser preso. Pelo sopro do Encapuzado, quando um pelotão de soldados chega em você exigindo isso e aquilo, é natural você enfiar um murro na fuça deles, né? A gente não tava nem a dez passos da prancha. Que folga, que nada!

– Seu último porto de parada?

– O de Falar. Mulheres com cabelo vermelho e comprido, todas duronas, bem do jeito que eu gosto. Ah, foi muito bom!

– A carga?

– Armas, bem na frente da frota de Tavore. Cortou as ondas igual um cadinho, vou te falar. Vamos fazer esta travessia assim também, no caminho todo até Unta. Encha a pança e seu mestre acaba suando que nem um porco, né? Mas a grana é boa, aposto.

Kalam se endireitou.

– Não haverá tempo para uma reparação completa – disse ele.

– Nunca haverá, mas que Beru o abençoe. Faça o que puder.

O assassino pigarreou.

– Sinto muito, mas você se enganou a meu respeito. Não sou um dos homens dos reparos.

O marinheiro parou sobre um dos fardos.

– É?

Kalam secou as mãos na capa.

– Sou o outro eleito perfumado.

Um silêncio se estendeu do outro lado do porão. Depois, veio um resmungo baixo, seguido por:

– Peço perdão, senhor.

– Não é preciso – disse o assassino. – Qual é a probabilidade de encontrar um dos convidados do capitão aqui embaixo, apertando as tábuas? Sou um homem precavido e, infelizmente, não consegui acalmar meus nervos.

– Entra um pouco de água nele, é verdade – disse o marinheiro. – Mas o capitão tem três homens dedicados trabalhando nas bombas, resolvendo toda e qualquer encrenca, senhor. E esta embarcação ainda cavalga em toda ventania que precisar, mais de uma vez. O capitão tem uma camisa da sorte, sabe?

– Eu vi – disse Kalam, passando por cima de uma fileira de baús, todos com o selo do Alto Punho. Foi até a escotilha, colocou a mão no corrimão da escada e parou.

– Como está a atividade rebelde lá no Sahul?

– Esquentando, senhor. Benditos os soldados navais, porque não vamos mais rápido que uma barça desta vez.

– Sem escolta?

– Pormqual mandou a frota de Nok defender o porto. Vamos ter cobertura durante a travessia da baía de Aren até a borda do Mar Inclinado de Dojal, pelo menos.

Diante disso, Kalam fez uma careta, mas não disse nada. Subiu a escada até o convés principal.

O *Tampa de Trapo* chafurdava pesadamente no ancoradouro imperial.

Estivadores e marinheiros se ocupavam de suas tarefas, tornando difícil que o assassino ficasse fora do caminho. Enfim encontrou um lugar no castelo de popa, perto do timão, de onde conseguia observar a movimentação no barco. Um imenso navio de carga malazano, alto na água, estava atracado no outro lado da extensa doca de pedra. Os cavalos vindos de Quon foram descarregados uma hora antes e agora apenas uma dúzia de estivadores tinha ficado para trás, com a tarefa de remover os cadáveres dos animais que não tinham resistido à longa jornada. Era uma prática comum salgar a carne de tais cavalos, contanto que o cortador do navio a considerasse comestível. Os couros tinham incontáveis utilidades a bordo. Os trabalhadores do porto foram brindados com as cabeças e os ossos dos animais, e não faltaram compradores ávidos apinhando-se na entrada do porto, além da barreira imperial.

Kalam não tinha visto o capitão desde a manhã em que haviam embarcado, dois dias antes. O capitão tinha mostrado a Kalam onde ficava a pequena cabine de dormir, comprada por Salk Elan para a viagem do assassino, e depois o deixara sozinho, indo acertar a soltura de seus tripulantes presos.

Salk Elan... Mal posso esperar para conhecê-lo...

Vozes rosnaram da prancha, atraindo o olhar de Kalam. Ele viu a chegada do capitão ao convés, acompanhado de um homem alto e encurvado de meia-idade, com o rosto em forma de machadinha e dolorosamente magro. Suas faces esqueléticas estavam cobertas com pó azul-claro, seguindo alguma moda recente da corte, e o homem estava vestido com uma roupa napaniana adequada ao mar e grande demais para ele. Vinha ladeado por um par de guarda-costas, ambos imensos, com o rostos vermelhos imersos em barbas negras e emaranhadas, com bigodes rudemente entrançados. Usavam elmos com protetor nasal e cotas de malha e traziam cimitarras de lâmina larga presas ao quadril. Kalam não conseguiu adivinhar sua origem cultural. Parados no convés oscilante, nem os guarda-costas nem seu mestre pareciam confortáveis.

– Ah – disse uma voz baixa atrás do assassino –, esse é o tesoureiro de Pormqual.

Sobressaltado, Kalam virou para o homem que tinha falado, reclinado sobre a balaustrada da popa. *A um golpe de faca de distância.*

O homem sorriu.

– Descreveram você muito bem – disse ele.

O assassino contemplou o estranho. Era esbelto, jovem e vestia uma camisa folgada de seda, com uma cor verde intensa. Seu rosto até que era bonito, embora um pouco anguloso demais para ser descrito como amigável. Anéis brilhavam em seus dedos compridos.

– Quem? – rosnou Kalam, ainda desconcertado pelo aparecimento repentino do homem.

– Nosso amigo mútuo em Ehrlitan. Meu nome é Salk Elan.

– Não tenho amigos em Ehrlitan.

– Má escolha de palavras, então. Alguém que tinha uma dívida com você e com quem eu também tinha uma dívida. Como resultado, recebi a tarefa de arranjar que você saísse de Aren, o que já fiz, de modo a me livrar de futuras obrigações. Algo que, eu poderia acrescentar, foi bem oportuno.

Kalam não conseguia ver armas no homem, ainda que fosse óbvio que elas estavam ali. Isso lhe dizia muita coisa. Sorriu com sarcasmo.

– Jogos.

Salk Elan suspirou.

– Mebra, que confiou a você o Livro, que foi devidamente entregue a Sha'ik. Você estava vindo para Aren, ou foi o que Mebra concluiu. Ele suspeitou que com seus, hã, talentos, você estava determinado a levar a Causa Sagrada até o coração do Império. Ou melhor, a *atravessar* um coração, em especial. Entre outros preparativos, arranjei um tipo de armadilha para ser colocada no portal do Labirinto Imperial que, quando ativada, imediatamente causa uma série de acontecimentos pré-arranjados. – O homem virou a cabeça, vasculhando os telhados que se estendiam pela cidade. Seu sorriso aumentou. – Agora, no fim das contas, minhas atividades

em Aren foram encurtadas um pouco tarde demais, tornando tais arranjos difíceis de serem mantidos. Ainda mais desconcertante do que isso é que há uma recompensa pela minha cabeça... Tudo um mal-entendido terrível, eu garanto, embora tenha pouca fé na justiça imperial, especialmente quando a própria guarda do Alto Punho está envolvida. Por isso agendei não só um dormitório, mas dois. A cabine na frente da sua, na verdade.

– O capitão não me parece ser um homem de lealdades baratas – disse Kalam, lutando para esconder como estava alarmado. *Se Mebra descobriu que eu estava planejando matar a imperatriz, quem mais pode ter chegado à mesma conclusão? E este Salk Elan, quem quer que seja, claramente não sabe quando calar a boca... A menos, é claro, que esteja esperando alguma reação. Além do mais, há uma tática clássica que pode muito bem estar sendo usada aqui. Não há tempo para verificar a veracidade de algo quando se está perplexo...*

A voz aguda do tesoureiro subia do convés atrás de Kalam, numa variedade de reclamações atiradas ao capitão, que, se respondeu, o fez entre dentes.

– Não, não são baratas – concordou Salk Elan. – “Inexistentes” seria um termo mais preciso.

Kalam grunhiu, tanto desapontado com o subterfúgio fracassado quanto satisfeito por estar certo a respeito da personalidade do capitão. *Pelo sopro do Encapuzado, licenças imperiais não valem a pele impermeável em que são escritas hoje em dia...*

– Outra fonte de consternação – continuou Elan – é que o homem está bem acima da média em questão de inteligência e parece encontrar em gestos evasivos e obscuros o seu único estímulo intelectual. Sem dúvida, ele exagerou no encontro misterioso que teve com você na taberna.

Kalam sorriu, contra sua vontade.

– Não é de surpreender que eu tenha gostado dele logo de cara.

A risada de Elan soou baixa, mas apreciativa.

– E não deveria ser uma surpresa que espero ansiosamente por nossas

refeições à mesa dele, em todas as noites da viagem.

Kalam manteve o sorriso ao dizer:

- Não cometerei o erro de dar as costas a você outra vez, Salk Elan.
- Claro que você estava distraído – retrucou o homem, sem se perturbar.
- Não espero que uma oportunidade tão boa se repita.
- Estou feliz por estarmos entendidos, porque sua explicação até agora tem mais furos que este barco.
- Feliz? Que eufemismo, Kalam Mekhar! Eu estou *encantado* por estarmos tão claramente entendidos!

Kalam deu um passo para o lado e olhou o convés. O tesoureiro continuava o discurso contra o capitão. A tripulação estava imóvel, mantendo todos os olhos na cena.

Salk Elan fez um ruído zombeteiro de reprovação.

- Uma espantosa quebra de etiqueta, não acha?
- O comando do navio pertence ao capitão – disse o assassino. – Se quisesse, ele já teria acabado com isso, a esta altura. Me parece que o capitão está deixando a gritaria se esgotar sozinha.
- Mesmo assim, sugiro que eu e você nos juntemos às atividades.

Kalam balançou a cabeça.

- Não é assunto nosso, e é melhor continuar assim. Mas, veja bem, não deixe que minha opinião impeça você.
- Ah, Kalam, mas é assunto nosso, sim. Você gostaria que *todos* os passageiros fossem punidos pela tripulação? A menos que você goste de catarro de cozinheiro no seu mingau, é claro.

O desgraçado tem razão.

O assassino observou Salk Elan descer casualmente até o convés principal. Passado um momento, foi atrás dele.

– Nobre senhor! – gritou Elan.

O tesoureiro e seus dois guarda-costas se viraram para ele.

- Acredito que o capitão tenha paciência demais com você – continuou Elan, ainda se aproximando. – Na maioria dos navios, você e seus servos

decadentes já teriam sido atirados para fora, e pelo menos dois de vocês teriam afundado como lastro. Uma imagem bastante agradável, eu diria.

Um dos guarda-costas grunhiu e avançou devagar, fechando a mão grande e peluda no punho de sua cimitarra.

O tesoureiro empalideceu estranhamente sob o capuz de pele de foca; seu rosto não tinha uma só gota de suor, apesar do calor e da pesada capa de chuva napaniana que cobria seu corpo.

– Seu ânus de caranguejo insolente! – guinchou ele. – Rasteje de volta para seu buraco, seu merda sujo de sangue, antes que eu chame o magistrado do porto para acorrentá-lo! – O homem ergueu a mão pálida de dedos compridos. – Megara, bata nesse homem até ele desmaiar!

O guarda-costas com a mão na arma se adiantou.

– Parem com isso! – vociferou o capitão.

Meia dúzia de marinheiros fecharam o cerco, ficando entre o guarda-costas de bigode e Salk Elan. Cavilhas e facas foram brandidas de modo ameaçador. O guarda-costas hesitou e recuou.

O capitão sorriu, colocando as mãos nos quadris.

– Agora – disse, num tom baixo e sensato –, eu e o empilhador de moedas vamos retomar nossa discussão na minha cabine. Enquanto isso, minha tripulação vai ajudar esses dois servos a saírem de suas cotas de malha amaldiçoadas pelo Encapuzado, para que possam guardá-las em algum lugar seguro. Em seguida, os ditos servos vão tomar banho e o cortador do navio vai examiná-los à procura de vermes, que não tolero a bordo do *Tampa de Trapo*. E, quando acabar a vermifugação, eles podem ajudar a carregar o resto das provisões de seu mestre, menos o banco de madeira de chumbo, que vamos doar ao oficial da alfândega, a fim de facilitar nossa partida. Finalmente, qualquer xingamento neste navio, não importa quão divertido seja, só pode partir de mim e de ninguém mais. Isso é tudo, cavalheiros.

Se o tesoureiro tinha qualquer intenção de desafiar o capitão, foi impedido por seu repentino colapso no convés. Os guarda-costas giraram

nos calcanhares ao ouvir o baque alto, depois ficaram parados como postes, encarando seu mestre inconsciente.

Depois de um momento, o capitão disse:

– Ora, não tudo, ao que parece. Levem o empilhador de moedas lá para baixo e tirem essas peles de foca dele. O cortador do navio tem ainda mais trabalho a fazer, e nem sequer partimos. – Ele se virou para Salk Elan e Kalam. – Agora, vocês dois podem se juntar a mim na cabine, cavalheiros.

O recinto não era muito maior que o do assassino, e quase sem posses. Levou alguns minutos até que o capitão encontrasse três canecas, nas quais serviu uma cerveja azeda local, tirada de um jarro de argila. Sem propor brinde, o homem esvaziou metade do conteúdo da própria caneca, depois limpou a boca com as costas da mão. Seus olhos perambulavam, inquietos, sem encarar os homens à sua frente nenhuma vez.

– As regras – disse ele, fazendo uma careta. – Simples. Fiquem fora do caminho do tesoureiro. A situação está... confusa. Com o almirante preso...

Kalam engasgou com a cerveja. Depois, conseguiu falar, rouco:

– O quê? Por ordem de quem?

O capitão franzia a testa, olhando na direção dos pés de Elan.

– Do Alto Punho, é claro. Não havia outro meio de manter a frota na baía, entende?

– A imperatriz...

– Provavelmente não sabe. Faz meses que não há Garras na cidade. Ninguém sabe por quê.

– E presumo que a ausência deles dê autoridade implícita às decisões de Pormqual – disse Elan.

– Mais ou menos – admitiu o capitão, com os olhos agora fixos numa viga. Ele terminou a cerveja e serviu mais. – Em todo caso, o tesoureiro pessoal do Alto Punho chegou com uma ordem que lhe dá o status de comandante nesta viagem, o que quer dizer que ele tem o privilégio de

passar por cima de mim, se desejar. No entanto, apesar de eu ter uma licença imperial, nem eu nem meu navio nem minha tripulação somos de fato da marinha imperial, o que deixa as coisas, como disse antes, confusas.

Kalam colocou a caneca na única mesa da sala.

– Há um navio de carga imperial bem à nossa frente, aprontando-se tanto quanto nós. Por que, em nome do Encapuzado, Pormqual não mandou que o tesoureiro e suas pilhagens viajassem por lá? É maior e tem mais defesas, afinal de contas...

– Pois é. O navio já foi apreendido pelo Alto Punho e zarpará para Unta pouco depois de nós, carregado com tudo da casa de Pormqual e seus preciosos ganhões, o que quer dizer que estará bastante lotado, fedendo até as tampas. – Deu de ombros, como se eles tivessem sido puxados para cima por mãos invisíveis. Nervoso, olhou na direção da porta antes de voltar a fitar, com um ar meio desesperado, a viga no teto. – O *Tampa de Trapo* é rápido quando tem de ser. Agora, isso é tudo. Virem a cerveja. Os soldados navais vão embarcar a qualquer momento e pretendo zarpar em uma hora.

Na escada do lado de fora da cabine do capitão, Salk Elan balançou a cabeça e murmurou:

– Ele não estava falando sério.

O assassino fitou o homem.

– O que você quer dizer?

– A cerveja era terrível. “Virem”, sei.

Kalam fechou a cara.

– Sem Garra na cidade. Por que isso?

O homem deu de ombros vagamente.

– Aren não é mais a mesma, infelizmente. Cheia de monges e sacerdotes e soldados. Cadeias lotadas de inocentes, enquanto os fanáticos de Sha'ik... claro, só os mais espertos e, portanto, vivos... espalham assassinatos e caos. Também dizem que os Labirintos não são o que costumavam ser, mas

imagino que você saiba mais sobre isso do que eu.

Elan sorriu.

– Essa foi uma resposta para a minha pergunta?

– E eu lá sou especialista nas atividades da Garra? Não só nunca me deparei com um desses horrendos cortadores de gargantas como tenho por princípio manter a minha curiosidade a respeito deles a menor possível. – Ele se animou de repente. – Talvez o tesoureiro não sobreviva ao ataque de insolação! Esse, sim, é um pensamento agradável.

Kalam deu-lhe as costas e foi para sua cabine. Ouviu Salk Elan suspirar, depois partir na direção oposta, subindo a escada até o convés principal.

Depois de entrar, o assassino fechou a porta e se apoiou nela. *Melhor entrar numa armadilha que você vê do que numa que não enxerga.* Apesar disso, o pensamento não era muito reconfortante. Ele não tinha nem mesmo a certeza de que era, de fato, uma armadilha. A teia de Mebra era vasta, Kalam sempre soube, pois já tinha depenado vários de seus fios, e mais de uma vez. Também não parecia que tivesse sido traído pelo espião ehrlitano no que dizia respeito à entrega do Livro de Dryjhna. Kalam o colocara nas mãos de Sha'ik, afinal de contas.

Salk Elan provavelmente era um mago e também parecia capaz de se cuidar numa luta. Sequer tinha piscado com a aproximação do guarda-costas do tesoureiro.

Nenhuma dessas coisas me tranquiliza. O assassino suspirou. *E um homem reconhece uma cerveja ruim quando a experimenta...*

Quando os garanhões do Alto Punho foram guiados através dos portões na direção do pátio imperial, o caos aconteceu. Batendo os cascos no chão, cavalos nervosos davam encontrões nos empregados do estábulo, nos soldados e nos vários oficiais. O Mestre do Cavalo guinchava e corria de um lado para outro. Tentava impor alguma ordem, mas acabava fomentando ainda mais confusão na multidão fervilhante.

Destacando-se por sua calma vigilante, uma mulher segurava as rédeas de um magnífico garanhão. Quando o Mestre finalmente conseguiu organizar o carregamento, ela foi uma das primeiras a entrar, guiando o animal de que estava encarregada pela larga prancha de embarque que levava ao navio imperial. E, apesar de o Mestre conhecer cada um de seus trabalhadores e cada um dos reprodutores que mantinha a seus cuidados, sua atenção estava tão dispersa e forçada em múltiplas direções que não percebeu que tanto a mulher quanto o cavalo lhe eram desconhecidos.

Minala tinha visto o *Tampa de Trapo* zarpar duas horas antes, depois do embarque de dois pelotões de soldados navais e seus equipamentos. O navio mercante foi rebocado do porto interno antes de içar as velas e estava flanqueado por galés imperiais, que o escoltariam na travessia da baía de Aren. A 1,5 quilômetro dali, o navio imperial era aguardado por quatro navios de guerra semelhantes.

O complemento de soldados navais a bordo do navio imperial era bastante significativo, com pelo menos sete pelotões. Claramente, o Mar Inclinado de Dojal não estava seguro.

O garanhão de Kalam balançou a cabeça ao pisar no convés principal. A imensa escotilha que descia para o porão era, na verdade, um elevador, movido por meio de sarilhos. Os primeiros quatro cavalos foram guiados para a plataforma.

Perto de Minala estava um funcionário de estábulo, velho e grisalho, que olhou a mulher e seu garanhão.

– A mais recente das compras do Alto Punho? – perguntou.

Ela assentiu.

– Animal magnífico – disse o homem. – Ele tem um bom olho, o Alto Punho.

E não muito mais que valha ser mencionado. O bastardo está exibindo sua fuga iminente e, quando finalmente partir, vai ter uma frota inteira de navios de guerra como escolta, sem dúvida. Ah, Keneb, foi para isso que entregamos você?

Saia de Aren, ordenara Kalam. Antes de dizer adeus, ela havia pedido a mesma coisa a Selv, mas Keneb estava nas fileiras do exército agora. Vinculado à guarnição da cidade, sob o comandante Blistig. Eles não iam a lugar algum.

Minala suspeitava que nunca mais veria nenhum deles de novo.

Tudo para perseguir um homem que não entendo. Um homem de que sequer tenho certeza se gosto. Ah, mulher, você não tem mais idade para fazer bobagem...

O horizonte ao sul corria numa veia fina, cinza-esverdeada, oscilando em correntes de calor que subiam da estrada. A terra que se estendia diante dela era árida e cravejada de pedras, exceto pelo caminho da trilha de comerciantes, cheia de detritos, que se ramificava a partir da estrada imperial.

A vanguarda parou seus cavalos na encruzilhada. A leste e a sudeste ficava a costa, com seu amontoado de vilarejos e cidadezinhas, além da Cidade Sagrada de Ubaryd. Fumaça feria a linha do horizonte naquela direção.

Afundado na sela, Duiker ouvia o capitão Sulmar falar, junto aos outros:

– E o consenso nisso é absoluto, Punho. Não temos escolha além de ouvir Nethpara e Pullyk. Afinal, são os refugiados que vão sofrer mais.

O capitão Bonança grunhiu seu desprezo.

O rosto de Sulmar empalideceu sob a poeira, mas ele continuou:

– Os níveis das rações deles são de matar de fome... Ah, haverá água no Vathar... Mas e quanto ao descampado além?

Bult passava os dedos na barba.

– Nossos bruxos dizem que não sentem nada, mas ainda estamos distantes... Uma floresta e um rio largo entre nós e os desertos. Pode ser que os espíritos da terra de lá simplesmente estejam muito enterrados nas profundezas. Sormo disse isso.

Duiker lançou um olhar ao bruxo, que não declarou nada, sentado em cima de seu cavalo e envolto numa capa de Ancião, com o rosto oculto na sombra do capuz. O historiador conseguia enxergar agora o tremor constante nas mãos de dedos longos de Sormo, pousadas no chifre da sela. Nil e Nether ainda se recuperavam de sua provação na cordilheira de Gelor, não tendo saído uma vez sequer da carroça coberta em que estavam. Duiker chegou a se perguntar se ainda estavam vivos. *Nossos últimos três magos, e dois deles estão ou mortos, ou fracos demais para andar, enquanto o terceiro envelheceu dez anos para cada semana desta jornada amaldiçoada pelo Encapuzado.*

– As vantagens táticas devem estar claras para você, Punho – disse Sulmar depois de um momento. – Não importa até que ponto os muros de Ubaryd possam estar comprometidos, ainda assim serão uma defesa melhor do que esta terra desprovida até de colinas...

– Capitão! – latiu Bult.

Sulmar cedeu, pressionando os lábios numa linha fina e sem cor.

Duiker estremeceu, sentindo um calafrio que nada tinha a ver com a temperatura do lento fim do dia. *Uma concessão tão grande, Sulmar, seria esperada de alguém de patente mais baixa, de acordo com as regras de cortesia de um chefe de guerra wickano. Que pele é essa que está se desgastando cada vez mais em você, capitão? Sem dúvida é rapidamente arrancada quando você beberica vinho com Nethpara e Pullyk Alar...*

Coltaine não repreendeu Sulmar. Nunca repreendia. Respondia a cada troça e ironia, repletas de presunção e com a arrogância típica de um nobre, da mesma maneira com que lidava com todo o resto: fria indiferença. Poderia ter funcionado muito bem para os wickanos, mas Duiker via como Sulmar e seus semelhantes ficavam cada vez mais ousados com aquela atitude.

Mas o capitão não havia terminado:

– Isso não é só uma preocupação militar, Punho. O componente civil da situação...

– Promova-me, comandante Bult – disse Bonança –, para eu poder chicotear esse cachorro até o couro dele ser só uma lembrança. – Ele exibiu os dentes para o colega capitão. – Como não é assim, uma palavrinha com você, em algum lugar privado, Sulmar...

O homem respondeu com um silencioso sorriso de escárnio. Coltaine se manifestou:

– Não há componente civil. Ubaryd se provará uma armadilha fatal se a retomarmos. Atacada por terra e por mar, nunca seríamos capazes de mantê-la. Explique isso a Nethpara, capitão, como sua última tarefa.

– Minha última tarefa, senhor?

O Punho não respondeu.

– Última – ressoou Bult. – Significa exatamente isso. Você foi rebaixado e expulso.

– Peço perdão ao Punho, mas você não pode fazer isso.

Coltaine virou a cabeça e Duiker se perguntou se o capitão finalmente tinha conseguido provocar o Punho. Sulmar deu de ombros.

– Meu posto imperial foi concedido por um Alto Punho, senhor. Baseado nisso, estou em meu direito de pedir adjudicação. Punho Coltaine, o ponto forte do Exército Malazano sempre foi que um dos dogmas de nossa disciplina insiste que falemos o que pensamos. Independentemente de seus comandos, que obedecerei por completo, tenho direito a que minha posição seja registrada e exposta. Se desejar, posso citar os artigos relevantes para lembrá-lo desses direitos, senhor.

Um silêncio se seguiu. Então Bult se virou na sela na direção de Duiker.

– Historiador, você entendeu alguma parte disso?

– Tão bem quanto você, tio.

– A posição dele será registrada?

– Sim.

– E provavelmente uma adjudicação requer a presença de advogados, sem mencionar a de um Alto Punho?

Duiker aquiesceu.

– Onde está o Alto Punho mais próximo?

– Aren.

Bult assentiu, pensativo.

– Então, para resolver essa questão sobre o posto do capitão, devemos nos apressar até Aren. – Ele encarou Sulmar. – A menos, é claro, que as ideias do Conselho de Nobres devam preceder o problema do destino de sua carreira, capitão.

– Retomar Ubaryd vai permitir que recebamos socorro da frota do almirante Nok – disse Sulmar. – Por esse caminho, uma jornada veloz e segura até Aren pode ser efetuada.

– A frota do almirante Nok está em Aren – ressaltou Bult.

– Sim, senhor. Entretanto, assim que as notícias de que estamos em Ubaryd chegarem lá, ficará claro o rumo a seguir.

– Você quer dizer que eles vão correr em nosso auxílio? – Bult franziu a testa de forma exagerada. – Agora estou confuso, capitão. O Alto Punho mantém seu exército em Aren. Mais do que isso, mantém toda a frota das Sete Cidades também. Nenhum dos dois se mexeu dali em meses. Ele teve incontáveis oportunidades de despachar qualquer uma das forças para nos ajudar. Diga, capitão: nas propriedades de caça da sua família você já viu um cervo à luz de um lampião? Já viu como ele fica parado no lugar, congelado, incapaz de fazer qualquer coisa? O Alto Punho Pormqual é esse cervo. Coltaine poderia chegar com esse comboio a menos de 5 quilômetros da costa de Aren e ainda assim Pormqual não partiria para nos salvar. Você realmente acredita que uma situação ainda mais complicada, como a que você prevê para nós em Ubaryd, vai envergonhar o Alto Punho o bastante para que ele decida agir?

– Eu estava me referindo mais ao almirante Nok...

– Que está morto, doente ou numa masmorra, capitão. Ou ele já teria zarpado há muito tempo. Um homem governa Aren, e só esse homem. Você vai colocar sua vida nas mãos dele, capitão?

A expressão de Sulmar tinha se tornado azeda.

– Parece que fiz isso, em todo caso, comandante. – Ele pegou suas luvas de cavalgar. – E também parece que não sou mais autorizado a tomar a liberdade de expor minhas ideias...

– Você é – disse Coltaine. – Mas também é um soldado do Sétimo.

O capitão assentiu bruscamente.

– Peça perdão por minha presunção, Punho. São épocas muito difíceis.

– Eu não tinha consciência disso – disse Bult, sorrindo.

Sulmar se virou para Duiker de repente.

– Historiador, como você enxerga tudo isso?

Como um observador objetivo...

– Como enxergo o quê, capitão?

O homem torceu a boca num sorriso.

– Ubaryd ou o rio Vathar e a floresta e o deserto ao sul? Como um civil que conhece bem os apuros dos refugiados, você realmente acredita que eles sobreviverão a uma jornada tão árdua?

O historiador não disse nada por um longo minuto. Em seguida, pigarreou e deu de ombros.

– Como sempre, a maior das ameaças tem sido o exército renegado. A vitória na cordilheira de Gelor nos deu tempo para lambar nossas feridas...

– De jeito nenhum – interrompeu Sulmar. – Na verdade, fomos pressionados ainda mais, desde então.

– Sim, fomos, e por um bom motivo. Agora estamos sendo perseguidos por Korbolo Dom. O homem já foi um Punho e é um comandante e estrategista bastante capaz. Kamist Reloe é um mago, não um líder de soldados. Ele desperdiçou seu exército, achando que podia confiar nos números, e apenas neles. Korbolo não será tão tolo. Se nosso inimigo chegar ao rio Vathar antes de nós, estamos acabados...

– Exatamente por isso deveríamos surpreendê-lo e retomar Ubaryd!

– Um triunfo de vida curta – retrucou Duiker. – Teríamos dois dias, no máximo, para preparar as defesas da cidade antes da chegada de Korbolo. Como você disse, sou um civil, não um estrategista. Mesmo assim, até eu

consigo ver que retomar Ubaryd seria suicídio, capitão.

Bult se mexeu em sua sela. Ele olhou ao redor, deliberadamente devagar.

– Vamos achar um cão pastor para pedirmos mais uma opinião. Sormo, onde está aquele animal horrível que adotou você? Aquele que os soldados navais chamam de Torto.

O bruxo ergueu um pouco a cabeça.

– Você realmente quer saber? – Sua voz soou rouca.

Bult franziu a testa.

– Sim, por que não?

– Escondido na relva, a sete passos de você, comandante.

Foi inevitável que todos comessem a procurar, incluindo Coltaine. Finalmente, Bonança apontou e, depois de espiar mais um momento, Duiker conseguiu discernir um corpo dourado em meio à relva alta e pontuda da pradaria. *Pelo sopro do Encapuzado!*

– Temo que ele oferecerá pouco no quesito opinião, tio. Aonde você vai, Torto vai atrás.

– Um verdadeiro soldado, então – disse Bult, assentindo.

Duiker deu a volta com seu cavalo na encruzilhada. Olhou para trás, na direção da vasta coluna que se estendia para o norte. A estrada imperial tinha sido projetada para permitir que os exércitos viajassem rápido: era larga e nivelada, e os paralelepípedos do calçamento estavam dispostos com precisão geométrica, cabendo nela uma tropa de quinze cavaleiros de guerra cavalgando lado a lado. A Corrente de Cães de Coltaine tinha mais de uma légua imperial de comprimento, mesmo com os três clãs wickanos cavalgando nas campinas que ladeavam a estrada.

– A discussão acabou – anunciou Coltaine.

– Reportem-se às suas companhias, capitães – disse Bult.

Não foi necessário acrescentar “Vamos marchar para o rio Vathar”. A reunião de comando tinha revelado posições, em especial as lealdades conflituosas de Sulmar. Agora, fora a questão mais trivial de distribuição das tropas, problemas com provisões e assim por diante, nada mais estava aberto

à discussão.

Duiker sentiu uma onda de pena de Sulmar, percebendo como o homem deveria estar sendo pressionado por Nethpara e Pullyk Alar. O capitão era nobre, afinal de contas, e a ameaça de descontentamento por parte de seus iguais tornava sua posição insustentável.

“O Exército malazano conhecerá apenas um conjunto de regras”, tinha proclamado o imperador Kellanved durante a primeira “limpeza” e “reestruturação” dos militares, logo no início de seu reinado. *“Um conjunto de regras e um governante...”* Ele e Dassem Ultor haviam decidido que o mérito era a única forma de avançar na carreira militar, o que causara uma luta pelo controle dentro das hierarquias dos comandos do Exército e da Marinha. *Sangue foi derramado nos degraus do palácio, e a Garra de Laseen foi o instrumento dessa cirurgia. Ela deveria ter aprendido com aquele episódio. Tivemos nossa segunda matança, mas esta aconteceu tarde demais.*

O capitão Bonança interrompeu os pensamentos de Duiker:

- Volte comigo, velho. Há algo que você precisa ver.
- O quê, agora?

Bonança deu um sorriso, medonho em seu rosto arruinado, em carne viva.

- Paciência, por favor.
- Ah, bem, isso eu tenho de sobra, capitão.

Esperando para morrer... E que espera longa tem sido essa.

Bonança claramente entendeu o comentário de Duiker. Ele semicerrou seu único olho, fitando a planície na direção nordeste. Lá estava o exército de Korbolo Dom, a menos de três dias e diminuindo depressa a distância.

- É uma solicitação oficial, historiador.
- Muito bem. Vamos andando, então.

Coltaine, Bult e Sormo seguiram pela trilha dos comerciantes. Vozes e gritos vinham das unidades de vanguarda do Sétimo, conforme começavam os preparativos para deixarem a estrada imperial. Duiker viu o cão pastor Torto galopando à frente dos três wickanos. *E, então, nós seguimos.*

Ganhamos mesmo um nome bem apropriado.

– Como vai o cabo? – perguntou Bonança enquanto cavalgavam pelo corredor rumo à companhia de Bonança.

Duiker franziu a testa. Lista tinha sido gravemente ferido na cordilheira de Gelor.

– Sendo curado. Estamos com dificuldades com os curandeiros. Eles estão ficando exauridos, capitão.

– Sim.

– Absorveram tanta energia de seus Labirintos que isso começou a prejudicar seus corpos. Eu vi o braço de um curandeiro se romper como um galho quando ele tirou uma panela do fogareiro. Isso me assustou mais do que qualquer coisa que ainda virei a testemunhar, capitão.

O homem puxou o curativo que cobria o olho arruinado.

– Você não está sozinho nisso, velho.

Duiker ficou calado. Bonança quase sucumbira a uma infecção. Tinha se tornado esquelético sob a armadura e as cicatrizes em seu rosto deram a suas feições uma expressão torturada, capaz de fazer estremecer os estrangeiros. *Pelo sopro do Encapuzado, não só os estrangeiros. Se a Corrente de Cães tiver um rosto, é o de Bonança.*

Cavalgavam por entre as colunas de soldados, sorrindo aos gritos e às brincadeiras cruéis a eles dirigidas, embora o sorriso de Duiker permanecesse tenso. Ele achava bom que os ânimos estivessem elevados e que a estranha melancolia que havia vindo depois da vitória esvanecesse, mas o espectro do que estava por vir se agigantava, com uma certeza monstruosa. O historiador sentia o próprio ânimo afundar em desgosto, pois já não era capaz de se forçar a uma fé cega.

O capitão falou outra vez:

– A floresta do outro lado do rio, historiador. O que você conhece dela?

– Cedro – respondeu Duiker. – Fonte da fama de Ubaryd como uma cidade de construtores de barcos. No passado, a floresta cobria os dois lados do rio Vathar, mas agora só o lado ao sul persiste. Mesmo esse já diminuiu,

perto da baía.

– Os tolos nunca se deram ao trabalho de replantar?

– Algumas tentativas, quando finalmente reconheceram a ameaça, mas os pastores já haviam reivindicado a terra. Cabras, capitão. As cabras podem transformar um paraíso num deserto num piscar de olhos. Elas comem brotos, arrancam completamente as cascas dos troncos das árvores, matando cada uma delas com a mesma eficiência de um incêndio. Entretanto, restou bastante da floresta, mais para cima do rio. Vamos levar uma semana ou mais para atravessá-la.

– Foi o que ouvi. Bom, vou dar graças pela sombra...

Uma semana ou mais, de fato. Está mais para uma eternidade... Como Coltaine vai defender esse imenso comboio ziguezagueante em meio à floresta, onde emboscadas virão de todas as direções e tropas não poderão nem pensar em dar a volta e reagir com rapidez e ordem? As preocupações de Sulmar a respeito dos desertos do outro lado da floresta são discutíveis, até onde sei. E me pergunto se sou o único a pensar assim.

Passavam por entre carroças carregadas de soldados feridos. O ar fedia a carne podre, pois em muitos casos a cura forçada falhava em interromper o avanço de uma infecção. Soldados febris deliravam e divagavam; o delírio abria uma fresta nas portas de suas mentes, acessando incontáveis outros reinos. *Deste mundo de pesadelos rumo a inúmeros outros. Só o presente do Encapuzado oferece alívio...*

Na campina plana à esquerda, os rebanhos de gado e cabras do comboio, cada vez menores, seguiam em meio a nuvens de poeira. Cães pastores wickanos patrulhavam as bordas, acompanhados dos cavaleiros do clã das Doninhas. O rebanho inteiro seria morto no rio Vathar, já que não poderia ser sustentado pelas terras além da floresta. *Pois não há espíritos da terra lá.*

O historiador especulava, encarando o rebanho. Os animais haviam se igualado a eles, passo a passo naquela jornada de destruição de suas almas. Mês após mês de sofrimento. *Esta é uma maldição que todos compartilhamos: a vontade de viver.* Seus destinos haviam sido decididos,

embora felizmente os animais não soubessem nada a respeito. *Até isso mudará, nos últimos momentos. Até o mais estúpido dos animais parece capaz de sentir a própria morte chegando. O Encapuzado concede a cada coisa viva a consciência, no fim. Que misericórdia é essa?*

– O sangue do cavalo queimou nas veias até ficar preto – disse Bonança de repente.

Duiker assentiu, sem precisar perguntar a qual cavalo o capitão se referia. *Ela carregou todos, e tamanho foi o clamor furioso sobre sua força vital que isso a queimou por dentro.* Tais pensamentos o faziam ir a um lugar além das palavras, cheio de uma dor crua em estado primitivo.

– Dizem que as mãos deles estão manchadas de preto agora – continuou Bonança. – Eles estão marcados para todo o sempre.

Assim como eu. Pensou em Nil e Nether, duas crianças deitadas em posição fetal sob o toldo da carroça, ali no meio de seu clã silencioso. *Os wickanos sabem que o dom do poder nunca vem de graça. Sabem o suficiente para não ter inveja de seus escolhidos, pois o poder nunca é um jogo, nem um estandarte brilhante erguido sobre glória e fortuna. Eles não disfarçam nada com ornamentos, e assim todos podemos ver o que preferiríamos não ver: o poder é cruel, duro como ferro e osso, e prospera na destruição.*

– Estou afundando nos seus silêncios, velho – disse Bonança, baixo. Duiker só conseguiu aquiescer outra vez. Ele continuou: – Estou impaciente pela chegada de Korbolo Dom. Para dar um fim a tudo isto. Não consigo mais ver o que Coltaine vê, historiador.

– Não consegue? – perguntou Duiker, encontrando o olhar do homem. – Você tem certeza de que ele vê algo diferente de você, Bonança? – O desalento tomou suas feições retorcidas e o historiador prosseguiu: – Temo que os silêncios do Punho não falem mais de vitória.

– Imagino que isso também valha para o seu próprio silêncio crescente, então.

O historiador deu de ombros. *Um continente inteiro nos persegue. Não deveríamos ter sobrevivido por tanto tempo assim. Não consigo levar meus*

pensamentos adiante disso, e sou enfraquecido por essa verdade. Todos os livros de história que li... Cada um deles, uma obsessão intelectual com a guerra, o redesenho interminável dos mapas. Investidas heroicas e derrotas esmagadoras. Não passamos de turbilhões de sofrimento em meio a um rio de dor. Pelo sopro do Encapuzado, velho, suas palavras exaurem até você mesmo. Por que, então, você as imporia a outros?

– Precisamos parar de pensar – disse Bonança enfim. – Já passamos muito desse ponto. Agora, simplesmente existimos. Olhe para aqueles animais ali. Somos o mesmo, você e eu, o mesmo que eles. Lutando sob o sol, empurrados, sempre empurrados para o local onde acabaremos assassinados.

Duiker balançou a cabeça.

– É nossa maldição não podermos conhecer a bênção da estupidez, capitão. Temo que você não encontrará a salvação onde está procurando por ela.

– Não tenho interesse em salvação – grunhiu Bonança. – Só num modo de continuar em frente.

Eles se aproximaram da companhia do capitão. Em meio à infantaria do Sétimo, um amontoado de cerca de cinquenta homens e mulheres tinha pegado armas e armaduras, vestidas de forma atropelada. Rostos exibiam expectativa, olhando na direção de Bonança e Duiker.

– Hora de ser capitão – resmungou Bonança baixinho, e seu tom soava tão cabisbaixo que feriu o coração do historiador.

Um sargento de serviço rosou uma ordem de sentido e o eclético grupo fez um esforço grosseiro, mas determinado, para obedecer. Bonança os fitou por mais um momento, até desmontar e se aproximar.

– Seis meses atrás, vocês se ajoelhavam diante de sangues-puros. – O capitão se dirigia a eles. – Desviavam os olhos e sentiam o gosto de chão empoeirado na língua. Expuseram suas costas aos chicotes e seu mundo era formado pelos muros altos e os casebres imundos onde dormiam, onde amavam e davam à luz crianças que não teriam futuro melhor que esse. Seis

meses atrás, eu não teria desperdiçado uma jakata de estanho em vocês. – Ele fez uma pausa e, então, assentiu para o sargento.

Soldados do Sétimo avançaram, cada um carregando uniformes dobrados. Aqueles uniformes estavam desbotados, manchados e costurados nos pontos em que o tecido havia sido rasgado por armas. Sobre cada fardo prensado havia um selo de ferro. Duiker se inclinou para a frente na sela, a fim de examinar um deles mais de perto. O medalhão tinha cerca de 10 centímetros de diâmetro; era um aro de corrente anexado a uma réplica da coleira de cachorro wickana e no meio havia a cabeça de um cão pastor. O animal não estava rosnando, mas simplesmente olhando para fora, com olhos semicerrados.

Algo se remexeu dentro do historiador, algo que ele mal conseguiu conter.

– Ontem à noite, um representante do Conselho dos Nobres veio até Coltaine – disse Bonança. – Estavam sobrecarregados, com um baú de jakatas de ouro e prata. Parece que se cansaram de cozinhar a própria comida, remendar as próprias roupas... limpar as próprias bundas...

Em outra ocasião, tal comentário teria dado origem a olhares sombrios e resmungos baixos, apenas mais uma cuspada no rosto para se juntar a uma vida de tantas outras. Em vez disso, os antigos servos riram. *A atitude grotesca de quando eram crianças. Não mais crianças.*

Bonança esperou as risadas acabarem.

– O Punho nada disse. O Punho deu as costas a eles. O Punho sabe calcular valor... – O capitão fez uma pausa e franziu devagar suas feições marcadas. – Chega um momento em que uma vida não pode ser comprada com dinheiro, e, uma vez que essa linha foi atravessada, não há como voltar. Vocês são soldados agora. Soldados do Sétimo. Cada um de vocês se juntará a pelotões regulares de minha infantaria, para ficar ao lado de seus colegas. E nenhum deles dá a mínima para o que vocês foram antes. – Ele se virou para o sargento. – Aloque esses soldados, sargento.

Duiker assistiu ao ritual em silêncio. Observou cada entrega de uniforme

que se seguiu à chamada do nome de um homem ou de uma mulher, os pelotões avançando para buscar seu novo membro. Nada foi exagerado ou forçado. O profissionalismo que havia naquele ato tinha seu próprio peso, e um silêncio profundo envolvia a cena. O historiador viu recrutas de seus 40 anos, mas nenhum em más condições físicas. Décadas de trabalho pesado e a matança de duas batalhas haviam garantido uma coleção de sobreviventes teimosos.

Eles vão aguentar, e aguentar bem.

O capitão apareceu a seu lado.

– Como servos, eles poderiam sobreviver, sendo vendidos para outras famílias nobres – disse Bonança, baixo, compreendendo os pensamentos do historiador. – Agora, com espadas nas mãos, vão morrer. Você consegue ouvir esse silêncio, Duiker? Sabe o que significa? Imagino que sim, e muito bem.

Com tudo que fazemos, o Encapuzado sorri.

– Escreva sobre isso, velho – concluiu Bonança.

Duiker lançou um olhar ao capitão e viu um homem devastado.

Na cordilheira de Gelor, o cabo Lista tinha saltado para dentro do fosso ao lado da rampa de terra a fim de evitar uma chuva de flechas. Com o pé direito, acabou aterrissando na ponta de um dardo que estava cravado na terra. A ponta de ferro atravessara a sola de sua bota e penetrara a carne do dedão e do dedo ao lado.

Um ferimento relativamente pequeno, causado por um simples acaso, mas perfurações eram os mais temidos dentre todos os ferimentos de batalha, pois traziam uma febre que se apoderava das articulações. Isso incluía as do maxilar, o que podia tornar impossível abrir a boca, fechando a garganta para toda e qualquer fonte de comida e trazendo, com isso, uma morte agonizante.

As cavaliças wickanas possuíam experiência no tratamento de tais

lesões, mas seu suprimento de poder e de ervas tinha minguado havia muito tempo. Assim, feridas como essas acabavam com apenas um tratamento: queimar o ferimento completamente. Nas horas após a batalha da cordilheira de Gelor, o ar fedia a pele queimada, em meio ao cheiro macabro, docemente atraente, de carne cozida.

Duiker encontrou Lista mancando em círculos, com uma expressão determinada em seu rosto magro e coberto de suor. O cabo ergueu o olhar quando o historiador se aproximou.

– Também consigo cavalgar, senhor, embora apenas uma hora de cada vez. O pé fica entorpecido, e é quando a infecção pode voltar. Pelo menos foi o que me disseram.

Quatro dias antes, o historiador tinha caminhado ao lado do trenó que carregava Lista, olhando para o jovem, certo de que ele morreria. Durante a marcha, uma atormentada cavaliça wickana tinha verificado rapidamente o cabo. Duiker tinha visto a expressão austera que tomou seu rosto enrugado enquanto ela sondava com os dedos as glândulas inchadas sob o queixo sem barba de Lista. Depois, ela olhara para o historiador.

Então Duiker a reconhecera, e ela, a ele. *A mulher que uma vez me ofereceu comida.*

– Não está bom – dissera ele.

Ela hesitou, depois estendeu a mão para dentro da capa de couro e pegou um objeto disforme, do tamanho de uma falange, que a Duiker parecia apenas um pedaço de pão mofado.

– Uma brincadeira dos espíritos, sem dúvida – disse ela em malazano.

Em seguida, se abaixou, agarrou o pé ferido de Lista, que tinha sido deixado desenfaixado e aberto para tomar um pouco do ar quente e seco, e pressionou o botão contra a ferida puncionada, prendendo-o no lugar com uma faixa de couro.

Uma brincadeira para fazer o Encapuzado franzir a testa.

– Você deve estar pronto para se reunir às fileiras logo, então – disse Duiker, voltando de suas lembranças.

Lista assentiu e se aproximou.

– Devo contar algo, senhor... – disse ele, em voz baixa. – Minha febre me mostrou visões do que está por vir...

– Isso acontece, às vezes.

– A mão de um deus saiu da escuridão, agarrou minha alma e a puxou para a frente por dias, semanas. Historiador... – Lista fez uma pausa para limpar o suor da testa. – A terra ao sul do Vathar... Estamos indo a um lugar de verdades antigas.

Duiker estreitou os olhos.

– Verdades antigas? O que isso quer dizer, Lista?

– Algo terrível aconteceu lá, senhor. Muito tempo atrás. A terra... Ela está morta...

Isso é algo que apenas Sormo e o alto-comando sabem.

– A mão desse deus, cabo, você a viu?

– Não, mas senti. Os dedos eram compridos, compridos demais, com mais articulações do que deveriam ter. Às vezes seu aperto volta, como o de um fantasma, e começo a tremer com sua frieza.

– Você se lembra daquela carnificina de outros tempos que vimos na travessia do Sekala? Suas visões fazem eco àquilo, cabo?

Lista franziu a testa. Depois, fez que não com a cabeça.

– Não, o que está adiante é muito mais antigo, historiador.

Ouviram gritos enquanto o comboio se aprontava para voltar a avançar, aos trancos e barrancos, descendo a estrada imperial na direção da trilha de comerciantes.

Duiker estudou a planície irregular ao sul.

– Vou caminhar ao lado do seu trenó, cabo, enquanto você descreve para mim com detalhes essas suas visões.

– Elas podem não passar de ilusões febris, historiador...

– Mas você não acredita nisso... Nem eu.

Seus olhos permaneceram na planície. *Uma mão com muitas articulações. Não a mão de um deus, cabo, embora seja uma com poder*

suficiente para dar essa impressão. Você foi escolhido, rapaz, por qualquer que seja o motivo, para testemunhar uma visão ancestral. Da escuridão vem a mão fria de um jaghut.

Felisin estava sentada num bloco de alvenaria que tinha caído de um antigo portão. Ela abraçava o próprio tronco, com os olhos no chão à sua frente, balançando-se sem parar, numa cadência lenta. O movimento trazia paz à sua mente, como se ela não passasse de um vaso cheio de água.

Heboric discutia com o guerreiro gigante. Falavam sobre ela, sobre profecias e má sorte, sobre o desespero de fanáticos. Um desprezo mútuo rodopiava e borbulhava entre os dois homens, aparentemente nascido no instante em que haviam se conhecido e tornando-se mais sombrio a cada momento que passava.

O outro guerreiro, Leoman, estava agachado por perto, num silêncio que se equiparava ao dela. Ele tinha diante de si o Livro Sagrado de Dryjhna, guardando o tomo no lugar dela, esperando o que parecia ser a inevitável aceitação de que ela era, de fato, a Sha'ik renascida.

Renascida. Renovada. Coração do Apocalipse. Entregue por aquele sem mãos, no sopro suspenso da deusa. Que ainda espera. Espera, como espera Leoman. Felisin, de quem o mundo depende.

Um sorriso rachou suas feições.

Ela continuava a se balançar, sob os gritos distantes, os ecos antigos de mortes repentinas, capazes de abalar as almas – que pareciam tão longe, agora. Kulp, devorado e desaparecendo sob um monte fervilhante de ratos. Ossos roídos e uma mecha de cabelos brancos manchados de vermelho. Baudin, queimado por um fogo que ele mesmo iniciara. *Ah, a ironia disso; ele viveu segundo as próprias regras e morreu com essa mesma pretensão sem deus. Mesmo ao dar sua vida pela de outra pessoa. Ainda assim, ele diria que fez sua escolha por livre e espontânea vontade.*

Essas são as coisas que trazem quietude.

Mas aquelas eram mortes lá longe, na interminável trilha empoeirada, distantes demais para que suas exigências fossem ouvidas ou sentidas. *A mágoa estupra a mente, e eu sei tudo sobre estupros. É uma questão de consentimento. Então, não sentirei nada. Sem estupro, sem mágoa.*

Pedras rangeram a seu lado. Heboric. Conhecia a sensação causada por sua presença, sem nem precisar olhar para cima. O ex-sacerdote de Fener resmungava baixo. Em seguida, ele se calou e pareceu se preparar para penetrar o silêncio dela. *Estupro*. Um momento depois, ele falou:

– Eles querem ir andando, mocinha. Os dois estão bem longe. O oásis onde fica o acampamento de Sha'ik está a uma longa caminhada de distância. É possível encontrar água no caminho, mas não há grandes esperanças de comida. O toblakai vai tentar, mas a caça ficou difícil, acho que por causa dos soletaken e dos d'ivers. Seja como for, você abrindo o Livro ou não, temos que ir andando.

Ela nada disse, apenas continuou a se balançar. Heboric pigarreou, continuando:

– Apesar de toda a minha raiva contra as ideias loucas e febris deles, e apesar de aconselhar fortemente que eles as recusassem... precisamos daqueles dois, e do oásis. Eles conhecem o Raraku melhor do que qualquer pessoa. Se temos alguma chance de sobreviver...

Sobreviver.

– Eu admito que desenvolvi... sentidos... que tornam minha cegueira uma deficiência menor – prosseguiu Heboric, pouco depois. – E essas minhas mãos, agora renascidas... Mesmo assim, Felisin, não sou suficiente para proteger você. Além disso, não há garantia de que os dois deixariam que nos afastássemos deles, se você entende o que quero dizer.

Sobreviver.

– Acorde, mocinha! Você tem algumas decisões a tomar.

– Sha'ik puxou a espada contra o Império – disse ela, com os olhos ainda fixos no chão empoeirado.

– Um gesto tolo...

– Sha'ik enfrentaria a imperatriz, enviaria os exércitos imperiais para dentro de um Abismo cheio de sangue.

– A história fala de rebeliões parecidas, mocinha, e essa é apenas um eco interminável do que já passou. Ideais gloriosos servem para trazer nova vitalidade ao sorriso gasto do Encapuzado, mas não passam de encantamento... E a honradez...

– Quem se importa com o que é honrado, velho? A imperatriz precisa responder ao desafio de Sha'ik.

– Sim.

– E irá enviar um exército de Quon Tali.

– Provavelmente já está a caminho.

– E... – continuou Felisin, sentindo um sopro frio tocar sua carne. – E quem comanda esse exército?

Ela ouviu a inspiração rasa de Heboric, sentindo o velho estremecer e recuar.

– Mocinha...

Ela abanou a mão, como se espantasse uma vespa, e ficou em pé. Virou e viu que Leoman a encarava; para Felisin, era como se aquele rosto polido pelo sol fosse a face do próprio Raraku. *Mais endurecido que o de Beneth, sem nenhuma das afetações dele. Mais afiado que Baudin. Ah, há inteligência aí, nesses olhos frios e escuros.*

– Para o acampamento de Sha'ik – disse ela. Ele olhou para o Livro, depois de volta para ela. Felisin arqueou uma das sobrancelhas e completou: – Você prefere atravessar uma tempestade? Que a deusa espere um pouco mais antes de renovar sua fúria, Leoman.

Ela viu que ele a avaliava, com um brilho de incerteza novo em seus olhos, e ficou satisfeita com isso. Passado um momento, ele fez uma curta reverência.

– Felisin – sibilou Heboric –, você tem alguma ideia...

– Melhor do que você, velho. Agora, fique quieto.

– Talvez devamos nos separar agora...

A moça se virou para ele.

– Não. Acho que precisarei de você, Heboric.

Ele deu a ela um sorriso amargo.

– Precisaré de mim como sua consciência, mocinha? Sou uma má escolha.

Sim, é. É muito melhor, por causa disso.

O antigo caminho dava sinais de um dia ter sido uma estrada, percorrendo a extensão da cordilheira que serpenteava como uma coluna torta, indo na direção de um planalto distante. Em pontos onde o solo arenoso tinha sido limpo pelo vento, paralelepípedos apareciam como ossos. O caminho estava cheio de cacos de vidro vermelho, triturados ao serem pisados.

O toblakai seguia cinco passos à frente, fazendo o reconhecimento, invisível na névoa ocre, enquanto Leoman guiava Felisin e Heboric num passo calculado, falando pouquíssimas vezes. O homem estava assustadoramente esquelético e andava de modo tão silencioso que Felisin tinha começado a imaginá-lo como algo próximo a um espectro. Apesar da cegueira, Heboric não tropeçava, caminhando atrás dela.

Felisin olhou para ele e o viu sorrir.

– Algo diverte você?

– Esta estrada está lotada, mocinha.

– Dos mesmos fantasmas que na cidade enterrada?

Ele balançou a cabeça.

– Não tão velhos. Aqui são lembranças de uma era que se seguiu ao Primeiro Império. – Leoman parou e virou ao ouvir aquilo. Heboric distendeu os lábios largos num sorriso aberto. O velho confirmou: – Ah, sim, o Raraku está me mostrando todos os seus segredos.

– Por quê?

O ex-sacerdote deu de ombros. Felisin fitou o guerreiro do deserto.

– Isso deixa você nervoso, Leoman?

Porque deveria.

Ele a encarou com os olhos sombrios e avaliadores.

– O que este homem é para você?

Não sei.

– Meu companheiro. Meu historiador – respondeu Felisin. – De grande valor, já que vou fazer do Raraku meu lar.

– Os segredos do Deserto Sagrado não estão aqui para que ele os possua. Ele rouba os segredos do Raraku, como qualquer invasor estrangeiro. Se você os quer, procure dentro de si.

Felisin quase riu ao ouvir isso, mas sabia que sua amargura assustaria até a si mesma.

Seguiram em frente, sob o calor crescente da manhã; o sol se tornava agora um fogo dourado. A cordilheira tinha ficado mais estreita, revelando as pedras de fundação da antiga estrada, 3 metros ou mais abaixo, em ambos os lados, sendo que o declive adiante descia mais cerca de 15 ou 20 metros. O toblakai esperava por eles num local em que o leito da estrada tinha ruído de modo a criar buracos grandes e escuros no chão. De um deles vinha o gotejar baixo de água.

– Um aqueduto sob a estrada – disse Heboric. – Ele vertia numa torrente.

Felisin viu o toblakai fechar a cara.

Leoman pegou os odres e começou a rastejar buraco abaixo. Heboric sentou, para descansar. Depois de um momento, inclinou a cabeça, dizendo:

– Sinto muito que tenham tido de esperar por nós, toblakai-com-um-nome-secreto. Mas imagino que você teria problemas para enfiar essa sua cabeça na entrada da caverna, em todo caso.

O selvagem gigante abriu um sorriso de escárnio, revelando dentes afiados.

– Eu guardo lembranças das pessoas que mato. Amarradas aqui no meu cinto. Um dia, terei uma sua.

– Ele está falando das suas orelhas, Heboric – disse Felisin.

– Ah, eu sei, mocinha – retrucou o ex-sacerdote. – Espíritos torturados se contorcem à sombra desse desgraçado. Cada homem, mulher e criança que ele já matou. Diga, toblakai: essas crianças imploraram para viver? Choraram e gritaram pela mãe?

– Não mais do que homens adultos fizeram – disse o gigante, e Felisin viu como ele tinha ficado pálido, embora sentisse que não era o fato de ter matado crianças que o incomodava. Não, havia algo mais nas palavras de Heboric.

Espíritos torturados. Ele é assombrado pelos fantasmas daqueles que matou. Mas me perdoe, toblakai, se eu não pretendo gastar minha pena com você.

– Esta terra não é o lar dos toblakai – disse Heboric. – O fascínio pela carnificina causada por essa rebelião foi o que atraiu você até aqui? De onde você saiu, bastardo?

– Já disse tudo o que tinha para dizer. A próxima vez em que me dirigir a você será quando for matá-lo.

Leoman emergiu do buraco, com teias de aranha grudadas no cabelo preso e os odres de água cheios nas costas.

– Você não matará ninguém até que eu diga para fazer isso – grunhiu para o toblakai. Em seguida, lançou um olhar feio a Heboric. – E *ainda* não disse.

Algo na expressão do gigante revelava uma imensa paciência, somada a uma certeza inabalável. Ele se levantou, bem ereto, aceitou o odre de água oferecido por Leoman e, depois, partiu pela trilha.

Heboric, mesmo sem enxergar, fitou o caminho atrás do gigante.

– A madeira daquela arma está encharcada de dor. Não consigo imaginar que ele consiga dormir bem à noite.

– Ele mal dorme – resmungou Leoman. – Você vai parar de atormentá-lo.

O ex-sacerdote fez uma careta.

– Você não viu os fantasmas das crianças que seguem presos aos

calcanhares dele, Leoman. Mas farei um esforço para manter minha boca fechada.

– Para a tribo dele, eram poucas as distinções – disse Leoman. – Havia os membros do clã, e os não membros do clã eram considerados inimigos. Agora, chega de conversa.

Cem passos à frente, a estrada se alargava de repente, abrindo-se para um planalto. Dos dois lados, havia fileiras e mais fileiras de montículos retangulares de argila cozida e avermelhada, cada um deles com 2 metros de comprimento por 1 de largura. Apesar da poeira suspensa cobrindo os horizontes, Felisin conseguia ver que essas fileiras, com dezenas de metros de profundidade, cercavam o platô inteiro, ao redor de toda a cidade em ruínas que jazia adiante.

Os blocos de pedra estavam completamente expostos, àquela altura. Revelavam uma calçada larga, que corria em linha reta na direção do que antes tinha sido um portal grandioso, desgastado por séculos de vento até sobraarem tocos de rocha esbranquiçada pelo sol, da altura dos joelhos. Da mesma forma era a cidade do outro lado.

– Uma morte lenta – sussurrou Heboric.

O toblakai já se dirigia a passos largos para os portões.

– Devemos atravessar até o outro lado e descer até o porto – disse Leoman. – É onde encontraremos um acampamento escondido. E provisões... A menos que tenha sido saqueado.

A rua principal da cidade era um mosaico empoeirado de cerâmicas estilhaçadas: cacos de argila vermelha e aros cinzentos, pretos e marrons.

– Vou me lembrar disso quando quebrar uma panela sem querer, no futuro – disse Felisin.

Heboric grunhiu.

– Conheço acadêmicos que alegam poder mapear culturas extintas inteiras apenas a partir do estudo de detritos assim.

– Diversão para uma vida inteira – falou Felisin, com a voz arrastada.

– Eu adoraria poder trocar de lugar com um deles!

- Você não está falando sério, Heboric.
- Não? Pelas presas de Fener, menina, não sou do tipo aventureiro...
- Talvez não a princípio, mas você estava quebrado antes. Destruído.

Como esses potes daqui.

- Aprecio a observação, Felisin.
- Você não pode ser remontado a menos que tenha sido quebrado primeiro.

– Pelo visto você se tornou bastante filosófica agora que ficou mais velha.
Mais do que você imagina.

- Diga que não descobriu verdades, Heboric.

Ele bufou.

– Sim, aprendi uma: não existem verdades. Você entenderá isso por si mesma, daqui a alguns anos, quando a sombra do Encapuzado se esticar na sua direção.

– Existem verdades – disse Leoman à frente deles, sem se virar. Ele prosseguiu: – Raraku. Dryjhna. O Furacão e o Apocalipse. A arma na mão, o fluxo de sangue.

- Você não fez nossa jornada, Leoman – grunhiu Heboric.

– A sua jornada foi um renascimento, como ela disse, e, portanto, houve dor. Só tolos esperariam o contrário.

O velho não respondeu a isso.

Caminharam no silêncio sepulcral da cidade. Em ambos os lados, as fundações e as cristas baixas de paredes internas traçavam, no chão, os desenhos das construções. Era possível observar um plano geométrico preciso na disposição das ruas e das vielas, um semicírculo de aros concêntricos, tendo como lado reto o próprio porto. À frente, havia os restos de uma estrutura grande e suntuosa; as rochas imensas no meio haviam suportado melhor os séculos de erosão. Felisin olhou para Heboric.

- Ainda afligido por fantasmas?

– Não afligido, mocinha. Aqui não ocorreu um derrame de brutalidade. Apenas tristeza, e mesmo isso não passou de uma espécie de subcorrente.

Cidades morrem. Elas imitam o ciclo de toda coisa viva: nascimento, juventude vigorosa, maturidade, velhice e então finalmente... poeira e cacos. No último século deste lugar, o mar já estava retrocedendo, enquanto uma nova influência chegava, algo estrangeiro. Houve um breve renascimento, e veremos evidências disso mais adiante, no porto, mas durou pouco. – Ele se calou por cerca de dez passos. – Sabe, Felisin, começo a entender algo acerca da vida dos Ascendentes. Viver por centenas, depois milhares de anos. Testemunhar esse florescimento em toda a sua glória inútil... Ah, é de surpreender que seus corações se tornem duros e frios?

– Esta jornada o deixou mais próximo de seu deus, Heboric.

O comentário o machucou a ponto de fazê-lo ficar em silêncio.

Quando alcançaram o porto da cidade, ela viu o que Heboric tinha insinuado. O que um dia tinha sido uma baía já estava sedimentado, mas quatro canais ciclópicos haviam sido construídos, estendendo-se até desaparecer na névoa. Cada um deles tinha a largura de três ruas da cidade e quase o mesmo comprimento.

– As últimas embarcações partiram destes canais – disse Heboric, ao lado de Felisin. – Os navios de carga mais pesados arranhavam o fundo nas fozes distantes e só conseguiam passar com a maré alta. Alguns milhares de habitantes permaneceram até que os aquedutos secassem. Essa é uma história do Raraku, mas, infelizmente, não é a única, e outras foram muito mais violentas, muito mais sangrentas. Entretanto, eu me pergunto qual é a mais trágica.

– Você desperdiça seus pensamentos com o passado... – começou a dizer Leoman, mas foi interrompido por um grito dado pelo toblakai.

O gigante apareceu perto da entrada de um dos canais. Agora em silêncio, o guerreiro do deserto foi até seu companheiro.

Quando Felisin fez menção de ir atrás dele, Heboric agarrou seu braço, e de sua mão invisível vinha um contato frio e entorpecente. Ele esperou até Leoman estar fora do alcance e, então, disse:

– Tenho medo, menina, de...

– Não estou surpresa – interrompeu ela. – Aquele toblakai quer matar você.

– Não daquele tolo. Estou falando de Leoman.

– Ele era o guarda-costas de Sha'ik. Se eu me transformar nela, não vou precisar desconfiar da lealdade dele, Heboric. Minha única preocupação é que ele e o toblakai não fizeram um trabalho muito bom em proteger Sha'ik da primeira vez.

– Leoman não é um fanático – disse o ex-sacerdote. – Ah, ele pode muito bem emitir os sons apropriados para fazer você acreditar no contrário, mas existe certa ambivalência nele. Não creio por um momento sequer que ele pense que você é mesmo a Sha'ik renascida. O fato é que a rebelião precisa de uma representante e que ela seja jovem e forte, não a velha cansada que a Sha'ik original deve ter sido. Pelo sopro do Encapuzado, ela já era uma força neste deserto 25 anos atrás. Você pode considerar a possibilidade de que esses dois guarda-costas não suaram muito na tentativa de defendê-la.

Ela olhou o velho. As tatuagens criavam um padrão espiralado quase sólido em seu rosto exaurido, parecido com o de um sapo. Seus olhos estavam vermelhos e envoltos em muco, e uma película fina e cinza embotava suas pupilas.

– Então também posso presumir que a causa deles será maior desta vez.

– Contanto que você jogue o jogo deles. O de Leoman, para ser mais exato. Será ele que falará em seu nome para o exército, no acampamento. Se ele tiver motivo, insinuará dúvidas, e você estará acabada...

– Não tenho medo de Leoman – disse Felisin. – Eu entendo homens como ele, Heboric.

Ele fechou a boca, apertando os lábios. A moça livrou o braço daquele aperto não natural e começou a andar.

– Beneth era menos que uma criança perto desse Leoman – sibilou o ex-sacerdote, atrás dela. – Era um bandido, um valentão, um tirano reinando sobre um punhado de oprimidos. Qualquer homem pode se tornar vaidoso com grandes ambições, e não importa quão patético seu posto seja, Felisin.

Você está fazendo algo pior do que se ater à memória de Beneth; está se agarrando às impressões que ele transmitia, e elas não passavam de ilusões...

Ela se virou para ele.

– Você não sabe de nada! – sibilou Felisin, tremendo de fúria. – Acha que tenho medo do que um homem pode fazer? Qualquer homem? Acha que me conhece? Que conhece meus pensamentos, que sabe o que sinto? Seu bastardo presunçoso, Heboric...

A gargalhada dele a atingiu como um golpe, chocando-a a ponto de deixá-la em silêncio.

– Querida menina... – disse ele. – Você quer me manter a seu lado. Como o quê? Um ornamento? Uma curiosidade macabra? Você queimaria a minha língua para equilibrar minha cegueira? Estou aqui para manter você distraída, apesar de você me acusar de presunção. Ah, isso é mesmo doce...

– Pare de falar, Heboric – disse ela, baixo, exausta de repente. – Se um dia viermos a compreender um ao outro, será sem palavras. Quem precisa de espadas quando temos línguas, você e eu? Vamos embainhá-las e acabar com isso.

Ele inclinou a cabeça.

– Uma última pergunta, então. Por que você quer que eu fique, Felisin?

Ela hesitou antes de responder, perguntando-se o que ele pensaria daquela verdade em particular. *Bem, já é alguma coisa. Não muito tempo atrás, eu não teria nem me importado.*

– Porque isso quer dizer sobrevivência, Heboric. Eu ofereço... por Baudin.

Com a cabeça ainda inclinada, o ex-sacerdote passou devagar o antebraço na testa empoeirada.

– Talvez um dia venhamos a entender um ao outro – disse ele.

A foz do canal era marcada por uma escadaria ampla de pedra com mais de cem degraus no total. Na base, no que um dia tinha sido o solo oceânico,

havia um muro de pedra mais recente, fornecendo pontos de apoio para um abrigo de lona. Um círculo de pedras cercava um fosso de fogueira ali perto, manchado de cinzas, e os velhos blocos de rocha que antes cobriam o esconderijo de provisões estavam revirados, como em um túmulo eviscerado.

O assunto da gritaria do toblakai eram os sete cadáveres meio decompostos espalhados pelo acampamento, cada qual uma massa de moscas. O sangue na areia fina e branca só tinha algumas horas e ainda era pegajoso ao toque. O fedor de intestinos afrouxados azedava o ar nebuloso.

Leoman estava agachado ao lado dos degraus, analisando as pegadas bestiais. Manchadas de sangue, elas indicavam uma subida de volta à cidade. Depois de um bom tempo, ele olhou para o toblakai.

– Se você quiser esse, irá sozinho – disse ele.

O gigante exibiu os dentes.

– Não quero ninguém se amontoando em cima de mim – retrucou ele, desprendendo o odre de água e o saco de dormir e deixando ambos os objetos caírem no chão. Desembainhou a espada de madeira e a segurou como se ela não passasse de um galho.

Heboric bufou de onde estava, encostado em um muro de pedra.

– Você planeja caçar esse soletaken? Presumo que, na sua tribo, você já esteja perto de atingir sua expectativa de vida, supondo que seu clã seja tão estúpido quanto você. Bom, eu não chorarei sua morte.

O toblakai cumpriu seu voto, recusando-se a se dirigir a Heboric, embora seu sorriso tivesse aumentado. Ele olhou para Leoman.

– Sou a vingança do Raraku contra esses intrusos.

– Se você for, vingue-se por meus parentes – replicou o guerreiro do deserto.

O toblakai partiu, subindo três degraus por vez, sem diminuir o ritmo até alcançar o topo, onde parou para analisar mais uma vez os rastros. Pouco depois, sumiu do campo de visão.

– O soletaken vai matá-lo – disse Heboric.

Leoman deu de ombros.

– Talvez. Mas Sha'ik viu muito longe o futuro dele...

– E o que ela viu? – perguntou Felisin.

– Não quis dizer. Mas isso... a amedrontou.

– A Vidente do Apocalipse ficou *amedrontada*? – Felisin olhou para Heboric. A expressão do ex-sacerdote tinha ficado tensa, como se ele tivesse acabado de ouvir a confirmação de um vislumbre de futuro que ele mesmo sentia. – Leoman, fale mais das outras visões dela – pediu a moça.

O homem havia começado a arrastar os corpos dos membros de seu clã para um canto. Fez uma pausa diante da pergunta dela e olhou ao redor.

– Quando você abrir o Livro Sagrado, elas se abaterão sobre você. Esse é o dom de Dryjhna... entre outros.

– Você espera que eu termine esse ritual antes de chegarmos ao acampamento.

– Você precisa. O ritual é a prova de que você é mesmo a Sha'ik renascida.

Heboric grunhiu.

– E o que isso significa, exatamente?

– Se ela for falsa, o ritual a destruirá.

A ilha antiga se erguia como uma corcunda de topo liso acima da planície de argila rachada. Cotos cinzentos e desgastados pelo tempo marcavam os mastros do ancoradouro e píeres mais consideráveis acompanhavam o que antes tinha sido uma costa. Junto a eles, restos do lixo costumeiro, um dia jogado fora pelas bordas dos navios. No antigo fundo lamacento da baía, os sumidouros brilhavam sob as camadas compactadas de escamas brilhantes de peixes.

Agachado ao lado de Violinista, Mappo observou Icarium se aproximar dos destroços esmigalhados de um paredão marinho. Crokus estava bem atrás do trell, perto dos cavalos mancos. O rapaz estava estranhamente

silencioso desde a última parada para comer e parecia economizar seus movimentos, como se estivesse acorrentado a seu voto de paciência. De modo aparentemente inconsciente, o daru tinha começado a imitar Icarium, tanto no discurso quanto nos gestos. Ao notar o fato, Mappo não achou divertido nem ficou contrariado. O jhag era uma presença esmagadora, especialmente porque não dependia de poses artificiais nem de falsas aparências.

Mesmo assim, seria melhor para Crokus se ele olhasse para Violinista. Esse soldado é um prodígio em si mesmo.

– Icarium escala como se soubesse aonde está indo – observou o sapador.

Mappo estremeceu.

– Eu havia observado a mesma coisa – admitiu ele, com pesar.

– Vocês dois já estiveram aqui antes?

– Eu, não, Violinista. Mas Icarium... Bem, ele já vagou por esta terra antes.

– Mas, ao retornar para um lugar a que já tivesse ido, como ele saberia?

O trell balançou a cabeça. *Ele não deveria saber. Nunca soubera antes. Aquelas barreiras abençoadas estão desmoronando? Rainha dos Sonhos, faça Icarium voltar à bênção de não saber. Eu imploro...*

– Vamos nos reunir a ele – disse Violinista, aprumando-se devagar.

– Eu prefiro...

– Como você quiser – respondeu o soldado, partindo atrás do jhag, que já tinha sumido nas ruínas da cidade, estranguladas por espinhos, do outro lado do paredão marinho.

Pouco depois, Crokus passou por Mappo também.

O trell fez uma careta. *Devo estar ficando velho para deixar que uma distração me intimide dessa maneira.* Suspirou, levantando-se e arrastando-se pesadamente atrás dos outros.

A encosta de detritos na base do paredão marinho era uma avalanche traiçoeira de madeira lascada, placas de gesso, tijolos e cacos. A meio

caminho da subida, Violinista grunhiu e parou, baixando a mão para arrancar um cabo de madeira cinza.

– Tenho de pensar um pouco – disse ele, olhando para baixo. – Toda essa madeira virou pedra.

– Petrificada – atalhou Crokus. – Meu tio me descreveu o processo, uma vez. A madeira absorve minerais. Mas isso deveria levar dezenas de milhares de anos.

– Bom, um Alto Mago do Labirinto D'riss poderia fazer a mesma coisa num piscar de olhos, garoto.

Mappo arrancou um fragmento de cerâmica. Não muito mais espesso que uma casca de ovo, o caco era azul da cor do céu e muito duro. Na superfície, revelava o tronco de uma silhueta pintada, em preto e com contorno verde. A imagem era rígida, estilizada, mas, sem dúvida, humana. Ele soltou o caco.

– Esta cidade morreu muito antes de o mar secar – disse Violinista, voltando a escalar.

– Como você sabe? – gritou Crokus atrás dele.

– Porque tudo está danificado pela água, garoto. Ondas derrubaram este paredão. Século após século de ondas. Cresci numa cidade portuária, lembre-se disso. Vi o que a água pode fazer. O imperador mandou dragarem a baía de Malaz antes de construírem os píeres imperiais, revelando velhos paredões marinhos e coisas assim. – Alcançando o topo, ele parou para respirar. – Isso mostrou a todos que a cidade de Malaz era ainda mais velha do que todo mundo imaginava.

– E que o nível do mar subiu desde então – observou Mappo.

– É.

No alto do paredão marinho, a vista da cidade se estendeu diante deles. Apesar de os destroços estarem gastos pelo tempo, ficou claro que a cidade tinha sido destruída de propósito. Cada uma das construções acabou reduzida a lixo, o que sinalizava um uso cataclísmico de força e fúria. Arbustos preenchiam cada espaço aberto que restava e árvores baixas e

retorcidas agarradas às pedras de fundação sobrepujavam os montes de escombros.

A arquitetura da cidade tinha como característica básica a presença de esculturas delineando as colunatas extensas ou em nichos nas paredes de todos os prédios. Partes de corpos de mármore jaziam por todo lado, no mesmo estilo rígido que Mappo tinha visto nos cacos. O trell começou a sentir algo familiar em toda a variedade de figuras humanas ali representadas.

Uma lenda, contada no Jhag Odhan... Uma história contada pelos anciãos de minha tribo...

Não viu Icarium em parte alguma.

– Para onde, agora? – perguntou Violinista.

Com uma leve angústia, que fez sua pele escura suar, Mappo se adiantou.

– Sentiu o cheiro de alguma coisa, foi?

Ele mal ouviu a pergunta do sapador.

Era difícil distinguir o padrão da cidade a partir do que tinha restado dela, mas Mappo seguiu seu mapa mental, nascido da lembrança que tinha da lenda, sua cadência, sua medição precisa ao ser contada no dialeto grosseiro e ressoante de trell arcaico. Pessoas que não possuíam uma linguagem escrita levavam o uso da fala a extremos surpreendentes. Palavras eram números, eram códigos, eram fórmulas. Palavras continham mapas secretos, a medida em passos, os padrões de mentes mortais, da História, de cidades, de continentes e de Labirintos.

A tribo adotada por Mappo tantos séculos antes tinha escolhido retornar aos velhos hábitos, rejeitando as mudanças que afligiram os trells. Os anciãos mostraram a Mappo e aos outros tudo que arriscavam perder, o poder que residia em se contarem histórias, o desenrolar ritualístico da memória.

Mappo sabia para onde Icarium tinha ido. Sabia o que o jhag encontraria. Com o coração ribombando brutalmente no peito, a velocidade de seus passos aumentou conforme ele se arrastava sobre os destroços, abrindo caminho em meio a matagais de espinhos que dilaceravam até

mesmo seu couro resistente.

Sete avenidas principais dentro de cada cidade do Primeiro Império. Os Espíritos do Céu olham o número sagrado, sete caudas de escorpião, sete picadas fitando o círculo de areia. Para todos que gostariam de fazer oferendas aos Sete Sagrados, olhem para o círculo de areia.

Violinista gritou de algum lugar atrás do trell, mas ele não respondeu. Tinha encontrado uma das avenidas curvas, e agora se dirigia para o centro.

Os sete tronos das caudas de escorpião haviam um dia se agigantado sobre o recinto, cada um com 77 metros de altura. Todos haviam sido destruídos... *Por golpes de espadas, por uma arma inquebrável em mãos que tiravam sua energia de uma fúria quase impossível de se compreender.*

Pouco tinha restado das oferendas e dos tributos que antes apinhavam o círculo de areia. Havia uma exceção, diante da qual Icarium agora se encontrava. O jhag estava imóvel, com a cabeça inclinada para cima a fim de assimilar a imensa construção que tinha diante dele.

As engrenagens de ferro não exibiam ferrugem, nem corrosão, e provavelmente ainda se moviam num compasso que não poderia ser visto por olhos mortais. O gigantesco disco que dominava a estrutura estava meio inclinado, com o rosto de mármore sufocado por símbolos gravados, encarando o sol, embora o orbe de fogo mal fosse visível através da névoa dourada do céu.

Mappo caminhou devagar até Icarium e parou dois passos atrás dele. O jhag sentiu sua presença, pois falou:

– Como pode ser, amigo?

Era a voz de uma criança perdida, torcida como uma flecha farpada no coração do trell.

– Isso é meu, sabe? – continuou o jhag. – Meu... *presente*. Ou é o que leio, nesta antiga escrita omtose. Mais do que isso, eu marquei, com conhecimento, sua estação, o ano de sua construção. E veja como o disco virou, de modo que consigo ver a correspondente de Omtose para este ano... O que me permite calcular...

Sua voz sumiu.

Mappo abraçou a si mesmo, incapaz de falar, incapaz sequer de pensar. Foi tomado pela angústia e pelo medo, até também se sentir como uma criança em meio a um pesadelo.

– Diga, Mappo – prosseguiu Icarium depois de um longo momento –, por que os destruidores desta cidade não derrubaram isto também? É verdade que há feitiçaria nele, o que o torna imune aos desgastes infligidos pelo tempo... Mas também havia feitiçaria assim nestes sete tronos... e em muitos dos outros presentes neste círculo. Todas as coisas feitas podem ser quebradas, afinal. Por quê, Mappo?

O trell rezou para que seu amigo não se virasse, não revelasse seu rosto, seus olhos. *Os piores medos da criança, o rosto do pesadelo... Uma mãe, um pai, todo o amor arrancado, substituído por um desígnio gelado, a simples falta de cuidado... E, assim, a criança acorda gritando...*

Não se vire, Icarium, não vou suportar ver seu rosto.

– Talvez eu tenha cometido um erro – disse Icarium, ainda com aquele tom tranquilo e inocente. Às suas costas, Mappo ouviu Violinista e Crokus chegarem pela areia. Algo no ar os fez ficarem em silêncio, interrompeu a aproximação. – Um erro na medição, um deslize na escrita. É uma língua antiga, omtose, vaga na minha memória, e talvez já fosse vaga no passado, quando construí isso. O conhecimento que retenho me parece... *preciso*, mas não sou perfeito, sou? Minha certeza poderia ser um autoengano.

Não, Icarium, você não é perfeito. O jhag continuou:

– Calculo que 94 mil anos se passaram desde a última vez que estive aqui, Mappo. Noventa e quatro mil. Deve haver algum erro nisso. Nenhuma cidade em ruínas poderia sobreviver por tanto tempo, poderia?

Mappo deu de ombros. *Como poderíamos saber, de um modo ou de outro?*

– Talvez a investidura de feitiçaria...

Talvez.

– Eu me pergunto quem destruiu esta cidade.

Você, Icarium, mas mesmo em sua fúria você reconheceu o que havia construído e o deixou intacto.

– Eles tinham um grande poder, quem quer que fossem – continuou o jhag. – T’lan imass chegaram aqui, procuraram fazer o inimigo recuar... Uma velha aliança entre os habitantes desta cidade e a Tropa Silenciosa. Seus ossos esmagados jazem enterrados na areia sob nós. Aos milhares. Que força poderia fazer algo assim, Mappo? Não é jaghut, mesmo com sua supremacia mil milênios atrás. E os k’chain che’malle estão extintos há mais tempo ainda. Não entendo isso, amigo...

Uma mão calejada pousou no ombro de Mappo. Ela ofereceu um breve aperto sólido, cedendo em seguida, quando Violinista passou pelo trell.

– A resposta me parece clara o bastante, Icarium – disse o soldado, parando ao lado do jhag. – Um poder Ascendente. A fúria de um deus ou de uma deusa desencadeou essa devastação. Quantas histórias você já ouviu sobre antigos impérios que ficaram orgulhosos demais? Quem eram os Sete Sagrados, para começo de conversa? Quem quer que fossem, eram venerados aqui, nesta cidade e, sem dúvida, nas cidades irmãs, por todo o Raraku. Sete tronos, olhe a fúria que se abateu sobre cada um deles. Parece... algo pessoal para mim. A mão de um deus ou de uma deusa bateu aqui, Icarium, mas quem quer que tenha sido já esvaneceu das mentes mortais, porque pelo menos eu não consigo pensar em nenhum Ascendente conhecido que fosse capaz de liberar tamanho poder no plano mortal, não como o que vemos aqui...

– Ah, eles poderiam – disse Icarium, com um toque de vigor renovado na voz. – Mas aprenderam há muito tempo o grande valor que reside na sutileza ao interferir nas atividades dos mortais... O velho modo era perigoso demais, em todos os aspectos. Suspeito que você tenha respondido à minha pergunta, Violinista...

O sapador deu de ombros.

Mappo percebeu que o ritmo de seu coração diminuía. *Só não volte a pensar nesse solitário artefato sobrevivente, Icarium.* O suor pingava no chão,

em padrões irregulares; ele estremeceu e inspirou fundo. Olhou para Crokus, cuja atenção estava em outro lugar. O rapaz aparentava tamanha indiferença que o trell ficou imaginando o estado mental dele.

– Noventa e quatro mil anos... Isso deve ser um erro – disse Icarium.

Deu as costas à estrutura, oferecendo ao trell um leve sorriso.

A cena se obscureceu aos olhos de Mappo. Ele assentiu e desviou o olhar para lutar contra uma renovada onda de pesar.

– Bem, vamos voltar à nossa busca por Apsalar e seu pai? – perguntou Violinista.

Icarium se forçou a sair do torpor. Depois, murmurou:

– Sim. Estamos perto... E de muitas coisas, ao que parece.

Uma jornada perigosa, de fato.

Na noite de sua despedida, todos aqueles séculos antes, nas horas em que suas últimas lealdades acabaram sendo extraídas em um ritual de penitência, Mappo tinha se ajoelhado diante da ombreira mais velha da tribo, dentro dos limites fumacentos de sua tenda.

– Preciso saber mais – sussurrara ele. – Mais sobre esses Inominados, que querem exigir isso de mim. Eles são jurados a algum deus?

– Já foram, mas não são mais – respondera a velha, incapaz ou sem vontade de olhá-lo nos olhos. – Banidos, humilhados. Na época do Primeiro Império, que não era, na verdade, o primeiro, pois os t'lan imass reivindicaram esse título muito antes. Eles eram a mão esquerda, e outra seita, a mão direita. Ambas guiavam, destinadas a se entrelaçarem. Em vez disso, aqueles que viriam a ser Não Nomeados, em suas jornadas aos mistérios mais profundos... – Ela dera um golpe com a lateral inferior da mão, como se para cortar, um gesto que Mappo nunca tinha visto antes nos anciãos da tribo. Um gesto, ele percebera com um sobressalto, de um jhag. – Mistérios de outro os fizeram se perder. Eles se curvaram diante de um novo mestre. É tudo que há a dizer.

– Quem era esse novo mestre?

A mulher balançara a cabeça, dando-lhe as costas.

– De quem é o poder que reside naqueles cajados que eles levam? – insistira Mappo.

Ela não quisera responder.

Com o passar do tempo, Mappo acreditava ter encontrado uma resposta para aquela pergunta, mas era uma descoberta incapaz de trazer qualquer consolo.

Deixaram a antiga ilha para trás e partiram pela planície de argila, enquanto a luz do dia ia sumindo do céu. Os cavalos sofriam com a sede e nem mesmo as habilidades que Icarium e Mappo tinham com o deserto foram suficientes para que encontrassem água. O trell não fazia ideia de como Apsalar e seu pai conseguiam seguir adiante, embora eles se mantivessem à frente, dia após dia.

Esta trilha e seu objetivo nada têm a ver com Sha'ik. Estamos sendo levados para lugares muito distantes de tudo isso, distantes de onde Sha'ik foi assassinada, distantes do oásis. Violinista conhece nosso destino. Ele o adivinhou, a partir de quaisquer que sejam os segredos que guarda dentro de si. Na verdade, todos nós suspeitamos de que destino é esse, embora não falemos nada sobre o assunto... Talvez apenas Crokus continue ignorante, mas posso muito bem estar subestimando o jovem. Ele cresceu dentro de si mesmo... Mappo olhou para Violinista. Vamos ao lugar pelo qual você procurava o tempo todo, soldado.

Foram cercados pelo crepúsculo na paisagem árida, mas restava luz suficiente para revelar uma arrepiante convergência de rastros: inúmeros soletaken e d'ivers, em quantidade assustadora, aproximando-se para se juntar às pegadas de Apsalar e seu pai.

Crokus ficou para trás uma dúzia de passos, enquanto eles puxavam os cavalos pelas rédeas. Mappo prestou pouca atenção nisso até que, pouco

depois, ouviu o grito do daru. Crokus estava no chão, lutando com um homem na escuridão crepuscular. Sombras voavam sobre a argila rachada. O rapaz tinha conseguido segurar o homem no chão, pegando-o pelos pulsos.

– Eu sabia que você andava à espreita, sua doninha! – vociferou Crokus.
– Por horas e horas, desde antes da ilha! Tudo que eu precisava fazer era esperar, e agora eu peguei você!

Os outros voltaram até onde Crokus estava, agora montado sobre o tronco de Iskaral Pust. O sumo sacerdote tinha desistido de suas tentativas de fugir.

– Mais mil passos – sibilou ele – e o engano estará completo! Você viu os sinais de meu glorioso sucesso? Algum de vocês? Vocês são todos retardados? Ah, tão rude em meus pensamentos nefastos! Mas me veja só respondendo às acusações deles com um silêncio viril, rá!

– Pode deixá-lo ficar de pé – disse Icarium a Crokus. – Ele não vai fugir.

– Deixar ficar de pé? Que tal enforcá-lo?

– Na próxima árvore que encontrarmos, moleque – disse Violinista, com um sorriso largo. – E isso é uma promessa.

O daru soltou o sumo sacerdote. Iskaral ficou de pé com dificuldade, agachando-se como se fosse um rato decidindo para que lado deveria disparar.

– Proliferação mortal! Ouso acompanhá-los? Arrisco a glória de testemunhar com meus próprios olhos o rendimento máximo de meus esforços? Bem disfarçada, essa incerteza, eles não sabem de nada!

– Você virá conosco – grunhiu Crokus, com as mãos nos dois punhais que se projetavam de seu cinto. – Não importa o que aconteça.

– Claro, garoto! – Iskaral encarou o daru, assentindo vigorosamente. – Estava apenas me apressando para alcançar vocês! – Ele baixou a cabeça. – Ele acredita em mim, posso ver em seu rosto. O pateta de miolo mole! Quem se equipara a Iskaral Pust? Ninguém! Vou permanecer silenciosamente triunfante, muito silenciosamente. A chave para o entendimento está na natureza desconhecida dos Labirintos. Eles podem ser despedaçados em

fragmentos? Ah, sim, sim. E é esse o segredo do Raraku! Eles vagam por mais de um mundo, sem saber... E, à nossa frente, ah, o gigante adormecido que é o coração! O verdadeiro coração, não o oásis bichado de Sha'ik, ah, tão cheio de tolos! – Ele fez uma pausa, erguendo o olhar para os outros. – Por que estão me encarando? Devíamos estar andando. Mil passos, não mais, para o desejo do seu coração, hi hi! – Iskaral começou a fazer uma dancinha, elevando os joelhos e dando solavancos ao pular no lugar.

– Ah, pelo sopro do Encapuzado! – Crokus agarrou o colarinho do sumo sacerdote e o atirou para a frente. – Vamos.

– A bem-humorada e adúladora violência da juventude – murmurou Iskaral. – Gestos calorosos de camaradagem... Ah, estou amolecendo, não estou?

Mappo olhou para Icarium e percebeu que o jhag o encarava. Seus olhares se encontraram. *Um Labirinto fragmentado. O que raios aconteceu com esta terra?* A pergunta foi compartilhada em silêncio, embora, na mente do trel, o pensamento tivesse continuidade. *As lendas alegam que Icarium emergiu deste lugar, que saiu do Raraku. Um Labirinto feito em pedaços... O Raraku muda todos os que caminham por seu solo partido. Deuses, chegamos mesmo ao lugar em que o pesadelo vivo de Icarium nasceu?*

Continuaram. A cor bronze desbotada do céu escureceu até se tornar um preto impenetrável, um vazio sem estrelas que parecia afundar devagar, baixando sobre eles. Os resmungos de Iskaral Pust diminuíram, como se tivessem sido engolidos pela noite. Mappo percebeu que tanto Violinista quanto Crokus estavam tendo dificuldades, embora continuassem a caminhar com as mãos estendidas, como homens cegos.

Uma dúzia de passos à frente dos outros, Icarium parou e se virou para trás.

Mappo inclinou a cabeça, reconhecendo que também tinha visto as duas silhuetas paradas, cinquenta passos adiante de onde estavam. Apsalar e Servo. *O único nome pelo qual conheço o velho. Um título simples, mas agourento.*

O jhag se adiantou e pegou uma das mãos estendidas de Crokus.

– Nós os encontramos – disse ele, num tom baixo que, ainda assim, fez todos pararem. E continuou: – Estão nos esperando, ao que parece, diante de um limiar.

– Limiar? – rosnou Violinista. – Ben Ligeiro nunca mencionou nada assim. Limiar do quê?

– *Um fragmento de Labirinto emaranhado e despedaçado!* – sibilou Iskaral Pust. – Ah, vejam como o Caminho das Mãos leva até ele... Os tolos seguiram, todos! O sumo sacerdote da Sombra foi incumbido de criar uma trilha falsa e, olhem, ah, olhem como ele o fez!

Crokus se virou ao ouvir o som da voz de Iskaral Pust.

– Mas por que o pai dela nos guiou até aqui? Para que todos pudéssemos ser atacados e feitos em pedaços por uma horda de soletaken e d'ivers?

– Servo está indo para casa, sua carcaça murcha de toupeira! – O sumo sacerdote dançou no lugar outra vez. – Se não morrer pela convergência primeiro, é claro! Hi hi! E leva a menina, o sapador também. E você, garoto. Você! Pergunte ao jhag o que espera dentro do Labirinto! Espera com uma mão em punho, segurando este fragmento de reino!

Apsalar e seu pai se aproximavam, um ao lado do outro.

Mappo tinha se perguntado como seria o encontro, mas nenhuma expectativa poderia se equiparar à realidade. Crokus ainda não notara os dois e, em vez disso, pegava os punhais e se preparava para ir na direção da voz do sumo sacerdote. Icarium parou atrás do daru, a um momento de desarmá-lo. A cena era quase cômica, pois Crokus não conseguia enxergar nada e Iskaral Pust tinha começado a modular sua voz de forma a fazê-la sair de uma dezena de lugares de uma só vez, enquanto continuava sua dança saltitante.

Violinista, praguejando baixo, pegou um lampião destruído de sua mochila e agora procurava uma pederneira.

– Você ousa pisar no caminho? – proclamou Iskaral Pust, cantando. – Ousa? Ousa?

Apsalar parou diante de Mappo.

– Eu sabia que vocês conseguiriam – disse ela. Virou a cabeça. – Crokus! Estou aqui...

Ele parou, embainhou os punhais e se aproximou. Faíscas lampejaram e pularam de onde Violinista estava agachado.

O trell assistiu aos braços estendidos do daru serem capturados por Apsalar e guiados ao redor da moça, num abraço apertado. *Ah, rapaz, você não sabe como é cego...*

Uma aura que era o eco de um deus se agarrava a ela, mas já tinha se tornado completamente sua. Sentir isso não deixou o trell tranquilo. Icarium chegou mais perto de Mappo.

– Tremorlor – disse ele.

– Sim.

– Alguns alegam que a Azath é benigna, uma força para manter o poder sob controle, que ela surge onde e quando se necessita dela. Meu amigo, estou começando a ver muita verdade nessas alegações.

O trell assentiu. *Esse Labirinto despedaçado possui tanta dor! Se pudesse vagar, flutuar, traria horror e caos. Tremorlor o segura aqui, e Iskaral Pust diz a verdade... Mas, mesmo assim, como o Raraku se torceu por todos os lados...*

– Sinto soletaken e d'ivers lá dentro – disse Icarium. – Aproximando-se, buscando a Casa...

– Acreditando que seja um portal.

O lampião brilhou e acendeu, soltando um amarelo lúgubre que não alcançava mais do que alguns passos em qualquer direção. Violinista se levantou, mantendo os olhos sobre Mappo.

– E há, de fato, um portal ali, só não é aquele que os metamorfos procuram. Mas eles não chegarão até lá... Serão aprisionados pelas terras da Azath.

– Como poderia acontecer com todos nós – disse uma nova voz. Todos se viraram para ver o pai de Apsalar, parado ali perto. – Agora... – continuou ele, com a voz rouca – eu ficaria grato se vocês redobrassem seus esforços

para convencer minha filha a não ir adiante. Não podemos tentar o portal, porque está dentro da Casa...

– Mas você a guiou até aqui – disse Violinista. – Admito que estávamos mesmo procurando por Tremorlor. No entanto, quaisquer que fossem suas razões, elas são de Iskaral Pust, não?

– Você tem um nome, Servo? – perguntou Mappo.

O velho fez uma careta.

– Rellock. – Voltando a olhar para Violinista, ele balançou a cabeça. – Não consigo adivinhar os motivos do sumo sacerdote. Só fiz o que me disse para fazer. Uma última tarefa, a última para pagar minha dívida. E sempre pago minhas dívidas, até para deuses.

– Eles devolveram a você o braço que perdeu – disse o saporador.

– E pouparam a mim e a minha filha, no dia em que os Cães vieram. Ninguém mais sobreviveu, sabia?

Violinista grunhiu.

– Eram os Cães *deles*, Rellock.

– Mesmo assim, mesmo assim. É o falso rastro, sabe? Aquele que leva os metamorfos para o lado errado, que os leva...

– Para longe do verdadeiro portal – disse Icarium, aquiescendo. – Aquele embaixo do templo de Pust.

Rellock assentiu.

– Tínhamos de chegar ao fim da trilha falsa, eu e minha filha. Plantar sinais, deixar rastros e tudo mais. Agora, acabou. Nós nos escondemos nas sombras enquanto os metamorfos corriam para dentro. Se meu destino for morrer na cama em meu vilarejo de Itko Kan, então não importa o tamanho da caminhada.

– Rellock quer voltar a pescar, hi hi! – cantou Iskaral Pust. – Mas o lugar que você deixou não é aquele ao qual vai retornar, ah, não. De um dia para outro já muda, quanto mais depois de anos! Rellock fez um trabalho guiado pelas mãos de deuses, mas sonha em puxar redes, com o sol na cara e sulcos entre os dedos dos pés. Ele é o coração do Império! Laseen deveria prestar

atenção! Prestar atenção!

Violinista voltou para seu cavalo, pegou a besta, colocou a manivela e depois a travou.

– O resto de vocês pode escolher o que quiser. Eu tenho que entrar. – Ele fez uma pausa, olhando os cavalos. – E deveríamos deixar os animais partirem. – Caminhou até sua montaria e começou a soltar as correias da barriga do animal. Suspirou, dando batidinhas no pescoço do gral castrado. – Você me deixou orgulhoso, mas será melhor para você aqui fora. Leve os outros, amigo, para o acampamento de Sha'ik...

Pouco depois, os outros foram até suas montarias.

Icarium voltou-se para o trell.

– Eu também devo ir.

Mappo fechou os olhos, procurando alguma quietude em seu turbilhão interior. *Deuses, eu sou um covarde. De todas as formas imagináveis, um covarde.*

– Amigo?

O trell assentiu.

– Ah, vocês todos vão! – cantarolou o sumo sacerdote da Sombra, ainda dançando. – Procurando respostas e mais respostas, ainda! Mas, em meus pensamentos silenciosos, eu rio e os aviso com palavras que vocês não ouvirão... *Tenham cuidado com o truque. Comparados à Azath, meus senhores imortais são apenas crianças desastradas!*

CAPÍTULO 16

Tremorlor, o trono de areia,
diz-se que jaz no Raraku.
Uma Casa da Azath, está
sozinha no solo revirado
onde todos os rastros são fantasmas
e todo fantasma leva à
porta de Tremorlor.

Padrões na Azath, os Inominados

Até onde Duiker conseguia enxergar, tanto para leste quanto para oeste, a floresta de cedros estava cheia de borboletas. Mal se via o verde empoeirado das árvores através do dossel agitado, de um amarelo pálido. Ao longo da margem esvaziada do Vathar, cresciam samambaias em meio a galhos esqueléticos, formando uma barreira sólida, exceto pela trilha de comerciantes que abria caminho à força na direção do rio.

O historiador tinha se afastado da coluna e agora estava parado com seu cavalo no topo de uma colina baixa situada na planície irregular. A Corrente de Cães tinha sido esticada; a exaustão distendia seus elos. A poeira seguia no ar acima dela como uma capa fantasmagórica, agarrada pelo vento e puxada para o norte.

Duiker desviou os olhos dos cenários distantes e vasculhou o cume da colina abaixo dele. Pedras grandes e angulosas haviam sido colocadas em círculos mais ou menos concêntricos: a coroa da cimeira. Já tinha visto formações assim antes, mas não lembrava onde. Uma inquietação penetrante pairava no ar sobre o alto da colina.

Um cavaleiro vindo do comboio se aproximou a trote, demonstrando um desconforto óbvio a cada subida dos estribos. Duiker fechou a cara. O cabo Lista estava tudo, menos saudável. O jovem corria o risco de ficar permanentemente manco com toda aquela atividade antes do tempo, mas não havia como fazê-lo mudar de ideia.

– Historiador – saudou Lista ao parar, puxando as rédeas.

– Cabo, você é um tolo.

– Sim, senhor. Chegaram notícias do flanco oeste da retaguarda. As unidades dianteiras de Korbolo Dom foram avistadas.

– Oeste? Então ele planeja alcançar o rio antes de nós, como Coltaine previu.

Lista assentiu, secando suor da testa.

– É. Cavalaria, pelo menos trinta companhias.

– Se tivermos de abrir caminho através de trinta companhias de soldados para ganhar o leito, ficaremos retidos...

– E a força principal de Korbolo vai fechar as mandíbulas no nosso rabo, sim. É por isso que o Punho está mandando os Cachorros Tolos na frente. Ele pediu que você se juntasse a eles. Será uma cavalgada difícil, senhor, mas sua égua está em boa forma. Mais em forma que a maioria, pelo menos.

Dois entalhes no alto das correias do torso dela, os ossos de seus ombros duros contra meus joelhos... Ainda assim, mais em forma que a maioria.

– Trinta quilômetros?

– Está mais para 40, senhor.

Uma simples cavalgada vespertina, em circunstâncias normais.

– É bem possível que cheguemos só para dar a volta e enfrentar uma investida.

– Eles estarão tão cansados quanto nós, senhor.

Nem metade do nosso cansaço, cabo, e nós dois sabemos disso. Pior, estaremos em menor número: um para três.

– Provavelmente será uma cavalgada memorável, então.

Lista assentiu, a atenção atraída pela floresta.

- Nunca vi tantas borboletas num só lugar.
 - Elas migram, como os pássaros.
 - Dizem que o rio está muito baixo.
 - Que bom.
 - Mas a travessia é estreita, em todo caso. A maior parte do rio atravessa um desfiladeiro.
 - Você cavalga da mesma maneira, cabo? Puxa de um lado, puxa do outro.
 - Só ajustando o peso das coisas, senhor.
 - O que suas visões revelam sobre o rio?
- A expressão de Lista ficou tensa.
- É uma fronteira, senhor. Do outro lado, jaz o passado.
 - E os círculos de pedra aqui nesta colina?
- O homem se sobressaltou, olhando para baixo.
- Pelo sopro do Encapuzado – resmungou.
- Em seguida, seu olhar encontrou o do historiador.
- Duiker deu um sorriso torto, pegando as rédeas.
- Vejo que os Cachorros Tolos já estão a caminho. Não seria bom deixá-los esperando por nós.

Um latido alto encheu o ar perto da vanguarda. Quando o historiador avançou a trote para se juntar aos oficiais reunidos, ficou surpreso ao ver, entre os cães pastores, um filhotinho de pelos compridos; seu pelo, antes perfeitamente bem cuidado, tinha se tornado um emaranhado confuso.

- Achei que esse rato já tivesse sido digerido por um dos cachorros – disse Duiker.

- Já estou desejando que tivesse – disse Lista. – Esse latido dói nos ouvidos. Olhe para ele, se mostrando de um lado para outro, como se mandasse na matilha inteira.

- Talvez mande. A atitude, cabo, tem certa eficácia que não deve ser

subestimada.

Coltaine deu a volta com o cavalo ao ouvi-los se aproximarem.

– Historiador. Mandei chamar mais uma vez o capitão da companhia de Engenheiros. Começo a acreditar que o homem não existe. Diga: você já o viu?

Duiker balançou a cabeça.

– Temo que não, embora tenham me assegurado que ele ainda está vivo, Punho.

– Quem assegurou?

O historiador franziu a testa.

– Eu... Eu não me lembro, para ser sincero.

– Exatamente. Fico pensando se, na verdade, os sapadores não possuem um capitão... e se preferem continuar assim.

– Seria uma farsa muito difícil de manter, Punho.

– Você acha que eles são incapazes de algo assim?

– Ah, não, senhor, de jeito nenhum.

Coltaine esperou, mas o historiador não tinha mais nada a dizer sobre o assunto. Depois de um momento, o Punho suspirou.

– Você cavalgaria com os Cachorros Tolos?

– Sim, Punho. Entretanto, peço que o cabo Lista permaneça aqui, com a coluna principal...

– Mas, senhor...

– Nem mais uma palavra, cabo – disse Duiker. – Punho, ele está tudo, menos curado.

Coltaine aquiesceu.

O cavalo de Bult emergiu entre o Punho e o historiador. A lança do veterano voou de sua mão, ganhando velocidade, num borrão, à medida que entrava na relva alta ao lado da trilha. O cachorrinho guinchou, alarmado, e fugiu correndo, saltitando como uma bola irregular de lama e palha.

– Pela maldição do Encapuzado! – rosnou Bult. – Outra vez!

– É claro que ele não vai sossegar, com vocês tentando matá-lo todos os

dias – comentou Coltaine.

– Você foi vencido no grito por um cachorrinho de estimação, tio? – perguntou Duiker, erguendo as sobrancelhas.

– Cuidado, velho – grunhiu o wickano de rosto marcado.

– Hora de vocês partirem – disse Coltaine a Duiker, com os olhos em uma recém-chegada.

O historiador se virou e viu Nether, pálida e murcha. Uma dor pungente ainda se mostrava em seus olhos escuros, mas a menina estava sentada ereta na sela. Tinha as mãos negras, incluindo a carne sob as unhas, como se tivessem sido mergulhadas em piche.

O pesar inundou o historiador e ele teve de desviar o olhar.

As borboletas se levantaram da trilha numa nuvem rodopiante quando o grupo alcançou a orla da floresta. Cavalos empinaram, alguns tropeçaram ao serem atingidos pelos que vinham atrás e o que pouco antes tinha sido uma cena de sublime beleza agora ameaçava se tornar um cenário de caos e ferimentos. Então, com as montarias derrapando e titubeando, atropelando-se e balançando a cabeça, vinte cães pastores dispararam, assumindo a liderança. Eles mergulharam nos enxames à frente; os insetos subiram, dividindo-se sobre a estrada.

Duiker, cuspiendo asas rasgadas que tinham gosto de giz, vislumbrou momentaneamente um dos cachorros. A visão o fez piscar e balançar a cabeça, incrédulo. *Não, não vi o que pensei ter visto. Absurdo.* O animal era aquele conhecido como Torto e parecia estar carregando na boca uma bola de pelos com quatro membros.

A ordem foi recuperada, os cachorros conseguiram limpar o caminho e o grupo retomou o galope brando. Logo Duiker entrou numa cadência estável. Não se ouviam os gritos, as brincadeiras ou as canções wickanas de costume, apenas o retumbar dos cascos e o sussurro fantasmagórico de centenas de milhares de asas de borboletas acariciando o ar acima deles.

A jornada se tornou surreal, assumindo um ritmo que parecia atemporal, como se abaixo e acima do barulho fluísse um rio de silêncio. Dos dois lados, as samambaias e as árvores mortas cediam espaço aos aglomerados de jovens cedros, muito poucos daquele lado do rio para que o lugar pudesse ser chamado de floresta. Das árvores maduras só restavam tocos. Os aglomerados se tornaram um mero pano de fundo, contra o qual o amarelo pálido ainda rodopiava, num movimento incessante. O alvoreço enchia a visão periférica de Duiker até fazer sua cabeça doer.

Iam conforme o passo dos cães pastores. Os animais se provavam incansáveis, em muito melhor forma que os cavalos e os cavaleiros que seguiam em sua esteira. Cada hora era marcada por um momento de descanso, em que se reduzia a velocidade das montarias a passo e as últimas reservas de água eram oferecidas, nas bolsas de couro fechadas com cera. Os cachorros esperavam, impacientes.

A trilha de comerciantes dava ao clã a melhor chance de alcançar a travessia primeiro. A cavalaria de Korbolo Dom atravessava os agrupamentos de jovens cedros, embora o que pudesse atrasá-los mais do que qualquer outra coisa fossem as borboletas.

Quando já haviam percorrido pouco mais de 20 quilômetros, um novo som os alcançou, vindo do oeste. Era um sussurro estranho, que a princípio Duiker mal foi capaz de perceber, até que sua irregularidade anormal o deixasse finalmente consciente do que se tratava. O historiador cutucou a montaria a fim de fazê-la avançar até o lado de Nether.

Ela lançou a ele um olhar furtivo de reconhecimento.

- Um mago está com eles, liberando o caminho.
- Então os Labirintos não estão mais em conflito.
- Já faz três dias que não, historiador.
- Como esse mago está destruindo as borboletas? Fogo? Vento?
- Não, ele simplesmente abre o Labirinto e elas somem lá dentro. Perceba como o tempo é maior entre cada esforço. O homem está se cansando.
- Bem, isso é bom.

Ela assentiu.

– Vamos alcançar a travessia antes deles? – perguntou ele.

– Acredito que sim.

Pouco depois, chegaram a uma segunda orla vazia. Do outro lado, rochas cravejavam a terra a leste e a oeste, criando uma linha irregular e recortada contra o céu cheio de insetos. Diretamente à frente, a trilha começava a descer uma encosta, acompanhando um pequeno monte de seixos, em cuja base havia uma vasta clareira. Depois dela se revelava um tapete amarelo aplainado de borboletas, avançando em massa para leste.

O rio Vathar. O cortejo fúnebre de insetos afogados até o mar.

A travessia em si era marcada por linhas gêmeas de pilares de madeira que sustentavam uma ponte sobre o rio. Cada pilar tinha farrapos amarrados, como os estandartes desbotados de um exército afogado. A jusante, a leste, pouco depois dos pilares, jazia um navio grande, ancorado, com a proa dentro da corrente.

Ao vê-lo, Nether soltou o ar por entre os dentes, sibilando, e Duiker sentiu o próprio tremor de inquietação.

O navio tinha sido queimado, imerso em fogo de uma ponta a outra. Estava inteiramente preto e nem uma borboleta sequer pousava nele. Os rastros dos remos – muitos deles rompidos – se projetavam em desalinho dos bordos da embarcação; aqueles que tinham lâminas estavam mergulhados na corrente e insetos mortos aderiam a eles aos montes.

O clã se dirigiu até a campina aberta que marcava aquele lado da travessia. Havia um toldo de lona em mastros próximos a um fogareiro pequeno, que ardia com uma fumaça infecta. Sob a tenda improvisada, estavam três homens sentados.

Os cães pastores os cercaram, mantendo uma distância segura.

Duiker estremeceu diante do latido repentino. *Deuses abaixo, eu não imaginei!*

O historiador e Nether pararam perto dos cachorros, que circulavam sem parar. Um dos homens sob o toldo, com o rosto e os antebraços com um

estranho matiz de bronze polido, se levantou do rolo de cordas sobre o qual estivera sentado e saiu da cobertura.

O cachorrinho avançou para ele, depois parou, patinando, parando de latir. O rabo de rato conseguiu dar um abano espasmódico.

O homem se agachou, pegou o cachorro, acariciou o animal atrás das orelhas sarnentas e encarou os wickanos.

– Então, quem alega estar no controle desse bando assustador? – perguntou em malazano.

– Eu – disse Nether.

O homem fechou a cara.

– Parece – resmungou ele.

Duiker franziu a testa. Havia algo muito familiar naqueles homens.

– O que isso quer dizer?

– Digamos apenas que já tive minha cota de meninas voluntárias. Sou o cabo Gesler e esta é nossa embarcação, o *Silanda*.

– Poucos escolheriam esse nome nos últimos tempos, cabo – disse o historiador.

– Não estamos querendo uma maldição. Este é o *Silanda*. Viemos nele... de um lugar longe daqui. Então, vocês são o que restou dos wickanos que aportaram em Hissar?

– Como vocês acabaram aqui, esperando por nós, cabo? – perguntou Nether.

– Não foi isso, menina. Estávamos fora da baía de Ubaryd, só que a cidade caiu e vimos mais de um barco hostil por perto. Então a gente se enfiou aqui, planejando fazer a travessia à noite. Decidimos ir até Aren...

– Pelo sopro do Encapuzado! – exclamou Duiker. – Vocês são os soldados navais da vila! Na noite da rebelião...

Gesler fechou a cara para o historiador.

– Você era aquele com Kulp, não era?

– É, é ele – disse Tempestade, levantando-se de seu banquinho e se aproximando. – Pelo casco de Fener, nunca pensei que fosse vê-lo outra vez.

– Imagino que vocês tenham uma bela história para contar – conseguiu dizer Duiker.

O veterano abriu um sorriso largo.

– Você acertou.

– Cabo Gesler, vocês são em quantos? – perguntou Nether, com os olhos no *Silanda*.

– Três.

– E a tripulação do navio?

– Morta.

Se não estivesse tão exausto, o historiador teria notado certa *secura* naquela resposta.

Os oitocentos cavaleiros de guerra do clã dos Cachorros Tolos montaram três currais no meio da clareira depois estabeleceram as defesas do perímetro. Batedores derrubaram os aglomerados de cedros a oeste, voltando quase imediatamente com notícias de que o destacamento avançado de Korbolo Dom tinha chegado. Armas foram deixadas de prontidão, numa linha externa de defesa, enquanto o resto dos guerreiros continuava a preparar os entrincheiramentos.

Duiker desmontou perto do toldo, bem como Nether. Quando Verdade se juntou a Tempestade e Gesler do lado de fora do toldo, Duiker viu que todos compartilhavam o mesmo tom bronze de pele. Os três estavam sem barba e o alto de suas cabeças trazia os pelos duros do cabelo que acabava de nascer.

Apesar do coro de perguntas apinhando seus pensamentos, os olhos do historiador se mantinham sobre o *Silanda*.

– Não sobraram as velas, cabo. Está sugerindo que vocês três são capazes de tripular tanto os remos quanto o leme?

Gesler se virou para Tempestade.

– Apronte as armas. Esses wickanos já estão desgastados até os ossos.

Verdade, para o bote, podemos precisar tirar o traseiro daqui depressa. – Ele encarou o historiador. – O *Silanda* vai sozinho, pode-se dizer assim. Mas duvido que tenhamos tempo para explicar. Essa turba de gentalha wickana está nas últimas, ao que parece. Podemos conseguir levar uns cem, se você não tiver problemas com a companhia...

– Cabo – rosnou Duiker –, essa “turba de gentalha” é parte do Sétimo. Vocês são soldados navais...

– Guarda Costeira, lembra? Não estamos oficialmente no Sétimo. E não me importa se você é o irmão há muito perdido de Kulp: se quiser usar esse tom comigo, é melhor começar a me contar sobre como perdeu tragicamente o seu uniforme. Talvez assim eu engula e comece a chamá-lo de “senhor”. Ou talvez eu não engula e você termine com o nariz esmagado.

Duiker piscou. *Parece que me lembro de termos passado por algo assim antes.* Depois, continuou devagar:

– Vocês são soldados navais e o Punho Coltaine pode muito bem se interessar pela sua história. Como historiador imperial, eu também. Os destacamentos costeiros tinham sede em Sialk, o que quer dizer que seu comandante é o capitão Bonança. Sem dúvida ele também vai querer ouvir o seu relato. Por fim, o resto do Sétimo e dois clãs wickanos adicionais estão a caminho daqui, junto com cerca de 45 mil refugiados. Cavalheiros, de onde quer que vocês tenham vindo, aqui estão, o que quer dizer que voltaram a fazer parte do Exército Imperial.

Tempestade deu um passo à frente, estreitando os olhos para Duiker.

– Kulp tinha muito a dizer a seu respeito, historiador, embora não consiga me lembrar se havia alguma coisa boa no meio. – Ele hesitou e, então, aninhou a besta num dos braços e estendeu a mão grossa e sem pelos. – Mesmo assim, sonhei em encontrar o desgraçado culpado por tudo que passamos, embora o que eu quisesse fosse ter certo velho mal-humorado conosco, só para poder embrulhá-lo bem direitinho e enfiá-lo na sua goela.

– Isso tudo dito com muito carinho – disse Gesler, falando arrastado.

Duiker ignorou a mão estendida e, passado um momento, o soldado a

recolheu, dando de ombros.

– Preciso saber o que aconteceu com Kulp – disse o historiador, baixo.

– Nós gostaríamos de saber também – disse Tempestade.

Dois dos chefes de guerra do clã desceram para falar com Nether. Ela franziu a testa ao ouvir as palavras deles. Duiker tirou sua atenção dos soldados navais.

– O que está havendo, Nether?

Ela gesticulou e os chefes de guerra recuaram.

– A cavalaria está montando acampamento rio acima, a menos de trezentos passos de distância. Não estão se preparando para atacar. Começaram a derrubar árvores.

– Árvores? Os dois lados são penhascos altos, lá em cima.

Ela assentiu.

A menos que estejam simplesmente construindo uma paliçada, não uma ponte flutuante, o que seria inútil, em todo caso. Eles não estão esperando unir os dois lados do desfiladeiro, estão?

– Poderíamos levar o bote contra a correnteza para dar uma olhada mais de perto – disse Gesler, atrás deles.

Nether se virou, fixando olhos duros sobre o cabo.

– O que há de errado com a sua embarcação? – exigiu saber, num tom febril.

Gesler deu de ombros,

– Foi um pouco chamuscada, mas ainda está em condições de navegar pelo mar.

Ela não respondeu e seu olhar se manteve firme.

O cabo fez uma careta, levou a mão para baixo de seu queixo queimado e pegou um apito de osso que pendia de um cordão em seu pescoço.

– A tripulação está morta, mas isso não os deixa nem um pouco mais vagarosos.

– As cabeças deles foram cortadas – disse Tempestade com um sorriso vivo, procurando assustar o historiador. – Não se pode segurar bons

marinheiros, é o que eu sempre digo.

– A maioria tiste andii – acrescentou Gesler. – Só um punhado de humanos. E alguns outros, na cabine... Tempestade, do que Heboric os chamou?

– Tiste edur, senhor.

Gesler aquiesceu, com a atenção voltada ao historiador.

– Sim, nós e Kulp tiramos Heboric da ilha, como você queria. Ele e outros dois. A má notícia é que os perdemos numa tempestade...

– Caíram do barco? – grasnou Duiker, com os pensamentos um turbilhão. – Estão mortos?

– Bem, não dá para ter certeza disso – disse Tempestade. – Não sei se caíram na água quando pularam pela amurada. A gente pegou fogo, sabe? E pode ser que a gente estivesse em cima de ondas molhadas, mas pode ser que não.

Uma parte do historiador queria estrangular os dois homens, amaldiçoando o amor glorioso e excruciante que os soldados tinham por eufemismos. A outra parte, chocada e meio tonta pelo que ele estava ouvindo, o derrubou com um baque duro no chão lamacento, atapetado com borboletas.

– Historiador, vá com esses marinheiros no bote – disse Nether. – Mas se certifique de ficar bem longe da costa. O mago deles está exausto, então vocês não precisam se preocupar com ele. Preciso entender o que está acontecendo.

Ah, concordamos nisso, menina.

Gesler estendeu a mão e levantou Duiker gentilmente.

– Venha conosco agora, senhor, e Tempestade vai contar tudo enquanto estamos nessa. Não é que sejamos modestos, sabe? Somos só estúpidos.

Tempestade grunhiu.

– Então, quando eu acabar, você pode nos contar como Coltaine e todo o resto conseguiram viver tanto. Essa, sim, será uma história que vale a pena ouvir.

– São as borboletas, sabe? – grunhiu Tempestade ao puxar os remos. – Trinta centímetros sólidos delas, avançando mais devagar que a corrente abaixo. Sem isso, não conseguiríamos subir nada.

– Já remamos através de coisa pior – acrescentou Gesler.

– Eu imaginei – declarou Duiker.

Fazia mais de uma hora que estavam sentados no pequeno barco a remo. Nesse tempo, Tempestade e Verdade haviam conseguido puxá-los pouco mais de 150 passos contra a corrente, em meio ao espesso lodo de borboletas afogadas. A margem norte subiu rápido, tornando-se um penhasco íngreme adornado por trepadeiras e videiras, que cobriam sua face esburacada. Eles se aproximavam de uma curva acentuada no desfiladeiro, criada por um desmoronamento recente naquele lado.

Tempestade contou a história, demonstrando suas pobres habilidades narrativas. E era justamente sua óbvia falta de imaginação que atestava a veracidade do que estava sendo narrado. A Duiker restou a sombria tarefa de tentar compreender o significado de tudo que aqueles soldados haviam testemunhado. Parecia claro que os três homens tinham sido mudados pelo Labirinto de fogo a que haviam sobrevivido, indo muito além da estranha coloração de suas peles. Tempestade e Verdade eram incansáveis nos remos e puxavam com uma força que se igualava à do dobro de homens. Duiker tanto temia quanto ansiava por subir a bordo do *Silanda*. Mesmo sem a sensibilidade aumentada por magia de Nether, a aura de terror que emanava daquela embarcação atormentava os sentidos do historiador.

– Vai ver, senhor – disse Gesler.

Haviam passado a curva esquisita do rio. A lateral desmoronada do penhasco estreitava o canal, criando uma torrente agitada com espuma branca. Uma dúzia de cordas retesadas unia uma margem à outra, a uma altura de mais de 10 metros. Presos em correias, vários arqueiros ubareses atravessavam o precipício.

– Presas fáceis – disse Gesler, do leme. – E Tempestade é o cara para a tarefa. Você consegue nos manter no lugar, Verdade?

– Posso tentar – respondeu o jovem.

– Esperem – pediu Duiker. – É melhor não atçar esse ninho de vespas, cabo. Nossa força avançada lá atrás está em número muitíssimo menor. Além disso, olhe para o outro lado. Pelo menos cem soldados já atravessaram. – Ele se calou, pensativo.

– Se eles estivessem derrubando árvores, não seria pra construir uma ponte – resmungou o cabo, estreitando os olhos na direção da beira do penhasco norte, onde silhuetas apareciam de vez em quando. – Alguém foi encarregado só de vir nos espiar, senhor.

O olhar de Duiker também se estreitou na direção de uma das silhuetas.

– Provavelmente o mago. Bem, se não resolvermos morder primeiro, com sorte ele também não vai.

– Mas é um bom alvo – refletiu Gesler.

O historiador balançou a cabeça.

– Vamos voltar, cabo.

– Sim, senhor. Vamos embora, garotos.

O grosso das forças de Korbolo Dom já tinha chegado, posicionando-se dos dois lados do leito do rio. A floresta esparsa desaparecia depressa à medida que cada árvore disponível era derrubada, tendo os galhos arrancados e os troncos carregados para dentro do acampamento. Uma terra de ninguém de menos de setenta passos separava as duas forças. A trilha de comerciantes tinha sido deixada aberta.

Duiker encontrou Nether sentada de pernas cruzadas sob o toldo, com os olhos fechados. O historiador esperou, suspeitando que ela estivesse em comunicação com Sormo. Depois de alguns minutos, ela suspirou.

– Quais as notícias? – perguntou a garota, ainda de olhos fechados.

– Eles amarraram cordas para cruzarem o desfiladeiro, enviando arqueiros para o outro lado. O que está acontecendo, Nether? Por que Korbolo Dom ainda não atacou? Ele poderia nos esmagar sem derramar

uma gota sequer de suor.

– Coltaine está a menos de duas horas de distância. Parece que o comandante inimigo quer esperar por ele.

– Ele deveria ter aprendido alguma coisa com a arrogância de Kamist Reloe.

– Um novo Punho e um Punho renegado... Você se surpreende que Korbolo Dom queira fazer dessa contenda algo pessoal?

– Não, mas com certeza isso explica por que a imperatriz Laseen dispensou Dom.

– O Punho Coltaine foi escolhido no lugar dele. Na verdade, a imperatriz já tinha deixado claro que Korbolo não avançaria mais no Comando Imperial. O renegado sente que tem algo a provar. Com Kamist Reloe, enfrentamos batalhas de força bruta. Mas, agora, veremos batalhas de inteligência.

– Se Coltaine vier até nós, estará entrando nas mandíbulas de um dragão. Isso está claro.

– Ele virá.

– Então talvez a arrogância tenha amaldiçoado os dois comandos.

Nether finalmente abriu os olhos.

– Onde está o cabo?

Duiker deu de ombros.

– Em algum lugar. Não muito longe.

– O *Silanda* deverá levar quantos soldados feridos ele conseguir carregar. Quero dizer, os que podem ser curados. Até Aren. Coltaine quer saber se você deseja acompanhá-los, historiador.

Nada de arrogância, então, só uma aceitação fatal. Duiker sabia que deveria ter hesitado, dado um tempo para que pudesse refletir sobriamente sobre a questão. No entanto, ouviu sua voz responder:

– Não.

Ela assentiu.

– Ele sabia que você responderia assim, e que o faria rápido. – Franzindo

a testa, ela buscou o rosto de Duiker. – Como Coltaine sabe essas coisas?

Duiker ficou chocado.

– Você pergunta para mim? Pelo sopro do Encapuzado, menina, o homem é um wickano!

– E não é um enigma menor para nós por isso, historiador. Os clãs fazem o que ele manda, sem questionar. Não é uma certeza compartilhada ou um entendimento mútuo que dá origem ao nosso silêncio. É admiração.

Duiker não podia responder a isso. Apenas deu-lhe as costas, com os olhos atraídos pelos borrões amarelo-claros que varriam o céu. *Estão migrando. Criaturas de instinto. Um irrefletido mergulho mortal, em correntes igualmente fatais. Uma dança bonita e horripilante para o Encapuzado, cada passo cuidadosamente planejado. Cada passo...*

O Punho chegou na escuridão; os guerreiros do clã dos Corvos avançaram, deslizando para estabelecer um corredor. Por ele, a vanguarda veio cavalgando, seguida pelas carroças sobrecarregadas com os feridos escolhidos para viajarem no *Silanda*.

Coltaine, com o rosto esquelético e enrugado pela exaustão, avançou a passos largos para onde Duiker, Nether e Gesler aguardavam, perto do toldo. Atrás do Punho vinham Bult, os capitães Bonança e Sulmar, o cabo Lista e os bruxos Sormo e Nil.

Bonança foi até Gesler. O soldado naval fechou a cara.

– Você não está tão bonito quanto eu lembrava, senhor.

– Eu o conheço pela reputação, Gesler. Primeiro capitão, depois sargento, agora cabo. Suas botas estão viradas para o céu nessa escada...

– E enfiei a cabeça em merda de cavalo, sim, senhor.

– Restaram dois do seu pelotão?

– Bem, oficialmente apenas um, senhor. O garoto é tipo um recruta, mas não foi propriamente admitido. Então, só eu e Tempestade, senhor.

– Tempestade? Não o Tempestade ajudante do Punho de Cartheron...

– Era uma vez...

– Pelo sopro do Encapuzado! – Bonança virou para Coltaine. – Punho, temos aqui dois da velha guarda do imperador... como guardas costeiros.

– Era um posto sossegado, senhor. Até a rebelião, pelo menos.

Bonança soltou a correia de seu elmo, tirou a proteção da cabeça e passou a mão pelo cabelo ralo, empapado de suor. Encarou Gesler outra vez.

– Chame seu garoto aqui, cabo.

Gesler gesticulou e Verdade apareceu. Bonança fez uma carranca.

– Você agora está oficialmente nos soldados navais, garoto.

Verdade bateu continência, com o polegar retraído, prendendo o dedo mindinho.

Bult bufou. A carranca do capitão Bonança aumentou.

– Onde é que... Ah, deixa pra lá. – Ele se dirigiu a Gesler e Tempestade: – Quanto a você e Tempestade...

– Se você nos promover, senhor, eu vou dar um soco no que sobrou da sua cara. E provavelmente Tempestade vai dar mais alguns chutes enquanto você estiver caído... senhor. – Depois de falar, Gesler sorriu.

Bult tirou Bonança do caminho, postou-se cara a cara com o cabo e seus narizes quase se tocaram.

– E você me daria um soco também, cabo? – sibilou o comandante.

O sorriso de Gesler não vacilou.

– Sim, senhor. E que o Encapuzado me leve, mas eu dou um puxão na calcinha do Punho também, se você pedir com jeitinho.

Houve um momento de silêncio.

Coltaine caiu na gargalhada. Aquilo foi tão chocante que Duiker e os outros se viraram para encarar o wickano.

Resmungando, sem poder acreditar, Bult se afastou de Gesler, encontrou o olhar do historiador e simplesmente balançou a cabeça.

A risada de Coltaine fez os cachorros uivarem com selvageria. Os animais de repente estavam próximos, amontoando-se como fantasmas pálidos.

Animado pela primeira vez e ainda rindo, Coltaine virou para o cabo.

– E o que Cartheron Crosta teria dito diante disso, soldado?

– Ele teria me dado um soco na...

Gesler não conseguiu dizer mais nada, pois o punho de Coltaine avançou e atingiu o cabo bem no nariz. A cabeça do soldado voou para trás e seus pés deixaram o chão. Ele caiu de costas com um baque pesado. Coltaine girou, segurando a mão como se tivesse esmurrado um muro de pedra.

Sormo se adiantou e segurou o pulso do Punho a fim de examinar a mão.

– Espíritos abaixo, está quebrada!

Todos os olhos se voltaram para o cabo, que agora estava sentado com sangue vertendo do nariz.

Tanto Nil quanto Nether sibilaram, atirando-se para longe do homem. Duiker agarrou o ombro de Nether e a virou.

– O que foi, mocinha? O que há de errado?

Nil respondeu, e sua voz era um sussurro:

– *Aquele sangue... Aquele homem quase ascendeu!*

Gesler não ouviu o comentário. Seu olhar estava em Coltaine.

– Acho que vou aceitar a promoção agora, Punho – disse ele, através dos lábios rachados.

– *Quase ascendeu. Mas o Punho...*

Ambos os bruxos agora encaravam Coltaine e, pela primeira vez, Duiker pôde ver claramente a admiração em suas expressões.

Coltaine abriu o rosto de Gesler. Gesler, um homem à beira da Ascendência... E para onde? O historiador pensou em Tempestade e Verdade remando no bote... Sua força extraordinária, a história do Labirinto em chamas... *Abismo Abaixo, todos os três... E... Coltaine?*

Havia tanta confusão em meio ao grupo que ninguém ouviu a aproximação de cavalos, até o cabo Lista grunhir:

– Comandante Bult, temos visitas.

Viraram-se, à exceção de Coltaine e Sormo, para ver meia dúzia de

cavaleiros de guerra dos Corvos cercando um oficial ubarês que usava uma armadura incrustada de escamas de prata. Barba e bigode envolviam o rosto escuro do estrangeiro, com os cachos tingidos de preto. Estava desarmado, com as duas mãos para os lados e as palmas viradas para a frente.

– Trago saudações de Korbolo Dom, o mais humilde servo de Sha'ik, comandante do Exército Sul do Apocalipse, ao Punho Coltaine e aos oficiais do Sétimo.

Bult deu um passo à frente, mas foi Coltaine, agora ereto, mantendo a mão quebrada nas costas, que falou:

– Nossos agradecimentos por isso. O que ele quer?

Outro punhado de pessoas correu para a reunião e Duiker fechou a cara ao reconhecer Nethpara e Pullyk Alar à frente delas.

– Korbolo Dom deseja apenas a paz, Punho Coltaine. Como prova de sua honra, ele poupou seus cavaleiros wickanos que chegaram a esta travessia hoje mais cedo, quando poderia tê-los destruído completamente. O Império Malazano já foi alijado de seis das Sete Cidades Sagradas. Todas as terras ao norte daqui agora são livres. Gostaríamos de ver o fim da carnificina, Punho. A independência de Aren pode ser negociada, com ganhos para o tesouro da imperatriz Laseen.

Coltaine não disse nada.

O emissário hesitou. Em seguida, continuou:

– Como mais uma prova de nossas intenções pacíficas, a travessia dos refugiados para a margem sul não será impedida. Afinal, Korbolo Dom bem sabe que essas unidades causam grande dificuldade para você e suas tropas. Seus soldados podem defender a si mesmos muito bem, nós todos vimos, para sua glória. Na verdade, nossos soldados cantam em honra de sua façanha. Vocês de fato são um exército digno de desafiar nossa deusa. – Ele fez uma pausa, virando sobre a sela para olhar os nobres reunidos. – Mas esses cidadãos valiosos, ah, esta guerra não é deles. – Ele encarou Coltaine outra vez. – Sua jornada pelos descampados além da floresta já será bastante difícil. Não vamos persegui-los apenas para aumentar suas tribulações,

Punho. Vá em paz. Envie os refugiados para o outro lado do Vathar amanhã e vocês verão por si mesmos a misericórdia de Korbolo Dom, sem arriscar seus soldados.

Pullyk Alar se adiantou.

– O Conselho confia na palavra de Korbolo Dom quanto a isso – anunciou ele. – Dê-nos a permissão para atravessarmos amanhã, Punho.

Duiker franziu a testa. *Houve comunicação.*

O Punho ignorou o nobre.

– Leve as seguintes palavras de volta a Korbolo Dom, emissário: a oferta foi rejeitada. Não tenho mais nada a dizer.

– Mas, Punho...

Coltaine deu-lhes as costas e sua capa de penas esfarrapada brilhou como escamas de bronze à luz do fogo.

Os cavaleiros de guerra dos Corvos cercaram o emissário e forçaram a montaria do homem a dar a volta.

Pullyk Alar e Nethpara avançaram na direção dos oficiais.

– Ele deve reconsiderar!

– Saiam de nossas vistas – grunhiu Bult –, ou eu arrancarei o couro de vocês e farei uma nova tenda. Saiam!

A dupla de nobres recuou.

Bult olhou feio à sua volta, até encontrar Gesler.

– Apronte seu navio, capitão.

– Sim, senhor.

Tempestade resmungou ao lado do historiador:

– Isso não cheira nada bem, senhor.

Duiker assentiu devagar.

Leoman os guiou com destreza pela planície argilosa, através da escuridão impenetrável, rumo a outro esconderijo de provisões, armazenadas sob uma única placa de calcário. Enquanto ele desembulhava o pão duro, a carne e as

frutas secas, Felisin se sentou no chão frio e envolveu o próprio tronco com os braços, na tentativa de parar de tremer. Heboric se colocou a seu lado.

– Ainda sem sinal do toblakai. Com a sorte de Oponn, a esta altura os pedaços dele estarão fermentando no estômago daquele soletaken.

– Ele luta como nenhum outro – disse Leoman, dividindo a comida. – E foi por isso que Sha'ik o escolheu...

– Um óbvio erro de cálculo – atalhou o ex-sacerdote. – A mulher está morta.

– O terceiro guardião dela teria impedido que isso acontecesse, mas Sha'ik abriu mão de seu poder sobre ele. Tentei fazê-la mudar de ideia, mas falhei. Tudo estava previsto, cada um de nós preso a seu respectivo papel.

– Conveniente, isso. Diga uma coisa: a profecia é clara a respeito do fim da rebelião? Estamos enfrentando uma era triunfante, de Apocalipse eterno? Admito que aqui há uma contradição, mas não se importe.

– Raraku e Dryjhna são um só – disse Leoman. – Tão eternos quanto o caos e a morte. O seu Império Malazano é apenas uma breve explosão, já evanescente. Nascemos da escuridão e à escuridão retornaremos. Essas são verdades que você teme e, em seu temor, desmerece.

– Não sou marionete de ninguém – rosnou Felisin. A única resposta de Leoman foi uma risada baixa. Ela completou: – E, se isso é necessário para que eu me torne Sha'ik, então é melhor você voltar para aquele cadáver podre no portal e esperar mais alguém aparecer.

– Tornar-se Sha'ik não abalará suas ilusões de independência – disse Leoman. – A menos, é claro, que você assim deseje.

Ouçá-nos. Escuro demais para enxergar qualquer coisa. Não passamos de três vezes sem corpo, numa contra-argumentação inútil, aqui nesse cenário deserto. O Raraku sagrado zomba de nossa carne, faz com que não sejamos mais que sons em guerra com um vasto silêncio.

Passos baixos se aproximaram.

– Venha comer! – gritou Leoman.

Algo bateu no chão ao lado de Felisin com um som úmido. O fedor de

carne crua subiu até ela.

– Um urso de pelo branco – ressoou o toblakai. – Por um momento, sonhei que havia voltado ao meu lar, em Laederon. Nethaur, é como chamamos essas feras. Mas lutamos em meio a areia e rochas, não neve e gelo. Eu trouxe a pele, a cabeça e as garras, porque a fera tinha o dobro do tamanho de qualquer outra que já vi.

– Ah, mal posso esperar para a luz do dia chegar – falou Heboric.

– A próxima aurora é a última antes do oásis – disse o selvagem gigante a Leoman. – Ela deve realizar o ritual.

O silêncio se abateu sobre eles.

Heboric pigarreou.

– Felisin...

– Quatro vozes – sussurrou ela. – Sem osso, sem carne, apenas esses sons fracos que se declaram. Quatro pontos de vista. O toblakai é pura fé, mas um dia ele a perderá por inteiro...

– Começou – murmurou Leoman.

– E Heboric, o sacerdote rendido sem fé, que um dia a redescobrirá. Leoman, o mestre enganador, que vê o mundo com olhos mais cínicos que Heboric em sua cegueira conveniente, mas sempre olhando a escuridão à procura de... esperança. E, finalmente, Felisin. Ah, quem é essa mulher em roupas de criança? Prazeres da carne desprovidos de prazer. “Eus” entregues, um após outro. Ansiando bondade por trás de cada palavra cruel que profere. Não crê em nada. Um recipiente vazio, limpo pelo fogo. Heboric possui mãos invisíveis e o que elas agarram agora é um poder e uma verdade que ele ainda não consegue sentir. As mãos de Felisin... Ah, elas agarraram e tocaram, ficaram pegajosas e imundas, mas não seguraram nada. A vida desliza direto por elas, como por um fantasma. Tudo estava incompleto, Leoman, até Heboric e eu virmos até você. Você e seu trágico companheiro infante. O Livro, Leoman.

Ela o ouviu remover os fechos, até o tomo ser libertado de seu invólucro de couro.

– Abra-o – disse ela.

– Você deve abri-lo... E nem é a aurora! O ritual...

– Abra-o.

– Você...

– Onde está sua fé, Leoman? Você não entende, não é? O teste não é apenas meu. É de todos nós. Aqui. Agora. Abra o Livro, Leoman.

Ela ouviu a respiração áspera dele, ouviu-a diminuir o ritmo, ouviu-a ser abrandada por uma vontade feroz. A capa de pele crepitou baixo.

– O que você vê, Leoman?

Ele grunhiu.

– Nada, é claro. Não há luz.

– Olhe outra vez.

Ela ouviu o homem e os outros arquejarem. Um brilho da cor de fios de ouro tinha começado a emanar do Livro de Dryjhna. De todos os lados veio um sussurro distante, seguido de um rugido.

– O Furacão desperta, mas não aqui, não no coração do Raraku. O Livro, Leoman. O que você vê?

Ele estendeu a mão para trocar a primeira página. Virou-a, depois a seguinte, depois a seguinte.

– Mas não é possível... Está em branco! Todas as páginas estão em branco!

– Você vê o que vê, Leoman. Feche o Livro e o dê ao toblakai, agora.

O gigante se aproximou com cautela, agachando-se. Suas mãos imensas e sujas de sangue aceitaram o Livro. Ele não hesitou.

Uma luz quente banhou seu rosto ao olhar a primeira página. Ela viu lágrimas encherem seus olhos e escorrerem, deixando rastros tortos em suas bochechas cheias de cicatrizes.

– Tamanha beleza... – sussurrou ela. – E a beleza faz você chorar. Você sabe por que sente tanto pesar assim? Não, ainda não. Um dia... Feche o Livro, toblakai.

– Heboric...

– Não.

Leoman desembainhou um punhal, mas foi acalmado pela mão de Felisin.

– Não – repetiu o ex-sacerdote. – Meu toque...

– Sim – disse ela. – *Seu toque.*

– Não.

– Você já foi testado antes, Heboric, e falhou. Ah, e *como* falhou. Você teme falhar de novo...

– Eu não temo, Felisin. – O tom de Heboric soou cortante, seguro. – Temor é o que menos sinto. Não serei parte desse ritual nem arriscarei colocar as mãos nesse Livro maldito.

– O que importa se ele abrir o Livro? – grunhiu o toblakai. – Está tão cego quanto um enkar'al. Deixe-me levá-lo, Sha'ik Renascida. Que o sangue dele sele este ritual.

– Faça.

O toblakai se moveu rápido, num borrão. A espada de madeira pareceu quase invisível em seu golpe direcionado à cabeça de Heboric. Se a tivesse atingido, teria esmigalhado o crânio do velho, espalhando os pedaços por dez passos ou mais. Em vez disso, as mãos de Heboric dardejaram, uma da cor de sangue seco, a outra animalesca, com as costas peludas como a de animais. Ambas se ergueram para interceptar o movimento e as duas se fecharam nos pulsos do gigante, interrompendo completamente o ataque. A espada de madeira voou das mãos do toblakai, sumindo na escuridão, para além do brilho pálido do Livro.

O gigante grunhiu de dor.

Heboric soltou os pulsos do toblakai, agarrou-o pelo pescoço e pelo cinto e, num impulso, o atirou na escuridão. Ouviram um baque quando o gigante atingiu o chão, e a argila tremeu sob seus pés.

Heboric cambaleou para trás, com o rosto contorcido de choque, e a fúria ardente que envolveu suas mãos piscou e sumiu.

– Pudemos ver, então – contou Felisin a ele. – Suas mãos. Você nunca foi

desamparado, Heboric, não importa no que os sacerdotes acreditavam quando fizeram o que fizeram. Você estava simplesmente sendo *preparado*. – O velho caiu de joelhos e ela continuou: – E assim a fé de um homem renasce. Saiba: Fener jamais arriscaria entronizar você e somente você, Heboric Toque Leve. Pense nisso e fique em paz...

Na escuridão, o toblakai gemeu. Felisin ficou em pé.

– Eu pegarei o Livro agora, Leoman. Que venha a aurora.

Felisin, entregando-se uma vez mais. Refeita. Renascida. Será esta a última vez? Ah, não, com certeza não.

Faltava uma hora para amanhecer quando Icarium guiou os outros até os limites do Labirinto. Apoiando o cabo de sua besta no quadril, Violinista passou o lampião a Crokus, olhando para Mappo em seguida. O trell deu de ombros.

– A barreira é opaca. Nada do que há do outro lado é visível.

– Eles não sabem nada do que está por vir – sussurrou Iskaral Pust. – Uma eterna explosão de dor... Mas devo desperdiçar palavras para preveni-los? Não, não mesmo, nunca. Palavras são preciosas demais para serem desperdiçadas, por isso meu silêncio recatado, enquanto eles hesitam num surto de ignorância imóvel.

Violinista gesticulou com a besta.

– Você primeiro, Pust.

O sumo sacerdote ficou boquiaberto.

– Eu? – guinchou. – Você está louco? – Ele abaixou a cabeça. – Eles foram enganados outra vez, até aquele arremedo deformado de soldado. Ah, isso é fácil demais!

Bufando, Crokus se adiantou, erguendo bastante o lampião. Ele atravessou a barreira, sumindo diante dos outros. Icarium o seguiu imediatamente.

Com um grunhido, Violinista fez um gesto para que Iskaral Pust

avançasse.

Quando os dois desapareceram, Mappo se virou para Apsalar e o pai.

– Vocês dois já o atravessaram antes – disse ele. – A aura do Labirinto se agarra a ambos.

Rellock assentiu.

– A trilha falsa. Tínhamos de nos certificar dos d'ivers e dos soletaken.

O trell voltou o olhar para Apsalar.

– Que Labirinto é este?

– Não sei. Ele foi mesmo despedaçado. Há poucas esperanças de descobrir sua natureza, dado o estado em que se encontra. E minhas lembranças não me dizem nada sobre um Labirinto tão destruído assim.

Mappo suspirou, fazendo um movimento circular com os ombros para aliviar a tensão que tinha tomado conta de seus músculos.

– Ah, bem, por que presumir que os Labirintos Ancestrais que conhecemos são os únicos que existiram? Tellann, Omtose Phellack, Kurald Galain...

Uma mudança na pressão do ar marcava a barreira. Mappo engoliu em seco e sentiu a pressão nos tímpanos. Piscou e seus sentidos lutaram para lidar com a inundação que se abateu sobre eles. O trell estava com os outros numa floresta de árvores gigantescas, uma mistura de abetos, cedros e sequoias, todas espessamente envoltas por musgo. Luz solar tingida de azul se infiltrava pelas copas. O ar cheirava a vegetação apodrecida e insetos zumbiam. A beleza etérea do cenário desceu sobre Mappo como um bálsamo refrescante.

– Não sei o que eu esperava, mas certamente não era isso – resmungou Violinista.

À frente do grupo, uma dolomita grande e arredondada, mais alta que Icarium, se erguia acima de um aglomerado de folhas. A luz do sol a banhava de um verde pálido, fazendo aparecerem as sombras de sulcos, de buracos e de outras formas esculpidas em sua superfície.

– O sol nunca se move – disse Apsalar, ao lado do trell. – A luz está

sempre nesse ângulo, o único que torna aqueles entalhes visíveis para nós.

A base e as laterais da rocha eram uma massa de pegadas de mãos e patas, todas cor de sangue.

O Caminho das Mãos. Mappo virou para Iskaral Pust.

– Mais uma das suas artimanhas, sumo sacerdote?

– Uma rocha sozinha numa floresta? Livre de líquens e musgos, embranquecida pelo sol rigoroso de outro mundo? O trell é estúpido além dos limites, mas ouça só! – Ele ofereceu a Mappo um largo sorriso. – Absolutamente não! Como eu poderia mover um edifício desses? E olhem para esses entalhes antigos, esses buracos e espirais... Como essas coisas poderiam ser falsificadas?

Icarium tinha avançado e agora estava parado diante da rocha. Acompanhava o rastro irregular de um dos sulcos.

– Não, eles são reais mesmo. Mas são Tellann, do tipo que você encontraria num local sagrado dos t'lan imass, e a rocha geralmente coroaria o cume de uma colina, numa tundra ou planície. É claro que eu não esperaria que os d'ivers e os soletaken tivessem noção de tamanha incongruência...

– É claro que não! – explodiu Iskaral, em seguida franzindo a testa para o jhag. – Por que você parou?

– Como poderia fazer diferente? Você me interrompeu...

– Mentira! Mas não, vou enfiar minha indignação numa sacola, uma sacola como a curiosa mochila que o trell carrega. Que mochila curiosa, essa! Existe outro fragmento aprisionado dentro dela? A possibilidade é... possível. Uma probabilidade provável, uma certeza certa! Preciso dar um sorriso ingênuo para o jhag para mostrar minha paciência com seu insulto sórdido, pois sou um homem melhor do que ele, ah, sim. Com toda essa afetação, essa postura, seus apartes mal disfarçados... Ouça! – Iskaral Pust virou, estreitando os olhos para a floresta do outro lado da rocha.

– Você ouviu alguma coisa, sumo sacerdote? – perguntou Icarium calmamente.

– Ouvir, aqui? – Pust fechou a cara. – Por que me pergunta isso?
– Até onde vocês entraram nessa floresta? – perguntou Mappo a Apsalar.
Ela balançou a cabeça. *Não muito longe.*

– Eu vou na frente – disse Violinista. – Por aqui direto, presumo, depois da rocha?

Ninguém deu outra sugestão.

Partiram com Violinista na frente. A besta ia pronta e apoiada na altura do quadril, armada com uma seta moranthiana. Icarium ia em seguida, com o arco ainda preso às costas e a espada embainhada. Pust, Apsalar e seu pai vinham atrás. Depois, Crokus, alguns passos à frente de Mappo: a retaguarda da coluna.

Mappo não tinha tanta certeza se seria capaz de responder tão rápido quanto o jhag e, por isso, tirou a clava de osso da mochila. *Eu realmente carrego um fragmento deste mesmo Labirinto dentro dessa tralha esfarrapada? Como vão minhas vítimas infelizes, então? Talvez eu as tenha enviado ao paraíso... Um pensamento para aliviar minha consciência...*

O trell já tinha viajado por florestas antes, e aquela não era muito diferente. Os sons de pássaros eram poucos e bastante espaçados e, fora os insetos, as árvores e as plantas, não havia outro sinal de vida. Seria fácil soltar as rédeas da imaginação em um lugar assim, se alguém tivesse tal inclinação, a fim de moldar uma espécie de presença inquietante a partir daquela atmosfera tão primitiva. *Um lugar adequado a lendas sombrias, para nos reduzir a nada mais que crianças, tremendo de medo ao ouvirmos histórias de terror... Ah, que bobagem! A única coisa inquietante aqui sou eu.*

Sob seus pés, as raízes eram grossas. Uma treliça se revelava aqui e ali em meio ao húmus, estendendo-se a fim de unir o espaço entre todas as árvores. O ar esfriava conforme prosseguiam, abandonando os cheiros fortes. Acabou ficando claro que a quantidade de árvores diminuía; os espaços entre elas se alargavam de uma distância de poucos passos para meia dúzia, depois uma dúzia. Ainda assim, as raízes emaranhadas permaneciam espessamente tecidas no chão, e eram raízes demais para serem explicadas apenas pela

própria floresta. Ver aquelas raízes todas trazia uma lembrança vagamente perturbadora a Mappo, mas ele não conseguia rastreá-la por inteiro.

Agora já era possível enxergar quinhentos passos à frente, onde se estendia um panorama de troncos montando guarda, em meio ao ar úmido tingido de azul, sob a estranha e espectral luz solar. Nada se movia. Ninguém falava nada; os únicos sons vinham de suas respirações, do sussurro de vestes e da armadura, além dos passos no interminável tapete de raízes entrelaçadas.

Uma hora depois, alcançaram a orla externa da floresta. Além dela se estendia uma planície escura e contínua.

Violinista fez o grupo parar.

– Alguma consideração acerca disso? – perguntou ele, encarando a paisagem nua e ondulada que jazia adiante.

O chão à frente deles tinha uma tessitura sólida, sendo uma torção desordenada de raízes sinuosas que se alongava até o horizonte.

Icarium se agachou e colocou a mão numa extensão grossa e enrolada de madeira. Fechou os olhos e, depois, assentiu e se endireitou.

– A Azath – disse ele.

– Tremorlor – resmungou Violinista.

– Nunca vi uma Azath se manifestar desta maneira – disse Mappo.

Não, não uma Azath, mas já vi cajados de madeira...

– Eu já – retrucou Crokus. – Em Darujhistan. A Casa da Azath de lá cresceu do chão, como o cepo de uma árvore. Eu vi com meus próprios olhos. Ela se ergueu para conter o finnest de um jaghut.

Mappo fitou o jovem por um longo momento. Em seguida, virou para o jhag.

– O que mais você sente, Icarium?

– Resistência. Dor. A Azath está sitiada. Este Labirinto fragmentado procura se libertar do jugo da Casa. E agora... Uma ameaça a mais...

– Os soletaken e os d'ivers.

– Tremorlor está... *consciente*... daqueles que a procuram.

Iskaral Pust cacarejou, mas abaixou a cabeça quando Crokus olhou feio para ele.

– Incluindo nós mesmos, presumo – disse Violinista.

Icarium assentiu.

– Sim.

– E isso quer dizer que ela vai se defender – disse o trell.

– Se puder.

Mappo coçou o maxilar. *As reações de uma entidade viva.*

– Deveríamos parar aqui – disse Violinista. – Dormir um pouco...

– Ah, não, vocês não deveriam! – exclamou Iskaral Pust. – Urgência!

– O que quer que esteja por vir pode esperar – grunhiu o sapador. – Se não estivermos descansados...

– Concordo com Violinista – disse Icarium. – Algumas horas...

O acampamento foi armado de qualquer jeito, os sacos de dormir foram distribuídos em silêncio e uma refeição escassa foi compartilhada. Mappo observou os outros se aquietarem, até que só ele e Rellock continuassem acordados. O trell se juntou ao velho nos preparativos de sua cama.

– Por que você obedecia às ordens de Iskaral, Rellock? – questionou Mappo em voz baixa. – Trazer sua filha para este lugar... Para estas circunstâncias...

O pescador fez uma careta, lutando a olhos vistos para responder.

– Eu fui presenteado com este braço aqui, senhor. Nossas vidas foram poupadas...

– Isso você já disse, sendo, então, entregue a Iskaral. Em uma fortaleza, num deserto. Onde foi forçado a colocar sua única filha em perigo... Sinto muito se ofendo você, Rellock. Estou apenas tentando entender.

– Ela não é o que era. Não minha garotinha. Não. – Ele hesitou, torcendo as mãos sobre o saco de dormir. – Não – repetiu. – O que está feito está feito, e não há como voltar atrás. – Ergueu o olhar. – Temos que fazer o melhor

com as coisas do jeito que elas são. Minha menina sabe coisas... – Ele desviou o olhar, estreitando os olhos ao fitar algo que só ele podia enxergar. – Coisas terríveis. Mas, bem, ainda há uma criança ali... Eu consigo vê-la. Tudo que ela sabe... Bem... – Fixou um olhar feio sobre Mappo. – Saber não é suficiente. Não é suficiente. – Ele fechou a cara, depois balançou a cabeça negativamente e desviou o olhar. – Não consigo explicar...

– Estou acompanhando até aqui.

Com um suspiro, Rellock retomou:

– Ela precisa de motivos. Motivos para tudo. É o que sinto, pelo menos. Sou o pai dela e digo que ela tem mais a aprender. Não é diferente de estar sozinho na água... Você aprende que não há lugar seguro. Não há aprendizado real. Sem lugar seguro, trell. – Saindo do estupor, ele se levantou. – Agora você fez a minha cabeça doer.

– Perdoe-me – disse Mappo.

– Se eu tiver sorte, ela poderá fazer isso por mim um dia.

O trell observou o velho enquanto ele acabava de esticar o saco de dormir. Depois se levantou e foi para onde tinha deixado sua mochila.

“Você aprende que não há lugar seguro.” Qualquer que seja o deus do mar que olha por você, velho, ele deve estar com um olho fixo em sua criança perdida agora.

Protegido em seu colchonete, incapaz de dormir, Mappo ouviu um movimento às suas costas e, depois, a voz baixa de Icarium.

– Melhor voltar para a cama, menina.

O trell notou um divertimento zombeteiro na resposta dela:

– Nós somos muito parecidos, você e eu.

– Como? – perguntou Icarium.

Ela suspirou.

– Nós dois temos nossos protetores, nenhum dos quais é capaz de nos proteger. Especialmente de nós mesmos. Então eles são arrastados,

desamparados. Sempre vigilantes, mas tão desamparados...

Icarium deu uma resposta calculada, num tom inexpressivo:

– Mappo é um companheiro para mim, um amigo. Rellock é seu pai. Entendo a noção de proteção dele... O que mais um pai poderia fazer? Mas é uma coisa diferente, eu e Mappo.

– É mesmo?

Mappo prendeu a respiração, pronto para se levantar, para acabar com a conversa naquele instante.

Um momento depois, Apsalar continuou:

– Talvez você esteja certo, Icarium. Somos menos semelhantes do que parecíamos a princípio. Diga: o que você vai fazer com as suas lembranças quando finalmente encontrá-las?

O alívio silencioso do trell foi apenas momentâneo. Só que, dessa vez, ele não lutou contra o impulso de intervir; em vez disso, ficou imóvel, esperando ouvir a resposta a uma pergunta que nunca tinha ousado fazer a Icarium.

– Sua pergunta... me choca, Apsalar. O que você faz com as suas?

– Não são minhas. A maioria delas, pelo menos. Tenho um punhado de imagens da minha vida de pescadora. Barganhando a compra de barbantes num mercado. Segurando a mão do meu pai sobre um túmulo de pedras desgastadas pelo tempo, onde jaziam espalhadas flores cortadas, um toque de líquen onde antes eu sentia pele. Perda, desnorteamento... Eu devia ser muito nova. Outras memórias pertencem a uma bruxa da cera, uma velha que procurou me proteger durante a possessão de Cotillion. Ela tinha perdido o marido, os filhos, todos sacrificados pela glória imperial. Você poderia achar que a amargura sobrepujaria todo o resto dentro dessa mulher, não é? Mas não. Incapaz de proteger seus entes queridos, seus instintos... por tanto tempo sufocados... me abraçaram. E fazem isso até hoje, Icarium...

– Um presente extraordinário, menina...

– Verdade. Finalmente, o meu último conjunto de memórias

emprestadas... é justamente o mais confuso de todos. O de um assassino. Outrora mortal, depois Ascendente. Assassinos reverenciam o altar da eficiência, Icarium, e a eficiência é brutal. Ela sacrifica vidas mortais sem pensar duas vezes, imaginando que para tudo há uma necessidade maior. Pelo menos era assim no caso de Dançarino, que não matava por dinheiro, mas por uma causa menos ligada ao crescimento pessoal do que você poderia imaginar. Na mente dele, Dançarino era um homem que consertava as coisas. Via-se como alguém honrado. Um homem íntegro. Mas a eficiência é um mestre de sangue-frio. E essa é a ironia final. Uma parte do assassino, desafiando sua necessidade de se vingar de Laseen, realmente... simpatiza com ela. Afinal de contas, ela se curvou ao que percebia ser uma necessidade maior... a do Império... e escolheu sacrificar dois homens que chamava de amigos em resposta a essa necessidade.

– Então, dentro de você existe caos.

– Sim, Icarium. São memórias transbordantes. Não somos criaturas simples. Você espera que com as lembranças venha o conhecimento, a compreensão. Mas, para cada resposta que encontra, surgem mil novas perguntas. Tudo o que éramos nos trouxe até aqui, mas nos diz pouco a respeito de para onde vamos. As lembranças são um fardo do qual você nunca consegue se livrar.

O tom de teimosia era evidente quando Icarium resmungou:

– Um fardo que eu aceitaria mesmo assim.

– Deixe que eu lhe dê um conselho: não diga isso a Mappo, a menos que queira partir mais ainda o coração dele.

Ao escutar aquelas palavras, o trell sentiu o sangue retumbar ao percorrer seu corpo; seu peito doía por ele segurar a respiração por tanto tempo.

– Não entendo – disse Icarium, baixo, depois de um instante. – Mas eu nunca faria isso, menina.

Mappo finalmente soltou o ar, lutando para se controlar. Sentiu lágrimas escorrerem pelas trilhas tortas dos cantos de seus olhos.

– Eu não entendo... – repetiu o jhag, dessa vez sussurrando.

– Mas queria entender.

Não houve resposta a isso. Um minuto se passou e, depois, Mappo ouviu novos sons de movimentos.

– Aqui, Icarium – disse Apsalar. – Seque esses olhos. Jhags nunca choram.

O sono se esquivava de Mappo e, ele suspeitava, havia mais gente no grupo para quem os pensamentos torturados não ofereciam descanso ou trégua. Apenas Iskaral Pust parecia tranquilo, se seus roncos fossem alguma indicação.

Logo Mappo ouviu sons indicando movimento mais uma vez e Icarium falou, num tom calmo e calculado:

– Chegou a hora.

Levantaram acampamento depressa. Mappo ainda puxava os cordões de sua mochila quando Violinista partiu como um soldado que se aproximava do campo de batalha: cauteloso, mas determinado. O sumo sacerdote da Sombra foi aos pulos atrás dele. Mappo dirigiu-se ao jhag:

– Meu amigo, Casas da Azath tentam aprisionar todos que possuem poder. Você tem noção do que está arriscando?

Icarium sorriu.

– Não só eu, Mappo. Você sempre se subestima, subestima o que se tornou depois de todos esses séculos. Devemos confiar no entendimento da Azath de que não queremos causar mal a ela, se pretendemos prosseguir.

Todos os outros haviam partido, deixando-os sozinhos. Apsalar olhou brevemente na direção da dupla.

– Como podemos confiar em algo que não entendemos? – inquiriu o trell. – Você disse que Tremorlor estava “consciente”. Como? Exatamente o *que* é consciente?

– Não tenho ideia. Sinto uma presença, só isso. E, se consigo senti-la,

então ela também consegue me sentir. Tremorlor está sofrendo, Mappo, lutando sozinha, e sua causa é justa. Quero ajudar a Azath e, assim, a Tremorlor resta a escolha de aceitar minha ajuda ou não.

O trell lutou para disfarçar sua angústia. *Ah, meu amigo, você oferece ajuda sem perceber até que ponto essa lâmina pode se voltar contra você, e depressa. Em sua ignorância você é tão puro, tão nobre. Se Tremorlor conhecê-lo melhor do que você se conhece, ela ousará aceitar a oferta?*

– O que há de errado, amigo?

Os olhos do jhag exibiram uma suspeita sombria e Mappo foi forçado a desviar o olhar. *O que há de errado? Eu poderia avisá-lo, meu amigo. Se Tremorlor prender você, o mundo estará livre de uma enorme ameaça, mas eu perderia um amigo. Não, eu vou traí-lo, rumo a um aprisionamento eterno. Os Anciãos e os Inominados que me incumbiram desta tarefa com certeza me ordenariam isso. Não se importariam nada com o amor. Nem aquele jovem guerreiro trell do passado, o que fez seu voto tão espontaneamente, hesitaria, pois não conhecia o homem que devia seguir. Ele também não tinha dúvidas. Não naquela época, tanto tempo atrás.*

– Eu imploro a você, Icarium, vamos voltar agora. O risco é grande demais, meu amigo. – Sentiu os olhos marejarem ao fitar a planície. *Meu amigo. Finalmente, queridos Anciãos, estou revelado a vocês. Vocês escolheram errado. Sou um covarde.*

– Eu queria... – disse Icarium devagar, pausadamente. – Queria conseguir entender. A batalha que vejo dentro de você parte meu coração, Mappo. Você deve compreender, a esta altura...

– Compreender o quê? – grasnou o trell, ainda incapaz de olhar nos olhos do jhag.

– Que eu daria minha vida por você, meu único amigo, meu irmão.

Mappo abraçou a si mesmo.

– Não – sussurrou ele. – Não diga isso.

– Me ajude a acabar com a sua batalha. Por favor.

O trell inspirou fundo, trêmulo.

– A cidade do Primeiro Império, aquela na velha ilha...

Icarium esperou.

– Destruída... pela sua mão, Icarium. A sua fúria é cega, uma fúria inigualável. Ela queima, feroz, tão feroz que todas as lembranças do que você faz são obliteradas. Eu observo você... Observei-o atijando essas cinzas frias, sempre procurando descobrir quem é, mas aqui estou, a seu lado, preso a uma promessa de evitar que você venha a cometer um ato daqueles outra vez. Você destruiu cidades, povos inteiros. Quando começa a matar, não consegue parar, até tudo à sua frente estar... sem vida.

O jhag não disse nada e Mappo evitava olhar para o amigo. Os braços do trell doíam com o próprio abraço, protetor e ao mesmo tempo desamparado. Sua angústia era uma tempestade dentro dele, e o trell a segurava com todas as forças.

– E Tremorlor sabe disso – disse Icarium, com uma voz fria e desprovida de emoção. – A Azath não pode fazer nada, a não ser me capturar.

Se for capaz, e tão intensamente testada antes mesmo que a tentativa começasse. Em sua fúria, você pode destruí-la. Espíritos abaixo, o que estamos arriscando aqui?

– Acredito que este Labirinto moldou você, Icarium. Depois de todo esse tempo, você finalmente veio para casa.

– Onde começou, terminará. Vou a Tremorlor.

– Amigo...

– Não posso caminhar livremente com esse conhecimento. Você deve entender isso, Mappo. Eu não posso...

– Se for preso por Tremorlor, Icarium, você não vai morrer. Sua prisão será eterna, mas você permanecerá... *consciente*.

– Sim, uma punição digna dos meus crimes – disse Icarium.

O trell chorou convulsivamente ao ouvir isso.

O jhag colocou a mão em seu ombro, dizendo:

– Caminhe comigo até minha prisão, Mappo. Faça o que precisar... o que você claramente já fez antes... para impedir minha fúria. Não me deve ser

dada permissão de resistir.

Por favor...

– Faça o que um amigo faria. E liberte-se, se posso ser tão presunçoso a ponto de oferecer-lhe um presente em troca. Devemos acabar com isso.

Mappo balançou a cabeça, querendo negar tudo. *Covarde! Derrube-o com um murro agora! Arraste-o daqui – para bem longe –, e ele retomará a consciência sem se lembrar de nada disso. Posso levá-lo para longe, tomando alguma outra direção, e voltaremos a ser o que éramos, como sempre fomos...*

– Levante-se, por favor, os outros estão esperando – disse Icarium, interrompendo os pensamentos de Mappo. O trell não tinha percebido que estava no chão, encolhido. Sentia gosto de sangue na boca. – Levante-se, Mappo. Uma última tarefa.

Mãos firmes e fortes o ajudaram a ficar em pé. Ele cambaleou, como se estivesse bêbado ou febril.

– Mappo, se não fizer isso, não posso chamá-lo de amigo.

– Isso é injusto... – arfou o trell.

– Sim, parece que devo transformar você justamente naquilo que eu pareço ser. Que a raiva seja o ferro da sua determinação. Não deixar espaço para dúvidas... Você sempre foi sentimental demais, trell.

Até seus golpes com palavras são ditos com gentileza. Ah, deuses, como posso fazer isso?

– Os outros estão profundamente abalados pelo que viram. O que devemos dizer a eles?

Mappo balançou a cabeça. *Ainda uma criança de tantos modos, Icarium. Eles sabem.*

– Venha comigo, agora. Meu lar aguarda o retorno deste filho pródigo.

– Tinha de vir – disse Violinista quando chegaram.

Mappo analisou um a um e viu com clareza em cada face que eles sabiam. O rosto encarquilhado de Iskaral Pust, torcido num sorriso febril:

medo, expectativa e um exército de outras emoções que só ele conseguiria explicar, se quisesse. Apsalar parecia ter posto de lado qualquer tipo de simpatia e agora fitava Icarium como se medisse um adversário em potencial; sua incerteza quanto às próprias habilidades se mostrava pela primeira vez. Havia resignação nos olhos de Rellock, bastante consciente da ameaça a sua filha. Apenas Crokus parecia imune ao conhecimento, e Mappo mais uma vez se admirou com a convicção que o jovem parecia ter descoberto dentro de si mesmo. *Como se o rapaz admirasse Icarium... Mas que parte do jhag ele admira?*

Estavam numa colina, tendo as raízes caóticas sob os pés. *Alguma criatura antiga jaz aprisionada abaixo de nós. Todas essas colinas...* Adiante, a paisagem mudava, as raízes se erguiam em cordilheiras estreitas e criavam muros espessos, com corredores num emaranhado labiríntico, extenso e selvagem. Algumas das raízes dentro dos muros pareciam se mover. Mappo estreitou o olhar ao analisar o movimento incessante.

– Não tentem me salvar se Tremorlor buscar me aprisionar – anunciou Icarium. – Na verdade, ajudem-na de qualquer modo que puderem...

– Tolo! – cacarejou Iskaral Pust. – A Azath precisa de você primeiro! Tremorlor arrisca um lance de dados que intimidaria até Oponn! Desespero! Mil soletaken e d'ivers estão convergindo! Meu deus fez tudo que podia, assim como eu! E quem vai nos agradecer? Quem vai reconhecer nosso sacrifício? Você não pode nos faltar agora, seu jhag repugnante!

Fazendo uma careta, Icarium olhou para Mappo.

– Eu defenderei a Azath. Diga, Mappo: eu posso lutar sem... sem aquela fúria abrasadora?

– Você tem um limite – admitiu o trell.

Ah, mas é tão tênue...

– Fique para trás até o resto de nós fazer o que for possível – disse Violinista, verificando sua besta.

– E, Iskaral Pust – vociferou Crokus –, isso inclui não só você, mas seu deus...

– Rá! Você nos comandaria? Nós reunimos os jogadores... Não se pode pedir mais...

O daru avançou sobre o sumo sacerdote com a ponta da faca voando até descansar levemente contra o pescoço de Pust.

– Não é bom o bastante! – disse ele. – Chame o seu deus, cacete. Precisamos de mais ajuda!

– Os riscos...

– São maiores se você só ficar para trás, seu maldito! *E se Icarium matar a Azath?*

Mappo prendeu a respiração, surpreso pela profundidade com a qual Crokus entendia a situação.

Fez-se silêncio.

Icarium recuou, abalado.

Ah, sim, amigo, você possui tal poder.

Iskaral Pust piscou, boquiaberto. Depois fechou a boca com um estalo.

– Inimaginável – choramingou finalmente. – Tudo que seria libertado... Ah, céus! Solte-me agora.

Crokus recuou um passo, embainhando a faca.

– Trono Sombrio... ahn... Meu honrado Senhor da Sombra... Ele está pensando. Sim! Pensando furiosamente! Tal é a vastidão de sua genialidade que ele consegue ser mais esperto que ele mesmo!

Os olhos do sumo sacerdote se arregalaram e ele se virou para fitar a floresta atrás deles.

Um uivo distante veio do bosque. Iskaral Pust sorriu.

– Puxa vida – resmungou Apsalar. – Eu achava que ele não tinha esse poder.

Cinco Cães da Sombra emergiram da floresta como uma matilha galopante de lobos, embora cada um tivesse a altura de um pônei. Como uma espécie de zombaria a tudo que era natural, a besta pálida e sem visão chamada

Cega vinha à frente. Seu companheiro Baran corria logo atrás, à sua direita. Engrenagem e Shan os seguiam, ladeando o grupo. O líder da matilha, Crucifixo, vinha na esteira.

Mappo estremeceu.

– Achei que fossem sete.

– Anomander Rake matou dois na planície Rhivi – disse Apsalar – quando exigiu que Cotillion despossuísse meu corpo.

Crokus se virou para ela, surpreso.

– Rake? Eu não sabia disso.

Mappo arqueou uma sobrancelha para o daru.

– Você conhece Anomander Rake, Senhor da Cria da Lua?

– Nos encontramos só uma vez – disse Crokus.

– Eu gostaria de ouvir essa história um dia.

O rapaz assentiu, mantendo os lábios pressionados.

Mappo, você é o único tolo aqui que acredita que sobreviveremos a isso. Ele fixou o olhar uma vez mais nos Cães, que se aproximavam. Em todas as suas viagens com Icarium, nunca haviam cruzado o caminho das lendárias criaturas da Sombra. Mesmo assim, o trell sabia seus nomes e suas descrições, e o Cão que mais temia era Shan. Ela se movia como escuridão fluida e seus olhos eram como fendas escarlate. Enquanto os outros exibiam a ferocidade selvagem de valentões, por meio de cicatrizes em toda a sua massa cheia de músculos, a aproximação suave de Shan era a de uma verdadeira matadora, de uma assassina. O trell sentiu os pelos se eriçarem em sua nuca quando aqueles olhos mortais encontraram os dele e se mantiveram ali pelo mais breve dos momentos.

– Eles não estão descontentes – gritou Iskaral Pust.

Mappo afastou os olhos da fera e viu que Violinista o encarava. O conhecimento que compartilharam foi instantâneo e certo. O sapador inclinou um pouco a cabeça. O trell suspirou, piscou devagar e, depois, se virou para Icarium.

– Meu amigo...

– Eu os recebo de braços abertos – troou o jhag. – Não falaremos mais disso, Mappo.

Em silêncio, os Cães chegaram, espalhando-se para cercar o grupo.

– Para o emaranhado nós vamos – disse Iskaral Pust, cacarejando a seguir.

Nesse instante foram alcançados por um grito distante e sinistro.

Os Cães ergueram a cabeça ao ouvirem o som. Farejaram o ar imóvel, mas, fora isso, não pareceram agitados. Ao redor de cada fera havia uma aura de medonha competência, forjada como fios de ferro pela imensa antiguidade.

O sumo sacerdote da Sombra começou a fazer outra dancinha, interrompida abruptamente pela cabeça e pelo ombro de Baran, que, como um borrão – de tamanha velocidade –, derrubou Iskaral Pust no chão.

Violinista grunhiu ao estender a mão para ajudar o sacerdote a se levantar.

– Você conseguiu irritar seu deus, Pust.

– Bobagem. – O homem arquejou. – Afeto. O filhote ficou tão feliz em me ver que se empolgou demais.

Partiram para dentro do emaranhado, sob um céu da cor de ferro polido.

Gesler caminhou até onde Duiker, Bult e o capitão Bonança estavam bebendo um fraco chá de ervas. O rosto do cabo estava vermelho e inchado ao redor do nariz fraturado, e sua voz saía como um ganido áspero.

– Não podemos enfiar mais ninguém a bordo. Vamos partir, para pegarmos o resto da maré.

– Quão rápido aqueles remadores mortos podem levar você até Aren? – questionou Bonança.

– Não vai demorar muito. Três dias, no máximo. Não se preocupe, não vamos perder nenhum dos feridos no caminho, senhor...

– O que faz você ter tanta certeza, cabo?

– As coisas são meio atemporais no *Silanda*, senhor. Todas as cabeças ainda pingam sangue, mesmo que não estejam presas a seus corpos há meses, anos, talvez até décadas. Nada apodrece. Pela presa de Fener, não cresce nem barba enquanto estamos a bordo, senhor.

Bonança grunhiu.

Faltava uma hora para o amanhecer. Sons frenéticos continuavam vindo do acampamento de Korbolo Dom. Defesas mágicas evitavam que os bruxos wickanos descobrissem a natureza de tais atividades. A falta de conhecimento deixava todos com os nervos à flor da pele.

– Que Fener guarde todos vocês – disse Gesler.

Duiker ergueu o olhar para encontrar o do homem.

– Entregue nossos feridos, cabo.

– Sim, historiador, vamos fazer exatamente isso. E talvez possamos até arrancar a frota de Nok do porto, ou fazer Pormqual tomar vergonha na cara e marchar. O capitão da guarnição da cidade, Blistig, é um bom homem. Já estaria aqui a esta altura, se não fosse responsável por defender Aren. Seja como for, talvez dois de nós sejam capazes de enfiar um ferro na coluna do Alto Punho.

– Se você diz... – resmungou Bonança. – Vá logo, cabo, você está quase tão feio quanto eu, e isso faz meu estômago revirar.

– Tenho vários olhos de tiste andii sobrando, caso queira experimentar algum, senhor. Última chance.

– Vou recusar, cabo, mas agradeço a oferta.

– Não tem de quê. Fique bem, historiador. Sinto muito não termos feito melhor por Kulp e Heboric.

– Você fez o melhor que se poderia esperar de alguém, Gesler.

Dando de ombros, o homem virou na direção do bote. Parou.

– Ah, comandante Bult...

– Sim?

– Minhas desculpas ao Punho, por ter quebrado a mão dele.

– Sormo conseguiu curar aquilo à força, cabo, mas vou transmitir seu

pesar.

– Sabe, comandante – disse Gesler, um momento depois de entrar no bote –, acabei de notar... Você e o capitão juntos têm três olhos, três orelhas e quase uma cabeça inteira cheia de cabelo.

Bult se virou para fulminar o cabo com o olhar.

– E daí?

– Nada. Só notei, senhor. Vejo vocês todos em Aren.

Duiker observou o homem remar em meio ao lodo amarelo do rio. *Vejo vocês todos em Aren. Isso foi fraco, cabo Gesler, mas dito por bem.*

– Pelo resto dos meus dias, eu conhecerei Gesler como o homem que quebrou o nariz por dar a cara a tapa.

Bult sorriu, jogou a borra do chá no chão lamacento e se levantou, com as articulações estalando.

– O sobrinho vai gostar dessa, capitão.

– Foi só uma questão de desconfiança, tio? – perguntou Duiker, erguendo o olhar.

Bult o encarou por um momento, depois deu de ombros.

– Coltaine diria que foi, historiador.

– Mas o que você acha?

– Estou cansado demais para achar qualquer coisa. Se estiver determinado a saber o que o Punho pensa sobre a oferta de Korbolo Dom, pode tentar perguntar a ele.

Observaram o comandante se afastar. Bonança grunhiu.

– Mal posso esperar para ler seu relato sobre a Corrente de Cães, velho. Que pena que não vi você enviar um baú cheio de pergaminhos junto com Gesler.

Duiker ficou em pé.

– Parece que ninguém quer ficar de mãos dadas hoje à noite.

– Pode ser que você tenha mais sorte amanhã.

– Pode ser.

– Achei que você tinha encontrado uma mulher. Uma soldado naval...

Qual é o nome dela?

– Não sei. Estivemos juntos uma noite...

– Ah, espada pequena demais para a bainha, é?

Duiker sorriu.

– Concluimos que não adiantaria repetir aquela noite. Cada um de nós tem as próprias perdas com que lidar...

– Vocês dois são tolos, então.

– Imagino que sim.

Duiker se afastou, passando pelo acampamento agitado. Ouviu poucas conversas, mas uma consciência sombria rugia ao seu redor, um som que só seus ossos podiam sentir.

Encontrou Coltaine do lado de fora da tenda de comando, conferenciando com Sormo, Nil e Nether. A mão direita do Punho ainda estava inchada e marcada, e seu rosto pálido, banhado em suor, revelava o trauma da cura forçada.

Sormo se dirigiu ao historiador:

– Onde está o cabo Lista?

Duiker piscou.

– Não tenho certeza. Por quê?

– Ele está possuído por visões.

– Sim, está.

O bruxo contorceu seu rosto esquelético, fazendo uma careta.

– Não sentimos nada do que está por vir. Uma terra tão vazia assim não é natural, historiador. Ela foi varrida; sua alma, destruída. Como?

– Lista diz que uma vez aconteceu uma guerra, lá na planície além da floresta. Tanto tempo atrás que toda a memória do fato desapareceu. Mas um eco permanece, encerrado em cada leito rochoso.

– Quem lutou essa guerra, historiador?

– Ainda não foi revelado, temo dizer. Um fantasma guia Lista em seus sonhos, mas não haverá uma revelação muito clara. – Duiker hesitou. Depois, suspirou. – O fantasma é um jaghut.

Coltaine olhou para leste, parecendo estudar a linha do horizonte, que empalidecia.

– Punho – disse Duiker, depois de um momento. – Korbolo Dom...

Começou um tumulto ali perto. Eles viraram e viram um nobre voando na direção onde estavam. O historiador franziu a testa, depois conseguiu identificá-lo.

– Tumlit...

O velho, estreitando os olhos ferozmente ao examinar cada rosto do grupo, enfim parou diante de Coltaine.

– Uma ocorrência terrível, Punho – disse ele arquejando, com a voz trêmula.

Só então Duiker ouviu a agitação que vinha do acampamento dos refugiados, estendendo-se pela trilha de comerciantes.

– Tumlit, o que houve?

– Outro emissário. Trazido para cá em segredo. Encontrou-se com o Conselho... Procurei dissuadi-los, mas falhei, infelizmente. Pullyk e Nethpara abalaram os outros. Punho, os refugiados vão atravessar o rio, sob a proteção benigna de Korbolo Dom...

Coltaine virou para os bruxos.

– Para seus clãs. Mandem Bult e os capitães virem até mim.

Gritos vinham dos wickanos na clareira, enquanto a massa de refugiados avançava em onda, abrindo caminho, descendo até o vau. O Punho encontrou um soldado ali perto.

– Mande os chefes de guerra do clã fazerem seus guerreiros recuarem do caminho deles. Não podemos nos opor a isso.

Ele está certo. Não conseguiremos parar esses tolos.

Bult e os capitães chegaram às pressas e Coltaine vociferou suas ordens, que deixavam claro a Duiker que o Punho se preparava para o pior. Enquanto os oficiais corriam, Coltaine encarou o historiador.

– Vá até os sapadores. Por ordem minha, eles devem se juntar ao comboio de refugiados, trocando insígnias e uniformes por trajes

ordinários...

– Isso não será necessário, Punho. Todos eles já vestem trapos diversos e equipamentos pilhados, de qualquer forma. Mas vou mandar que amarrem os elmos nos cintos.

– Vá.

Duiker partiu. O céu clareava e, com o brilho fluorescente, as borboletas se agitaram por todos os lados. Mesmo sem qualquer razão óbvia, aquele brilho silencioso causou calafrios no historiador. Ele abriu caminho até o comboio fervilhante, contornando-o pela borda e atravessando as fileiras de infantaria mais recuadas. Com o rosto inexpressivo, o historiador observou os refugiados.

Avistou uma rale de soldados situada bem para trás na trilha, quase na beirada da linha de piquete em um dos flancos. A companhia ignorava os refugiados e parecia ocupada com a tarefa de enrolar cordas. Alguns dos soldados ergueram o olhar quando Duiker chegou.

– Coltaine ordena que vocês se juntem aos refugiados – disse o historiador. – Sem discussão. Agora, tirem os elmos...

– Quem está discutindo? – resmungou um soldado atarracado.

– O que vocês estão planejando com as cordas? – perguntou Duiker.

O sapador olhou para ele, revelando talhos estreitos em seu rosto largo e desgastado.

– Fizemos um reconhecimento por nossa conta, velho. Agora, se você puder calar a boca, nós vamos nos aprontar. Certo?

Três soldados apareceram pelo lado da floresta, aproximando-se a trote. Um deles trazia uma cabeça decepada, carregando-a pela trança e deixando para trás um rastro de sangue.

– Foi a última vez que este aqui se distraiu no posto dele – comentou o homem, soltando seu prêmio com um baque e deixando-o rolar no chão.

Ninguém mais pareceu notar e os três sapadores não se reportaram a ninguém.

A companhia inteira pareceu ficar pronta de uma só vez: cordas ao redor

de um dos ombros, elmos amarrados nos cintos, bestas preparadas, depois escondidas sob capas de chuva e telabas. Em silêncio, se levantaram e começaram a andar até a massa de refugiados.

Duiker hesitou. Ele olhou a travessia. A ponta da coluna de refugiados tinha entrado no leito do rio, que ali alcançava a altura da cintura. Eram pelo menos quarenta passos de largura e o fundo estava coberto por uma lama espessa e pegajosa. As borboletas enxameavam sobre a massa de humanos, em explosões de amarelo-pálido, iluminadas pelo sol. Uma dúzia de cavaleiros de guerra wickanos tinha sido enviada para guiar a coluna. Atrás deles, vinham as carroças dos de sangue nobre – os únicos refugiados secos, acima do tumulto caótico. O historiador olhou para a afluência ao comboio, na direção que os sapadores tinham seguido, mas não os viu, engolidos pela multidão. De algum lugar mais à frente da trilha de comerciantes, veio o mugido terrível de gado sendo morto.

A infantaria do flanco aprontava as armas. Coltaine claramente previa uma defesa de retaguarda no patamar.

Ainda assim, o historiador hesitou. Se ele se unisse aos refugiados e o pior acontecesse, o pânico subsequente seria tão mortal quanto qualquer carnificina promovida pelas forças de Korbolo Dom. *Pelo sopro do Encapuzado! Agora estamos verdadeiramente à mercê daquele desgraçado.*

Uma mão se fechou em seu braço e ele girou para ver a soldado sem nome a seu lado.

– Vamos – disse ela. – Para dentro da multidão. Temos de dar apoio aos sapadores.

– Apoio em quê? Nada aconteceu com os refugiados, ainda... E eles já passaram da metade da travessia...

– Sim, e veja as cabeças olhando para o rio mais abaixo. Os rebeldes fizeram uma ponte flutuante. Não, você não consegue vê-la daqui, mas ela está lá, abarrotada de lanceiros...

– Lanceiros? Fazendo o quê?

– Observando. Esperando. Vamos lá, meu amante, o pesadelo está prestes

a começar.

Eles se juntaram à massa de refugiados, entrando na corrente humana que vertia na direção do patamar do outro lado. Um rugido repentino e o choque abafado de armas anunciou que a retaguarda tinha sido atingida. A pressão da maré de gente aumentou. Preso em meio ao caos de encontrões, Duiker não via muita coisa, de nenhum dos lados nem atrás. No entanto, a encosta em frente se revelou, assim como o próprio rio Vathar, para o qual pareciam estar jorrando com a rapidez de uma avalanche. O leito inteiro estava lotado de refugiados. Nas bordas, as pessoas eram empurradas para uma parte mais profunda, e Duiker viu cabeças e braços se sacudindo, lutando no lodo, sendo arrastados pela corrente sempre para mais perto dos lanceiros na ponte.

Um grito alto de desalento veio dos que estavam no rio e os rostos viraram para a parte superior da correnteza, para algo que o historiador ainda não conseguia enxergar.

Os cavaleiros de guerra alcançaram a clareira na margem oposta. Duiker os observou enquanto colocavam freneticamente as flechas nos arcos e fitavam a linha das árvores mais acima da margem. Depois, os wickanos começaram a perder o equilíbrio, caindo de suas montarias, com hastes emplumadas de setas saindo de seus corpos. Cavalos gritaram e tombaram.

As carroças dos nobres estalaram e tiniram em terra firme, até pararem, quando os bois que as puxavam afundaram sob uma chuva de flechas.

O vau foi bloqueado.

O pânico tomou conta dos refugiados e desceu numa onda humana até o patamar. Gritando, Duiker ficou indefeso, sendo arrastado para a água manchada de amarelo. Vislumbrou, finalmente, o que se aproximava rio acima: outra ponte flutuante, apinhada de lanceiros e arqueiros. Homens nas duas margens seguravam cordas, guiando a ponte enquanto a corrente a trazia para mais perto do vau.

Flechas voaram através das nuvens de borboletas rodopiantes, descendo sobre a massa de refugiados. Não havia onde se esconder, nem para onde ir.

O historiador se descobriu dentro de um verdadeiro pesadelo. Ao seu redor, civis desarmados morriam em meio a gemidos e tinidos pavorosos. A multidão ia para todas as direções agora, presa em turbilhões aterrorizantes, completamente desamparada. Crianças desapareceram sob os pés da massa, esmagadas dentro da água turva.

Uma mulher caiu de costas sobre Duiker. Ele a envolveu com os braços, na tentativa de mantê-la em pé. Então viu que uma flecha tinha atravessado não apenas o bebê em seus braços, mas também o peito dela. Gritou, horrorizado.

A soldado naval apareceu ao lado do historiador, enfiando uma corda em suas mãos.

– Segure isso! – gritou ela. – Segure firme... Estamos na ponta... Não solte!

Ele enrolou o pedaço de corda nos pulsos. À frente da soldado, o cordão se estendia em meio aos corpos arquejantes, até sumir de vista. Duiker sentiu a corda se retesar e foi puxado para a frente.

Flechas choviam sem trégua. Uma delas passou de raspão na bochecha do historiador, outra ricocheteou na cota de malha coberta por couro que protegia seu ombro. Ele desejou a todos os deuses que tivesse colocado o elmo em vez de amarrá-lo a seu cinto, de onde já tinha sido arrancado fazia tempo.

A pressão da corda era contínua, implacável, arrastando-o através da multidão, por cima de pessoas e por baixo delas. Mais de uma vez ele foi puxado para baixo da água, apenas para subir outra vez meia dúzia de passos à frente, engasgando-se e tossindo.

Em determinado ponto, quando estava acima da multidão fervilhante, vislumbrou um lampejo de feitiçaria vindo de algum lugar à frente em uma onda trovejante. Então foi puxado para baixo, torcendo o ombro para deslizar bruscamente por entre dois civis, que gritavam.

A jornada pareceu não ter fim. Ele era agredido com as imagens mais surreais, a ponto de ficar entorpecido, sentindo-se como um espectro sendo

puxado através de toda a história humana, passando por uma procissão infindável de dor, sofrimento e morte sem qualquer dignidade. O lance fortuito do destino era a ponta de ferro, descida do céu, ou o esquecimento de tudo que esperava abaixo. *Não há escapatória, e essa é mais uma lição de história. A mortalidade é um visitante que nunca se afasta por muito tempo...*

Em seguida, o historiador foi arrastado sobre cadáveres molhados e enlameados, além de argila escorregadia pelo sangue. As flechas não mais desciam do céu, mas ganhavam velocidade pouco acima do chão, atingindo madeira e carne por todos os lados. Duiker rolou sobre um sulco fundo e curvo, depois parou de encontro aos raios da roda de uma carroça.

– Solte a corda! – ordenou a soldado. – Estamos aqui, Duiker...

Aqui.

Ele limpou a lama dos olhos, mantendo-se abaixado e olhando ao redor pela primeira vez. Cavaleiros de guerra wickanos, sapadores e soldados navais jaziam entre cadáveres e montarias moribundas, todos tão cravejados por flechas que o patamar lembrava um canavial. As carroças dos nobres haviam sido tiradas da extremidade do vau e dispostas num semicírculo defensivo, embora a luta tivesse avançado além disso e chegado à floresta.

– Quem? – perguntou Duiker, arquejando.

A mulher ao lado dele grunhiu.

– Só o que sobrou dos sapadores, dos soldados navais... E uns poucos wickanos sobreviventes.

– Só isso?

– Não dá pra atravessar mais ninguém. Além disso, o Sétimo e pelo menos dois clãs estão lutando na retaguarda. Estamos sozinhos, Duiker. E, se não conseguirmos limpar essa floresta...

Seremos aniquilados.

Ela estendeu a mão para um corpo próximo, arrastando-o para mais perto a fim de tirar o elmo do wickano morto.

– Este parece mais do seu tamanho do que do meu, velho. Aqui.

– Contra o que vamos lutar lá?

– Pelo menos três companhias. Só que a maioria é de arqueiros. Acho que Korbolo não esperava que houvesse soldados na vanguarda da coluna. O plano era usar os refugiados para bloquear o avanço e impedir que ganhássemos esta margem.

– Como se Korbolo soubesse que Coltaine rejeitaria a oferta, mas que os nobres a aceitariam.

– Sim. As flechas pararam de descer. Estão sendo obrigados a recuar pelos sapadores. Céus, esses sapadores são o caos! Vamos achar algumas armas úteis e nos juntar à diversão.

– Vá em frente – disse Duiker. – Eu vou ficar aqui, vendo o rio. Preciso ver...

– Você vai ser todo espetado, velho.

– Vou arriscar. Vá andando!

Ela hesitou, depois assentiu e rastejou por entre os corpos.

O historiador encontrou um escudo redondo e subiu na carroça mais próxima, onde quase pisou numa pessoa encolhida. Ele encarou o homem, trêmulo.

– Nethpara!

– Salve-me, por favor!

Ignorando o nobre, Duiker voltou a atenção para o rio.

A corrente de refugiados que tinha alcançado a margem sul não podia mais avançar e agora começava a se espalhar na borda. Duiker viu quando uma multidão deles descobriu os soldados inimigos que puxavam as cordas da ponte rio acima. Os civis se abateram sobre eles com ferocidade, desconsiderando o fato de estarem sem armaduras e armas. Os soldados foram literalmente despedaçados.

A carnificina já tinha transformado o rio abaixo numa massa rosa de insetos e corpos manchados, e os números continuavam a crescer. Outra falha no plano de Korbolo acabou se revelando conforme diminuía as flechas vindas da ponte superior: os arqueiros já haviam gastado seus suprimentos. A plataforma flutuante foi deixada à deriva, fechando a lacuna

até os lanceiros finalmente entrarem em contato com os civis desarmados no vau. Mas eles não contavam com a fúria ribombante com que seriam recebidos. Os refugiados tinham sido levados para além da fronteira do medo. Mãos eram rasgadas ao se fecharem sobre as pontas das lanças, mas não soltavam. Alguns dos civis subiram de assalto na ponte, a fim de ultrapassar a linha vacilante de lanceiros e alcançar os arqueiros logo atrás. A ponte cedeu sob o peso, depois se inclinou. Um instante depois, a ponte rachou e o rio ficou sólido, repleto de pessoas lutando – tanto refugiados quanto tropas de Korbolo.

E, acima de tudo aquilo, as borboletas pululavam, como um milhão de flores de pétalas amarelas, dançando em meio aos ventos rodopiantes.

Outra onda de feitiçaria entrou em erupção e Duiker virou a cabeça na direção do som. Ele viu Sormo, no centro da massa, montado em seu cavalo. O poder que verteu dele avançou na direção da ponte correnteza abaixo, atingindo soldados rebeldes com faíscas que cortavam como arame farpado. Sangue salpicou o ar e sobre a ponte as borboletas passaram de amarelo a vermelho. As nuvens manchadas caíram, como um cobertor esvoaçante.

Mas, enquanto Duiker observava, quatro flechas atingiram o bruxo, uma delas atravessando seu pescoço. O cavalo de Sormo sacudiu a cabeça com força, gritando por causa da meia dúzia de flechas nele cravadas. O animal cambaleou, caindo de lado na parte rasa da margem, para então tombar para a parte mais profunda da água. Sormo oscilou, depois deslizou da sela devagar, sumindo sob o lodo. O cavalo desmoronou em cima dele.

Duiker não conseguia respirar. Então viu um braço magro erguer-se na direção do céu, 12 metros abaixo.

Borboletas se reuniram sobre aquele gesto de esforço e anseio, mesmo enquanto o braço voltava a afundar devagar, até desaparecer. Os insetos convergiam aos milhares, depois centenas de milhares. Por todos os lados, parecia que a batalha, a carnificina, tinha parado para assistir.

Pelo sopro do Encapuzado, estão vindo buscá-lo. Vieram pegar a alma dele. Não corvos, não como deveria ser. Deuses abaixo!

Uma voz trêmula veio de baixo do historiador:

– O que aconteceu? Nós vencemos?

O ar que Duiker puxou para dentro dos pulmões entrou de maneira errática. A massa de borboletas formou um monte fervilhante e frenético sobre o ponto em que Sormo tinha desaparecido, e era tão alto quanto uma colina, inchando a cada momento, no ritmo das batidas vacilantes do coração do historiador.

– Nós ganhamos? Você consegue ver Coltaine? Chame-o aqui... Eu gostaria de falar com ele...

O momento em que todos ficaram imóveis e silenciosos foi quebrado quando uma rajada espessa de flechas wickanas atingiu os soldados da ponte de baixo. O que Sormo tinha começado, seu clã completou: os últimos arqueiros e lanceiros tombaram.

Duiker viu três divisões de infantaria descerem correndo a encosta ao norte, puxados da ação na retaguarda para impor ordem à travessia. Cavaleiros de guerra wickanos do clã das Doninhas saíram a cavalo das florestas, vindo pelos flancos, soltando gritos ululantes de vitória.

Duiker olhou para trás, onde soldados malazanos recuavam de vários abrigos: um punhado de soldados navais e menos de trinta sapadores. Os disparos de flechas se intensificavam mais perto. *Deuses, eles já fizeram o impossível. Não exijam mais deles...*

O historiador inspirou, depois subiu no banco mais alto da carroça.

– Todos! – gritou ele, para os refugiados que enchiam a margem. – Todas as mãos ainda capazes! Encontrem uma arma. Para a floresta, ou a carnificina vai começar de novo! Os arqueiros estão voltando e...

Não conseguiu dizer mais nada, pois o ar estremeceu com um rugido bestial. Duiker olhou para baixo, observando centenas de civis avançando, sem se importar com armas, querendo apenas se aproximar das companhias de arqueiros, reagindo ao massacre do dia com uma vingança não menos terrível.

Fomos todos tomados pela loucura. Nunca vi nada parecido, nem ouvi

falar de algo assim. Deuses, no que nos transformamos...

As ondas de refugiados varreram as posições dos malazanos e, inabalados frente às saraivadas devastadoras de flechas vindas das árvores, os civis mergulharam na floresta. Guinchos e gritos ecoaram de maneira horripilante.

Nethpara apareceu.

– Onde está Coltaine? Eu exijo...

Com uma das mãos, Duiker agarrou o lenço de seda ao redor do pescoço do nobre e puxou Nethpara para perto. O homem guinchou, arranhando a mão do historiador, em vão.

– Nethpara. Ele poderia ter deixado vocês irem. Deixado vocês atravessarem. Sozinhos. Contando apenas com a gloriosa “misericórdia” de Korbolo Dom. Quantos morreram hoje? Quantos desses soldados, quantos desses wickanos deram a vida para salvar a sua pele?

– Me... Me solte, sua cria de escravos!

Uma bruma vermelha floresceu diante dos olhos de Duiker. Ele agarrou o pescoço flácido do nobre com as duas mãos e começou a apertar. Viu os olhos dele incharem.

Alguém bateu em sua cabeça. Alguém puxou seus pulsos. Alguém passou o antebraço ao redor de seu pescoço e flexionou músculos fortes como ferro sobre sua garganta. A bruma enfraqueceu, como se a noite caísse. O historiador viu suas mãos serem retiradas do pescoço de Nethpara e observou o homem se afastar, arquejando.

Então tudo virou escuridão.

CAPÍTULO 17

Um que era muitos
no rastro de sangue
veio caçando a própria voz,
assassinato selvagem,
espíritos zumbindo ao sol,
veio caçando a própria voz,
mas a música do Encapuzado foi tudo
que ouviu, o canto de sereia
chamado silêncio.

Relato de Seglora, Seglora

O capitão tinha começado a balançar, embora não no mesmo ritmo do navio arfante. Ele derrubou vinho sobre a mesa inteira, na tentativa de encher os quatro cálices dispostos à sua frente.

– Organizar marinheiros de cabeça dura dá uma sede considerável. Espero que a comida chegue logo.

O tesoureiro de Pormqual, que não considerava a companhia digna de saber seu nome, arqueou as sobrelhas pintadas.

– Mas, capitão, nós já comemos.

– É mesmo? Isso explica a sujeira, então, embora a sujeira ainda precise explicar algumas coisas, porque devia estar bem ruim. Você aí – dirigiu-se a Kalam –, você é tão sólido quanto qualquer urso de Fenn. Estava aceitável? Não importa, como é que você ia saber? Dizem que nativos das Sete Cidades plantam frutas só para poderem aproveitar as larvas delas. Devoram o verme e jogam fora a maçã, é? Se quiserem saber como o seu povo vê o mundo, está

tudo lá, nesse único costume. Agora que somos todos camaradas, do que estamos falando?

Salk Elan estendeu a mão e pegou o cálice, cheirando-o com cuidado antes de dar um gole.

– O querido tesoureiro estava nos surpreendendo com uma reclamação, capitão.

– Ah, é? Estava? – O capitão se inclinou sobre a mesa para encarar o tesoureiro. – Uma reclamação? A bordo do meu navio? Pode mandar, senhor.

– Acabei de fazer isso – respondeu o homem, com um sorriso desdenhoso.

– E lidar com os problemas eu irei, como cabe a um capitão. – Ele se inclinou para trás, com um ar de satisfação. – Agora, sobre o que mais devemos falar?

Salk Elan olhou para Kalam e deu uma piscadela.

– E se tocássemos no pequeno assunto daqueles dois corsários que estão nos perseguindo?

– Não estão nos perseguindo – disse o capitão. Ele virou o cálice goela abaixo, estalou os lábios e depois o encheu outra vez, usando o jarro sujo de teias de aranha. – Estão acompanhando o nosso ritmo, senhor, o que é completamente diferente, como com certeza deve perceber.

– Bem, admito ver essa distinção com menos clareza do que você, capitão.

– Que lamentável.

– Você poderia se esforçar e esclarecer – falou o tesoureiro, rouco.

– O que você disse? “Esforçarecer”? Extraordinário, homem! – Ele se sentou de volta em sua cadeira, com uma expressão contente.

– Eles querem um vento mais forte – arriscou Kalam.

– Acelerando – disse o capitão. – Querem dançar ao nosso redor, sim, os covardes mijadores de cerveja. Passo a passo, é como eu gosto, mas não, eles preferem nos evitar e se esquivar. – Ele virou olhos surpreendentemente

firmes para Kalam. – É por isso que vamos pegá-los desprevenidos, quando amanhecer. Atacar! Meia-volta! Soldados navais, preparem-se para abordar a embarcação inimiga! Não vou ficar trocando reclamações a bordo do *Tampa de Trapo*. Nenhuma, cacete. No próximo balido que eu ouvir, o balidor perde um dedo. Baliu outra vez, perde outro. E assim por diante. Cada um pregado no convés. Toc, toc!

Kalam fechou os olhos. Já fazia quatro dias que navegavam sem escolta, empurrados a estáveis seis nós pelos ventos alísios. Os marinheiros haviam hasteado cada pedaço de lona que possuíam e o barco cantava um refrão de rangidos e gemidos agourentos. Mesmo assim, as duas galés piratas ainda conseguiam navegar em círculos ao redor do *Tampo de Trapo*.

E o louco quer atacar.

– Você disse atacar? – sussurrou o tesoureiro, de olhos arregalados. – Eu o proíbo!

O capitão piscou, com ar solene.

– Ora, senhor! – disse ele, com uma voz calma. – Olhei no meu espelho de lata, não foi? Ele perdeu o polimento, juro que perdeu. De ontem pra hoje. Planejo tirar vantagem disso.

Desde que a viagem começara, Kalam tinha ficado em sua cabine durante a maior parte do tempo, escolhendo subir ao convés apenas na hora mais tranquila, no fim do último turno de vigia, logo antes do amanhecer. Comer com a tripulação na cozinha também reduzira o número de encontros tanto com Salk Elan quanto com o tesoureiro. Entretanto, nessa noite o capitão tinha insistido que Kalam se juntasse a eles no jantar. O assassino estava curioso para saber como o capitão lidaria com a ameaça dos piratas que tinham aparecido ao meio-dia e, por isso, havia aceitado o convite.

Ficou claro que Salk Elan e o tesoureiro haviam estabelecido algum tipo de trégua, pois as discussões nunca passavam de ocasionais alfinetadas sarcásticas. A cortesia exagerada na conversa tornava óbvios seus esforços de autocontrole.

Mas era o capitão o verdadeiro mistério a bordo do *Tampa de Trapo*. Kalam tinha ouvido várias conversas na cozinha, além das palavras trocadas entre o primeiro e o segundo contramestres. Delas, tinha entendido que o homem era visto tanto com respeito quanto com um tipo de afeição distorcida. *Da maneira como você veria um cachorro irascível. Afague uma vez e o rabo abana, afague duas e perca a mão*. Ele mudava de papéis com uma espontaneidade aleatória, dispensando o decoro e revelando um senso de humor que forçava a compreensão. Tempo demais em sua companhia, especialmente quando o vinho era a bebida escolhida e a cabeça do assassino começava a doer com o esforço de acompanhar os modos tortuosos do capitão. O pior era que Kalam sentia um fio de impassível foco em meio ao padrão disperso do comportamento do capitão, como se ele falasse duas línguas de uma vez só: uma robusta e divergente, outra amaciada por segredos. *Eu poderia jurar que o desgraçado está tentando me dizer alguma coisa. Alguma coisa vital*. Ele já tinha ouvido falar de certa feitiçaria, de um dos Labirintos menos comuns, capaz de lançar sobre a mente um certo encantamento, formando um tipo de bloqueio mental que a vítima – absoluta e torturadamente consciente disso – poderia até circular, mas nunca penetrar. *E agora estou me aventurando no absurdo. A paranoia é a amante do assassino, e não há nenhum descanso naquele ninho de serpentes barulhento. Eu adoraria poder conversar com Ben Ligeiro agora...*

– ... e dorme com os olhos abertos, homem?

Kalam se sobressaltou, franzindo a testa para o capitão.

– O mestre desta excelente embarcação dizia que os dias estão passando de modo estranho desde que alcançamos mar aberto – ronronou Salk Elan.

– Ele formulou uma pergunta, a fim de saber sua opinião, Kalam.

– Já faz quatro dias que deixamos a baía de Aren – grunhiu o assassino.

– É mesmo? – perguntou o capitão. – Você tem certeza?

– O que quer dizer?

– Alguém continua virando a sibilante, sabe?

– Virando o quê? – *Ah, as areias sibilantes... Posso jurar que ele está*

inventando palavras enquanto fala. – Você está querendo dizer que só temos uma ampulheta a bordo do *Tampa de Trapo*?

– A hora oficial é definida por uma única ampulheta – disse Elan.

– Apesar de nenhum dos outros a bordo concordar com ela... – acrescentou o capitão, enchendo o cálice outra vez. – Quatro dias... ou catorze?

– Isso é algum tipo de debate filosófico? – inquiriu o tesoureiro, desconfiado.

– Dificilmente – conseguiu dizer o capitão enquanto arrotava. – Partimos do porto na primeira noite da lua em quarto crescente.

Kalam tentou se lembrar da noite anterior. Estava no castelo de proa, sob um céu brilhante e limpo. A lua já tinha se posto? Não, ela descia no horizonte, diretamente abaixo da ponta da constelação conhecida como Punhal. *Fim do quarto minguante. Mas isso é impossível.*

– Dez carunchos enchem uma mão – prosseguiu o capitão. – Tão bom quanto uma sibilante para calcular o tempo. Você teria dez por perto numa quinzena, a menos que a farinha estivesse estragada desde o começo, só que o cozinheiro jura que não...

– Assim como jura que fez o jantar aqui esta noite – disse Salk Elan, com um sorriso –, embora nossas barrigas reclamem que o que acabamos de comer aqui era qualquer coisa, menos comida. Seja como for, obrigado por dissipar a confusão.

– Bem, senhor, você tem razão nisso. É afiado o bastante para furar a pele, mas a minha é mais grossa que a maioria, e não sou nada senão teimoso.

– E isso só faz crescer minha admiração por você, capitão.

Do que, em nome do Encapuzado, esses dois estão falando? Ou, na verdade, do que eles não estão falando?

– Um homem fica de um jeito que nem consegue confiar nas batidas de seu coração; veja só, não consigo mesmo contar depois do catorze, então, não sou capaz de manter o fio da meada, e é do fio que ajuda a gente a se

encontrar que estamos falando aqui, se não estou enganado.

– Capitão, você está me causando grande perturbação com suas palavras
– disse o tesoureiro.

– Você não está sozinho nisso – comentou Salk Elan.

– Eu o ofendo, senhor? – O rosto do capitão tinha ficado vermelho ao fulminar o tesoureiro com o olhar.

– Se me ofende? Não. Confunde. Ouso dizer que sou levado a concluir que você perdeu o controle da própria mente. Assim, para garantir a segurança deste navio, não tenho escolha...

– Não tem escolha? – explodiu o capitão, levantando-se da cadeira. – Palavras e controles como areia. O que desliza por entre seus dedos pode derrubar você! Eu vou mostrar o que é segurança, seu riacho suado de banha de porco!

Kalam se inclinou para longe da mesa quando o capitão foi para a porta da cabine e começou a brigar com sua capa. Salk Elan não tinha saído de sua cadeira e observava tudo com um leve sorriso.

Um momento depois, o capitão escancarou a porta da cabine e saiu para o corredor aos tropeços, bradando para chamar seu primeiro contramestre. Suas botas batiam no chão como punhos socando uma parede enquanto ele se dirigia à cozinha.

A porta da cabine pendia para a frente e para trás pelas dobradiças, rangendo.

O tesoureiro abriu e fechou a boca, depois abriu de novo.

– Que outra escolha? – sussurrou ele, a ninguém em especial.

– Uma que não lhe cabe – falou Elan, com a voz arrastada.

O nobre virou para ele.

– Não me cabe? E a quem mais caberia, se não ao homem a quem foi confiado o tesouro de Aren?

– É esse o nome oficial, então? Que tal este: “pilhagens de origem duvidosa feitas por Pormqual”? Aqueles lacres nos caixotes lá embaixo trazem o selo do Alto Punho, não o cetro imperial...

Então você esteve no porão, Salk Elan? Interessante.

– A pena para quem coloca as mãos naqueles caixotes é a morte – sibilou o tesoureiro.

Elan deu um sorriso desdenhoso de desgosto.

– Você está fazendo o trabalho sujo de um ladrão. Então, o que isso faz de você?

O nobre ficou branco. Em silêncio, ele se levantou e, usando as mãos para se equilibrar, visto que o navio se sacudia, cruzou a salinha e ganhou o corredor.

Salk Elan olhou para Kalam.

– Então, meu amigo relutante, o que você acha desse nosso capitão?

– Nada que eu compartilharia com você – ressoou Kalam.

– Suas constantes tentativas de me evitar têm sido infantis.

– Bom, é isso ou eu o mato agora mesmo.

– Que desagradável da sua parte, Kalam, depois de tudo que fiz para ajudá-lo.

O assassino se levantou.

– Fique tranquilo: eu pagarei a dívida, Salk Elan.

– Você poderia fazer isso apenas com a sua companhia. Tem sido difícil manter uma conversa inteligente a bordo deste navio.

– Eu vou poupar você de um pensamento, por empatia – disse Kalam, dirigindo-se à porta da cabine.

– Você está sendo injusto comigo, Kalam. Não sou seu inimigo. Na verdade, somos muito parecidos.

O assassino parou na soleira.

– Se busca uma amizade entre nós, Salk Elan, acabou de dar um passo imenso para trás com essa observação. – Ele foi para o corredor e avançou.

Kalam saiu no convés principal e se viu em meio a uma atividade furiosa. Todos preparavam seus equipamentos; alguns marinheiros verificavam os aprestos da embarcação, enquanto outros baixavam as velas. Já tinha passado da décima badalada e o céu noturno trazia nuvens sólidas,

sem uma estrela sequer.

O capitão veio cambaleando até o lado de Kalam.

– O que falei a você? Perdeu o polimento!

Uma tempestade se aproximava; o assassino conseguia sentir pelo vento que agora rodopiava, como se o ar não tivesse mais para onde ir.

– Do sul. – O capitão riu, batendo no ombro de Kalam. – Vamos nos virar para os caçadores, sim, não vamos? Com as velas trocadas para enfrentar a tempestade e os soldados navais apinhando o castelo de proa, vamos descer o cacete na garganta deles! Que o Encapuzado leve esses perseguidores sorridentes! Vamos ver quanto tempo dura o sorriso deles com uma espada curta enfiada na cara, não é? – Inclinou para perto, com o cheiro de vinho azedando seu hálito. – Inspeção seus punhais, homem, que a noite vai ser de trabalho focado, sim, não vai? – Seu rosto teve um espasmo repentino e ele se afastou numa arrancada, começando a gritar com a tripulação.

O assassino observou o capitão. *Talvez eu não esteja sendo paranoico, no fim das contas. Alguma coisa está, de fato, incomodando o homem.*

O convés se inclinou bastante enquanto davam meia-volta. O vento da tempestade chegou durante a manobra, levantando o *Tampa de Trapo* e fazendo-o correr com velas firmes e encurtadas. Continuaram a arremetida em direção ao norte, com os lampiões selados e a tripulação ocupada com suas tarefas.

Uma batalha marítima numa tempestade violenta, e o capitão espera que os soldados navais ainda invadam a embarcação inimiga, ficando de pé num convés agitado e assolado pelas ondas, e que lutem com os piratas. Isso vai além de audácia pura.

Duas figuras grandes apareceram por trás e se posicionaram uma de cada lado de Kalam. Ambos os guarda-costas do tesoureiro haviam sido incapacitados por enjoos desde o primeiro dia e nenhum deles parecia estar em condições de fazer nada além de vomitar as tripas nas botas do assassino, mas eles ficaram firmes, com as armas nas mãos.

- O mestre deseja falar com você – grunhiu um deles.
- Que pena – grunhiu Kalam de volta.
- Agora.
- Ou o quê? Você vai me matar com o seu hálito? O mestre fala com cadáveres, é?
- O mestre ordena...
- Se quiser conversar, ele pode vir aqui. Do contrário, como eu disse, que pena.

Os dois homens de tribo se retiraram.

Kalam avançou, passou pelo mastro principal e se aproximou de dois pelotões de soldados navais, bem agachados diante do castelo de proa. O assassino tinha sobrevivido a mais de uma tormenta enquanto servia em campanhas imperiais, em galés, navios de carga e trirremes, por três oceanos e meia dúzia de mares. Aquela tempestade era – até então, pelo menos – dócil, em comparação. Os soldados navais tinham expressões severas, como esperado antes de um combate, mas estavam lacônicos ao aprontarem suas bestas de ataque sob o brilho embotado de um lampião velado.

O olhar de Kalam procurou entre eles, até finalmente encontrar a tenente.

- Uma palavra com você, por favor...
- Agora não – rosnou ela, colocando o elmo e prendendo no lugar as abas que tinham como função proteger o rosto. – Desça.
- Ele quer bater de frente...
- Eu sei o que ele quer fazer. E, quando chegar a hora, a última coisa que queremos é um maldito civil do Encapuzado para proteger.
- Você está sob as ordens do capitão... ou do tesoureiro?

Ela ergueu o olhar ao ouvir aquilo, estreitando os olhos. Os outros soldados interromperam o que estavam fazendo.

- Desça – disse ela.

Kalam suspirou.

- Sou um veterano imperial, tenente...

– Que exército?

Ele hesitou, depois disse:

– Segundo. Nono Pelotão, Queimadores de Pontes.

Como se fossem um só, os soldados navais se inclinaram para trás, com todos os olhos sobre ele. A tenente fez uma carranca.

– Qual é a chance de isso ser verdade?

Outro soldado, um veterano grisalho, vociferou:

– Seu sargento? Vamos ouvir alguns nomes, estrangeiro.

– Whiskeyjack. Outros sargentos? Não sobraram muitos. Inquieto.

Tormin.

– Você é o cabo Kalam, não é?

O assassino fitou o homem.

– Quem é você?

– Ninguém, senhor, e tem sido assim há muito tempo.

Ele virou para a tenente e assentiu.

– Podemos contar com você? – perguntou ela a Kalam.

– Não na frente, mas ficarei por perto.

Ela olhou ao redor.

– O tesoureiro tem um decreto imperial. Estamos presos a ele, cabo.

– Acho que o tesoureiro não confia em vocês, se chegar ao ponto de precisar escolher entre ele e o capitão.

Ela fez uma careta cômica, como se sentisse o gosto de alguma coisa ruim.

– Esse ataque é uma loucura, mas uma loucura perspicaz.

Kalam assentiu e esperou.

– Acho que o tesoureiro tem bom senso.

– Se for necessário, de fato, deixem os guarda-costas comigo – disse o assassino.

– Os dois?

– É.

– Se deixarmos os tubarões com dor de barriga por causa do tesoureiro,

seremos enforcados por isso – pronunciou-se o veterano.

– Apenas estejam em algum outro lugar quando isso acontecer. Todos vocês.

A tenente sorriu.

– Acho que podemos fazer isso.

– Agora – disse Kalam, alto o bastante para ser ouvido por todos os soldados navais. – Sou só outro daqueles civis de cara ensebada, certo?

– Nunca achamos que essa coisa de proscrição era real – bradou uma voz. – Não Dujek Umbraco. Sem chance.

Encapuzado, pelo que sei, você pode estar certo, soldado. Mas Kalam preferiu esconder sua incerteza, batendo uma meia continência antes de descer de volta para a extensão do convés.

O *Tampa de Trapo* lembrava a Kalam um urso destruindo matagais, conforme o barco avançava, desengonçado. Ele se arrastava pesadamente, grande e sólido em alto-mar. *Um urso na primavera, uma hora fora da toca, com os olhos vermelhos por causa do longo sono, miserável, corroído pela fome no fundo da barriga. Em algum lugar lá na frente, dois lobos circulam na escuridão... prontos para uma surpresa...*

O capitão estava no castelo de popa, apoiado na mão que segurava a cana do leme. O primeiro contramestre estava a seu lado, envolvendo o mastro da popa com o braço. Ambos olhavam feio para a escuridão à frente, aguardando o primeiro vislumbre de sua presa.

Kalam abriu a boca para falar, mas foi impedido por um grito do primeiro contramestre.

– Um ponto a bombordo, capitão! Bordejar a três quartos! Pelo sopro do Encapuzado, estamos bem em cima dela!

Era uma embarcação pirata: um corsário pequeno de um mastro só, que mal se via no escuro. Ela estava a menos de cem passos de distância, num trajeto ziguezagueante que passaria direto na frente do *Tampa de Trapo*. O posicionamento era impressionantemente perfeito.

– Segurem-se! – gritou o capitão em meio ao uivo da tempestade. –

Preparem-se para bater!

O primeiro contramestre disparou para a frente, gritando ordens para a tripulação. Kalam viu os marinheiros se agacharem no convés, preparando-se para o impacto. Gritos fracos alcançaram o assassino, vindos da embarcação pirata. A vela quadrada retesada, adequada à tempestade, ondeou de repente; a proa do barco se atirou para longe, enquanto a tripulação pirata fazia uma última tentativa, fracassada, de evitar a colisão.

Os deuses sorriam para a cena, mas era o sorriso fixo de uma cabeça morta. Um vagalhão ergueu o *Tampa de Trapo* um instante antes do choque, derrubando, então, o navio mercante bem em cima da borda do corsário, bem atrás da proa pontuda. A madeira explodiu, se estilhaçou e estremeceu. Kalam foi atirado para a frente, soltando a balaustrada da popa a estibordo. Foi jogado para fora do castelo de popa, atingindo o convés principal com um dos ombros e rolando em seguida, enquanto a inércia o arrastava adiante.

Mastros estalaram em algum lugar acima dele e velas chicoteavam como as asas de um fantasma no ar marcado pela chuva.

O *Tampa de Trapo* assentou, rangendo, com um estouro, inclinando-se pesadamente. Marinheiros gritavam, guinchando por todos os lados, mas Kalam não conseguia ver direito o que estava acontecendo. Gemendo, ele se esforçou para ficar sentado.

Os últimos soldados navais saltavam sobre a amurada a bombordo, para baixo e para fora de vista. Kalam presumiu que estivessem se dirigindo ao convés do corsário. *Ou ao que sobrou dele*. O choque de armas soou, abafado pelo vento lamuriante.

O assassino olhou ao redor, mas não viu o capitão em lugar algum. Também não havia ninguém na cana do leme. O castelo de popa estava abarrotado com os escombros de um mastro partido.

Kalam foi até lá.

Os navios atravancados ficaram à deriva. Ondas socavam o casco de estibordo do *Tampa de Trapo*, atirando lençóis de água espumosa sobre o

convés principal. Um corpo jazia naquela inundação, de barriga para baixo e vertendo sangue, que se espalhava em forma de teia na água marulhada.

Ao alcançar o homem, Kalam o virou para cima: era o primeiro contramestre, com a testa nitidamente afundada. O nariz e o pescoço sangravam; a água tinha lavado a pancada mortal, e o assassino encarou o estrago por alguns segundos antes de se levantar e passar por sobre o corpo.

Não estou tão enjoado com o balanço do mar, no fim das contas.

Kalam subiu no castelo de popa e começou a procurar em meio aos destroços. O homem na cana do leme tinha perdido a maior parte da cabeça e apenas alguns cordões retorcidos de carne e pele seguravam o que sobrava dela ao restante do corpo. O assassino examinou o talho no pescoço. *Dois mãos, um passo para trás e mais à esquerda. O mastro esmagou o que já estava morto.*

O assassino encontrou o capitão e um dos guarda-costas sob a balaustrada. Lascas de madeira se projetavam do peito e da garganta do gigante tribal. Ele ainda segurava a cimitarra. As mãos do capitão eram laços desfiados, fechadas sobre a ponta da lâmina; o sangue vertia delas, manchando a inundação agitada de água marinha. O homem estava bastante pálido, mas sua respiração era estável.

Kalam arrancou os dedos do capitão da lâmina da cimitarra e o puxou de baixo dos destroços.

O *Tampa de Trapo* acabou soltando o navio corsário ao mesmo tempo, caindo num vale entre as ondas e agitando-se ferozmente conforme as águas surravam seu casco. Pessoas apareceram no castelo de popa; uma delas assumiu a cana do leme, outra se agachou ao lado de Kalam.

Erguendo o olhar, o assassino viu o rosto gotejante de Salk Elan.

– Ele está vivo? – perguntou Elan.

– Sim – respondeu Kalam.

– Ainda não nos livramos dos problemas – disse ele.

– Para o Encapuzado com isso! Temos que levar este homem lá para baixo.

– Estamos com vazamentos na frente. A maioria dos soldados navais está nas bombas.

Ergueram o capitão entre os dois.

– E o corsário? – perguntou Kalam.

– A embarcação que atingimos? Despedaçada.

– Em outras palavras... – disse o assassino, enquanto ambos desciam com o capitão, aos trancos e barrancos, os degraus escorregadios. – Não é bem o que o tesoureiro planejava.

Salk Elan parou e seus olhos pareceram mais vivos.

– Parece que percorremos o mesmo caminho, você e eu.

– Onde está o desgraçado?

– Assumi o comando, por enquanto. Parece que todos os oficiais sofreram um terrível acidente inesperado. Seja como for, temos outra embarcação se aproximando de nós. Então, como eu disse, a diversão está tudo, menos terminada.

– Uma coisa de cada vez – grunhiu Kalam.

Desceram até a cozinha e entraram no corredor. A água batia nos tornozelos e o assassino conseguia sentir como o *Tampa de Trapo* tinha ficado mais lento.

– Você se aproveitou da sua autoridade com os soldados, não foi? – perguntou Elan ao alcançarem a cabine do capitão.

– Estou abaixo da tenente.

– Mesmo assim. Chame de poder da fama, então. Ela já trocou palavras ásperas com o tesoureiro.

– Por quê?

– O desgraçado quer que nos rendamos, é claro.

Carregaram o capitão até seu catre.

– Uma transferência de carga nesta ventania?

– Não, eles vão esperar acabar.

– Então temos tempo suficiente. Aqui, me ajude a tirar a roupa dele.

– As mãos do capitão estão bem ruins.

– Sim, vamos enfaixá-las depois.

Salk Elan observou o capitão enquanto o assassino puxava o cobertor sobre o homem.

– Acha que ele vai sobreviver?

Kalam não disse nada, soltando as mãos do capitão de onde estavam para analisar as lacerações.

– Ele segurou um golpe de cimitarra com elas.

– Isso não é uma coisa fácil de fazer. Ouça, Kalam, como estamos? Nós dois.

O assassino hesitou, depois disse:

– Como foi que você falou mesmo? “Percorremos o mesmo caminho”? Parece que nenhum de nós quer acabar na barriga de um tubarão.

– Você quer dizer que trabalharíamos melhor juntos.

– Sim, por ora. Só não espere um beijinho de boa-noite, Elan.

– Nem uma vezinha?

– Melhor você subir e descobrir o que está acontecendo. Posso terminar aqui.

– Não demore, Kalam. O sangue pode derramar depressa.

– É.

Sozinho com o capitão, o assassino encontrou um estojo de costura e começou a suturar a carne. Terminou uma das mãos e acabava de começar a outra quando o capitão grunhiu.

– Pelo sopro do Encapuzado – resmungou Kalam. – Só mais dez minutos, é tudo de que preciso.

– Traição – sussurrou o capitão, com os olhos fechados.

– Foi o que imaginamos – disse o assassino, continuando a fechar os ferimentos. – Agora cale a boca e me deixe trabalhar.

– O tesoureiro do pobre Pormqual é desonesto.

– Igual atrai igual, como diz o ditado.

– Você e aquele larápio afetado... Iguaizinhos.

– Obrigado. É o que todo mundo diz.

– É com vocês dois, agora.

– E a tenente.

O capitão conseguiu sorrir, com os olhos ainda fechados.

– Ótimo.

Kalam se reclinou para trás, estendendo a mão para pegar as bandagens.

– Quase acabado.

– Eu também.

– Aquele guarda-costas está morto, você ficará feliz em saber.

– Sim. Se matou sozinho, o idiota. Eu desviei o primeiro golpe. A lâmina cortou as cordas erradas. Está sentindo isso, Kalam? Estamos nivelando. Alguém lá em cima sabe o que está fazendo, graças aos deuses. Mesmo assim... pesada demais... mas ela vai aguentar inteira.

– Temos trapos suficientes para isso, então.

– Temos.

– Certo, acabei – disse Kalam, ficando de pé. – Durma um pouco, capitão. Precisamos de você são. E rápido.

– Improvável. O outro guarda-costas vai acabar com isso na primeira chance que tiver. O tesoureiro precisa que eu fique fora do caminho.

– Vamos cuidar disso, capitão.

– Simples assim?

Fechando a porta após passar por ela, Kalam fez uma pausa, soltando a faca longa da bainha. *Simples assim, capitão.*

A tempestade estava passando e o céu a leste clareava, limpo e dourado. O *Tampa de Trapo* tinha dado a volta, depois do retorno do vento alísio. A sujeira no castelo de popa já tinha sido retirada e a tripulação parecia ter as coisas sob controle, embora Kalam conseguisse enxergar sua tensão.

O tesoureiro e o guarda-costas restante estavam perto do mastro principal. O primeiro encarava o corsário à frente, acompanhando a embarcação a estibordo. Os piratas estavam perto o suficiente para que fosse

possível divisar silhuetas no convés; estas, por sua vez, observavam os que estavam no *Tampa de Trapo*. Já o guarda-costas tinha a atenção voltada a Salk Elan, descansando perto dos degraus do castelo de proa. Ninguém da tripulação parecia querer cruzar os dez passos que separavam os dois homens.

Kalam foi até o tesoureiro.

– Você assumiu o comando, então?

O homem assentiu rispidamente e seu embaraço parecia óbvio ao evitar os olhos do assassino.

– Tenho a intenção de comprar nossa travessia...

– Pegar sua fatia, você quer dizer. E quanto seria isso? Oitenta, noventa por cento? Com você como refém, é claro.

Ele viu o sangue deixar o rosto do homem.

– Isso não é assunto seu – disse o tesoureiro.

– Você está certo. Mas matar o capitão e seus oficiais é, porque prejudica esta viagem. Se a tripulação não tiver certeza do que você pretende, saiba que pelo menos suspeita.

– Temos soldados navais para lidar com isso. Recue e sobreviverá intacto. Interfira e será despedaçado.

Kalam observou o corsário.

– E qual a porcentagem que cabe a eles? O que vai impedi-los de cortar a sua garganta e fugir com tudo?

O tesoureiro sorriu.

– Duvido que meu tio e meus primos fariam isso. Agora, sugiro que você desça, volte para sua cabine e fique lá.

Ignorando o conselho, Kalam foi encontrar os soldados navais.

O combate com os piratas tinha sido curto e feroz. O barco se desfizera abaixo deles e houve pouco enfrentamento por parte da tripulação apavorada do corsário.

– Está mais para uma carnificina – resmungou a tenente quando o assassino se agachou diante dela. Os dois pelotões estavam sentados no

porão dianteiro, em meio aos regatos de água que corriam pelas tábuas, ocupados em enfiar trapos nas brechas do casco. – Não sofremos nem um arranhão.

– O que vocês deduziram até agora? – perguntou Kalam, baixo.

Ela deu de ombros.

– Tanto quanto precisamos, cabo. O que quer que façamos?

– O tesoureiro vai dar a ordem de descansar. Depois, os piratas vão tirar suas armas...

– E então vão cortar nossa garganta e nos jogar pela amurada do barco. Com decreto imperial ou sem, esse homem está cometendo crime de traição.

– Bem, ele está roubando de um ladrão, mas entendo o que você quer dizer. – Kalam se levantou. – Vou falar com a tripulação e depois volto aqui, tenente.

– Por que não derrubamos o tesoureiro e o guarda-costas agora mesmo, Kalam?

O assassino estreitou os olhos.

– Atenha-se às regras, tenente. Deixe o assassinato para aqueles cujas almas já estão corrompidas.

Ela mordeu o lábio, fitou o assassino por um bom tempo e, então, assentiu devagar.

Kalam encontrou o marinheiro com quem tinha conversado quando o porão estava sendo carregado, ainda no píer de Aren. O homem enrolava cordas no castelo de popa, com ar de quem precisava se manter ocupado.

– Ouvi que você salvou o capitão – disse o marinheiro.

– Ele está vivo, mas em mau estado.

– Sim. O cozinheiro está do lado de fora da porta da cabine dele, senhor. Com um cutelo que sabe usar muito bem, pode perguntar a qualquer porco. Pela bênção de Beru, já vi o homem se barbear com ele, limpo como a teta de uma virgem.

– Quem está substituindo os oficiais?

– Se quer dizer quem tá pondo as coisas em ordem e mantendo todas as mãos no lugar em que elas deveriam estar, esse sou eu, senhor. Só que nosso novo comandante não tá muito interessado em me encher. O espadachim dele veio me falar pra preparar pra cambar quando os mares tiverem acalmado um pouco.

– Para transferir a carga – completou Kalam. O homem assentiu. – E depois?

– Bom, se o comandante for fiel à sua palavra, eles vão nos deixar partir. Kalam grunhiu.

– E por que eles seriam tão gentis?

– É, eu andei matutando sobre isso. Temos olhos bem espertos... Espertos demais para eles respirarem com folga. Além disso, tem o que foi feito com o capitão. Deixou a gente meio zangado, deixou, sim.

Ouviram o pisar de botas a meia-nau, e os dois homens viraram para ver o guarda-costas guiar os soldados navais até o convés principal. A tenente não parecia nada feliz.

– É o vômito dos deuses à nossa volta agora, senhor – resmungou o marinheiro. – O corsário está se aproximando.

– Então chegamos – disse Kalam entre dentes.

Olhou para Salk Elan e viu que os olhos do homem estavam sobre ele. O assassino assentiu e Elan deu as costas casualmente, com as mãos escondidas sob a capa.

– Aquele corsário tem uma carga de espadas, senhor. Acho que cinquenta ou mais, todas se preparando.

– Deixem isso para os soldados. A sua tripulação fica atrás. Espalhe a notícia.

O marinheiro se afastou.

Kalam caminhou até o convés principal. O tesoureiro confrontava diretamente a tenente.

– Eu disse para entregarem as armas, tenente! – vociferou o homem.

– Não, senhor. Não entregaremos.

O tesoureiro tremia de raiva. Gesticulou para o guarda-costas.

O imenso homem tribal não foi longe. Emitiu um som estrangulado, erguendo as mãos para tocar a faca que emergiu de sua garganta. Em seguida, caiu de joelhos e tombou de lado.

Salk Elan se adiantou.

– Mudança de planos, meu caro senhor – disse ele, curvando-se para recuperar a faca.

Kalam parou atrás do tesoureiro e pressionou a ponta de sua faca contra a lombar do homem.

– Nem uma palavra – grunhiu ele. – Nem um movimento. – Ele se virou para os soldados navais. – Tenente, prepare-se para repelir invasores.

– Sim, senhor.

O corsário começava a manobra para encostar e os piratas se acotovavam no convés, preparando-se para pular o espaço entre os barcos. A diferença de altura entre as embarcações significava que os invasores tinham de subir um pouco – e que não podiam ver muito do que os esperava a bordo do *Tampa de Trapo*. Um único tripulante do corsário tinha começado a escalar preguiçosamente o mastro principal do barco, rumo ao minúsculo cesto da gávea.

Tarde demais, seus tolos.

O capitão do barco pirata, e tio do tesoureiro, como Kalam presumiu, gritou uma saudação a distância.

– Diga olá – grunhiu o assassino. – Quem sabe? Se seus primos forem bons o bastante, você ainda pode ganhar o dia.

O tesoureiro ergueu a mão e gritou sua resposta.

Havia menos de dez passos entre as duas embarcações agora. Salk Elan se aproximou dos tripulantes do *Tampa de Trapo* que se encontravam perto dos soldados.

– Quando ele estiver perto o suficiente, usem os croques. Certifiquem-se de que fiquemos bem grudadinhos, garotos, porque, se ele fugir, vai nos

caçar daqui até Falar.

O pirata que subia o mastro estava a meio caminho, já se virando para ver se conseguia enxergar melhor o convés principal do *Tampa de Trapo*.

A tripulação do corsário jogou cordas para o outro barco. As embarcações se aproximaram.

O grito de aviso que o vigia do corsário ia dar foi interrompido por uma seta de besta. O homem tombou, aterrissando entre os companheiros, que se amontoavam sobre o convés do corsário. Gritos furiosos soaram.

Kalam agarrou o tesoureiro pelo colarinho e o arrastou para trás quando os primeiros piratas saltaram, ferveilhando sobre o bordo do *Tampo de Trapo*.

– Você cometeu um erro terrível – sibilou o tesoureiro.

Os soldados navais reagiram ao ataque com uma saraivada mortífera de setas. A primeira fileira de piratas foi atirada para trás.

Salk Elan gritou um aviso, que fez Kalam dar meia-volta. Pairando sobre a lateral a bombordo, bem atrás do grupo de soldados, uma aparição se formou: asas com envergadura de dez passos, escamas brilhantes de um amarelo vivo, ofuscantes à luz do dia que raiava. A cabeça longa e reptiliana era uma massa de presas.

Um enkar'al! Tão longe do Raraku, pelo sopro do Encapuzado!

– Eu avisei – disse o tesoureiro, rindo.

A criatura pareceu um borrão ao mergulhar sobre os soldados navais, esmagando cotas de malha e elmos com suas garras e presas.

Kalam girou outra vez e desferiu um murro no rosto do tesoureiro. O homem caiu inconsciente sobre o convés, com sangue jorrando do nariz e dos olhos.

– Kalam! – gritou Salk Elan. – Deixe o mago comigo. Ajude os soldados!

O assassino disparou. Os enkar'al eram eficientemente mortais, com a fama de serem difíceis de matar, e raros até no deserto de onde vinham; o assassino nunca tinha enfrentado um antes.

Sete soldados já haviam tombado. As asas da criatura retumbavam enquanto ela pairava sobre os demais. Seus dois membros providos de garras

investiam, chocando-se com os escudos.

Piratas agora jorravam sobre o *Tampa de Trapo*, encontrando a resistência apenas de meia dúzia de soldados, entre os quais estava a tenente.

Kalam teve pouco tempo para pensar em um plano e nenhum para sondar o progresso de Salk Elan.

– Fortalecer os escudos! – urrou ele.

Depois, saltou para a frente, subindo nas defesas levantadas. O enkar'al virou, usando as garras de lâmina para açoitar o rosto de Kalam, que se esquivou e enfiou a faca comprida entre as pernas da criatura.

A ponta foi obstruída por escamas, rompendo-se como um galho.

– Encapuzado!

Largando a arma, Kalam saltou para cima, subindo no couro escamoso e sulcado. Mandíbulas tentaram mordê-lo, sem conseguirem alcançá-lo. O assassino deu a volta e subiu nas costas da fera.

Abalos causados por feitiçaria alcançaram seus ouvidos, vindos do convés do corsário.

Com a faca de estocar em uma das mãos e o outro braço enganchado ao redor do pescoço sinuoso do enkar'al, Kalam começou a golpear as asas, que batiam. A lâmina deslizava através de membranas, abrindo fendas amplas cada vez maiores. O enkar'al caiu no convés, em meio aos soldados sobreviventes, que o cercaram e começaram a desferir golpes de espada curta.

As armas mais pesadas eram bem-sucedidas onde a faca comprida tinha falhado, perfurando as regiões entre as escamas. Sangue verteu. A criatura gritou, sacudindo-se em meio aos espasmos de morte.

Lutas aconteciam por todos os lados agora, à medida que mais piratas convergiam para abater o restante dos soldados. Kalam desceu do enkar'al moribundo, trocou a faca para a mão esquerda e encontrou uma espada curta ao lado de um soldado morto. Tudo isso quase tarde demais para enfrentar a investida de dois piratas, que desferiram golpes descendentes com suas cimitarras pesadas vindos dos dois lados.

O assassino saltou entre os dois homens, ainda dentro do alcance deles, apunhalou rápido com ambas as armas e passou reto, girando as lâminas ao puxá-las de volta.

Então sua consciência de repente se perdeu em névoas quando ele se precipitou para o meio de uma aglomeração de piratas, cortando, golpeando e apunhalando por todos os lados. Perdeu a faca ao enfiá-la entre costelas, usou a mão livre para arrancar o elmo de um guerreiro que caía e esmagar sua cabeça. A proteção de cabeça era pequena demais e um golpe de raspão de uma cimitarra a fez voar enquanto o assassino abria caminho na massa de inimigos, patinando ao dar meia-volta no convés ensanguentado e escorregadio.

Meia dúzia de piratas virou para atacá-lo.

Salk Elan atingiu o grupo pela lateral, com uma faca longa em cada mão. Três piratas tombaram no primeiro ataque. Kalam se atirou pela frente, afastando uma lâmina para o lado e depois golpeando com dedos rígidos a garganta daquele que a empunhava. Um instante depois, o choque de armas cessou. Pessoas jaziam estiradas por todos os lados, algumas gemendo, algumas guinchando e balbuciando de dor, mas a maioria imóvel e silenciosa.

Kalam caiu sobre um joelho, lutando para recuperar o fôlego.

– Que bagunça! – resmungou Salk Elan, agachando-se para limpar suas lâminas.

O assassino ergueu a cabeça e o encarou. As roupas finas de Elan estavam chamuscadas e ensopadas de sangue. Metade de seu rosto estava vermelho-vivo, queimado; a sobrancelha daquele lado era um borrão de cinzas. O homem respirava pesadamente e cada inspiração visivelmente causava dor.

Kalam olhou para além de Elan. Nem um soldado naval havia sobrado de pé. Um punhado de marinheiros andava entre os corpos, libertando os ainda vivos. No entanto, só haviam encontrado dois até então, e nenhum deles era a tenente.

O primeiro contramestre em exercício veio para o lado do assassino.

– O cozinheiro quer saber.

– O quê?

– Aquele lagartão é gostoso?

A risada de Salk Elan se tornou uma tosse.

– Uma iguaria – resmungou Kalam. – Duzentas jakatas o quilo em Pan’potsun.

– Permissão para ir até o corsário, senhor – continuou o marinheiro. – Podemos nos reabastecer.

O assassino assentiu.

– Eu vou com vocês – conseguiu dizer Salk Elan.

– Agradeço por isso, senhor.

– Ei! – gritou um dos marinheiros. – O que devemos fazer com o tesoureiro? O desgraçado ainda está vivo.

– Deixem ele comigo – disse Kalam.

O tesoureiro estava consciente quando o carregaram de sacos de moedas. Ele fazia barulhos por trás de sua mordaca, com os olhos arregalados. Kalam e Salk Elan carregaram juntos o homem até a amurada e o atiraram para fora, sem cerimônia.

Tubarões convergiram assim que sentiram a pancada do homem na água, mas o esforço de segui-lo foi demais para as criaturas já saciadas.

O corsário depenado ainda queimava ao sumir no horizonte sob uma coluna de fumaça.

O Furacão se ergueu numa cortina gigantesca, mais alta do que o olho conseguia apreender e com mais de 1,5 quilômetro de largura, ao redor do Deserto Sagrado Raraku. No coração do descampado, tudo continuava calmo e o ar resplandecia sob a luz dourada.

Cordilheiras desgastadas de leito rochoso surgiam em meio às areias adiante, como ossos enegrecidos. Caminhando meia dúzia de passos à frente, Leoman parou e se virou para os demais.

– Devemos atravessar um lugar de espíritos – avisou.

Felisin assentiu.

– Mais antigo que este deserto... – disse ela. – Eles se levantaram e agora nos observam.

– Eles querem nos ferir, Sha'ik Renascida? – perguntou o toblakai, buscando sua arma.

– Não. Podem estar curiosos, mas passaram do ponto de se importar. – Ela olhou para Heboric. O ex-sacerdote ainda se encolhia em si mesmo, escondido sob as tatuagens. – O que você sente?

Ele recuou para longe da voz dela, estremecendo, como se cada palavra enviada em sua direção fosse um dardo afiado.

– Uma pessoa não precisa ser um fantasma imortal para não se importar – resmungou ele então.

Ela o contemplou.

– Fugir da alegria de ter renascido não vai durar muito, Heboric. O que você teme é se tornar humano outra vez... – disse Felisin. A risada de Heboric soou amarga, sarcástica. – Você não espera ouvir tais ideias de mim – continuou ela. – Apesar de toda a sua antipatia pelo que eu era, você reluta em renunciar àquela criança.

– Você ainda está naquela onda de poder, Felisin, e ela a iludiu, fazendo você pensar que isso lhe trouxe sabedoria também. Há dons, e há aquilo que deve ser merecido.

– Ele atua como correntes ao seu redor, prendendo-a, Sha'ik Renascida – grunhiu o toblakai. – Mate-o.

Ela balançou a cabeça, ainda fitando Heboric.

– Já que a sabedoria não me pode ser dada, aceito um homem sábio como presente. Sua companhia, suas palavras.

O ex-sacerdote ergueu o olhar ao ouvir isso, estreitando os olhos sob a

pesada saliência de suas sobrancelhas.

– Achei que você não tinha me dado escolha, Felisin.

– Talvez só parecesse isso, Heboric.

Ela observou a batalha dentro dele, a batalha que sempre estivera ali. *Atravessamos uma terra assolada pela guerra, mas a todo momento guerreávamos com nós mesmos. Dryjhna apenas levantou um espelho...*

– Aprendi uma coisa com você, Heboric – disse ela então.

– E qual é?

– Paciência. – Ela virou e gesticulou para que Leoman prosseguisse.

O grupo se aproximou de afloramentos rochosos pregueados e marcados. Havia pouca evidência de que aquele lugar já tinha conhecido ritos sagrados. O leito basáltico parecia impenetrável aos buracos e sulcos que mãos ágeis costumavam fazer em tais locais sagrados, e também não havia nenhum padrão nas pedras espalhadas.

Mesmo assim, Felisin sentia a presença de espíritos. Antes, haviam sido fortes, mas agora eram meros ecos, e sua atenção vaga os seguiu, com olhos invisíveis. Depois da subida, o deserto se estendia numa imensa bacia, onde o mar decadente de tempos antigos finalmente tinha morrido. Uma poeira suspensa encobria a vasta depressão.

– O oásis fica perto do meio – disse Leoman, ao lado dela. Felisin assentiu. – Menos de 40 quilômetros agora.

– Quem está levando os pertences de Sha'ik? – perguntou ela.

– Eu.

– Vou pegá-los.

Ele ficou em silêncio e baixou seu fardo, desamarrou a aba e começou a tirar objetos. Roupas, anéis, braceletes e brincos de uma mulher pobre e uma faca longa de lâmina fina, com o ferro manchado de preto, exceto no gume amolado.

– A espada dela nos espera no acampamento – disse Leoman quando acabou. – Ela usava os braceletes somente no pulso esquerdo e os anéis também na mão esquerda. – Ele gesticulou para algumas tiras de couro. –

Ela amarrava essas tiras ao redor do pulso e do antebraço direitos. – Ele fez uma pausa e ergueu olhos frios para ela. – Seria melhor você se igualar nos adornos. Exatamente.

Ela sorriu.

– Para ajudar na farsa, Leoman?

Ele baixou o olhar.

– Pode haver alguma... resistência. Os Altos Magos...

– Eles moldariam a causa segundo sua vontade, criariam facções dentro do acampamento e depois se confrontariam, numa luta para decidir quem governaria tudo. Eles ainda não fizeram isso tudo porque não podem determinar se Sha'ik está viva ou não. Mas prepararam o terreno.

– Vidente...

– Ah, você já aceitou isso, pelo menos.

Ele fez uma leve reverência.

– Ninguém poderia negar o poder que veio até você, mas...

– Mas eu mesma não abri o Livro Sagrado.

O olhar dele encontrou o dela.

– Não abriu.

Felisin ergueu o olhar. O toblakai e Heboric se encontravam a uma pequena distância, observando, ouvindo.

– O que abrirei não está entre essas capas, mas dentro de mim. Agora não é o momento. – Ela encarou Leoman. – Você deve confiar em mim.

A pele se comprimiu ao redor dos olhos do guerreiro.

– Você jamais conseguiria conceder isso facilmente – disse Felisin. – Conseguiria, Leoman?

– Quem fala?

– Nós.

Ele ficou em silêncio.

– Toblakai.

– Sim, Sha'ik Renascida?

– Em um homem que duvida de você, o que você usaria?

– Minha espada – respondeu ele.

Heboric bufou. Felisin se dirigiu a ele:

– E você? O que usaria?

– Nada. Eu seria como sou, e, se me provasse digno de confiança, esse homem chegaria lá.

– A menos que...

Ele fechou a cara.

– A menos que esse homem não possa confiar em si mesmo, Felisin.

Ela virou para Leoman e esperou.

Heboric pigarreou.

– Você não pode ordenar que alguém tenha fé, mocinha. Obediência, sim, mas não a crença em si.

– Você me disse que há um homem ao sul – disse ela a Leoman. – Um homem liderando um resquício exaurido de um exército e seus refugiados, que somam dezenas de milhares. Essas pessoas agem segundo ele manda; sua confiança é absoluta. Como esse homem conseguiu isso?

Leoman balançou a cabeça.

– Você já seguiu esse líder, Leoman?

– Não.

– Então você não sabe, de fato.

– Não sei, Vidente.

Sem se incomodar com os olhares dos três homens, Felisin se despiu e em seguida se vestiu com as roupas de Sha'ik. Pôs as joias de prata manchadas, sentindo uma estranha familiaridade. Em seguida, jogou fora os farrapos que vinha vestindo até então. Contemplou a bacia do deserto por um longo momento e, depois, disse:

– Vamos, os Altos Magos estão começando a perder a paciência.

– Estamos a apenas alguns dias de Falar, de acordo com o primeiro contramestre – disse Kalam. – Todo mundo está falando desses ventos

alísios.

– Aposto que sim – grunhiu o capitão, parecendo ter engolido algo azedo.

O assassino encheu outra vez as canecas e se recostou. O que quer que ainda afligisse o capitão, mantendo-o no catre nos últimos dias, ia além dos ferimentos resultantes da luta com o guarda-costas. *Bom, feridas na cabeça podem ser bem complicadas. Mesmo assim...* O capitão tremia ao falar, embora sua fala não saísse nem arrastada nem debilitada, de forma alguma. A luta parecia ser em forçar as palavras para fora, em uni-las de modo a formar algo semelhante a uma frase. Apesar disso, naqueles olhos Kalam enxergava uma mente não menos perspicaz do que antes.

O assassino se sentia desorientado, mas seus instintos lhe diziam, de certa forma, que sua presença ali dava força ao capitão.

– O sentinela avistou um navio em nossa esteira, pouco antes do pôr do sol de ontem. Era um navio mercante malazano, ele acha. Se era mesmo um, deve ter passado por nós sem luzes nem saudação durante a noite. Não havia sinal algum dele de manhã.

O capitão grunhiu.

– Nunca fizemos em tempo melhor. Aposto que os olhos deles estão arregalados também, jogando galos sem cabeça pela amurada de estibordo, para dentro do bucho sorridente de Beru, a cada badalada abençoada.

Kalam tomou um gole do vinho aguado, contemplando o capitão sobre a borda irregular da caneca.

– Perdemos dois soldados navais ontem à noite, o que me deixou com dúvidas acerca desse seu curandeiro do navio.

– Andou contando com o empurrão do Senhor. Não é a cara dele.

– Bem, ele está desmaiado de tanto beber a cerveja dos piratas.

– Ele não bebe.

– Agora bebe.

O olhar que o capitão deu a Kalam foi uma labareda viva e distante, como um farol avisando sobre bancos de areia adiante.

- As coisas não estão bem, eu presumo – sussurrou o assassino.
 - A cabeça do capitão está torta, é um fato. Língua cheia de espinhos, perto de orelhas como bolotas cobertas de folhas, pronta para chocar sem ser vista. Chocar.
 - Você me contaria se pudesse.
 - Contar o quê? – Ele estendeu a mão trêmula na direção da caneca. – Não se pode segurar o que não está lá, eu sempre digo. Não é possível segurar um golpe, também, hein, a bolota rolou para longe, mergulhou para longe.
 - As duas mãos parecem bem consertadas.
 - Sim, o suficiente. – O capitão desviou o olhar, como se o esforço de conversar finalmente fosse demais para ele.
- O assassino hesitou, mas disse:
- Ouvi falar de um Labirinto...
 - Coelhos – resmungou o capitão. – Ratos.
 - Certo. – Kalam suspirou, levantando-se. – Vamos encontrar um curandeiro adequado, um curandeiro Denul, quando chegarmos a Falar.
 - Estamos chegando lá rápido.
 - Sim, estamos.
 - Nos ventos alísios.
 - Sim.
 - Mas não há ventos alísios perto assim de Falar.

Kalam emergiu no convés. Manteve o rosto na direção do céu por um momento e, depois, foi até o castelo de proa.

- Como ele está? – perguntou Salk Elan.
- Mal.
- Ferimentos na cabeça são assim. É só ser atingido do jeito errado e você acaba balbuciando juras de amor para seu cachorrinho de estimação.
- Veremos em Falar.

– Teríamos sorte de encontrar um bom curandeiro em Bantra.

– Bantra? Pelo sopro do Encapuzado, por que em Bantra, quando as ilhas principais estão a apenas alguns quilômetros de distância?

Elan deu de ombros.

– Parece que é o atracadouro de origem do *Tampo de Trapo*. Caso você não tenha notado, nosso primeiro contramestre vive num amontoado de superstições. É como se ele fosse uma legião de marinheiros neuróticos dentro de uma pessoa só, Kalam, e você não vai fazê-lo mudar de ideia. O Encapuzado sabe que eu tentei.

Um grito vindo da vigia interrompeu a conversa:

– Velas! Duas cavilhas a bombordo da proa! Seis... sete... dez... Pela bênção de Beru, uma frota!

Kalam e Elan correram para a amurada de bombordo do castelo de proa. No entanto, não conseguiram ver nada além de ondas.

O primeiro contramestre gritou do convés principal:

– Qual o curso deles, Ratazana?

– Norte, senhor! E em direção oeste. Vão cruzar nossa esteira, senhor!

– Em cerca de doze horas – murmurou Elan –, bordejando pesado o caminho todo.

– Uma frota – disse Kalam.

– Imperial. A conselheira Tavore, amigo. – O homem virou para o assassino e ofereceu-lhe um sorriso tenso. – Se você achou que o sangue já tinha banhado muito sua terra natal... Bem, agradeça aos deuses por estarmos indo para o outro lado.

Conseguiram ver as primeiras embarcações, agora. *A frota de Tavore. Cargueiros de cavalos e tropas, a costumeira esteira de 5 quilômetros de lixo, esgoto e cadáveres humanos e animais, com tubarões e dhenrabi vencendo as ondas. Qualquer longa jornada por mar traz um exército de temperamento sórdido e ávido por começar a trabalhar. Sem dúvida, já foram alcançados por histórias de atrocidades, destruindo a fogo a misericórdia de suas almas.*

– A cabeça da serpente, naquele longo e esticado pescoço imperial –

disse Elan, em voz baixa. – Diga, Kalam, se há alguma parte de você, de um velho soldado, que anseia por estar num convés logo ali, olhando com quase nenhum interesse para um navio mercante solitário seguindo para Falar, enquanto no fundo de você cresce aquela determinação silenciosa e mortal. No seu caminho para punir Laseen, vem o que ela sempre fez, como cabe a uma imperatriz: uma vingança dez vezes maior. Você se sente puxado por duas marés, Kalam?

– Meus pensamentos não são para você pilhar, Elan, não importa quanto sua imaginação seja extravagante. Você não me conhece, nem jamais conhecerá.

O homem suspirou.

– Lutamos lado a lado, Kalam. Nós nos mostramos um time mortal. Nosso amigo mútuo em Ehrlitan suspeitava de suas intenções... Pense em como suas chances são maiores comigo a seu lado...

Kalam se virou devagar e encarou Elan.

– Chances de quê? – perguntou, e sua voz mal saiu.

Salk Elan deu de ombros, de modo fácil, descontraído.

– Tanto faz. Você não é avesso a parcerias, é? Tinha o Ben Ligeiro e, antes disso, Porthal K'nastra, nos seus dias pré-imperiais, em Karaschimesh. O Encapuzado sabe que qualquer um que olhe sua história, Kalam, pode muito bem afirmar que você prospera em parcerias. Então, homem, o que me diz?

O assassino respondeu piscando devagar.

– E o que faz você pensar que estou sozinho neste momento, Salk Elan?

Pelo mais breve e satisfatório dos momentos, Kalam viu um lampejo de incerteza agitar o rosto de Elan, antes que um sorriso suave aparecesse.

– E onde ele se esconde? Lá em cima, no cesto da gávea, com aquele sentinela de nome duvidoso?

Kalam deu as costas a ele.

– Onde mais?

O assassino sentiu os olhos de Salk Elan em suas costas enquanto se afastava a passos largos. *Você possui uma arrogância comum a todos os*

magos, amigo. Vai precisar desculpar meu prazer em espalhar rachaduras por ela inteira.

CAPÍTULO 18

Eu estava num lugar
para onde todas as sombras convergiam:
o fim do Caminho das Mãos;
soletaken e d'ivers
através dos portais da verdade
onde da escuridão
todos os mistérios emergiram.

O Caminho, Trout Sen'al Bhok'arala

Eles se depararam com quatro corpos na beira do conjunto de raízes projetadas que pareciam marcar a entrada de um vasto complexo labiríntico. As figuras estavam contorcidas, com os membros despedaçados e as vestes retorcidas e rígidas por causa do sangue seco.

O reconhecimento atingiu a mente de Mappo, lento e denso, em resposta a suspeitas que vinham surgindo sem grande surpresa. *Inominados... Sacerdotes da Azath, se é que tais entidades podem ter sacerdotes. Quantas mãos frias nos guiaram até aqui? Eu... Icarium... Essas duas raízes tortas, a caminho de Tremorlor...*

Com um grunhido, Icarium avançou. Ele tinha os olhos sobre um cajado quebrado que jazia ao lado de um dos corpos.

– Já vi um desses antes – disse.

O trell franziu a testa para o amigo.

– Como? Onde?

– Num sonho.

– Sonho?

O jhag deu um meio sorriso.

– Ah, sim, Mappo, eu tenho sonhos. – Ele encarou os corpos outra vez. – Começaram como começam todos os sonhos desse tipo. Estou andando aos tropeços. Com dor. Mas não tenho feridas e minhas armas estão limpas. Não, a dor é dentro de mim, como a de um conhecimento obtido, depois perdido outra vez.

Mappo fitou as costas do amigo, lutando para compreender suas palavras.

– Eu chego às imediações de uma cidadezinha – continuou o jhag, em tom seco. – Uma cidadezinha trelliana, na planície. Ela foi destruída. Cicatrizes de feitiçaria mancham o chão... e o ar. Corpos apodrecem nas ruas e Grandes Corvos vieram se alimentar... O riso deles é a voz do fedor.

– Icarium...

– E, então, aparece uma mulher, vestida como estão esses aqui diante de nós. Uma sacerdotisa. Ela tem na mão um cajado, de onde um poder brutal ainda sangra. “O que você fez?”, pergunto a ela. “Só o necessário”, é a resposta baixa. Vejo em seu rosto um grande medo ao me olhar e fico entristecido por isso. “Jhag, você não deve vagar sozinho.” Suas palavras parecem trazer à tona lembranças terríveis. E imagens, rostos... companheiros, incontáveis. Como se eu raramente estivesse sozinho. Homens e mulheres andaram a meu lado, às vezes individualmente, às vezes em multidão. Essas lembranças me enchem de mágoa, como se de algum modo eu tivesse traído cada um desses companheiros. – Ele fez uma pausa e Mappo viu sua cabeça assentir, devagar. – Na verdade, entendo isso agora. Eles eram todos guardiões. Como você, Mappo. E todos falharam. Talvez tenham sido mortos por minha mão. – Ele saiu do torpor. – A sacerdotisa vê o que está escrito em meu rosto, pois o dela se tornou um espelho. Então ela assente. Seu cajado floresce com feitiçaria... e eu estou vagando numa planície sem vida, sozinho. A dor se foi. Agora não há nada onde antes essa sensação havia se hospedado dentro de mim. E, conforme as memórias vão se cindindo... se espalhando... sinto que apenas sonhei. E tão acordado... – Ele se virou, então, e ofereceu a Mappo um

sorriso medonho.

Impossível. Uma distorção da verdade. Eu vi o massacre com meus próprios olhos. Falei com a sacerdotisa. Você foi visitado em sonhos, Icarium, com uma malícia caprichosa.

Violinista pigarreou.

– Parece que estavam guardando esta entrada. O que quer que os tenha encontrado era demais para que pudessem se defender.

– Eles são conhecidos no Jhag Odhan – disse Mappo. – Como os Inominados.

Os olhos de Icarium endureceram sobre o trell.

– Era para esse culto estar extinto – resmungou Apsalar.

Os outros olharam para ela, que apenas deu de ombros.

– Conhecimento de Dançarino.

Iskaral falou, cuspiendo:

– Que o Encapuzado leve suas almas podres! Bastardos presunçosos, todos eles... Como ousam alegar tais coisas?

– Que coisas? – grunhiu Violinista.

O sumo sacerdote abraçou a si mesmo.

– Nada. Não falar nada sobre isso, sim. Servos da Azath... Aff! Não passamos de peças num tabuleiro? Meu mestre os limpou do Império, sim. Uma tarefa para as Presas, como Dançarino dirá. Uma limpeza necessária, a retirada de um espinho do flanco do imperador. Carnificina e profanação. Implacável. Muitos segredos vulneráveis... Corredores de poder... Ah, como eles se ressentiram da entrada de meu mestre na Casa dos Mortos...

– Iskaral! – vociferou Apsalar.

O sacerdote se abaixou, como se tivesse sido esbofeteado.

Icarium encarou a jovem.

– Quem proclamou o aviso? Pela sua boca... Quem falou?

Ela fixou olhos frios sobre ele.

– Possuir essas lembranças impõe uma responsabilidade, Icarium, da mesma forma que não possuir nenhuma absolve.

O jhag estremeceu, encolhendo-se.

Crokus se aproximou devagar.

– Apsalar?

Ela sorriu.

– Ou Cotillion, é isso que quer saber? Não, sou só eu, Crokus. Acho que estou cansada de toda essa suspeita. Como se eu não tivesse nenhuma parte de mim sem a mácula do deus que outrora me possuiu. Eu era apenas uma menina quando fui tomada. A filha de um pescador. Mas não sou mais apenas uma menina.

A risada do pai dela soou alta.

– Filha – ressoou ele –, nenhum de nós é mais o que já foi um dia, e não tem nada simples no que passamos para chegarmos até aqui. – Ele fechou a cara, como se lutasse para encontrar as palavras. – No entanto, você ordenou que o sumo sacerdote calasse a boca, a fim de proteger segredos que Dançarino... Cotillion... iria querer que permanecessem guardados. Então as suspeitas de Icarium são bastante naturais.

– Sim – rebateu ela. – Não sou a escrava que já fui. *Eu* decido o que fazer com o conhecimento que possuo. *Eu* escolho minhas causas, pai.

– Eu aceito a repreensão, Apsalar – disse Icarium, e encarou Mappo outra vez. – O que mais você sabe sobre esses Inominados, amigo?

Mappo hesitou mas depois, disse:

– Nossa tribo os recebia como convidados, mas suas visitas eram raras. No entanto, acredito que eles de fato se viam como servos da Azath. Se houver alguma verdade nas lendas trells, o culto pode muito bem datar da época do Primeiro Império...

– Eles foram erradicados! – guinchou Iskaral.

– Dentro dos limites do Império Malazano, talvez – concedeu Mappo.

– Meu amigo, você está escondendo verdades – disse Icarium. – Eu gostaria de ouvi-las.

O trell suspirou.

– Eles assumiram a responsabilidade de recrutar seus guardiões,

Icarium, e o fizeram desde o começo.

– Por quê?

– Isso eu não sei. Agora que você pergunta... – Ele franziu a testa. – Uma pergunta interessante. Dedicção a votos nobres? Proteção da Azath? – Mappo deu de ombros.

– Pelos tornozelos peludos do Encapuzado! – grunhiu Rellock. – Pode ser por culpa, até onde sabemos.

Todos os olhos se voltaram para ele. Houve um longo silêncio, do qual Violinista se obrigou a despertar.

– Vamos lá, então. Vamos entrar neste emaranhado.

Braços e membros. O que arranhava as raízes opressoras, o que se esticava e se retorcia numa tentativa desesperada de se libertar, o que estendia as mãos em súplica, num apelo silencioso e numa oferta mortal por todos os lados, tudo era um conjunto de vida aprisionada, e poucas entre aquelas horríveis projeções animadas tinham origem humana.

A imaginação de Violinista falhava em seu desejo compulsivo de moldar corpos, cabeças e rostos para tais membros, mesmo sabendo que a realidade do que jazia oculto sob os muros entrelaçados faria seus piores pesadelos parecerem suaves.

A prisão de raízes contorcidas de Tremorlor retinha demônios, Ascendentes antigos e tamanha horda de criaturas estranhas que o sapador ficou trêmulo ao compreender sua insignificância e a de seu povo. Humanos eram apenas uma folha minúscula e frágil de uma árvore gigante demais para ser compreendida. O choque dessa percepção o desencorajou, zombando de sua arrogância, sob o eco interminável de eras e reinos encurralados dentro daquela prisão louca e tumultuosa.

Violinista ouvia as batalhas furiosas acontecendo por todos os lados, até então, felizmente, em outras ramificações do emaranhado torturado. A Azath estava sendo atacada. O som de madeira estalando e se partindo se

propagava, vindo de todas as direções. Gritos bestiais rasgavam o ar acima deles, fedendo a ferro, e as vozes perdidas das gargantas de onde vinham eram a única coisa que conseguia escapar àquela guerra aterrorizante.

O cabo da besta ficou escorregadio por causa do suor das mãos de Violinista. Ele avançava com cautela, mantendo-se no centro do caminho, além do alcance das mãos inumanas que se estendiam em sua direção. Havia uma curva acentuada bem à frente. O sapador se agachou, depois virou para encarar os outros.

Apenas três Cães continuavam com eles. Shan e Engrenagem haviam se afastado, tomando caminhos divergentes. Onde estavam naquele momento e o que estava acontecendo com eles, Violinista não fazia ideia, mas Baran, Cega e Crucifixo não pareciam perturbados pela ausência dos demais. A fêmea cega caminhava ao lado de Icarium, como se não passasse de uma companheira bem treinada do jhag. Baran ficava mais para trás, na retaguarda, enquanto Crucifixo – pálido, mosqueado, uma massa sólida de músculos – esperava a menos de cinco passos de onde Violinista estava, imóvel. Seus olhos, de um castanho-escuro líquido, pareciam fixos no sapador.

Violinista estremeceu, lançando outro breve olhar a Cega. *Ao lado de Icarium... tão perto...* Entendia aquela proximidade com muita clareza, assim como Mappo. Se fosse possível barganhar com uma Casa da Azath, Trono Sombrio seria capaz de fazer isso. Os Cães não seriam levados, apesar de Tremorlor ansiar por tais troféus, pela remoção abrupta e absoluta de assassinos antigos como aqueles. Não, o acordo envolvia um troféu muito maior...

Mappo permanecia do outro lado do jhag, com a clava de osso comprido e polido em riste à sua frente. Uma onda de compaixão inundou Violinista. O trell estava sendo despedaçado por dentro. Precisava se proteger de muito mais que apenas metamorfose; havia, afinal de contas, o companheiro que ele amava como a um irmão.

Crokus e Apsalar ladeavam Servo, o primeiro com suas facas de luta a

postos em mãos surpreendentemente relaxadas. Pust os acompanhava de maneira furtiva, um passo atrás deles.

E é isso que somos. Isso, e não mais que isso.

Violinista parou pouco antes da curva, em resposta a uma hesitação instintiva que pareceu agarrar sua coluna de modo implacável. *Não avance. Espere.* O sapador suspirou. *Esperar o quê?*

Seus olhos, vagando sobre o grupo atrás dele, agora tinham pescado alguma coisa. Eles entraram em foco.

Os pelos de Crucifixo começaram a se eriçar devagar.

– *Encapuzado!*

Uma agitação explodiu ao redor do grupo. Uma forma gigantesca surgiu no campo de visão de Violinista, bem à frente, com um rugido que atacou a medula do sapador como lanças de gelo. E, acima, o som surdo do bater de asas de couro, além de imensas garras descendo, num ataque veloz.

O soletaken que agora os atacava era um urso marrom, do tamanho de uma carruagem da nobreza. Seus flancos roçavam nos muros de raiz do complexo labiríntico, de onde braços puxavam e se esticavam, enquanto mãos se fechavam sobre a pelagem espessa. O sapador viu um membro inumano projetar-se do trio de articulações que formavam um ombro, vertendo um sangue velho, preto. Ignorando as tentativas desesperadas, como se tudo não passasse de galhos e espinhos, o urso disparou.

Violinista se atirou no chão coberto de raízes, cuja casca estava quente e oleosa com algum tipo de suor. Ele nem gastou o fôlego para dar um grito de alerta. Não que fosse necessário.

A parte inferior do urso passou voando por ele, veloz, com a pelagem pálida e manchada de sangue, e logo o sapador rolou para acompanhar o ataque.

A atenção do urso estava fixa no enkar'al vermelho-sangue à sua frente: outro soletaken, guinchando de fúria. O urso desferiu um golpe rápido com as patas, que se fecharam no ar vazio quando o réptil alado recuou, indo direto para dentro do alcance da clava de Mappo.

Violinista não conseguia sequer imaginar a força por trás do golpe de duas mãos do trell. A extremidade cheia de dentes da arma atingiu o peito cheio de cristas do enkar'al e afundou, rompendo os ossos. O enkar'al, do tamanho de um boi, pareceu literalmente se amarrotar e se dobrar ao redor daquele golpe. Os ossos das asas foram partidos, o pescoço e a cabeça, atirados para a frente, e dos olhos e das narinas verteu sangue.

O soletaken reptiliano morreu antes de atingir o muro de raízes. Presas e mãos o receberam e o agarraram.

– Não! – rugiu Mappo.

O olhar de Violinista voou para Icarium. No entanto, o jhag não era a causa do grito do trell, pois o Cão Crucifixo estava atacando o imenso urso, atingindo-o pela lateral.

Com um grito, o soletaken deu um solavanco para o lado, batendo no muro de raízes. Poucos eram os membros que conseguiriam segurar firme uma fera tão imensa, mas um deles aguardou e envolveu a extensão de pele verde ao redor do pescoço grosso do urso. Parecia possuir força ainda superior à do soletaken.

Crucifixo prendeu a pata enorme entre as mandíbulas, esmagando ossos, para depois arrancar o membro de uma só vez, com um puxão selvagem da cabeça.

– Messremb! – vociferou o trell, lutando contra Icarium, que o segurava.
– Um aliado!

– Um soletaken! – guinchou Iskaral Pust, dançando.

Mappo cedeu, de repente.

– Um amigo – sussurrou.

E Violinista entendeu. *O primeiro amigo perdido neste dia. O primeiro...*

Tremorlor reclamou ambos os metamorfos: raízes chicotearam, envolvendo os intrusos. As duas feras agora se encaravam, em seus respectivos muros. *Seus locais de descanso eterno.* O urso soletaken, jorrando sangue do toco que sobrara na extremidade de um dos membros, continuou lutando, mas até sua prodigiosa força era inútil contra o poder

transcendental da Azath e do braço que o segurava e apertava. A garganta comprimida de Messremb lutava por ar. Os aros vermelhos ao redor dos olhos castanho-escuros assumiram uma tonalidade azulada e os olhos incharam dentro das órbitas, envoltas por pelo úmido e raiado.

Crucifixo tinha se afastado e agora devorava placidamente a pata decepada: ossos, carne e pelo.

– Mappo, veja o braço daquele estranho, esmagando a vida dele – disse Icarium. – Você entende? Não é uma prisão eterna para Messremb. O Encapuzado o levará, a morte o levará, como fez com o enkar'al...

As raízes que se entrelaçavam nos muros opostos se esticaram, como se desejassem se alcançar, quase se tocando.

– O emaranhado encontra um novo muro – disse Crokus.

– Rápido, então – rosnou Violinista, só então ficando de pé. – Todo mundo para este lado.

Avançaram, mais uma vez silenciosos. Violinista percebeu que suas mãos tremiam sem cessar enquanto seguravam sua arma deplorável. A força e a selvageria que testemunhara minutos antes colidiram de maneira tão alarmante que sua mente agora parecia entorpecida.

Não conseguiremos sobreviver a isto. Cem Cães da Sombra não seriam suficientes. Essas criaturas metamorfas chegaram aqui aos milhares, todas elas, nos terrenos de Tremorlor. Quantos alcançarão a Casa? Só os mais fortes entre eles. Os mais fortes... E o que pretendemos? Entrar na Casa, encontrar o portal que nos levará à cidade de Malaz, à própria Casa dos Mortos. Deuses, somos apenas atores coadjuvantes... Com uma exceção, e essa é um homem que não podemos deixar ceder ao descontrole, um homem que até a Azath teme.

Sons de batalhas ferozes chegavam a eles, vindos de todos os lados. Os outros corredores daquele emaranhado labiríntico infernal eram palco de um caos violento, e Violinista sabia que eles próprios logo não seriam mais capazes de evitá-lo. Na verdade, os sons terríveis ficavam cada vez mais altos

e mais próximos. *Estamos nos aproximando da Casa. Estamos todos convergindo para ela...*

Parou, virando para os outros. Não precisou dar o aviso, pois cada rosto, cada par de olhos que encontrara os seus expressava a mesma compreensão.

Ouviam o estardalhaço de garras mais à frente, e o sapador girou para ver Shan chegar, reduzindo depressa o ritmo do que antes vinha sendo uma corrida frenética. Seus flancos arquejavam, trazendo incontáveis feridas.

Ah, Encapuzado...

Outro som os alcançou, aproximando-se da trilha de onde o Cão tinha acabado de chegar.

– Ele foi avisado! – gritou Icarium. – Gryllen! Você foi avisado!

Mappo envolveu o jhag com os braços. A onda de fúria repentina de Icarium imobilizou o ar por todos os lados; era como se um Labirinto inteiro houvesse começado a respirar. O jhag ficou imóvel naquele abraço, mas o sapador viu os músculos do trell se retesarem, distendendo-se diante de uma força invisível. O som que Mappo emitiu foi algo de tamanha dor, de tamanha aflição e medo, que Violinista cedeu, com lágrimas nos olhos.

Cega saiu do lado de Icarium e o sapador se abalou com o choque de ver o rabo dela abaixar.

Crucifixo e Baran se juntaram a Shan, formando uma barreira nervosa... deixando Violinista do lado errado. Ele cambaleou para trás, e seus membros se mexiam espasmodicamente, como se estivessem enfraquecidos por um galão de vinho nas veias. Seu olhar ficou preso a Icarium, enquanto finalmente se revelava o limite que todos temiam, prometendo terror.

Todos os três Cães estremeceram e recuaram de um salto. Violinista girou. O caminho adiante tinha se fechado, formando um novo muro, fervilhante, pululante. *Ah, céus, nos encontramos outra vez.*

A garota não tinha mais que 11 ou 12 anos. Trajava um colete de couro no qual haviam sido costuradas escamas de bronze sobrepostas – moedas

achatadas, na verdade. A lança que segurava nas mãos era pesada o suficiente para oscilar, enquanto ela mantinha a postura de guarda, resoluta.

Felisin olhou para a cesta cheia de flores trançadas posta aos pés sujos e descalços da garota, e disse:

– Você tem habilidade nisso.

A jovem sentinela encarou Leoman, depois o toblakai.

– Você pode baixar a arma – disse o guerreiro do deserto.

A ponta trêmula da lança foi abaixada para a areia.

A voz do toblakai soou dura:

– Ajoelhe-se diante da Sha'ik Renascida.

A menina se prostrou num instante. Felisin estendeu a mão e tocou a cabeça da garota.

– Pode se levantar. Qual é o seu nome?

Enquanto se punha de pé, hesitante, ela respondeu com um gesto negativo de cabeça.

– Provavelmente é uma dos órfãos – disse Leoman. – Ninguém para falar por ela, no rito de nomeação. Assim, ela não tem nome, mas daria a vida por você, Sha'ik Renascida.

– Se ela daria a vida por mim, então merece um nome. O mesmo vale para os demais órfãos.

– Como você desejar...

– Então, quem falará por eles?

– Eu, Leoman.

Os limites do oásis eram marcados por muros baixos, feitos de tijolos de barro em plena decadência, e algumas palmeiras espalhadas, sob as quais caranguejos de areia corriam, em meio às folhas secas. Havia uma dúzia de cabras brancas paradas à sombra, com os olhos cinzentos e claros voltados na direção dos recém-chegados.

Felisin baixou a mão e pegou um dos braceletes de flores trançadas, colocando-o no pulso direito. Continuaram andando até o coração do oásis. O ar esfriou; as poças de sombras pelas quais passavam eram quase

chocantes, depois de tanto tempo sob o sol inclemente. As ruínas intermináveis revelavam que ali houvera uma cidade antiga, com jardins e pátios espaçosos, lagoas e fontes, tudo agora reduzido a cepos e cristas baixas.

Currais cercavam o acampamento; os cavalos lá dentro pareciam saudáveis e em boa forma.

– Qual é o tamanho deste oásis? – questionou Heboric.

– Você não pode indagar aos fantasmas? – questionou Felisin.

– Prefiro não fazer isso. A destruição desta cidade foi tudo, menos pacífica. Invasores antigos, destruindo o que sobrou dos enclaves isolados do Primeiro Império. Os finos cacos azuis da cor do céu sob nossos pés são do Primeiro Império; os grossos e vermelhos são dos conquistadores. De algo delicado a algo brutal, um padrão que se repete ao longo de toda a história. Essas verdades me desgastam até a alma.

– O oásis é vasto – disse Leoman ao ex-sacerdote. – Em algumas áreas há solo de verdade, e nelas plantamos comida para o gado e para as pessoas. Restam alguns cedros antigos, em meio a tocos que se transformaram em pedra. Há lagoas e lagos, água fresca e ilimitada. Se preferirmos assim, não precisaremos sair daqui nunca.

– Quantas pessoas?

– Onze tribos. Quarenta mil soldados, na cavalaria mais bem treinada que este mundo já viu.

Heboric grunhiu.

– E o que a cavalaria pode fazer contra legiões de infantaria, Leoman?

O guerreiro do deserto abriu um sorriso largo.

– Apenas mudar a cara da guerra, velho.

– Isso já foi tentado antes – disse Heboric. – O que tornou as forças armadas malazanas tão bem-sucedidas foi justamente sua habilidade de se adaptar, de alterar táticas, até mesmo no campo de batalha. Você acha que o Império nunca encontrou culturas baseadas em cavalos antes, Leoman? Encontrou, sim, e as subjugou. Um bom exemplo são os wickanos, ou os

setinos.

– E como o Império obteve êxito?

– Não sou o historiador certo para falar desses detalhes... Eles nunca me interessaram. Se você tivesse uma biblioteca com textos imperiais, trabalhos de Duiker ou de Tallobant, poderia ler por si mesmo. Presumindo que saiba ler malazano.

– Você define os limites da região deles, o mapa de suas migrações sazonais. Toma e passa a controlar o acesso a fontes de água, construindo fortalezas e postos de comércio, pois o comércio enfraquece o isolamento do seu inimigo, a fonte de seu poder. E, dependendo da sua paciência, ou você atea fogo às pastagens e mata todos os animais de quatro patas, ou espera e, a cada bando de jovens que entra a cavalo nos seus assentamentos, você oferece a glória da guerra e da pilhagem em terras estrangeiras, com a promessa de manter o grupo intacto, como uma unidade de combate. Uma isca desse tipo acaba colhendo a flor dessas tribos, até não sobrar ninguém, exceto os velhos, para resmungar a respeito da liberdade que um dia existiu – replicou Leoman.

– Ah, alguém fez suas leituras, então.

– Sim, nós temos uma biblioteca, Heboric. E imensa, por insistência de Sha'ik Ancestral. “Conheça seu inimigo melhor do que eles mesmos se conhecem.” Assim disse o imperador Kellanved.

– Sem dúvida, embora eu duvide que ele tenha sido o primeiro a dizer algo assim.

Assim que o grupo emergiu de uma passagem entre as baías de cavalos, os recém-chegados viram as residências de tijolos de barro das tribos aparecerem por todos os lados. Crianças corriam nas ruas de areia e carretas de comércio, puxadas por mulas e bois, vinham por trajetórias tortas até o centro, estando o mercado fechado pelo resto do dia. Matilhas de cachorros se aproximaram para mitigar sua curiosidade, fugindo em seguida diante do desafio fétido representado pelo rolo de pele branca de urso que jazia sobre os ombros largos do toblakai.

Uma multidão tinha começado a se reunir, seguindo-os enquanto se encaminhavam na direção do coração do assentamento. Felisin sentiu mil olhos sobre ela, ouvindo os murmúrios de dúvida. *Sha'ik, mas não Sha'ik. Mas é Sha'ik, pois olhem para os guarda-costas preferidos dela, o toblakai e Leoman dos Descampados, os grandes guerreiros reduzidos por sua jornada no deserto. A profecia falava de renascimento, de uma renovação. Sha'ik voltou. Finalmente, depois de tanto tempo, e ela está renascida. Sha'ik Renascida...*

– *Sha'ik Renascida!*

As duas palavras encontraram uma cadência sibilante, um ritmo como o das ondas, cada vez mais alto. Multidões brotaram e a notícia se espalhou com a velocidade de um sopro.

– Espero que haja uma clareira ou um anfiteatro no centro – resmungou Heboric. Olhou para Felisin, com um sorriso irônico no rosto. – Quando foi a última vez que passamos por uma rua lotada, mocinha?

– Melhor passar da vergonha ao triunfo do que o contrário, Heboric.

– É, preciso concordar com isso.

– Há uma área destinada a passeatas diante da tenda palaciana – disse Leoman.

– Tenda palaciana? Ah, uma mensagem de impertinência, um símbolo saudando a tradição... O poder dos velhos costumes, essas coisas.

Leoman se virou para Felisin.

– A falta de respeito do seu companheiro pode vir a ser problemática, Sha'ik Renascida. Quando encontrarmos os Altos Magos...

– Ele manterá a boca sabiamente fechada.

– É melhor que faça isso.

– Corte fora a língua dele – grunhiu o toblakai. – Então não precisaremos nos preocupar.

– Não? – Heboric riu. – Você ainda me subestima, seu pateta. Estou cego, mas enxergo. Corte minha língua e, ah, como falarei! Relaxe, Felisin, eu não sou tolo.

– Você é, já que continua a usar o antigo nome dela – avisou Leoman.

Felisin deixou que eles discutissem, sentindo que, finalmente, apesar das palavras afiadas que trocavam, um elo se formava entre os três homens. Não era algo tão simples quanto uma amizade – afinal, o toblakai e Heboric eram unidos por correntes de ódio –, mas uma conexão que vinha das experiências compartilhadas. *Meu renascimento é o que eles compartilham, mesmo que se posicionem como as pontas de um triângulo, sendo Leoman o ápice. Leoman, o homem sem crenças.* Eles se aproximavam do centro do assentamento. Ela viu uma plataforma de um dos lados, um estrado em forma de disco que cercava uma fonte.

– Ali, para começar.

Leoman virou para ela, surpreso.

– O quê?

– Eu quero falar com esses seguidores.

– Agora, antes de encontrarmos os Altos Magos?

– Sim.

– Você quer deixar os três homens mais poderosos deste acampamento esperando?

– Isso preocuparia Sha'ik, Leoman? O meu renascimento necessita das bênçãos deles? Infelizmente, eles não estavam lá. Estavam?

– Mas...

– Hora de você fechar a boca, Leoman – disse Heboric, sem ser descortês.

– Abra caminho para mim, toblakai – ordenou Felisin.

O gigante deu meia-volta abruptamente, avançando na direção da plataforma. Ele nada disse, pois não era necessário. Apenas sua presença já foi suficiente para dividir a multidão, fazendo-a recuar para os dois lados, num silêncio apressado.

Eles chegaram ao estrado.

– Precisarei dos seus pulmões para começar, toblakai. Me nomeie depois que eu tiver subido ali.

– Eu irei, Escolhida.

Heboric bufou baixo.

– Esse título é adequado.

Uma cascata de pensamentos varreu Felisin enquanto ela subia na plataforma de pedra. *Sha'ik Renascida: a capa sombria de Dryjhna descendo. Felisin, pirralha nobre de Unta, puta das minas. Abra o Livro Sagrado e, assim, complete o rito. Aquela jovem mulher viu o rosto do Abismo – a terrível jornada que ficou para trás –, e agora vem a exigência de que ela enfrente o que está por vir. A jovem mulher deve abrir mão de sua vida. Abrir o Livro Sagrado... Mas quem pensaria que a deusa seria tão suscetível a um acordo? Ela conhece meu coração e isso lhe dá confiança, ao que parece, para protelar sua reivindicação sobre ele. O acordo foi selado. Poder concedido, tantas visões, mas Felisin permanece, e sua alma, dura como rocha, cheia de cicatrizes, flutua livre no amplo Abismo.*

E Leoman sabe disso...

– Ajoelhem-se diante de Sha'ik Renascida! – vociferou o toblakai, soando como um trovão no ar quente e imóvel.

Como se fossem apenas um, milhares obedeceram, de cabeça baixa.

Felisin passou pelo gigante. O poder de Dryjhna gotejava dentro dela. *Ah, querida deusa, preciosa padroeira! Agora você hesita em seus dons? Como esta multidão, como Leoman, você espera uma prova de minhas palavras? De minhas intenções?*

Mas o poder era suficiente para fazer de suas palavras tranquilas um sussurro claro nos ouvidos de todos os presentes. E isso incluía os dos três Altos Magos, que agora se encontravam sob o arco da área de passeatas. *Parados em pé, não ajoelhados.*

– Levantem-se, meus fiéis.

Ela sentiu os três homens estremecendo ao ouvir aquilo, como de fato deveriam fazer. *Ah, sim, eu sei onde vocês estão, vocês três.*

– O Deserto Sagrado Raraku está protegido dentro do círculo do Furacão, garantindo a santidade de meu retorno. Enquanto isso, a reivindicação do domínio da rebelião e da independência legítima dos

tiranos malazanos continua espalhando sua maré de sangue. Meus servos lideram exércitos imensos. Todas menos uma das Sete Cidades Sagradas foram libertadas. – Ela ficou em silêncio por um momento, sentindo o poder crescer dentro de si, mas, ao falar outra vez, suas palavras foram um sussurro baixo: – O tempo de preparação acabou. Chegou a hora de marchar, de partir do oásis. A imperatriz, em seu trono distante, quer nos punir. Uma frota se aproxima das Sete Cidades, um exército comandado por sua conselheira escolhida, uma comandante de cuja mente tenho um mapa dentro da minha. Ela não possui segredos que eu não conheça...

Os três Altos Magos não haviam se mexido. Felisin recebeu o dom de conhecê-los, uma onda repentina de conhecimento que só poderia pertencer a Sha'ik Ancestral. Conseguia ver seus rostos como se estivesse a apenas um passo de distância de cada um deles, e sabia que agora compartilhavam uma sensação de proximidade repentina e precisa... e uma parte dela admirou como se recusavam a tremer. O mais velho dos três era o ressequido ancião Bidithal, o primeiro a encontrá-la, não mais que uma criança, em resposta às próprias visões. Seus olhos membranosos estavam fixos nos dela. *Bidithal, lembra-se daquela criança? A que você usou com tanta brutalidade naquela única e primeira noite, para arrancar dela, com o flagelo, todos os prazeres da carne? Você a deixou quebrada dentro do próprio corpo, com cicatrizes que nada sentiam, inanimadas. A criança não seria distraída, não teria filhos, nenhum homem ao lado dela para arrebatá-la de sua lealdade à deusa. Bidithal, reservei um lugar para você no Abismo escaldante, como bem sabe. Mas, por enquanto, você me serve. Ajoelhe-se.*

Ela enxergou com duas visões – uma mais próxima e outra distante da plataforma – quando o velho afundou, enrolando as próprias vestes ao seu redor. Então voltou a atenção ao próximo homem. *Febryl, o mais covarde e conspirador de meus Altos Magos. Três vezes você tentou me envenenar, e três vezes o poder de Dryjhna queimou o veneno em minhas veias... e nem uma só vez eu o condenei. Você acreditou que eu ignorava seus esforços? E o seu segredo mais antigo, sua fuga de Dassem Ultor antes da batalha final, sua*

traição à causa? Você achou que eu não sabia nada disso? Mesmo assim, preciso de você, pois é o ímã da dissidência, daqueles que me trairiam. De joelhos, bastardo! Ela acrescentou uma onda de poder à ordem, que atirou o homem ao chão como se ele tivesse sido atingido pelo golpe de uma mão gigante e invisível. Ele se contorceu na areia macia, soluçando.

Finalmente, chegamos a você, L'oric, meu único verdadeiro mistério. Suas artes mágicas são formidáveis, particularmente ao tecer uma barreira impenetrável ao seu redor. O aspecto de sua mente me é desconhecido, e até a largura e a profundidade de sua lealdade. E, apesar de você parecer sem fé, descobri que é aquele com quem mais posso contar. Porque você é pragmático, L'oric. Como Leoman. Ainda assim, sempre estou sob sua avaliação, cada uma de minhas decisões, cada uma de minhas palavras. Então me julgue agora, Alto Mago, e decida.

Ele ficou sobre um joelho e abaixou a cabeça. Felisin sorriu. *Meia medida. Muito pragmático, L'oric. Senti sua falta.*

Em meio às sombras lançadas por seu capuz, ela viu o sorriso torto com que ele respondeu.

Acabando de falar com os três homens, Felisin voltou a atenção à multidão, que aguardava seu próximo pronunciamento. Um silêncio encheu o ar. *O que falta?*

– Devemos marchar, meus filhos. Mas só isso não é suficiente. Devemos *anunciar* o que estamos prestes a fazer, para que todos vejam.

A deusa estava pronta.

Felisin – *Sha'ik Renascida* – ergueu os braços.

Poeira dourada girou acima dela, espiralando-se numa coluna ascendente. O jorro de vento e poeira furioso brotou e subiu na direção do céu, absorvendo a capa dourada do deserto, limpando a abóbada gigantesca e revelando uma extensão azul que não se fazia ver havia meses.

A coluna cresceu, ficando mais e mais alta.

O Furacão não passava de uma preparação para isto. Isto, a elevação do estandarte de Dryjhna, a lança que é o Apocalipse. Um estandarte que se

agigantará sobre um continente inteiro, visível por todos. Agora, finalmente, a guerra começa. Minha guerra.

Sua cabeça se inclinou para trás e ela deixou sua visão feiticeira banquetear-se com o que subia até os limites do dossel do firmamento. *Querida irmã, veja só o que você fez.*

A besta deu um solavanco nas mãos de Violinista. Uma gota de fogo resplandeceu na massa ondulante de ratos, enegrecendo e assando dezenas das criaturas.

O sapador tinha saído da dianteira do grupo e agora se colocava na retaguarda, enquanto todos recuavam diante do pesadelo representado pela perseguição de Gryllen.

– O d'ivers roubou vidas poderosas – disse Apsalar, e Mappo, lutando para puxar Icarium para trás, aquiesceu. – Gryllen nunca antes demonstrou tamanha... capacidade...

Capacidade. Violinista grunhiu, ruminando a palavra. Na última vez que vira aquele d'ivers, os ratos somavam centenas. Agora, eram milhares, talvez dezenas de milhares. O sapador só conseguia imaginar seu número.

O Cão Engrenagem tinha se juntado a eles e agora guiava a retirada, por entre trilhas e túneis estreitos. Tentavam dar a volta em Gryllen, pois não havia mais nada a fazer.

Até Icarium perder o controle... e, deuses, ele está perto. Perto demais.

O sapador alcançou suas munições; seus dedos tocaram a última condenadora, depois passaram direto por ela, encontrando, em vez disso, outra flamejante. Não tinha tempo de afixá-la a uma das setas, que também estavam acabando. As criaturas da dianteira do enxame, galopando em sua direção, já estavam a não mais de uma dezena de passos de distância. O coração de Violinista vacilou no peito. *Eu os deixei se aproximarem demais desta vez? Pelo sopro do Encapuzado!* Atirou a granada.

Rato assado.

Corpos arquejantes engoliram o fogo líquido, prosseguindo na direção de Violinista, em subseqüentes elevações e tombos, como ondas.

O sapador deu meia-volta e correu.

Ele quase caiu dentro das mandíbulas sujas de sangue de Shan. Gemendo, Violinista desviou do Cão, caindo estirado em meio a botas e sapatos. O grupo tinha parado. Ele ficou em pé.

– Temos que correr!

– Para onde? – A pergunta veio de Crokus, num tom seco e pesado.

Estavam numa curva no caminho e ambas as extremidades pululavam num muro sólido de ratos.

Quatro Cães atacaram a turba distante e só Shan permaneceu com o grupo. Ela tinha tomado o lugar de Cega, perigosamente próxima a Icarium.

Com um guincho de raiva, o jhag se livrou do abraço de Mappo, apenas com um movimento, aparentemente sem esforço, de ombros. O trell cambaleou, perdeu o equilíbrio e atingiu o chão de raízes com um baque surdo.

– Todo mundo abaixado! – gritou Violinista, afundando a mão, às cegas, na bolsa de munições, em busca do objeto grande e liso lá dentro.

Soltando um lamento agudo, Icarium desembainhou a espada. Madeira estalou e recuou em resposta. O céu de ferro corou, escarlate, e começou a se torcer num vórtice diretamente acima deles. Seiva era aspergida dos muros como neve, borrifando sobre todos.

Shan atacou Icarium, mas acabou atirada de lado, voando, mal sendo notada pelo jhag.

Violinista fitou Icarium por mais um momento. Em seguida, arrancou a condenadora, girou e atirou a munição no d'ivers.

Mas não era, afinal, uma condenadora.

De olhos arregalados, Violinista observou, vidrado, a concha atingir o chão de raízes e despedaçar-se como vidro.

O sapador ouviu um estalido selvagem às suas costas, mas não teve tempo de pensar nele. Todos os sons mais distantes sumiram quando uma

voz sussurrada se ergueu da concha quebrada. *O presente de um andarilho espectral tanno...* O sussurro logo encheu o ar. Era uma canção de ossos, encontrando músculos ao explodir em direção centrífuga.

Dos dois lados, a massa ondulante de ratos tentou recuar, mas não havia para onde fugir: o som envolveu todos eles. As criaturas começaram a desmoronar, enquanto sua carne secava, restando apenas pelagem e ossos. A canção tomou aquela carne e assim cresceu.

O grito de milhares de vozes de Gryllen foi uma explosão angustiada de dor e pavor. E ele também foi engolido, devorado.

Violinista tapou os ouvidos com as mãos quando a canção ressoou dentro dele, insistente. Aquela voz era tudo, menos humana, tudo, menos mortal. Ele tentou se afastar, contorcendo-se, e caiu de joelhos. Seus olhos arregalados enfim se fixaram, mal entendendo o que viam diante de si.

Seus companheiros estavam caídos, enrolados sobre si mesmos. Os Cães se encolhiam, tremendo e com as orelhas retas. Mappo se achava agachado sobre a forma imóvel de Icarium, que estava de bruços. O trell tinha a clava nas mãos; o lado reto da ponta da arma estava sujo de sangue fresco, com porções de cabelo comprido e avermelhado. Mappo finalmente baixou a clava e cobriu os ouvidos com as mãos.

Deuses, isso vai matar todos nós. Pare! Pare, cacete!

Violinista percebeu que estava enlouquecendo. Sua visão o traía, pois agora ele via um muro, um muro de água, cinza de neve e coberto por uma espuma em forma de teia. O muro avançava sobre eles pelo outro lado da trilha, crescendo, escapando das paredes e das raízes e tombando para fora. O sapador se deu conta de que conseguia ver dentro do muro, como se ele fosse vidro líquido. Destroços, pedras de fundação amolecidas por algas, os restos podres de navios naufragados, incrustações, nacos disformes de metal oxidado, ossos, crânios, barris e baús envoltos em bronze, mastros e acessórios estilhaçados: a memória submersa de incontáveis civilizações, uma avalanche de acontecimentos trágicos, dissolução e decadência.

A onda os alcançou, derrubando todos com seu imenso peso e sua força

implacável.

Depois sumiu, deixando-os secos como poeira.

O silêncio encheu o ar, sendo quebrado aos poucos por arquejos roucos, gemidos bestiais, o sussurro abafado de roupas e armas.

Violinista levantou a cabeça e ficou de quatro. Restos fantasmagóricos daquela inundação pareciam manchá-lo por completo, penetrando-o com um pesar indescritível.

Seu presente oferece proteção?

O andarilho espectral sorria. *De certo tipo.*

E eu planejando vender essa porcaria em G'danisban. Minha última condenadora era a droga de uma concha. E eu não verifiquei, nem uma vez sequer. Pelo sopro do Encapuzado!

Violinista demorou a sentir a tensão que se erguia no ar. O sapador olhou para cima. Mappo tinha pegado sua clava de volta e se mantinha sobre a forma inconsciente de Icarium. Ao redor dele estavam os Cães, com todos os pelos eriçados.

Violinista tateou para pegar a besta.

– Iskaral Pust! Mande esses Cães pararem, cacete!

– A barganha! A Azath o tomará! – O sumo sacerdote arquejou, ainda vacilante por conta do atordoamento causado pela feitiçaria tanna. – Agora é a hora!

– Não – grunhiu o trell.

Violinista hesitou. *O acordo, Mappo. Icarium deixou seus desejos bem claros...*

– Mande os Cães pararem, Pust – disse o sapador, indo ao embate, nervoso. Enfiou a mão na bolsa da munição e virou a mochila de couro até segurá-la contra a barriga.

– Tenho mais uma condenadora. Esses Cães podem ser feitos até de mármore sólido, mas nem isso será capaz de poupá-los quando eu usar o que estou segurando aqui.

– Malditos sapadores! Quem os inventou?! Loucura!

Violinista sorriu.

– Quem os inventou? Ora, Kellanved, quem mais? Aquele que ascendeu para se tornar o seu deus, Pust. Achei que você apreciaria a ironia, sumo sacerdote.

– A barganha...

– Vai esperar um pouco mais. Mappo, com que força você o acertou? Por quanto tempo ele ficará desacordado?

– Por quanto tempo eu quiser, amigo.

“Amigo”. E nessa palavra: “obrigado”.

– Está bem, então. Mande os vira-latas pararem. Vamos chegar à Casa.

O sumo sacerdote parou de cambalear em círculos; fez uma pausa, balançando para a frente e para trás devagar. Olhou Apsalar e ofereceu a ela um largo sorriso.

– Como diz o soldado – falou ela.

O sorriso do sumo sacerdote sumiu.

– A juventude de hoje em dia não conhece lealdade. Uma vergonha, não é como as coisas costumavam ser. Você não concorda, Servo?

O pai de Apsalar sorriu.

– Você a ouviu.

– É tolerância demais deixá-la escapar impune assim. Você a estragou, homem! Traído por minha própria geração, infelizmente. O que vem depois?

– Depois, seguimos andando – disse Violinista.

– E não andaremos muito – retrucou Crokus. Ele apontou a trilha mais adiante. – Ali. Estou vendo a Casa. Estou vendo Tremorlor.

O sapador observou Mappo jogar a arma em um dos ombros. Em seguida, o trell ergueu Icarium com delicadeza. O jhag pendeu frouxamente de seus braços gigantesco. A cena mostrou tamanho cuidado e tanta gentileza que Violinista teve de desviar o olhar.

CAPÍTULO 19

O dia do sangue puro
foi um presente dos Sete
de seus túmulos de areia.

O destino era um rio,
a glória, um presente dos Sete
que fluiu, amarela e escarlate,
ao longo do dia.

Corrente do Cão, Thes'soran

No dialeto can'eld local, aquele viria a ser conhecido como Mesh'arn tho'ledann: o Dia do Sangue Puro. A foz do rio Vathar jorrou sangue e cadáveres para o Mar Inclinado de Dojal durante cerca de uma semana depois do massacre, uma maré que escurecia do vermelho para o preto, em meio aos corpos pálidos e inchados. Os pescadores que trabalhavam naquelas águas chamaram aquela época de Estação dos Tubarões e mais de uma rede foi dispensada antes que uma colheita sinistra fosse puxada para bordo.

O terror não tinha lados nem favoritos e se espalhou como uma mancha, de tribo a tribo, de uma cidade a outra. E daquela repugnância nasceu um medo entre os nativos das Sete Cidades. Uma frota malazana estava a caminho, comandada por uma mulher dura como ferro. O que tinha acontecido na travessia do Vathar era como uma pedra de amolar sob o gume mortal da conselheira.

Ainda assim, Korbolo Dom estava longe de acabar.

A floresta de cedros ao sul do rio se erguia em degraus de calcário,

dispostos em camadas. A trilha de comerciantes era sinuosa, com curvas bem acentuadas e declives íngremes e difíceis. E quanto mais o comboio esgotado se afundava na floresta, mais antiga e arrepiante ela se tornava.

Duiker guiava sua égua pelas rédeas, tropeçando quando as pedras viravam sob seus pés. Ao lado do historiador ia uma carroça barulhenta, vergando sob o peso dos soldados feridos. O cabo Lista ia sentado no banco da frente e seu chicote arranhava o dorso suado e sujo de poeira da parelha de bois que trabalhava sob seu jugo.

As perdas na travessia do Vathar eram uma ladainha entorpecedora na mente do historiador. Mais de vinte mil refugiados, dentre os quais um número desproporcional de crianças. Restavam menos de quinhentos guerreiros capazes entre os membros do clã dos Cachorros Tolos e os outros dois clãs estavam quase tão destruídos quanto ele. Setecentos soldados do Sétimo estavam mortos, feridos ou desaparecidos. Uma dezena de engenheiros continuava em pé, e apenas alguns soldados navais. Três famílias nobres haviam sido dizimadas, o que, pelo menos no que dizia respeito ao Conselho, tinha sido uma perda inaceitável.

E Sormo E'nath. Dentro de um homem, oito bruxos anciãos, uma perda não apenas de poder, mas de conhecimento, experiência e sabedoria. Um golpe que tinha colocado os wickanos de joelhos.

Mais cedo naquele dia, quando o comboio tivera tempo para uma pequena parada, o capitão Bonança havia se juntado ao historiador para compartilhar algumas rações. Trocaram poucas palavras no começo, como se os acontecimentos na travessia do Vathar fossem algo de que não se pudesse falar, apesar de se espalharem como uma praga sobre todos os pensamentos e ecoarem como fantasmas por trás de cada cenário ao redor, de cada som que saía do acampamento.

Bonança jogou fora, devagar, os restos da refeição. Então fez uma pausa e Duiker viu o homem estudando as próprias mãos, que haviam começado a tremer. O historiador desviou o olhar, surpreso pela vergonha repentina que o varreu. Viu Lista dormindo no banco da carroça, encurralado dentro da

prisão de seus sonhos. *Eu poderia acordar o garoto por misericórdia, mas o poder do conhecimento me dominou. A crueldade vem fácil, ultimamente.*

O capitão suspirou depois de um momento, completando a tarefa, agora depressa.

– Você tem necessidade de responder a tudo isso, historiador? – perguntou. – Todos aqueles volumes que você leu, pensamentos de outros homens, outras mulheres. Outros tempos. Como um mortal responde ao que sua espécie é capaz de fazer? Todos nós, soldados ou não, chegamos a um ponto em que somos modificados por tudo que vimos e a que sobrevivemos? Modificados, de forma irrevogável. O que nos tornamos, então? Menos humanos, ou *mais* humanos? Humanos o suficiente, ou humanos *demais*?

Duiker ficou em silêncio por um longo tempo, mantendo os olhos na terra cravejada de pedras que cercava a rocha arredondada sobre a qual estava sentado. Em seguida, pigarreou.

– Cada um de nós possui o próprio limite, amigo. Soldado ou não, só suportamos um pouco antes de atravessarmos... na direção de alguma outra coisa. Nesses casos, é como se o mundo tivesse se deslocado ao nosso redor, mas foi só o nosso modo de olhá-lo que mudou. Uma mudança de perspectiva, mas não há inteligência nela; você vê, mas não sente, ou chora e olha para sua angústia como se a visse de outro lugar, de algum lugar fora de você mesmo. Não é um lugar de respostas, Bonança, porque cada pergunta foi reduzida a cinzas. Mais humanos ou menos humanos... Isso é você quem decide.

– Com certeza já escreveram sobre isso... Acadêmicos, sacerdotes... Filósofos?

Duiker sorriu para a terra.

– Fizeram tentativas. Mas aqueles que cruzaram o limite... Bem, eles têm poucas palavras para descrever o lugar que encontraram, e pouca propensão a tentar explicá-lo. Como eu disse, é um lugar sem inteligência, onde os pensamentos vagam, amorfos, desconexos. Perdidos.

– Perdidos – repetiu o capitão. – Estou assim, com toda a certeza.
– Mesmo assim, eu e você, Bonança, tivemos a sorte de nos perdermos tarde em nossas vidas. Olhe para as crianças e se desespere.

– Como responder a isso? Eu preciso saber, Duiker, ou ficarei louco.

– Prestidigitação – disse o historiador.

– O quê?

– Pense em toda a feitiçaria que vimos durante nossa vida: o poder imenso, desenfreado e mortal, tudo que testemunhamos ser desencadeado. Fomos levados ao temor e ao pavor. Agora, pense num mágico de rua, um impostor daqueles que você via quando era criança. Imagine os jogos de ilusão e os estratagemas que esse mágico era capaz de criar com as mãos, colocando, dessa maneira, a maravilha diante de seus olhos.

O capitão ficou em silêncio, imóvel. Depois se levantou.

– E aí está minha resposta?

– É a única em que consigo pensar, amigo. Sinto muito se não for suficiente.

– Não, velho, é suficiente. Tem de ser, não é?

– Sim. Tem mesmo.

– Prestidigitação.

O historiador aquiesceu.

– Não peça nada mais, pois o mundo... este mundo... não dará a você.

– Mas onde encontraremos algo assim?

– Em lugares inesperados – replicou Duiker, também se levantando. Adiante, gritos ecoaram e o comboio retomou a subida. – Se você tiver de lutar tanto contra lágrimas quanto contra um sorriso, terá encontrado um desses lugares.

– Até mais tarde, historiador.

– Até mais tarde.

Duiker observou o capitão voltar para sua companhia de soldados, perguntando-se se tudo que tinha dito e oferecido ao homem não passava de mentiras.

A dúvida voltava a ele naquele momento, horas depois, enquanto o historiador marchava em provação, na forma de um daqueles pensamentos aleatórios, descompromissados, que começavam a caracterizar o escapismo em sua mente. Tal possibilidade voltou, permaneceu um momento, depois vagou para longe e sumiu.

A jornada continuava, sob nuvens de poeira e algumas borboletas restantes.

Korbo Dom seguia no encalço deles, atacando a cauda mutilada do comboio, esperando uma área mais adequada antes de outro combate ainda maior. Talvez até mesmo ele vacilasse diante do que a floresta de Vathar começava a revelar.

Em meio aos altos cedros, havia árvores de outras espécies, transformadas em rocha. Nodosa e retorcida, a madeira petrificada abraçava objetos também fossilizados: as árvores traziam oferendas e haviam, muito tempo antes, crescido ao redor delas. Duiker se lembrava muito bem de quando tinha visto coisas como aquelas, no que antes havia sido um local sagrado, no coração de um oásis, ao norte de Hissar. Naquele local, chifres de carneiro eram envoltos pelas curvas dos galhos, e havia muitos deles ali também, embora estivessem entre as menos inquietantes oferendas de Vathar.

T'lan imass. Não há espaço para dúvidas. Seus rostos mortos-vivos nos encaram por todos os lados. Crânios e rostos ressequidos, espiando de dentro da grinalda de cada casca de árvore cristalizada, os abismos negros de seus olhos acompanhando nossa passagem. Este é um cemitério, não dos antepassados de carne e osso dos t'lan imass, mas das próprias criaturas imortais.

As visões que Lista tem de uma guerra antiga... Estamos vendo aqui seu resultado. Havia também plataformas amassadas, treliças de pedra encarapitadas em meio a galhos que haviam um dia crescido ao redor delas, encerrando os ossos reunidos como os dedos de uma mão de pedra. No fim da guerra, os sobreviventes vieram para cá, carregando seus camaradas

destruídos demais para continuarem, e fizeram desta floresta seu lar eterno. As almas dos t'lan imass não podem se juntar ao Encapuzado, não podem sequer fugir de suas prisões de osso e de carne encarquilhada. Não se enterram tais coisas: a sentença da escuridão terrestre não oferece paz. Em vez disso, que esses restos possam olhar, de onde estão, uns para os outros e para os raros mortais que passarem por esta trilha...

O cabo Lista enxergava com clareza demais; suas visões o imergiam numa história que seria melhor que permanecesse perdida. Ele tinha sido derrubado pelo conhecimento. *Como faz o conhecimento com todos nós, quando transmitido numa quantidade grande demais. Ainda assim, eu anseio por ele.*

Começaram a surgir túmulos, pilhas de rochas arredondadas encimadas por crânios, colocados ali como totens. *Agora, túmulos*, dissera Lista. *Locais de confronto, os vários clãs, onde quer que os jaghut tenham parado de fugir e contra-atacado.*

O dia já terminava quando finalmente alcançaram o cume final. Era um planalto imenso e confuso cuja cobertura de calcário parecia ter sido arrancada, deixando exposto o leito rochoso e escuro, da cor do vinho. Extensões planas, desarborizadas, encontravam-se abarrotadas de rochas arredondadas, todas dispostas em espirais, em elipses e formando corredores. Pinheiros substituíam os cedros e o número de árvores petrificadas havia diminuído.

Duiker e Lista viajaram até ali no último terço da coluna, entre os feridos protegidos pela retaguarda exaurida da infantaria. Assim que a última das carroças e o pouco gado que restava deixaram o declive e alcançaram o chão nivelado, os soldados ocuparam o cume. Os pelotões se espalharam, tomando os pontos mais estratégicos e distribuindo os baluartes que controlariam o acesso.

Lista parou a carroça e colocou o freio. Depois se levantou do banco, deu uma espreguiçada e olhou para Duiker, com olhos assombrados.

– A visão é melhor daqui de cima, de qualquer forma – concedeu o

historiador.

– Sempre foi – disse o cabo. – Se alcançarmos a cabeça da coluna, chegaremos aos primeiros.

– Primeiros o quê?

O sangue deixou o rosto do rapaz, fato que anunciava que outra visão acabava de inundar sua mente, vinda de um mundo e de uma época vistos por olhos inumanos. Depois de um momento, ele estremeceu, secando o suor da testa.

– Vou mostrar para você.

Em silêncio, passaram pela multidão, também calada. Por todos os lados, as tentativas de montar acampamento pareciam desajeitadas; tanto refugiados quanto soldados se moviam de forma automática. Ninguém se deu o trabalho de tentar montar as tendas e todos simplesmente estenderam seus sacos de dormir na rocha plana. Crianças permaneceram sentadas, imóveis, observando tudo com olhos de homens e mulheres bem mais velhos.

Os acampamentos wickanos não estavam melhores. Não havia como escapar ao que tinha acontecido, nem como esquecer as imagens e as cenas que emergiam uma vez e mais outra, sem piedade, diante dos olhos da mente. Cada gesto frágil e trivial de se manter uma vida cotidiana tinha sido estilhaçado sob o peso da compreensão.

Mas havia raiva, quente e bem enterrada, fora de vista, como se estivesse coberta de turfa. Ela se tornara o último combustível que ainda tinha alguma força. *E assim continuamos, dia após dia, lutando cada batalha – tanto as de dentro quanto as de fora – com uma ferocidade e uma determinação implacáveis. Estamos todos naquele lugar em que Bonança vive agora, nesse local desprovido de pensamentos racionais, presos num mundo sem qualquer coesão.*

Chegando à vanguarda, eles se depararam com uma discussão. Coltaine, Bult e o capitão Bonança estavam presentes. Além deles, formando uma linha irregular a dez passos de distância, estavam os últimos engenheiros.

O Punho olhou quando Duiker e Lista se aproximaram.

– Ah, que bom. Eu gostaria que você testemunhasse isso, historiador.

– O que eu perdi?

Bult sorriu.

– Nada. Acabamos de obter sucesso na prodigiosa tarefa de reunir os sapadores. Seria de pensar que as batalhas com Kamist Reloe são verdadeiros pesadelos táticos. De qualquer forma, aqui estão eles, como se estivessem esperando para serem pegos numa emboscada, ou coisa pior.

– E eles *estão* esperando, tio?

O sorriso do comandante aumentou.

– Talvez.

Coltaine avançou na direção dos soldados ali reunidos.

– Símbolos de coragem e gestos de reconhecimento só podem soar vazios nesta hora. Eu sei bem disso, mas o que mais me restou? Três líderes de clã já vieram até mim, cada um deles pedindo que eu abordasse vocês, homens e mulheres, com uma oferta formal para que fossem adotados por seus respectivos clãs. Talvez vocês ignorem o que representam solicitações como essas, sem precedentes... Ou talvez, a julgar por suas expressões, vocês saibam o que elas significam. Senti a necessidade de responder em seu nome, pois conheço mais sobre vocês, soldados, que a maioria dos wickanos, incluindo os líderes de clãs, e cada um deles humildemente retirou suas solicitações. – Ele ficou em silêncio por um longo momento. Depois, finalmente continuou: – Ainda assim, eu gostaria que vocês soubessem que eles têm a intenção de honrá-los.

Ah, Coltaine, nem mesmo você entende esses soldados bem o bastante. Essas carrancas à sua frente certamente parecem de censura, até de desgosto. Mas quando foi que você os viu sorrir?

– Então me restam apenas as tradições do Império Malazano. Há testemunhas da travessia, suficientes para tecer todos os detalhes da tapeçaria de suas ações. Dentre todos vocês, incluindo seus companheiros caídos, se fez notar diversas vezes a liderança natural de uma pessoa. Sem

ela, o dia teria sido realmente perdido.

Os sapadores não se moveram. Suas carrancas ficaram ainda mais profundas, mais ferozes.

Coltaine se adiantou e parou diante de um homem. Duiker se lembrava bem dele: um sapador atarracado, sem pelos, imensuravelmente feio, com os olhos semelhantes a fendas finas e o nariz uma mistura de ângulos e ganchos achatados. Audaciosamente, ele usava fragmentos de armadura que, como Duiker reconheceu, eram despojos tomados de um comandante do Apocalipse, embora o elmo preso a seu cinto pudesse ser usado como decoração numa loja de antiguidades em Darujhistan. Era difícil identificar o outro objeto que pendia de seu cinto e levou um momento até que o historiador percebesse que se tratava dos restos de um escudo destruído: duas tiras reforçadas por trás de uma aba de bronze, mutilada até chegar ao tamanho de um prato. Ele levava no ombro uma besta grande e enegrecida, tão coberta e entrelaçada por galhos, ramos e outras camuflagens que era como se o homem carregasse um arbusto.

– Acredito que chegou o momento de uma promoção – disse Coltaine. – Você é sargento agora, soldado.

O homem nada disse, estreitando os olhos até que se tornassem a mais fina das fendas.

– Acho que seria apropriado bater continência – grunhiu Bult.

Um dos outros sapadores pigarreou, puxando nervosamente o bigode. O capitão Bonança deu a volta no homem.

– Algo a dizer a respeito disso, soldado?

– Não muito – resmungou o homem.

– Fale logo.

O soldado deu de ombros.

– Bom, é que... Ele era um capitão menos de dois minutos atrás, senhor. O Punho acabou de rebaixá-lo. Este é o capitão Moedor, senhor. Comanda os Engenheiros. Ou comandava.

Moedor finalmente falou:

– E, já que agora sou sargento, sugiro que esta soldado seja promovida a capitã. – Ele estendeu a mão e agarrou a orelha da mulher a seu lado, puxando-a para perto. – Ela era *minha* sargento. O nome dela é Bagunça.

Coltaine o encarou por mais um momento. Depois se virou para trás e seu olhar encontrou o de Duiker com tal prazer cômico que a exaustão do historiador foi simplesmente varrida, explodida e esquecida. O Punho lutou para se manter sério e Duiker mordeu o lábio com esforço. Ele olhou para Bonança, cujo rosto mostrava o mesmo esforço, e o capitão piscou e disse só uma palavra, apenas com um movimento dos lábios.

Prestidigitação.

A única questão que restava seria como Coltaine daria sequência ao jogo. Assumindo uma expressão de atenção severa, o Punho se virou para a frente outra vez. Fitou Moedor, depois a mulher chamada Bagunça.

– Isso é satisfatório, sargento – disse. – Capitã Bagunça, eu aconselho que você ouça seu sargento em todos os assuntos. Entendido?

A mulher balançou a cabeça. Moedor fez uma careta e disse:

– Ela não tem experiência com isso, Punho. Eu nunca pedi um conselho *dela*.

– Pelo que percebi, você nunca pediu o conselho de *ninguém* quando era capitão.

– Sim, isso é verdade.

– Nem nunca foi às reuniões de equipe.

– Não, senhor.

– E por quê?

Moedor deu de ombros. A capitã Bagunça disse:

– Sono de beleza, senhor. É o que ele sempre dizia.

– O Encapuzado sabe que o homem precisa disso – resmungou Bult.

Coltaine arqueou uma sobrancelha.

– E ele dormia, capitã? Nessas ocasiões?

– Ah, sim, senhor. Ele dorme enquanto marchamos, também. Dorme enquanto anda. Nunca vi nada parecido. Fica roncando, pondo um pé na

frente do outro, com uma mochila cheia de pedras nas costas.

– Pedras?

– Para quando ele quebra a espada, senhor. Ele atira as pedras, e não tem uma porcaria de coisa que não consiga acertar.

– Errado – grunhiu Moedor. – Aquele cachorrinho...

Bult pareceu engasgar, depois cuspiu em afinidade.

Coltaine tinha colocado as mãos para trás e Duiker as viu se fechando com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Como se sentisse a atenção, o Punho chamou, sem se virar:

– Historiador!

– Estou aqui, Punho.

– Você registrará isso?

– Ah, sim, senhor. Cada palavra abençoada.

– Excelente. Engenheiros, vocês estão dispensados.

O grupo se afastou, murmurando. Um homem agarrou o ombro de Moedor e recebeu um olhar fulminante e aborrecido em troca. Coltaine os observou enquanto partiam, para depois ir até Duiker, com Bult e Bonança em seu encalço.

– Espíritos abaixo! – sibilou Bult.

Duiker sorriu.

– Seus soldados, comandante.

– Sim – disse ele, de repente radiante de orgulho. – Sim.

– Eu não sabia o que fazer – confessou Coltaine.

Bonança grunhiu.

– Você jogou perfeitamente, Punho. Aquilo foi primoroso, e sem dúvida já está sendo contado como uma lenda amaldiçoada pelo Encapuzado. Se eles gostavam de você antes, agora eles o amam, senhor.

O wickano continuou desconcertado.

– Mas por quê? Acabei de rebaixar um homem por sua coragem sem igual!

– Você o devolveu às fileiras, quer dizer. E isso exaltou todos eles. Você

não vê?

– Mas Moedor...

– Nunca se diverti tanto na vida, posso apostar. Dá para perceber isso quando eles ficam ainda mais feios. O Encapuzado sabe, não consigo explicar. Só sapadores conhecem o modo como um sapador pensa e se comporta, e, às vezes, nem eles.

– Você tem uma capitã chamada Bagunça agora, sobrinho – disse Bult. – Acha que ela estará lá com todo o seu esplendor na próxima reunião?

– Sem chance – opinou Bonança. – Ela provavelmente está embrulhando seus equipamentos agora mesmo.

Coltaine balançou a cabeça.

– Eles venceram – falou, com admiração evidente. – Fui derrotado.

Duiker olhou enquanto os três homens se afastavam, ainda discutindo o que tinha acabado de acontecer. *Sem mentiras, afinal de contas. Lágrimas e sorrisos, algo tão pequeno, tão absurdo... A única resposta possível...* O historiador saiu de seu estupor e olhou ao redor, até encontrar Lista.

– Cabo, lembro que você tinha algo a me mostrar...

– Sim, senhor. Mais adiante, não muito longe, eu acho.

Chegaram a uma torre arruinada antes dos piquetes externos, mais avançados. Um pelotão de wickanos tinha tomado posse daquela posição, enchendo o perímetro do leito rochoso com provisões e deixando de guarda apenas um jovem de um braço só.

Lista colocou a mão em uma das imensas pedras da fundação.

– Jaghut – disse ele. – Eles viviam isolados, sabe? Nada de vilas, cidades, apenas habitações solitárias e remotas. Como esta.

– Gostavam de privacidade, presumo.

– Temiam uns aos outros tanto quanto temiam os t'lan imass, senhor.

Duiker lançou um olhar ao jovem wickano. O rapaz dormia pesadamente. *Estamos fazendo muito isso ultimamente. Apenas cochilando.*

– Qual a idade? – perguntou ao cabo.
– Não tenho certeza. Cem, duzentos. Ou até trezentos.
– Não anos.
– Não. Milênios.
– Então os jaghut viviam aqui.
– A primeira torre. Daqui, foram forçados a recuar, de novo e mais uma vez. A resistência final... a última torre... está no coração da planície, do outro lado da floresta.

– *Forçados* a recuar – repetiu o historiador.

Lista assentiu.

– Cada cerco durou séculos. As perdas entre os t'lan imass foram atordoantes. Os jaghut eram tudo, menos viajantes. Quando escolhiam um lugar... – Sua voz baixou. Ele deu de ombros.

– Essa foi uma guerra típica, cabo?

O jovem hesitou. Então balançou a cabeça.

– Um elo estranho, único entre os jaghut. Quando a mãe ficou em perigo, os filhos voltaram, juntaram-se à batalha. Depois o pai. As coisas... se intensificaram.

Duiker assentiu e olhou ao redor.

– Ela deve ter sido... especial.

Com os lábios comprimidos e muito pálido, Lista tirou o elmo e passou a mão pelo cabelo suado.

– Sim – sussurrou finalmente.

– Ela é a sua guia?

– Não. O companheiro dela.

Algo fez o historiador virar para trás, como se em resposta a um estremecimento sutil do ar. Ao norte, através das árvores, depois acima delas. Sua mente lutou para compreender o que via: uma coluna, uma lança acesa em ouro, subindo... subindo.

– Pelo sopro do Encapuzado – resmungou Lista. – O que é isso?

Uma única palavra trovejou dentro de Duiker, inundando sua mente,

expulsando cada um dos demais pensamentos. Então ele soube a verdade, com uma certeza absoluta, e respondeu à pergunta de Lista com uma única palavra:

– Sha'ik.

Kalam estava em sua cabine escura, inundada pelo martelar das ondas e pelos guinchos do vento. O *Tampa de Trapo* estremecia a cada batida impiedosa do mar furioso; parecia que o quarto ao redor do assassino estava sendo atirado em várias direções ao mesmo tempo.

Em algum lugar atrás deles, um veloz navio mercante lutava contra a mesma tempestade. Sua presença, anunciada pelo sentinela apenas alguns minutos antes de a nuvem verde e estranhamente luminescente se colocar sobre eles, corroía Kalam, recusando-se a deixá-lo em paz. *O mesmo veloz navio mercante que vimos antes. Seria simples a resposta? Enquanto estávamos atracados naquele buraco do porto de onde saímos, a embarcação estava lá, calmamente, no píer imperial de Falar; não há nenhuma pressa especial em se reabastecer, não quando há uma boa folga em terra firme.*

Mas isso não explicava a horda de outros detalhes que afligiam o assassino. Em separado, era como se os detalhes todos tocassem apenas uma pequena nota desarmônica. Juntos, porém, criavam uma verdadeira cacofonia, deixando Kalam em estado de alerta. Passagens obscuras do tempo, talvez nascidas do desejo de que aquela viagem finalmente terminasse, guerreavam com a realidade interminável de dia após dia, noite após noite, a mesmice de tal jornada.

Mas não: há mais nisso que apenas um conflito de perspectivas. As ampulhetas, as reservas decrescentes de comida e de água fresca, as sugestões torturadas do capitão, referindo-se a um mundo fora do eixo a bordo deste maldito navio.

E aquele navio mercante veloz, que já deveria ter nos passado dias atrás...

Salk Elan. Um mago: ele fede a magia. Mas um feiticeiro capaz de distorcer

a mente de uma tripulação inteira... Ele teria de ser um Alto Mago. Não é impossível. Só bastante improvável, em meio ao círculo encoberto dos espiões e agentes de Mebra.

Na mente de Kalam não havia dúvidas de que Elan vinha tecendo à sua volta uma teia de farsas, já que fazia parte da natureza daquele tipo de homem agir assim, sendo necessário ou não. Mas que caminho o assassino deveria seguir, em sua busca pela verdade?

Tempo. Quanto tempo já dura esta jornada? Ventos alísios onde não deveria haver nenhum... E agora uma tempestade, nos levando sempre para sudeste, uma que, portanto, não veio das dissipações oceânicas, conforme exigiriam as imutáveis leis do mar, mas das ilhas Falarianas. E nesta estação seca, uma estação de constante calmaria.

Então, quem está brincando conosco aqui? E qual é o papel de Salk Elan nesse jogo, se é que ele tem algum?

Grunhindo, Kalam se levantou da tarimba onde estava, desenganchando sua bolsa no meio do movimento. O assassino foi até a porta, desafiando o balanço do barco.

O porão parecia uma torre sob cerco em meio a um bombardeio incessante de pedras. Brumas enchiam o ar salgado e abafado, e a quilha estava com água até a altura dos tornozelos. Não havia ninguém por perto, já que todas as mãos estavam comprometidas com a árdua tarefa de manter o *Tampa de Trapo* inteiro. Kalam abriu um espaço e puxou de lá um baú. Remexendo sua bolsa, encontrou e pegou um pedaço de pedra, pequeno e disforme. Ele o tirou de lá, colocando o objeto sobre o baú.

A pedra não rolou; na verdade, sequer se mexeu.

O assassino desembainhou o punhal e o segurou pela lâmina. Então enfiou o castão de ferro na pedra, que se estraçalhou. Uma rajada de ar quente e seco varreu Kalam. Ele se abaixou ainda mais.

– Ligeiro! Ben Ligeiro, seu bastardo, agora é a hora!

Nenhuma voz o alcançou, em meio ao rugido incessante da tempestade.

Estou começando a odiar magos.

– Ben Ligeiro, cacete!

O ar pareceu esvoaçar, como ondas de calor subindo do chão de um deserto. Uma voz familiar fez cócegas nos ouvidos do assassino:

– Alguma ideia de quando foi a última vez que eu consegui dormir? Aqui está tudo indo pro esgoto do Encapuzado, Kalam. Onde você está, e o que quer? E ande logo, que isso está me matando!

– Achei que você fosse meu osso raspado no buraco, cacete!

– Você está em Unta? No palácio? Nunca achei que...

– Obrigado pelo voto de confiança – interrompeu o assassino. – Não, não estou no palácio amaldiçoado pelo Encapuzado, seu idiota. Estou no mar...

– Não estamos todos? Você acabou de ferrar tudo, Kalam. Não posso fazer isso mais de uma vez.

– Eu sei. Então estarei sozinho quando chegar lá. Tudo bem, nada de novo nisso. Ouça, você consegue sentir onde estou neste momento? Alguma coisa está muito errada neste navio e eu quero saber o que é, e quem é o responsável por isso.

– É só isso? Tudo bem, me dê um minuto...

Kalam esperou. Os pelos de seu pescoço se eriçaram ao sentir a presença do amigo enchendo o ar por todos os lados, em uma emanção exploratória que o assassino conhecia bem. Depois acabou.

– Hã.

– O que esse “hã” significa, Ligeiro?

– Você está com problemas, amigo.

– Laseen?

– Não tenho certeza. Não diretamente. Esse navio fede a um Labirinto, Kalam, um dos mais raros entre os mortais. Andou se sentindo confuso ultimamente, amigo?

– Eu estava certo, então! Quem?

– Alguém que talvez esteja a bordo, talvez não. Talvez navegando numa embarcação dentro desse mesmo Labirinto, bem a seu lado, só que você nunca a verá. Há alguma coisa de valor a bordo?

– Você quer dizer, fora minha pele?
– Sim, fora sua pele, é claro.
– Só o resgate de um déspota.
– Ah, e querem que ele chegue a algum lugar depressa. E, quando chegar lá, querem que cada maldita pessoa a bordo esqueça onde fica esse lugar. É meu palpite, Kalam. Mas posso estar bastante errado.

– Isso é um conforto. Você disse que está com problemas aí? Whiskeyjack? Dujek, o pelotão?

– Vamos sobrevivendo até agora. Como está Violinista?

– Não tenho ideia. Decidimos nos separar...

– Ah, não, Kalam!

– Sim, Tremorlor. Pelo sopro do Encapuzado, isso foi ideia sua, Ligeiro!

– Presumindo que a Casa estivesse... em paz. Com certeza teria funcionado. Absolutamente. Eu acho. Mas algo deu muito errado lá. Todos os Labirintos estão acesos, Kalam. Esbarrou num Baralho de Dragões ultimamente?

– Não.

– Sorte sua.

A compreensão desceu sobre o assassino, que inspirou entre os dentes.

– O Caminho das Mãos.

– O Caminho... Ah. – A voz do mago ficou mais forte: – Kalam! Se você sabia...

– Nós *não sabíamos* de merda nenhuma, Ligeiro!

– Eles podem ter uma chance – resmungou Ben Ligeiro um momento depois. – Com Piedade...

– Apsalar, você quer dizer.

– Tanto faz. Deixe-me pensar, cacete.

– Ah, incrível – grunhiu Kalam. – Mais estratégias...

– Estou perdendo o controle aqui, amigo. Cansado demais... Perdi sangue demais ontem, acho. Marreta disse...

A voz foi baixando até sumir. Uma bruma fria voltou a envolver o

assassino. Ben Ligeiro se fora. *E é isso. Sozinho de verdade, agora. Violinista... Ah, seu desgraçado, deveríamos ter adivinhado, ter pensado nisso. Portais antigos... Tremorlor.*

Ele permaneceu imóvel durante muito tempo. Finalmente suspirou e limpou o topo do baú, removendo o resto da rocha esmagada da superfície úmida. Então se levantou.

O capitão estava acordado e tinha companhia. Salk Elan sorriu quando Kalam adentrou a sala estreita.

– Estávamos falando de você, parceiro – disse Elan. – Sabendo até que ponto você é capaz de ficar obcecado e nos perguntando como você receberia as notícias...

- Está bem, vou morder a isca. Que notícias?
- Esta tempestade... Estamos sendo tirados do curso. Bastante.
- E isso quer dizer...
- Parece que vamos dar em outro porto, quando tudo passar.
- Não em Unta.
- Ah, no final sim, claro.

O olhar do assassino repousou no capitão. Ele parecia infeliz, mas resignado. Kalam conjurou um mapa de Quon Tali em sua mente. Então suspirou.

– Cidade de Malaz. A ilha.

– Nunca vi a fossa lendária antes – disse Elan. – Mal posso esperar. Confio que você será generoso e me levará para conhecer todas as vistas, amigo.

Kalam encarou o homem, depois sorriu.

- Pode contar com isso, Salk Elan.

Haviam feito uma pausa para descansar. Já estavam quase habituados aos

gritos surdos e aos berros que vinham de outros cantos do emaranhado labiríntico. Mappo colocou Icarium no chão e se ajoelhou ao lado do amigo inconsciente. Dava para sentir o desejo de Tremorlor pelo jhag. O trell fechou os olhos. *Os Inominados nos guiaram até aqui, entregando Icarium à Azath como fariam com uma cabra para um deus das colinas. Mas não são as mãos deles que ficarão sujas por isso. Sou eu quem será manchado pelo sacrifício.*

Mappo lutava para imaginar a vila destruída, sua terra natal, mas em sua memória agora habitavam apenas sombras. A dúvida substituía a convicção. Não acreditava mais nas próprias lembranças. *Tolo! Icarium tirou inúmeras vidas. Qualquer que seja a verdade por trás da morte de minha vila...*

Cerrou os punhos.

Minha tribo, as ombreiras, elas não me trairiam. Que peso pode ser dado aos sonhos de Icarium? O jhag não se lembra de nada. Nada real. Sua tranquilidade suaviza a verdade, borra as bordas... Mancha todas as cores, até a lembrança ser repintada, como nova. Assim. Foi a bondade de Icarium que me capturou...

Os punhos de Mappo doíam. Ele olhou para seu companheiro, analisando a expressão de descanso sereno no rosto sujo de sangue do jhag.

Tremorlor não ficará com você. Não serei usado dessa forma. Se os Inominados quiserem entregar você, então terão de vir por si mesmos. E passar por mim antes.

Ergueu os olhos e fulminou com o olhar o coração do emaranhado. *Tremorlor. Tente alcançá-lo com suas raízes e elas sentirão a fúria de um guerreiro trell, sua batalha dos sonhos sendo desencadeada, os espíritos antigos cavalgando sua carne numa dança assassina. Isso eu prometo; esteja avisada.*

– Dizem que a Azath prendeu deuses – murmurou Violinista a seu lado.

Mappo encarou o soldado com os olhos semicerrados.

Violinista também estreitou os olhos, mas para analisar os muros turbulentos espalhados por todos os lados.

– Que deuses ancestrais, de nomes esquecidos há milênios, foram

aprisionados aqui? Quando foi a última vez que viram a luz? Quando conseguiram mexer seus membros pela última vez? Você consegue imaginar como é sofrer uma eternidade dessa maneira? – Ele trocou o peso da besta de uma das mãos para a outra. – Se Tremorlor morrer... Imagine a loucura que seria libertada sobre o mundo.

O trell ficou em silêncio por um momento. Depois sussurrou:

– O que são esses dardos que você fica atirando em mim?

Violinista levantou as sobrancelhas.

– Dardos? Nenhum deles é intencional. Este lugar me parece um manto de víboras, só isso.

– Tremorlor não anseia por você, soldado.

Violinista deu um sorriso torto.

– Às vezes compensa ser um ninguém.

– Agora você está realmente zombando.

O sorriso do sapador desapareceu.

– Amplie seus sentidos, trell. Tremorlor não é a única que anseia por algo aqui. Cada um dos prisioneiros desses muros de madeira sente nossa passagem. Eles podem muito bem se encolher diante de você e de Icarium, mas nenhum medo parecido reprime sua atenção sobre o resto de nós.

Mappo desviou o olhar.

– Peço perdão. Pensei pouco nos demais, como você notou. Mesmo assim, acredite: eu não hesitaria em defender vocês, se houvesse necessidade. Não sou de diminuir a honra que é a sua companhia.

Violinista assentiu bruscamente, endireitando-se.

– Pragmatismo de soldado. Eu precisava saber, de um modo ou de outro.

– Eu entendo.

– Sinto muito se ofendi você.

– Nada além de um cutucão com a ponta de uma faca. Você me despertou.

Iskaral Pust, agachado a alguns passos de distância, falou, cuspendo:

– Lamacenta a poça, ah, sim! Puxem as lealdades dele para um lado e

para outro... Excelente! Testemunhem a estratégia do silêncio... Enquanto isso, as vítimas intencionais se desvendam, num discurso inútil e semeador de discórdias. Ah, sim, aprendi muito com Tremorlor e adotei uma estratégia parecida. Silêncio, um sorriso vagamente zombeteiro, sugerindo que sei mais do que sei, um ar de mistério, sim, e conhecimento corrompido. Ninguém conseguiria supor como estou confuso, minha horda de ilusões e delírios evasivos. Um manto de mármore que esconde um cerne de arenito desmoronando. Veja como eles me encaram, se perguntando... Todos eles se perguntam... a respeito do meu secreto manancial de sabedoria...

– Vamos matá-lo – resmungou Crokus. – Nem que seja só para livrá-lo de sua angústia.

– E sacrificar tamanho entretenimento? – grunhiu Violinista. O sapador retornou a sua posição à frente do grupo. – Hora de ir.

– Tagarelar segredos – proferiu o sumo sacerdote da Sombra, numa voz completamente diferente –, para que me julguem ineficaz.

Os outros se viraram para encará-lo.

Iskaral Pust ofereceu a eles um sorriso generoso.

Um enxame de vespas voou sobre o muro de raízes entrelaçadas, passando direto por suas cabeças, sem nem mesmo prestar atenção a eles. Violinista sentiu o coração voltar para o lugar com um baque. Inspirou, trêmulo. Alguns d'ivers ele temia mais que outros. *Feras são uma coisa, mas insetos...*

Violinista olhou para os outros. Icarium pendia, frouxo, no colo de Mappo. A cabeça do jhag ainda estava manchada de sangue. O olhar do trell passava direto pelo sapador, estando fixo no edifício que os aguardava. A expressão de Mappo se contorcia em angústia, tão transparente e vulnerável que seu rosto era como o de uma criança. Havia nele uma necessidade constante, ainda mais rigorosa justamente por ser espontânea. Uma súplica silenciosa a que era difícil resistir.

Violinista saiu do torpor, tirando a atenção de Mappo e do fardo que

carregava. Apsalar, o pai e Crokus estavam alinhados atrás do trell, num cordão protetor, e logo depois deles vinham os Cães e Iskaral Pust. Os cinco pares de olhos bestiais e um humano queimavam de determinação. *Aliados ambíguos, em nossa retaguarda. Hora ruim para pensar sobre isso.* Tal determinação estava fixa no corpo que jazia inconsciente nos braços de Mappo.

Era o que o próprio Icarium queria, e, ao dizer isso, ele derreteu o coração do trell. O preço do consentimento não é nada perto da dor da recusa. Mas Mappo entregará sua vida a isso, e é provável que todos façamos o mesmo. Nenhum de nós – nem mesmo Apsalar – tem coração frio o suficiente para ficar quieto enquanto o jhag é tomado. Pelo sopro do Encapuzado, somos tolos, e Mappo é o mais tolo de todos...

– O que se passa na sua cabeça, Vi? – perguntou Crokus, cujo tom sugeria que ele fazia uma boa ideia.

– Os sapadores têm um ditado – murmurou ele. – O estúpido de olhos arregalados.

O daru assentiu lentamente.

Em outros caminhos do emaranhado, as prisões haviam começado. Metamorfos – os mais poderosos, capazes de sobreviver para chegar até ali – começaram a atacar a Casa da Azath. Uma cacofonia de gritos ecoou no ar, exaurindo os sentidos de todos no grupo. Tremorlor se defendia do único modo que podia: devorando, aprisionando. *Mas há muitos, vindo rápido demais.* Madeira estalou, gaiolas entrelaçadas se estilhaçaram; o som era o de uma floresta sendo destruída, galho por galho, árvore por árvore, em progressão implacável, perto, cada vez mais perto da própria Casa.

– Estamos ficando sem tempo – sibilou Iskaral Pust. Os Cães se moviam, agitados, ao redor dele. – Há coisas chegando atrás de nós. *Coisas!* Preciso ser ainda mais claro?

– Ainda podemos precisar dele – disse Violinista.

– Ah, sim! – respondeu o sumo sacerdote. – O trell pode jogá-lo como uma saca de grãos.

– Eu posso obrigá-lo a despertar bem rápido – grunhiu Mappo. – Ainda tenho alguns daqueles elixires Denul do seu templo, Iskaral Pust.

– Vamos andando – disse o sapador.

Alguma coisa de fato vinha atrás deles, deixando o ar com um odor doentio. A atenção dos Cães, antes fixa em Mappo e Icarium, agora estava voltada ao outro lado. O estado de perturbação agitada das imensas feras se revelava em suas constantes trocas de posição. A trilha fazia uma curva acentuada a vinte passos de onde elas estavam.

Um grito lancinante rasgou o ar, vindo de pouco além daquela curva. Em seguida vieram os sons explosivos de uma luta, que, no entanto, acabou abruptamente.

– Esperamos demais! – sibilou Pust, encolhendo-se atrás dos Cães de seu deus. – Agora está vindo!

Violinista virou a besta, fixando os olhos no local onde o perseguidor iria aparecer.

Em vez disso, uma criatura pequena, da cor de uma noz, meio voou, meio correu para o campo de visão. Gavinhas de fumaça se desprendiam dela.

– Ah! – guinchou Pust. – Eles me afligem!

Crokus correu para a frente, abrindo caminho entre Shan e Engrenagem, como se os Cães não passassem de um par de mulas.

– Moby?

O animalzinho correu na direção do daru e saltou no último momento, a fim de aterrissar nos braços do rapaz, onde se agarrou com tenacidade, crispando as asas. Crokus atirou a cabeça para trás.

– Argh, você fede como o Abismo!

Moby, aquele maldito familiar... O olhar de Violinista passou para Mappo, que franzia a testa.

– Bhok'aral! – A palavra veio de Iskaral Pust como um xingamento. – Um animal de estimação? De *estimação*? Loucura!

– O familiar do meu tio – disse Crokus, aproximando-se.

Os Cães saíram de seu caminho.

Ah, menino, muito mais que isso, ao que parece.

– Um aliado, então – disse Mappo.

Crokus assentiu, embora com óbvia incerteza.

– Só o Encapuzado sabe como ele nos encontrou. Como sobreviveu...

– Dissimulador! – acusou Pust, arrastando-se na direção do daru. – Um familiar? Vamos pedir a opinião do metamorfo morto lá atrás? Ah, não, não podemos fazer isso, podemos? Ele foi feito em pedaços!

Crokus nada disse.

– Não importa – disse Apsalar. – Estamos perdendo tempo. Para a Casa...

O sumo sacerdote olhou para ela.

– Não importa? Que fraude conspirativa chegou entre nós? Que traição imunda paira sobre nós? Ali, pendurado na camisa do rapaz...

– Chega! – rosnou Violinista. – Fique aqui, então, Pust. Você e seus Cães.

– O sapador fitou a Casa outra vez. – O que acha, Mappo? Nada chegou perto ainda. Se dermos uma corrida até lá...

– Podemos tentar.

– Você acha que a porta se abrirá para nós?

– Não sei.

– Vamos descobrir, então.

Tinham uma visão clara de Tremorlor. Um muro baixo a cercava, feito do que parecia ser rocha vulcânica, cheia de protuberâncias e afiada. A única brecha visível naquele muro era um portão estreito, sobre o qual videiras entrelaçadas formavam um arco. A Casa em si tinha uma cor dourada, provavelmente de calcário; a entrada ficava em um nicho entre um par de torres de dois andares, atarracadas e assimétricas, e nenhuma delas possuía janelas. Um caminho torto entre os ladrilhos ligava o portão à porta engolida pelas sombras. Árvores baixas e retorcidas ocupavam o jardim, cada uma sobre um montículo.

Uma irmã da Casa dos Mortos na cidade de Malaz. Pouco diferente da de Darujhistan. Todas iguais. Todas Azath, embora de onde e há quanto tempo

tenha vindo esse nome ninguém saiba e talvez jamais venha a saber.

Mappo falou em voz baixa ao lado do sapador:

– Dizem que a Azath une os reinos, todos eles. Dizem que o tempo em si cessa entre suas paredes.

– E essas portas só se abrem para poucos, e ninguém sabe por quê. – Violinista fez uma careta para as próprias palavras.

Apsalar avançou, passando pelo sapador. Sobressaltado, Violinista grunhiu:

– Apressada, mocinha?

Ela olhou para ele.

– Aquele que me possuiu, Violinista... foi recebido por uma Azath, uma vez.

Verdade. E por que isso está me deixando tão nervoso aqui e agora?

– Então, como se faz? Uma batida especial na porta? Chave embaixo de um ladrilho solto?

O sorriso de resposta dela foi um bálsamo para sua agitação.

– Não, algo muito mais simples. Audácia.

– Bom, temos muito disso. Estamos aqui, não estamos?

– Sim, estamos.

Ela foi à frente e todos a seguiram.

– Aquela concha... – troou Mappo. – Um imenso dano foi causado aos soletaken e aos d'ivers. E ainda está sendo causado, ao que parece... Para a Azath, isso pode ser prova suficiente.

– E você reza para que seja.

– Sim, rezo.

– Então por que aquela canção mortal não nos destruiu também?

– Você está me perguntando, Violinista? O presente foi dado a você, não foi?

– Sim. Eu salvei uma menininha... Uma parente do andarilho espectral.

– Qual andarilho espectral, Violinista?

– Kimloc.

O trell ficou em silêncio por meia dúzia de passos. Em seguida, soltou um grunhido de frustração.

– Uma menina, você disse. Não importa quão próxima fosse essa parente, a recompensa de Kimloc foi muito maior que seu gesto. Mais do que isso: parece ser destinada precisamente ao uso que foi dado a ela... A feitiçaria naquela canção era bem direcionada, Violinista. Diga: Kimloc sabia que você buscava Tremorlor?

– Eu com certeza não disse isso a ele.

– Ele tocou você em algum momento... Encostou um dedo no seu braço, qualquer coisa?

– Ele pediu, eu me lembro. Ele queria minha história. Eu recusei. Mas, pelo sopro do Encapuzado, Mappo, eu realmente não me lembro se houve algum contato mais casual.

– Acho que houve.

– Se sim, eu perdoo o andarilho espectral pela indiscrição.

– Imagino que ele tenha previsto isso também.

Mesmo Tremorlor resistindo ao ataque que vinha de todos os lados, as batalhas estavam longe de acabar. Em alguns lugares, o som de madeira se partindo parecia uma progressão interminável, sempre mais perto.

Apsalar acelerou o passo quando uma dessas avalanches invisíveis se aproximou do grupo, avançando rumo ao portão em arco. Um instante depois, em meio a um rugido crescente, todos começaram a correr.

– Onde? – exigiu saber Violinista enquanto corria com dificuldade. Sua cabeça ia de um lado para outro, procurando freneticamente a fonte do ruído em todas as direções. – Onde está, em nome do Encapuzado?

Vinda do alto, uma repentina chuva de água gelada trouxe a resposta: uma selvagem abertura de Labirinto. Emergindo de dentro daquele borrifo estranhamente suspenso, menos de cinquenta passos atrás deles, surgiram a cabeça e a barriga imensas de uma dhenrabi, cobertas de algas marinhas, barrilhas e estranhos galhos esqueléticos.

Um enxame de vespas surgiu diante dela e foi devorado de uma só vez.

Três outras dhenrabi apareceram no dilúvio que era aquele portal. A espuma turva da água em que estavam as feras parecia queimar todas as raízes sobre as quais caía, em meio ao emaranhado. Ainda assim, as criaturas permaneciam suspensas, navegando o redemoinho sibilante.

Várias imagens lampejaram dentro de Violinista no espaço de uma única batida do coração. *Mar Kansu. Não era um soletaken, afinal. Não era um único animal, mas um grupo. Um d'ivers. E estou sem condenadoras...*

Logo depois, ficou claro que os Cães da Sombra ainda não haviam provado seu valor. Violinista *sentiu* o poder emanar das cinco feras, tão parecido com aquele dos dragões: a força deslizou como um sopro, uma onda de feitiçaria primitiva que tomou a dianteira dos Cães, enquanto eles disparavam com uma velocidade que os fazia parecerem um borrão.

Shan foi a primeira a alcançar a dhenrabi da frente, a primeira a pular dentro de sua boca escancarada e serrilhada... e a sumir dentro da escuridão. A criatura recuou na velocidade de um relâmpago e, se aquele semblante imenso e bruto conseguia demonstrar surpresa, foi exatamente o que fez naquele momento.

Engrenagem alcançou a próxima fera e a dhenrabi deu um bote, não para engoli-lo, mas para mordê-lo, esquartejá-lo com as mil lâminas protuberantes de seus dentes. O poder do Cão cedeu sob as mandíbulas, mas não totalmente. Um instante depois, Engrenagem tinha se livrado dos dentes, entrando também na criatura... onde desencadeou o caos.

Os outros Cães avançaram para as duas dhenrabi restantes e apenas Cega permaneceu com o grupo.

A dhenrabi da frente começou a se debater, sacudindo a enorme massa enquanto a torrente de seu Labirinto desmoronava ao seu redor, esmagando muros do complexo abaixo. Vítimas aprisionadas ali havia muito tempo de repente despertaram, em meio aos escombros e sob a água lamacenta, estendendo membros ressequidos para o céu, agarrando o ar. A segunda dhenrabi caiu, também se contorcendo.

Uma mão agarrou o braço de Violinista, puxando-o com força e

obrigando o sapador a se virar.

– Vamos – sibilou Crokus. Moby ainda estava agarrado a sua camisa. – Temos mais companhia, Vi.

O sapador viu o objeto que tinha chamado a atenção do daru. Estava à sua direita, quase atrás de Tremorlor, ainda a mil passos de distância, mas se aproximando rápido. Era um enxame como nenhum outro: moscas-vampiro, numa massa negra e sólida, do tamanho de uma gigantesca nuvem de tempestade, aproximando-se como uma onda.

Deixando para trás a dhenrabi, que morria, com espasmos, o grupo disparou na direção da Casa.

Ao cruzar o arco de videiras sem folhas, o sapador viu Apsalar alcançar a porta, fechar as mãos na imensa aldraba circular e girá-la. Viu os músculos dos antebraços dela aparecerem, fazendo força. Fazendo força.

Então ela cambaleou um passo para trás, como se tivesse sido empurrada com desdém e desprezo. Violinista alcançou o patamar nivelado e calçado, seguido de perto por Crokus, Mappo e aquele que carregava em seus braços, o pai de Apsalar, depois Pust e Cega. Logo depois o sapador viu a garota girar para eles, com uma expressão chocada de descrença no rosto.

Ela não abre. Tremorlor nos recusou.

Violinista parou, derrapando, e se virou.

O céu estava preto, vivo, e vinha direto para eles.

Na orla esparsa e acidentada de Vathar, o planalto de leito rochoso se escondia mais uma vez sob a pele de calcário. Diante deles, abaixo de onde os dois estavam posicionados, a terra que se estendia não passava de rochas cravejadas na argila ressequida e exposta ao vento. Foi lá que se depararam com o primeiro dos túmulos jaghut.

Poucos dentre os batedores que seguiam na frente da coluna prestaram atenção naquilo. Não parecia ser mais do que um monte de pedras, ou uma imensa chapa alongada, empinada para cima na ponta virada para o sul,

como se mostrasse o caminho através do Nenoth Odhan até Aren ou para algum outro destino mais próximo.

O cabo Lista tinha deixado o historiador analisar o túmulo em silêncio. Enquanto isso, os outros preparavam um cordame a fim de ajudar a guiar as carroças na descida íngreme e tortuosa que levava ao chão árido da planície.

– O filho mais novo – disse Lista, fitando o túmulo primitivo.

Seu rosto era assustador, pois trazia a mágoa de um pai, tão bruta quanto se a morte da criança houvesse acontecido no dia anterior. Uma mágoa que, aliás, apenas cresceu com o passar torturante e incompreensível de duzentos mil anos.

Ele ainda monta guarda, esse fantasma jaghut. A afirmação, um enunciado silencioso que era tanto simples quanto óbvio, ainda assim foi capaz de tirar o fôlego do historiador. *Como compreender isso?*

– Que idade? – perguntou Duiker, a voz tão seca quanto o Odhan que os aguardava.

– Cinco. Os t'lan imass escolheram este lugar para ele. O esforço de matá-lo teria se provado grande demais, dado que o resto da família ainda esperava por eles. Então arrastaram a criança até aqui, esmigalharam seus ossos, cada um deles, tantas vezes quanto possível num esqueleto tão pequeno, e, depois, o prenderam sob esta rocha.

Duiker pensava não ter mais a capacidade de se chocar, nem mesmo de entrar em desespero. No entanto, sua garganta se fechou com as palavras frias de Lista. A imaginação do historiador eraafiada demais e as imagens que ele criou em sua mente o queimaram, enchendo-o de um pesar esmagador. Ele se forçou a desviar o olhar, passando a observar as atividades dos soldados e wickanos que estavam a trinta passos dali. Percebeu que trabalhavam quase o tempo todo em silêncio, falando somente quando suas tarefas exigiam, e ainda assim em tons baixos, estranhamente deprimidos.

– Sim – disse Lista. – As emoções do pai são como uma mortalha, e não foram substituídas pelo tempo. Tão poderosas, tão lacerantes são essas emoções que até os espíritos da terra tiveram de fugir daqui. Era isso ou a

loucura. Coltaine deveria ser informado disso. Temos de passar rápido por esta terra.

– E mais à frente, na planície de Nenoth?

– Fica ainda pior. Não foram só as crianças que os t’lan imass pregaram, ainda respirando, ainda conscientes, sob a rocha.

– Mas por quê? – A pergunta irrompeu da garganta de Duiker.

– Massacres não precisam de motivos, senhor, pelo menos não dos que possam resistir a um desafio. A natureza diferente é a primeira das razões, a única necessária, na verdade. Terra, dominação, ataques preventivos... Todos são desculpas, justificativas mundanas que estão ali apenas para disfarçar a simples distinção: eles não são nós; nós não somos eles.

– Os jaghut tentaram argumentar com eles, cabo?

– Muitas vezes, aqueles que não estavam entre os completamente corrompidos pelo poder, os tiranos. Mas, sabe, os jaghut sempre tiveram certa arrogância, daquele tipo capaz de dar nos nervos quando cara a cara. O interesse de cada jaghut era em si mesmo, quase exclusivamente. Eles viam os t’lan imass praticamente como enxergavam as formigas a seus pés, os rebanhos nas pradarias ou, na verdade, a própria relva em si. Algo universal, uma característica da paisagem. Um povo poderoso e emergente como o dos t’lan imass não podia deixar de sentir o orgulho ferido...

– A ponto de jurar um voto de morte?

– Acredito que, a princípio, os t’lan imass não tenham percebido o tamanho da dificuldade que teriam para erradicá-los. Os jaghut eram diferentes de mais uma maneira: não ostentavam seu poder. E muitas de suas tentativas de autodefesa eram... passivas. Barreiras de gelo, geleiras... Elas engoliram terras ao seu redor, até mares. Engoliram continentes inteiros, tornando-os intransitáveis, incapazes de fornecer a comida de que os imass mortais necessitavam.

– Então os imass criaram um ritual que os tornaria imortais...

– Livres para se difundirem como a poeira. E, na era do gelo, havia muita poeira.

O olhar de Duiker recaiu sobre Coltaine, parado perto dos limites da trilha.

– Qual a distância até deixarmos esta área de... de pesar? – perguntou ele ao homem a seu lado.

– Dez quilômetros, não mais que isso. Depois, ficam as verdadeiras pradarias de Nenoth, colinas... tribos. Cada uma protege com afinco a pouca água que possui.

– Acho melhor falarmos com Coltaine.

– Sim, senhor.

A Marcha Seca, como veio a ser chamada, era o próprio testamento de pesar. Três tribos imensas e poderosas esperavam por eles, duas das quais, os tregynos e os bhilardos, desferiam ataques na coluna cercada como víboras. Com a terceira, os khundrylos, situada na extremidade mais ocidental das planícies, não houve contato imediato, embora todos sentissem que isso não duraria muito tempo.

O rebanho miserável que acompanhava a Corrente de Cães morreu durante a marcha; os animais simplesmente desabavam, mortos ou não, e nem mesmo os cães pastores wickanos, convergindo sobre eles com uma insistência feroz, eram capazes de colocá-los de pé para que retomassem a jornada. Depois, quando cortadas, as carcaças desses animais não passavam de tiras de carne com textura de couro puro.

A fome se juntou à sede assoladora e terrível, pois os wickanos se recusavam a matar seus cavalos e cuidavam deles com um fanatismo claro, que ninguém ousava desafiar. Os guerreiros sacrificavam a si mesmos para manter suas montarias vivas. Um requerimento do Conselho de Nethpara, oferecendo-se para comprar cem cavalos, foi devolvido ao líder dos nobres sujo de excrementos humanos.

As víboras gêmeas das duas tribos atacavam repetidamente, disputando cada quilômetro, sempre aumentando a ferocidade e a frequência dos

ataques. Aos poucos, ficou claro que um confronto maior estava prestes a acontecer, a apenas alguns dias dali.

Na esteira da coluna seguia o exército de Korbolo Dom, uma força que tinha crescido com o acréscimo das tropas de Tarxian e de outros assentamentos costeiros. Agora tinha pelo menos cinco vezes o tamanho das tropas combinadas do Sétimo e dos clãs wickanos de Coltaine. A perseguição calculada do comandante renegado, deixando os combates para as tribos selvagens das planícies, era sinistra em si mesma.

Ele estaria lá para a batalha iminente, sem dúvida, mas estava feliz em esperar até que chegasse o momento.

A Corrente de Cães, com números inchados pelos novos refugiados que fugiam de Bylan, continuava se arrastando, entrando no que os mapas indicavam ser o fim do Nenoth Odhan, onde as colinas se elevavam como um muro ao longo do horizonte sul. A trilha de comerciantes cortava o único caminho significativo: um largo vale fluvial, localizado entre as colinas Bylan'sh a leste e as Saniphir a oeste. A trilha seguia por 40 quilômetros, abrindo-se numa planície que dava para o antigo tel de Sanimon e em seguida o envolvia, cercando o Sanith Odhan. Depois dele, vinham a planície Geleen, o Dojal Odhan... e a própria cidade de Aren.

Nenhum exército veio do vale do Sanimon para ajudá-los. Uma profunda sensação de isolamento desceu como uma mortalha sobre o comboio, principalmente quando as colinas laterais começaram a revelar, à luz do dia que morria, dois acampamentos, ambos imensos, de homens tribais. Lá estavam as principais tropas dos tregynos e bhilardos.

Ali, então, na entrada do antigo vale... Seria ali.

– Estamos morrendo – resmungou Bonança, chegando ao lado do historiador, a caminho da reunião de instrução. – E não digo no sentido figurado, velho. Perdi onze soldados só hoje. As gargantas ficaram tão inchadas pela sede que eles não conseguiram mais respirar. – Ele espantou

uma mosca que zumbia perto de seu rosto. – Pelo sopro do Encapuzado, estou nadando dentro desta armadura. Quando acabarmos, todos nós pareceremos t'lan imass.

– Não posso dizer que aprecio a analogia, capitão.

– Não esperava que apreciasse.

– Mijo de cavalo. É o que os wickanos estão bebendo ultimamente.

– Sim, meus homens fazem o mesmo. Estão todos relinchando enquanto dormem, e mais de um já morreu disso.

Três cachorros passaram a toda velocidade por eles: o imenso chamado Torto, uma fêmea e o cachorrinho de estimação, avançando com dificuldade atrás deles.

– Eles vão viver mais que todos nós – resmungou Bonança –, esses animais malditos!

O céu escurecia lá no alto; as primeiras estrelas incrustavam o tecido celeste.

– Deuses, estou cansado.

Duiker assentiu. *Ah, de fato viajamos muito, amigo, e agora estamos cara a cara com o Encapuzado. Ele leva os exauridos com a mesma prontidão com que leva os desafiadores. Oferece o mesmo largo sorriso de boas-vindas.*

– Há alguma coisa no ar esta noite, historiador. Você está sentindo?

– Sim.

– Talvez o Labirinto do Encapuzado tenha se aproximado.

– É essa a sensação, não é?

Alcançaram a tenda de comando do Punho e entraram.

Diante deles estavam distribuídos os rostos de costume: Nil e Nether, os últimos bruxos restantes; Sulmar e Chened, Bult e o próprio Coltaine. Cada um tinha se tornado um mero arremedo ressecado da determinação e da força de antes, mesmo considerando seus portes variados.

– Onde está Bagunça? – perguntou Bonança, buscando sua rotineira cadeira de acampamento.

– Ouvindo o sargento dela, eu acho – disse Bult, com uma insinuação de

sorriso.

Coltaine não tinha tempo para uma conversa casual.

– Algo se aproxima esta noite. Os bruxos sentiram, embora seja tudo que podem dizer. Somos forçados a nos preparar.

Duiker olhou para Nether.

– Que tipo de sensação foi essa?

Ela deu de ombros. Depois, suspirou.

– Vaga. Uma perturbação, talvez algo como indignação. Não sei, historiador.

– Já sentiu algo parecido antes? Mesmo que remotamente?

– Não.

Indignação.

– Tragam os refugiados para mais perto – ordenou Coltaine aos capitães.

– Dobrem os piquetes.

– Punho – disse Sulmar –, enfrentaremos uma batalha amanhã...

– Sim, e o descanso é necessário. Eu sei. – O wickano começou a andar de um lado para outro, mas com passos mais lentos que os de costume. Também tinha perdido sua suavidade, sua calma e sua elegância. – Mais do que isso, estamos bastante enfraquecidos. Os barris de água estão secos como ossos.

Duiker estremeceu. *Batalha? Não, amanhã veremos uma carnificina. Soldados incapazes de lutar, incapazes de se defender.* O historiador pigarreou, fazendo menção de falar, mas parou. *Uma palavra, mas mesmo pronunciá-la seria oferecer a mais cruel ilusão. Uma palavra.*

Coltaine o encarava.

– Não podemos – disse ele, baixo.

Eu sei. Para os guerreiros da rebelião, tanto quanto para nós, isso deve terminar em sangue.

– Os soldados já não conseguem mais cavar trincheiras – disse Bonança em meio ao silêncio pesado, consciente demais.

– Buracos, então.

– Sim, senhor.

Buracos. Para barrar ataques montados, quebrar pernas, derrubar animais relinchando na poeira.

Então, a reunião acabou de forma abrupta. De repente, o ar ficou carregado e o que quer que estivesse ameaçando chegar agora se anunciava, com uma crepitação frágil e uma bruma quase oleosa, como suor embaçando o ar.

Coltaine tomou a dianteira e foi para fora, encontrando a atmosfera carregada agora dez vezes mais visível sob o dossel brilhante da noite. Cavalos davam pinotes. Cães pastores uivavam.

Soldados se levantavam como espectros. Armas retiniam.

No espaço aberto que havia pouco depois dos piquetes mais avançados, o ar se repartiu com um som selvagem de rasgo.

Três cavalos pálidos passaram com um estrondo pela brecha, seguidos de mais três, e depois mais três, todos atrelados uns aos outros, todos gritando de pavor. Atrás deles veio uma carruagem gigantesca: um leviatã chamuscado, pintado de forma espalhafatosa, acima de seis rodas raiadas, cada uma delas maior que um homem. Como se fossem espessos cordões de lã crua, fumaça se desprendia da carruagem, dos próprios animais e das três figuras agora visíveis por trás dos três últimos cavalos de tração.

O comboio branco e barulhento vinha a pleno galope, como se estivesse fugindo, de forma abrupta, de qualquer que fosse o Labirinto de onde tinha saído. A carruagem foi arremessada de modo selvagem, alarmante, quando os animais se precipitaram direto para os piquetes.

Dos dois lados, os wickanos se dispersaram.

Encarando, incrédulo, Duiker viu as três figuras puxarem as rédeas com força, berrando, atirando-se contra o encosto do poleiro instável.

Os cavalos enfiaram os cascos na terra, retendo o impulso; a carruagem gigantesca deslizou violentamente atrás dos animais, levantando uma nuvem de fumaça e poeira, além de uma emanção que o historiador reconheceu, de repente alarmado, como *indignação*. A indignação, ele agora entendia, de

um Labirinto – e de seu deus.

Atrás da primeira carruagem veio outra, depois outra, cada uma se atirando para um lado ou para outro, a fim de evitar uma colisão, e derrapando até parar.

Assim que a carruagem da frente terminou seu mergulho de cabeça, figuras saíram dela. Eram homens e mulheres armados, gritando, rugindo ordens a que ninguém parecia dar atenção. Todos sacudiam armas molhadas, sujas e enegrecidas.

Logo depois, enquanto outras duas carruagens paravam, um sino soou alto.

As atividades frenéticas e aparentemente desconexas das figuras cessaram no mesmo instante. As pessoas baixaram suas armas e um silêncio repentino encheu o ar, após o último eco evanescente do sino. Bufando, soltando espuma pela boca e batendo os cascos no chão, os cavalos balançavam a cabeça, virando as orelhas e alargando as narinas.

A carruagem da frente estava a não mais de quinze passos de onde Duiker e os demais se encontravam.

O historiador viu uma mão decepada agarrada a um ornamento, em um dos lados da carruagem. Em seguida, ela caiu no chão.

Uma minúscula porta vedada foi aberta e por ela saiu um homem, com visível dificuldade de passar com sua massa considerável pela abertura. Ele estava vestido em sedas e empapado de suor. Seu rosto redondo e brilhante revelava os ecos passageiros de um esforço imenso e completamente desgastante. Em uma das mãos, carregava uma garrafa fechada.

Descendo da carruagem, o homem encarou Coltaine e ergueu a garrafa.

– Você, senhor – disse ele, num malazano com sotaque estranho –, tem muito a responder. – Depois sorriu largamente, exibindo dentes envoltos em ouro e cravejados de diamantes. – Suas façanhas fazem os Labirintos tremerem! Sua jornada é um incêndio em cada rua de Darujhistan, sem dúvida em cada cidade, não importa a distância! Você tem noção de quantos imploram aos deuses em seu nome? Os cofres transbordam! Abundam

planos majestosos de salvação! Imensas organizações se formaram, seus líderes vieram a nós, à Guilda de Comércio Trygalle, para pagar por nossa passagem atribulada... – Em seguida acrescentou, em tom mais baixo: – Ainda que *todas* as passagens da Guilda sejam atribuladas, o que nos torna tão caros. – Ele abriu a garrafa. – A grande cidade de Darujhistan e seus cidadãos notáveis, desconsiderando por um instante os desejos vorazes de seu Império sobre nós, lhe trazem este presente! Por meio dos acionistas da Trygalle... – O homem gesticulou aos vários homens e mulheres atrás dele, agora se agrupando. – As criaturas de pior temperamento e as mais ambiciosas que se possa imaginar, mas isso não está lá nem cá, pois aqui estamos, não é mesmo? Que não se diga dos cidadãos de Darujhistan que eles são insensíveis ao extraordinário, e, caro senhor, você é verdadeiramente extraordinário.

O homem disparatado se adiantou, de repente solene. E falou, baixo:

– Alquimistas, magos e feiticeiros contribuiram, oferecendo transportes com capacidades que não correspondem a seus modestos recipientes. Coltaine do clã dos Corvos, Corrente de Cães, eu lhe trago comida. Eu lhe trago água.

Karpolan Demesand era um dos fundadores da Guilda de Comércio Trygalle, um cidadão da pequena fortaleza de mesmo nome, situada ao sul da planície de Lamatath, no continente de Genabackis. Nascida da aliança duvidosa entre um punhado de magos – Karpolan entre eles – e os benfeitores da cidade, um grupo variado de piratas aposentados, a Guilda tinha se especializado em expedições tão arriscadas que deixariam um comerciante médio sem ar. Cada caravana era protegida por uma companhia pesadamente armada de acionistas, guardas que possuíam interesse direto no empreendimento arriscado, garantindo a exploração máxima de suas habilidades. E tais habilidades eram necessárias de maneiras terríveis, pois as caravanas da Guilda de Comércio Trygalle, como ficara

claro desde o princípio, viajavam por Labirintos.

– Sabíamos que teríamos um desafio nas mãos – disse Karpolan Demesand com um sorriso franco e brilhante quando se sentaram na tenda de comando de Coltaine. Apenas o Punho e Duiker lhe faziam companhia, pois os demais agora trabalhavam do lado de fora, distribuindo os suprimentos vitais da caravana o mais rápido que conseguiam. – Aquele Labirinto do Encapuzado imundo fica grudado na gente com mais força que uma mortalha funerária ao redor de um cadáver... Se é que vocês me perdoam pela imagem. A chave é seguir depressa, sem parar por nada, depois sair assim que se torna humanamente possível. Na carruagem da frente eu preservo a estrada, com todos os talentos de feitiçaria à minha disposição. Uma jornada fatigante, admito, mas reitero que não somos baratos.

– Ainda acho difícil aceitar que os cidadãos de Darujhistan, a 8 mil quilômetros de distância, sequer saibam o que está acontecendo aqui, quanto mais que se importem com isso – disse Duiker.

Karpolan estreitou os olhos.

– Ah, bem, talvez eu tenha exagerado um pouco. O calor do momento, confesso. Você deve entender... Soldados que não muito tempo atrás estavam empenhados em conquistar Darujhistan estão agora em guerra contra o Pannion Domin, um tirano que adoraria engolir a Cidade Azul, se pudesse. Dujek Umbraco, antes Punho do Império e agora proscrito, se tornou um aliado. E disso certas personalidades de Darujhistan sabem muito bem, e apreciam...

– Mas há mais nessa história – disse Coltaine em voz baixa.

Karpolan sorriu uma segunda vez.

– Esta água não está doce? Aqui, deixe-me encher outro copo.

Eles esperaram, assistindo ao comerciante encher de novo os três copos de estanho que estavam sobre a mesinha entre eles. Quando acabou, Karpolan suspirou e se recostou na cadeira luxuosa que tinha tirado da carruagem.

– Dujek Umbraco. – O nome foi pronunciado em um tom entre bênção e desalento sarcástico. – Ele envia suas saudações a você, Punho Coltaine. Nosso escritório em Darujhistan é pequeno... Recém-aberto, entende? Não anunciamos nossos serviços. Não abertamente, pelo menos. Para ser franco, esses serviços incluem atividades que são, às vezes, de natureza clandestina. Não fazemos comércio apenas de mercadorias materiais, mas de informação, ou facilitamos a entrega de presentes, de pessoas... e de outras criaturas.

– Dujek Umbraco é a força por trás dessa missão – disse Duiker.

Karpolan aquiesceu.

– Com a assistência financeira de certa conspiração em Darujhistan, sim. Suas palavras foram as seguintes: “A imperatriz não pode perder líderes como Coltaine, do clã dos Corvos.” – O comerciante sorriu. – Extraordinário, considerando que vem de um proscrito sob sentença de morte, você não acha? – Ele se inclinou para a frente e estendeu a mão, com a palma virada para cima. Algo apareceu nela, brilhando: uma garrafa pequena e alongada, feita de um vidro cinza enfumado e presa numa corrente prateada. – E, de um mago alarmantemente misterioso dos Queimadores de Pontes, este presente foi enviado. – Ele deu o objeto a Coltaine. – Para você. Use-o. O tempo inteiro, Punho.

O wickano fez uma careta e não fez menção de aceitar o presente. Karpolan deu um sorriso ansioso.

– Dujek está preparado para abusar de sua autoridade nessa questão, amigo.

– Um proscrito tem autoridade?

– Bem, admito que indaguei o mesmo. Sua resposta foi a seguinte: “Nunca subestime a imperatriz.”

O silêncio se abateu sobre eles. Lentamente, o significado por trás daquela frase tomou forma. *Presos numa guerra contra um continente inteiro... Tropeçando na identificação de uma ameaça ainda maior: o Pannion Domin... O Império lutará sozinho em nome de uma terra hostil? Mas... como criar aliados entre inimigos, como garantir a união diante de uma ameaça*

ainda maior, com o mínimo de rebuliço e desconfiança? Banir o exército de ocupação, para que não “tenham escolha”, a não ser sair das sombras de Laseen. Dujek, o sempre leal Dujek... Até o plano mal concebido de matar o resto da Velha Guarda... A tolice de Tayschrenn, a ideia equivocada, ainda assim insuficiente para fazê-lo mudar de lado. Então agora ele tem aliados, aqueles que haviam sido seus inimigos... Talvez até os próprios Caladan Brood e Anomander Rake... Duiker virou para Coltaine e viu o mesmo reconhecimento no semblante contido e severo do Punho.

O wickano estendeu a mão e aceitou o presente.

– A imperatriz *não deve* perder você, Punho. Use isso, senhor. Sempre. E, quando chegar a hora, quebre-o contra seu peito. Mesmo que esse seja seu último ato, embora eu sugira que não espere até lá. Tais foram as instruções frenéticas dadas por seu criador. – Karpolan sorriu outra vez. – E que homem, esse criador! Uma dúzia de Ascendentes adoraria sua cabeça numa bandeja, com os olhos transformados em pickles, a língua espetada e assada com pimenta, as orelhas grelhadas...

– Já entendemos – interrompeu Duiker.

Coltaine colocou a correia ao redor do pescoço e escondeu a garrafinha sob a camisa de camurça.

– Uma batalha horrenda os espera quando amanhecer – disse Karpolan depois de um tempo. – Não posso ficar, nem quero. Apesar de ser um mago da mais alta ordem, e um comerciante de astúcia impiedosa, admito sentir um vestígio de sentimentalismo, cavalheiros. Não ficarei para testemunhar essa tragédia. Além disso, temos mais uma entrega para fazer antes de iniciarmos nossa jornada de retorno, e o sucesso dessa nova empreitada exigirá todas as minhas habilidades; na verdade, pode até chegar a exauri-las.

– Eu nunca tinha ouvido falar da sua Guilda antes, Karpolan – disse Duiker –, mas gostaria de saber mais sobre suas aventuras, um dia.

– Talvez surja a oportunidade, historiador. Por enquanto, ouço meus acionistas se reunindo, e devo dar um jeito de reanimar e subjugar os cavalos. Mas devo dizer que eles parecem ter adquirido gosto por um tipo de

terror selvagem. Não muito diferente de nós, hein?

Ele se levantou.

– Meus agradecimentos a você – grunhiu Coltaine. – E a seus acionistas.

– Você tem alguma palavra para Dujek Umbraco, Punho?

A resposta do wickano surpreendeu Duiker, fazendo deslizar dentro dele uma lâmina de suspeita que permaneceria, enervante e temerosa, por um bom tempo.

– Não.

Karpolan arregalou os olhos por um instante. Em seguida, assentiu.

– Infelizmente, devemos partir. Que seus inimigos paguem caro quando a manhã chegar, Punho.

– Eles irão.

A doação repentina não seria suficiente para efetuar um rejuvenescimento completo, mas o exército que acordou com a chegada da manhã revelava uma calma prontidão, algo que Duiker não via desde a cordilheira de Gelor.

Os refugiados ficaram confinados a uma bacia bem ao norte da entrada do vale. Os clãs das Doninhas e dos Cachorros Tolos guardavam o local, numa elevação que dava para as forças reunidas de Korbolo Dom. Havia mais de trinta soldados rebeldes para cada cavaleiro de guerra wickano. O desenlace inevitável daquele confronto era tão óbvio, tão brutalmente claro, que o pânico tomou a massa dos refugiados em ondas, como vagalhões desamparados varrendo de um lado a outro. Acima deles, choros de desespero dominavam o ar cheio de poeira.

Coltaine planejava passar pelos homens tribais que bloqueavam a entrada do vale, e queria fazê-lo depressa. Assim, concentrou seu clã dos Corvos e a maior parte do Sétimo na frente do comboio. Uma rápida e efetiva ruptura das linhas inimigas era a única esperança para os clãs da retaguarda e para os próprios refugiados.

Duiker montava sua égua emagrecida, tendo tomado posição numa

pequena elevação pouco a leste da trilha principal. De lá, conseguia distinguir os dois clãs wickanos ao norte, mas o exército de Korbolo Dom estava invisível em algum lugar além deles.

As carruagens da Guilda de Comércio Trygalle já haviam partido, sumindo nos últimos minutos de escuridão antes que o horizonte oriental iniciasse seu pálido despertar.

O cabo Lista se aproximou a cavalo, parando ao lado do historiador.

– Uma ótima manhã, senhor! – disse ele. – A estação está virando. O ar traz mudanças. Você consegue sentir?

Duiker fitou o homem.

– Alguém tão jovem quanto você não deveria estar alegre assim hoje, cabo.

– Nem alguém tão velho quanto você deveria estar carrancudo assim, senhor.

– Seu zé-ninguém amaldiçoado pelo Encapuzado! Esse é o preço da intimidade?

Lista sorriu largamente, o que bastava como resposta. Duiker estreitou os olhos.

– E o que seu fantasma jaghut sussurrou em seu ouvido, Lista?

– Algo que ele mesmo nunca possuiu, historiador. Esperança.

– Esperança? Como, e de onde? Pormqual está finalmente chegando?

– Não sei nada disso, senhor. Você acha que é possível?

– Não, acho que não.

– Eu também acho que não, senhor.

– Então, Lista, do que você está falando, pelas bolas peludas de Fener?

– Não tenho certeza, senhor. Simplesmente acordei sentindo... – Ele deu de ombros. – Sentindo que acabamos de ser abençoados. Tocados por um deus, ou algo assim...

– Essa é uma maneira bastante boa de ver seu último amanhecer – resmungou Duiker, suspirando.

As tribos tregyna e bhilarda ainda se aprontavam, mas o som alto dos

berrantes do Sétimo deixou claro que Coltaine não pretendia fazer a cortesia de esperar que ficassem prontas. Os lanceiros e os arqueiros montados dos Corvos dispararam, subindo a encosta suave na direção da colina oriental dos bhilardos.

– Historiador!

Algo no tom do cabo fez Duiker se virar para ele. Lista não prestava atenção ao avanço dos Corvos. Ele encarava o nordeste, onde os cavaleiros de outra tribo acabavam de aparecer, espalhando-se ao se aproximarem, em número assombroso.

– Os khundrylos – falou Duiker. – Dizem que é a tribo mais poderosa ao sul do Vathar. Vamos poder tirar a prova disso.

Cascos de cavalos retumbaram na direção da elevação e eles viraram para ver o próprio Coltaine chegar. O Punho tinha o semblante impassível, quase calmo, ao olhar na direção nordeste.

Confrontos começavam na posição da retaguarda; era o primeiro derramamento de sangue do dia, e a maior parte desse sangue provavelmente seria wickana. Os refugiados haviam começado a avançar para o sul, na esperança de que apenas sua determinação já fosse capaz de abrir o vale a eles.

Os khundrylos, dezenas de milhares deles, formavam duas massas distintas. Uma vinha a oeste da entrada do Sanimon e outra mais ao norte, flanqueando o exército de Korbolo Dom. Entre as duas massas havia um pequeno grupo de chefes de guerra cavalgando na direção de onde estavam Duiker, Lista e Coltaine.

– Parece que desejam um combate pessoal, Punho – disse Duiker. – É melhor voltarmos.

– Não.

O historiador virou a cabeça. Coltaine tinha pegado a lança e começara a ajeitar seu escudo redondo e de plumas negras no antebraço esquerdo.

– Cacete, Punho... Isso é loucura!

– Cuidado com a língua, historiador – disse o wickano, distraído.

Duiker fixou o olhar na corrente prateada, na curta extensão que era visível ao redor do pescoço do homem.

– Qualquer que seja esse presente que você está usando, só funcionará uma vez. O que está fazendo agora é o que um líder de guerra wickano faria, não um Punho do Império.

O homem se virou bruscamente ao ouvir aquilo e a ponta afiada de sua lança espetou a garganta do historiador.

– E quando é que posso decidir morrer da maneira que desejo? – perguntou Coltaine, rouco. – Você acha que vou usar essa bugiganga amaldiçoada? – Libertando a mão do escudo, ele a estendeu e arrancou a corrente do pescoço. – Use você, historiador. Tudo que fizermos aqui não valerá nada para o mundo, a menos que a história seja contada. Que o Encapuzado leve Dujek Umbraco! Que o Encapuzado leve a imperatriz!

Ele atirou a garrafinha para Duiker e ela caiu bem no meio de sua palma direita. Fechando os dedos ao redor do objeto, Duiker sentiu o movimento serpentino da correia contra seus calos. A ponta da lança que beijava seu pescoço não tinha se movido dali.

Seus olhares se encontraram.

– Com licença, senhores – disse Lista. – Parece que não é o caso de um combate pessoal. Se os dois puderem observar...

Coltaine afastou a arma e olhou para onde Lista apontava.

Diante deles, os chefes de guerra khundrylos esperavam numa fila, a menos de trinta passos de distância. Vestiam, sob peles, pelos e amuletos, uma armadura cinzenta estranha, parecida com o couro de um réptil. Bigodes compridos, barbas com nós e tranças com pontas de ferro, todos pretos, ocultavam a maior parte de suas feições, embora o que permanecesse visível fosse anguloso e escurecido pelo sol.

Um deles cutucou seu pônei a fim de se aproximar. Então falou, num malazano deficiente:

– Asa Negra! Quais acha que são as probabilidades de hoje?

Coltaine virou em sua sela, analisando as nuvens de poeira tanto ao

norte quanto ao sul. Depois se endireitou.

– Eu não faria apostas.

– Esperamos muito este dia – disse o chefe de guerra. Ele ficou em pé nos estribos e gesticulou para as colinas ao sul. – Tanto tregynos quanto bhilardos hoje. – Gesticulou para o norte. – E can'elds, e semkeses, sim, até tithanos, o que sobrou. Grandes tribos dos odhans do sul. Mas qual é mais poderosa? A resposta está neste dia.

– É melhor vocês se apressarem – disse Duiker.

Estamos ficando sem soldados para você exibir sua proeza, seu bastardo pomposo.

Coltaine pareceu ter pensamentos parecidos, mas seu temperamento era mais calmo.

– A pergunta pertence a você, e não me importo nem um pouco com a resposta.

– Preocupações fúteis para clãs wickanos, então? Vocês não são uma tribo?

Devagar, Coltaine colocou a parte de baixo da lança em seu encaixe.

– Não, somos soldados do Império Malazano.

Pelo sopro do Encapuzado, eu consegui tocá-lo.

O chefe de guerra assentiu, imperturbado pela resposta.

– Então permaneça vigilante, Punho Coltaine, enquanto comparece a este dia.

Os guerreiros deram a volta, partindo para se reunir a seus clãs.

– Acredito que você tenha escolhido uma posição que lhe garante boa vantagem, historiador. Então vou ficar aqui.

– Punho?

Um sorriso fraco tocou suas feições magras.

– Por pouco tempo.

O clã dos Corvos e o Sétimo deram tudo que tinham de si, mas as tropas que

defendiam a entrada do vale, vindo de sua posição superior dos dois lados e mais para dentro da garganta, não cederam. A Corrente de Cães se contraiu entre o martelo de Korbolo Dom e a cunha dos tregynos e bhilardos. Era apenas uma questão de tempo.

As ações dos clãs khundrylos mudaram tudo: eles não estavam ali para se unirem ao massacre dos malazanos, mas para responderem ao chamado feito a seu orgulho e sua honra. A massa sul atingiu a posição dos tregynos como a foice vingativa de um deus. O norte foi como uma lança, atingindo o flanco de Korbolo Dom. Uma terceira tropa, até então invisível, veio do próprio vale, por trás dos bhilardos. Após minutos de embates perfeitamente cronometrados, as tropas malazanas acabaram sem oposição, enquanto o caos da batalha reinava por todos os lados.

O exército de Korbolo Dom se recuperou devagar, voltando à formação com tanta precisão quanto era possível, fazendo os khundrylos recuarem depois de mais de quatro horas de batalha furiosa. No entanto, um objetivo tinha sido alcançado: o de destruir os semkeses, os can'elds e o que restava dos tithanos. *Meia resposta*, tinha murmurado Coltaine àquela altura, num tom absolutamente desnorteado.

As tropas do sul destruíram os tregynos e bhilardos uma hora depois, partindo, então, em perseguição aos remanescentes em fuga.

Com o crepúsculo a uma hora de distância, um chefe de guerra khundrylo solitário veio até eles, a trote. Ao se aproximar, viram que se tratava do porta-voz de antes. Ele tinha se envolvido em combate direto e pelo menos metade dele estava suja de sangue. No entanto, cavalgava ereto em sua sela.

O homem parou a dez passos de Coltaine. O Punho falou:

- Vocês têm sua resposta, ao que parece.
- Nós temos, Asa Negra.
- Os khundrylos.

Uma surpresa perpassou o rosto exausto do guerreiro.

- Você nos honra, mas não. Lutamos para destruir o chamado Korbolo

Dom, mas falhamos. A resposta não é khundrylos.

– Então vocês prestam honras a Korbolo Dom?

O chefe de guerra cuspiu ao ouvir aquilo, grunhindo sua descrença.

– Espíritos abaixo! Você não pode ser tolo assim. A resposta deste dia... –

O chefe de guerra libertou sua cimitarra da bainha de couro com um puxão, revelando uma lâmina partida 25 centímetros acima do punho. Ele ergueu a arma acima da cabeça e gritou: – *Os wickanos! Os wickanos! Os wickanos!*

CAPÍTULO 20

Este caminho é uma coisa horrenda
e o portal a que leva
é como um cadáver
sobre o qual dez mil
pesadelos disputam
suas reivindicações infrutíferas.

O Caminho, Trout Sen'al Bhok'arala

Gaiotas rodopiavam sobre eles, as primeiras que viam em muito tempo. O horizonte à frente, no curso que contornava o sul rumo a sudeste, revelava uma mancha desigual, crescendo sem parar conforme o dia se preparava para sua morte veloz.

Nem uma nuvem sequer desfigurava o céu e o vento estava vivo e firme.

Salk Elan se juntou a Kalam no castelo de proa. Ambos estavam envolvidos em capas, a fim de se protegerem dos borrifos rítmicos provocados pelo avanço impetuoso do *Tampa de Trapo* entre as ondas. Para a tripulação de marinheiros, que ocupava seus postos no convés principal e na popa, os dois parados ali na proa eram como um par de Grandes Corvos, sinal de maus presságios.

Sem dar atenção a tudo aquilo, Kalam fitava a ilha que aguardava por eles.

– À meia-noite – disse Salk Elan, com um suspiro alto. – A antiga terra natal do Império Malazano...

O assassino bufou.

– Antiga? Quantos anos você acha que o Império tem? Pelo sopro do

Encapuzado!

– Certo, romântico demais, tem razão. Eu estava apenas tentando me animar...

– Por quê? – rosnou Kalam.

Elan deu de ombros.

– Nenhuma razão em especial, exceto, talvez, essa atmosfera inquietante de expectativa... Não, melhor: de impaciência.

– E o que o deixa inquieto?

– Diga você, amigo.

Kalam fez uma careta, mas nada disse.

– A cidade de Malaz – retomou Elan. – O que devo esperar dela?

– Imagine um chiqueiro ao lado do mar, e isso serve. Um pântano podre, purulento e dominado por vermes...

– Está bem, está bem! Desculpe por ter perguntado!

– O capitão?

– Não mudou, infelizmente.

Por que não estou surpreso? Feitiçaria... Deuses, como odeio feitiçaria!

Salk Elan colocou as mãos de dedos longos na amurada, revelando mais uma vez seu amor por pedras de coloração verde nos anéis extravagantes.

– Um navio veloz pode nos levar até Unta em um dia e meio...

– E como você sabe disso?

– Perguntei a um marinheiro, Kalam. De que outro jeito? Aquele seu amigo cheio de crostas de sal que finge ser o encarregado. Qual é mesmo o nome dele?

– Não me lembro de ter perguntado.

– É um talento genuíno e admirável, esse.

– O quê?

– A sua habilidade de subjugar a própria curiosidade, Kalam. Altamente prática em alguns modos, terrivelmente arriscada em outros. Você é um homem difícil de conhecer, e mais difícil ainda de prever...

– É verdade, Elan.

– Mas você gosta de mim.

– Gosto?

– Sim, gosta. E estou feliz, porque isso é importante para mim...

– Vá encontrar um marinheiro, se você é desses, Elan.

O outro homem sorriu.

– Não é o que eu quero dizer. Mas é claro que você tem consciência disso, só não consegue parar de alfinetar. O que estou dizendo é que aprecio o fato de que alguém que admiro goste de mim...

Kalam se virou para ele.

– O que você acha tão admirável, Salk Elan? Em todas as suas vagas suposições a meu respeito, resolveu acreditar que sou suscetível a elogios? Por que, afinal, você está tão ansioso por uma parceria?

– Matar a imperatriz não será fácil – retrucou o homem. – Mas imagine só se você conseguir! Realizar o que todos julgavam impossível! Ah, sim, quero ser parte disso, Kalam Mekhar! Bem ali, a seu lado, enfiando a lâmina no coração do Império mais poderoso do mundo!

– Você perdeu a cabeça – disse Kalam, em voz baixa, quase inaudível sob o som do mar. – Matar a imperatriz? Você quer que eu entre nessa loucura? Sem chance, Salk Elan.

– Poupe-me da dissimulação – escarneceu ele.

– Que feitiçaria aprisiona este navio?

Salk Elan arregalou os olhos involuntariamente. Em seguida, balançou a cabeça.

– Está além das minhas habilidades, Kalam, e o Encapuzado sabe que tentei. Procurei em cada centímetro das pilhagens de Pormqual... e nada.

– A própria embarcação?

– Não que eu pudesse descobrir. Olhe, Kalam, estamos sendo monitorados por alguém num Labirinto. Essa é a minha suposição. Alguém que quer ter certeza do destino dessa carga. É só uma teoria, mas é tudo que tenho. Assim, amigo, todos os meus segredos foram desvelados.

Kalam ficou em silêncio por um bom tempo, até se forçar a sair do

estupor.

– Tenho contatos na cidade de Malaz. Uma convergência inesperada, e muito antes do planejado, mas tudo bem.

– Contatos. Excelente. Vamos precisar deles. Onde?

– Há um coração negro na cidade, o mais negro de todos. A única coisa que cada habitante evita mencionar e procura ignorar, deliberadamente. E lá, se tudo der certo, vamos esperar nossos aliados.

– Deixe-me adivinhar: a infame taberna chamada Risonho, que já foi do homem que viria a se tornar imperador... Os marinheiros me disseram que a comida é horrível.

Kalam encarou o homem, surpreso. *Só o Encapuzado é que sabe: ou sarcástico a ponto de tirar o fôlego ou... Ou o quê, pelo Abismo?*

– Não, um lugar chamado Casa dos Mortos. E não dentro dele: nos portais. Mas fique à vontade para explorar seu jardim, Salk Elan.

O homem apoiou os dois braços na amurada, estreitando os olhos na direção das luzes embaçadas da cidade de Malaz.

– Presumindo que a espera por seus amigos será longa, talvez eu faça isso, mesmo.

Ele provavelmente não notou o sorriso selvagem de Kalam.

Iskaral Pust agarrou a aldraba com ambas as mãos, mantendo os pés plantados na porta, e, resmungando de pavor, puxou freneticamente... em vão. Com um grunhido, Mappo passou por cima de Icarium, que ele tinha depositado no chão, ao pé da entrada de Tremorlor, e arrancou o sumo sacerdote de perto da barreira inflexível.

Violinista ouviu o trell também forçar a aldraba, mas a atenção do sapador estava fixa no enxame de moscas-vampiro. Tremorlor resistia a elas, mas o avanço era implacável. Cega estava a seu lado, com a cabeça erguida e os pelos eriçados. Os outros quatro Cães haviam reaparecido na trilha e agora disparavam na direção do portão coberto de videiras que dava para o

jardim. A sombra lançada pelo d'ivers se abateu sobre eles como água negra.

– Ou abre com o toque, ou não abre de jeito nenhum – disse Apsalar, com uma voz surpreendentemente calma. – Recue, Mappo, deixe que todos tentem.

– Icarium está despertando! – gritou Crokus.

– Essa é a ameaça – respondeu o trell. – Deuses abaixo, não aqui, não agora!

– Não há hora melhor! – guinchou Iskaral Pust.

Apsalar falou outra vez:

– Crokus, você é o último a tentar, salvo Violinista. Venha logo aqui.

O silêncio que se seguiu disse a Violinista tudo que ele precisava saber. Arriscou olhar de volta para onde Mappo estava, agachado ao lado de Icarium.

– Acorde-o – disse. – Ou tudo estará perdido.

O trell ergueu o rosto e o sapador viu uma indecisão angustiada escrita ali.

– Perto assim de Tremorlor... O risco, Violinista...

– O que é que...

Mas não avançou.

Como se atravessado por um relâmpago, o corpo do jhag deu um solavanco e ele soltou um lamento agudo. O som fustigou os outros, derrubando-os no chão. Com sangue fresco vertendo da ferida na cabeça e lutando para abrir os olhos, Icarium se pôs em pé de repente. Ergueu a espada longa e antiga de um só gume, sua lâmina tornada um borrão estranho e trêmulo.

Os Cães e o enxame do d'ivers alcançaram o jardim ao mesmo tempo. O chão e as árvores irregulares irromperam numa massa de teias caóticas de raízes e galhos, contorcendo-se na direção do céu como velas negras, num crescente, espalhando-se bastante. Outras raízes avançaram na direção dos Cães, estalando, e as feras gritaram. Cega tinha saído do lado de Violinista para unir-se a seus iguais.

Naquele momento, no meio de tudo que via, Violinista sorriu por dentro. *Deslealdade não apenas de Trono Sombrio: como uma Azath poderia resistir aos Cães da Sombra?*

Uma mão agarrou seu ombro.

– A aldraba – sibilou Apsalar. – Tente a porta, Vi!

O d'ivers atacou. A última defesa desesperada de Tremorlor. Madeira estalava.

O sapador foi empurrado na direção da porta por um par de mãos nas costas. Ele viu Mappo, com os braços ao redor de um Icarium ainda quase totalmente inconsciente, detendo o jhag. Ainda assim, aquele lamento agudo aumentava e, com ele, um poder avassalador e implacável eclodiu. A pressão atirou Violinista contra a madeira escura e suada da porta e o segurou ali, com uma desdenhosa ausência de esforço, sussurrando uma promessa de aniquilação. Ele lutou para levantar o braço na direção da aldraba, esgotando cada músculo nessa simples tarefa.

Os Cães uivaram dos pontos mais distantes do jardim; era um som ao mesmo tempo de triunfo e de ultraje, que acabou se transformando em medo quando a fúria de Icarium engoliu todo o resto. Violinista sentiu o pavor da madeira, enquanto o tremor se espalhava pela Casa inteira.

Seu suor se misturou ao de Tremorlor; o sapador fez um último esforço com toda a sua força, desejando o sucesso, desejando conseguir mover o braço, fechando uma das mãos na aldraba.

E falhou.

Atrás dele, outro ruído de coagular o sangue o alcançou: o das moscas-vampiro atravessando as teias de madeira, aproximando-se cada vez mais, a apenas momentos de se chocarem com a fúria mortal de Icarium. *Então, o jhag vai acordar. Não há outra escolha. E nossas mortes serão o menor dos problemas. A Azath, o complexo labiríntico e todos os seus prisioneiros... Ah, seja absoluto em sua fúria, Icarium, pelo bem deste mundo e de todos os outros...*

Uma dor lancinante perfurou as costas da mão de Violinista. *Moscas-*

vampiro! No entanto, havia um peso por trás dela. Não era uma picada, mas o aperto de pequenas garras. O sapador inclinou a cabeça e de repente viu as presas do sorriso de Moby.

O familiar desceu pela extensão de seu braço, perfurando a pele com as garras. A criatura parecia entrar e sair de foco aos olhos de Violinista, e a cada borrão o peso de seu braço ficava imenso. Ele percebeu que estava gritando.

Moby deixou a mão do sapador, escalando, então, a própria porta. O animal estendeu a mão minúscula e enrugada na direção da aldraba e a tocou.

Violinista tombou em ladrilhos úmidos e quentes. Ouviu gritos atrás dele, o arranhar de botas, além do gemido da Casa, vindo de todos os lados. Rolou para ficar de barriga para cima e, no processo, caiu em algo que estalou sob seu peso, fazendo subir um cheiro amargo de poeira.

E o grito mortal de Icarium se fez ouvir entre eles.

Tremorlor estremeceu.

Violinista se contorceu até conseguir ficar sentado.

Estavam num corredor, e das paredes de calcário vinha uma luz amarela fraca, latejante. Mappo ainda segurava Icarium e, enquanto o sapador assistia, o trell lutava para manter o abraço. Em seguida, o jhag finalmente esmoreceu, caindo mais uma vez nos braços do trell. A luz dourada se estabilizou e as próprias paredes se acalmaram. A fúria de Icarium tinha passado.

Mappo desmoronou, indo ao chão, deixando a cabeça suspensa sobre o corpo inanimado de seu amigo.

Violinista olhou ao redor devagar para ver se haviam perdido alguém. Apsalar estava ali, agachada ao lado do pai, de costas para a porta fechada. Crokus tinha arrastado Iskaral Pust, agora encolhido, para dentro, e o sumo sacerdote olhou para cima, piscando, como se não pudesse acreditar.

A voz de Violinista soou como uma grasnada:

– Os Cães, Iskaral Pust?

– Escaparam! E, mesmo assim, apesar da traição, lançaram seu poder contra o d'ivers! – Ele fez uma pausa, farejando o ar frio e úmido. – Vocês conseguem sentir? A satisfação de Tremorlor... O d'ivers foi aprisionado.

– A traição pode ter sido instintiva, sumo sacerdote – disse Apsalar. – Cinco Ascendentes no jardim da Casa... O imenso risco para a própria Tremorlor, dada a inclinação da Sombra à traição...

– Mentira! Nós fomos honestos!

– Existe uma primeira vez para tudo – resmungou Crokus. Ele olhou para Violinista. – Fico feliz que abriu para você, Vi.

O sapador se sobressaltou, procurando algo no corredor.

– Não abriu. Moby abriu a porta, retalhando meu braço no processo. Onde está aquele toco maldito? Está aqui, em algum lugar...

– Você está em cima de um cadáver – observou o pai de Apsalar.

Violinista olhou para baixo, encontrando um ninho de ossos e de roupas podres. Ele se levantou de um salto, praguejando.

– Não vejo Moby aqui – disse Crokus. – Tem certeza de que ele conseguiu entrar, Vi?

– Sim, tenho.

– Ele deve ter entrado mais a fundo na Casa...

– Está procurando o portal! – guinchou Pust. – O Caminho das Mãos!

– Moby é um familiar...

– Mais mentiras! Aquele bhok'aral repugnante é um soletaken, seu tolo!

– Relaxe. Não há nenhum portal aqui que sirva a um metamorfo – disse Apsalar, levantando-se devagar e mantendo os olhos sobre o cadáver ressequido embaixo de Violinista. – Esse deve ser o guarda. Cada Azath tem um guardião. Sempre presumi que fossem imortais... – Ela se adiantou, chutou os ossos e grunhiu. – Não humanos. Esses membros são grandes demais, e olhem para as articulações... Há muitas delas. Essa coisa podia se dobrar para todos os lados.

Mappo ergueu a cabeça.

– Forkrul assail.

– A menos conhecida das raças ancestrais, então. Não há uma alusão sequer a ela em nenhuma lenda das Sete Cidades que eu já tenha ouvido. – Ela voltou a atenção para o corredor.

A cinco passos da porta, a passagem se abria numa interseção em forma de T, com portas duplas diretamente opostas à entrada.

– A disposição é quase idêntica – sussurrou Apsalar.

– Idêntica a quê? – perguntou Crokus.

– Casa dos Mortos, cidade de Malaz.

Pés tamborilaram na interseção, aproximando-se, e logo depois Moby apareceu, numa corrida desabalada. A criatura voou para os braços do daru.

– Ele está tremendo – disse Crokus, abraçando o animalzinho.

– Ah, ótimo – resmungou Violinista.

– O jhag – sibilou Pust de onde estava ajoelhado, a alguns passos de Mappo e Icarium. – Eu vi quando você o esmagou nos braços. Ele está morto?

O trell balançou a cabeça.

– Inconsciente. E acho que não vai acordar por um tempo...

– Então deixe a Azath tomá-lo! Agora! Estamos dentro de Tremorlor. Não precisamos mais dele.

– Não.

– Tolo!

Um sino soou em algum lugar do lado de fora. Olharam-se, incrédulos.

– Ouviram isso? – Violinista estava surpreso. – Um sino de *comerciante*?

– Por que de comerciante? – grunhiu Pust, movendo os olhos, desconfiado.

Mas Crokus concordou:

– Um sino de comerciante. Pelo menos é assim em Darujhistan.

O sapador foi até a porta. Do lado de dentro, a aldraba se moveu fácil sob sua mão e ele abriu a porta.

Camadas finas de raízes se erguiam do jardim, agigantando-se sobre a própria Casa, num choque de ângulos e planos. Terra amontoada fumegava

por todos os lados. Bem do lado de fora do portão em arco, havia três imensas carruagens ornamentadas, cada uma puxada por nove cavalos brancos. Uma pessoa arredondada estava posicionada sob o arco, vestindo sedas. A pessoa ergueu a mão na direção de Violinista e disse, em daru:

– Infelizmente, não posso avançar mais! Garanto que tudo está calmo aqui fora. Procuro aquele chamado Violinista.

– Por quê? – rosnou o sapador.

– Trago um presente. Coletado com grande pressa e a grande custo, devo acrescentar. Sugiro que completemos a transação o mais rápido possível, considerando a situação.

Crokus estava ao lado de Violinista. O daru franzia a testa para as carruagens.

– Conheço quem as fez – disse ele, baixo. – Bernuk, na parte de trás do Antelago. Mas nunca tinha visto nenhuma tão grande assim... Deuses, faz tanto tempo que parti...

Violinista suspirou.

– Darujhistan.

– Tenho certeza – disse Crokus, assentindo.

Violinista saiu e analisou os arredores. As coisas pareciam, como tinha afirmado o comerciante, calmas. Adormecidas. Ainda inquieto, o sapador percorreu o caminho até o arco e parou a dois passos dele, fitando o comerciante com cautela.

– Karpolan Demesand, senhor, da Guilda de Comércio Trygalle, e esta é uma operação de que eu e meus acionistas jamais nos arrependemos, mas que esperamos nunca repetir. – A exaustão do homem era bem evidente e suas sedas estavam encharcadas de suor. Ele gesticulou e uma mulher vestindo armadura e de rosto mortalmente pálido passou por ele, carregando um caixote pequeno. Karpolan continuou: – Com os cumprimentos de certo mago dos Queimadores de Pontes, que foi informado, de maneira oportuna, de sua situação, de modo geral, pelo cabo que vocês compartilham.

Violinista aceitou a caixa, agora sorrindo largamente.

– Os esforços desta entrega vão além de mim, senhor – disse ele.

– De mim também, eu garanto. Agora, precisamos fugir... Hum, que rude de minha parte... Quero dizer “partir”, é claro. Precisamos partir. – Ele suspirou, olhando ao redor. – Peço perdão, estou exausto, muito além da capacidade de exercer as cortesias esperadas de uma conversa civilizada.

– Não precisa se desculpar – disse Violinista. – Apesar de não fazer ideia de como você chegou aqui e nem de como voltará a Darujhistan, desejo que sua jornada seja rápida e segura. Uma última pergunta: o mago disse alguma coisa a respeito da origem do conteúdo do caixote?

– Ah, disse, sim, senhor. Das ruas da Cidade Azul. Uma referência obscura, mas que você claramente tem a sorte de compreender, pelo que vejo.

– O mago deu alguma instrução sobre como manusear este pacote, Karpolan?

O mercador fez uma careta.

– Disse que não deveríamos sacudir muito. Entretanto, esse último pedaço de nossa jornada foi... difícil. Lamento informar que o conteúdo do caixote pode muito bem estar quebrado.

Violinista sorriu.

– Fico feliz em informar que sobreviveu.

Karpolan Demesand franziu a testa.

– Você ainda não examinou o conteúdo. Como pode saber?

– Vai ter que confiar em mim nessa, senhor.

Crokus fechou a porta depois que Violinista trouxe o caixote para dentro. Com cuidado, o sapador baixou o recipiente e abriu a tampa.

– Ah, Ben Ligeiro – sussurrou, vasculhando os objetos aninhados lá dentro. – Um dia erguerei um templo em seu nome.

Contou sete condenadoras, treze demolidoras e quatro flamejantes.

– Mas como o comerciante chegou até aqui? – perguntou Crokus. – De Darujhistan! Pelo sopro do Encapuzado, Vi!

– Não sei. – Ele se endireitou e, então, olhou para os outros. – Estou me sentindo bem, camaradas. Muito bem mesmo.

– Otimismo! – rosnou Pust, quase explodindo de desgosto. O sumo sacerdote puxou os tufos finos que restavam de seu cabelo. – Enquanto aquele macaco imundo mijava pavor no colo do rapaz! *Otimismo!*

Crokus arrancou o animal do colo e fitou, incrédulo, a corrente que caiu sobre os ladrilhos.

– Moby?

A criatura sorria timidamente.

– Soletaken, você quer dizer!

– Um lapso momentâneo – disse Apsalar, fitando a criatura, que se contorcia. – A compreensão do que aconteceu. Isso ou um estranho senso de humor.

– Sobre o que você está balbuciando aí? – exigiu saber Pust, estreitando os olhos.

– Ele achou que tinha encontrado o Caminho, pensando que aqui estava a antiga promessa de Ascendência. De certo modo, Moby tinha razão em pensar assim. O bhok'aral nas suas mãos, Crokus, é demoníaco. Em sua verdadeira forma, ele poderia segurar você como você o segura agora.

Mappo grunhiu.

– Ah, eu entendo agora.

– Então por que você não nos ilumina? – rosnou Crokus.

Apsalar cutucou o cadáver com o pé.

– Tremorlor precisava de um novo guardião. Preciso ser mais clara?

Crokus piscou, olhando outra vez para Moby, a criatura trêmula em suas mãos.

– O animal doméstico do meu tio?

– Um demônio, no momento um pouco intimidado pela expectativa, podemos presumir. Mas tenho certeza de que a criatura vai crescer no papel.

Enquanto a conversa acontecia, Violinista guardou as munições moranthianas. Por fim, se levantou com cuidado e passou a alça da bolsa pelo ombro.

– Ben Ligeiro acreditava que encontraríamos um portal em algum lugar aqui. O portal de um Labirinto...

– Ligando as Casas! – exultou Pust. – Audácia ultrajante. Esse seu mago astuto me encantou, soldado. Ele deveria ter sido um servo da Sombra!

Ele era, mas isso não importa. Se seu deus tiver vontade, ele dirá isso a você. Mas pode esperar sentado...

– É hora de encontrarmos esse portal...

– Chegar à interseção em T, descer a passagem à esquerda até as duas portas. A da esquerda nos leva para a torre. Andar de cima. – Apsalar sorriu.

Violinista a encarou por um momento e, depois, assentiu. *Suas lembranças emprestadas...*

Moby foi à frente, revelando que sua bravura tinha retornado, bem como algo que lembrava um orgulho possessivo. Do outro lado da interseção, na passagem da esquerda, havia um nicho na parede, no qual pairava uma armadura de escamas resplandecente, adequada a alguém com mais de 3 metros de altura e circunferência maciça. Havia também dois machados de duas lâminas reclinados contra as paredes do nicho, um de cada lado. Moby parou ali para passar uma mãozinha afetuosa sobre uma bota revestida de ferro antes de prosseguir, melancólico. Crokus tropeçou ao passar pela armadura, que tinha capturado totalmente sua atenção.

Ao abrir a porta, entraram no piso térreo da torre. Uma escadaria de pedra subia em espiral a partir do centro. Ao pé dos degraus côncavos, jazia outro corpo: era de uma mulher jovem, de pele negra, que parecia ter sido colocada ali apenas uma hora antes. Estava vestida no que claramente eram roupas de baixo, embora não se visse em lugar algum a armadura que antes as cobria. Feridas perversas marcavam sua forma delgada.

Apsalar se aproximou, agachando-se e pousando a mão no ombro da garota.

– Eu a conheço – sussurrou.
– Conhece? – grunhiu Rellock.
– A lembrança daquele que me possuiu, pai – disse ela. – Sua memória mortal...

– Dançarino – disse Violinista.

Ela assentiu.

– Esta é a filha de Dassem Ultor. A Primeira Espada a recuperou depois que o Encapuzado acabara de usá-la e a trouxe para cá, ao que parece.

– Antes de quebrar seu voto ao Encapuzado...

– Sim, antes de Dassem blasfemar contra o deus a que um dia serviu.

– Isso foi anos atrás, Apsalar – disse Violinista.

– Eu sei.

Ficaram em silêncio, fitando a frágil jovem deitada ao pé da escada. Mappo passou o peso de Icarium de um braço para o outro, como se estivesse apreensivo em relação à forma como aquela situação ecoava a sua, embora soubesse que não faria com seu fardo o que Dassem Ultor tinha feito com o dele.

Apsalar se levantou e ergueu os olhos para o alto da escada.

– Se a memória de Dançarino serve de alguma coisa, o portal nos espera.

Violinista virou para os outros.

– Mappo, você vai se juntar a nós?

– Sim, mesmo que não pelo caminho todo... Supondo que haja um meio de deixar o Labirinto quando quisermos...

– É uma tremenda suposição – disse o sapador.

O trell simplesmente deu de ombros.

– Iskaral Pust?

– Ah, sim. É claro, é claro! Por que não? Caminhar de volta pelo emaranhado até o lado de fora? Insanidade! Iskaral Pust é tudo, menos insano, como vocês bem sabem. Sim, eu acompanharei vocês... E silenciosamente acrescento, a ninguém além de mim: talvez surja uma oportunidade para traição! Trair o quê? Trair quem? Isso importa? Não é o

objetivo que traz prazer, mas a jornada feita para alcançá-lo!

Violinista encontrou o olhar mordaz de Crokus.

– Fique de olho nele – disse o sapador.

– Ficarei.

O sapador olhou, então, para Moby. Ele estava agachado perto da porta, brincando com o próprio rabo, em silêncio.

– Como se diz adeus a um bhok'aral?

– Com uma bota no traseiro, de que outro modo? – sugeriu Pust.

– Quer tentar isso com esse aqui? – perguntou Violinista.

O sumo sacerdote fechou a cara e não se mexeu.

– Ele estava lá fora quando passamos pelas tempestades, não estava? – disse Crokus, aproximando-se da minúscula criatura encarquilhada. – Vocês se lembram daquelas batalhas que não conseguíamos enxergar? Ele estava nos protegendo... O tempo todo.

– Sim – disse o sapador.

– Motivos ocultos! – sibilou Pust.

– Mesmo assim.

– Deuses, ele vai se sentir sozinho... – Crokus segurou o bhok'aral no colo. Não sentiu vergonha das lágrimas em seus olhos.

Piscando, Violinista se virou, fazendo uma careta ao estudar a escadaria.

– Demorar aqui não vai ajudar muito, Crokus.

– Vou encontrar um modo de visitar você – sussurrou o daru.

– Olha só como ele está, Crokus – disse Apsalar. – Parece bem satisfeito.

Quanto a estar sozinho, como você sabe que é o caso? Há outras Casas, outros guardiões...

O rapaz assentiu. Soltou o animalzinho devagar, colocando-o no chão.

– Com sorte, não haverá nenhuma louça de barro por aí.

– O quê?

Crokus sorriu.

– Moby sempre teve má sorte perto de louça de barro. Ou devo dizer que é o contrário? – Ele colocou a mão na cabeça macia da criatura e, depois, se

levantou. – Vamos.

O bhok'aral observou o grupo subindo as escadas. Um momento depois, veio um lampejo da meia-noite lá de cima e eles haviam partido. A criatura ouviu com cuidado, inclinando a cabeça minúscula, mas nenhum outro som veio da câmara do andar superior.

Ficou sentado, imóvel, mais alguns minutos, ociosamente segurando a própria cauda. Então se virou e correu pelo corredor, parando diante da armadura.

O imenso elmo fechado se inclinou com um estalido suave e uma voz áspera veio de lá:

– Estou feliz por minha solidão ter terminado, pequenino. Tremorlor lhe dá as boas-vindas, de todo o coração... Mesmo você tendo feito uma bagunça no chão do corredor.

Poeira e cascalho voaram, arranhando o escudo de Duiker, quando o cavaleiro de guerra wickano atingiu o chão e rolou, parando aos pés do historiador. Não passava de um garoto; o Corvo parecia quase em paz, de olhos fechados, como se estivesse num sono manso. Mas, para ele, todos os sonhos haviam acabado.

Duiker passou sobre o corpo e ficou parado um momento, em meio à poeira levantada pela queda. O sangue havia colado a espada curta em sua mão direita e, cada vez que ele alterava o modo de segurá-la, vinha dela um som denso de soluço.

Diante do historiador, batedores deram a volta no espaço de terra batida por cascos. Entre eles, flechas ganhavam velocidade, zumbindo como moscas-tigre pelo ar. Duiker virou o escudo de repente, a fim de aparar a seta que voava na direção de seu rosto. Ele grunhiu com o golpe sólido, que fez o círculo coberto de couro bater em sua boca e no queixo, rachando

ambos.

A cavalaria tarxiana tinha rompido as linhas inimigas e estava a momentos de separar do resto da companhia a dúzia de pelotões que ainda restavam. O contra-ataque dos Corvos tinha sido selvagem e furioso, mas a um alto preço. Pior de tudo, como percebeu Duiker enquanto avançava: poderia muito bem ter falhado.

Os pelotões da infantaria haviam sido cindidos, formando quatro grupos, apenas um deles significativo. Agora, lutavam para se reunirem novamente. Menos de vinte cavaleiros de guerra dos Corvos continuavam em pé, cada um cercado por tarxianos e sendo retalhado por suas cimitarras de lâminas largas. Em todos os lugares, cavalos se contorciam e gritavam no chão, dando coices no ar, em reação à dor.

O historiador quase foi derrubado pelo quadril de um dos animais da cavalaria. Dando a volta, Duiker se aproximou e enfiou a ponta de sua espada na coxa protegida por couro de um tarxiano. A armadura leve até resistiu um pouco, mas o historiador jogou todo o seu peso na estocada e sentiu a ponta perfurar a carne do inimigo, afundando e rangendo contra o osso. Ele girou a lâmina.

Uma cimitarra desferiu um golpe, afundando com força no escudo de Duiker. Ele se abaixou, puxando a arma roubada consigo. Sangue fresco umedecia sua mão no punho da espada e ele liberou a lâmina com um puxão. O historiador retalhou o quadril do homem até o cavalo pular para o lado, levando o cavaleiro para além de seu alcance.

Duiker tirou a proteção do elmo de cima dos olhos, piscou para limpar o cascalho e o suor e avançou outra vez, agora na direção do maior grupo da infantaria.

Fazia três dias desde os acontecimentos no vale do Sanimon e a prorrogação sangrenta concedida a eles pela tribo khundryla. Seus inesperados aliados haviam lutado e perseguido os remanescentes de suas tribos rivais durante as horas próximas ao crepúsculo, antes de finalizarem seus esforços e retornarem, supostamente, a suas terras. Não haviam sido

vistos desde então.

A surra tinha deixado Korbolo Dom furioso. Isso estava bem claro, já que os ataques agora eram incessantes, levando a uma batalha contínua de mais de quarenta horas, sem nenhum sinal de abrandar, pelo menos num futuro próximo.

A Corrente de Cães, sitiada, era atacada repetidamente: pelos flancos, por trás, às vezes de duas ou três direções ao mesmo tempo. O que lâminas, lanças e flechas vingativas não davam conta de fazer, a exaustão completava. Soldados simplesmente caíam no chão, com a armadura em pedaços, e incontáveis ferimentos leves drenavam o resto de suas forças. Corações falhavam, artérias maiores explodiam sob a pele, florescendo em hematomas de um tom preto bem escuro, como se alguma praga terrível houvesse se abatido sobre as tropas.

As cenas que Duiker vinha testemunhando iam muito além do terror, além de sua capacidade de compreensão.

Ele alcançou a infantaria ao mesmo tempo que os outros grupos conseguiram se aproximar e se unir, numa formação circular com lâminas que nenhum cavalo ousaria desafiar, não importando quão bem treinado fosse.

Dentro do círculo, um soldado começou a bater a espada no escudo, berrando para acrescentar sua voz ao ritmo das batidas. A roda girou, cada soldado pisando no mesmo ritmo, girando, cruzando o terreno, girando, voltando devagar para onde o resto da companhia ainda mantinha a linha, no flanco oeste da Corrente.

Duiker se movia com eles, como parte do círculo externo, dando golpes mortais em qualquer soldado inimigo ferido pelo qual a roda passasse. Cinco cavaleiros dos Corvos os acompanhavam. Eram os últimos sobreviventes do contra-ataque e, desses, dois não lutariam outra vez.

Logo depois, a roda alcançou a linha e se dividiu, dissolvendo-se nela. Os wickanos afundaram as esporas em seus cavalos, que espumavam, nervosos, a fim de correrem para o sul. Duiker abriu caminho em meio às fileiras, até

finalmente chegar a um espaço limpo. Baixou os braços trêmulos, cuspiu sangue no chão e, depois, ergueu a cabeça devagar.

A massa de refugiados marchava à sua frente, passando em procissão pelo trecho onde ele estava. Cobertos de poeira, centenas de rostos olharam em sua direção, observando aquele cordame fino de infantaria atrás do historiador: era tudo que havia entre eles e o massacre. Enquanto isso, os soldados avançavam ou desabavam e o cordame ficava mais fino a cada minuto. Os rostos não tinham qualquer expressão, tendo sido levados a um lugar além dos pensamentos e das emoções. Eram parte do fluxo de uma maré em que nenhuma vazante era possível, sendo que recuar demais seria fatal. Então avançavam aos tropeços, agarrando o último e mais precioso de seus bens: suas crianças.

Duas figuras se aproximaram de Duiker, descendo da corrente de refugiados a partir da posição de vanguarda. O historiador encarou ambas, impassível, sentindo que deveria reconhecê-las. No entanto, todos os rostos haviam se tornado estranhos a ele.

– Historiador!

A voz o arrancou de sua fuga como uma sacudida. O lábio rachado de Duiker doeu ao dizer:

– Capitão Bonança.

Ofereceram-lhe uma moringa suja. Duiker forçou a espada curta para dentro da bainha e aceitou a bebida. A água fria encheu sua boca, causando dor, mas ele a ignorou e bebeu sofregamente.

– Alcançamos a planície Geleen – disse Bonança.

A outra pessoa era a soldado sem nome de Duiker. Ela oscilava em pé e o historiador viu uma ferida de perfuração em seu ombro esquerdo, onde a ponta de uma lança tinha conseguido atravessar o escudo. Elos quebrados de sua cota de malha brilhavam ao redor da ferida escancarada.

Seus olhos se encontraram. Duiker não enxergou nada vivo dentro daqueles lindos olhos cinza-claros, mas o alarme que sentiu não veio exatamente do que viu, mas da própria falta de comoção, da assustadora

ausência de todo sentimento... Até mesmo de desânimo.

– Coltaine quer você – disse Bonança.

– Ele ainda está respirando, é?

– Sim.

– Imagino que ele queira isso. – Duiker mostrou a garrafinha na correia.

– Aqui...

– Não – disse Bonança, franzindo a testa. – Quer *você*, historiador. Nós nos deparamos com uma tribo do Sanith Odhan... Até agora, só estão observando.

– Parece que a rebelião é uma coisa menos certa aqui embaixo – resmungou Duiker.

Os sons de batalha que vinham da linha do flanco diminuíram. Outra pausa, apenas alguns segundos para se recuperar, reparar a armadura, conter o sangramento.

O capitão gesticulou e começaram a caminhar com os refugiados.

– Que tribo, então? – perguntou o historiador passado um momento. – E, o mais importante: o que isso tem a ver comigo?

– O Punho tomou uma decisão – disse Bonança.

Algo naquelas palavras congelou Duiker. Pensou em sondar para saber mais, mas afastou a ideia. Os detalhes de tal decisão pertenciam a Coltaine. *O homem guia um exército que se recusa a morrer. Nas últimas trinta horas, não perdemos um refugiado sequer para as ações inimigas. Cinco mil soldados... Cuspindo na cara de todos os deuses...*

– O que você sabe sobre as tribos tão próximas assim da cidade? – perguntou Bonança enquanto prosseguiam.

– Eles não amam Aren – disse Duiker.

– É pior para eles com o Império?

O historiador grunhiu, percebendo a direção que o capitão tomava com aquelas perguntas.

– Não, melhor. O Império Malazano compreende como funcionam fronteiras, as diferentes necessidades daqueles que vivem no campo... Afinal,

territórios imensos do Império continuam nômades e o tributo deles exigido nunca é exorbitante. Além disso, o pagamento para atravessar terras tribais é sempre generoso e imediato. Coltaine deve saber muito bem disso, capitão.

– Imagino que sim. Sou eu que preciso ser convencido.

Duiker olhou os refugiados à sua esquerda, vasculhando fileira após fileira de rostos, jovens e velhos, sob aquela sempre presente mortalha de poeira. Os pensamentos afastaram a exaustão e Duiker sentiu como se vacilasse próximo a um limiar: depois desse limite, ele agora conseguia enxergar claramente, esperava a aposta desesperada de Coltaine.

O Punho tomou uma decisão.

Todos os seus oficiais se frustram, recuam, oprimidos pela incerteza. Coltaine sucumbiu ao desespero? Ou ele enxerga bem demais?

Cinco mil soldados...

– O que posso dizer a você, Bonança? – perguntou Duiker.

– Que não há outra escolha.

– Você pode chegar a essa conclusão sozinho.

– Não ousa. – O homem fez uma careta, contorcendo o rosto cheio de cicatrizes e estreitando o único olho em meio a um ninho de rugas. – São as crianças, sabe? É o que restou a eles. A única coisa que restou a eles, Duiker...

O historiador assentiu abruptamente, interrompendo a necessidade de dizer qualquer outra coisa, numa resposta misericordiosa concedida depressa. Ele tinha visto aqueles rostos, chegado perto de analisá-los. Fazendo isso, era como se o historiador procurasse encontrar a juventude que deveria estar lá, a liberdade e a inocência. Contudo, não era o que ele de fato buscava, nem o que tinha encontrado. Bonança o havia levado à própria palavra. Simples, imutável, até então ainda sagrada.

Cinco mil soldados darão a vida por isso. Mas essa é alguma tolice romântica: eu anseio por reconhecimento entre esses simples soldados? E algum soldado é realmente simples? Simples no sentido de ter um modo pragmático e direto de enxergar o mundo e seu lugar nele? E tal visão impossibilita a consciência profunda que eu agora acredito existir nesses

homens e nessas mulheres, tão exauridos e com os pés doloridos?

Duiker olhou para a soldado sem nome e encontrou aqueles olhos notáveis, como se ela estivesse apenas esperando que ele – seus pensamentos, suas dúvidas e seus medos – voltasse a si e a procurasse.

Ela deu de ombros.

– Somos tão cegos que não podemos ver, Duiker? Estamos defendendo a *dignidade* deles. Simples assim. Mais do que isso. Essa é nossa força. É isso que você queria ouvir?

Eu aceitarei esse castigo menor. Nunca subestime um soldado.

O próprio Sanimon era um tel imenso, uma colina de topo plano com 1,5 quilômetro de largura e mais de 30 metros de altura, seu platô confuso, árido e varrido pelo vento. No Sanith Odhan, imediatamente ao sul, onde a Corrente agora lutava, restavam duas antigas estradas elevadas, da época em que o tel ainda era uma cidade próspera. Ambas as estradas seguiam retas como lanças, sobre fundações de pedra cortada. A que seguia para o oeste, chamada Painesan'm, agora estava em desuso, pois levava a outro tel em colinas secas como ossos e a nenhum outro lugar. A outra, Sanijhe'm, se estendia rumo ao sudoeste e ainda fornecia uma rota por terra até o mar continental chamado Clatar. A uma altura de 15 metros, as estradas haviam se tornado pontes.

O clã dos Corvos de Coltaine dominava a região da Sanijhe'm próxima ao tel, guarnecendo a estrada como se ela fosse um muro. O terço sul do próprio Sanimon tinha se tornado um ponto forte dos wickanos, com guerreiros e arqueiros dos clãs dos Cachorros Tolos e das Doninhas. Como os refugiados eram conduzidos ao longo da borda leste do Sanimon, a parede do penhasco alto do tel dispensava a necessidade de uma guarda daquele lado. As tropas, então, avançaram para dar suporte à retaguarda e ao flanco leste. As tropas de Korbolo Dom, antes ocupadas numa batalha contínua com ambas as unidades, ficaram com o nariz sangrando outra vez.

O Sétimo ainda era algo digno de ser contemplado, apesar de seu número agora reduzido e do fato de que muitos de seus soldados caíam mortos no chão, ainda que não tivessem um ferimento visível sequer; outros choravam e gemiam, mesmo enquanto matavam os inimigos. A retirada, em alvoroço, tinha sido completada com a aparição de arqueiros montados wickanos e era chegado o momento de mais um descanso.

O Punho Coltaine esperava, sozinho, encarando o odhan ao sul. Sua capa de penas tremulava ao vento, com as pontas esfarrapadas estremecendo ao sopro da brisa. Via-se outra tribo a cavalo, com estandartes bárbaros imóveis contra o céu azul e pálido. A formação dos guerreiros acompanhava uma cadeia de colinas naquela direção, a dois mil passos de distância.

Duiker manteve o olhar sobre o homem ao se aproximar. Tentou se imaginar dentro da pele de Coltaine, buscando o lugar no qual o Punho agora vivia, mas sua mente decidiu recuar. *Não, não é uma falha de minha imaginação. É uma relutância. Não posso carregar o fardo de mais ninguém, nem por um momento sequer. Todos nós fomos puxados para dentro de nós mesmos e estamos sozinhos...*

Coltaine falou sem se virar para o historiador.

– Os kherahn-dhobrios. Pelo menos é como estão nomeados no mapa.

– Os vizinhos relutantes de Aren – disse Duiker.

Ao ouvir aquilo, o Punho se virou para ele, com um olhar perspicaz.

– Sempre mantivemos nossos tratados.

– Sim, Punho... Para indignação de muitos nativos de Aren.

Coltaine encarou a tribo distante outra vez, ficando em silêncio por um longo tempo.

O historiador olhou para a soldado sem nome.

– Você deveria procurar um cortador – disse ele.

– Ainda consigo segurar um escudo...

– Sem dúvida, mas o risco de infecção...

Ela arregalou os olhos e Duiker foi rendido ao silêncio, inundado por uma onda de pesar, e desviou o olhar. *Você é um tolo, velho.*

Coltaine falou:

- Capitão Bonança.
- Punho.
- As carroças estão prontas?
- Sim, senhor. Subindo agora.

Coltaine assentiu.

- Historiador?
- Punho?

O wickano se virou devagar, a fim de encarar Duiker.

– Eu darei Nil e Nether a você, e uma tropa dos três clãs. Capitão, o comandante Bult informou os feridos?

- Sim, senhor. Eles recusaram.

A pele ao redor dos olhos de Coltaine se enrugou, mas depois ele aquiesceu.

– Assim como o cabo Lista – continuou Bonança, olhando para Duiker.

– Admito – disse o Punho, suspirando – que aqueles que escolhi dentre meu povo não estão muito satisfeitos. Mas eles não desobedecerão a seu chefe de guerra. Historiador, você comandará da maneira que julgar adequada. Entretanto, sua responsabilidade é uma só: entregar os refugiados em Aren.

E, então, chegamos a isto.

- Punho...
- Você é malazano – interrompeu Coltaine. – Siga os procedimentos...
- E se formos traídos?

O wickano sorriu.

– Então todos nós nos uniremos ao Encapuzado, bem aqui. Se devemos dar um fim a isto tudo, que seja um fim adequado.

– Segure tanto quanto conseguir – sussurrou Duiker. – Vou esfolar a cara de Pormqual e dar a ordem através dos lábios dele, se precisar...

- Deixe o Alto Punho com a imperatriz... e sua conselheira.

O historiador pegou a garrafinha de vidro ao redor do pescoço.

Coltaine fez que não com a cabeça.

– A história é sua, e agora ninguém é mais importante que você. Se um dia você encontrar Dujek, diga a ele o seguinte: não são os soldados do Império que a imperatriz não pode perder; é a *memória* do próprio Império.

Uma tropa de wickanos cavalgou na direção deles. Guiavam montarias de reserva, incluindo a fiel égua de Duiker. Atrás deles, a primeira carroça de refugiados emergiu da poeira e de um dos lados esperavam três outras. Essas eram guardadas, como Duiker pôde ver, por Nil e Nether.

O historiador inspirou fundo.

– Quanto ao cabo Lista...

– Ele não vai mudar de ideia – interrompeu o capitão Bonança. – Pedi-me para transmitir suas palavras de despedida, Duiker. Acredito que tenha balbuciado qualquer coisa sobre um fantasma no ombro, seja lá o que isso signifique. Depois acrescentou: “Diga ao historiador que encontrei minha guerra.”

Coltaine desviou o olhar, como se aquelas palavras o tivessem atingido onde nenhuma das outras conseguira chegar.

– Capitão, informe as companhias que atacaremos durante a próxima hora.

Ataque! Pelo sopro do Encapuzado! Duiker se sentiu um estranho na própria pele, como se suas mãos fossem pedaços inertes ao lado do corpo, como se uma verdadeira crise tivesse sido despertada apenas por perguntar o que ele deveria fazer com sua carne e seus ossos, o que deveria fazer no momento seguinte.

A voz de Bonança se fez ouvir:

– Sua montaria chegou, historiador.

Duiker soltou a respiração, trêmulo. Encarando o capitão, balançou a cabeça devagar.

– Historiador, eu? Não. Talvez volte a ser um, mas daqui a uma semana. Neste momento, e no que está por vir... – Balançou a cabeça uma segunda vez. – Não tenho uma palavra adequada para dizer como deveria ser

chamado agora. – Ele sorriu. – Acho que “velho” serve...

Bonança pareceu abalado pelo sorriso de Duiker e encarou Coltaine.

– Punho, esse homem sente que não tem título. Ele escolheu “velho”.

– Uma escolha ruim – grunhiu o wickano. – Velhos são sábios, não tolos.

– Fechou a cara para Duiker. – Não há sequer um entre seus conhecidos que tenha dificuldades em saber quem e o que você é. Nós o conhecemos como um soldado. Esse título o insulta, senhor?

Duiker estreitou os olhos.

– Não. Pelo menos, acho que não.

– Leve os refugiados para lugar seguro, soldado.

– Sim, Punho.

Então a soldado naval sem nome falou:

– Tenho algo para você, Duiker.

Bonança grunhiu.

– O quê, aqui?

Ela entregou a ele um farrapo de tecido.

– Espere um pouco antes de ler o que está escrito. Por favor.

Ele só conseguiu assentir ao prender o trapo no cinto. Duiker olhou as três pessoas diante dele, desejando que Bult e Lista também estivessem ali. Mas não haveria despedidas prolongadas nem qualquer conforto nos papéis prestes a serem assumidos. Como todo o resto, o momento era confuso, estranho e incompleto.

– Suba nesse seu animal magricela – disse Bonança. – E fique no ponto cego do Encapuzado, amigo.

– Eu desejo o mesmo a vocês, a todos vocês.

Coltaine sibilou, virando-se para encarar o norte, e mostrou os dentes.

– Não há chance disso, Duiker. Nós pretendemos esculpir uma trilha sangrenta... direto até a garganta do desgraçado.

Com Nil e Nether a seu lado, Duiker cavalgava à frente do comboio de

refugiados, rumo à tribo na cordilheira. Os batedores wickanos e aqueles que guardavam as primeiras carroças eram muito jovens: meninos e meninas, ainda com suas primeiras armas nas mãos. A indignação coletiva que sentiam por terem sido afastados de seus clãs era como uma tempestade silenciosa.

Ainda assim, se Coltaine tiver se enganado ao assumir esse risco, eles empunharão suas armas mais uma vez... Uma última vez.

– Dois cavaleiros – disse Nil.

– Bom sinal – grunhiu Duiker, focando os olhos numa dupla de kherahnos que se aproximava num galope brando. Ambos eram anciãos, um homem e uma mulher, esbeltos e desgastados pelo tempo, com a pele da mesma tonalidade que as camurças que vestiam. Debaixo de seus braços esquerdos pendiam espadas com lâminas em forma de gancho, e elmos de ferro ornamentados cobriam suas cabeças; placas robustas destinadas à proteção do rosto emolduravam seus olhos.

– Fique aqui, Nil – disse Duiker. – Nether, venha comigo, por favor.

Ele cutucou sua égua, para fazê-la avançar.

Encontraram-se pouco depois das carroças, parando para encarar uns aos outros a alguns passos de distância. Duiker foi o primeiro a falar:

– Estas são as terras dos kherahn-dhobrios, reconhecidas por tratado. O Império Malazano honra todos os tratados. Buscamos passar...

A mulher, com os olhos nas carroças, vociferou, num malazano sem sotaque:

– Quanto?

– O resultado de uma coleta, feita junto a todos os soldados do Sétimo – disse Duiker. – Em moeda imperial, no total de 41 mil jakatas de prata...

– O pagamento anual de um exército malazano inteiro – disse a mulher, fechando a cara. – Isso não foi uma “coleta”. Seus soldados sabem que vocês roubaram o soldo deles para pagar sua passagem?

Duiker piscou. Em seguida disse, em voz mais baixa:

– Os soldados insistiram, anciã. Isso foi mesmo uma coleta.

Nether falou, então:

– Dos três clãs wickanos, um pagamento adicional: joias, utensílios de cozinha, peles, rolos de feltro, ferraduras, equipamentos de montaria e couro, além de um sortimento de moedas pilhadas no curso de nossa longa jornada desde Hissar, numa quantidade que se aproxima de 73 mil jakatas de prata. Tudo dado de forma espontânea.

A mulher ficou em silêncio por um longo momento. Depois seu companheiro disse algo a ela na língua deles. A anciã balançou a cabeça em resposta e seus olhos castanho-escuros, frios e rasos, voltaram a encarar o historiador.

– E com esta oferta vocês buscam a passagem desses refugiados, dos clãs wickanos e do Sétimo.

– Não, anciã. Só dos refugiados... E desta pequena guarda que você vê aqui.

– Nós rejeitamos sua oferta.

Bonança estava certo em temer este momento. Cacete...

– É muito – disse a mulher. – O tratado com a imperatriz é bem específico.

Um pouco perdido, Duiker só conseguiu dar de ombros.

– Então uma porção disso...

– E o restante entrará em Aren, onde ficará acumulado inutilmente até Korbolo Dom penetrar os portões. Então acabarão pagando a ele pelo privilégio de matar vocês.

– Então – disse Nether –, com o restante, nós gostaríamos de contratá-los como nossa escolta.

O coração de Duiker deu um salto.

– Até os portões da cidade? Longe demais. Vamos escoltá-los até a vila de Balahn, no começo da estrada conhecida como Caminho de Aren. Mas isso ainda deixa uma porção do pagamento sobrando. Venderemos comida e as curas necessárias a vocês, dentro das habilidades de nossas cavaliças.

– Cavaliças? – perguntou Nether, arqueando as sobrancelhas.

A anciã assentiu. Nether sorriu.

- Os wickanos estão muito felizes em conhecer os kherahn-dhobrios.
- Venham, então, com seu povo.

Os dois anciãos cavalgaram de volta até onde estava seu grupo. Duiker os observou por um momento e, então, virou o cavalo e ficou em pé nos estribos. Bem ao norte, sobre o Sanimon, pairava uma nuvem de poeira.

- Nether, você pode mandar uma mensagem para Coltaine?
- Posso oferecer a ele uma informação, sim.
- Faça isso. Diga que ele estava certo.

A compreensão chegou devagar, como se viesse de um corpo que todos julgassem frio, de um cadáver, de fato; tal percepção emergiu, enchendo o ar e os espaços vazios no meio. Rostos expressaram incredulidade, sob um torpor que relutava em baixar as barreiras de proteção. O crepúsculo chegou, cobrindo o acampamento de trinta mil refugiados, todos unidos entre dois silêncios: um da terra e do céu noturno, com suas estrelas como vidro estilhaçado; o outro, das próprias pessoas. Kherahnos de rosto severo caminhavam entre a multidão. Seus presentes e seus gestos contrastavam com suas expressões frias e seu distanciamento. E, a cada lugar que iam, era como se levassem, com seu toque, uma libertação.

Sentado sob o céu noturno brilhante, cercado por relva espessa, Duiker ouvia os lamentos que cortavam a escuridão e seu coração. Uma felicidade forjada com uma angústia sombria e intensa, com gritos mudos, choros descontrolados. Um estranho teria acreditado que algum terror espreitava o acampamento; ele não teria entendido o alívio que o historiador ouvia naqueles sons, aos quais sua alma respondia com uma dor abrasadora, fazendo-o piscar para as estrelas que flutuavam, embaçadas, no céu.

Ainda assim, o alívio vindo da salvação era torturante, e Duiker bem sabia por quê. Sabia bem o que vinha do norte: um exército de verdades que ele não conseguia evitar. Em algum lugar por lá, na escuridão, uma parede de

carne humana, vestida em armaduras despedaçadas, ainda desafiava Korbolo Dom, ganhando tempo para aquela salvação pavorosa. Não havia como ignorar esse conhecimento.

A relva sussurrou e ele sentiu uma presença familiar agachar-se a seu lado.

– Como vai Coltaine? – perguntou Duiker.

Nether suspirou.

– O elo foi partido – disse ela.

O historiador se enrijeceu. Depois de um tempo, soltou a respiração, trêmulo.

– Se foi, então?

– Não sabemos. Nil continua a tentar, mas temo que, por causa de nosso cansaço, nossas ligações de sangue não sejam mais suficientes. Não sentimos nenhum grito de morte, e certamente sentiríamos, Duiker.

– Talvez ele tenha sido capturado.

– Talvez. Historiador, se Korbolo Dom chegar de manhã, esses kherahnos pagarão caro pelo contrato. Talvez não sejam o bastante para... para...

– Nether?

Ela baixou a cabeça.

– Sinto muito, não consigo impedir meus ouvidos de ouvirem. Eles podem estar se enganando. Mesmo que chegemos a Balahn, ao Caminho de Aren, ainda estaremos a 15 quilômetros da cidade.

– Compartilho sua apreensão. Mas lá fora, bem, lá estão os gestos de bondade. Você não vê? Nenhum de nós tem como se defender deles.

– O alívio veio cedo demais, Duiker!

– É possível, mas não há uma maldita coisa que possamos fazer a respeito.

Eles se viraram, ao som de vozes. Um grupo de pessoas se aproximava, vindo do acampamento. Uma discussão estridente acontecia e foi rapidamente reprimida quando o grupo os alcançou.

Duiker se levantou devagar e Nether fez o mesmo a seu lado.

– Espero não estar interrompendo nada inconveniente – gritou Nethpara, deixando as palavras escorrerem.

– Eu sugiro que o Conselho descanse esta noite – disse o historiador. – Um longo dia de marcha nos aguarda amanhã...

– E é precisamente por isso que estamos aqui – retrucou Pullyk Alar depressa.

– Aqueles de nós que possuem certa riqueza conseguiram comprar dos kherahnos cavalos novos para nossas carruagens.

– Desejamos partir agora – acrescentou Pullyk. – Nosso pequeno grupo, quero dizer, e correr o mais rápido possível até Aren...

– Onde insistiremos que o Alto Punho despache uma tropa para guardar o resto de vocês – disse Nethpara.

Duiker encarou os dois homens, depois a dezena de pessoas atrás deles.

– Onde está Tumlit?

– Infelizmente, ele ficou doente três dias atrás e não está mais entre os vivos. Nós lamentamos muito sua passagem.

Sem dúvida.

– Sua sugestão tem mérito, mas foi rejeitada.

– Mas...

– Nethpara, se você começar a avançar agora, vai incitar o pânico, e isso é algo com que nenhum de nós pode lidar. Não, vocês viajarão com o resto do comboio e devem se satisfazer em ser os primeiros refugiados a atravessar os portões da cidade, à frente de todos.

– Isso é ultrajante!

– Saia da minha vista, Nethpara, antes que eu termine o que comecei na travessia do Vathar.

– Ah, não acredite nem por um momento que eu esqueci disso, historiador!

– Uma razão a mais para eu rejeitar o seu pedido. Voltem para suas carruagens, durmam um pouco... Vamos forçar bastante a marcha amanhã.

– Uma certeza! – sibilou Pullyk. – Korbolo Dom ainda não está acabado! Agora que Coltaine está morto, bem como seu exército, temos de confiar nossas vidas a esses nômades fedidos? E quando a escolta acabar? A 15 quilômetros de Aren! Você nos enviará para a morte!

– Sim! – grunhiu Duiker. – Todos, ou nenhum. Agora chega de falar. Vão.

– Ah, agora você é aquele cachorro wickano renascido? – Ele fez menção de pegar seu florete no cinto. – Eu o desafio a um duelo...

A espada do historiador voou num borrão, estalando a parte lateral da lâmina na têmpora de Pullyk Alar. O nobre tombou no chão, inconsciente.

– Coltaine renascido? – sussurrou Duiker. – Não, só um soldado.

Nether falou, com os olhos sobre o corpo de bruços:

– Seu Conselho terá de pagar caro para curar isso, Nethpara.

– Suponho que eu deveria ter batido com mais força, a fim de poupar o dinheiro de vocês – resmungou Duiker. – Saiam da minha frente, todos vocês.

O Conselho recuou, carregando o porta-voz caído.

– Nether, fale para os wickanos os vigiarem.

– Sim, senhor.

A vila de Balahn era um aglomerado esqualido de casas baixas de barro. Era o lar de cerca de quarenta residentes e todos eles haviam fugido dias antes. A única estrutura com menos de cem anos de idade era o arco do portal malazano marcando o início do Caminho de Aren. A estrada militar, larga e elevada, tinha sido construída por ordem de Dassem Ultor, logo no início da conquista.

Valas profundas ladeavam o Caminho de Aren e, depois delas, havia montes de terra de cume plano sobre os quais cresciam altos cedros. As árvores, que acompanhavam toda a extensão de 15 quilômetros em duas fileiras precisas, haviam sido transplantadas de Geleen, no mar Clatar.

A porta-voz kherahna se juntou a Duiker e aos dois bruxos na esplanada

larga que havia diante do portal do Caminho.

– O pagamento foi recebido, e todos os acordos entre nós, honrados.

– Nós agradecemos, anciã – disse o historiador.

Ela deu de ombros.

– Uma simples transação, soldado. Não são necessárias palavras de gratidão.

– Verdade. Não são necessárias, mas serão proclamadas, mesmo assim.

– Então, de nada.

– A imperatriz ouvirá sobre isso, anciã, nos termos mais respeitosos.

Os olhos firmes dela voaram ao ouvir aquilo. Ela hesitou. Depois disse:

– Soldado, uma grande tropa se aproxima do norte. Nossa retaguarda avistou a poeira. Estão vindo depressa.

– Ah, entendo.

– Talvez alguns de vocês ainda consigam.

– Faremos melhor que isso, se pudermos.

– Soldado?

– Sim, anciã?

– Você tem certeza de que os portões de Aren se abrirão para vocês?

A risada de Duiker soou áspera.

– Vou me preocupar com isso quando chegarmos lá, eu acho.

– Há sabedoria nisso. – Ela assentiu, pegando as rédeas. – Adeus, soldado.

– Adeus.

Os kherahn-dhobrios partiram, em uma ação que não levou mais de cinco minutos. Levaram as carroças, sob escolta pesada. Duiker fitou o que conseguia enxergar do comboio de refugiados, cuja presença nos limites irregulares do vilarejo era opressiva.

Ele estabeleceu um passo difícil e exaustivo, um dia e uma noite inteiros com a menor das pausas para descanso. A mensagem era clara e chegou a todos: só haveria garantia de segurança quando estivessem dentro dos muros solidamente fortificados de Aren.

Mais 15 quilômetros... Vamos levar até a aurora para chegar lá. Cada quilômetro de pressão que coloco sobre eles torna mais lento aquele que se segue. Mas que escolha eu tenho?

– Nil, informe os wickanos: quero que todo o comboio tenha atravessado este portal antes do pôr do sol. Seus guerreiros devem usar todos os meios possíveis para alcançar esse objetivo, exceto matar ou mutilar. Os refugiados podem ter esquecido o pavor que têm de vocês. Façam com que eles se lembrem disso.

– São apenas trinta na tropa – recordou Nether. – E todos jovens, aliás...

– Jovens furiosos, você quer dizer. Bem, vamos oferecer-lhes uma válvula de escape.

O Caminho de Aren os ajudou em seus esforços, pois o primeiro terço, conhecido localmente como Rampa, era um declive suave, indo na direção da planície na qual ficava a cidade. Colinas em forma de cones acompanhavam o comboio a leste e o faziam até poucas dezenas de passos do muro norte de Aren. As colinas não eram naturais: eram túmulos em massa, dezenas deles, resultantes da carnificina dos residentes da cidade, conduzida de forma equivocada pelos t'lan imass na época de Kellanved. A colina mais próxima de Aren era uma das maiores, lar das famílias governantes da cidade, do Protetor Sagrado e Falah'dan.

Duiker deixou Nil ir à frente do comboio e cavalgou bem na retaguarda. Lá, ele, Nether e três wickanos gritavam até a rouquidão, na tentativa de acelerar os refugiados mais fracos e lentos. Era uma tarefa de partir o coração, e passaram por mais de um corpo que acabou cedendo, exausto por causa do ritmo imposto. Não havia tempo para enterros, nem força para carregá-los.

Ao norte e levemente a leste, as nuvens de poeira se aproximavam sem parar.

– Eles não estão usando a estrada. – Nether arquejou, virando a montaria

para fulminar a poeira com o olhar. – Estão vindo pela terra... devagar, muito mais devagar.

– Mas é uma rota mais curta, pelo mapa – disse Duiker.

– As colinas não estão marcadas, estão?

– Não, mapas não imperiais mostram a área como uma planície. Os túmulos são uma adição recente demais, eu acho.

– Você acha que Korbolo teria uma versão malazana?

– Parece que não... E isso por si só pode salvar nossas vidas, menina...

Mas Duiker podia ouvir o tom da mentira nas próprias palavras. O inimigo estava perto demais: a menos de 2 quilômetros, segundo seus cálculos. Mesmo com os montes formados pelas sepulturas, tropas montadas poderiam cobrir essa distância em alguns minutos.

Eles ouviram gritos de guerra wickanos muito vagos, oriundos da vanguarda.

– Avistaram Aren – disse Nether. – Nil me mostrou, através de seus olhos...

– E os portões?

Ela franziu o cenho.

– Fechados.

Duiker praguejou e avançou com a égua para o meio dos retardatários.

– A cidade foi avistada! – gritou. – Não falta muito! *Andem!*

Em resposta às palavras do historiador, vindas de algum lugar inesperado e oculto, emergiram reservas de energia. Duiker sentiu, depois viu, uma onda percorrer as massas, levando a um vago apressar do passo, à expectativa... e ao medo. O historiador girou sobre a sela.

A nuvem assomava sobre os montes em forma de cone. Mais perto, mas não tão perto quanto deveria estar.

– Nether! Há soldados nos muros de Aren?

– Sim, nem um centímetro vazio.

– E nos portões?

– Não.

– A que distância estamos de lá?

– Mil passos... As pessoas estão correndo agora...

O que, em nome do Encapuzado, há de errado com eles?

Duiker observou a nuvem de poeira outra vez.

– Pelo casco de Fener! Nether, chame seus wickanos... Corram para Aren!

– E quanto a você?

– Para o Encapuzado comigo, cacete! Vá! Salve suas crianças!

Ela hesitou, mas depois deu a volta no cavalo.

– Vocês três! – vociferou ela para os jovens wickanos. – Comigo!

Ele os viu guiarem os cavalos exaustos ao longo de uma das margens do Caminho, passando depressa pelos refugiados que, cambaleantes, avançavam.

O comboio tinha se esticado, ficando os mais rápidos ainda mais à frente. Os idosos cercavam o historiador e cada passo era uma luta dolorosa. Alguns deles simplesmente paravam e sentavam na estrada, esperando o inevitável. Duiker gritou com eles, os ameaçou, mas foi em vão. Viu uma criança de não mais de 18 meses de idade vagando, perdida, com os braços estendidos, de olhos secos, espantosamente em silêncio.

Duiker chegou mais perto, se inclinou em sua sela e pegou a criança num dos braços. Mãos minúsculas agarraram os farrapos destruídos de sua camisa.

Agora havia apenas uma última fileira de montes entre a cauda do comboio e o exército perseguidor.

O ritmo da fuga não diminuiu, e essa era a única evidência que o historiador possuía de que os portões tinham, finalmente, sido abertos para receber os refugiados. *Ou isso, ou eles estão se espalhando em ondas frenéticas e desamparadas ao longo do muro. Mas não, isso seria uma traição além de qualquer sanidade...*

E, agora, ele conseguia avistar, a mil passos de distância: Aren. Os portões norte, flanqueados por torres sólidas, se escancaravam por três quartos de

sua altura. O último quarto, o mais baixo deles, era uma massa fervilhante de pessoas, empurrando, apinhadas, subindo umas nas outras em meio ao pânico. Mas a força da maré era grande demais, implacável demais, para fechar aquela passagem. Como uma garganta gigante, Aren engolia os refugiados. Os wickanos cavalgavam dos dois lados, tentando desesperadamente conter o rio humano, e Duiker agora via entre eles soldados com o uniforme da guarnição da cidade de Aren.

E o exército em si? O exército do Alto Punho?

Estavam sobre os muros. Observando. Fileira após fileira de rostos, pessoas se atropelavam para encontrar um ponto de vantagem ao longo de toda a extensão do muro norte. Indivíduos vestidos de forma resplandecente ocupavam as plataformas sobre as torres que ladeavam os portões, olhando para a multidão faminta, imunda e barulhenta que enchia a entrada da cidade.

Os guardas da guarnição da cidade apareceram de repente em meio aos refugiados que ainda avançavam. Por todos os lados, Duiker viu rostos severos pegarem pessoas no colo e as carregarem depressa até os portões. Avistando um guarda com a insígnia de capitão, o historiador cavalgou até ele.

– Você! Pegue esta criança!

O homem envolveu o bebê silencioso, que mantinha os olhos arregalados.

– Você é Duiker? – perguntou o capitão.

– Sim.

– Você deve se reportar ao Alto Punho imediatamente, senhor. Ali, na torre do lado esquerdo...

– Aquele desgraçado terá que esperar – grunhiu Duiker. – Eu aguardarei até que cada maldito refugiado tenha entrado! Agora corra, capitão, mas antes me diga seu nome, pois ainda existe a chance de que um dos pais desta criança esteja vivo.

– Keneb, senhor, e tomarei conta da menina até lá, juro. – O homem

hesitou, livrou uma das mãos e agarrou o pulso de Duiker. – Senhor...

– O quê?

– Eu... Eu sinto muito, senhor.

– Sua lealdade é com a cidade que você jurou defender, capitão...

– Eu sei, senhor, mas esses soldados nos muros, senhor... Bem, eles estão o mais perto que lhes permitiram chegar, se entende o que quero dizer. E não estão felizes com isso.

– Não são os únicos. Agora vá andando, capitão Keneb.

Duiker foi o último. Quando o portão finalmente ficou vazio, não havia um refugiado vivo sequer do lado de fora dos muros, exceto aqueles que o historiador podia ver na estrada, ainda sentados no calçamento, incapazes de se mover, respirando pela última vez. Estavam longe demais para que pudessem ser resgatados, e era claro que os guardas de Aren haviam recebido ordens estritas sobre a que distância do portão poderiam chegar.

A trinta passos do portão, e sob os olhos de diversos soldados na abertura, Duiker deu a volta com o cavalo uma última vez. Encarou o norte, olhando primeiro a nuvem de poeira que agora escalava o último e maior dos túmulos e depois mais além, para a lança brilhante que era o Furacão. Sua mente o levou ainda mais longe, para o norte e para leste, através dos rios, das planícies, das estepes, a uma cidade numa costa diferente. Mas o esforço pouco valeu ao historiador. Eram coisas demais para compreender, um final veloz e imediato demais para aquela jornada tão extraordinária, que tinha deixado sua marca em tantas almas.

Uma corrente de cadáveres, com o comprimento de centenas de quilômetros. Não, isso tudo está muito além de mim. Além, agora creio, de qualquer um de nós...

Deu a volta com o cavalo, ficando os olhos naquele portão escancarado e nos guardas parados ali. Os soldados se dividiram para formar um caminho. Duiker cutucou com os pés os flancos da égua. Ignorou os

soldados no muro, mesmo quando deles eclodiu um grito triunfante, como o de uma fera finalmente desacorrentada.

Sombras flutuavam em ondas silenciosas sobre as colinas áridas. O olho brilhante de Apto vasculhou o horizonte por mais um instante. Então o demônio fêmea baixou sua cabeça alongada a fim de olhar o rapaz agachado ao lado de seu membro dianteiro.

Ele estudava a paisagem macabra do Reino da Sombra; seu único olho multifacetado brilhava, sob a testa saliente.

Depois de um longo momento, ele ergueu a cabeça e encontrou o olhar dela.

– Mãe, este é o nosso lar? – perguntou.

Uma voz falou a alguns passos de distância:

– Meu colega sempre subestima os habitantes naturais deste reino. Ah, aí está a criança.

O menino virou e observou o homem alto, vestido de preto, que se aproximava.

– Aptória – continuou o estranho –, a sua generosa modelagem deste menino, não importa quão bem-intencionada tenha sido, não fará mais do que feri-lo, nos anos por vir.

Apto estalou e sibilou sua resposta.

– Ah, mas você alcançou o oposto, lady – disse o homem. – Porque agora ele não pertence a nenhum dos dois.

O demônio falou outra vez.

O homem inclinou a cabeça e encarou Apto por um bom tempo. Então deu um meio sorriso.

– Presunçoso de sua parte. – Seu olhar recaiu sobre o menino. – Muito bem. – Ele se agachou. – Olá.

O menino devolveu a saudação timidamente.

Lançando um último olhar irritado a Apto, o homem ofereceu a mão à

criança.

– Eu sou... o *tio* Cotillion..

– Você não pode ser – disse o menino.

– Ah, por que não?

– Seus olhos... Eles são diferentes... São muito pequenos, dois lutando para enxergar como um. Acho que devem ser fracos. Quando se aproximou, você atravessou um muro de pedra e depois as árvores, ondulando o mundo espectral como se ignorasse o direito que ele tem de habitar aqui.

Os olhos de Cotillion se arregalaram.

– Muro? Árvores? – Ele olhou para Apto. – Ele perdeu a cabeça?

O demônio respondeu depois de um tempo.

Cotillion empalideceu.

– Pelo sopro do Encapuzado! – resmungou por fim. E, quando se virou de volta para a criança, foi com uma expressão de admiração. – Qual é o seu nome, garoto?

– Panek.

– Você tem um, então. Diga: do que mais, além de seu nome, você se lembra do seu... outro mundo?

– Eu me lembro de ter sido punido. Me disseram para ficar perto do pai...

– E qual era a aparência dele?

– Eu não me lembro. Não me lembro do rosto de nenhum deles. Estávamos esperando para ver o que fariam conosco. Mas, então, nos levaram embora... as crianças. Soldados empurraram meu pai e o arrastaram para outro lugar. Eu deveria ficar perto, mas fui com as crianças. Eles me puniram, puniram todas as crianças, por não fazermos o que nos disseram.

Cotillion estreitou os olhos.

– Acho que seu pai não teve muita escolha, Panek.

– Mas os inimigos eram pais também, sabe? E mães, e avós. Eles estavam tão bravos conosco! Arrancaram nossas roupas. Nossas sandálias. Tiraram tudo de nós, estavam tão bravos. Depois nos puniram.

– E como eles fizeram isso?

– Nos pregaram em cruces.

Cotillion não disse nada por um tempo. Quando finalmente falou, sua voz soou estranhamente fria:

– Você se lembra disso, então.

– Sim. E prometo fazer o que me mandam. De agora em diante. O que quer que mamãe diga. Eu prometo.

– Panek, ouça seu tio com cuidado. Você não foi punido por não ter feito o que lhe disseram. Ouça, isso é difícil, eu sei, mas tente entender. Eles machucaram você porque podiam, porque não havia ninguém capaz de impedi-los. Seu pai teria tentado, tenho certeza que tentou. Mas, como você, ele ficou desamparado. Estamos aqui agora, com você... Sua mãe e o tio Cotillion... Estamos aqui para garantir que não fique desamparado outra vez. Entendeu?

Panek olhou para a mãe, que emitiu um estalo baixinho.

– Entendi – disse o menino.

– Vamos ensinar um ao outro, garoto.

Panek franziu o cenho.

– O que posso ensinar a você?

Cotillion fez uma careta.

– Ensine o que você vê... aqui, neste reino. Seu mundo espectral, a Fortaleza da Sombra que já existiu, os lugares antigos que permanecem...

– Aquilo que você atravessa sem ver.

– Sim. Eu sempre me perguntei por que os Cães nunca correm reto.

– Cães?

– Você os encontrará logo, Panek. Vira-latas fofinhos, todos eles.

Panek sorriu, revelando presas afiadas.

– Eu gosto de cachorros.

Estremecendo levemente, Cotillion disse:

– Com certeza eles também vão gostar de você. – Ele se endireitou, encarando Apto. – Você está certa, não pode fazer isso sozinha. Vamos

pensar nesse assunto, Ammanas e eu. – Encarou o menino mais uma vez. – Sua mãe tem outras tarefas agora. Dívidas a pagar. Você quer ir com ela ou vir comigo?

– Aonde você vai, tio?

– As outras crianças foram colocadas aqui perto. Você quer me ajudar a arrumar um lugar para elas?

Panek hesitou e, depois, respondeu:

– Eu queria ver todas elas de novo, mas não agora. Vou com a mamãe. Precisamos cuidar do homem que pediu a ela para nos salvar. Ela me explicou isso. Eu gostaria de encontrá-lo. A mamãe disse que ele sonha comigo, com a primeira vez que me viu.

– Ele certamente sonha – sussurrou Cotillion. – Como eu, ele é assombrado pelo desamparo. Muito bem, até a próxima. – Mudou o foco de sua atenção uma última vez e encarou durante muito tempo o olho de Apto. – Quando ascendi, lady, foi para escapar dos pesadelos dos sentimentos... – Ele fez uma careta. – Imagine minha surpresa por agora agradecer a você por tais correntes.

Panek interrompeu:

– Tio, você tem algum filho?

Ele estremeceu, desviando o olhar.

– Uma filha. Ou algo assim. – Ele suspirou e, então, deu um sorriso torto. – Tivemos uma briga, acho.

– Você deve perdoá-la.

– Maldito presunçoso!

– Você disse que deveríamos ensinar um ao outro, tio.

Cotillion arregalou os olhos na direção do menino. Em seguida, balançou a cabeça.

– O perdão deve vir do outro lado, infelizmente.

– Então eu preciso encontrá-la.

– Bem, qualquer coisa é possível...

Apto falou. Cotillion fechou a cara.

- Isso foi desnecessário, lady.
- Ele deu meia-volta, se envolvendo em sua capa.
- Depois de meia dúzia de passos, parou, olhando para trás.
- Dê minhas lembranças a Kalam.
- Um momento depois, as sombras o envolveram.
- Panek continuou observando.
- Ele imagina que está invisível agora? – perguntou o garoto à mãe.

A corrente lubrificada da âncora retiniu suavemente, deslizando para a água negra e gordurosa, e o *Tampa de Trapo* parou no porto de Malaz, a 100 metros das docas. Um punhado de fracas luzes amarelas marcava a primeira rua do bairro de baixo, onde armazéns antigos se intercalavam com tabernas, estalagens e cortiços decrepitos, de frente para os píeres. Ao norte ficava a cordilheira, lar dos comerciantes e dos nobres da cidade; as maiores propriedades se apoiavam na parede do penhasco e suas escadarias irregulares subiam até a Fortaleza do Escárnio. Viam-se poucas luzes no velho bastião, embora Kalam conseguisse enxergar uma flâmula que se agitava pesadamente ao vento forte. Estava escuro demais para discernir suas cores.

Um calafrio de pressentimento o percorreu ao avistar a flâmula. *Alguém está aqui... Alguém importante.*

A tripulação se organizava atrás dele, resmungando sobre a hora tardia da chegada, que impediria que desembarcassem imediatamente no píer. O capitão do porto esperaria até o nascer do sol para vir de bote inspecionar a embarcação e garantir que os marinheiros estivessem saudáveis, livres de infecções e coisas parecidas.

O sino da meia-noite tinha soado sua nota atonal apenas alguns minutos antes. *Salk Elan estava certo, maldito seja ele.*

Aquela parada na cidade de Malaz nunca tinha sido parte do plano. A ideia original de Kalam era esperar Violinista em Unta, onde finalizariam os

detalhes. Ben Ligeiro tinha dito que o sapador chegaria via Casa dos Mortos, embora o mago houvesse sido evasivo a respeito dos detalhes, como de costume. Kalam passou a encarar a Casa dos Mortos mais como uma rota de fuga em potencial, se as coisas dessem errado, do que como qualquer outra coisa, e, mesmo assim, como um último recurso. Ele jamais gostara da Azath e não conseguia ter fé em nada que parecesse tão benigno. Armadilhas amigáveis eram sempre mais mortais que as abertamente beligerantes.

Permaneceram em silêncio atrás dele, e o assassino ficou brevemente surpreso com a rapidez com que o sono tinha alcançado os homens, agora esparramados no convés principal. O *Tampa de Trapo* estava imóvel e tanto o cordame quanto o casco murmuravam seus barulhos naturais, como sempre. Kalam se reclinou na balaustrada do castelo de proa, cravando os olhos na cidade à sua frente, nas massas escuras de navios descansando em seus ancoradouros. O píer imperial ficava à direita, no local em que a face do penhasco descia para dentro do mar. Não havia qualquer embarcação ali.

Pensou em olhar novamente para a ala escura onde estava a flâmula, acima da fortaleza, mas o esforço pareceu excessivo – estava escuro demais, pelo menos –, e sua mente acabava imaginando o pior cenário possível sempre que havia algo que ele não conseguia saber.

E logo vieram os sons lá da baía: outro navio, aproximando-se devagar na escuridão, outra chegada tardia.

O assassino baixou o olhar para as mãos, repousadas na balaustrada. Pareciam pertencer a outra pessoa, com aquele tom reluzente e marrom-escuro de pele, as cicatrizes pálidas que a cruzavam aqui e ali. Não pareciam suas, mas, sim, vítimas da vontade de outra pessoa.

Ele afastou a sensação.

Os cheiros da cidade na ilha flutuaram até ele. O fedor costumeiro de um porto: esgoto lutando contra podridão, água salobra do mar misturada a um bafo pungente do rio moroso que desaguava na baía. Seus olhos se focaram outra vez sobre o sorriso sombrio e desdentado formado pelos prédios na frente do porto. Ele sabia que, algumas ruas adentro, ocupando um canto

esquálido em meio a cortiços e tendas de peixeiros, ficava a Casa dos Mortos. Não era sequer mencionada pelos habitantes da cidade, sendo evitada por todos eles, e, para os de fora, parecia completamente abandonada, com o jardim coberto de mato, enquanto suas pedras pretas e ásperas eram sufocadas por videiras. Não vinha nenhuma luz das janelas abertas das torres gêmeas.

Se alguém vier a conseguir, será Violinista. O desgraçado sempre foi encantado. Um sapador por toda a vida, ao que parece, com o sexto sentido de um sapador. O que ele diria se estivesse aqui a meu lado agora? “Não estou gostando, Kal. Alguma coisa está bem errada. Mexa essas suas mãos...”

Kalam franziu a testa e olhou para suas mãos, querendo tirá-las da balaustrada.

Nada.

Tentou recuar, mas seus músculos se recusaram, surdos a suas ordens. Suor escorreu sob suas roupas, cobrindo com gotículas as costas das mãos.

Uma voz baixa se fez ouvir atrás de Kalam:

– Existe tamanha ironia nisso, meu amigo... Veja, foi sua mente que traiu você. A mente formidável e mortal do assassino Kalam Mekhar. – Salk Elan se inclinou na balaustrada a seu lado, contemplando a cidade. – Eu o admirei por tanto tempo, sabe? Você é uma maldita lenda, o melhor assassino que a Garra já teve... e perdeu. Ah, e é essa perda que machuca mais. Se você quisesse, Kalam, poderia agora estar no comando de toda a organização. Ah, Topper poderia discordar, e admito que às vezes ele supera você, de longe. Ele teria me matado no primeiro dia, não importando até que ponto duvidasse do risco que eu poderia representar. Mesmo assim – continuou Salk Elan, depois de um momento –, faça a faça, você é melhor que ele, amigo. Outra ironia para você, Kalam. Eu não estava nas Sete Cidades para encontrá-lo. Na verdade, não fazíamos ideia de sua presença lá. Pelo menos até eu cruzar com certa Lâmina Vermelha, que sabia. Ela estava seguindo você desde Ehrlitan, antes de você entregar o Livro a Sha'ik... Você sabia que levou os Lâminas Vermelhas direto para aquela bruxa? Sabia que eles

conseguiram assassiná-la? Aquela Lâmina Vermelha estaria aqui comigo, na verdade, se não fosse por um incidente infeliz em Aren. Mas prefiro trabalhar sozinho. Salk Elan, um nome de que admito ter orgulho. Mas aqui e agora, é claro, minha vaidade insiste que você saiba meu verdadeiro nome: Pérola. – Ele fez uma pausa, olhou ao redor e suspirou. – Você me perturbou apenas uma vez, com aquela sugestão de que talvez Ben Ligeiro estivesse escondido na sua bagagem. Quase entrei em pânico, até perceber que, se fosse verdade, eu já estaria morto. Ele teria me farejado e eu acabaria atirado aos tubarões. Você nunca deveria ter abandonado a Garra, Kalam. Não lidamos bem com rejeição. A imperatriz quer você, sabe? Ela quer conversar com você, na verdade. Antes de esfolá-lo vivo, imagino. Infelizmente, as coisas não são tão simples, são? Então, aqui estamos...

Em sua visão periférica, Kalam viu o homem puxar um punhal.

– São aquelas leis imutáveis dentro da Garra, sabe? Uma, em particular, estou certo de que você conhece bem...

A lâmina afundou no flanco de Kalam, provocando uma dor distante, pouco intensa. Pérola retirou a arma.

– Ah, não fatal, só com bastante sangue. Um enfraquecimento, se quiser saber. A cidade de Malaz está quieta esta noite, não acha? Não me surpreende... Há algo no ar... cada batedor de carteiras, menino de rua e valentão consegue sentir isso, e estão todos de cabeça baixa. Três Mãos esperam você, Kalam, ávidas para começarem a caçada. Aquela lei imutável, Kalam... Na Garra, nós lidamos com os nossos.

Mãos agarraram o assassino.

– Você acordará quando cair na água, amigo. Admito que será uma bela nadada, especialmente com a armadura que você está usando. E o sangramento não vai ajudar. Esta baía é famosa pelos tubarões, não é? Mas tenho grande fé em você, Kalam. Sei que vai alcançar terra firme. Vai chegar até lá, pelo menos. Depois disso, bem...

Kalam se sentiu sendo erguido, deslocado por sobre a balaustrada. Ele encarou a água negra lá embaixo.

– Uma pena. – Pérola arquejou perto de seu ouvido. – Sinto muito pelo capitão e por sua tripulação, mas não tenho escolha, como estou certo de que você entende. Adeus, Kalam Mekhar.

O assassino atingiu a água com uma pancada suave. Pérola ficou olhando para baixo até a agitação sossegar. Sua confiança em Kalam vacilou. O homem estava vestindo uma cota de malha, afinal de contas. Depois, deu de ombros, pegou um par de facas de degola e se virou para encarar as figuras imóveis deitadas no convés principal.

– Infelizmente, o trabalho de um bom homem nunca acaba – disse ele, avançando.

A forma que emergiu das sombras para encará-lo era imensa, angulosa, com membros negros. Um único olho brilhava na cabeça de focinho alongado e um cavaleiro pairava vagamente atrás daquela cabeça. Seu rosto imitava o de sua montaria.

Pérola recuou um passo e ofereceu um sorriso.

– Ah, uma oportunidade para lhe agradecer por seus esforços contra os semkeses. Na época, não consegui descobrir de onde você vinha, e também sei como você chegou aqui agora, ou mesmo por quê. No entanto, por favor, aceite minha gratidão...

– Kalam – sussurrou o cavaleiro. – Ele estava aqui há apenas um instante.

Pérola estreitou os olhos.

– Ah, agora eu entendo. Você não estava *me* seguindo, não é? Não, claro que não. Que tolice a minha! Bem, respondendo à sua pergunta, criança: Kalam entrou na cidade...

A investida do demônio o interrompeu. Pérola se desviou de suas mandíbulas – diretamente para o golpe da garra dianteira. O impacto atirou o Garra 5 metros para trás, fazendo-o colidir contra um bote reforçado. Ele sentiu o ombro ser deslocado, com uma punhalada de dor. Pérola rolou, forçando-se a sentar. Observou o demônio caminhar com pisadas fortes até ele.

– Vejo que encontrei um oponente à altura – sussurrou Pérola. – Muito bem. – Estendeu a mão para dentro de sua camisa. – Tente isto, então.

A garrafinha minúscula se esmigalhou no convés entre eles. Uma fumaça subiu, começando a se aglutinar.

– O Kenryll'ah parece ávido, você não acha? Bem... – Ele se pôs em pé com esforço. – Acho que vou deixar vocês dois a sós. Há certa taberna na cidade de Malaz que estou morrendo de vontade de visitar.

Fez um gesto e um Labirinto se abriu, varrendo-o. Quando se fechou, Pérola havia sumido.

Apto assistiu ao demônio imperial tomar forma: uma criatura com o dobro de seu peso, gigantesca e bestial.

A criança estendeu a mão e deu uma batidinha no ombro de Apto.

– Vamos acabar rápido com este, está bem?

Um coro de tremores e de explosões de madeira acordou o capitão. Ele piscou na escuridão, enquanto o *Tampa de Trapo* adernava descontroladamente sob sua cama. Vozes gritaram no convés. Gemendo, o capitão se forçou a ficar de pé, e sua mente estava clara como ele não sentia havia meses. A liberdade de ação e pensamento dizia a ele, sem sombra de dúvida, que a influência de Pérola se fora.

Subiu até a porta da cabine, sentindo os membros fracos pelo desuso, e ganhou o corredor.

Emergindo no convés, ele se viu em meio a uma multidão de marinheiros encolhidos. Duas criaturas horrendas batalhavam diretamente à frente deles; a maior era uma massa de carne desfiada, incapaz de se equiparar à incrível velocidade de sua oponente. Seus golpes selvagens, dados com um machado de dois gumes gigantesco, tinham deixado o convés e as amuradas em destroços. Um golpe cortara o mastro, que, embora permanecesse em pé, preso nos cordames de algum lugar acima, agora se inclinava precariamente, e seu peso fazia o navio adernar.

– Capitão!

– Mande os garotos soltarem os botes salva-vidas, Palet, e voltarem à popa. Vamos descê-los de lá.

– Sim, senhor! – O primeiro contramestre em exercício vociferou ordens, depois virou novamente para o capitão, com um sorriso. – Que bom que você está de volta, Carther...

– Cale a boca, Palet. Aquela é a cidade de Malaz, e eu me afoguei anos atrás, lembra? – Ele estreitou os olhos para os demônios em batalha. – O *Tampa de Trapo* não sobreviverá a isso...

– Mas o tesouro...

– Para o Encapuzado com aquilo! Sempre poderemos içar o barco depois, mas precisamos estar vivos para isso. Agora, vamos dar uma mãozinha com os botes. Estamos enchendo de água, e afundando depressa.

– Que Beru nos livre! O mar está cheio de tubarões!

A 50 metros de distância, o capitão do veloz navio de carga se encontrava com seu primeiro contramestre, ambos tentando enxergar a fonte do tumulto à frente.

– Remar para trás – disse o capitão. – Parar.

– Sim, senhor.

– Aquele barco está afundando. Reúna a tripulação de resgate, baixe os botes...

Cascos de cavalo bateram no convés atrás deles. Ambos os homens se viraram. O contramestre se adiantou.

– Você aí! O que, em nome de Mael, acha que está fazendo? Como colocou esse maldito animal no convés?

A mulher deu mais uma apertada na correia da cintura do animal e, depois, subiu na sela.

– Sinto muito – disse ela. – Não posso esperar.

Marinheiros e soldados navais se espalharam quando ela avançou com o

cavalo. A criatura transpôs a amurada lateral e saltou para a escuridão. Um momento depois, veio uma pancada alta na água.

O primeiro contramestre virou de volta para o capitão, boquiaberto.

– Chame o mago do navio e pegue uma cabra – vociferou o capitão.

– Senhor?

– Qualquer pessoa corajosa e estúpida o bastante para fazer o que ela acabou de fazer merece toda a ajuda que pudermos dar. Faça o mago do navio abrir caminho para ela em meio aos tubarões e o que mais houver lá embaixo. Ande logo!

CAPÍTULO 21

Todo trono é uma traseira de flecha.

Kellanved

Sob o pináculo gigantesco do Furacão, surgiu uma nuvem mais baixa de poeira quando o imenso exército começou a levantar acampamento. Carregada por rajadas indóceis, a poeira ocre deixava o oásis, espalhando-se, assentando aqui e ali em meio às fissuras de ruínas castigadas pelo tempo. O ar se iluminava, dourado, por todos os lados, como se o deserto tivesse finalmente desvelado suas memórias de riqueza e glória, revelando sua real natureza.

Sha'ik se encontrava no telhado plano de uma torre de vigilância de madeira, perto do pátio do palácio; abaixo, a correria de uma cidade inteira quase lhe passava despercebida enquanto ela observava a opacidade ao sul. A menina que tinha sido adotada por ela estava ajoelhada ali perto, observando a nova mãe com olhos perspicazes e firmes.

Sha'ik percebeu que a escada mais abaixo rangia repetidamente, por causa da subida difícil de alguém. Ela virou e viu a cabeça e os ombros de Heboric emergirem do alçapão. O ex-sacerdote subiu com esforço até a plataforma e pousou a mão invisível na cabeça da menina antes de se virar e estreitar os olhos cegos para Sha'ik.

– É preciso ficar de olho em L'oric – disse Heboric. – Os outros dois acham que são sutis, mas são tudo, menos isso.

– L'oric... – murmurou ela, voltando a observar o sul. – O que você sente a respeito dele?

– Você tem um conhecimento que supera o meu, menina...

– Mesmo assim.

– Acho que ele sente a barganha.

– Barganha?

Heboric avançou até ficar ao lado dela e apoiou seus antebraços tatuados na balaustrada fina de madeira.

– Aquela que a deusa fez com você. Aquela que prova que um renascimento não aconteceu de verdade...

– Não, Heboric?

– Não. Nenhum filho escolhe nascer, nenhum filho tem nada a dizer quanto a isso. Você teve ambos. Sha'ik não renasceu, ela foi *refeita*. L'oric pode muito bem compreender isso, acreditando que se trata de uma brecha na sua armadura.

– Ele se arrisca diante da ira da deusa, então.

– Sim, e acho que ele sabe disso, mocinha. Portanto, precisamos ficar de olho nele. Com cuidado.

Ficaram em silêncio por um tempo, ambos fitando a mortalha impenetrável ao sul. Finalmente, Heboric pigarreou.

– Talvez, com seus novos dons, você possa responder a algumas perguntas.

– Quais?

– Quando Dryjhna a escolheu?

– O que você quer dizer?

– Quando a manipulação começou? Aqui no Raraku? Em Copo de Crânio? Ou em um continente distante? Quando a deusa olhou para você pela primeira vez, menina?

– Ela nunca o fez.

Heboric se sobressaltou.

– Isso parece...

– Improvável? Sim, mas é a verdade. A jornada era minha, e só minha. Você deve entender que nem deusas podem prever mortes inesperadas, essas

reviravoltas da mortalidade, decisões tomadas, caminhos seguidos ou não. A Sha'ik Ancestral tinha o dom da profecia, mas tal dom, quando dado, não passa de uma semente. Ele cresce na liberdade da alma humana. Dryjhna ficou imensamente perturbada com as visões de Sha'ik. Visões que não faziam sentido. Um aviso de perigo, mas nada certo. Nada, mesmo. – Então acrescentou, dando de ombros: – Além disso, estratégias e táticas são o anátema ao Apocalipse.

Heboric fez uma careta.

– Isso não traz um bom presságio.

– Errado. Estamos livres para inventar os nossos.

– Mesmo se a deusa não a guiasse, alguém ou algo o fez. Ou Sha'ik Ancestral nunca teria recebido aquelas visões.

– Agora você fala de destino. Discuta sobre isso com seus colegas acadêmicos, Heboric. Nem todo mistério pode ser desvendado, por mais que você acredite no contrário. Sinto muito se isso o atormenta...

– Acredite, você não sente tanto quanto eu. Mas me ocorre que, assim como os mortais, os deuses também podem ser apenas peças num tabuleiro.

– “Forças elementais em oposição” – disse ela, sorrindo.

Heboric arqueou as sobrancelhas. Depois fechou a cara.

– Uma citação. E familiar...

– Deveria ser. Está entalhada no portão imperial de Unta, afinal de contas. Palavras do próprio Kellanved, procurando justificar o equilíbrio entre destruição e criação... A expansão do Império, em toda a sua glória voraz.

– Pelo sopro do Encapuzado! – sibilou o velho.

– Eu fiz sua mente rodar em outras direções, Heboric?

– Sim.

– Bem, guarde seu fôlego. O assunto de seu novo tratado. Sem dúvida um bom punhado de velhos tolos obscuros vai dançar de empolgação.

– Velhos tolos?

– Seus colegas acadêmicos. Seus leitores, Heboric.

– Ah.

Ficaram em silêncio outra vez por algum tempo, até o ex-sacerdote falar novamente.

– O que você vai fazer? – perguntou ele, em voz baixa.

– Em relação ao que aconteceu por lá?

– Em relação ao que ainda está acontecendo. Korbolo Dom, realizando uma carnificina sem sentido em seu nome...

– Em nome da *deusa* – corrigiu ela, ouvindo a fúria cortante da própria voz. Já tinha trocado palavras duras com Leoman sobre o assunto.

– Notícias do “renascimento” provavelmente já o alcançaram...

– Não, não alcançaram. Eu lacrei o Raraku, Heboric. A tempestade ao nosso redor pode arrancar carne dos ossos. Nem mesmo um t’lan imass poderia sobreviver a essa passagem.

– Mas você deixou um anúncio – disse o velho. – O Furacão.

– Que criou dúvidas em Korbolo Dom. E medos. Ele está muito ansioso para completar a tarefa que escolheu. Ainda está livre de restrições, portanto livre para atender a suas obsessões...

– E então, o que você vai fazer? Sim, podemos marchar, mas levará meses para alcançarmos a planície de Aren. Até lá, Korbolo Dom terá dado a Tavore todas as justificativas necessárias para receber uma punição impiedosa. A rebelião foi sangrenta, mas sua irmã fará o que aconteceu até aqui parecer um mero arranhão nas costas.

– Você presume que ela é superior a mim. Não é, Heboric? Em suas estratégias...

– Existem precedentes indicando até que ponto sua irmã pode ser cruel, mocinha – grunhiu ele. – Você está aqui como testemunha...

– E essa é justamente minha maior vantagem, velho. Tavore acredita que enfrentará uma bruxa do deserto que nunca viu na vida. A ignorância não abalará seu desprezo por tal criatura. Mas eu não ignoro quem é o *meu* inimigo.

Uma mudança sutil tinha ocorrido no rugido distante do imenso

Furacão atrás deles. Sha'ik sorriu. Heboric sentiu aquela mudança momentos depois e se virou para ela.

– O que está acontecendo?

– Não levará meses para alcançarmos Aren, Heboric. Você não se perguntou o que é o Furacão?

O ex-sacerdote arregalou os olhos cegos ao encarar o pilar de poeira e vento. Sha'ik se perguntou como os sentidos sobrenaturais do homem percebiam o fenômeno, mas suas palavras seguintes deixaram claro que o que quer que ele estivesse vendo era verdade:

– Pelos deuses, está *tombando*!

– O Labirinto de Dryjhna, Heboric, nossa estrada rodopiante até o sul.

– Ela nos levará até lá a tempo, Feli... Sha'ik? A tempo de parar a loucura de Korbolo Dom?

Ela não respondeu, pois já era tarde demais.

Quando Duiker cruzou os portões, mãos com manoplas se estenderam para agarrar os cabrestos e as rédeas, fazendo sua égua parar. Uma mão menor se fechou sobre o pulso do historiador, puxando com algo semelhante a desespero. O historiador olhou para baixo e viu na expressão de Nether um pavor doentio, que verteu em suas veias como gelo.

– Para a torre – pediu ela. – Rápido!

Um murmúrio estranho crescia sobre os muros de Aren, como um som de escuridão que enchia aos poucos o ar repleto de poeira. Descendo da sela, Duiker sentiu seu coração disparar. A mão de Nether o puxou por entre a multidão de guardas e refugiados. Sentiu outras mãos se estenderem, tocando-o de leve, como se procurassem uma bênção ou dessem uma. Em seguida, ele se afastou.

De repente, avistou uma porta em arco adiante. Ela levava a um patamar escuro, com degraus de pedra que subiam junto à parede interna da torre. O som proveniente dos muros da cidade vinha crescendo até virar um rugido,

um grito sem palavras definidas, mas de indignação, terror e angústia. O clamor ecoava de maneira insana dentro da torre e seu timbre aumentava a cada degrau que a bruxa e o historiador subiam.

No patamar intermediário, ela o arrastou até passarem pelas fendas em forma de T destinadas a atirar flechas, avançando com cautela por trás de uma dupla de arqueiros pressionados contra as janelas estreitas. Depois continuaram subindo os degraus desgastados. Nenhum dos arqueiros sequer notou sua presença.

Ao se aproximarem do eixo de luz clara, iluminando a parte de baixo do alçapão que dava para o telhado, foram alcançados por uma voz trêmula:

– Há muitos deles... Não posso fazer nada, não, os deuses que me perdoem... Muitos, muitos...

Nether subiu na direção da luz e Duiker a seguiu. Saíram numa plataforma larga. Havia três pessoas junto ao muro externo. A da esquerda, Duiker reconheceu como Mallick Rel, o conselheiro que vira pela última vez em Hissar, cujas sedas esvoaçavam ao vento quente. O homem ao lado dele provavelmente era o Alto Punho Pormqual, alto, robusto, de ombros caídos, vestindo roupas que fariam um rei parecer um mendigo. Ele deslizava as mãos pálidas no alto da ameia como se fossem pássaros presos. À sua direita estava um soldado em armadura funcional, com um torque no braço esquerdo para denotar seu posto de comandante. Ele mantinha os braços robustos ao redor do corpo, como se tentasse esmagar os próprios ossos. A tensão presa dentro dele parecia prestes a explodir.

Nil estava sentado perto do alçapão, como uma mistura de membros bagunçados. O jovem bruxo virou o rosto cinzento e envelhecido na direção de Duiker. Nether se abaixou para envolver o irmão num abraço feroz, que ela não parecia querer ou mesmo ser capaz de relaxar.

Os soldados ao longo dos muros de ambos os lados gritavam, gerando um som que cortava o ar como a própria foice do Encapuzado.

O historiador foi até a ameia, ficando ao lado do comandante. Ele estendeu as mãos para agarrar a pedra do merlão, cozida pelo sol. Ao olhar

para o que tinha cativado a atenção dos demais, Duiker perdeu o fôlego. Pânico percorreu seu corpo, enquanto seus olhos lutavam para compreender o que ele via na encosta do monte de túmulos mais próximo.

Coltaine.

Sobre uma massa cada vez menor de soldados, agora com cerca de quatrocentos, três estandartes tremulavam: o do Sétimo; o reluzente esqueleto articulado de cachorro do clã dos Cachorros Tolos; e as asas do Corvo, sobre um disco da cor do bronze que brilhava à luz do sol. Desafiantes e orgulhosos, os portadores continuavam a segurá-los no alto.

Por todos os lados, pressionando-os com um frenesi bestial, vinham os milhares das tropas de Korbolo Dom, uma multidão de soldados da infantaria desprovidos de qualquer disciplina, interessados somente em promover um massacre. Companhias montadas passaram direto pelo que sobrara do exército de Coltaine, ao longo dos dois lados visíveis, preenchendo, numa onda, a lacuna entre o monte e os muros da cidade, ainda que não cavalgassem perto o bastante para entrarem no alcance dos arqueiros de Aren. A guarda de Korbolo Dom e, sem dúvida, o próprio Punho renegado tomaram posição no topo do monte, que usavam como plataforma, como se quisessem assegurar uma visão clara dos acontecimentos que se davam no túmulo mais próximo.

A distância não era suficiente para conceder misericórdia às testemunhas na torre ou ao longo dos muros da cidade. Duiker viu Coltaine lá, em meio a um nó dos engenheiros de Moedor e de um punhado dos soldados navais de Bonança. Seu escudo estava despedaçado no braço esquerdo, sua faca longa e solitária, quebrada e reduzida a uma espada curta na mão direita, e sua capa de penas brilhava, como se estivesse coberta de piche. O historiador viu o comandante Bult guiando a retirada na direção do topo da colina. Cães pastores avançavam e pulavam ao redor do veterano wickano como guarda-costas frenéticos, mesmo com as flechas que passavam por eles como ondas. Em meio às criaturas, uma sobressaía, imensa, parecendo indomável, cheia de flechas, mas continuando a lutar.

Não havia mais cavalos. O clã das Doninhas se fora. Os guerreiros dos Cachorros Tolos não passavam de vinte, cercando meia dúzia de velhos e donas de casa: o resto de um coração reduzido e arrancado. Dos Corvos, ficou claro que Coltaine e Bult eram os últimos.

Dos soldados do Sétimo, poucos ainda vestiam armaduras, mantendo-se num círculo sólido ao redor dos demais. Muitos deles não tinham mais armas em riste, mas ainda assim resistiam, enquanto eram cortados em pedaços. Não davam espaço a eles; cada soldado que caía todo ferido era sumariamente despedaçado: os elmos eram arrancados, os antebraços, destruídos, enquanto os demais procuravam se defender dos ataques, até seus crânios acabarem colapsando sob múltiplos golpes.

A pedra sob as mãos de Duiker ficou escorregadia, pegajosa. Lanças férreas de dor se cravavam em seus braços. Ele mal percebeu.

Com um esforço extenuante, o historiador recuou, estendendo dedos vermelhos para agarrar Pormqual...

O comandante da guarnição se interpôs, retendo o historiador.

O Alto Punho viu Duiker e estremeceu.

– Você não entende?! – gritou ele. – Não posso salvá-los! São muitos! Muitos!

– Você pode, seu desgraçado! Uma investida pode entrar direto naquele monte! Um cordão, cacete!

– Não! Seremos esmagados! Não devo!

O murmúrio do comandante alcançou Duiker:

– Você está certo, historiador. Mas ele não vai fazer isso. O Alto Punho não vai permitir que nós os salvemos...

Duiker lutou para se libertar do homem, mas foi empurrado para trás.

– Pelo Encapuzado! – vociferou o comandante. – Nós tentamos... Todos nós tentamos...

Mallick Rel se aproximou, dizendo baixo:

– Meu coração chora, historiador. O Alto Punho não quer mudar de ideia...

- Isso é assassinato!
- Korbolo Dom pagará por isso, e caro.

Duiker virou, correndo de volta para o muro.

Eles estavam morrendo. Ali, quase ao seu alcance – não, ao alcance de um *soldado*. Uma angústia atroz se fechou ao redor das tripas do historiador. *Não consigo ver isso.*

Mas devo.

Viu pouco menos de cem soldados ainda de pé, mas aquilo tinha se tornado um massacre. A única batalha que restava era entre as próprias tropas de Korbolo, disputando a chance de dar os golpes fatais e de erguer seus troféus macabros, soltando guinchos triunfantes. O Sétimo caía e caía, sem usar nada além de carne e ossos para defender seus líderes, aqueles que os haviam guiado através do continente apenas para morrer agora, quase à sombra dos altos muros de Aren.

E naqueles muros havia um exército a postos, dez mil soldados aos quais cabia apenas testemunhar aquilo, o maior crime já cometido por um Alto Punho malazano.

Como Coltaine tinha conseguido chegar tão longe estava além da compreensão de Duiker. Ele via o final de uma batalha que devia estar acontecendo sem pausa por dias, uma que garantira a sobrevivência dos refugiados. *E foi por isso que a nuvem de poeira demorou tanto a se aproximar.*

O resto do Sétimo desapareceu sob um enxame de corpos. Bult ficou de costas para o portador do estandarte, com uma cimitarra dhobria em cada mão. Uma multidão de inimigos se fechou sobre ele e enfiou lanças no veterano, espetando-o como fariam com um javali encurralado. Mesmo assim, ele tentou se levantar, desferindo golpes de cimitarra para cortar a perna de um homem, que recuou, cambaleando e uivando. Mas as lanças atingiram fundo e empurraram o wickano, deixando-o preso ao chão. Lâminas lampejaram sobre Bult, que acabou retalhado até a morte.

O portador do estandarte, agora já escorado pelos cadáveres, abandonou

a posição e saltou para a frente, numa tentativa desesperada de alcançar seu comandante. Foi decapitado por uma lâmina, e sua cabeça tombou para trás, unindo-se à pilha sangrenta na base do estandarte. E assim o cabo Lista morreu, depois de ter passado por incontáveis mortes simuladas, muitos meses antes, em Hissar.

O grupo dos Cachorros Tolos desapareceu sob a multidão de corpos; o estandarte tombou momentos depois. Escalpos sangrentos, soltando uma chuva vermelha, foram erguidos e sacudidos como troféus.

Cercado pelo que restara dos engenheiros e dos soldados navais, Coltaine continuava lutando. Sua teimosia durou apenas mais um momento, pois os guerreiros de Korbolo Dom mataram seu último defensor e engoliram o próprio Coltaine, soterrado, então, naquele frenesi estúpido.

Um imenso cão pastor cravejado de flechas disparou para onde Coltaine tinha caído, mas uma lança espetou a fera, erguendo-a no ar. O animal se contorceu enquanto deslizava ao longo do cabo, mas mesmo assim a criatura foi capaz de causar uma última morte: ao inimigo que empunhava a arma, rasgando a garganta do guerreiro.

E, então, também morreu.

O estandarte do Corvo oscilou, pendendo para um dos lados, e depois tombou, sumindo em meio à multidão.

Duiker ficou imóvel, sem poder acreditar.

Coltaine.

Um lamento agudo soou atrás do historiador. Nether ainda segurava Nil como se ele fosse um bebê, mas sua cabeça estava tombada para trás, na direção do céu, com os olhos arregalados.

Uma sombra se abateu sobre eles.

Corvos.

E para Sormo, o bruxo ancião, ali no muro de Unta, vieram onze corvos – onze – para levar a alma do grande homem, pois nenhuma criatura sozinha poderia levar tudo. Onze.

O céu sobre Aren se encheu de corvos, como um mar negro de asas,

aproximando-se a partir de todos os lados.

O lamento de Nether soou mais e mais alto, como se sua alma estivesse sendo arrancada dela.

Um espanto percorreu Duiker. *Não terminou... Não está acabado...* O historiador virou e viu a cruz sendo erguida, com o homem ainda vivo pregado a ela.

– Eles não vão libertá-lo! – gritou Nether.

Ela se pôs ao lado de Duiker de repente, encarando o túmulo. Puxava os cabelos, arranhando o próprio escalpo, a ponto de o sangue escorrer por seu rosto. Duiker agarrou os pulsos dela, tão finos, tão infantis em suas mãos, e puxou, antes que ela alcançasse os próprios olhos.

Kamist Reloe estava na plataforma, com Korbolo Dom a seu lado. Um feitiço floresceu: uma onda virulenta e selvagem, que avançou e destruiu os corvos que se aproximavam. Formas negras giraram e caíram do céu...

– *Não!* – guinchou Nether, contorcendo-se nos braços de Duiker, procurando se atirar do muro.

A nuvem de corvos se espalhou. Então se reagrupou e tentou se aproximar mais uma vez.

Kamist Reloe destruiu mais centenas.

– Liberte a alma dele! Da carne! *Liberte!*

Ao lado deles, o comandante da guarnição se virou e chamou um de seus ajudantes com uma voz fria como gelo:

– Chame Vesgo, cabo. Agora!

O ajudante não se deu ao trabalho de correr escadas abaixo; ele simplesmente foi para o outro lado do muro, se inclinou e gritou:

– Vesgo! Aqui em cima, cacete!

Outra onda de feitiçaria varreu mais corvos do céu. Em silêncio, eles se reagruparam mais uma vez.

O rugido que vinha dos muros de Aren parou. Só o silêncio pairava no ar.

Nether tinha desabado sobre o historiador, uma criança em seus braços.

Duiker conseguia ver Nil, enrolado em si mesmo e imóvel na plataforma ao lado do alçapão – ou inconsciente ou morto. Ele tinha se urinado e uma poça se espalhava ao redor dele.

Botas soaram nas escadas. O ajudante disse ao comandante:

– Ele está ajudando os refugiados, senhor. Acho que não tem nem ideia do que está acontecendo...

Duiker fitou outra vez a figura solitária pregada à cruz. Coltaine ainda estava vivo. Eles não o deixariam morrer, não libertariam sua alma. Kamist Reloe sabia exatamente o que estava fazendo, conhecia a extensão do horror de seu crime e destruía metodicamente os receptáculos destinados àquela alma. Por todos os lados, guerreiros gritando pressionavam, fervilhando sobre o antigo túmulo como insetos.

Objetos começaram a atingir a figura na cruz, deixando marcas vermelhas. *Pedaços de carne, deuses... São pedaços de carne: o que sobrou do exército...* Aquele nível de crueldade fez Duiker se encolher por dentro.

– Aqui, Vesgo! – Duiker ouviu o comandante grunhir a ordem. Uma figura apareceu ao lado do historiador: um homem baixo, atarracado e grisalho. Seus olhos, enterrados num ninho de rugas, se fixaram naquela figura distante.

– Misericórdia... – sussurrou.

– Então? – inquiriu o comandante.

– São quinhentos passos, Blistig...

– Eu sei.

– Talvez precise de mais de um tiro, senhor.

– Então comece logo, cacete.

O velho soldado, vestindo um uniforme que parecia não ser lavado nem consertado havia décadas, tirou o arco longo de um dos ombros. Então pegou a corda, pisou no plano do arco e o curvou sobre a coxa. Seus membros tremiam pelo esforço de colocar o laço da corda em seu nicho. Em seguida, se endireitou e analisou as flechas na aljava presa ao quadril.

Outra onda de feitiçaria atingiu os corvos.

Pouco depois Vesgo escolheu uma flecha.

– Vou tentar no peito. Alvo maior, senhor, e depois de uns bons tiros isso será o bastante para a pobre alma.

– Mais uma palavra, Vesgo, e vou arrancar sua língua – sussurrou Blistig. O soldado colocou a flecha.

– Me deem espaço, então.

Nether estava frouxa nos braços de Duiker quando ele a puxou um passo para trás.

O arco do homem, mesmo envergado, tinha a altura dele. Seus antebraços pareciam cordas de cânhamo ao puxar a corda, como feixes torcidos e tensos. A corda roçou em seu maxilar ao completar a puxada e, então, ele a reteve no lugar, com uma exalação lenta e regular.

Duiker viu o homem tremer de repente e os olhos de Vesgo se arregalaram, revelando-se pela primeira vez ao historiador: negros, como pequenas bolas de gude em ninhos manchados de vermelho.

Um medo em estado bruto contornava a voz de Blistig:

– Vesgo...

– Aquele é Coltaine, senhor! – O velho arquejou. – Você quer que eu mate Coltaine...

– Vesgo!

Nether ergueu a cabeça e estendeu a mão sangrenta, em forma de súplica.

– Liberte-o. *Por favor.*

O velho a observou um momento. Lágrimas escorreram por seu rosto. O tremor parou; o arco não tinha se movido um centímetro sequer.

– Pelo sopro do Encapuzado! – sibilou Duiker.

Ele está chorando. Ele não consegue mirar... O desgraçado não consegue mirar...

A corda do arco soou. A flecha comprida cortou o céu.

– Ah, deuses! – Vesgo gemeu. – Alto demais... Alto demais!

Ela subiu, atravessou os corvos reunidos, sem ser tocada nem oscilar, e

começou a descer.

Duiker poderia ter jurado que Coltaine ergueu o olhar, a fim de saudar o presente, quando a ponta de ferro colidiu com sua testa, esmagou seu osso e finalmente afundou em seu cérebro, matando-o instantaneamente. Sua cabeça foi atirada para trás em meio aos pedaços de madeira e a flecha a atravessou.

Os guerreiros nas encostas do túmulo se encolheram, recuando.

Os corvos fizeram o ar tremer com seus berros e mergulharam na direção da figura agora frouxa na cruz, abatendo-se sobre os guerreiros que enchiam as encostas. A feitiçaria que golpeava os pássaros tinha sido desviada, espalhada por qualquer que fosse a força – *A alma de Coltaine?* – que se levantara para juntar-se aos pássaros.

A nuvem desceu sobre Coltaine, engolindo-o por inteiro e cobrindo a própria cruz. Àquela distância, eram para Duiker como moscas pululando sobre um pedaço de carne.

E, quando levantaram voo novamente, explodindo na direção do céu, o chefe de guerra do clã dos Corvos tinha desaparecido.

Duiker cambaleou, apoiando-se no muro de pedra. Nether deslizou pelos braços imóveis dele; seu cabelo sujo de sangue escondia seu rosto quando ela se enrolou ao redor dos pés do historiador.

– Eu o matei – gemeu Vesgo. – Matei Coltaine. Quem tirou a vida daquele homem? Um velho soldado doente do exército do Alto Punho... Ele matou Coltaine... Ah, Beru, tenha misericórdia da minha alma...

Duiker envolveu o velho em seus braços e o segurou com força. O arco fez um estrondo ao cair nas tábuas de madeira da plataforma. O historiador sentiu o homem desmoronar contra seu corpo, como se os ossos dele houvessem se transformado em poeira, como se séculos o devorassem a cada respiração trêmula.

O comandante Blistig agarrou a parte de trás do colarinho do arqueiro e o puxou, colocando o soldado de pé.

– Antes que o dia acabe, seu desgraçado – sibilou –, dez mil soldados

falarão seu nome. – As palavras estremeceram. – Como uma oração, Vesgo, como uma maldita oração do Encapuzado.

O historiador comprimiu os olhos. Aquele tinha virado um dia para amparar pessoas despedaçadas nos braços.

Mas quem vai me amparar?

Duiker abriu os olhos e ergueu a cabeça. A boca do Alto Punho Pormqual se movia, como se pronunciasse uma súplica silenciosa por perdão. O rosto fino e oleoso do homem expressava choque e, ao encontrar o olhar do historiador, também um lampejo de puro pavor.

Lá fora, no túmulo, o exército de Korbolo Dom despertava, como juncos num redemoinho, em movimentos inquietos e sem sentido. Sentiam os resultados da batalha agora. Vozes se fizeram ouvir, gritos sem palavras, mas eram muito poucos para quebrar o silêncio macabro e seu poder, cada vez mais forte.

Os corvos haviam partido e as madeiras da cruz estavam vazias, postas acima das massas e de suas lanças sujas de sangue.

No alto, o céu começara a morrer.

O olhar de Duiker retornou a Pormqual. O Alto Punho parecia se encolher sob a sombra de Mallick Rel, balançando a cabeça como se quisesse negar aquele dia.

Três vezes negado, Alto Punho.

Coltaine está morto. Estão todos mortos.

CAPÍTULO 2 2

Eu vi o raio do sol
traçar um caminho infalível em arco
até a testa do homem.
Ao atingi-lo, os corvos
convergiram como a noite
inspirando fundo.

Corrente do Cão, Seglora

Ondulações fracas lambiam a lama cravejada de lixo sob as docas. Insetos noturnos dançavam pouco além do alcance das águas e a margem fervilhava num frenesi causado por enguias que botavam ali seus ovos. Aos milhares, negras e brilhantes, as pequenas criaturas se contorciam sob os insetos dançantes. Essa violação silenciosa da costa do porto passara quase despercebida por olhos humanos durante gerações, numa misericórdia concedida somente porque as enguias eram completamente intragáveis.

Da escuridão mais adiante veio o som de água em cascatas. As ondulações que alcançavam a costa a partir daquela agitação eram maiores, mais violentas, sendo a única indicação de que um estranho tinha chegado para perturbar o cenário.

Kalam tinha alcançado a costa. Arrastando-se, despencou na lama que pululava abaixo dele. Sangue quente ainda vertia por entre os dedos de sua mão direita, que mantinha o ferimento da facada sob pressão. O assassino não vestia camisa e sua cota de malha, naquele instante, jazia em algum lugar no fundo lamacento da baía de Malaz a suas costas, deixando-o apenas com calças justas e sapatos.

Ao sair da armadura durante seu mergulho repentino nas profundezas, Kalam tinha sido forçado a também arrancar o cinto e os arreios que prendiam sua faca. Diante da necessidade desesperada de voltar à superfície, de puxar o ar para dentro dos pulmões, deixara tudo escorregar de suas mãos.

Estava, portanto, desarmado.

Em algum lugar na baía, um navio estava sendo despedaçado; os barulhos selvagens flutuavam através da água, e Kalam se perguntou do que se tratava, mas apenas brevemente. Tinha outras coisas com que se preocupar.

Beliscões fracos disseram a ele que as enguias tinham se incomodado com a intrusão. Lutando para acalmar a respiração, ele se contorceu para subir um pouco mais na margem pegajosa. Rolou, ficando de barriga para cima, e observou a parte de baixo do píer, que parecia ter uma barba de algas marinhas. Um momento depois, fechou os olhos e começou a se concentrar.

O sangramento em seu flanco diminuiu até um gotejamento fraco e, em seguida, parou.

Alguns minutos depois, ele se sentou e começou a arrancar as enguias que se agarravam a sua pele como sanguessugas, atirando-as na escuridão de onde vinha o som dos ratos do porto, que deslizavam pelo chão. As criaturas se aproximavam, e o assassino conhecia um bom número de histórias sussurradas a respeito das hordas destemidas daquele submundo, o bastante para saber que estava longe de ficar a salvo delas.

Kalam não podia mais esperar. Ele se forçou a permanecer agachado, fitando as estacas irregulares que se erguiam além do quebra-mar. Se a maré estivesse alta, os anéis imensos de bronze, presos a três quartos da base dos troncos de madeira, estariam ao seu alcance. As estacas estavam cobertas de piche negro, exceto onde navios haviam sido jogados sobre elas; nesses pontos, apareciam marcas escancaradas de madeira escoriada, encharcada de água.

Só há um modo de subir, então...

O assassino se encaminhou para a base da barragem, até ficar diante de um navio mercante. O barco de ventre largo jazia adernado sobre a lama. De um dos anéis de bronze no alto da estaca se estendia uma corda grossa de cânhamo até o casco.

Em circunstâncias normais, a escalada teria sido simples, mas, nem mesmo com a profunda disciplina do treinamento de um Garra, Kalam evitaria que sangue fresco vertesse da ferida em seu flanco enquanto subia a corda. Ele se sentia cada vez mais fraco ao se aproximar do anel e, quando finalmente o alcançou, parou, com os membros trêmulos, tentando recuperar a força.

Não tivera tempo para pensar em nada desde que fora arremessado por Salk Elan pela amurada do barco, e continuava sem ter, agora. Amaldiçoar a própria estupidez era uma perda de tempo. Assassinos esperavam por ele ali, nas ruas e nos becos escuros e estreitos da cidade de Malaz. Suas próximas horas seriam, muito provavelmente, as últimas que ele teria deste lado dos Portões do Encapuzado.

Mas Kalam não pretendia ser uma presa fácil.

De cócoras contra o anel imenso, lutou para reduzir o ritmo de sua respiração mais uma vez, a fim de suprimir o gotejamento de sangue de seu flanco e dos incontáveis ferimentos causados pelas sanguessugas.

Olhos nos telhados dos armazéns, com visão ampliada por feitiçaria, e não tenho sequer uma camisa para ocultar o calor do meu corpo. Sabem que estou ferido, e esse é um desafio mesmo para os mais disciplinados: duvido que a própria Surly, em seu apogeu, fosse capaz de esfriar sua carne nessa situação. Eu sou?

Fechou os olhos mais uma vez. *Tirar o sangue da superfície, atraí-lo para baixo, para que se esconda sob os músculos, mais perto dos ossos. Cada respiração deve ser de gelo; deve haver correspondência de temperatura entre o corpo e cada toque sobre o calçamento e a pedra. Sem resíduo na passagem, sem irradiação dos movimentos. O que eles vão esperar de um homem ferido?*

Não isto.

Abriu os olhos, soltou a mão do anel e pressionou o antebraço contra o metal marcado. Sentiu-o quente.

Era hora de se mexer.

O alto da estaca estava fácil. Kalam se endireitou, erguendo-se devagar para a superfície incrustada de guano. A rua da Frente se estendia diante do assassino. Carrinhos de carga apinhavam as portas do armazém que encarava a rua, trancado àquela hora. O mais próximo deles estava a menos de vinte passos de distância.

Correr seria um convite à morte, porque seu corpo não poderia se ajustar rápido o bastante às mudanças de temperatura. A irradiação de calor sem dúvida seria percebida.

Uma daquelas enguias se arrastou para longe demais e está prestes a se distanciar ainda mais um pouco. De bruços, Kalam avançou devagar sobre os paralelepípedos úmidos, mantendo o rosto contra eles e mandando o ar de sua respiração para baixo.

A feitiçaria deixa o caçador mais preguiçoso, sintonizado apenas no que espera que seja óbvio, confiando em seus sentidos ampliados. Eles se esquecem do jogo das sombras, da brincadeira da escuridão, dos indícios mais sutis... Assim espero.

Não conseguia olhar para cima, mas sabia que estava completamente exposto, como um verme atravessando um caminho de ladrilhos. Uma parte de sua mente ameaçava guinchar para extravasar o pânico, mas o assassino a sufocou. A disciplina superior era um mestre impiedoso, dominando seu corpo, sua mente, sua alma.

O maior pavor do assassino era uma abertura no céu sombrio sobre a cidade. A lua tinha se tornado sua inimiga e, se ela acordasse, até o observador mais preguiçoso não falharia em ver a sombra que Kalam projetaria no chão.

Minutos se passaram enquanto ele deslizava pela rua com uma lentidão angustiante. A cidade do outro lado estava silenciosa, de um modo que não parecia natural. Era um complexo labiríntico adequado a um caçador,

preparado especialmente para ele, se conseguisse chegar lá. Um pensamento invadiu sua mente: *Já fui visto, mas por que estragar a diversão me matando de uma vez? Querem prolongar o prazer dessa caçada, a fim de satisfazer a sede de vingança da irmandade. Afinal de contas, por que preparar um labirinto como esse se você vai matar a vítima antes que ela consiga alcançá-lo?*

A lógica amarga daquilo entrou como um punhal quente em seu peito, ameaçando ser mais eficaz em destruir sua camuflagem que qualquer outra coisa. Mas Kalam conseguiu diminuir o ritmo de sua subida pela rua, inspirando o ar e prendendo a respiração antes de olhar para cima.

Estava debaixo de um carrinho; o alto de sua cabeça roçou na parte inferior do reboque. Fez uma pausa. Estavam esperando um embate de sutilezas, mas os truques e as artimanhas eram apenas alguns dos talentos de Kalam. *Os outros, inesperados, são sempre uma vantagem...* O assassino deslizou adiante, afastando-se da primeira carroça. Depois, passou por mais três, até alcançar as portas do armazém.

A entrada de carga era, claro, imensa. Os dois painéis deslizantes, que pareciam uma paliçada, agora estavam acorrentados, mantidos juntos por um cadeado enorme. No entanto, em um dos lados dos painéis havia uma porta menor, também fechada a cadeado.

Kalam disparou até ela e se colou à madeira desgastada. Fechou ambas as mãos sobre o cadeado.

Não havia nada de sutil na força bruta que o assassino possuía. Apesar de o cadeado resistir ao forte movimento de torção que ele fez, as armações que o seguravam não conseguiram fazer a mesma coisa. Seu corpo, pressionado contra a tranca e o ferrolho, abafou os sons do estilhaçamento.

A tranca e a armação saíram em suas mãos. Deixando ambas de lado, Kalam estendeu a mão e puxou a porta o suficiente para passar por ela, rumo à escuridão do outro lado.

Uma busca rápida na câmara principal o levou a uma grande estante de ferramentas. Kalam pegou um par de alicates, uma machadinha, um saco de

juta cheio de alfinetes e uma faca de trabalho pouco aproveitável, com a ponta quebrada e o gume pesadamente mordido. Encontrou o avental de trabalho de um ferreiro, feito de couro, e o vestiu. No quarto dos fundos, descobriu uma porta que dava para o beco atrás do armazém.

Calculou que a Casa dos Mortos estaria a seis ruas de distância. *Mas Salk Elan sabe, e eles estarão esperando por mim. Eu teria que ser um idiota para ir direto para lá... E eles sabem disso, também.*

Prendendo suas várias armas improvisadas nos suportes do avental, Kalam desferrolhou a porta, abriu com cautela apenas uma fresta e espiou o lado de fora. Como não viu qualquer movimento, abriu mais alguns centímetros, vasculhando os telhados próximos e, depois, o céu.

Ninguém, e as nuvens ainda formavam uma capa sólida. Uma luz fraca sangrava de algumas janelas fechadas, o que tinha o efeito de aumentar a escuridão de todos os outros lugares. Em algum ponto distante, um cachorro latiu.

Kalam saiu do armazém e andou pé ante pé até a ponta de um beco onde havia um monte de caixas amontoadas.

Uma poça de escuridão ainda mais profunda dominava uma alcova próxima à entrada do beco adiante. Os olhos de Kalam a encontraram, cravando-se sobre ela. Ele pegou a faca e a machadinha e avançou direto para lá, sem parar.

A escuridão derramou sua feitiçaria sobre Kalam assim que ele mergulhou nela. O ataque foi tão repentino, tão inesperado, que as duas figuras lá dentro não tiveram tempo nem de sacar as armas. A lâmina brutal da faca de Kalam rasgou a garganta de um homem. A machadinha, por sua vez, desceu, estraçalhando uma clavícula e rompendo costelas. O assassino libertou a arma e enfiou a palma da mão esquerda na boca do homem, empurrando a cabeça do adversário para trás, a fim de esmagá-la contra a parede. A outra Garra era uma mulher, que deslizou até o chão com um gorgolejo úmido.

Logo depois, Kalam vasculhou os corpos, coletando estrelas e facas de

atirar, duas braçadeiras de adagas de lâminas largas, um garrote e o prêmio mais apreciado de todos: uma besta sem arestas da Garra, carregada, compacta e mortal, ainda que de alcance curto. Oito setas a acompanhavam, cada uma com a ponta de ferro brilhando com o veneno chamado de paralto branco.

Kalam se apropriou da fina capa preta do cadáver do homem, colocando o capuz com as aberturas de tule posicionadas sobre os ouvidos. A parte do capuz que se projetava sobre o rosto também era de tule, garantindo visão periférica.

A feitiçaria se esvaía enquanto ele terminava de se equipar, o que indicava que pelo menos uma de suas vítimas tinha sido um mago. *Desleixado pra cacete. Topper está deixando que eles fiquem moles.*

Ele emergiu da alcova, levantou a cabeça e farejou o ar. A ligação com uma Mão tinha sido quebrada e agora eles saberiam que os problemas estavam finalmente ali. Naquele exato instante, deviam estar fechando o cerco, devagar e com cuidado.

Kalam sorriu. *Vocês queriam uma presa que apenas fugisse. Desculpe desapontá-los.*

Depois partiu pela noite, caçando Garras.

A cabeça do líder da Mão surgiu e, depois, ele se revelou por inteiro. No momento seguinte, duas figuras emergiram do beco e se aproximaram, reunindo-se a ele.

– Sangue foi derramado – murmurou o líder. – Topper ficará...

Um tinido baixo o fez se virar.

– Ah, agora saberemos os detalhes – disse o homem, observando o companheiro de capa se aproximar.

– O assassino está aqui – grunhiu o recém-chegado.

– Estou prestes a puxar a corda de Topper...

– Ótimo, já era hora de ele entender.

– Mas o que...

Ambos os companheiros do líder caíram no chão. Um punho imenso o atingiu no rosto, triturando ossos e cartilagens. Ele piscou os olhos, que se encheram de sangue, mas não conseguiu enxergar mais nada. Com o septo enterrado no cérebro, desmoronou.

Kalam se agachou para sussurrar na orelha do homem morto.

– Sei que você pode me ouvir, Topper. Sobraram duas Mãos. Pode até correr e se esconder, mas, ainda assim, encontrarei você.

Ele se levantou e recuperou as armas.

O cadáver a seus pés gorgolejou uma risada molhada e o assassino olhou para baixo quando uma voz espectral saiu dos lábios do homem morto.

– Bem-vindo de volta, Kalam. Duas Mãos, você disse? Não mais, velho amigo...

– Assustei você, foi?

– Salk Elan parece ter deixado você escapar fácil demais. Não serei tão generoso, temo...

– Sei onde você está, Topper, e estou indo pegá-lo.

Um longo silêncio se seguiu. Então o cadáver falou uma última vez:

– Fique à vontade, meu amigo.

O Labirinto Imperial estava esburacado como um pano de escorrer soro de queijo naquela noite, à medida que Mão após Mão da Garra entrava na cidade. Um dos portais se abriu bem no caminho de um homem solitário; dele, as cinco figuras saíram anunciando sua chegada com arquejos e sangue derramado, sob os estertores velozes da morte. Nenhum deles conseguiu dar mais de um passo sobre os paralelepípedos da cidade de Malaz antes que sua carne começasse a esfriar na noite mansa.

Gritos ecoavam nas ruas e nos becos, onde habitantes tolos o bastante para se aventurarem em áreas descobertas agora pagavam sua ousadia com a vida. A Garra não se arriscaria mais.

O jogo que Kalam tinha virado virou mais uma vez.

O mosaico a seus pés era interminável; as pedras multicoloridas criavam um padrão que desafiava a compreensão. O chão estranho se estendia para todos os horizontes. O eco de suas botas era abafado, fracamente sonoro.

Violinista jogou a besta nas costas, dando de ombros.

– Seríamos capazes de ver encrenca chegando a 5 quilômetros de distância – disse.

– Vocês todos estão traindo a Azath – sibilou Iskaral Pust, andando em círculos ao redor do grupo. – O jhag deve ficar sob um monte de raízes entrelaçadas. Essa foi a barganha, o acordo, o plano... – Sua voz esvaneceu brevemente, depois voltou, num tom diferente: – Que acordo? Trono Sombrio recebeu alguma resposta a sua pergunta? A Azath revelou seu rosto antigo de pedra? Não. Silêncio foi a resposta a tudo. Meu mestre poderia ter anunciado sua intenção de defecar no portal da Casa e ainda assim a resposta não teria mudado. Silêncio. Bom, com certeza *pareceu* haver um consenso. Não se ouviram objeções, não é? Não, nenhuma. Certas suposições eram necessárias, ah, sim, muito necessárias. E, no final, houve certa vitória, não houve? Tudo, menos pelo jhag ali, nos braços do trell. – Ele parou, arfando enquanto recuperava o fôlego. – Deuses, vamos andar para sempre!

– Deveríamos iniciar nossa jornada – disse Apsalar.

– Estou dentro – resmungou Violinista. – Mas em qual direção?

Rellock tinha se ajoelhado para analisar os azulejos em mosaico. Eles eram a única fonte de luz e, no alto, estava um breu. Cada azulejo tinha a largura de uma mão. O brilho que lançavam pulsava num ritmo lento, mas estável. O velho pescador grunhiu.

– Pai? – chamou Apsalar.

– O padrão aqui... – Ele apontou um azulejo em particular. – Aquela linha mesclada...

Violinista se agachou e observou o chão.

– Se isso for uma trilha ou algo parecido, é bem torta.

– Uma trilha? – O pescador ergueu o olhar. – Não aqui, neste lado. Este é o litoral kanês.

– O quê?

O homem passou a ponta redonda de um dos dedos sobre a linha irregular.

– Começa na costa de Quon, desce a Kan, depois sobre Cawn Vor... E, aqui, essa é a ilha de Kartool, e a sudeste, ali, no meio do azulejo, é a ilha de Malaz.

– Você está tentando me dizer que aqui, neste único azulejo a nossos pés, está mapeada a maior parte do continente de Quon Tali? – Enquanto perguntava, o padrão se revelou a Violinista e ele viu diante de si o que o pai de Apsalar estava tentando mostrar. Perguntou, baixo: – Então o que está no resto deles?

– Bom, não são consistentes, se é o que você quer saber. Há quebras... Outros mapas, de outros lugares, eu acho. Está tudo misturado, mas eu diria que a escala é a mesma em todos eles.

Violinista se levantou, devagar.

– Mas isso significa que... – Sua voz foi sumindo até virar silêncio enquanto ele olhava para o piso aparentemente interminável, estendendo-se por quilômetros em todas as direções. *Deuses do Abismo! Esses são todos os reinos? Todos os mundos, cada lugar em que há uma Casa da Azath? Rainha dos Sonhos, que poder é esse?*

– Dentro do Labirinto da Azath você pode ir para... *qualquer lugar* – disse Mappo, com um tom de espanto.

– Você tem certeza disso? – perguntou Crokus. – Aqui estão os mapas, sim, mas... – Ele apontou para o azulejo que exibia o continente de Quon Tali. – Mas onde está o portal? O modo de entrar?

Ninguém falou nada por um longo tempo. Então Violinista pigarreou.

– Você tem alguma ideia, garoto?

O daru deu de ombros.

– Mapas são mapas. Isto poderia estar sobre o tampo de uma mesa, se você entende o que quero dizer.

– Então, o que você sugere?

– Ignorá-lo. A única coisa que esses azulejos significam é que todas as Casas, de todos os lugares, formam um grande padrão, um grande projeto. Mas saber disso não significa que sejamos capazes de entender seu sentido. A Azath está até mesmo além dos deuses. Podemos acabar nos perdendo em suposições, num jogo mental que não nos levará a lugar algum.

– Isso é bem verdade – grunhiu o sapador. – E não estamos nem um pouco mais perto de descobrir a direção que devemos tomar.

– Talvez Iskaral Pust tenha uma ideia – disse Apsalar. Quando ela se virou, suas botas raspavam nos azulejos. – Infelizmente, parece que ele sumiu.

Crokus procurou ao redor.

– Maldito bastardo!

O sumo sacerdote da Sombra, que vinha rodeando o grupo sem parar, não estava mesmo em nenhum lugar visível. Violinista fez uma careta.

– Então ele descobriu o caminho e não se deu ao trabalho de explicar antes de passar por ele...

– Esperem! – disse Mappo, colocando Icarium no chão. Em seguida, deu cerca de dez passos e disse: – Aqui. É difícil discernir no começo, mas agora eu enxergo com clareza.

O trell parecia observar alguma coisa a seus pés.

– O que você encontrou? – perguntou Violinista.

– Cheguem mais perto. É quase impossível ver de outra maneira, embora isso faça pouco sentido...

Os outros se aproximaram.

Havia ali um buraco imenso, escancarado, uma abertura desigual por onde Iskaral Pust simplesmente tinha caído, até sumir. Violinista se ajoelhou, chegando mais perto do buraco.

– Pelo sopro do Encapuzado! – grunhiu.

Os azulejos não tinham mais que 2 centímetros de espessura. Sob eles não havia um chão sólido. Sob eles havia apenas... o nada.

– Você acha que esse é o caminho para fora? – perguntou Mappo, atrás dele.

O sapador recuou, se arrastando com cuidado; de repente, era como se os azulejos escorregadios tivessem se tornado o mais fino gelo.

– Bem que eu queria saber, mas não planejo pular aí para descobrir.

– Compartilho sua precaução – ressoou o trell, voltando para onde Icarium jazia e pegando de volta seu companheiro no colo.

– Esse buraco pode aumentar – disse Crokus. – Sugiro que continuemos andando. Em qualquer direção, desde que seja para longe daqui.

Apsalar hesitou.

– E Iskaral Pust? Talvez ele esteja deitado, inconsciente, numa saliência ou algo assim.

– Sem chance – retrucou Violinista. – Pelo que vi, o pobre homem ainda está caindo. Uma só espiada e todos os meus ossos já gritaram *esquecimento*. Acho que vou confiar em meus instintos desta vez, mocinha.

– Uma morte triste – disse ela. – Eu estava quase começando a me afeiçoar a ele.

Violinista aquiesceu.

– Nosso escorpião de estimação...

Crokus foi à frente enquanto se afastavam do buraco. Se tivessem esperado mais alguns minutos, teriam visto uma bruma amarela, quase transparente, subir da escuridão imensa, engrossando até ficar opaca. A bruma permaneceu por um tempo, até começar a se dissipar. Quando finalmente sumiu, também desapareceu o buraco, como se nunca tivesse existido. O mosaico estava completo outra vez.

Casa dos Mortos. Cidade de Malaz, o coração do Império. Não há nada para nós lá. Mais do que isso: uma explicação que fizesse sentido desafiaria até

mesmo minha experiente imaginação. Temo que precisemos partir.

De algum modo.

Mas isso está muito além de mim – este Labirinto e, pior, meus crimes são como feridas que se recusam a fechar. Não posso escapar de minha covardia. No final das contas, como todos aqui sabem, embora não falem disso, meus desejos egoístas escarneceram de minha integridade, de meus votos. Tive uma chance de acabar com a ameaça para sempre.

Como a amizade é capaz de derrotar tamanha oportunidade? Como o conforto da familiaridade pode se erguer como um deus, como se a própria mudança tivesse se tornado uma coisa demoníaca? Eu sou um covarde, e a oferta de liberdade e do fim, entre suspiros, do juramento de uma vida se provou o maior de todos os temores.

E, assim, a verdade simples... O curso que seguimos por tanto tempo tornou nossas vidas, em si mesmas, uma prisão...

Apsalar saltou para a frente. As pontas de seus dedos tocaram os ombros, depois as tranças, depois nada. Seu impulso a fez avançar para o lugar em que Mappo e Icarium haviam estado apenas um momento antes. Ela caiu, na direção de uma escuridão escancarada.

Gritando, Crokus agarrou seus tornozelos e foi momentaneamente puxado pelos azulejos na direção do imenso buraco, antes que as mãos fortes do pescador se fechassem sobre ele e o ancorassem.

Juntos, os dois homens tiraram Apsalar da borda do abismo. Uns dez passos além estava Violinista. O grito do daru tinha sido a primeira indicação de problemas.

– Eles se foram! – gritou Crokus. – Eles caíram! Não houve aviso, Vi! Nada!

O sapador praguejou baixo, agachando-se, inquieto. *Somos intrusos aqui...* Tinha ouvido rumores de Labirintos sem ar, que matavam instantaneamente os mortais que ousavam adentrá-los. Havia certa

arrogância em presumir que todos os reinos existentes se curvavam às necessidades humanas. *Intrusos. Este lugar não se importa nada conosco, nem há leis exigindo que ele nos receba aqui.*

Veja bem, o mesmo poderia ser dito de qualquer mundo.

Ele sibilou, levantando-se devagar, lutando contra o crescente pesar diante da perda dos dois homens que tinha começado a considerar como amigos. *E qual de nós é o próximo?*

– Venham até mim – grunhiu ele. – Vocês três. Com cuidado. – Ele tirou a bolsa das costas, baixou-a e remexeu até encontrar um rolo de corda. – Vamos nos amarrar uns aos outros. Se alguém cair, ou salvamos essa pessoa, ou vamos todos juntos. Concordam?

Os outros assentiram em resposta, aliviados.

Sim, a ideia de vagar sozinho neste Labirinto não é nada agradável.

Ataram as cordas entre si, depressa.

Os quatro viajantes caminharam mais mil passos e de repente o ar se agitou. Era o primeiro vento que haviam sentido desde que entraram no Labirinto. Todos se abaixaram como se fossem uma só criatura, à passagem de algo gigantesco diretamente acima deles.

Buscando sua besta, Violinista girou para olhar o céu.

– Pelo sopro do Encapuzado!

Mas os três dragões já haviam passado, ignorando completamente os humanos. Eles voavam numa formação triangular, semelhante ao voo dos gansos, e eram todos iguais, com escamas ocres e envergadura da largura de cinco carroças postas lado a lado. Caudas compridas e sinuosas se estendiam atrás deles.

– É uma tolice achar que somos os únicos a utilizar este reino – resmungou Apsalar.

Crokus grunhiu:

– Já vi maiores...

Um sorriso leve abriu as feições de Violinista.

– Sim, garoto, sabemos que viu.

Os três dragões estavam quase fora de seu campo de visão quando desceram como se fossem um, mergulhando na direção do chão, atravessando os azulejos e sumindo de vista.

Ninguém falou por um bom tempo. Então o pai de Apsalar pigarreou e disse:

– Acho que isso acabou de nos dizer alguma coisa.

O sapador assentiu:

– Também acho.

Você atravessa quando chegar ao seu destino... mesmo que não esteja exatamente planejando isso. Pensou em Mappo e Icarium. O trell não teria razão para acompanhá-los até a cidade de Malaz. Afinal, Mappo tinha um amigo para curar, para trazer de volta à consciência. Procuraria um lugar seguro a fim de fazer isso. Quanto a Iskaral Pust... *Provavelmente está no pé daquele penhasco agora, gritando para os bhok'aralas jogarem uma corda...*

– Tudo bem – disse Violinista, erguendo-se. – Parece que temos que continuar andando... Até chegarem a hora e o lugar certos.

– Mappo e Icarium não estão perdidos nem mortos – observou Crokus com evidente alívio ao recomeçarem a andar.

– Nem o sumo sacerdote – acrescentou Apsalar.

– Bem, suponho que tudo tem um lado bom e um ruim – resmungou o daru.

Violinista refletiu brevemente a respeito daqueles três dragões, tentando imaginar para onde tinham ido, que tarefas aguardavam por eles... Depois, deu de ombros. O aparecimento deles, sua partida e, no meio de tudo isso e talvez o mais importante, sua *indiferença* em relação aos quatro mortais abaixo eram um grave lembrete de que o mundo era muito maior do que aquele definido por suas vidas, seus desejos e seus objetivos. O mergulho aparentemente de cabeça que aquela jornada tinha se tornado era, na verdade, apenas a menor das caminhadas, com uma importância não maior que os esforços de uma formiga.

O mundo continua vivendo, além de nós, e suas incontáveis histórias se

desenrolam. Nos olhos de sua mente, viu os horizontes se estenderem para todos os lados e, conforme cresciam, ele, por sua vez, se via cada vez menor, cada vez mais insignificante. *Todos somos almas solitárias. Faz bem conhecer a humildade, do contrário a ilusão de controle, de domínio, oprime. E, de fato, parecemos ser uma espécie propensa a sofrer, repetidamente, dessa ilusão...*

Os guerreiros de Korbolo Dom celebraram seu triunfo ao longo das horas de escuridão que sucederam a queda de Coltaine. Os sons da festa flutuavam por sobre os muros de Aren e traziam certa frieza ao ar, que pouco tinha a ver com a realidade física daquela noite abafada.

Dentro da cidade, de frente para os portões norte, havia um imenso pátio, em geral usado como área para os preparativos das caravanas. Tal espaço aberto estava agora abarrotado de refugiados. A tarefa de alojá-los teria de esperar até que fossem supridas as necessidades mais urgentes de comida, água e atenção médica.

O comandante Blistig tinha ordenado que sua guarnição cuidasse disso e seus soldados trabalhavam incansavelmente, demonstrando extraordinária compaixão, como se respondessem à própria necessidade de reagir ao triunfo dos inimigos do outro lado do muro. Coltaine, seus wickanos e o Sétimo haviam dado a vida por aqueles que agora estavam sob seus cuidados. Ser solícito com os demais estava se tornando depressa um gesto irresistível.

Mas outras tensões cavalgavam o ar.

O sacrifício final foi desnecessário. Poderíamos tê-los salvado, se não fosse o covarde que nos comanda. Duas honras poderosas haviam colidido: o dever primário de salvar as vidas de companheiros soldados e a disciplina da estrutura de comando malazana. Dessa colisão, dez mil soldados vivos e altamente treinados tinham saído despedaçados.

Lá embaixo no pátio, Duiker vagava sem rumo em meio à multidão. Figuras surgiam diante dele de vez em quando, rostos embaçados

murmurando palavras insignificantes, oferecendo qualquer informação que acreditassem – esperassem – ser capaz de acalmá-lo. Os jovens wickanos haviam reivindicado Nil e Nether e agora os protegiam com uma ferocidade que ninguém ousava desafiar. Incontáveis refugiados haviam sido recuperados da beira dos Portões do Encapuzado, cada um deles encarado como um desafio selvagem. Para aqueles que lutavam para salvá-los, esses refugiados tinham se tornado uma fonte de prazer, o que era revelado através de olhos brilhantes e dentes à mostra. Lutavam, acima de tudo, com um desespero inflexível por aqueles poucos para quem a fuga final – e talvez o próprio alívio da salvação – havia se mostrado mais do que sua carne despedaçada podia suportar. O Encapuzado tinha de estender as mãos para aquelas almas derrotadas, estender as mãos, agarrá-las e arrastá-las até o esquecimento, ainda que os curandeiros empregassem todas as habilidades que possuíam para vencê-lo.

Duiker encontrou o próprio esquecimento no fundo de si mesmo e não pretendia abandonar aquele conforto entorpecedor. Dentro desse lugar, a dor não podia fazer mais do que corroer as bordas, e essas bordas pareciam cada vez mais distantes umas das outras.

Algumas palavras às vezes penetravam, conforme vários oficiais e soldados davam detalhes de coisas que sentiam que o historiador deveria saber. A cautela em suas vozes era desnecessária, pois ele absorvia as informações de modo desprovido de sentimentos. Duiker estava além da dor.

O *Silanda*, com sua carga de soldados feridos, não tinha chegado, como Duiker ouviu de um jovem wickano chamado Temul. A frota da conselheira Tavore estava a menos de uma semana de distância. Korbolo Dom provavelmente iniciaria um cerco, pois Sha'ik saíra do Raraku e também estava a caminho, guiando um exército com o dobro do tamanho das tropas do Punho renegado. Mallick Rel levava o Alto Punho Pormqual de volta ao palácio. Havia um plano no ar, um plano de vingança, a apenas algumas horas de distância...

Piscando, Duiker tentou se concentrar no rosto diante dele, o rosto que contava todas essas notícias num tom de urgência. Mas o primeiro sinal de reconhecimento fez o historiador voltar cambaleando para dentro da própria mente. Havia dor demais nas lembranças que aquele reconhecimento lhe trazia. Recuou um passo.

A figura estendeu a mão forte, que se fechou sobre a camisa esfarrapada de Duiker e puxou o historiador para perto mais uma vez. A boca barbuda se mexia, dando forma a palavras. E eram palavras exigentes, zangadas:

– ... para você, historiador! São as suposições, você não vê? Nossos únicos relatos vieram daquele nobre, Nethpara. Mas precisamos da avaliação de um soldado... Você entende? Cacete, é quase de manhã!

– O quê? Do que você está falando?

O rosto de Blistig se contorceu.

– Mallick Rel conseguiu dobrar Pormqual. Só o Encapuzado sabe como, mas conseguiu! Vamos atacar o exército de Korbolo... E em menos de uma hora, enquanto ainda estão bêbados, exaustos. Vamos marchar, Duiker! Você me entende?

Cruel... tão cruel...

– Há quantos lá? – insistiu Blistig. – Precisamos de estimativas confiáveis...

– Milhares. Dezenas de milhares. Centenas...

– Pense, cacete! Se conseguirmos liquidar esses bastardos... ainda antes de Sha'ik chegar...

– Não sei, Blistig! O exército aumentava a cada quilômetro amaldiçoado pelo Encapuzado!

– Nethpara calcula que sejam menos de dez mil...

– O homem é um tolo.

– Também está atribuindo a morte de milhares de refugiados inocentes a Coltaine...

– O... *O quê?* – O historiador cambaleou e, se não fosse por Blistig, teria caído.

– Você não vê? Sem você, Duiker, é essa a versão do que aconteceu lá fora que prevalecerá. Já está se espalhando pelas fileiras, e isso é perturbador. A certeza está desmoronando... O desejo de vingança, enfraquecendo...

Era o bastante. O historiador teve um sobressalto. Arregalando os olhos, ele se aprumou.

– Onde ele está? Nethpara! Onde...?

– Está com Pormqual e Mallick Rel há dois sinos.

– Leve-me até lá.

Uma sucessão de toques de corneta de chifre ecoou atrás deles: a chamada para uma assembleia. O olhar de Duiker foi do comandante para as fileiras que se contraíam em formação. Ele fitou o céu e viu as estrelas enfraquecendo na abóbada celeste, que clareava.

– Pela presa de Fener! – grunhiu Blistig. – Pode ser tarde demais...

– Leve-me até Pormqual... Até Mallick Rel...

– Venha comigo, então.

Os refugiados despertavam à medida que os soldados da guarnição avançavam entre eles, dando início à tarefa de limpar o pátio e abrir espaço para o exército do Alto Punho.

Blistig passou pelo meio da multidão, com Duiker um passo atrás.

– Pormqual ordenou que minha guarda saia com eles – disse o comandante por sobre o ombro. – Retaguarda. Ele está desafiando minha autoridade. Minha tarefa é defender esta cidade, mas o Alto Punho andou recrutando meus soldados, drenando as companhias. Estou com trezentos, agora, e isso mal dá conta de defender os muros. Especialmente com os Lâminas Vermelhas detidos...

– Detidos! Por quê?

– Sangue das Sete Cidades... Pormqual não confia neles.

– Aquele tolo! São os soldados mais leais ao Império que já conheci...

– Eu concordo, historiador, mas minha opinião não vale nada...

– É melhor que a minha valha – retrucou Duiker.

Blistig parou, encarando o historiador.

– Você apoia a decisão do Alto Punho de atacar?

– Pelo Encapuzado, não!

– Por quê?

– Porque não sabemos quantos estão lá fora. Seria mais sábio esperar Tavore, mais sábio ainda deixar Korbolo atirar seus guerreiros contra estes muros...

Blistig assentiu.

– Nós os faríamos em pedaços. A pergunta é: você consegue convencer Pormqual de tudo o que me disse?

– Você conhece o homem – tornou Duiker. – Eu, não.

O comandante fez uma careta.

– Vamos.

Os estandartes do exército do Alto Punho flanqueavam um grupo de figuras montadas perto da entrada da avenida principal que dava para o pátio. Blistig guiou o historiador diretamente até eles.

Duiker viu Pormqual sentado sobre um magnífico cavalo de guerra. A armadura do Alto Punho era ornamentada, mais decorativa que funcional. De um dos lados do quadril se projetava o punho cravejado de joias de uma espada larga grisiana e seu elmo tinha um sol dourado no topo de ferro polido. O rosto de Pormqual parecia fraco e sem sangue.

Mallick Rel estava montado num cavalo branco ao lado do Alto Punho, com vestes de seda e desarmado. Usava um tecido azul da cor do mar envolvendo a cabeça. Vários oficiais, tanto montados quanto a pé, cercavam os dois, e entre esse grupo Duiker avistou Nethpara e Pullyk Alar.

Foi como se uma bruma vermelha tivesse descido sobre a cena quando Duiker cravou o olhar nos dois nobres. Apressando o passo, ele ultrapassou Blistig, que estendeu a mão para agarrar o historiador.

– Deixe isso para depois, homem. Antes você tem que lidar com uma responsabilidade mais urgente.

Tremendo, Duiker se forçou a conter o ódio. Conseguiu assentir.

– Vamos, o Alto Punho nos viu.

A expressão de Pormqual estava fria ao olhar Duiker. Sua voz soou estridente:

– Historiador, sua chegada é oportuna. Temos duas tarefas diante de nós hoje e ambas requerem sua presença...

– Alto Punho...

– Silêncio! Ouse me interromper outra vez e mandarei cortarem sua língua! – Pormqual parou, acalmando-se, e depois voltou a falar: – Primeiro de tudo, você irá nos acompanhar na batalha por vir. Testemunhar o meio adequado de lidar com aquela ralé. A venda de vidas de refugiados inocentes não é uma barganha que *eu* farei. Não repetiremos tragédias anteriores, crimes de traição anteriores! Os tolos lá fora só foram dormir agora e irão pagar caro por sua estupidez, eu garanto. Então, quando os renegados tiverem sido mortos, cuidaremos de outras responsabilidades, especialmente de sua prisão e da dos bruxos conhecidos como Nil e Nether, o que sobrou dos “oficiais” do comando horrendo de Coltaine. E eu garanto a você: a punição que se seguirá à sua condenação será proporcional à gravidade de seus crimes. – Ele fez um gesto, e um auxiliar trouxe a égua de Duiker. – Infelizmente, seu animal não está muito apto para a companhia, mas deverá bastar. Comandante Blistig, prepare seus soldados para marcharem. Desejamos que nossa retaguarda fique a não mais e não menos que trezentos passos de distância de nós. Confio que isso esteja dentro de sua capacidade. Se não estiver, me informe agora e eu alegremente colocarei outra pessoa no comando da guarnição.

– Sim, Alto Punho, a tarefa está dentro de minha capacidade.

O olhar de Duiker passou para Mallick Rel e o historiador chegou a se admirar com o rubor satisfeito que havia no rosto do sacerdote, mas só por um momento. *Ah, é claro, conflitos passados. Você não é um homem com quem valha a pena se meter, não é, Rel?*

Em silêncio, o historiador caminhou até sua montaria e subiu na sela. Pousou uma mão no pescoço magro e desgrenhado da égua e, depois, pegou as rédeas.

As companhias da vanguarda de cavalaria média estavam reunidas nos portões. Uma vez fora da cidade, pouco tempo seria perdido, pois os cavaleiros de guerra imediatamente se dividiriam numa manobra direcionada a cercar o acampamento de Korbolo, enquanto a infantaria verteria do portão para se reunir em falanges sólidas, marchando até a posição inimiga.

Blistig partira sem olhar para trás. Duiker encarou o portão distante, perscrutando as tropas reunidas ali.

– Historiador.

Ele virou a cabeça e olhou para Nethpara, que sorria.

– Você deveria ter me tratado com mais respeito. Suponho que veja isso agora, embora seja tarde demais para você.

Nethpara não percebeu Duiker tirando o pé do estribo.

– Pelos insultos que você cometeu contra minha pessoa... por pousar as mãos em mim, historiador, você sofrerá...

– Sem dúvida – interrompeu Duiker. – E aqui está um último insulto.

Ele chutou para cima, enterrando a ponta de sua bota no pescoço flácido do nobre. A traqueia se dobrou para dentro e a cabeça estalou para trás com um som de esmagamento, como um estouro. Nethpara tombou de costas, batendo pesadamente no chão, com os olhos fixos no céu pálido, sem enxergar.

Pullyk Alar guinchou. Soldados cercaram o historiador com as armas em riste.

– Fiquem à vontade – disse Duiker. – Recebo de bom grado o fim para tudo isso...

– Você não terá tanta sorte! – sibilou Pormqual, branco de raiva.

Duiker sorriu com escárnio para o homem.

– Você já me condenou. O que mais você vai fazer, seu monte de merda covarde? – Depois olhou para Mallick Rel. – Quanto a você, jhístal, chegue mais perto. Minha vida ainda não está completa.

O historiador não percebeu – nem ninguém mais – a chegada de um

capitão da guarnição de Blistig. O homem estava prestes a falar com Duiker para informá-lo de que a criança tinha sido entregue em segurança ao avô. Mas, ao ouvir a palavra “jhista!”, ele enrijeceu. Arregalando os olhos, recuou um passo.

Os portões foram abertos naquele instante e as tropas da cavalaria saíram. Houve uma ondulação em meio às legiões da infantaria quando os soldados aprontaram as armas.

Keneb recuou outro passo e aquela única palavra ecoou em sua mente. Ele a conhecia de algum lugar, mas a consciência completa da origem de suas lembranças lhe fugia, embora os alarmes continuassem tocando em sua mente. Uma voz lá dentro gritava que ele precisava encontrar Blistig. Não sabia ainda por quê, mas era crucial...

Mas seu tempo tinha acabado.

Keneb ficou assistindo ao exército avançar na direção do portão, com o olhar fixo. As ordens haviam sido dadas e o avanço não poderia mais ser contido.

O capitão recuou mais um passo, tendo esquecido suas palavras para Duiker. Tropeçou no corpo de Nethpara sem perceber, virou-se e, então, correu.

Sessenta passos adiante, a mente de Keneb foi inundada de repente com a lembrança da última vez tinha ouvido a palavra “jhista!”.

Duiker cavalgava com os oficiais montados na planície.

O exército de Korbolo Dom parecia estar em plena fuga, em pânico, embora o historiador notasse que ainda agarravam suas armas no caminho de volta ao monte, passando pela encosta que dava para ele. A cavalaria do Alto Punho avançava velozmente dos dois lados, rapidamente ultrapassando os soldados da infantaria ao avançarem para completar o cerco. Ambas as alas cavalgavam fora do campo de visão do historiador, para dentro do cemitério uniformemente distribuído.

As legiões do Alto Punho se moviam apenas em uma marcha acelerada, silenciosas e determinadas. Não tinham esperança de alcançar o exército em fuga até a cavalaria ter completado o cerco, fechando todas as rotas de fuga.

– Como você previu, Alto Punho! – gritou Mallick Rel para Pormqual enquanto seguiam num galope brando. – Eles estão sendo direcionados!

– Mas não vão escapar, vão? – Pormqual riu, sentado de modo assimétrico sobre a sela.

Deuses abaixo, o Alto Punho sequer sabe cavalgar.

A perseguição os levou até o primeiro túmulo e cavalgaram em meio aos cadáveres dos soldados do Sétimo e dos wickanos. Os corpos pilhados se espalhavam para o norte numa larga faixa, como um verdadeiro mapa da rota da grande batalha de Coltaine, indo até outro túmulo e, depois, formando um círculo na base do seguinte. Duiker lutou contra o desejo de vasculhar os cadáveres em busca de rostos familiares entre aquelas expressões desconhecidas de morte. Olhava para a frente, analisando os renegados em fuga.

Pormqual de vez em quando reduzia o passo, a fim de se manter em meio à infantaria. As alas da cavalaria estavam em algum lugar adiante e não haviam reaparecido. Enquanto isso, os milhares de soldados fugitivos continuavam à frente das falanges, varrendo os túmulos, deixando pilhagens para trás conforme avançavam.

O Alto Punho e seu exército seguiam em franca perseguição, descendo até uma grande depressão. Para lá estavam sendo conduzidos os inimigos, que agora se apinhavam e começavam a subir as encostas suaves. Poeira envolvia os cumes a leste e a oeste, assim como a região diante deles.

– O cerco está completo! – gritou Pormqual. – Veja a poeira!

Duiker franziu a testa para a poeira. Ouviu sons fracos de batalha. Um instante depois, os sons começaram a diminuir, enquanto a poeira aumentava e escurecia.

A infantaria desceu para a depressão em marcha.

Algo está errado...

Por todos os lados, os soldados fugitivos haviam alcançado os cumes, exceto o sul. No entanto, em vez de continuarem sua fuga aterrorizada, diminuíram o ritmo, aprontaram as armas e deram meia-volta.

A cortina de fumaça subiu ainda mais por trás dos guerreiros. Então figuras montadas apareceram... não a cavalaria de Pormqual, mas cavaleiros tribais. Logo depois, o círculo de soldados de infantaria engrossou, à medida que fileira após fileira se reunia a eles.

Duiker virou sobre a sela. A cavalaria das Sete Cidades delineava o horizonte ao sul, fechando a rota de fuga atrás deles.

E assim caímos na mais simples das armadilhas, deixando Aren indefesa...

– Mallick! – guinchou Pormqual. – O que está acontecendo? O que aconteceu?

Aos solavancos, o sacerdote virava a cabeça em todas as direções, com o queixo caído.

– Traição! – sibilou. Virou seu cavalo branco, com os olhos fixos em Duiker. – Isso é culpa sua, historiador! Parte da barganha de que Nethpara falou! Mais do que isso: estou vendo feitiçaria ao seu redor, agora... Você andou se comunicando com Korbolo Dom! Deuses, como fomos tolos!

Duiker ignorou o homem, estreitando os olhos ao analisar o cenário ao sul. As unidades finais do exército de Pormqual tinham se virado para encarar a ameaça em sua retaguarda. As alas da cavalaria de Pormqual claramente haviam sido aniquiladas.

– Estamos cercados! Eles são dezenas de milhares! Seremos chacinados! – O Alto Punho sacudiu o dedo na direção do historiador. – Matem-no! Matem-no agora!

– Espere! – gritou Mallick Rel, virando-se para Pormqual. – Por favor, Alto Punho, deixe isso comigo, eu imploro. Tenha certeza de que calcularei a punição exata!

– Como quiser, então, mas... – Pormqual olhou feio ao redor. – O que vamos fazer, Mallick?

O sacerdote apontou para o norte.

– Ali, cavaleiros se aproximam trazendo uma bandeira branca. Vamos ver o que Korbolo Dom propõe, Alto Punho! O que temos a perder?

– Não posso falar com eles! – balbuciou Pormqual. – Não consigo pensar! Mallick... Por favor!

– Muito bem – consentiu o sacerdote jhista. Ele fez sua montaria dar a volta, enfiou os calcanhares com esporas nos flancos do animal e cavalgou até as fileiras confusas do exército encurralado do Alto Punho.

A meio caminho da distante encosta norte, os cavaleiros de ambos os lados se encontraram. A negociação durou menos de um minuto. Em seguida, Mallick Rel deu a volta e retornou.

– Se pressionarmos, podemos dividir as tropas do norte – disse Duiker, em voz baixa, para o Alto Punho. – Uma retirada em combate, de volta até os portões da cidade...

– Não quero ouvir mais nenhuma palavra vinda de você, traidor!

Mallick Rel chegou, com a expressão cheia de esperança.

– Korbolo Dom já derramou sangue demais, Alto Punho! A carnificina de ontem o deixou enjoado!

– O que ele propõe, então? – perguntou Pormqual, inclinando-se para a frente.

– Nossa única esperança, Alto Punho. Você deve ordenar ao seu exército que todos baixem as armas e as passem para eles. Depois, devem recuar, numa massa compacta, até o centro desta depressão. Eles serão prisioneiros de guerra e, portanto, tratados com misericórdia. Quando a você e a mim, seremos feitos reféns. Quando Tadore chegar, nosso retorno honroso será providenciado. Alto Punho, não temos escolha nessa questão...

Uma exaustão estranha dominou Duiker enquanto ele ouvia. Sabia que não havia nada que pudesse dizer para fazer o Alto Punho mudar de ideia. Desmontou devagar, pôs a mão embaixo de sua égua e soltou o arreio da barriga.

– O que está fazendo, traidor? – exigiu saber Mallick Rel.

– Estou libertando meu animal – disse o historiador, de forma sensata. –

O inimigo não perderá tempo com ela, desgastada demais para ter qualquer utilidade. Ela voltará até Aren. É o mínimo que posso fazer por esta égua.

Ele retirou a sela, jogou-a no chão e, então, tirou o freio da boca do animal.

O sacerdote encarou Duiker por mais um momento, franzindo a testa de leve. Em seguida, virou-se para o Alto Punho.

– Eles aguardam nossa resposta.

Duiker se aproximou da cabeça da égua e colocou a mão no focinho macio.

– Cuidado – sussurrou.

Depois recuou e deu um tapa na anca do animal. A égua saltou para longe, deu a volta e trotou para o sul, como Duiker sabia que faria.

– Que escolha eu tenho? – sussurrou Pormqual. – Ao contrário de Coltaine, tenho que levar meus soldados em consideração... Suas vidas valem tudo... A paz voltará a esta terra, cedo ou tarde...

– Milhares de maridos, esposas, pais e mães abençoarão o seu nome, Alto Punho. Se lutasse agora, procurando aquele final amargo e sem sentido, ah, eles amaldiçoariam seu nome por toda a eternidade.

– Não posso aceitar isso – concordou Pormqual. Ele encarou seus oficiais. – Baixem as armas. Espalhem as ordens. Todas as armas devem ser passadas para o entorno das tropas e deixadas lá. Depois, as fileiras devem recuar até o centro da depressão.

Duiker encarou os quatro capitães, que ouviram em silêncio as ordens do Alto Punho. Um longo momento se passou até que finalmente os oficiais batessem continência e se afastassem.

Duiker deu as costas a eles.

O desarmamento levou cerca de uma hora; os soldados malazanos entregaram todas as suas armas em silêncio. O armamento foi empilhado no chão, pouco além das falanges das tropas, e então os soldados recuaram para

o centro da bacia, formando fileiras espremidas e inquietas.

Guerreiros tribais a cavalo se aproximaram e recolheram as armas. Vinte minutos depois, já se amontoava na depressão um exército de dez mil malazanos, desarmados, desamparados.

A vanguarda de Korbolo Dom se separou das tropas da cordilheira ao norte e desceu até onde estava o Alto Punho.

Duiker observou o grupo que se aproximava. Viu Kamist Reloe, um punhado de chefes de guerra, duas mulheres desarmadas, provavelmente magas, e o próprio Korbolo Dom. Era um mestiço de napaniano atarracado que, tendo raspado todos os pelos do corpo, exibia uma teia emaranhada de cicatrizes. Ele sorriu ao parar com seus companheiros diante do Alto Punho, de Mallick Rel e dos outros oficiais.

– Muito bem – grunhiu, fitando o sacerdote.

O jhista!l desmontou, se adiantou e fez uma reverência.

– Eu lhe entrego o Alto Punho Pormqual e seus dez mil. Além disso, entrego a cidade de Aren, em nome de Sha'ik...

– Errado – disse Duiker, soltando uma gargalhada. Mallick Rel o encarou e o historiador continuou: – Você não entregou Aren, jhista!l.

– Que alegações são essas agora, velho?

– Estou surpreso que você não tenha notado – disse o historiador. – Ocupado demais se regozijando, eu acho. Olhe mais de perto as companhias ao seu redor, especialmente aquelas ao sul...

Mallick estreitou os olhos ao vasculhar as legiões reunidas. Depois empalideceu.

– Blistig!

– Parece que o comandante e sua guarnição decidiram ficar para trás, afinal de contas. Admito, são apenas duzentos ou trezentos, mas nós dois sabemos que isso será o suficiente para durar uma semana, até Tavore chegar. Os muros de Aren são altos... e bem impregnados de otataral, acredito, à prova de feitiçaria. Pensando nisso, eu imagino que os Lâminas Vermelhas estejam se posicionando nos muros neste mesmo instante, assim

como a guarnição. Você falhou em sua traição, jhista. Falhou.

O sacerdote avançou, estalando as costas da mão contra o rosto de Duiker. O historiador girou com impacto selvagem do golpe; os anéis da mão do homem arranharam uma das bochechas do historiador, fazendo explodir os cortes ainda mal curados dos lábios e do queixo. Ele caiu no chão e, então, sentiu algo se despedaçar contra seu peito.

Duiker se forçou a ficar de pé, com o sangue escorrendo em seu rosto lacerado. Olhando para o chão, esperou ver fragmentos minúsculos de vidro quebrado, mas não havia nenhum. A correia de couro ao redor de seu pescoço não tinha mais nada.

Mãos o puseram em pé de forma grosseira e o arrastaram para encarar Mallick Rel mais uma vez.

O sacerdote ainda tremia.

– Sua morte será...

– Silêncio! – vociferou Korbolo. Ele fitou Duiker. – Você é o historiador que cavalgava com Coltaine.

O historiador o encarou.

– Sou.

– Você é um soldado.

– Como quiser.

– Quero, e portanto você morrerá como esses soldados, da mesma maneira...

– Você quer mesmo assassinar dez mil homens e mulheres desarmados, Korbolo Dom?

– Eu quero é aleijar Tadore antes mesmo que ela pise neste continente. Quero deixá-la furiosa demais para pensar. Quero quebrar aquela fachada, para que ela sonhe com vingança dia e noite, e que isso envenene cada uma de suas decisões.

– Você sempre se julgou o Punho mais severo do Império, não é, Korbolo Dom? Como se a crueldade fosse uma virtude...

O comandante de pele azul-clara simplesmente deu de ombros.

– Melhor se reunir aos outros agora, Duiker. Um soldado do exército de Coltaine merece isso. – Korbolo se virou para Mallick. – Minha misericórdia, entretanto, não se estende àquele soldado cuja flecha roubou nosso prazer de torturar Coltaine. Onde ele está, sacerdote?

– Desapareceu, infelizmente. Foi visto pela última vez uma hora depois do feito. Blistig e seus soldados procuraram por todo lado, sem sucesso. Mesmo que agora ele tenha sido encontrado, sinto dizer que está na guarnição.

O Punho renegado fechou a cara.

– Houve decepções neste dia, Mallick Rel.

– Korbolo Dom, senhor! – disse Pormqual, ainda com uma expressão incrédula. – Não estou entendendo...

– Claro que não – concordou o comandante renegado, contorcendo o rosto, aborrecido. – Jhystal, você tem algum destino especial em mente para este tolo?

– Nenhum, ele é todo seu.

– Não posso conceder a ele o mesmo sacrifício digno que tenho em mente para os demais soldados. Temo que isso deixaria um gosto amargo em minha boca. – Korbolo Dom hesitou, depois suspirou e gesticulou de leve com a mão.

A cimitarra de um chefe de clã lampejou atrás do Alto Punho, arrancando a cabeça do homem de seus ombros e fazendo-a voar. O cavalo de guerra disparou, alarmado, e cruzou o círculo de soldados. O belo animal galopou em meio aos malazanos desarmados, carregando seu fardo sem cabeça. Duiker viu que o cadáver do Alto Punho cavalgava com uma graça que não tinha em vida, seguindo seu caminho até que mãos se estendessem para acalmar o cavalo assustado. Então o corpo de Pormqual deslizou para um dos lados, caindo nos braços que por ele esperavam.

Poderia ter sido sua imaginação, mas Duiker achou ter ouvido a risada áspera de um deus.

Estacas não faltavam, mas levou um dia e meio até que o último prisioneiro fosse pregado, aos berros, ao derradeiro cedro da linha que acompanhava o Caminho de Aren.

Dez mil malazanos mortos e moribundos agora encaravam aquela estrada imperial engenhosamente projetada; seus olhos não viam nada, ou pelo menos não podiam mais compreender o que enxergavam. Fazia pouca diferença.

Duiker foi o último. As estacas enferrujadas atravessaram seus pulsos e a parte de cima dos braços, a fim de prendê-lo no lugar, bem alto no tronco de uma árvore já manchada de sangue. Mais estacas foram cravadas em seus tornozelos e nos músculos da parte externa das coxas.

A dor era diferente de qualquer coisa que o historiador já tinha sentido antes. Pior ainda era saber que aquela dor o acompanharia durante toda a jornada até a perda total da consciência. Com ela – um trauma adicional – vinham as imagens gravadas dentro dele: quase quarenta horas sendo guiado a pé pelo Caminho de Aren, assistindo a cada um daqueles dez mil soldados se juntarem à crucificação em massa, numa corrente de sofrimento que se estendia por 15 quilômetros e cujos elos eram formados por dezenas de homens e mulheres pregados a cada uma das árvores, em cada espaço disponível nos troncos grandes e largos.

Quando sua vez finalmente chegou, o historiador já tinha passado havia muito tempo da fase do choque. Era o último soldado, destinado a fechar a corrente humana, sendo arrastado até a árvore, andaime acima, e empurrado contra o tronco áspero, tendo os braços forçados para longe do corpo, sentindo a mordida fria das estacas de ferro pressionadas contra a pele. E, depois, quando as marretas bateram, a explosão de dor soltou seus intestinos, deixando-o manchado de sujeira e se contorcendo. A dor maior veio quando tiraram o andaime que havia debaixo dele e todo o seu peso caiu sobre as estacas com as quais tinha sido pregado ali. Até aquele momento, acreditava já ter sentido toda a agonia humanamente possível.

Estava errado.

Depois do que pareceu uma eternidade, quando os guinchos incessantes de sua carne rasgada afogaram todo o resto que havia dentro de Duiker, uma clareza fria e calma emergiu e pensamentos dispersos e errantes se levantaram em meio a sua consciência evanescente.

O fantasma jaghut... Por que penso nele agora? Naquela eternidade de sofrimento? O que ele é para mim? O que é qualquer um ou qualquer coisa para mim, agora? Eu espero os Portões do Encapuzado, finalmente... A hora das lembranças, dos arrependimentos e das compreensões já passou. Você deve ver isso agora, velho. Sua soldado naval sem nome o espera, e Bult e o cabo Lista, e Bonança e Sulmar e Moedor. Kulp e Heboric também, provavelmente. Você deixa um lugar de estranhos agora e vai para um local repleto de companheiros, de amigos.

É o que alegam os sacerdotes do Encapuzado.

É o último presente. Já acabei minha parte neste mundo, pois estou sozinho nele. Sozinho.

Um rosto spectral, com presas, apareceu diante dos olhos de sua mente e, embora nunca o tivesse visto antes, o historiador sabia que o jaghut o encontrara. A mais grave das paixões enchia os olhos da criatura inumana, uma paixão que Duiker não conseguia entender.

Por que se afligir, jaghut? Eu não assombrarei a eternidade como você. Não retornarei a este lugar, não sofrerei novamente as perdas que um mortal sofre na vida. O Encapuzado está prestes a me abençoar, jaghut... Não precisa se afligir...

Esses pensamentos ecoaram só por mais um instante, até o rosto devastado do jaghut esvanecer e a escuridão se fechar sobre o historiador, aproximando-se até finalmente engoli-lo.

E, com isso, a consciência cessou.

CAPÍTULO 23

Laseen enviou Tavore
correndo pelos mares
para agarrar a mão de Coltaine
e, ao fechar os dedos,
ela segurou ossos bicados por corvos.

A rebelião de Sha'ik, Wu

Kalam se atirou nas sombras ao pé de um muro baixo e gasto, e então arrastou o cadáver ainda quente para cima de si. Abaixou a cabeça, mantendo-se imóvel e lutando para acalmar a respiração.

Alguns momentos depois, passos leves soaram nos paralelepípedos da rua. Uma voz sibilou, irritada, ordenando que parassem.

– Eles o perseguiram – sussurrou outro caçador. – E aí ele os emboscou... bem aqui. Deuses! Que tipo de homem ele é?

Uma terceira Garra falou:

– Ele não pode estar muito longe...

– Claro que está perto – rosnou o líder, o que tinha mandado os outros pararem. – Ele não tem asas, tem? Não é imortal, não é imune aos encantamentos de nossas lâminas. Chega desses resmungos, ouviram? Agora se espalhem. Você, lá em cima, naquele lado. E você, lá em cima, no outro. – A feitiçaria lançou seu sopro gelado. O líder completou: – Eu ficarei no meio.

Sim, e invisível, o que quer dizer que você será o primeiro, desgraçado.

Kalam escutou os outros dois partirem. Conhecia o padrão que iriam assumir: os dois nos flancos iriam à frente e o líder, oculto por feitiçaria,

ficaria para trás, controlando ora um, ora o outro caçador com o olhar, vasculhando entradas de becos, telhados, com uma besta sem arestas em cada mão. Kalam esperou mais um momento, depois saiu de baixo do corpo devagar e em silêncio, ainda agachado.

Andou lentamente até a rua, sem fazer nenhum som com os pés descalços. Para alguém que sabia o que procurar, era bem simples discernir a massa de escuridão que avançava cautelosamente vinte passos à frente. Não sendo um feitiço fácil de se manter, acabava sendo mais fraco na parte de trás. Assim Kalam conseguia distinguir uma leve insinuação da figura que se movia dentro da massa escura.

Ele cruzou a distância como se fosse um leopardo em disparada. Um dos cotovelos de Kalam se uniu à base do crânio do líder, matando-o instantaneamente. O assassino pegou uma das bestas antes que ela atingisse os paralelepípedos, mas a outra escapou, caindo e escorregando pela rua. Praguejando baixo, Kalam continuou em disparada, virando para a direita, na direção da entrada de um beco que estava, agora, vinte passos atrás do homem que cuidava daquele lado.

Ele mergulhou ao ouvir o estalo abafado de uma besta e sentiu a seta rasgar sua capa. Depois rolou para dentro dos limites estreitos do beco, deslizando sobre legumes podres. Ratos se espalharam, saindo de seu caminho, quando ele ficou em pé e disparou para sombras ainda mais profundas.

Uma alcova apareceu à sua esquerda e ele girou, entrando de costas na escuridão. Pegou a própria besta. Duplamente armado, Kalam esperou.

Uma figura apareceu em seu campo de visão, avançando com cautela, e parou bem na sua frente, a não menos de 2 metros.

A mulher desviou, girando, no instante em que Kalam atirou, e o assassino soube que tinha errado. Entretanto, o punhal dela, não. A lâmina, lampejando na mão da mulher, emitiu um ruído surdo ao atingir o assassino pouco abaixo da clavícula direita. Uma segunda arma – uma estrela de ferro – foi cravada na porta de madeira da alcova ao lado do rosto de Kalam.

Ele pressionou o gatilho da segunda besta. A seta atingiu a mulher no baixo ventre. Ela tombou e morreu pelo veneno do paralto branco antes mesmo de parar de se mover.

Kalam não tinha morrido, o que significava que a arma cravada em seu peito devia estar limpa. Ele se agachou, baixando as duas bestas para o chão. Então segurou e retirou a faca, ajustando a empunhadura.

Já havia usado todas as suas outras armas, embora ainda tivesse os alicates e o saquinho de alfinetes.

O último caçador estava perto, esperando que Kalam aparecesse outra vez. O homem sabia exatamente onde ele estava escondido e o corpo na frente do assassino era a indicação mais óbvia de sua posição.

E agora?

O lado direito de sua camisa estava molhado e pegajoso, e Kalam podia sentir o calor do sangue que vertia e escorria por seu corpo. Aquele era o terceiro dos ferimentos menores que ele tinha sofrido naquela noite: além dele e da facada no barco, uma estrela de atirar tinha encontrado suas costas na penúltima escaramuça. Armas assim nunca eram envenenadas, já que seria arriscado demais para quem as atirava, mesmo com luvas. O avental pesado acabara absorvendo a maior parte do impacto, e o assassino esfregara a estrela contra uma parede para soltá-la.

A disciplina mental que vinha usando para diminuir o ritmo do fluxo de sangue dos vários machucados agora estava em frangalhos. Ele enfraquecia. E rápido.

Kalam olhou para o alto. Bem acima dele havia a parte inferior de uma varanda de madeira: as escoras com pintura lascada estavam a pouco mais de 2 metros do chão. Com um pulo, ele talvez fosse capaz de alcançar uma, mas seria um negócio barulhento e, ainda que tivesse sucesso, ficaria indefeso.

Pegou os alicates, retirando-os do laço que os prendia ao avental. Segurando a faca ensanguentada com os dentes, Kalam se levantou devagar, estendendo as ferramentas para o alto. Ele as fechou sobre a escora.

Agora, será que essa coisa maldita vai segurar meu peso?

Agarrando os cabos dos alicates com força, ele retesou os ombros com cautela e se puxou para cima 2 centímetros, depois mais 2. A escora não soltou um rangido sequer e ele imaginou que a viga de madeira provavelmente se estendia até uma cavidade profunda dentro da parede de pedra. Continuou a se puxar para cima.

O desafio era manter o silêncio, pois qualquer sussurro ou ruído alertaria seu caçador. Com os braços e os ombros tremendo, Kalam puxou as pernas para cima, uma fração por vez. Colocou a direita ainda mais para o alto e, depois, a deslocou – primeiro o pé – até a lacuna triangular acima da escora.

Usando a perna como um gancho, ele se alçou, finalmente aliviando a tensão dos braços e ombros.

Ficou pendurado ali, imóvel, durante um longo minuto.

Garras gostavam de jogos de esperar; eram imbatíveis em competições de paciência. Seu caçador evidentemente tinha concluído que se tratava de um desses jogos e tinha a intenção de vencê-lo.

Bem, meu caro estranho, eu não jogo segundo suas regras.

Soltou os alicates, estendeu as ferramentas e as ergueu na direção no piso da varanda. Aquela era a parte mais arriscada, pois não fazia ideia do que havia no andar acima dele. Kalam sondou minuciosamente com os alicates até não conseguir alcançar mais longe. Então soltou as ferramentas e as deixou ali.

A faca continuava firme entre seus dentes, enchendo a boca com o gosto de seu sangue. Com ambas as mãos livres, ele agarrou o rebordo da varanda, tirou muito lentamente seu peso da escora e se projetou para cima. Escalando a balaustrada com as mãos, passou uma das pernas para o outro lado e, logo depois, já estava agachado no piso da varanda, com os alicates a seus pés.

Vasculhou a área. Identificou painéis de barro com várias ervas; um forno de pão, construído sobre uma fundação de tijolos, ocupava um dos cantos e o calor que irradiava de lá alcançou o rosto frio de suor do

assassino.

Um alçapão fechado com uma barra, através do qual uma pessoa teria de rastejar para passar, oferecia o único caminho para o outro lado, dentro do quarto.

Seu olhar atento acabou encontrando os olhos de um cachorrinho, agachado no canto oposto ao do forno de pão. De pelos negros, músculos compactados e focinho e orelhas de raposa, a criatura mastigava metade de um rato. Enquanto fazia isso, observava cada um dos movimentos de Kalam com aqueles olhos negros e perspicazes.

Kalam soltou um suspiro muito baixo. *Outra fama ambígua da cidade de Malaz: o rateiro malazano, criado justamente por conta de sua insanidade destemida.* Não havia como prever o que o cachorro faria quando decidisse que sua refeição havia acabado. Poderia vir lambe a mão do assassino. Poderia arrancar seu nariz.

Kalam observou o cãozinho farejar a carne mutilada entre as patas, para depois devorá-la, mastigando durante muito tempo, enquanto ainda examinava o assassino. Em seguida, o animal comeu o rabo do rato, engasgando brevemente – o som mal chegava a ser um sussurro –, antes de conseguir engolir toda a sua extensão.

O rateiro lambeu as patas da frente, se ergueu, sentando, e abaixou a cabeça para lambe outro lugar. Então encarou o assassino, que sangrava.

O latido explodiu no ar noturno, num frenesi que fez o rateiro saltar em círculos com o esforço.

Kalam pulou para a balaustrada da varanda. Um borrão de movimento disparou por baixo dele, para dentro do beco. Ele mergulhou direto para lá, com a faca de atirar na mão esquerda.

Enquanto caía pelo ar, teve certeza de que estava acabado. Seu caçador solitário tinha encontrado aliados: mais uma Mão inteira.

A feitiçaria entrou em erupção, atingindo Kalam como um punho gigantesco. A faca voou de seus dedos moles. Girando, teve sua trajetória interrompida pelo ataque do mago. Acabou errando o alvo e atingindo os

paralelepípedos com força, batendo neles com o lado esquerdo do corpo.

O latido maníaco acima continuava, inalterado.

O alvo que Kalam antes pretendia atingir avançou sobre ele, com as lâminas cintilando. O assassino ergueu as pernas e chutou, mas o homem passou direto por elas, com um movimento hábil. As lâminas das facas assentaram sobre as costelas de Kalam, dos dois lados. O caçador estalou a testa contra seu nariz e uma luz explodiu atrás dos olhos do assassino.

De repente, depois que o caçador tinha recuado, montando sobre Kalam, e erguido as duas facas, um feixe negro, rosnando, aterrissou bem na cabeça do homem. O caçador guinchava enquanto caninos protuberantes, semelhantes a navalhas, abriam um corte na lateral de seu rosto.

Kalam pegou e quebrou um dos pulsos do homem, arrancando a faca da mão espasmódica.

Em desespero, o caçador tentava apunhalar o rateiro com a outra faca, sem muita sorte. Então jogou a arma fora e passou a tentar simplesmente alcançar o cachorro, que esperneava.

Kalam afundou a faca no coração do caçador.

Empurrando o corpo, o assassino ficou sentado, meio tonto... e viu que estava cercado.

– Pode mandar seu cachorro parar agora, Kalam – disse uma mulher.

Ele olhou para o animal: o cachorro não tinha diminuído os ataques. O sangue salpicava os paralelepípedos ao redor da cabeça e do pescoço do cadáver.

– Infelizmente, não é meu – grunhiu Kalam. – Embora eu desejasse ter cem animais como esse aí.

Seu nariz quebrado latejou. Lágrimas vertiam de seus olhos, unindo-se ao fluxo de sangue que pingava dos lábios e do queixo.

– Ah, pelo sopro do Encapuzado! – A mulher se virou para um dos caçadores. – Mate logo essa coisa maldita...

– Não é necessário – disse Kalam, avançando.

Ele estendeu a mão, pegou a criatura pela nuca e a jogou de volta na

varanda. O rateiro malazano ganiu, transpondo a balaustrada, para então sumir de vista. Um selvagem deslizar de garras anunciou que ele tinha pousado.

Uma voz vacilante se fez ouvir do alçapão da varanda.

– Florzinha, querido, se acalme. Você é um bom menino.

Kalam fitou a líder.

– Está bem, então – disse ele. – Termine logo com isso.

– Com prazer...

O impacto de uma seta atirou a mulher nos braços de Kalam e a grande ponta afiada que se projetou de seu peito quase espetou o assassino. Os outros quatro caçadores mergulharam nas sombras para se esconder, sem saber o que tinha acabado de chegar. Cascos de cavalo soaram alto no beco.

Kalam ficou boquiaberto ao ver o garanhão disparando até ele. Agachada sobre a sela e puxando para trás a garra de uma besta como as usadas pelos soldados navais, lá estava Minala.

O assassino deu um passo para o lado apenas um segundo antes de ser pisoteado. Kalam agarrou uma beirada da sela e deixou o impulso do próprio animal atirá-lo para cima, indo parar atrás de Minala. Ela jogou a besta em suas mãos.

– Nos dê cobertura!

Girando, Kalam viu quatro formas atrás deles e atirou. Os caçadores se jogaram no chão como se fossem um só. A seta voou até uma parede e deslizou para dentro da escuridão.

O beco se abriu numa rua. Minala virou o garanhão para a esquerda. Os cascos deslizaram, soltando faíscas. Endireitando-se depois da manobra, o cavalo disparou.

O distrito do porto da cidade de Malaz era um emaranhado de ruas e becos estreitos e curvos, aparentemente impossíveis para um cavalo a pleno galope, ainda mais na calada da noite. Os minutos seguintes foram marcados pela cavalgada mais selvagem que Kalam já tinha visto. A habilidade de Minala era de tirar o fôlego.

Depois de um tempo, Kalam se inclinou para perto dela.

– Para onde você está nos levando, em nome do Encapuzado? A cidade inteira está infestada de Garras, mulher...

– Eu sei, cacete!

Ela conduziu o garanhão até uma ponte de madeira. Olhando para cima, o assassino viu o bairro elevado e, depois dele, uma forma negra imensa: o penhasco... e a Fortaleza do Escárnio.

– Minala!

– Você queria a imperatriz, certo? Bem, seu desgraçado, ela está bem ali... na Fortaleza do Escárnio!

Ah, pela sombra do Encapuzado!

Os azulejos cederam sem que soltassem um som sequer. O negrume frio engoliu os quatro viajantes.

A queda terminou abruptamente, num impacto de abalar os ossos, contra ladrilhos lisos e encerados.

Grunhindo, Violinista se sentou, com a mochila de munições ainda presa aos ombros. Na queda, acabou machucando o tornozelo ainda não completamente curado e a dor foi excruciante. Cerrando os dentes, olhou ao redor. Os outros estavam inteiros, ao que parecia, levantando-se devagar.

Estavam todos numa sala redonda, uma réplica perfeita daquela que haviam deixado em Tremorlor. Por um momento, o sapador temeu que tivessem simplesmente voltado para lá, mas depois sentiu o cheiro de sal no ar.

– Estamos aqui – disse ele. – Casa dos Mortos.

– Por que tem tanta certeza? – exigiu saber Crokus.

Violinista engatinhou até uma parede e se pôs em pé. Testou a perna e estremeceu.

– Sinto o cheiro da baía de Malaz. E percebam como o ar está úmido. Esta não é Tremorlor, garoto.

– Mas poderíamos estar em qualquer Casa, em qualquer lugar perto de uma baía...

– Poderíamos – admitiu o sapedor.

– Só tem um jeito de descobrir – disse Apsalar, sensata. – Você machucou seu tornozelo de novo, Violinista.

– Sim. Queria que Mappo estivesse aqui com os elixires...

– Consegue andar? – perguntou Crokus.

– Não tenho muita escolha.

O pai de Apsalar se aproximou da escada e olhou para baixo.

– Tem alguém em casa – disse ele. – Estou vendo luz de lampião.

– Ah, isso é maravilhoso – resmungou Crokus, desembainhando as facas.

– Guarde isso – disse Violinista. – Ou somos convidados, ou estamos mortos. Vamos nos apresentar?

Desceram até o piso principal. Com Violinista pesadamente apoiado sobre o daru, atravessaram uma porta aberta e entraram num corredor. Lâmpioes brilhavam em nichos ao longo de toda a extensão e um bruxuleio de chamas vinha das portas duplas abertas no outro lado.

Como em Tremorlor, uma imensa armadura preenchia a alcova que havia na metade do corredor. Aquela, no entanto, dava sinais de ter participado de uma batalha bem séria.

O grupo parou brevemente para encará-la, em silêncio, antes de continuar até as portas abertas.

Com Apsalar à frente, entraram na câmara principal. As chamas na lareira de pedra pareciam queimar sem combustível e um estranho negrume em suas pontas revelava que se tratava de um pequeno portal, aberto para um Labirinto de fogo incessante.

Uma figura encarava as chamas, em pé, de costas para eles. O homem, sólido e de ombros largos, com pelo menos 2 metros de altura, trajava vestes de um ocre desbotado. Um rabo de cavalo comprido, cor de ferro e amarrado pouco acima da lombar com um pedaço de corrente opaca, descia por entre seus ombros.

Sem se virar, o guardião falou, numa voz baixa e ressoante:

– O seu fracasso em aprisionar Icarium foi notado.

Violinista grunhiu:

– No final, não era nosso trabalho. Mappo...

– Ah, sim, Mappo – interrompeu o guardião. – O trell. Ele caminhou ao lado de Icarium por tempo demais, ao que parece. Há deveres que superam a amizade. Os Anciões o feriram profundamente quando destruíram um assentamento inteiro e culparam Icarium. Eles imaginaram que isso bastaria. Um Observador era desesperadamente necessário. Aquele que tinha essa responsabilidade antes acabou tirando a própria vida. Por meses, Icarium andou sozinho, e a ameaça era grande demais.

As palavras penetraram Violinista, rasgando seu interior. *Não, Mappo acredita que Icarium destruiu seu lar, assassinou sua família, todos que conhecia. Não, como vocês puderam fazer isso?*

– A Azath trabalhou por muito tempo para prender o jhag, mortais.

O homem se virou para eles então. Presas imensas emolduravam sua boca, projetando-se do lábio inferior. O tom esverdeado de sua pele envelhecida o fazia parecer fantasmagórico, apesar da luz quente da lareira. Olhos da cor de gelo sujo os encararam.

Violinista fitou o homem, vendo algo em que não podia acreditar: a semelhança era inequívoca; cada feição, um eco. Sua mente rodopiou.

– Meu filho deve ser interrompido. Sua fúria é um veneno – disse o jaghut. – Algumas responsabilidades superam a amizade, superam até o sangue.

– Sentimos muito – disse Apsalar, baixo, depois de um momento. – Mas a tarefa sempre esteve além de nossa capacidade, além destes que você vê aqui.

Os olhos frios e inumanos a encararam.

– Talvez você esteja certa. É minha vez de pedir desculpas. Eu tinha tantas... esperanças.

– Por quê? – sussurrou Violinista. – Por que Icarium é tão amaldiçoado?

O jaghut inclinou a cabeça. Então se voltou para o fogo de maneira abrupta.

– Labirintos feridos são uma coisa perigosa. *Ferir* um é ainda mais perigoso. Meu filho buscou um modo de me libertar da Azath. Falhou. E foi... ferido. Ele não entendia, e agora nunca irá compreender, que estou feliz aqui. Há poucos lugares em todos os reinos que oferecem paz a um jaghut, ou pelo menos a paz que somos capazes de alcançar. Ao contrário de sua espécie, nós ansiamos por solidão, pois essa é nossa única segurança. – Ele se virou para eles outra vez. – Para Icarium, é claro, há outra ironia. Sem memória, ele não sabe nada sobre o que um dia o motivou. Não sabe nada sobre Labirintos feridos ou sobre os segredos da Azath. – O sorriso repentino do jaghut foi doloroso. – Não sabe nada sobre mim, também.

Apsalar ergueu a cabeça de repente.

– Você é Gothos, não é?

Ele não respondeu.

O olhar de Violinista foi atraído para um banco ao lado da parede mais próxima. Ele se arrastou até lá e se sentou. Reclinando a cabeça contra a parede quente de pedra, fechou os olhos. *Deuses, nossas lutas não são nada, nossas cicatrizes interiores não passam de arranhões. Abençoado seja você, Encapuzado, pelo seu dom da mortalidade. Eu não conseguiria viver como esses Ascendentes... Não poderia torturar a minha alma dessa maneira...*

– É hora de vocês partirem – troou o jaghut. – Se tiverem ferimentos, encontrarão um balde de água perto da porta da frente. A água possui propriedades curativas. A rua lá fora está cheia de coisas desagradáveis esta noite. Portanto, sigam com cuidado.

Apsalar se virou, encontrando os olhos de Violinista enquanto ele os piscava e abria. O sapador lutava para focar a visão, em meio às lágrimas. *Ah, Mappo, Icarium... Tão entrelaçados...*

– Devemos ir – disse ela.

Ele assentiu, forçando-se a ficar em pé.

– Eu gostaria de um gole dessa água – murmurou.

Crokus olhou ao redor pela última vez. Observou as tapeçarias desbotadas, o banco adornado, os pedaços de pedra e de madeira colocados sobre rebordos e, finalmente, os numerosos pergaminhos empilhados sobre uma mesa, apoiada contra a parede oposta às portas duplas. Com um suspiro, ele recuou. O pai de Apsalar o seguiu.

Retornaram ao saguão e se aproximaram da entrada. O balde estava em um dos cantos, encimado por um gancho do qual pendia uma concha de madeira.

Apsalar pegou a concha, afundou-a na água e a ofereceu a Violinista.

Ele bebeu sofregamente, em seguida tossiu de dor diante da cura terrivelmente veloz que tomou conta de seu tornozelo. Um instante depois, havia passado. Ele cedeu, de repente coberto de suor. Os outros o observavam.

– Pelo sopro do Encapuzado. – O sapador arfou. – Não bebam, a menos que precisem de verdade.

Apsalar colocou a concha de volta no lugar.

A porta se abriu a um toque, revelando o céu noturno e um jardim que mais parecia um campo de batalha. Um caminho de ladrilhos seguia tortuoso até o portão em arco. O terreno inteiro era cercado por um muro baixo de pedra. Casas de cortiços se erguiam do outro lado, todas com as janelas fechadas.

– Então? – perguntou Crokus, virando-se para Violinista.

– Sim. É a cidade de Malaz.

– Feia pra cacete.

– É mesmo.

Violinista testou o tornozelo e não sentiu nem um tremor de dor sequer. O sapador seguiu o caminho até o portão em arco. Na poça escura formada pelas sombras da entrada, ele olhou para a rua.

Sem movimento. Sem som.

– Não estou gostando nada disso.

– Feitiçaria tocou esta cidade – declarou Apsalar. – E conheço seu sabor.

Violinista estreitou os olhos sobre a moça.

– Garra?

Ela assentiu.

O sapador passou a mochila para a frente e colocou a mão dentro da aba.

– Isso significa lutas a curta distância, talvez.

– Se tivermos azar.

Ele pegou duas afiadoras.

– É.

– Para onde? – sussurrou Crokus.

Eu queria saber.

– Vamos tentar o Risonho. É uma taberna que tanto eu quanto Kalam conhecemos bem...

Saíram do portão.

Uma sombra imensa se desdobrou diante deles, revelando uma forma gigante e desajeitada.

A mão de Apsalar voou, impedindo o braço de Violinista justo quando ele se preparava para atirar.

– Não, espere.

O demônio inclinou a cabeça de focinho comprido na direção deles, fitando-os com um único olho prateado. Depois, uma figura montada no ombro do demônio se inclinou e apareceu. Era um jovem, manchado de sangue antigo, cujo rosto parecia uma versão humana do da fera.

– Aptória – disse Apsalar, em saudação.

A boca cheia de presas do jovem se abriu e uma voz áspera se fez ouvir:

– Vocês procuram Kalam Mekhar.

– Isso mesmo – respondeu Apsalar.

– Ele está se aproximando do bastião no penhasco.

Violinista se sobressaltou.

– A Fortaleza do Escárnio? Por quê?

O cavaleiro inclinou a cabeça.

– Porque ele deseja ver a imperatriz, imagino.

O sapador girou, forçando os olhos na direção do imenso bastião. Uma flâmula escura se agitava no cata-vento.

– Que o Encapuzado nos leve! Ela está *aqui!*

– Vamos guiar vocês – disse o cavaleiro, oferecendo um sorriso medonho. – Pela Sombra, a salvo da Garra.

Apsalar sorriu de volta.

– Vá na frente, então.

Não chegaram a reduzir o passo enquanto seguiam até a base das largas escadarias de pedra que subiam rumo à face do penhasco.

Kalam agarrou o braço de Minala.

– É melhor você ir mais devagar aqui...

– Só segure firme – grunhiu ela. – Elas não são tão íngremes.

Não são tão íngremes? Fener...

Músculos ondularam sob eles quando o garanhão avançou, com um mergulho. Entretanto, antes que os cascos do animal atingissem as pedras, o mundo mudou para um cinza disforme. O garanhão gritou e empinou, mas era tarde demais. Tinham sido engolidos pelo Labirinto.

Cascos deslizaram descontroladamente sob eles. Kalam foi atirado para um lado, bateu numa parede e caiu. Foi de encontro a um chão encerado e a queda arrancou o ar de seus pulmões. A besta voou de suas mãos, deslizando para longe. Arquejando, o assassino rolou.

Haviam chegado a um corredor mofado e o garanhão estava tudo, menos satisfeito. O teto era alto e arqueado, ficando a apenas um braço de distância do animal quando ele empinava. De algum modo, Minala tinha permanecido na sela. Ela lutou para acalmar o garanhão; um momento depois, conseguiu, ao inclinar-se para a frente a fim de pousar a mão pouco acima das narinas alargadas do cavalo.

Com um grunhido, Kalam se pôs em pé.

– Onde estamos? – sibilou Minala, olhando de um lado para outro do saguão comprido e vazio.

– Se estou certo, dentro da Fortaleza do Escárnio – resmungou o assassino, recuperando a besta. – A imperatriz sabe que estamos aqui. Aparentemente, ela ficou impaciente...

– Se for esse o caso, Kalam, estamos bem mortos.

O assassino não estava inclinado a discordar, mas nada disse. Passando pelo cavalo, fitou as portas do outro lado.

– Acho que estamos no Velho Torreão.

– Isso explica a poeira. Mesmo assim, fede como um estábulo.

– Não me surpreende. Metade do prédio foi convertida nisso, de fato. O saguão principal permanece. – Com a cabeça, indicou a direção das portas. – Por ali.

– Não há outros acessos?

Ele balançou a cabeça.

– Nenhum que tenha sobrevivido. A porta dos fundos será um Labirinto, em todo caso.

Minala grunhiu e desceu da sela.

– Você acha que ela está observando?

– Magicamente? Talvez. Você se pergunta se ela sabe sobre você. – Kalam hesitou. Em seguida, passou a besta para Minala. – Vamos fingir que não sabe. Fique para trás. Vou guiar o garanhão.

Ela assentiu, engatilhando a arma. Ele olhou para ela.

– Como, em nome do Encapuzado, você chegou até aqui?

– Vim no navio de carga imperial que partiu um dia depois do *Tampa de Trapo*. Esse cavalo parecia um dos reprodutores de Pormqual. Nós também ficamos presos naquela tempestade maldita, mas o único problema de verdade veio quando tivemos que desembarcar a nado na baía. É algo que não quero repetir. Nunca.

O assassino arregalou os olhos.

– Pelo sopro do Encapuzado, mulher! – Ele desviou o olhar. Depois a

encarou outra vez. – Por quê?

Ela exibiu os dentes.

– Você é estúpido assim mesmo, Kalam? Em todo caso: eu estava errada?

O assassino nunca tinha esperado que algumas barreiras fossem rompidas. O rápido desmoronamento dessas muralhas deixou o assassino sem fôlego.

– Tudo bem – disse ele finalmente. – Mas quero que você saiba que posso ser tudo, menos sutil.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Você poderia ter me enganado.

Kalam observou as portas mais uma vez. Estava armado apenas com uma faca e tinha perdido bastante sangue. *Esta dificilmente seria considerada a situação ideal para alguém que deseja assassinar uma imperatriz... Mas vai ter de bastar...* Sem mais palavras para Minala, ele avançou, segurando as rédeas do garanhão. Os cascos do animal fizeram um ruído alto ao se aproximarem das velhas portas duplas.

Ele colocou uma das mãos na madeira. As tábuas escuras transpiravam. *Há feitiçaria do outro lado. Feitiçaria poderosa.* Kalam recuou um passo. Encontrou os olhos de Minala, que estava dez passos atrás dele, e balançou a cabeça, devagar.

Ela deu de ombros, erguendo a besta em suas mãos.

O assassino voltou a fitar as portas duplas. Agarrou a aldraba da porta que estava à esquerda. Suspendeu-a, em silêncio.

Kalam abriu a porta.

Um breu total escorreu para fora, frio e amargo.

– Entre, Kalam Mekhar – convidou uma voz feminina.

Ele viu pouca opção. Estava ali para isso, embora os arranjos finais não fossem os que ele tinha planejado. O assassino avançou para dentro das sombras, seguido pelo garanhão.

– Já está perto o bastante. Diferentemente de Topper e sua Garra, eu não subestimo você.

Kalam não conseguia enxergar nada e a voz parecia estar vindo de todos os lugares ao mesmo tempo. A porta atrás dele, vagamente entreaberta, oferecia uma fraca diminuição do escuro, mas a luz só alcançava um passo ou dois antes de ser completamente engolida pelas sombras.

– Você veio para me matar, Queimador de Pontes – disse a imperatriz Laseen numa voz fria e seca. – Essa distância toda... Por quê?

A pergunta o pegou de surpresa.

A voz dela trazia um tom divertido e sarcástico ao continuar:

– Não consigo acreditar que você luta para encontrar uma resposta, Kalam.

– O assassinato deliberado dos Queimadores de Pontes – grunhiu o assassino. – A proscricção de Dujek Umbraco. A tentativa de assassinar Whiskeyjack, a de *me* matar, assim como o resto do Nono Pelotão. Antigos desaparecimentos. Uma possível participação na morte de Dassem Ultor. O assassinato de Dançarino e do imperador. Incompetência, ignorância, traição... – Ele deixou a ladainha esvanecer.

A imperatriz Laseen ficou em silêncio por um longo tempo. Depois disse, em voz baixa:

– E você será meu juiz. E executor.

– É mais ou menos isso.

– Me é permitido o direito de defesa?

Ele exibiu os dentes. A voz vinha de todos os lados... De todos, exceto um, como percebeu Kalam: o da esquerda, um canto do qual ele calculava estar a não mais que quatro passos.

– Você pode tentar, imperatriz.

Pelo sopro do Encapuzado, mal consigo ficar em pé, e ela provavelmente tem defesas. Mas é como diz Ben Ligeiro: quando você não tiver mais nada, blefe...

O tom de Laseen endureceu:

– Os esforços do Alto Mago Tayschrenn em Genabackis foram equivocados. A dizimação dos Queimadores de Pontes não fazia parte de

minhas intenções. Dentro do seu pelotão havia uma jovem, possuída por um deus que pretendia me matar. A conselheira Lorn foi enviada para lidar com ela...

– Sei disso, imperatriz. Você está perdendo seu tempo.

– Não vejo como um desperdício de tempo, dado que esses minutos podem vir a ser tudo que ainda aproveitarei aqui, no reino mortal. Agora, continuarei a responder a suas acusações. A proscricção de Dujek é uma medida temporária, um truque, na verdade. Percebemos a grande ameaça que é o Pannion Domin. Dujek, entretanto, acreditava que não poderia lidar com isso sozinho. Precisávamos conseguir aliados entre os inimigos, Kalam. Precisávamos dos recursos de Darujhistan, de Caladan Brood e de seus rhivis e barghastianos. Precisávamos de Anomander Rake e de seus tiste andii. E precisávamos da Guarda Escarlata fora do nosso pé. Veja bem, essas formidáveis forças são adeptas do pragmatismo. Todas elas conseguem enxergar a ameaça representada pelo Vidente de Pannion e por seu império em crescimento. Mas a questão da confiança continuava problemática. Concordei com o plano de Dujek e o bani, junto com seu exército. Como proscritos, eles estão, com efeito, distanciados do Império Malazano e de seus desejos. E essa foi nossa resposta, se quiser colocar assim, ao problema da confiança.

Kalam estreitou os olhos, pensativo.

– E quem sabe desse truque?

– Apenas Dujek e Tayschrenn.

Depois de um momento, ele grunhiu:

– E quanto ao Alto Mago? Qual o papel dele em tudo isso?

Ele percebeu o sorriso dela ao dizer:

– Ah, bem, ele continua como pano de fundo, fora de vista. Mas está lá à disposição de Dujek, se Umbraco precisar dele. Tayschrenn é para Dujek, como vocês soldados dizem, um “osso raspado no buraco”.

Kalam ficou em silêncio por um longo tempo. Os únicos sons na câmara vinham de sua respiração e do gotejar fraco, mas contínuo, de seu sangue

nos ladrilhos. Por fim, disse:

– Os crimes mais antigos permanecem.

O assassino franziu a testa. *Os únicos sons...*

– Assassinar Kellanved e Dançarino? Sim, eu acabei com o governo que eles exerciam sobre o Império Malazano. Usurpei o trono. Uma traição das mais cruéis, na verdade. Um império é maior do que qualquer mortal solitário...

– Incluindo você.

– Incluindo a mim. Um império impõe as próprias necessidades, faz exigências em nome do dever. E esse fardo em particular é algo que você, como soldado, com certeza entende. Eu conhecia aqueles dois homens muito bem, Kalam, algo que você não pode negar. Respondi a uma necessidade que julguei inevitável, ainda que o tenha feito com relutância, com angústia. Desde aquela época, cometi erros penosos de julgamento... E, agora, tenho de viver com eles...

– Dassem Ultor...

– Era um rival. Um homem ambicioso, jurado ao Encapuzado. Eu não arriscaria uma guerra civil e, então, ataquei primeiro. Impedi a guerra civil, e não me arrependo disso.

– Parece que você se preparou para este momento – murmurou o assassino secamente.

Ah, não é que se preparou?

Depois de um momento, ela continuou:

– Então, se Dassem Ultor estivesse sentado aqui agora, e não eu... Diga, Kalam: acha que ele teria deixado você chegar tão perto? Acha que ele teria buscado argumentar com você? – Ela ficou em silêncio por mais alguns segundos, para depois prosseguir: – Parece claro que meus esforços de disfarçar a direção de onde vem minha voz falharam, pois você olhou diretamente para mim. Três, talvez quatro passos, Kalam, e você pode acabar com o reinado da imperatriz Laseen. Qual é a sua escolha?

Sorrindo, Kalam ajustou a empunhadura da faca na mão direita. *Muito*

bem, vou entrar no jogo.

– Sete Cidades...

– Receberá uma resposta à altura – rosnou ela.

Contra sua vontade, os olhos do assassino se arregalaram diante da raiva que ouviu nas palavras de Laseen. *Ora, vejam só... Imperatriz, você não precisa de suas ilusões, afinal de contas. Assim, a caçada termina aqui.* Ele embainhou a faca.

E sorriu de admiração quando ela arquejou.

– Imperatriz... – troou ele.

– Eu... Eu admito estar um pouco confusa...

Não achei que atuar fosse um de seus fortes, Laseen.

– Você poderia ter implorado por sua vida. Poderia ter dado mais razões, ou apresentado mais justificativas. Em vez disso, falou não com a sua voz, mas com a de um império. – Ele se virou. – Seu esconderijo está seguro. Eu deixarei a sua... presença...

– Espere!

Ele parou, arqueando as sobrancelhas diante da repentina incerteza na voz dela.

– Sim, imperatriz?

– A Garra... Não posso fazer nada... Não posso impedi-los.

– Eu sei. Eles lidam com os seus.

– Para onde você irá depois?

Ele sorriu na escuridão.

– Sua confiança em mim é lisonjeira, imperatriz. – Ele fez o ganhão dar a volta e caminhou até a porta. Então se virou para ela uma última vez. – Se quiser perguntar se virei atrás de você outra vez, a resposta é não.

Minala cobria a entrada, a alguns passos de distância. Ela se aprumou devagar quando Kalam saiu para o corredor. Manteve a besta firme enquanto o assassino puxava o ganhão de volta e fechava a porta.

– Então? – perguntou ela, sibilando.

– Então o quê?

– Ouvi vozes... murmúrios deturpados... Ela está morta? Você matou a imperatriz?

Eu matei um fantasma, talvez. Não, um espantalho que criei, sob a aparência de Laseen. Um assassino nunca deveria ver o rosto por trás da máscara de sua vítima.

– Nada além de ecos falsos naquela câmara. Já acabamos aqui, Minala. Os olhos dela cintilaram.

– Depois de tudo... *Ecos falsos?* Você cruzou os três continentes para fazer isso!

Ele deu de ombros.

– É nossa natureza, não é? Uma vez após outra, nos agarramos à crença tola de que existem soluções simples. Sim, previ um confronto dramático, que me levaria a um resultado satisfatório, em meio a um lampejo de feitiçaria, ao derramamento de sangue. Eu queria matar com minhas mãos uma inimiga declarada. – Ele soltou uma risada trovejante. – Em vez disso, tive uma audiência com uma mulher mortal, mais ou menos... – Ele saiu do torpor. – Em todo caso, temos a manopla da Garra diante de nós.

– Formidável. O que faremos agora, então?

Ele sorriu largamente.

– Simples. Vamos descer goela abaixo deles, pelo Encapuzado!

– Mais uma crença tola, se é que já ouvi alguma...

– Sim. Vamos lá.

Guiando o garanhão, seguiram pelo corredor.

No saguão principal, a escuridão artificial se dissipava devagar. Em um dos cantos, revelou-se uma cadeira, sobre a qual estava sentado um cadáver murcho. Tufos de cabelo se agitaram levemente à brisa fraca. Os lábios estavam repuxados e as cavidades oculares eram dois buracos vazios, de profundidade indefinida.

Um Labirinto se abriu perto da parede dos fundos e um homem alto e

esbelto, envolto numa capa verde-escura, saiu. Ele parou no centro da câmara, inclinando a cabeça na direção das portas do outro lado. Então se virou para o cadáver na cadeira.

– Bem?

A voz da imperatriz Laseen emergiu dos lábios sem vida.

– Não é mais uma ameaça.

– Tem certeza, imperatriz?

– Em algum ponto da conversa, Kalam percebeu que eu não estava aqui em carne e osso e que, portanto, ele teria de retomar a caçada. Entretanto, parece que minhas palavras surtiram efeito. Ele não é um homem irracional, no fim das contas. Agora, faça o favor de cancelar o ataque de seus caçadores.

– Já discutimos isso... Você sabe que é impossível.

– Eu não gostaria de perdê-lo, Topper.

A risada dele soou como um rosnado.

– Eu disse que não posso mandar meus caçadores abortarem a operação, imperatriz. Acha que isso significa que espero que eles sejam *bem-sucedidos*? Pelo sopro do Encapuzado, o próprio Dançarino teria hesitado diante da tarefa de matar Kalam Mekhar. Não, melhor encarar esta noite desastrosa como um sopro há muito necessário sobre os membros mais fracos de nossa irmandade...

– Generoso de sua parte, mesmo.

Ele abriu um sorriso sarcástico.

– Hoje à noite aprendemos nossa lição sobre matar, imperatriz. Há muito a ponderar. Além disso, tenho uma vítima sobre a qual posso desafogar minha frustração.

– Pérola, seu tenente preferido.

– Não é mais o preferido.

Um toque de advertência encheu o tom da voz de Laseen:

– Confio que ele se recuperará de suas atenções, Topper.

Ele suspirou.

– Sim, mas por enquanto eu vou deixá-lo suar... e fazer dessa a lição mais mordaz de Kalam. Certa medida de humildade faz bem a um homem, eu sempre digo. Você não concorda, imperatriz? Imperatriz?

Estive conversando com um cadáver. Ah, Laseen, é isso o que mais amo em você: sua extraordinária habilidade de fazer uma pessoa engolir as próprias palavras.

O capitão da Guarda literalmente deu de cara com eles quando os dois desciam ao longo do muro externo do velho bastião. Minala ergueu a besta e o homem estendeu as mãos para os lados, com cuidado. Kalam avançou e o arrastou para as sombras, onde rapidamente o desarmou.

– Certo, capitão – sibilou o assassino. – Me diga onde os convidados indesejáveis da Fortaleza estão escondidos.

– Presumo que não esteja falando de vocês mesmos – disse o homem, suspirando. – Bem, o guarda que fica na guarita do portão andou resmungando sobre silhuetas nas escadas. Claro que o bastardo velho é meio cego. Mas no terreno aqui... nada.

– Você pode fazer melhor que isso, capitão...

O homem fechou a cara.

– Aragan. E estou a apenas alguns dias de um novo cargo...

– Isso não precisa mudar, com um pouco de cooperação.

– Acabei de fazer a ronda. Tudo está quieto, até onde percebi. Veja bem, isso não significa nada, não é?

Minala olhou significativamente para a flâmula que esvoaçava no cata-vento acima da Fortaleza.

– E sua hóspede oficial? Sem guarda-costas?

O capitão Aragan sorriu largamente.

– Ah, a imperatriz, você quer dizer. – Algo em seu tom indicava grande divertimento. – Ela não envelheceu bem, não é verdade?

Sombras cresceram no pátio. Minala soltou um grito de alerta enquanto

a besta dava um solavanco em suas mãos. Uma voz berrou de dor.

Kalam afastou o capitão, derrubando-o para o lado. Depois girou, com a faca cintilando em sua mão.

Quatro Mãos da Garra tinham aparecido: vinte matadores, que agora convergiam sobre eles. Estrelas de atirar sibilavam na escuridão. Minala gritou e a besta voou de suas mãos quando ela cambaleou para trás. Uma onda resistente de feitiçaria percorreu os paralelepípedos até sumir.

Sombras rodopiaram em meio às Mãos, aumentando a confusão. Quando algo imenso e desajeitado finalmente apareceu, Kalam arregalou os olhos, em reconhecimento. *Apto!* O demônio atacou. Corpos voaram em todas as direções. Uma Mão mais distante virou para encontrar a nova ameaça. Um objeto do tamanho de uma pedra voou na direção dos matadores. Os cinco caçadores se espalharam, mas já era tarde demais, pois a afiadora atingiu o calçamento.

A explosão atirou estilhaços de ferro sobre eles, que foram estraçalhados.

Um único caçador se aproximou de Kalam. Facas duplas de dois gumes voaram tão rápido que pareceram um borrão. Uma delas atingiu o assassino no ombro direito e a outra errou seu rosto por centímetros. Os dedos sem força de Kalam soltaram a sua faca e ele cambaleou. O caçador saltou sobre ele.

O saco de juta cheio de alfinetes interceptou o caminho da cabeça do homem com um repugnante som de trituração. O caçador caiu e ficou se contorcendo no chão.

Outra afiadora detonou ali perto. Mais gritos ecoaram no pátio.

Mãos agarraram o avental esfarrapado de Kalam, puxando-o para as sombras. O assassino lutou, com gestos lentos.

– Minala!

Uma voz familiar sussurrou perto:

– Nós a pegamos. E Crokus está com o garanhão...

Kalam piscou.

– Piedade?

– É Apsalar atualmente, cabo.

As sombras se fecharam por todos os lados. Os sons esvaneceram.

– Você está cheio de buracos – observou Apsalar. – Noite agitada, presumo.

Kalam grunhiu enquanto a faca era lentamente arrancada de seu ombro e sentiu o sangue verter na esteira da lâmina. Um rosto surgiu em seu campo de visão: um emaranhado de barba cinza com faixas vermelhas, o semblante de um soldado desgastado que agora sorria.

– Pelo sopro do Encapuzado! – resmungou Kalam. – Você tem uma cara feia pra cacete, Vi.

O sorriso aumentou.

– Engraçado – disse Violinista. – Eu estava pensando a mesma coisa... E é isso que não entendo, já que você encontrou essa vistosa dama como companhia...

– Os ferimentos dela...

– Pequenos – disse Apsalar, de perto.

– Você a pegou? – perguntou Violinista. – Matou a imperatriz?

– Não. Mudei de ideia...

– Cacete, nós podíamos... Você *o quê?*

– Ela é um doce saco de ossos, afinal de contas, Vi. Me lembre de contar essa história algum dia. Mas espero que você me pague na mesma moeda, já que presumo que vocês tenham conseguido usar os portais da Azath.

– Sim, conseguimos.

– Algum problema?

– Nada de mais.

– Fico feliz em ouvir que um de nós teve uma jornada fácil. – Kalam lutou para se sentar. – Onde estamos?

Uma nova voz falou, sibilante e sarcástica:

– No Reino da Sombra... No meu reino!

Violinista gemeu e olhou para cima.

– É Trono Sombrio agora, não é? Está mais para Kellanved! Nós não

fomos enganados, entendeu? Você pode se esconder nessas sombras chiques quanto quiser, mas ainda é só o maldito imperador!

– Ai, estou intimidado! – A figura insubstancial deu uma risadinha de repente, recuando. – E você não é um soldado do Império Malazano? Não fez um juramento? Não jurou fidelidade... a *mim*?

– Ao Império, você quer dizer!

– Por que usar esses subterfúgios linguísticos para fazer distinções tão secundárias? A verdade é que a aptória entregou vocês... a mim, a mim, a mim!

Sons repentinos de estalos e zumbidos fizeram o deus dar meia-volta e encarar o demônio. Quando os estranhos sons que vinham de Apto cessaram, Trono Sombrio olhou para o grupo outra vez.

– Cadela esperta! Mas já sabíamos disso, não é? Ela e a criança feia em cima dela, eca! Cabo Kalam dos Queimadores de Pontes, parece que você encontrou uma mulher. Ah, olhe para os olhos dela! Tamanha fúria! Estou impressionado, bastante impressionado. E agora você quer sossegar, é? Desejo recompensar todos vocês! – Ele gesticulou com ambas as mãos, como se desse bênçãos. – Súditos leais que todos são!

Apsalar falou, em seu tom frio e desapegado:

– Nem eu nem meu pai buscamos qualquer recompensa. Gostaríamos apenas que nossas ligações fossem encerradas... com você, com Cotillion, com todos os outros Ascendentes. Gostaríamos de deixar este labirinto, Ammanas, e voltar à costa kanesa...

– E eu vou com eles – disse Crokus.

– Ah, maravilhoso! – grasnou o deus. – Elegância sincrônica, esse que é o círculo mais inteiro de todos! Para a costa kanesa, então! Para a mesma estrada em que nos encontramos pela primeira vez, ah, sim. Vão! Eu os envio, com o mais suave dos gestos. Vão! – Ele ergueu um dos braços e acariciou o ar com seus dedos compridos espectrais.

As sombras se abateram sobre as três pessoas e, quando clarearam, Apsalar, seu pai e Crokus haviam sumido.

O deus deu outra risadinha.

– Cotillion ficará muito satisfeito, não é? Agora... E quanto a você, soldado? Minha magnanimidade é raramente vista... Tenho tão pouca! Rápido, antes que eu me canse deste divertimento.

– Cabo? – perguntou Violinista, agachando-se ao lado do assassino. – Kalam, não fico muito entusiasmado quando um deus resolve fazer ofertas, se você entende o que quero dizer...

– Bem, não ouvimos muito dessas ofertas ainda, ouvimos? Kellan... Trono Sombrio, eu até gostaria de um descanso, se é o que você tem em mente. – Seu olhar encontrou o de Minala. Ela assentiu. – Algum lugar seguro...

– Seguro! Nenhum lugar mais é seguro! Apto estará a seu lado, vigilante como nunca! E conforto, ah, sim, muito conforto...

– Eca – disse Violinista. – Soa chato como a morte. Me tire dessa.

O deus pareceu inclinar a cabeça.

– Na verdade, não devo nada a você, sapador. Só Apto fala por você. Infelizmente, ela conseguiu certa... influência. E, ah, sim, você era um soldado bastante leal, eu acho. Deseja retornar aos Queimadores de Pontes?

– Não.

Kalam se virou para Violinista, surpreso, e viu seu amigo franzindo a testa.

– Em nosso caminho até a Fortaleza do Escárnio – explicou o sapador –, ouvimos um grupo de guardas conversando durante a troca de turno... Parece que há um último destacamento de recrutas, no porto de Malaz, prestes a encontrar Tadore. – Ele buscou o olhar de Kalam. – Sinto muito, cabo, mas quero me envolver com o fim da rebelião na sua terra natal. Então vou me alistar... de novo.

Kalam estendeu a mão suja de sangue.

– Só fique vivo, então. É tudo que peço.

O sapador assentiu.

Trono Sombrio suspirou.

– E, com soldados assim, não é surpresa que tenhamos conquistado metade do mundo... Não, Violinista, não estou zombando. Esta única vez, não estou zombando. Ainda que Laseen não mereça alguém como você. Mesmo assim, quando essas brumas clarearem, você se encontrará no beco dos fundos da taberna do Risonho.

– Está bom para mim, Kellanved. Fico agradecido.

Um momento depois, o sapador sumiu.

O assassino voltou um olhar cansado para Trono Sombrio.

– Você entende, não é, que não vou tentar matar Laseen? Minha caçada acabou. Na verdade, estou tentado a advertir a você e Cotillion que também desistam da sua... Deixem o Império para a imperatriz. Vocês têm o de vocês, bem aqui...

– Tentado a nos advertir, você disse? – O deus se aproximou. – Engula a advertência de volta, Kalam, para não acabar se arrependendo. – A forma envolta em sombras recuou outra vez. – Fazemos o que nos apetece. Nunca se esqueça disso, mortal.

Minala se aproximou de Kalam e colocou a mão trêmula em seu ombro que não estava ferido.

– Presentes de deuses me deixam nervosa – sussurrou ela. – Especialmente desse deus.

Kalam assentiu, concordando plenamente.

– Ah, não fique assim! – disse Trono Sombrio. – Minha oferta continua. Um santuário, uma verdadeira oportunidade de sossegar. Marido e mulher, hi hi! Não, mãe e pai! E, o melhor de tudo, nem precisam esperar por crianças suas... Apto já encontrou algumas para vocês!

As brumas que os cercavam de repente clarearam e eles viram, atrás de Apto e daquele de quem ela tinha se encarregado, um acampamento bagunçado, espalhado sobre o cume de uma colina baixa. Figuras pequenas vagavam entre as fileiras de tendas. Fumaça de madeira subia de incontáveis fogueiras.

– Você desejou salvar as vidas delas – sibilou Trono Sombrio, alegre. –

Ou é o que Apto alega. Agora você as tem. Suas crianças esperam por vocês, Kalam Mekhar e Minala Eltroeb... Todas as mil e trezentas!

CAPÍTULO 24

O sacerdote do Ancestral Mael
sonha em erguer mares...

Crepúsculo, Sethand

O túnel espiralado do Furacão se abriu na planície com uma explosão de poeira carregada pelo vento. Sha'ik via à sua frente uma relva seca, estranhamente negra, enquanto guiava seu comboio adiante. Depois de um momento, ela reduziu a velocidade de sua montaria. O que pensara a princípio serem pedras empilhadas, estendendo-se em todas as direções, percebeu que se tratava de cadáveres, apodrecendo ao sol. Um dos últimos confrontos entre Korbolo Dom e Coltaine.

A relva estava daquela cor por causa do sangue seco. Mariposas-do-lixo circulavam aqui e ali, ao longo de todo o cenário. Moscas pairavam sobre os corpos inchados pelo calor. O fedor era avassalador.

– Almas em farrapos – disse Heboric atrás dela.

Ela olhou para ele. Então gesticulou para Leoman, que vinha do outro lado.

– Leve um grupo de reconhecimento – disse ela ao guerreiro do deserto.
– Veja o que há adiante.

– Morte é o que há adiante – retrucou Heboric, estremecendo, apesar do calor.

Leoman grunhiu:

– Já estamos no meio dela.

– Não. Isto... Isto aqui não é nada. – O ex-sacerdote virou os olhos cegos

para Sha'ik. – Korbolo Dom... *O que ele fez?*

– Vamos descobrir logo – rosnou ela, gesticulando para que Leoman e sua tropa avançassem.

O exército do Apocalipse marchou para fora do Labirinto do Furacão. Sha'ik tinha alocado cada um de seus três magos a um batalhão. Preferia que eles fossem mantidos separados, e longe dela. Não haviam ficado nem um pouco felizes com a ordem de marchar, e ela agora sentia os três feiticeiros sondando mais à frente, com os sentidos ampliados. Em seguida, estremeceram e recuaram, primeiro L'oric, depois Bidithal e, finalmente, Febryl. Das três fontes vieram os ecos de um terror horrendo.

E, se eu escolhesse, poderia fazer o mesmo. Alcançar o que está à frente com dedos invisíveis e tocar o que quer que esteja lá. Mas ela não queria fazê-lo.

– Sinto ansiedade em você, mocinha – murmurou Heboric. – Agora finalmente se arrepende de algumas das escolhas que fez?

Se eu me arrependo? Ah, sim. Muitos arrependimentos, começando com uma discussão cruel com minha irmã, lá em Unta; uma briguinha de irmãs que foi longe demais. Uma criança ferida... acusando a irmã de ter matado seus pais. Um, depois outro. Pai. Mãe. Uma criança ferida, que tinha perdido todas as razões para sorrir.

– Tenho uma filha agora.

Sha'ik sentiu a atenção dele se concentrar nela, devagar. Ele parecia surpreso com aquela estranha reviravolta de pensamento. Surpreso, mas, depois que começou a compreender, com angústia.

Sha'ik prosseguiu:

– E eu a nomeei.

– Ainda não ouvi o nome – disse o ex-sacerdote, como se cada palavra dita caminhasse sobre gelo fino.

Ela assentiu. Leoman e seus batedores haviam desaparecido do outro lado da elevação mais próxima. Lá, uma neblina fraca de fumaça os aguardava e ela ponderou a respeito daquele presságio.

– Ela raramente fala. Mas, quando o faz... Tem o dom das palavras, Heboric. Um olhar de poeta. De algumas maneiras, algo que eu poderia ter me tornado, dada a liberdade...

– O dom das palavras, você diz. Um dom para você, pois pode muito bem vir a ser uma maldição para ela, uma que tem pouco a ver com liberdade. Algumas pessoas provocam admiração, querendo ou não. Tais pessoas se tornam muito solitárias. E fechadas em si mesmas, Sha'ik.

Leoman reapareceu, parando a montaria sobre o cume. Ele não gesticulou para incentivá-los a acelerarem o passo; simplesmente observou Sha'ik guiar seu exército adiante.

Um momento depois, outro grupo de cavaleiros chegou ao lado do guerreiro do deserto, exibindo estandartes tribais estranhos. Dois dos recém-chegados atraíram a atenção de Sha'ik. Ainda estavam distantes demais para discernir suas feições, mas ela os reconheceu mesmo assim: Kamist Reloe e Korbolo Dom.

– Ela não ficará solitária – disse a moça a Heboric.

– Então não tema – retrucou ele. – Ela será inclinada a observar, mais do que a participar. O mistério se adapta a tal isolamento.

– Não consigo sentir medo, Heboric – disse Sha'ik, sorrindo para si mesma.

Eles se aproximaram dos cavaleiros que aguardavam. A atenção do ex-sacerdote permaneceu nela enquanto guiavam os cavalos pela encosta suave.

– Mas eu entendo de isolamento – continuou ela. – Muito bem.

– Você deu o nome de Felisin a ela, não foi?

– Sim. – Ela virou a cabeça, fitando aqueles olhos cegos. – É um bom nome, não é? Carrega tanta... promessa. Uma inocência fresca, como a que um pai vê num filho, em seus olhos brilhantes e ansiosos...

– Eu não saberia dizer – falou ele.

Ela observou lágrimas escorrendo pelas bochechas enrugadas e tatuadas dele. Ainda que se sentisse desligada de seu significado, Sha'ik entendia que aquela afirmação não era uma forma de censura. *Só de perda.*

– Ah, Heboric – disse ela. – Não é algo digno de tristeza.

Se tivesse pensado um momento antes de falar, teria se dado conta de que aquelas palavras, mais que quaisquer outras, destruiriam o velho. Ele pareceu implodir diante de seus olhos, com o corpo trêmulo. Ela estendeu uma mão que ele não conseguia enxergar, quase tocando o ex-sacerdote, mas depois a recolheu. E, ao fazê-lo, soube que um momento de conciliação tinha se perdido.

Arrependimentos? Muitos. Intermináveis.

– Sha'ik! Vejo a deusa em seus olhos! – A afirmação triunfante veio de Kamist Reloe, que tinha o rosto vivo apesar de parecer contorcido de tensão. Ignorando o mago, ela fixou o olhar sobre Korbolo Dom. *Mestiço de napaniano... Ele lembra o meu velho tutor, até mesmo no desdém frio de sua expressão. Bem, esse homem não tem nada a me ensinar.* Ela viu os chefes de guerra de várias tribos leais à causa amontoados ao redor dos dois homens. Havia algo como choque em seus rostos, indicações de pavor. Outro cavaleiro surgiu, sentado tranquilamente sobre uma mula e vestindo os trajes de seda de um sacerdote. Era o único que não parecia perturbado, e Sha'ik sentiu um tremor de inquietação.

Leoman estava sobre seu cavalo, um pouco separado do grupo. Sha'ik sentiu uma perturbação interior rodopiando entre o guerreiro do deserto e Korbolo Dom, o Punho renegado.

Com Heboric a seu lado, ela alcançou o cume e viu o que havia depois dele. Logo em primeiro plano, se deparou com uma vila arruinada. Era um punhado disperso de casas e prédios em chamas, cavalos mortos, soldados mortos. A entrada de pedra para o Caminho de Aren estava enegrecida pela fumaça.

A estrada se estendia para o sul, num declive nivelado. As árvores que a margeavam dos dois lados...

Sha'ik impeliu seu cavalo adiante. Heboric a acompanhou, silencioso e encurvado, estremecendo apesar do calor. Leoman cavalgou até ficar do outro lado dela. Aproximaram-se do Portal de Aren.

O grupo virou para segui-la, em silêncio.

Kamist Reloe falou, com um leve tremor na voz:

– Vê o que foi feito deste orgulhoso portal? O Portal de Aren do Império Malazano agora é o Portão do Encapuzado, Vidente. Percebe o significado? Você...

– Silêncio! – grunhiu Korbolo Dom.

Sim, silêncio. Deixe que o silêncio conte essa história.

Passaram sob a sombra fria dos portões e alcançaram as primeiras árvores, em cujos troncos estavam pregados os primeiros corpos, podres e inchados. Sha'ik parou.

Os batedores de Leoman se aproximavam, voltando num trote rápido. Momentos depois, chegaram e pararam.

– Reportem – vociferou Leoman.

Quatro rostos pálidos olharam para eles. Depois, um disse:

– Continua assim, senhor. Quinze quilômetros... Até onde podemos enxergar. Há... *milhares*.

Heboric levou o cavalo para um dos lados, aproximando-se da árvore mais próxima, estreitou os olhos sobre o cadáver que estava ali.

Sha'ik ficou em silêncio por um longo tempo. Depois, sem se virar para os demais, disse:

– Onde está seu exército, Korbolo Dom?

– Acampado dentro do campo de visão da cidade...

– Vocês falharam em tomar Aren, então.

– Sim, Vidente, falhamos.

– E a conselheira Tavore?

– A frota alcançou a baía, Vidente.

O que você deduzirá a partir disso, irmã?

– Os tolos se entregaram – disse Korbolo Dom, revelando a própria incredulidade. – Sob as ordens do Alto Punho Pormqual. E essa é a nova fraqueza do Império, justamente aquilo que costumava ser sua maior força: os soldados obedeceram às ordens. O Império perdeu seus grandes líderes...

– Perdeu mesmo? – Ela finalmente o encarou.

– Coltaine era o último deles, Vidente – afirmou o Punho renegado. – Essa nova conselheira não foi testada. Uma nobre, pelo Encapuzado! Quem a espera em Aren? Quem irá aconselhá-la? O Sétimo se foi. O exército de Pormqual se foi. Tavore tem um exército de recrutas, prestes a enfrentar forças veteranas com o triplo de seu número. A imperatriz perdeu a cabeça, Vidente, se acha que uma nobre arrogante será capaz de reconquistar as Sete Cidades.

Ela virou e olhou para o Caminho de Aren.

– Faça seu exército recuar, Korbolo Dom. Una-o a minhas forças aqui.

– Vidente?

– O Apocalipse tem apenas um comandante, Korbolo Dom. Faça o que mandei.

E o silêncio mais uma vez conta sua história.

– Claro, Vidente – rosnou o Punho renegado por fim.

– Leoman.

– Vidente?

– Monte o acampamento de nosso povo. Faça com que enterrem os mortos na planície.

Korbolo Dom pigarreou.

– E depois que tivermos nos reagrupado... O que propõe que façamos?

Propor?

– Encontraremos Tavore. Mas o momento e o local serão escolha minha, não dela. – Ela fez uma pausa. Então disse: – Voltaremos ao Raraku.

Sha'ik ignorou os gritos de surpresa e desalento, assim como as perguntas que lhe fizeram, mesmo quando essas perguntas se transformaram em exigências. *Raraku, o coração do meu poder recém-descoberto. Precisaréi de seu abraço, se pretendo derrotar este medo – este pavor – de minha irmã. Ah, Deusa, me guie agora...*

Os protestos, sem evocar reação, foram sumindo. Um vento tinha começado, gemendo através do portal atrás deles.

A voz de Heboric se fez ouvir:

– Quem é? Não consigo ver nada, não consigo sentir nada. Quem é esse homem?

O sacerdote corpulento, envolto em sedas, finalmente falou:

– Um velho, Aquele Sem Mão. Um soldado, não mais que isso. Um em dez mil.

– Você... Você... – Heboric se virou devagar, e seus olhos leitosos brilhavam. – Você ouve a risada de um deus? Alguém ouve a risada de um deus?

O sacerdote jhístal inclinou a cabeça.

– Infelizmente, só ouço o vento.

Sha'ik franziu a testa para Heboric. De repente, ele pareceu tão... pequeno. Passado um momento, ela deu a volta com o cavalo.

– É hora de partir. Vocês têm suas ordens.

Heboric foi o último, sentado desamparado sobre seu cavalo, encarando o cadáver que não lhe dizia nada. Não havia fim para a risada em sua cabeça, a risada cavalgando o vento que varria o Portal de Aren às suas costas.

O que não querem que eu veja? Foi você que me cegou de verdade agora, Fener? Ou é aquele estranho de jade que flui silencioso dentro de mim? Esta é uma brincadeira cruel... ou é algum tipo de misericórdia?

Veja o que será de seu filho indócil, Fener, e saiba – saiba com toda a certeza – que eu desejo voltar para casa.

Eu desejo voltar para casa.

O comandante Blistig estava no parapeito, observando a conselheira e sua comitiva subirem os largos degraus de calcário que levavam ao portão do palácio, diretamente abaixo dele. Ela não era tão velha quanto ele teria preferido, mas mesmo àquela distância Blistig foi capaz de sentir nela algo

da dureza de que tanto falavam. Ao lado da conselheira caminhava uma mulher atraente, mais jovem. Era a ajudante e amante de Tadore, segundo diziam, mas Blistig não conseguia lembrar se já tinha escutado seu nome. Do outro lado da conselheira vinha o capitão da Casa de sua família, um homem chamado Gimlet Gamet, ou algo assim. Ele parecia um veterano, o que era tranquilizador.

O capitão Keneb chegou.

– Sem sorte, comandante.

Blistig franziu o cenho e, depois, soltou um suspiro. A tripulação do navio chamuscado tinha desaparecido quase imediatamente depois de aportar e descarregar os soldados feridos do Sétimo de Coltaine. O comandante da guarnição queria que estivessem presentes para a chegada da conselheira, pois suspeitava que Tadore iria querer interrogá-los. *E, como o Encapuzado sabe, faria bem àqueles bastardos desrespeitosos suar um pouco...*

– Os sobreviventes do Sétimo foram reunidos para a inspeção dela, senhor – disse Keneb.

– Incluindo os wickanos?

– Sim, e os dois bruxos deles.

Blistig sentiu um calafrio, apesar do calor abafado. Os dois eram uma dupla assustadora. Tão frios, tão silenciosos. *Duas crianças, que não o são.*

E Vesgo ainda não tinha reaparecido. O comandante sabia bem que dificilmente voltariam a ver o homem. Devia ser difícil conviver com heroísmo e assassinato num único gesto. Esperava apenas que não viessem a encontrar o velho arqueiro boiando de braços no porto.

Keneb pigarreou.

– Aqueles sobreviventes, senhor...

– Eu sei, Keneb, eu sei.

Eles estão destruídos. Pela misericórdia da Rainha, absolutamente destruídos. Carne só pode ser curada até certo ponto. Veja bem, eu tenho meus problemas com a guarnição... Nunca vi uma companhia tão... frágil.

– Devemos descer, senhor. Ela está quase no portão.

Blistig suspirou.

– Sim, vamos lá encontrar essa conselheira Tavore.

Mappo colocou Icarium gentilmente sobre a areia macia do sumidouro. Tinha coberto seu amigo inconsciente com uma lona, suficiente para garantir um pouco de sombra. No entanto, não tinha o que fazer a respeito do fedor de putrefação que pairava pesadamente no ar imóvel. Não era o melhor dos cheiros para o jhag sentir ao acordar...

O vilarejo arruinado tinha ficado para trás e a sombra do portal negro era incapaz de alcançar o local onde Mappo montara o acampamento, ao lado da estrada e de suas sentinelas medonhas. O Labirinto da Azath os cuspira 50 quilômetros ao norte, alguns dias antes. O trell veio carregando Icarium nos braços por todo o caminho, procurando um lugar que estivesse livre da morte, e esperava já ter encontrado um àquela altura. Em vez disso, o terror só tinha piorado.

Mappo se levantou ao ouvir o som de rodas de carroça na estrada. O trell estreitou os olhos a fim de enxergar através do brilho. Um único boi puxava um carrinho de reboque pelo Caminho de Aren. Encurvado sobre o assento vinha um homem, e havia movimento atrás dele: mais dois homens agachados na traseira da carroça, ocupados com alguma tarefa que Mappo não conseguia ver.

Seu progresso era lento, pois o homem parava o carrinho perto de cada árvore. Ele passava mais ou menos um minuto olhando os corpos pregados nela e só depois disso avançava para o próximo tronco.

Pegando a mochila, Mappo caminhou até eles.

Ao ver o trell, o condutor fez a carroça parar e baixou o chicote. Casualmente, estendeu a mão para a parte de trás do assento e tirou de lá uma imensa espada de sílex, que colocou sobre as coxas, com a lâmina de lado.

– Se pretende causar problemas, trell, recue agora ou se arrependa –

grunhiu o condutor.

Os outros dois homens se ergueram ao ouvir isso, e ambos estavam armados com bestas.

Mappo baixou a mochila e ergueu as duas mãos. Os três homens tinham todos uma coloração estranha e o trell sentiu que neles havia um poder latente, algo que o deixou inquieto.

– Trago o oposto de problemas, eu garanto. Faz dias que caminho em meio aos mortos... Vocês são as primeiras pessoas vivas que vejo em um bom tempo. Vê-los foi um alívio, pois eu temia estar perdido em um dos pesadelos do Encapuzado...

O condutor coçou o maxilar coberto de barba ruiva.

– E eu diria que está, de certa forma. – Ele baixou a espada e virou para trás. – Parece que está tudo bem, cabo. Além disso, talvez ele tenha algumas bandagens pra trocar conosco por alguma coisa.

O mais velho dos homens na traseira da carroça saltou para o chão e se aproximou de Mappo.

– Vocês têm soldados feridos? – perguntou o trell. – Tenho alguma habilidade em curar.

O sorriso do cabo foi tenso, dolorido.

– Duvido que você queira desperdiçar suas habilidades com isto: não temos pessoas feridas na carroça, apenas um par de cachorros.

– Cachorros?

– Sim. Nós os encontramos na queda. Parece que o Encapuzado não os quis... Pelo menos por enquanto. Pessoalmente, não consigo entender como ainda estão vivos, tão cheios de buracos, retalhados dessa maneira.

Ele balançou a cabeça.

O condutor também tinha descido da carroça e agora andava até a beira da estrada. Continuava analisando cada um dos corpos antes de avançar rumo ao seguinte.

– Vocês estão procurando alguém – disse Mappo, indicando o condutor.

O cabo assentiu.

– Estamos, mas os corpos estão muito decompostos; é meio difícil discernir. Ainda assim, Tempestade diz que o reconhecerá quando encontrá-lo, se ele estiver aqui.

O olhar de Mappo deixou o cabo e viajou pelo Caminho de Aren.

– Até onde isso vai?

– Pelo caminho todo, trell. Dez mil soldados, mais ou menos.

– E vocês...

– Verificamos todos. – O cabo estreitou os olhos. – Bem, Tempestade está nos últimos, mesmo. Sabe, mesmo se não estivéssemos procurando por alguém em especial... Bem, pelo menos...

Ele deu de ombros.

Mappo desviou o olhar e seu rosto ficou tenso.

– Seu amigo mencionou algo chamado a queda. O que é isso?

– O lugar em que Coltaine e o Sétimo caíram. Os cachorros eram os únicos sobreviventes. Coltaine guiou trinta mil refugiados de Hissar até Aren. Era algo impossível, mas foi o que ele fez. Ele salvou aqueles bastardos ingratos e seu prêmio foi ser assassinado a menos de quinhentos passos do portão da cidade. Ninguém o ajudou, trell. – Os olhos do cabo procuraram os de Mappo. – Consegue imaginar isso?

– Temo não saber nada sobre os acontecimentos que você descreveu.

– Foi o que pensei. Só o Encapuzado sabe onde você andou se escondendo ultimamente.

Mappo assentiu. Depois de um momento, suspirou.

– Vou dar uma olhada nos seus cachorros, se você quiser – disse o trell.

– Está bem, mas não temos muitas esperanças. Acontece que o moleque os tirou de lá, se você me entende.

O trell caminhou até a carroça e subiu nela. Encontrou o rapaz debruçado sobre uma massa vermelha de ossos e carne despedaçada, espantando devagar as moscas da carne.

– Pela misericórdia do Encapuzado – sussurrou Mappo, analisando o que já tinha sido um cão pastor. – Onde está o outro?

O jovem puxou um pedaço de tecido, revelando um tipo de cachorrinho de estimação. Todas as quatro pernas do animal haviam sido quebradas, de propósito. Havia pus incrustado e a criatura tremia de febre.

– Esse pequenininho... – disse o jovem. – Ele foi deixado deitado em cima do grande. – Seu tom estava cheio de dor e choque.

– Nenhum dos dois vai sobreviver – disse Mappo. – O grande já deveria ter morrido. Pode estar morto agora mesmo...

– Não, não, ele está vivo. Consigo sentir seu coração, mas está ficando fraco. Está ficando cada vez mais fraco, e não podemos fazer nada. Gesler disse que deveríamos ajudar, apressar essa lentidão, que deveríamos acabar com a dor dele... Mas talvez... talvez...

Mappo observou o rapaz preocupado com as criaturas infelizes. Suas mãos de dedos compridos, quase delicadas, cobriam os ferimentos com um pedaço de pano encharcado de sangue. Depois de um momento, o trell se levantou, virando-se devagar para encarar a longa estrada. Ouviu um grito atrás dele, vindo de perto do portal, e, em seguida, viu o cabo chamado Gesler correndo para se juntar a Tempestade.

Ah, Icarium. Logo você acordará e ainda estarei aflito, o que fará você se perguntar... Minha aflição começa com você, amigo, por sua perda de memória – memórias não de horror, mas de presentes dados de maneira tão espontânea... Mortos demais... Como reagir a isso? Como você reagiria a isso, Icarium?

Observou o Caminho de Aren por um longo tempo. Atrás dele, o rapaz continuava agachado sobre o corpo do cão pastor enquanto o som de botas se aproximava devagar pela estrada. A carroça afundou quando Tempestade subiu para assumir seu assento. Gesler subiu na parte de trás, inexpressivo.

O jovem ergueu o olhar.

– Você o encontrou, Gesler? Tempestade o encontrou?

– Não. Pensei por um minuto que pudesse ser... Mas não. Ele não está aqui, garoto. Hora de voltar a Aren.

– Pela bênção da Rainha – disse o jovem. – Então há sempre uma

chance.

– Sim. Quem pode dizer, Verdade? Quem?

O rapaz, Verdade, tinha voltado a se ocupar com o cão pastor.

Mappo se virou devagar, encontrando o olhar do cabo. Ali ele viu escrita a mentira. O trell assentiu.

– Obrigado por olhar os cachorros, de todo modo – disse Gesler. – Eu sei, eles já eram. Acho que queríamos... Bem, nós teríamos gostado... – Sua voz sumiu e depois ele deu de ombros. – Quer uma carona de volta para Aren?

Mappo fez que não com a cabeça e desceu da carroça para a beira da estrada.

– Obrigado pela oferta, cabo. Minha raça não é bem-vinda em Aren. Então, eu passo.

– Como quiser.

Ele os observou enquanto davam meia-volta com a carroça.

Como você reagiria a isso?

Estavam a trinta passos de distância na estrada quando o trell gritou. Eles pararam e Gesler e Verdade ficaram observando Mappo, que corria e remexia na mochila.

Iskaral Pust andou pé ante pé pelo caminho empoeirado e cheio de rochas. Fez uma pausa para se coçar vigorosamente embaixo das vestes: primeiro um lugar, depois outro, depois outro. Em seguida, guinchou e começou a rasgar as próprias roupas.

Aranhas. Centenas delas, fugindo em teias, caindo no chão, espalhando-se por entre as rachaduras e as fendas, enquanto o sumo sacerdote se remexia.

– Eu sabia! – gritou Iskaral. – Eu sabia! Se mostre! Eu desafio você!

As aranhas reapareceram, correndo no chão cozido pelo sol.

Arquejando, Iskaral cambaleou para trás, observando o d'ivers assumir a

forma humana. Ele se viu encarando uma mulher rija, de cabelos negros. Embora ela fosse 2 centímetros mais baixa que o sumo sacerdote, sua estrutura e suas feições traziam uma semelhança surpreendente com as dele. Iskaral Pust fechou a cara.

– Você achou que havia me enganado? Achou que eu não sabia que você estava à espreita?

A mulher sorriu, sarcástica.

– Eu *enganei* você! Ah, como você caçou! Idiota de cabeça dura! Igual a qualquer homem dal-honês que já conheci! Um idiota de cabeça dura!

– Só uma mulher dal-honesa diria isso...

– Sim, e quem saberia melhor que uma?

– Qual é o seu nome, d'ivers?

– Mogora, e estive com você por meses! Meses! Vi você preparar a trilha falsa... Vi você pintando aquelas mãos e marcas de patas nas rochas! Vi você deslocar aquela rocha para a orla da floresta! Minha espécie pode ser idiota, mas eu não sou!

– Você nunca vai chegar ao portal verdadeiro! – guinchou Iskaral Pust. – Nunca!

– Eu... *não... quero!*

Ele estreitou os olhos ao encarar o rosto anguloso da mulher e começou a rodeá-la.

– Mesmo? E por que não?

Virando-se para mantê-lo diante dela, Mogora cruzou os braços e o fitou por cima do nariz.

– Fugi de Dal Hon para me livrar de idiotas. Por que eu iria querer me tornar uma Ascendente? Para governar *outros* idiotas?

– Você é uma verdadeira bruxa dal-honesa, não é? Rancorosa, arrogante... Uma vaca sarcástica, de todos os modos!

– E você é um pateta dal-honês, conspirador, desleal, desonesto...

– Todas essas palavras significam a mesma coisa!

– E tenho muitas mais!

- Vamos ouvi-las, então.
- Começaram a caminhar pela trilha; Mogora retomou sua ladainha:
- Mentiroso, enganador, ladrão, desonesto...
- Você já disse essa última!
- E daí? *Desonesto*, sujo, traiçoeiro...

O imenso dragão morto-vivo se levantou em silêncio de seu poleiro no topo do planalto, estendendo as asas para que elas brilhassem sob a luz do sol, ainda que a cor parecesse mais embotada depois que a luminosidade atravessava a membrana. Olhos negros e desinteressados fitaram as duas pessoas que avançavam para a face do penhasco.

A atenção foi apenas momentânea. Então um Labirinto antigo se abriu diante da criatura, que alçava voo. Ele a engoliu inteira e depois desapareceu.

Iskaral Pust e Mogora observaram aquele ponto no céu por um momento. Um meio sorriso contorceu as feições do sumo sacerdote.

– Ah, *you* não foi enganada, foi? Veio aqui para guardar o verdadeiro portal. Sempre cuidadosos com seus deveres, vocês, t’lan imass. Vocês, Invocadores de Ossos, me levam à loucura com seus segredos!

– Você nasceu louco – resmungou Mogora.

Ignorando a d’ivers, Iskaral continuou a seguir na direção do dragão, ainda que ele já tivesse sumido.

– Bem, a crise passou, não é? Você poderia tê-la contido? Contra todos esses seus filhos? Não sem Iskaral Pust! Ah, não! Não sem mim!

Mogora latiu uma risada desdenhosa.

Ele a fulminou com o olhar. Depois correu à frente.

Parando debaixo da única janela aberta na torre do penhasco, ele gritou:

– Estou em casa! Estou em casa! – As palavras ecoaram, perdidas, e foram sumindo.

O sumo sacerdote da Sombra começou a dançar em círculos, agitado demais para permanecer parado, e continuou dançando enquanto passava um minuto, e mais outro. Mogora o observava, com uma sobrancelha arqueada.

Finalmente, uma cabecinha marrom emergiu da janela e espiou lá embaixo. As presas à mostra poderiam ser um sorriso, mas Iskaral Pust não tinha como ter certeza. Nunca conseguia saber ao certo.

– Ah, olhe, um dos seus bajuladores tão devotos.

– Você está cheia de graça, não?

– O que estou é com fome. Quem vai preparar as refeições, agora que Servo partiu?

– Você, claro.

Ela explodiu em fúria. Iskaral Pust observou suas caretas com um sorrisinho no rosto. *Ah, fico feliz em ver que não perdi meu charme...*

A carroça enorme e ornamentada parou, em meio a uma nuvem de poeira, bem longe da estrada. Os cavalos demoraram a se acalmar, e sua inquietação era evidente, pelo modo como batiam os pés e balançavam a cabeça.

Duas criaturas, que deviam bater na altura dos joelhos de um homem, correram da carroça até a estrada. Elas tinham as pernas arqueadas e mantinham os braços compridos estendidos para os lados. Sua aparência externa era a de bhok'aralas, e elas contorciam seus rostinhos envelhecidos sob o sol forte.

Mas falavam daru.

– Tem certeza? – perguntou o menor da dupla.

O outro rosnou de frustração.

– Sou eu que estou conectado, certo? Não você, Irp, não você. Baruk não seria tão tolo de encarregá-lo de qualquer coisa... exceto do trabalho sujo.

– Você acertou, Rudd. Trabalho sujo. Sou bom nisso, não sou? Trabalho sujo. Sujo, sujo, sujo... Tem certeza disso? Certeza mesmo?

Andaram até a beira da estrada e se aproximaram da última árvore que margeava o caminho. Ambas as criaturas se agacharam diante dela, olhando em silêncio para o corpo murcho pregado ao tronco.

– Não vejo nada, não – resmungou Irp. – Acho que você errou. Acho que você o perdeu, Rudd, e não quer admitir. Acho...

– Estou a uma palavra de matar você, Irp, eu juro.

– Ótimo. Eu morro bem, sabe? Sujo, arquejo, sujo, suspiro... sujo.

Rudd andou devagar até o pé da árvore. Os poucos pelos eriçados eram o único sinal de seu temperamento, que fervilhava. Subiu, içando-se até o peito do cadáver. Lá, vasculhou com uma das mãos por baixo da camisa podre. Soltou um farrapo sujo de tecido. Desdobrando-o, franziu a testa.

A voz de Irp soou, vinda de baixo:

– O que é?

– Tem um nome escrito aqui.

– De quem?

Rudd deu de ombros.

– “Sa’yless Lorthal”.

– Isso é nome de mulher. Ele não é uma mulher, é?

– Claro que não – rosnou Rudd. Um instante depois, colocou o tecido de volta embaixo da camisa. – Mortais são estranhos – resmungou, e começou a procurar embaixo da camisa outra vez. Logo encontrou o que buscava, tirando dali uma garrafinha de vidro enfumaçado.

– Então? – inquiriu Irp.

– Quebrou direito – disse Rudd, com satisfação. – Estou vendo as rachaduras. – Ele se inclinou para a frente e mordeu a tira de couro. Depois, agarrando a garrafinha com uma das mãos, desceu. Agachado na base, segurou a garrafinha contra o sol e estreitou os olhos. Irp grunhiu.

Rudd agora segurava a garrafa contra uma orelha pontuda. Ele a sacudiu com veemência.

– Ah! Ele está aqui, sim!

– Bom, vamos andando...

– Ainda não. O corpo vem conosco. Mortais são peculiares; ele não vai querer outro. Então, vá pegá-lo, Irp.

– Não sobrou quase nada dessa coisa maldita! – grasnou Irp.

– Certo, então não vai pesar muito, vai?

Resmungando, Irp subiu na árvore e começou a puxar as estacas.

Rudd ouviu seus grunhidos com satisfação, mas depois estremeceu.

– Ande logo, caramba! As coisas estão assustadoras por aqui.

Os olhos do jhag se abriram, trêmulos, e se focaram devagar no rosto largo e bestial que olhava para ele. Um reconhecimento confuso se seguiu.

– Trel Mappo. Meu amigo.

– Como você se sente, Icarium?

Ele se moveu um pouco e estremeceu.

– Eu... estou ferido.

– Sim. Temo ter cedido meus últimos dois elixires, então não consegui curá-lo de verdade.

Icarium conseguiu sorrir.

– Tenho certeza, como sempre, de que a necessidade era grande.

– Você talvez não ache isso desta vez. Salvei a vida de dois cachorros.

O sorriso de Icarium aumentou.

– Imagino que fossem animais dignos. E estou ansioso para ouvir essa história. Me ajude a levantar, por favor.

– Tem certeza?

– Tenho.

Mappo apoiou o peso de Icarium, ajudando-o a ficar de pé. O jhag vacilou, mas depois conseguiu se equilibrar. Depois levantou a cabeça e olhou ao redor.

– Onde... Onde estamos?

– Do que você se lembra?

– Eu... não me lembro de nada. Não, espere. Nós vimos um demônio, um

aptório, e decidimos segui-lo. Sim, eu me lembro disso. Sim.

– Certo, bem, estamos bem mais ao sul agora, Icarium. Expulsos de um Labirinto. Sua cabeça atingiu uma rocha e você perdeu a consciência. Seguir aquele aptório foi um erro.

– Evidentemente. Há quanto... quanto tempo?

– Um dia, Icarium. Só um dia.

O jhag estava mais firme, ganhando força a olhos vistos. Mappo sentiu que já era seguro se afastar, embora mantivesse uma das mãos no ombro de Icarium.

– A oeste daqui fica o Jhag Odhan – disse o trell.

– Sim, uma boa direção. Admito, Mappo: sinto que estou perto desta vez. Muito perto.

O trell assentiu.

– É de manhã? Você já levantou nosso acampamento?

– Sim, mas sugiro andarmos só uma pequena distância hoje... Até você se recuperar completamente.

– Sim, uma sábia decisão.

Levou mais uma hora até estarem prontos para partir, pois Icarium precisava lubrificar seu arco e afiar sua espada. Mappo esperou pacientemente, sentado numa rocha arredondada, até que o jhag enfim se levantou e se virou para ele, assentindo.

Partiram rumo ao oeste. Depois de um tempo, enquanto caminhavam na planície, Icarium perguntou:

– O que eu faria sem você, meu amigo?

O ninho de linhas que emoldurava os olhos do trell estremeceu. Depois ele sorriu pesarosamente, enquanto considerava sua resposta.

– Que essa ideia morra.

Ao alcançarem o descampado conhecido como Jhag Odhan, a planície se estendeu diante deles, sem fim.

EPÍLOGO

Os espíritos do Encapuzado se revelam
o exército desordenado
sussurrando sobre mortes
num coro de asas agitadas.
Música severa tem a própria
beleza, pois a canção da ruína
é bastante fértil.

Endecha Wickana, Pescador

A jovem viúva, apertando um pequeno frasco de barro nas mãos, abandonou a tenda da cavaliariça e caminhou até a pradaria que ficava além do acampamento. O céu estava vazio e, para a mulher, sem vida. Seus pés descalços caminhavam pesadamente; os dedos grudavam na relva amarelada.

Quando já tinha avançado trinta passos, ela parou e se pôs de joelhos. Encarou a vasta planície wickana, com as mãos sobre a barriga inchada, segurando sob os calos o frasco macio, liso e quente dado pela cavaliariça.

A busca estava completa e as conclusões eram inevitáveis. A criança que carregava estava... *vazia*. Era uma coisa sem alma. A visão do rosto pálido e coberto de suor da cavaliariça pairou diante da jovem mulher e suas palavras sussurravam em sua mente como o vento. *Mesmo um bruxo depende de uma alma... As crianças reclamadas por eles não são diferentes das que não reivindicaram. Você entende? O que cresce dentro de você não possui... nada. Foi amaldiçoado... E por razões que só os espíritos conhecem.*

A criança dentro de você deve ser devolvida à terra.

Ela abriu o frasco. Haveria dor, pelo menos no começo, e depois uma dormência fria. Ninguém do acampamento a veria fazer aquilo, pois todos os olhos estavam desviados daquele momento de vergonha.

Uma nuvem de tempestade pairava no horizonte ao norte. Ela não a notara antes. A nuvem aumentou, aproximando-se, imensa e escura.

A viúva ergueu o frasco até os lábios.

Uma mão passou por sobre seu ombro e agarrou seu pulso. A jovem mulher gritou e se virou para ver a cavalaria, que arfava, com os olhos arregalados ao encarar a tempestade à frente. O frasco caiu no chão. Pessoas do acampamento agora corriam na direção das duas mulheres.

A viúva encarou o rosto envelhecido da anciã, vendo medo e...
esperança?

– O quê? O que foi?

A cavalaria parecia incapaz de falar. Continuava observando o norte.

A nuvem de tempestade escureceu as colinas ondulantes. A viúva se virou e arquejou. A nuvem não era uma nuvem. Era um enxame, uma massa preta fervilhante, avançando como um gigante. Era como se gavinhas girassem e se separassem da massa, voltando em seguida para se reunirem ao corpo principal.

O pânico tomou a viúva. A cavalaria continuava apertando seu pulso e a dor subiu por seu braço. Aquele aperto parecia prestes a quebrar os ossos da mulher.

Moscas! Ah, espíritos abaixo... Moscas...

O enxame se aproximou, como um pesadelo alado, fazendo acrobacias no ar.

A cavalaria gritou, numa angústia sem palavras definidas, como se desse voz a mil almas de luto. Soltando o pulso da viúva, ela caiu de joelhos.

O coração da jovem mulher martelou ante a compreensão repentina.

Não, não são moscas. Corvos. Corvos, tantos corvos...

Dentro dela, a criança se agitou.

*Assim se encerra a segunda história do Livro
Malazano dos Caídos.*

AGRADECIMENTOS

Com a mais profunda gratidão, quero lembrar as seguintes pessoas por seu apoio: a equipe do Café Rouge, Dorking (que mantém os cafés vindo...); o pessoal da Psion, cuja extraordinária Série 5 foi o lar do primeiro rascunho deste romance; Daryl e a equipe do Café Hosete; e, é claro, Simon Taylor e o resto do pessoal na Transworld. A minha família e a meus amigos, agradeço por sua confiança e pelo encorajamento, sem os quais tudo que consigo significa pouco. Agradeço também a Stephen e Ross Donaldson, por suas palavras gentis, e a James Barclay, Sean Russell e Ariel. Finalmente, um imenso obrigado àqueles leitores que tiraram um pouco de seu tempo para escrever comentários em vários *websites* – escrever é uma atividade de solidão, mas vocês a tornaram menos solitária.

GLOSSÁRIO

Títulos e grupos

Alto Punho: comandante de exércitos em uma campanha malazana

Garra: organização secreta do Império Malazano

Kron T'lan Imass: nome dos clãs sob o comando de Kron

Logros T'lan Imass: nome dos clãs sob o comando de Logros

Primeira Espada do Império: título malazano, ou t'lan imass, que diz respeito ao campeão imperial

Punho: governador militar no Império Malazano

Queimadores de Pontes: divisão de elite lendária do Segundo Exército de Malaz

Senhor da Guerra: epíteto de Caladan Brood

Vidente de Pannion: profeta misterioso que governa as terras ao sul de Darujhistan

POVOS (HUMANOS E NÃO HUMANOS)

Barghastianos (não humanos): sociedade de guerreiros, nômade e pastoril

Forkrul assail (não humanos): povo mítico extinto (uma das Quatro Raças Fundadoras)

Jaghut (não humanos): povo mítico extinto (uma das Quatro Raças Fundadoras)

Moranthianos (não humanos): civilização altamente hierarquizada estabelecida na floresta da Nuvem

Tiste andii (não humanos): raça ancestral

Tiste edur (não humanos): raça ancestral

T'lan imass (não humanos): uma das Quatro Raças Fundadoras, que se tornou imortal

Trells (não humanos): sociedade de guerreiros, nômade e pastoril

ASCENDENTES

Apsalar: Senhora dos Ladrões

Beru: Senhor das Tempestades

Caladan Brood: Senhor da Guerra

Cotillion / A Corda: Assassino da Alta Casa da Sombra

Dessembrae: Senhor da Tragédia

D'rek: Verme do Outono (às vezes Rainha da Doença, *ver* Poliel)

Encapuzado: Rei da Alta Casa da Morte

Fanderay: Loba do Inverno

Fener / Tennerock: Javali de Cinco Presas

Filho da Escuridão / Senhor da Lua / Anomander Rake: Cavaleiro da Alta Casa da Escuridão

Gedderone: Senhora da Primavera e do Renascimento

Grandes Corvos: corvos sustentados por magia

Incineração: Senhora da Terra, a deusa adormecida

Jhess: Rainha da Tecelagem

Kallor: Rei Supremo

K'rul: deus ancestral

Mael: deus ancestral

Mowri: Senhora dos Mendigos, Escravos e Serviçais

Nerruse: Senhora dos Mares Calmos e do Vento Favorável

O Deus Aleijado: Rei das Correntes

Os Cães: servos da Alta Casa da Sombra

Oponn: Coringas Gêmeos do Acaso

Osserc: Senhor do Céu

Poliel: Mestra da Praga

Rainha dos Sonhos: Rainha da Alta Casa da Vida

Shedenul / Soliel: Senhora da Saúde, Mestre da Cura

Togg: Lobo do Inverno

Trake / Treach: Primeiro Herói, Tigre do Verão e da Batalha

Trono Sombrio / Ammanas: Rei da Alta Casa da Sombra

O mundo da feitiçaria

OS LABIRINTOS (OS CAMINHOS – ACESSÍVEIS A HUMANOS)

Caminho do Encapuzado: Caminho da Morte

Denul: Caminho da Cura

D'riss: Caminho da Pedra

Meanas: Caminho da Sombra e da Ilusão

Rashan: Caminho da Escuridão

Ruse: Caminho do Mar

Serc: Caminho do Céu

Tennes: Caminho da Terra

Thyr: Caminho da Luz

OS LABIRINTOS ANCESTRAIS

Kurald Emurlahn: Labirinto Tiste Edur

Kurald Galain: Labirinto Tiste Andii da Escuridão

Omtose Phellack: Labirinto Jaghut

Starvald Demelain: Labirinto Tiam, o Primeiro Labirinto

Tellann: Labirinto T'lan Imass

Baralho de Dragões – O Fatid (e Ascendentes associados)

ALTA CASA DA VIDA

Rei

Rainha (Rainha dos Sonhos)

Campeão
Sacerdote
Arauto
Soldado
Tecelão
Construtor
Virgem

ALTA CASA DA MORTE
Rei (Encapuzado)
Rainha
Cavaleiro (outrora Dassem Ultor)
Magos
Arauto
Soldado
Fiandeiro
Construtor
Virgem

ALTA CASA DA LUZ
Rei
Rainha
Campeão
Sacerdote
Capitão
Soldado
Costureira
Alarife
Donzela

ALTA CASA DA ESCURIDÃO
Rei

Rainha
Cavaleiro (Filho da Escuridão)
Magos
Capitão
Soldado
Tecelão
Construtor
Esposa

ALTA CASA DA SOMBRA
Rei (Trono Sombrio / Ammanas)
Rainha
Assassino (a Corda / Cotillion)
Magos
Cães

DESALINHADAS
Oponn (os Coringas do Acaso)
Obelisk (Incineração)
Coroa
Cetro
Orbe
Trono

D'ivers: ordem superior dos metamorfos

Invocador de Ossos: xamã dos t'lan imass

Labirinto do Caos: caminhos miasmáticos entre os Labirintos

Otataral: minério avermelhado anulador de magia, extraído das colinas Tanno, nas Sete Cidades

Soletaken: ordem inferior dos metamorfos

Tribos do Subcontinente das Sete Cidades

Arak: Pan'potsun Odhan

Bhilard: leste do Nenoth Odhan

Can'eld: nordeste de Ubaryd

Debrahl: regiões do norte

Dhis'bahl: colinas Omari e Nahal

Gral: montes ehrlitanos abaixo de Pan'potsun

Kherahn Dhobri: planície Geleen

Khundryl: oeste do Nenoth Odhan

Pardu: norte da planície Geleen

Semk: colinas e estepes Karas

Tithan: sul de Sialk

Tregyn: oeste do Sanimon

Língua das Sete Cidades (Bisbrna e Debrahl), algumas palavras

Bhok'aral: espécie comum de macaco alado que habita os penhascos
(plural: bhok'aralas)

Dhenrabi: carnívoro marinho de grande porte

Dryjhna: o Apocalipse

Durhang: opiáceo

Emrag: cacto comestível, apreciado pelos trells

Emulor: veneno derivado de flores

Enkar'al: réptil alado muito raro do tamanho de um cavalo

Esanthan'el: réptil alado do tamanho de um cachorro

Faca Kethra: arma de luta

Guldindha: árvore de folhas largas

Jegura: cacto medicinal

Marrok: sesta da estação seca
Mezla: nome vagamente pejorativo para designar os malazanos
Moscas-vampiro: inseto que pica
Odhan: planícies, descampados
Paralto branco: veneno derivado de aranhas
Pulga-bicho-de-pé: espécie de pulga levada pelo vento do deserto
Rhizano: lagarto comum do tamanho de um esquilo
Sawr'ak: cerveja leve, servida gelada
Sepah: pão sem fermento
She'gai: vento quente da estação seca
Simharal: vendedor de crianças
Tapu: vendedor ambulante de comida
Tapuharal: vendedor de carne de cabra (cozida)
Tapusepah: vendedor de pão
Taputasr: vendedor de doces
Tasr: sepah com mel
Telaba: capa dos dosinos (de Dosin Pali), para se usar no mar
Tralb: veneno derivado de cogumelos

Nomes de lugares

Aren: Cidade Sagrada e quartel-general imperial
Bat'rol: pequena vila próxima a Hissar
Caminho das Mãos: caminho à Ascendência para soletaken e d'ivers
Caron Tepasi: cidade interiorana
Corrente de Cães: comboio de soldados e refugiados de Coltaine, em sua jornada de Hissar até Aren
Depressão de Vin'til: sudoeste de Hissar
Deserto Sagrado Raraku: região a oeste do Pan'potsun Odhan
Dosin Pali: cidade na costa sul da ilha de Otataral

Ehrlitan: Cidade Sagrada

Geleen: cidade na costa do mar Clatar

G'danisban: cidade próxima a Pan'potsun

Guran: cidade interiorana

Hissar: cidade na costa leste

Karakarang: Cidade Sagrada na ilha de Otataral

Pan'potsun: Cidade Sagrada

Rutu Jelba: cidade portuária no norte da ilha de Otataral

Sialk: cidade na costa leste

Travessia do Vathar (também conhecida como Travessia de Coltaine ou Massacre do Vathar): Dia do Sangue Puro, Mesh'arn tho'ledann

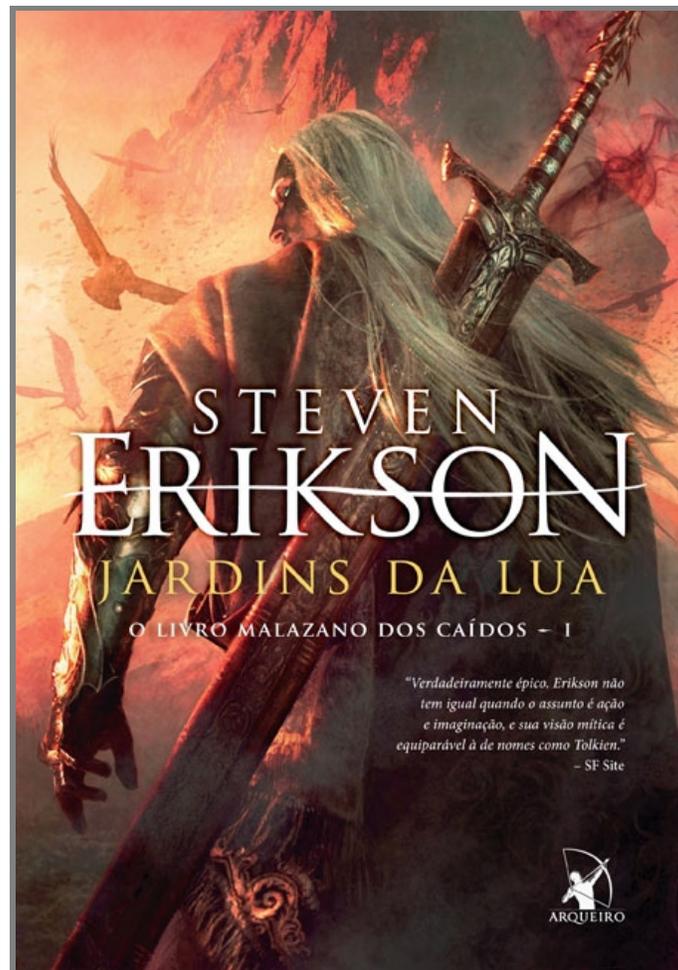
Tremorlor: Casa da Azath nos descampados, também Casa do Odhan

Ubaryd: Cidade Sagrada na costa sul

SOBRE O AUTOR

Steven Erikson é arqueólogo e diplomado na oficina de Escritores de Iowa, nos Estados Unidos. A série O Livro Malazano dos Caídos já vendeu 2 milhões de exemplares no mundo inteiro, tendo sido traduzida para 23 idiomas. O primeiro livro, *Jardins da lua*, foi indicado ao World Fantasy Award. *Os portais da Casa dos Mortos* foi considerado uma das melhores fantasias do seu ano de publicação. Seteven Erikson vive hoje no Canadá, sua terra natal.

CONHEÇA O PRIMIERO LIVRO DA SÉRIE



Jardins da lua

“Em termos de construção de universo e ambição narrativa,
O Livro Malazano dos Caídos é talvez a série mais
significativa da última década.”

- *Boston Globe*

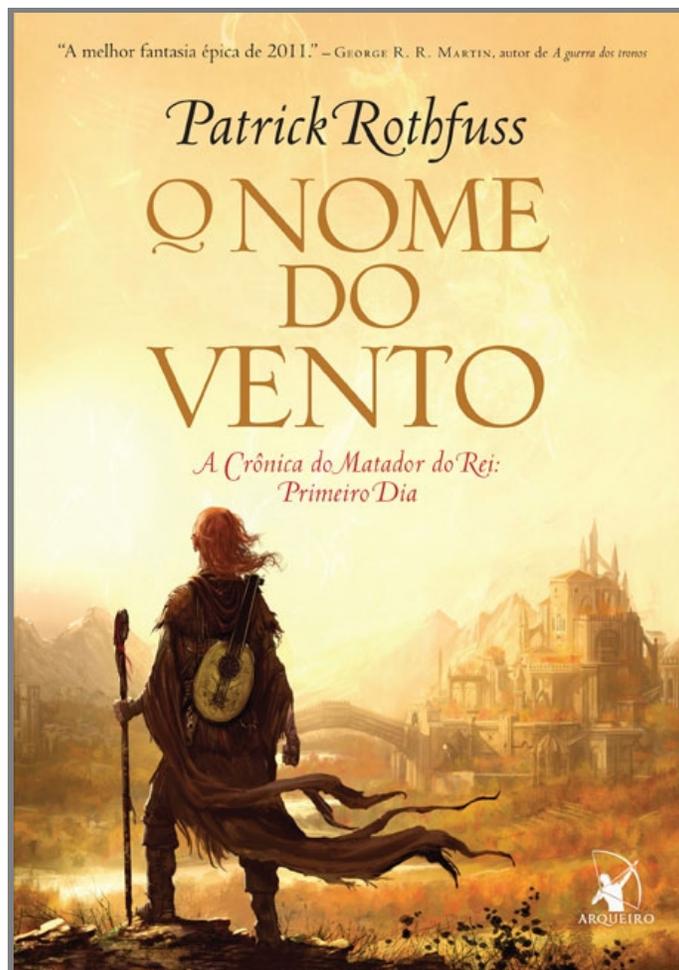
Desde pequeno, Ganoes Paran decidiu trocar os privilégios da nobreza malazana por uma vida a serviço do exército imperial. O que o jovem capitão não sabia, porém, era que seu destino acabaria entrelaçado aos desígnios dos deuses, e que ele seria praticamente arremessado ao centro de um dos maiores conflitos que o Império Malazano já tinha visto.

Paran é enviado a Darujhistan, a última entre as Cidades Livres de Genabackis, onde deve assumir o comando dos Queimadores de Pontes, um lendário esquadrão de elite. O local ainda resiste à ocupação malazana e é a joia cobiçada pela imperatriz Laseen, que não está disposta a estancar o derramamento de sangue enquanto não conquistá-lo.

Porém, em pouco tempo fica claro que essa não será uma campanha militar comum: na Cidade do Fogo Azul não está em jogo apenas o futuro do Império Malazano, mas estão envolvidos também deuses ancestrais, criaturas das sombras e uma magia de poder inimaginável.

Em Jardins da lua, Steven Erikson nos apresenta um universo complexo de cenários estonteantes e ações vertiginosas que mostram por que esta é considerada uma das maiores sagas épicas.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



O nome do vento

Patrick Rothfuss

“Este é o típico primeiro romance que muitos autores sonham em escrever. O mundo da fantasia ganhou uma nova estrela.”

- *Publishers Weekly*

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.



Mago: Aprendiz

Raymond E. Feist

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”

– BBC

“Uma fantasia épica repleta de ação eletrizante e heróis
inesquecíveis.”

– *The Washington Post*

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É

lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer.

Dividida em quatro livros, A Saga do Mago é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.



Meio rei

Joe Abercrombie

“Uma construção de mundo grandiosa, personagens maravilhosos e cenas de ação extraordinárias... *Meio rei* é o meu livro favorito de Abercrombie, e isso quer dizer muita coisa.”

– Patrick Rothfuss, autor de *O nome do vento*

“Assim como em todas as obras de Abercrombie, aqui a linha entre o bem e o mal é tênue e nada ocorre segundo as

expectativas. *Meio rei* é definitivamente uma aventura com A
maiúsculo.”

– Rick Riordan, autor da série Percy Jackson e os Olimpianos

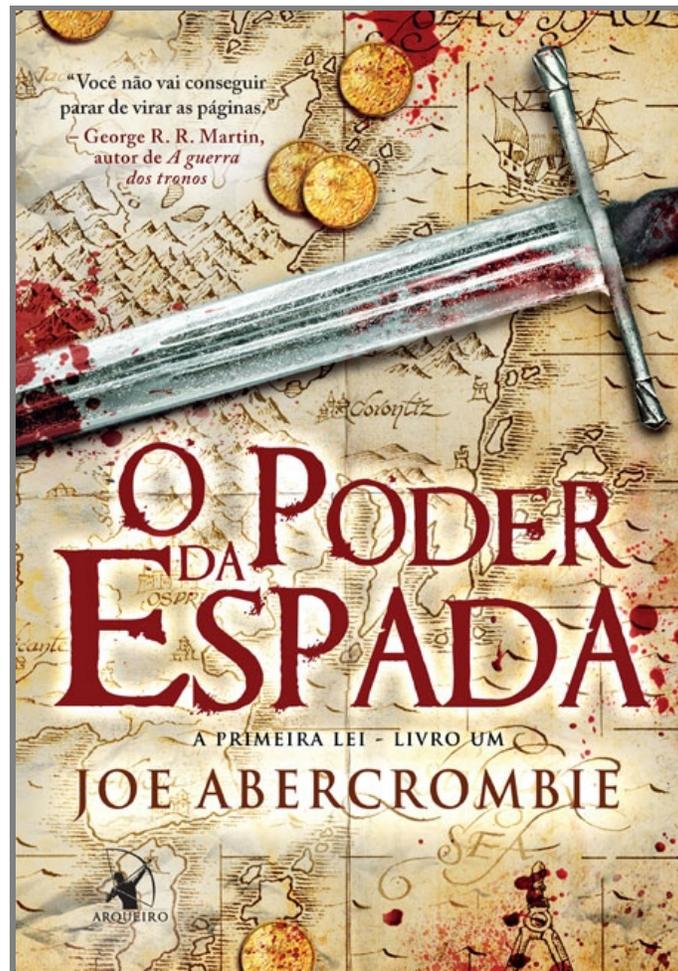
Filho caçula do rei Uthrik, Yarvi nasceu com a mão deformada e sempre foi considerado fraco pela família. Num mundo em que as leis são ditadas por pessoas de braço forte e coração frio, ser incapaz de brandir uma espada ou portar um escudo é o pior defeito de um homem.

Mas o que falta a Yarvi em força física lhe sobra em inteligência. Por isso ele estuda para ser ministro e, pelo resto da vida, curar e aconselhar. Ou pelo menos era o que ele pensava.

Certa noite, o jovem recebe a notícia de que o pai e o irmão mais velho foram assassinados e não lhe resta escolha a não ser assumir o trono. De uma hora para outra, ele precisa endurecer para vingar as duas mortes. E logo sua jornada o lança numa saga de crueldade e amargura, traição e cinismo, em que as decisões de Yarvi determinarão o destino do reino e de todo o povo.

Joe Abercrombie nos apresenta um protagonista surpreendente, numa história de percalços e amadurecimento que abre a trilogia *Mar Despedaçado*.

Ganhador do prêmio Locus, *Meio rei* foi considerado, em 2014, uma das 5 melhores obras de fantasia pelo *The Washington Post* e um dos 10 melhores livros para jovens pela *Time*.



O poder da espada
Joe Abercrombie

“Abercrombie escreveu a melhor trilogia de fantasia épica dos últimos tempos. É um escritor que ninguém deveria deixar de ler.”

– Junot Díaz, vencedor do Prêmio Pulitzer

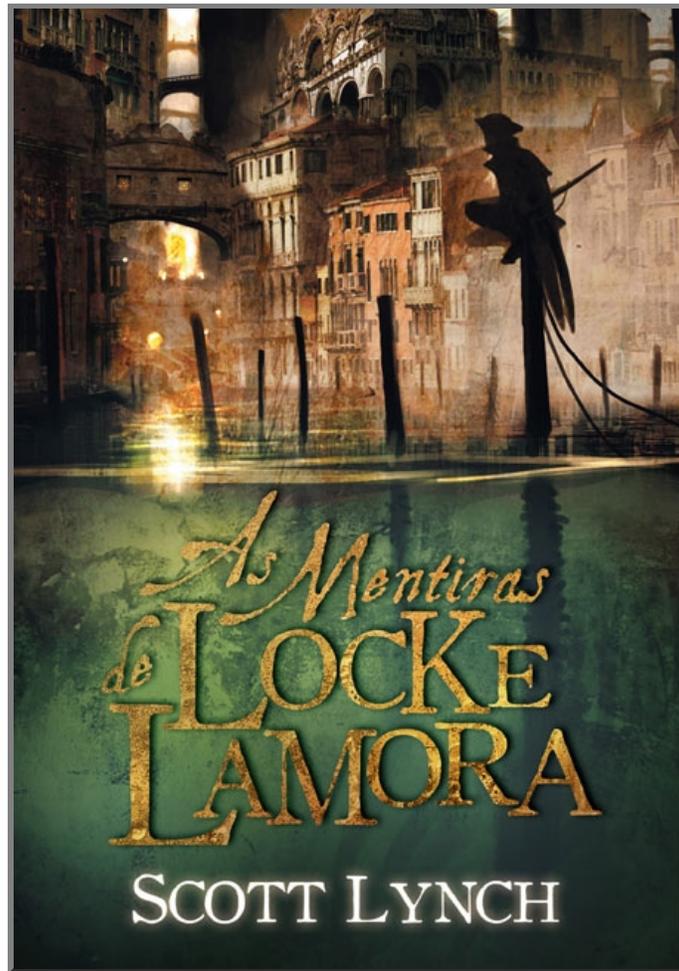
Uma guerra está prestes a eclodir. Assolada por conspirações internas, a União ainda precisa mobilizar seus exércitos para combater os inimigos externos. Nesse momento de incertezas, um homem se apresenta como o

lendário Bayaz, o Primeiro dos Magos, retornando do exílio depois de séculos. Sua presença tornará a vida de Sand dan Glokta, Jezal dan Luthar e Logen Nove Dedos muito mais difícil.

Glokta é um ex-prisioneiro de guerra que passou anos sob tortura. Por ironia, agora é nas mãos dele que os supostos traidores da Coroa admitem crimes, apontam comparsas e assinam confissões – sejam culpados ou não. Já Nove Dedos é conhecido por jamais deixar um inimigo viver tempo suficiente para falar uma palavra sequer.

Por sua vez, tudo o que o mulherengo Jezal deseja é obter fama e glória vencendo o campeonato de esgrima, para depois ser recompensado com um alto cargo no governo e jamais ter um dia de trabalho pesado na vida.

O destino desses quatro personagens está prestes a colidir – e, no impacto, a linha que separa o herói do vilão pode ficar tênue demais.



As mentiras de Locke Lamora

Scott Lynch

“Uma história original, vigorosa e arrebatadora de uma nova e brilhante voz da ficção fantástica.”

– *George R. R. Martin*

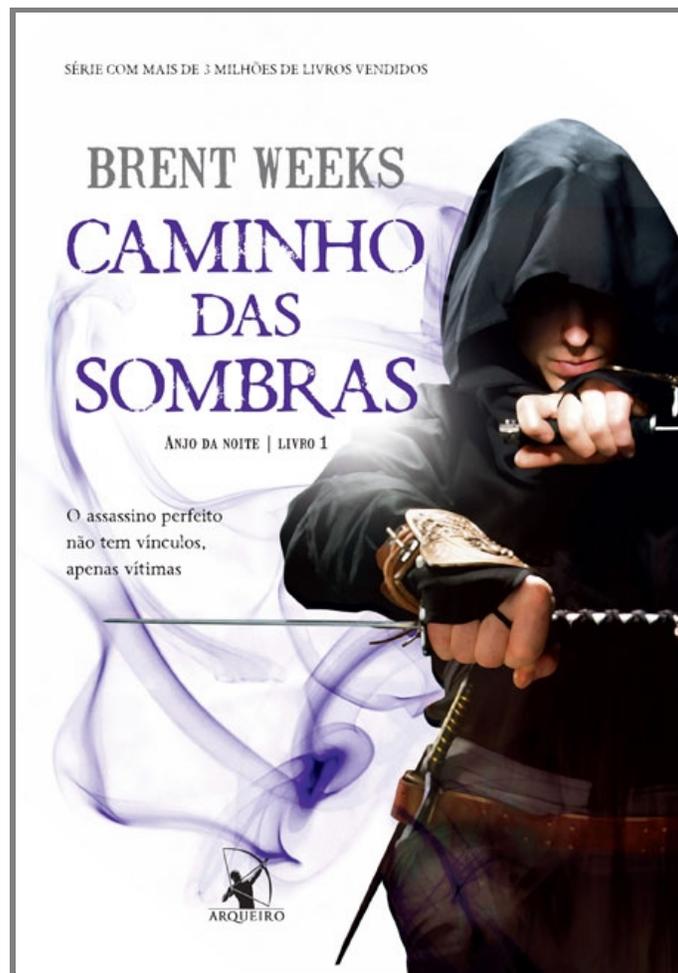
“Eu fiquei totalmente atordoado pela qualidade da obra: a linguagem e a construção de mundo e da trama, a perspicácia e a destreza de Scott Lynch. Provavelmente é um dos cinco melhores livros que li na vida.”

– *Patrick Rothfuss*, autor de *O nome do vento* e *O temor do sábio*

O Espinho é uma figura lendária: um espadachim imbatível, um especialista em roubos vultosos, um fantasma que atravessa paredes. Metade da excêntrica cidade de Camorr acredita que ele seja um defensor dos pobres, enquanto o restante o considera apenas uma invenção ridícula.

Franzino, azarado no amor e sem nenhuma habilidade com a espada, Locke Lamora é o homem por trás do fabuloso Espinho, cujas façanhas alcançaram uma fama indesejada. Ele de fato rouba dos ricos (de quem mais valeria a pena roubar?), mas os pobres não veem nem a cor do dinheiro conquistado com os golpes, que vai todo para os bolsos de Locke e de seus comparsas: os Nobres Vigaristas.

O único lar do astuto grupo é o submundo da antiquíssima Camorr, que começa a ser assolado por um misterioso assassino com poder de superar até mesmo o Espinho. Matando líderes de gangues, ele instaura uma guerra clandestina e ameaça mergulhar a cidade em um banho de sangue. Preso em uma armadilha sinistra, Locke e seus amigos terão sua lealdade e inteligência testadas ao máximo e precisarão lutar para sobreviver.



Caminho das sombras

Brent Weeks

“Aventura, magia e várias reviravoltas... O ritmo acelerado de Caminho das sombras deixará o leitor sem fôlego até o fim”

– *Intocados*

“Fiquei fascinado. Personagens inesquecíveis, trama instigante, ação ininterrupta... É o tipo de narrativa que me faz admirar o trabalho de um escritor.”

– Terry Brooks, autor de *A espada de Shannara*

Para Durzo Blint, matar é uma arte... e ele é o artista mais talentoso da cidade. Temido por muitos, Durzo é uma lenda viva com as mãos manchadas de sangue e nenhuma culpa pelas vítimas que deixa pelo caminho.

Esse mundo sombrio também não é novidade para o jovem Azoth. Sobrevivendo entre becos sujos, ele aprendeu que a esperança é uma piada. Pelas regras das guildas, crianças são agredidas e surradas todos os dias.

Tentar contestar essa realidade seria um risco alto demais. Mas quando a morte se torna questão de tempo para ele e seus amigos, Azoth se vê forçado a vencer o medo e agarrar a chance de virar um derramador, um assassino. Ele precisa se tornar discípulo de Durzo Blint.

Para ser aceito, o garoto abandona sua antiga vida e abraça uma nova identidade. Ao se tornar Kylar Stern, ele aprenderá a transitar no mundo dos nobres, sobreviver às magias de seus inimigos e cultivar uma amizade muito especial: a da escuridão.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Personagens](#)

[Prólogo](#)

[Livro I – Raraku](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Livro II – Furacão](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Livro III – A Corrente de Cães](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Livro IV – Os Portais da Casa dos Mortos](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Glossário](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça o primeiro livro da série](#)

[Conheça outros títulos da Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)